

CONCRETO ARMADO

um romance seriado em quatro partes

CONCRETO ARMADO

um romance seriado em quatro partes

>> PARTE 01

Lista de capítulos

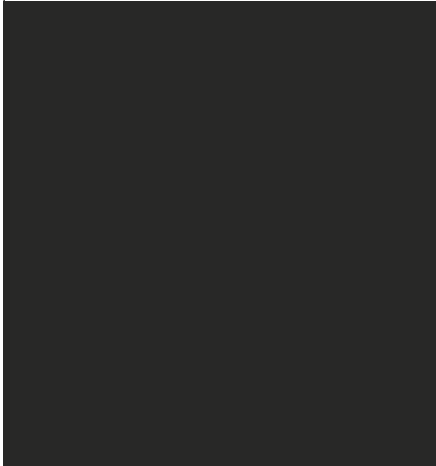
>> parte 01

01.	6	27.	81
02.	9	28.	87
04.	12	29.	91
05.	14	30.	93
06.	17	31.	96
07.	20	32.	99
08.	25	33.	102
09.	26	34.	104
10.	31	35.	107
11.	35	36.	110
12.	38	37.	113
13.	40	38.	117
14.	43	39.	119
15.	46	40.	121
16.	51	41.	124
17.	53	42.	127
18.	58	43.	129
19.	60	44.	131
20.	64	45.	133
21.	66	46.	136
22.	68	47.	140
23.	70	48.	144
24.	73	49.	146
25.	77	51.	152
26.	79	52.	157
		53.	163
		54.	168
		55.	170

SUMÁRIO

56.174
57.178
58.179
59.180
60.182
61.184
62.186
63.188
64.192
65.196
66.199
67.202
68.204
69.206
70.209
71.212
72.216
73.218
74.221
75.222
76.228
77.230
78.233
79.235
80.240
81.243
82.245
83.248

84.251
85.253
86.257
87.259
88.261
89.263
90.265
91.266
92.269
93.272
94.275
95.277
96.280
97.283
98.285
99.286
100.292



>> PARTE 01

“Eu uso o poder, eu sou o poder”

Roberto Marinho

“Daí que fizeram a cara da terra escurecer, e caiu uma chuva espessa-escura, uma que caiu dia e noite, os pequenos e grandes animais apareceram, suas caras foram esmagadas por pedras e árvores. Tudo falava. Eles foram interpelados por todos seus moedores, suas panelas, seus pratos e potes.

Quantas coisas tivessem, todas esmagaram seus rostos. Seus cachorros e perus falaram para eles: Dor vocês nos causaram. Vocês nos comeram. Agora somos nós que vamos te comer”.

O Popol Vuh

“Exu mata um pássaro ontem com uma pedra que jogou hoje”

Mitologia iorubá

01.

<<

Abre em eu mesmo *moarzinha* acordando numa rede pendurada entre duas palmeiras que sobem pra sempre, terminando só na explosão contínua do sol, sou carregado por pássaros de diversa morfologia e cantoria contrapontística lombrada até uma espécie de carrinho de montanha-russa montando em trilhos etéreos, onde encontro Os Tincões, com os quais entro em imediata e sobreposta harmonia.

Cantamos *Deixa a gira girar* navegando em nuvens de sucessão extremamente proveitosa, segmentada e fluida. Subentende-se que todos temos superpoderes. Toca em seguida nas redondezas das nuvens uma versão hip-hop de *Que a Natureza é Um Fogo Heracliteano* e *Do Conforto da Ressurreição*, o gravão estouradaço, a voz que canta anasalada como a do Kanye, mas com sotaque indiano. O precursor sombrio espreita, vibrando mais rápido do que tudo, pipocando aqui e ali. A matriz desce tentando recortar tudo, como uma malha. Transitando por cores e deformações diversas até canalizar ou culminar num ponto luminoso que reúne seus feixes num brilho de som de raio leise, num efeito sonoro digital que instintivamente dato do final dos anos oitenta.

Aí acorda o meu corpo infelizmente humano desenxabido suado dormindo e de menos meia perna (a direita) num grande pufe dotado de edredons e lençóis fedidos diversos enrolados uns nos outros (um deles promovendo o desenho animado *DuckTales*, outro, o *Clube Atlético Mineiro*), espreguiça-se de forma dispendiosa, demorada, cada articulação volteando seus dotes expressivos, a cara sonada vai se repuxando em bocejos compreensivos até assumir uma postura desativada de quem está inicializando.

Começa de novo o filme, eu falo, e levanto num único ímpeto desembestado girando em volta dum eixo subitamente erguido entre meu pé e a bacia. *O esculacho*. Eu quase caio, seguro num troço.

Que preguiça, continuo, já de pé, todo encolhido, ainda bocejando. E de uma vez me veio tudo de cabuloso que aquele dia invocava e prometia. Todos os esforços cumulados do espírito que se aglutinavam para sua ne-

cessária dissolução figuravam diante do meu nariz, em toda sua aparatosa trambolhosidade.

Hoje é oito do sete de dois mil e quatorze.

Eu fungo, rio. Muita treta pra tretar, ainda, gira pra girar. Dá um tremelique na espinha que eu deixo ressoar inteiro até os pés. Vazei da casa da Tamires de madrugada, noiado pra caramba, depois da voz da outra ficar soando na minha cabeça daquele jeito. Tá doído. Queria distância daquela máquina. Eu sei que alguma coisa sinistra vai rolar hoje no jogo e eu precisava de pensar direito, com clareza. O que é que ela vai fazer? E por que que ela quer que eu fique no jogo hoje? Penso nos meus amigos e conhecidos que morreram assassinados nos últimos meses. A sensação estranha de que eu era o que todos ali tinham em comum. Sei que ela não tá por trás disso, mas as coincidências assustam. Toco no meu cocuruto e na nuca e sinto o papel-alumínio ainda mais ou menos amoldado ao pescoço suado. Aperto ele contra mim mesmo para deixá-lo mais fixo, renovo as duas tiras de fita-crepe que mantêm ele no lugar.

Foi tanta correria nos últimos dias que eu só lembro direitinho onde estou depois de uns segundos da memória dando boot. A casa não é minha, é de uma amiga que não tá morando aqui e que eu sei que deixa a chave na samambaia na porta. Tetesa querida, a Teresa. É bióloga e no momento deve estar caçando fungo no mato. Ela não sabe exatamente que eu viria aqui, mas só fiz comer dois ovos e usei um dedinho de pasta de dente. E ainda fiz foi molhar as plantas e deixar um desenho no quadrinho de giz dela. Todo mundo ganha. Pego a minha mochila cinza descascada com uma muda de roupa suja, desligo e fecho tudo, deixo a chave onde a encontrei e saio pra rua. Nas obras ali as bocas de ferro mexendo, schrau, schrau. Tá doído. Bê Agá e a sua quietude própria de tios aposentados nos bares, olhando, barri-gudos, algumas tias nas janelas. Nove e tanto. Saudade demais disso aqui que andava há muito solta e longe, e agora eu preencho de novo duma vez, meu coração implodido daquilo se retroalimentando. Demora muito pra começar a me engrenar os dentes aqui dentro de modo que eu situe de novo a merda em que eu tou metido.

Conto os trocados e antes de qualquer coisa vou no automático pra padaria, tomar uma média. Já tinha tido uma sorte do caçamba de conseguir lugar pra ficar ontem, agora penso quem mais que eu conhecia em BH e lembro de cara do Milton, que eu não via tinha anos. Das melhores pessoas que

já andaram em duas pernas, e das mais imbecis também, e maravilhosas. Fechei meus olhos com força pra ver se ainda lembrava do número inteiro dele, e lembrei. Do jeito que ele era, a chance de ele ter voluntariamente mudado era quase zero.

— Opa.

— Fala, Milto-Milto, o mito em carne viva. O homem, a lenda, a linha de colônias e desodorantes.

— Quem é?

— Como “quem é”? Não tá me conhecendo, não, seu rola-bosta? Seu melhor amigo, amor da sua vida.

— ...

— Tá gágá já, hein, Milto? Isso é a farinha toda, é? Já aposentou o neuro e o ônio?

— Renato?

— Aêêê.

— Puta que pariu, tu tá vivo, tua desgraça? Puta que pariu.

— Não só tou vivo como tou na sua própria cidade-city, bê-agência, comé que é? Nem fala que cê vai trabalhar hoje, que eu sei que é mentira. Não são nem dez da manhã ainda, e hoje tem jogo do Brasil. Não quer vir me buscar? Tava precisando duma carona e dum ombro amigo, serião.

— Tu é muito cara de pau, Renato.

— Eu nunca falei que não era.

>>

02.

<

Murilo está sentado no seu quarto, na cadeira giratória cinza que já foi preta, toda descascada, diante do computador. As pernas esticadas e apoiadas numa pilha de livros cujo equilíbrio ele precisa negociar com cuidado, não podendo puxar demais para a esquerda se não quiser que eles todos tombem. O que acontece com frequência.

Em volta do seu monitor pesado e cinzento tem pilhas de papéis xerocados e rabiscados, além de embalagens de biscoito de vários tipos (alguns deles datando de meses atrás) e um cheiro profundamente entranhado de cigarro. O canto da barra da tela do computador aponta que é meia-noite e quarenta da noite do dia primeiro de abril de 2012.

Ele não jantou hoje. Quando escutou o jantar sendo posto, pareceu uma boa ideia continuar no quarto para não ter de lidar com a cara que ele sabia que o seu pai teria ao vê-lo pela primeira vez no dia, às oito da noite, e com aquele aspecto bagunçado e sujo que ele sabia que deveria ter (não havia espelho no seu quarto, ele não via seu reflexo com atenção há dias, mas dava pra chutar que não tava legal).

Ele imaginou que teria algo na geladeira quando ele fosse assaltá-la horas depois, depois de ouvir a sequência de barulhos que sempre anunciavam a retirada do seu pai para os seus aposentos, mas só encontrou arroz velho e duro, e um troço avermelhado cujo único elemento certo e inequívoco parecia ser berinjela. Ele com certeza não era dos fãs mais ardorosos de berinjela. Com oito reais na carteira, talvez nove e uns quebrados, contando moedas, ele até teria como jantar na rua. Alcançável a pé sem tanta dificuldade havia o cachorro-quente ali, logo abaixo, e o Drive Thru do McDonald's, um pouco mais distante. Ele sabia que o drive-thru era feito para carros, mas ele já havia passado lá a pé antes e tinha sido atendido normalmente, ainda que notando talvez uns risinhos de canto de boca da moça que recebeu seu dinheiro contado em espécie.

>

03.

<<

Com as mãos amarradas entre as pernas, a cabeça mal acomodada numa almofada fedida e muxibenta, o corpo gordo todo amarrado num terno suado e deposto no porta-malas não muito espaçoso e entulhado dum Tempra, pela primeira vez em décadas o senhor Jarbas Moutinho, senador da República, homem público de muitas posses e alguns queixos, está morrendo de medo.

Ele ainda tá longe de entender quem diabos são esses porra que botaram ele ali e que tão dirigindo feito uns condenados pra algum lugar longe (já tem pelo menos duas horas que ele tá ali, não tem? Poderia muito bem ser bem menos).

Com a música alta ele só consegue ouvir uns gritos abafados, alguns parecendo de mulher. O povo parece doido mesmo, grita o tempo todo. Sequestrador normal não fica gritando desse jeito e nem usa máscara de bicho, de robô. Isso tava encucando ele. Tem sempre como dar um jeito nas coisas, esse era praticamente o lema da vida dele. Mas aquilo ali era coisa de gente doida, e com gente doida não dá pra lidar. Era isso, mais que qualquer outra coisa, que tava deixando ele com um cagaço danado. Ele sempre teve medo de gente doida.

Ele não conseguia lembrar tão bem como que botaram ele ali, de tão rápido que foi, só sabe com certeza que tava indo falar com a filha da puta da Vanessa. No hotel de endereço esquisito que ela deu. Ele tava bêbado na hora, também tinha isso, mas a adrenalina fez o álcool todo sumir da cabeça na horinha. Ela insistiu pra ele ir sozinho e ele, retardado, aceitou. Jarbas nunca faz isso, mas em São Paulo ele se sente em casa. Na verdade ele tava há um tempo confiando demais nela, se arriscando demais. Dando aquele pingente, contando coisa da infância dele em Goiás. Puta é puta, não dá pra esquecer. Não tendo outro veículo no momento pra deter o seu ódio, ele de segundos em segundos lembrava dela e ficava enormemente puto, querendo acabar com a raça dela, segurar pelo pescoço. Às vezes sobrevém uma breve impressão de que talvez ele esteja sendo precipitado, de que poderia ser só uma coincidência infeliz, mas esse pen-

samento é logo soterrado pelo outro, no qual ele esculacha ela de diversas maneiras enquanto ela olha pra baixo, faz beicinho e pede desculpa.

O carro finalmente estaciona. Pela estrada de terra acidentada pra caramba e a falta de barulho, eles devem estar num sítio ou no meio do mato mesmo. Jarbas ouve as pessoas saindo do carro, batendo as portas e dando mais gritinhos agudos e graves, dando porrada no teto do carro. O portamalas abre, recortadas contra o sol forte na cara dele, depois de horas no escuro, tão quatro silhuetas. As quatro figuras ostentando máscaras grandes, pesadas, as quatro de peito nu. Dois homens e duas mulheres, uma bem branquinha, magricela, a outra negra e mais gorda um tanto. Um macaco, uma onça, uma caveira ciborgue e uma bruxa. O macaco segurando uma pistola pequena, preta.

— Sai. Teu quarto tá bem ali.

Eles tavam num sítio, mesmo, e um bonito pra caramba, chique, com tিপão de engenho antigo. Só mato em volta e nenhuma outra casa visível. Tinham levado ele carregado e botado ele numa cama fechada toda por biombo vermelhos, no que parecia ser o escritório da casa. A cama era pesada, de ferro, e antes que ele desse por si, tava algemado nela. Que merda que eles queriam fazer com ele? Ele ouve a mesma voz, a do Macaco, através do biombo, com uma feminina emendando:

— Pode descansar um tiquinho, que a sua educação vai começar agorinha, já. Quer água, bolo, alguma coisa?

— Tem mamão, tem caqui.

>>

04.

<

Depois de colocar seu moletom azul-escuro com capuz e fechá-lo com zíper, Murilo checa os bolsos, abre a porta da sala, bota os fones de ouvido e põe no seu MP4 velho de guerra pra tocar uma aula sobre endossimbiose que ele tinha baixado no dia anterior.

Ele tinha pastas e pastas no computador com arquivos do tipo, todos baixados de graça, só alguns ilegais. As aulas eram frequentemente boas, algumas eram excelentes. Às vezes ele encontrava aulas mais antigas, com os donos das vozes já mortos. Os discípulos mais fanáticos botavam pra jogu registros craquelados e ruidosos, que Murilo tinha de ouvir no máximo, apertando o fone contra o ouvido para entender, às vezes até doer, o som ecoando no que deveria ser, no mais das vezes, um daqueles prédios universitários falso-góticos de universidades centenárias e elitistas.

Sempre tinha piadas contextuais ou riscos no quadro-negro que não se deixavam capturar pela gravação, que se perdiam no trajeto tão fantástico que permitia que as ondas sonoras daquela senhora de dicção entusiasmada na Califórnia fossem gravadas e transmitidas até Brasília, até o MP4 barato que Murilo comprara na Feirinha do Paraguai dois anos atrás, à guisa de presente de Natal da mãe para ele próprio, de um chinês bravo que insistia em chamar o aparelhinho de iPod.

Ele fecha a porta metálica, tranca com chave e anda apressado para o final da rua. A aula que corre nos seus ouvidos fala sobre a sopa primordial e a promiscuidade entre as bactérias que precedeu a formação das primeiras células nucleadas. Ele já sabia um pouco sobre o assunto, mas tinha tempo que havia lido sobre. Era um troço que lhe dava comichões maravilhosos na imaginação quando descobriu, mas que agora parece já recoberto pela poeira do hábito, como quase todo o resto.

De tantos textos engolidos, ele hoje só conseguia agora recuperar uma ou outra frase (ou nem isso, apenas gestos vagos em direção de conceitos frouxos que reboavam pela sua cabeça como contêineres soltos dentro de um navio tumultuado).

Todo dia Murilo sentia que relembrava e remoía umas ideias velhas, adquiridas com esforço (*de pressas agravado*, ele lembra sem querer, sem lembrar de onde). Todo dia ele tentava recapitular o troço todo em algum momento, desde o universo expandindo, nas bolhas de ordem no meio da equalização geral, às ilhas de complexidade emergente que deram em bichos, compostos de água, que saíram andando por aí até dar em primatas ansiosos e pouco peludos que dominaram todo o resto e agora jazia, auto-complacente e confuso, no topo da cadeia. Era muito trágico, no todo, ainda mais ali naquela seção dos trópicos. Violento e burro, na maior parte do tempo. Mas era cômico, também (ele argumentava consigo próprio), se você assistisse o troço acelerado 24x e soubesse onde parar.

Com vinte e seis anos, ele se sentia velho, já de uma maturidade derrubada, passando na sua cabeça dramática e impessoal com o dedo nos contornos macilentos de pedra porosa, os finais e pernas de estátuas há muito amputadas. Ele resgata com os dedos no bolso do casaco a embalagem de *Negresco* de ontem, nota que ainda há no fim um derradeiro biscoito ali, onde ele supunha estar apenas sua forma fantasmática. Ele se revela mole, quase intragável. Mas é devidamente tragado.

>

05.

<<

A chuva fininha como insetos mínimos vai pegando pelos ombros e os lados do seu corpo. Cátia e Álvaro saem do instituto público de saúde mental onde a mãe mora agora e caminham até o ponto sem falar nada. Álvaro começa a falar de um desenho animado japonês que ele assistia pela internet, mas Cátia não conseguiu nem fingir interesse. Ele acaba se calando depois de algumas frases.

A mãe tava mais grogue do que o normal daquela vez, mal conseguiu trocar três frases com eles. Mas os reconheceu direitinho. Chegou a beijar a cabeça do Álvaro de um jeito lindo, chamando ele de meu nego (coisa que ela não fazia há anos), o que deixou Cátia de peito apertado. Pra ela a mãe nem olhava diretamente, como se assustada e confusa pela mulher feita diante dela.

Depois de quarenta minutos esperando o ônibus, eles descobriram com uma senhora passando que ele não passava lá no domingo. Cátia jurava que já tinha pego ele ali. Agora tavam andando até o metrô, que era longe pra cacete. Quando começam a andar em silêncio, ela lembra da Fabiana e do que tinha acontecido ontem. Com a cabeça na mãe, tinha esquecido disso por algumas horas. Achou estranho que ela não respondeu a mensagem dela perguntando como foi, nem visualizou. Às vezes ela bebeu, transou adoidado e chapou cedo. Cátia tava torcendo por isso. Com medo de ter metido a amiga numa fria. Aquele Wellington não parecia tão perigoso, mas vai saber. E veio de repente um cagaço de que alguma coisa tivesse dado muito errado. E ela percebe que não quer mais caminhar. Não quer mesmo.

Cátia para e olha o irmão continuar, e logo senta no degrau de entrada de uma loja de tênis fechada. Põe a cabeça entre os joelhos, aperta as orelhas e têmporas. Ele demora uns doze passos para perceber que ela parou. Ele fala quase gritando, mas sem raiva.

— Vamo, Cátia.

Ela tem que levantar. Mas começa a pensar nos pés e olha pra eles nos tênis feios em que estão metidos. Que ela herdou da mãe quando ela parou de andar. Com a aparência genérica de tênis de corrida, prateado com uma placa de listras roxas. Pensa em como tanto o tênis quanto os seus próprios pés são objetos esquisitíssimos. Pensa na expressão planta do pé e, em seguida, em pés de cujos dedos brotam raízes, rapidamente enroscadas nas grades de bueiros, depois em como as raízes das árvores são os seus pés. Deixa a cabeça se curvar e apoia nos braços cruzados. Pensa na Fabiana e no peguete dela indo fazer lá o troço esquisito com os gringos. Ela tinha sonhado com a máquina, sem nunca ter visto como ela é. Sonhou com um aparelho que era como aqueles vaporizadores enormes de salão em que a pessoa põe a cabeça, com o cara sem rosto sentado nela e a Fabiana rodopiando em cima dele daquele jeito fingido e exagerado de estrela pornô. Ela assistia de longe, ou numa tela, não era claro.

— Porra, Cátia. Parece que sou eu.

Ela sorri, mas ele não vê. Álvaro sorri até mostrar o aparelho, percebe e fecha a boca, deixa só uma fresta mínima ainda rindo de leve. Como que ela explicaria pra ele? Não teria nem como começar. Ele, até outro dia, não sabia nem que ela transava. Não sabe que ela fuma maconha quase todo dia tem anos, que ela cheira e toma bala sempre que oferecem. Ainda acha, na inocência tonta, que a extensão da cumplicidade deles ainda alcança onde alcançava anos atrás.

O celular dela treme. É um número desconhecido, mas ela atende.

— Cátia?

— Eu.

— Puta merda, que bom. Que alívio. Tava com medo de não lembrar do teu número direito.

— Que foi, menina? Cê tá sem celular?

— É. Tou sem celular, tou sem nada aqui.

— Que que houve? Tá tudo bem? Cê tá tensa. Como que foi ontem?

— Claro que eu tou tensa. Acordei numa casa que eu não sei de quem é, sem minhas coisas, sem nada.

— Oxe. E o Flávio?

- Não sei, não tá aqui.
- E como que foi o negócio?
- Que negócio?
- Você não lembra? Ué.
- Não.
- Eita.

Álvaro a encara de um jeito inquisitivo, faz uma cara de tonto, tentando fazer ela rir. Ela nega com a cabeça. A expressão dela se crispa toda, de repente, e a dele responde, entendendo que é sério. A chuva aperta.

>>

06.

<

Aquele era um dos bairros mais nobres da cidade e o mais tradicional, mas era uma parte pouco valorizada, e tarde da noite a rua ficava um pouco mal-encarada. É uma linha de casas baixas, todas com grade, caixinhas alocadas do mesmo modo. Viradas de um lado para uma rua interna das 700 Sul do Plano Piloto, e do outro para um espaço verde que funcionava como terra de ninguém entre as casas, fechado em copas de árvores entranhadas, debaixo de onde sempre se viam de dia alguns retângulos de papelão com ocupantes quietos, sacos plásticos com suas poucas posses pendurados nas árvores maiores. A maioria dos moradores de rua da região circulam por um pequeno perímetro, alternando de abrigo antes que algum morador reclame. Alguns Murilo vê há anos, mas nunca consegue cumprimentá-los. No máximo faz acenos tímidos com a cabeça que nunca são correspondidos.

Murilo não quer passar por ninguém agora, por isso dá uma corrida rapidinho até o final da rua, até chegar na W3, toda vazia a essa hora. Ele sabe que é muito covarde e não tem nenhum problema com isso. *Quem tem cu tem medo* era o único dos bordões que seu pai repetia sempre com o qual ele concordava integralmente. Prestando atenção no caminho, ele percebe que deixou sua atenção fraquejar e perder umas duas frases da aula que tá escutando. Mas eles tavam falando de coisas que ele achava que conhecia mais ou menos bem.

A sua cultura, quase toda autodidata, tinha sempre essa modelação errática, pegada e largada, descontínua, de aparência mambembe e vastidão descontrolada. Ele costumava achar que, apesar de toda dificuldade, havia uma solidez ali, que ele de fato conseguia se posicionar dentro daqueles cenários antigos enormes, no meio daquelas colunas imensas, mas nem sempre a sua confiança era tão firme.

O único semestre que ele fez de letras na UnB o deixou muito desapontado, a sua impressão de um menino admitidamente arrogante e tímido de dezessete anos foi de que o que se passava não era muito mais profundo do que os artigos da Wikipédia sobre os autores e temas. Não tinha nenhuma

paciência nem para o proselitismo político e nem para o hermetismo elitista da maioria dos professores, a boca cheia com que ambos os tipos declamavam os nomes franceses e alemães dos seus mestres, e não conseguiu se enturmar tampouco com os colegas (não que tentasse).

Alguns foram simpáticos com ele até desistirem pela falta de resposta, que tomavam por grosseria. A maioria das pessoas olhava para ele com uma certa apreensão constrangida de quem olha um louco. Gostou muito de um professor, só, um cearense velho e sorridente que ensinava grego e exigia que suas turmas lessem pelo menos uns dez clássicos grossos por semestre. Conversaram rapidamente sobre Milorad Pávic, uma vez, e sobre o livro egípcio dos mortos.

Murilo achava bem melhor ir atrás sozinho de tudo, baixar livros pirateados em .pdf, montar pequenas ementas provisórias para dar um sentido mais programático para a educação que ele tentava dar a si mesmo.

Lacunas eram notadas e preenchidas com diligência, itens verificados de uma lista que nunca terminava, nem nunca ganhava uma versão definitiva. Amigos eram feitos com a específica intenção de servir de orientação para áreas e autores específicos, especialistas de quem ele se aproximava com um mesmo e-mail que ele tentava fazer soar simpático e curto, sempre um sorrisinho e dois acentos circunflexos vagamente emoticonados denotando suas boas intenções.

Apesar da seriedade que ele tentava manter pra educação que dava a si mesmo, Murilo também se distraía muito, espalhava sua atenção até que ela se esgarçasse. Depois de uma adolescência estudando literatura com uma forte tendência anglo-saxã e germânica, ele hoje ia atrás a cada semana de algum novo assunto que ele não dominava tão bem, aumentando um domínio superficial e anedótico sobre as coisas, sobre os vários ramos concretos e pontiagudos da realidade e seus documentos e registros todos. Os arquivos não se esgotavam nunca, e ao que tudo indica daria para enchê-los de ar quente, como balões, por quanto tempo ele aguentasse.

Ele gostava muito de listas, vivia reunindo recomendações de autores que respeitava, traçando planos de leitura pras próximas semanas, meses e anos. Ele não tinha mais o ritmo frenético de moleque, a voracidade alucinada dos seus quinze pra vinte anos, mas ainda assim o rol de coisas que ele sentia que precisava absolutamente, conhecer estava sempre crescendo,

apesar dos golpes que ele empreendia para diminuí-lo (ou ao menos conter seu crescimento).

A sua vida acontecia inteiramente nessas coisas, acumulada nessas atividades e na autoconsciência a respeito delas. Algo que percorria ele por dentro como um osso, que ele manjava até onde dava, mexia pra tentar aprender, luz dentro dum cano, uns mesmos ecos rebatidos e teimosos que há um tempo ele espera se confundirem com uma voz, sem que nada parecido com isso aparecesse.

>

07.

<<

Falar do mítico RENATO é um desafio, claro. Difícil saber por onde começar. Desde a tragédia da última terça que começou a pipocar de vídeo e de matéria sobre ele, quase tudo distorcido ou mentira deslavada mesmo. Poucos conhecem ele há tempo como eu pra poder botar as coisas em perspectiva. Por isso o textão.

A sua OBRA é vastíssima, isso não se discute. Mas quase todo o resto está aberto para negociação com as hordas de fãs e exegetas. Vão te dizer que ele nasceu em 1978, em 1982, no Piauí, em Florianópolis, no Rio de Janeiro.

O que torna confusa a atribuição de sua obra, em parte, é o fato de que o artista, ele próprio, descreveu sua atividade de maneira muito diferente ao longo dos anos. A divisão proposta pela Teresa Trigueiro, de Cuiabá, é que desde 2003 até 2008, mais ou menos, teria ocorrido a fase propriamente artística, no sentido tradicional, ainda que ocorrendo quase inteiramente fora do circuito institucional-comercial, principalmente em ruas, praças e parques de Belo Horizonte e São Paulo. E depois, claro, a obra ético-política, como ele chamou numa entrevista, de 2008 em diante, depois do que ele chamava sua iluminação (e vamos falar disso adiante). É pela segunda que Renato se tornou conhecido, naturalmente, mas para os poucos que acompanharam o processo de maneira inteligível parece importante explicar a primeira para entender um pouco melhor a segunda. Ou, quem sabe, incompreendê-la um pouco menos pior.

Sei de duas bandas do Renato cuja existência se confirma tanto por fotos quanto por gravações. A primeira são OS ORLANDOS, formada por quatro pessoas (Renato nos vocais, Pedrusko na bateria, Bárbara na guitarra e Tamires no baixo). Lançaram na internet um EP chamado A HORLA, que consistia numa meia hora de barulho, ruído de guitarra, microfonia e barulho de bicho sobreposto com uns poucos minutos que dava pra identificar como música, música mesmo. As letras são ininteligíveis. No myspace que fizeram da banda, quando o site já era basicamente um morto-vivo, constava uma foto em baixa resolução onde podíamos ver todos os integrantes sem camisa e cobrindo com as mãos os peitos e os rostos uns dos outros, ex-

ceto os da Tamirês, cobertos por esparadrapo.

A outra durou mais tempo, de antes, daqui de BH mesmo. Punk bem tosco, dá impressão de que gravaram dentro duma máquina de lavar. Ouvi uma vez na casa de um amigo, mas nunca consegui os arquivos. Não me pareceu ser nada de mais.

Há menções do próprio Renato e de outras pessoas falando de outros projetos musicais, mas sem indícios de registro sonoro ou visual.

Seu poema mais curto, que eu conheça, chama-se “A Voz do Mução”, o poema inteiro em dois versos: “essa esfinge / vórtice” (Mução sendo o apelido de um radialista pregador de trotes, e não o apelido de uma muçarela barata, como aventurado por Sandro Gomes no seu canal).

O poema mais comprido sendo o “Salve Geral”, naturalmente, com suas centenas de milhares de caracteres e que, em pelo menos uma versão, se transmitia num arquivo .doc que se desenrolava infinitamente até dar pau no programa, com nome de diversos amigos e conhecidos de Renato, de todos seus artefatos culturais favoritos (o que vai de cantos da Odisseia a participações do Clodovil no Show de Calouros), assim como de incontáveis povos e animais extintos.

O texto citado mais vezes para descrever o Renato como conservador é este aqui:

Todo mundo sabe que Cabral quando chegou aqui encontrou já Magalhães Pinto bem estabelecido (na época ainda apenas banqueiro, e não estadista). Todos ganharam em seguida drinks e guarda-chuvas promocionais da descoberta muito bem confeccionados pelo Itaú.

De imediato saíram em comitiva para conhecer nossas maravilhas inigualáveis e mundialmente famosas. A Chapada Diamantina, a pororoca, Ouro Preto, mulatas.

Cinco anos depois Tom Jobim e Villa-Lobos dariam praticamente por encerrada a cultura brasileira em plena culminação entelequial, com a estreia de sua ópera conjunta “Terra Brasilis”, apresentada uma única vez (com coro de chacretes, Getúlio Vargas, Bidu Sayão e grande elenco), com a presença de nada menos que três lojas maçônicas (com os comboios de Sorocaba e Uberlândia), na escola de padres que viria a se tornar a cidade de São Paulo, as partituras queimadas a seguir com a presença de um notário do 2º cartório da região.

Esse trecho, saído de um texto maior chamado A REDESCOBERTA DO BRASIL, apareceu primeiro na caixa de comentários do blog do Gilberto Gil, assinado apenas “Renato M.”. Passou a circular com modificações francamente racistas e despropositadas, geralmente sem a assinatura de Renato.

De fato, de toda a produção multimídia de Renato só os seus vídeos de YouTube onde fala de mitologia e política podem ser ditos conservadores. Feitos entre 2007 e 2009 (não confundir com a vasta produção videoartística prévia e posterior, os vídeos em questão sempre mostravam Renato sem camisa num quarto cheio de livros, falando muito rápida e histericamente sobre algum “complexo figural”, como ele chamava).

De resto, de acordo com o que pude acompanhar, Renato alternava entre se dizer comunista e anarquista radical, embora raramente explicitasse os particulares da sociedade que ele idealizava. Os vários “textos extensos” que menciona nos vídeos mais antigos, até onde eu sei, não existem, são só piada. Ou são manuscritos que ele nunca mostrou de fato pra ninguém.

De fato, acho que a única empreitada teórica de Renato que consigo afirmar com alguma certeza que deve ser levada a sério (por assim dizer) é a sua famigerada Exuística. Renato não apenas tentou submeter o manifesto da Exuística para mais de uma revista acadêmica, sem lograr êxito na publicação, mas sabemos que ele se aproximou de pelo menos duas personalidades da Umbanda de Belo Horizonte, assim como de ao menos uma figura do meio editorial local, para buscar a publicação do panfleto que ele diria que tinha certeza que ia bombar tanto no meio comercial quanto no acadêmico.

O manifesto acabou publicado num blog de poesia, não se sabe se pelo próprio Renato ou se por um acólito, e é certamente um dos textos mais complexos e abstratos de sua autoria. O texto começa, e eu cito:

“Exu não é nem o número zero e nem o número um. Exu é o princípio de individuação a partir da comunicação, da abertura do sinal (e não de seu fechamento). Laroíê. Pede-se, respeitosamente, passagem. Se a Hermenêutica nasce em homenagem a Hermes, em seus desdobramentos dialógicos (que nunca chegam a sair, propriamente, dos domínios do sujeito, a Exuística é uma heurística comunicacional que parte da eminente comunicabilidade de todas as coisas e da condição energética e material de toda comunicação.”

Eu não teria competência para recuperar todo o argumento de Renato e nem as diversas fontes e vozes com quem ele está dialogando. Recomendo o texto de Alessandra Godoy sobre as influências do pensamento dele (ela sabe do que está falando, eu sou só um grosseirão que no máximo manja de anime, metal e internet).

Tem gente que acha problemático o jeito que o Renato fala de Exu aqui, não sendo na época mais praticante de nenhuma fé de origem africana, pelo que falam. Eu não saberia dizer. O próprio Renato lidou com isso em alguns vídeos posteriores, como aquele em que ele descreve três encontros com manifestações de Exu e o que ele entendeu que estava em jogo em cada uma delas. Eu não conseguiria resumir esses vídeos, que é facilmente um dos cinco ou dez mais engraçados de toda a internet brasileira, mas lembro que nesse vídeo ele repete na forma de piada o argumento que ele no texto entrega com uma clareza lógica ímpar: de que qualquer pretensa manifestação de um deus malandro sempre será, necessariamente, autêntica, já que o mero ato de se passar por ele daria numa invocação da sua presença. Eu não sei dizer se ele está certo ou errado, nem nada, eu só acho bonito.

Outro exemplo gratuito:

“O Exu da comunicação não figura a transmissão entre aqui e ali num sistema fechado, mas a própria comunicabilidade entre sistemas díspares que torna qualquer de suas individualizações possíveis. A comunicabilidade das coisas é a avidez da faca que comunica a si própria no corte (mas não sozinha). A palavra é um caso detido da sintaxe geral. Exu é boca e fome coletiva, a voragem que vira vórtice, redemunho que arrasta a catarata”

Já *Os doze passos para uma ecologia da mente* é um dos temas mais polêmicos.

Não adentraremos adiante no emaranhado de tretas, tenho relatos muito consistentes de que teria começado como uma piada, aquele vídeo, e só muitos anos depois, depois da experiência fracassada do Renato no ensino superior, é que ele teria pensado em fazer aquilo de verdade. Porque se tinha uma coisa que Renato levava a sério no meio de sua zoeira infinita e esparramada era que a arte era a única forma de – e eu cito – montar, modular e moldar o corpo coletivo. Os *doze passos* então seriam o grande projeto de sua vida, uma espécie de vídeo-manual assim enciclopédico de doze partes sobre tudo. Mas tudo-tudo mesmo. Desde economia política e química or-

gânica até jardinagem e culinária baiana.

Eu sei que eu falei muito, mas é que é só explicando todas essas paradas que vocês vão começar a entender. E só assim vocês vão acreditar em mim quando eu disser que ele não está morto coisíssima nenhuma.

>

08.

<

Como ele esperava, o cachorro-quente estava fechado. A carrocinha vermelha estava lá no seu posto informal, diante da igreja, mas trancada, com as cadeiras de plástico entulhadas em cima, amarradas. Era raro o Josimar ficar aberto até mais tarde de segunda a quarta, só quando o movimento tava bem forte e justificava. A solução seria o McDonald's da 405, mesmo.

No caminho tem o Eixão, tranquilo de atravessar a esta hora, com poucos carros bem espaçados, a maioria zunindo. Entre as vias Murilo passa por um gramado comprido de árvores esparsas e não muito altas, onde às vezes dá de encontrar alguns vultos e que ele atravessa num passo apressado, quase correndo.

O medo não é tanto o de ser assaltado. Ele já fora assaltado uma vez atravessando na passarela de noite, cinco anos antes, e sabe que se acontecesse não seria também nenhum bicho de sete cabeças, sendo homem. Na sua curta experiência, tende a acontecer rápido e sem muito esculacho (talvez porque a sua figura troncha e desajeitada seja tão pouco ameaçadora, além de relativamente pouco odiável, ele espera, pra média do seu bairro).

O medo dele é mais disperso, talvez até mais infantil, acontece mais nos vultos, nos intervalos, não chega a se figurar com precisão na sua cabeça.

>

09.

<<

Os mortos voltaram de Osasco, onde não encontraram o que se procurava, e vamo com calma que toda opalescência será respeitada, como que explica? Já tá indo, já? Ô, Creuzebek, no top de quatro já vai. Tudo vai ser devidamente esclarecido em seu tempo. Tá doido. Lembro dos fósforos feito soldadinhos no comercial, marchando.

Triste, triste mesmo eu fiquei quando a minha mãe morreu. Depois disso, não acho que jamais tenha ficado triste com nada de verdade. Desde os sei lá quantos anos que eu assisto minha vida como quem assiste um filme, removido de algumas coisas. Eu vejo o meu corpo e eu tento contorcê-lo pra caber nos buracos e me desviar dos escombros caindo. E eu tento comer tudo. Não é muito mais complicado que isso. Tem também umas técnicas que eu desenvolvi, pras quais não tenho nome que se divulgue. Uma pra lidar com dor, de concentrar tudo teu em encontrar a pulsação e virar ela até que não doa, umas pra deixar de estar onde eu estava, mesmo quando tem mais ou menos setecentos inputs sensoriais bem gritantes e incontornáveis te dizendo do lugar onde cê se encontra, de ainda assim tu se fazer em outro canto. Pode parecer besta, mas não é exagero dizer que salvou a minha vida numa série de ocasiões.

O meu pai chamava Pedro e eu ficava muito impressionado dele chamar Pedro, a cidade Pedro II, como se a cidade fosse em homenagem a ele ou pelo menos, de alguma forma, uma entidade secundária em relação a ele. Só isso ali me deu já quase certeza que eu era predestinado de alguma coisa. Isso eu com uns oito, nove anos. Eu pensava: pronto, é isso, serei fatalmente Imperador do Brasil. Fiquei muito preocupado, a testa enfezada, assim, já meio suando. Eu tinha uns sonhos onde eu e o Jorge Ben encontrávamos a cabeça de Pedro II enterrada, ele era apontado Imperador do Brasil e eu, seu consorte-conselheiro-íntimo-Rasputão.

Eu não distinguia muito bem direito entre sonho e realidade, quando era moleque. Eu via, claro, que a vida desperta ali, onde eu ajudava minha mãe a arrumar a casa, o sol queimava tudo com raiva e tudo era uma desgremeira mal-ajambrada, era bem mais firme que a outra, mas a outra

era tão forte, também, tão vívida, eu não entendia como que o povo dizia que aquilo não existia, sempre que eu sonhava aquilo ali existia, sim, ué, como não? Eu e Jorge Ben nuns cavalos andando em cima duns rios e caçando argentinos escondidos em forma de pedra, ele encostava a espada de madeira na pedra e falava uma fórmula que eu não escutava direito e ela desvirava em gente de novo, ele xingava os argentinos de que todos pareciam o Maradona ou o Batistuta, e saíam correndo os gordinhos, tudo rindo, pra floresta. Eu não contava os sonhos pro meu pai, que ele ficava bravo, falava pra eu deixar de besteira.

Ele era um homem muito sério, enfezado, falava um “Eia” bem anasalado pra quase todo fenômeno do mundo, variando só a cara dele em (quase nunca) sorrir ou (quase sempre) se amuar. Tinha medo de tudo. Alheio a tudo que não fosse carro, cachaça, o Flamengo e o River. Fiquei mais alto que ele muito cedo, e ele nunca lidou bem com isso. Eu até hoje, do nada, às vezes me endireito a espinha lembrando dele me dando um tapa pra eu endireitar. Dei trabalho pra caralho, isso ninguém vai negar, também.

Minha mãe era linda, muito brava e muito carinhosa, morreu, eu não tinha nem nove anos. Foi carro, essa desgraça. Ficou no hospital agonizando horas, pelo que me contaram. Tava voltando de São Luís de carona com primos. Um caminhoneiro cochilando fechou o carro, que tava com mais seis pessoas dentro. Quatro morreram. Duas eram crianças de colo.

Ela chamava Elizete. Eu entendia Lizete, e até hoje penso Lizete. Quando falam Elizete, eu nem penso na minha mãe. Exceto se for a Elizeth Cardoso, que aí eu já associei. Tenho umas memórias muito fortes de ficar percorrendo o corpo dela, ela só de short e camiseta, umas pernas pretas intermináveis reluzindo no sol da tarde, ela brigando comigo e rindo ao mesmo tempo, que eu era um palhaço desde bebezinho, ficava meio carcando a perna dela sem entender o que tava fazendo. Ela era brava, às vezes me beliscava com uma cara de ódio, mas era muito carinhosa, também, vivia falando que queria me cheirar e de fato me cheirando, no cabelo, eu vejo das fotos ela sorrindo comigo. Ela me chamava assim quando tava de chamego (“Meu cheiro”). Eu acho que as memórias que eu tenho dela são quase todas inventadas, mas não tem problema. “Tu te lembras do que tu queiras”, já dizia.

Quando eu era bem menino ainda, a gente foi pro Guarujá, uma vez, visitar uma irmã da minha mãe, que eu não chamava de tia porque ela insistia que eu chamasse de Neide. E que, então, pra mim não era minha tia, era

só uma mulher chamada Neide. A gente viu lá um show do Luiz Gonzaga, o rei do baião. E ali eu já entendi comigo mesmo que devia ter muitos tipos de rei. Porque na estrada já tinham falado algumas vezes no rádio dum rei Roberto Carlos, que minha mãe amava, meu pai odiava. Eu não entendi direito as músicas, mas vi que o povo se alegrava e se encoxava direitinho. O que eu mais gostei foi o triângulo, que me falaram que chamava lengo-lengo. Eu ficava impressionado que dava pra ouvir sempre aquele trocinho tilintando no meio da barafunda toda, e só na cadência dele já dava pra ir se quebrando todo. Minha mãe ficava doida com música, dançava pra caramba, até meu pai começar a ficar amuado e ir prum canto, até ele ficar puto e ir lá arrancar ela do meio, o que ela nunca aceitava sem gritar e espernear e xingar ele de tudo quanto é coisa.

Ela cantava muito. Enquanto passava roupa e a vassoura pela casa, mas não só. Cantava uns boleros antigos, alguns em espanhol, a maioria eu nunca nem ouvi em outro canto que não na voz dela. Os sucessos em inglês ela cantava na versão própria dela, ronronada e sem palavras estritas. Ela sabia muita música, mas mesmo das brasileiras era raro ela saber uma letra inteira, quase sempre tinha uns tchã-nanãs e uns tchu-rurus, que quando criança eu achava que eram palavras normais como as outras, mas umas palavra doida que queriam dizer tudo ao mesmo tempo. Até hoje me dão umas intimação meio mística quando ouço um tchu-ruru.

Desde os doze que eu comecei a sonhar com a mãe direto, direto, e os sonho eram tão fortes que eu comecei a falar pro meu pai que eu tava vendo ela. Eu não sei de verdade se eu achava que eu tava vendo na vida real ou se eu sabia que era sonho, acho que eu não entendia tão bem assim a diferença, não. Quer dizer, entendia e não entendia. Meus sonhos sempre foram muito vívidos. Sei que meu pai foi ficando puto, foi falando pra eu não falar essas besteira, que tinha que respeitar os mortos. Só que eu insistia, falava pra ele que ela tinha falado isso e aquilo, citava as coisa que eu lembrava dela falar, e inventava ainda outra ali na hora, uns discurso maluco todo apaixonado de filme que aposto que não devia ter nada a ver com ela. Ele ficava triste pra caralho, dava pra ver, ia ficando mais puto ainda, me batia preu parar de falar, e eu não parava. Ele batia já chorando, tinha vez que ele pedia desculpa por me bater enquanto batia ainda.

Gente doida, doida assim na família, antes de mim, teve só minha vó, só. Que eu lembre e saiba. Ela sempre foi engraçada, bebia muito, lia livro de

ficção científica que pegava emprestado de um médico com quem ela tinha trabalhado de recepcionista. Depois dela enviudar e minha mãe morrer dois anos depois, foi meio desistindo de ser normal. Ficava sempre de sutiã e toalha na janela de casa e gritava com quem reclamasse, falando que ela morava no Piauí e que ninguém devia usar roupa no Piauí.

As viúvas da região visitaram ela, chamaram pro grupo de reza que elas tinham, ela respondia que elas não tinham perdido a filha, que nem sabiam o que era dor, que perder o marido era bom, que aquele negócio de ficar de preto não era com ela não.

— O que eu quero saber é quando que o Espírito Santo vai vir me carcar. Alguém tem que mostrar serviço aqui.

As senhorinhas nem respondiam, se acumulavam exasperadas num canto. Ela olhava pra mim ou pra qualquer um que estivesse por perto com a cara sacana de quem não precisava da confirmação que parecia pedir:

— É ou não é?

Morreu aos oitenta e nove, dois anos depois da minha mãe. Lembro dela na manhã que acordou morta, toda encolhida na cama, dura, feito um feto de novo.

Meu pai fez de tudo, foi garçom, foi motorista, mas depois da minha morrer, ele não segurava trabalho, só bebia e trabalhava numa mina de opala sem carteira, solto. Mina do Boi Morto foi a que ele ficou mais tempo. Ganhava muito mal, trabalho agonizante e perigoso do caralho, só quando achava uma pedra maiorzinha é que valia a pena. Mas era difícil acontecer. Ele me ensinou que a pedra que valia mesmo era a que tinha foguinho dentro. A segunda pedra maior que ele achou foi a que deu a maior bolada, quase dez mil reais. Mas essa ele não encontrou na mina em que ele trabalhava. Ele foi dos primeiros que perceberam que ainda tinha pedaços de opala abandonados no vasto rejeito das mineradoras dos anos oitenta, que tinham devassado primeiro aquilo ali tudo. Foi tudo feito tão na tora, com uns método tão zoado, que eles nem perceberam na época o tanto de pedra que eles perdiam. Além das várias que eles destruíram com picareta. Uns amigos do meu pai que tinham trabalhado nessa época encontraram uns pedacinhos, um dia que tavam andando por um dos valões onde tinham jogado o rejeito.

Eles tentaram ser discretos com aquilo, a princípio. Mas foi só um de-

les, o Rinaldo, achar uma pepita maiorzinha que a história espalhou. Tava na boca de todo mundo das antigas, de repente. Que no lixão todinho tinha opala. Alguns diziam que o rejeito era tóxico, que eles não deviam estar revirando aquilo com tão pouca ou nenhuma proteção. Como tavam, a maioria. Mas nisso se pensava depois, não quando qualquer um ali podia se dar bem nas próximas horas. A história cautelar que todo mundo na cidade contava para todo estrangeiro, anos depois, e para eles mesmos quando bebiam, não era de ninguém que ficou doente. Era do seu Mundote, que já era velho quando Renato era menininho, e que além da cara de maracujá de gaveta tinha uma expressão permanentemente contrita, mesmo quando sóbrio. Seu Mundote tinha achado a maior opala já encontrada no mundo, de quatro quilos e tanto, que hoje tá no British Museum. E ele nunca levou grana nenhuma. Os dois canadenses, que se disseram de uma instituição geológica, deram um calote. E pronto. Todo mundo contava isso com uma cara séria, batendo na madeira e se benzendo depois.

>>

10.

<

Assim que ele se aproxima do lugar com o M enorme amarelo armado, ele já se coloca na fila para ser atendido, o único pedestre numa fila de carros. Uma imagem do que ele tá fazendo se apresenta na sua cabeça, vem pronta e não solicitada, vazia, quase um diagrama, de jovens ao redor do mundo comendo este tipo de comida norte-americana de madrugada, uma cena que diz tanto da sua época.

Ele se orgulhava da sua capacidade de manter, a todo momento, uma consciência mais ou menos preenchida e aguda da extraordinária contingência histórica e técnica de tudo aquilo, todos os protocolos em curso, todos os eventos geopolíticos passados que permitiam que aquela rede mundial de hambúrgueres vendidos de forma prática e pouco saudável estivesse aberta de madrugada em Brasília, em 2012..

Ele não acha aquela imagem atraente, mas o mero fato de ser uma imagem reconhecível de alguma forma faz com que ele queira participar dela. Ele vai lá com alguma frequência, mas menos do que gostaria.

Murilo também viu outro dia um comercial que mostrava um sundae de tangerina e estava vagamente intrigado pela ideia de um sundae de tangerina.

No seu ouvido a professora fala que a célula engoliu a bactéria que virou a mitocôndria. Outra maneira de dizer seria que as duas entraram em colaboração simbiótica. Murilo pensa que as duas imagens são muito diferentes. Ele não diria que ele e o sanduíche que ele vai comer entrarão numa colaboração simbiótica. Mas quem sabe ele e o vasto e demoníaco complexo dos Arcos Dourados não estão metidos numa coisa assim?

Ele ri, pausa a aula por um momento. Não quer ouvir falar de bactérias agora. Mas ao invés de se aquietar, sua cabeça de repente começa a ecoar uma voz alheia, de um professor antipático e arrogante dizendo que a literatura era um sistema semiótico fechado em si mesmo.

E Murilo responde a essa voz alheia com outra voz alheia, imitando um sotaque judeu nova-iorquino que ele consegue imaginar, mas não reproduz

zir com a boca. Tanto o comentário quanto a resposta papagaiando gente que ele leu já há quase dez anos, a maioria, nos seus ávidos quinze pra dezesseis anos.

Ele encena com essa voz alheia e ingênua toda uma defesa da literatura como uma apaixonada e ruidosa repetição da realidade contra ela mesma, enquanto seus dedos procuram por moedas no bolso e tentam determinar o seu valor pelo tamanho, fazer mais uma vez a soma do dinheiro que tem e de quanto que ele pode comprar ali.

Se fosse comer o sundae, teria que se contentar com um sanduíche desses pequenos. A sua fome não seria exatamente satisfeita. Talvez ele tivesse que comer berinjala.

Na frente dele há um Celta branco e depois uma Pajero enorme. Ele vê as silhuetas ali dentro, a maioria grupos que devem estar saindo de alguma festa ou bar, a figura dele deprimente, talvez até meio assustadora pras meninas mais bobas e impressionáveis. Os seus vinte e tantos anos parecendo trinta e tantos, talvez, sua barba enorme, seu cabelo desgrenhado, com fones de ouvido, olhos profundamente inteligentes detidos neles mesmos, como se sempre introjetados, notando menos o mundo exterior do que os arabescos e as volutas incessantes ali dentro.

Murilo era um tanto baixo, e há anos que se avolumava lentamente debaixo das suas camisetas uma pança cada vez mais vergonhosa. Ele frequentemente deixava a barba crescer até ficar bem fechada e cheia, um pouco esquisita de tão grande, até que ele eventualmente fosse cortar porque a mãe parecia ficar tão aborrecida com a existência dela que passava a valer o esforço daquela meia hora no banheiro, primeiro tirando uns chumaços com a tesourinha de cortar unha e depois passando o barbeador do pai.

Por muito tempo ele tentava entender por que a barba incomodava tanto a sua mãe. A melhor explicação que conseguiu formular era que a mãe já devia ter um tanto de dificuldade com a existência do seu filho, recluso e esquisitão que mal fala, ela já devia ter montado com muito esforço uma imagem dele com a qual ela conseguisse lidar no dia a dia, e aquela barba parecia exceder os limites de aceitabilidade daquela imagem; aquele único detalhe, aparentemente tão simples, transmudando-o de um menino gentil, tímido, estudioso e quieto num homem assustador e demoníaco, com sua barba preta desgrenhada projetando seu volume muito além do queixo

e das bochechas, já quase ensaiando suas próprias formas detidas e estranhas redesenhadas sempre que Murilo coçava o pescoço e as bochechas (o que ele fazia com uma frequência enervante).

Os seus olhos eram pequenos e muito expressivos, pareciam toda hora alarmados com o absurdo ou espanto que era qualquer coisa, qualquer objeto ou evento. Ele quase não abria a boca, mas quando falava desencadeava uma série ordenada e comprida de frases amaciadas e bem encadeadas que parecia ter sido escrita com muita antecedência.

Sua voz saía sempre fraquinha, negaceada, num tom que parecia desmontar imediatamente qualquer pretensão de aquela frase (ou, de fato, qualquer coisa) importar tanto assim.

Depois de dez minutos, chega a sua vez no drive-thru. Ele dá pause na aula para poder conversar direito com o atendente. É um menino novo, magro, de aparelho, que parece em algum nível contente com o trabalho que está fazendo, o que Murilo admira, mas tem muita dificuldade de entender. Talvez ele só finja muito bem por um senso de dever ou educação. O seu dinheiro dá exatamente pra uma batata frita pequena e um sundae, que ele recebe na janela seguinte sem saco de papelão, de uma moça gordinha que sempre está lá e que parece reconhecê-lo.

Murilo prossegue com a aula e come ali em pé, perto do parquinho infantil fechado e cercado por grade. Como dava pra imaginar, a calda de tangerina é gosmenta e com gosto tremendamente artificial. Ele imagina o laboratório onde aquele gosto é composto, seus funcionários provavelmente alemães ou japoneses (para Murilo é inverossímil a imagem de qualquer outra nacionalidade fazendo esse tipo de coisa) tentando honestamente determinar se aquilo se parece com tangerina. O problema não era que aquela fosse uma metáfora química para tangerina. Murilo estava acostumado demais com artificialidade para se incomodar com algo assim. O problema é que era uma metáfora ruim.

Ele percebe que perdeu mais uma vez o fio da meada na aula, a classe de repente irrompendo numa risada rara cuja causa ele não conseguiu pegar. As piadas dessa professora eram tão ruins que eram boas. Ele recupera o seu aparelhinho do bolso e volta o arquivo nuns vinte segundos, os dedos engordurados sujando a tela.

Na mesma rua onde estava, Murilo passa ainda por uma outra lanchonete aberta de madrugada e cheia de gente nova e arrumada voltando de eventos noturnos. Mulheres com pernas enormes estadeadas de fora naquele frio, homens tão grandes de músculos bulbosos que Murilo não consegue deixar de achar engraçados. Ele força a si mesmo a repetir em voz alta aquela palavra que ele escuta da voz esganiçada de uma das meninas, uma palavra que ele nunca disse na vida sem aquele tom irônico que retorna agora automaticamente. Balada.

Um carro branco com luzes azuis saindo de baixo e música tão alta que seus graves são sentidos como forças percucientes vem das duzentos numa velocidade imbecil, derrapando e mudando de pista de forma irregular antes de estacionar de maneira espetacular na frente do Subway.

A aula termina antes que ele chegue em casa, a professora se despede dos alunos e fala da aula seguinte (que ele ainda não baixou). O arquivo continua soando por algum tempo, Murilo ouvindo o barulho de papéis sendo distribuídos, mochilas sendo fechadas, pessoas agrupando seus casacos e pequenas extensões materiais antes de sair de uma sala de aula que ele consegue imaginar perfeitamente até seus mínimos detalhes, num final de tarde recuperado dum modo tão precário.

Ele já consegue ver de longe a fileira de casas amontoadas que contém a sua. Ele tenta andar rápido, sabe que teve alguns sequestros relâmpagos por ali perto nas últimas semanas, porque sua mãe fala disso sempre que vê que ele saiu de noite. Seria até engraçado se eles pegassem ele num negócio desses. Teriam dificuldade de acreditar que um moleque velho e, dependendo dos seus termos, com cara de playboy não tinha conta no banco e nem celular, não mais que quarenta centavos no bolso.

>

11.

<<

CRONOLOGIA WIKI PARCIAL DO UNIVERSO CABOL COMO RECONSTITUÍDA POR JORGE LOURENÇO (com colaborações de night crwllr (RJ), Samara Reys (ES), Gui – Detonator (PI))

2038 – Substituição efetiva da Democracia Representativa pelo Campeonato Brasileiro de Futebol como forma de organização política da República Federativa do Brasil. O evento “Brasileiríssimo” decide qual conglomerado da região Sudeste e Sul vai gerir o que resta do Estado no próximo ano fiscal. Três barragens estouram em Barcarena, no Pará (contestado, ver mais).

2042 – A Amazon-Mobil compra a Tanzânia. Anúncio das obras dos muros de contenção do mar nas principais capitais litorâneas do Brasil.

2045 – Os jogos do “Brasileiríssimo” deixam de ser abertos ao público ao vivo e a sua transmissão e organização passa a ser inteiramente controlada por um único conglomerado (*****).

2048 – Começo da primeira guerra latino-americana da água (terceira do mundo), conflagrada pela posse do aquífero Guarani (contestado, ver mais). Oficialmente nunca foi declarada guerra por nenhuma nação soberana, mas ataques remotos e destacamentos internacionais entraram em conflito com exército e com o que foi descrito pela imprensa internacional como forças mercenárias e milicianas contratadas pelos governos do Brasil, da Argentina e do Paraguai (ver mais).

2053 – Descobre-se que há anos os chineses tomaram parte da região Centro-Oeste e Norte e que os governadores não passavam todo esse tempo de atores (que sofreram, alguns, uma série de operações plásticas). O cerrado inexistente fora da municipalidade autônoma resistente formada nos limites do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

2054 – Um tufão engole as obras dos muros de contenção no Rio de Janeiro e Vitória. Apenas Recife resiste razoavelmente preservado. A acidificação dos oceanos acelera por motivos desconhecidos, talvez conectados a

uma tentativa fracassada de geoenharia norte-americana.

2058 – O esparsu cinturão que resta da Amazônia é escolhido como um dos cinco lugares para o Desafio China-EUA, gincana organizada oficialmente pelo megaorganismo WarnerMedia-Nestlé-Samsung-Huawei. Algumas fontes descrevem o evento como uma guerra de mentira organizada como cortina de fumaça para esconder incursões militares conjuntas dos dois países, outras falam que foi uma guerra de verdade mascarada de uma guerra de mentira (ver mais).

2062 – Onda de infectados de uma moléstia misteriosa (que apareceu semanas antes também em Delhi, Moscou e Pequim) alcança quase toda a Bahia e uma porção substancial de Minas Gerais. A ação conjunta Misericórdia é obrigada a queimar um contorno de napalm ao redor da área metropolitana da Grande São Paulo, que pela primeira vez é murada pelo Governo Estadual, com auxílio de mais de doze brigadas fascistas populares.

2066 – Um consórcio internacional de bancos decide comprar oficialmente a cidade murada de São Paulo. Programa para migração forçada de descendentes de nordestinos é apresentado por João Doria Neto.

2070 – Denzo Marmanjo (o Denzonator da Fire Cougar) ganha melhor artista do ano na quadragésima edição do GRANDE PRÊMIO CULTURAL DO GRUPO ROBERTO MARINHO.

2078 – Nascimento de Paraíba Blade (especulado). 1ª Reencarnação de Renato.

2082 – Lançamento do álbum “Destinos e Banzos”, do Cabruskha (PE).

2088 – Começo do projeto “Sala Chinesa” no território brasileiro, por um conglomerado misterioso e transnacional (especulativo: Instalação da base estrutural dos axônios de silício em camadas profundas da terra).

2114 – Aparecimento da criatura extradimensional. Morte e renascimento de Renato, “O Comédia”. Fim da era heroica.

2119 – Pequenas revoltas locais sincronizadas irrompem por todo Brasil,

movimentos populares com variada estratégia, estética e discurso. Várias delas, aparentemente, são bem-sucedidas. Não se sabe dizer com certeza o que sucedeu às suas pequenas tomadas locais de poder (ver histórias alternativas).

(Ver mais tags de nuvem) (O que são tags de nuvem?).

>>

12.

<

Ele entra no quarto, toca no mouse para que a tela reacenda, deposita suas chaves e a carteira perto do teclado e se acomoda na cadeira.

Várias janelas abertas em textos que ele leu pela metade, PDFs com parágrafos enormes que ele abandonou tem horas, artigos da Wikipédia, vídeos compilando as melhores jogadas e gols do Zidane, resenha de um filme tailandês que ele está considerando baixar escrita por um baiano em cujo gosto ele confia tremendamente...

Sua atenção esgarçada e interrompida de mais ou menos uma hora atrás, os itens que ela equilibrava como pratos um malabarista, agora retomada. Se ele fechasse os olhos, não conseguiria lembrar de quase nada que estava aberto ali.

O computador apita, alguém falando com ele. É o Fábio de novo.

— fala malander charmander

— e aí

— Acabei de acabar Fogo Pálido e puta que pariu, que livro sinistro.

— é legal, né. Mas ele me desaponta um pouco, sabia.

— pq tu é chato. Vai tomar no cu

— O truque é brilhante, mas nenhuma voz ali me interessa, não acho a paranoiazinha interessante assim. Acho pouco generosa.

— queisso, cê diz isso só pra ficar bonito na foto, o acúmulo de noia é lind demais, palavra cruzada.

— haha, é sim, é sim, o negócio é que acho a ideia tão boa que me dá acho que raiva dela não ter sido aproveitada direito

— q besteira.

— Ah, Compra a defesa Lujin e depois le, pra tu ver que o bicho não brincava só com essa coisa matrioshka simetriquinha.

— ele tem muito truque na manga né o rasputão

— muito.

Os dois se conheceram há poucos meses, numa comunidade sobre literatura dentro de uma rede social moribunda. A comunidade é bem diversa, com gente do país quase todo (menos da região Norte). Tem alguns professores universitários e críticos, alguns escritores jovens, mas a maioria dos participantes são leitores que não trabalham com aquilo, boa parte deles usando perfis falsos com nomes ridículos e fotos de atores mortos. Recomendações são trocadas, alguns assuntos são erguidos por dias, algumas leituras em grupo são organizadas de vez em quando. Murilo mais observava do que participava, mas tinha afeição genuína por quase todo mundo ali dentro, o que para ele era inteiramente inédito com qualquer agremiação de pessoas.

Ele e Fábio depois de um tempo começaram a conversar pelo chat do e-mail e se deram incrivelmente bem de cara, em duas ocasiões distintas conversando por mais de seis horas seguidas (ainda que descontínuas, assuntos interrompidos e retomados, dispersos, links trocados e comentados um tempo depois).

Ele não sabia absolutamente nada da vida do cara, mas achava que ele devia ser desempregado como ele, já que podia ser encontrado a qualquer hora na internet, principalmente de madrugada, e sempre parecia estar livre para conversar.

13.

<<

Eu bato na porta entreaberta com o nó do dedo. Silvinho nem olha enquanto responde:

—Pode entrar, meu querido.

Silvio Botelho era um senhor gordo de orelhas peludas e risinho displacente que vinha agindo na capacidade de meu chefe há mais de um ano. Eu o odiava profundamente. É verdade que tem algo meio entranhando em mim que me faz odiar chefes de um jeito quase automático. Mas o Silvinho fazia por onde.

—Nilsão, Nilsão, Nilsão. Então, como que andam tuas diligências?

—Quais que você quer dizer, exatamente?

Ele não tirou os olhos do computador, ignorou completamente a minha pergunta e a que ele próprio tinha acabado de fazer.

—Então, eu tenho um negócio novo pra ti. E agora é importante, hein?

Duvideodó. Não só porque eu tou encostado desde que me pegaram jogando CABOL no escritório, mas porque porra nenhuma que me tocam nesta merda é importante. Pras arapongagens realmente sérias ninguém me chama. Só me botam para resolver perrengue em Assunção, grampear um desafeto desimportante de alguém em Goiânia sem nem saber o motivo.

Eu nunca tive ilusões de que teria uma vida glamurosa ou excitante entrando na ABIN. A gente tá no Brasil, afinal. Eu não esperava filme americano de espião, já imaginava que o negócio não seria essa coisa toda. Mas vocês não têm ideia.

Meu nome é Nilson Rodrigues (sim). Eu passei no concurso de agente de inteligência há cinco anos. Já na ESINT, a escola de agentes e oficiais de inteligência, eu comecei a sentir o drama. Tinha um professor lá dentro, uma vaca sagrada, respeitadíssimo, chamado Rubens. A aula dele consistia numa apresentação errática de powerpoint com slides alucinados e mal-confeccionados dizendo que todas as ONGs de proteção da natureza e de direitos

indígenas eram conspirações militares europeias para tomar a Amazônia. Não sou nenhum hippie, mas até eu fiquei sem jeito. As evidências citadas disso eram dois livros norte-americanos da década de noventa, os dois com títulos sensacionalistas. Perguntei, timidamente: *todas*? Ele respondeu, com os olhos faiscando: *todas*. O resto do curso foi daí pra baixo.

A ABIN, pra quem não sabe, nasceu em 1999, no governo FHC, assumindo as atribuições do *Sistema Nacional de Informações*, criado pelo regime militar em junho de 64, desmontado pelo Collor. Oficialmente ninguém dos quadros antigos sobreviveu, na verdade um punhado de funcionários de carreira fieis foi transplantado no escuro e continuava ali, quietinho. Silvinho era um deles.

Setenta e blau no dorso e impressão de que poderia durar mais uns cem anos ali. Era só tomar uma gota de álcool que começava a falar da época áurea de quando entrou, do Fountoura, Newton Cruz, dos *dragões* que eles tinham por todo canto. Eu tenho zero paciência. Não respondia, fazia cara de paisagem. Alguns colegas davam trela, achavam graça. Eu estou longe de ser esquerdinha, de chamar guerrilheiro de herói, mas também não sou tonto de endeusar os imbecis dos militares. Meu pai conheceu o Médici, aquilo ali era burro como uma porta. Incapaz de entender uma frase com mais de duas orações.

Silvinho finalmente volta a falar.

—Cê sabe da paranoia que tá lá em cima com esse negócio de Copa, né?

—Sei, sei.

—Qualquer merdinha tem alguém pra dizer que é perigoso, que é não sei o quê, que é aquilo. Tá parecendo americano com medo de terrorista de tão paranoico que tão alguns ali. Se tu quer saber eu acho uma babaquice, terrorista tá cagando pro Brasil, a gente não tem nada que ver com os Khaled. Khaled aqui é da paz, é Bib'sfíha. E traficante e vagabundo normal não têm interesse nenhum de criar confusão nessas horas. Mas enfim, né? Eu não mando em mim. Só mando em você.

E ele sorri que nem o filho da puta que é, quando fala isso. Sem nem olhar pro lado. De todos os meus (muitos) motivos inteiramente legítimos pra odiar Silvinho, acho que o principal é o fato de que pelo menos oitenta por cento das vezes em que eu o encontro na sua sala ele está casualmente passeando por incontáveis janelas com ensaios de fotos de prostitutas ofe-

recendo seus serviços. O monitor dele fica virado de costas pra quem chega na sua sala, mas o vidro das estantes dos vidros reflete a tela com integridade o bastante pra que eu consiga ver as fotos das garotas com alguma riqueza de detalhe.

—Lembra quando eu te chamei aqui uns meses atrás? Pra falar sobre aquele joguinho que você ficava jogando no trabalho?

—Lembro, claro.

Não é tanto o fato dele comer prostitutas que me faz odiá-lo, exatamente (embora não seja um hábito que eu respeite muito), mas o fato de que ele me acha tão insignificante que não se incomode de esparrar aquilo daquela forma.

—Então, por uma porra duma, como que chama mesmo, ironia tremenda, é disso que eu quero falar contigo. Eu pensei em você porque sei que você conhece essas coisas de internet. Você por acaso já ouviu falar de um maluco chamado Renato Mussum?

Eu gelei. Não tanto porque eu tivesse algo a temer com aquela associação, mais pela incongruência, mesmo. Eu não ouvia alguém falar aquele nome em voz alta tinha muito tempo.

>>

14.

<

—acabei de mandar um cachorro quente formidabilíssimo, nussa

—eu tb acabei de comer. Mas foi um McDonalds não tão formidável assim. Tem cachorro quente a essa hora em Goiania?

—tu sempre nessa de achar que eu moro no mato, né.

—pra mim Goiânia é mato, sim. com todo o relativo respeito.

—haha vsf. claro que tem. Tem um aqui perto do condomínio onde eu moro.

—tu vai la de carro e fica lendo Nabokov.

—basicamente, sim. q q tem?

—nada, so achei a cena engraçada. os cara devem te achar esquisitaço.

—Na real eles me acham playboy, né.

—Haha, você é playboy?

—Não por querer, digamos, mas sim. Meu carro é bem caro, algumas das minhas roupas também. Os cara ali do cachorro quente com certeza me acham playboy pra caralho.

—De um jeito ruim, você quer dizer?

—Ah, eu acho ruim, mas no fundo não importa muito. São só imagens que tão tagueadas em volta de mim, não sei direito como geral as toma, mas eu não tenho tanto controle.

—boto fe.

—e vc.

—eu o q

—vc é playboy?

—eu sou um nerd gordinho. Ou enfim, ‘sou percebido no mundo exterior das gentes e empresas como um nerd gordinho’.

—bt fe. É seu avatar principal, né. Tenho mts amigos nerds gordinhos. Quase todos ótimos.

—dentre as varias denominações ali disponíveis na realidade, não acho das piores.

—nerds gordinhos são afáveis, pelo menos.

—somos mesmo, quando não esquisitos demais.

—Eu tenho um amigo, o Rivaldo

—hm

—que alias é desmedidamente contente com a equivalência do seu nome com a do jogador, pelo menos uma vez por mês o bicho bêbado precisa falar de como o Rivaldo é o verdadeiro herói do penta, e o craque mais subvalorizado, etc)

—haha bt fé.

—o bicho é gordinho e tímido, e bastante muito mauricinho-coxinha, tal. e ele parece odiar ser assim. e com força. Parece pedir desculpa por existir, assim, sempre.

—haha, como assim?

—pra qualquer garçom, mendigo, pessoa na rua qualquer, o bicho inte-rage como se pedisse desculpas por sua existência, sempre com uma contrição no rosto que não faz nenhum sentido e que as pessoas nem chegam a entender.

—acho que tou ligado do tipo.

—pois então.

—eu tento não ser o Rivaldo. Tento ser foca tranqs a respeito da minha pessoitude no mundo.

—claro.

Os dois ficam alguns minutos sem digitar nada, até que Fábio aparece com um link.

—bicho c ja viu isso aqui? AssuncaodeRenato.tumblr.com

—gaaah, tu também curte esse trem !!

-haha, sim : x c já conhece, então.

—sim! : V demais da conta. esse link eu li semana passada.

—Descobri primeiro aquela comunidade do orkut, depois que fui ver

que tinha altos blogs, tumblr, n sei o q. cê sabe quem faz?

—sei não. nem lembro como descobri

Quantos anos tinha que Murilo acompanhava aquele negócio? Ele era horrível com datas, mas sabia que tinha posts de 2008 que ele tinha lido assim que foram postados. Mas quem tinha mostrado pra ele? Lembra que era bem novo quando descobriu, e que ficou fascinado, lendo com um tipo de assombro que hoje ele já não consegue dedicar a quase nada.

—acho que tu é só a terceira ou quarta pessoa que eu conheço que tá ligado desse negócio.

—É? Po, eu só tenho um amigo que conhece, o Gominho. Ele que me mostrou a comunidade uns meses atrás.

—Eu gostava mais, mas sei lá, deu uma canseira. Tanto tempo arrastando a trama sem resolver, só fica adicionado camadas e ficando mais maluco.

—haha real, mas eu meio que gosto disso, o absurdo rocambolesco do negócio, sabe.. <3 CABOL

—essa história do jogo lá eu já acho chatinha, hoje em dia. gostava quando era mais novo. acho que é porque não mexo com esses jogos tem tempo. meu computador só comporta coisa velha.

—ah mas não tava falando do jogo-jogo. Eu chamo a historia toda de Cabol.

—ah boto fé

—e tu chama de que

— acho que eu nunca chamei de nada. Chamo de trem.

—haha saquei. tinha tempo que não aparecia nada, né? achei até que tinha parado de rolar coisas novas.

—pois é.

—Esse link tava num comentário naquele último post, você também achou assim?

—não, um amigo que acompanha me mandou. Ele me mostrou esse aí e ainda um outro negócio mais novo, quer ver.

—oxe, manda aí

>

15.

>>

DIÁRIO DE UM INICIANTE NO CABOL

Dia 1

A primeira coisa que você descobre ao começar a jogar é que o CABOL é confuso e assustador. Se você é ‘n00b’ (newbie, nilba, i.e. novato, segundo o meu sobrinho) e seu nível é baixo, boa parte do território dos gerais não é aconselhável pra você, estando todo tomado de salteadores, drones militares chineses e norte-americanos, destacamentos genuínos e piratas da Polícia Rodoviária Federal (ambos perigosos), nuvens de nano-gafanhotos, batalhas marcadas ou espontâneas entre guildas, eventos coreografados da narrativa central do servidor. Ou seja. Todo tipo de treta acontecendo sem que você tenha ainda qualquer capacidade de lidar com coisa alguma.

É importante deixar claro que eu não costumo jogar essas coisas. Joguei muito videogame na infância e juventude, mas quase nada depois disso. Tenho quarenta e dois anos na cara e gosto de pensar que sou adulto. Nunca tinha jogado nenhum desses MMORPG, jogos onde milhares de usuários compartilham o mesmo universo em servidores gigantescos. O CABOL (apelido do CABULOSO ONLINE) é o primeiro sucesso global do gênero a sair da América Latina. Surgiu em 2012, mas começou a ganhar o mundo em 2013, atingindo a marca de um milhão de usuários ativos. Foi por aí que piadas internas e eventos do jogo começaram a vazar para o público em geral, principalmente no twitter (onde eu habito). Cada vez mais eu sentia que teria que jogar para entender o que era aquele fenômeno.

Como se sabe o jogo se passa num futuro pós-apocalíptico (discute-se a data exata) em que a terra está toda devastada, os oceanos subiram e se acidificaram, muitos dos animais que ainda sobrevivem sofreram mutações horríveis. Vou resumir tudo que absorvi lendo o manual e vendo o vídeozinho de introdução. As ruínas dos estados-nações se veem atravessadas por vastos organismos corporativos transnacionais com suas próprias forças militares. A Europa fechou completamente suas fronteiras para estrangeiros e os rumores do que se passa lá dentro divergem, entre utopia globalista e campo de concentração de refugiados do clima. EUA e China são dos pou-

cos países que ainda existem de maneira reconhecível e ambos têm bases militares mal disfarçadas no território brasileiro. Existe um mínimo de normalidade para as elites nos centros urbanos, mas a maior parte do território antes conhecido como Brasil é terra de ninguém.

O fato do jogo ser brasileiro era o que mais me interessava, claro, era inédito um produto nosso fazer tanto sucesso e chamar tanta atenção da imprensa especializada. A empresa por trás, com seu nome de vilã de filme, *Synopticon*, foi criada em 2012 legalmente por um irlandês naturalizado brasileiro chamado Dennis O’Leary. O nome do jogo e alguns elementos do universo saíram de uma HQ criada por um artista pouco conhecido (Gustavo Peterson), mas o verdadeiro programador-chefe e manda-chuva geral do CABOL, segundo todo mundo, seria um tal de Evandro, um paraense misterioso e prodígio, novinho, listado no site da empresa como “diretor criativo”, que não dá entrevistas e nem tira fotos para a imprensa. Me interessava também as várias culturas de nicho que proliferavam ali dentro, desde grupos de feministas adolescentes criando comunas matriarcais no pantanal até as “brigadas do politicamente incorreto”, grupos paulistas e catarinenses que saíam juntos para xingar o outros e agitar bandeiras confederadas e carregar bonecos infláveis dos presidentes da Ditadura Militar.

Quando se cria um avatar novo, você sempre começa em alguma das várias cidades pequenas parecidas espalhadas pelo território imenso do jogo. Tem uma fase tutorial que você pode escolher pular, e que todo jogador mais experiente acha muito enfadonha, mas que eu achei melhor fazer. Nessa fase, todo novo avatar pode escolher se vai focar suas habilidades na força bruta ou nas artimanhas técnicas (ou um pouco de cada). A maioria dos jogadores andava armada até o dentes, mas todo jogador, mesmo os mais brutamontes, precisava ter habilidades mínimas como hacker dentro do jogo a partir de um determinado nível de dificuldade. Não existe nem distribuição nacional de energia e nem uma internet global, existem inúmeras redes elétricas e informacionais menores, algumas criadas pelos próprios jogadores dentro do jogo (é confuso).

Assim como *Minecraft* (outro jogo que conheço pelo meu sobrinho) e vários outros sucessos da época, o jogo lhe permite construir itens a partir de outros itens e de materiais encontrados pelo universo. Essa era a qualidade mais elogiada pelos gringos, inclusive, o sistema de montagem de novos objetos técnicos teria uma abertura muito maior do que os sistemas

disponíveis na época. Como que honrando a brasileiríssima “gambiarra”, as combinações criativas mais improváveis funcionam no jogo, desde botar bombril numa antena para melhorar seu sinal até produzir armaduras com as carcaças de drones encouraçados que se encontra por aí, colando pedaços em caneleiras de futsal e sutiãs.

Se você é desorientado, como eu, o melhor a princípio quando não se tem nem nível e nem equipamento pra lidar com as tantas ameaças é ficar andando pelos territórios mais seguros do jogo, perto das estradas federais e nos centros das cidades maiores, onde a “paz” é razoavelmente garantida por forças estatais e extra-estatais, torres com sniper montadas em todas avenidas e praças principais. O maior risco nessas estradas e periferias urbanas é o de encontrar uma capivara mutante, que é basicamente uma capivara sem pelos, avermelhada, enorme e aparentemente cega. A primeira que eu encontrei me assustou muito, porque ela grita feio e te dá umas dentadas escrotas. Mesmo ela causando pouco dano, eu morri sem conseguir dominar a interface de combate a tempo. Na segunda vez que encontrei uma, eu a espanquei desesperadamente com um pedaço de pau, meu único item, mas acabei ficando com pena ao vê-la desfalecer com um guinchado agudo, o corpo dela tombado entre os destroços de um viaduto de concreto por onde eu andava. A violência do CABOL é quase sempre caricatural, cômica, como num desenho animado. Mas ela também consegue ser feia e triste. Ao contrário da maioria dos jogos, os corpos de NPCs (personagens não-jogadores) não desaparecem assim que morrem. Precisam ser enterrados ou incinerados. A capivara você pode comer, mesmo sendo radioativa, segundo meu sobrinho. Ela te alimenta, mas tira um pouco de vida. Só não pode comer mais de três vezes.

O que mais chama a atenção de alguém desacostumado com esses jogos das últimas décadas é a extensão. O território do jogo é muito, muito, muito vasto.

Desde a versão 2.12, diz o meu sobrinho, com a autoridade de quem parece ter feito pós-doutorado sobre o assunto, o servidor principal reproduz de maneira simplificada a extensão do Brasil, numa proporção mais ou menos cem vezes menor (o que ainda é muito, muito grande, se você para pra pensar, quase 80 mil km²). É o segundo maior “mundo persistente” do gênero, criado num tempo recorde por uma empresa pequena. E essa proporção diminui com cada grande expansão do jogo. Os pontos centrais se mantêm

parecidos, as cidades e territórios mais antigos não mudam muito, mas os intervalos entre eles vão aumentando aos poucos de tamanho.

No meu primeiro dia, depois da fase tutorial, andei por uns vinte minutos no que parecia ser o centro destruído de Fortaleza, minha cidade natal, tomado por uma torcida organizada do Ceará chamada --netos do VOZÃO-- (o tal do Vozão sendo um jogador muito poderoso, nível pra cima de 60, cujo avatar é um velhinho de barbas brancas enormes que vive enfiado no topo de numa torre de metal de altura periclitante construída por ele mesmo em Ondina, em cima de um bunker que delimita parte da praia para seu uso privativo, matando qualquer um que se aproxime demais dela sem autorização com minas terrestres e metralhadoras-automáticas cuidadosamente escondidas).

Reconheci vários cantos Fortaleza ali numa caricatura derruída e em escala reduzida. A avenida Beira-Mar, a Saboia. Supermercados e shoppings revirados e saqueados, com gente morando dentro. A maior parte dos prédios tombada, entulhos cheios de corpos e lixo por todo canto, nuvens de poluição pixelada assentando sobre a cidade no entardecer.

Dia 2

Com algumas horas você vai pegando a dinâmica, as manhas da interface, os códigos impostos pelo jogo e criados pelos próprios jogadores. Há muitas seitas, religiões, guildas, alianças militares e comerciais, clãs e torcidas organizadas dentro do CABOL. Sendo mau jogador e ainda de um nível baixo, a maneira mais fácil de garantir a sua sobrevivência é entrar em algum grupo, o que lhe garante alguma proteção e infraestrutura.

É possível sobreviver os níveis mais baixos sozinho, mas é muito difícil. Quem faz isso ganha mais respeito e se prova como cabuloso de cara, jogador sério. Tu não vê nenhum fanfarrão *upando* sozinho antes de chegar num nível doze pra cima.

Claro que dá maior vontade de tentar ser o sinistrão e jogar sozinho, mas eu tenho que ser realista, jogo mal pra caramba. E o meu interesse é principalmente antropológico e jornalístico, ver o que se passa ali dentro daquela bagunça.

Segundo o meu sobrinho, além das torcidas organizadas de clubes cariocas e paulistas (às quais eu obviamente me recuso a pertencer por motivos éticos), um dos grupo mais disseminados e espalhados pelo Brasil era

o <METAL NOBRE>, que começou como um grupo de metaleiros cristãos, mas havia se expandido até um extenso e poderosíssimo grupo composto principalmente de uma aliança entre motoqueiros e neuropatas (“e não de motoqueiros neuropatas, outra galera, eles odeiam quando confundem”) concentrados principalmente no Centro-Oeste e no Sul. Eles tinham hoje mais de dez mil membros (dos quais, segundo o meu sobrinho, só uns quarenta por cento deviam ser bots).

Eles têm diversas caravanas de dezenas de motoqueiros onde é possível viajar com alguma segurança (“muito difícil alguém ter coragem de tratar uma caravana inteira deles”) por boa parte do Brasil do CABOL, que é exatamente o que eu quero fazer.

Eu tinha reservas de vestir o meu avatar como motoqueiro e ficar ouvindo metal cristão, mas parecia a opção mais prática no momento. Entrei para o grupo, trouxe uma carcaça de capivara mutante como oferenda de inscrição, passei por um juramento esquisito ouvindo um louvor pesadíssimo e logo já tava fazendo parte de uma caravana deles rumo ao Sul. Sentado na caçamba de uma caminhonete, amontoado com os outros novatos (só ganhamos nossas próprias motos depois de duas missões).

>>

16.

<

Se por algum motivo Murilo fosse convocado a falar de si mesmo, a definir de forma sucinta a sua vida, ele diria que vive de segunda mão.

Vivia imaginando, distraído, ao tomar banho ou comer, circunstâncias que o forçassem a fazer isso, situações sempre muito distantes da sua vida real (como entrevistas em algum programa de televisão ou discurso na ocasião do recebimento de algum prêmio).

Com isso ele queria dizer que ele não tinha quase nenhum contato concreto com o mundo e com todo seu espectro ilimitado de experiências possíveis. Aos vinte e quatro anos de idade, ele nunca tinha beijado nenhuma menina (e nem nenhum menino), não tinha desde os doze ou treze nenhum amigo com quem interagisse fora do computador, nunca tinha usado nenhuma droga, nunca nem tinha ficado bêbado de verdade, nunca tinha trabalhado, não estudava dentro de nenhuma instituição, nem praticava nenhum esporte desde sua última aula de educação física no ensino médio e há pelo menos dez anos não saía de Brasília. Murilo teve o hábito de frequentar bibliotecas na adolescência, em especial a da UnB, mas nem isso ele fazia mais, praticamente. Ele nem lembrava a última vez que tinha saído de casa que não fosse em circunstâncias semelhantes àquela de hoje, de procurar algo para comer de madrugada, sozinho, a pé. Aquele era o maior (no sentido de mais prolongado e exigente) contato que ele tivera com a materialidade do mundo na semana.

Para ele, o mundo acontecia principalmente como um fenômeno estético, ele dizia pra si mesmo. Sabe, Jô, Dave, Marília? (ainda na entrevista, fazendo pequenos ajustes, imaginando o ponto fraco dos entrevistadores e de que maneira ele gostaria de agradá-los).

E com essa frase meio pretensiosa ele queria dizer, apenas, que ele assistia ao mundo como quem assiste a um filme. As suas representações coletivas se batendo por aí em polêmicas, campeonatos de futebol, guerras civis, vanguardas artísticas, opiniões aceitáveis e inaceitáveis, ajustes demográficos e expectativas de investimento.

Tudo isso ele assistia sempre do mesmo lugar, a partir do seu computador no seu quarto, diante do qual ele diariamente se esparramava desde às duas da tarde até às seis da manhã, com ligeiras e erráticas interrupções para banheiro e refeição.

Murilo vivia assim há mais de sete anos, desde que fora jubilado da universidade. Em nenhum momento tomou uma decisão explícita de abandonar, foi acontecendo lentamente, a cada nova aula que ele acabava matando por preguiça e um pouco por raiva, por não mais conseguir aguentar o que ele entendia ser a mediocridade e a arrogância dos professores. O tanto que eles não pareciam se importar com coisas que para Murilo eram muito importantes ou claramente não sabiam do que estavam falando, esses dois sentimentos alternando em quase toda aula até ele perceber no fim do semestre que já havia ultrapassado o limite de faltas daquela matéria, e de outra, e de outra (reprovou cinco das seis matérias em que se matriculou por falta, passou com SS na outra, do professor cearense, exigente e simpático).

No segundo semestre ele nem foi atrás de descobrir da matrícula e nem se ele estava ou não em condição. Passou uma semana deitado no quarto, imaginando que a qualquer momento o seu pai ou sua mãe (provavelmente o seu pai) entrariam gritando, não aguentando mais, não aceitando mais o seu silêncio e sua passividade e o forçando a sair da cama e fazer alguma coisa da sua vida. Ele imaginou essa cena em diversas configurações, diversos ritmos dramáticos e roteiros diferentes. Nenhuma delas se sucedeu.

Murilo foi de fato jubilado, a cartinha da UnB pregada na geladeira por meses até a mãe finalmente tirar, e continuou passando os dias no quarto, quase sempre deitado, lendo parágrafos aleatórios de seus livros favoritos, achando que talvez conseguisse retirar deles algum alento. Mas ele não estava exatamente numa situação onde quisesse procurar alento. O que mais parecia era que tudo tinha se esvaziado, estando lá o seu substituto, oco por dentro. Não era nem triste, direito, que triste envolveria alguma cor ou disposição. Era mais um despreenchimento, mesmo, como se o mundo todo estivesse prendendo a respiração há muito, muito tempo.

Essa sensação quando vinha na sua máxima resolução era muito pesada, quase avassaladora. Mas ela só vinha assim às vezes.

>

17.

<<

Eliot não viu quando o homem pousou na lua, nasceu com quase dez anos de atraso. Mas lembrava com frequência do relato deslumbrado dos pais de assistir o evento na televisão enquanto chapados e recém-apaixonados. Kenneth e Susan, os dois hippies de família rica da costa leste dos EUA que despirocaram no final dos anos sessenta na faculdade, viveram de maneira bem solta na Califórnia por anos, até Eliot nascer, e foram se reajustando às expectativas da família aos poucos. Ele se formou em engenharia, ela estudava matemática até largar por causa da gravidez. Os dois foram trabalhar em computação no início da década seguinte.

Ambos falavam com um mesmo entusiasmo saudosista e apaixonado de tudo da época, pra eles certamente um dos auges do espírito humano, desde a ida do homem à lua até os shows do Grateful Dead no auge e o *Mother of All Demos* (A Mãe de Todos os Demos), a apresentação de uma interface gráfica visionária que os dois presenciaram em 1968 numa conferência em São Francisco. Ambos viram ali, juntos, que o futuro estava na computação. Foram bem-sucedidos na área, mas não enriqueceram. Trabalharam anos em projetos grandes que não deram muito certo (ele na Xerox, ela na General Magic), embora sejam hoje considerados protótipos pioneiros por seus pares. Viram diversos conhecidos e amigos ganhando boladas monstruosas ao longo da década, alguns deles em oportunidades que eles tiveram e deixaram de perseguir, muitos deles engenheiros que os dois consideravam menos brilhantes do que eles próprios. Viram soluções suas transfiguradas em aparelhos que venderam milhões de cópias. Nunca falavam diretamente sobre essa frustração, mas ela pairava como um fedor sobre a casa. Criaram o filho para sonhar grande e não se contentar com pouca coisa.

Até os três anos de idade Eliot morou numa comuna, uma das milhares que brotaram pelos EUA naquela época, das muitas em torno de Taos, Novo México. Ele se lembra de andar pelo deserto caçando lagartos o dia todo sem camisa com várias outras crianças e da sensação insossa de dormir numa casa suburbana normal depois disso, de estranhar o tanto que era quieto. Essas imagens retornam agora enquanto Eliot atravessa o deserto

de Nevada num *segway* modificado que pertence a um bilionário amigo seu, Donald. Estão num grupo de seis, agora, cada um com seu próprio *segway*. Eliot é um pouco acima do peso, rosado e ruivo. Tem olhos pequenos que sempre parecem assustados.

Donald é mais velho, sessenta e tantos, sistemático e teimoso. Os dois têm uma relação íntima, codependente, tensa e desagradável da qual Eliot sabe que só vai se livrar quando um dos dois morrer. Um ex-companheiro de trabalho dos pais que age como mentor para ele, já que não tinha filhos. Eliot aceitava de maneira relutante e passivo-agressiva.

Foi dos primeiros funcionários e investidores na Apple, além de ter sido parceiro da mãe dele na General Magic. Eliot devia muito a ele, profissionalmente, mas passava boa parte dos seus dias imaginando agressões verbais nunca concretizadas. Temia e desejava sua morte com igual intensidade.

O grupo que hoje atravessa o deserto é composto por eles dois mais um roqueiro inglês que já passou do auge tem uns quinze anos, com franja e óculos escuros soldados no rosto, acompanhado de sua namorada novinha, uma atriz australiana muito bonita e semi-famosa (de rosto, mais do que de nome) e mais um jogador aposentado brasileiro de futebol que todos descrevem como uma lenda, mas de quem Eliot nunca tinha ouvido falar, com sua esposa modelo. Acima do peso e dentuço. Amigo do roqueiro, parece, embora eles não pareçam conversar além de interjeições e gritos enquanto bebem.

Já fazia bem umas cinco horas que eles tinham tomado os cogumelos, ele sentia o efeito já se dispersar, as sensações mais nítidas e distintas. Era a décima quinta vez que ele vinha naquele festival, *Burning Man*. A primeira tinha sido com os pais, ainda criancinha, em São Francisco. Todo tipo de doido e desajustado se ajuntando para fazer doidura junto, no deserto. Ainda era divertido hoje, quando mais da metade dos presentes eram hipsters genéricos e gente rica desocupada que pula de festa em festa pelo mundo. Tinha mais mulher gostosa, até, e menos daquelas esquisitonas com pelo no sôvaco, que lhe dão nojo. Mas não era mais a mesma coisa. Nem de longe. Eliot lembra com carinho de, quinze anos antes, chorar doido de ácido enquanto contava o drama da sua vida para um terapeuta vestido de palhaço e máscara de caveira, com uma barraquinha igual a da Lucy do Charlie Brown no meio do nada, o rosto dele subindo e descendo, compassivo, o de-

serto avermelhando em volta.

Desde que chegaram, Eliot tinha reclamado muito de como o festival não era o mesmo, mas percebeu que todo mundo tava achando ele chato por causa disso, então parou. Ele checa as duas garrafas de água que está trazendo numa bolsa colada ao corpo, uma com água gourmet finlandesa pura e a outra (com uma fita vermelha amarrada) com água de torneira misturada com MD puríssimo, comprado direto de quem sintetiza. Dá um gole na segunda. Ele era um mestre em administrar substâncias para o desempenho ótimo em festivais. Nas primeiras vezes que ele veio, ainda com os pais, o esquema era acampar, mesmo, lidar com poeira e tudo mais. Até por isso ele ficou um tempo sem ir, não tinha saco. Com os pais dele (entusiastas de trilhas e de autossuficiência em geral, assinantes do Whole Earth Catalog desde o seu início) ou você tinha a experiência autêntica e integral ou era melhor ficar em casa. Ele preferia ficar em casa. Mas agora o esquema desse seu amigo era bem outro, luxuoso até não poder mais, umas tendas com ar-condicionado e banheiro, chef privado, todo quarto cheio de tomadas com adaptador e toalhas cheirosas. Estão um pouco atrasados agora para um “ritual de fertilidade para *startups*” que uns amigos disseram ser tanto hilário quanto instigante. Os seis demoraram muito para sair das tendas, depois de chegar de jatinho de manhã cedo. Estão cheio de coisas já marcadas para fazer e gente para encontrar o resto da tarde toda. Eliot sabe que Larry e Sergey geralmente aparecem, mas disfarçados. Só os amigos próximos são avisados da fantasia. Ano passado eram collants laranjas de corpo inteiro. Eliot não é próximo o bastante para receber a informação, mas era próximo o bastante pra receber o buxixo horas depois.

Antes dos quarenta anos de idade, Eliot era o principal programador e idealizador do hardware de uma tecnologia de realidade virtual que seria, quando lançada, reconhecida imediatamente como a melhor do mundo. Com muita distância. Ele tinha certeza disso. Não à toa a DARPA tinha ido atrás do projeto quando tudo que eles tinham era um rascunho ambicioso, dois anos atrás. Mas bota ambicioso nisso. A grana que eles arrecadaram no primeiro momento, que não foi pouca, tava bem distante do montante necessário para montar um protótipo funcional. Só por isso ele vendeu o projeto, que era seu xodó desde a adolescência. Nunca quis perder o controle total da máquina e do seu uso, mas percebeu que só com dinheiro privado não seria possível. Isto não é uma interface nova, é uma indústria nova que

se cria. Donald explicava com sua cadência condescendente. Mas ele tava certo, Eliot sabia. Foi assim com tudo do Vale do Silício, desde o algoritmo inicial do Google até o Google Earth, as primeiras interfaces gráficas, a ARPANET. Tudo pesquisa estatal, a grande maioria militar.

Diante do comitê parlamentar sigiloso que os visitava na Virgínia de ano em ano, na sede da DARPA, e que hoje avaliava a necessidade de mais investimento, Eliot tentava justificar os custos exagerados. Eles já haviam gastado duas vezes mais do que qualquer projeto existente de realidade virtual. A quantia era tão ridícula de alta que todos no projeto concordavam que era melhor não mencioná-la com frequência. Claro que é uma unha do orçamento militar norte-americano anual, mas ainda assim era muito dinheiro. É que o seu protótipo eleva o jogo pra outro nível, ele argumenta, apresenta todo um outro *patamar de imersividade*. Sempre tentava dar a esse termo, ao falar, a potência quase sensual que detinha para ele. Nunca parecia compreendido.

Enquanto alguns tentavam oferecer uma experiência sensorial completa com luvas trambolhosas de feedback háptico, simuladores de cheiro tosquérrimos, ele foi direto no pacote todo, a torrente de informação bruta ali passando entre a espinha e o crânio, o output inteiro do nervo ótico, os sinais agregados do bulbo olfatório. Todas as alternativas atuais de realidade virtual, perto disso, eram nada. Eram uma piada idiota.

Eliot de início não teve problemas com o contrato rigoroso de exclusividade e discrição, mas com o tempo foi endurecendo a raiva e a frustração de não poder se exhibir com os conhecidos e ex-colegas babacas, ainda mais quando algum deles se vangloriava da IPO mixuruca e ainda assim inflado que recebeu por uma *startup* derivativa qualquer.

Ali no festival, quando a atriz perguntou o que ele fazia e o roqueiro inglês fingiu meio segundo de interesse, sabendo que ali estava mais um endinheirado novinho do Vale do Silício, ele só pode balbuciar que tinha um protótipo no momento sendo desenvolvido por uma agência governamental. Eles não deixam Eliot dizer que é uma realidade virtual inovadora, não deixam nem dizer que é “sigiloso”. Não soa lá muito sexy. Ele sabe. O filho da puta do jogador de futebol dentuço tava engolindo os sushis dois por vez, sem nem fingir que ouvia a conversa. Se eles tivessem visto o mapa de intensidade neural nas áreas de prazer do cérebro durante os primeiros experimentos bem-sucedidos com a máquina de imersão integral intensi-

va (i3, o nome provisório). Aí sim. Aí ele queria ver a cara de desinteresse. Quando uma máquina daquelas estiver em cada casa afluenta da Europa e da América. Se o Jobs tinha virado um mito daquele tamanho por causa de um mísero telefone bem-feito, com aquela tela sedutora ao toque e um design malandro... O que diriam dele? Essas celebridades todas vão querer uma selfie, conselhos de investimento, quem sabe um papel proeminente nas novas indústrias de entretenimento que nascerão da sua máquina. Só as possibilidades de pornografia já deixavam a mente dele inquieta com alguma frequência. Imagina só. Sexo com quem você quiser, quando quiser. A comida, a droga que você quiser sem as consequências pro corpo. Isso tudo não deixava ele dormir fácil e ocupava seus poucos sonhos, quando vinham. O mundo vai ser outro.

Demorou um pouco, mais do que devia, pra Eliot entender que o governo não tava lá muito interessado em entretenimento. Primeiro falaram que iam experimentar com veteranos com trauma de combate. Fazê-los experimentar encenações dos seus traumas para poder separá-los. Não deu muito certo. Agora Eliot acha que nem lhe contam mais o que estão fazendo com seu hardware.

O vento joga areia dentro do seu ouvido e do lenço que protege seu pescoço e nariz, ele para o segway para tentar tirar. Vê o seu grupo se distanciar, um sol laranja derretendo na distância equalizada do deserto. Babacas, ele pensa. Mas vão voltar. O MD estava com ele, afinal.

>>

18.

<

Há anos Murilo vinha formando uma noção de si como alguém que escreve. Era uma noção vasta, mas pouco preenchida, um paletó enorme que ele tentava vestir, mas cuja forma continuava sempre elusiva. E ainda assim era a única coisa que ele sabia com certeza a respeito de si mesmo. Que ele lia e escrevia. Mexia com palavras. Nunca tinha chegado perto de articular aquilo para outra pessoa e mesmo dentro da sua cabeça não gostava de enunciar a ideia diretamente, por achar pomposa. Mas ainda assim aquilo era o fato central da sua experiência há anos.

Murilo percebia que o peso que depositava naquela certeza era talvez excessivo, meio afetado, mas nenhuma outra imagem de uma vida viável se apresentava. Quando ele fazia o exercício mental de pensar na sua vida sem aquela certeza, o que sobrava era nada, uns móveis e barulhos, vultos que não lhe diziam muito.

Depois de mais de um ano que ele não estudava, respondendo com barulhos pouco articulados quando os pais perguntavam dos seus planos para o futuro, o seu pai parou de pagar a internet, dizendo que era a única maneira de fazê-lo sair de casa. Murilo só descobriu quando ligou para a empresa, a mesma da TV a cabo, para reclamar que a conexão tinha caído. A mãe explicou. Ele não disse nada ao pai. Voltou a frequentar as bibliotecas e sebos do plano, relia os livros que tinha em casa, mas também usava sempre que podia o pouco dinheiro que conseguia da mãe para alugar um computador por algumas horas na papelaria desorganizada que tinha perto de sua casa e que há alguns meses funcionava também como uma tímida lanhouse.

Murilo tentou se manter ocupado lendo e assistindo a coisas já baixadas, escrevendo, mas há anos que ele já estava inteiramente acostumado a acompanhar um sem-número de sites e blogs todo dia. O seu agregador de RSS tinha mais de oitenta assinaturas alimentadas com frequência, uma de suas contas de email recebia mensagens de cinco listas de discussão diferentes. Sua cabeça ficava pensando nos volumes de coisas a serem vistas e descobertas brotando pelo mundo e se entulhando sem ele ali para engoli-

-las. Ficar privado daquilo por mais de um dia já era um alheamento muito forte, de se sentir quase literalmente puxado pra baixo, impedido, bem mais consciente do seu exato tamanho (do qual ele se elidia tão facinho, na maior parte do tempo).

Depois de três semanas sem internet, todo o tempo que ele passava em casa era gasto deitado na cama, na meia luz, as cortinas fechadas, em silêncio. Murilo de fato estava profundamente entediado, mas fazia aquilo principalmente para dramatizar o seu incômodo de forma deliberada e ver se conseguia sensibilizar a sua mãe. Ele chegou a ficar mais de setenta e duas horas seguidas deitado, levantando só pra beber água e mijar, sem comer nada além de farelos encontrados pelo quarto. A princípio meio que fazendo uma aposta contínua consigo mesmo, tentando não pensar em nada, depois brincando que estava morto, que aquela era uma consciência precocemente defunta em vida, tentando se retirar inteiramente da sua própria experiência, repetindo pra si mesmo o poema mais longo que ele sabia de cor na época, um do Wallace Stevens que ele traduzia para o português na hora, mal e porcamente, investindo todas suas forças em ser apenas a enunciação daquilo, apenas uma voz que repete o sentido daqueles versos e não o Murilo deitado na cama e montando um teatro lamentável qualquer dentro da sua cabeça.

A cada hora se apresentava de novo um gesto de recapitulação da cena, um pequeno, mas renovado teatro, e ele insistia consigo mesmo, tentava tirar aquele gesto dali. Pedia, quase que implorava, para que ele se retirasse.

A sua consciência oscilava, dormitando, as barreiras do mundo bastante puídas. Depois de vinte horas daquele jeito, a voz na sua cabeça parecia em momentos não ser sua, parecia na verdade não ser nem uma voz humana, parecia uma descrição sem lugar, vídeo rodando numa aba fechada, uma descrição que então tentou fazer quietamente concordar consigo mesma, com sua mera possibilidade. E a sua voz passou a expor de que forma ela própria era possível, como se tentasse assistir à sua própria gênese. Sua visão borrada sem os óculos virada para a modulação lentamente odulante das lâminas encardidas da persiana, silenciosa, num movimento que não era nada.

>

19.

<<

Um homem calvo de sobretudo marrom distinto está sentado há quinze minutos num banco perto da pequena mureta que separa a calçada das pedras e do mar, em Montevideo. Tem olheiras profundas em anéis concêntricos sulcados em torno dos olhos. Lê de novo a placa *Rampa República Argentina*, como confirmação, embora conheça aquele lugar há anos. Parece cansado e ansioso. De tempos em tempos checa o celular, com uma cara cada vez mais irritada. Numa dessas o celular começa a tocar enquanto ele encara a sua tela, o que o assusta e o deixa com uma cara suspeita antes de atender e dizer, em inglês:

—Você sabe o que eu preciso ouvir, então vai. Não me enrola.

—Senhor Rodolfo. Calma. Em primeiro lugar, agradeço a pontualidade. É muito bonito o sobretudo. É Burberry?

Ele se virou pros lados, alarmado. Não tinha ninguém ali por perto, além de um rapaz com tipo de hippie e mullets consideráveis trocando as cordas de um violão.

—Ainda estou um pouco longe, chegarei para jantarmos depois, mas antes de mim chega quem você quer ver de verdade. Eu só não sei se você vai gostar de ouvir o que elas têm pra te falar.

—Pode deixar que eu me decido isso.

Desligou o celular e cruzou os braços. *Eu me decido isso?* Continuou olhando em volta. Há anos ele não ficava mais ansioso de verdade ao encontrar alguém para trabalho e ele tava ansioso agora. Talvez por causa da miopia (que a vaidade não deixava corrigir em público com óculos), demorou bastante para notar o acúmulo de pessoas que havia saído de dois carros discretos, de janela escura. Seis homens e mulheres, todos com a mesma camisa social e calça pretas, todos em volta dos quarenta anos, a mesma circunspecção grave, rodeando um vulto de três cabeças que o homem vislumbrou saber de quem se tratava antes de conseguir de fato distingui-lo, quando os homens e mulheres abriram o círculo e se espalharam em torno dele.

Rodolfo se viu a poucos metros de distância de três irmãs extremamen-

te brancas e velhas, todas diversamente parecidas com rãs, seus crânios pegados em partes (a da direita pegada em cima com a do meio, que pegava na altura da bochecha e pra trás com a da esquerda). Ele as encarava e elas o encaravam de volta. Andavam com muita dificuldade, os braços aprestados uns nos outros, pela idade e pela coordenação aparatosa dos três corpos.

As três tinham óculos escuros, roupas discretas e elegantes de senhoras recatadas, todas entre o bege e o marrom, com cabelos prateados e sorrisos maldosos que oscilavam nas suas pontas.

—Minhas queridas, minhas queridas. Quanto tempo. É sempre uma honra. Vocês falam português melhor que eu arranho e ofendo o espanhol, então eu nem tento.

O homem se aproximou um pouco encurvado, como que pedindo as mãos para beijar, o que elas concederam, a do meio com um sorriso enfiado. Antes dele terminar de beijar a terceira mão, a da esquerda já falou, impaciente:

—Cadê ela?

A do meio respondeu antes de Rodolfo.

—Calma, Tisi.

—Olha, pode ter toda a certeza que estamos movendo deus e o mundo para encontrar. Deus e o mundo. Mas vocês têm que entender as dificuldades de procurar por algo que não se pode dizer pra ninguém o que é. Não é muito fácil. O nosso interesse é o mesmo que o de vocês.

—Você não imagina o que é ficar meses sem ela, dói, dói no corpo todo, disse a da esquerda.

—É como se te amputassem de tudo.

—Não, é pior.

—Deixa de ser dramática, Tisi.

A do meio era a que menos sorria, mas quando acontecia era um gesto mais comprido e reteso, ainda mais sacana do que o das outras.

—Se você não tem informação nova sobre o paradeiro dela, imagino que esteja aqui para mendigar informações você mesmo. Sinto muito, mas você sabe perfeitamente que estamos no escuro aqui. Como todo mundo.

—Até mais, né, eu diria, disse a mais da direita.

Ninguém riu.

—Mas vocês devem lembrar ainda o que aparecia logo antes, não? A criatura sumiu tem um tempo, mas eu não ouço um pio de vocês tem mais tempo ainda.

—Não tem tanto tempo assim, Rodolfo, também não exagera. E estivemos caladas por motivos de precaução. Tivemos muitas leituras erráticas antes dela sumir. Ninguém aqui é irresponsável de ficar criando pânico sem motivo.

—Você já me falou isso, mas o que quer dizer?

—Esse é justamente o problema. Nós não sabemos. Apareceram imagens demais e todas elas instáveis demais na sua apresentação. Nunca tinha acontecido antes.

—Mas que imagens que foram, meu deus do céu? Não entendo a dificuldade de falar. Todo esse trabalho e essa grana toda pra vocês ficarem brincando comigo desse jeito.

—Mais respeito, senhor Rodolfo. Ninguém está brincando aqui. E o senhor é um de vários patronos. Se estiver tão insatisfeito assim sabe com quem falar.

—Eu sei. Mas vocês tem que me dar alguma coisa. Alguma coisa.

Elas se calaram por um instante, até que a da esquerda começou a falar.

—Teve algo que chegou com nitidez, mas depois dela sumir. Uma semana depois. Não sabemos nem como. Eu acho que quem tomou ela foi quem transmitiu. Chegou mais de uma vez. Em português. Pode ser sério, pode ser nada.

—Diz.

A do meio parecia reprovar a ideia, mas não falou nada.

—A-ham. Dois pontos. Tá vindo uma guerra. A lua ambígua tá de galera e o sol tá sozinho com o seu umbigo, cego da sua própria luz, virado de um lado só. Fim da mensagem.

—...

Ficaram em silêncio um pouco, o homem tirando sujeiras antigas do seu

bolso.

—Você falou isso só pra me sacanear, não foi?

A da esquerda não disse nada. A do meio, sim.

—Encontre ela, Rodolfo. O quanto antes. Pro seu e pro nosso bem. Só posso te dizer isso.

>

20.

<

Quando Murilo finalmente se levantou e foi lavar a cara no banheiro pareceu não reconhecer o seu próprio rosto gordinho no espelho, pálido e distante. Foi em seguida assistir televisão com a mãe, sentiu logo o molde habitual de tudo se preenchendo e se estufando de volta, infalível, ainda que com um ligeiro atraso. Em alguns minutos, com um episódio de *Law & Order* chegando à sua conclusão, Murilo sentia que tinha retomado as coordenadas do mundo depois de tê-lo abandonado quase que de vez. Só quando estava tomando banho, horas depois, pela primeira vez em dias, é que percebeu que o que ele havia feito talvez pudesse ser descrito como uma forma de meditação.

Elizete ficou imensamente preocupada com o estado do filho, ainda mais depois de ver que ele preenchia sete dos oito sinais listados no final de um Globo Repórter sobre depressão. Ela se impôs com o pai de uma maneira que não costumava fazer, numa briga que Murilo conseguiu ouvir através da parede apenas a parte da mãe, o pai soando sempre como uma frase curta, monocórdia e indistinta.

(Copo na parede)

—Não tá certo, não tá certo. A gente não pode deixar o menino assim, Válter.

—...

—Mas do que adianta, Válter? Se ele não vai trabalhar, não vai estudar, de que adianta a gente tirar o negócio que ele gosta tanto? Assim pelo menos ele fica se informando, se educando.

—...

—Fica sim, eu vi ele outro dia falando da notícia do jornal da guerra, ele sabia várias coisas sobre a guerra, tudo isso ele vê no computador.

—...

—Tem tudo hoje em computador, Válter, dá pra ver até filme que eu já vi ele vendo. Tem museu, tem tudo.

—...

—Não é só besteira, tem muita coisa que faz bem também. Quê que adianta o menino ficar deitado na cama o dia inteiro?

—...

—Ah não, nem me vem com essa que não é tão caro assim.

—...

—Não fala assim, Válter. Não fala assim, tem coisa que a gente não fala nem brincando.

O pai acabou cedendo, mas parou quase inteiramente de falar com Murilo e como ele desde adolescente tinha o costume de trocar o dia pela noite, eles praticamente não se esbarravam em casa durante a semana.

>

21.

<

—Ninguém está faltando o respeito com o senhor. Por favor, doutor. Todo mundo tá exausto, aqui. Todo mundo quer terminar logo com isso. Nós só queremos que vocês ajudem a gente a entender.

—Ninguém quer foder contigo, aqui. Mas nós não temos como te ajudar se a gente não entender o que aconteceu.

—Como que onze indivíduos da estirpe do senhor agem daquela maneira?

—Num estádio, com milhares de pessoas em volta.

Antes da resposta vem uma bufada cansada e arrogante, prolongada com calma.

—Vocês querem saber mesmo?

—Claro.

—Tá. Eu vou falar, mas não é pra botar isso no depoimento.

—Como assim?

— O que acontece primeiro é que ele entra nos seus sonhos. O índio. Ele e o amigo viado dele.

(silêncio de alguns segundos)

— Como assim, senhor Villela?

— Eu conversei com muita gente, meu amigo, acho que ninguém tava tão investido em descobrir o que tava acontecendo. Isso não começou agora. Por isso que quando meteram a gente junto naquele camarote eu já entendi de uma vez que tava tudo errado. Que tinham armado tudo pra gente. Alguém fez com que a gente — todos nós — tivéssemos um surto ao mesmo tempo, no intervalo do jogo.

—Essa parte o senhor já explicou.

—Calma, tem que entender direito. Todo mundo teve uma dor de cabeça aguda parecida, junto com vozes e umas imagens. E nenhum de nós é doido, não, tudo gente séria, bem-sucedida, importante. E de repente tavam gritando, de joelhos, derrubando vinho. Cada um tava num canto, mas leva-

ram todo mundo junto para uma mesma cabine VIP que tava com defeito. Isso enquanto começava o segundo tempo. Eu já tava com três pés atrás antes, já tinha percebido que tavam mexendo com a minha cabeça. Isso antes do jogo, antes dessa putaria toda. E eu já tinha falado com duas pessoas das que encontrei ali no dia. O Jarbas e o Cristiano. Por isso que quando meteram a gente junto naquela cabine eu já entendi de uma vez que tava tudo errado. E eles todos concordaram comigo que começava com o filho da puta aparecendo nos seus sonhos.

— Calma. Nos sonhos?

— Ou a filha da puta. Eu nem tenho certeza.

—...

— Diz, diz que eu tou doido.

— Como que isso seria possível, o senhor acha?

—Eu não sei te dizer, obviamente. Eu não sou neurologista. Mas não é só isso, não. Uma porção significativa do povo com que falei também confirmou o que começa a acontecer um pouco depois. Uma mesma coisa de todo mundo sentir, assim, uma presença, sabe?

—Como assim? Presença de que tipo?

—Mesmo quando acordado. Te juro que não dá pra explicar de outra maneira. Tu começava a sentir que nunca tava sozinho, que tinha sempre uma outra coisa junto contigo. Sabe aquela sensação de que alguma coisa tá te olhando por trás da tua nuca? Mas não no bom sentido.

—Sei. De que alguém tá te observando.

—Alguém não. Uma coisa.

—...

—Pois é.

—Você teria alguma explicação, digamos, científica para essa sensação?

—Eu já falei que eu não tenho explicação, porra. Fizeram exame e o caralho e não encontram nada na cabeça da gente. Só uma cicatrizinha de nada na nuca. E antes que tu venha com gracinha, não, eu não tou maluco. Se tem uma coisa que eu não sou é maluco.

>>

22.

<

Assim que a internet retornou, Murilo engoliu numa sentada todas as dezenas de atualizações atrasadas, constatou que havia recebido muito menos emails interessantes do que antecipara. Quase tudo spam. Conversou com Fábio e com outros conhecidos, ninguém parecia ter tanta novidade. Ainda assim, mesmo notando que o mundo não havia sentido a sua ausência, Murilo sentia que devorava aqueles itens novos com uma voracidade ainda mais larga, como que renovada pela apreciação de uma condição precária, que poderia deixar de existir a qualquer momento. Não sentiu nem um fiapo de saudade da falta de conexão.

Mas no mês em que ficou sem internet, e particularmente nos dias em que ficou deitado fazendo drama para a mãe e tentando sair da própria cabeça, a atenção de Murilo foi deixada para vagar longamente por si própria, teimando diversas vezes em retornar para um rascunho de romance que germinava silenciosamente na sua cabeça há tempos. Esse rascunho de romance ainda era no momento, abril de 2012, só um .doc com título aleatório (“Rasc 1 vamo lá”) e seis míseras páginas de narrativa dispersa em primeira pessoa. Ainda assim, havia se tornado nos últimos dias o objeto mais importante da sua vida.

Nenhuma outra pessoa sabia disso e Murilo não considerava contar. O fato de ser tão importante e tão recorrente na sua imaginação não significava que Murilo conseguia ter disciplina para escrevê-lo, não significava nem que ele sabia tão bem assim o que era no momento ou o que seria aquilo um dia.

Ainda assim, cada vez mais era só nisso que ele pensava. Tomando banho, deitado na cama antes de dormir, almoçando tarde com sua mãe, mexendo no computador. O problema principal talvez fosse o protagonista, ou a protagonista. A questão era em parte essa, a indecisão dele de definir o gênero da voz que narrava a história. Isso havia adiado outras definições, parecia deixar a voz vaga demais, sua presença diluída, um vaporzinho fiapado pairando sobre tudo sem nunca ganhar densidade pra chover. Era quase como se a personagem não conseguisse convencer Murilo de que

existia de fato. E se não convence nem o autor, né? Suas chances de existir adiante não soam ótimas.

No começo não era deliberado. Só depois de um tempo é que ele começou a achar que aquela ideia podia ser interessante (fazendo uma rápida varredura não achou, aliás, nenhum romance que tenha feito isso, embora imagine que exista algum, algum francês desses bem metido a besta).

A ideia começou a se apresentar com mais firmeza na sua cabeça, escrever um romance em que uma voz de gênero ambíguo descortinasse uma vasta teia de personagens cuja vida ela acompanhasse de maneira vicária, pela internet. Uma premissa que mesmo alguém de vida escassa e principalmente virtual como Murilo pudesse preencher de maneira verossímil, com sorte. Escreva sobre aquilo que você conhece, todo mundo diz, afinal. A ideia talvez fosse boa, ele não conseguia se posicionar fora dela para julgar.

Mas depois de mais de três meses pensando no romance todo dia ele admitiu que havia empacado de novo, não conseguia avançar além de umas quinze páginas ainda bem vagas. Nada parecido com uma trama nem fingia se apresentar. Ainda assim, um título apareceu, um dia, enquanto Murilo limpava a bunda, mal acordado. “Concreto Armado”. Assim inteiriço, como um milho. Ele achou bonito, embora não soubesse que relação poderia guardar com o pouco que já havia escrito no rascunho. No seu rascunho. Murilo ainda não havia contado aquilo pra ninguém.

>

23.

<<

A kombi agora estava detida diante de um sinal na avenida do contorno. Renato se esparrama mais no banco, seu pé de meia vermelha toda esgarçada no dedão já tocando o pára-brisa, arqueando e esticando. Ele parece derivar uma quantidade indecente de prazer desse espreguiçamento.

— Quanto tempo até lá ainda, cê acha?

Milton responde bufando, com um risinho no canto da boca.

— Parece criança. Sei lá. Demora. Pampulha em dia de jogo da copa, porra. Acho que uma hora ainda.

Renato quase reclama, chega a puxar o ar, mas acaba ficando quieto. Quando volta a falar, tem a expressão desativada, como se estivesse só preenchendo o silêncio.

— Milto, já chegaro os negócio tudo, bicho, que a gente falava só de zona dez ano atrás, cê imagina. As parada tudo. Os robô, as realidade virtual sinistra.

— Carro voador que é bom porra nenhuma, né?

— Velho, carro voador seria a pior parada possível, pensa nessa merda. Se carro normal já caga tudo, carro voador acabaria com o mundo em seis meses. Certeza que já inventaram, mas não deixam ninguém produzir.

— Eu tava brincando. Tu ainda tem essas viaje, hein, meu caralho. E aids e câncer também já curaram, né?

— Claro. Câncer não curaro, mas tem uns que eles próprio que inventaram. Quase todo câncer de cérebro hoje é celular que causa, sabia? Assim, coisa de oitenta, noventa por cento.

O sinal abre. Eles andam uns dez metros e param de novo. Renato pode ver na rua que cruza a deles a fachada da padaria BELO PÃO, onde lembra de comer um misto de madrugada, uma vez, com Tamires, e cujo nome e letreiro luminoso em néon azul e vermelho ele acha em igual medida singelos (o uso de néon tendo se tornado tragicamente raro na área metropolitana de Belo Horizonte, ele sente). Renato tem os ombros caídos, agora, e o

resto do corpo vai igualmente derretendo no banco.

— Mas Renato, vem cá.

— Diga.

— Porque que você tá com um pedaço de papel alumínio grudado na nuca? Teus mullets escondem bem, só fui ver agorinha. Assim, que mal lhe pergunte. É sério isso?

O tom entre o jocoso e o preocupado. Tentando não soar tenso.

— Tá tudo muito zoado, Milto. Tenso. Não sei como te explicar direito. Mas tão atrás de mim.

— Tudo tá sempre zoado em todo canto. Sempre teve. E sempre tem alguém atrás de você. Renato. Tu botar papel alumínio na nunca ajuda como, exatamente?

— Bicho. Cê não tem noção. Se eu te disser você não acredita. E tá tudo cacumulando, assim. Tá tudo prestes a estourar, saca? E estourar *agora*.

— Isso é paranoia, só, Renato. E não é nem paranoia boa. Eu te conheço de outras pornochanchada.

— Não, veio, bicho. Sério. Serião. Eu te falei dela. Eu acho que ela tá prestes a fazer alguma merda bem federal, assim. Uma parada de escala estratosférica. A gente tava junto tinha meses, mas ela me deu um perdido tem dias, ficou mentindo que queria que eu fizesse um negócio lá no CABOL. Só pra me despistar, com certeza. E acho que é hoje, acho que é aqui.

— No jogo?

— No jogo. Ela odeia a seleção, a Copa, odeia isso tudo.

— Você exagera demais com essa garota. Ela pode ser brilhante, mas e aí? Tem lá o joguinho dela, esses investimentos esquisitos que tu falou aí, umas máquina que arrumou não sei onde, mas e daí? Vai fazer o quê? Vai explodir o estádio? Até parece.

Renato fala enquanto revira as fitas jogadas pelo chão.

— Cê nao tem noção, Milto, não tem. Não sei nem como começar a te contar. Tem umas coisas que você nem acreditaria, tenho certeza. Ela tá me mentindo, mas não sei direito o quê é que ela tá escondendo. Mas as caralhada que essa bicha já não fez, Milto.

— Ques caralhada, Renato?

— Eu juro que te conto um dia. É danada demais, a bicha.

Renato parece engolir seco antes de dizer, num tom mais baixo.

— Tou com uma impressão horrível de que ela talvez tenha matado uns caras, até.

— Matado? Sério? Quem?

— Isso pode ser só noia minha. Espero que seja. Eu queria te contar tudo, Milton, mas não dá. Pro teu próprio bem, até, acho. Só sei que ela tá escondendo alguma coisa séria de mim. Tenho certeza. Mas não sei o que que é.

— Cê tá viajando, Renato. Quê que cê anda tomando? Ela é toda hacker lá, morou fora, manja dos carteados. É toda turrônica, tu falou, maneja o arco e o caramba, não sei quê, mas e aí? Aquela vez que eu conheci lá na Tamires, ela nem olhou na minha cara. Ela mal consegue falar com os outros.

— Nem lembrava desse dia. E ela não precisa falar com quase ninguém. Não pra fazer os trem que ela faz.

— Cê acha que ela faria um ataque mesmo? No estádio? Tipo uma bomba, sei lá?

Sem responder, Renato encontra uma fita no chão e se acende todo.

— Cacete, isso aqui é o que eu acho que é?

Antes que Milton pudesse ver qual era a fita, Renato já a havia enfiado no tocador. Uma batida rápida começa a tocar com força:

— THIS IS BLACK ALIEN AND SPEED, ORIGINAL RUDE BOYS FROM NITERÓY TIRANDO O S DO PEITO DO SUPERMAN SEM ESTRESSE.

— Ê, saudade. Já te falei que eu conhecia eles lá em Niquiti, né?

— Só umas duzentas e doze vezes.

— Miltinho cê não teria um salve, não, meu mel? Alguma coisa tem que aliviar essa tensão toda aqui.

— Tu acha que eu sou o quê, Renato?

— Isso dizendo que que sim ou que não?

>>

24.

<

Válter havia sido um homem muito bonito, segundo o testemunho das fotos distribuídas pela casa. Tinha um rosto de linhas fortes, um queixo largo e imponente e um bigode que parecia exalar autoridade moral. Murilo mal conseguia ligar aquela figura das fotos com a atual, quase inteiramente careca e barriguda, grávido de doze meses, os dentes se gastando uns nos outros e o rosto quase sempre fixo numa contrição de tédio, incômodo ou desprezo. Murilo lembra de temer muito os humores do seu pai desde novinho e de encontrar na sua cara enfezada um terrível índice de que coisas ruins estavam se operando na casa, no mundo. Isto durou mais ou menos até os seus treze para quatorze anos, quando ele percebeu, numa esquisitíssima reversão, um dia, na estrada pra Governador Valadares, numa lanchonete, enquanto ele assistia a televisão pregada na parede passando o jornal, que a cara de enfezado do seu pai parecia principalmente assustada, de um bicho acuado por forças que ele não entende.

Murilo sabia com quase toda certeza que o seu pai cumpria um quadro clínico grave de depressão. Ele percebeu isso com treze anos, mas não soube como falar isso para ninguém. Chegou a fazer alguns comentários que talvez fizessem o próprio pai perceber, trazer para as refeições comentários sobre tratamentos psiquiátricos, mas o pai nunca entendeu ou escolheu ignorar. Há muito tempo que ele não passava nem perto de considerar a possibilidade de falar alguma coisa. Hoje em dia Murilo tinha de fato dificuldade até de pensar na figura do seu pai se encaixando dentro de um contexto formal ou abstrato qualquer que fosse. O fato do seu pai ser daquele jeito que ele era parecia natural e imediato demais à sua experiência, algo anterior a qualquer nomeação e ciência discursiva, pra entrar dentro de qualquer caixinha.

O seu pai sempre tinha sido aquela figura que não dormia, não via graça, não tinha gosto nenhum ao comer, embora o fizesse de maneira compulsiva. Aquele que via as situações se desenhando na sua pior configuração possível, que parecia se sentir desconfiado de absolutamente qualquer manifestação humana que encontrava, desde uma reportagem sobre um aten-

tado terrorista, o resultado de uma partida do Vasco (para quem ele torcia com o mínimo envolvimento anímico possível, expresso em resmungos irritados e movimentos aparentemente irônicos das sobrancelhas, principalmente quando o time ganhava) ou uma música melosinha de MPB que tocasse no rádio.

Tudo para ele era armado, manipulado, vazio, mas ele mesmo não parecia entender armado por que, manipulado por quem. Ele apenas sentia as cordas dos títeres, as intenções recostadas por detrás de tudo, as várias formas através das quais tudo podia ser desmontado e desmistificado. E erguia, portanto, um mesmo cinismo manco diante de todos os vultos que montavam na sua frente.

Murilo recebia aquelas impressões do pai desde cedo sem conseguir compreendê-las, sem conseguir articular a partir delas um mundo que fizesse muito sentido.

— Esses picolés é tudo artificial. Esse gosto de limão que você ta sentindo é de mentira. Não é de limão isso aqui. E isso aqui não é de uva.

Murilo concordava com a cabeça e lambia o picolé sem entender de que forma que aquele gosto de limão não era um gosto de limão.

Lembra que quando mais criança se impressionava muito com essa disposição, que a princípio lhe parecia prudente e sábia, bem superior à dos outros adultos, que tolamente pareciam acreditar em religiões, países e políticos e em diversas outras coisas que, para ele, jamais pareceram muito convincentes, na verdade sequer lhe chegavam como alternativas suficientemente bem apresentadas.

Assistindo ou lendo jornal o pai tinha sempre a mesma expressão fixa de escárnio, que esperava as notícias apenas para confirmar um sentimento que já estava ali, pronto, aceso. Ele negava com a cabeça e fazia cara de quem ridicularizava tudo aquilo que lhe diziam, todas aquelas mentiras ridículas e mal armadas. Eles passavam com frequência de carro por uma obra perto da ponte das Garças que estava inconclusa há anos, embargada. Pelo menos um terço das vezes que passavam, seu pai repetia aquela expressão e dizia.

— Lavagem de dinheiro, isso aí.

Murilo não entendia como isso era possível, mas ele também não tinha

tanta certeza assim que sabia direito o que era lavagem de dinheiro. Apenas anos depois é que ele perceberia que o pai apresentava aquela explicação pra uma porção considerável dos fenômenos que lhe pareciam suspeitos de maracutaia (o que acabava sendo essencialmente qualquer atividade que envolvesse dinheiro e mais do que cinco pessoas).

Ele consegue com muito esforço se lembrar de uma época em que seu pai parecia fazer algum esforço de educá-lo, de funcionar como uma figura paterna tradicional que explica a notícia do jornal, fala pra criança ser educada e cumprimentar o moço. Válder sempre teve dificuldades de ser carinhoso, mas desempenhava esse papel de educador severo de forma muito direta e atenta. Murilo consegue também se lembrar mais ou menos de como esse comportamento foi rareando e perdendo a convicção por volta dos seus onze ou doze anos, até parar inteiramente, sem que ele entendesse o porquê.

Quando ligeiramente mais velho, tentando reconstituir o que aparentemente se passava entre ele seus pais, Murilo achou que percebeu algo que até hoje ele mantém na sua atenção. Algo que ele recupera, às vezes, como uma explicação pequena e certa de como a relação atual se configurou. A retração do seu pai parecia ter algo a ver com a sua própria inteligência, que começou a explodir bem por essa época e com a mania que ele começou a ter de corrigir o pai quando percebia que ele estava equivocado a respeito de alguma coisa. O que começou a acontecer com frequência. Ele tentava ser gentil nas suas explicações, mas logo percebeu que estava só irritando.

Murilo há muito tinha abandonado o hábito de anotar as coisas manualmente, mas ainda tinha muitos cadernos antigos guardados no quarto, gavetas inteiras antes reservadas a calçados e hoje cheias de papéis mal amassados transbordando os cantos. A maioria das folhas continham listas, fichamentos e exercícios de alguma língua que estivesse tentando aprender, todos auto-impostos, que ele estabelecera pra si mesmo entre os dezesseis anos e os dezenove.

Mais ou menos nessa época ele também começou a escrever breves relatos autobiográficos, geralmente a respeito de aspectos objetivos da sua vida. Esses relatos não tinham método e nem organização, encontravam-se dispersos entre as outras folhas.

Enquanto tentava encaixar de volta uma de suas gavetas, emperrada

por um acúmulo de papeis amassados, Murilo encontrou uma folha de quatro lados que parecia ter no mínimo uns seis anos, com traços distintos de poeira marcados com força:

>

25.

<<

Meu pai que me criou, e criou mal, então, até meus dezesseis anos, quando eu vazei de casa e do Piauí. Ele tinha acabado de vender a opala, ouvi ele falando com um amigo no telefone que ia beber aquilo tudo. Esperei ele ir pro bar, peguei um pouco mais de metade da grana, que eu também não sou tão desnaturado de levar tudo, juntei minhas roupas numa mochila e peguei o ônibus noturno pra Teresina, de lá outro pra Fortaleza. Foi estranho porque não cheguei a planejar. Eu pensava vagamente em sair de Pedro II desde moleque, mas nunca tinha feito nenhum plano concreto. Mas assim que ouvi ele falando em beber aquele dinheiro a raiva me deu o encaixe do que eu devia fazer. Foi como num filme, a montagem apenas me levou, sem palavra nenhuma na cabeça, a botar o dinheiro na mochila e ir embora. Talvez eu tenha narrado o que eu estava fazendo pra mim mesmo, no máximo “ele pega o dinheiro e põe no saco vazio de pão, ainda com farelos no fundo”. Eu falei pra mim mesmo que o motivo era pra ver o show do Nirvana no Rio de Janeiro. Eu achava que Kurt Cobain era um deus. Era janeiro de 1993. Eu ainda não me chamava Renato.

Tarado eu sempre fui e sempre tive alguma clareza disso desde muito novo. Mas também sempre fui muito travado na frente dos outros. A gente estranha umas culpa, umas vergonhas, que ficam mesmo depois que a gente vê que é um caô do caralho. Lembro da minha mãe falando pra eu não ficar mexendo no peru quando eu era molequinho e de achar aquilo estranhíssimo. Como que não mexia? Por que? Tava lá era pra mexer, Deus que mandava. Lógico. Mas até sair de Pedro II eu era muito tímido. Todo mundo sabia quem eu era, tinha me visto crescer. A minha vontade de transar com todas as coisas que existiam parecia impossível de se manifestar ali naquele lugar. Eu tinha muita vergonha de todo mundo que me conhecia. Eu ainda não entendia, mas era isso que tinha me tirado de lá.

Espichei rápido e fiz um buço grosso, com quinze eu já convencia que tinha dezoito, uma lombriga alta, desossada e invocada. Era só fazer uma cara preocupada ou de quem tava puto, deixar a testa assim emburrada. Pra poder economizar mais o dinheiro fui vindo de carona desde Fortaleza,

pela costa, parando uns dias aqui e ali. Paguei hotel de beira de estrada por alguns dias, dormi um dia numa praça de cidade pequena, junto com dois cachorros sarnentos. Eu me achava esperto, já tinha apanhado na vida, já tinha visto algumas coisas. Mas eu morava em cidade pequena, não sabia merda nenhuma do mundo.

Depois de uma carona curta pra fora de Fortaleza com uma família que insistiu em me levar mesmo o carro tando cheio, fui com o Cláudio, um caminhoneiro viciado em Roberto Carlos, até o finzinho do Ceará, onde ele parou pra dormir com uma viúva que sempre visitava naquela rota. Era nove da noite e o fluxo tava ralo, empaquei por ali. Não tinha hospedagem em lugar nenhum na única rua da cidade.

Fui andando pela estrada confiante que conseguiria alguém, como tinha conseguido até aquela hora, mas a noite foi se arrastando e nada de aparecer, as pernas já reclamando, tive que procurar lugar pra dormir pela estrada. Achei um velho de barba desgrenhada e camiseta do São Paulo que tinha uma barraca improvisada de lona amarela perto dum posto de gasolina. Ele próprio me chamou e disse que eu podia ficar com ele, que devia chover. Não tinha nuvem nenhuma no céu. Chamava Abraão. Eu ofereci um biscoito que eu tinha comprado no posto. A gente conversou um pouco e ele me deu uma cachaça vagabunda que eu tomei mais por educação. Acordei com ele revirando minha mochila, que eu tava usando de travesseiro. Reagi e ele me bicou na boca com toda força. Eu puxei a mochila e ele, que já tava com a mão lá dentro, puxou o saco onde tava parte do dinheiro. Tentei alcançar o braço, mas ele me bicou de novo no peito e correu pro mato rindo. Eu desmontei a barraca dele e mijeí na lona, cuspiendo o sangue que tava empoçado nos dentes e xingando alto. Tinha uns oitocentos reais naquele saco. Mas tinha mais dinheiro enrolado num papel no fundo da mochila, e um rolo menor dentro da minha cueca. Depois desse dia eu passei a ficar muito mais ligado. Foi o primeiro de sucessivos cabaços rompidos.

>>

26.

<

“O meu pai é feito dos jornais que ele lê, ouve e assiste. O Jornal Nacional enquanto janta, rádio do carro fixo na CBN. E todo dia no café o Correio Brasileiro e a Folha que ele desdobra com paciência (ele tanto odeia quanto respeita mais a segunda). Sempre respondendo a tudo em voz alta, com irritação progressiva.

É muito estranho o tanto que o vocabulário que ele usa e a maneira dele entender praticamente qualquer coisa vêm desses quatro ou cinco lugares. Não é que ele concorde com o que se diz nos jornais, ou mesmo acredite em boa parte deles, ele parece achar todos mentirosos, comprados ou manipulados (por forças distintas). Mas é daquilo que o mundo é feito, pra ele. É daquelas peças.

O pai tinha também exatamente quatro eventos ou série de eventos que ele lembrava, arroteava, remóia e comentava todos os dias desde que consigo registrar (10, 11 anos?).

Em ordem crescente de frequência semanal de menção:

1. Decisão de não tentar jogar bola profissionalmente pra estudar pra concurso e acabar passando em um de nível médio do Senado;

2. a derrota da seleção de 82;

3. a sua demissão e derrocada na carreira interna de servidor de nível médio da documentação e arquivo depois de uma insubordinação sua que ele nunca esclareceu;

4. as derrotas presidenciais de Lionel Brizola.

Parece muito claro, quando o pai fala sobre esses assuntos, que ele não os está dirigindo para a gente. Eles precisam ser expelidos, mas o fato da irrupção nos alcançar é inteiramente acidental ao fato de que esta é uma casa pequena. Saem de maneira tão impessoal e fatal como suor ou chuva.

Era o Brasil, quase sempre, que lhe ocupava. Ele também se irritava com o resto do mundo, mas nada lhe irritava tão profunda e agudamente quanto a

condição precária e insatisfatória de tudo que se dava por aqui, em qualquer esfera e em qualquer canto (seja no saneamento básico ou na zaga do Vasco).

O pai também tem muita dificuldade de configurar e explicitar pra si mesmo a relação estranha que ele tem com a seleção brasileira. Ele odeia a CBF e quase todos os jogadores mais novos, então quase não acha que faz qualquer tipo de sentido direito ficar se exaltando ostensivamente por causa daquele troço.

Mas quando vinham os jogos da Copa dava para ver na cara dele, no corpo crispado ali com as pernas meio levantadas e uma mão segurando a outra, que aquilo lhe era muito importante. Ele odiava a seleção do Parreira mais do que quase qualquer coisa (na lista de coisas mais citadas por ele que eu mantenho 2005-2006, Parreira é a segunda coisa que mais aparece na nuvem de associações de Ódio), mas quando o time perdeu da França ele desligou a TV imediatamente (na verdade, faltando segundos pro juiz apitar), apagou a luz da sala e ficou em silêncio, convidando, sem tanta sutileza, com a sua aparência ali (sem camisa, as duas mãos pensas no próprio peito, numa contração que parecia desconfortável e que ele manteve por umas três horas) que a gente também ficasse em silêncio.

A mãe ligou de volta a luz quando era umas oito e meia. Mas quando colocou no jornal e eles foram passar a notícia ridícula sobre a derrota (como se todo mundo não já soubesse), ele não aguentou e ficou gritando com o William Bonner por muito tempo de como a culpa era toda dele, toda dele. Pela presença do Roberto Carlos na seleção brasileira, pela derrocada moral e cívica a que estávamos todos igualmente submetidos, pela absoluta falência anímica a que aquele filtro raso, desonesto e vazio, pipocado de mulher gostosa e carro, quase que só, havia trazido a nação brasileira.“

>

27.

Semanas depois da reunião com Silvinho, Nílson foi informado de véspera pelo chefe que iria para o Rio de Janeiro. Chegando lá, numa manhã quente de março de 2014, foi informado pelo jovem que o recebeu no aeroporto que deveria encontrar na piscina do Copacabana Palace um homem “excepcionalmente branco de quarenta e poucos anos, olho bem azul, magro, roupão também azul”.

Já ficou irritado com a descrição, considerando o contexto todo. Tanto o jovem que o recebeu quanto o seu contato eram parte do destacamento enorme norte-americano de inteligência que tinha desembarcado meses antes da Copa para tratar da segurança de toda a delegação. Tudo azeitado diplomaticamente antes, embora tenham chegado, sem explicar, com o dobro de agentes que haviam requisitado. Silvinho, que amava os ianques, mas também suspeitava de todo mundo, dizia que deixar inteligência estrangeira entrar significa não saber nunca se eles saíram ou não. Estavam lidando diretamente com as autoridades locais de cada jogo, mas haviam requisitado também encontrar com Nílson, especificamente. Quando disseram que ele estava à disposição em Brasília, foram informados de que no Rio seria mais eficiente e que eles pagariam a passagem. A pessoa que entrou em contato fazia questão de não dizer o próprio nome. Nílson ficou puto com a arrogância e a desconfiança, mas em parte estava feliz de ter sido chamado. Todo mundo no escritório tinha ficado perplexo, ninguém levava ele muito a sério, em parte porque todos sabiam que ele tinha sido pego no trabalho jogando (na verdade, constataram pelo monitoramento interno que ele tinha usado a máquina do trabalho para jogar CABOL por quase duzentas horas nos seus primeiros meses de trabalho).

Pelo que conseguiu entender, os gringos estavam interessados no Renato, como se achassem que ele precisava de um acompanhamento específico da inteligência anti-terrorismo. Isto soava ridículo para Nílson, mas ele não disse nada para seus superiores. Era melhor que achassem, por enquanto, que ele estava metido em algo importante.

A piscina estaria vazia não fossem três crianças loiras francesas brincando sem fazer barulho e duas senhoras repuxadas reforçando um bronzeado já reforçado. Foi fácil encontrá-lo num canto, comendo e lendo no seu

iPad. O roupão monogramado T.A.

Quando chega na mesa Nilson se apresenta, timidamente, um pouco irritado de não saber como chamá-lo. O homem, que de fato é excepcionalmente branco, de um rosa pálido, está engolindo uma garfada de peixe. Ele fala segurando um guardanapo no canto a boca:

— Desculpa a pressa, mas estava faminta. Pode pedir o que quiser. Minha conta. O peixe é meio sem graça.

— Tranquilo, imagine.

Nilson ficou surpreso com o português, que era truncado mas bem falado, vogais enunciadas de maneira muito deliberada. Mas antes que isso pudesse reverter um pouco da antipatia, veio uma frase seca e atravessada:

— Eu não sei o que te contaram, mas você não sabe de quem você está lidando, ok, meu querido. Big leagues. Como fala? Primeira divisão. Estamos lidando com uma situação da maior gravidade e urgência. Utmost. Você sabe por que te chamamos, em especial, sim?

— Sei. E olha, com todo o respeito, não nos falamos tem anos, mas eu conheço o Renato tem muito tempo. Ele é meio maluco, sim, com algumas ideias radicais, mas nunca me pareceu perigoso. O que é que vocês sabem que eu não sei?

— É pra isso que você está aqui. Quero te informar do maneira adequado para você entender a importância do sr. Renato. Mas sim. Ele é um peão. Ou um coringa, não sei qual figura de jogo é melhor. Quem puxa os fios é ela.

— Ela quem?

— Ela. Infelizmente não tenho um nome para te dar, só vários codinomes ultrapassados, porque ela não se repete. Quando eu a conheci, no Canadá, ela se chamava Eva Gomes, mas tudo indica que era um nome falso. Ainda não descobri o de batismo. Estou no rastro dela há mais de dois anos. Toronto, interior da Bolívia, Shenzhen. E de repente surge no radar essa figura aqui.

Nilson pega das mãos do homem um tablet e vê a foto de um garoto com tipo meio de índio, os braços cruzados, de camiseta cinza e a cara enfezada numa foto tirada de longe, cigarro de palha nos dedos. A matéria dizia CRIADOR DE JOGO BRASILEIRO QUE É SUCESSO MUNDIAL FAZ QUESTÃO DE FICAR NOS BASTIDORES.

— É ela. Eu tenho certeza. E ela está planejando algo grande.

— Você diz esse tal de Evandro, o criador do Cabol? Já li uma matéria sobre. Parece uma figura interessante, mas não parece ter nada de radical.

— Eu sei que você tem intimidade com o jogo. E não é ele, é ela. Estou te dizendo. Eu reconheço esse rosto tão bem quanto o meu próprio. Ela trabalhou na indústria *gamer* no Canadá por anos, desde o final da adolescência. Até ser recrutada por mim para desenvolvimento de estratégias contra ciber-terrorismo.

Nílson tentou modular como podia uma cara de quem estava impressionado. Se fosse pra aguentar a arrogância daquele cara que ele pelo menos explicasse alguma coisa. Que que o criador do CABOL teria a ver com a copa, com o Renato, ou com qualquer coisa?

— Já conversamos demais aqui. Ainda estou cansado do vôo, vamos para o meu quarto.

No elevador, Nílson fez o possível para não transmitir nenhum conforto ao lado daquele homem tão desagradável e satisfeito consigo próprio. Seu corpo estava crispado. O homem branco deslizava pelos corredores com o seu roupão, cumprimentando os funcionários e hóspedes com a mesma amabilidade de quem os conhecia todos há muito tempo. Quando entraram no quarto, enorme e luxuoso, com um pé direito monumental, ele fez um meneio com a mão para que Nílson se sentasse na poltrona, recostou-se na cama e voltou a falar com seu tom grave e deslumbrado.

— Isso obviamente não pode sair daqui, não pode nem sair para seus superiores, ainda, por favor. É sério.

— Claro

— Tenho motivos para acreditar que ela faz parte de um grupo terrorista internacional responsável por roubar tecnologia e inteligência militar experimental. Coisa pesada.

Ele pareceu esperar por uma pergunta de Nílson, que não veio.

— Implantes neurais com nanotecnologia de malha transorgânica que você injeta com seringa na nuca, tecnologia experimental de gravação e reprodução de ondas cerebrais e ainda mais coisas que não posso nem te falar.

Ele fica calado por uns cinco segundos, examinando as unhas. Como se

esperasse ser perguntado.

— Tem um item específico e muito importante sobre o qual ninguém fala nada, nada. Nem pra mim, acredite. E olha que eu tenho acesso aos níveis mais profundos de segurança de todas as agências que importam.

Nilson concordou com a cabeça, tentando esconder um pouco do desprezo que estava sentindo. Do que diabos esse filho da puta tava falando? Tecnologia militar? O Renato era um palhaço de internet. Mal sabe trocar uma lâmpada. Na época que o conheceu, cheirava e bebia tudo e transava com tudo que lhe passasse pela frente. Um palhaço maluco, até meio tram-biqueiro, digamos (teve lá aquela fase de terapeuta místico-tântrico que puta que pariu), mas um palhaço. Que viagem da porra.

— Pouco tempo depois, eu começo a ouvir uns boatos dos meus amigos no Vale do Silício. Eu tenho muitos, sabe? Percebi cedo que o futuro da inteligência tava ali, que o futuro todo tava ali, na verdade. Isso no final da década de noventa, ainda. Me aproximei das pessoas certas e ajudei muito mais do que imaginam a fazer os dois mundos se comunicarem direito. Hoje se o Google e o Facebook entendem a função que eles têm na nossa defesa nacional, se a Apple e a Microsoft produzem tudo com um *backdoor* prontinho pra nós, é muito por minha causa. Diretamente por minha causa.

Nilson tentou fazer uma cara de impressionado pra fazer a história continuar. Filho da puta convencido do caralho, tinha toda a pinta de estar mentindo sobre aquilo tudo. Ou então era maluco. Acha que tá impressionando quem?

— Mas enfim, como eu tava falando, estou sempre com meu ouvido no chão para ouvir manadas de búfalos ou movimento de tropas. E comecei a ouvir uns boatos nos últimos meses. Você não imagina a quantidade de doido que fica gravitando em torno desses bilionários. Gurus do transhumanismo, da informação livre e orgânica. Cada um com uma *bullshit* mais mirabolante. Os que fazem mais sucesso são os que falam pros milionários e bilionários o que eles já querem ouvir.

— E isso é o quê?

— Que eles vão viver para sempre.

O homem gargalhou pela primeira vez, um riso estridente e abafado de hiena, muito mais desagradável do que Nilson poderia conceber de ante-

mão. Não conseguiu esconder uma cara de repulsa, mas o homem não pareceu notar.

— Mas enfim. Sei que tem gente oferecendo essa máquina que ela roubou pros usos mais escusos. Tinha até algum charlatão jurando que com ela você podia recuperar ondas neurais de gente morta há milhares de anos, imagina. Até eu, que sou brilhante, mas sou leigo tecnicamente, consigo perceber que era mentira. Conseguiram convencer uns bilionários a usar, um deles me jura que viveu umas horas de Roma no início do Império. Um homem adulto e poderosíssimo me disse isso, imagina. Você nem imagina quem. É um golpe, claro, só não sei como e quem está fazendo. Parece estranho para um grupo de inclinações anarquistas ficar vendendo tecnologia militar para alimentar as fantasias de poderosos entediados. Talvez a tecnologia também tenha vazado ali por dentro mesmo e não tenha conexão com o vazamento maior.

Ele parecia realmente estar se perguntando, a cara inquisitiva e absorta. Quase — e Nilson não gostou de constatar isso — tesuda.

—Enfim. Essas são as hipóteses iniciais de trabalho.

Nilson ficou olhando pra ele, sem saber o que dizer. ‘Estranho’ nem começava a descrever.

— Ainda não entendi o que o Renato tem a ver com isso.

— Eu me encontrei ontem com senhores muito prestativos da sua polícia federal. Eles acreditam que Renato talvez seja um dos responsáveis pelo sequestro de seis indivíduos, entre eles uma juíza, um senador e alguns empresários. Todos eles passaram de um a três dias num sítio sendo submetidos a comportamentos degradantes que os psicóticos responsáveis chamavam de educação. Nenhum deles foi fisicamente torturado num sentido convencional. Um deles lembra de injetarem algo na sua nuca quando achavam que ele estava desacordado.

— O Renato? Você tem certeza?

— Absoluta. Eles só chegaram na figura dele porque um dos sequestrados por acidente encontrou um vídeo dele no Youtube. Havia muitos, mas foram deletados no ano passado. Ele foi visto pela última vez em São Paulo, ano passado, mas no momento está foragido da justiça. Nunca teve conta bancária nem de celular no seu próprio nome. Você saberia lugares onde ele

poderia se esconder? Amigos próximos, familiares.

— Consigo pensar em um, sim.

— Ótimo. Vá lá. Outro coisa. Vocês têm essas agências aí do governo de meio-ambiente e dos animais, tem como você ir atrás deles para descobrir ocorrências estranhas nos últimos meses?

— Que tipo de ocorrência estranha?

— Se eu já soubesse te diria, óbvio. Qualquer coisa fora do normal, talvez coisas que estejam até abafando na imprensa por ser esquisita demais. Eu ainda não posso te explicar o motivo.

— Tá bom. Vou ficar atento.

Agora Nílson tinha certeza. O cara era doido, mesmo. É bom que ele não precisa nem se preocupar em encontrar o Renato de verdade.

— Um último coisa: houve uma tentativa fracassada de roubar o exemplar original do Popol Vuh em Chicago, três meses atrás. Você conhece o Popol vuh?

— Não.

— É o livro sagrado do povo Quiché. Talvez o maior códice de mitologia pré-colombiana. É ao mesmo tempo uma cosmogonia, um relato genealógico de várias famílias e uma história de aventura de dois irmãos gêmeos que vingam a morte dos pais no inferno. E você sabe como que se dá a luta deles com os senhores do inferno?

— Não.

— Num jogo da bola. Percebe?

Nílson tenta fazer uma cara de quem percebe.

— Tou esperando o segundo sapato cair. E agora tenho quase certeza que ela está preparando alguma coisa para a copa.

Nílson fingiu que estava anotando aquilo num bloquinho de notas. Era pra levar aquilo tudo a sério?

>>

28.

<

Murilo foi um adolescente esquisito, cabeçudo e tímido, dado a mastigar agressivamente o interior da sua bochecha e ficar parado no canto pensando ou lendo de uma forma que convidava os outros a achar que ele havia tido um troço.

Dos quatorze aos dezessete anos ele teve fincado bem no centro da sua cabeça o fato de nunca ter beijado ninguém e nunca nem ter passado muito perto. Pensava nisso durante boa parte do tempo que gastava na escola, que era boa parte da sua atenção desperta. Ele estudou dos seis até os nove em uma escola privada perto de casa. Mas teve que mudar para uma pública depois dos dez, os pais não disseram o motivo e ele nunca perguntou. E ainda aconteceu de Murilo fazer um teste e ser adiantado um ano. Chegou na escola nova sendo de longe a menor pessoa na sala, virou logo um mascote infantilizado que os colegas alternavam entre adular e humilhar. Ele mesmo quase nunca conseguia distinguir os dois atos. Todos, desde os mais extrovertidos e populares até boa parte daqueles mais tímidos de quem ele era mais amigo, logo se viram metidos naquela interação histórica de pequenos namoros e ficadas e escândalos e corações partidos.

Murilo simplesmente não entrava nesse mundo, não participava nem da forma vicária dos moleques tarados, solitários e introvertidos, como muitos. Havia várias outras formas através das quais ele não conseguia participar dos índices de normalidade do mundo, mas aquele ali era o que mais lhe constrangia. Não ajudava nem um pouco que ele tivesse sido adiantado aquele ano, tornando sua estranheza mais infantilizada e ainda mais distante dos outros.

Era como se ele vivesse fora daquelas coordenadas, daqueles termos. Foi a partir dos doze, quando as conversas dos meninos que sentavam perto dele, no fundo, começaram a girar em torno de sexo, que ele percebeu o quanto ele era diferente de todo mundo.

O tanto que aquilo era difícil de entender lhe incomodava, ao ponto que aos poucos começou a se tornar, digamos, o fato operativo mais importante da sua vida, aquilo que servia de índice para maior parte de suas experiên-

cias. O tesão e a sua falta.

A preocupação era sempre meio abstrata, porque ele nunca de fato encontrava alguém que o interessasse concretamente, nunca se sentia atraído de verdade pela figura de nenhuma garota. Ele tentou convencer a si mesmo de que gostava de uma menina chamada Ana Luíza, mas ele mal conseguia lembrar o rosto dela à noite, quando ia dormir e tentava montar alguma pequena narrativa satisfatória onde os dois se envolviam e as pessoas todas descobriam assim que acontecia, tomando nota de diversas maneiras (meninos da sua sala o encarando de longe com expressões mudas de respeito).

Ele nem chegava a entender exatamente como que o desejo sexual se apresentava, com que peças que aquela coisa tão poderosa se montava (e achava que devia ser apenas questão de tempo até participar daquele mundo, talvez até um troço hormonal qualquer, mas os anos se passaram e nada). Tentava simulá-lo com imagens que ele tirava da televisão e do computador, de excitação esportiva e sexualidade vaga de comerciais de perfume, mas sem muito sucesso. Imagens explicitamente pornográficas eram cômicas demais pra que ele sequer tentasse (ele só pensava em glândulas e ímpetos evolutivos quando via um pênis ou uma vagina).

Murilo viveu por anos agoniado com a perspectiva de alguém perguntá-lo se ele já tinha ficado com alguém. Isso só aconteceu de fato duas vezes. Numa delas ele simplesmente não respondeu, virou as costas e foi embora, o que foi claramente a pior maneira de lidar com a situação, pela hilaridade histérica que ela causou, e na segunda ele mentiu, disse que tinha uma namorada no interior de Minas, de onde era a família de seu pai. Fabíola (Fabíola?, ele não sabe deonde veio esse nome, talvez daquela skatista famosa).

Depois de responder do mesmo jeito três vezes, Murilo achou que seria uma boa ideia dar um pouco mais de substância para a sua mentira, encorpá-la um pouco mais.

Fabíola era um ano mais velha que ele, morena e usava aparelho, era tímida e muito engraçada com as pessoas mais próximas. Gostava de SKA e daquele seriado da menina que caça vampiros.

Ele enumerava as qualidades dela, a trajetória narrativa da sua vida (um pai alcólatra, uma mãe distante que passa a madrugada comprando aquelas bijuterias horríveis que vendem na televisão, as várias mudanças

que a família tem que fazer por causa do posto militar do pai, as incipientes preocupações políticas feministas e esquerdistas que a faziam bravamente confrontar sua família conservadora durante o jantar, jogando pratos de carne na parede).

Assim que a febre do Orkut se tornou inescapável, incluindo exatamente todas as pessoas da sala Murilo, ele percebeu que precisava criar um perfil para a Fabíola para dar mais substância para o troço. Ele se divertiu muito em montar a personalidade pública dela, colocar as comunidades, as bandas preferidas e orientações idiossincráticas de todo tipo (e ele levava inteiramente a sério a decisão de, por exemplo, fazer Fabíola gostar de novela ou não, demorava-se em questões desse tipo às vezes por minutos).

A princípio seria um problema a falta de amigos de Governador Valadares, sua suposta cidade natal, mas logo Murilo percebeu que adicionando dezenas de pessoas aleatórias da cidade quase metade delas aceitavam o requerimento de amizade, talvez com medo de não estar lembrando de quem era ou por não se importar de ter um estranho na rede de amigos.

Em poucos dias o perfil da Fabíola era absolutamente indistinguível de um perfil genuíno de uma menina de dezoito anos de verdade. Ela era apenas um tanto mais retraído do que a média. A maior dificuldade, naturalmente, estava em obter pelo menos uma foto convincente. Claro que existiam algumas pessoas cujos perfis não incluíam fotos de si mesmas, mas essa não era a regra, e Murilo queria fazer um perfil que não parecesse estranho de forma alguma, que não se destacasse na multidão. A solução foi garimpar diligentemente a internet atrás de alguma foto de uma menina daquela faixa etária que aparentemente tivesse as mesmas inclinações vagamente alternativas dela, não fosse nem bonita nem feia demais e aparentasse ser brasileira (a princípio ele preferiria não obter uma foto de uma brasileira de fato, por aumentar as chances de algum conhecido dela cruzar com o seu perfil no Orkut). A foto que ele encontrou era de uma estudante catalã de vinte anos (que aparentava no máximo dezessete) que manteve um blog sobre fotografia por alguns meses em 2001.

Logo depois de botar o perfil online ele tinha pelo menos duas vezes por semana pesadelos onde a sua farsa era desmascarada num evento gigantesco e televisionado, na frente não só de todas as pessoas que ele conhecia, mas também (por algum motivo) do Romário e do Bill Clinton, que comentavam um no ouvido do outro e riam por muito tempo, trocando high-fives

depois com as duas mãos.

Menos frequentes do que esses pesadelos, mas igualmente marcantes, eram os sonhos onde a Fabíola de algum modo se revelava verdadeira, aparecia um dia na sua casa de carne e osso e parecia brava com alguma coisa, com a sua própria existência desnecessária, talvez, ou com a audácia dele de sair criando pessoinhas por aí como se não fosse nada demais.

Ele pedia repetidas desculpas pra ela antes dos dois entrarem num carro conversível e dirigirem até o horizonte (esta cena já se passando, pelo que ele consegue lembrar, em terceira pessoa, saxofone no fundo, imagens coloridas demais). Durante a época em que ele de fato manejava a conta, acessando todo dia e respondendo de forma discreta e crível a pequenos estímulos, sempre acontecia um momento curioso de acordar e todo dia no meio do café da manhã super sonolento, de olhos ainda meio fechados, de repente lembrar que ele tinha aquela vida para cuidar, aquela continuidade que ele tinha que respeitar. Era um sentimento principalmente bom, só levemente pressuroso. Antes de dormir, também, por umas duas semanas, ele chegava a se preocupar de fato com aquela pessoa que ele tinha botado no mundo, com sua figura aí ribombando adiante, como se aquela fosse uma tremenda responsabilidade que ele não tivesse assumido ainda devidamente.

>

29.

<

<<

Amanda viu o Renato pela primeira vez num curso que ela tava fazendo sobre Deleuze e arte contemporânea. Ele tava vestido diferente de todo mundo, sempre numa mesma camisa mulambenta estampada com a cara do Roberto Carlos circa 1978, que ela achava linda, e um shortinho amarelo bem curto. Sentava sempre no fundo, Amanda geralmente chegava atrasada e sentava na frente. Ela demorou duas aulas pra notar que a perna direita dele terminava no joelho e tinha uma prótese cor-de-pele (de pele mais clara que a dele) que ele deixava dobrada debaixo da cadeira e recolocava no final da aula. Levava pra aula só um caderno sem capa, no qual escrevia furiosamente o tempo quase todo. Ficava rindo pra si mesmo durante a maior parte das aulas e só foi falar alguma coisa lá pra terceira.

O curso era informal, não dava certificado nem nada, mantido numa casa de cultura alternativa onde também acontecia um bando de evento de discussão política com nome pretensioso e gente que se levava muito a sério. Não era nada barato. Ela tinha conhecido o professor quando ainda cursava artes plásticas na FAAP, antes de largar por perder o segundo semestre seguido por falta. Tinha sido das pouquíssimas coisas, além da Bárbara, que ela tinha gostado no curso, que no mais só tinha um bando de playboy barbudo pretensioso e menina mimada fazendo cara de esperta (como ela mesma, claro, ela sabia).

O professor tinha uma expressão de espanto constante, um cabelo pra-teado farto e esvoaçante e um hábito de ficar fazendo mímicas incompreensíveis pra tudo que ele não conseguia explicar, além de ficar sempre desenhando espirais no quadro enquanto descrevia a profundidade de alguma coisa em francês. Ela alternava o tempo inteiro entre achar ele interessante e boçal. Uma frase muito boa era quase sempre sucedida de uma muito ruim e vice versa.

Ela nunca conseguia fazer as leituras direito. Embora gostasse de algumas coisas, sentia que não estava entendendo coisa alguma e a explicação

do professor quase nunca ajudava.

Na verdade, as únicas horas em que Amanda sentia que conseguia entender qualquer coisa de verdade era quando o tal do Renato falava alguma coisa.

Tudo que o professor descrevia no vocabulário difícil dos franceses o Renato traduzia em palavras curtas, ancorando e ajudando Amanda no processo. Dizendo que o que era real era um fluxo e uma quebra, fluxos e quebras. De sangue, de urina, de capital. Ele conseguia fazer com que aquilo que soava tão distante ganhasse vida na sua frente. Um dia no final da aula ela perguntou quem que era o doido da camisa do Roberto Carlos.

– Esse aí é o Renato, me apareceu um dia numa palestra minha e praticamente me deu uma aula, menino muito bom, meio maluco. Acho que é ex-presidiário, um moleque assim da correria, né? Ele não tem condição de pagar, mas eu achei que engrandecia o curso, cê não acha?

Naquele mesmo dia Amanda foi beber com (seu amigo mais próximo) Pedro e a (sua ex-amiga mais próxima e hoje namorada) Bárbara na praça Roosevelt. Renato tava lá fumando na calçada. Parecia mudar de grupo a todo tempo, uma hora falando com os skatistas, depois com uma gente de teatro de rua que tava pedindo colaboração do povo bebendo, depois com o fofão da Augusta, o morador de rua que vivia pelos salões de beleza durante o dia e na praça de noite, cujo rosto parecia um composto complexo de várias camadas derramadas de operação plástica, uma figura com quem o Pedro era obcecado, mas nunca tinha coragem de conversar. O fato dele transitar entre todo mundo com uma mesma naturalidade carinhosa impressionou Amanda. No meio da noite ele passou pela mesa deles com uma piscadela e ela convidou ele pra sentar junto, sem imaginar que aquele convite mudaria o resto da sua vida, assim como de todos sentados naquela mesa.

>>

30.

<

Desde molequinho até homem feito (se é que ele estava, de fato, feito) a introversão de Murilo era iluminada pela televisão, por histórias em quadrinhos, por livros e pelo seu *Gameboy*. Música era bacana, mas emocionalmente pra ele um troço meio neutro, como se escutada sempre debaixo d'água. Tanto sua caixa de som quanto seu fone de ouvido não eram dos melhores. Tinha isso.

Esportes e interação humana ao vivo de qualquer ordem eram só males a serem evitados e contornados da melhor forma possível. Já o *Gameboy* foi um videogame de bolso ganhado da avó paterna de natal, depois de uma viagem sua para os EUA. Foi o único videogame que ele teve. Ele manuseou aquele objeto por anos, alugando fitas na Super Games da 106, duas vezes por mês, tentando exauri-las em poucos dias. Ele veio com um cartucho contendo o jogo original do Pokémon, na sua versão azul. Sem nenhuma dúvida o evento mais importante da sua vida até então. Nele, Murilo controlava um garotinho que ele havia nomeado “GUTO”, fazendo-o desbravar diversas terras e cidades e aprisionar monstros em bolas tecnológicas para fazê-los lutar com os monstros de outros garotos e garotas. A estrutura do jogo era tão viciante que ele chegava a imaginar que a sua vida acontecia de fato ali dentro daquela telinha pequena cinza-e-verde, naquelas figuras, nos vetores de poder entre as criaturas que ele sentia como tão importantes, urgindo naquela trilha sonora épica de poucos bits com uma gravidade que era demonstravelmente real. Poderes de água contra fogo, pedra contra água, nas mãos de uma criança.

E era ainda mais forte o fato de que ele podia carregar o *Gameboy* para onde ele fosse, guardá-lo com segurança na mochila e recuperar aquele mundo exatamente de onde ele o havia deixado, como aprendeu a fazer mais tarde com um romance. Uma continuidade que se carrega por aí como um pequeno tijolo e que parecia constituir um mundo efetivo, quando sustenta-

do, tão válido quanto o seu próprio (em si tão ralinho, tão escasso).

Murilo quando mais velho, lá pros dezesseis, tornou-se conhecido na gibiteca pública da 508 por sua erudição em quadrinhos. A moça bibliotecária que cuidava do espaço sozinha tinha um cabelo desregrado e óculos grossos, um pouco dada a falar sozinha. Elaine. Murilo gostava muito dela, mas não sabia como comunicar isso. Ela tratava todo mundo com uma rispidez exasperada que com o tempo você percebia que tinha um fundo de atenção e mesmo cuidado que não sabia se expressar de outro modo.

Tinha feito seu próprio sistema de catalogação dos quadrinhos (um acervo não tão grande assim, afinal) constituído de tabletes de madeira pesados e difíceis de serem manuseados, duma proveniência inteiramente destacada daquele contexto, talhados com motivos marítimos e tropicais em relevo, todos relacionados à cidade de Salvador.

Não era raro que moleques de quatorze a vinte e poucos anos viessem respeitadamente perguntar alguma coisa a Murilo, às vezes direcionados por Elaine. Qual que era daquele cara que tinha um ponto de interrogação no rosto? O que tinha acontecido com o primeiro Lanterna Verde? O que acontece na edição que tá faltando aqui do Watchmen?

A sua introversão endureceu com os anos, concentrada como uma redução. Ele respondia com voz amável, sem olhar para a pessoa. Tinha vozes e personagens dentro da sua cabeça com as quais montava pequenos cenários retóricos, trechos de conversas e discussões pontuais a respeito de pequenos eventos da sua vida (o tanto que a sua professora de português parecia incompreender grosseiramente as tirinhas do Calvin que ela passava na sala de aula, os motivos possíveis para a cantina só ter enroladinho de salsicha de vez em quando, e não todo dia).

Cada vez mais se acostumava com o fato de que o mundo acontecia ali dentro da sua cabeça, remontado a partir dos filmes, livros, seriados e jogos que consumia no seu quarto. Aquilo que era o mundo, e não essa cidade que ele mal enxergava de dentro do carro da mãe ou a sala de aula de ensino médio que sumia enquanto ele lia. Não tinha amigos de carne e osso desde a puberdade e cada vez mais não falava com seus familiares. Eram muito frequentes os sonhos onde de alguma forma ele descobria que na verdade vivia em alguma outra realidade a qual tinha acesso frequente, aquela vida estranha e modorrenta no quarto mofado sendo apenas uma versão pálida

e não tão importante assim da realidade, dentre tantas, não mais verdadeira do que sua vida como curador de uma pequena galeria em Oslo, ou como uma filóloga latina em Pequim.

>

31.

<<

Outra coisa maravilhosa que você aprende do brasileiro é que se você cantar assim com toda sinceridade Oceano do Djavan dentro do ouvido vários deles e delas vão e transam contigo.

Aquele momento no litoral do Ceará foi um choque muito bruto pra mim. Mesmo com a morte da minha mãe, em parte por causa dela, acho que eu não tinha até ali um senso da realidade assim dos mais agudo. Ainda não tenho, mas tinha menos ainda quando eu era mais moleque. Isso não quer dizer que eu fosse um desses avoados que anda olhando pro céu e cai no buraco, sei lá, ou nerd que vive lá só nas coordenadas da Terra Média e da Marvel e não consegue manejar gente feita de carne. Não é que eu não fosse prático. Eu aprendi cedo a me virar, por questão de precisão, mesmo. Me põe numa treta que eu tenha algum espaço de manobra que eu me desenrolo, me põe diante de uma figura de autoridade cujo modis operandi não seja só quebrar neguinho que eu sei me dobrar pra dobrar ela direitinho. Me põe diante de qualquer pessoa que em cinco minuto ou menos eu já meio que sou ela, também, já sei onde que ficam as junta e as dobradiça dela, onde que ela cede e onde que ela é dura, onde que tem medo e onde que ela cava pra dentro de tesão. Nisso não tem ninguém mais realista que eu. As pessoas são transparentes pra mim desde os meus treze ou quatorze, quando eu comecei a entender de verdade o quê que era o sexo, o avesso da morte, a fome de tudo e o tanto que os dois deixavam todo mundo repuxado dum jeito próprio. Cu e boca todo mundo tem, já dizia o poeta.

Eu sempre tive umas intimação meio mística, né, que quando eu era mais moleque puxava pro cristão, porque minha mãe e meu pai e todo mundo que eu conhecia era cristão, só cristo que era coisa de gente. Quando eu comecei a beber mais pesado, lá pros dezesseis, só depois de sair de casa, era fácil-fácil que alguma coisa me pegasse e eu achasse que era Deus falando comigo. Era muito fácil. Batia uma coincidência qualquer do rádio e do que tava passando na rua e eu já ficava todo rebuliçado, suspeito, olhando pros lado achando que era pegadinha. Eu achava e não achava que era ao mesmo tempo. Ou melhor: eu sabia. Que era e que não era.

Desde que eu deixei de ser católico eu sempre escolhia um ídolo pra amar e querer devorar, até gastar a paixão e trocar por outro. Primeiro foi o Kurt Cobain, mas o show dele foi ruim, eu só vi um menino magricelo e triste sendo amplificado por uma estrutura demoníaca e monstruosa, enquanto um bando de moleque cheio de hormônio gritava em volta. Eu ainda acreditava em Deus, ou algo parecido, e aquela energia de devoção ficava procurando um veículo novo em tudo que brotava.

Lembro da hora exata em que essa energia se transfigurou, virou outra coisa. Foi na casa da Vila Kosmos em que eu morei por um tempo com uns moleques, um deles meu primo Kléber, meu único contato no Rio quando eu cheguei. Falou que eu podia ficar uma semana com ele, quando liguei, já em Salvador. Acabei ficando dois meses. Só tinha visto ele antes duas vezes na vida, quando ele foi pro Piauí com a mãe dele nas férias. Gente finíssima. O primeiro doidão que entrou na minha vida, na época mostrando fitas k7 de Raul Seixas e de metal. Quando nos encontramos no Rio, no endereço que ele tinha me passado, ele tava com um cabelão liso, de extensão parecida à da minha na época crescente juba encaracolada. Andava de skate e trabalhava de office boy três dias por semana num escritório de alguém que conhecia a mãe dele. Me botou meu primeiro beque, benzadeusas. Tava morando há pouco tempo nessa casa abandonada com Mateus e Denílson, vulgo “Sardinha”. Tinha dois andares, mas o segundo tava todo destruído, o teto vazado, cheio de mofo e morcego morando. Primeiro me falaram que era da família de um deles, o Mateus, depois falaram que tinham invadido. Depois fui entender que as duas coisas eram verdade. A casa tava presa num inventário interminável da vó do Mateus tinha oito anos, já, sem sinal de resolução no horizonte. Tinham limpado um dos quartos direitinho e dividiam ele. Na sala só fizeram estender uma lona azul, em cima das tranqueiras todas, madeira com prego e poeira pra dar com pau. Ficava todo mundo sentado ou deitado em cima dessa lona, com almofadas emboloradas e fedidas, fumando um e ouvindo os discos que o Sardinha botava. Eles diziam que levavam mulheres lá, mas nunca vi acontecer. Já tinha CD nessa época e por isso já se comprava vinil velho baratinho na rua pelo Centro. O Sardinha comprava qualquer um que tivesse a capa “bem louca”, segundo o juízo dele próprio. Nessa a gente escutou Secos e Molhados, Divina Comédia, Todos os Olhos, Deus e o Diabo na Terra do Sol. Quando ele chegou com Araçá Azul me zoou falando que era eu no disco ou então era meu pai.

O pior era que parecia mesmo, um pouco, e pior ainda era que nas fotos de dentro parecia ainda mais. Eu achei ruim, o cara não era exatamente um galã, mas ri junto, tava ali de favor, afinal. Eu nunca tinha ouvido Caetano, única memória que eu tinha dele era do meu pai desligando a TV, assim que ele apareceu, falando “esse aí só não é mais viado porque não cabe”. Aí começou o disco. Os moleques tavam tudo chapado e só ficavam rindo de tudo, mas eu vi que aquele homem era doido de verdade, que nem eu. E pela exata primeira vez na minha vida me ocorreu então que dava. Apesar de tudo. Dava pra ser assim.

A copa de 94 eu interpretei toda segundo uns prenúncios que eu fui ajambrando ali enquanto ela acontecia, duns pedaços de jornal e revista velho, mas daquele ano ainda, que eu achei na rua dentro dum saco plástico azul, um dia, na xepa da feira da praça XV. Levava pro bar onde os moleque tudo tavam assistindo e ficava juntando com o dedo os pedaços de frente pro jogo. Às vezes eu quase que nem via o jogo, só ficava acompanhando e tentando imitar as reações dramáticas de quem tava ali, gritando com um atraso. Depois de prever com sucesso a nossa vitória, a consagração de Romário, Deus-menino da Grande Área, em PLENO solo do Império norte-americano, a casa da Besta-Fera ela própria e a desmoralização do falso pretendente Roberto Baggio, em toda sua canastrice italiana e ilegitimidade imperialista, eu comecei a achar de fato que eu não só conseguia ler a fazenda mística do cosmos, nas suas tessitura entranhada, mas que haviam relações assustadoras entre o que eu fazia (o que acontecia com meu corpo) e o que acontecia com o Brasil no mundo dos fatos e eventos (que pra mim tinham seu veículo expressivo mais sintético na época o Jornal Nacional, na voz retumbante e bíblica de Cid Moreira).

Ficava com febre e achava que tinha a ver com a inflação (mas não sabia se era a minha febre que causava a inflação ou se era a inflação que causava a febre). Eu comecei a sentir muita, mas muita mesmo, responsabilidade. Mas eu também no fundo não falava nada disso em voz alta, não levava nem um pouco a sério aquelas doiduras até conhecer os menino e o Dennis lá em Belém, quase dez anos depois.

>>

32.

<

Murilo mal lembrava de ter um avô nos primeiros anos da sua vida. A família do pai sempre esteve distante na Bahia, fora os presentes que recebia da avó pelo correio, não havia nenhuma comunicação apreciável com aquele povo que Murilo havia visto em fotos, uns rostos parecidos com o seu pai, o mesmo nariz, os mesmos olhos assustados. Murilo não sabia nem o nome dos seus tios direito. Já seu avô materno passou a existir de fato na sua vida a partir dos seus seis anos e desde então passou a exercer em Murilo uma influência vasta e difusa.

Até então, Murilo mal tinha uma imagem mental do avô, mal conseguiria descrevê-lo. Tasso de Sousa Andrada. Alto e muito magro, ossudo em todas extremidades, hirsuto a ponto de quase não parecer humano. Uma figura grosseira no seu laconismo, que quase parecia não estar presente quando falava com você, não fazendo nenhuma questão de fingir que se interessava pelo que você dizia. Não se dispunha nem a jogar aquelas amenidades educadas e vazias com que as pessoas geralmente se comunicam, olhando sempre um pouquinho ao lado dos seus olhos, como se tentasse sem sucesso achar algo ao redor da sua figura que o interessasse.

A família mal o encontrava, sua mãe não fazia nenhuma questão de visitá-lo, nem mesmo em aniversários e ele tampouco fazia qualquer menção de se aproximar dos netos. Murilo percebia pelo jeito que seus pais falavam de Tasso que não devia ser uma pessoa muito normal. Apesar de ter uma situação financeira bastante confortável, os avós não tinham empregada em casa, não comemoravam aniversários, não viajavam nunca. Murilo entendia pela forma com que sua mãe comunicava esses fatos que deviam expressar alguma coisa muito torta. Ela dizia que seu pai desde os quarenta e poucos já ia trabalhar com o pijama debaixo da roupa e que em casa ela nunca viu ele usar outra coisa. Não tinha amigos na cidade, não saía de casa à noite, nunca levantou a voz de forma nenhuma, por motivo nenhum (o que não devia impedi-lo de ser muito bravo e muito cruel, Murilo pensava, pelo jeito da mãe dele descrevê-lo).

Murilo não via exatamente qual era o problema em nenhuma daquelas

coisas, mas a mãe sempre ficava cada pequeno item pontiagudo do seu avô como um índice de uma índole incompreensível.

Ele juntava as informações esquisitas que recebia esporadicamente sobre o avô, tentava remontá-las num quadro mais ou menos coerente (achando melhor não expressar o seu interesse por achar que a mãe não o aprovaria). O avô e a avó não recebiam visitas e desde os anos oitenta que ele não deixava o Plano Piloto. Foi quase impossível uma vez convencê-lo a visitar um médico num hospital que ficava no Lago Sul. Quanto mais ele envelhecia mais ele fazia questão de ficar sempre ali dentro do Plano. Ele praticamente só se alimentava de frutas, abobrinha e berinjela, evitando qualquer tipo de carne e alguns derivados de animal (Murilo na época não conseguia imaginar um motivo ético para se fazer isso, então imaginava que essas restrições alimentícias engraçadas deviam se dar por um gosto excessivamente idiossincrático, como o seu, que na época quase só incluía nuggets de frango, enroladinho de salsicha, arroz branco e pizza Dom Bosco).

Uns anos atrás ele costumava andar o eixão inteiro aos domingos, do final da Asa Sul até o final da Asa Norte. Hoje em dia parece que ele caminha da trezentos e oito, lá onde ele mora, até a trezentos e dezesseis, fazendo a volta na calçada onde termina o Plano. Acordava antes das cinco da manhã todos os dias, inclusive nos finais de semana. Havia sido engenheiro e havia trabalhado na construção de Brasília, parecia desde então obcecado com o fato de que aquele lugar onde ele morava, todo aquele espaço delimitado, aqueles edifícios erguidos, as gentes vivendo neles e em torno deles, toda aquela vasta estrutura interdeterminada tinha saído de um plano, de uma abstração que foi realizada a muito custo com concreto, ferro, vidro, aço e o trabalho duro e o sacrifício de milhares de homens e mulheres.

A sua mãe falava aquilo impostando uma voz grave, séria e muito lenta, que Murilo tentava imaginar dentro daquela figura fantasmática de que ele se lembrava ter visto uma única vez, alguns anos antes, enorme, falando coisas que ele não entendeu enquanto enxugava uma manga que ele aparentemente tinha trazido com ele e parecendo muito severo. Murilo tentava juntar aqueles retalhos numa pessoa, numa voz, mas não conseguia. Por que que alguém chegaria na casa de outra pessoa com uma manga no bolso do casquinho marrom? No máximo ele conseguia um espantinho de avô que às vezes dava a cara nos seus sonhos, um gigante estufado de palha, de-

sengonçado, que por fim acabava matando sem querer a sua mãe ao apertá-la contra uns entulhos (os sonhos de Murilo quase sempre se passavam em torno de destroços).

>

33.

<<

Se você está ouvindo isso, é porque já está em meu poder. Em outras palavras: perdeu, playboy.

(E vocês todos são playboys, eu fiz meu dever de casa).

Olha pra mim, calma, relaxa. Vai passar, vai passar.

Por você.

Devem ser onze de vocês aqui. Se tudo estiver funcionando direitinho, vocês devem estar juntos na cabine, mas não conseguem se falar direito. As palavras saem todas como barulho, né, a boca toda mole. Eu sei que é agonizante. Vocês vão conseguir fazer isso em breve. Vocês também tão vindo agora todo um espetáculo sobreposto à visão desperta normal. Os ogros vindo tudo te matar com pedaço de pau e pedra ou um animal feroz no teu cangote. Alguns estão vindo a si próprios sendo caçados por multidões em cidades do interior alagadas por barragem, eu sei, ou devorados por redemunhos de fogo. Não fica com medo, é tudo alucinação sua.

Pra todos que estiverem sentindo agora uma vaibe meio vilão no final do filme reunindo todo mundo pra se explanar, tu tá certo e tu tá muito errado. Eu de fato não consegui me conter e tou aqui admitindo o meu controle sobre vocês (e não se iludam, se você está ouvindo isso é porque não tem literalmente nem como pensar em se livrar desse controle, não agora). Mas não vou ser tão clichê a ponto de jogar a real derradeira ou de te contar a minha história

(que, acreditem, é cabulosa).

Mas vocês nunca estiveram jogando esse jogo, é bom que saibam. Eu estava dez passos à frente antes de vocês começarem. Eu só deixei vocês acharem que ainda estavam em domínio de vocês mesmos até agora porque isso me servia (é até uma pena que vocês jamais possam entender o desenho todo, sabe, a figura no tapete vista aqui de longe é bem bonita).

Ei, tal-e-coisa, ouve aqui. Esse teu sofrimento todo agora, essa ferida aberta pulsando, tudo isso vem dos teus atos evolutivos, não tem mais ninguém aqui te punindo a não ser você mesmo. Não tem mais ninguém

pra culpar. É a tua própria evolução rodando, agora, então reza com força pra quem for que tu tiver que rezar, aí. Mas já fica com Yama o negócio, entendeu, não comigo. Considere-me teu grilo falante prostético, tua autoconsciência tecnicamente forçada.

>>

34.

<

Por anos, o avô Tasso era esse fantasma. Até que, quando Murilo tinha quase oito anos, os seus pais inventaram de viajar para os Estados Unidos pela primeira vez em suas vidas. Uma viagem para Miami planejada às pressas para aproveitar a extraordinária, quase literalmente incrível, paridade momentânea do dólar com o real. A mãe descrevia com uma excitação reservada e o pai com um tom de quem aproveita uma boa oportunidade quase por obrigação, porque não parecia fazer muito sentido recusá-la. Eles não viajavam de férias há anos, tinham um dinheirinho guardado. Murilo se recusou a acompanhá-los. A sua recusa não se apresentou com motivos, ele apenas repetia que não queria ir de jeito nenhum e ficava em silêncio quando os pais perguntavam o porquê.

Ele mesmo não conseguia formular pra si o motivo de não querer viajar, não conseguia colocar aquilo em palavras, mesmo depois desse ter sido o objeto de repetidos e calorosos debates nos teatrinhos encenados ali na sua cabeça, suas várias vozes atuadas por atores famosos (Lima Duarte, Marisa Tomei), erguidas em tons acusatórios, apologéticos e conciliatórios que no final só conseguiam concordar que a idéia de ir pra tão longe era inquietante, no mínimo, e, no máximo, muitíssimo assustadora.

Sair de casa para Murilo era sempre causa de muita ansiedade e insegurança e, ao imaginar uma viagem tão comprida e distante, a sua imaginação prontamente apresentava infinitos cenários que dificultassem ou impossibilitassem o seu regresso, desde queda de avião até a irrupção surpresa de uma guerra mundial. A sua mãe insistiu algumas vezes para que ele fosse ou ao menos explicasse porque não queria ir. Murilo apenas continuava olhando para o seu prato ou para a janela do carro, seus lábios instando começos de sílabas que nunca chegavam a se formar, seus olhos vagos, como se calculassem uma soma momentosa.

Murilo chegava a começar a falar, mas falava muito baixo e, quando percebia, ele estava se dirigindo a alguma outra figura na sua cabeça que não a sua mãe. Tomava um tempo enorme aparentemente debatendo consigo mesmo, sua expressão se modulando em variações esquisitas que a mãe

não entendia, mas no final não conseguia oferecer nenhuma resposta.

Eventualmente decidiram que viajariam sem ele. O pai falou várias vezes que isso aconteceria como se fosse definitivo, embora Murilo pudesse ver que ainda não era. Uma vez ligou da rua e falou que tava na agência de viagens, falou pra chamar o Murilo, que ficou em silêncio no telefone quando atendeu.

Preocupados com os preparativos da viagem, só na semana antes é que os dois perceberam que não teriam com quem deixar Murilo, os dois até então igualmente confiantes no irmão de Válter, que eles descobriram que iria para Caldas Novas.

Copo na parede.

—Não tem nem duas semanas que ele me disse que não ia viajar. Nem pra isso dá pra confiar naquele bosta.

—Não fala assim.

—E o menino quer porque quer ficar, não dá pra entender. Tudo que esses moleque quer é ir pra Disney, conhecer a porra do pateta e ele nem tchum.

—Ele é diferente, ele é mais retraído.

—Ele não é retraído, ele é *****.

—Não fala assim.

A única opção plausível que se apresentou, no dia seguinte, já no café da manhã, Murilo e o pai comendo bisnaguinhas com o café coado preto que nenhum dos dois adoçava, era que Murilo ficasse com os avós maternos. O Murilo prefere sucrilhos, mas bisnaguinhas são também bastante satisfatórias. Principalmente com requeijão. Ele já pensou em falar que gosta das bisnaguinhas, mas a cena na sua cabeça lhe pareceu muito entrvada. Murilo concluiu aos doze que quase toda interação que ele tinha com os outros era não só entrvada e pouco satisfatória, nenhuma das partes conseguindo se entender bem, mas que cada vez que ele interagia ele ainda tinha a impressão de que piorava, de que eles estariam *quebrando* aquela interface de alguma maneira.

Era preferível, então, não falar tanto com os outros. Isso não se mostrou tão difícil assim, Murilo percebeu. A mãe aos poucos pareceu se acostumar

e o pai há tempo não mais tentava, então Murilo foi reduzindo o nível de interação de uma maneira que lhe pareceu equilibrada e controlada. Ele se sentia melhor assim e esperava que os pais concordassem.

Murilo chegou no prédio dos avós, muito perto da casa deles, no final da tarde de um domingo, com uma mochila roxa da Paka-lolo, onde ele guardava um Game Boy e quatro revistas em quadrinho (duas da Turma da Mônica, duas do homem-aranha) que ele com muito esforço tinha evitado ler durante a semana para guardá-las para aquele período difícil.

A mãe pediu desculpas quatro vezes no caminho por fazê-lo passar por aquilo, percebendo a rigidez dos seus ombros ao ajeitar a manga da sua camisa puxada pela mochila, o pavor o deixando cada vez mais retesado. O pai também notou a sua tensão e tentou tranquilizá-lo com uma história bastante esparramada envolvendo dormir na casa de um primo em Anápolis, quinze anos antes, uma história cujo propósito de estabelecer um paralelo e uma identificação logo logo se dissipou no tanto que o seu primo Ronaldo era gordo e incapaz de compreender a inflação galopante da época, todo mês achando que a sua padaria conspirava pessoalmente contra ele ao aumentar o preço da mortadela e que foi subitamente interrompida assim que ele percebeu que tinha perdido o fio da meada, concluída de repente com a moral inesperada, súbita e bastante incongruente, de como passar uma semana com os avós nunca matou ninguém. O que dificilmente era verdade.

>

35.

< <

Com quarenta e sete anos, Milton já foi mais magro, mas também já foi muito mais gordo. Chegou aos cento e sessenta quilos, no segundo, e mais curto, casamento, seu recorde pessoal, do qual ele ainda se lembra quase toda vez que se pesa (tanto para melhor odiar a si mesmo quanto para se consolar do seu peso atual).

Tentou ser engenheiro civil, que foi o curso que seu pai escolheu pra ele, mas brigava em toda firma em que trabalhava depois de poucos meses, às vezes por discordar com veemência de alguma decisão imbecil de algum superior hierárquico, às vezes por mandar alguém à merda meio à toa, geralmente quando estava com dor de cabeça ou de estômago (que lhe acometiam as duas todo dia desde que ele se entendia por gente). Era viciado em música e se orgulhava de ouvir de tudo, de Sepultura a Milionário e José Rico.

A empresa de construção civil que tentou montar com um primo e um amigo (e dinheiro quase todo dos pais) acabou quando o amigo fugiu com o que restava do investimento inicial dos três. Depois de quase um ano de fracasso mal administrado e uma única obra mal completada, tendo vendido tudo que tinha dentro do escritório deles durante o recesso de fim de ano. Até as mesas ele levou, deixou só duas cadeiras e uma caixa de cliques de papel. Milton voltou para a casa dos pais. Jurou pra si mesmo, em voz alta, diante o espelho, jamais confiar em outra pessoa. Cumpriu essa promessa com integridade através de vinte e cinco anos e dois casamentos, até conhecer Renato.

Depois de dois anos estudando, acabou passando num concurso razoável de nível médio do Tribunal de Justiça. Desde então mora no mesmo apartamento de um quarto, com uma varanda apertada cheia de plantas, perto da Savassi e há anos aluga o sobrado que herdou da mãe pra uma família de mato-grossenses baixinhos de quem às vezes toma uns atrasos enormes, mas tem pena de reclamar.

Milton quando mais novo já foi rato de tudo que é boteco e buraco da área metropolitana de Belo Horizonte. No seu auge, conhecia mais alcóo-

latra, puta, banda punk vagabunda e cover drogado do Raul Seixas do que potencialmente qualquer outra única pessoa em Belo Horizonte. Ele próprio só gosta de bebida, mas toma quase tudo que lhe oferecem, dependendo da companhia. Durante anos, nomeadamente aqueles em que esteve casado, ele praticamente nunca esteve em casa entre as sete da noite e as duas da manhã. Chegava no trabalho às dez e meia, ainda bêbado, quase todo dia. Andava por aí às vezes com sua kombi (customizada na parte de trás, com um sofá e um isopor) ouvindo tanto cds quanto fitas k7, que ele tinha na casa das centenas, em caixas. A cidade que lhe parecia só feia, morosa, suja e mal arrastada lhe parecia de noite ter todo outro estofo. Era mais perigosa, sim, mas também mais cheia de brechas inesperadas, esquisitas, com uma generosidade sonsa e eventuais acidentes felizes.

Primeira vez que Milton viu Renato não tinha como esquecer. Não tinha mesmo. Num muquifo que na época ele ia direto, lá pra 2009, chamado CAMPOS ELÍSEOS, cheio dos shows mais aleatórios que você pode imaginar. Muita gente imitando Roberto Carlos, Cauby, Amado Batista, dois anões que se apresentavam como Nelson & Ned. A maioria tinha esse rolê mais escrachado já de cara, outros iam vendo o naipe da casa e iam exagerando a própria esculhambação. Porque não tinha muito como cantar lá sem ter uns loucos gritando junto, te zoando ou te incentivando, às vezes os dois ao mesmo tempo. A não ser que tivesse vazio. Nesse dia tava vazio. Tava só Milton e duas amigas suas, prostitutas já bem além dos quarenta, ambas velhas conhecidas suas, quase dormindo, uma mexendo no cabelo da outra. Ninguém tava cantando e o som tava desligado, só a TV baixinha com um filme americano sem gente famosa passando. Daí do nada o único auto-falante velho de guerra liga, uma microfonia aguda logo interrompida para anunciar, lá de trás, a voz parecendo achar graça no que vai dizer:

—Sen-horas e Sen-hores, final-men-te, a grande atração da noi-te, o esperado, o incrível... GRANDE ENCONTRO.

Sai de detrás da cortina essa criatura. Tava vestido, ao mesmo tempo, de Elba Ramalho, Zé Ramalho e Geraldo Azevedo. Chegava ser difícil entender a fantasia, mas Milton foi um dos que entendeu (dava pra ouvir as risadas de sacação irrompendo aos poucos, mínima em uns, esparrada noutros). Uma das pernas depilada calçando salto alto, a outra você nem via, mas na hora Milton achou que era algum truque. E cantou *Tesoura do Desejo* alternando entre as três personalidades, mudando o canto de boca

e a expressão com que cantava. Não que o ventriloquismo em si fosse essas coisas, Ramalho e Azevedo tinham quase a mesma voz e, na verdade, ele se mexia todo quando encarnava qualquer um dos três. Mas mesmo sem ser uma imitação bemfeita, o jeito que ele encarnava ali, baixava mesmo, virava os três, isso deixou Milton meio bobo, assim. Meio não. Bobo mesmo. Quem que era aquela criatura?

>>

36.

<

Murilo nunca tinha estado naquele apartamento. Era ridiculamente perto da casa deles, não deu nem cinco minutos de carro. Da 706 até 308. Isso lhe pareceu estranho, como se estivessem escondendo aquele lugar por anos. Chegaram na portaria no final da tarde, cada detalhe inocente do prédio parecendo formar um conjunto ominoso (a parede de madeira com pedras verdes no chão, o porteiro gordo que parecia suspeitar deles, o cheiro de incenso no corredor, que Murilo nunca havia sentido e que achou perverso).

A porta foi aberta pela sua avó. Teresa era muito mais familiar do que o avô, mas isso não a tornava exatamente reconfortante. Sempre aparecia nos seus aniversários com dinheiro num envelope e dando desculpas pouco convincentes para o avô não ter ido. Gaguejava em quase qualquer frase, mesmo a mais simples e casual. Parecia achar que qualquer vago agradecimento por segurar a porta do elevador comportava inúmeras possíveis versões e revisões, gradações de etiqueta que ela tentava dominar sem sucesso. Nenhuma expressão parava quieta na sua boca, sempre oscilava pelo seu oposto, ia e voltava e se desculpava repetidas vezes.

— Opa, oi, querida, oi gente, tudo bom?

— Mãe, desculpa, a gente já tá com pressa, a senhora lembra de tudo que eu falei no telefone, né? Na mochila do Murilo tem também uns lembretes dos remédios. Se a senhora precisar de alguma coisa me liga. Os números também tão aí todos. O Válter tá esperando lá embaixo que a gente acabou se atrasando, ele tá muito nervoso de perder o voo, acho que eu devia ir logo.

A sua mãe voltou pro elevador antes que ele entendesse qualquer coisa. A avó tentava sustentar um sorriso trêmulo e o seu avô estava atrás dela sem falar nada. Uma expressão enojada. Assim que Murilo entrou Tasso murmurou alguma coisa inaudível, fez um aceno de cabeça dirigido a ninguém em particular e se fechou no que parecia ser o seu escritório.

A avó foi muito mais efusiva, mas os seus olhos e sua linguagem corporal pareciam desmentir todos os seus repetidos comentários que ele ficasse

tranquilo e se sentisse em casa, a sua expressão conotando toda hora a preocupação dela daquela criança derrubar alguma coisa, quebrar alguma coisa, fazer algo errado, comer algo que não devia, tocar fogo na casa ou simplesmente entrar em combustão espontânea, a sua mera existência sendo obviamente causa para mais ansiedade do que ela seria capaz de suportar. Essa disparidade constante entre as suas palavras gentis e a sua aparência ansiosa deixando Murilo o tempo inteiro perplexo, sua cara franzida na tentativa de entender o que diabos estava sendo comunicado e como que ele deveria agir.

— Ô, meu filho, epa, que bom, né, tá aqui, tudo bom, vamo ver aqui o seu quarto, né, epa, só assim que – é, logo logo seus pais já voltam que é rapidinho, né, não fica assim preocupado não que logo – né. Vamo ver seu quarto que, opa, né, tá aqui já.

Teresa era muito magra e tinha olhos enormes, que pareciam dominar todo o seu rosto e mantinha sempre assustados. Mal preenchia as suas próprias roupas, todas escuras e recatadas, mangas e saias compridas e sem estampa. Era uma pessoa apagada e quieta, religiosa da maneira vaga com que avós costumam ser, gentil de uma maneira ansiosa, como se estivesse sempre enredada em uma série de obrigações sociais que ela não conseguia compreender tão bem, mandamentos misteriosos que ela sempre temia estar ofendendo de alguma maneira.

Ali na década de noventa o apartamento dos avós parecia congelado trinta anos atrás. Os únicos objetos mais ou menos atualizados eram a geladeira, o fogão e a pequena televisão na cozinha. Todo o resto era muito antigo, com cores esmaecidas e cansadas. A sala tinha no seu centro um aparelho de som enorme e metálico, com dezenas de vinis em volta, no lugar de uma televisão. No mais, o lugar parecia cristalizado, um cheiro sutil de velhice e mofo que Teresa fazia o possível para mascarar e amenizar com incensos que ela comprava de um rapaz cabeludo e muito gentil que aparecia na sua porta às vezes, neto da senhora do trezentos e dois.

As luzes estavam quase sempre apagadas, o que facilitava que você trombasse nos cantos com um cachorro comprido e magricelo esparramado entre os móveis. Um vira-lata cinzento de índole muito animada e disposta que Teresa havia ganhado da filha depois dela se mudar de casa (para deixar a mãe menos sozinha) e ao qual nenhum dos dois havia se afeiçoado direito, nunca tendo sido nomeado e que era desde então ignorado.

Doze anos dentro daquela casa sem sair para passear, sem receber atenção, enxotado quando tentava buscá-la, há tanto tempo assim que hoje ele parecia até se desinteressar pelo mundo lá fora, perfeitamente esquecido de que havia espaço, luz, movimento e objetos mais interessantes do que aqueles impedimentos parados e surdos diante dele, que havia algo no mundo além daquelas superfícies macias e escuras, aquietadas. Ele parecia de fato em momentos até esquecer que ele mesmo existia, deitado no escuro num canto, entre móveis, acompanhando com os olhos os movimentos daqueles dois seres que diziam e faziam tão pouco além de lhe alimentar com restos do almoço e do jantar.

Murilo não gostava de cachorros, mas viu logo que não teria problemas com esse, que não havia o risco de se jogar em cima dele ou dar aquelas mordidinhas agoniantes que cachorros animados sempre dão. Até conseguiu, depois de vencer algumas barreiras dentro dele mesmo, passar a mão na sua cabeça. O cachorro virou-se pra ele alarmado, pareceu não entender o que era aquela sensação.

A avó narrava tudo que Murilo fazia, andando pela casa, como se quisesse se certificar que o que estava acontecendo fazia sentido.

— Você não tá com medo do cachorro, né? Epa. Ele não faz nada não. Ele não tá é bem, esse cachorro, na verdade, que eu já falei pro Tasso pra levar no veterinário e ele fala que não é o cachorro que tá assim, o mundo é assim, o que não é aqui nem ali, né, o cachorro não tá bem. Não mexe nele, não.

Depois de lhe dar janta a avó mostrou a sua cama no quarto que disse ter sido da sua mãe (presença confirmada num quadro com várias fotos preto-e-brancas de uma criança feinha muitíssimo parecida com ele que nunca tinha visto e cuja existência até então nunca tinha passado perto de imaginar, um pequeno animal que ele não conseguia de forma nenhuma ligar à pessoa que conhecia por ‘mãe’ e que passaria a assolar seus sonhos por meses, presença quieta num canto tornando tudo mais perigoso).

>

37.

<<

Nílson saiu desorientado do encontro com o gringo. Ele não via o Renato desde 2009, mais ou menos, quando passou no concurso da ABIN e saiu de Belo Horizonte. Acompanhou suas metamorfoses de longe por anos até perder de vista. Fez uma varredura rápida e confirmou a impressão que já tinha. Depois de uma presença muito ativa e falastrona na internet durante uma década, Renato havia sumido do mapa em 2013. Bem quando a versão beta do CABOL foi lançada, ele percebeu.

Nílson não tinha esperança de conseguir encontrá-lo tão cedo, e tampouco conseguiu levar a coisa toda muito a sério. Disse pros chefes que precisava viajar em diligência do caso com os norte-americanos e foi gastar três diárias em Natal, pegando praia todo dia.

Mas o gringo entrou em contato de novo, marcando de encontrar em BH na véspera da semi-final contra a Alemanha, enviando o ingresso do jogo por DHL expresso. Geral na repartição ficou com inveja, achando importante. Nílson decidiu mostrar serviço, chegou em BH dois dias antes do encontro e foi visitar Tamires em Ouro Preto, uma amiga em comum dele e de Renato que já o havia abrigado por períodos longos no passado.

Tinha pelo menos cinco anos que Nilson não ia lá. Era a única cidade brasileira que ele achava bonita de verdade, mas se surpreendeu em não sentir absolutamente nada quando sua vista pegou as ruas depois de uma hora e pouco na estrada, as igrejas no fundo e até a névoa difusa se alastrando baixa pela serra como fios esparsos de algodão. Era a configuração ótima da vista da cidade e, ainda assim, nada. A casa da Tamires nunca esteve bem-cuidada, mas parecia em pior estado do que ele lembrava. Vidro quebrado na janela da frente, o muro todo pichado do lado de fora, cheio de lixo no jardim (dezenas de latinhas de cerveja e refrigerante, coisa que ela jamais consumiria, ele pensou, devia ter sido jogado pelos babacas dos foliões no último carnaval). Chegou a achar que talvez tivesse se mudado, mas sabia que era bastante improvável. Tamires tinha motivo pra nunca querer sair daquele lugar.

Bateu palma e gritou três vezes, sem ouvir resposta de dentro. Procurou

campanha e encontrou a carcaça de um interfone com fios dependurados. Empurrou a porta metálica esperando encontrar resistência, mas ela abriu de uma vez, com ele quase caindo. A porta da casa também tava aberta e foi depois de abri-la que encontrou Tamires esparramada em almofadas, no chão, com fones de ouvido e um casaco de moletom apesar do calor guardado na sala. Os olhos dos dois se cruzaram de imediato. Ela tomou um susto, tira os fones.

— Caralho

— Oi.

— Cê tá louco? Que merda que cê tá fazendo aqui?

— Bom te ver também, Tamires.

— Não fica de merda, tu entra aqui do nada aqui, caralho. Porra. É assim que te ensinam na porra lá do teu trabalho, imagino.

— Eu tentei gritar, bati na porta. Tu não devia deixar ela aberta, aliás.

Ela se acalma um pouco.

— Não lembrava de deixar aberta. Tem uns dias que eu não saio. Mas cê sabe direitin como que foi a última vez que eu te vi. Você não veio porque tá com saudade, Nilson.

— Como é que você sabe?

— Eu poderia te dar uns dez motivos. Pra começar o fato deu te xingar na internet quase semanalmente.

— Eu tava tentando ser educado, Tamires. É claro que eu não vim aqui brigar sobre política.

— Desembucha, então.

Ele olha bem pra ela e tenta fazer uma cara séria e compadecida.

— Qual foi a última vez que cê viu o Renato?

— Puta merda, nem lembro. Por que?

— É uma história comprida e eu nem posso te contar ela toda. Mas eu preciso falar com ele. Assim, urgentemente.

Tamires enfezou a cara com má vontade e depois modificou a expressão para algo que Nilson entendeu como “tu nem me conta a história toda e ainda acha que eu vou te dar algo?”.

— Eu sei que você não confia mais em mim, mas ele tá em perigo. De verdade. Tão achando que ele tá metido com uns negócios que ele não deve ter nada a ver. Espero. Coisa séria. Sequestro, o caramba. Eu posso não morrer de amores pelo Renato hoje, mas não tenho rancor dele. Juro que não tenho. Eu quero ajudar.

— Oi? Sequestro? O Renato?

Ela olhou Nílson de cima a baixo, a cara franzida, os braços cruzados. Tamires parecia tentar julgar se conseguia acreditar naquilo ou não, dava pra ver o sopeso de considerações pendendo pra um lado e pra outro. Ela sempre teve um rosto involuntariamente expressivo, que deixava sair muito mais do que gostaria. Era uma das muitas coisas que Nilson gostava nela, inclusive. Ela agora fecha a cara e olha pro chão.

— Eu não sei onde ele tá. Não sei mesmo. Mesmo se eu quisesse te ajudar. Só posso dizer que a última vez que eu vi o Renato ele não tava bem. Deve ter uns meses, lá em BH. Tava falando uns negócio muito alucinado.

— Alucinado como? Mais que a média, assim?

— ...

— Alucinado como, Tamires?

— O negócio é que eu não sei se ele tava brincando. A gente nunca sabe, né, com ele?

— Claro.

— Mas sim, bem mais que a média. Ele ficou falando como se tivesse viajado no tempo.

— Como assim? Devia ser piada. Ou ele tava muito doido na hora?

— Ele tava sóbrio, quase certeza. Até onde o Renato fica sóbrio, tipo, ele não foi claro. Mas que tinha viajado ou pelo menos tido umas visões do passado, ele ficava fazendo mistério, mas tava muito impressionado. Muito mesmo. Eu sei como que é o Renato tirando merda da bunda, improvisando besteira na hora e não parecia ser isso. Ou ser só isso. Ele parecia muito convencido de alguma coisa. Até assustado. E foi logo depois disso que ele sumiu. Não vejo ele tem tempo.

Nílson escutava com a cabeça baixa, anotando num bloquinho que tirou da mochila.

— Isso já ajuda, Tamires. Já ajuda muito.

— E tu não vai me contar mesmo?

— Não é interessante, Tamires. E nem sei se é bom pra você saber.

— Ah, tá, então, cê tá é me protegendo, né? Claro que sim.

Nilson se levantou, passou por uma parede larga quase toda coberta por um pano empoeirado.

— Posso ver o mural? Tá terminado?

— Pode não e não tá não. Tá do jeito que tava, ainda. Nunca mais animei de continuar.

Ele continuou por alguns segundos segurando uma ponta do pano, olhando para ela. Acabou levantando e dando uma olhada mesmo assim.

— Cês são muito doido, viu. Cês são pouco doido não.

>>

38.

<

Murilo ficou deitado enquanto a avó saía do quarto, mas logo percebeu que não dormiria tão cedo (e que talvez isso nem fosse exigido dele). Saiu devagarinho do quarto, andando com muito cuidado. A vó assistia televisão na cozinha sem prestar muita atenção, jogando sucessivas partidas de paciência e falando consigo mesma. Murilo ficou na sala com o cachorro, no escuro, puxando das prateleiras os discos de vinil e achando muita graça das figuras inesperadas e dos velhinhos sorridentes ou carrancudos que apareciam ali de terno ou de suéter junto de nomes estrangeiros cheios de várias consoantes e acentos que ele não sabia que existiam. Leu uma das revistas que trouxe na mochila, uma do Homem-Aranha em que ele tinha que lutar contra o Abutre, tentando demorar em cada quadrinho muito mais do que o estritamente necessário, para que ela não terminasse rápido demais.

No dia seguinte, Murilo acordou cedo e ficou em silêncio na cama de olhos fechados. Depois da barriga reclamar por um tempo, que pareceu muitíssimo comprido, decidiu ir procurar café da manhã e ficou muito feliz de descobrir a existência de biscoitos de maizena na mesa e a liberdade de assistir televisão sozinho na cozinha por algum tempo. Assistiu “Pesca e companhia”, “Siga bem caminhoneiro” e parte de um desenho animado do qual ele não gostava por motivos muito bem delineados que ele vivia formulando e reformulando, embora nunca tivesse tido a chance de explicá-los para ninguém.

O almoço foi silencioso e menos tenso do que Murilo antecipava, mas o seu avô pareceu muito incomodado com a presença de *nuggets* de frango na sua mesa, o tempo inteiro olhando pra eles com uma cara revoltada que Murilo não conseguia entender. Depois de comer, Tasso pôs um disco pra escutar e ficou cochilando no sofá. Era a primeira vez que a porta do seu escritório ficava aberta e Murilo decidiu dar uma espiadinha.

Encontrou uma biblioteca extensa e bem montada mas desorganizada no momento, uma mesa de trabalho repleta de de papéis, lápis afiadíssimos, esquadros, canetas, livros, cadernos e pequenos objetos de madeira, tudo encaixado e limpo, um encadeamento de objetos elegantes e auto-sufi-

cientes, iluminados pela cimitarra grossa de sol na parede.

Murilo estava um pouco tenso de estar ali. Ninguém havia dito que o escritório estava além de seus limites, mas essa compreensão parecia tácita. Nem a sua avó havia entrado ali desde que ele chegou. Notou que não havia poltrona nem cadeira alguma no escritório. Tinha uma rede amarrada num canto, mas só. Além da escrivaninha comprida que parecia servir basicamente de depósito de livros e papéis amontoados, Murilo notou no centro do escritório, virado para a janela, um móvel alto de madeira que parecia um púlpito ou um suporte para partituras, guardando folhas brancas todas escritas e um lápis. Murilo só intuiria isso alguns dias depois, mas aquele era o suporte que o avô usava para ler e escrever, o que ele aparentemente sempre fazia em pé.

Enquanto tentava ler as lombadas dos livros, Murilo ouviu um barulho fraquinho de uma porta fechando atrás dele. Ele virou assustado para encontrar o avô sério diante dele, como que assustado com sua presença. Óculos quadrados e bem grossos, de aro de tartaruga, os olhos que quase sumiam lá dentro.

— Você gosta de ler?

A pergunta havia saído num tom muito estranho, difícil de se posicionar. Parecia bravo, como se ler fosse um hábito muito condenável, quase incompreensível. Por isso Murilo não conseguiu responder, ficou encarando o avô de volta, esperando mais instruções.

— Sim.

Ele que havia dito isso? Aparentemente sim.

O avô sorriu e tocou o topo de sua cabeça com a mão, virou as costas, pegou um livro da estante e o abriu no móvel de madeira, retirando do bolso da camisa uma lapiseira e a depositando perto do livro. Não fez mais nenhum gesto na direção de Murilo, que continuou ali um tempo observando, sem saber se devia sair ou não.

>

39.

<<

De todas as muitas vantagens trazidas pelo seu sucesso considerável nos últimos 15 anos, Solano Magalhães Camargo (filho de Margareth Pinto de Souza Aguiar Magalhães e de Antônio Pedro Moreira Camargo, nata da sociedade carioca, os dois, ela herdeira e presidente da terceira maior empreiteira do país) certamente se apegava antes de tudo a poder ficar pelado ou seminu quando quisesse, ou quase.

Já era difícil vê-lo com muita roupa antes disso, mas depois que uma obra sua chegou a vender por quase um milhão de dólares, isso já quase dez anos atrás, Solano praticamente não mais vestiu uma camisa. Os seus sessenta e poucos anos lhe davam alguns chumaços brancos no peito cabeludo e magricelo, cavado pra dentro. Seus braços quase esqueléticos tavam frequentemente fazendo um Z egípcio prum lado e pro outro, quase que como pontuação do que ele falava, e devia ter pelo menos vinte anos que Solano não passava mais de duas horas desperto sem estar bêbado, cheirado, fumado ou sob o efeito de algum remédio careta obtido de algum médico amigo seu. Calça só de couro (ou moletom pra dormir no frio). Só em viagem de avião podíamos vê-lo de camisa e bermuda e era só decolar que ele desabotava ela toda, deixava a pança derramar-se sobre a cueca e a braguilha arregaçar o máximo que podia. Quem reclamasse era atendido com um sorriso mordendo a língua ou com as mãos fazendo óculos de cima pra baixo. Quem reclamasse de novo depois disso talvez levasse uma mordida de leve nos dedos.

Ele quase só fazia esculturas desde os anos oitenta, embora as tenha chamado, nesse meio-tempo (por ordem), de composições técnico-orgânicas, plastiformas, bichos-coisa e objetos (des)encontrados. Nenhuma delas, e muito menos os seus nomes, vingavam muito, apesar do encorajamento pouco entusiasmado em algumas resenhas de amigos ou amigos de conhecidos. Solano tem hoje certeza do valor extraordinário de todas essas obras, não só estético como ético e político. Era só a sua personalidade artística que não tinha ainda plenamente desabrochado nessa plena flor da cultura nacional, além do provincianismo insuportável dos trópicos que

havia impedido por tanto tempo que sua grandeza fosse adequadamente reconhecida.

Pedro, seu filho, começou a usar aparelho aos vinte e dois anos, por opção, e mesmo depois de dois ortodontistas dizerem que não havia mais o que se corrigir ele foi atrás de um terceiro que encontrasse ainda defeitos a serem melhor modelados. Ainda morava com o pai apesar de ter formado em engenharia civil dois anos atrás. Era difícil vê-lo sem camisa social (o máximo que ele transigia era uma camisa polo), quase impossível vê-lo sem calça jeans e cinto de couro marrom ou preto. A sua reação diante de qualquer manifestação artística um pouco mais pretensiosa ou metida a besta (como ele chamava) era de sorrir com o canto da boca e fremir um pouco as sobrancelhas. Quando alguém dizia não conhecer a obra de seu pai ele sempre dizia a mesma coisa, de preferência bem alto, se ele tivesse por perto:

— Parece assim uns bagos dependurados, nunca viu?

— Acho que não.

— Uns bagos assim ou umas tetas, mas parecem mais bagos mesmo. Meio derretidos. Antes alguns tinham mamilos, mas mamilos estranhos, todos espiralados, às vezes pra dentro. Hoje isso é raro.

De fato pareciam tanto bagos quanto tetas, as obras mais famosas de Solano. Adquiriam as formas mais diversas de totens, cetros, estandartes, poltronas, chocalhos, pochetes. Mas eram sempre pilhas sobrepostas de bolas pendendo, com textura de pele, às vezes mamilos, às vezes pelos esparsos.

Era rara, quase inexistente, uma foto jornalística de Solano em que ele não estivesse de alguma forma interagindo com um de seus artefatos, geralmente de maneira cômica e sugestiva.

Pedro só foi descobrir que quase metade da atividade comercial galerística de seu pai era lavagem de dinheiro recentemente. Isso só fez trazer um carimbo oficioso e racional a um incômodo (frequentemente raiva, mesmo) que ele sentia bem mais difuso e desde sempre, desde antes do pai fazer tanto sucesso.

>>

40.

<

Durante o jantar, que envolvia apenas Murilo e Teresa (“seu avô quase nunca janta, só come um mamão que eu ponho na porta dele”), ele percebeu a disposição que a avó tinha de contar histórias. Decidiu se aproveitar disso para preencher as várias lacunas da vida dos dois que lhe incomodavam (ele não gostava de lacunas). A avó parecia gostar da atenção, mas se complicava nas histórias, ia e voltava, rearranjava detalhes toda hora. Só depois de ouvir várias versões de cada informação é que Murilo conseguia achar que podia depurar dali um meio termo mais ou menos confiável.

Murilo montava como podia uma imagem que fizesse sentido a partir dos retalhos que a avó lhe dava. Tasso provinha de uma família dura de fazendeiros mineiros de doze filhos, dos quais o pai escolheu os mais velhos para estudar. Tasso (o primogênito) pra engenheiro e o segundo mais velho, Roberto, pra médico. Os outros todos trabalhavam na fazenda da família. Os irmãos pareciam ter um ressentimento vago e raramente articulado de Tasso, da figura meio canhestra que ele fazia, liberado de trabalho braçal e da maior parte dos hábitos e tratos dos irmãos. Tasso acordava na mesma hora dos outros, embora não tivesse que ir trabalhar. Ficava sentado na varanda da casa com a mãe e o irmão mais novo, constrangido. A mãe e as criadas tratavam os dois como se fossem doentes, diferentes de alguma maneira, o que sempre contribuiu para que Tasso fosse destacado do resto da família. Apesar de óbvio, o ressentimento dos irmãos não tinha como ser expresso de forma legítima, já que Tasso sempre se manteve respeitável, sempre atendeu as responsabilidades de estudante e filho que haviam sido assinaladas pelo pai e, mais tarde, sempre cuidou de sua esposa devidamente. Calado durante as refeições e festas de família, nunca bebendo, sendo formal de uma maneira que ninguém lhe ensinou a ser. Os irmãos tinham séria dificuldade de respeitar alguém que não bebia, quase toda a interação entre eles se dando através ou em torno de cachaça e cerveja. A sua introversão puxou o isolamento, que por sua vez fortaleceu sua introversão, e essa alça recursiva engrossava até hoje. Depois de estudar em Belo Horizonte, Tasso foi ficando ainda mais estranho, ainda mais re-

traído, lendo muito mais do que a faculdade obrigava, visitando a família na fazenda no máximo duas vezes por ano (enquanto Roberto, o médico, ia quase todo mês). Depois de casar com uma menina mais retraída que ele, uma prima distante também de Belo Horizonte, o afastamento se deu por completo. Mandava dinheiro para ajudar os irmãos mais novos começarem a vida, mas ninguém ouvia de sua família. Há décadas que ele não visitava ninguém nem no natal.

No final da década de cinqüenta Tasso ficou excitado com o projeto de Brasília, com tudo que ele acreditava que a cidade representava para o que ele chamava de Humanismo Brasileiro, e assim que descobriu uma oportunidade concreta de emprego, se mudou prontamente para lá com a mulher grávida. Não havia nada quando chegaram, a vó disse, só barro em todas as direções. Ela não lembra de uma época em que Tasso tivesse tão animado, tão bem disposto com as coisas. Mesmo depois de se assentarem num bom apartamento a vida era mais custosa do que em Belo Horizonte. Leite era racionado e as poucas lojas viviam vazias. Eles foram a primeira família a se mudar para aquele prédio onde moravam até hoje. Dois dias depois se mudou a família Ribeiro, gente de Recife com quem Tasso logo brigou.

Tasso havia se desapontado com Brasília, mas não sabia dizer exatamente porque. Ele esperava alguma coisa maior, esperava que alguma coisa se realizasse ou se afirmasse de forma inequívoca quando a cidade fosse inaugurada, como se um esforço tão monumental precisasse obter um efeito monumental no mundo, como se todo mundo que viesse pra cá de alguma forma tivesse que se envolver com aquele desenho, com aquela vontade de instaurar uma ordem, começar alguma coisa, levar o Brasil e a humanidade a sério. A avó contava que logo quando as obras foram diminuindo e a cidade foi ficando pronta ele teve uma fase deprimida, parou de encontrar os poucos amigos que tinha, se tornou ainda mais calado do que era e começou a ler mais do que já lia, a fazer quase que só isso. Quando o golpe veio, e a UnB em seguida foi esvaziada, ele entrou num humor soturno derradeiro do qual nunca saiu.

— Ele lê muito, seu avô, né, sempre, sempre leu muito assim desde que eu conheço ele tá sempre com um livro, sempre escrevendo nos livros, sempre encomendando e mandando cartas e pedindo catálogo e brigando com os moços da livraria que não chega. Se tem uma coisa que realmente é ele e ele gosta são os livros dele. Tem uma cultura enorme, sabe tudo quanto há,

mesmo, mesmo, se quisesse poderia até dar aula, que eu já falei com ele Tasso por que você não dá aula? Mas ele diz que esses meninos não sabem de nada, que ele não teria paciência, e é verdade, né, ele não é paciente de jeito nenhum, isso não dá pra dizer que ele é, não.

Enquanto tentava ler as revistas que trouxe, Murilo ouvia as anedotas distraídas e compridas da avó, juntava à imagem daquele senhor rabugento. Imaginava aquela vida comprida povoada de construções mentais enormes e despovoadas, de uma introversão profundamente enrodilhada em si mesma. Murilo nunca tinha visto alguém daquele jeito, ele não sabia nem que dava pra ser assim.

>

41.

<<

Eu empacava. Assim, mesmo. Tipo o piripaque do Chaves, praticamente? Segurava um braço no outro e ia meio encurvando assim, olhando pro além, até começar a falar alguma coisa. Alguma coisa assim que já existe, comercial ou canção, e que não tinha nada a ver com a situação. Quando é assim, eu só saio no choque, de uma vez. Desenterro alguma coisa que me salva, alguma muleta (o filho da puta que inventou que chamar algo de muleta é xingamento claramente tinha todas as pernas). Tudo que funcionar funciona. Por exemplo: Romy Schneider com membranas interdactilícas naquele filme. Dácteis? Entre os dedos. Sou eu, aquilo, todinho. Ou o Jorge Aragão falando “nada, nada é meu, nem o pensamento”, tal qual um neoplatônico truzera (o nous não é teu, não, meu bem). Riqueza de timbre, os pontos descontínuos que dão em continuidade, desembocando em pátio amplo. É por movimento. Pronto. Não tem razão que dê conta de si mesma, Cleiton-Emanuel-Canto. Quanto menos do mundo, é tanto giro em falso que parecemo time de pebolim, os João e Joana sem braço. O tempo bifurcado, correndo pros dois lados, enquanto a gente só vê um, lisinha a curva entre eles. Só os ventilador sem pá. A história dando um sentido tardio, atrasado, pro tempo. Da satisfação e do fracasso, perguntas em avanço. Como quem bota calças num defunto. As calças são pra nós, não pra ele. Pra ele é tarde demais para o conceito de “calças” apanhar muita coisa. Avanço. Que elas avançam. Surdo de terceira quebrando, quebrando.

A primeira vez que rolou isso deu travar feio foi uma bosta, tava dentro duma delegacia, imagina, pela primeira vez na vida. Em São Paulo. Dezenove anos de idade, o cu travado igual um punho. O primeiro depoimento em delegacia é uma performance crucial na vida da pessoa. Me fizeram uma pergunta simples, do tipo nome e naturalidade, e não consegui responder. E não consegui porque não consegui mesmo, não saía nada. Me deram um tapa na nuca e perguntaram de novo. Daí eu desembuche

*Transato transbordamento transbordante transbordo transcendência
transcendental transcorrer transcorrido transcrever transcrição transcrito
transcritor transcurso transe transecular transeunte transexual*

Aquela era a página seiscentos e alguma coisa do Minidicionário Miranda da língua portuguesa. Foi o primeiro livro que eu engoli de verdade. Tinha dezessete anos e morava no Rio. E isso foi sair mais de dois anos depois, em São Paulo. Cê pode imaginar como ajudou na minha situação.

A maneira que eu vim a meio que explicar pra mim mesmo com os anos é que alguma coisa me desmonta, seja por ser estranho, por ser constrangedor, por ser emocionante, por ser lindo, por ser tesudo, por ser feio, por ser terrível, por ser maligno, por ser maravilhoso, por ser divino, e diante de qualquer coisa que me sature de tanta intensidade que eu não consiga suportar, eu travo e não sei reagir, a abóboda cava pra dentro, não computa, a ação correspondente não brota e, de alguma forma procurando uma solução, minha cabeça me vem com algum sucesso, guardado ali que por algum motivo encaixe, na hora, seja refrão ou manchete e depois que o encaixe vem a coisa é imediata, eu mal percebo, eu só faço. Não sou nem eu falando, exatamente. Saca? É tipo estar possuído. Digo literalmente.

Eu sempre desde moleque gravei assim fácil-fácil comercial que eu ouvia, música que tava tocando no rádio, essas coisas tavam sempre ecoando na minha cabeça. Sempre fui maleável como massinha, tudo se imprime, quase nada fica. Eu capto, registro e re-transmito. Mas foi depois da minha mãe morrer que começou a rolar isso deu estar bem ansioso em público e do nada eu vomitar alguma dessas coisas mil vezes, ou começar a encadear um refrão de música em outro tipo vinheta de rádio, série de comercial atropelado e acelerado, narração de golos fictícios notáveis.

As pessoas tudo olhando em volta, dependendo do contexto explodindo de rir ou só ficando todo mundo muito sem jeito olhando cada um prum canto como se não fossem com eles. Isso acontecia muito quando eu tinha uns quatorze, tipo uma vez por semana, mais ou menos, ou mais, mas aí eu fui tentando dominar. Minha primeira estratégia foi fazer que a coisa que me explodisse fosse Tim Maia, porque a maior parte das pessoas gosta de Tim Maia e não vai ficar tão desagradada quanto se eu começo a gritar um proibidão ou a música-tema de algum anime (algumas em português, outras transliteradas por euzinha mesma). Não funcionou tanto (mas deu num lindo momento uma vez num ônibus eu e mais duas tiazinhas hippie de cinquenta anos cantamos “Universo em Desencanto” a plenos pulmões).

Eu não tenho uma voz bonita, mas não tem problema. Aqui dentro soa ótimo.

Eu sempre quis ser artista. Mas artista eu digo de televisão, né, famoso, eu digo. Porque artista no outro sentido, no sentido olhem-para-mim-sou-um-gênio-que-experimenta-e-cria-mundos, essas besteira, isso nem passava pela minha cabeça. Artista era gente gostosa que aparecia na televisão. Hoje eu vejo o tanto que essa noia é errada. O que não quer dizer que eu não tava já certo, na época, dum jeito torto. Na pegada, já, eu digo, mais ou menos. Te dar um exemplo idiota. Em 96, no Rio ainda. Eu, moleque de tudo, um dia, doidaço, vi uma propaganda da Nike que me irritou. Eu nem lembro mais te dizer como que ela me irritou, era um negócio meio normal pra essas coisas, uns cara lá forte correndo e sendo potentes com uns negócio deles. Era foto, aliás, numa parada de ônibus perto da Brasil. E tinha aquela frase famosa deles, né, just do it. Nike era uma deusa da vitória, né, tem aquelas estátua famosa e tudo. Bem depois eu descobri. E virou isso aí. Essa escrotidão esparrada, tão embaçada. Eu tava fumado, tava eu, Mateus, Sardinha, Jemerson e Pamela, acho. A única mulher, a única que sabia inglês. E a Pamela traduziu ali na hora e a gente ficou repetindo assim dum jeito idiota, com uma voz idiota, de comercial antigo, ou de rádio, assim, Apenas Faça Isso. Apenas Faça isso. Não tinha sentido nenhum. Era só um estilo, né, uma onda, assim. Eu conseguia entender isso, que nem era pra fazer muito sentido, mas era bem isso que me irritava. Eram que nem aquelas camisa que falava umas palavra em inglês que na época eu ficava suspeito do que significava e que eu fui descobrir tempo depois que não dizia era porra nenhuma. *Authentic Baseball power for space*. E aí quê que eu fiz? No dia seguinte eu peguei o negócio lá que me pagavam pra ficar segurando no centro COMPRO OURO e fiquei umas horas com o negócio escrito lá um papel em cima NUNCA FAÇA ISSO. Eu quis fazer esse trem, achei bom, vislumbrei de noite e de manhã consegui que um bróder meu que trabalhava em escritório imprimisse pra mim e fiquei lá segurando o negócio no peito com uma cara boa, até, um tempo. O povo olhava um pouco, mas ninguém parecia se ligar muito não, na verdade. São Paulo, né? Mas hoje eu vejo que era arte já aquilo lá, já, mas se tu fosse me dizer isso na época eu ia rir da sua cara, não ia nem entender. Era só gracinha, só. E era. Mas ao mesmo tempo era a coisa mais séria do mundo.

>>

42.

<

No dia seguinte Murilo bateu na porta do escritório do avô. Tasso abriu com uma cara perplexa, parecendo pronto a reclamar de alguma coisa, mas sua expressão mudou quando viu que era Murilo ali. Pareceu confuso, não disse nada, mas voltou para a sua mesa e deixou que Murilo entrasse.

A avó ficava quase histérica com a sua presença, sorria sem parar e começava a fazer café e pão de queijo como se alguém lhe estivesse apontando uma arma. No segundo dia Murilo conseguiu formular pra si mesmo uma impressão que teve assim que chegou. Apesar de apreciar a gentileza da vó, era bem claro que a sua presença causava muito mais ansiedade do que alegria.

Já o avô passou a escancarar a porta do escritório quando via que Murilo estava lá, diante da porta entreaberta, sem dizer nada. Murilo entendia isso como um convite, entrava e ficava sentado no chão diante da estante, com ele. Lia e folheava os livros por horas. Começou com os livros de arte e de história que tinham ilustração, nas prateleiras mais baixas. Murilo nunca tinha se concentrado por tanto tempo numa coisa muda, mas a presença daquela figura levemente assustadora o obrigava a ficar concentrado e quieto, o ar fechado e sério ganhando para Murilo contornos afetivos que ele só sentiria de novo depois disso em bibliotecas públicas.

— O senhor escreve? Eu vi que tem vários cadernos.

Ele levantou o rosto assim que ouviu isso, sem olhar para Murilo, virado para a janela. Ficou parado um bom tempo.

— Sim. Mas eu não sou muito bom.

Murilo sorriu, sem saber como responder, e nem se ele devia dizer alguma coisa. Ele também não sabia escrever bem direito, tinha aprendido há pouco tempo. Mas o avô não devia estar falando de conseguir fazer o 'R' direitinho.

— Na verdade eu não sou nem um pouquinho bom.

No sábado, dia em que o avô comia meia barra de chocolate e cochilava

livremente, eles ficaram ouvindo vinil de música em que ninguém falava nada, só gritava “OOooOOooOO”. Tasso falando fraquinho coisas que Murilo quase nunca entendia enquanto batia na porta a cauda de um cachorro que mal lembrava que existia, a tarde morrendo lá fora.

>

43.

<<

Fabiana sai do quarto escuro chamando por Flávio. Ninguém responde. Desce as escadas com pressa, a mão direita firme no corrimão. Quando chega na sala invadida de luz demora uns segundos pra perceber que não era, como tanto lhe pareceu de imediato, um acúmulo de pequenos brontossauros ali na sua frente, lá fora, vistos pela fresta de janela entre o sofá e a persiana.

O que era eram os rabos todos empinados dos muitos (quinze? vinte?) gatos, que estavam até o momento quase quietos, mas que, com a sua presença, começaram a se alarmar num massa volumosa de uivos (estridentes e agoniados, uns, afiados e arredios, outros).

Onde que ela tava? Os seus peitos doíam um pouco, ela reconhecia a calcinha e as meias que estava usando, mas não a camiseta do Patolino com o que talvez fosse sangue espirrado, já marrom e seco, num canto. Eita. Ela olha por dentro da camiseta e vê que seus peitos têm uma marca vermelha de mão. Sua espinha enrijece. Nem no quarto e nem na sala encontrou algo pra vestir as pernas, os armários vazios como os de um hotel. Do seu celular e da sua carteira tampouco havia qualquer rastro. O que ela encontrou foi um aparelho estranho jogado perto da cama (meio mal-acabado, com placas expostas, fiação meio tosca) com uma estrutura metálica redonda que parecia feita para acoplar no pescoço.

Quem que ela conhecia que teria tanto gato no jardim? Que merda de casa chique era aquela?

Se tavam todos lá fora talvez não fossem da casa, fossem da rua. Talvez a pessoa só alimentasse. Ela se sentia ao mesmo tempo desperta e alerta pela situação e estranhando muito as impressões que tava tendo, como se o mundo demorasse ou derretesse de uma indecisão que ela associou de imediato com ressaca de doce e de bala. Mas uma coisa era tomar um negócio e esperar o efeito, outra era acordar assim. Sem lembrar de ir dormir. E acordar assim numa situação tão confusa, tão escrota. A gastura trincando nos dentes fez ela pensar em pó, mas ela não cheirava tinha quase dois anos já, não devia ser.

Ela já tinha acordado antes em algumas casas que não conhecia e pras quais não lembrava de ter ido, mas sempre tava com o celular ou acordava com alguém que conhecia ou semi-conhecia. Uma confusão mental se redobrava sobre outra. Ela tenta fixar a última memória clara, lembra-se de esperar Flávio de fora do metrô Vila Mariana, que ficava perto do trabalho dele. Não lembra de ter tomado nada tão assim na noite anterior. Tava com a Cátia, o Flávio e o tal do amigo dela, tavam num bar aleatório meio lanchonete bebendo um litrão que ficava quente rápido. Eles iam fazer alguma coisa importante, mas ela não consegue de jeito nenhum lembrar o que era. A última coisa que ela lembra era da Cátia se despedindo. E o Flávio? Onde que tava o Flávio? Será que ela não tava era pirando? Talvez não tivesse tomado nada. Só bebido. E feito alguma coisa horrível, tão horrível que nem lembra. Ou sofrido. Feito ou sofrido. Tão horrível que nem lembra.

>>

44.

<

Depois de alguns dias, o avô começou a falar com mais frequência, confessar coisas inesperadas num tom que Murilo não conseguia ter certeza se eram direcionadas para si mesmo, para ele ou para alguma terceira entidade não nomeada.

Disse da vez que tinha sido levado com dezessete anos a um puteiro no interior de Goiás com os irmãos mais novos, quando descobriram que ele ainda era virgem. Contou do seu constrangimento e de uma senhora bem mais velha, “gorda como uma porca” e muito gentil, que tinha visto o tanto que ele estava apavorado e concordou em masturbá-lo e ficar por isso mesmo. Murilo não compreendeu o eufemismo usado pelo avô, mas entendeu que estava falando de sexo, o que ele nunca tinha visto um adulto fazer fora da televisão.

Tasso disse também da vez que havia ajudado um senhor cujo nome Murilo não entendeu com a sua tradução de algum autor cujo nome tampouco Murilo entendeu e que o filho da puta não o teria creditado devidamente. Que sem ele a tradução teria ficado uma bosta. Falou disso por mais de uma hora seguida.

Depois disso finalmente se calou por um bom tempo, remexendo o excesso cinzento e machucado de pele seca e esbranquiçada no cotovelo esquerdo com a mão, parecendo com os olhos lembrar de muita coisa e tentar decidir se falava ou não. Até ficar sério, meio espantado, semiboquiaberto, como quem acabou de ter uma puta numa sacação.

— Você vai tomar nota, menino. Da história.

— Que história?

— A minha psicomaquia. As minhas, na verdade. Os gilgameshs aqui, filho. Eita.

— O quê?

— Eu estou tentando chegar o quanto antes na lectura dadueundécima, o oito repartido, o boi arrependido, sim. Antes que termine.

— Oi?

— Lá vem. Começou. Foi. Eita ferro.

— Oi?

— Lectura undecima, dois pontos.

— O quê?

— A transmutação em curso, o senso de si dividido e o processo de sua unificação e consequente dissolução. Fez que não ia, fez que não ia e foi. E fumo.

— ...

— Entendeu?

— Oi? Eu não –

— ENTENDEU? TOMA NOTA, MENINO. TOMA NOTA.

Ele estava possesso, de repente. A boca enfezada pra baixo de um jeito esquisito, azedo, os olhos acendidos, tudo de repente reteso como se de uma necessidade premente. Murilo pegou um bloco e ficou a postos, olhando para o avô com uma cara que ele esperava que estivesse transmitindo incredulidade. Mas aí ele não disse nada, continuou com a expressão atenta por alguns segundos e logo tinha o rosto solto como se jamais tivesse dito coisa nenhuma.

>

45.

<<

Assim que os pratos chegaram, Cristiano pediu licença para ir ao banheiro. Como estava no canto da mesa, seu pai, a esposa novinha dele e um de seus irmãos mais velhos tiveram que levantar para ele passar. Reclamaram da sua saída ao banheiro assim que a comida chegava, Cristiano pediu desculpas rindo, como sempre fazia. A família era toda de Cuiabá, mas os filhos viviam em São Paulo tinha mais de uma década, e o patriarca também trabalhava lá durante mais da metade do seu tempo. Somando a família toda, laranjas inclusos, eram donos de mais de seis milhões de hectares em três unidades da federação, pelo menos quinhentas mil cabeças de gado e cem mil de porco. A mesa tinha seis pessoas sentadas, duas esposas ainda estavam por chegar.

Cristiano trancou a porta do banheiro assim que entrou, encarou o espelho. Seus minúsculos olhos azuis pareciam sumir naquele rosto enorme e rosado. A testa brilhava de suor, duas pizzas cresciam debaixo dos braços da camisa morstarda.

— Você não tá tendo uma crise. Cristiano. Cristiano. Isso não é uma crise.

Ele sempre se sentia idiota quando falava sozinho, mas já tinha ajudado antes. A única coisa que havia prestado dos meses com aquela bosta daquela terapeuta carésima e arrogante. Dessa vez não vinham à mente as imagens de sempre (dele mesmo pelado, gordo, com gente rindo em volta, dele criança no meio de adultos do tamanho de arranha-céus). Há três semanas, desde que voltou pra casa, Cristiano o tempo todo lembrava do maluco sem perna pulando, rebolando, curvando e mostrando o cu bem aberto pra ele, piscando.

— Isso aqui é um portal, meu querido. Um portal prum mundo maravilhoso.

Cristiano lembrava dele próprio rastejando no meio dum bando de porco, as pernas amarradas uma na outra. Os porcos rosados e gordos que nem ele, fazendo aqueles barulhos focinhados, borbórismos amassados

que ele ouvia agora saindo de qualquer tubo, qualquer canto, dormindo ou acordado.

No raio-x não encontraram nada na nuca dele, apesar da sua insistência de que tinham botado algo nela, a memória de sentir uma picada por ali durante uma noite grogue, com o aleijado e a gorda segurando o seu pescoço e discutindo entre si. Ele sabe que quando ele fala isso pros outros ele soa maluco. Depois do último depoimento que deu para a polícia federal o cara fortinho de aparelho olhando pra ele com cara de pena, Cristiano desistiu. Só conversa com a esposa, quando bebe, chorando até amanhecer. O pior momento foi a piscina. Ele não sabe do que é que tinham enchido aquilo ali, mas enquanto viver vai lembrar da consistência. Aquela gosma rosa espessa, o cheiro de amônia e de morte e o corpo todo entranhado daquilo por dias. Dava engulho só de lembrar. Era impossível pra ele comer carne sem sentir aquilo de novo, a pele toda empestada. Ainda mais carne de porco, que sempre foi a favorita dele. Ele quase só comia peixe desde aquele dia. E quando tentou explicar pros irmãos todos só foram fazendo uma cara de confusos e irritados até ele desistir. Ninguém gostava nem que ele lembrasse do assunto, preferiam que fingisse que nada tinha acontecido. Às vezes Cristiano suspeitava que eles nem acreditassem nele, não inteiramente. Pareciam achar que ele tinha endoidado, inventado aquilo tudo. Trocavam olhares entre si sempre que ele tentava falar sobre aquilo. Endoidar ele pode ter endoidado, mas foi depois. Aquilo tudo aconteceu mesmo, Cristiano sabia. Não tinha como não saber. Os porcos correndo junto com ele, a gorda de máscara lendo aquelas coisas horríveis por horas, as descrições de animais que passam a vida confinados, empilhados com outros, comendo os restos mortais dos seus pais e avós, ouvindo o grito deles de dor, o cara sem perna tirando os negócios do cu. Como que ele ia conseguir inventar aquilo tudo? Donde que ele tiraria essas desgraças?

Ainda no banheiro, Cristiano imagina a mesa, seu pai com a mulher gostosa dele e os irmãos com as deles, até a Regina atarantada e tensa por sua causa, todo mundo lá feliz da vida metendo seus garfos e facas nas coxas e pernas e braços e peitos de bichos mortos em cima do prato. Ele sugeriu japonês, o pai e os irmãos emendaram o nome de três churrascarias, escolheram a de sempre. Ele ensaiou pedir um frango, o pai olhou pra ele com uma cara irônica. A cara que ele mais teme no mundo. Pediu costelinha de porco para dividir. Agora tem que comer. Não tem jeito. Olhou de novo sua figura

no espelho, o rosado indo pro vermelho, seu cabelo castanho encaracolado, os olhos azuis opacos, a cara assustada. Lavou o rosto, falou de novo pro espelho que não tava tendo uma crise de ansiedade e voltou para a mesa com um sorriso enorme, fazendo todo mundo levantar de novo para ele voltar para o seu canto. Foi só sentar e espetar o canto de uma costela com o garfo que lhe veio uma inundação, o vômito de vermelho vívido de beterraba jorrando numa rajada que atingiu três pratos, dois celulares e uma echarpe de caxemira antes que se voltasse para o chão.

>>

46.

<

Terminada a semana, os pais chegam de viagem no domingo à noite e levam Murilo de volta pra casa. Trazem para ele de presente um boneco do Baby (da família dinossauro) e um boné do pato Donald, que ele acha incrível e fica usando no banheiro por horas. Olhando no espelho e falando consigo mesmo, sem fazer barulho, só mexendo os lábios com deliberação e modulando expressões.

Quatro anos depois, Murilo está sentado no pequeno jardim da casa e olhando para o gato que sua mãe adotou da rua e que ele sabe que vai ser expulso pelo pai em breve. A mãe explicava que ele era alérgico, mas Murilo entendia, sem dizer nada, que a rejeição do corpo do pai ao gato devia querer dizer alguma coisa a respeito da alma do pai. Murilo do nada se lembra da cara do avô balbuciando aquelas coisas que ele tentava fazer em palavras, mas não conseguia. Ele agora tinha onze anos e já tinha lido mais de trinta livros sem desenho, quase todos os que pode encontrar nas estantes da sua casa, à exceção de dois manuais de direito administrativo e de partes da Bíblia. Ele adorava o Êxodo em particular, as aventuras de escravos se libertando, mas nunca gostou dos salmos e achava os profetas repetitivos. Na Enciclopédia Britânica ele ainda estava na letra J.

Murilo deliberadamente não queria se afeiçoar ao gato, embora ele fosse bastante lindo, porque achava gatos criaturas traiçoeiras e falsas, ao contrário de cachorros (que eram ao mesmo tempo ótimos e assustadores), mas era um filhote pequeno e preto, muito magro, suas espáduas se projetando como asas quando ele se curvava, uma fragilidade arqueada e quebradiça que se repuxava e doía em Murilo mesmo achando a criatura perversa. Ele queria proteger aquele gatinho e não se lembrava de jamais querer proteger alguma coisa além do seu Bulbassauro, que vivia dentro do seu Gameboy, e só quando estava ligado. Ele percebe que tem algo numa miniatura bem-feita que consegue demandar cuidado da gente. Olha no espelho, uma voz estrangeira à sua diz, dublada, que foi muito esperto isso que ele acabou de pensar.

O gatinho chega perto de Murilo e se desmonta de forma muito precisa

em volta de seus pés. Ele sente cócegas, tenta não se mexer, mas não consegue. O gatinho se levanta por um instante e olha de novo pro pé, como se tentasse entendê-lo novamente. E por alguma razão o gatinho o faz lembrar do avô. Ele não entende como que isso acontece e isso o perturba. Ele gosta de achar que entende o seu próprio encanamento, a maneira de tudo fazer sentido e se juntar. E ele não entende o que no gatinho o fez lembrar do avô. São duas coisas muito diferentes.

Murilo está deitado no sofá. Já ligou a televisão e viu que todas as coisas que estão passando são distintamente ofensivas ou chatas. Seis e meia da tarde tem *Dragon Ball Z* na casa do vizinho, mas ele teria que tocar a campanha, teve aquela vez em que ninguém atendeu e a mãe dele ligou para a sua, o que foi péssimo.

Talvez aqueles excessos de pelo branco irrompendo de extremidades. E as juntas frágeis se denunciando. Do gato e do avô. Ele fechou os olhos e tentou tomar nota disso, de ter percebido isso e de ter percebido daquele jeito.

Na quinta feira seguinte, Murilo e o pai vão almoçar pizza Dom Bosco, o único gosto que eles ainda compartilham. Cada um come duas pizzas duplas e toma um mate. O pai retorna ao trabalho de carro. Murilo, ao invés de caminhar sozinho para casa como havia aprendido recentemente, vai até à casa do avô, bem ali do lado.

A avó parece assustada com a sua presença, mas deixa ele entrar sem muito alarde enquanto fala no telefone com uma prima que Murilo sabe que sempre a alegra muito quando liga, fazendo-a gargalhar de histórias que envolvem sempre uma amiga em comum chamada Elaine, que era muito doída e cheia dos namorados.

O avô tava dormindo quando ele chegou. Murilo ficou vendo *Vale a Pena Ver de Novo* baixinho e ouvindo a conversa da avó por uns quinze minutos, as interjeições incrédulas deles diante de coisas que Murilo não conseguia escutar às vezes batiam com as declarações dramáticas de Suzana Vieira na tela. O que era divertido. Isto se arrastou até soar um sininho lá de dentro e os dois irem levar leite pra ele.

O avô tomava quantidades ridículas de leite. Tava escuro no quarto, mas não o bastante pra justificar o tanto que Murilo não reconheceu aquela figura mal redimida ali. Um estranho, ainda mais magro, suas carnes pou-

cas pendendo soltas dos ossos, com pelos brancos protrusos de cantos inesperados, do meio do rosto, das orelhas, entufados perto do pescoço. A pele que já tava enrihada, amassada, agora parecia com uma cor diferente, não mais pálida, mas opaca e espessa como a de um elefante.

Quando foi pegar água na cozinha conseguiu escutar a avó, que falava alto e pareceu não notá-lo.

— Ele nunca foi agressivo, não dá pra dizer que ele é um homem agressivo, né? Mas agora ele tá, tá irracional, sabe? Né, com umas irritações.

— ...

— Ah, isso é besteira, é. Ele fica falando de um manuscrito.

— ...

— Um manuscrito, um Júlio, mas não tem nada de Júlio, não tem nada disso não.

Pelo que sua vó dizia, ele tinha “um negócio no pulmão”, mas se recusava a operar. Murilo não entendia exatamente qual nível de irresponsabilidade médica da situação, se alguma coisa ainda podia ser feita, mas não conseguia forçar a si mesmo a conversar com a mãe.

Tasso fica sentado na cama sentindo muita dor, gemendo muito baixinho, alguns livros esparramados em volta que ele aparentemente só consegue folhear, sua atenção vagando pela parede. Ele pede com muita insistência que sua esposa colocasse às cinco e meia todo dia um mamão na janela, para que os passarinhos comessem. Ela faz isso, mas passarinho nenhum aparece.

Um ano depois, poucos meses após aprender como fazê-lo, Murilo gravou um CD-R com vários poetas modernos de língua inglesa lendo da sua própria obra e levou junto com o seu Discman prateado e todo riscado, que estava tornando suas manhãs na escola tão menos intoleráveis. Eliot, Pound, Moore, Williams, Stevens. Nomes que ele tinha lido primeiro ali. *Eu vou te mostrar medo num punhado de pó.*

Tasso fechou a cara quando viu o aparelhinho, mas depois de alguma insistência aceitou os fones de ouvido e mudou a expressão quando começou a reconhecer aqueles versos. Por mais ou menos vinte minutos ele ficou sorrindo, extasiado, mas de repente sua expressão se fechou, arrancou com violência os fones da cabeça e jogou aos pés da cama, falando que aquilo era

tudo mentira, aquelas vozes não existiam, eram impostoras.

— Wallace Stevens nunca leria sua própria poesia tão mal assim. Esse impostor além de impostor é péssimo, *péssimo*.

Tasso parecia profundamente perturbado, os olhos grandes. Murilo recolheu o seu *Discman* e achou melhor não insistir.

>

47.

<<

Tamires e Simone se conheceram num fórum sobre anime em 2007 (num tópico sobre *Ghost in the Shell*), a primeira com dezesseis, a segunda com quinze anos. Tamires era de Cuiabá, Simone de Belo Horizonte.

Rapidamente começam a conversar todo dia, elas descobrem juntas o feminismo cyberpunk, começam a compartilhar um mundo denso de pias internas. Simone tinha acabado de terminar com o primeiro namorado quando conheceu Tamires, que nunca tinha namorado ninguém. Simone descreve o desconforto que tinha sentido nas primeiras transas, que ela achava que seriam ótimas e acabaram sendo bem ruins. Tamires disse pra amiga que era lésbica, embora nunca tivesse antes formulado isso desse jeito pra si mesma e nunca tivesse beijado uma garota além de uma prima quando era mais nova, de brincadeira.

Mas diante da amiga virtual ela gostava de se sentir confiante, então falou que já tinha transado com duas garotas sertanejas bem machonas que tinham dado em cima dela num bar, o que não era verdade nem de longe. Isso levou Simone a prontamente dar uns amassos na irmã mais velha de uma amiga sua e vir contar com orgulho no dia seguinte. Algumas semanas depois já tinha transado com uma amiga da escola e falou que achava que não ia voltar a mexer com pau nunca mais. Ou não tão cedo, pelo menos. Tamires ficou impressionada, mas não conseguiu fazer o mesmo, não conhecendo tanta gente pessoalmente e não tendo muito hábito de sair. Confessar sua atração por alguma das meninas de sua sala parecia absolutamente impossível. Teve mais de um pesadelo onde isso acontecia e uma polícia de uniforme rosa aparecia para prendê-la.

Ela ajudava o pai na mercearia e a mãe com a casa o tempo quase todo em que não estava na escola. O único bar perto da casa dela não era exatamente uma referência regional LGBT.

Depois de um ano de amizade, Tamires só tinha enviado uma foto dela para Simone, uma dela mais nova, bem menos gorda do que ela acabou virando com o tempo. Simone tinha várias fotos dela disponíveis pela inter-

net e estava linda em todas, parecendo ainda menor e mais frágil do que era, cabelo liso escorrido castanho e traços delicados, um pescoço enorme. Simone dizia que ela também era linda, mas ela sabia que devia ser gentiliza (ou afeição). Tamires era baixa e achava o seu corpo feio mesmo quando não estava obeso (e ele geralmente estava). Seu cabelo crespo ela deixava o mais curto possível mais para não ter trabalho nenhum do que por uma escolha estética, seus óculos grossos deixavam os olhos pequetinhos se perderem na imensidão do seu rosto.

Simone convidava a amiga para ficar na casa dela em BH, praticamente desde que se conheceram, mas foi só com dezenove anos que Tamires juntou o dinheiro pra passagem de ônibus e aceitou o convite. O que motivou a decisão foi o fato de Simone estar doente. A leucemia que ela tinha tido na infância tinha começado a voltar. Ainda não tava sentindo com tanta força, mas já tava debilitada. Tamires ficou no quarto da amiga, na casa dos pais dela, no bairro de Lourdes. Ela nunca tinha estado numa casa tão rica e ficou envergonhada de suas roupas, de sua mochila e de tudo mais que envolvia sua aparência. Os pais dela tentaram ser educados, mas dava pra ver o choque estampado no rosto deles diante de tudo que ela mostrava. Perguntaram quatro vezes, em dois dias, como elas tinham se conhecido. Ela tentou impressioná-los com algumas referências históricas sobre cultura japonesa, no jantar que fizeram os quatro num lugar de sushi (ela mentindo que já tinha comido aquilo antes, fazendo o possível pra esconder sua surpresa com o gosto e a textura). O pai pareceu amaciado, a mãe não.

Na segunda noite que elas dormiram no mesmo quarto, Simone se esgueirou pro colchão da Tamires, no chão do lado da cama dela. Sem falar nada, ela começou a beijar a amiga, primeiro na orelha, depois na bochecha, depois no pescoço. Antes dela chegar na boca Tamires já estava explodindo de alegria, sem saber o que fazer, sem saber se podia reagir, se aquilo era brincadeira ou era a sério, com medo de um gesto errado estragar tudo. Quando a mão de Simone entrou dentro da sua calcinha ela teve que unhar sua própria perna pra não gritar de prazer (com os pais no quarto ao lado). Quando ela mexia em si mesma já tinha aquele formigamento todo, aquela força arvorando pra dentro como que repuxando suas entranhas de partes que você nem lembra ou nem sabe que têm, mas com ela fazendo era toda uma outra coisa, outro departamento inteiramente, dava para se entregar a um movimento que você não tinha como prever nem controlar, que mexia

você por conta própria, no seu próprio ritmo, e que ela engolia na mesma medida em que engolida era. Tamires percebeu que Simone tava olhando, mas não conseguia olhar diretamente de volta, esgueirava e depois olhava para baixo, para a boca, tinha medo de ultrapassar o patamar de intensidade quase insuportável no qual ela já tava e que não parecia poder comportar ainda outra fase. Como que podia tanto?

Ela dormiu o melhor sono da sua vida, depois, acordou no dia seguinte sem acreditar que ela de fato estava ali e que tudo aquilo estava acontecendo daquela maneira. Ela simplesmente continuava arrastando adiante aquele sonho tão bonito e inverossímil. Enquanto tomavam café, a empregada servindo tudo em silêncio, perguntando se ela queria café, cappuccino ou macchiato, Tamires muito desconfortável com a situação, rindo de nervoso. Ela se perguntava se aquilo da noite anterior ia continuar ou tinha sido só um capricho de alguém para quem aquelas coisas iam e vinham com muito mais facilidade.

Mas assim que as duas saíram de casa para passear, Simone tomou a mão dela na sua e deu um beijinho no seu pescoço. Ela não podia passear tanto porque estava fraca do tratamento (e da noite anterior), mas as duas foram pra umas praças lá perto, Tamires conheceu uns sebos que Simone amava. De noite, logo depois de darem boa noite pros pais e fecharem a porta, Simone descia pra cama dela e cada vez a coisa ficava mais intensa e prolongada, mais difícil de conter. Ainda assim, Simone nunca tirava sua roupa toda, sempre continuava de camisa, pelo menos. Tamires demorou para entender que o motivo eram as manchas que ela tinha na pele das infecções, além da nóia mais generalizada que a doença tinha trazido pra imagem que ela tinha do próprio corpo. Mas isso ela ainda ia demorar um tempo para dimensionar.

Tiveram assim seis dias maravilhosos, de longe os melhores da vida de Tamires até então. Simone tentava convencê-la a vir morar em BH, ela respondia com as coisas óbvias, ela não teria onde morar, o que fazer. Simone insistia que ela tinha que tentar a carreira de ilustradora ou tatuadora, dizendo que ela tinha muito, muito talento. Ela gostava de ouvir isso, mas sabia que as coisas não eram fáceis assim. Não pra ela. As duas quase não conversavam da gravidade da doença, em parte porque Tamires não conseguia levar aquilo a sério. Alguém tão bonita, tão jovem, tão rica. Claro que nada de ruim ia acontecer com ela. Óbvio que não. Ela só foi descobrir

depois, voltando pra Cuiabá, quando Simone foi internada, que a coisa era muito mais séria do que ela imaginava.

No último dia antes dela ir embora, talvez porque a antecipação da saúde tivesse deixado elas com mais tesão, acabaram fazendo muito barulho no quarto. A mãe começou a bater na porta com muita força, uma hora, perguntando se tava tudo bem. Ela devia saber perfeitamente que tava tudo maravilhoso, mas era a maneira dela de indicar que aquela putaria tinha que parar, que daquele jeito não dava. Simone atendeu a porta com nenhuma paciência, disse que tava tudo bem e bateu e trancou a porta em seguida. Tamires disse que era melhor elas ficarem quietas, mas Simone insistiu que não, que ela não sabia quando ia poder vê-la de novo na vida e que queria ver ela gozar de novo ainda naquela noite. Uns cinco minutos depois a porta foi aberta abruptamente (a mãe devia ter uma chave só dela) e as três se entreolharam por uns dois segundos até a mãe começar a gritar.

– VAGABUNDA, SAI DE CIMA DA MINHA FILHA. SUA IMUNDA.

>>

48.

<

— coé murilovsk

— eaí Fabão :B

— só na madrugada adentro

— você sabe como funcionamos aqui

— bicho tu escreve? assim de verdade? nunca te perguntei

— ah, rascunho coisas desde moleque, né, mas nunca tive a cara de realmente levar qualquer coisa mais a sério. e tu?

— meio que isso. muito blog e muito romance abortado. tou tentando escrever um conto mais longo que tá me irritando demais.

— pq?

— na real acho que ele está muito ruim, mas ele me diverte, sei lá, e tou ficando meio obcecado, sabe? alguma coisa nele me pegou pacas, quero termina-lo mesmo se for pra ser ruim

— de qualé?

— É um meio bobão e pouco original, formalmente, mas que acho que ainda pode dar um caldo. Tem uma gracinha só formal q eu acho fera mas não vou te contar pois ALERTA DE ESTRAGÃO

— haha Entendo. não dá pra ser mais específico que isso?

— digamos que é um troço de MUITAS INTERNETS.

— hm.

— haha, sério. quando tiver num estado que dê pra tirar do sotão eu tiro. no momento é um feto desses ciclopeicos da vida, mal formados, sabe? babando. tu não quer nem ver.

— haha, entendo.

A princípio Fábio era bem elusivo, seu perfil no fórum consistindo apenas do nome “Roberval, Ladrão de Chocolate” e uma foto aleatória que mudava de semana em semana (Nicolas Cage em Con-Air, um quadro do Paul Klee, um personagem de uma tira em quadrinhos finlandesa dos anos ses-

sentia, Eri Johnson gótico). Eventualmente acontecia dele usar o seu nome de verdade nos posts, mas sempre em minúsculo e sem sobrenome, jogado ali sem alarde.

Só depois de algum tempo conversando sobre amenidades e interesses os mais esparsos Murilo ganhou coragem de perguntar coisas mais pessoais para Fábio. Não queria soar interessado demais, não queria parecer desesperado por contato humano. Era bem raro que ele se sentisse tão confortável conversando com alguém. Aos poucos algumas informações foram aparecendo. Cursava Administração, mas estava já no quinto ano e não parecia que ia formar tão cedo. Ele morava em Goiânia, olha só, tão pertinho. Às vezes vinha a Brasília com a família. Tinha vinte e seis anos e uma namorada chamada Letícia. Aos poucos um molde não tão preciso se formou, uma silhueta que Murilo conseguia juntar aquela voz inteligente, engraçada e sempre disponível.

Murilo já conhecia Fábio há alguns meses quando viu uma foto dele pela primeira vez. Fábio tinha encontrado algumas pessoas da comunidade em São Paulo num bar e as fotos foram postadas por um dos presentes.

Murilo estava muitíssimo acostumado com isso de tentar reconstruir uma pessoa a partir de seus registros virtuais. Quase todo mundo com quem ele estudava tinha um rastro de figuração em alguma database recuperável.

Era muito engraçado ver os rostos daquelas vozes que ele conhecia da comunidade, aquelas posturas agregadas, gostos e idiossincrasias expressivas que de repente ele via reunida numa pessoa física, num rosto, numa entrada de calvície, num pescoço meio gordo, numa expressão tonta e infeliz que a foto tenha recortado de uma naturalidade contínua que não tinha como se recuperar, ali, só pelas fotos. Fábio do lado do professor de história da Unicamp com rabo de cavalo que amava Bolaño (Guto) e da revisora de olhos puxados que manjava pra caramba de ficção científica (Múcia). Os três brindando com mais uma quarta pessoa que Murilo não entendeu quem era.

Fábio era muito bonito e loiro e alto e carismático de um jeito que parecia até exagerado. Disseram. Depois desse encontro começaram a chamá-lo na comunidade de “galã” (assim entre aspas) e de Brad Pitt do cerrado.

>

49.

<<

Sergey estava impaciente. Ele nunca gostou de esconder os sentimentos, mesmo antes de ser a décima pessoa mais rica do mundo. A mansão em Los Altos era um antigo palácio rocambolésco de um produtor de cinema da Era de Ouro de Hollywood. Estilo genérico e eclético, varandas saindo de varandas, tudo muito ornado e vistoso. Há quem a apreciasse ironicamente, mas não era o caso dele. Devia sair de suas mãos no divórcio que estava em curso no momento, o que nos últimos meses havia provocado uma agressividade gratuita contra cortinas, tapetes, sofás. Num dia normal, há pelo menos oito funcionários, entre limpeza e cozinha, segurança e jardineiros. Mas hoje a maioria ganhou folga. Estava só a governanta mais experiente, e confiável, Consuela, cozinhando o jantar; a assistente pessoal de Sergey, Ashley, ali com ele no pátio, mexendo no tablet; e o chefe da segurança, Alexei, na guarita da entrada. Além deles, Sergey estava com dois convidados sentados no sofá trançado tailandês do pátio. Jason e Deepak. O primeiro é um homem grande, branco de dreads volumosos, que está no momento contando alguma anedota engraçadíssima. Sergey o interrompe.

— Cadê o cara? Vamos começar logo.

Ashley responde.

— Pediu pra ir no banheiro, mas falou que já aparece.

— Claro, só estamos esperando tem dez minutos.

Deepak pergunta, um pouco tímido.

— Como você achou esse cara, afinal, Sergey?

A resposta vem com alguma impaciência:

— Eu já contei pro Jason, mas tudo bem. Um antigo contato meu na DARPA, um amigo, na verdade, de Stanford. Eu não ouvia dele há anos, achei até estranho. Veio falar comigo que havia uma oportunidade única para experimentar algo que ainda ia demorar para vir a público. E que talvez nunca mais viesse a público *desta forma*. Não legalmente, enfim. Falou que era uma chance que eu não podia perder. Deu o nome de alguém que

entraria em contato. E depois sumiu de novo. Achei estranho mas fiquei curioso, claro. E aí em seguida esse cara apareceu falando com minha assistente. Disse que é um membro da equipe que construiu isso e que estavam oferecendo, de maneira discreta, amostras selecionadas para clientes VIP como forma de angariar fundos para a manutenção da pesquisa. Conversei com amigos e descobri de um projeto sigiloso parecido. É tudo MEIO esquisito e suspeito, mas o aparelho parece real. Conheço alguém que usou e diz maravilhas.

— Quem?

— Pediu para não contar.

Ele dá uma piscadela para a assistente, que sorri e enrubesce.

— Porra, Sergey.

— Mas o que é a tecnologia?

— É como realidade virtual, mas bem diferente de todo o resto. Não é uma porra dum Oculus. Não é uma porra de uma coisa que você põe na cabeça.

Sergey ficou mudo por um instante, pareceu lembrar de algo extremamente irritante. Mas tentou retomar o assunto.

— O cara me mostrou o hardware rapidinho, a assistente dele tá instalando no meu escritório. Bonita não é, a máquina, mas ainda está longe de entrar no mercado, então normal. Eu ainda não entendi direito como funciona, mas não vou usar até me explicarem direitinho, claro.

— Como que isso pode ter ficado debaixo do seu radar? Do nosso radar, digo.

Sergey parece incomodado com a pergunta.

— Pelo que entendi, é um protótipo militar, tudo sigiloso de verdade e o governo cortou a torneira. Por isso essas amostras experimentais pagas.

— Pagos?

— Meio milhão de dólares.

— Meio milhão pra ser cobaia de VR?

— Pra jogar joguinho?

Sergey parece muito irritado.

— Não é joguinho, idiota. É uma viagem pro passado. Não viagem, né, você não tem como mudar nada. Eu não seria idiota de acreditar nisso. Mas você experimenta como se estivesse lá.

— Como assim?

— Ele que tem que explicar como funciona, não eu.

— E você vai pagar pra gente fazer também?

— Claro que não. Se quiserem também vão ter que pagar.

Jason e Deepak parecem muito desapontados.

— E por que convidou, então?

— Pra vocês me ajudarem a julgar se é verdade, se é um golpe.

— O quê que realidade virtual tem a ver com viajar pro passado?

— Não tem. Mas é que não é viajar, é como acessar um momento do passado. Mas por inteiro. Com cheiro, tato, todos os sentidos.

— Ah, tá. Ficou muito mais claro agora.

— Sergey, já que você não vai pagar, não tem problema eu chamar um amigo, né? Sabe o Eliot?

— Sei lá, Kevin, me falaram que era sigiloso, eu nem devia ter chamado vocês pra começo de conversa.

— É que eu encontrei ele no café e ele instituiu em perguntar o que eu ia fazer. Desculpa. Sou péssimo mentiroso. E aliás, esse cara trabalhou com realidade virtual por anos, desde a universidade. É bem cabeçudo. Vai ajudar a gente a entender como funciona.

— Porra, Kevin. Tá bom. Mas não vamos esperar por ele não.

— Ele já tá vindo, na verdade, já devia ter chegado, até.

Todos viraram, de uma vez, quase assustados, para o homem que vinha de dentro da casa, de bata verde e voz retumbante com sotaque vagamente indiano, acompanhado de uma assistente vestindo roupas escuras, traços orientais e pele marrom-oliva, cabelo curto, liso e pretíssimo alongando-se apenas entre as orelhas e os olhos. Os dois pareciam confiantes e talvez, até, excitados.

>

>

50.

<

Murilo desde muito novo tinha a recorrente impressão de que não era filho de seus pais. Ele não chegava a imaginar uma outra genealogia mais específica, apenas imaginava algo diverso daquilo ali, imaginava que *tinha que haver* alguma outra origem que não aquelas duas figuras tão distantes dele, tão duras, inarticuláveis, com quem ele praticamente não tinha comunicação. Ele de fato até se parecia um pouco com a mãe, principalmente na sobrancelha e na juntura ali do nariz e dos olhos. Mas com o pai ele não conseguia verificar nenhuma semelhança que não pudesse ser só coincidência, nada definitivo.

Por volta dos oito anos sua imaginação tendia repetidas vezes para cenas onde ele reconhecido na rua por seus familiares de verdade e levado imediatamente para uma outra casa qualquer (numa cena muito agradável, de muito júbilo, inclusive com seus pais antigos e falsos contentes com a resolução, fazendo sua mala com ele, todo mundo rindo). Ele nunca conseguia imaginar essa outra casa, sua imaginação sempre se interrompia no trajeto, tentando se demorar na antecipação extraordinária de um lugar ao qual ele realmente pertencesse. Ele agora traçava uma linha espessa e inequívoca entre a figura dele mesmo e a figura do seu avô. Não era importante elucidar essa ligação, dar a ela uma feição genética. O importante é que ela existia. Ele não mais pensava na sua presença no mundo como um troço desconectado de todo seu ambiente e de tudo e todos que ele conhecia.

Murilo sabia que o avô estava morrendo, que devia ser uma questão de meses (talvez até semanas). Ele pensava em tentar dizer alguma coisa bonita pro avô para que eles tivessem uma cena como aquelas de filme, ficava formulando frases na sua cabeça sem nunca decidir por nenhuma. Passou a aparecer lá uma vez por semana.

— Túlio.

Murilo demorou para entender que o avô estava se referindo a ele, apesar dos olhos diretamente voltados para os seus.

— Eu sou o Murilo, vô.

— Eu sei, eu sei. Eu não tou gagá ainda não. Eu só confundi. Confundir todo mundo confunde. É como um trocadilho, não é confusão-confusão. Quando você chega na minha idade, as pessoas às vezes se bagunçam, começam a parecer anagramas umas das outras. Elas envelhecem e de repente ganham a cara de gente morta ou de crianças envelhecidas tem tanto tempo que puta que pariu. A minha filha, por exemplo, a sua mãe, ela é a minha mãe com meu irmão Túlio. Eu percebi isso quando ela tinha doze anos e desde então ela me vem sendo exatamente o Túlio cuspidor e escarado, perfeito. A mesma indolezinha revoltada, a mesma cabeça de merda. A mãe da Magda de repente aparece nela inteira. O meu pai nasceu em mim alguns anos atrás, quando fui notar ele já estava entranhado aqui.

Tasso aperta com força um pedaço do braço direito.

— E você é feito dela e de mim. Mais nada.

Murilo sorriu um pouco constrangido com essa frase, sem saber exatamente como deveria reagir.

— Eu falo isso, um pouco, para te avisar. Eu sei que não deveria falar assim com uma criança, você é uma criança. Eu sei que você é uma criança. Não estou louco ainda, Edilson. Mas também não existe esse negócio, você é uma pessoa pequena, só. Mas eu acho que tenho que te avisar. Você sou eu, entende? Então você deve se preparar. Porque não vai ser fácil. Não é fácil ser a gente, ser assim.

Murilo continuou calado, agora não mais sorrindo, olhando para baixo.

— Você sabe do que eu estou falando, não sabe? Eu não preciso te explicar. Você não é burro como todo mundo. Mesmo sendo filho do teu pai.

Ele estava sorrindo depois dessa. Murilo não respondeu, mas sua cabeça tremeu de um jeito que poderia ser compreendido como um assentimento.

— Presta atenção. Que você vai querer representar o mundo, vai querer abocanhá-lo todo de uma vez, vai se excitar todo com vários livros e artistas e ideias, com essas figuras todas. Mas nada disso vai servir. Você vai tentar criar o seu mundo interior, então, o seu próprio sistema, suas próprias figuras. Mas elas também não vão vingar. Nós temos uma das piores disposições do mundo, que é de um artista sem gênio. Um artista sem gênio é a coisa mais lamentável. Nossa imaginação é infértil, é seca, é de barro ralo e mais porra nenhuma. Nós conseguimos ver os gigantes todos, as cra-

teras, mas a gente não consegue inventar porra nenhuma.

Ele pegou o pulso de Murilo de uma vez, suas mãos frágeis mal conseguindo apertá-lo, a pele de uma textura áspera e quebradiça com pelos brancos quase invisíveis brotando dos cantos mais inesperados. Murilo continuava de cabeça baixa, sem ver que os olhos aquosos do seu avô estavam mais expressivos do que nunca.

— Você nunca vai criar nada. Vai se acostumando com isso. Eu sei disso porque você sou eu, eu consigo ver. Os seus olhos, o jeito que o mundo te derruba. Eu te digo isso pra te avisar. Você nunca vai criar nada.

O pulso dele ainda estava seguro pelo braço frágil e fraco do avô, cujas poucas carnes balançavam com todo movimento, desprendidas do osso denunciado. Balançava muito depois de parar de falar o que soou como uma maldição, seu corpo já quase decomposto, unido apenas minimamente em juntas que quase cediam, prestes a se desconjuntar a qualquer momento.

>

51.

<<

Cátia trabalha num call center há mais de dois anos. Ela odeia, mas é estável e menos pior, ela acha, do que ser garçonete, seu trabalho anterior, no qual ela tinha que aturar homem seboso dando em cima dela o dia inteiro. Mas era estranho ficar naquele lugar enorme, o ar-condicionado fraco que deixava mais seco do que frio, por tanto tempo, tanta gente em volta fazendo a exata mesma coisa, uma sobreposição mais ou menos simultânea, adiantada e atrasada, duns mesmos poucos gestos e frases. Depois de dois anos ela mudou de emprego dentro da mesma empresa, que tinha galpões como aquele pelo estado todo. Ela primeiro promovia empréstimo de banco, seguros e serviços funerários (teria pra sempre na ponta da língua a frase introdutória de cada uma, todas querendo invocar ou criar medo em gente velha, ela achava, aqueles que mais se dispunham a ouvir as ofertas, talvez por solidão), agora ela fazia serviço ao consumidor.

A empresa, na verdade, fazia o serviço ao consumidor de várias outras empresas, mas cada pessoa trabalhava sempre com uma mesma, para ter noção do protocolo direito e dar uma impressão mais especializada. Assinalaram para Cátia um site agregador de passagens aéreas de várias companhias.

Antes ela lidava com gente desligando na cara o dia todo, que no começo era desagradável mas depois de um tempo ficou preferível aos outros tantos que preferiam xingá-la profusamente, às vezes de maneira até criativa, por incomodá-los durante o dia (como se ela tivesse fazendo aquilo por prazer, do nada tivesse pensando nossa o Douglas Menezes de Santos deve ter doido pra ouvir umas ofertas de empréstimo consignado).

Agora ela tinha que lidar com doidos com problemas insolúveis e intermináveis. Um dia ficou quarenta minutos com um cara de voz anasalada do interior do Paraná que insistia que o preço que eles tinham anunciado como prestes a expirar em três horas estava disponível de novo no dia seguinte.

— E ainda quando você vai comprar ele tá trinta e dois reais mais caro.

Ele provavelmente estava certo, mas e aí, ele queria que ela fizesse o

quê? Admitisse que o site era meio sacana?

Só ficava repetindo “Senhor, o seu testemunho está sendo gravado e vai ser submetido aos canais apropriados, tá, pode ficar tranquilo, sua opinião é muito importante para nós”, como dizia o manual, e como tinha ensinado sua supervisora, Marta, de cara fechada, a voz ali beirando o limite da grosseria, o tipo fixo de quem suspeitava de todo mundo.

Às vezes, do nada, Cátia lembrava dos três filmes de putaria que tinha feito assim que completou dezoito anos. Geralmente acontecia quando ela estava se olhando no espelho ou tentando tirar foto de si mesma. Vinha um ligeiro tremelique na espinha. Ela não se arrependia, exatamente, mas também não gostava de lembrar. Com a grana pagou os primeiros seis meses de aluguel num apartamento em Jardim Ângela, tirou a si própria e ao irmão do quarto onde moravam de favor há anos. A primeira filmagem não foi tão desagradável, pra sua surpresa. Seu cabelo estava pintado de um vermelho sujo, o ano era 2004. Mas as duas seguintes foram péssimas. Nunca contou para nenhum namorado, só para algumas poucas amigas. Quando fez achou que pouca gente assistiria aquilo, uns DVDs lançados por uma produtora tão fuleira, ainda que gringa, e que no Brasil vendia só em posto de estrada e lojas nojentas. Cátia nunca nem viu um DVD com sua participação à venda, só uma capa escrota onde ela aparecia junto com cinco outras garotas, de biquíni. Parecia absurdo imaginar que milhares de americanos haviam batido bronha pra cara dela, mas enquanto soava distante e abtrato isso tinha quase graça. Odiou descobrir um dia, lá pra 2010, por uma amiga que também trabalhou no ramo, que dava pra encontrar vídeos dela nesses sites gratuitos. Quer dizer que algum gringo filha da puta em algum caralho de lugar tava ganhando grana com o corpo dela até hoje. Quer dizer que se um dia ela tivesse um filho ele poderia encontrar facinho. Arrumam um jeito de te explorar depois de já terem te explorado. Como se tivessem explorando agora o espectro dela, forçando a trabalhar de graça. Mas Cátia também imagina o seu pai encontrando aqueles vídeos e acha graça. Chega a desejar que aconteça.

Cátia morou com a mãe e o irmão até fazer quinze anos. Os três tavam há um tempo num apartamento de dois quartos em Jabaquara quando um dia chegaram os dois da escola e a mãe tinha retalhado o sofá, as almofadas e os colchões em busca de um chip que ela dizia que tava xingando ela de vagabunda. O irmão riu, Cátia foi tomada por um pavor gélido que parece que

nunca saiu dela direito desde então. Ela já tinha entendido que a mãe tinha alguma coisa torta nas ideias, mas a coisa realmente piorou depois que o pai deles saiu de casa e ela teve que cuidar dos dois sozinha. Cátia com doze, Álvaro com seis. Ela tinha raiva do pai por sair, mas às vezes pensava que se fosse ela teria feito o mesmo. Só que podia ter levado ela junto, pensava, ou o irmão. Pelo menos um dos dois. Ela sempre se achou mais parecida com o pai, que era tranquilo e irônico, só queria ficar deitado vendo televisão e fazendo graça de tudo. Chamava ela de “bonequinha”, o que ela nunca gostou, e fumava meio maço Hollywood ao longo do dia, deitado, de uma maneira mecânica que não denunciava prazer algum. Enquanto morava lá, não trabalhou muito. Depois de uns anos começou a mandar um pouco de dinheiro pelo irmão, Osvaldo, um cara muito tímido que passou a fingir que não era mais família, dava o dinheiro num envelope e vazava falando tão baixo que ninguém escutava. Nem ligar mais o pai ligava desde que a mãe passou a pegar o telefone pra xingá-lo. Chamava ele sempre de “o falecido”.

Ela, Ângela Maria, era uma pessoa ansiosa, angustiada, que não passava um minuto sem falar. Falava desde o minuto que acordava até dormir, a boca ainda formando sílabas soltas enquanto a consciência fraquejava. E só fazia sentido, no máximo, na metade do tempo. Sua verborragia sempre foi muita e muito derramada, volteada em sílabas que saíam fraquinhas por um tempo, como se não pretendessem ser ouvidas, e de repente voltavam fortes no meio de uma frase como se esperasse ser respondida por todo mundo num raio de dez metros. Trabalhou nos correios até ser licenciada por saúde depois de vários desentendimentos com seus colegas e com clientes. Mas não conversava com ninguém sobre isso, jamais aceitou falar sobre saúde mental, terapia, invalidez, qualquer palavra associada a isso parecia que desligava o rosto dela, fazia ela mudar de assunto ou de cômodo. Ainda assim por muito tempo todo mundo em volta de Cátia e de Álvaro, as tias e tios dos dois lados, as professoras da escola, fingiam que a mãe era sã, capaz de cuidar deles direitinho sozinha. Verdade que por um bom tempo ela cuidou, sim, cozinhava e lavava as roupas e fazia tudo com o máximo de competência que tinha e dava pra ver que não era nada fácil. Aquilo já seria trabalhoso para alguém que não estivesse se desagregando violentamente todo dia, todo dia se protegendo de alguma destruição nova. E Cátia tava sempre lá pra desligar o fogão quando ela deixava aceso, fechar a porta da frente que ela deixava escancarada, ajudar a ela a terminar uma liga-

ção que, se deixasse, ela arrastaria eternamente (com quem quer que fosse, mesmo gente que ela odiava, mesmo o cara da cia do gás).

Quando ela e o irmão foram morar com a tia Vanusa, a vida ficou menos tensa pra algumas coisas, mas não ficou mais confortável. Dividiam o quarto abafado de empregada e sentiam o tempo todo que tavam ali de favor, que a casa não era deles, que não podiam reagir direito as provocações dos primos, que eles não deviam comer demais da comida e que eles tinham que se fazer úteis para merecer qualquer coisa. E ainda assim foi um alívio. Nos primeiros meses visitar a mãe era agradável, ver ela mais calma, ainda que grogue e ainda que num lugar meio deprimente. Mas depois que ela tentou cortar a própria perna, dizendo que esta não era sua (e cortou tão fundo com uma faca de carne na cozinha que precisaram amputar, depois de uma infecção), as coisas começaram a piorar numa progressão que ainda deixava Cátia sem fôlego três anos depois, sempre que a recapitulava. Dez meses depois foi a outra perna, no jardim da instituição onde ela tava, com uma pá. Ela parecia ter se apaixonado por jardinagem e tava trabalhando na horta por três meses até a deixarem sozinha dois minutos com alguma ferramenta. Encontraram-na deitada no chão mordendo um pano pra não gritar muito, já quase desmaiando do tanto de sangue que tinha escoado. Tampouco conseguiram salvar essa perna. Mudaram ela de lugar, foi pra uma instituição mais rígida e mais deprimente. Ângela agora ficava deitada vendo TV o tempo todo, uma expressão desligada no rosto. E ainda assim já tinha mais de uma vez cochichado com outros internos que a sua mão esquerda tava com os dias contados. Que aqueles membros eram impostores e estavam tentando tomar o corpo dela.

Nas poucas vezes que Álvaro perguntou se doadura passava em família, Cátia disse que não, pra ele parar de ser burro, mas na verdade ela não sabia dizer. Se passasse os dois tavam fodidos. Ela ouviu na TV uma vez que maconha podia causar esquizofrenia. Ouviu isso meses depois de experimentar pela primeira vez, com o primeiro namorado, Lucas. E sempre que algum pensamento mais esquisito ganhava corpo ela já dava aquilo por anúncio. Taí, ó. Tá chegando, já já chega. O derretimento. Ela não sabia se queria que chegasse logo ou se demorasse. Talvez o pior momento fosse o intervalo, o começo, onde as coisas começassem a tremer nas bordas. Talvez depois ela pudesse encadear uma doadura que não doesse tanto quanto a realidade. Mas isso ela já sabia que era uma esperança idiota. Cátia encon-

trou a mãe algumas poucas vezes em êxtase, uma vez ouvindo um disco do Paulinho da Viola pelada na frente do ventilador negaceando, achando que estava sozinha (e Cátia não contrariou a impressão, quieta no canto), outra vez tomando banho e fumando um cigarro de um maço que um tio esqueceu na casa deles, conversando consigo mesma em duas vozes, uma delas rouca e masculina. Quando Cátia lembrava disso ela pensava nas viagens boas que tinha às vezes fumada, vendo desenho animado ou ouvindo música com o Lucas, pensava que ela ia endoidar pra cima, não pra baixo. Mas, no geral, ela sabia, para a mãe o mundo tendia a ser um lugar ainda mais violento, ainda mais confuso, ainda mais estranho, ainda mais horroroso, do que ele já era de fato.

>>

52.

Murilo nunca tinha visto ele tão aberto, tratando Murilo como um igual, ainda que nunca olhasse nos olhos dele.

— Júlio.

Murilo já tinha se acostumado com os nomes variados com que ele era denominado, já respondia com uma expressão pronta ao ouvir qualquer coisa.

— Estou preparado. Até que enfim, né? Tome ditado.

Tasso disse isso e ficou calado e sério olhando para frente até que Murilo se levantasse, pegasse da mesinha papel e um lápis e se aprestasse do lado dele.

— Meus queridos irmão e irmã, Guilhermina e Henrique Tiagos.

— ...

— Todo o repositório de afeto e atenção com que tive me dedicado nos últimos anos anda represado num depósito de sedimentos entocados e sotopostos de forma que não apenas o seu somatório como a sua unidade inteira deve ser afirmada como um único objeto perfeito e de toda acurácia rendido para vosso deleite e consumação.

Tasso fica em silêncio de novo por um tempo, olhando para frente. Parece estar prestes a contar algo engraçadíssimo.

— Escreve isso, Júlio. Escreve!

Tasso dita várias cartas em sequência, de pé, diante da sua mesa, como quem ministrava uma palestra. A mão esquerda nas costas, a direita segurando um fraque inexistente. O tom que ele adotava era muito estranho, Murilo não conseguia localizá-lo, relacioná-lo com a sua voz normal, com nenhum tipo de dicção que ele conhecesse. Todo formal, sedutor e sedoso, de repente rindo como uma criança, depois esbravejando com raiva.

Murilo escreveu cartas para Senhora Lota Soares e Isabel Bispo, senhor João Cabral de Melo (Pai), senhor Longino, senhor Guilherme Empso, senhora Clarice Lispék. Ele soletrava os nomes lentamente e de forma impaciente e arrogante, reclamava quando Murilo escrevia de outra forma e

ditava depois os endereços. Todos os destinatários moravam no plano piloto. Calderão da Barca morava na 704 sul, Roberto Barrento morava na 306 norte. As cartas não costumavam passar de duas ou três frases, geralmente muito íntimas e calorosas, com beijos, abraços e algumas sugestões safadas (tanto com os homens quanto com as mulheres) que Murilo entendia só mais ou menos.

Depois de umas trinta cartas assim ele começou a ditar para Ganesha, Exu, O Espírito Santo, Anúbis, Hermes. Depois para o Capitalismo, o Comunismo, o Ocidente, o Pragmatismo, o Imperialismo, para a Pulsão de Morte, para a Repetição, para o Reconhecimento. Essas duas últimas duraram cada uma meia-hora, das quais Murilo conseguiu registrar um centésimo, se muito.

— Eu vou ditar a imaginação, Júlio, estou pronto. Chegou a hora.

— O quê? Eu não —

— A coisa distinta está aqui e a repetição tem que ser feita diante dela. Senão não dá. Senão não vai não. Isto já não sou nem cu dizendo, são só as catexias que sobram aqui coitadas tentando me fazer compreensível, as caixinha. Eita. Tentando torcer as palavra e as figura direitinho pra que elas caibam.

Ele começou a rir baixinho e assoviado, de um jeito que lembrou a Muri-lo o escárnio do cachorro do Dick Vigarista.

— Sim, sim, eu sei. Júlio, vamos ter que fazer assim, do jeito que dá, do jeito que dando, com uma transcrição arregimentada e apressada de toda as fileiras de si, os hoplita correndo com a mão na bunda e travessas quentes, ai ai ai, cinco milhas distando agora das afrontas renovadas, a besta fera que chega finalmente, a coisa distinta que isprungou finalmente do meio da selva selvage, a onça, a própria. Os caminhões de operários mortos, as maldições imprecadas contra essa terra. Fúria só vira eumênide com muito parto, minha filha. Meu filho. Minha filha.

— ...

— Eles sempre disseram que era uma comédia e eu nunca vi. Mas agora eu tou vendo, tá aqui, chegou o arco, dobrou já. Eita nós. Chão goiano. É uma comédia terrível.

Ele estava rindo entre as palavras, parecia se divertir muito, achar tudo

realmente muito engraçado. Mas do nada sua expressão pareceu ensobriar-se, como que artificialmente retomada diante de uma visita, quase estrangida. Ele colocou a mão na testa e fez uma expressão muito grave, preocupada.

— Desenterram-se mortos em montanhas, leitos contorcidos e secos de rios, cerros quase pelados, o constrito da garganta seca dessa elite podre saturando-se do seu próprio açúcar, e uma flora decídua se arrastando, lineamentos incisivos de uma rudeza sinistra. O mapa em que você se encontra, teu sertão. Que não é nosso, que não é a gente. Pedras são relógios. Esses monturo, os mortos que temos e a sua mistura, a farinha da imaginação que não é nossa, os sedimento, os preázinho e as jiboia. Os pecados dos pais girando os braços dos filhos como os de bonecos, o tempo todo todo todo.

Às vezes Tasso ficava minutos em silêncio entre cada oração, entre cada palavra. Algumas palavras eram interrompidas no meio e sucedidas depois da sua expressão passar por cinco modulações inteiramente distintas.

— Isso não é você. Já estava aqui. Você tem que acomodar de repente uma nova versão sua que também vai ter que virar você. Olha que merda. Olha que dis-pa-ra-te.

Mas na maior parte do tempo ele falava com extremo domínio, extrema naturalidade, como um âncora ou político sedutor. Murilo não sabia se deveria falar algo entre as palavras, queria avisar que não estava conseguindo anotar todas as palavras, mas estava com medo de quebrar aquele transe (que parecia muito importante, ainda que ele não entendesse de que forma que aquilo podia ser importante, para quem, quando), de estragar tudo.

— Tudo parece quebrado, pouco. E do nada vão se apresentando os gancho. Os encaixe. Ah, Constança, constâncios. Coxíssimas e pistões.

Tasso parecia tentar pegar alguma coisa, puxar pra si uma gaveta, todos os gestos muito lentos e estudados, e ainda assim, de alguma forma, parecendo involuntários, como se os movimentos viessem antes de sua ciência, fossem inteligidos só depois de executados. Uma defasagem severa se impondo.

— Aparece uma mulher, vocês dão certo e casam. A maioria das gentes vive com espontaneidade uma vida fictícia e alheia, montada pelos outros, com figuras que ninguém inventa, moedas de corréncia nenhuma que quando você vai ver tão apagadas dos dois lados. Sua alma é uma orquestra

oculta, não sabe que instrumentos e peças tangem e rangem, corda e harpas, guitarradas, atabaques timbrados dentro d'ocê. Uailapique ao ualapoque. A gente só se conhece como sinfonia, essa perspectiva insistente que quase nunca vai embora, exceto no sono e na bebida, o pouco espaço finito de todo instante diante da modalidade inelutável e arregaçada do visível. E seus espectros.

Esse final da frase ele falou como um âncora de jornal, golpeando cada sílaba com as mãos, gravemente. Agora sorria de novo.

— Pedras que te dão pra mastigar. Queridinho. Queridinha. Queridinho. Eu sei que tá acontecendo e não tenho como fazer nada, vejo tudo derretido e quase indo embora, quase sumindo. Até você. O mundo que a gente monta e os autômatos que te arranjam, o mínimo do máximo. Malandrões içando as calças por detrás dos panos como bujarronas. O Anikito morreu aqui, você sabia? Eu estive lá no dia. Ligaram desesperados, a gente foi, mas não tinha o que fazer. Tavam filmando e ele caiu lá dum prédio que não tava terminado. Tristeza. Na verdade na hora não tavam filmando, acho que ele tava lá à toa. Eu não sei. Você nem sabe quem é Anikito. Parceiro do Grande Otelo, do Oscarito. Uma figura. Muito talentoso. Eu fiquei chateado, como todo mundo, mas era um caminhão de operário morto por dia, quase. Pelo que me falaram. Eu não tava geralmente nessas obras mais pesadas. E ninguém falava nada. Naquela pressa toda, pra eles era como se fosse uma perda aceitável. Senhores polidos de escravos. Quando eram polidos. Prum gesto épico desses, o que são uns operários mortos aqui e ali? E as pirâmides se fizeram foi como? Eu também não falei nada. Como se o filha da puta soubesse meia lauda que fosse sobre as pirâmides. Eu e o Joaquim tínhamos nojo, mas éramos a mesma coisa. Muxoxo, muxoxo. COVARDE. A gente é rebento falso da gente próprio, o tempo todo fantoches com a nossa voz, a gente, a vida quase toda, toda, os cálculos de uma árvore flexuosa fracionando-se em ramos recurvos e rasteiros, decididos lentamente em tropismos lutados, agonia, agonia. Existem ciclos. Isto a gente assevera com certeza, entrega ementas pra turma sem medo de ser feliz. De repente chove, o céu amassado de extensões negras musculosas bolhando em lentos tumultos desmesurados, gostosíssimos. Que delícia, meu amor, ai meu deus. O mundo se acerta nuns troncos bojudos de baobás embarrigando. Pintos e bocetas enormes. Você enumera, coleciona, constrói, abandona os destroços de não sei que grandes jogs, matam o deus numa excursão de novo e

nos trazem a sua cabeça, que fica por muito tempo ainda olhando pra gente e sangrando os fundos da casa e fedendo um futum que vai ganhando em riqueza e complexidade.

— Calma. Vai devagar. Vô. Vai devagar.

— Essas gavetas do fundo da nossa cabeça que não alcançamos, barcos que passam na noite e se nem saúdam nem conhecem. Eu vi uma vez só, um caminhão desses. Não chegava a ser um caminhão, no caso, era uma caminhoneta dessas de gás. Tava com os corpos de um acidente grande, um andaime que caiu com oito na construção da Torre de TV. Eu vi aquilo quando tava de dia, ainda, quando tavam erguendo, falei pro Joaquim que dava pra ver que ia dar merda. Os candangos lá subindo naquela altura numa estrutura toda mambembe. Eu não sei dizer o que é coragem o que é desespero. Ninguém sabe. Coragem é o caralho. Medo é o caralho. Se você grita comigo pra obedecer e eu tremo eu não tou te obedecendo. Eu tou só tremendo. Se você sobe num andaime mal-feito pra comer você é corajoso ou é um refém? Eu ouvi de um homem muito sério que tinha gente concretada no congresso. Um homem sério, que sabia do que tava falando. As in gente humana ali no meio da estrutura, do concreto armado. Massa confusa, obvoluta et intrincata matéria. A gente gosta dela nítida e colorida, piano que toca a si mesmo. Um panteão de Deuses nos quais você não acredita, como adereços de ópera desusados por trás do palco. Putas velhas. As únicas coisas que existem.

— Vai devagar, vô.

— Uma aparição que vem só pra enfraquecer rapidinho e sumir, um espectro fazendo troça da própria realidade que ele tinha assumido de forma tão convincente. É tudo filha da puta até lá embaixo, meu filho, mas toda puta é sua mãe, toda puta é Maria.

Ele agora estava chorando. E cada palavra saía com dificuldade, com uma urgência que deixava Murilo ainda mais agoniado do que ele já estava, de não conseguir nem entender e nem anotar o que ele estava falando.

— A performance já terminou, o teatro, a plateia já saiu fora, os aplausos ainda ecoam na sala vazia. Mas a ideia do espetáculo como algo a ser performado e absorvido ainda hesita no ar muito depois do último espectador ir pra casa dormir. Ela ainda aguenta, Joãozinho.

Tasso parecia procurar formas diferentes de dizer uma mesma coisa.

Sua atenção vagava pelo quarto procurando naqueles objetos ali alguma equivalência, alguma sugestão.

— Você primeiro fica lá só vendo as plantinhas. Eles te deixam no máximo molhar as plantinhas só de vez em quando.

Fazia gestos vagos com a mão, torcia os dedos como que precisando um mesmo gesto repetido que ele não conseguia fazer certo.

— Todas as almas rejuntas, repetidas no final do episódio, os créditos passando. Fazem mesura, mandam beijinho, agradecem seus produtores. Os depósitos cheios de mortos. O sentido do passado reconhecido e redimido, enfim. O diabo de costas.

Ele enfim parou de falar. Sua expressão continuava terrível, de um convencimento, uma preocupação extraordinária. Ela foi lentamente cedendo, seus olhos perdendo a expressividade, se distraíndo de tudo.

Murilo não pegou dez por certo do que o avô disse, nem isso, fragmentos de frases anotados com pressa, as palavras corridas umas sobre as outras, acotovelando-se num garrancho ilegível.

>

53.

<<

Quando Nílson já estava no carro saindo de Ouro Preto, frustrado, foi que ele se lembrou, num lampejo, de ouvir de um conhecido em comum que Renato tinha entrado com um diploma falsificado na pós-graduação em História ali na UFOP e estudado lá por quase um ano até descobrirem.

Nessa época Renato vivia a maior parte do tempo como Soraia Kirche Sandra, terapeuta mítico-rítmica-tântrica, uma persona que Nílson só viu uma vez, num bar, e que demorou para reconhecer. Tinha um escritório no centro e dizia ter salvado a vida de dezenas de pessoas. Nessa única vez que Nílson encontrou Soraia, ela fingiu que não sabia quem ele era, a voz era outra, ainda que reconhecível. Parece que durante uns anos Soraia ganhou uma grana boa com sua prática. Cobrava tão caro quanto um psicanalista desses chiques, no seu breve e fulgurante auge, e tinha além de uma lista enorme de clientes uma puta fila de espera. Parou depois que um de seus rituais de transformação psicomágica-sexual terminou horrivelmente. Os boatos eram todos divergentes e absurdos demais para serem levados a sério. O fato é que Soraia não é vista em lugar algum desde 2012.

Nílson aproveitou que já estava em Ouro Preto para ir procurar o professor que teria orientado Soraia, cujo nome ele recuperou com um amigo que era bem mais próximo de Renato nesse período.

Ligou para o telefone do departamento que achou na internet e explicou, depois de apresentar o nome do professor, que queria conversar sobre Soraia Kirche Sandra. A voz da senhora simpática que tinha atendido azeudou, mas falou que o professor César provavelmente só voltaria do almoço às três e tanto. Nílson falou que estaria lá três e meia. Quando chegou, pontual, encontrou César disposto, e até expectante talvez.

— Fica à vontade.

Nílson se acomoda como pode na cadeira, contornando as pilhas de livros e textos encadernados na salinha apertada do professor César, que cheira como o interior de um maço de cigarro mentolado. O campus da UFOP era agradável, mas aquela sala não. Nílson se sente muito mal per-

to de acadêmicos de humanas, o sangue sobe facinho lembrando dos piores momentos da sua graduação.

O César usava um brinquinho de argola e dava pra ver de longe que era daqueles que enche a boca até onde ela não vai ao falar os nomes de seus filósofos franceses favoritos. Nílson já o odiava profundamente.

— Você era o orientador da Soraia, então? Antes dela se desligar do curso.

— Isso, foi. Antes dela ter sido desligada, né? Melhor dizendo. Mas sim. Muito boa, ela, muito estudiosa. Quase brilhante, mesmo, eu diria. Pelo menos tinha seus momentos. Mas doida, né? Coitada.

— Doida como, você diz?

Ele olhou para Nílson meio enfezado, soprando fumaça do cigarro mentolado dele com o canto da boca no canto aberto da janela. Não podia fumar lá dentro.

— Olha, Nilson. Quando eu digo doida eu digo doida-doida, mesmo. Ela veio apresentar a dissertação dela aqui já tem uns dois anos, ou mais. Eu que armei essa apresentação um pouco antes da defesa, porque tava com medo, tinha começado a perceber o, assim, problema dela quando a gente foi encontrar uma vez faltando pouco tempo pra ela terminar. A qualificação dela tinha sido ótima, um pouco performática e exagerada, mas inteligente e bem-argumentada, muito culta, misturando Kierkegaard e Wittgenstein, mas depois disso ela já vinha falando umas coisas bem fora da caixinha, aí eu tive esse ideia dessa apresentação casual assim. Era pra ser uma coisa tranquila, só ela, eu, uma professora do departamento de religião e um amigo dela que virou meio discípulo sei lá o que é aquela porra.

— Um gordinho?

— Sabe quem é? Tava sempre com ela.

— O Miltinho.

— Isso. Acho que sim. Tava sempre com ela e é uma coisa esquisitíssima, parecia que venerava ela, sei lá, trazia e buscava pra lá e pra cá, tinha uma coisa servil assim, mas então.

Ele deu mais uma baforada bem arrastada no cigarro, a outra mão pegando no lóbulo da orelha.

— Olha, não tinha nada a ver com o fato de que a Soraia era um cara. Pra começo de história. Eu notei de imediato. Mas achei que ela tinha mudado de nome legalmente. Depois que a gente foi descobrir que era tudo falso. Que a senhora da secretária que catalogou os documentos teve um caso com ele. Ela. Enfim. Etc, etc. Vários colegas meus nem perceberam até o final. Não teve nada a ver com isso.

— Beleza. Mas teve a ver com o quê, então?

— O negócio é que a Soraia foi apresentar e você não tem ideia. Primeiro tinha uma porra de um negócio recortado até bonitinho assim de papelão, parecendo uma caixa que abria e tinha quase que uns *retábulos* dentro. Sabe? Aqueles trem religioso antigo, cheio de santo.

— Não.

— Não deu pra ver direito, mas acho que eram da própria Soraia pelada correndo e matando demônios e fazendo um bando de absurdice, parecendo esses trem antigo de santo, mas tosco e de papelão. E desenhado num estilo esquisito pra danar.

Nílson riu um pouco.

— Como assim? Ela trouxe isso e montou na sala?

— Ah, era meio que uma peça, né? A defesa dela. Mas porra, a gente teve que interromper no meio. O tal do Miltinho trazia lá umas marionetes, ela encenava, começava a falar com a voz dos caras, na língua deles, era uma putaria o negócio. Uma putaria. Cê não tem ideia.

— Sei.

— Tinha, assim, tinha umas notas que explicavam as coisas. Que tal boneco simbolizava a pulsão tecnicista de morte criativa, que tal outro boneco era o ímpeto formal, outro o ímpeto de gozo, as forças do patriarcado e da magia contra o falo tecnocrático do capital. Pior que eu ainda lembro do negócio. Que era complexo era. Era inteligente e tudo mais. Mas era um samba do crioulo doido. É que tinha uma época que a gente assistia o vídeo meio de sacanagem. Mas isso só gente do departamento, claro, não era um negócio assim esculachado, com os alunos. Imagina. Tinha uma porra dum árvore que ele dizia que tinha diversos significados cabalísticos e que ia acendendo umas luzinhas na forma dum sistema circulatório. Mas não deu pra deixar ele terminar, não foi possível. Alguém teve que dar cabo do

troço, eu nem lembro quem que acabou se levantando e acendendo a luz e fazendo uma cara de constrangida. Acho que foi a Tânia. Ficou todo mundo tenso um tempinho, mas aí virou um escárnio em minutos.

— O povo riu?

— Gargalhou por um tempo enorme, ela ficando lá possessa. Olhando com uma cara pra trás que parecia que tava de sacanagem. Inclusive tem uns que me juram de pé junto até hoje que acharam que ela tava de sacanagem. Não riram tipo zoando, acharam que era uma piada elaborada. Não conseguiam acreditar que ele tava falando sério. O que faz sentido, até.

— E aí?

— E aí ela começou a dar chique, falando que tinha o direito de apresentar e começava a citar artigos de não sei o quê de regimento da constituição, todo um negócio.

— Mas qual era o tema, afinal? Ela falava de quê na peça?

— Primeiro de tudo que ela falava que falava com os mortos.

— Ahn. Um negócio tipo espírita, assim?

— Não. Quer dizer, sei lá. Mas acho que não, ele não falou de nada disso. E a gente foi super respeitoso aliás quanto a isso. Falou que a religião de cada um é garantida na Constituição e pelo povo brasileiro, essas coisas, tolerância, tal, mas que não tinha como aceitar um trabalho que, assim, se PREDICAVA né na conversa dele ou dela com gente morta. Como bibliografia, mesmo.

— Ela citava conversas dela com gente morta?

— O trabalho todo, no final das contas, era baseado nisso. Era uma demonstração inegável da imortalidade da alma e supostamente ensinando qualquer um a conjurar os mortos. Quase metade das citações tinham, ao invés de página, ano de publicação, etc, só a nota c.p.a., que no glossário tu via que era CONVERSA PESSOAL COM O AUTOR.

— Sei.

— Eu gravei. Foi foda ficar meio fingindo que eu ainda tava levando aquilo a sério, mas eu fiquei com medo de processo e de repente ela mudar a história e fazer a gente ficar mal, daí eu gravei.

— Ele abre o laptop dele e vira a tela um pouco na direção de Nilson. Fala

com o que claramente é uma excitação mal escondida:

— Quer ver?

>>

54.

<

O avô morreu num domingo. Foi encontrado de manhã segurando seus óculos, sentado no chão do banheiro, as costas apoiadas na parede, a cabeça tombada.

Murilo chegou da escola e não encontrou sua mãe em casa. O que nunca acontecia. O seu pai estava lá, com um saco plástico contendo duas quentinhas que ele tinha trazido do refeitório do trabalho. Um frango amarelo com pele, um arroz empelotado e duro. Ele queria saber porque sua mãe não estava lá, mas não queria perguntar. Ficou esperando uma brecha que não apareceu.

— Sua mãe teve uma coisa aí. Ela quer te contar só ela mesmo, quando chegar em casa.

A mãe chegou tarde, seis horas e tanto, e parecia muito cansada, toda desmontada de um jeito que Murilo nunca tinha visto, o cabelo dela emaranhado dando umas voltas por trás da orelha que ela nunca deixava dar (a não ser quando tava com pijama).

— O seu avô, querido.

Ela fez todo um discurso vago e esquisito envolvendo a alma e a idade e um senhor fraquinho que Murilo não conseguiu, nem remotamente, relacionar àquela força que ele conhecia. Ele compreendeu, imediatamente, o que aquilo queria dizer, mas não conseguia ver aquilo, a coisa não se apresentava.

Murilo gostaria de ter ficado mais triste com a morte do avô. Ele se preparou para um longo e detido período de luto, mas poucos dias depois ele já acordava tranquilo, demorava um bom tempo para se lembrar do que é que deveria estar lhe entristecendo e não estava (como quem lembra de um compromisso que fez há muito tempo). Ele ficou muito incomodado com aquilo, com a sua aparente falta de caráter e incapacidade de sentir uma quantidade apropriada de tristeza. Releu dezenas de vezes as notas que tomou, o ditado ali na última vez em que o encontrou, os fragmentos rascu-

nhados de frases que ele sabia que estavam despedaçadas, incompletas. Ele tentava se lembrar das lacunas ali e do tom que o seu avô havia empregado. Mas tudo que restava eram palavras garranchadas e confusas, no máximo uns fragmentos de frase.

Copo na parede.

— A minha mãe não conseguia entrar no banheiro, eu que entrei.

— ...

— Eu que tive que entrar.

— ...

— Tava ele lá, né? Sentado, todo duro, muito estranho. Numa pose que nem era de gente. Tinha feito cocô. Tava amarelo e branco. Com uns treco roxo pela pele.

— ...

— Ah, eu não tive nem que encostar nele. Já dava pra ver, já. Já dava pra ver.

— ...

— Não, nossa, ela não quis nem ver. Ela não entrou no quarto.

— ...

— Não sei se ela viu depois, porque eu tive que sair antes de chegar. Eu não aguentei.

— ...

— Eu sei que eu devia ter ficado. Mas ela tava com a Neide, com o Júnio. Eu não ia ficar lá com aquilo. De jeito nenhum. Você sabe, Válter.

—....

>

55.

<<

O seu sotaque soava como o sotaque estereotípico indiano, mas mais anasalado e como que imposto ou mal atuado. Disse ser de Bangladesh, mas teria estudado inglês e computação na Índia, antes de vir aos EUA há três anos. Tinha óculos grossos e uma barba profusa, usava uma bata verde com floreios dourados onde se podia ver, entre outras figuras, bebê Krishna roubando um tablete de manteiga. Sua voz era calorosa, reconfortante e estrondosa.

— Antes que alguém ache que estamos malucos, sabemos perfeitamente que viajar no tempo é impossível. Mas gravações não são, naturalmente. John Lennon está morto, mas posso ouvir uma onda sonora diretamente retracável à vibração singular da sua garganta. E se eu te disser que é possível encontrar o eco de experiências corporais inteiriças gravado no avesso do espaço? Os sulcos que a dor e o deleite riscam no tempo não se perdem, não de todo. Eles perduram. Da mesma maneira que ondas sonoras percutem o ar e deixam rastros materiais, as ondas eletromagnéticas da nossa experiência perduram, transfiguradas, repetem-se em duas dimensões rebatidas infinitamente sobre si mesmas como luz num cabo de fibra ótica. Mudar o passado é impossível, mas recuperá-lo não é. O mapeamento apenas começou e deve aumentar muito quando o projeto se tornar público. Uma varredura inicial em duas regiões pequenas da Itália encontrou mais de seiscentos e oitenta mil registros recuperáveis de maneira integral ou parcial. Só nestas regiões. Datando desde a década de 80 do século passado até cinco mil antes de cristo. Momentos breves e longos da vida de senadores, escravos, centuriões, matronas, padres, soldados. A varredura na região de Israel e Galileia está mantida sobre estrito sigilo militar numa junta americana-israelita, um dos vários imbróglis políticos cabeludos que impedem a divulgação pública do projeto. Mas a database geral já conta com doze milhões de registros. A grande maioria nos EUA, onde aconteceu noventa por cento das varreduras até hoje. Temos três milhões de registros só na região de Los Angeles e arredores. O único critério para a perduração da experiência, pelo que podemos perceber, é a sua intensidade. Por isso a

quantidade extraordinária de gravações de cópula sexual e assassinatos, tanto em primeira quanto em terceira pessoa. A vida íntima das estrelas de Hollywood, os shows dos melhores conjuntos nos seus auge. A coleção que temos já é extraordinária e não sabemos se continuará toda disponível depois que o uso da tecnologia for regulamentado. Imaginamos que não. A família de Marilyn Monroe, por exemplo, pode processar para evitar o acesso a mais de oito experiências gravadas de indivíduos diferentes na companhia de sua pessoa, desde um presidente até Arthur Miller. Temos até uma gravação em primeira-pessoa de um dos Beatles tocando durante a invasão americana. Mas é do Ringo, infelizmente.

— Inacreditável, disse Jason.

— Surreal, disse Sergey.

— É prodigioso, sim.

Jason corrigiu de maneira um pouco ríspida:

— Não, literalmente inacreditável. Como assim recuperar onda da consciência? Isso não existe. Você tá enrolando a gente.

— Deixa ele explicar, Jason.

— Não é uma onda, senhor Jason, foi uma imprecisão da minha parte. Maneira de dizer. Na verdade, é um agregado espectral variado e complexo, que conseguimos depois de muitas dificuldades desembaralhar em cinco camadas de input (uma para cada sentido). Eu confesso que só consigo explicar elementos do funcionamento da máquina. A minha própria pesquisa e trabalho está no hardware de reprodução, não na descoberta do método de recuperação das ondas negativas de antimatéria. Isto foi o resultado do trabalho sigiloso e conjunto de décadas feito por dois grupos transdisciplinares e nós compartilhamos nosso conhecimento apenas onde é estritamente necessário.

— Certo. Como que a máquina funciona, então?

— É um prodígio, senhor Jason. É um prodígio. O implante transorgânico é uma malha que se conforma ao formato de seu crânio e transforma seu sistema nervoso num receptor altamente suscetível a ressonâncias configuradas. É o que permite que a sincronização integral ocorra de maneira não-invasiva. O que temos gravado é o pacote todo, com propriocepção, cheiro, tato e parte funcional da memória. Você não vai conseguir acessar a

infância do sujeito cuja experiência você, digamos, provar, mas vai entender latim se ele estiver falando latim ou matemática se ele estiver produzindo matemática. As experiências místicas de Ramanujan, nesse sentido, foram muito bem-recomendadas.

— Você ainda não explicou nada.

— Ocorre uma sobreposição, senhor Jason. O sistema nervoso se sincroniza gradualmente com o input externo, que vem da máquina imitando a pluralidade sensorial ruidosa da realidade, de início de um jeito fantasmático, débil, até que ele gradualmente se impõe sobre o input atual. O seu corpo vai para o fundo e a experiência gravada vem à tona. Para a maioria, a sensação atual do corpo continua sempre presente, para alguns a sensação sincronizada se impõe completamente. Depende de uma série de fatores, ainda não conseguimos determinar nenhuma causalidade sobredeterminante.

— Ainda muito, muito vago. Como assim uma sincronização? Isto soa impossível.

— Só soa impossível porque você não está trabalhando com todas as informações, senhor Jason. Infelizmente não podemos ainda publicar nossas descobertas integralmente. Descobrimos anos atrás que padrões neurais policrônicos, como aqueles responsáveis por mapear formas visuais, podem ser estimulados artificialmente à distância, contanto que a caixa de ressonância esteja configurada para recepção de maneira adequada. Acabou o mistério do qualia, os problemas tanto duro quanto mole da consciência, a dificuldade toda de descobrir como o cérebro ata os estímulos. Nós descobrimos. O cérebro ata o espetáculo dos vários sentidos através da emergência de uma sincronia polifásica auto-organizada que é mediada não só, mas principalmente, pelo núcleo supra-quiasmático. As células condutoras, digamos assim, desse espetáculo todo.

O homem parecia em êxtase ao falar isso, estalando os dedos, seu sotaque ultrajante como o de uma imitação ofensiva numa esquete cômica antiga.

— Um espetáculo que pode ser transduzido, gravado em bits e reproduzido, como qualquer outro. Com muito engenho, naturalmente. E um bocado de engenharia reversa.

—

— Consegui sua atenção, senhor Jason? Então. Esta é uma lista parcial das experiências que temos disponíveis para recuperação hoje. Não deu para trazer todo o catálogo porque os arquivos são pesadérrimos, como dá pra imaginar. 1 terabyte, pelo menos, pra cada quinze minutos. Isso depois da compressão. Mas trouxemos aqui uma seleção pessoal de algumas das experiências mais notáveis e populares.

Sergey pega o tablet da mão do homem, Deepak e Jason esgueiram-se para ver por cima dos seus ombros.

— Ué, cadê o Augusto? Me falaram que tinha uma experiência incrível do Augusto liderando tropas.

— Um cliente muito querido nosso pagou uma quantia adicional para que esta experiência fosse de seu uso restrito.

— Filho da puta, ele não me falou que tinha feito isso.

—

— Eu já sei qual eu quero.

— Qual?

— Claro que eu não vou te contar, Deepak.

>>

56.

<

Tasso foi cremado num lugar longe, fora do DF, já no Goiás e não houve uma cerimônia. Ele deixou instruções explícitas que proibiam, na verdade, para desolação da sua viúva. Quando Murilo foi visitar a avó com a mãe descobriu que a biblioteca inteira do avô tinha sido vendida para um sebo. Ela não quis ficar com aqueles livros atravancando a casa e lembrando ele. Só tinha restado uma caixa de leite com os livros que tinham ficado no quarto dele e que ela não sabia dizer se eram livros importantes ou só livros que estavam num canto e não em outro. Esses, pelo menos, Murilo levou pra casa.

Começou a folhear todos naquela mesma noite, consciente da presença teimosa e pesada no seu quarto daqueles pequenos tijolinhos de consciência que ele não entendia ainda. Murilo se sentia muito incomodado – intimidado talvez seja a melhor palavra – com a existência de tanto falatório histórico a respeito de tudo no mundo. E que ele não dominasse aquilo, não tivesse aquilo organizado em gavetas na sua cabeça para poder recuperar e iluminar tudo direitinho. Pelo menos em parte o sentimento de se sentir excluído de algum jogo que outros jogavam era de raiva. Dos doze livros, cinco tinham nomes incompreensíveis, metade pareciam ser romances (que Murilo já sabia que queria dizer historinha). Só um deles tinha figuras. Chamava “Gargântua e Pantagruel”. Foi, portanto, o que Murilo tentou ler primeiro, decidindo que leria do início até o fim mesmo se não entendesse nada. Passaria os olhos e engoliria todas as frases, uma após a outra, até acabar. Mesmo se demorasse anos.

A partir dos treze, quatorze, Murilo vivia tentando imaginar a extensão toda da cadeia comprida que havia levado aqueles livros até ali. Documentos materiais de realidades distantes dele, editoras em Belo Horizonte e Edimburgo, em Petrópolis e Nova Délhi, cuja existência depende da contínua manutenção de um complexo enorme de corpos e cabeças e que por um acaso tinham como de repente voltar à vida ali no quarto dele na 708 sul, na casa estourada de sol, tocando rádio na área de serviço, a mãe vagamente murmurando mais ou menos um terço das músicas, um cachorro latindo lá fora, envolvida mais distantemente por um cerrado

tão esparso.

Todo o Império Romano, a colonização europeia das Américas, o tráfico de escravos africanos no Atlântico e a expansão da modernidade num processo de sincronização global progressiva culminando naquela caixa de leite com doze livros dentro e um garoto que fala uma língua latina tentando entender que merda era aquela.

Era como se todo aquele somatório de textos estivesse acontecendo dentro da cabeça do avô (por sua vez hospedada, claro, agora, na do Murilo). Ele começava a sentir que habitava aquele troço todo, ainda que ali do seu quarto, sozinho, fingindo que tinha que ir no banheiro às vezes pra poder ler sem que sua mãe passasse de vez em quando e olhasse com uma cara engraçada. Ou ligando o rádio fora de qualquer sintonia no seu quarto só para fazer um ruído branco que competisse com o ruído da televisão na sala e permitisse que ele prestasse atenção num parágrafo espinhudo por mais tempo.

Murilo às vezes encarava a dificuldade dos livros como estivesse se emponderando dela, como num jogo. Se, ao retomar sozinho todos aqueles registros dispersos e transformá-los num todo, ele estivesse deglutindo todo aquele povo morto. A partir dos quinze, começou a ter sonhos recorrentes onde lia um livro do Rabelais sobre uma figura essencialmente parecida com ele, um gigante gordinho e criança versão tropical — figurado de uma forma ofensivamente etnocêntrica — engolindo São Tomás de Aquino, Maimônides, Averróis e Avicena, que em sua maioria se revelavam muito compreensivos com a situação, e tornando-se um monstro agitado todo explodido de um gás que eventualmente destrói o mundo e, portanto, o sonho de Murilo, numa mesma conflagração. Não era um sonho agradável, embora Murilo tenha rido quando acordou.

Era uma sensação estranha de assombro com a própria imaginação, por mais que ela só se expressasse na época em rascunhos chochos de contos que ele fazia em cadernos. A maioria tão ruinzinhos que ele jamais tornava a ler de novo. Não entendia como podia sentir assombro com sua própria imaginação sem jamais ter inventado nada, mas a sensação era essa e parecia ter se montado sem a sua supervisão. Já estava instalado ali, nele, essa mania de pensar na sua vida toda como um engenho que aprendia a se redobrar sobre si mesmo. Não dá nem pra dizer, no caso dele, que o resto da vida era combustível para uma obra que viria um dia. Porque com Murilo

não haveria “resto da vida”. Ele já tinha certeza. Tinha quatorze pra quinze anos, a expressão compungida de santos em pinturas, de estadistas em fotos. Seu rosto foi tomado por espinhas bem por essa época e o que era até então, ao que ele se lembra, apenas um desábito social e uma dificuldade de lidar com a extroversão pavoneada das outras pessoas se aprofundou com força, cavou trincheiras e distribuiu arame farpado, foi aos poucos se endurecendo em algo muito mais espinhudo e próprio, sem esperança nem distante e nem mais desejo, exatamente, de tentar trafegar na normalidade. Murilo havia tentado por uma caralhada de anos ser normal e nada de bom havia saído daquilo.

Ele não mais trocava palavras com ninguém na escola. Os poucos amigos distantes com quem ele às vezes acontecia de conversar sobre ficção científica ou desenhos animados aos poucos foram fingindo que não o conheciam ou mudando de sala. Ele tinha perfeita consciência da figura que ele tinha assumido principalmente por distração e preguiça, de alguém patologicamente distante de convívio social, intratável e esquisito. Ele se achava diferente dos outros esquisitões que via na escola, achava que talvez com esforço ele conseguiria emular as convenções todas que permitia que as pessoas interagissem e tivessem relações umas com as outras. Mas ele não conseguia se importar tanto, não via ninguém que lhe interessasse o bastante para motivar um movimento tão largo, um esforço tão profundo. Cada vez mais ele se ressentia das pessoas. Parte dele gostava da distância que recebia, que chegava a se parecer com respeito, às vezes (do jeito que um doido é respeitado como alguém que habita outro domínio, que vive em outro campo de interações).

Não é como se ele não tivesse amigo nenhum. Na internet Murilo conversava no ICQ e no mIRC todo dia e com gente de todo canto. Tinha dezenas de conhecidos estrangeiros com quem ele conversava em inglês, quase sempre (às vezes num portunhol safado), artistas, professores universitários, estudantes, uma policial canadense ruiva e um travesti mexicano que escrevia sobre cinema, todos se divertindo muito com aquela voz culta e inquisitiva brasileira que parecia se interessar por tudo e que ninguém acreditava que só tinha dezesseis anos.

Estranhava muito ter aquelas relações tão pontiagudas, detidas e específicas com a caixa que era aquele monitor ali no seu quarto sem que seu pai e sua mãe nem imaginassem. Às vezes se sentia culpado, tentava contar pra

mãe de tarde algumas coisas que ele estava vendo, mas não conseguia se fazer entender, ela rapidamente fechava a cara de um jeito tão pouco convidativo que dava impressão que ela não tava nem começando a digerir o que ele tava dizendo. Até suspeitava que ela talvez não acreditasse naquilo que dizia, que ele realmente conversava com aquelas pessoas toda, lia sobre aqueles assuntos todos. Quando Murilo por alguma razão comentava algo que via no jornal ou que tava em alguma das duas revistas semanais que eles assinavam daquela semana (que ele lia no banheiro, e só no banheiro), a sua mãe sempre parecia estranhar o que ele dizia.

— Essa menina que escreveu a resenha pro filme parece não entender que a lógica do mercado no qual esse filme está inserido não é de produzir filmes bons, muito menos originais. É uma indústria que reproduz algoritmos bem fixos na busca de maximizar retornos. Ninguém ali acha que é arte e o filme não deveria nem ser resenhado dessa forma.

A mãe olhava pra ele por um tempo com as sobrancelhas franzidas e uma expressão de quem não estava prestando atenção. Mas continuava olhando, como se esperasse por mais informações, ou tentasse escolher pelo menos uma maneira educada de resolver sua expressão.

>

57.

<<

As tatuagens de Renato em 2014 (aos 36 anos) eram as seguintes:

— Ragaraja acima da virilha (obscurecido pelo mato, mas muito bem feito, vermelho e vívido, em traços grossos e tradicionais, exceto por ligeiras estilizações de afetação mesoamericana);

— Arame farpado em volta do braço direito (bem apagado);

— XO STRESS na altura da virilha (sic);

— Huehuecoyotl no peitoral direito;

— Coiote coió (com uma placa escrito “fudeu...”) no peitoral esquerdo;

— Thoth na perna direita dando um joinha;

— nas costas, em letras gordas, multi-coloridas, de marquise as palavras MÚSICA POPULAR BRASILEIRA.

>>

58.

<

Aos quatorze, Murilo já tinha um imaginário sexual repleto, ainda que inteiramente teórico, composto totalmente de visitas a sites de putaria recomendados por um moleque mais velho que ele conheceu no IRC. Ele que foi atrás de perguntar, da maneira desavexada com que ele foi aprendendo a perguntar pra gente mais velha sobre assuntos específicos (como escolástica, computação, teatro butô).

Murilo passou por todas as categorias de um site em particular, de cima a baixo. Tomou duas tardes. Tinha coisa com animal, tinha gente se machucando com uns espinhos e uns negócios de couro, tinha gente velha, tinha paródias mal desenhadas de desenhos animados, tinha coisa com balão, tinha coisa de gigantes em 3d comendo pequenas pessoas em 3d, tinha coisas com polvo, tinha coisas com cocô, tinha coisas com muita muita gente e apenas uma garota, tinha estupro de mentira, tinha vídeo de câmera de segurança pegando gente trepando escondido, tinha vídeo que fingia que era isso, mas era de mentira.

Murilo realmente achou, quando terminou, que devia ter praticamente esgotado todas as possibilidades do imaginário sexual humano quando terminou. Teve até algum orgulho de si mesmo, de ter lidado com aquele troço de forma tão eficiente, ainda tão novo. No dia seguinte indo de van pra escola achou que entendia melhor todo aquele mundo congestionado e mal arrastado, todo aquele povo irritado na rua provavelmente queria ir pra casa fazer aquelas coisas engraçadas todas, esfregar seus peitos e paus em balões e roupas de couro, meter objetos escorregadios pra dentro do corpo. Por isso estavam tão frustrados, tão bravos, dentro dos seus carros, com tantas roupas, no sol. Claro. Fazia todo sentido.

>

59.

<<

Foi num estúdio de tatuagem chamado HELL'S TATTOO'S, no centro de Belo Horizonte, que Renato conheceu Tamires. Ele trabalhava num bar ali perto na época e passava umas duas vezes na semana com um desenho diferente perguntando quanto seria para tatuar. Sempre achava caro e tentava pechinchar, desistia e voltava depois com outro desenho maior e mais complicado. Isso em 2010.

Levou uma foto do Romário, outra da Dercy Gonçalves, um desenho do Paul Klee, uma página do Akira. Tudo coisa complicada de tatuar, e ele sempre queria enorme, ocupando quase metade das costas ou do peito. Ele perguntava quanto seria e se ela dissesse quatrocentos reais (por exemplo), ele quase caía no chão, repuxava os cabelos e aí respondia meio seco que não pagaria mais do que cem, que era tudo que tinha.

Tamires respondia de forma rabugenta, mas foi criando simpatia por aquela figura inquieta e exagerada que parecia mudar de ideia sobre tudo a cada quinze minutos.

Foi quando Renato levou a foto de uma estátua Ragaraja, de um livro emprestado de uma biblioteca da UFMG, que ele realmente conquistou Tamires. Tamires não aguentou de curiosidade e perguntou:

— Você sabe o que quer dizer essa figura?

— É tipo o tesão furioso que vira paixão. Não é?

— Tipo isso.

— Você estuda essas coisas?

— Estudar não estudo, mas me interessa. Já tive uma namorada meio budista.

— Eu queria uma namorada budista pra mim também.

— Querer isso não é meio contrassenso?

— Eu gosto de budismo é nos outros.

— Religião no cu alheio é refresco, né, safado?

— Ô, de groselha.

Os dois riram, surpresos com a rapidez que respondiam um ao outro. Tamires chamou pra tomar uma cerveja e comer torresmo depois que fechasse o estúdio, sete e meia. Ele aceitou. Trocaram duas vezes de bar e pararam de beber só duas e tanto. Ela disse que os dois pareciam o Cary Grant e a Katherine Hepburn conversando e corou (figurativamente) em seguida. Mas o fato dele reconhecer a referência e sorrir como o gato da Alice a desaxou.

Renato falou pros dois irem dormir na casa onde estava ficando, de um amigo, que era mais perto do que a dela, em Ouro Preto. Quando ele botou ela pra dormir no sofá, deu um beijo na testa e deu boa noite com uma frase que só não a irritou profundamente porque foi dita da maneira mais doce e bêbada do mundo:

— Se tu não fosse fancha a gente ia transar tão gostoso agora, não ia não?

>

60.

<

A sua mãe, Elizete, saiu do trabalho (na CAESB) quando ele nasceu e desde então sempre teve insônia. O trabalho em casa também a cansava, mas era mais espaçado ao longo do dia. Ela cozinhava todo dia para o almoço, mas quase nunca para o jantar e passava o dia arrastando pequenas tarefas de casa longamente, protelando-as a cada mínima etapa até que tomavam quatro vezes o tempo que elas estritamente requeriam. Roupas ficavam perto do ferro de passar por horas, ela ia tirar um cochilo, tomar um chá, assistir partes soltas de algum programa. Ela não parecia gostar praticamente de nada na televisão, mas a deixava ligada o tempo inteiro, comentando vagamente o que se agitava na tela, que um carro ia bater no outro, que aquele sobranceiro com certeza tinha matado a menina, que o Iraque não agüentava mais de tanta morte. Todos os eventos pareciam iguais para ela, todos vagamente preocupantes e temerários nas suas imagens mais imediatas, mas finalmente tolos e desimportantes (o que ela expressava bufando de incredulidade no final de toda reação). Como se no final das contas fosse só televisão, nenhuma imagem ali guardasse uma relação séria com nada, a ansiedade só encontrava ali um objeto momentâneo que se esfacelava no instante seguinte como asa de mariposa.

Murilo às vezes se sentava com ela na televisão, um gesto que ele não sabia vestir muito bem, sentando no outro canto do sofá e perguntando o que estava acontecendo no filme ou seriado, o que ela respondia com detalhes descontextualizados e incompreensíveis (“o advogado mentiu pra ela que ela não tem acordo com a promotoria porque ele quer levar o caso pro tribunal”, sendo que Murilo nem sabia quem eram os personagens e que seriado era aquele) que ele nunca sabia se eram incompreensíveis por descaso ou incapacidade da mãe.

A afeição da mãe era pontual, tanto no sentido de ser confiável quanto de estar delimitada em gestos discretos. Infalivelmente expressa na cama que ela arrumava, sorrisos de vez em quando, boas noites com beijo na testa e rosquinhas Mabel e Toddynhos que ela comprava no supermercado fingindo ser pra ela. Ainda assim isto nunca ganhava exatamente pra ele

a impressão de um sentimento muito agudo ou individualizado. Parecia a expressão duradoura e convicta de uma abstração, um dever materno seriamente absorvido que jamais envolvia qualquer particularidade do Murilo, jamais parecia se concentrar em qualquer aspecto da sua pessoa. Murilo percebia isso com força, mas não culpava a mãe. Um dia observando a si mesmo no reflexo fraco do vidro do móvel da televisão, seu cabelo revoltado e sujo, dentando o plástico de um saco de batatas fritas de marca genérica, percebendo aquela figura, de repente veio a perceber que ele não era lá uma pessoa tão amável. Esse pensamento veio com bastante naturalidade, como quem julga um personagem num livro para responder a uma pergunta de prova.

Murilo era uma pessoa seca e destituída de personalidade, uma consciência quieta feita pra processar os vários discursos que o mundo fazia de si mesmo, as tantas imagens, os mapas infinitos. Mal falava com os pais há anos, fingindo de forma muito inconvincente durante as refeições e eventuais encontros pela cozinha ou banheiro que sequer escutava o que eles conversavam (quando acontecia de conversarem, sempre ímpetos curtos iniciados por ela e quase imediatamente resolvidos e encerrados por ele). Era isso que ele fazia, desde sempre, e não era uma vida ruim, vira e mexe ele entrava em êxtase. Mas aqueles hábitos resultavam numa figura pouco atraente, pouco interessante, pouco real. Murilo via nisso alguma graça.

>

61.

<<

A juíza Sandra Gouveia Bittencourt tinha hábitos rigidamente regulares. Chegava cedo no tribunal, tratava todos os que não fossem seus iguais ou superiores hierárquicos ou políticos com a mesma rispidez desatenta. Separou-se de seu marido advogado há cinco anos e os relatos discordam se seu amargor com a vida aumentou ou diminuiu desde então. Que ele sempre esteve lá era certo.

Era difícil que saísse de casa no fim de semana. Ficava trabalhando no computador enquanto a TV a cabo passava filmes, geralmente títulos que ela já tinha assistido, conversava com os personagens dos filmes e dos processos no mesmo tom de reprovação e incredulidade generalizadas. Com a estupidez das pessoas e das suas más decisões. Quem visse as fotos pela casa de uma senhora um pouco acima do peso com os olhos fechados pelo sorriso e netinhas loirinhas e amorosas em volta talvez ficasse surpreso de descobrir que Sandra era temida por dez entre dez advogados, criminalistas e defensores públicos. Era até possível que Sandra absolvesse alguém, mas só acontecia quando ela realmente não tinha nenhuma outra opção. No mais, era conhecida por condenar o mais rápido possível e com tudo que tinha direito. Se reclamasse ainda tomava sermão moralista sobre família e valores cristãos. Pedia comida por telefone três vezes por semana e comia as encomendas durante a semana toda, espaçando os dias. A única coisa que sabia cozinhar era omelete e macarrão e literalmente todas as vezes que havia feito isso depois da universidade tinha sido para alimentar a filha. Fumava meio maço de Marlboro light todo dia, um inteiro quando ficava trabalhando direto de madrugada. Até hoje mantinha o hábito adquirido da época de casada e morando com a filha, hoje desnecessário, de se masturbar em quase absoluto silêncio, a comissura tremida dos seus lábios se remoendo no que parecia ser uma intensidade que ela sempre tentava manter no limite do suportável.

Sandra morava num condomínio murado muito bem protegido nos arredores de Belo Horizonte, numa casa de quatro quartos e um piano de

cauda na sala que havia sido tocado por no máximo algumas horas em mais de quinze anos. E foi antes de chegar lá, na sexta, no começo da noite, logo depois de comprar um pote de sorvete e um maço no posto, que Sandra foi rendida por dois homens e uma mulher de máscara que pareceram vir de lugar nenhum, entrando no carro dela no banco de trás e no do passageiro e botando o cano de uma arma nas suas costelas. Sandra falou para levarem o carro e deixarem ela ali, mas eles não respondiam, só gritavam feito bicho, cantavam e falavam que ela tinha que ir junto, e que se ficasse comortada não ia se machucar.

>>

62.

<

A segunda vez que ele viu uma foto do Fábio foi por coincidência. Ele foi cortar o cabelo no barbeiro mais perto da sua quadra, chamado Antonio's, que demorava quase uma hora pra concluir um corte e cortava muito mal, mas que era um velhinho pernambucano simpático que já não falava coisa com coisa e que Murilo adorava acima de boa parte das coisas do mundo.

Sempre que Murilo se sentava na cadeira de couro rechonchuda e descascada, seu Antônio sempre lhe entregava a pilha de revistas da barbearia, que incluía Turma da Mônica, revistas de fofocas e celebridades e revistas masculinas com mulheres peladas e fotocopadas. Todas datando de anos atrás. Murilo teria vergonha de ler em público tanto uma revista infantil quanto uma revista dessas de mulher pelada, então acabava lendo as revistas de fofocas e celebridades. E foi folheando muito vagamente a revista, suas imagens registrando as informações num nível bem baixo de consciência, quase abstratas, que ele de repente notou uma figura reconhecida.

Demorou alguns bons segundos pra recuperar da cabeça a associação correta, entender exatamente quem era aquela pessoa. Tamanho era o choque de mundos. Mas assim que a associação foi feita Murilo tinha certeza absoluta da sua correção. Era o Fábio ali. De terno, abraçado a uma menina linda toda arrumada, num casamento de alguma pessoa rica indistinta que a revista tratava como se fosse de conhecimento geral (ou que talvez até fosse de conhecimento geral para o público da revista).

A legenda lia: “Fábio Carvalho, filho do Governador Anselmo Carvalho, com sua amada Leticia Bontempo”.

Murilo se viu involuntariamente falando baixinho:

— Ele é filho do Anselmo Carvalho, cacete.

— Que foi, meu filho?

— Nada não.

Anselmo Carvalho era o governador eterno do Estado de Goiás, uma figura bizonha. Foi nomeado senador biônico durante a ditadura e depois

disso nunca largou mão do estado. Filho de Claudionor Carvalho, dono de uma empresa de ônibus turístico, foi transformando a fortuna ainda semi-modesta do pai num império de transporte coletivo viário e, mais recentemente, numa empresa moderninha de táxi aéreo em franca ascensão.

O pai ainda tentava botar um verniz mais ou menos convincente de respeitabilidade, mas Anselmo já era corrupto de um nível escancarado, com escândalos tosquíssimos pipocando de meses em meses sem que ele nunca fosse condenado, escapando sempre com técnicas processuais ou manobras políticas nos tribunais locais e superiores. Anselmo ainda havia sido recentemente implicado (por reportagens meio desleixadas e mal escritas, é verdade) em dois assassinatos de quinze anos atrás, logo antes de virar governador.

A figura dele era cômica, uma peruca e um bigode tingidos de dois matizes distintos de acaju, um corpo disforme em ternos caros desarranjados, baixinho com uma corcunda arrastada de dromedário, braços compridos que pareciam sair do meio do seu tronco, uma expressão quase invariável de um vazio absoluto, tão inexpressiva que era como se aquele fosse um corpo inanimado, um cadáver artificialmente articulado por forças exteriores. A única coisa que o fazia sair dessa falta de expressividade eram jornalistas que lhe tentassem tirar do sério. A sua melhor foto, que brevemente havia corrido forte entre estudantes universitários goianos, modificada de dezenas de maneiras, o mostrava erguendo um tijolo e tentando jogar num fotógrafo que tirava fotos suas bêbado saindo de uma lancha em Angra dos Reis com uma menina que até podia (mas certamente não aparentava) ter mais de dezoito anos.

Murilo já havia depreendido por detalhes aqui e ali que o Fábio tinha grana, sabia que ele tinha seu próprio carro sem trabalhar e conhecia bem diversos cantos do mundo. Mas agora ele via que o Fábio era multimilionário (ou enfim, que sua família o era) e que esse dinheiro tinha todo esse rastro escroto. Ele não sabia de que forma que isso mudava a imagem que ele tinha do amigo, mas mudava.

Alguna espécie de readequação da imagem dele se fazia necessária, ele achava, ainda que Murilo ainda não soubesse qual.

>

63.

<<

Eu cheguei em Belém sem saber porra nenhuma da cidade. Só queria fugir o mais longe possível de São Paulo. Fiquei horas na rodoviária olhando pra todos os nomes de cidade listados, repetindo e trocando as sílabas. Ubaraquara, Junco Grande, Mogi Horizonte. Tudo parecia que ia dar na mesma merda, no final das contas. Só mudava a ordem. Aí trocou o letreiro e apareceu Belém. Belém. Belém-Belém. Eu repeti o nome várias vezes e ele nunca ficava idiota. Veio de repente umas imagens bem bestas (e que eu já sabia na hora que eram bem bestas) de um bando de índio emplumado orgulhoso andando numa cidade enorme onde no meio numa praça grande ficava Jesus sentado, com um bando de gente esperando pra falar com ele, que nem Papai Noel de Shopping. Não é que eu propriamente achasse que Jesus tinha nascido lá, mas acho que eu vagamente também não desachava não. Eu ri pra caramba e decidi que tinha que ser lá, mesmo a passagem sendo cara pra dedéu, metade da grana que eu ainda tinha guardada dos rolo.

No ônibus dormi muito pouco, um cara do meu lado tava resfriado e ficava fungando sem parar. Sonhei com narizes enormes puxando pedras para a construção de um monumento à Coriza. Cheguei em Belém e fiquei andando o dia todo, acabei procurando o *Ver-o-peso* depois de ver que quase toda banca de jornal tinha postal dele. E era bonito o negócio, do lado daquele rio marrom que não tinha fim nenhum direito (a margem, que já era longe, um velho que tava sentado mexendo num emaranhado de linha me disse que nem margem era, que tinha mais rio ainda pro outro lado). Fiquei olhando o final da feira dos peixes, os tiozinho madrugador já morrendo de sono no final da tarde, quase deitando nas bancadas manchadas de sangue de peixe, as velha vendendo erva e poção pra tudo que é coisa (tinha uma pra mulher dadeira que dizia assim só: 1000 homens, quase comprei, só de onda).

Todo mundo era mais baixo que eu, quase todo mundo tinha cara de índio. Nesse dia que eu lembre eu dormi lá perto mesmo, junto numa galera que tava nuns papelão na frente numa loja amarela. A loja dizia REI DO COMÉRCIO, CALÇADOS, PLÁSTICOS, CERÂMICAS, OUTROS. Eu já fiquei

viajando que ia conhecer o tal do rei do comércio no dia seguinte, que ia começar uma prodigiosa e avassaladora carreira ali mesmo, conquistaria a simpatia do Rei do Comércio a ponto de sucedê-lo daqui a vinte anos numa cerimônia gloriosa na Ópera de Belém. Fiquei lembrando dos cara nas lojas ali no centro que ficavam no microfone com voz de veludo falando pra todo mundo entrar, que tinha promoção, que tinha isso e aquilo. Mas eu acordei foi com o próprio Rei do Comércio me enxotando lá da frente com uma mangueira, me xingando de vagabundo, devia ser umas sete da manhã. Os outros que dormiram já tinham vazado. Passei o resto da manhã ali deitado debaixo duma árvore pensando no quê que eu ia virar agora. Traficar eu não queria que eu não ia rodar de novo nem fodendo, ainda mais não conhecendo era ninguém ali. Tinha que encontrar outra coisa.

Fiquei zanzando ali pelas ruas do centro apinhada de gente e de loja até que eu vi um homem mais rosa que cabeça de pica, todo estufado, com uma testa que parecia que derramava pra frente, uma camisa florida amarela ridícula gigantesca esvoaçando em volta dum corpo que já era enorme, um cabelo meio ruivo-escuro fumaçando, um sorriso abobado e uns olho esbugalhado de doido. Fiquei por muito tempo achando que ele devia ser turista e já tava pensando num papo que eu pudesse chegar chegando, falar que era guia, que eu podia mostrar pra ele a verdadeira Belém, a Belém do seu povo, a Belém autêntica. Fiquei um tempão ensaiando as cinco ou seis frases em inglês que eu achava que eu sabia até eu ver que o doido era dono da banca. E a banca dele era todo um troço, além de jornalista era vídeo-locadora, tinha mais fita VHS do que revista, tinha estante saindo pra fora e comendo a calçada, vendia ainda água de côco (que ele mesmo cortava num facão cujo cabo ficava caindo) e ainda tinha uma roleta esquisita atrás do balcão onde ele sorteava aluguel grátis de filme e Bis pras crianças (e que era viciada, só fui descobrir depois, só ganhava nela os clientes de quem ele gostava).

Tinha uma televisão virada de frente pro balcão, mas tava desligada. Eu fiquei vendo as costas do filmes dele por bem uma meia-hora, já quase apaixonando, até ele desembuchar.

— Égua, vai alugar alguma coisa ou vai ver o filme só nas figurinha?

— Tenho vídeo-cassete não, tio. Tava só vendo aqui os nome e as história, só.

— Esse aí que tá na tua mão é clássico. Eu até botava pra tu ver, mas se

bota filme aqui junta mais desocupado que o Congresso Nacional e os freguês que compram mesmo são fresco. Tu sabe como é.

Essa frase ele terminou com um sorriso que me deu vontade de apertar a bochecha rosada e gringa dele.

— Que mal lhe pergunte, o senhor é daqui mesmo?

— Claro que sou! Não tá vendo aqui estampado na minha cara meu sangue Araweté?

Eu fiquei sorrindo besta sem entender se ele era doido. Ele não falou de um jeito irônico.

— Sou irlandês. Era irlandês. Da Irlanda. Irmã pobre da Inglaterra. Tou aqui tem tanto tempo que eu não sei mais quê que eu sou, não. Cê gosta de filme?

— Filme? Filme é minha vida, filme.

Mentira da porra. Filme pra mim nem fedia nem cheirava, era só uma forma de televisão, igual Sílvio Santos ou jornal. Música pra mim que era o tchans, na época, e mais nada.

— Eu faço uns cineclube às vezes aqui pra passar as coisa que não passam nem no Olímpia. A gente não esparra muito, porque não tem nem permissão nem direito de nada, mas se quiser ir é de graça. Amanhã tem. Meu nome é Dennis.

Fiquei dando tempo ali mesmo, depois comi um salgado numa lanchonete e fui perguntando pelo endereço que o homem tinha dado. Era um casarão mal-acabado a uns quarenta minutos a pé dali. Parecia ter uns cem anos. Achei a coisa mais bonita que eu já tinha visto na vida.

— Hoje a gente vai passar um filme muito doido, só pros fortes.

— Como sempre, meu querido, como sempre, falou uma senhorinha de cabelo pintado de vermelho escuro e camiseta do MST.

Tinha um menino índio muito simpático e educado com todo mundo que ficava passando com uma bandeja prateada com copos cheios d'água e de café. Tinha três velhas que pareciam amigas e ficavam o tempo inteiro cochichando e rindo entre si. Tinha um casal baixinho de uns cinquenta e tantos anos, ela de cabelo loiro pintado, ele inteiramente careca, que ficava se agarrando o tempo quase todo. Tinha uns três moleques com tipo

meio de gótico meio de metaleiro que acumulavam num canto e deitavam a cabeça na mochila e tinha uns dois gatos pingado com tipo de professor universitário que ficavam na deles. Atrás do projetor ficava uma menina índia com cara de enfezada, duas mechas se projetando do lado das orelhas e fazendo cara feia pra todo mundo que fizesse barulho.

Eu não consegui prestar muita atenção no filme, que era muito estranho (um cara bonito chegava numa casa de família chique e aos poucos ia transando com todo mundo da família), porque ficava o tempo inteiro olhando discretamente pras pessoas em volta. Nunca tinha estado num lugar como aquele, não entendia direito como que se dava as relações ali. Eles eram todos doidos?

Tomara.

>>

64.

>

Dentre os vários assuntos urgentes e recorrentes de Fábio, o único que não interessava tanto a Murilo era a legalização da maconha e de outras substâncias.

Não era raro que quase qualquer outra conversa o provocasse, no fórum ou em chat, a começar a falar da guerra às drogas e, daí, fatalmente, da crise carcerária brasileira, da superlotação e de sua condição escrota em geral, do fato de que 40% dos presos são provisórios, que muita gente ficava preso além do tempo que devia pela lentidão dos tribunais, das execuções policiais feitas quase abertamente, das milícias e esquadrões da morte e do apoio quase irrestrito do Judiciário e do Ministério Público.

Pelo menos uma vez por mês Murilo via o amigo entrar numa mesma sequência argumentativa que terminava falando que a cocaína devia ser a maior indústria do mundo e que a gente nunca via uma pessoa de terno sendo presa por ligação com o tráfico e nem do lobby violento que não devia ser feito contra a legalização. Isso quando ele não começava a somar os mortos no México, Brasil, El Salvador e Indonésia pra dizer que a Guerra às Drogas era de longe o mais sanguinário conflito geopolítico das últimas décadas, muito mais violento que qualquer confusão no Oriente Médio, com a diferença que era um conflito que poderia terminar – ou pelo menos ser radicalmente transformado – com algumas canetadas da ONU e dos países de primeiro mundo.

Murilo concordava que aquilo tudo era errado, concordaria até que era absurdo, mas nunca conseguiu acessar muito bem o sentimento de indignação política que fazia o amigo vociferar tanto. Uma coisa era ficar com raiva, isso ele sempre entendeu, mas querer veicular sua indignação e agitar alguma bandeira por aí sempre lhe parecia um jeito de querer carimbar a sua virtude, querer que alguém batesse palma para a justeza do teu sentimento. Se qualquer movimento prático, do conserto de uma torradeira à construção de uma fogueira, parecia a Murilo quase impossível, qualquer agitação política efetiva parecia ainda mais distante. Multidões pintadas de forma vaga num quadro impreciso. Como que alguém poderia achar a

sério que ia conseguir mudar pra melhor alguma coisa no mundo? Mudar pra pior parecia sempre mais plausível.

Talvez fosse algo que as pessoas faziam como parte de seus infinitos rituais de acasalamento, Murilo pensava, como tanto daquilo que se chama de arte. Não tinha nada de errado com isso, claro, mas não era assim que ele funcionava, pessoalmente. Demarcar tudo o que tá errado do mundo devia ser uma forma de encontrar os parceiros adequados, sexuais ou não. Era no mínimo um jeito de criar identidade como qualquer outro.

Ou talvez a indignação de Fábio viesse mais da sua vontade pessoal de fumar mais livremente, mesmo. Um dia, no meio desse assunto, ele perguntou.

— E cê fuma muito?

— Ah, não muito.

— Bt fé.

— Na real eu fumo pra caralho. É tipo uma parte grande & séria da minha vida

— Haha, sério? N imaginava.

— Pois é. Quase todo dia desde os quatorze, quinze. E tu, fuma?

— Ah, só de vez em quando.

— Vamos fumar um juntos um dia desses na webcam, haha. Eu faço isso com altos amigos meus q moram longe

— Vamo sim. Mas hoje eu tou sem.

Murilo não sabia porque tinha mentido. Ele nunca tinha fumado maconha, na verdade só tinha tido uma oportunidade, uns amigos de um primo mais velho estavam fumando escondidos num churrasco de família em Minas. Ele ficou por muito tempo tentando conceber o que diria se eles oferecessem, tendo decidido por 'opa', seguido de uma modulação agradecida dos ombros (que nem se fez necessária, ninguém lhe ofereceu nada).

Ele agora considera comprar. Mas como que se faz isso? Não tinha nem idéia. As pessoas têm códigos? Elas se enxergam na rua e trocam olhares significativos? Era mais um dos sistemas dos quais Murilo se sentia excluído e que ele não tinha nem ideia de como tentar penetrar. Lembrou-se que no primeiro semestre da Universidade tinha ouvido algumas vezes algu-

mas piadas envolvendo a 109 sul, no sentido de que lá seria um ponto para maconheiros, aparentemente (faziam piadas recorrentes associando a quadra a um colega com tipo de hippie reggaeiro).

Murilo imaginou longamente situações distintas nas quais ele ia pra 109, zanzava por lá um tempo até encontrar alguém que pudesse parecer adequado, talvez um desses caras que pedem pra vigiar seu carro, um que tivesse uma pinta mais alardeada de espertalhão, parecendo sugerir vias sutis de comunicação ali na maneira dele de cumprimentar as pessoas.

Em todas as cenas que Murilo imaginava alguma coisa dava errado, ele se comunicava de maneira idiota, o homem se ofendia quando entendia o que ele estava sugerindo, deixando ele mortificado na condição automática de playboy racista, ou o homem pegava o seu dinheiro e não lhe dava nada, ou helicópteros desciam imediatamente com homens do BOPE pisando na sua cabeça e dizendo que ele era uma pessoa desprezível. Ele chegou a sair de casa para caminhar até lá, mas voltou antes de se distanciar cem metros.

No lugar, então, ele comprou seda e tabaco na banca e na vez seguinte que encontrou Fábio online, propôs que eles fumassem um juntos na webcam, enrolando o seu baseado falso com tabaco (e não mostrando demais na câmera para que Fábio não visse mais do que a estrutura dos seus gestos). Fumou o seu tabaco lentamente, baixando os olhos um pouco e modificando levemente sua impressão quando percebeu que Fábio já parecia um pouco diferente, um sorriso um pouco mais arrastado, querendo comentar qualquer assunto longamente, como se tudo fosse interessante.

Conversaram sobre todo tipo de coisa. Murilo às vezes tinha uma impressão de Fábio ser um tantinho diletante na maioria das coisas que ele botava banca de dominar. Ele se achava um tanto mais culto do que o amigo pra muita coisa (e a competição entre os dois era evidente, ainda que nunca declarada), mas poucas vezes tinha conhecido alguém com um arsenal tão vasto de cultura popular – tanto de coisa boa quanto de detrito – o que ele achava bem impressionante, à sua maneira.

Ele podia ver o quarto do Fábio pela imagem da câmera. Parecia enorme, uma estante de livros enorme e linda, de madeira escura, com vidro cobrindo cada prateleira, ocupando uma parede inteira. Uma cama enorme, pôsteres de filmes na parede (A Idade da Terra, Acochado, Stalker) e uma

guitarra no fundo. Um quarto que tinha um aspecto adolescente e que sugeria toda uma vida muito confortável, com todos os mínimos interesses e caprichos estimulados e garantidos materialmente de maneira prodigiosa a todo momento.

Já o seu quarto ficava todo escuro na imagem da webcam, apenas a sua figura meio espectral mal iluminada pela tela do computador, a pilha de livros e papéis em volta dele e a parede próxima indistintas num escuro pixelado, um verde-cinza de blocos que pareciam se mover sozinhos, como se os algoritmos da câmera ficassem a todo tempo tentando de novo encontrar a melhor forma de combinar aquele tantinho precário de luz ofertada.

>

65.

<<

Tamires continuou deitada onde estava, no pufe, por quase uma hora depois da sua visita ir embora. Quase sem se mexer, alternando uma e duas mãos apertando as têmporas com o dedão. Nilson nem imaginava que havia desencontrado de Renato por um dia, apenas. Esteve lá por dias e vazou escondido de madrugada, Tamires só foi perceber de manhã.

Ela despistou Nilson falando que não via o figura tinha tempo, mas falou a verdade quando contou das loucuras que ele andava falando quando esteve lá. Ela percebeu desde nova, com os pais, que suas mentiras soavam mais verossímeis se ela as misturasse com verdades. E estava preocupada com o Renato realmente estar acreditando que tinha viajado no tempo, ou coisa parecida. Já tinha meses que eles tinham parado com os sequestros e tinham concordado manter distância uns dos outros por um bom tempo. Mas ela mesma chegou lá com ele e pediu para abrigar o Renato. Estava muito tensa com algo, o que era inquietante de se ver. Ela que sempre, sempre estava no controle da situação.

Tamires foi até o computador, que estava ligado no quarto. Os passos arrastados numa chinela felpuda e velha de um hotel fazenda no qual a mãe de Simone ficou hospedada mais de quinze anos atrás, em Santa Catarina.

Apesar do calor abafado ali, detido por janelas fechadas, Tamires usa calça e camisa de moletom, cinza-escuras, de manga comprida. Ela tem 1,68 e pesa, no momento, por volta de cento e vinte quilos. Usa óculos profusamente arranhados e tem quase sempre a testa emburrada de irritação ou ansiedade.

Ela cai na cadeira do computador, que reclama. Um dos encostos de braços pende caído pro lado. Acende a tela tocando no mouse e logo começa a escrever. Endereça um e-mail para acertainslantoflight@gmail.com.

— Eu sei que não é pra usar esse contato à toa.

Apaga tudo.

— Ei, eu sei que você falou para só falar contigo numa emergência.

Apaga.

Pega um cigarro de palha pela metade que encontra na mesa e acende. Murmura bem fraquinho uma música sem chegar a enunciar as palavras.

Sai da casa e abre a porta do quartinho dos fundos, que já era entulhado antes dela chegar e só foi piorando com o seu descuido. Tá lá entre cadeiras de plástico mancas ou mambembes, telhas quebradas e inteiras, restos de uma máquina de cortar grama e ferramentas diversas sujas, soltas, algumas quebradas, outras enferrujando, pilhas de jornais e revistas velhos e desenhos ruins (os bons estão guardados em pastas lá dentro). O volume do tamanho de uma moto, mais ou menos, maior num dos lados, coberto por uma lona azul.

Ela tinha aparecido do nada um dia no jardim, de madrugada. Um ano e meio antes. Depois de um bom tempo sumida. Tamires nunca a tinha visto tão séria. Ela era sempre a menos assustada dos três, mesmo nos momentos mais tensos. Até a voz parecia diferente.

Tamires tava olhando pela janela ouvindo música e fumando um palheiro quando percebeu os olhos agachados num canto, no escuro. Quase morreu do coração até reconhecer, um segundo depois. Ela sempre teve olhos que pareciam guardar uma luz própria.

— Por que você faz isso?

— Você nunca responde quando eu bato na porta.

— É porque você se acha foda fazendo isso, não é?

— Eu não posso ficar muito, Tamis. Eu vim porque você é uma das únicas pessoas em quem eu confio de verdade.

— Olha o drama.

— Aquele quartinho de trás ainda tá vazio?

Tamires demorou para responder, tentando entender o que aquilo tinha a ver com qualquer coisa.

— Tem só um bando de tranqueira, mas quase tudo dá pra jogar fora ou remanejar.

— Tem como eu deixar um negócio lá por um tempo? Não é tão grande.

— Que negócio?

Ela sorri a aquele sorriso largo e raro dela, que quase lhe fecha os olhos.

— Então, é melhor que cê nem saiba.

— Não é uma pessoa, é?

Ela riu. Era muito difícil ela rir fazendo barulho. O sorriso era aberto e generoso, quase vulnerável. Por isso mesmo ela segurava. Dava até um orgulho quando acontecia.

— É uma máquina.

— Cê roubou?

— Eu que fiz. Eu e mais uma galera, né? Mas com planos que eu roubei. E que a gente modificou.

— De quem?

— Melhor você não saber. Serião. Pelo menos não agora.

Tamires volta até a sala e descobre um dos cantos do mural que cobre todas as quatro paredes e escapa até o escritório empoeirado e cheio de caixas. O mural não parece terminado. No canto que ela descobriu há uma parte mais de baixo toda pintada em cores refulgentes e espessas que se derramam pra fora da parede, enquanto em cima se vê em sua maior parte rascunhado em linhas pretas e grossas de lápis e carvão.

Na parte de baixo há um estádio de futebol com demônios imensos e coloridos na plateia, dois irmãos indígenas sem camisa no centro, um deles com uma bola debaixo do braço, o outro batendo embaixadinha com a própria cabeça. Em cima do estádio, como que pairando por cima de tudo, o esboço de um corpo magro e mulato todo esticado, estrebuchado, líquido, como se dançasse ou tivesse espasmos.

>>

66.

<

— Vem cá, Fábio.

— diga

— Você que é aquele Claudinho Chateaubriand, não é?

— o_o

— como você sabe?

— Haha. Você usou aquela citação que eu te mostrei outro dia. do Blacmur. Quantas pessoas no Brasil estariam c essa citação específica na mente *e* lendo CABOL? Duas, no máximo.

— É verdade. Xeroq home, tu.

— Tu tem o costume de fazer isso? Postar comentários com perfis falsos ali?

— ~~Talvez~~

— E eu vi que esse Claudinho existe tem meses, tu tem outros?

— ~~Talvez~~

— Hahaha

— Olha me orgulhar eu não me orgulho não.

— Que mentira.

Murilo exigiu um relatório dos perfis falsos de Fábio, o que ele, meio a contragosto, mas num contragosto que parecia fingido, acabou oferecendo. Tinha o Glauber Costacurta, que gostava de desconstruir os pressupostos ideológicos de um blogueiro conservador curitibano que Fábio odiava com uma virulência particularmente aguda. Tinha o Flávio Panturilho que apontava e mapeava as lacunas nos argumentos de um blogueiro de esquerda que Fábio também odiava (ele odiava muita gente na internet, “é quase uma ocupação de tempo integral, tanto o ódio quanto o constrangimento que ele causa”).

Eram vozes individualizadas, que ele tomava cuidado para não mistu-

rar, histéricas e agressivas (mas não agressivas o bastante para ter seus comentários vetados). Fábio disse que na verdade tinha vários outros espalhados por aí, mas a maioria ele nem mais lembrava direito. Ele vivia esquecendo as senhas dos perfis. Murilo achou muita graça.

— Na verdade, já que estamos falando nisso. Tenho que te falar um bagulho que é meio constrangedor.

— Sabe o Rolando Domenico, lá da comunidade? Aquele cara meio feminista que vive falando de quadrinhos e minas compositoras?

— Sei sim. Eu acho ele meio chatinho, na real.

— Então. ele tb sou eu. o-o

— !

— É, pois é, eu sei.

— comassim, pra q. é tanto tempo, meu deus.

— É, eu sei. Fugiu do controle. É o terceiro fórum em que eu faço isso. Vou borbulhando de gente de mentira nos lugares que eu mais participo.

— vc dedica a sua vida a inventar gente, é?

— porra começa meio a toa, sempre, daí tu vai e manda email pra uma ou outra pessoa com aquele nome, as pessoas começam a conversar com você, a voz vai encorpando. Depois que você acostuma, criar uma conta nova é rapidinho. Eu penso num nome engraçado, se ele me fizer rir a vontade é enorme de criar aquela conta, materializar a sua existência nas databases. Eu anoto todas as senhas num caderno, senão esqueço.

— mas quantos boguses tu tem, porra?

— Ah, não tantos, hoje só uns três sérios, uns cinco ou seis que eu atualizo mais raramente. Eu vou largando o povo com o tempo.

— Mas você já teve quantos, tipo?

— ao todo, vc diz?

— sim, ao todo ^^

— ah, muitos vários. Eu nem saberia te dizer quantos, assim.

— haha, e eu me achando o próprio søren por causa dos meus perfis engraçadinhos

— Quando eu era mais moleque eu levava isso a sério. Tinha amizades longas e sérias sendo essas pessoas. É estranhão quando eu do nada entro no email de uma delas e vem um povo conversar comigo, fico com vergonha de admitir, né, acabo conversando rapidinho com um povo.

— hahahaha

— Tiveram umas personalidades que eu tive que abandonar porque tinham agregado muita gente.

— Eu tenho duas contas de email que te juro que não dá nem pra abrir, só de email e chat e o caralho.

— gente do céu

— Pois é. Eu tava achando meio zela não te contar, porque, né, a gente vem conversando sobre tudo. Eu costumo contar pra pouca gente, porque pela minha experiência o povo costuma achar esquisitão, ficar meio puto.

— ah, poxa. é legal, claro que não ficaria puto. qual o problema?

— Quanto mais internets né.

— Haha, sim. Exato.

>

67.

<<

O cineclube nasceu com o fato improvável e maravilhoso de Dennis ter conhecido, no ano da graça de 1999, o casal Vanuse e Silvinho. Juntos, os dois tinham desde o início da década um bar chamado *Encouraçado Botequinho*, onde vendiam salgados, cigarro e bombom (além de, claro, cerveja e cachaça, conhaque barato e batida de côco).

Na primeira vez que Dennis passou pela fachada, achou que tinha entendido errado o nome. Eram só sete da noite e ele já tava bem bêbado. Riu e voltou cinco passos pra confirmar, era aquilo mesmo. Já foi pedir uma cachaça com um sorriso enorme, perguntando pros donos de qual era a do nome. O pai da Vanuse tinha trabalhado no cinema como projetista, ela cresceu vendo filme antigo e de todo tipo, já o Silvinho adotou a paixão da esposa. Os dois também eram comunistas de cantar a Internacional quando bem bêbados. Dennis começou por chamá-los pra ver filme no seu projetor semi-profissional, no casarão antigo em que morava com os gêmeos indígenas. O casarão ele herdou da mãe, irlandesa que veio para Belém ganhar dinheiro com borracha nos anos 20 (um pouco tarde). Depois de alguns meses e encontros intervalados, o grupo foi crescendo e os encontros se firmando em toda sexta, Dennis botando pra jogo toda sua impressionante videoteca de VHS e laser-disc cultivada desde os anos oitenta e carregada com ele de Dublin a Belém em duas caixas enormes. Chegou a escrever algumas críticas para um jornal pequeno de Dublin, mas sobreouviu uma mulher muito bonita criticá-las, uma vez, num bar, e nunca mais escreveu uma página sobre cinema.

Renato ficou ouvindo de olhos fechados o povo conversando baixinho no final do filme, sobre aquilo que tinham acabado de assistir e também sobre a vida do diretor, que além de filme havia feito várias outras coisas. Morreu de forma violenta, pelo que conseguiu entender, mas os detalhes de sua história foram se misturando a um sonho dele próprio espião, de terno, subindo as escadas de uma casa parecida com aquela onde estava de fato. Acordou não sabe quanto tempo depois, a sala toda quieta e quase toda escura, sem mais ninguém, de janelas fechadas, quente, suas costas todas suadas

pregando no tecido.

Imaginou que tava sozinho e já ia constatando muito feliz que poderia muito bem se fazer de sonso e dormir ali mesmo, quando ouviu uma voz vindo do canto da sala ao lado, onde ficava a escada pro andar de cima.

— Você tem onde dormir hoje, garoto?

Demorou a achar a origem dela. Dennis sentado no escuro, na mesa de jantar, sua silhueta recortada de forma imprecisa junto com o espaldar da cadeira, a pouca luz concentrada no copo com um resto de uísque aguçado.

— Tenho não.

— Cê é de onde?

— Do Piauí.

— Teresina?

— Interior. Pedro II.

Dennis fez que sim com a cabeça, continuou calado. Renato ficou em dúvida se a resposta tinha melhorado ou piorado sua situação.

— Hoje cê pode dormir aí. Amanhã, no máximo. Mas cê tem que arrumar um emprego, alguma coisa. Aqui não é a santa casa.

— Sim, senhor. Obrigado.

— Senhor só tem um, rapaz. E não sou eu não.

>>

68.

<

Com frequência Murilo se perguntava como é que as pessoas se conheciam antes da internet. Ao contrário do mundo lá fora, parecia-lhe tão fácil conversar e ser compreendido por ali. Nos canais certos, bem entendido. Ele logo aprendeu a usar as referências específicas de cada grupo e confiar que a pessoa as apanharia. Se não fosse a internet ele provavelmente jamais teria feito amigo algum.

Fábio começou, aos poucos, a ser mais aberto a respeito da sua vida pessoal. Eles ainda conversavam basicamente sobre os mesmos assuntos, recomendavam filmes, livros, canções e palestras um pro outro, mandavam GIFS memoráveis ou compartilhavam citações.

Mas agora Fábio começava a contextualizar melhor as circunstâncias reais da sua vida, dizia que estava num quarto de hotel cinco estrelas em Tóquio, tendo acabado de chegar de um clube japonês que reproduzia exatamente o ambiente de um bar mafioso americano da época da proibição, ou que havia acabado de comer uma atriz em Nova Iorque no banheiro dum show, ou que estava prestes a ver a orquestra sinfônica de Berlim com a família da namorada. Fábio a princípio parecia constrangido de contar esses detalhes, com medo de parecer exibido ou arrogante, o tipo de babaca que gosta de se impor diante de amigos que têm muito menos grana do que ele, mas depois das várias insistências de Murilo de que lhe interessava ouvir sobre tudo isso ele foi cedendo.

— É claro que eu tenho interesse de ouvir essas coisas. Eu não tenho como escrever ficção se eu não saio de casa, entende?

— Entende.

— se eu não vivo no mundo, não conheço gente. até a porra do Proust tinha lá uns amiguinhos pra montar o barão e a Odette, né.

— É verdade. Imagina os maladrinho que acabaram virando esse povo e nunca descobrem. Sempre penso nisso.

— bicho, então, na real, posso te pedir uma parada?

— hm

— eu já pedi isso de uma galera, na real. tu sabe que eu mal saio de casa. eu queria que tu me contasse umas paradas, me desse tipo exemplos de diálogos, de cenas concretas e pontiagudas das galeras onde tu anda, sei lá, detritos de qualquer tipo que tu quiser me mandar.

— Bicho entendi exatamente a pala

— Não precisa ser pessoal, não, mas me dá, sei lá, personagens, vozes e cenas e coisas que eu possa tentar adotar e montar numa ficção. Detalhes concretos, contextos, esse tipo de coisa, entende?

— Bicho já entendi já falei, v a m o n e s s a

— hahaha

— te ajudo, na pior das hipóteses isso me ajuda também, como exercício.

— É, claro. como o Bábel falando pra si mesmo descrever tal coisa, <O que é um jornalista soviético?>

— <O que é um bolchevique?>

— Haha, sim. <O que é um playboy goiano?>

— hahaha, *sim*

— <O que é um estudante de antropologia da UnB?> < O que é um moleque doído vidaloka?>

— *exatamente*

>

69.

<<

Eu não sabia de nada dessa confusão pavorosa que ela tinha arrumado até ir lá na casa deles um dia, no Bom Retiro. Emerson já devia ter bem uns treze ou quatorze anos. A Linda me ligou assim que descobriu que eu tava em Belém de novo, na antiga casa da minha mãe. A gente se conheceu logo antes de eu sair de lá. Tinha ido pra São Paulo pra entrar na ordem dos Beneditinos, mas não deu muito certo. Tava bebendo e cheirando pra caramba e indo em encontro dos AA ou dos NA sempre que dava, onde que eu tivesse. Falando, cada vez que ia, que tava há seis meses sóbrio, há dois anos sóbrio. Isso às vezes tando bêbado ainda, a cara de todo mundo denunciando que podiam sentir o cheiro entranhado nas minhas roupas. A Linda não falou nada no telefone, só chorou por uns cinco minutos. Quando começava a falar, vinha uma falta de ar nela. Uma agonia danada. Eu falei que ia visitá-la. Quando eu tou mais na merda mesmo é que mais me disponho a ajudar os outros, é engraçado. Não quero me deixar sozinho comigo mesmo e nem com gente que também bebe e cheira. Cheguei lá e tava ela e o menino num apartamento apertado e muito fedido, com cheiro de suor e mofo, lotado de revista, saco plástico e caixa. Ela é dessas pessoas que não consegue jogar nada fora, vive soterrada de tranqueira, de revista velha e saco plástico e caixa de sapato dentro de caixa de sapato e até recibo de padaria, como se houvesse como aquilo ainda servir pra alguma coisa em algum momento. Hoarder, chamam na minha língua. Ela sempre teve aquilo, mas parecia que tinha piorado desde que não morava nem com a família e nem com as irmãs e nem com os padres. Ou seja, desde que tinha pego o Emerson pra cuidar. Ela que deu o nome, em homenagem ao escritor norte-americano, o seu favorito. Achava fascinante que no Brasil aquele fosse um nome próprio. Como Lincoln. Ficava emocionada de ver lindos rapazes negros brasileiros chamados Lincoln e Jefferson. Me falou isso em mais de uma ocasião. O menino ficou tocando teclado com fone de ouvido enquanto a gente conversava, mas olhando pra gente com uma cara de quem tava entendendo tudo. Schumann, ele disse que era. Mas a gente não ouvia. Só ouvia as teclas. Os olhos puxados e reservados, uma puta cara esperta. Ela só reclama-

va dele e falava que tinha a cabeça endemoniada, embora fosse mais cristão ainda que ela, ainda mais severo. Ele achava que ninguém era cristão coisa nenhuma, nem o Papa, que se fosse tava todo mundo miserável andando na rua com os mendigos e as putas e indo visitar os presos na prisão. Todo dia. Ela não admitia, mas esses comentários faziam com que ela achasse a sua própria fé moderada, em comparação, quase a de uma ímpia. Ela culpava a internet por botar ideia fanática na cabeça, mas deu pra notar em cinco minutos ali dentro daquela casa sufocante e toda agoniada que ela isolava o moleque de tudo, toda e qualquer realidade concreta, com medo que tirassem ele da mão dela se descobrissem como que ele chegou ali. Tinha medo até de ser presa. O dinheiro vinha da igreja, daqueles fundo secreto que eles têm pra treta, pra padre abusador e coisa do tipo. Eu ajudei a arrumar isso pra ela na época, ainda estava me desligando da Igreja, mas não tinha nem entendido a situação direito. Fiz a pedido de um senhor que respeito muito, seu Adamastor Beirão, arcebispo de Goiânia.

O menino praticamente nunca saía de casa. Falava português com um pouco do sotaque dela de estadunidense. Não tinha certidão de nascimento nem RG, nunca tinha ido à escola, era ensinado por alguns professores particulares, mas principalmente por ela mesma. Sabia o Gênesis, Êxodo, os salmos e o Evangelho de cor e salteado na tradução do Rei Jaime antes dos doze anos, assim como todas as temporadas de Seinfeld, o produto cultural mais escandaloso que Linda permitia que ele consumisse. Linda mentia pra ele a história de sua concepção desde sempre, mas de uma maneira ansiosa e pouco planejada. Sempre disse que seus pais haviam morrido num acidente de carro que ela presenciou, no Goiás, e tinham pedido para Linda prometer cuidar dele. Mas uma vez disse que era só a mãe. Ela não era também exatamente a pedra mais brilhante da joalheria, digamos assim. Ele fazia perguntas o tempo todo, com uma cara inocente, dava a impressão de que era bem mais esperto que ela. Ela se embananava toda quando confrontada, eventualmente escorregou a admissão de que ele tinha uma irmã gêmea lá no Goiás ou no Tocantins, numa tribo. Desde então ele só falava nisso, falava que se não levassem ele pra conhecer a irmã ele ia fugir pra encontrá-la, que a Linda não era a mãe dele, que não sei o quê. Ela ficava ainda mais branca do que já era quando pensava nessa possibilidade. Depois de passar uma tarde ali, eu vi que não tinha jeito. Alguém tinha que tirar aquele moleque dali e levá-lo pra conhecer a irmã, senão um ia acabar

matando o outro. E esse alguém acabou que teve que ser eu mesmo, Dennis O'Leary, ex-padre, solteirão convicto, toxicômano semi-confesso, um danado incurável que nunca tinha criado uma criança na minha vida.

>>

70.

<

Fábio começa a enviar e-mails compridos pra Murilo quando não o encontra online. Era como se Murilo se tornasse o alvo perfeito para tudo que ele sentia vontade de dizer, alguém com uma sensibilidade e cultura extremamente próximas da sua, um domínio extenso de referências em comum de que eles se serviam toda hora ao conversarem. Mas não devia ser só isso. Fábio tinha muitos amigos espertos nos seus círculos de amigos em Goiânia, Brasília, São Paulo. Murilo inclusive podia ver parte desta interação. Talvez a distinção de Murilo fosse em parte de ser isolado desses outros circuitos de carne e osso, maiores e menores, nos quais Fábio se via inserido.

Para: mafrye@gmail.com

De: FBCarvalho@gmail.com

Assunto: HEY MR DJ

FALA os murilo

Ontem eu pedi comida japonesa pra jantar, um combinado enorme de sushi e sashimi, e daí passou uns quarenta minutos e o troço não chegava, daí eu não lembro exatamente se esqueci de ter pedido a comida japonesa ou se simplesmente não consegui dar a relevância devida àquela informação, por um momento, sei que liguei pra uma lanchonete tradicional aqui e pedi dois sanduíches enormes. A larica na hora um continente. Meia hora depois chegam as duas encomendas em casa e eu não sei como explicar, eu tento receber na porta de forma que ninguém veja, mas a minha mãe me vê na cozinha com aquilo tudo em cima da mesa e eu digo apenas que estou com muita fome, pra não ter de admitir que eu sequelei de forma tão retardada.

Eu naturalmente começo a pensar no tanto que aquela cena é ridícula, uma demonstração histriônica da minha vida e da insciência bruta de seu privilégio. E eu começo a encarar aquelas duas refeições enormes ali diante

de mim, que eu estou tentado começar a comer, e a pensar na vasta extensão relacional técnica e material necessária para que aquilo ali chegasse na minha casa. Eu penso não só nos dois restaurantes que mandaram seus motoboys pra minha casa, e em quem trabalha neles, mas na cadeia de produção daqueles ingredientes cuja combinação resulta naquilo pronto ali. Eu lembro de repente do fato que engoli meses atrás, que para cada pequeno pedaço de atum que você come você poderia encher uma mesa inteira de vida marinha que é morta acidentalmente e descartada, um fato cuja proveniência eu nem imagino, que nem lembro se é preciso ou não, mas que preenche a minha imaginação vividamente, e eu quase consigo ver a mesa da cozinha aqui de casa repleta de seres marinhos diversos trucidados, arrebanhados por redes enormes correndo debaixo d'água e varrendo tudo que encontra. Eu desisto de comer o peixe, decido deixá-lo pra depois, tentando afastar aquela imagem, mas quando vou comer o sanduíche de carne, bacon e molho de churrasco uma imagem semelhante se apresenta, de vacas e porcos hipertrofiados revolvendo no próprio excremento, confinados.

E agora eu consigo ver todos os objetos da minha casa como elementos dentro de uma teia expansiva de violência, processos vastos e inumanos se movendo dentro de algoritmos rigidamente articulados, rápidos e acelerando como motosserras em desenhos animados. A imagem seria muito mais específica se eu não fosse tão ignorante, mas considerando as minhas sérias limitações a respeito de política, economia e praticamente qualquer aspecto técnico de qualquer área séria, eu só consigo imaginar vultos obscuros agindo sobre as coisas. E sentir a culpa da minha posição como a marca de uma maldição. O que eu sei é que eu tenho uma fortíssima impressão de que aquela extensão horrível de coisas está igualmente implicada em tudo, em qualquer objeto mais ou menos relacionável às forças industrializadas do mundo e do capital.

(É uma visão assustadora, e parte de mim precisa ficar quebrando esse humor grave com uma voz irônica que tenta a todo tempo deixar claro que reconhece como é típico e desinteressante aquele clichê do menino privilegiado que fuma um e fica tendo intuições vagas, imprecisas e autoenvolvidas sobre a seriedade violenta do mundo).

E agora eu não consigo nem comer o sanduíche, o que torna a situação ali ainda mais ridícula e constrangedora, e eu realmente não sei como vou explicá-la para a minha mãe.

FIM DE TRANSMISSÃO

PUNHO DOS BRÓDERS

....._/'~'...'/'---\`_/'/.../.../...../'--
 ('(..'...'... -~/...'')?'...../”..... :'
 (

(tentei colar aqui o famoso adágio

mas como se vê a diagramação saiu toda cagada,

quem sabe aí ela se recompõe certinho?

Eis o mysterio da fé.

FICA A INTENÇÃO & O SENTIMENTO, Ó >MURILO SINISTRINHO
DEUS MENINO DA GRANDE ÁREA <, com um abraço do seu, do nosso

FBC

(Além de mais íntimos, os e-mails ficavam cada vez mais dramáticos,
escritos com um estilo cada vez mais estranho).

>

71.

<<

Sete e meia, Dennis me acorda e tomamos café da manhã na sala em que eu havia dormido, com ele e sua mãe de oitenta anos, Saoirse (fui entender só muito depois), tudo preparado por uma criada indígena de cabelos brancos que iam além da cintura, vestindo um vestido vitoriano de manga comprida que parecia ter dois séculos. Chamava Lady. As duas tinham uma relação estranhíssima, carinhosa e agressiva de ambos os lados. Saoirse chamava Lady aos gritos, Lady respondia aos gritos. Ela conversava em inglês com o filho, não reconheceu minha presença em nenhum momento. Já estava mais pra lá do que pra cá, com um pé no além. Morreria alguns meses depois.

Com o que restava do dinheiro da mãe, Dennis tinha acabado de abrir uma *lanhouse* perto do centro. Era seu segundo empreendimento depois da banca, ele me contou. Ele não era o melhor empresário do mundo, mas estava tentando transformar o patrimônio dilapidado da mãe em algo sustentável. A *lanhouse* ficava a meia hora de carro da casa dele. Era junho de 2001. No dia seguinte me levou lá, dizendo que arranjaría um emprego pra mim. Cheio de adolescente gritando e jogando junto um mesmo jogo onde terroristas e agentes uniformizados parecidos com o BOPE tentavam matar uns aos outros. Além dos moleques jogando, tinha sempre uns tiozinhos confusos resolvendo coisas práticas, imprimindo boleto, nada consta e resolvendo perrengue de várias ordens.

Tinha um moleque cabeludo mais velho e de expressão vazia que ficava de responsável pelo caixa e falando alto quando algum moleque ameaçava fazer merda. Luciano. Mas quem mexia nos computadores e instalava tudo, quem tinha montado a LAN e aparecia quando algo quebrava, era a menina indígena. Renato não entendeu seu nome no dia anterior, continua sem sabê-lo nos dias e semanas seguintes. Ninguém a chamava pelo nome. Devia ter dezesseis anos, no máximo, mas parecia fazer tudo com o pé nas costas. O menino ficava junto dela no quartinho em cima da *lanhouse*, os dois alternando em usar o computador. Chamava-se Emerson, mas ela não usava esse nome.

Quando vi a cama bagunçada num canto entendi que os dois moravam ali mesmo. Ela tinha o cabelo mais bagunçado, apesar de lisinho e preto como carvão, mais comprido atrás, mechas enormes correndo ao lado das orelhas. O dele era cortado mais curto e penteado certinho. Fora isso eram a mesma pessoa. A pouca luz da véspera não tinha me deixado ver. Os dois eram lindos.

A menina falou que além de ajudar o cabeludo lá embaixo a atender os moleques eu teria que ajudar na faxina, mais tarde, e a descarregar umas caixas que chegariam a qualquer momento. O menino, que mal saía do computador, sorriu com muita simpatia, pegou um saco plástico que tava ali, desamarrou rapidinho, pegou uma bolinha amarelo-verde de dentro e me ofereceu.

— Pupunha?

Eu olhei pras bolinha, intrigado.

— Pupunha não é palmito?

— O palmito da pupunha é palmito. Isso aqui é fruta.

Eu comi uma.

— Parece pamonha.

— *Pamonha?* Parece *porra*. Parece pupunha.

A menina que falou isso, ultrajada. Sem nem olhar pra mim, mexendo nas entranha lá de um computador. Ela não parava quieta um segundo, quando encontrava um problema olhava em volta e logo arranjava algo no seu entorno para lhe ajudar, que fosse uma chave de fenda ou um pedaço de arame.

Já o garoto não parecia que trabalhava muito ali. Ficava a maior parte do tempo lendo uns textos xerocados que pareciam muito complicados, vários sobre as mitologias de todo canto que cê imaginar e alguns sobre anarquismo (que na época eu nem sabia o que era, mas reconhecia como um palavrão). Eu fiquei bizoindo um pouco por cima do ombro dele, tentando ser discreto. Ele não parecia incomodado. Tinha duas frases impressas em letra grande e coladas na parede acima da tela.

“O colonizado descobre o real e transforma-o no movimento da sua práxis, no exercício da violência, no seu projeto de libertação.”

e

“o colonialismo não é uma máquina de pensar, não é um corpo dotado de razão. É a violência em estado natural, que só se curva diante de uma violência maior”.

Eu nem sabia o que era uma colônia, embora lembrasse que a palavra havia sido martelada pra mim na escola. Eu não entendi nada, mas achei o máximo.

— Cê estuda muito, né?

— Sim. Mas nem penso como estudo, não. Eu só gosto muito de ler os mitos dos outros.

— Eu também amo ler.

— Pô, massa. Que que cê curte?

Lembro que eu fiquei nervoso na hora de responder. Queria muito impressioná-lo, mas não tinha ideia do que impressionaria aquele menino danado, tranquilo, sentado sobre suas próprias pernas. Camiseta do Racionais e chinelos.

— Paulo Coelho, Augusto Cury. O que cai na minha mão eu leio. Asimov.

— Legal. O Asimov é legal. Os outros eu nunca li.

Era o único que eu nunca tinha lido.

— Cê vai ser doutor, vai?

A garota interrompeu antes que ele respondesse, ainda sem olhar pra gente.

— Anel de dotô só serve pra não ser preso na senzala.

— Égua, 'xe de besteira. Não liga pra ela, não. Ela tá puta consigo mesma, porque o programinha que ela tava inventando não funciona. Aí fica assim com tudo.

— E eu tou errada? Vai dizer. Diploma é uma palhaçada. Um bando de rico batendo punheta um pro outro. Fora um ou outro cientista.

Ele pareceu ignorá-la, voltou-se pra mim, respondendo.

— Eu não tenho muita paciência pra universidade. Mas também eu nunca estudei em escola. Eu só gosto de estudar língua e mitologia. Já fui ver

umas aulas na UFPA, mas o povo é muito empetecado. Não todos, mas a maioria. Meio metido a besta.

Renato respondeu no mesmo tom, imitando.

— Nunca fui muito assim de aula, também não, tem professor que é muito metido a besta mesmo. É que nem juiz.

A menina já veio se metendo de novo, sua voz abafada pela carcaça do computador.

— Juiz é uma das piores coisas que já andou sobre a terra. Quando chegar a nossa hora vão ser os segundo no paredão.

Eu ri pra caramba.

— E primeiro é quem?

— Como quem?

— Os cana?

— Cana é capanga. Primeiro são os rico, ué. Mas rico-rico mesmo.

Ela fala isso e volta a cabeça pra baixo, a testa enfezando um rosto delicado e infantil. O irmão faz uma cara de enfado e volta os olhos pro texto impresso em cima da mesa. Não tinha base nenhuma o tanto que eu já amava aqueles dois.

>>

72.

<

De vez em quando Fábio ainda parecia relutante com os seus relatos, pedia desculpa por falar tanto de si mesmo, precisando que Murilo deixasse claro a todo tempo que estava, sim, interessado. Ele deixava Fábio entender que tinha essa mesma relação com outras pessoas, mas isso não era verdade. Há muito ele percebia que esses encorajamentos já tinham ganhado uma função meramente formal, era uma peça retórica que permitia que Fábio deslanchasse o que parecia ser obviamente uma vontade bastante premente de representar a si mesmo e de se expor para alguém.

Murilo, por sua vez, também precisava de tempos em tempos deixar claro de novo que o seu interesse não era esquisito demais. Ele com o tempo cristalizou com Fábio aquela história de que ele queria ouvir relatos pessoais do tipo, porque estava tentando escrever um romance e precisava desse tipo de realidade vívida e emocional para construir seus personagens e peripécias. Isso, claro, além do interesse genuíno que ele tinha nas besteiras que o amigo tinha para contar. Fábio não parecia minimamente incomodado com a possibilidade de virar um personagem de um romance, ainda que disperso, picotado e irreconhecível, como Murilo garantia (“Eu não vou te botar ali espelhado, reconhecível, relaxa”).

Mas começou a parecer um tanto claro para Murilo que Fábio realmente gostava da ideia e não parecia fazer aquilo como um favor.

— Quae malander charmander, ainda tá acordado?

— Estamos sempre aqui, né

— Pra trazer os seus desenhos favoritos (8)

— saiu muita coisa do CABOL, c viu. Achei massa.

— É, eu também. Mas a história em si não ta parecendo que vai concluir nunca, né?

— É, não sei, acho que não. A impressão é que é mais uma gracinha histórica paranoica dessas q vai espriando espriando ate dissolver

— Aqueles desenhos do sintellecto transorgânico chinês que saiu na

zumbi eu achei engraçados

— É, é. Mas a coisa lá das viaj no tempo lá do Renato que na real era caô eu já achei meio boba. Fico com a impressão que não é mais a mesma galera, né.

— Pô, mas eu acho que já não é a mesma galera tem um tempo, na verdade. Acho que já virou uma zoeira coletiva o rolê.

— ah mas zoeira coletiva acho que era desde o começo né não?

— é?

>

73.

<<

A sua nuca tava doendo ainda, dava pra sentir quando mexia a cabeça. Tinham tirado todo o cabelo dele, pelo, sobrancelha, tudo. Estava de olhos vendados, amarrado, as duas meninas rindo. Uma delas ia com cuidado, a outra arregaçava. Deixaram nem o bigode. E botaram alguma coisa na bebida dele. Ou na comida. Só podia. Tava tendo umas ideias estranhas, umas sensações que não eram normais. Tudo tava meio derretido, mais lento e mais acelerado, ao mesmo tempo. Talvez ele tivesse ficando doido. Não, deviam ter botado droga mesmo. Só podia ser. E que porra será que deram pra ele?

Era o segundo dia. Ele tava agora numa banheira velha marrom acomodada em cima de rodas, ele não entendia tão bem como. Acorrentado a um cano que saía debaixo dela, com uma cortina vermelha aveludada em volta da banheira toda. Ele julgava que devia ter quatro ou cinco pessoas em volta dele empurrando ou puxando a banheira, mas não dava pra ter certeza. Eles mudavam de lugar e faziam barulhos os mais esquisitos.

— Vamo? É hoje tua primeira aula assim aula memo.

— Mas nem pensa como aula, não.

Falaram isso depois dele acordar nessa banheira e já foram empurrando o negócio adiante. Já parecia ser final de tarde, ele tinha dormido esse tanto? A primeira voz mais ríspida e feminina, ainda que grossa, e a segunda a do cara que parecia pagar meio de líder, até onde ele via, que era simpática mas esquisita, líquida e dada demais.

— Cê sabe certamente deve muito bem saber, meu querido, que toda a grande nobilíssima instituição da qual cê participa, o corpo de ações do qual tu é um membro, o Senado, vem dos grego e dos romano, aqueles doido.

Ele não falava nada, até pensava em pedir que parassem, mas sabia que não ia adiantar. Tava um pouco tonto, mas tava mais puto que qualquer outra coisa.

— Pois temos hoje uma surpresinha realmente que não é pouca merda não. Se você assim for um cara que tem aquele interesse naquela coisa toda de história. Assim a história, né, a com agá maiúsculo. Seus problema acabou, Jarba. Você vai ver hoje a mais perfeita, mais completa, mais dedicada, mais cuidadosa, mais maravilhada e maravilhosa reconstituição já executada dos mais cabulosos, sinistros, ctônicos, desmembrados e deslembrados mistérios que a nossa querida Antiguidade já sonhou em produzir. Àqueles que viam isso das antigas era concedida a vida eterna, eles diziam, e tem que se entender isso do jeito mais literal que der. Só relaxa sua camarabilidade, deixa o troço encaixar e vai, Jarbinha, que pelas pujança de suas zureba eu sei que cê vai sentir o drama. Aguarde e confie. *Deixa acontecer na-tu-ral-mente.*

Quando saiu da banheira, tava no início de um bosque, as árvores adensando logo adiante dele. Conseguia ver uns pontos de luz se mexendo no fundo, e ouvir uns gritos tanto femininos quanto masculinos.

— Per-séee-fo-ne.

Continou andando, galhos e folhas se esfregando no seu corpo quase nu, coçando e picando. Será que ele tinha que encontrar alguém? Se ele encontrasse será que levariam ele de volta pra dormir ou dariam alguma comida, pelo menos? O bolo de fubá fresquinho que ele comeu tava ótimo. Considera tentar sair correndo, mas só de cueca no meio do mato e algemado ele não ia aguentar muito tempo. Olha pro preto do bosque entremetido de troncos e pensa que podia ter dado a sorte de lhe arranjam uns sequestradores menos malucos naquela merda de país, pelo menos.

— Cho-ve, cho-ve.

Vê uma das meninas passar correndo bem na frente dele, quase peladas, algumas, e completamente pelada, uma delas, a mais gorda, segurando algo como um cajado todo enfeitado e uma lanterna que ela fica chacoalhando, iluminando sempre retalhos diferentes das árvores. Apontam para o céu enquanto gritam. Agora que ele vê que alguns galhos estão enfeitados com tiras coloridas e uns adereços que parecem pinhas e figos. Todos usam máscaras de algum tipo, a maioria uns rostos grotescos de papel machê.

— Onde vocês estão? Já deu de brincadeira, hein. Vamo dormir, gente.

— Per-séee-fone, cadê você? U-huu.

Esse grito parecia ser de um homem afinando a voz. Em seguida passam de novo as meninas agora apontando pro chão e pras árvores.

— Conce-be, conce-be.

Ele vê movimentação atrás de umas árvores, logo ali à frente e logo acima duma pequena alevantada de terra. Vai subindo com dificuldade, reclamando e xingando, puxando cipós e galhos que consegue alcançar. Quando chega mais perto, vê que tem quatro ou cinco deles de costas, sentados, assistindo alguma coisa atentamente. A menina mais gorda, negra, está no centro, um pouco de pano dourado drapejando em torno dela e cobrindo quase nada do seu corpo considerável e cheio de dobras, que se contorce e se projeta, seus músculos alternando entre liquidez e rigidez, seus olhos fechados de uma intensidade insuportável. Ele fica um pouco assustado, sem saber se eles querem que ele assista ou não. Continua ali atrás de todos sem fazer muito barulho, e pensa que tá muito cansado. Só depois da menina gozar, gritando como um bicho morrendo pra depois arrefecer, é que alguns se viram pra trás e reconhecem a presença dele. É o maluco sem uma perna que pega das mãos da garota o que parece ser um consolo enorme e azul que parece uma cobra, tira de dentro dele uma espiga de milho toda esbagaçada, vem todo solene entregar ao senador, depois de cheirá-la de maneira exagerada e profunda, falando.

— A história é um pesadelo do qual a gente tá tentando acordar, Jarba.

>>

74.

<

Todo mundo se vê sempre enredado numa série de tramas, mas Murilo se considerava isento de quase tudo, de toda essa comoção coletiva da qual todo mundo se via participando. Observava e processava uma quantidade absurda de coisa, mas ele não se metia direito em nenhuma delas, não se considerava inserido de fato em nada. Nem no Brasil, exatamente, ele se considerava tão metido, embora soubesse que talvez fosse uma cegueira da parte dele.

Murilo há anos não mais sonhava consigo mesmo, exatamente. Seus sonhos geralmente eram destituídos de protagonistas, documentários confusos traçando panoramas vastos com personagens oscilantes ou no máximo com um protagonista que obviamente não era ele. Um senhor polonês baixinho segura a vontade de fazer xixi enquanto tenta arquivar papéis numa universidade soviética na década de setenta, uma artista mexicana obesa monta uma exposição feminista no MoMA onde o andar da sua exposição fica restrito ao público como forma de representar a exclusão sistemática da mulher de vários campos ao longo da história. Murilo acorda de sonhos como esses e precisa de um pouquinho de tempo para recuperar exatamente quem ele era. Mesmo não passando de poucos segundos, era um pouco assustador. Porque no final das contas quem ele era acabava por ser mais uma soma de suas contingências materiais do que qualquer outra coisa. Ele era o seu apartamento, a sua pequena pança, a sua caspa nos ombros, a sua garganta arranhada. A voz dentro da sua cabeça não conseguia fixar uma presença muito mais momentosa do que isto, do que ela mesma, encerrada naqueles limites estreitos.

Mas claro que essa vida isolada, ascética em partes, voraz em outras, essa presença austera e retirada do mundo, era também sua trama singular. Um enredo chatérrimo não deixa de ser um enredo.

>

75.

<<

Rodolfo Serafim Cipriano & Bragança da Maia achava difícil, às vezes, em festas e *vernissages*, explicar o que ele fazia. Normalmente ele só dizia que trabalhava com informação. Oclinhos pequenos e coloridos, cara de Papai Noel safado. Sempre gostou de circular em outros cantos que não os de seu trabalho. Duas ex-mulheres acadêmicas. Uma artista. Geralmente quando insistiam ele dizia que trabalhava com mercado financeiro, mas aquilo sozinho soava sem graça. Ele próprio nunca gostou de se imaginar um mero investidor qualquer. Ou mesmo “dono de *hedge fund*”, como alguns brasileiros falavam. Rodolfo pintava, praticava polo. Lia Husserl (e não entendia muito, mas ainda assim). Era um homem renascentista. Não era um bárbaro como esses moleques de Wall Street. Havia elegância no que ele fazia, mas era difícil de traduzir isso pros outros.

Rodolfo evitava explicar seu trabalho sempre que possível. Não é o tipo de trabalho para o qual você estuda na universidade, exatamente. Os lugares em que ele estudou nos Estados Unidos e na Europa, todos caríssimos, os mesmos do pai e do avô, ajudaram muito mais para conhecer gente e ir se azeitando dentro de algumas engrenagens. Escola privada na Suíça, depois Business em Yale. Não é só saber arranjar os canais certos e saber cultivá-los com o cuidado adequado, sem apertar forte demais nem deixar nada solto além da conta. Importa mais ter os ouvidos bem abertos e a capacidade de fazer conexões estranhas e imprevistas. A questão não é mais só da informação bruta que você tem, é muito mais da triagem, de saber filtrar o que importa e o que não importa, distinguir o sinal do ruído.

Um fundo de investimento que está comprando futuros de *commodities* na América e na África pode não saber que precisa saber de novos dados meteorológicos que militares chineses estão vendendo. Uma mineradora norueguesa pode não saber que precisa das projeções de recursos geológicos que estão saindo de análises geofísicas experimentais numa universidade no Chile. Um conglomerado de comunicações mexicano pode não saber que está comprando uma plataforma fajuta de *streaming* de música, com dezenas de milhares de usuários falsos, e que o funcionário infeliz que fez tudo

que presta na plataforma está disponível por um décimo do preço.

Nem todo mundo recebe bem as suas aproximações, alguns entendem como chantagem. Porque ele não pode, quase nunca, já chegar entregando o jogo todo, senão seu produto não valeria nada. Ele só faz isso com quem já tem uma relação estável e de relativa confiança. Por isso gosta de ser apresentado, para que ninguém confunda as coisas. Geralmente ele precisa se apresentar para quem não sabe quem ele é e explicar de um jeito convincente que ele sabe de algo que eles *precisam* saber. E que esse conhecimento precisa ser devidamente recompensado, claro. Havia um ou outro que tentava sair na conversa, botando a mão no ombro com cara compungida de viúva e falando que não sabia como poderia agradecê-lo. Rodolfo repetia o que o seu próprio advogado dizia. Desde que os fenícios inventaram a moeda ficou muito fácil resolver esse problema.

Rodolfo sabia muito bem que o mercado era tudo, que ele se alimentava de tudo. Tanto dos dados mais brutos do que acontece no mundo, tudo que é produzido e comido de verdade, tudo que circula. Quanto das mínimas inflexões simbólicas que as marcas e os países e mesmo os materiais ganhavam na tessitura geral de valor. Nada era insignificante. Há muito que seu pau quase nunca subia e que toda sua libido se voltava exclusivamente naquela direção. Rodolfo chegava a sentir o períneo se contrair quando sentia algum encaixe se apresentar entre duas pepitas de informação até então soltas.

O ramo tinha mudado muito em pouco tempo. Ele se orgulhava de ter acompanhado quase todos os desenvolvimentos das décadas anteriores, mas agora o jogo se dava cada vez mais com *trading* de alta frequência, entre algoritmos e seus muitos gatilhos mutuamente engatilhados. As informações se espalhavam rápido demais e se compilavam com quase a mesma rapidez alucinante, inumana.

Na década de noventa, depois da Guerra Fria acabar e o exército redirecionar muito da grana que ia pra físicos e matemáticos, estes foram migrando todos para o mercado financeiro, inventando os instrumentos mais rocambolescos, os derivativos mais abstrusos e convolutos, os modelos de predição mais robustos possíveis engolindo e cancelando uns aos outros no ruído geral.

Rodolfo conseguia acompanhar quase toda a matemática que iam in-

ventando, mas se irritava com o fato de que boa parte do jogo agora se dava entre máquinas se engalfinhando sozinhas. Pelo menos daqueles jogos que ele conseguia jogar (ele, afinal, um operador pequeno de peças enormes, que tentava desde os trinta e tantos ter alguma independência e não ficar atado a algum grande mega-organismo corporativo, qualquer que fosse). Não tinha mais tanto espaço assim, Rodolfo sentia, para ser esperto e se dar bem sozinho. Não do jeito que ele tinha feito durante anos, do jeito que lhe havia rendido uma carreira sólida que o sustenta bem até hoje, através de tantos divórcios. Graças a deus sem filhos. As discussões agora eram de obras milionárias de cabo de fibra ótica perto das bolsas de valores para ganhar milésimos de segundo no tráfego de dados. Como que alguém pode querer antecipar vantagem sozinho nessa palhaçada ciborgue? Ele contratou sangue novo para acompanhar a matemática, mas se sentia velho ouvindo eles falarem e não mais estimulado.

Rodolfo expressava essa ansiedade com alguns poucos amigos com quem ele não competia diretamente (nunca é aconselhável mostrar fraqueza pra quem pode se beneficiar dela). Ainda se sentia bem situado, só o dinheiro de consultoria que ele tirava sem trabalhar tanto já satisfazia seus gostos, aristocráticos, claro, mas quase estoicos, pra média da sua classe. Suas extravagâncias maiores eram pegar o jatinho para ver partidas específicas de futebol de última hora, Sakura todo ano no Japão, primavera na Toscana com a família. Rodolfo já conseguia ver o dia em que um adolescente indiano que não conhece ninguém que ele conhece conseguiria fazer o trabalho dele com muito mais eficiência. Sentia que o tapete tava sendo lentamente puxado por debaixo de seus pés e queria pular logo pra algum outro canto.

Isto permaneceu como ansiedade vaga até que um projeto misterioso chegou no ouvido dele. Algo completamente além da sua alçada habitual, o maior peixe que seu anzol jamais havia fígado. Uma das muitas vantagens não só de ter estudado em Yale, mas de ter feito parte do *Skull & Bones* e de fingir levar aquela merda a sério mesmo tendo que gastar os dentes uns contra os outros de agonia ao lidar com aquela gente horrorosa. Rodolfo era esperto o bastante pra saber o que via no espelho. Sabia que os tempos eram outros e que a sua imagem era de um almofadinha riquíssimo e privilegiado, europeu, de uma família tradicionalíssima portuguesa com muito carma nas costas. No geral, Rodolfo tinha orgulho de sua família. Mas tinha

coisas que lhe tremiam a espinha. Lembrava de tios caquéticos falando pra ele, criança, que bom mesmo era com escravos. E que na África ainda dava pra fazer de conta. Isso nos anos sessenta. E ainda assim Rodolfo ficou chocado com o que viu nas noitadas de seus colegas de sociedade secreta.

Rodolfo tinha a casca grossa, já tinha ajudado a lavar o dinheiro da cúpula imediata de muito ditador sanguinário, já tinha abraçado calorosamente, bêbado, muito traficante de arma. Isso antes dos quarenta.

Mas teve dificuldade de esconder o nojo quando viu aquele bando de moleques mimados rosados ostentando o crânio de Jerônimo e cusbindo. A coisa toda era nauseante, mas lhe rendeu assim que saiu da faculdade os primeiros empregos no mercado financeiro, ainda nos anos 80, aquele delírio sustentado de coca e um sentimento de aceleração eterna até o fim. Uma ereção dolorida que foi se exaurindo numa década de noventa mais limpilha e PC. Rodolfo entrou pra yoga e aprendeu meditação. Teve, de todos, o seu casamento menos autodestrutivo, o mais próximo de algo mais ou menos carinhoso (Yolanda, professora chilena de teoria literária com foco em literaturas de testemunho das ditaduras militares latino-americanas. Havia quem a considerasse, na época, a lata de Salma Hayek).

Mas não foi só o pertencimento à antiga sociedade que lhe rendeu essa nova, estranhíssima, empreitada. A segunda vantagem de Rodolfo, a mais importante (ele pensava, contando vantagem de si mesmo em terceira pessoa no banho), era a de ser alguém genuinamente interessado em tudo, alguém que se mantinha atualizado das artes e das teorias de vanguarda, mas não só. Alguém que mantinha contato com seus amigos cientistas e com seus amigos que foram pras entranhas da inteligência militar americana. Mesmo sem nunca ter, em trinta anos, lucrado nada com isso. Contato próximo, espontâneo e simpático, que para anglo-saxões carentes facilmente passava por honesto e caloroso. O interesse de Rodolfo em tudo que existia (da mais alta arte ao maior lixo de entretenimento, do aquecimento global ao mercado “verde” em expansão) só era em parte mediado pela consciência profissional e prática de que o mercado engolia e envolvia tudo. Ele entendia como sendo esse seu maior diferencial de vários investidores independentes que sabiam mais matemática do que ele e não conseguiam se dar tão bem. Rodolfo estava sempre tentando apanhar um dado como algo que pudesse ser útil, pensando com que outro dado ele podia copular e parir grana, mas havia nele ainda uma curiosidade infantil e desinteressada que

só raramente se acendia assim, desta exata forma, ao ver peças distantes de potencialidade se encaixando num clique sensual.

O tal projeto que chegou aos seus ouvidos diligentes, enfim, era um projeto não-exatamente-oficial do governo americano e de algumas agências europeias de pesquisa, que estaria precisando de financiamento externo discreto. Com possibilidade, tudo dando certo, de extraordinário retorno financeiro. Sigiloso, naturalmente.

Pelo que Rodolfo conseguiu reconstruir depois, a coisa tinha nascido na DARPA, saído pra fora dos EUA para instalações clandestinas na América Latina (usando *slush funds* de droga da CIA, um passarinho lhe contou) até que o dinheiro acabou inteiramente. O projeto ficou abandonado até um grupo ambicioso de cientistas propor um uso inesperado da tecnologia que eles tavam desenvolvendo e a possibilidade de financiamento externo virar real. Foi aí, com eles sondando indivíduos bem-conectados mais do que instituições, tentando manter o rastro de papel no mínimo do mínimo, que a história chegou no seu ouvido.

Não era muito claro em que pé institucional que a coisa se dava, mas Rodolfo nunca queria saber mais do que precisava, também. O que se deu foi que Rodolfo aconteceu de ser amigo tanto de um conselheiro do governo quanto de um membro de uma agência situada na Suíça e eles acabaram chegando juntos no seu nome para reunir o seletto grupo de investidores necessários para financiar o projeto.

Foi assim que venderam o peixe para o próprio Rodolfo num restaurante japonês em Genebra, em 2006. Os três ocupavam uma mesa privada enorme para mais de doze pessoas e sendo servida por muito mais gente do que precisava, o copo d'água com gás reposto a cada pequeno gole. Escreveram num guardanapo, olhando com uma cara tensa pra ver a sua reação, pareciam crianças:

Seria um tipo inteiramente novo de computador quântico que conseguiria calcular todo o complexo de relações do mercado e computar a sua reação em cadeia antes que ela ocorresse.

Não é que ele realmente preveja o futuro, claro, o americano anunciou em voz alta, com um senso natural de hipérbole de vendedor. Mas daria uma vantagem de uns bons milésimos de segundo, ou mesmo segundos inteiros, para tomar as decisões corretas em momentos cruciais. Quem sabe,

dependendo das oportunidades, não só antecipar, mas até velejar de forma vantajosa essas quedas relâmpago que andam acontecendo.

Rodolfo sabe que se hoje milésimos querem dizer milhões de dólares, segundos querem dizer bilhões.

Rodolfo arrumou seis grupos e indivíduos para compor o trust. Só ele sabia quem todos eram, já que alguns dos nomes fizeram questão de anonimidade absoluta. A responsabilidade dele era garantir que as movimentações de nenhum dos doze ferisse um ao outro, o que era mais difícil de garantir do que ele tinha antecipado a princípio.

Só ele lidava com as irmãs, só ele tinha conhecido de fato o laboratório na Bolívia. Tinha coisas que ele achava melhor não contar pra ninguém por precaução. Nunca se sabe quem é confiável e quem é linguarudo. Sempre que você acha que sabe é porque tá se iludindo, Rodolfo sempre dizia. Mas a maior parte das coisas desse projeto ele não contava pra ninguém por outro motivo. Não saberia como começar a explicar e não gostava de soar doido.

Que o computador era uma forma de vida que ao que tudo consta tinha DNA alienígena ele não contou para ninguém que não precisava saber e nem planejava contar a não ser que precisasse. Rodolfo sempre ria quando lembrava e depois se benzia rapidinho, por superstição.

>>

76.

<

Murilo se sabia atraído pelas imagens de algumas pessoas que se produziam ali na internet, ainda que fosse uma atração que ele não conseguisse articular com o seu corpo. Eram só imagens que puxavam outras imagens. A piada que ele fazia (só pra si mesmo) a respeito era de que ele não tinha aprendido a coreografia pra essas coisas na idade certa e agora era tarde demais.

Murilo não conseguia nem imaginar como seria ter uma relação longa e próxima com alguém, ter intimidade material com um corpo alheio. Ele constantemente imaginava que estava acompanhado de alguém no seu quarto, alguém cuja imagem alternava muito, vivia oscilando entre homens e mulheres que se configuravam alternadamente como namoradas e melhores amigos.

É verdade que ele tinha amigos de internet, mas ele só tinha acesso à parte da sua personalidade, aparentemente. Eles já eram ótimos e muito divertidos de se conversar, mas Murilo só podia imaginar como seria sair de fato com eles, ir pra festas, assistir filmes e comer em algum lugar. Ele percebia o tanto que era patético ter devaneios frequentes com amigos que ele não conhecia pessoalmente, mas ele chegava a fazê-lo várias vezes por dia, por breves momentos onde a imaginação pairava um pouco acima de sua intenção e parecia funcionar no automático, figurando com o que se conseguia recuperar ali com mais facilidade. Por dias ele teve sua cabeça percutida por um grupinho específico de imagens a que ele tinha tido acesso, trinta e oito fotos de uma festa à fantasia de amigos de internet dele que moravam no Recife. Gente muito bonita e elegante, com fantasias ótimas e muito criativas (um deles era, ao mesmo tempo, Gaddafi e Carlos Santana).

Murilo frequentemente pensava no seu quarto através dessa imagem recortada pela câmera do seu computador, aquela imagem pixelada e grosseira onde ele estava tão acostumado em ver a progressão da luz ao longo do dia. A imagem do seu quarto oferecida pela câmera era como uma repetição daquela cena, a sua abstração. Muitas vezes era nela que ele pensava

ao deitar na sua cama e não deixar sua cabeça se deter em nada, fiapos de discurso passando como um córrego raso por pedras duras, quase adormecendo, todo o tempo aquela imagem da câmera permanecendo como o pano de fundo para aquilo tudo, aquela procissão impessoal. Enquanto tentava se desativar, sua mente ainda retinha a imagem teimosa da tela.

>

77.

<<

Nos primeiros dias a interação foi um pouco forçada. Renato conversava com todo mundo, o Pedro, a Bárbara e a Amanda tavam sempre juntos, mas Tamires e Rafaela ficavam um pouco mais isoladas. Amanda era a mais simpática, Tamires achou, tinha uns olhos enormes muito atentos e ficou super interessada quando Tamires falou que era tatuadora (“você é a primeira tatuadora não tatuada que eu conheço na vida”). Além de ser ridícula de tão linda, cabelo encaracolado e umas pernas que doíam o coração só de olhar.

O primeiro sequestro foi o mais tranquilo. O cara era muito rico, mas não tinha segurança nem nada, tava exatamente onde Renato falou que estaria (saindo de um bar no térreo de um prédio de apart-hotel do Itaim Bibi lá pelas uma e tanto). Era o atual presidente de uma empresa familiar de agropecuária com fazendas do tamanho de pequenos países europeus nos dois Mato Grossos e no Goiás. Não só tinham práticas péssimas com os bichos e com agrotóxicos, amplamente documentadas, como tinham sido denunciados algumas vezes por intimidação e até assassinato de lideranças indígenas.

Teve uma puta produção pra educação dele, na qual Pedro, Tamires e Bárbara trabalharam muito tempo enchendo uma piscina de um negócio que parecia, mas não era, a gosma rosa que se faz com carne processada de frango (mecanicamente recuperada, o Pedro citava com uma voz de comercial). Pedro tinha trabalhado no ateliê de vários artistas bem-sucedidos que usavam materiais pouco ortodoxos e se revelou muito mais criativo e cheio das habilidades e conhecimentos técnicos arcanos do que Tamires imaginava (ela foi perceber só então que ele afetava nas roupas e na aparência geral uma tentativa muito deliberada e cuidadosa de se vestir da maneira mais genérica e sem graça-possível, a tentativa era tão bem-sucedida que a primeira impressão era de que era alguém que não se importava nem um pouco com a sua aparência, mas um contato mais prolongado mostrava que a verdade era o exato oposto).

Tamires acabou se aproximando deles assim. Tanto Pedro quanto Bár-

bara eram muito exagerados e dramáticos, sempre explodindo em alguma imitação de alguém ou só alguma zoeira corporal destrambelhada e gratuita. O sítio era da família dela, rica sabe-se lá de onde. Ela e Pedro dividiram as tarefas entre todo mundo e a coisa nesse sentido até que funcionava direitinho, com pouco conflito. Os mais privilegiados ali um tanto mais inep-tos do que os outros com algumas tarefas, mas ainda mais dispostos (à exceção de Bárbara) a mostrar serviço.

Tamires achava muita graça da evidente vontade dos três, ali, de algum jeito fingir que não eram absurdamente ricos. Não era o tempo todo, tinha hora em que o velho impulso já introjetado de distinção fazia algum deles ou falar com naturalidade de alguma experiência que obviamente só gente riquíssima conheceria ou reclamar de algo de que só gente riquíssima reclamaria. Havia essa linha mais ou menos evidente separando ela, Tamires e Renato de Pedro, Bárbara e Amanda. Mas o único que se atrevia a tratar desse linha diretamente, com todas as letras, era Renato, com piadas carinhosas que pareciam deixar os três ao mesmo tempo ansiosos e aliviados.

Só depois do segundo sequestro, depois deles deixarem a desembar-gadora a um quilômetro de distância de um posto de gasolina e voltarem triunfantes para o sítio, foi que a coisa começou a ficar mais alucinada ali dentro.

Compraram muita bebida, Pedro e Bárbara tinha trazido MD. Começou meio como comemoração pela empreitada de todo mundo ali, Renato dando um discurso alucinado, quase cantado, e foi virando uma discussão acalorada, mas pacífica, entre Pedro, Tamires, Amanda e Rafaela. Tamires achava muito massa o que eles tavam fazendo, mas não entendia ainda que efeito positivo que aquela merda podia ter. Pedro defendia que aquilo era muito importante tanto pra botar medo naquelas pessoas quanto pra educá-las de verdade. A Rafaela riu e falou que óbvio que ninguém ia se educar de verdade. Só iam sair dali com mais raiva de tudo aquilo que eles já odiavam. A Amanda dizia que eles iam ter que divulgar alguma coisa dos vídeos que tinham feito, ainda que ela não soubesse ainda como, nem quando. Tamires falou que divulgar os vídeos ajudaria que eles fossem pegos. Pedro falou que era só editar, divulgar partes que não comprometiam ninguém e nem o lugar. Bárbara se denominou a fada do MD e falava que ia escovar os dentes de todo mundo, dedando o saquinho de pó branco e oferecendo quase como uma ameaça pra todos.

Nesse meio tempo o Renato tinha sumido, ninguém percebeu. De repente ele aparece vestindo só um chapéu rosa, mais nada, e cantando, ridiculamente, um refrão do Beto Guedes, pra em seguida anunciar com voz profética:

— O que a gente tem que fazer é mexer no desejo da galera. É mexer com o desejo da galera. Não tem revolução sem tesão. Isso aqui não é nem o começo ainda. É o começo do começo do que pode talvez vir a ser um começo de alguma coisa.

Aí ele vai e beija o Pedro e, logo depois, a Bárbara. Os três começam a se pegar, a Amanda bota a mão dentro da calcinha e Tamires e Rafaela ficam só olhando, sem saber muito o que fazer.

>>

78.

<

Murilo nunca perdia o fascínio diante da internet e de tudo que ela lhe permitia, ele e Fábio conversavam sobre isso com muita frequência. Além de literatura, era o assunto mais recorrente entre os dois. Não tinha ideia do que seria a sua vida sem o seu computador e uma conexão razoável. O plano da família já era bastante ultrapassado, ele demorava geralmente uma noite pra baixar um filme em qualidade boa, mas achava quase indecente achar aquilo pouco, ao invés de se impressionar de novo e o tempo todo com a imensidão daquilo. Que ele pudesse de graça acessar todos os mundos que ele acessava daquela sala abafada e pouco atraente no meio do cerrado goiano. A internet lhe invocava sentimentos quase místicos. Quase não.

Mesmo hoje ele passa o dia garimpando, hoje que ele já se considera velho e cansado, aos vinte e poucos, longe do ânimo ensandecido e integralmente comprometido que ele tinha de pesquisa e leitura dos quinze aos dezenove, mais ou menos. Ele leu tudo que alcançou como quem se defendia de alguma coisa. Ainda lia muito, mas muito menos. Assinava mais de nove listas de discussão e era membro de sete fóruns (embora só fosse de fato ativo em dois deles).

Também via vídeos de jovens russos bêbados se esmurrando, de moleques no interior de São Paulo numa laje fazendo um rap paródico sobre o Corinthians, de uma performance simpática e enternecedora de uns estudantes nas ruas de Santiago. Ele ia até a terceira página de comentários sobre um vídeo de um comediante tolo que recentemente havia se tornado polêmico por ter sido considerado racista. Ele deglutia tudo isso com atenção e até chamaria o sentimento diante da torrente de um sentimento de dever, embora não soubesse dever de quê, diante de que espectro.

É verdade que a internet tinha piorado muito nos últimos anos, o seu lado mais selvagem de conexões desenfreadas, aleatórias e anônimas cada vez mais domesticado nessas poucas redes sociais onde todo mundo precisa autenticar uma presença oficial e tudo parece prefigurado. Uns poucos protocolos controlados de um punhado de corporações servindo de playground para que a gente produza conteúdo de graça e construa cada um sua marca

pessoal no processo. Falam muito do fim da privacidade, de que o modelo de negócio deles é baseado nas nossas informações, mas Murilo ficava impressionado às vezes vendo como as postagens se pareciam umas com as outras, mesmo diante da evidente vontade de todo mundo ali querer se distinguir e se destacar desesperadamente, tanta coisa se repetia com mínima modulação que Murilo começava a pensar numa malha rígida de ação, todo mundo agindo apenas a partir de uns mesmos poucos diagramas e confundindo os gestos daqueles títeres com eles próprios.

E pra ele, que quase não saía de casa, o constrangimento progressivo da rede onde ele, de fato, morava, parecia ainda mais desesperador, ainda mais limitante. Mas se a internet não mais parecia a selva miraculosa da sua adolescência, o acesso bruto à informação continuava maravilhoso, mesmo com os avanços tenebrosos e preocupantes contra a pirataria.

Nessa torrente quase infinita ele valorizava em especial aqueles que conseguiam fazer um bom trabalho de curadoria cuidadosa. Como em tudo na internet, havia nessa atividade uma tentativa bastante evidente de moldar uma figura, uma personalidade. Compilar era mais uma forma de montar uma voz, de tentar se compor diante de todos os outros, montar uma figura própria sua. Ele há muito que não fazia nem isso. Ele não saberia dizer porque, mas nunca nem chegou perto de ter blogs e extensões onde ele se depositasse mais diretamente.

Sempre teve um incômodo extraordinário, pontiagudo e preciso, que ele sentia de se representar de qualquer maneira. Não gostava nem de ter o nome dele listado no Google como aprovado no vestibular. Além das amizades que mantinha por chat, a sua participação no fórum foi uma exceção à essa invisibilidade online.

Na maior parte do tempo, Murilo gostava era de ver e de não ser visto.

>

79.

<<

Não lembro onde que eu cliquei no primeiro link. Mas era um indexador qualquer desses de diversos site de streaming pornô. Tava lá junto de alguma categoria que me apeteceu na hora. A imagem que ilustrava o vídeo era de um cara negro de costas e uma mulher médica loira linda com cara de safada. O nome do arquivo era só *Qual é o nome dessa estrela pornô húngara?* (Em inglês, naturalmente).

Eu abri não só porque a mulher era linda, mas porque gosto de vídeos com médicas e talvez até pelo fato do cara ser negro. Embora geralmente as qualidades do homem nos vídeos me seja um tanto indiferente, já percebi que dentre as torrentes de fotos do tamanho de unha de dedão com as quais me deparo diariamente eu ando recorrendo em escolher vídeos onde homens negros de paus enormes comem mulheres bem branquinhas, geralmente loiras, americanas ou europeias.

Não que este padrão recorra de maneira a erradicar outras preferências que percebo que também vão se delimitando com o tempo (asiáticas muito baixinhas, uma mulher sentando na cara enquanto outra “cavalga” o pau, enteadas que descobrem a sexualidade com as madrastas). Mas tá lá entre as linhas narrativas de força da minha libido (que, de resto, como se sabe, derrama pra todo lado).

Até onde é possível explicar essas coisas, imagino que pelos motivos óbvios eu encontre excitação em ver representantes de uma minoria “foderem com” representantes de privilégio. Que isso não faz sentido nenhum em termos sérios é claro que não faz. Digo, é claro que não há batalha política nenhuma sendo vencida, aqui. Na verdade, também me ocorre que é possível que o que eu esteja sendo é estruturalmente racista (aprendi o termo com minha ex-mulher, uma espertalhona). Tem um site específico que o algoritmo me recomenda chamado BLACK MONSTER TERROR, o que não é um bom sinal.

Mas esse vídeo acabou que surpreendeu. O cara se apresentava com roupa de jogador de futebol para o que parecia um exame com a médica loira e

mais duas ajudantes (também loiras). A médica tinha uma cara de sacana, pedia para que ele tirasse a roupa e em seguida que assumisse uma série de poses absurdas. Naturalmente, eu esperava pelo momento em que alguma troca de frases comicamente sugestivas levasse a que ela engolisse o pau do cara, ali já há muito tempo pendente e disponível, mas isso nunca aconteceu. Ela só continuava submetendo-o às contorções mais inesperadas. A cena começou a me parecer engraçada em sua frustração deliberada das expectativas que vinham embutidas nas convenções do gênero e do meio da sua reverberação.

Quando o cara começou a abrir o cu para o rosto interessado das médicas e ajudantes a cena começou a me parecer uma obra feminista notável, até, embora fosse difícil entender o quê que o filme entendia que tava fazendo sem saber mais nada do seu contexto original (qualidades dispersas da imagem e dos penteados me sugeriam final de década de noventa, no máximo, mas eu não sou especialista; a luz e a maquiagem dir-se-iam dum vídeo dessa época produzido para ser comercializado como pornográfico, mas isso poderia ser facilmente uma afetação mais tardia de uma vídeo-artista com talento).

A mulher e suas ajudantes aplicaram em seguida uma injeção no cu do homem, que fazia expressões comicamente exageradas de incômodo. Em algum momento da manipulação rígida do seu corpo por parte das mulheres a cena deixou de me parecer um triunfo feminista e começou a me parecer racista. Querendo ou não, por motivos maravilhosos ou torpes, havia ali algo muito incômodo para mim em observar aquelas mulheres avaliando e varando o corpo daquele cara como se fosse um animal de laboratório ou produto à venda. Assim que escrevo isso percebo que eu vejo diariamente isso ser feito de todas as maneiras mais degradantes concebíveis com mulheres desde os meus doze, treze anos (assim como quase todos os homens que conheço).

Antes do vídeo terminar o meu interesse já me fez abrir a conta da pessoa que o tinha subido no site. Frankvideos, o nome, que nos detalhes se dizia uma mulher romena de 39 anos. A imagem de uma mulher romena chamada Frank me fez rir. Ela tinha mais quarenta vídeos subidos. Quase todos eles, eu logo percebi, consistiam em diferentes tentativas de disseminar a sua dúvida da identidade da estrela húngara. Qual é o nome dessa estrela pornô? Qual é o nome dessa mulher? Essa pergunta foi ficando, de

repente, mais e mais e mais urgente. Foi só aí que eu percebi que o negócio já tava batendo. A droga. E aí, meu amigo. Fodeu.

Eu tinha comprado a máquina na semana anterior, de seu idealizador ansioso e suado. Segundo Eliot, é só o terceiro protótipo que vendem. Para ajudar a financiar o projeto, mas também para criar um pequeno hype entre os endinheirados, pelo que entendi. Deve ser mentira. Eu sou um herdeiro de fortunas antigas de mineração no leste europeu sem nenhum carisma ou magnetismo pessoal. Não sou capaz de criar hype nem dentro do Cáucaso.

Por mais cara que tenha sido a máquina para mim, umas poucas vendas assim não ajudariam a terminar de financiar um projeto dessa magnitude. Pelo que eles próprios me disseram, a máquina voava nos testes há mais de ano. Mas ouvi na boca pequena a dificuldade de introduzi-la no mercado: não havia precedentes jurídicos para lidar com diversos elementos de seu funcionamento. Como uma empresa poderia se responsabilizar legalmente pelo uso em massa de uma interface que requer a introdução de um corpo estranho (“transorgânico”) no seu corpo, além do uso prévio de medicamentos controlados e pesados? Os infinitos processos possíveis se proliferavam na cabeça dos advogados consultados. Meu chute é que nunca conseguiriam superar esses impasses e portanto estavam tentando arrancar toda a grana possível vendendo a tecnologia para um público seletivo de bilionários. Eu jamais repetirei para alguém a quantia que paguei, que é ridícula. Mas para alguém que herdou metade do gás natural na Geórgia, claro, não é nada. Peido.

Disseram que a droga que você tem que tomar antes de usar a máquina é para aumentar a sua receptividade. Te deixar ressonante pra sincronia entre teu sistema nervoso central e o metrônomo da máquina. Eu não sou químico, mas se você me pergunta o que a droga faz é te deixar inteiramente depositado naquilo que você tá experimentando. Depois de usar a máquina do Eliot com as gravações-padrão sem-graça que ele arrumou (montanhas-russas, shows do U2, refeições em restaurantes três estrelas Michelin), eu acabei tomando a droga uma vez pra jogar *Minecraft* e achei uma experiência profunda, quase mística. Aquilo parecia enorme e não um brinquedo de criança. Fiz o mesmo para jogar *Tetris* e ouvir Bach e me senti o próprio engenheiro do criador. Me parecia que qualquer coisa com essa droga começa a ao mesmo tempo se intensificar e se endurecer da sua própria consistên-

cia e espriaiar em toda sua extensão relacional, digamos assim (acho que tou papagaiando aqui o rapaz que me explicou), virar a única coisa que existe no mundo enquanto grita em si mesmo todo o resto que existe em todas suas ramificações. Meio poético da minha parte, eu sei, mas é que essa droga é potente. Por isso eu achei que seria ótimo me masturbar com ela. Um erro, claro. De repente eu tava achando pornografia uma coisa deprimente, meu pau não subia nem com roldana. Eu que nunca havia pensando nisso antes ficava olhando pras mulheres e pensando “Será que ela tá gostando? Será que ela teve um pai ausente? Quem está ganhando dinheiro com esse site? Será que a Kendra Lust e a Nyommi Banxx têm seguro de saúde?”

E por mais que o tesão tivesse se esvaído na hora a obsessão instalada pela droga começou logo a me consumir. Quem era aquela mulher do vídeo? Descobrir aquilo parecia urgente, parecia imperativo. Aquela configuração particular de desejo parecia ter uma força invencível. Poderia botar um assistente para pesquisar, mas achei constrangedor. Até porque a maioria das minhas assistentes são mulheres. Depois de dias sem resultado, postei a pergunta num fórum de pornografia e consegui a resposta poucas horas depois. Era um atriz já aposentada, hoje com quarenta e poucos anos. Entrei em contato com um profissional da área do sexo que já me serviu no passado e que tinha morado por anos na Hungria caçando talentos. Perguntei se ele conseguia arranjar o contato da mulher.

Era evidente que aquela tecnologia tinha que ser usada pra sexo, mas o Elliot devia ter pudor de já chegar oferecendo isso de cara. Disse que só queria arranjar uns trocados por fora até que o governo anunciasse o uso militar ou comercial final da máquina. Foi indo atrás dos conhecidos e amigos e amigos de amigos (meu caso) e apresentando a máquina, propondo que eles gravassem os momentos com sua família ou uma viagem de esqui nos Alpes. An-ram. Ok, Eliot. Vou gravar aqui momentos com os imbecis dos meus sobrinhos ou com meus avós dementes.

Não sei se fui eu o pioneiro nesse uso, mas arranjei para que a atriz húngara viesse até Londres com o namorado. Tudo pago por uma subsidiária da minha empresa que tem o domicílio nas ilhas Seychelles, nada rastreável até mim com facilidade. Explicaram toda a situação e ela concordou, mas pediu trinta mil libras, não quinze. Peido de peido, mas mandei fechar em vinte só para não perder o hábito de negociar. O namorado dela foi injetado do negócio na nuca e eles gravaram uma noite inteira de foda

maravilhosa. No dia seguinte quando me trouxeram o arquivo eu percebi o quanto aquilo era muito melhor que pornografia e prostituição normal. Uma puta não quer te foder, mesmo que ela seja uma ótima profissional e finja bem você sabe que o desejo dela não está ali. Mas aquilo era diferente. Completamente diferente. Ela tava fodendo o namorado dela, a intimidade era real, o desejo era real, o amor também. Tudo autêntico. Era a coisa mesma ali. A própria. E eu tinha aquilo sem ter que conversar com ninguém, sem ter que fingir interesse por imbecilidade nenhuma, a sensação bruta de meter naquela mulher, de possuir o desejo dela, de fazer ela gozar.

Logicamente, eu me viciiei na primeira dose.

>>

80.

<

Murilo lembra da impressão fantástica que tinha de tecnologia quando era moleque. Não sabe precisar a idade, provavelmente em torno de nove ou dez anos, por aí. A sua memória sempre foi pouco cronológica, pouco linear, lembrava com muita vividez de estados de espírito, ideias, impressões estéticas fortes, mas quase nunca de eventos narrativos da sua própria vida. Primeira vez que fez alguma coisa, interações específicas com amigos ou parentes, tudo de pessoal na sua memória se misturava numa barafunda pouco interessante, bem menos precisa do que uma sequência específica de versos do Camões ou do Browning ou os gradientes e o brilho de um plano de cinema que ele amava.

O que ele lembra é de ser muito novo e ficar olhando para a sua televisão com uma cara suspeita e tensa, tentando entender como que aquelas imagens chegavam ali. Olhava para fora e via as antenas em cima das casas, tentava com muito esforço imaginar as imagens chegando de longe, do espaço, em raiozinhos ou vaporizadas de alguma maneira, irisadas numa manifestação de luz que ele não conseguia enxergar (e que ele associava com fenômenos ópticos igualmente impressionantes, mas visíveis, como o arco-íris).

Ele perguntava para os seus pais, que davam respostas sempre curtas e insatisfatórias. Rapidamente percebeu que eles tampouco deviam saber o que tava acontecendo.

Murilo encarava os CDs que diziam 1000 HORAS DE INTERNET GRÁTIS UOL e ficava um tempo enorme pensando de que forma poderia funcionar aquele disco. Parecia apenas ter um espelho ali do lado onde a mãe dele disse que a internet ficava gravada. Ele começou a suspeitar dos espelhos na sua casa, que eles talvez também guardassem informações (possíveis milhares ou milhões de horas de internet escondidas há décadas no espelho do quarto dos pais, sem que ninguém usasse).

Tentava imaginar como que alguma coisa se guardava naquele objeto circular e tão simples. Depois que encontrou uma descrição numa revista

de sala de espera de dentista passou a tentar imaginar pequeníssimas inscrições, desenhos muito complicados e minúsculos feitos com laser, milhares de peças minúsculas e precisas interagindo, seguindo instruções sequenciais como aquelas que tinham vindo no manual do barco pirata de Lego que o avô lhe deu num sonho.

Passava um bom tempo tentando imaginar como seriam os desenhos complexos e enormes que deviam estar contidos ali para o seu computador compreender o que fazer. Danadinho.

Havia muitas máquinas misteriosas, mas de todas o computador era de longe a que mais lhe causava assombro. A princípio foi instruído pelo pai a seguir uma rota determinada de caminhos permitidos online (havia uma lista de sites para crianças que o pai tinha encontrado numa revista semanal, recortado e colado no monitor, logo abaixo da tela). Ele digitava o endereço e algum tempinho depois apareciam imagens, mais caminhos, pequenos textos e galerias de fotos. Ele não conseguia entender como que tantas imagens estavam guardadas lá dentro, nem como que o computador entendia o que ele queria fazer. Havia o mouse, claro, tão intuitivo, mas como que ele guardava tanta coisa e recuperava com tão pouco atraso? O computador ficava no seu quarto, porque tinha ficado esquisito na sala e a mãe não queria que ficasse no quarto deles. Murilo não se incomodava com a ideia, mas aquela presença massiva e ventilada no seu quarto lhe dava um senso de gravidade e circunstância que acabava sendo bastante cansativo, impondo tarefas demandantes à vida diária da sua imaginação.

Murilo tinha desde muito novo o costume de falar sozinho, mas parou de fazer isso quando instalaram o computador no seu quarto. Se perguntado, ele diria com toda honestidade que o computador não tem meio de ouvir aquilo, nem de registrar o que ele dizia. Mas, ainda assim, ali diante dele parecia impróprio ficar falando, de algum jeito.

Teria que ter gente em algum lugar remoto para entender tudo aquilo que seu computador fazia, ele não conseguia acreditar que tudo poderia se dar automaticamente (ele entendia mecanismos aparentes, peças que se encaixavam, como uma manivela, ou mesmo o motor de um carro, que fica explodindo o tempo todo pra andar). Sentia que tinha uma noção razoável de como as coisas funcionavam (prestava atenção nas aulas de ciência e no que diziam os adultos) e aquilo ali não parecia fazer sentido. Passou a imaginar que de alguma forma o que ele fazia no seu computador era lido por

uma série de pessoas escondidas em algum lugar (talvez americanos, talvez japoneses) e que elas todas lhe forneciam imediatamente, com muita gentileza, tudo que ele pedia através da interface. Um batalhão de telefonistas atenciosos operando um gigantesco e pressuroso quadro de distribuição. Murilo gostaria de poder lhes comunicar a sua imensa, imensa gratidão.

>

81.

<<

— Ai foi horrível, foi horrível. Não, eu já tomei água. Vocês não param de me oferecer água. Eu tou tensa, mas é assim mesmo. Vocês ficam com essa cara, parece que não entendem porque que ninguém consegue contar um relato direito do negócio. Não dava nem pra gente entender. Não dava. Foi uma coisa absurda depois da outra, como que a gente ia imaginar? Não dava pra imaginar nada daquilo. Literalmente não dava. E eu ainda tava meio bêbada, igual todo mundo, aqueles copos grandes da *Budweiser* um dentro do outro e meu marido segurando eles e chamando de A Torre, A Torre, meio cantando. Não tava acostumada com beber em estádio, antes era proibido, né? Liberaram pra copa. Enfim. Ele bebia três pra cada um que eu bebia, e eu bebi alguns. Meu marido é alemão. De Munique. Ele obviamente não tava triste e ele mal fingia que tava escondendo a alegria, na verdade. Isso quando ainda tava no jogo, né, claro. Depois ele gelou igual todo mundo. Foi horrível, horrível.

—

— Quando teve o tal do vídeo eu nem conseguia nem ouvir muito menos entender direito o que tava falando, só peguei umas palavras assim solta, mas dava pra ver a raiva, né, e que o menino era maluco. Nossa, deu uma vergonha.

—

— E eu só pensava, gente, gente, nunca imaginei que uma coisa dessas ia acontecer no Brasil. Aqui sempre foi aquela coisa fuleira que a gente conhece, mas nunca teve fanático, nunca teve esses — como que chama? — extremismos. A copa ia ser tão linda, não sei o quê. Meu marido sempre falava que a Copa ia mudar o Brasil, meio brincando, mas eu acho que na verdade super a sério, que ele tem essas coisas meio românticas também dele. As pessoas não sabem, mas alemão é muito romântico, na verdade. Ele gosta muito daqui, sabe? E nem tava dando tanto problema assim dos aeroportos das coisas, todo mundo tava com tanto medo antes. Mas tava tudo lindo, aquela festa, aquela brasilidade, dava até quase orgulho de ser brasileira por um segundinho. Imagina.

—

— Sim. E aí essa merda, né? Essa bosta do tamanho do mundo. Primeiro o jogo e depois aquela papagaiada, aquela coisa louca que ninguém explica, aquela nojeira. E olha que eu não fui das que mais sofreu, não. Eu levo minha vida ainda, imagina. Se eu, gaúcha de Ponta Grossa com mãe baiana, vou deixar que um bando de terrorista retardado me assuste. Um bando de hippie vagabundo? E uns pássaro, uns trem que eu acho que nem aconteceram, que a gente delirou, sei lá. Porque não é possível, é claro que não é possível. Sou católica e sou totalmente cética com todo e qualquer tipo de besteira sobrenatural, não tenho papo com essas coisas. Sou dentista, que no fundo é uma forma de cientista. Eu falo que botaram alguma coisa na bebida, meu marido fala que não tem como, que os toneis vêm fechados de fora. Ele é amicíssimo tanto dos caras da Heineken quanto de muita gente na entranha da AMBEV. INBV AMRO, aí. Eu sei lá. Tem gente que não supeira. Tem muita gente que tava lá e que mudou totalmente depois. Assustou, sei lá. Eu não sou psicóloga.

—

— Sim. Não tem nem um mês, mas já dá pra ver. Já ouvi quase uns dez falando igual. Falando que tudo que a gente faz tá destruindo o mundo, que não sei o quê, que compravam um casaco da Dior e conseguiam sentir as mãozinhas de criança de Bangladesh nas linhas da costura. Sério. Umas frescuras, meu deus. A Dior nem tem fábrica em Bangladesh, aliás. Eu fui atrás. Além de mimimi, é desinformado. Que saíam do jatinho particular pensando nas calotas derretendo, que tão passando o *foie gras* no pão no restaurante e o grito do ganso gordo vem estourando no ouvido. Sério, é ridículo. Gente que nunca foi dessas coisas. Eu fiquei impressionada, mas como meu *foie gras* tranquilamente, muito obrigada, porque ninguém é de ferro. Jatinho eu não tenho, mas se tivesse eu usava, também, tranquilamente. Tá maluco.

—

— Quê que tem o meu marido?

—

— Ah. Olha. Eu não vou expor a vida da minha família, mas sim. Tá? Mas sim. Já que vocês insistem. Ele também. Ele também.

>>

82.

<

Murilo sempre começa a pensar em como responder enquanto lê os emails de Fábio. Muito do que ele diz não tem muito a ver com os assuntos recorrentes deles no chat e nem parecem pedir por uma resposta muito imediata ou específica de Murilo. Ele esboça umas respostas com tom parecido no rascunho, mais pessoal e digressivo, tentando elaborar alguma coisa a respeito do seu dia, mas nunca tem nada a dizer, ou tem apenas uns mesmos resmungos a respeito do seu pai e da (relativa) pobreza da despensa da casa deles, nada que sobrevivesse ao ímpeto inicial de começar a ser digitado, morrendo ali num dos vários meios-de-caminho entre sua cabeça e seus dedos.

Murilo ouve um barulho vindo da televisão da sala. Geralmente quando a sua mãe colocava o som alto assim é porque estava concentrada num filme. O gosto que a sua mãe tinha para filmes lhe era simpático, mas insondável. Respeitava sua disposição em dar alguma chance para quase qualquer coisa que estivesse passando. Já tinha gastado muito tempo tentando delimitar quais seus padrões recorrentes e aparentes critérios, mas não conseguia. Tentava estimar o apreço que sua mãe tinha por um filme através da frequência com a qual ela o via de novo, uma frequência que ele gostava de registrar mentalmente com alguma acurácia. *Um sonho de liberdade*, *Beleza Americana*, *As Pontes de Madison*, *Edward Mãos-de-Tesoura*, aquele dos anjos com o Nicolas Cage (Murilo mostrou pra ela o original alemão, apesar de não gostar muito do filme, ela também não gostou, achou muito comprido). Qualquer coisa com o Al Pacino novinho.

Murilo às vezes assistia pedaços dos filmes com a mãe, fazia perguntas que não lhe interessavam de fato, pra ver o que ela dizia, pra ver se conseguia retirar da resposta ou da sua expressão ao responder algum detalhe que lhe explicasse um pouco o que ela retirava daquilo.

- Quê que é isso que tá passando?
- Alien 3. Não é muito bom, não.
- Como que é a história?

— Eu antes não tava prestando muita atenção, mas eu gosto dessa mulher, ela é porreta, né? Teve uma cena ótima agora.

A sua mãe tinha as pernas dobradas juntas no sofá, com apenas parte de um cobertor quadriculado marrom e preto antigo cobrindo seu colo, um cobertor que Murilo desde moleque achava quente e peludo demais, pini-quento, mas que ela adorava, e ficava por meses ali em cima do sofá, sendo de tempos em tempos guardado por Válter no fundo do armário, sem que ele dissesse nada. Elizete também tinha uma revista de palavras cruzadas em cima do peito, uma caneta bic guardada na divisória das páginas, menos da metade das respostas escritas, pelo que Murilo pode ver de relance.

Em cima da mesa tinha uma garrafa de coca-cola que já parecia morna, com menos da metade cheia.

— Essa aí é o cigano Igor, né?

— Oi.

— O nome dela. Sigourney Weaver. Parece cigano Igor.

A piada péssima era do Fábio. A mãe olhou pra ele com uma cara sofrida, como se ele tivesse acabado de falar algo inteiramente louco. Ele voltou para o quarto.

MURILATION 2 TEH NATION

Porra, conheci um jogador brasileiro de futebol aqui na Hungria. Estava numa boate bastante brega e cara perto do meu hotel vendo se antes de dormir arrumava alguma coisa interessante quando ouvi uma mesa falando muito alto em português. O cara era um meia meio gordinho e lento mas muito competente, com uma consistência notável nos seus já quatorze anos de carreira. Chama Wellinton Paraíba (procura vídeo dele aí, tem umas duas compilações feitas por torcedores húngaros). Nasceu na Bahia mas não volta lá tem anos.

O agente dele era um cara de quase sessenta, muito baixinho e zarolho, chamado Cassianos (com esse 's' aí mesmo), um olhar bem inteligente e opaco, fica com uma mão permanente no bolso de um modo que dá impressão de que ele acha isso insuperavelmente estiloso.

Cassianos não tinha muitos outros jogadores importantes, parece, então ele praticamente vivia lá com o Wellinton na Hungria, onde tinha mais dois meninos promissores em times menores. Os dois construíram um pe-

queno núcleo de Brasil onde ele pudesse viver de maneira tolerável, um grupo de umas oito pessoas que ficava ouvindo pagode e sertanejo o dia inteiro, comendo comida brasileira que eles cozinhavam em casa, comprando farofa Yoki importada, bebendo muita cerveja e tirando um número incrível de fotos deles mesmos. Ficaram muito felizes de encontrar um brasileiro, sentei com eles na mesa e devo ter sido fotografado pelas duas meninas e pelo próprio Wellinton umas cem vezes, no mínimo (não tou exagerando). Todos eles passavam a noite olhando para a diversão que eles tinham acabado de ter, dando as câmeras uns pros outros para que pudessem ver as melhores fotos e compará-las. Fora uma mulher brasileira, todas as outras garota eram locais. Húngaras e romenas. Eu não consegui determinar se as meninas eram namoradas, prostitutas ou garotas que eles tinham acabado de conhecer. O Cassianos tratava elas com uma grosseria muito escrota que ninguém mais parecia reconhecer de forma verificável. Wellinton era, pra média de homem hétero, quase fofo. Eu tentei ser o mais simpático possível. A única brasileira era meio tímida, tava muito produzida, maquiada com um exagero que eu achei tocante, parecia assustada com o lugar e com todas as pessoas não brasileiras, olhando pra elas como se fossem todos bichos muitíssimo estranhos.

Eu percebi que, em certo sentido, eu tinha mais em comum com aquela garota do que com a Saskia (uma gata húngara que é o motivo real deu ter vindo pra cá, bem mais que o trem do Bartok que tá rolando).

>

83.

<<

Não dava pra ver bem o rosto, tava escuro. Era uma figura feminina com cabelo grande e todo armado, batom roxo vívido, um vestido vermelho comprido e meio reluzente que vivia rodopiando com os gestos expansivos de quem usava. A voz era diferente um tanto, mas ainda assim era claramente o Renato afinando a voz. O som também tava estourado, mal gravado, mas audível.

A primeira voz que surgia parecia a do próprio professor:

— Então você conversou com eles?

— Conversei, oxe.

— Mas como conversou, Soraia? Com o Kierkegaard?

— Foi.

— E a Simone Weil? Com a porra do Aristóteles, também?

— Sim.

— E como foi?

— Foi ótimo, assim, top experiências da minha vida sem dúvida, todas essas almas que o senhor mencionou e ainda várias outras queridíssimas. Nossa.

— Mas como que você fez? O processo? Explica pra gente.

— Ah, depois de muita pesquisa, muita procura. Não foi coisa à toa assim, chega e vai, incorpora. Tchã. Foi todo um processo assim laborioso, de ler assim profundamente mesmo todo o material deles, o contexto da época, etc., no caso reler, né, mas assim mergulhar mesmo em tudo pra extrair dali o material mais profundo mesmo pra repetição, sabe? Em alguns casos, na língua original, em outras comparando traduções. Pra você chamar e eles responderem direitinho. E pra se ter certeza que não apareceu um impostor qualquer, né? Se tem fraude com tudo, claro que você tem também muito espírito fraudulento. Repetir não é só repetir.

— Me explica melhor esse negócio, Soraia.

— É um processo retórico, assim, mas no sentido pleno já citado acima do ato social como uma atitude dançada, transtropado assim pra um complexo autogerado de motivos emotivos. Whitehead já cantou que toda vibe é um sentimento. Tudo que perdura é uma transmissão de energia. Não há nenhuma diferença significativa entre o “Kierkegaard” enquanto complexo hoje virtual de fatos históricos e o Kierkegaard que existe em mim como complexo atual de motivos. Eu desafio qualquer um a me mostrar onde está essa diferença. Onde que ela tá?

E aqui Soraia pegou na carne solta que pendia sempre derramada do braço do Maurício, um dos professores ali, que tava na primeira fileira e que se viu convulsionado por aquela moça tão rebulizada estar pegando nele.

— Então quando eu falo CORPO, não é essa besteira aí não, né, supramencionada. É essa máquina teleológica de produção e reprodução de fins dum espécie que se expande, tá? Desse meme que quer, né, se reproduzir, né, a qualquer custo? Richard Dawkins com o sorriso da Hermione. Mas como a síntese material perfeitamente TENSIONADA e RELAXADA da sua presença-bicho no mundo, coletivo de seres entre seres, gradiente assustado de dor e prazer, boca feita de bocas. Esse corpo que a gente então preenche em performance no ato de repetição do quê? Dos dinamogramas e este-reogramas de quem? Hein? Me diz. HEIN?

Ela olhava bem nos olhos de cada um, dois ou três segundos por vez, uma intensidade insuportável.

— E-eu não sei

— DOS MORTOS.

— Ah, sim.

— DOS MORTOS.

— Tá bom, calma.

— Entendi, Soraia. Tá bem. Como que diz aqui? Mete -em- psicose?

— Ô.

— O quê?

— Brincadeira. Vocês tão muito tensos. Sim. Quê que tem?

— Vem cá. Você acredita nessas coisas, mesmo? Eu te juro que não entendi ainda. Não estou brincando.

Que-ri-dinho. Não é questão de acreditar. Vê o glossário que eu trouxe

aqui, ó. Ajuda de-mais. ‘Acreditar’ não foi nem convidado pra essa festa.

Alguém aparecia bem perto da lente, nos fundos da sala e o vídeo terminava. O professor deu uma baforada e completou num tom peremptório.

— Viu? Não falei? Doida-doida, mesmo.

>>

84.

<

Murilo vai montar uma imagem do mundo a partir das imagens que chegam na sua tela. Ele fuma o cigarro lá fora e o apaga no copo americano com pouca água que estava na mesinha perto da cadeira, a imagem da sua ponta agora distorcida ali, refratada. Ele olha para o céu apenas porque sua cabeça está curvada e tenta ver alguma forma naquelas estrelas, algum daqueles desenhos vagos que ele mal conhece, as criaturas que eram vistas no céu, os corpos animados ali e que agora estavam dispersos por toda parte.

Quando ele passa pela sala sua mãe está fazendo as unhas, dá um mini pulinho sentada quando ele abre a porta.

— Nem vi que você tava aí. Cê tá fumando mais do que os dois por dia que você falou, hein?

— Tou não. Esse foi o primeiro hoje.

Murilo sempre sentia algo pontiagudo quando via sua mãe vulnerável, de alguma forma, tentando se arrumar um pouco mais e demonstrando uma vaidade que ela nunca expressava, mas que devia estar sempre lá, uma parte da personalidade que vivia embotada, dentro daquela casa, com um marido que nunca jamais passaria perto de conceber um comentário se ela fizesse algo no cabelo. Elizete parecia pouco confortável com roupas, tentando sempre ser discreta, mas ele já tinha visto fotos dela mais nova com roupas bem mais chamativas, uns sorrisos enormes que ele nunca viu ela produzir.

Nas poucas vezes que ele pensa em mostrar algo interessante pra ela no computador, ela geralmente faz uma cara simpática e distante para o que quer que seja e diz coisas vagas como: nossa ou puxa. Em seguida já sai do quarto com alguma desculpa.

— Deixa eu só ir lá na cozinha porque a água do café já tá fervendo.

Quando Murilo vai ao banheiro meia hora depois, ela adormeceu, o café pela metade já frio em cima da mesinha, na televisão uma senhora dublada fala da rara doença de pele do seu marido e da dolorosa operação experi-

mental a que ele vai ser submetido. Ele imagina de que forma que aquelas palavras horríveis podem estar de alguma forma passando pros sonhos dela, aquilo ali figurado de alguma maneira grotesca, ainda pior do que a realidade (que já era bem horrível, pelos segundos que Murilo acabou pegando). Põe a TV no mudo e vai pro quarto, as imagens agora passando pra ninguém, energia modulada pra nenhum efeito, a única imagem da sala agora inacessível por qualquer via ótica.

>

85.

<<

Tamires está lavando louça de fones de ouvido quando sente um toque no ombro. Convulsiona-se toda, derrubando a xícara na pia num estardalhaço de talheres. Era ela de novo, depois de três semanas sem aparecer nem dar notícia. Tudo sempre nos seus termos. A camisa velha esmaecida do Fugazi, as mechas lisas ao lado dos olhos agudos e fundos, a expressão toda tensa.

— Ei, querida.

— Porra, demonha.

— Foi mal. Mas dessa vez eu até bati. Você usa fones de ouvido *cem* por cento do seu tempo?

— Sempre chega assim, desse jeito. Caramba. Fantasma dum caralho.

— É meio emergência. Cadê o Renato?

— Pois é. Vazou de madrugada. Eu te mandei email naquele email. Tu não viu?

Ela faz uma cara de revoltada.

— Eu te falei, Tamires.

— Ué, queria o quê? Que eu amarrasse ele na cama? Eu fiquei toda dissimulada, chamando pra ver filme, os musical que ele gosta. Bandwagon. Jurava que ia funcionar. Ele jurou que tava com sono e que ia dormir, fiquei na sala a noite toda no computador zumbizando pra não deixar ele sair de fininho. De manhã só que fui ver que tinha saído pela janela. Levou um cacho de bananas, um rolo de papel alumínio e discriminou num papelzinho que deixou na cabeceira.

— Sabia. Depois eu te explico tudo, Tamis. Tão atrás dele. A PF e a ABIN. Ele não pode ir pro estádio de jeito nenhum.

— Pois é. Apareceu ontem o Nílson, aqui, um cara que a gente conhecia junto de BH. Dos vários amigos esquisitão do Renato dessa época. E que hoje é ABIN, tu imagina. Com um papo de que tão investigando o Renato

pelos sequestros. Eu gelei, mas ele não percebeu. Acho. Ele não parecia ter nem ideia de que eu podia estar envolvida. E eu achei que seria novidade pra ti, mas pelo visto não era.

— O Renato não pode ir pro estádio de jeito nenhum, Tamires.

— Cê falou que ele tinha que ficar no jogo, que ele ia performar o monstrão antes do avatar da criatura aparecer no jogo. Quê que vai acontecer hoje, afinal?

— Você vai ver. Eu mesma só sei metade. Ele não precisa estar no jogo hoje, isso era só conversa pra manter ele aqui. O monstrão performa a si mesmo tranquilo. A merda é que escondi umas coisas do Renato e acho que ele agora não confia mais em mim.

— Ele não viu a criatura? Eu tava sem saber se podia conversar com ele ou não.

— Ele nem sabe que ela existe.

— Por que não?

— ...

— Você não confia nele?

— Não é isso. Eu só fiquei com medo dele fazer algo troncho, sei lá. Tentar entrar no tubo, tocar nela. Contar pra todo mundo, começar uma religião. Você sabe, pô.

Tamires começa a rir muito, do seu jeito quieto, audível só no nariz fungando.

— Total. Renato super ia tentar transar com ela.

A outra também ri, finalmente.

— Aliás, eu tiro o fone de ouvido sim. Pra tomar banho e às vezes pra dormir.

— Mas não foi só isso. Eu admito que zoei um pouco com a cabeça dele. Vacilei.

— Como assim?

— Então.

Ela faz um sorrisinho sacana antes de contar.

— Eu queria entrar na cabeça de um cara específico lá na Califórnia, quando a gente foi, e uma amiga deu a ideia de como tentar chegar nele. O cara é completamente obcecado com o Império romano, com o Augusto, em particular. Daí a ideia da minha amiga era usar a tecnologia que a gente apanhou de realidade virtual imersiva e mascarar de outra coisa. Fingir que era uma tecnologia meio miraculosa de recuperar experiências do passado e tentar vender isso pra essa galera. Eu queria que o Renato vendesse o troço e pra isso eu mandei o caô pra ele mesmo. Um pouco como teste, até. Meio achando que ele não acreditaria, até. Mas acreditou. Ficou horas e horas usando a máquina, alucinando um bando de coisa da própria cabeça dele, misturada com o poder de concreção da máquina e achando que tava vivendo experiências reais do passado de outra pessoa, falando e entendendo grego, inglês elizabetano, iorubá, latim. A coisa é que, até onde eu entendo, a máquina acho que usa o maquinário neural de produção de sonho da pessoa misturado com nosso maquinário motor e sensorial bruto pra criar simulações tão vívidas quanto a realidade. E a imaginação do Renato é tão fértil e cheia de tranqueira que saiu voando na máquina. Eu botava um arquivo em branco pra gravar falando pra ele que era alguma coisa antiga desconhecida e ele voltava me falando que conversou com Sócrates, que transou com a Marisa Tomei enquanto Robert Downey Jr.. Eu gravei cento e doze experiências as mais absurdas e divertidas que cê pode imaginar, que agora tão em bibliotecas pessoais de alguns dos bilionários mais poderosos do planeta, que acreditam que são de fato recuperações do passado.

— Puta merda. Então foi isso, diaba.

Tamires dá um tapa na orelha da amiga.

— Ai, caramba. O quê?

— Ele tava todo-todo, esses dois dias que ele ficou aqui. Mais do que o normal. Bem mais. Mais do que na época do sítio. E umas horas que ele tava bêbado, falava umas coisas muito desconexas, uns comentários rápidos assim como se tivesse se lembrado duma vez que conversou com Spinoza, com Safo e não sei quem, e eu oi? Sem entender se era piada, se era o quê que era e ele só fazia um sorriso safado e desconversava.

— Pois é. Acho que eu vacilei mesmo. Mas ele vendeu o negócio tão bonito, cê não tem noção. Convenceu um tanto de bilionários e centimilionários a implantarem um troço estranhíssimo na nuca depois de quarenta

minutos de papo e uma demonstração tecnológica bem qualquer coisa. Foi incrível.

— Porra, tu também, né? Chega cheia das magia miraculosa, dos ET orelhudo e cê sabe que ele já te achava antes disso uma gênica de outro mundo. Desde que te viu abrir um fliperama em Belém pra geral jogar de graça. Claro que ele acredita em *qualquer merda* que você disser pra ele, né, safada. Parece que não sabe.

— Tu não teria acreditado. Eu achei que no fundo ele soubesse que era caô. Que ele tava só querendo levar aquilo adiante meio brincadeira.

— Cê vai e aproveita da inocência do Renato.

— Se tem uma coisa que o Renato não é, Tamis, é inocente.

Tamires quase sorri, mas de repente se lembra de algo com alarde, dá um tapa na amiga.

— Ou, vem cá, cê chegou tão tensa que nem deu pra perguntar. Responderam, afinal? Tou doida pra saber. A criatura engatou?

— Responderam.

— O verde tá vindo?

— O verde tá vindo.

As duas se abraçam.

>>

86.

<

Para: Mafrye@gmail.com

De: FBCarvalho@gmail.com

O condomínio onde eu moro é muito creize. Os cara pegaram um espaço enorme aqui perto de Goiânia e fizeram um subúrbio norte-americano perfeito. Sério, trouxeram consultores gringos e o caramba pra reproduzir num espaço de uns trezentos hectares as casas exatamente iguais às McMansões de rico americano. As parede de papel e tudo mais. Fizeram até um comércio local que parece um pouco aqueles *strip malls* americanos, com filiais de restaurante por lá que só existiam até então no Brasil em São Paulo (eu ouvi algumas vezes de amigas da minha mãe a alegria que elas pareciam sentir de poder ir naquele lugar enquanto as dondocas de Brasília e do Rio não podiam). Você pode andar nele um tempinho e ter até a ilusão de que está num lugar aberto, nuns trechos a vegetação que eles plantaram contribui com essa impressão. Mas o lugar é todo murado, com uma torre de vigilância camuflada de caixa d'água e acesso controlado por uns guardinhas com pranchetas que anotam o seu nome e RG, tiram sua foto antes de entrar. Meu pai é um investidor no condomínio desde o início e fez questão de ter a maior mansão, uma das poucas que não seguem o padrão territorial (já imenso). Parece a casa branca, a nossa. Com metade do tamanho, mais ou menos.

Murilo lia tudo que Fábio enviava com interesse. Não lhe escapava o tanto que o Fábio parecia construir aqueles emails com atenção, um texto um pouquinho mais trabalhado do que o seu normal.

Era estranho ter aquela narrativa criada só pra ele, aquela história real relatada como se ele pudesse oferecer resposta adequada, como se ele tivesse qualquer nível de sapiência do mundo real para dizer qualquer coisa. Murilo respondia apenas um quarto ou um quinto dos emails e deliberadamente demorava um pouco para fazê-lo, para não parecer que passava a vida dele fazendo exegese da vida alheia.

Esse pensamento engatilhou todo um sentimento enorme que sempre parecia já corrente na sua cabeça, todo um repertório reiterado sobre como ele conhece pouco do mundo, não viveu quase nada comparado com qualquer pessoa. A comparação constante com o amigo deixava Murilo com inveja, um sentimento que ele nunca gostou de notar em si mesmo. Ele sabia que, mesmo tendo menos possibilidades do que Fábio, muita coisa estava à sua disposição. Ele geralmente não pensava em si mesmo como tão sortudo, mas sem dúvida as condições materiais da vida dele eram bem melhores do que da grande maioria dos brasileiros (e, de fato, do mundo). Ele talvez conseguisse passar num concurso mais ou menos sem tanta dificuldade assim, se de fato se dedicasse por um tempo, conseguiria sair de casa e montar uma versão mais aceitável de si mesmo. Ir para bares ou, sei lá onde, entrar num site desses, arranjar uma menina ou um menino, transar e ver de uma vez por todas se gosta ou não. Esses ramos de vidas possíveis que ele poderia assumir sem tanta dificuldade assim viviam se desenhando na sua cabeça, mas ele nunca tomava qualquer atitude, nunca se movia em direção a nada. Murilo não conseguia nem conferir os detalhes dos editais de cursos, as abas abertas o dia todo com as informações até que ele as fechasse horas depois.

>

87.

<<

DIÁRIO DE UM INICIANTE NO CABOL

Dia 3

Quem liderava a nossa caravana era um jogador que vinha do Amapá, chamado APOCALYPSO. Um mutante cinzento enorme, parecia uma tartaruga humanóide, forte como o avatar do meu sobrinho e todo pelado (com um pinto do tamanho da perna do meu avatar). E todo inteligente, também, neuropata, controlando mentalmente algumas ações de bots simples e jogadores de nível baixo e explodindo coisas à distância.

Ele anda montado numa anta mutante descomunal e não carrega nenhum item. Eu provavelmente demoraria uns dois dias batendo nele com meu pedaço de pau para conseguir matá-lo (e no entanto ele é só nível quarenta e cinco, nem chega a ser um jogador tão forte assim no esquema geral das coisas).

De vez em quando avatares bem fracos chegam atacando sozinhos a nossa caravana. Não dá pra entender se acham que vão conseguir alguma coisa. O APOCALYPSO geralmente explode sua cabeça antes que tenha conseguido causar qualquer dano apreciável. Eu e os outros jogadores de nível baixo saímos do caminhão, nos aproximamos da sua carcaça para coletar os seus itens, que nunca valem muito. Numa dessas eu consegui um facão e um boné do Vasco.

Eu ouvi dizerem que quase sempre que rola um ataque tolo assim é algum bot confuso, sobrevivente de alguma batalha ou hackeado pra sair andando a esmo.

Enquanto eu tentava entender isso, um dos dois do meu lado ficavam falando sobre bots corporativos que predam outros bots soltos por aí e formam *mecha-bots* enormes, cheio de partes, como aqueles robôzões de seriado japonês dos anos oitenta.

Todos repetindo uma mesma frase promocional (vendendo pílulas dietéticas ou alguma marca de cadeira *gamer*). Eu não entendia direito o que eram esses bots, aqueles que atacavam nossa caravana pareciam humanos

normais, como muito avatares (alguns têm modificações, chifre, braços biónico, asa, umas coisas assim).

Os outros jogadores me contam também de uma lenda que começava a engrossar em todos os servidores. De um monstro que logo apareceria lá dentro, em breve, forçando os jogadores a se juntarem para proteger o seu pequeno universo persistente. A lenda começou a ser propagada por NPCs em todo canto, o que sugeriria que seria uma meganarrativa envolvendo todo o servidor principal.

Alguns nomes se repetiam nas conversas dos jogadores com uma frequência extraordinária, correntes como celebridades naquele mundo. Sarumão, Negodrama, <abertura.de.todos.os.santos>, A ELEGÂNCIA EM PES-SOA, druidster, Zumbi, Skitcho, Paraíba Blade, Rasputona.

Contavam das aventuras deles, das suas habilidades específicas, armas modificadas. O tom era de uma admiração distante, quase idealizada. Eram como heróis para aquela galera, parecia.

Dia 4

Ontem passamos por Minas Gerais. As estradas são lindas, serras pixeladas nos longes, cidades pitorescas de beira de estrada, personagens com sotaque carregado (alguns são NPCs propondo aventuras, mas há uma horda de bots educativos chatérrimos que correm por todo lado só repetindo citações aleatórias do Guimarães Rosa).

Ontem paramos num bar-puteiro e eu fiquei um tempo conversando com um avatar de uma garota linda. Obviamente sei que um avatar de uma menina linda dificilmente significa uma garota linda por trás, mas não deixa de ser divertido. Só depois da terceira vez que ela repetiu uma mesma frase é que eu percebi que ela não era uma pessoa de verdade. Eu me senti bem burro, mas o meu sobrinho me explicou que no CABOL mesmo para jogadores experientes não é sempre fácil distinguir quem é bot, quem é NPC e quem é jogador de verdade.

— Essa é uma das paradas mais divertidas do jogo.

Eu ainda tenho dificuldade de entender como, exatamente, que isso pode ser divertido, mas tudo bem.

>>

88.

<

Por meses, o único contato que os dois tinham era por meio desses e-mails (e as eventuais respostas, sempre curtas, de Murilo).

Pararam de conversar pelo chat, como se a relação tivesse se canalizado agora daquele jeito e só daquele jeito. Até que num sábado de noite a bolinha dele do nada deu sinal de vida:

— Murilovsk, tá online djow?

— tou.

— bicho tou em brasilia !!

— eita

— tou numa festa numa casa comedia duns artchista aqui na asa sul. -laje, chamam. Não quer chegar não?

— olha só. Po eu n tenho carro

— onde c mora? As vzs te dou carona. Se bem q tou mt loko no momento

— haha 711 sul

— !!!! a festa é na 707!!! chega mais!!!

Murilo teve um treco, um raio passou pela espinha até os pés. Ele nunca tinha conhecido pessoalmente um amigo de internet. Sempre eram duas esferas distintas: o mundo material em que ele se arrastava e comia mortadela e o mundo das telas que ele consumia com igual ou maior voracidade. Considerou olhar no espelho, tomar banho, trocar de roupa. Mas logo pensou que nada que pudesse fazer ali a esta altura do campeonato mudaria muita coisa. Escova os dentes, pelo menos, percebendo que não faz isso há dias.

Veste o casaco moletom com capuz, embora a noite esteja quente, e sai de casa tentando não fazer barulho. Era meia noite e quarenta, os pais estavam no quarto. Ele faz o trajeto a pé, o tempo inteiro pensando em como seria a cena de chegar numa festa onde não conhece quase ninguém.

Quando chega na 707 logo vê a casa que deve ser a da festa, com uma laje tomada de gente e música emanando forte do andar de baixo. Um cara e uma garota conversavam na frente, fumando. Murilo murmura alguma coisa quando passa por eles, mas não é notado.

Ele logo encontra Fábio sentado num sofá do lado de uma garota loira de cabelo raspado dormindo. Ela não parece bem. Ele põe a mão no ombro de Fábio, que vira e logo escancara a boca numa reação exagerada:

— MURILÊNCIA, tu veio mesmo!

Ele abraça Murilo com força, pega duas cervejas de um isopor no chão e os dois sobem até a laje.

Murilo sente que duas garotas muito bonitas e estilosas olham pra ele estranho quando eles chegam lá em cima. Ele mexe no próprio cabelo num reflexo automático que ele sabe bobo.

— Tudo bem, velho? Cê parece meio nervoso.

— Sei lá. Muito tempo que eu não vou numa festa.

Na verdade, aquela era a primeira de sua vida, não contando festas de família.

— Ah, pô normal. Tu prefere vazar?

>

89.

<<

Depois disso, tudo aconteceu muito rápido. Wellington já tava ligando 192 quando o gringo sem graça gritou que ele ficasse quieto, o dedo no pescoço do moleque. Disse, muito friamente, que Flávio já tinha morrido e não adiantava fazer nada.

O gringo sem graça pegou uns comprimidos da sua mala e falou para Wellington dar para Fabiana. Diante da cara tensa de Wellington, ele disse que aquilo a acalmaria, ajudaria a dormir.

— No máximo vai fazer ela esquecer tudo. Mas se fosse com você, você não ia querer esquecer?

Fabiana está tão tensa, acumulada num canto da cama, tremendo sem parar, que aceita as pílulas com um copo enorme d'água sem que ele precise dizer muito. Ela repete várias vezes que tinham que ligar para a ambulância. Ele nem responde, sem conseguir dizer a verdade, mas também sem conseguir mentir.

Na sala, o baixinho ruivo tá respirando rápido e bufando, ele cochicha algo para o gringo e de repente os dois olham para Wellington, que entende a expressão deles imediatamente. *Você é o nativo, é você quem mexe com coisas sujas. Você vai ter que se livrar desse corpo.*

Wellington nem começa a imaginar o que faria. Botar o cara no portamalas e jogar ele no Tietê? Ele não era um mafioso, caralho, ele só fazia filme de putaria. Wellington insiste que é melhor ligar pra uma ambulância, fazer tudo direito. Foi um acidente, afinal, ninguém queria matar o cara.

— Chamar a polícia não é uma possibilidade. Isso aqui é tecnologia militar em fase de desenvolvimento. Se isso aqui ficar público todo mundo aqui tá em muito perigo. Todo mundo.

Depois de muita discussão, o que se decide é que os dois vão ajudar Wellington a levar o corpo até o carro e ele vai deixá-lo perto de um posto de saúde, o gringo sem graça então vai ligar de algum orelhão longe de lá avisando onde está. Para tanto a comissão de Wellington vai aumentar du-

zentos por cento. Desse jeito, ele arrazoou consigo próprio, pelo menos a família pode fazer o enterro. Os três enrolam o corpo de Flávio numa roupa de cama laranja que encontram na casa e carregam até o carro de Wellington, um Celta de 2010. Ele fica apertado no porta-malas, a cabeça meio torta e isso de algum jeito deixa Wellington muito mais agoniado e horrorizado do que se o corpo tivesse com espaço tranquilo pra deitar. Sabe que não faz diferença, que o corpo não sente mais desconforto nenhum, mas ainda assim. O esculacho. O gringo e o ruivo baixinho falam que vão ligar de um orelhão perto de um *WalMart* que tem ali perto.

Quando batem o porta-malas e Wellington vai até o banco de motorista, ele consegue escutar os dois conversando baixinho, em inglês. Achando que ele não entenderia.

— E a garota?

— É uma pena. Mas vamos ter que lidar com ela também.

>>

90.

<

Os dois saem da festa e vão caminhando em direção ao eixão, atravessando a W3 vazia. Era muito estranho conversar com ele pessoalmente. Murilo estava acostumado a antecipar muito bem aquela pessoa, mas algo de importante mudava, ele via aquela voz como saindo daquela extensão tão alheia à sua, aquela presença extensiva de um corpo que ele não conhecia direito, que se mexia de um jeito todo próprio, a voz que saía como se de uma treva repleta de órgãos, um riso que ecoava e travava diferente do que ele lembrava, meio molhado e babado. Gengiva demais. Fábio era muito menos bonito ao vivo.

Murilo percebia agora que estava acostumado a tratar a voz do amigo como algo que emanasse de dentro da sua cabeça, um rebento da sua própria imaginação, mais um desdobramento da sua substância. Como todo o resto. E, no entanto, lá estava ele olhando para a quadra e rindo sozinho, com um jeito de andar inesperado, uma postura largada que ele não imaginava, um aperto de mão frouxo demais.

Faltava todo um acordo expressivo, um domínio de cadências em comum que facilitasse a interação ali entre os dois. Ele achava que já tinha isso perfeitamente instalado com Fábio, mas aparentemente só pra alguns meios. Não ao vivo.

E a possibilidade daquela ser a versão mais completa ou mais direta do que quer que o Fábio fosse no mundo, de Murilo estar todo esse tempo lidando apenas com um fantoche inautêntico que ele fazia de si mesmo, aquilo começou a lhe incomodar profundamente.

>

91.

<<

Cátia e Fabiana se conheceram através de uma amiga em comum, Julieta. As duas nunca foram próximas, mas já haviam saído juntas diversas vezes. Fora um par de situações em que ambas estavam bem alteradas, e das quais se lembravam precariamente, nunca tiveram muito papo. Fabiana achava as roupas e hábitos da Cátia em geral meio excêntricos, o que ela não escondia e vivia falando na cara (com outras palavras, como *diferente e fora do comum*). Cátia tinha um pouco de preguiça da Fabiana, principalmente por achar que ela só sabia falar de macho. O que queria dizer que as duas só se davam bem quando Cátia se via no humor ou no momento de falar muito de macho, seja por estar caçando um, seja por estar buscando alguém para reclamar daquela metade quase sempre tão canalha da espécie.

Por isso, Fabiana estranhou quando Cátia a chamou para tomar um café, de tarde, porque tinha que lhe contar alguma coisa. Fabiana nunca tomava café com ninguém, estranhou o convite. A relativa seriedade da ligação deixou ela inquieta. Que coisa séria a Cátia poderia ter pra lhe falar?

— Então, eu não sei nem como te dizer isso.

— Fala logo, mulher. Tá me dando nervoso, já.

— Um amigo. Amigo não. Um cara que eu conheço, ele viu umas fotos tuas no meu Instagram.

— Ahhm, é? É gato? Quê que ele faz?

— Então, não. Quer dizer, até que é. Mais charmoso que gato. Mas não é isso, ele não quer sair contigo.

— Quê que ele quer, então?

— É difícil de explicar. Antes cê tem que me jurar que não vai contar pra ninguém. Nem pra Julieta.

— Eita. Tá bom. Mas por que?

— Você vai entender.

Fabiana estava curiosa. Cátia parecia constrangida medindo palavras.

— Quê que você acharia, assim, da ideia de, tipo, fazer um pornô?

Fabiana faz uma cara de confusa, quase de pavor.

— Mas pera, não responde ainda. Não seria com qualquer cara, você pode escolher o cara. Pode ser teu boy lá. Quem for. E não vai circular, é pra uso privado. Eles juram, pelo menos. Dizem que botam isso no contrato de retinho e tal. Se você conhecer algum advogado pode mostrar. Eu não conheço. Acho que esse cara não é sacana, mas sei lá.

— Como assim?

A cara dela era de incredulidade, mas uma incredulidade amigável, curiosa.

— É difícil de explicar. Eu mesma não entendi tão bem. É tipo um negócio de realidade virtual, acho. Mas, tipo, não tem câmera.

— Oxe.

— É. Pelo que eu entendi é como se o cara gravasse a sensação dele. A sensação toda. É bem maluco o negócio. Parece que eles não divulgaram a tecnologia ainda, ainda é experimental, por isso não pode divulgar.

— E esse cara quer me comer?

— Então, não exatamente. Você pode escolher com quem você transa, mas o cara vai gravar a experiência toda.

— Sim, eu entendi isso. Mas ele quer então a experiência de me comer?

— Isso, é. Eu sei que é esquisitão. Mas assim parece que não tem nem como o negócio vazar na internet, nem nada. Pelo menos não ainda. Sei lá, né, também. Mas enfim, então, honestamente me parece bem mais de boa do que fazer um pornô normal, na real. Ninguém vai ver fora um rico maluco aí nojentão. O esquisito só é que você transa com o cara usando lá um equipamento na cabeça.

— Você fez?

— Não. Eu ia fazer, mas depois que ele viu tuas fotos no meu perfil ele mudou de ideia.

— Sério?

— Sério. Ruim pra mim e bom pra tu. Vou pedir só um agradozinho pela indicação, mas você decide quanto que é justo.

As duas riem. Não conseguem olhar diretamente uma pra outra. Quando param, a expressão é ansiosa.

— E quanto é que ele ta oferecendo?

— 30 pau.

— 30 mil reais?

— Isso. Os cara ganha em dólar, né, minha filha. Mas tem que assinar um negócio prometendo que não conta pra ninguém e parece que não pode mesmo, que os caras processam, sei lá o quê. Mas não tem motivo pra você contar, né?

Fabiana ficou girando o próprio celular em cima da mesa, sua expressão se soltando com cada rodopio até dar num rosto ausente. Era mais ou menos quinze vezes o que ela ganhava por mês como secretária dum escritório de advocacia.

Cátia pensa nos filmes que ela fez quando mais nova rodando até hoje nessas porras desses sites. Dando dinheiro pros outros e pra ela nada. Pensa em falar pra amiga sobre essa possibilidade, mas acha melhor não. Até porque ela não sabe desse detalhe do seu passado. E com a Fabiana não aconteceria aquilo. Com ela daria tudo certo.

>>

92.

<

— Lá na festa eu tava com uma galera das antigas com quem minha persona mais canastrona é motivo de assim muita alegria. Muito deleite. Eles me adoram, é uma merda. Mas um troço assim sem proporção. Tu não imagina. São uns caras com quem eu estudava na porra dum cursinho de inglês e de quem fui muito, muito bróderes quando tinha uns treze pra quatorze. Mudaram todos pra Brasília depois.

— Boto fé.

— Eles são meio nerds, tem uma vida muito quieta e me acham hiperdoidão e extremo e aventureiro e absurdamente, absurdamente pegador (e pros padrões deles de fato eu sou praticamente um Renato Gaúcho, sem dúvida). Eu descobri a festa por uma amiga da minha namorada, trouxe eles aqui pra dar em cima duma garota. Idiotão. Eles tavam achando a casa da festa a coisa mais porralouca do mundo. Eu gosto deles, mas é muito cansativo performar esse personagem o tempo todo, já tava de saco cheio. Foi bom fugir.

Murilo ainda tinha a cara franzida, ele sabia, e não sabia até onde ela tinha sido registrada pelo amigo ou não.

Fábio tava com um sorriso fixo estranhamente puxado. Não era só que ele parecesse pouco convincente, o que para Murilo era bem comum (quase toda exultação tendia a parecer forçada para ele), mas era como se Fábio tivesse esquecido como que pessoas sorriam. Tinha no máximo um preparo chorado pra um gesto ali, se isso.

Murilo não mais sabia com quem ele estava falando.

— Por que você tá falando assim, Fábio?

— Assim como.

— Ah, sei lá, deixa, acho que é viagem minha.

— Não, uai, fala, assim como?

— Parece de desenho animado, sei lá, afetado, assim, cê fala assim sempre? Só te vi na câmera umas duas vezes.

— Eu tou meio histérico, eu sei, tou te falando, aconteceram umas paradas. Eu nem te falei o que tá rolando, né? *Tre-ta, tre-ta, tre-tinha.*

— Não, diz aí.

Fábio desconversa, muda de expressão.

— A minha mãe é meio japonesa e meio loira. Já te mostrei foto? Uma configuração muito própria, assim. Digo objetivamente. Nunca vi em atriz nenhuma. Ela até foi modelo, por um tempo, antes do meu pai casar com ela e encher muito o saco pra ela parar de trabalhar. *Um negócio assim suspeito como ser modelo, que é quase eufemismo de meretriz*, o babaca fala até hoje, pra tristeza dela. E ela foi mó bem-sucedida. Ganhava bem, embora tenha parado de viajar pouco depois deu nascer. Chegou a estar numa campanha internacional grande de marca de perfume chique aí. Ela ainda tinha guardado dois comerciais que ela fez, em fita, e alguns dos ensaios, num livro enorme que ela mandou encadernar. É difícil pra mim ver minha mãe naquela imagem tão produzida, tão montada. Bonita pra caramba. Pra não dizer outras coisas. É uma foto bem boba, dela rindo, numa praia. Eu lembro de achar a propaganda pouco original, pouco criativa, como se de alguma forma isso me desapontasse.

— ...

— Eu só cheguei uma vez um out-door com foto dela. Foi de uma campanha que durou um tempo inesperado, porque parece que começou a funcionar de maneira inesperada com algum demográfico específico que eles nem estavam tentando alcançar, exatamente. Não sei porque falei isso agora. É mentira. Ela foi modelo, sim, mas todo o resto que eu falei foi mentira.

Murilo ficou surpreso. Não soube nem o que responder.

— Na real muito do que eu te falei nesses e-mails era mentira. Eu não fui a várias daquelas viagens, não comi todas aquelas garotas. Algumas coisas eu pegava o começo e aumentava. Mas tudo tem um fundo de verdade

—

— Aconteceu um troço comigo, bicho, e eu tou tendo, sei lá, é estranho, uns problemas. Tá abrindo meio que umas partes da minha interface normal com as coisas, como que subdividindo tudo em abas e mais abas, desfolhando igual uma alcachofra infinita. Tem hora que parece que eu tou mais livre ou mais sei lá o quê mas aí é aba demais, também. Eu não consigo fazer

nada. Eu só fico me desfolhando e desfolhando. Entende?

O sorriso de novo, falho, inconvincente. Parecendo involuntário. As so-brancelhas como que falhando, tremendo.

Murilo estava segurando um sorriso e fez algo como “hmmm”, num tom que era pra ser inquisitivo, meio brincando, mas depois de dito ele já não tinha tanta certeza se havia soado nesse sentido ou não. Ele sabia que não devia ser irônico, mas não conseguia segurar o impulso. Como se uma parte dele ainda suspeitasse que o amigo estivesse brincando, curtindo com a sua cara.

— *Alcachofra infinita*. Bom nome de álbum.

>

93.

<<

Eliot acorda com o alarme às nove. Pede em voz alta e bem-enunciada para que sua assistente virtual pessoalmente customizada, Sandra D, ligue o chuveiro. Vai tirando a cueca e as meias enquanto anda, quase caindo no processo. É só quando o jato d'água bate forte e quente no seu peito e no couro cabeludo que ele lembra da noite anterior, o motivo de ter acordado tão puto.

Teve um encontro no *Tinder* com um garota chamada Emily e foi péssimo. Ela era alta, morena e linda, com olhos puxados e uns peitos inacreditáveis. Muita areia pro caminhãozinho dele, claro. Em condições normais. Mas falava no perfil que tava a fim de caras com independência financeira e que sabiam o que queriam. Ele tentou mostrar toda sua autoconfiança, além de ter sido educado e cavalheiro.

E no final a vadia não quis nem dar pra ele. Falou que ele era legal, mas que achava que eles não tinham se conectado. Isso depois de pedir lagosta. E ainda ficou revoltada quando Eliot constatou esse fato, que não era mais do que um fato. Sair para jantar com alguém era uma espécie de troca, ignorar convenções significava renunciar os termos da vida em sociedade. Ele lembra de falar isso rindo, enquanto pedia um *Uber* pra ela (“não, eu não vou te levar em casa. Pra quê? Você já falou que não tá interessada”). Ele tinha exagerado um pouco, talvez, mas a garota era uma aproveitadora.

Ficou pensando em como o *Tinder* e todos esses outros aplicativos eram ruins e como deviam desenvolver alternativas mais diretas, com menos espaço pra esses desastres assim. As pessoas deviam saber direitinho o que esperar quando vão sair com alguém, não devia ser essa roleta tão desoladora. Se organizar a interface direito, todo mundo sai ganhando. Mas não. Imbecis por toda parte.

Quando ele sai do banho e vai até a cozinha, no primeiro andar da casa, sente água nos pés e quase escorrega. O chão tá completamente molhado. Vê que a pequena tela na porta da geladeira tá com uma cara triste e que a água parece ter vazado dela. Ele xinga o nome da companhia coreana e gri-

ta para Sandra D lembrá-lo de mandar um e-mail para o CTO da empresa, que ele tinha conhecido num jantar no ano anterior. Amadores e imbecis por todos os lados.

Quando sai de casa, Eliot encontra uma manhã agradável e ensolarada de primavera. Encara as colinas diante dele e mentaliza um brevíssimo momento de gratidão de morar num lugar tão bonito. Tecnicamente ainda é São Francisco, mas ele só vai para a cidade muito de vez em quando. Fica muito mais ali no trecho entre Menlo Park, até Mountain View, em um pequeno punhado de cafés, açáizerias e *lamens* da moda, onde ele sabe que pode encontrar casualmente alguns luminares da indústria, seus pares (que nem sempre retornam suas mensagens).

O presidente do Google passava sempre num mesmo Starbucks, mas isso já tava tão manjado que aparecer por lá sem ser vizinho parecia desespero ou tietagem. Eliot espumava de raiva quando cumprimentava um desses e o cara fazia aquela cara de paisagem, de “Desculpa, nós nos conhecemos?”. Aconteceu uma vez com Peter Thiel, semanas depois de ter conversado quase meia hora com ele num jantar. Ele agora fantasiava situações em que Thiel perdia tudo e precisava da ajuda dele. Todo dia.

Hoje Eliot não encontra nenhum conhecido quando chega. Pede sua torrada com abacate e um machiato, fica rolando a barra de suas redes sociais sem prestar muita atenção, uma das orelhas recebendo um podcast no seu fone de ouvido sem fio. Até que cutucam seu joelho. Ele olha, lá está Deepak, com sua cara de satisfação gratuita. Um tonto herdeiro de mineração vindo de Nova Délhi que investiu cedo no facebook parte da grana da família, vendeu num bom momento e hoje pagava de sábio dos investimentos. Não tinha acertado uma desde então. Até naquele processador de alimentos pretensioso de *hype* hiper inflado ele havia caído.

— Ei, Eliot. Tudo bem, bro? Cê tá fazendo alguma coisa?

— Trabalhando um pouco, por quê?

— Vem comigo, vou encontrar o Jason na casa do Sergey. Ele falou pra não levar mais ninguém, mas a gente pode falar que você insistiu. Você vai me agradecer.

— Sério? Fazer o quê?

— É segredo. Não conta pra ninguém. Sergey quer experimentar uma

máquina nova, um protótipo secreto não sei de quem. Não é deles. Parece que faz toda realidade virtual parecer pintura rupestre.

Deepak faz uma cara satisfeita, expectante. Eliot não consegue nem responder. Embora não se perceba de logo, pela falta de contraste, Eliot empalidece bruscamente.

>>

94.

<

Daonde que tava vindo aquela merda toda? Murilo quer mudar de assunto, mas não consegue pensar em nada mais leve para dizer. Eles geralmente tinham tanta coisa pra falar um pro outro. Do nada Fábio começa a cantar com uma voz empostada, grave:

— Rir pra não cho - rar.

Murilo ri.

— Tu se sente super brasileiro, né, Fábio?

— Pô, sim. Que pergunta, assim, do nada. Tou no roda-viva de repente.

Murilo ri de novo e pergunta.

— Mas como que funciona? É um troço meio Mário de Andrade, meio Galvão Bueno?

— Ah, sei la, é meio isso, mesmo. Um troço bobão assim afetivo muito forte assim Brasil-zil. Bem assim mesmo. Mesmo sabendo que é um fazendão desgraçado com uma pá de gente pra moer, isso aqui.

— Tá. Mas por exemplo o Cartola.

— Hm. Top 5 serumano.

— Ele é um grande artista, claro. Mas o que torna ele tão expressivo pra tu é a figurinha lá dele.

— Ué, sim, talvez.

— Tu escuta e fica com essa coisa toda no coração, porque é um sambista das antigas, de raiz, preto, pobre.

— É a imagem dele, sim. Quê que tem? Igual o Tolstói, a Safo. Igual qualquer coisa. A imagem vem sempre embutida do resto. Do rastro.

— Não, né? Nem vem. Tem um exotismo de você nas suas circunstâncias indo atrás daquilo. É como branco rico escutando rap.

— Eu escuto rap todo dia. E eu sou mais branco e rico que bater em mãe.

— Eu sei. Eu também acho legal algumas coisas, mas tu não acha que é meio estranho alguém como tu consumir aquele negócio do mesmo jeito de alguém que se identifica de verdade com a parada?

— Como assim?

— Como que tu se sente quando eles falam de matar playboy, essas parada?

— Ah, eu acho massa.

— Mas tu entende que tu efetivamente curtir isso é curtir uma imagem de tu mesmo sendo morto?

— Claro né, mas eu me odeio mesmo, tá ótimo pra todo mundo. Todo mundo ganha.

— Tá, mas não é meio óbvio que você escuta pra sentir menos culpa ou algo assim? Pra fingir que você tá do lado deles, quando você claramente não tá.

— Possivelmente, mas não só, ué. O mesmo pode ser dito de um ateu lendo Dante, sei lá. Cada um com suas fantasia.

— Sei lá, só acho meio ridículo.

— Boto fé. Ridículo acho que é mesmo.

A cara de Fábio entorta, ele começa a chorar e a reação de Murilo é de involuntariamente franzir o rosto, como alguém que não acredita que aquilo está acontecendo. Ele não tinha os instrumentos pra lidar com aquilo, ele mal conseguia se compreender efetivamente metido naquela situação. Claro que ele conseguia depreender de vários filmes que ele podia abraçar o amigo agora ou pelo menos falar um punhado de coisas minimamente positivas. Mas ele não conseguia achar uma única ação que parecesse adequada, definitiva. Tampouco era pequeno o medo de parecer gay, um pensamento que ele sabia que era profundamente tolo, mas cuja presença na sua cabeça parecia só dobrar depois dele notar pra si mesmo o tanto que era tolo.

>

95.

<<

Wellinton está na marginal Tietê a mais de cem por hora quando o celular começa a vibrar, furioso, no porta-copos. É a Cátia. Ele trava todo. Tudo menos ela, agora.

— WELLINTON, PORRA.

— Opa.

— Porra, mano. Quê que rolou ontem?

— Oi?

— QUÊ QUE ROLOU ONTEM? A Fabiana me ligou aqui desesper-

— Tá ruim a ligação, tou entrando num túnel. Me liga daqui vinte segundos.

Ela bufa como quem não acredita.

— Tá bom.

Wellinton tinha que pensar. Ele tava com o corpo no porta-malas, não tinha mais volta. Lembra do gringo sem graça falando que lidaria com a garota. Em filme, ele sabe o que isso sempre quer dizer. Uma coisa era o coitado do cara morrer, foi acidente. Nem os gringos queriam aquilo. O que quer que eles fizessem agora também não mudaria isso, não adiantava nada. Cabou-se. Outra coisa era matarem a menina agora. Isso seria muito pior. A frase do gringo tava reverberando na sua cabeça há vinte minutos, mas uma parte dele tentava adiar uma decisão enquanto fosse possível, pra que não tivesse que tomar nenhuma decisão drástica.

Wellinton não saberia dizer se foi o medo de se ver responsável por outra morte ou se foi mais o pavor de imaginar a cara da Cátia descobrindo aquilo, cheia de raiva dele e com toda razão. Aquela cara tão linda. Retornou a ligação antes que mudasse de ideia.

— Então. A tua amiga tá em perigo. Onde que você tá?

— Como em perigo? CÊ TÁ LOUCO, MANO?

— Teve um acidente ontem. O Flávio morreu.

— Como assim? Caralho, Wellington.

— Sério. Acidente. Rolou. Já foi. A máquina lá deu xabu. Os gringo me arrumaram uma porra numa máquina fuleira. Não foi culpa minha. Não foi, Cátia.

— A Fabiana me ligou agora falando que tava sem nada na casa, sem celular, sem dinheiro. Onde que ela tá?

— É rua Pedroso de Moraes cinquenta e oito. Cinco oito. Pinheiro. Mas fala pra ela sair de lá imediatamente. Agora-agora mesmo. Eles vão matar ela, Cátia. Eu te juro que eu não sabia que eles eram ruim desse tanto. Eu juro.

Cátia desliga e retorna o número que ligou para ela minutos antes. Quando o telefone toca Fabiana está tentando enrolar uma toalha de mesa como saia. Ela pula ao longo do sofá para atendê-lo logo, na mesinha de canto.

— Cátia?

— Menina, falei com o Wellington e ele falou pra você sair daí agora. Cê tá em perigo, Fabiana. É sério o bagulho.

— Como assim? A porta tá trancada.

— Porra, arromba, sei lá. Mas vaza daí. Você tá em Pinheiros. Rua Pedroso de Moraes cinco oito. Eu vou arrumar um jeito de chegar aí.

— Eita, tou mesmo. Agora que tu falou eu lembrei. E o Flávio, cadê ele?

— Esquece o Flávio agora, só vaza daí. Entra na primeira lanchonete ou padaria aí perto que eu vou te caçar. Eu não tou tão longe.

Fabiana desliga o telefone e procura algo pesado na sala. Ela ainda não tava bem das ideias, as formas de tudo que ela encarava pareciam instáveis, tremendo. Tudo queria ser outra coisa além do que era de fato. Tudo estava onda estava e em volta também. Até as mãos dela pareciam indecisas quanto a isso de continuar obedecendo a sua vontade. Joga primeiro um livro enorme de arte (GIACOMETTI) no vidro que separa a sala do jardim, mas ele só faz bambejar num estardalhaço, não quebra. Ela pega uma luminária metálica e bate a base contra o vidro com toda sua força, uma, duas vezes. Na terceira o vidro começa a trincar, bem quando ela ouve a porta da frente abrindo, o gringo sem graça (que ela reconhece como se de um abismo

assim que vê) vem entrando e logo tirando do bolso uma pistola prateada.

Fabiana faz o último golpe que enfim estilhaça o vidro, mas o gringo sem graça aponta a arma e grita um HEY de filme, ridículo, apontando firme a arma, o que faz ela parar, tombando a luminária ao chão.

>>

96.

<

— Foi mal. Nada a ver eu falar isso.

— De boa, de buenas, de buenas noches. De buena vista internacional social club.

— Você tá falando esquisito, bicho.

— Eu sei. Essa é uma das coisas.

— Que coisas? Tu diz tipo sintomas?

— Não exatamente, mas tipo isso. Tá rolando um momento tenso agora, nos últimos dias. Não tou bem das ideia não.

— Como assim?

— Não sei. Não sei explicar, assim, mesmo. É uma crise aí sei lá, uma parada dessas. Crise de nervos. Colapso nervoso. Colepso nervioso. Já leu o Schreber? Lindo. Quer dizer. Se fosse um filme, saca. Seria lindo. Mas aconteceu, ele sofreu mesmo aquelas coisas. Não é brinquedo não. Doidura não tem graça não, Edileuza. Eu não saberia como descrever, na real, estou tentando arranjar um nome adequado com ajuda profissional há uns dez anos, ninguém consegue me dar um que me satisfaça. Então chame de Clóvis Bornay, de Ishmael, de Runpestilskchinchariol.

— Boto fé. Mas é tenso mesmo?

— Porra, muito tenso.

— Quão tenso?

— Tenso pra caralho. Como assim, tu quer um número?

— Foi mal, só quero entender com o que tamo lidando aqui. Tu sempre me pareceu tão tranqs. Super jazzys.

— Eu já fui em tudo que é psicanalista e terapeuta e o caralho, todo mundo me dá uma ajudinha, uma interfacezinha pra lidar com aquela parada, mas eles não acabam com ela, eles não chegam nem a lutar contra ela, de verdade. Mal chegam nos domínios dela, entende.

— Do jeito que você fala parece um demônio, né?

— É. Quando eu tinha uns doze anos eu pensava nela como quase literalmente aquele simbiote do Homem-Aranha, aquele bagulho negro que se pega na pele dele, tal.

— Mas então ele te dava poderes?

— Heh. Bem vindo a imaginação de um moleque inteligente, dramático e mimado como um pequeno rei chinês na dinastia Ming, sei lá.

— Boto fé.

— Nem sei o que acontecia na dinastia Ming.

— Eu tampouco.

— Mentira sua. Cê sabe de tudo que eu sei. Cê sabe quem é meu pai, não sabe?

— Sei.

— Então, tem a ver com essas parada. A noia. As noias.

— Hm.

— Eu penso nele morrendo todo dia.

— Eu também não gosto do meu pai, normal.

— É estranho ser filho de um dos caras mais odiáveis do país.

— Acho que a maioria das pessoas nem sabe quem ele é. Ainda mais fora do Goiás. Tem muita gente pra odiar no Brasil, bicho, serião. Galera tá cagando pra ele.

— Boto fé. Deve ser.

— E não é como se não tivesse suas vantagens, né? Vamo combinar.

O rosto de Fábio se acende, por um instante, com alguma expectativa.

— Claro. Mas eu sempre admito isso. E ou, vem cá. Eu tou querendo há um tempo te perguntar um negócio. Um negócio meio sério. Você não... O seu pai.

Ele não consegue terminar a frase. Fica olhando pro além.

— O quê? Quê que tem meu pai?

— Nada não. Esquece.

Ele parece cada vez mais tenso, olhando pro celular o tempo todo. Não

tava tão tarde, uma e pouco.

— Eu tenho que ir. Volto hoje ainda pra Goiânia.

— Sérico? Cê tá em condição de dirigir?

— De boa demais. De boaça. Até a gente chegar lá eu tou melhor. Tomo uma água e pronto. Xablauson. Tou acostumado a dirigir de madrugada. É só uma terça feira como qualquer outra.

— Hoje não é terça.

— Você entendeu.

Os dois caminham de volta até a 707, onde está estacionado o carro de Fábio. Em silêncio quase absoluto. Para distraí-lo e dissipar a onda ruim, Murilo conta pra ele a trama do *Manuscrito encontrado em Saragoça*, do Jan Potocki, o tanto que ele lembrava, inventando o que não lembra. Murilo parece muito animado para lê-lo. Ele se despede com um abraço muito forte que Murilo corresponde com os braços frouxos e o torso quase se recolhendo.

>

97.

<<

Eliot entra no carro revoltado. Era o segundo número que ele ligava e não atendiam. Os filhos da puta do DOD sempre disseram que estariam sempre à disposição. O caramba. O caralho. Ele estava bufando, percebe, o que não era bom. A descrição de Deepak, mesmo imprecisa, foi mais do que o bastante. Era a máquina dele. Nas mãos de algum golpista. Como que esse filho da puta botou as mãos imundas na sua máquina? Será que era alguém do próprio projeto tentando ganhar uma grana por fora, vender a tecnologia pra alguém? E, aliás, como que o *Sergey* se mete numa dessas? Isso é tédio? Eliot sempre foi da opinião de que o cérebro todo da dupla era o Larry, mesmo. Aquilo só confirmava. Conecta o celular no *bluetooth* do carro e tenta a terceira ligação, agora diretamente para o diretor da DARPA. Ouviria umas boas.

Eliot não disse para Deepak que a máquina era sua. Só disse que iria junto, mas no seu próprio carro. Ele e seu Tesla tentam entrar logo na estrada para chegar na casa o quanto antes, confrontar o filho da puta, mas precisa esperar um Toyota indeciso na saída do estacionamento do café. Eliot grita de raiva, esperneia. Uma criança no Toyota encara ele, abismada. Ele se recompõe.

Pensa em ligar para a polícia, mas depois percebe que não é exatamente um crime que se prende assim em flagrante. Roubo de segredo industrial? Ele nem sabe se é um crime, exatamente, mas deve ser. Tem que ter sido um funcionário da DARPA, um problema interno deles. Ele só não quer ser fofido nessa história. O mapa estima doze minutos até o endereço. Ele quer chegar em menos de cinco.

O carro de repente tranca as portas sozinho. Eliot estranha. O volante trava por um instante, mas volta a se mexer em seguida. Ele fica nervoso, começa a bufar mais rápido, sem controle. Decide parar, vê que o acostamento à direita leva a um posto logo ali na frente. Pensa que é melhor lavar a cara e ligar com calma antes de continuar dirigindo. Vê que a tela enorme que fica no meio do painel tá piscando uma mensagem de erro. O volante trava de vez. Logo adiante há uma curva brusca e além dela um precipício

desembocando em pedra e folhagem seca. O carro acelera.

>>

98.

<

Fábio ofereceu para me dar uma carona, mas eu falei que o caminho a pé era mais curto, não precisava. Me arrependo de dizer isso assim que o carro dele sai. Minha bermuda está desajeitada, minha cueca me incomoda por baixo. Minhas pernas estão incômodas, roçando a gordura uma na outra. Não estão doendo, exatamente, mas é como se eu estivesse desaprendido o uso delas, o que se faz daqueles objetos no mundo, a interface com os diferentes materiais (grama, cimento, terra).

Eu chego rapidinho na W3, vazia. Eu a atravesso tranquilamente, nenhum carro por perto, só dois passam na outra pista, espalhando o pouco de água que ainda está ali, em alguns cantos, em algumas poças e remendos mal feitos de asfalto, irregular e lisa como a pele dum rinoceronte velho.

Eu ando rápido pra passar pela banca e a passagem ali entre lojas, que tem um bar que eu espero que esteja aberto à essa hora. Ele está. Eu sento numa mesa do canto e peço uma cerveja, coisa que nunca fiz na vida. Eu não sei se tenho dinheiro na carteira no momento. Eu decido checar antes de me sentar, a minha carteira roxa de velcro que deve ter uns dezesseis anos, no mínimo, sem nenhum documento ou moeda, apenas uma nota de vinte reais solitária e magnânima, com seu mico-leão dourado. Isso deve me dar duas garrafas, eu penso (deu uma e troco). Pra quem não bebe há anos, basta.

Na televisão está passando o último jornal da noite, onde falam dos gols da rodada. Dois senhores ali fazem comentários pouco convictos sobre o campeonato brasileiro, exercícios fáticos vazios que não recebem encorajamento. A cerveja vem gelada anestesiando a garganta.

>

99.

<<

Nílson anda apressado pelo anel interior do Mineirão, tenso. O jogo já terminou, mas alguma emergência impede o estádio de ser evacuado. Anunciaram isso assim que o jogo terminou, mas Nílson não conseguiu entender o que foi dito, os alto-falantes eram péssimos. A confusão parece generalizada, todo mundo tentando usar o celular, sem sucesso. Muitos parecem desesperados com suas telas subitamente apagadas. O gringo havia sumido de vista ainda no primeiro tempo e só no final do jogo Nílson foi ler a mensagem alucinada do filho da puta, quinze minuto antes, falando para encontrá-lo IMEDIATAMENTE, sem dizer onde estava. E o seu celular em seguida desligou sozinho, antes de Nílson responder. O que nunca havia acontecido antes.

Eles haviam se encontrado na véspera, no bar de um hotel na rua do contorno, em Belo Horizonte. Um funcionário do hotel o chamou de Sr. Aaron, o que o fez se apresentar, em seguida, constrangido, como Timothy Aaron. Nílson ficou feliz de finalmente descobrir o nome daquela desgraça.

No hotel, Timothy não apresentou nenhuma informação nova, apenas reforçou sua impressão de que algo muito grave poderia acontecer no jogo. Nílson fingiu seriedade, mas estava rindo por dentro da paranoia ridícula. Ele ainda não sabia, no geral, o que achar da paranoia do Timothy. Havia prometido lhe entregar o inquérito da Polícia Federal, mas não entregou. Foi enrolado da parte de lá e hesitou em buscar pressão externa. Tampouco protocolou a aproximação de maneira apropriada no sistema interno da própria ABIN. Mesmo tendo confirmado o contato inicial com o departamento de estado, Nílson às vezes ainda temia que estivesse lidando com um charlatão, ou, quem sabe, com um ex-agente afastado por problema mentais. Mais uma papagaiada na ABIN e ele viveria o resto da sua vida como o café-com-leite da repartição.

Pensa em voltar para o estacionamento, onde tinham se encontrado horas antes, em uma zona de segurança duplamente reforçada. Mas não sabe se conseguirá chegar lá, tem gente acumulada em todo canto tentando sair e não estão deixando, as pessoas estão todas com uma cara de pavor, come-

çando a se empurrar.

Nílson admite para si que até o final do primeiro tempo estava pensando muito mais no jogo do que na suposta ameaça. Ele, que não torcia tanto pra futebol tinha tempo, que tava puto com aquela Copa desde que foi anunciada, não conseguiu evitar aquele sentimento antigo, infantil, de vencer todo o mundo. Cagar na cabeça de italiano e argentino. Ele que não ia num estádio desde a infância se viu gritando o hino nacional (o *hino nacional*) como um doido. Estava trabalhando, oficialmente, mas era claro que todo mundo ali acabaria assistindo o jogo. Achou foi bom o sumiço de Timothy, para poder torcer tranquilo.

E aí veio a humilhação. Os gols infantis, como que de treino, sucedendo como *replays* ao vivo. E Nílson se arrependeu imediatamente de ter cedido àquele sentimento, sentindo aquela humilhação com um gosto ainda pior por estar ali na presença de estrangeiros, dos chefes das seguranças das delegações de outros países. Toda a tosqueira e a inferioridade do seu país esgarçada e devassada na frente de todo mundo. A vergonha e a raiva que ele sentiu de todos aqueles milionários todos no campo.

Foi só depois de engolir com dificuldade essa humilhação que ele se lembrou da suposta ameaça terrorista que pairava sobre o dia. E de algum jeito o clima ominoso daquela derrota humilhante passou a tornar a ameaça mais crível.

O primeiro sinal que fez Nílson começar a levar a história a sério foi quando Tamires mencionou que Renato achava que tinha viajado no tempo, isso depois do Timothy ter lhe dito que um golpe mais ou menos nesse sentido estava sendo aplicado no Vale do Silício. Afinal, antes disso Nílson também já tinha ouvido um boato vago, num fórum, de que Renato estava de alguma forma conectado ao CABOL, o jogo no qual ele próprio havia se tornado viciado até ser pego jogando no trabalho (o que jamais aconteceria se ele tivesse algo para fazer durante o expediente, aliás). Mais especificamente, que um personagem muito importante no jogo, O COMEDIA, menos por ser um jogador de alto nível e mais pela performances e pegadinhas que pregava em vários servidores, gravadas e reproduzidas em plataformas de vídeo.

Se Renato de fato estiver envolvido nisso, se ele de fato achar que viajou no tempo, a conexão dele com essa história bizonha do Timothy de uma

conspiração terrorista transnacional tornar-se-ia também mais crível. Absurdamente. Mas antes dele dizer algo a Timothy nesse sentido, viu aquela fita na UFOP com a apresentação maluca do Renato e percebeu que devia ser tudo só coincidência. Essa possibilidade parecia fazer mais sentido, para Nílson, do que imaginar Renato metido em algo tão técnico. Tão complicado. Por mais que fosse só um trambique, no fim das contas.

Ali no estádio o sentimento volta a ficar incerto. E ele não encontra de jeito nenhum a porta de acesso restrito pela qual tinha chegado ali mais cedo. Está num corredor interno de onde pode ver a reação de pessoas que chegam e saem das arquibancadas e camarotes. Quase todos nervosos, Nílson percebe, e agora como que de um pavor renovado e amplificado numa onda súbita. Ele nota que o céu escurece, embora não passe de cinco e pouco. Ele anda apressado pra fora do corredor para ver melhor o céu. Seu esfínter trava.

O teto aberto do estádio está sendo tomado por revoadas gigantescas de pássaros. Tantos que tapam a luz do sol. E de tipos diferentes, em redemunhos vivos, furiosos e coordenados. O barulho rapidamente fica ensurdecedor. Ele nunca havia visto nada parecido, nem mesmo na fita famosa do Hitchcock, que ele conhecia bem.

Embaixo dos pássaros, a torcida ainda está acumulada e confusa. Nílson vê que o telão de repente é tomado por uma tela azul de erro, um ruído estridente soando nas caixas de som, a imagem em seguida piscando preta e aparecendo um texto preto e grosso em tela branca, como se numa transmissão pirata.

E que ele acabou, claro, lendo:

Daí que eles fizeram a cara da terra escurecer, e caiu uma chuva espessa-escura, uma que caiu dia e noite, os pequenos e grandes animais apareceram neles, suas caras foram esmagadas pelas pedras e as árvores, eles foram interpelados por todos os moedores de milho e as suas panelas, seus pratos e seus potes, seus cachorros e seus dechavadores.

Quantas coisas eles tivessem, todos esmagaram seus rostos. Seus cachorros e seus perus falaram pra eles: Dor vocês nos causaram. Vocês nos comeram. Agora somos nós que vamos te comer.

Que porra era aquela? Antes que Nílson conseguisse digerir as frases estranhíssimas, outra coisa começa a passar no telão. Uns quarenta segundos de imagens sucedendo numa rapidez alucinante, de lixo a céu aberto, de gente amontoada em cadeia, políticos com guardanapo na cabeça, gente com a camisa da seleção na frente de um caveirão, adolescentes negros assassinados. O silêncio que desce é perturbador. Todo mundo tem os olhares fixos diante do telão. Um outro vídeo começa, agora mais estável.

O barulho dos pássaros morre de uma vez, como que desligado de um interruptor. Embora tenha gente chorando, tenha gente gritando aqui e ali, tenha gente cochichando entre si, o que desce no estádio é um silêncio.

A imagem, mal iluminada, parecia de uns bons anos atrás e feita por uma câmera barata. A data no canto era novembro de 2001. Abre num jovem magricelo de rosto comprido com cabelo crespo acumulando-se em tufos acima da testa e dos ombros. Nílson o reconhece imediatamente, mas sem acreditar no que está vendo. Camiseta apertada amarela do Roberto Carlos, uma cara faceira de sério, as mãos aprestadas numa mesa metálica vermelha dessas de marca de cerveja, velha e descascada. Ele se encurva todo pra direita de um jeito feminino antes de começar a falar:

— Eu vou mostrar pra vocês como se dança o baião. Quase todo milionário é um criminoso. A não ser o Romário e a Lauryn Hill. Todo bilionário é um monstro. Sem exceção. Talvez tenha chegado finalmente a hora derradeira de jantar os ricos, como o Tupac falou. São os verdadeiros inimigos de todos os povos da terra. Os ricos, não a espécie humana.

Ele ri histriônico por meio segundo, daí fecha a cara de novo abruptamente.

— A guerra de real não é nem com país, mais, não é nem mais com gente direito. Até porque bilionário não é gente, é uma patologia coletiva. A malha técnica dos homens já destruiu meio mundo e hoje é muito mais forte

do que os homens que a fizeram. O capital é uma voragem. Os parasitas no topo da cadeia são só um acidente dessa voragem, sua água empoçada e pestilenta. Eles sentem o desejo de acumular mais e mais, de engolir tudo que é menor e disponível e eles acham que esse desejo é deles. Mas não é.

— O protocolo já foi implementado, ele corre sozinho a essa altura. Os megaorganismos corporativos competem pelos materiais que vão engolir e processar enquanto os hierofantes dos parasitas falam de boca cheia das decisões estratégicas que estão tomando. E a voragem aumenta com tudo que ela come. Não estamos falando de apetite, de tesão, do desejo de um corpo devorar outro, ou mesmo de se gastar e se destruir. O capital não tem corpo. Ele tem ritos e sacerdotes, ele opera forças maquinicas reais, ele distribui prazer para uns e dor para outros. Ele é a coisa mais concreta que existe, em sua abstração. Mas ele não tem corpo.

— Os parasitas se divertem com seus jatos e ilhas gregas e vinhos franceses e com a sensação de exclusividade, um poder inimaginável de destruição sendo usado para os fins mais toscos, as festas mais feias, da gente mais podre que existe.

— O mundo se queima no piloto automático do desejo frito e refrito dos americanos, continuação direto-para-TV do pesadelo interminável que foi o progresso europeu. Os dois maiores desastres que já aconteceram com essa terra. E que até hoje se orgulha abertamente de toda seu rastro de pilhagem e destruição. Aquilo que se costuma chamar de História. O mundo hoje não se organiza em países, ele é governado pela Monsanto, Nestlé, At&t, Exxon, Microsoft, GM, pelos bancos e grupos de interesse (uma voz robótica dublada por cima completa: Google e Facebook). O mundo todo, vacas e porcos, tios e tias, é escravizado pra servir meia dúzia.

— Esses são os nomes dos atuais senhores de Xibalba e não há nada mais importante do que saber os nomes dos demônios que nos governam. É quase sempre pelo nome que se captura e se é capturado. Os mestres reais desse mundo hoje são esses corpos de ações e os senhores de escravo têm, a maioria, nome e pessoa jurídica. Chamem seus xamãs, desenterrem os tratados de demonologia (voz robótica de novo: *saiba criar uma rede, se ligue sempre que informação você tá cedendo em troca do quê*).

Nilson percebe que os celulares das pessoas voltaram a funcionar. Muitos estão filmando o telão. O som está saindo muito mais claro do que antes,

Nílson percebe, amplificado de uma maneira estranhamente equalizada e distinta, para um ambiente tão vasto e barulhento.

— Todos nossos meios de comunicação são acidentes da tecnologia militar. Quase todos nossos meios de revolta imagética fazem parte do mesmo império que a gente tenta desmontar. Tá tudo dominado tem décadas. Mas é justamente aí que a viravolta vira. Bem quando amarrar a corda bem apertado é que esses meios finalmente ganham a densidade apropriada, a massa crítica e se viram contra seus mestres.

— Uma rede se mede pela largura dos seus buracos, não só por sua extensão. Forças que vocês não controlam estão se sintonizando-se, podem ter certeza e não parece que elas terão a minha paciência. Isso não é uma ameaça. Longe de mim. É uma estimativa metereológica.

— *Faroun-white é faroun-devil*. Como vocês podem ver. E só as deusas sabe o que não brota dessa Roma maior, mais danada e mais poderosa que tá caindo agora.

Ele entrelaça os dedos das mãos. A doidura já ultrajante dos olhos arregala ainda mais e se aprofunda, engata uma sétima marcha.

— Vocês não têm soberania onde a gente se agalera e os túneis tão sendo cavados debaixo dos seus pés. É nós que voa, bruxo, e a realidade que cês produziam em massa quieta agora já é essa sopa frita de alucicreize pronta pra abiogênese. A demônia natureza é muito, muito, muito, muito maior do que tua grelha imagina. Quando Gaia vier reclamar suas ofensas, cês não vão chegar nem a ouvir o grito, como com teus V-2 dantanho. Tuas fúrias só viravam eumênide só depois de muito parto, só, não era? Pois pronto. Pedra cantada tem quase duzentos anos por Tonhão dos Conselhos. Corta pra mim.

Ele se levanta, a cara ao mesmo tempo faceira e seríssima, ultrajada.

O sertão vai virar mar. O mar vai virar sertão. O sangue hade ir até a junta grossa.

>>

100.

<

Murilo acordou às duas da tarde, não lembrando o que tinha feito no final da noite anterior depois de chegar em casa. Talvez tivesse colocado um filme pra passar no computador e assistir antes de dormir, meio que já sabendo que provavelmente dormiria nos primeiros cinco minutos. Acorda agora se sentindo pesado, derrotado, forças várias depositadas no seu peito e amarrando seu braço na cama, uma letargia que parecia complexa, montada de várias partes concorrentes, uma força positiva e não simplesmente uma falta de forças. Ele tenta ver quanto tempo ele consegue ficar sem se mover (não contando o vai-e-volta da respiração no seu peito), olhando para os próprios braços e pernas e julgando-os objetos alheios, pedaços soltos de carne.

Ainda da cama checa o seu email, como sempre faz assim que acorda. A única nova mensagem era do Fábio, da madrugada anterior, sem título e com o corpo de texto dizendo apenas:

DAEW

Esto hic tibi Diana propitia

Quae feras domare novit

(eu ia dizer a tradução mas esqueci

eyôôôôô)

É um documento do Word (“CABULOSO.doc”) em anexo. Murilo botou o arquivo pra abrir, mas a lentidão paquidérmica do seu computador e da conexão acabou irritando-o, fazendo com que ele se levantasse e procurasse algo pra comer.

Talvez tenha café feito do almoço, ele espera, ou talvez algum pão meio duro sobrevivente no saco da padaria. A sala está quieta, ele não sabe pra onde a mãe foi. O saco de pão na fruteira revela-se vazio. A televisão está ligada num canal de notícias, sem som, e enquanto Murilo passa o dedo indicador nos farelos no pratinho em cima da pia ele deixa sua atenção vagar pelas imagens na tela e as frases embaixo delas, fatos sucedendo numa mes-

ma cadência. Seis de junho de 2013. A Coréia do Norte se mete em alguma confusão, jovens em Goiânia protestam o preço da passagem, algum ator global velho e moribundo acena da janela do hospital. De repente, ali, entre todos aqueles pedaços distantes da reprodução que o mundo faz de si mesmo, uma frase se destaca, se levanta, parece vir de outra esfera.

COMOÇÃO EM GOIÂNIA Morre na estrada o filho do governador Anselmo Carvalho.

>> PARTE 02

Lista de capítulos

>> parte 02

01.	5
02.	7
04.	13
05.	32
06.	34
07.	38
08.	41
09.	45
10.	53
12.	64
14.	75
15.	84
16.	88
17.	95
18.	99

19.	104
20.	107
21.	110
22.	115
23.	117
24.	121
25.	124
26.	130
27.	132
28.	135
29.	139
30.	146
31.	152
32.	158
33.	163
34.	173
35.	178
36.	190

“Really, universally, relations stop nowhere, and the exquisite problem of the artist is eternally but to draw, by a geometry of his own, the circle within which they shall happily appear to do so.”

Henry James

v

“Esto en mis afectos hallo,
y más, que explicar no sé;
mas tú, de lo que callé,
inferirás lo que callo.”

Juana Inés de la Cruz

01.

< . < . < .

(*)

Piramidal, funesta, a massa de arranha-céus embrenha suas antenas no cinza-rosa penumbrento do céu. Um prédio enorme perto do centro de São Paulo. Eu estou aqui, pernas cruzadas no chão do apartamento ainda sem móveis, o notebook pesado esquentando meu colo. O sol se esparramou com força no outro lado da sala na parede e no chão, recortado pela esquadria e pelos volumes lá fora, antes de morrer com a tarde. Fico longe dele, no meu canto, o fio teso do computador vindo da única tomada da sala que funciona, mambembe no seu buraco arregaçado e descamado de tinta.

É um cômodo só, e abafado. Todo caindo aos pedaços. Mas me parece um reino enorme.

Acabei de chegar e apesar de não ter nada ali além de poeira assentada e recortes fantasmas dos móveis anteriores, sei que vou dormir aqui, usando minha mochila de travesseiro. Tenho 35 anos e acabei de sair da casa dos meus pais no Cruzeiro Velho, no DF, onde eu morava com eles e com minha vó desde que eu nasci. Talvez seja a primeira vez na minha vida que durmo sem mais ninguém num apartamento. Começo a escrever isso quase imediatamente depois de chegar e fumar um cigarro na janela. E é estranho, porque eu não sou uma pessoa que escreve, e a princípio não sei nem porque estou fazendo isso, qual é o tom. Antes de terminar de digitar esta frase percebo que eu sei sim, muito bem, porque estou escrevendo.

É que aconteceu anos atrás um drama envolvendo pessoas que eu conheço, em Brasília. Nada muito além do banal, mas consegui me envolver e consumir completamente durante o período, e meio que até hoje. Não só a mim, acho. Todo mundo que tava dentro ou perto ainda tá vivendo sob a sombra comprida que esse troço projeta. E eu quero contá-lo como quem comete um exorcismo, para que ele faça sentido de uma vez e vá embora.

Eu não participei tão de perto desse drama. Toda a minha vida eu cumpri mais um papel de quem observa do que de quem age, digamos assim. A pessoa que fica no canto da sala tentando ouvir todas as conversas, seguin-

do o conselho de ser alguém em quem nada se perde, aspirando à onisciência de uma porra duma romancista inglesa do século XIX, tentando funcionar como um canal adequado para o que calhar de se montar no seu curso.

Seria desonesto negar que eu tou tomando um cuidado enorme com o jeito que falo. Não sei porque que eu preciso empostar essa voz, que não é, nem de longe, minha. Não é assim que eu falo quando estou só. Quando estou só eu faço muito mais barulho do que sentido. Ainda mais sentido sucedido, assim. A + B.

Eu tou tentando falar como vocês falam. Então pra rolar tem que ser com esse arremedo de voz, aqui. Esse trem. Queria falar de outro jeito, mas já tou vendo que não vou conseguir fazer isso aqui sem ela. É ela que me puxa agora como se pelo proverbial cabelo ou gola.

E eu preciso fazer isso aqui. Por mais que não pareça (e com certeza não parece). É uma questão de necessidade.

Então oi.

02.

Dá pra dizer que o drama envolve cinco pessoas. A gente pode começar com o Fernando, por ele ser o meu favorito, mas também por ele ser o mais próximo que teremos de um protagonista trágico.

Ele é esguio, alto, o esqueleto todo denunciado no corpo inteiro, nas omoplatas projetadas, no crânio quase todo presumível (ele é muito testudo) e nos cantos ossudos dos braços, as costelas desenhadas com um mínimo movimento do torso. Tem um sorriso enorme que parece até afundar no rosto dele, vergando o queixo e a testa pra frente. Um sorriso frequentemente tido como o Sorriso Mais Simpático Do Mundo. Não dá pra dizer que ele é um cara bonito, exatamente, mas a sua simpatia e desenvoltura extraordinária devem trabalhar maravilhas na imaginação alheia, porque desde adolescente exercia uma atração tenebrosa de tão intensa. Há histórias de meninas disputando a sua atenção desde a pré-adolescência, desfazendo amizades por causa dele, criando meio que quase séquitos em torno do seu carisma, etc., preenchendo cadernos inteiros com “eu te amo” e deixando embaixo da carteira dele enquanto ele dormia durante a aula. A maneira mais concisa de resumi-lo seria dizer que é um cara por quem muita gente (mas muita gente mesmo) se apaixonou.

Não é só difícil encontrar alguém que não goste do Fernando, é quase impossível, mesmo, sequer projetar um estado mental verossímil onde não se goste dele. Pra mim, ao menos. Ele tem uma simpatia e amabilidade quase infinitas, uma gentileza que nunca é forçada, sempre convence como genuína. Algo que a maior parte das pessoas chamaria de “espontaneidade”. Ele é dessas pessoas que conseguem criar apelidos ao mesmo tempo apropriados, pegajosos e carinhosos para quase todo mundo que ele conhece.

Não é que seja alguém super altruísta. Depois de um breve período mais engajado na adolescência, nunca vi sair do caminho demais para ajudar alguém, mas tampouco o fazia para ajudar a si próprio. Debaixo do ânimo infalível na mesa de bar, havia uma passividade sinistra. Já foi jubilado duas vezes da UnB, de cursos diferentes (ciência política e letras), e isso sendo inteligente pra cacete. Por faltar muita aula, basicamente. E é tão passivo que nem matar aulas ele matava fazendo uma escolha, como indulgência deliberada. Quase sempre ficava só parado, deitado na cama ou na rede, conside-

rando a iminência e o subsequente desenrolar de sua aula e o fato dele não estar a caminho dela ainda até que tempo passasse e a discussão interna perdesse o sentido.

(Isso não sou eu chutando, era ele contando várias vezes).

Talvez o seu principal problema fosse que sua inteligência considerável não encontrava uma direção só, não se concentrava em nenhum canto. Ele percebia isso dum jeito agudo, acho, vivia dizendo como invejava seus amigos devotados à música, cinema, política ou algum outro campo qualquer, mesmo que a maioria não conseguisse viver do que amava fazer.

Fernando se interessava por tudo guardando alguma distância, como se nenhum daqueles movimentos largos e bonitos jamais o atingissem em cheio. Ele me parecia sempre expectante de alguma força, alguma coisa, alguma pessoa, que fosse. Em que pudesse se concentrar de vez.

(Numa mesa de bar ele tinha sempre os olhos ansiosos observando quem chegava e andando na rua ele tinha muitas vezes a postura de quem espera encontrar alguém vindo na direção oposta).

Não sei dizer com detalhe a história emocional do Fernando, mas sei que é tumultuada, cheia de namoradas sérias desde novinho, de términos tensos, traições e contra-traições, reviravoltas complicadas, gente gritando na chuva, jogando líquidos na cara uns dos outros, quebrando móveis, jogando roupas pela janela, esse tipo de coisa. Pelo que já ouvi, ainda novo, lá pros dezesseis, ele já comia muita gente, homem e mulher, e isso só fez acelerar depois que entrou no teatro, uma fase intensa do ensino médio que parece ter se exaurido ali. Havia fitas VHS de algumas das peças, na casa de alguém, mas eu nunca vi. Só sei que desde que o conheci, só fazia piadas azedas a respeito de teatro.

Quando o conheci ele tava começando a namorar a Eloísa, uma menina bastante bonita com um rosto muito pequeno e delicado acumulado no centro da cara, negra bem clarinha, que fala muito baixo e parece pedir desculpas, sempre.

Eloísa era obcecada com Fernando desde os quinze anos, quando o conheceu através da irmã mais velha, Bia (a melhor amiga do Fernando desde moleque, na escola, nos Marista, tendo tido com ela uma bandinha punk de brevíssima vida chamada MUTANTE É A MÃE).

Parece que antes dos dois sequer conversarem ela já tinha passado meses desenvolvendo mentalmente toda uma rica tapeçaria de hipotéticas peripécias de comédia românticas envolvendo a abstração deles enquanto casal.

Mal se conheceram — depois de trocar cumprimentos e comentários vagos sobre o que estava passando na televisão, que tal seriado era muito exagerado, cheio de gente tomando tiro toda hora — e ela já tinha certeza de que os dois morreriam juntos sessenta anos depois numa casa de campo em Minas Gerais.

Ela falava isso pra irmã, Bia, que contava pro Fernando, que devia achar aquilo muito doido, claro, vindo da irmã novinha e calada magricela que ele nem conhecia, que vivia comendo o próprio cabelo e que mal conseguia cumprimentá-lo direito quando ele passava pela casa delas, olhando pra baixo e fazendo barulhos agudos como um bicho confuso.

Sempre que eu lidava com a Eloísa ela me parecia bem menos ingênua do que diziam. Ficava com a impressão que implicavam com uma aparente infantilidade dela (que era mais uma delimitação estética do que uma postura ética de vida, digamos, ela trabalhava em loja e em ateliê desde os dezessete, se não me engano, e em vários sentidos era uma menina bem mais despachada que a irmã e o Fernando).

O negócio eram os olhos grandes na cara pequena dela, como os de um personagem de anime, que não lhe davam muita opção senão a de receber o mundo com força e de parecer sempre sensibilizada por tudo, vulnerável.

Teve uma vez, acho que no aniversário dele de 26 anos, num bar desses perto do “pôr-do-sol”, na sete norte, que a Bia foi zoar o Fernando, tirando um caderno dele velho da mochila e lendo numa voz empostada um tal “DO TAO DA FODA” que ele tinha escrito quando tinha uns dezenove, segundo ela. Dezessete, segundo ele.

Na transa já há toda a trama embutida, do amor enquanto devoração que não é só destruição, do circuito da composição pra decomposição

e isso sem nem entrar na reprodução. Digo só da cena que se produz na figura de dois corpos, pelo menos, se atraindo e se pegando. Nisso tudo já tem toda uma cosmogonia comprimida.

Do amor enquanto apetição e devoração que é destruição irreversível, mas não só. Neón que perdura. A gente tá sempre no nexo entre a apetição de uma

voragem e o vórtice de sua concreção. O sexo só torna isso um pouco mais explícito.

Do jeito que a Bia leu eu lembro que todo mundo riu, com uma voz assim grave sexy e suave mas intensa ao mesmo tempo. Era raro ela fazer esse tipo de zoeira numa mesa grande, mas nesse dia rolou forte.

Nisso já tem toda uma cosmogonia suprimida.

Ela repetia rindo.

— Toma vergonha na cara, menino. Oxe. Tu escreveu isso pra comer quem? Foi a Bianca? Que tinha aquele fiapo sem-vergonha de dread, falava merda de Shiva e Prakti o tempo todo e queria morar em Alto Paraíso?

— Foi ela mesma.

Paulinho e Juliana morrendo de ir, Eloísa fazendo cara de paisagem.

— O nexo entre a *apetição de uma voragem e o vórtice de sua concreção*. Cê é muito cara de pau, Fernando.

E ele sorria, com a cara dele de safado e de cara de pau.

Eu ri com todo mundo, mas o pior é que eu achei foda o que ele tinha escrito. Bonito mesmo. Parecia até profundo, pros meus ouvidos. Não sei se concordava inteiramente, minha experiência é totalmente outra nessa área. Totalmente Outra. Mas era bonito. Parecia ser verdade pra ele.

03.

Posso apontar como o começo da história lá pra setembro e outubro de 2008. Foi quando o nosso grupo de amigos se estabeleceu de verdade.

Parece esquisito falar desse jeito, como se tivesse sido fundado com formalidade. Mas de fato aconteceu de maneira clara, todo mundo já se conhecia por alto, mas acabou se reunindo através de amigos em comum numa festa de aniversário em que houve um estalo de reconhecimento e adequação, de senso de humor alinhado e personalidades se encaixando.

Dois casais se formaram nas semanas seguintes e dava pra ver que todo mundo já imaginava aquele grupo presente em casamentos, nascimentos de filho e eventuais enterros. As piadas e recorrências internas aumentavam de complexidade, os hábitos engrossavam, tudo ganhava a progressiva naturalidade de um núcleo fixo de seriado.

O Fernando e a Bia eu descobri no fotolog em 2004, mais ou menos. O Fernando postando coisa de filme francês e Velvet Underground e a Bia postando Bikini Kill, frases do Bakunin e paradas vegetarianas, ela com cabelo azul e os dois morgando na escola ou bêbados na rua, em showzinhos. Lindos, os dois (nem lembro como cheguei neles, honestamente, acho que em posts dum primo meu que tocava numa banda de SKA que sempre tocava no SESC, o Leandro.).

sei nem te dizer quanta coisa eu descobri por causa do fotolog deles, muito menos o turbilhonamento que isso não deu na minha então esparsa e desatenta vida. Só fui conhecê-los pessoalmente mesmo um tempo depois.

Pois então. Eu não fazia parte desse grupo, não exatamente. Durante uma época eu os via com bastante frequência, dava pra dizer que eram meus amigos sem forçar a barra, mas eu não fazia parte do grupo bastante claro que se desenhou nessa época e se manteve tão forte durante os anos seguintes. Quase que eu não digo isso, mas depois ia exigir uns malabarismos que eu não teria competência pra fazer sem distorcer demais a história.

E eu serei fiel à trama, aqui. Pode ter certeza. Até porque foi ela que me urdiu, e não o contrário. Eu nem saberia fazer outra coisa, não tendo nenhuma imaginação (me veio até raiva o dia que eu descobri, lá pros vinte, que tinha gente que conseguia evocar por querer imagens na mente).

Então como que eu quero contar da vida deles? Eu basicamente acompanhava a interação pela internet, as fotos dos encontros e as piadinhas internas que eu só conseguia entender algumas, as interações no Orkut e Twitter e outras dessas redes sociais (como eu detesto o termo), os infinitos comentários que eles deixavam nas fotos uns dos outros.

E de fato alguns viviam tanto ali que eu chega conseguia acompanhar as relações intrincadas e grossas ali de tão perto, às vezes tendo a nítida impressão de que eu fazia parte da coisa, de alguma forma. Que eu participava daquela interação por observá-la com a atenção devida, daquela conversa coletiva cujos pipocos me chegavam, a maioria, de início, por caixas de comentários de fotolog e recados do Orkut (e, depois, das outras plataformas).

Já começa a anoitecer, eu preciso comer alguma coisa, mando mensagem pra uma amiga que já morou aqui e pergunto telefonemas de disk-entregas baratos. Ela me lembra que não está atualizada, mas uma dica sua atende. Peço um sanduíche que chega bem rápido e que eu devoro em poucas mordidas. Guardo todos os seus detritos resultantes de plástico e papel molhado de gordura no mesmo saco de papelão donde veio.

Não chego a acender a luz, janto no escuro, o retângulo brilhoso do celular e a luz dos postes lá fora levemente refletida no chão, vagamente espalhada no chão tão sujo, ainda tão marcado de móveis que não estão mais lá, os traços de uma vida alheia que se depositou e se arrastou aqui por anos. E que agora é a minha.

04.

Eu converso bastante na ferramenta de chat do meu email (na verdade, conversava durante esses anos mais através dela do que através de qualquer outra mídia – incluindo a assim-chamada realidade) e as conversas são todas guardadas ali, assim como a correspondência em si.

A conta vai fazer dez anos, o que significa que boa parte da minha interação pessoal com o mundo nos últimos dez anos é imediatamente recuperável ali sem dificuldade. É possível inclusive pesquisar essa base de dados atrás de palavras específicas. Eu descobro assim que nunca conversei com ninguém ali sobre “cadafalso” e que “curitiba” já apareceu nas minhas conversas e emails exatamente onze vezes. “Dante” (um autor que eu nunca li) três vezes. “Corinthians” oito vezes.

E eu tenho como resgatar uma conversa muito engraçada que eu tive com o Fernando um dia de tarde, em fevereiro de 2012.

— oi fernando (:

— eaí, só na tranquilidade?

— sim, e você?

— tranquilo. tou só mandando um e assistindo futebol. Quatro e vinte nosso de cada dia.

— mentira.

— haha, mentira mesmo, como que tu sabia?

— não sei, só me pareceu mentira.

— eu de fato tou mandando um, mas tava lendo a divina comédia.

— haha, e as duas coisas funcionam juntas?

— não completamente, né. rola uma sl perda cognitiva que não se pode desprezar. mas rola um esquema específico pro qual acho que tá funcionando bem.

— como assim ‘esquema específico’. favor explicar

— haha. então. é que de acordo com o pouquíssimo quase nada que sei de interpretação medieval, a divina comédia é supostamente pra ser interpretada em quatro níveis, né. o literal, o analógico, o alegórico e o anagógico.

— Anram, CLARO.

— haha então. O Dante explica tudo tin-tin por tin-tin. Não vou encher teu saco com tudo, eu tou focando hoje é nesse último. O anagógico. Esse último seria algo como um sentido total que se depreende daquela ordem de palavras tomada meio como um vetor espiritual ou moral de uma ascensão, entende.

— Ahn.

— Tipo um cone assim. Ou uma pirâmide. Saca?

— Não

— Pensa no presente agora, o teu presente, como um cone. Algo pelo qual você passa, com o cume dele sendo o agora. E agora pensa o livro como isso, mas te forçando a subir.

— Certo.

— Pelo que eu entendo é tipo isso (mas eu não entendo). esse nível é o mais inacessível pra mim. e não é só porque eu não sou cristão, o negócio é que minha imaginação não tem nem acho que os aplicativos devidos pra lidar com esse tipo de esforço, boto fé, entende?

— Hm

— Como se o bagulho não estivesse disponível aqui, mesmo. Não rodasse no meu hardware.

— Tendi. Acho.

— então tou tentando uns estímulos artificiais pra ver se ajuda.

— e tá funcionando?

— de certa forma, sim. é muito estranho. eu não sou nem remotamente religioso, devo ser uma das pessoas menos supersticiosas e mais materialistas de que se tem notícia. mas fazendo um esforço consciente com o Dante e com a ajuda psicotrópica aqui parece em alguns momentos que eu estou de fato habitando o negócio.

— Que negócio

— a crença. Mesmo que só de sacanagem, como exercício. Só pra ler o trem e entrar na onda dele, aprender a dobrar daquele jeito.

— haha

— caraca, não acredito que viajei tanto o_o foi mal, fiquei meio sem noção aqui.

— não, relaxa, desculpa ter rido. Eu rio de quase qualquer coisa que as pessoas falam pra mim na internet. só sei responder assim.

— haha. há maneiras piores de se reagir.

— mas achei massa o que voce falou. bem ferinha.

— enfim. é assim que a minha inutilidade aqui passa as tardes. e

voce?

— eu assinalo tempo pra estudar (concurso, tal :x). mas acabo passando quase todo o meu tempo na internet.

— entendo. eu tb tou sempre com umas apostilas aqui do lado do computador. Mas Internet devora, né.

— é horrível. hoje eu passei pelo menos dez minutos lendo na wikipédia extensivamente sobre um programa de televisão de uns dez anos atrás que nunca assisti. e que eu nunca assisti porque nunca me interessou, inclusive.

— Haha

— foi só uma tirinha de internet que eu leio fazer uma piada envolvendo esse programa que eu senti a necessidade de entender a referência. daí wikipédia. daí quando eu vi eu tava lendo sobre a vida pessoal do criador do programa. sei que ele é vegan e feminista e ateu militante.

— podia cair esse tipo de coisa nos concursos que voce faz, né.

— nossa, claro. se caísse nos concursos bobagens assim eu já teria passado em algum fatalmente. Em primeiro lugar, se pá.

Enviado 16:52

Caiu um silêncio por alguns minutos. Que eu quebrei com as mãos suadas:

— vem cá, desculpa perguntar. mas aconteceu alguma coisa aquele dia na casa da juliana? eu pergunto pq senti um negocio estranho entre voces depois, nao sei se é noiagem minha.

— hm. como assim?

— ah, deixa, deve ser loucura minha, esquece :S

— não, ué. Eu só nao entendi sua pergunta, mesmo :B

— voce nao lembra?

— não

— ah

— nem sei o que dizer

— tudo bem. esquece.

— olha isso aqui, ó:

cabolaorigem.blogspot.com

A conversa terminou aí.

É muito estranho tê-la transcrita e disponível na minha conta de email depois de todo esse tempo. Não sei o quanto que a consciência de que a nos-

sa conversa está sendo gravada dos dois lados afeta a maneira com a qual nos expressamos, mas deve influenciar um tanto. Eu sempre tento com força demais dizer coisas engraçadinhas e interessantes, quase nunca relaxo completamente. Não que eu faça isso ao vivo, mas relendo essas conversas eu consigo notar escondida debaixo de tudo que falo uma ansiedade tola que me leva a ficar apagando e reconsiderando o que estou dizendo. Tentando julgar tudo de uma maneira excessiva, preocupada demais com um ideal fumoso de pessoa sofisticada e divertida.

O tempo inteiro que estou interagindo com as pessoas eu tenho consciência dessa interação e dessa atividade como uma cena, e a minha preocupação é de engenhar um desenho mais arrumado a partir desses elementos toscos que me foram dados.

Não que eu consiga, né? Longe de mim. A vida continua sendo esse trem torto, luzinha intermitente, as minhas interações tão desajeitadas e desinteressantes quanto as de todo mundo, senão muito, muito mais que a média. Mas a vontade está sempre lá moldando tudo que eu faço e deixo de fazer.

Já está montado antes que eu perceba, a simulação rodando no galpão assim que as luzes acendem e eu mal tenho opção a não ser protagonizar o papel já escalado na esteira dessa contínua, arrastada besteira. O que me deixa essa pilha de nervos, sempre, esperando a minha vez de falar pra não falar errado. E não fica mais fácil.

Eu cliquei no link que ele colou, vi que era um blog qualquer assinado por um “F. de Vasdasig”. Pela dispersão momentânea ali da minha atenção em outras conversas e abas eu nem dei muita atenção, de cara. Apenas umas duas horas depois, quando já ia desligar o computador, é que fui de fato ler com calma.

O blog só tinha um post, mas era enorme:

CABULOSO

“

‘e o caminho

da felicidade ainda existe

é uma trilha estreita em meio à selva triste’

Mano Brow

‘posing as hardcore, oh yeah, either-or’

Elliott Smith

Paraíba Blade, herói ainda inconquistado, alegria de quase todas gentes, estava diante de dezenas de destacamentos, lideranças regionais, batalhões independentes, guerreiros mavericos e bots assinalados, membros da resistência mambembe e mal-ajambrada contra a Ameaça que fungava em todos proverbiais cangotes. Eles quase todos erguendo os braços e armas de seus convolutos avatares na sua direção, aguardando algum gesto decisivo seu, alguma ordem, diante da criatura gigantesca que se erguia diante deles. Vasta e grotesca. Todo um mundo persistente teimando, esperando por ele.

Sentado no chão do seu apartamento novo, ainda quase sem móveis, suado e sem camisa, cada vez mais pançudo, Gustavinho tentava entender o que tinha acontecido, que sucessão alucinante e pouco crível de eventos o havia trazido até aquele ponto em tão pouco tempo. Ele, que sempre havia temido uma vida medíocre, percebia agora que nada poderia parecer mais atraente. Sua nuca ainda tava doendo, mas ele não queria botar o dedo de novo. Era uma pequena retomada narrativa da sua vida que ele tentava empreender com muita frequência nos últimos dias (sem nem perceber que o fazia, os instrumentos da sua cabeça correndo com ela automaticamente), uma repetição entabulada de si mesmo que começava a ganhar as feições ominosas de uma preparação para a morte.

Tudo tinha ficado muito intenso nos últimos dias, e muito tenso.

Quase sempre que ele tentava se lembrar de como toda aquela bagunça tinha começado uma mesma imagem se apresentava, de um dia que parecia impossivelmente distante agora, acontecido num outro mundo, e que na verdade sucedeu pouco mais de dois anos atrás.

Gustavo Mesquita Peterson, conhecido quase exclusivamente como Gustavinho, estava tentando delimitar qual seria a melhor forma de aproveitar aquela tarde de fevereiro em 2012, que estrutura ritmada que ele poderia dar a ela que se traduziria no melhor aproveitamento possível de todas suas lúbricas possibilidades de entretenimento.

No momento ele havia decidido que mexeria na internet por uns quarenta minutos antes de fumar o beque que ele já havia bolado e que estava no momento dentro de uma caixinha de madeira colorida que ele havia furtado da casa da avó uns dez anos atrás. A caixa é búlgara, mas ele não sabe disso.

Depois de fumado o beque, ele não sabia ainda como gastaria a pala, se assistia um filme japonês de samurai que ele tinha baixado ontem ou se desenharia por um tempo no Adobe e depois assistiria um jogo do campeonato inglês que devia começar às cinco e pouco.

Os pais de Gustavinho se chamavam Leila Bittencourt Mesquita Peterson e Plínio Figueiredo Peterson. Eles estavam casados há trinta e dois anos e pareciam quase impossivelmente felizes. Em todas as fotos dos dois juntos eles tinham o mesmo sorriso escancarado, que parecia envolver um esforço doloroso, quase uma distensão do maxilar. Os dois eram dentistas na mesma clínica, que havia crescido além de qualquer expectativa razoável nos últimos dez anos e se tornado muito bem-sucedida, focada em, mas não limitada a, tratamentos estéticos, que levava o nome dela e tinha escrito em dourado na porta ‘apaixonados por excelência’.

Se perguntados, tanto Leila quanto Plínio diriam com a maior sinceridade que lhes era disponível que eles de fato eram, sim, apaixonados por excelência, em todas suas instâncias e aspectos. E que aquilo se traduzia não só numa ética profissional, mas numa filosofia de vida. Essa paixão por excelência de fato se aplicava a tudo na vida deles, aos hábitos alimentares, à manutenção do corpo (ambos não só perfeitamente torneados e permanentemente bronzeados, mas ainda por cima integralmente depilados, à exceção exclusiva das axilas dele),

à proposta estética da casa (que deveria seguir um tema diferente a cada dois ou três anos, no momento oriental, no ano que vem talvez carioca-praiano) e aos tratos afetivos de um com o outro (eles tinham não só um diário de sentimentos que um escrevia para o outro ler, mas também uma sessão mensal em que todo pequeno ressentimento tinha que ser descarregado e transformado numa crítica positiva que fizesse o casal amadurecer e crescer em alguma direção apreciável).

A única extensão da imagem deles que não era alinhada e controlada era filho único deles de vinte e sete anos, Gustavinho. Eles haviam desde cedo concordado entre si que não dariam a Gustavinho a mesma infância severa que haviam recebido dos pais. Gustavinho teria liberdade para fazer o que quisesse da sua vida, para criar seu próprio caráter, decidir que tipo de pessoa ele seria, que círculo de amigos, que escolas frequentaria.

Embora os dois fossem católicos (ele um tanto mais do que ela, é verdade, que se considerava mais assim plural, com um pezinho no espiritismo), não deram uma educação cristã pro filho e diziam que ele mesmo teria que trilhar seus passos espirituais. Com cinco anos Gustavinho era apresentado como budista, supostamente por decisão própria. Durante uma intensa fase de Star Wars que durou dos sete aos nove anos, Gustavinho se considerou mais ou menos a sério ser um Jedi e depois de descobrir — através de uma piada em inglês mal-interpretada como notícia — que a Suécia aparentemente reconhecia para todos efeitos legais e institucionais aquilo como uma persuasão religiosa legítima, Leila brigou ferrenhamente com a sua escola para que Gustavinho pudesse devidamente observar seus ritos e costumes Jedis nos eventos ecumênicos que a escola organizava no lugar das comemorações cristãs tradicionais.

(Nas dezenas de fotos emolduradas pela casa toda, ainda dava pra encontrar duas em que Gustavinho se encontrava vestido com robes bege, uma cara séria, o excesso do seu cabelo amarrado num rabinho de cavalo).

Depois de cursar publicidade numa universidade particular sem nenhum entusiasmo, demorando cinco anos e meio pra formar, Gustavinho passou um período comprido deprimido, acordando quatro da tarde sem saber o que fazer da vida. Ele acompanhava devotamente mais de dez seriados americanos ao mesmo tempo, baixando sempre na madrugada do dia seguinte à sua exibição nos Estados Unidos e às vezes até colaborando com a tradução e confecção das legendas piratas que milhares de brasileiros baixavam.

O seu blog sobre *Lost*, *Dexter* e *Battlestar Galactica* adquiriu durante alguns meses uma popularidade tão surpreendente que ele começou a considerar que talvez conseguisse transformar aquilo numa profissão. Mas a publicidade que ele meteu no blog não lhe rendia nem cem reais por mês direito e ele sabia que aumentar muito a quantidade de propagandas poderia diminuir o tráfego, então acabou desistindo (como já havia feito com a guitarra e com a vaga intenção de abrir uma cervejaria artesanal). Ele ia dormir todo dia sete da manhã e acordava às 16h, brincava (com ninguém, apenas mentalmente) que estava morando no horário de Los Angeles.

A única coisa que o levantou momentaneamente dessa depressão foi ter descoberto a maconha, o que aconteceu por intermédio de um primo advogado e marombeiro, Flávio. O primo se preocupou com o aspecto desalentado e letárgico de Gustavinho, imaginou que talvez a erva teria na vida de Gustavinho a revolução espiritual, ética e pessoal que ele dizia que tinha desempenhado na vida dele e estabeleceu com ele um trato no sentido de fornecer prezas substanciosas de tempos em tempos contanto que Gustavinho saísse da sua letargia absoluta, fizesse exercícios pelo menos três vezes por semana e pelo menos tentasse se meter a começar alguma coisa, que fosse artesanato, uma banda de ska ou um joguinho desses pra celular.

— Dá pra ganhar trinta milhões com esses joguinhos, bicho, tu não saca dessas parada? Porra.

O primo, que trabalhava num escritório trabalhista mas queria se

especializar em Direito Ambiental, era um hippie que não parecia hippie, de barba feita, cabelo certinho, roupas justas e músculos diariamente talhados na academia (ele equacionava com bastante facilidade e até alguma eloquência a necessidade de ter o corpo malhado com uma relação panteísta bem vaga com a natureza). Não fosse essa intervenção do primo, Gustavinho dificilmente saberia como arranjar um produto ilegal. Os poucos amigos que ele tinha (exatamente quatro: Lucas, Cássio, Gabriel e Daniel) todos estabelecidos entre a quarta e a sétima série, eram bastante parecidos com ele no sentido de não beber muito, não sair muito e não cometer nada muito extremo (a não ser que você considere extremo uma maratona de dezesseis horas de World of Warcraft abastecida apenas por garrafas de Guaraná Zero e pacotes de Doritos vencidos há mais de uma copa do mundo).

Gustavinho começou a gostar imensamente da droga, que nas duas vezes em que havia experimentado antes, com dezessete anos na casa de um amigo de escola, havia lhe deixado simplesmente suando, ansioso e assustado com tudo (ele lembra de ter assistido um filme na Sessão da Tarde que havia lhe parecido sinistro e de assistir o mesmo filme anos atrás e constatar que era apenas uma comédia convencional). Nada mudou na vida de Gustavinho, tudo continuava recostado e quieto, nenhuma meta se desenhava de curto ou longo prazo, nada parecia assim tão mais importante do que antes, como o primo havia prometido.

— Bicho quando eu comecei a fumar eu comecei a perceber assim que eu não tava sozinho na natureza, saca? Isso vai acontecer contigo, também, certeza, tu é um cara sensível.

Mas pelo menos seus jogos, seriados, partidas de futebol, filmes de ficção científica, quadrinhos, pornografia e outras formas de entretenimento pareciam um pouco mais intensas e divertidas depois de fumado um beque. Isso já era alguma coisa.

As vaguíssimas ambições criativas que Gustavinho sempre teve se

viam de repente estimuladas pelo seu novo hábito. Ele desde moleque tinha a impressão de ter uma sensibilidade extraordinária para filmes, quadrinhos e rock, para tudo que ele considerava parte da cultura nerd como um todo. Sentia que dominava as referências e as várias linguagens dessas tradições (quase todas norte-americanas).

Ele vivia pensando de forma resmungona pra si mesmo, enquanto dirigia, enquanto tomava banho, que se tivesse nascido nos Estados Unidos ele seria hoje quase certamente um músico, quadrinhista, ilustrador, tatuador, roteirista ou diretor de cinema de razoável sucesso (não estrondoso, ele era realista). Vivia querendo articular todo o vasto repertório de linguagens e referências gráficas e narrativas numa obra só, mas não conseguia encontrar uma forma pra ela, não conseguia decidir em nada. Enquanto doido de beque, ele vivia achando que havia tido uma epifania criativa. Rabiscava coisas todo dia no caderno e no computador, mas as notas eram sempre vagas, contraditórias, os desenhos conceituais às vezes pareciam sugerir uma ficção científica, às vezes um noir, às vezes um filme realista com violência grotesca, às vezes um desenho animado de humor nonsense.

Sempre que se punha a ler os rascunhos no dia seguinte não conseguia entender nada, via que não havia substância nenhuma ali. Um dos papéis, por exemplo, continha um coelho antropomórfico ridiculamente musculoso segurando uma espada samurai flamejante do lado de um velociraptor com monóculo e cartola. Entre as dezenas de palavras rabiscadas, Gustavinho só conseguia entender ‘Império gringo maligno’, ‘Kombi que viaja no tempo’, ‘O mundo todo é um jogo de computador’ e ‘Cachorro falante’. As tentativas de reunir esses elementos todos em algo que fizesse algo remotamente próximo de um sentido acabavam sempre frustradas.

A casa da família Peterson fica na QI 17 do Lago Sul, do lado da casa do embaixador da Guatemala, cujos nove cachorros eram diariamente passeados por três homens cansados.

A casa deles era inconspícua para a vizinhança, bege com madeira

escura nas janelas e batentes, um jardim discreto, sem grandes firulas, bem-cuidado por um rapaz taciturno que vinha uma vez por semana. Silas, monocelhudo e simpático, também limpava as calhas e a piscina. Tinha um carro super ornamentado e com um aparato sonoro poderoso, sua chegada no conjunto se anunciava de longe. Gustavinho trocava com ele gestos muito travados e constrangidos. A casa tinha uma piscina num formato todo errático e modernoso, cheia de luzes estratégicas de cores diferentes, e uma casa de cachorro vazia e bastante suja, guardando apenas galhos e folhas secas há anos.

Gustavinho frequentemente fumava nessa casinha de cachorro, à noite, mas já havia acontecido uma vez ou outra dele fumar no próprio banheiro, por preguiça, em pé em cima da banheira e tentando direcionar a fumaça para a janela. O pai, uma noite teve que usar o banheiro de Gustavinho por causa dos banhos intermináveis da mãe e a reforma do banheiro de hóspedes (a segunda em menos de dez anos), acabou sentindo o cheiro, perguntou imediatamente se aquilo era de fato o que ele estava pensando. Gustavinho ficou nervoso e não negou nem confirmou, respondeu gargalhando de maneira obviamente fingida e nervosa. O pai não ficou muito bravo, disse que aquela idade era difícil e tensa, mesmo, que era natural experimentar coisas e ter curiosidades daquele tipo, que não via problema contanto que ele fumasse só de vez em quando.

Mas Gustavinho continuou com medo de ser descoberto, menos pela sua mãe (embora ela talvez fizesse um pequeno escândalo se descobrisse) do que pela empregada da sua casa, Rosângela. Rosângela tinha só oito anos a mais que Gustavinho, mas lhe parecia uma pessoa infinitamente mais madura e respeitável.

Era do interior da Bahia, magra com feições angulosas e severas, sorria só muito de vez em quando e sempre com algum motivo genuíno, nunca para ser educada (para isso ela reservava um retesamento horizontal da boca que não se curvava nas extremidades, nunca chegava a virar propriamente um sorriso). Gustavinho achava que Rosângela devia desprezá-lo imensamente, a sua figura gordinha, profana, privilegiada

e inútil, no que ele lhe dava toda a razão do mundo. Ele de fato tinha pelo menos uma vez por dia uma conversa mental com ela em que os dois enumeravam todas as formas através das quais ele ofendia a humanidade como um todo ao dormir doze horas por dia, não fazer nada produtivo para o país, se masturbar com uma frequência tão prodigiosa e se utilizando de um arsenal pornográfico tão vasto, moralmente ofensivo e etnicamente variado e ainda por cima encontrar farelos de biscoito ou paçoca entre as dobras de gordura da sua barriga tantas vezes por semana.

A única coisa que impedia Gustavinho de chegar a se considerar deprimido era o fato de que sempre que ele começava a se sentir realmente mal a respeito de si mesmo e da sua vida um reflexo firme se armava, incomodado de repente com a possibilidade daquela pessoa tão privilegiada e inútil ainda por cima conseguir achar a sua vida ruim, de alguma forma, aquela vida tão mais fácil do que a média. Ele fazia um esforço deliberado para, ao menos, aproveitar as possibilidades de entretenimento à sua disposição, embotar a voz que se erguia dizendo que tudo aquilo era nada.

A forma que Gustavinho encontrou de fumar os seus beques sem ser pego envolvia passeios de carro durante à tarde. Geralmente arranjava alguma desculpa para sair de casa, falava (sem que perguntassem, às vezes) que ia pra casa de algum amigo ou comer alguma coisa. Parava o carro no final de algum conjunto aleatório do Lago Sul e fumava com as janelas fechadas, olhando em volta o tempo todo, paranóico com absolutamente qualquer movimentação efetiva ou imaginada.

Hoje chega em casa cinco e meia da tarde, vê que a Rosângela já foi embora (pensa diariamente em oferecer carona até a distante parada de ônibus, mas quase nunca oferece, por constrangimento).

Fica feliz de ter a casa para si mesmo por algumas horas, a pala já está profundamente depositada nele (o mundo gentilmente derretendo, arrastado), mas ainda deve engrenar mais ainda, ficar mais forte e durar por um bom tempo. Fica profundamente feliz e grato pelas

condições históricas que permitem que ele tenha aquela vida tão divertida e confortável. Nunca tinha feito um beque tão carregado quanto o de hoje. Os tutoriais que ele assistiu no Youtube tinham ajudado bastante.

Já tira do congelador um sorvete de creme que ele vai comer com paçoca esfarelada e calda de chocolate esquentada no microondas. Ele chega a dar um pulinho de satisfação quando percebe o quão gostoso vai ser e percebe que está até um pouco emocionado com a extrema bem-aventurança da sua situação no momento. O sorvete está ainda muito congelado e ele tem muita dificuldade de afundar a colher nele. O cabo entorta, sua mão fica meio vermelha. Por um momento imagina um filme bastante dramático sobre aquela situação, de alguma forma transfigurada no filme pra envolver o exército americano e o Kevin Bacon como um oficial da marinha olhando ansiosamente de binóculo pra algum evento ominoso no horizonte, algum monstro marinho ou erupção gasosa apocalíptica.

Passando pela sala, vê o porta-retratos digital que a sua mãe comprou uns dias atrás. É uma tela de poucas polegadas na qual você liga algum dispositivo USB com fotos carregadas e que a mãe selecionou cuidadosamente de todas as suas fotos favoritas de família. Lá estavam eles em Aspen, em Las Vegas, em Dubai, em Paris. Em cada uma das fotos Gustavinho parecia incomodado por alguma coisa diferente (um mosquito, o calor, o sol no rosto, a mão da mãe na sua cabeça). Apenas o próprio Gustavinho conseguiria dizer que na verdade em todas as fotos ele estava incomodado com a exata mesma coisa: consigo mesmo, com a profunda e infalível inadequação da sua existência.

Na sala da casa da família Peterson há uma parte da parede que é espelhada e passando ali procurando o controle da televisão Gustavinho vê o vulto de si mesmo de canto de olho e se assusta, chega a encarar a sua própria imagem por uns dois segundos como se fosse a imagem de outra pessoa. Depois de constatar além de qualquer dúvida que de fato aquela figura é ele, com um gesto ridiculamente autoconsciente da mão esquerda, ele percebe como é raro poder

encarar a si mesmo assim de corpo inteiro num espelho, a imagem inteiriça que os outros têm de você, a figura que você carrega pelo mundo sem dela nunca ter exata consciência.

Começa a ver a si mesmo em terceira pessoa, como um personagem em algum filme ou jogo, aquela imagem parte de alguma narrativa maior que no momento ele não consegue acessar, elemento de um conjunto de cenas justapostas carregadas em alguma direção dramática, em algum padrão enorme, impossível de ser figurado no momento.

Percebe num estalo, num encaixe numa peça de quebra-cabeças, que ele vai escrever uma história em quadrinhos, um troço que vai reunir tudo que ele domina tão bem, todas aquelas tradições nerds que são uma segunda língua pra ele desde moleque. Toda a sua vida vai culminar naquele troço, tudo que ele viveu e processou até agora foi uma preparação para que ele pudesse fazer aquilo.

Gustavinho consegue já vislumbrar não só o quadrinho que ele vai desenhar e escrever, mas também as adaptações cinematográficas que vão fazer dele, primeiro a brasileira, depois a americana (que vai ser um pouquinho menos original, mas melhor produzida). Os jogos de videogame que devem fatalmente sair serão importantes e ele vai fazer questão de fazer consulta criativa para que eles mantenham o caráter da sua obra no jogo. Seria ótimo se a campanha publicitária do jogo envolvesse um daqueles jogos virtuais que misturam realidade e ficção, o povo realmente nerd adora essas coisas. Ele fica muito mais tempo imaginando esse vasto universo transmidiático do que efetivamente concebendo a história em si, seus personagens, temas e arcos narrativos concorrentes. Ele vai pro quarto, esquecendo o sorvete na cozinha, e se mete a rabiscar e escrever coisas no computador. Acaba adormecendo num pufe perto do seu computador quarenta minutos depois, exausto.

Nove horas mais tarde, Gustavinho acorda sobressaltado, lava a cara no banheiro e imediatamente se lembra de tudo aquilo que havia habitado sua cabeça logo antes dele ir dormir. Ele retoma os vários papéis

rabiscados e documentos ainda abertos no computador sem muita esperança, esperando encontrar idéias absurdas e desconexas. Mas pra sua surpresa ele percebe que de fato tem alguma coisa ali. Por mais esquisita, parece haver alguma mínima lógica estabelecida. Ele tinha criado alguma coisa?

Começou a fazer rascunhos mais organizados, personagens principais e secundários, começou a esquematizar todo um universo ficcional descaradamente chupado de diversas fontes, de vários outros quadrinhos, filmes e livros de ficção científica. O personagem principal era um brasileiro baixinho, figura meio ciborgue, meio pirata, com um tapa-olho, cabelo comprido e uma expressão durona terrível. Apenas depois de desenhar a sua quinta e mais satisfatória versão é que Gustavinho percebeu o tanto que ele parecia uma versão brasileira do Nicolas Cage em *Con Air*, o que lhe pareceu bastante adequado.

O pano de fundo era um Brasil pós-apocalíptico num futuro não tão distante onde corporações malignas dominam e controlam a internet, criando redes fechadas de conteúdo de entretenimento e de conexão social exclusivas para algumas comunidades isoladas em condomínios murados de alta segurança, protegidos por milícias violentíssimas. Vários grupos subversivos diferentes se interrelacionavam, alguns saqueando cidades, vendendo todo tipo de contrabando e predando virtualmente a identidade das pessoas, outros tentando penetrar nas redes fechadas e estabelecer com gambiarras monumentais redes abertas para o acesso e o livre trânsito de conteúdo.

Gustavinho faz isso por horas seguidas, precisa depois de um tempo até se forçar a parar pra comer alguma coisa e descansar um pouco.

Tinha só uma imagem que aparecia entre as outras, estranha e ainda mais teimosa e firme do que as outras, mas que ele não conseguia integrar ao resto, que ele mal conseguia enunciar direito pra si mesmo. Por mais forte que fosse, era tão alheia e ruidosa que não se resolvia numa configuração estável na sua cabeça. Ficava ali ante-sala da sua imaginação, alojada, sem ir embora, mas sem se apresentar de uma vez.

A imagem de um planeta enorme, visto de longe. Marrom e cheio de névoa. Com uma parede densa de raízes entrelaçadas sobreposta à sua imagem.

Depois de duas semanas preparando a história e fazendo rascunhos, Gustavinho começa a desenhar o troço a sério, o que envolve desenhar com lápis, passar a limpo com a caneta e depois escanear para colorir. O seu estilo é cartunesco, não tão detalhado, mas cada página demora no mínimo dois dias para fazer, mesmo organizando as tarefas da forma mais eficiente possível e dedicando horas e horas seguidas.

Gustavinho se surpreende com sua própria seriedade e comprometimento, algo que ele não se lembra de ter tido em nenhum outro momento da vida, com nada. Continua trocando o dia pela noite, mas agora de forma organizada, disciplinada, digamos, acordando todo dia na mesma hora (meio dia) para trabalhar. A princípio ele teve vergonha de admitir pros pais, mas depois de um tempo ele mostrou o que estava fazendo, no que foi imediatamente alvo de abraços e beijos e telefonemas de tios o parabenizando e até um almoço comemorativo na casa da avó, embora ele não tivesse nem dez páginas do troço desenhadas ainda e ninguém conseguisse entender muito bem do que se tratava quando ele explicava.

Não tinha ideia ainda se poderia tentar vender ele próprio o negócio online, quando (e se) conseguisse terminá-lo. Então depois de algumas semanas ele começou a postar tudo que ele terminava na internet, num blog que ele montou com esse propósito. Divulgou pros seus amigos imediatos um dia de madrugada, sentindo que depositava no mundo um filho seu, com um pouco de medo de ser ridicularizado, mas ao mesmo tempo com uma confiança razoável, alternando entre esperar respostas vagamente encorajadoras e perfunctórias ou um helicóptero chegando na sua casa no dia seguinte com ídolos seus e uma equipe de televisão pronta para lhe entregar um prêmio.

Os seus amigos mais próximos reagiram com muito entusiasmo, mas isso não o impressionou além da conta, já que eram seus amigos

e deviam estar principalmente chocados com o fato de ele do nada apresentar algo já tão trabalhado, algo no qual ele já havia depositado dezenas e dezenas de horas. Ele que mal conseguia se levantar da cama uns meses atrás.

Pouco mais de uma semana depois o blog tinha centenas de seguidores, boa parte deles estrangeiros. Ele nem conseguia acreditar. Um amigo de Gustavinho, Cássio, dizia que no fundo não era tão impressionante assim, se você pensasse. As referências cruzadas ali, os vários códigos visuais e clichês citados, eram praticamente universais, ou pelo menos partilhados globalmente pelo mesmo tipo de moleque nerd no Canadá, na Rússia, no Japão, no Egito, sabe-se lá onde mais. Os seus seguidores cresciam num ritmo vertiginoso e o seu comprometimento com o negócio também. Por três meses ele trabalhava mais de doze horas por dia, até sua mão doer demais, os olhos no espelho orgulhosos de estarem tão estourados. E os seguidores recompensavam sua postagem assídua, comentavam que o estilo dele tava ganhando maturidade a passos largos, na frente de todo mundo.

Depois de quatro meses, foi surpreendido pela proposta de uma editora americana de médio porte de que ele já tinha ouvido vagamente falar. Dark Aardvark. Ofereciam a possibilidade de publicar diretamente nos Estados Unidos o negócio dele assim que estivesse pronto e pediram desculpa por não poder oferecer adiantamento. Ele checkou várias vezes o e-mail, releu e ficou tentando encontrar ali alguma fissura que denunciasse a fraude, talvez ecos da voz de algum amigo dele curtindo com sua cara. Duas semanas depois ele estava assinando um contrato. Ele e os pais foram numa pizzaria chique comemorar, a mãe pedindo para três garçons diferentes fotografá-los ao longo da noite.

Todo mundo com quem ele conversava sobre aquela série inesperada de eventos concordava que tudo aquilo havia sido muito rápido. A primeira edição foi publicada seis meses depois nos Estados Unidos, apressada por contingências do calendário comercial lá deles que Gustavinho nem entendeu. Para seu desapontamento, a sua história

não saiu sozinha e sim como parte de uma coletânea maior de artistas descobertos na internet (quatro deles americanos, dois deles hifenados, mais ele e um indiano). Ele saiu numa reportagem enorme no Omelete (um site sobre entretenimento de nicho que ele lia há pelo menos dez anos) que se centravam principalmente no fato dele estar fazendo um sucesso nos Estados Unidos, como se aquela fosse uma legitimação de outra ordem.

Poucas semanas depois do lançamento e dos pequenos pipocos que lhe seguiram, uma pequena empresa paulista de videogame com o nome esquisito de Synopticon, que até agora só tinha dois joguinhos simples casuais pra browser e pra celular, entrou em contato com ele. Um grupo de moleques que pelas fotos do site não parecia ter nem vinte anos direito sondando Gustavinho a respeito da possibilidade de criar um “jogo de RPG massivo com múltiplos jogadores online (MMORPG)” a partir não exatamente da história do seu quadrinho (já que eles nem conheciam a história direito, que ainda estava no segundo volume), mas do universo ficcional onde ela se passava, toda a coisa brasileira pós-apocalíptica que se servia de um excesso de referências pop de todo tipo.

Gustavinho mal conseguiu acreditar no email, gargalhou de antecipação e antes mesmo de procurar saber se aqueles moleques tinham qualquer condição de levar aquela ideia pra frente e de fazer o negócio bem feito ele concordou, respondeu o e-mail dizendo que sim (ou melhor, “SIM!!!”) e aceitou viajar para São Paulo na semana seguinte para conversar sobre o negócio.

—

A história parava assim.

Apesar dele não ter dito, eu comecei a ler supondo que o autor era o Fernando. Sabia que ele gostava de escrever, mas nunca tinha lido nada dele. O que já tinha visto era um dia bêbado admitir um ressentimento a respeito disso que me pareceu pouco característico, falando por um tempo enorme de como nenhuma revista grande brasileira e quase nenhuma editora eram

abertas pra submissões de inéditos, tudo parecia fechado em si mesmo, uns vinte machos paulistas e cariocas batendo punheta uns pros outros. Falava isso num tom amargo que eu não sabia que ele tinha e que foi eloquente em demonstrar o tanto que ele devia ter mundos inteiros que eu desconhecia. Eu achei bom quando vi aquilo, na época, embora tenha sido desagradável de ver.

Aquele rancor todo era feio de se ver ali exposto daquele jeito, como uma fratura infectada, mas eu achei bom porque ali eu vi vulnerabilidade, o que quase nunca acontecia senão nos termos encenados dele.

Fiquei procurando ali na história espectros dele e de nossos amigos em comum. Só depois de terminar de ler é que eu fui perceber que o tempo inteiro eu também tava procurando na história alguma relação possível com os supostos eventos lá com a Juliana.

E fiquei com essa noia quase que só porque ele me linkou o bagulho imediatamente depois de ter perguntado pra ele o que tinha acontecido. Apparently bastou essa justaposição para que a impressão se instalasse na minha cabeça de que a história devia ser sobre aquilo.

O conto tinha um tom engraçadinho que pra mim não dizia muita coisa. Tampouco o assunto me interessava (não devo ter jogado nem dez horas de videogame em toda a minha vida, tampouco li muitos quadrinhos).

Não conseguia traçar relações claras entre a história e a vida dele, mas tampouco conseguia determinar que não havia relação nenhuma. A impressão perdurava de que de algum jeito a vida dele devia estar ali, ainda que ir-reconhecível. Não é isso que as pessoas fazem, sempre? Mesmo quando elas acham que não? Elas se colocam em tudo.

05.

Tem também a Juliana, que das garotas era a minha favorita. A coisa mais marcante dela para a maioria das pessoas era a enorme pena que ela tinha de si mesma. De fato ela reclamava demais da vida e das coisas, da sua própria sorte e de praticamente todas as circunstâncias em que se via metida.

Mas ela era engraçada pra caramba e pra algumas pessoas (notavelmente: pra mim) as reclamações não eram irritantes, acabavam criando todo esse personagem trágicômico que só faz merda e com quem nada jamais dá certo.

Ela estava sempre (nas suas próprias palavras) muito além do peso que gostaria de ter, oscilando violentamente na balança desde o início da adolescência. Ela também não era exatamente bonita, tinha traços agradáveis mas não atraentes, uns olhos espertíssimos, uma bocarra que subia e descia pra todo lado em movimentos erráticos, um riso alto, masculino e meio fochinado que não a agradava e que ela não parecia conseguir segurar (e que eu amo de paixão). Embora falasse muito de sexo, era um ser pouco sexualizável (pelo menos pros limites, talvez pouco flexíveis, da minha imaginação).

Vivia namorando uns caras horríveis que conhecia na internet, sabe-se lá como (ela dizia sempre que tinha conhecido no 'chat do Uol', que ela usava até hoje como metonímia pra todo tipo de comunicação virtual). Caras quase sempre bem abaixo dela, mais feios e menos interessantes, que ela acabava tratando com um jeito condescendente, meio ressentido de não estar com nada melhor.

O tipo de relação que já começa ressabiada e pouco convincente, prestes a ser desmontada. Um deles supostamente havia roubado uma poltrona dela. Não sei como isso teria se passado, mas ele teria roubado a poltrona e deixado um bilhete dizendo pra ela não procurá-lo, que ele não a aguentava mais e que ele se sentia no direito de levar aquela poltrona em troca de todo o abuso emocional que ele tinha sofrido durante os, sei lá, seis meses em que estiveram ficando.

Até onde eu sei, ela não foi atrás do troço.

(Talvez ela tenha inventado essa história, eu percebo só agora, tendo mais credulidade que uma criança de cinco anos, e alguma dificuldade de entender quando as pessoas tão brincando e quando tão falando sério).

Ela era como esses comediantes que têm todo um arsenal recorrente de piadas autodepreciativas, uma imagem fracassada, agressiva e irônica diante do mundo. Vestia sua misantropia e seu ódio verborrágico de várias maneiras, todas coloridas, mas quase sempre concentrava nos homens, em como eles eram desprezíveis e tinham que ser exterminados, em como seus comportamentos eram absolutamente inaceitáveis e indesculpáveis. Repetia algumas mesmas anedotas e conclusões comigo com alguma frequência, aperfeiçoando o relato de algumas histórias a ponto delas consistirem hoje quase inteiramente em frases-de-efeito.

De todos, é a única que sempre, sempre e em toda circunstância me tratou feito gente.

06.

Depois de ler o primeiro post do “Cabuloso” do Fernando, fiquei com a atenção redobrada para tudo que ele e o grupo postava. Minha impressão já sempre existente de que todos estavam participando de uma brincadeira que não me incluía passou a ressoar adensado naquela frequência.

E não é que o próprio Fernando postou no facebook, poucos dias depois de me linkar o “Cabuloso”, sem comentário nenhum, o link dum outro blog (overdestavindo.tumblr.com)?

Eu ainda não sabia, nessa época, que o malandro tinha há anos dezenas de personalidades e extensões internéticas (mais sobre isso mais tarde). Ter dois blogs já me pareceu, na hora, rocambolesco.

O blog tinha acabado de ser criado, assim como o outro. E era assinado apenas EMISSARIA TRANS-ESPECIFICA INDEPENDENTE. A primeira postagem tinha o título “PARTE 1 (DE 3) — O VERDE-PRETO DE AMÔNIA EMERGE!”

Ok, então.

Segue o trem:

“Plantas comem luz. O feito já é extraordinário aqui na Terra, mas no Verde-Preto de Amônia — um planeta Marrom girando a pouco mais de quinze anos-luz daqui — as plantas se desdobraram sozinhas, sem que animais viessem depois para tomar-lhes a posse. Análogos próximos de nossos fungos e protozoários crescem misturados às plantas, servindo de suportes simbióticos no seu meio, às vezes disputando nutrientes. Mas nada se agita rápido demais, nada cresce de modo a ameaçar mastigar ou derrubá-las. As condições gélidas e inóspitas da maior parte do planeta não convidam a criação de muita vida além das raízes entremeadas e pacientes que aos poucos vieram a ocupar todas as camadas superiores do esferoide.

Mas elas tampouco deixavam espaço para que as poucas tentativas emergentes chegassem muito longe (pequeníssimos protótipos de

girino sendo aos poucos sufocados por populações efervescentes de alga rendada até que não houvesse mais espaço para experimentação espontânea).

Nesse lugar onde o espectro de luz se fatia doutro modo, as plantas são vermelhas e pretas, variando violentamente de forma e de textura mas nunca de cor além dessa paleta reduzida. Tampouco há insetos ou pássaros para mimetizar ou cuja atenção chamar. Ainda assim, nessa competição calma e quase surda, vai emergindo aos poucos uma comunicação bioquímica cada vez mais enredada.

Depois de algumas centenas de milhões de anos de eflorescência desimpedida, começa a engrossar recursivamente a inteligência distribuída entre as raízes e copas, lianas e espinhos, galhos e demais extensões, bulbos gangliosos se cruzando em rizomas omnidirecionais. Além da compreensão instintiva de cada indivíduo e grupo aglutinoso de indivíduos de como reagir ao seu meio, perseguindo luz e amônia em tropismos lentos mas certos, o Verde-Preto de Amônia começa a espriar redes e nódulos densos entre seus pontos, aos poucos uma assembleia silenciosa e arrastada se montando de metatropismos, ligaduras tensionais se espriando por imensidões, nutrientes e sementes sendo canalizados com presteza industriosa para onde mais precisa.

O verde circula e re-circula, começa a tomar conta de suas extensões além dos termos estipulados pelo programa de autorreprodução montado de maneira involuntária por seus ancestrais. Começa a estender esse silencioso senso de si até onde antes não dava, até onde antes esgarçava, indivíduos velhos e áreas todas ressecadas ou destruídas por ventanias furiosas de granizo eram retomadas e revitalizadas pelas vizinhas.

Nas vastas expansões de amônia congelada, gasosa e líquida onde as raízes se comunicavam, núcleos às vezes se degradam, mas geralmente são enxertados ou devorados por outros núcleos enodoados em volta. Dificilmente morrem de todo. Um vasto planeta onde a vida pisca,

acende mais aqui e ali, mas quase nunca termina, não precisa devorar outras vidas para sobreviver, nem se preocupar com predação. Se amplifica e se renova com pouquíssima destruição. Há competição por recursos, ainda assim, além de partilha (o que para elas é tão natural quanto, para nós, respirar). Há até suas medidas de violência lenta, claro, lutas arrastadérrimas de raízes que enroscam e sufocam umas às outras ao longo de centenas de anos. A transformação gradual e a escalada de complexidade é muito, muito mais lenta do que na terra. Mas também está acontecendo há muito, muito mais tempo.

Nunca haverá por lá arte nem técnica, no sentido de atividades externas aos corpos das plantas, transformação de materiais em objetos discretos. Toda transformação voluntária que se dá por lá é bioquímica. A linguagem deles não se dá por percussões no ar ou inscrições em papel. O mais próximo de proposições com sentido, para as plantas, são cadeias bioquímica sintetizadas de maneira voluntária. Quando isso começou, há mais de três milhões de anos atrás, demorava o equivalente a cinquenta anos terrestres para uma proposição protéica complexa, como uma célula, ser criada de maneira deliberada. Mas há muito brotaram inúmeros núcleos de contínua e intensa atividade no Verde-Preto de Amônia onde vida é sintetizada em velocidades (para eles) alucinantes, com novas flores e explosões morfológicas especulativas brotando todo dia para deleite e experimentação plástico-prática do Verde.

A essa altura, quando chegam a essa densa capacidade de síntese orgânico-técnica, começa a brotar um profundo ímpeto coletivo de conhecimento cósmico. O Verde-Preto de Amônia já havia adquirido tamanho fervilhamento com suas capacidades biológicas experimentais, que sentimentos até então inauditos começaram a borbulhar entre as folhas mais eriçadas. O ímpeto do planeta de conhecer o seu Vasto e Escuro entorno não vinha exatamente do tipo de curiosidade discursiva que costumamos repetir para nós mesmos (“De onde viemos?”, “Estamos sozinhos?”). O Verde-Preto de Amônia sabia de onde vinha e que ele era uma multidão lianosa. O seu ímpeto de

estender sua escuta até o espaço foi vindo gradualmente, sem grande ousadia imaginativa, como quem estende lentamente o braço no escuro buscando uma maçã ou um copo d'água. Só que ao longo de centenas e centenas e centenas de milhares de anos.

Uma geo-engenharia titânica começa a se armar aos poucos, raízes adentrando mais fundo na crosta, plantas descomunais movendo montanhas muito (muito) lentamente, com toda a paciência do seu mundo.”

Eu mal consegui digerir, na primeira vez que li. Achei maluco demais. De início me pareceu que não tinha nada a ver com a primeira história, mas relendo percebi que tinha um pequeno detalhe que conectava as duas.

Pensei várias vezes em perguntar para o Fernando, diretamente, de uma vez por todas, o que era aquilo. Mas a última coisa que eu queria era ser, de toda a galera, a única pessoa que não já sabia o que estava acontecendo. Segui fiel como uma avó noveleira, com meu modulador sintonizado naquela frequência, aguardando novas transmissões.

07.

Pode parecer que estou enrolando pra apresentar uma trama decente por querer, mas é pura incompetência.

Apesar da impressão teimosa de que existem linhas narrativas claras na minha cabeça prontas pra sair, não tenho hábito de contar histórias pra ninguém, montar esta máquina que suceda bem-oleada. E a história tampouco facilita.

Em sua maior parte não ocorreu em eventos recortados direitinho. Eu tive que observá-los de longe — às vezes pegando apenas seus ecos e reverberações posteriores e tendo que mandar uma engenharia reversa. Mas recapitulando: então que lá pra 2008 esse grupo de amigos se estabeleceu com os dois casais que se formaram. A Eloísa e o Fernando, que já descrevi, e a Beatriz e o Adriano, com a Juliana sendo a quinta roda errática, o alívio cômico autoconsciente e verborrágico.

Todo mundo naquele estágio de vinte e poucos anos, a maioria terminando cursos superiores e já encadeando profissões pouco satisfatórias, outros mudando de curso ou vagamente estudando pra concurso (como geral de classe média e alta parece fazer em Brasília), muitos com expectativas indistintas de alguma espécie de profissão criativa a qual se sente que tem direito, sem conseguir determinar exatamente qual seria, nem como persegui-la.

A maturidade oficial e adulta já parece presente, um humor que se consegue habitar com algum esforço, em determinados momentos, mas de maneira ainda pouco convincente. Eloísa e a Juliana eram as mais agilizadas, o resto, como muita gente (e como eu) morava com os pais e navegava aquela displicência semi confortável que só é concedida a gente privilegiada ou mais ou menos privilegiada. Eu trabalhava às vezes nas lojas de fotografia do meu tio, mas não com regularidade. Com frequência alguém chamava atenção pro fato de que os respectivos pais de quase todos ali com a idade que eles tinham já estavam casados, ou casados e com filhos, e de como isso parecia inimaginável pra eles.

A única coisa próxima de uma interrupção nesse fluxo descompromissado de desenvolvimento arrastado foi a morte da Renata. Quase nenhum deles era realmente próximo da menina, mas ela habitava o mesmo plano que eles, era um elemento do cenário, estava ali nas fotos, nas mesas de bar, nos apên-

lices virtuais de todo mundo. E ela morreu sem mais nem menos, naquele vôo de 2010 que caiu no mar. Era a primeira vez que ela ia à Europa, tinha trabalhado numa loja uns meses pra juntar grana e ir visitar a irmã fazendo intercâmbio em Lisboa, estava voltando pra casa. Todo mundo havia visto no Facebook as várias, as mais de duzentas fotos que ela tinha postado na viagem e muita gente tinha comentado em algumas fotos específicas, alguma besteira engraçadinha envolvendo a cidade onde ela estava, a roupa bonita dela comprada por lá, o doce bonito numa mesa de café, o cara espanhol na rua parecido com o Renato Gáúcho.

E depois da morte dela as fotos se encheram de comentários de familiares ou amigos de faculdade alardeando seus pêsames e suas tristezas e seus votos para que seu anjo fizesse uma viagem tranquila até o céu, umas coisas assim. A irmã dela começou a xingar todo mundo, de tão puta que ela ficava com aquilo. Logo fecharam o perfil. E o caso estourou adiante na mídia, claro, foi analisado em todas suas possíveis causas técnicas durante a tarde inteira por especialistas, as conjeturas claramente improvisadas, sem ainda detalhe nenhum do que havia acontecido. Era uma figura familiar, mas ainda assim estranha, a de um avião inteiro comercial sumido no mar. Aviões já carregam consigo seus possíveis acidentes, o mero fato dele estar no ar parece evocar uma profusão provável de funelagens em chamas, mas talvez as nossas ferramentas de compreensão empaquem um pouco com este intervalo. De um vôo que simplesmente desaparece, em vez de explodir em algum gramado por aí e oferecer para os nossos telejornais as feições de suas ossaturas metálicas em chamas (imagens com as quais montaremos as nossas próprias visualizações da morte ao entrar num avião depois disso).

A Juliana em particular sentia algo parecido, não conseguia entender de fato que a Renata estivesse no fundo do oceano. Algo na materialidade do evento não era acessível pra sua imaginação, sem as fotos ajudando. Não era difícil de entender que duzentas e dezesseis pessoas haviam morrido porque um avião havia caído no mar, mas quando tentava figurar uma amiga sua no meio daquele dado, ela não conseguia. Era como se a Renata tivesse simplesmente sumido, caído num vão entre planos simbólicos.

O velório foi aquele espetáculo, a família desesperada e inconsolável, nada daquela tristeza digna e aquietada quando morre um velho, de receber educadamente os amigos da família e agradecer a presença, notar quais dos parentes de outros estados mandou flores, quais tiveram alguém represen-

tando em pessoa. Não havia nada de compreensível naquele evento. Nem o corpo estava lá. Depois de quase uma semana do vôo sumido no mar, a família simplesmente marcou o velório, e todo mundo se reuniu na casa da vó pra ficar chorando loucamente e receber votos constrangidos e inadequados dos amigos, que sabem que não podem oferecer nenhum conforto.

Os amigos pareciam não saber o que fazer diante daquilo, como reagir de maneira adequada. Exceto a amiga mais próxima, que eu não conhecia, ninguém ficou exatamente prostrado, desmontado de dor, como ficaram alguns familiares (a mãe dela não trocou de roupa durante quase um mês, parece).

Mas ainda assim aquele evento parecia descer sobre todo encontro que faziam, naquele semestre. Era só juntar mais de três amigos dela numa mesa que a camada de cinzas daquele assunto parecia automaticamente invocada, deitando sobre tudo. A morte agora era um elemento em comum entre eles, algo que partilhavam. O Fernando, em particular, que nem era tão amigo dela, invocava a presença com muita frequência, como se gostasse do efeito que ele trazia sobre tudo. Não sei se nenhum deles concordaria comigo, mas eu diria que aquilo juntou mais o grupo, deu a ele uma consistência nova.

Eles agora eram os amigos que haviam perdido a amiga, os amigos que dividiam a memória de um morto.

(eu estou indicando que isso é importante, então tomem nota)

08.

Nessa época eu estava estudando pesado pra concurso e não saía muito. Mesmo internet eu usava pouco, com o regime asceta que eu me havia imposto. Acordava seis da manhã, corria ali perto da minha casa mesmo, pra ver se emagrecia (claro que não), tomava banho e ia pra biblioteca estudar até a hora do almoço.

(Quando eu digo estudar, eu quero dizer na verdade olhar para apostilas e exercícios de regimentos internos e direito administrativo enquanto penso em outras coisas até que as letras se descolem de si mesmas).

De tarde e à noite tinha aulas da UnB do meu curso de Biblioteconomia cujas ondas sonoras quebravam sobre mim puramente como massa indistinta.

Não deu certo, não passei em nenhum dos concursos que tentei, talvez porque tenha ido atrás só dos mais difíceis, que pagavam melhor e exigiam um trabalho menos tenso. Talvez porque quando chegava o dia da prova eu desmontava emocionalmente, suave, ficava imaginando a cada questão as bolhas de causalidade subsequentes, o fato de errar aquele item, levando ao meu fracasso naquela prova que levaria ao meu fracasso na vida como um todo que fatalmente terminaria comigo num beco em algum lugar, fumando crack e tentando fazer sexo oral num cachorro (minha imaginação é histérica desse jeito, sempre foi).

E tentar relaxar não funciona, claro, na verdade *tentar relaxar* é uma recomendação que vivem fazendo por aí que mal faz sentido. Você não tem como usar a sua própria cabeça pra, sozinha, desmontar os monstros que ela cria, seus próprios terrores. É como armar a polícia pra vencer o exército. Tentar relaxar antes de fazer um concurso significava só criar camadas e mais camadas de ansiedade, começar a suar e não conseguir dormir com medo do nervosismo, isso semanas antes da prova, o que começava a afetar meus estudos, e a ansiedade então começava a envolver os estudos e a possibilidade das minhas crises dificultarem o meu preparo, etc. Vocês entenderam.

Alguns passos adiante a minha imaginação já me botava descendo um machado na cabeça dos meus concorrentes no cursinho, em especial um moleque alto de cabelo enrolado chamado Jóder que é talvez a pior pessoa do

mundo (contando genocidas, Steve Jobs). Já tinha passado em dois concursos excelentes e ainda assim continuava fazendo cursinho, muita gente achava que só porque depois de ficar bem uns cinco, seis anos inteiramente devotado àquela vida ele percebeu que era o único lugar onde ele era melhor do que os outros, onde ele podia se afirmar. Gostava de corrigir os professores de uma maneira sempre calibrada para não parecer arrogante e sim direcionada a “ajudar a avançar e melhorar o aprendizado e a dinâmica da apresentação do conteúdo”.

Enfim. Anos depois meu ódio por ele ainda reluz seu betume.

Durante esse período, eu encontrei o Fernando e a Eloísa um dia no CCBB indo ver um filme de um francês obscuro que eu sabia que o Fernando gostava (ele havia postado sobre algumas horas antes). O filme era um documentário esquisito e palavroso pra caramba chamado “Sem sol”. Eu cochilei quase um terço, como faço sempre que vou ao cinema, mas até gostei de alguns pedaços. Realmente não tinha sol nenhum. Nos encontramos na saída, eu os acompanhei no carro da Eloísa enquanto eles fumavam um baseado (o que eu nunca faço, pelo mesmo motivo que não passo em concursos, a minha imaginação dramática e histérica, que não precisa de estimulante nenhum pra despirocar, valeu).

Fernando do nada começou a falar de como a morte da Renata era uma coisa horrível e havia forçado todo mundo a sair um pouco da adolescência prolongada e encarar o fato de que o mundo era um lugar onde coisas como aquelas (e bem piores do que aquela, obviamente, *cem vezes* piores do que aquela) aconteciam sucessivamente, sem muita quebra ou interrupção, até que a gente morresse. Aquele era até um contato amaciado com a morte, se você parasse para pensar. Uma fase tutorial bem facinha. Os próximos cheffes seriam bem piores.

Pelo tom do discurso, ele planejava estabelecer tudo aquilo pra depois apresentar alguma perspectiva diferente ou consoladora, alguma interpretação um pouco mais positiva dos fatos. Mas ele não conseguiu. Talvez porque estivesse fumado. Só parou de falar num determinado momento, no meio de uma frase, como se alguém tivesse desligado sua energia.

A Eloísa de repente começou a chorar, dirigindo o carro, tensa, falando que porra que ele tava fazendo trazendo aqueles sentimentos horrorosos enquanto ela não só tava chapada mas ainda tava dirigindo um carro, que por-

ra que ele não pensava no que falava e sabia que ela era sensível com esses assuntos, não gostava deles, não via nenhum sentido em mencioná-los, quanto menos (e aqui ela parou de falar, mas eu imaginei que a minha presença era a agravante da situação, que tornava tudo ainda mais inadequado).

O carro estava subindo o eixo monumental a esmo. Perguntei pra onde estávamos indo, eles explicaram, meio confusos, que estavam me dando uma carona para algum lugar (Eloísa parecia achar que eu morava no Sudoeste). Mas eu estava com o carro da minha mãe lá estacionado no CCBB, na verdade. Expliquei já morrendo de vergonha. Fernando havia me chamado para o carro na saída do filme e eu entrei apenas porque sim, só para interagir com eles. Nem fumar um beque eu fumei, afinal. Eles acabaram dando a volta no eixo para me deixar de volta no CCBB, um leve climão descendo sobre o carro. Eloísa parecia um pouco puta, com cara de quem queria perguntar por que diabos eu tinha entrado no carro, afinal, se não era pra pegar uma carona nem pra fumar? Mas não perguntou. Fernando ficou fazendo graça da sua própria confusão, tentando desarmar a cena e atribuiu a culpa de tudo ao beque.

Foi um momento tolo e só levemente desagradável, mas isso pouco importa, o fato que eu estava tentando ilustrar com essa compacta e eficiente anedota dramática é que Fernando era uma pessoa muito séria, apesar da bonomia quase permanente, da gentileza e do senso de humor que costumavam tornar toda situação agradável.

Eu nunca consegui decidir se ele tinha uma inteligência realmente extraordinária ou se era apenas esperto em se fazer de esperto, muito por causa da sua reticência óbvia em exibir abertamente suas próprias idéias e sua erudição (ou pelo menos o que me parecia ser erudição, eu jamais saberia distinguir um charlatão charmoso da coisa mesma).

Já o vi mais de uma vez fingir não ter lido livros que eu sei com certeza que ele leu (por ter ouvido ele falar sobre com propriedade em alguma outra conversa, digamos, ou em um caso específico por ter folheado no seu quarto uma cópia bastante anotada por ele mesmo), já o vi se ausentar de forma muito deliberada de conversas que certamente o interessavam e cujos temas ele dominava mais do que qualquer dos que estavam ali esbravejando e falando bobagem. E o motivo, acho, é que ele não é capaz de falar daqueles assuntos da mesma forma que todo mundo fala. Não era capaz de se meter numa discussão daquelas sem esbugalhar os olhos e começar a falar umas coisas

que ninguém ali estaria muito a fim de ouvir. Então preferia nem descer pra brincar.

Enquanto isso a sua namorada, Eloísa, era uma pessoa que parecia incapaz de lidar por querer com qualquer aspecto mais sombrio do mundo. O recorte que ela fazia das coisas parecia em tudo sentimental e infantilizado, vulnerável e nostálgico. Tudo estetizado e elegante como nas várias, várias, infinitas fotos que ela postava de si mesma o dia todo na internet, editadas por pelo menos meia hora cada uma, com filtros matizados sobrepostos, posando sem nunca olhar pra câmera, puxando os lábios sempre de um mesmo jeito pra parecer charmosinha, usando casaco mesmo no calor de fevereiro.

Notava sempre também a importância estranha (pra mim, desmedida) que a Eloísa dava para as bandas alternativas que ela curti. Não só parecia depreender uma parte considerável da identidade dela do fato dela gostar de tal e tal banda (de, digamos, Built to Spill, Yo la Tengo), mas ainda parecia retirar um senso de pertencimento muito marcado daquilo. Quando numa festa acontecia de tocar uma música da qual ela se sentia particularmente próxima, eu a via fechar os olhos e ficar cantando junto consigo mesma, toda acometida daquilo. Dava pra ver que o lugar todo, aparentemente, se transformava pra ela, de uma casa feia com gente dispersa numa cidade blé de repente emergia um espaço de onde emanava toda uma outra substância, de repente.

É impressionante como alguns casais conseguem te dar a impressão de cada um viver num mundo tão diferente um do outro, figurado em imagens e símbolos tão distintos, que não dá nem pra dizer exatamente que os dois mantêm um relacionamento único, seria mais preciso dizer que cada um namora uma figuração solipsista de si mesmo, um bonequinho de desenho animado com quem se transa e se passeia no shopping. Com quem se divide combinados de sushi e opiniões matizadas sobre hipsters. Apesar de materialmente estarem ali juntos e abraçados, cada um dos dois está sozinho, com as pernas entremetidas em carne alheia e estranha. Era a impressão que eu tinha deles.

Isso não impede que cada um dos dois relacionamentos solipsistas seja viável e válido, à sua maneira. Eles pareciam, sim, à época, relativamente felizes.

09.

Depois de passar um tempo entrando todo dia no blog do Cabuloso e encontrar sempre aquele único post, acabei esquecendo de checá-lo.

Não sabia quem mais conhecia o endereço, quem dos nossos amigos também estaria lendo (claro que gostaria de supor que eu fazia parte de um grupo seletíssimo, mas isso não parecia tão provável). Até que um dia eu vi o Paulo colocando o endereço como parte do seu nome no chat do Gmail e fui perguntar pra ele se ele sabia de quem era o negócio.

P: Ue eu achei que era do Fernando. não é não?

E: Ele te falou que era dele?

P: Não, mas ele que linkou. E o autor tem um puta nome bogus ne.

E: É, 'f. de dasvasig' rs é esquisito mesmo.

P: então. claro que é o Fernando

E: Mas pq q ele não assina o nome dele?

P: Ah tu não conhece o Fernando, vei, ele nunca nunca na vida que botaria um troço assim na internet com o nome dele. O bicho sempre teve essa viagem de pseudônimo, de se esconder.

E: boto fé

P: Ele não deixava tirar foto dele direito quando era adolescente, sabia?

E: Sabia não.

P: serio. Hoje ele nega, mas eu já vi ele dar chilikue disso quando tinha uns quinze anos, haha. geral zoava mt ele.

E: boto fé

P: tipo índio com medo de roubarem a alma, tá ligado

Eu já tinha visto a Bia falar algo parecido um tempo atrás, embora não relacionado com internet. Que o Fernando sempre teria essa dificuldade sinistra de assumir posturas. Que, mais de uma vez, conhecidos dele que o achavam talentoso teriam recomendado seu nome para escrever para algum site literário desses pequenos, e que ele teria, segundo a Bia, escrito várias versões diferentes e igualmente brilhantes que na última hora ele decidia que

não mereciam publicação. Pediu desculpa pros caras falando que não tinha conseguido escrever nada.

Cito agora aqui a Bia, numa mesa de bar: “é quase impossível aquele filho da puta botar o nome dele em alguma coisa, como se uma assinatura chamasse a responsabilidade, botasse a figura inteira ali dele dizendo aquilo. No fundo é porque se acha Deus, claro. Nada é bom o bastante pra levar a assinatura dele.”

Disso resultava uma vontade quase incontornável de colocar tudo entre aspas e entregar sempre pra um personagem.

Mas o motivo do Paulo estar linkando, eu percebi, era que no dia anterior tinha sido postada a segunda parte da história.

Eu cheguei a ter um tremelique na espinha de excitação quando abri (o que é ridículo da parte da minha espinha, eu sei).

CABULOSO – PARTE 2

“Gustavinho chega em São Paulo e é recebido no aeroporto por um dos garotos, segurando uma folha branca escrito “GUSTAVO PETERSON – SYNOPTICON” (no que parece ser times new roman tamanho 72, ele percebe sem querer), um moleque bastante parecido com ele de corpo, de cabelo loiro-escuro raspado quase rente à cabeça, só que ainda mais tímido, olhando sempre pra baixo e negaceando com a cabeça como se pedisse para que você desconsiderasse as besteiras que estava falando. Mateus.

Usa aparelho e parece tentar manter a boca quase fechada enquanto fala, ri só com os ombros, que tremem muito, mas o tempo quase todo.

Durante a hora e meia que tomam para chegar no lugar da reunião, com o trânsito ruim e a inépcia tremenda de Mateus como motorista, os dois interagem quase que inteiramente checando itens das respectivas listas imaginárias de coisas que gostam.

— Tu curte Moebius?

— Sim. E tu?

— Também. Tu curte Lobo Solitário?

— Sim. E tu?

A reunião acaba sendo bem desapontante, uma sala com apenas cadeiras giratórias metálicas, várias, algumas com pedaços de plástico ainda irrompendo das juntas e muitas caixas de papelão no canto. Os moleques da empresa todos muito novos e tímidos se expressando mal pra caramba e não conseguindo juntar duas ideias coerentes direito, inseguros quando perguntados de qualquer detalhe mais específico e incapazes de transmitir qualquer confiança na capacidade deles de levar o projeto a frente.

Todos, na sua ansiedade, fazem contínua referência a um membro da equipe que não tinha conseguido chegar a tempo. São cinco homens e uma menina, Renata, que todos chamam de “Renatinha”, uma menina muito simpática, ruiva tingida, mais ou menos bonita, Gustavinho acha, sem conseguir decidir se apesar ou por causa do nariz meio de batata, rechonchudo no meio da cara. De todos, parece a menos intimidada, mas hesita em falar muito, talvez porque toda emissão sua causa inúmeras erupções de pelo menos três deles. Renatinha mantém uma expressão de quem quer agradar, concordando muito com a cabeça, e todos ao redor dela parecem ansiosos, alguns tentando dar em cima e atrair sua atenção, sem muito sucesso.

Gustavinho chega no hotel já de noite, sem ter jantado, tendo negado o convite do Mateus de ir comer alguma coisa, querendo ficar sozinho logo. Depois de comer duas barras de chocolate do minibar e se masturbar com suas abas favoritas de pornografia, fica deitado com o computador no colo assistindo vídeos de um comediante de Santa Catarina que ele tinha descoberto recentemente. Acorda cedo com o computador ainda esquentando seu peito, o autoplay do Youtube teimando em mostrar há horas vídeos de um mesmo apresentador de televisão que Gustavinho sempre odiou e que esteve assombrando seus sonhos durante toda a madrugada.

Na segunda reunião, no dia seguinte, Gustavinho chega desanimado. Fica mexendo no celular nos primeiros cinco minutos, antecipando já se constranger pelos outros, quando o tal membro que faltava chega, atrasado, vindo de uma viagem inexplicada.

É o único ali deles que consegue dominar uma sala ao entrar nela

e enchê-la com sua voz, sentando na cadeira com a postura de um adulto, apesar da casualidade da roupa (camiseta cinza e calça preta esportiva). Tem uma clareza de expressão surpreendente, expressando-se em formulações seqüentes e encadeadas, transformando uma sala sonolenta numa reunião agilizada em questão de poucos segundos. Uma maturidade até meio assustadora pra um moleque que não pode ter mais que vinte e poucos anos. É de Belém e seu sotaque paraense forte já deixa Gustavinho bem disposto com o que ele tem a dizer (Gustavinho gostava de todos os sotaques brasileiros que não fossem nem paulista nem carioca). Tem o rosto redondo em formato de bolacha, limpo como de uma criança, com cabelo de cuia curtinho e mechas compridas correndo apenas ao lado das suas orelhas. É magro demais para a camiseta cinza que está usando, mas parece ter um domínio extraordinário do que fala, tem todo um plano empresarial impressionante além de uma série de conceitos já estabelecidos para como o jogo deveria funcionar.

O tempo inteiro em que Gustavinho se impressionava com a inteligência de Evandro ele também se detinha no fato de que seria inteiramente incapaz de descrever a configuração dos traços de Evandro (se requisitado fosse). São traços indígenas, sem dúvida, mas há algo de muito singular no rosto. Era tão bonito que perturbava, mas não era só isso. Além do penteado um pouco original, da boca comprida, as feições não quietavam. Pareciam acesas de uma intensidade incomum e mal contida.

Evandro em nenhum momento fala do jogo como uma possibilidade ou mesmo algo com que Gustavinho precisaria concordar para que acontecesse. Fala de algo que já estava encaminhando, já engatilhado, como se já estivessem todos eles ali imersos nos ritmos de um inevitável mecanismo já posto em movimento.

— A gente já estava com esse plano de desenvolver um MMORPG brasileiro há algum tempo, tem gente aqui que já fez parte de uns projetos gringos parecidos que não deram muito certo, mas faltava ainda um gancho narrativo, uma sensibilidade estética firme na qual pudéssemos nos focar. E agora nós temos isso graças ao seu quadrinho, Gustavo.

Ele fala isso e encadeia uma salva de palmas que os outros demo-

ram um tempo para sacar que devem propagar e manter. Gustavinho olha pra baixo, sorrindo constrangido, mas no fundo acha bom. Ele não se lembra de outra vez na vida em que tenha recebido uma salva de palmas honesta (as de aniversário, claro, não contavam). Vê a cena em terceira pessoa, como num filme.

Evandro diz que eles precisariam estabelecer uma plataforma para que os fãs dos quadrinhos e jogadores sérios do mundo todo pudessem ter uma chance de ajudar a financiar o projeto. Acha que montando direitinho a campanha eles conseguiriam um bom dinheiro em menos de um mês, considerando a rede de contatos que ele já mantinha com mini celebridades de blogs e fóruns desse meio. Já havia uma estratégia conjurada para potencializar o burburinho e criar o hype necessário em diversos focos estratégicos. Seria só o bastante pra começar, claro, mas ele já estava conversando com investidores que devem entrar assim que tivessem algo concreto pra apresentar. Evandro mostra todos esses elementos ordenados num fluxograma que parece ter desenhado ele mesmo, num tablet que ele segura na altura do peito para que todos possam ver. Não sorri nunca, mas tem no canto dos lábios compridos uma curva sempre prestes a se formar, enquanto fala e enquanto ouve os outros. Como se não fossem poucas as coisas que ele sabia e eles não.

Gustavinho entendia vagamente do que o moleque estava falando, mas nem conseguia imaginar de fato como que se daria aqueles passos todos. Pareceu tudo otimista demais, será que não quebrariam a cara? Viu-se depois de vinte minutos endireitando a postura e querendo impressionar aquele moleque, ao menos não parecer burro demais aos seus olhos.

A reunião termina abruptamente, com Evandro atendendo uma ligação em inglês e saindo da sala, pedindo desculpas.

— Quem é esse cara? Da onde ele vem?

Gustavinho pergunta quando a reunião termina, escolhendo se dirigir ao único moleque ali que parece ainda mais confuso do que ele. Um menino loiro com o rosto bastante machucado de acne cujo nome Gustavinho sabe apenas que termina em ‘el’.

— É o Evandro, ué,

Responde, confuso, como se lhe tivessem perguntado algo insólito, de tão básico.

— Claro, mas de qualé do bicho, assim?

— Ah, ninguém sabe direito. Só sei que ele é do Pará. Vive indo pra Belém.

— Mas quantos anos ele tem? Ele é formado em alguma coisa?

— Você diz porque ele fala todo chique assim, né? Pois é. Não, acho que ele não é formado em nada não. Ele tem uns vinte e poucos anos. Parece que ele nunca estudou nada, é filho de índio.

— Filho de índio? De que povo?

— É, uma parada assim. Eu não sei direito, ele não fala nada da vida dele. N-não fala pra ele que eu falei assim, aliás. Mas parece que mora bem no interiorzão, mesmo. Não sei se no mato.

— É. Ouvi que só foi mexer na internet pela primeira vez com doze anos. Numa casinha da prefeitura.

— Casinha da prefeitura? Sério? De onde? ...

Um rapaz muito alto que tentava, sem sucesso, dissimular que estava escutando a conversa, acaba se intrometendo:

— Alguém me falou que é mentira isso, que na verdade ele foi adotado por uma família de uns gringo aí que estuda índio e essas parada, que ele passou a adolescência no Canadá. Sei que o bicho fala inglês bem pra cacete.

— Boto fé.

— A galera fala muita merda, né.

— Sempre que pode.

— Mas também, como ele mesmo não fala nada da vida dele, as pessoas começam a supor, a inventar.

— Se você perguntar pra ele, ele provavelmente vai olhar na sua cara como se você fosse muito burro e acabar te respondendo uma outra coisa nada a ver.

— O Evandro é foda.

Essa mesma frase Gustavinho ouviria mais vezes, naquele mesmo dia, dita com inflexões bem distintas. Todas admiradas, algumas com aparente pavor mesclado.

Além das reuniões sobre o jogo, Gustavinho tinha sido convidado por uns quadrinhistas semi conhecidos para o lançamento de uma coletânea de quadrinhos numa livraria chique da Vila Madalena. Um deles chegou super simpático e lhe arrumou uma preza de beque sem que pedisse, embrulhado em saquinho plástico e deixada na sua mão, sorrindo como um ator num comercial. Era um rapaz careca chamado Victor cujos quadrinhos consistiam numa versão estilizada dele mesmo tendo diversos insucessos amorosos e abusando de qualquer substância entorpecente disponível. Gustavinho conhecia por alto sua tirinha, mas não gostava dela (o que não o impediu, quando se cumprimentaram e Victor disse ser fã do seu trabalho, de quase involuntariamente retribuir o elogio, ainda que gaguejado).

Ele não conseguia determinar se achava o povo ali interessante ou esquisito. Victor também parecia ambivalente, um nerd agressivo entre gente mais blasé do que ele, juntava de cinco em cinco minuto em Gustavinho para comentar alguma parte corporal de alguma menina por perto, linhas repuxando no pescoço e a cara meio maníaca. Dizia numa voz suada que queria inundar de porra a saboneteira de uma menina mais alta, que queria puxar o cabelo de uma loirinha até ela curvar e dar cambalhota. As meninas de fato eram lindas, muitas delas, e tão entusiasmadas com o que se passava, que ele continuou colando neles pra ver se acontecia dele se dar bem (mas nunca acontecia, Gustavinho intimidado demais, olhando para o chão quando alguma conversava com ele, checando o celular por ansiedade, indo para o banheiro e se odiando detidamente no espelho, no final das contas aliviado quando voltava pro hotel e podia bater uma com um dos seus vídeos favoritos há muito armazenados nos favoritos do navegador).

Ele ficou dez dias em São Paulo, foi carregado mais duas vezes por Victor pra apartamentos com música alta e paredes grafitadas por artistas cujo nome só ele não reconhecia, festas com gente muito mais bonita e estilosa do que ele, vestida como se estivessem em Los Angeles nos anos noventa, ou em Paris nos anos quarenta, algumas figuras mais montadas, de gênero ambíguo, em poses armadas. Todos fotografando uns aos outros com inúmeros aparatos. Victor falava que as festas eram de seus amigos, mas ninguém ali

tratava ele muito bem, Gustavinho notou. Não tinha nada demais nessas festas, no fundo. Mal se usava qualquer coisa mais pesada que álcool e maco-nha, ninguém pegava ninguém, ninguém ali era tão grande coisa nas cruéis hierarquias das galerosidades criativas paulistanas, tampouco. Mas para alguém que mal frequentava festas desde a época do colégio, a coisa toda parecia de uma devassidão incontrolável, descolada demais para ele se misturar direito sem se sentir um impostor. Gustavinho não chegava a perceber muito bem, ainda, a força com que se ressentia de todas as pessoas mais transantes do que ele, homens e mulheres.

Encontrou-se mais três vezes com o povo da *Synopticon*, tendo toda vez impressão de que o grupo havia crescido (mas um acúmulo lento, cada vez de uma ou duas pessoas). Evandro continuava tratando ele com deferência, sempre, embora ele mais concordasse com a cabeça do que qualquer coisa. Ele aos poucos percebia que todo mundo parecia falar parecido com o Evandro, ele não sabia se porque todos dominavam um vocabulário que só ele não conhecia, ainda, ou se porque todo mundo o imitava.

De novo o bagulho terminava assim, sem conclusão. Talvez a história fosse mais comprida e ele estivesse postando em partes, como aqueles romances antigos serializados. Talvez ela fosse *muito* comprida. Eu continuei com todo interesse do mundo, por mais que aquele personagem e aquela trama não me dissessem nada.

10.

Logo depois ler aquele segundo trecho comprido do “Cabuloso”, decidi checar o outro blog, o do tal Planeta das Plantas. Uma nova postagem tinha saído quinze minutos depois da postagem do Cabuloso. A relação entre as duas histórias parecia agora definitiva.

O título era “PARTE 2 – O VERDE-PRETO DE AMÔNIA COMEÇA A ESCUTAR”.

“Há quase um milhão de anos, o Grande Verde-preto de Amônia — que não é um só organismo, mas é, a seu modo, vivo — começa a expelir pequenos asteroides formados desde as suas entranhas magmáticas, esfriados em seguida para acumular camadas de vida micro e macro celular, para depois serem lançados com vastos vulcões afunilados para o espaço.

Assim, muito lentamente, o planeta e sua assembleia do Verde havia começado a formar uma rede de satélites orgânicos geossíncronos a partir de seis nódulos centrais. Depois de trezentos mil anos, já tinha se espalhado por metade do seu sistema solar, muitas vezes maior que o nosso, com onze planetas. Depois de oitocentos mil anos, todo este sistema solar havia se transformado num sistema orgânico de amplificação e recepção eletromagnéticas massivas em relé. As sondas permanecem sob baixíssimo regime energético, alimentando-se principalmente de luz, com as sondas-mãe retornando depois de algumas centenas de ciclos para ser reabastecidas de nutrientes-base (assim como concentrados proteicos e sementes poderosíssimas).

As suas cócleas são do tamanho de pequenas luas, espiraladas como conchas. Eriçam suas fibras quando recebem informação de luas próximas, de meteoros ou pulsares distantes. Vão aprendendo aos poucos a distinguir os muitos ruídos disponíveis no espectro. Soa fácil, descrito assim rapidamente, mas demorou muito para emergir, para que a assembleia do Verde começasse a mapear o Lá Fora de seu próprio modo, com malhas e métricas muito distintas das nossas. Aos poucos desenvolvendo cautelosos e precisos modelos para a dança de nascimento e morte de estrelas (chamá-los de “matemáticos” não é

incorreto, mas é inexato).

Depois de mapearem seu entorno imediato, a galáxia em que estão, aprendem aos poucos a distinguir nas camadas infinitas de ruído aquele ciciado fraco e uniformemente distribuído. Aquele que aqui é chamado de ruído cósmico de fundo de microondas. Fóssil da infância desta expansão acelerada e intervalada de energia. Esparramado isotropicamente por todo canto como um grito baixinho, mas teimoso. Conseguiram, depois de lentíssima e reiterada depuração da rançosidade rala daquela luz que comiam, deprender a acintosa velhice do universo.

Não há como esconder um pensamento de outra planta, no Verde-Preto-de-Amônia. Então todas entenderam a mesma coisa exatamente. Ou melhor, quase exatamente. A compreensão espalhou-se numa única onda irreversível. O verde-preto de amônia, talvez pela primeira vez em milhões de anos de existência, espantou-se. Um planeta inteiro espantado de uma vez. Tentem imaginar. A sincronia fina do metabolismo geral foi desestabilizada violentamente por algumas dezenas de anos. A velhice do universo fazia com que a duração da vida esparramada do Verde-Preto de Amônia parecesse pequenina, um instante de nada. Entenderam que aquele vasto céu que os cercava era um cemitério assombroso de luz viva e morta.

Era um sentimento muito estranho e alheio ao Verde, acostumado até então àquela tranquilidade metaestável de transformação e auto deleite sem muita violência e sem muita degradação. Alguns núcleos mais cautelosos, em sua maioria raízes antiquíssimas metidas mais fundo na profundidade gasosa do planeta, já percebiam que o sol do seu sistema um dia haveria de explodir, como havia sucedido a outros pontos do céu.

Os sentimentos a respeito do Sol sentido por todo o Verde-Preto de Amônia, assim como por toda planta, é intenso demais para ser descrito por qualquer mera palavra mamífera (como se sabe). Por isso essa consciência de que o sol deles um dia acabaria era a única coisa que pela primeira vez trouxe um clarão frio de medo ao seio lianoso daquele esferoide. O planeta inteiro foi compreendendo que, por mais que arranjasse a si próprio e ao seu entorno da maneira mais harmoniosa possível, com a maior eficiência energética, a maior riqueza

interna de repertório e variedade genética, ainda assim eventualmente a sua deliciosa, deliciosa luz acabaria (isso, claro, se as velhas raízes de fato estiverem digerindo direito a luz velha que mastigam e remastigam...). As raízes velhas, diante disso, nada dizem (até porque ninguém ali diz nada), mas se retorcem como podem diante daquela sugestão ultrajante.

Tudo isso mudou muito o temperamento médio do Verde-Preto de Amônia, que passou cada vez mais a ansiar por uma resposta externa, por algo que viesse “Do Fora” para garantir a fonte contínua de luz. Começaram experimentos com sondas que carregassem germes congelados para renascimento em outros sistemas.

(Antes de prosseguir, faz-se necessária uma breve explanação a respeito da disparíssima textura relacional da duração para as plantas, comparadas conosco).

Uma planta não tem a mesma oscilação de dia e noite que nós, pois não tem, exatamente, a oscilação entre vigília e despertar (tampouco tem, portanto, a distinção decorrente entre realidade e sonho). O que as plantas têm, em sua maioria, é uma distinção entre intensidade e repouso, incidência informacional cósmica & alimentação e descanso, resfriamento e digestão. O tempo, para o Verde-Preto de amônia, tampouco é algo que vai para frente e deixa algo pra trás. Plantas não fazem isso, não andam pra lá e pra cá. Não há porque supor que o tempo para elas faria algo do tipo. O passar do tempo para o Verde-Preto de amônia é como um anelamento externo que recobre um anelamento interno. O passado é mais fino que o futuro, que é mais gordo. Nisso, como em quase todo o resto, o Verde-Preto de Amônia está corretíssimo.”

Então tá, então. Eu não sabia nem o que dizer diante daquilo.

11.

Ontem fiz duas semanas no meu trabalho aqui em São Paulo, arranjado por um tio distante e motivo da minha mudança. É uma agência de publicidade que trabalha muito com campanha política, tanto estadual quanto municipal. Parece ficar quieta na entressafra e agitada durante os anos de eleição. Não paga tanto, mas se não fosse o contato acho que pagaria menos.

Vereadores e deputados estão sempre passando por lá (histrionicos e oleosos, uns; esguios e discretos, outros). Sempre de um mesmo partido de nome vago (alguma coisa progressista e republicana), preenchido por pastores e empresários locais. Eu só atendo o telefone e mexo com minúcias burocráticas, além de cuidar da vida pessoal do meu chefe, pagar suas contas, marcar suas consultas no dentista.

Depois de sete anos e quase nenhuma informação absorvida, eu me formei em biblioteconomia (não me pergunte o porquê, eu não tenho ideia). Baseado no meu currículo, disseram na entrevista que eu ajudaria a catalogar a papelada da empresa, mas quando cheguei foram me deixando assim de faz-tudo. Quando falo de mexer nos documentos, desconversam. Ninguém me leva a sério, não faço nada importante, mas não paro um minuto. Minha cabeça começa a zumbir quando subo no ônibus e só para quando chego em casa.

Talvez por isso, por enquanto, estou achando quase bom não ter internet nem TV no meu apartamento. Chego aqui e não há nenhuma voz além da minha, nenhuma urgência artificial pipocando em janelas sobrepostas, nada daquela sucessividade que já me é automática das cabecinhas todas se afirmando contra e a favor disso e daquilo, se demarcando com todo tipo de ferro. Tem o meu celular ainda, claro, mas fica mais fácil desligá-lo e se concentrar em alguma outra coisa.

Eu devia voltar minha atenção para a vida que estou tentando organizar numa nova cidade — comprar móveis, arrumar a fiação da luz do banheiro, fazer amigos, conhecer a vizinhança — mas eu acabo pela sei lá que noite já ligando o computador e tentando arranjar um jeito de contar essa porra dessa história.

Estou no décimo-quarto andar, que na verdade é o décimo-terceiro, que o prédio finge não existir. Não tenho costume com essa altura toda, com uma

cidade espalhada em volumes escuros, infinitamente dispersa, voltada contra si mesmo desse jeito, com seus ocupantes sendo espremidos aos poucos como lixo num compactador. Tenho costume daquela relativa calma do Cruzeiro, onde eu morei minha vida toda, com seus prédios baixos, mas também daquela forma fixa e autossimilante do Plano Piloto, dentro daquela coisa descontínua, esparramada e pouco convincente que é Brasília e o Distrito Federal.

O resgate da história tá lento, eu sei, e pouco dramático, mas é que tenho que ter cuidado. Tem partes desagradáveis que eu preciso revolver antes de saber como mostrar pra vocês.

No capítulo 4 eu mostrei uma conversa minha com o Fernando, a conversa em que ele me linkou pela primeira vez o blog com o conto (“Cabuloso”). Eu quis botar essa conversa logo de cara, mas não expliquei o evento a que me refiro ali. Vou explicar agora.

A Juliana foi a primeira de nós a sair da casa dos pais. Ela realmente não se dava com a própria família, viviam estourando crises diplomáticas e pequenas guerras (das quais recebíamos notícias pela própria Juliana, sempre, na internet, em alguma de suas muitas extensões, todas igualmente verborrágicas).

E.g.:

“NÃO AGUENTO MAIS PUTA QUE PARIU CADA UM CUIDA DA SUA VIDA FAZ FAVOR OBRIGADO

eu assistino novela com minha mãe ela precisa (precisa) extrair de todas as cenas uma moral ainda mais didática do que aquela que a novela já ta apresentando“.

ela precisa me explicar que ‘olha, vaidade da nisso’, ‘mentira sempre volta pra te pegar’. ‘nossa ta vendo gravidez adolescente e mais comum do que pensamos’ C JURA”.

“meu pai honestamente me disse uma vez andando no meu carro ‘pra eu ter cuidado’ pq o Caetano mexia com macumba. As in o Caetano Veloso. Ele me disse isso com um cara muito séria, esperando uma reação assim bombástica que eu fosse melhor atriz teria conseguido montar ali na hora, mas não rolou.”

(Isso sou eu tentando reconstituir de memória irrupções já apagadas, de anos atrás, mas juro que acho que consegui repeti-las quase perfeitamente, é

o que eu faço da vida, afinal).

Nas fotos que podíamos ver na internet, seus pais pareciam um casal de senhores igualmente baixinhos e simpáticos, que pareciam confusos com tudo (com a cidade de Salvador, com um balão, com a Juliana convictamente vestida de paqueta em seus nove anos de idade). Era difícil de enxergar ali a insuportabilidade toda que ela dizia que eles manifestavam (mas imagino que o mesmo possa ser dito dos meus pais, então nem vou tentar julgá-la).

A Juliana então arrumou um apartamento ótimo na quatrocentos norte. Pequeno, mas mais do que suficiente para uma pessoa. Terceiro andar num prédio antigo de corredores sempre escuros, virado pra umas copas de árvore e uma quadra de futsal. Todo mundo imaginava que os pais deviam ainda ajudar, porque o salário dela não devia bastar pro aluguel e o custo de vida dela. Ela trabalhava numa agência de publicidade de médio porte, não sei fazendo exatamente o quê. Sei que ela odiava e nunca falava sobre. Hoje, se a gente ainda conversasse, gostaria de ter esse assunto em comum com ela, aliás. Ela devia ser das pessoas que eu conheço que mais desprezava publicidade (sem contar o Fernando, que odeia de forma mais grave e angustiada) e no entanto lá estava ela. E sendo hiper dedicada ao troço, ainda por cima, trabalhando nos fins de semana, o tempo todo reclamando dos seus colegas e dos chefes e do trabalho que eles faziam, dizendo que acabava refazendo tudo que os outros cagavam (quase sempre comerciais formulaicos para concessionárias locais e lojas dessas enormes de varejo que funcionam na real como operadoras de crédito, algumas operando no limite do estelionato).

Enfim, ela chamou todo mundo pra dar boas-vindas ao apartamento dela (que ela chamava de ‘meu coiso’) assim que recebeu as chaves. Chamou com um e-mail simpático e engraçado ainda de manhã, pra que viessem à tarde, num sábado. Não sei se foi por causa do convite de última hora, mas ninguém apareceu. Cheguei lá mais ou menos uma hora e meia depois do horário marcado e não tinha mais ninguém, só ela já aparentemente meio bêbada sentada no pufe colorido que tinha trazido de casa, com um isopor cheio de gelo e cerveja e o macbook enorme dela aberto no chão, tocando música, uns poucos balões coloridos mal preenchidos vagando devagar em torno dela.

Ela abriu os braços como quem apresenta ironicamente um espetáculo e me deu boas-vindas, ao seu majestoso reino quarto-e-sala. A melhor coisa do apartamento era uma varandinha apertada onde ela já havia colocado uma rede verde-clara bem suja que parecia datar de *antes das Diretas*, como ela

disse, citando numa voz grossa um velho professor de História que eles todos tiveram (eu não).

Deitei na rede dela e tomei uma cerveja não muito gelada que eu realmente não queria tomar (principalmente por causa da lei seca no trânsito, que vigorava horrivelmente na época e que já tinha feito umas duas baixas entre conhecidos nossos), nós dois no segundo andar diante da copa de uma árvore imensa, meio que até dentro da copa, podendo verificar toda a complexa ramificação de galhos decididos e firmes que irrompiam de um mesmo tronco massudo e gordinho que a gente ali na hora decidiu chamar para todos os efeitos e interessados de *Válter, a árvore*.

Com todo o seu talento para autocomiseração, a Juliana passava o tempo todo elaborando sobre os possíveis motivos de ninguém querer vir à sua casa nova, todos envolvendo o desprezo universalmente devotado à sua pessoa, as várias conspirações mesquinhas levantadas nacionalmente para desmoralizá-la e as correntes intermináveis de fofocas que plantavam mentiras sobre ela em todos os círculos sociosexuais de Brasília (ela realmente falava assim, “sociosexuais”).

Claro que ela tava meio brincando, exagerando ainda mais do que já era o seu costume porque tinha ali em mim uma platéia tão receptiva.

Eu ria pra caramba de toda frase que saía da boca dela, ainda mais com o meu estado progressivo de bebadice (minha resistência a qualquer droga é nenhuma), mas o que era estranho da Juliana era que o tom farsesco e implausível dela começava a parecer sentido justo quando atingia seu nível mais exagerado. Justo quando ela explicava como que todas as suas melhores amigas certamente apenas mantinham uma amizade com ela para poderem se sentir melhor sobre elas mesmas e poderem ter um elo fraco permanente para humilhar sem nenhum pudor (algo que até ocorre em alguns grupos de amigos, mas que no caso das amigas dela, que eu conhecia, que eram pessoas gentilíssimas, parecia muito forçado, pra não dizer sem sentido), justo quando elaborava de maneira mais ornada e rocambolesca as supostas conversas que nossos amigos teriam naquele momento, ridicularizando não só a ideia dela de ter uma festa num apartamento vazio, mas a mera noção de que algum ser humano poderia se interessar pelo receptáculo infeliz da sua gorda e inaceitável pessoa.

(etc, etc).

Justo quando ela chafurdava nesses exageros melodramáticos é que a sua voz parecia de repente menos irônica, como se de tão enleada nas merdas que ela inventava, tão enraizada e comprometida, aquelas bobagens começassem a ganhar carne e sangue, começassem a parecer convincentes, como qualquer tipo de ficção, por frágil que seja, que se sustente por mais tempo.

Eu precisava reiterar toda hora meu riso e retornar o tom pouco sério, repetir o tanto que ela estava sendo tola, o que ela apreciava, parecia ajudar.

Já devia ser umas onze e tanto da noite, níveis de ebriedade já pouco manuscáveis ali, como torres mambembes quase tombando, conversando agora sobre qualquer coisa. Muita barreira derrubada, vendo fotos antigas no computador dela. Tenho uma memória muito boa desse momento, que não durou muito.

— Meu Jesus do pinto, olha essa pessoa. Olha essa pessoa que eu era. Deviam ter matado essa pessoa. A ONU devia ter feito uma missão especial só pra vir aqui e me executar. Ou a galera que matou o Bin Laden. Deviam ter televisionado a minha execução, com o U2 tocando e tudo.

— Isso quando? Isso tem anos, né?

— Cacete, 2004.

— É o Fernando isso?

— O Fernando e a Bia, sim. O Fernando essa época na sua gloriosa fase metaleira hippie ao mesmo tempo. Muitos disseram que não podia ser feito, e no entanto, taí.

— Esse monumento para futuras gerações.

— Essa aberração, né?

— Também. Também.

— Olha a cara faceira dele, meu caramba.

— Essa é a Bia?

— É sim. Sinistro, né?

— Completamente irreconhecível.

— É foda pra menina ser metaleira, tá vendo? Não é fácil, não. Ninguém é metaleiro impunemente.

— Ainda existe metaleiro? As pessoas ainda são do metal?

— Num mundo de tantas internetes, né. Não sei.

— Né?

— Então, eu almocei no Pátio outro dia meio que até pra verificar isso.

— E aí?

— Não consegui uma resposta, assim, definitiva. Mas acho que estão escassos, tão rareando.

— Devia ter ministério pra preservar essas coisas, né?

— Claro, RPG, também. Wicca. Como que nossos netos vão viver num mundo sem essas coisas.

— Que tipo de valores essa galera vai ter?

Bem por aí tocou a campanha. Quase meia-noite, eu lembro. A Juliana ficou até assustada, subitamente séria, levantou e tentou dominar a si mesma rapidamente, como quem esperava do outro lado da porta algum vizinho reclamando do barulho, ou até um policial, alguma espécie de força contrária ou autoridade.

Mas era só o Fernando. Ele demorou a entender que só estávamos eu e Juliana lá há tanto tempo. Ficou achando que tinha alguém mais no banheiro ou indo comprar bebida. Ele tinha visto o e-mail pouco tempo atrás e havia imaginado que estaria todo mundo aqui ou mesmo que todo mundo já teria ido embora. A Juliana encenou uma sinopse breve do seu dramalhão Ah-Ninguém-me-ama-ninguém-vem-na-minha-casa, e logo estávamos os três bebendo o vinho barato que o Fernando havia trazido.

Ele deitado na rede, eu e Juliana em pé na varanda apertada, rindo de qualquer coisa, felizes com sua presença. Lembro que ele descreveu longamente pra gente um filme oriental que tinha acabado de ver em casa, baixado, e que ele dizia que era lindo pra caramba. Eu não lembro de coisa alguma da trama filme, nem o seu nome, nem sinopse, nem alguma sílaba do nome do diretor.

Só lembro que tinha uma cena que envolvia alguma criatura fantástica peluda e que a descrição, em si, me impressionou muito, que o Fernando nuns momentos tava com uma cara espantada, quase ultrajada, com o tanto que ele tinha achado o filme bonito. Lembro de ficar com inveja dele. Filmes geralmente apenas se sucediam na minha frente, acomodavam lá seus acon-

tecimentos e seus encaixes, e terminavam. No máximo, divertiam ou não divertiam.

Nas vezes em que eu me aventurei de ver desses filmes mais sérios, de arte, a maioria deles lentos, eu geralmente gastava pelo menos metade da minha atenção em notar a minha própria presença ali querendo tirar alguma coisa da experiência, alternando entre achar tudo muito chique e muito chato, ou desmontar a coisa toda em notar que eu não estava nem prestando atenção no que se passava direito, e que nem devia, portanto, me meter a ficar vendo filmes metidos a besta. Não era pro meu bico.

Sou provavelmente uma das duas ou três pessoas do mundo mais suscetíveis à amnésia alcoólica. Com algumas cervejas ou copos de vinho já posso ter certeza que esquecerei algumas conversas e momentos da noite anterior, vou acordar sem lembrar muito bem de ter ido dormir. Com algumas doses de destilado, então, você pode ter certeza de que não terei absolutamente nenhuma coleção do que se passou.

Na narrativa contínua e mais ou menos inteiriça que posso reconstituir da minha noite vai ter uma interrupção abrupta e seca, como se a minha individualidade mesma tivesse se ausentado e meu corpo tivesse virado um autômato por algumas horas, ou tivesse sido habitado por alguma outra força animadora, uma bem diversa daquela que está falando com você agora. Eu acordo com uma lacuna enorme e pronunciada, além da dor martelada em todos os corredores e gavetas do meu cérebro, com um troll desgrenhado gritando seu grito horrível e arranhando um quadro negro. Dessa vez na casa da Juliana eu não bebi tanto, mas bebi o bastante pra já não poder confiar na minha memória do que aconteceu.

A princípio não haveria problema, eu só teria esquecido algumas conversas engraçadas e bestas, talvez algum momento de conversa mais sentimental ali entre nós três. A merda foi que mais ou menos uma semana depois eu comecei a notar que tanto a Juliana quanto o Fernando me tratavam de um jeito estranho. Não grosseiro, mas mais circunspecto, constrangido. E que os dois também pareciam tratar um ao outro do mesmo jeito.

Tive a impressão de que alguma coisa tinha que ter acontecido naquela noite, mas não tinha ideia do que, e não era tão próximo de nenhum dos dois a ponto de ir atrás de perguntar diretamente, até porque talvez fosse algo incômodo de se mencionar.

Essa impressão a princípio era rala, mas aos poucos fui deixando ela engrossar.

12.

Percebi que ainda não apresentei direito nem a Beatriz e nem o Adriano, olha que erro (as desculpas que eu peço elas não têm fim).

Os dois começaram a namorar na mesma época que Eloísa e Fernando, na real poucas semanas depois, mas de maneira bem diferente, mais espontânea. Os dois se conheceram numa mesa de bar na Asa Norte e já estavam juntos na madrugada daquele dia, já estavam namorando uns cinco dias depois disso. Tudo ocorreu com uma naturalidade automática, os dois concordando e admitindo direto o que tavam sentindo, sem a enrolação, os refluxos e negaceadas sucessivas geralmente necessários numa aproximação mais intensa entre duas pessoas. Tem também que os dois são pessoas muito francas. Não parecem tanto mentir à toa, como quase todo mundo faz.

De fato era impressionante o tanto que eles encaixavam, à exceção gritante do fato dela ser esquerdista radical e briguenta e dele ser um liberal distraído e pouco veemente (mas também convicto, à sua maneira).

A Beatriz era irmã da Eloísa, mas nunca tiveram muito a ver. Mesmo fisicamente não se pareciam tanto. Bia tem uma agressividade muito própria, brava e intensa de um jeito que as pessoas têm dificuldade de levar a sério, pelo tanto que ela é, também, bonitinha e baixa. Uma boneca com cabelos pretos e espessos em tranças que batiam no ombro, sobrancelhas grossas e nariz perfeitamente acinzelado. Essa era, dentre muitas, a coisa que mais lhe irritava no mundo, que alguém falasse com ela de maneira condescendente pelo fato dela ser pequena e bonita.

Isso ocorria com alguma frequência, vendedores de loja e amigos de amigos desavisados demorando a perceber o tanto que a estavam irritando, Bia às vezes apertando ou torcendo alguma parte da roupa com as mãos, claramente se segurando pra não começar a levantar a voz. Dava pra ver a indignação urgindo e arrefecendo dentro dela, como se forças terríveis implodissem, contidas sabe-se lá como, talvez causando úlceras ainda não sensíveis.

No fundo era assim que ela reagia diante de quase tudo, principalmente os infinitos e terríveis eventos e assuntos políticos que ela acompanhava o dia inteiro na internet. Proibição de uso da burca na França, fábricas de brinquedo com trabalho infantil na China, uma decisão machista de um tribunal superior brasileiro, as malversações de dinheiro público do Ministério do

Turismo ou as perversidades retóricas da campanha de algum candidato latino-americano à presidência. Parecia ter antenas infinitamente compridas varrendo todo mundo atrás de suas manifestações mais grosseiras e indignantes.

Não era tão difícil encontrar seus comentários disseminados pela internet, embora quase nunca assinados por seu nome de verdade. Ela era dessas pessoas que comentavam profusamente, apesar de odiar comentários de internet, sabia o tanto que era uma atividade inútil, até infantil, achar que ia conseguir enfrentar a imbecilidade proteiforme do mundo, decepar suas cabeças de hidra, antes que milhares de outras ainda piores crescessem no lugar e te devorassem.

O fato dela saber que não devia comentar e fazê-lo mesmo assim fazia com que cada comentário seu sempre se visse carregado do ressentimento que ela nutria pela pessoa que a estava fazendo perder seu tempo daquela maneira. Isso deixava seus comentários ainda mais raivosos, o que significava ainda mais tempo perdido depois se desculpando ou medindo retoricamente qual meio-termo que seria aceitável ao revisar a resposta (que já tinha três parágrafos e duas notas de rodapé, além de linkar a três textos diferentes nos quais ela obviamente sabia que nenhuma alma do mundo clicaria).

Exemplo ótimo que eu encontrei meses atrás num jornal local e tive a esparterza de salvar:

“Sr. Lopes Gouveia

O seu comentário já tem uns seis meses, de modo que obviamente não espero que você vá ler essa resposta. Eu só a escrevo porque a sua contribuição foi tão absurdamente despropositada, destrutiva e ofensiva, e em tantos níveis diferentes que acho que se ninguém oferecer uma negação vigorosa dela nós estaremos pondo em risco não só a manutenção deste debate, e nem deste blog, nem mesmo da internet enqt lugar-para-se-discutir-as-paradas, mas até mesmo a discursividade como um todo. Sr Loupes Gouveia espero pela alma, suas e dos seus, que o sr. seja um bot, porque puta que pariu.”

Isso continua por mais dois comentários seguidos dela, todos atingindo o limite de caracteres. Ela assina apenas B, de Brasília, mas eu sei que é ela.

(Parece cruel, aliás, eu sei, mas o comentário do coitado do Cássio Lopes Gouveia, recomendando a castração de mendigos, era de fato bem absurdo).

O que tornava a Bia diferente de todas as outras pessoas fanáticas por política que eu já conheci era que ela não se via reconhecida ou representada por nenhum grupo político. Não só nenhum partido, o que é comum, mas nenhuma agregado de bandeiras políticas, coletivo, nem sequer algum grupo de blogueiros ou coisa que o valha.

Ela era bastante à esquerda, mas a julgar pelo que postava e lamuriava no dia-a-dia, odiava vários esquerdistas até mais do que odiava conservadores (talvez porque sequer conseguisse considerar este segundo grupo como habitantes de um mesmo plano do que ela, sei lá), e não parecia ter nenhum respeito ou paciência por quem efetivamente confiasse em alguma estrutura política de larga escala (“mais do que umas quinhentas pessoas e as chances de não ir virando um negócio escroto e babaca vai ficando próxima de zero”). E, mesmo os anarquistas, que tentavam fazer daquela desconfiança uma filosofia política, costumavam irritá-la depois de um tempo (em papel ou em carne e osso).

Ela era petista desde adolescente, fez campanha pra Dilma com um entusiasmo alucinado, mas foi se desapontando e se desanimando com o partido, como tanta gente, principalmente depois de Belo Monte. O que não a impedia de defendê-lo em alguns contextos.

Estagiou numa ONG relacionada a refugiados por menos de um ano, concluindo que o lugar era uma enrolação. Trabalhou na comunicação de um sindicato por dois anos, todo um pequeno universo pelo qual ela até se interessou, com toda sua frustração arrastada e real, mas que sumiu imediatamente assim que a demitiram por corte de gastos.

Há muito que não se engajava com nada no dia-a-dia, tudo que fazia era ficar indignada o dia todo e expressar pra alguns amigos os específicos lineamentos sutis e engrossados de sua raiva, quase sempre com um raciocínio precisamente recortado e afiado que ela expunha de uma maneira assustadora de tão coesa, como se tivesse decorado um texto, ou estivesse usando um ponto escondido no ouvido com todo um grupo de cientistas políticos do outro lado.

Falando muito rápido e acelerando quanto mais se irritava. Tampouco tinha paciência para o ambiente acadêmico, embora gostasse muito de um ou

outro pensador político, que pinçava de forma muito deliberada. Chegou a fazer alguns projetos de mestrado, mas achava que se você não tivesse tesão de dar aula (e ela não tinha), ou fosse um dos poucos que, por gênio ou diligência (ou os dois), efetivamente conseguem expressar algo de possível relevância pro mundo, você não fará muito mais do que corrigir notas de rodapé, repassar textos xerocados para alunos vendo fotos deles mesmos no Facebook e se entremeter num reflexo ainda mais desimportante, tolo e egótico do que as demais maquinarias políticas.

A constância com que Bia falava que ia matar algum político ou figurão econômico brasileiro chegava a assustar alguns amigos dela, apesar dela sempre dizer também que nenhum alvo específico era valioso o bastante pra ela desperdiçar a vida dela daquele jeito e que ela só precisava falar desse jeito pra conseguir lidar com a bosta colonizada que era o Brasil.

Vivia então sentindo quantidades insustentáveis de raiva e indignação que nunca encontravam um veículo apropriado e que precisavam ou arrefecer naturalmente, como um metal incandescente que esfria com o tempo, ou ser dirigidas para algum objeto externo pouco relacionado.

Por um bom tempo foi Muay Thai, mas já há alguns anos que era jogos de tiro de primeira pessoa jogados na internet. Ela era muito boa, até conhecida nos servidores brasileiros de alguns jogos (jogando às vezes como “>>>HannahArendt<<<”, às vezes como “--SimoneWeil--”), usando como assinatura alguma frase boladona sobre violência. Geralmente evitava jogos com contextos políticos mais específicos, preferindo os mais exagerados e menos realistas, em que figuravam alienígenas bizarros ou outras figuras cartunescas demais para que de fato se instalasse uma impressão literal demais do fato (para ela sempre muito perturbador) de que ela estava afinal de contas simulando por diversão e esporte de maneira tão pueril aquela atividade tão escrota, tão horrenda.

Lembro dum post muito sério dela no Facebook que não deve ter ganhado nem oito curtidas (uma delas minha). Falava que a retórica conservadora cretina de que videogames causam chacinas escolares deixou a gente com dedos demais de admitir o que tem de sinistro em salas e salas de adolescentes sendo treinados pra encenar a morte violenta daquela maneira durante tardes e madrugadas inteiras.

Já o Adriano era um cara um tanto mais tranquilo e pacato, sua vida toda

concentrada em torcer pelo Botafogo, assistir vídeo de animal e jogar na bolsa de valores. Eram pouquíssimas as circunstâncias que o forçavam a calçar qualquer coisa que não chinelos (eu honestamente só lembro de vê-lo usando sapatos uma vez, num enterro).

Tinha uma inteligência espalhada que não se detinha em nada, mas retinha muito. Tinha cursado engenharia de redes e trabalhado como programador por um curto período. Tinha um interesse limitado mas intenso por todos ramos das ciências naturais, por filosofia e por esporte (a única coisa que não parecia interessá-lo em nada era cinema, ele jurava nunca ter prestado atenção num filme do começo até o fim, com as absurda e consistentes exceções feitas sempre a *Jamaica Abaixo de Zero* e *Advogado do Diabo*). Séries, no entanto, ele assistia. Dizia que tinha algo na duração de duas horas, uma hora e meia que o angustiava. Achava que devia ter-se convencido que longas metragens teriam uma hora de duração. Gostava de jogar essa para cineastas e estudantes de cinema, quando bêbado, só para vê-los se exasperar.

Sua cabeça tinha uma estrutura curiosa que causava a impressão de que era desproporcional ao seu corpo, embora não fosse tanto. Tinha os olhos grandes e distantes demais um do outro sempre repletos da mesma atenção invariável, o que fazia com que parecesse estar sempre abismado com tudo que lhe diziam. “Ele é bonito em fotos, mas não na vida real”, a Juliana disse uma vez, ridiculamente precisa.

Parecia boiar num estado tão autossuficiente que o contato com o mundo era sempre surpreendente pra ele, como se o chamassem de longe para prestar atenção aqui no que estamos fazendo e ele tivesse que montar mais uma vez na sua cabeça o conceito de ‘mesa’, ‘amigos’, ‘garrafa’, ‘máquina de cartão’.

Mas a sua distância não era fria. Quando ele prestava atenção ele era um cara bastante gentil, chamando as pessoas sempre pelos seus nomes completos (era muitíssimo difícil ele usar um apelido, todas as vezes em que isso acontecia eram notadas por todo mundo e comentadas depois como algo de relevância, que devia significar uma explosão afetiva).

O problema de falar com ele sobre qualquer assunto é que ele tinha a tendência a começar a recuar os conceitos do assunto o máximo possível, montando sempre toda uma cadeia histórica aparentemente infinita pra trás, tentando explicitar para cada objeto toda uma genealogia discursiva impos-

sivelmente larga (a crise econômica, o conflito árabe-israelense, a final do campeonato carioca).

Mas isso não dava numa pessoa chata e séria. Pelo contrário, dava em alguém que parecia ver graça em toda pretensão e achar praticamente todos os juízos mais definitivos sobre o mundo igualmente inconsequentes.

Lembro uns meses atrás dele ficar impressionado de ver um cara chinês que passou perto da mesa do bar tentando vender uns apetrechos de plástico dependurados numa mochila (uns brinquedinhos infantis genéricos, ventiladores de bolso, massageadores de cabeça e óculos escuros fajutos). Para tentar falar desse cara e de como ele devia possivelmente estar “construindo pra si mesmo” aquela cena ele elaborou durante uns quarenta minutos umas três diferentes tentativas de reconstrução de possíveis cosmovisões e *gestalts* visuais ali para o cara, envolvendo o caráter visual dos caracteres e o tonal de várias das línguas e dialetos chineses só para depois falar que na real claro que não tinha como fazer aquilo, que era impossível pra gente entrar na cabeça dele, que nem fazia sentido tentar (e depois disso ele ficou calado, mesmo, durante uns quarenta minutos, enquanto a gente conversava longamente sobre o quanto todos nós amávamos cerveja gelada, pão sírio, grão de bico e coalhada).

Ninguém entendia muito bem na teoria o que havia que compatibilizava Bia e o Adriano, mas era só ver os dois juntos por doze segundos que você se via forçado a concordar que havia algo de encaixado ali, alguma disposição difícil de se delinear, envolvendo senso de humor, *timing* e diversas pequenas noções pessoais de decência, bom gosto e sei lá mais o quê. Os dois juntos pareciam resultar num todo orgânico, parecendo não tanto com um casal comemorando bodas de prata quanto com um casal de irmãos ou uma dupla de comediantes que trabalha junto há décadas. Claro que ajudava que Adriano fosse tão inteligente quanto a Bia, embora ainda menos concentrado, sempre muito disperso entre interesses que lhe escapavam poucos dias depois. A Bia sempre contava rindo que acordava de madrugada para encontrá-lo assistindo online no computador algum documentário sobre algo obscuro, o último teorema de Fermat ou indústria cinematográfica da Nigéria.

Não gostava de ler, do hábito mecânico de ler, então baixava livros em áudio, aulas e palestras que escutava com fone de ouvido o dia inteiro, andando de chinelo com o Buldogue dele pela Asa Sul ou na esteira que herdou de seu avô militar falecido. Gostava de otimizar seu tempo com tudo, embora o ti-

vesse de sobra.

A Bia dizia que era esse interesse espalhado, mas atento, além do talento matemático, que explicava a facilidade que tinha com a bolsa. Começou a jogar de brincadeira no segundo ano da faculdade e depois de uns dois anos aprendendo o manejo da coisa ele já ganhava mais ou menos um salário de servidor público medíocre todo mês, sendo cauteloso, tendo alguns picos, depressões cada vez menos frequentes. A maioria imaginava que ele não devia ganhar tanto assim, não com frequência, e que recorria ainda à ajuda do pai (que era desembargador). Mas a Bia jurava que não, que ele realmente já conseguia se sustentar daquele jeito, e o defendia com algum orgulho, considerando sua própria dificuldade em arranjar trabalho.

O divertido era vê-la depois de um tempo defendendo a atividade da especulação, ainda que com cautela, sem abandonar sua raiva de base contra o capitalismo como um todo. Os amigos já esboçavam o mesmo sorriso sacana quando a viam comprando o discurso do Adriano de que os especuladores cumpriam uma função econômica benéfica pra sociedade tornando a alocação de capital mais eficiente de uma maneira geral. Ela não negava os óbvios efeitos ruins da especulação excessiva e desregulamentada, a culpa cretina dos bancos na crise brutal de de 2008, mas tentava, ainda assim, quase gaguejando, salvar a atividade do namorado. A cara do Fernando quando ela falava isso era impagável.

Os amigos mais próximos zoavam, carinhosamente, que uma esquerdista radical falasse esse tipo de coisa, mas ela não se abalava, e parecia fazer um esforço sério para tornar o discurso dela mais ou menos coerente (eu não consigo julgar, sempre perdia o fio da meada tentando escutá-la sem deixar claro demais que eu estava prestando atenção, quando em algum bar ou festa o povo começava a falar de assuntos sérios e geralmente não faziam menção de me incluir).

Antes do Adriano, a Bia só tinha tido um namoro mais sério, que eu sabia. Com o Cristovão. Cristovão era um cara que ela conhecia desde novinha e que tinha sido o melhor amigo do Fernando durante a adolescência. Só tinha visto ele umas poucas vezes, ele hoje morava em São Paulo, mas todo mundo o descrevia sempre com uma mistura de afeição profunda e raiva. Era um cara complicado, muito intenso, capaz de oscilar em quinze minutos de ser engraçado pra caramba pra do nada ser arrogante e cruel por nada. Tinha sido ator por um tempo, músico por um tempo, modelo por um ainda outro

tempo, depois fotógrafo. Ele que puxou Bia e Fernando pro teatro. Por influência dele a Bia e o Fernando tinham tido uns anos, no final da adolescência, de cheirar pra caralho e transar adoidado, pelo que eu entendia do que che-gavam a me contar (as referências a esse período eram quase sempre piadi-nhas crípticas). Alguma coisa tinha acontecido que tinha afastado ele dos dois, e depois, de Brasília, mas nunca descobri o que foi.

O que todo mundo notava depois de uns seis meses de namoro era a inten-sidade com a qual Bia e Adriano haviam se depositado um no outro.

Não era só a proximidade normal de um casal recém-feito e apaixonado, era um pequeno núcleo de intimidade que eles montaram com uma rapidez impressionante e que passavam a proteger e fortalecer como se a vida deles dependesse disso. Mesmo em público costumavam manter a todo tempo um contato físico agarrado constante que parecia decorrer de uma necessidade, de uma dependência séria. Adriano quase afundado nos ombros dela, como um filho na mãe, sua cabeça desabada numa estrutura tão menor do que a sua, e ela segurando o braço dele o tempo inteiro como uma criança tentando sem muita sutileza chamar atenção do pai.

Pelo que pude juntar de fragmentos sobreouvidos aqui e ali, os dois ti-nham tido vidas emocionais bastante turbulentas até se encontrarem, e tinham estabelecido uma intimidade complicada e intensa, com vastos dramas incompreensíveis para alguém de fora (a Juliana uma vez me havia descrito com uma hilaridade pouco gentil que para entender qualquer briga dos dois você precisava antes dominar um glossário de dezenas de conceitos e eventos-chave através dos quais eles codificavam as suas turbulências con-juntas: “você precisa de toda uma graduação antes de entender as DR daque-les dois”).

Não era infrequente que os dois se mostrassem incontactáveis durante quinze dias seguidos, durante os quais os amigos mais próximos sabiam que os dois estariam na cama, no escuro, falando baixo de coisas profundamente horríveis que assolavam a imaginação dos dois, assistindo o Botafogo quase sempre perder na televisão. Os corpos indistinguíveis ali nos lençóis, como que atados por uma força alheia.

13.

Então que lá pra 2008 havia esse pequeno núcleo centrado na Juliana e nos dois casais, Bia e Adriano e Fernando e Eloísa, com algumas pessoas (como eu) oscilando por perto sem de fato se fixar na órbita estável do sistema deles. Eles se encontravam sempre e tinham uma interação muito fluida, um senso de humor sedimentado de piadas recorrentes que poucos entendiam.

É difícil explicar o fascínio que eles exerciam como grupo, mas existia e era um troço legítimo e verificável, e com isso eu quero dizer que não era só eu lá achando o máximo; todo mundo achava. Todo mundo gostava quando eles chegavam, achava ruim quando iam embora, todos se perguntavam será que dessa vez eles vêm ou não.

A interação deles funcionava tão bem que parecia tanto espontânea quanto bem-armada. Era um sucesso contínuo que dava aos circunstâncias a vontade de participar dele, de entrar naquele desenho. De pelo menos aparecer junto na foto.

Todos se conheciam de leve há anos, de amigos e escolas privadas em comum (Sigma e Marista). Eu os conheci já como um grupinho cuja a interação estava disponível pela internet, primeiro fotolog e depois orkut. E pelo tanto que eles postavam, nessa época, eu acabava sacando a maior parte das referências internas, das piadinhas recorrentes, embora às vezes fingisse que não, quando os encontrava, para não denunciar o meu acompanhamento meio excessivo, quase obsessivo, de tudo que eles faziam e diziam virtualmente.

(Eu sabia que a Juliana era chamada, quando muito bêbada, de “Tia Tonica da Birita”, que seria só a mais frequente de suas muitas pombagiras, segundo Fernando, sabia que ele e a Bia gostavam de cantar Maurício Manieri e Seal no karaokê, embora nunca tenha presenciado isso).

Eu me sentia acompanhando um seriado de televisão ou um romance, reconstruindo a partir de sugestões às vezes óbvias, às vezes elípticas, vários arcos e nuances narrativos. Exceto que eu conhecia de fato aquelas pessoas, e estava presente, até certo ponto, em parte dos eventos que compunham a narrativa compartilhada da vida deles.

Tanto a Eloísa quanto a Juliana tinham o hábito de entrar na internet bêbadas e postar torrentes engraçadas pra caramba de besteira, frequen-

temente (a Eloísa) e quase sempre (a Juliana) com correntes deprimidas no meio.

Foi inclusive a partir de algo que a Juliana postou que eu confirmei minha impressão de que algo devia ter acontecido naquele dia na casa dela com o Fernando.

No dia seguinte perguntou no Facebook qual que seria a melhor música para exprimir arrependimento bêbado de quem fez alguma merda tremenda. Muita gente respondeu com sugestões, inclusive perguntando de brincadeira o que é que ela teria feito e ela estranhamente apagou o post algumas horas depois (o que, ao contrário da Eloísa, ela não só não costumava fazer quando ainda costumava criticar quem fizesse, dizendo que internet tava aí pra gente se expor e pagar vexa mesmo, e sei lá o quê, que quem não se mostrava era covarde).

O que mais me agoniava era a possibilidade de eu ter tido algum envolvimento no que aconteceu aquele dia e não ter nem noção disso. Essa minha amnésia alcoólica já me havia trazido uma paranoia semelhante outras vezes na vida. Festas nas quais eu passei várias vezes de sucessivos limites e que eu tinha depois de tentar reconstruir pelas fotos que postavam na internet e pelos relatos dos outros, me vendo ali com gengivas enormes fazendo caras que eu não reconhecia, assumindo umas poses que não são minhas, recebendo no dia seguinte mensagens crípticas de telefones desconhecidos no celular e encontrando objetos esquisitos no carro ou nos bolsos do casaco (uma maçaneta, um maço de cigarros mentolados quase terminando, um pendrive com vários pdfs de livros sobre marxismo e teatro).

O pior é que eu não conseguia nem conciliar direito a minha imagem de pessoa pacata, tímida e retraída, com a imagem aparente de alguém que saía travando conversas com estranhos e participando de danças coletivas exageradas e ridículas de sucessos dos anos noventa.

Mas aparentemente eu também era essa outra pessoa, só era necessário que eu me ausentasse aqui da maior parte das minhas características reconhecíveis (ansiedade, retração) e que a minha memória perdesse qualquer capacidade retentora para que essa segunda pessoa desse as caras, as nossas presenças como funções negativas uma da outra.

Sempre temia com um pavor frio e desmedido ter sido um pé no saco, mas costumavam elogiar minha performance, dizer que as minhas colaborações

alcoolizadas eram das mais excelentes.

Eu nem entendia e chegava a invejar essa minha outra versão, seu ânimo aparentemente tão solto e confortável ali nas fotos (que com certeza dava pra dizer que não era meu).

(Se vocês querem franqueza, muito da minha noia com bebida vem do fato de que em duas ocasiões acordei com cortes nos meus braços sem lembrar de como surgiram, se eu caí e ralei ou se fiz por querer; não tenho nenhum desejo de me cortar, que eu saiba, mas lembro de ler uma descrição muito intensa uma vez, num comentário de vídeo do Youtube, que pareceu interessante).

Soava tolo sentir um traço próximo de culpa pelo que essa outra pessoa podia ou não ter feito na casa da Juliana, mas era o que eu sentia.

Já chegava perto de formular um email pedindo desculpas antecipatórias, pescando pra ver o que me respondiam, mas nunca tive coragem. Fiquei, por um bom tempo, sem saber. Até aquela conversa, em que Fernando respondeu me linkando o blog. Percebo só agora, escrevendo isso, que a justaposição me deixou já na hora com uma puta impressão de que as duas coisas tavam relacionadas. Uma impressão que eu acho que nem enunciei direito aqui dentro, mas que já corria como pano de fundo para o resto, bode fedido na sala.

14.

Uma semana depois do segundo post do *Cabuloso*, veio um terceiro. Seria algo regular, então. Me veio quase um alívio ao perceber isso. Não que aquilo esclarecesse nada. Mas pelo menos era mais um fio da meada a acompanhar, mais um trem de que me inteirar.

CABULOSO – PARTE 3

O nome decidido para o jogo havia sido *Cabuloso Online*, um nome de que ninguém além do Evandro (que havia se autointitulado diretor criativo, financeiro, estratégico e operacional do projeto sem que ninguém contestasse) parecia gostar tanto. Era uma palavra que aparecia muitas vezes no quadrinho, mas nunca tinha ocorrido a Gustavinho colocá-lo de título.

Eles tinham, a princípio, estipulado dois meses para atingir a primeira meta de investimento, mas o dinheiro apareceu em uma semana (o que era bem surpreendente), a maior parte vindo de um investidor-anjo chileno surpresa que brotou de repente, que não só cumpriu a meta como a suplementou com o dobro dela. A equipe ficou extasiada, Evandro tratou com a maior naturalidade.

Gustavinho voltou para Brasília. Passaram-se semanas, Gustavinho recebendo quase todo dia e-mails do grupo da Synopticon a respeito dos progressos que estavam tendo no jogo. Quase todas as comunicações giravam em torno do tal do Evandro, que parecia sempre já saber o que fazer, delegando funções e expandindo a quantidade de gente envolvida no projeto com uma rapidez assombrosa.

Numa reunião em videoconferência em que Gustavinho abaixava a cabeça de tempos em tempos para esconder o beque que estava fumando (para se sentir menos ansioso, querosene apagando fogo), Evandro anunciou que daqui a seis meses já aconteceriam os primeiros jogos-teste. Gustavinho ficou impressionado com a velocidade, até sem entender, e Evandro lhe explicou a estratégia que eles empreendiam de tomar emprestado o encanamento de diversos outros jogos, além do fato de que o projeto já havia há muito passado de sua fase

embrionária quando descobriram o quadrinho.

Gustavinho concordou com tudo, sem entender muito bem se o ‘tomar emprestado’ era um eufemismo para algo ilegal ou não. Continuava entendendo lhufas de todo o processo, apesar de ser informado religiosamente de toda etapa. Seis meses depois, Gustavinho voltou para São Paulo para participar de toda a movimentação envolvendo os primeiros jogos-teste. Todos os funcionários da Synopticon, que parecia ter dobrado de tamanho desde a última vez, estavam bastante animados. Os primeiros jogos-teste seriam apenas para alguns amigos e conhecidos da comunidade séria de videogame brasileira, gente que exercia uma mínima influência em redes sociais e ajudaria a criar um boca-a-boca sinistro em torno do jogo.

Como não imaginavam que haveria tanta procura, não fizeram um servidor fechado. Abriram o site para que qualquer um pudesse fazer uma conta gratuita, baixar o programinha (que era leve) e entrar no mesmo servidor. Com menos de quarenta minutos do teste começado, o servidor caiu. Com não só milhares de acessos no Brasil, mas milhares de gringos tentando acessar, gente do Leste Europeu, do México, da Coréia Do Sul tentando jogar o jogo. Eles não esperavam mais do que algumas centenas de pessoas no Brasil, no máximo um punhadinho de estrangeiros interessados. Não conseguiam nem entender como esse povo tinha chegado lá. O servidor acabou voltando pouco tempo depois, depois do Evandro conversar com a empresa cuja nuvem alugavam, mas ficou claro que teriam que crescer mais rápido.

No final do teste, Evandro tamborilou os dedos numa mesa metálica e falou com um tom muito satisfeito:

— Excelente.

Alguns dos moleques chegaram a ficar meio histéricos, rindo descontrolados (mesmo estando sóbrios, quase todos) com a força aparente daquilo, o tamanho do troço que tinham movimentado em menos de um ano. O único que não parecia surpreso era Evandro, que tomava nota de números de tráfego e do comportamento dos jogadores num arquivo de texto enorme, que Gustavinho tentava ler por cima dos seus ombros sem sucesso, e ficava o tempo inteiro conversando com alguém num programa de chat que Gustavinho não

lembra de jamais ter visto na vida.

Um mês e meio depois, antecipando o prazo, lançaram a fase beta. Depois de duas semanas no ar o jogo já tinha quinze mil contas criadas, um quarto delas de estrangeiros. Essa era a parte que eles menos entendiam. O jogo era muito deliberadamente brasileiro, com particularidades culturais que eles imaginavam que só fariam sentido aqui dentro, e no entanto estavam lá os coreanos, búlgaros, chilenos e indianos correndo pra lá e pra cá, falando nas suas próprias línguas e já criando suas próprias pequenas comunidades. A bolha midiática internacional especializada em jogos independentes logo começou a reverberar o CABOL, chamando sempre atenção para sua originalidade caótica e histórica e para a rapidez com que estava sendo produzido.

Duas matérias de sites especializados norte-americanos, tentando resumir o estranho jogo a uma adaptação dos quadrinhos, havia descrito Gustavinho como grande criador e maestro de tudo, como se ele tivesse sido responsável por todas etapas de criação. Gustavinho só conseguia rir de nervoso, quando entrevistado, e não conseguiu negar essa impressão. Depois se sentiu um pouco mal, mas no dia seguinte notou que Evandro não parecia incomodado. Achava graça, até incentivou que Gustavinho desse mais entrevistas daquele jeito. Talvez ficasse contente em não receber atenção demais, obcecado como estava com a reestruturação massiva que precisava fazer da sua empresa para lidar com o tamanho que aquele negócio estava tomando, como se já por conta própria.

Apesar da maneira meio arrogante de agir, Evandro também conseguia ser afável e simpático com todo mundo. Parecia um modo acionado deliberadamente, contrastado com a cara ausente ou invocada, mas não por isso deixava de transparecer uma simpatia espontânea. Chamava alguém para acompanhá-lo para a varanda, para fumar seu cigarro de palha, e desatava uma cara satisfeita com o trabalho que estavam fazendo.

Gustavinho evitava encarar, mas deixava sua visão periférica absorvê-lo como podia. Não lembrava de ficar tão fascinado com uma pessoa de carne em osso antes na sua vida. Carmen Sandiego ou Lara

Croft não contavam.

Já foi descrito uma vez, mas não bastou. Evandro era um menino não muito alto, mas de pernas e braços compridos, a pele de um marrom batido de sol. Sua cabeça parecia pequena para o seu corpo, distante de tudo que acontece, um cabelo liso, reluzente de tão preto, cortado de cuia, de onde saíam mechas compridas do lado das orelhas. Tinha traços um pouco femininos que ele enfezava num arranjo mais severo o tempo quase todo. Na maior parte do tempo sua expressão parecia desativada de seu derredor imediato, metida em imaginações bem diversas ali de onde ele estava, e de repente se acendia num estado de convencimento extraordinário que precisava ser direcionado e extinto em poucos minutos. De repente percebia que precisava demitir ou contratar tal pessoa, criar um novo departamento, rearranjar uma equipe de roteiristas específica, redesenhar tal elemento da interface de inventário, fazer com que a espera necessária enquanto o jogo carregava um novo território fosse sempre ilustrada com algum artigo da já efervescente enciclopédia colaborativa do CABOL.

Os seus olhos se acendiam de alguma percepção dessas e ele na hora acionava a pessoa adequada. A pessoa era incumbida de ir encaminhando uma determinada atividade e ele podia relaxar. É basicamente isso que ele fazia o dia inteiro, quando não estava isolado programando, incontactável. Aceso todo dia das seis até as duas da manhã. Não assistia filmes, não lia, não parecia ouvir música. Vestia um mesmo uniforme consistindo de uma mesma camiseta cinza escola pública, calça jeans largas mal seguras por um cinto velho descascado marrom-claro e tênis de futsal, em absolutamente toda situação.

A sala do Evandro ficava sempre fechada, com gente entrando e saindo de lá com frequência, a maioria meio apavorada, fazendo antes de entrar uma recolhida dos ombros e um retesamento do pescoço como quem indicasse “puta que pariu, lá vou eu”.

Gustavinho passou a ir pelo menos duas vezes por mês em São Paulo, habituando-se ao escritório novo deles em Pinheiros, num casarão com pé direito enorme que eles dividiam com uma agência de publicidade e uma *startup* de entrega que viu seus concorrentes explodirem enquanto eles mal saíam do lugar, seus seis membros todos indistinguíveis, todos levemente acima do peso, brancos, prematuramente

carecas, barbudos e deprimidos. Gustavinho tinha até uma mesa com computador que reservaram com o seu nome, embora ele não tivesse muito o que fazer. Checava o e-mail, andava pelas baias, cheias de bonecos realistas de filmes nerd, Chtulhus de pelúcia e pôsteres do Simpsons, olhando por cima dos ombros do povo e tentando adivinhar o que eles estavam fazendo.

Ele queria participar, mas não entendia direito o jargão que o povo usava. Nunca jogou esse tipo de jogo, nunca programou nada. Concordava com o que Evandro parecia estar propondo, sempre, nas reuniões, quando recebia a palavra. Fazia parte agora das reuniões mensais do criativo, mas não entendia suas atribuições, e acabou faltando a uma delas por ter ficado chapado demais com um brigadeiro de tchose que conseguiu com Victor, indo dormir seis da manhã e acordando horas depois da reunião terminar. A idéia de que estavam fazendo um jogo em cima das suas imagens era muito excitante, mas ele não conseguia se envolver com aquelas tecnicidades todas, decisões envolvendo a interface, a mecânica de combate e as dinâmicas econômicas dentro do jogo. Todo detalhe era discutido em aspectos que Gustavinho nem imaginava existentes e que ele tinha dificuldade de entender a tempo de contribuir com algum comentário válido. Os quadros de pincel atômico se viam sempre com tarefas recém-completadas do tipo:

- Ajustado valor nutritivo do açai e das castanhas
- Necromantes demoram um pouco mais para fazerem as suas necromancias
- Coelhos 2x mais rápidos
- Agachar-se diante de um robô não mais te salva da sua linha de fogo
- Capacete de papel alumínio (+3 contra invasões telepáticas e interferências E. M. em geral) adicionado como item fabricável.

Na reunião seguinte a qual Gustavinho compareceu, o jogo já tinha mais programadores, uma equipe que ele mal conseguia calcular de

tão grande. Mais de quarenta pessoas, vários deles estrangeiros (alguns deles participando remotamente). Todos escolhidos a dedo pelo Evandro.

O universo do jogo agora era de uma complexidade que Gustavinho não sentia que compreendia totalmente. Embora tivesse sido de fato derivada daquilo que ele escreveu, de premissas que ele inventou, a coisa já tinha desembestado a ponto de virar outra coisa. Uma besteira que ele só rabiscou em dois quadros (um grupo de golfinhos sabotando um cabo de fibra ótica submarino), havia sido elaborada no jogo para virar toda uma civilização de golfinhos com treinamento militar, comunicando-se por sonar para derrubar navios pesqueiros, canhões laser atrelados às suas nadadeiras por ecoterroristas parceiros. A coisa toda ficava muito ridícula muito rápido.

A versão beta dava erro toda hora, vivia caindo, mas ainda assim tinha lá já suas quarenta mil contas e mais ou menos dez mil jogadores, depois de alguns meses. Apaixonados e fiéis, na sua maioria compreensivos com os frequentes travamentos. A rapidez de tudo pareceu normal para Gustavinho, mas leu depois em sites gringos que aquela era uma rapidez desconcertante para um jogo daquele tipo ser desenvolvido e apresentado ao público. Uma rapidez sem precedentes, na verdade, na qual era quase difícil de se acreditar.

Os gráficos eram rudimentares. Apesar da insistência de boa parte da equipe que a comunidade de jogadores sérios preferia gráficos realistas e modernos, Evandro insistia em manter os gráficos simples, querendo estabelecer uma estética retro, 8-bit, de jogos do começo da década de noventa. A aparência mambembe das interfaces também tentava fazer referência a plataformas antigas, a todo um quentinho nostálgico calculado para marmanjos de trinta a quarenta anos mas já disponível também para moleques espertos de quatorze, por outras vias.

Dizia que só dormiria mais de três horas por noite quando o jogo alcançasse um milhão de jogadores, que só aí ele iria descansar. Ele falava sorrindo, mas sempre enfezava se a pessoa risse daquilo.

Gustavinho jogava pouco, confuso demais com os erros e a interface ainda bugada, mas mantinha um fascínio eterno com o fato daquele

troço cada vez mais complexo ter alguma parcela de responsabilidade sua.

Os seus pais continuavam extasiados, contando vantagem para os amigos e parentes. Decidiram arrumar um apartamento para ele em São Paulo, pela primeira vez Gustavinho viu morando sozinho. Como acharam que estaria muito ocupado para montar um apartamento agora, alugaram um apart-hotel todo mobiliado por três meses. Até serviço de quarto tinha, camareira. Ele não precisava fazer nada. O lugar era muito confortável, com uma antessala e cozinha americana. Gustavinho acordava depois de meio-dia, sempre, fumava alguma ponta que estivesse recuperável pelos cantos e chegava a ficar cinco ou seis horas deitados direto no pufe.

Mantinha-se ocupado de noite com São Paulo, com as pessoas que de repente conhecia, todos aqueles contatos no celular que ele não acionava, mas continuava coletando, as pessoas que o adicionavam em redes sociais como se soubessem quem ele era. Ele não recebia salário da Synopticon, até porque o jogo ainda não era rentável, mas havia recebido duas jorradadas na sua conta bancária pelos direitos criativos. Como seus pais ainda pagavam por tudo, essa grana ele usava principalmente para comprar apetrechos tecnológicos e maconha com o povo que borbulhava em torno dele. Comprou um *Apple watch*, mas quando se viu usando achou meio ridículo, nunca teve coragem de usar em público. Victor insistia que fossem em algumas festas, de vez em quando, mas ele não costumava fazer mais do que tomar algumas cervejas, concordar com a cabeça com qualquer das atrocidades ditas a respeito dos espécimes femininos e ir pra casa de táxi bem antes dos outros. No máximo, ia ele, Victor e mais uns dois caras para alguma hamburgueria *gourmet* de madrugada, Gustavinho rindo ansioso das sucessivas piadas sobre gostosas do Instagram sobre quem Victor tinha profundas objeções morais.

Embora tivesse todo motivo para ficar animado, considerando tudo que tinha acontecido na sua vida, Gustavinho acordava todo dia tenso. Como se tivesse tido um pesadelo muito grave e muito ominoso, mas não conseguisse lembrar o que acontecia nele. Buscava ao seu redor algo em que ancorar esse sentimento, sem muito sucesso. O mundo estava na merda, claro, mas sempre esteve. Talvez fosse só uma

ansiedade sem objeto, acostumada com uma vida medíocre, confusa agora diante daquele sucesso todo.

Assim que chegou em São Paulo ficou sabendo de um assassinato que chamou muita atenção de alguns cantos da internet onde ele habitava, e que só fez engrossar essa sensação. Um cantor novo que tava começando a estourar em alguns círculos de vanguarda podreira. Um moleque magricelo chamado Jemerson, que dançava como o caramba e inventava as fantasias mais inusitadas, improvisadas com lixo e coisas que se compra barato em qualquer canto. Produziu ele mesmo seus primeiros vídeos na casa da tia-avó, onde morava, no Jardim Ângela, e as danças e fantasias ganharam o público mais inusitado, até gringo. Tinha acabado de lançar o primeiro EP, produzido por gente profissional, com alguma grana. Estava super feliz. As letras eram mais declamadas que cantadas, as músicas eram puxadas de sucessos do funk, pouco mais que desculpas pras coreografias espasmódicas criativas e as frases de efeito engraçadas (seu primeiro sucesso consistia numa repetição cada vez mais frenética dos versos “Cadê o pancake / Tou com a cara cagada / Cadê o pancake / O pancake da Mac”).

Foi encontrado em casa brutalmente espancado, ao ponto da deformação total. A polícia descartava crime de ódio, mas era só disso que falava os cantos da internet que já conheciam e valorizavam a carreira de Jemerson, que ainda engatinhava, mas com firmeza. Gustavinho pensou em conversar com alguém da Synopticon sobre aquilo, mas não conseguiu. Sabia que não devia ter nenhuma relação direta entre o incidente e tudo que acontecia na vida dele, mas acabava vendo sinais ominosos em tudo. A versão 1.0 finalmente seria lançada em dezembro de 2012. Um enorme calendário para contagem regressiva foi posto bem no meio do escritório da Synopticon.

(*)

Gustavinho está sentado no chão do seu apartamento novo em São Paulo, ainda quase sem móveis, para o qual ele acabou de se mudar. A contagem regressiva no site termina e aparece uma mensagem dizendo que o jogo já está online. No dia anterior, deu pra ver que Evandro estava, pela primeira vez, muito nervoso. Ansioso pra saber como os servidores aguentariam o tráfego naquele primeiro dia. Estavam gradualmente deixando a nuvem gringa e estariam, pela primeira vez,

utilizando a arquitetura de rede inovadora idealizada por Evandro. Gustavinho nunca visitou o galpão na Zona Oeste com fileiras de computadores zumbindo debaixo de ar condicionado, mas achou as fotos emocionantes.

— Isto aqui é só o começo, bicho, Evandro lhe disse.

O jogo demora um bom tempinho pra abrir, mas tudo parece estar funcionando com poucos soluços. A luz azul que vem da tela é a única fonte de iluminação no quarto, que fica todo levemente tingido daquela mesma cor fraca e fria.

O mundo abre.”

15.

Nessa época começamos a frequentar um lugar nas entranhas do Lago Norte que chamava *Landscape*. Era uma boate meio descontraída e desajeitada que reunia gente *alternativa* e *do rock*, mas como era também o único lugar noturno no raio de alguns quilômetros acabava reunindo gente desavisada de outras persuasões. Bêbados solitários e ecumênicos caídos pelos cantos e tentando agitar as partes mais dispostas do corpo junto com a música.

A parte de baixo era o típico inferninho suarento com palco apertado pra banda, com um segundo andar meio largado, onde havia uma banheira de hidromassagem desligada com camadas de poeira sedimentada, além de frases inspiradoras, na parede, de figuras ilustres do humanismo universal como Raul Seixas, Lenin, Renato Russo e Betinho.

Do lado tinha uma igreja evangélica e em volta mais nada, só prédios sendo erguidos e oficinas e lojas de materiais de construção, montes de barro revirado ali atrás das vias certinhas do Lago Norte. O nome oficial da área era Centro de Atividades. Não deixa de ser um nome adequado, lembro do Fernando dizer, várias vezes. Faziam-se, ali, afinal, *atividades*.

Lembro da gente reclamar com frequência do lugar e das festas, como se reclama daquilo que é muito próximo e familiar. Em algumas noites acontecia de tocarem o que a maioria de nós gostávamos, muitas vezes rolavam as bandas ruins ou boazinhas de amigos e conhecidos. Mas boa parte do tempo a gente ficava tirando de tempo os roqueiros mais velhos que apareciam lá pra ouvir *Smiths* e *The Cure* (nada contra), conversando e bebendo lá fora, passando calor e fumaceira no andar de baixo.

Hoje sei que não tinha nada demais no lugar e que o povo que ia lá nem era tão frito. Eu é que não tinha visto nada na vida até então além de bares da Asa Norte e do Cruzeiro e churrascos da minha família no núcleo bandeirante. Conseguia ter uma inocência ainda tão jeca nessa época que lembro que o lugar conseguia me parecer bem mais soturno e devasso do que era de fato. Primeira vez que vi alguém cheirando foi no banheiro de lá, primeira festa de maioria gay que eu fui também foi lá.

Lembrar desse período é lembrar com força pra mim da sensação de sair daquele lugar umas quatro, cinco da manhã, sem saber muito bem porque teria ficado até aquela hora ali, muitas vezes não conseguindo lembrar de ne-

nhum momento realmente agradável, procurando a chave do carro enquanto caminhava até ele num declive escuro de terra batida quase sem outros carros em volta, imagens midiáticas de sequestro e estupro se desenhando na cabeça na forma de dramatizações toscas em programas policiais. Você, a sua única companhia naquele caminho comprido até em casa, dirigindo com mais álcool no sangue do que devia, a fila de postes arrastando-se interminável no Eixão.

Eu repetia na minha cabeça com frequência a mesma formulação banal a respeito de como a vida de alguém com vinte e poucos anos revolvía em torno de festas daquele tipo. Mudava a música e o preço da bebida, mas a estrutura era a mesma por todo canto. Os rituais de fertilidade e acasalamento que ainda temos, a Bia falava (não tão solene), depois de sair, suada, do inferninho.

Sempre tive habilidade nenhuma em acasalamento e não tinha direito um grupo fixo de amigos desde o Ensino Médio. Então além de dormir tarde quase todo dia lendo livros do Henry James que eu nunca terminava, ou adormecendo diante de filmes antigos de Hollywood que eu revia mil vezes, tentava forçar a minha vida a se encaixar ao menos naqueles arcos narrativos, encerrados naquele núcleo fixo de personagens atraentes.

Aprendendo uns com os outros, servindo de equilíbrio, alívio cômico, complementação temática aqui e ali. Lembro de vê-los agrupados num canto, todo mundo dançando menos o Adriano, um se aproximando do ouvido do outro de tempos em tempos pra fazer algum comentário que causava, quase sempre, um estouro de hilaridade. Mesmo quando não conseguia ouvir o que tinham dito, precisava me segurar para não rir junto.

Na mesma época, encontrava a Bia e o Fernando com frequência na Biblioteca Central da UnB. Eu estava lá estudando pra algum concurso que estivesse pendente no horizonte com sua promessa apetitosa de resolução para parte dos problemas da minha vida. Já a Bia e o Fernando estavam lá pra estudar coisas mais nobres, digamos, e desinteressadas. Os dois tinham pretensões intelectuais, mas fugiam da academia. Marcavam de estudar juntos apenas para ter um horário fixo e um constrangimento para comparecer. Sentavam um diante do outro no térreo, numa das mesas maiores de leitura, tinham cada um uma pilha de livros de interesse e um caderno onde faziam anotações breves. De vez em quando, um apontava pro outro alguma coisa curiosa que tinha acabado de ler e o outro reagia silenciosamente de maneira ostensiva, querendo deixar claro que tinha entendido a específica graça ou

referência ou algo assim. Eu observava isso às vezes do outro lado da biblioteca enquanto fazia uma das minhas setenta idas ao banheiro e ao bebedouro, caminhadas ociosas esticando as pernas e repetindo em comitês erguidos na minha cabeça o tanto que eu era inútil.

Conhecem-se desde a pré-adolescência, os dois. Era meio evidente o tesão pairando ali entre os dois, ainda que complicado pelo Fernando namorar a irmã da Bia. Eu até tinha dificuldade de entender como que os dois não se atracaram antes, se eram tão parecidos e pareciam se dar tão bem. A tensão sexual parecia contida num carinho de amigo, mas nem sempre. Eu adorava ver como um olhava pro outro.

(Ainda não sabia como me portar diante do Fernando, aliás, sem saber o que diabos teria acontecido aquele dia na casa da Juliana, e sempre que os cumprimentava rapidinho na biblioteca tentava medir de alguma maneira a postura dele diante de mim, sem sucesso).

Vivia achando que encontraria os dois atracados juntos atrás da biblioteca ou no andar vazio de periódicos, naquele tipo de pegação clichê de filme em que as pessoas parecem tomadas de uma necessidade fisiológica incontornável. Parecia inevitável que aquilo acontecesse, mas claro que não era. A vida é toda cheia dessas possibilidades latentes e ainda assim cavadas pra dentro de si mesmas, inviáveis. Latejando pra sempre na porta, sem jamais entrar. Muros que se criam sem o nosso consentimento, mas que quando vamos ver já estão lá, incontornáveis como cotovelos e se estendendo até onde a vista alcança.

O que a Bia e o Fernando partilhavam, afinal, era uma mesma potência inerte, um mesmo talento agudo que não reunia de nenhum jeito verificável pro mundo, inteligências que não se amoldavam em formas que o mundo pudesse digerir.

Eu os via pela janela ou através do corredor da biblioteca em pé ali na frente, a Bia fumando e falando sem parar enquanto o Fernando segurava uma garrafa d'água vazia que ele amassava e desamassava, inflando na boca como um balão. Sorria e concordava com gravidade. Tentava imaginar a conversa deles, a conversa espaçada e tão iluminada. Mas é claro que não conseguia. Não há como alguém de imaginação tão curta como a minha conter gente tão mais vasta e diversa quanto aqueles dois ali. A Bia pelo menos parecia enfrentar o mundo, às vezes, ainda que dispersa, quase só discutindo com conheci-

dos em bares e com gente anonimamente imbecil na internet. O Fernando só tomava notas do mundo, deitado na rede, chapado.

Amigos e familiares arranjavam pra ele de tempos em tempos trabalhos de revisão e tradução, ou algum adolescente para ele dar aula de inglês, mas ele procrastinava, aparecia de chinelo pra dar aula, corrigia com notas arrogantes o raciocínio defeituoso de uma tese de doutorado em que ele só devia revisar o português. Procurava as formas mais previsíveis de autossabotagem abestada, de acordo com a Eloísa (que ao mesmo tempo se irritava com o tanto que o Fernando “se desperdiçava” e parecia achar romântica a postura que ele tinha diante do mundo, tão pura e excêntrica, tão de *artista*).

Os dois talvez só continuassem suas vidas especulativas e pouco práticas por causa da anuência dos namorados, mais bem arranjados e competentes com os instrumentos do mundo (a Eloísa, já mencionei, trabalhava com produção de moda e *design*).

Colocando de forma mais simples: Fernando e Bia eram as contrapartes mais interessantes e mais dispersas de Eloísa e Adriano. Considerando a necessidade de algum equilíbrio estético (que só deve existir na minha cabeça), era apropriado que os dois casais permanecessem exatamente como estavam.

Era provável que aquela tensão sexual dos dois se mantivesse daquele mesmo jeito implodida por décadas, as coisas não tem que caminhar pro seu desenlace mais dramático. Geralmente não caminham.

16.

O blog ficou parado de novo por um tempo. Aí voltou, mais esquisito do que nunca:

CABULOSO – PARTE 4

O seu avatar anda uma terra devastada, prédios cinzentos mal acabados, com rombos nos lados. Crateras, carros empilhados, viadutos tombados. Olhando pra cima você quase sempre vê linhas emaranhadas, fios elétricos e postes em gambiarras amontoadas. Depois de semanas jogando horas por dia, Gustavinho ainda se assombra com os gráficos, com a beleza de sua simplicidade. A terra se espalhando num leve e ligeiro cogumelo marrom pixelado quando você pisa no chão.

O jogo se passava todo no Brasil pós-apocalíptico do seu quadrinho, só que com muito mais elementos. Além do aquecimento global e dos cataclismas ambientais concorrentes, a Europa e os EUA haviam sido destruídos por desastres nucleares. Por todo lado, a grande maioria dos Estados-nações caíram ou se mantinham em versões enfraquecidas. Megaorganismos corporativos estadunidenses e chineses construía bases militares privadas, cidades e usinas livremente em território brasileiro. O interior dos Estados, as cidades pequenas, o cerrado, o sertão, as pampas, o pantanal. Esses lugares são todos terra de ninguém, assolados por grupos nômades, piratas e saqueadores, ladrões e vigilantes, caminhoneiros e torcidas organizadas. É nesse tipo de território que o jogo se concentra. Gustavinho morreu diversas, diversas vezes nas primeiras horas. Foi desmembrado, explodido, devorado, varado de balas e até queimado vivo por robôs. Não conseguia fazer nada ali, nem fazia jus à imagem tão legal do seu avatar, uma versão dublada de um herói de filme de ação dos anos noventa, com cabelo comprido, barba por fazer, um tapa-olho, um braço biônico e um sobretudo incongruente que esvoaçava quando ele pulava de lugares altos. O seu personagem havia sido feito para ficar bastante parecido com aquele que chegava mais próximo de ser o protagonista da sua história (que no quadrinho não tinha nome, mas que na internet alguns tinham começado a chamar

de Paraíba Blade, que Gustavinho não decidia se era engraçado ou preconceituoso). Explorou os territórios, fugindo dos combates, dos diálogos e dos gatilhos de aventuras, apenas vasculhando tudo que conseguia. Era um mundo muito mais específico, detalhado e complexo do que Gustavinho jamais podia ter imaginado. Deitado no pufe, as mãos esparramadas no teclado, o telefone pressionado contra a sua bochecha, ele agora conversa com seu primo Flávio. A voz do primo vem metálica.

— Bicho, tu já viu por aí um jogador que chama O DIVINO COMEDIA?

— Qual? Não.

— Um cara que joga com um avatar que parece o Caetano das antigas, tipo, um cara queixudo e cabeludo com casaco de pele, tipo. Epa, peraí, tão me matando aqui, rapidão.

— Ué, tu tá jogando agora?

— Tou sim, risos.

— Tu não falou nada, porra, eu também tou, doidão.

— Porra, é que eu percebi que da outra vez que tu me ligou, eu atendi, eu também tava jogando.

— E a vez antes dessa também, é verdade. Tá na fissa, hein? Tu não trabalha não?

— Porra, tive que desenrolar com o cara de TI aqui do escritório pra liberar o proxy, tu imagina? Agora tenho que salvar o bicho sempre que fumo no almoço, o que é foda, enfim. Cagou meu ritual todo. Mas é, tou jogando sempre, tá ridículo. Fico até com vergonha de te dizer. Risos.

— Vergonha do quê, tá doido, bicho. Mas tu tá onde?

— Aliás, até hoje eu nunca vi teu avatar, porra, como que ele é. Só no mistério.

— Ah, é um carinha assim normal, não tem nada demais.

— O meu tu viu aquele dia, né, ninjão só no estélfi. Cê tá louco.

— Mas o que tem o tal do comediante?

— Comédia. Ele é muito louco. Faz meio que umas cenas, assim. Uns

evento.

— Cenas?

— É, tipo umas cenas. Não sei explicar. Tipo tu tá lá em algum canto do jogo, de boa, e do nada aparecem outros avatares e começam a falar com o bicho, umas parada são invocada, aparece de repente um castelo, uns monstrinho, todo um teatro, assim.

— Teatro?

— É, tudo o bicho invocando, com máquina e magia. É muito cabuloso. E geralmente é engraçado pra caralho, tu tem que ver.

Alguns jogadores extrapolavam os termos de interação oferecidos do jogo, já criavam classes e comunidades adicionais àquelas oferecidas. Comerciantes de itens e *pinups* estilosas que ficavam só nas cidades e mal desenvolviam habilidades de luta. Em geral, a instrução na Synopticon era de incentivar essa criatividade. Era Evandro quem tinha teimado em acrescentar uma quantidade sem precedentes de possibilidade de classe e habilidades ali dentro, além de uma liberdade incomum na customização dos avatares. Dizia ter percebido que as pessoas queriam não só a possibilidade de serem piratas, ninjas, ciborgues, piratas, cangaceiros, homens-lagarto, mas elas queriam tudo isso *ao mesmo tempo*. Ele próprio tinha como avatar um licantropo meio pajé chamado ABRAXACO, uma versão mais realista do coioote coió que segurava um cetro poderoso de madeira nodosa e retorcida que só ele tinha (e que, segundo Renatinha podia criar qualquer artefato já criado no jogo).

Gustavinho se sente compelido a jogar horas por dia, só para tentar acompanhar. E sente que não consegue.

(*)

— Cadê essa porra desse bicho, veio?

— Não é assim. Não tem um lugar certo pra começar, já te falei, po. Eu só sei que era por aqui o troço. A gente só tem que procurar o movi.

— O movi?

— É. Sempre começa a acumular uma galera em volta quando ele começar a fazer o negócio dele, saca? Eu não tou tão ligado nessa

história a ponto de perseguir o bicho, então demora, geralmente, pra chegar em mim o bizu. O que significa que quando eu chego já rola sempre um movi.

— Boto fé. Entendi. A gente tá onde agora?

— Chapada Diamantina.

— O que são essas paradas saindo de dentro do chão?

— Morreu aquele Megaprotozoário de silício gigantão aqui umas semanas atrás, aquilo tudo metido na terra era tudo parte do corpo dele.

— Caralho. Meio bonito, né?

— Eu ouvi dizer que a pala do corpo não ter sumido foi um glitch, mas ficou tão fera e todo mundo concordou tanto que ficou fera que os cara foram e deixaram. Tavam certos.

— Porra, como que tu sabe tanto mais do jogo que eu, veio?

— Porra, tu que me diga. Tu meio que criou essa porra e parece que não tá nem ligado das paradas.

— Tem coisa demais, bicho, é rápido demais, não dá nem pra acreditar às vezes.

— Real. Ainda mais sendo brasileiro, né?

— Mas porra, muito rude esse bichão morto, muito cabuloso.

— ‘Rude’, caralho, bicho, não fala isso aqui.

— Como assim?

— Porra de gíria da ‘Istoé’, velho. Ninguém nunca falava isso antes de sair num GLOSSÁRIO duma reportagem lamentável dos cara.

— Sério? Eu já ouvi uma galera falar, eu acho.

— Gíria inventada por jornalista tiozão. Dois dias depois da reportagem e todo mundo que joga sério revirava o olho pra todo mundo que saía quinem um idiota gritando ‘RUDE’ pra tudo achando que tava abalando e apenas constrangendo a si mesmo e aos seus.

— Tu tá escolado nessa porra, hein, veio? E eu mesmo nem tava ligado.

— Porra, ficava sem graça até de te falar o tanto que eu gosto. Eu piro

demais nesse jogo, véio, e tu simplesmente criou a parada, bicho, não consigo nem registrar isso de real. Eu te falava aquelas parada só pra te incentivar, não achava que tu ia chegar e pans.

Na real eu também não, Gustavinho pensou em dizer, mas só riu como resposta. A coisa ainda sucedia com um certo lag de processamento, todo dia ao acordar, ele às vezes ao tomar banho ou escovar os dentes se via emitindo um ímpeto involuntário e meio histriônico de incredulidade, agudo como um bebê ou golfinho, e que não costumava durar mais do que um segundo.

— É muito massa esse teu avatar, né?

— Pois, é, porra, tenho que merecer ele. Tou mandando mal há tanto tempo.

— Ah, porra, tu tá bonzinho agora. Eu te vi lá com as galerinha do Taison acabando com aquelas vespa japonesa amarelinha. Cabuloso, fi.

— Tu viu isso?

— Postaram, pô. Aquele canal dos uiliquite, uiliquete.

— Ah, eu nem tava com a galera do Taison, não. Só juntou ali na hora.

— Tu nunca anda com ninguém, né? Só o sinistrão.

— Dou essa pala.

— Ih, a-lá o movi, ó.

De fato, ali, entre o que se podia descrever como a Cinelândia e o MAM, nas escalas reduzidas e cartunescas do jogo, estava um acúmulo de quarenta ou cinquenta avatares irriquietos cercando o que parecia ser um minitemplo maia com um porco deitado em cima em oferta, mordendo uma maçã, vivo. Uma nuvem de fumaça preta de repente se formou por trás.

— TÁ TU-TU-TU-DO DOMINADO, FIAS E FIOS MARAVILHOSIS, TUDO PROGRAMADO, DO CERRADO AO VAREJO, DE BATE-PRONTO PRO ABATE-BATE, CERCADO, JÁ. UM ENORME PASSADO PELA FRENTE, ENGOLINDO O FUTURO COMO FITA ENGASGADA.

Aparece uma figura de fato bastante parecida com o Caetano Veloso circa setenta e tantos, o queixo cartunesco pronunciado,

vestindo só uma capa vermelha e uma tanguinha, posição de lótus, flutuando logo acima do templo.

— AQUILO QUE ACABOU COM O BRASIL ACABOU COM O BRASIL QUE ACABOU, HÁ PELO MENOS TRÊS DÉCADAS QUE QUASE TODOS OS DOCUMENTOS OFICIAIS E CARIMBOS DA IMPRENSA NACIONAL E PANFLETOS COLORIDOS COLECIONÁVEIS E SUPLEMENTOS DE INSTITUIÇÕES DE CRÉDITO DOS ESTADOS UNIDOS DELLO BRASILE ÚNICO E INVISIVE É MASSA DE MANOBRA TECNOCONSUMISTA PARA A GRANDE BESTA QUE TUDO ENGOLIU. SÓ EXISTE UM MODO DE VIDA. UMA CASA, UMA FAMILIA. UM CAUBÓI EXECUTANDO UM ÍNDIO NA FRONTEIRA.

Um sol com pernas metidas numa bota vermelha, mãos enluvadas como as do Mickey e bigode, sorridente, aparece pendurado por uma cordinha, aterrissa no minitemplo, sorri e põe-se a devorar brutalmente o porco, cujo choque se fixou numa expressão exasperada e cujas tripas continuam se projetando para fora repetidas vezes, em loop. O sol se alimenta e cresce um pouco, seu brilho fica mais forte.

Um telão enorme é trazido por duas capivaras mutantes, no telão sucede um panorama acelerado em traços coloridos e simples. Um relógio marca que estamos há 4,5 bilhões de anos atrás, e contando. A terra se forma. O relógio corre acelerado. Formações geológicas dando lugar a formas de vida diferentes, os estratos se acumulando e se dispersando em poucos segundos. Até que, por volta de um milhão de anos atrás, uma formação se destaca, ereta, começa a fazer ferramentas e a dominar todo o resto. O relógio acelera. Depois de dominar a superfície da Terra, começa a extrair as camadas anteriores para alimentar sua expansão. Depois desse resumo apressado, sem palavras, a formação dos continentes e das espécies é retomada e recapitulada, ainda mais rápido. A espécie derradeira anda de carro pra todo lado, triunfante, e a gasolina em todo carro vindo de um tempo profundo. Toda a memória sedimentada daquela vida explodindo motores continuamente e minando aos poucos a atmosfera. O panorama se espalha pelo templo todo, geleiras aparecem do nada, em volta dos espectadores, e já começam a derreter.

— A MAGIA DELES NÃO É A ÚNICA. HÁ MAIS JOGOS E OUTRAS MATEMÁTICAS.

— A ÚNICA ESPERANÇA ATUAL PARA A REVOLUÇÃO MUNDIAL SIMULTÂNEA DOS MODOS DE TROCA SENDO, NATURALMENTE, A LUA-ÚTERO DA MÚSICA POPULAR DESSE TERRITÓRIO QUE TEM O DEVER SAGRADO DE REDIMENSIONAR O ESPRITO EM SUAS ANDANÇAS E SACRAMENTAR O DEVIDO CAMINHO RÍTMICO-CORPORAL PARA TODA A HUMANIDADE. ANTÍDOTO PRO COMPLEXO IMPERIAL DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, A MATRIZ MARIARCA DE MITOS DE PINDORAMA PERMITIRÁ REFAZER OS FLUXOS, EXPANDIR OS LAÇOS, ACABAR COM OS ACÚMULOS CANCEROSOS, DISTRIBUIR O AXÉ E O MANA ONDE CONVÉM. PARA TODO MAL UMA CURA.

— O QUE SE SEGUIRÁ NATURALMENTE NO PRÓXIMO CICLO, O PRIMEIRO CATACLISMO, AS SETE CABEÇAS OFERTADAS, O SEXTO CICLO CONSUMIDO, O ESPÍRITO REFEITO E INVERTIDO, O MERCADOR VIRANDO PEDRA, A ROCHA LIQUEFAZENDO E A RASPADINHA ENDURECENDO, A AMÉRICA ENFIM SE REALIZANDO.

— PONTACABEÇANDO.

Uma lua igualmente antropomórfica também desce, ao lado do Sol, detrás de onde sai um homem mulato e forte, de camisa listrada, segurando um violão, e passa a, aparentemente, copular com o Sol, que a princípio se assusta, antes de explodir de prazer. A Lua infla e começa a crescer, ascendendo aos céus e explodindo quando está enorme e bem no alto. Todo o templo e os aparatos invocados em volta se desfazem em tubérculos, bulbos e raízes tuberosas. Em questão de segundos, tudo desaparece, deixando só os espectadores circunstantes, que logo se dispersam.

— Hoje eu não achei legal, não, sabia, achei meio zoadado, mas ele faz muito direitinho, né, muito show as luvinhas do sol, tu não achou?

— ...

Gustavinho estava sem reação. Aquilo era muito familiar. Onde ele já tinha visto aquilo? Ele já tinha visto aquilo em algum lugar.

17.

Este parece um momento tão bom quanto qualquer outro para descrever a adolescência do Fernando, que conheço por um relato da Eloísa, na única conversa mais comprida que a gente teve na vida. Era uma festa de um amigo em comum em que nós não esperávamos nos encontrar. O Fernando estava viajando, eu e Eloísa não tínhamos amigos próximos na festa, acabamos ficando de conversa por horas, com a indisposição mútua de socializar com uma galera que mal conhecíamos.

A festa era do Saulo, baixinho de cabelo raspado e voz grossa, gay, ansioso e muito engraçado, com quem a Eloísa fazia faculdade na época, e que era meu primo de consideração. Eu demorei anos para descobrir que ele era de um jeito nos eventos de família em que eu o encontrava e de outríssimo jeito com os amigos ou na rua (quando falava bem mais rápido, dez vezes mais engraçado e impetuoso).

A sua mãe tinha casado com um tio meu, Everton, um cara quieto e calvo que só queria na vida comprar aparelhos eletrônicos e resenhá-los no Facebook. Parecia muito constrangido e sem jeito diante da personalidade arrojada do Saulo, que aos poucos foi conseguindo se afirmar em casa (mas não diante da vó, não diante dos tios). Lá na festa Everton estava sentado num canto, tentou dançar uma hora com a garotada, mas não durou nem dois minutos. Ficava olhando pra tudo meio abismado, mas gentil.

Quanto mais bêbada a Eloísa ficava, mais ela se abria. Eu cuidei de parar de beber para poder lembrar de tudo, mas continuava beliscando devagar uma caipirinha para não desencorajá-la. Achando muita graça, ela começou a me contar que o Fernando quando tinha uns quatorze anos começou a se interessar por ecologia e vegetarianismo, nesse movimento de começo de maturidade de encontrar essas afiliações políticas e levá-las a sério de uma maneira purista, geralmente meio ingênua. Misturado com uma vontade de se definir e se distinguir dos outros, demarcar sua personalidade.

A princípio só evitava carne como podia, depois de alguns meses começou a tornar isso claro a todos os amigos mais próximos, passou a exigir uma dieta vegan em casa, proselitizando seus familiares quando esses reclamavam. Chegou a pichar no prédio da família dele, perto da garagem, um VEGAN enorme que todo mundo obviamente sacou quem tinha feito, com a tinta ver-

de-escura que o pai tinha comprado pra pintar a casa na árvore de um primo deles.

A mãe, que era psicanalista e muito segura de suas próprias crenças, trouxe aquilo com a condescendência com que tratava toda convicção adolescente, em especial as políticas. Riu, falou que não duraria nem três meses e que ele estava mais do que convidado a aprender a cozinhar, no meio tempo, se não quisesse comer a comida da casa. Ou ficar só no feijão com arroz.

O pai, procurador federal criado numa fazenda goiana, ficou foi puto com tudo que via implicado na decisão. Perguntava se Fernando se achava melhor que a Djanice, que trabalhou durante décadas na fazenda do seu avô torcendo pelo menos um pescoço de galinha por dia.

— Claro que não e a ideia não é me sentir melhor que ninguém. É uma questão política. Não é moral.

O pai bufava, a mãe gostava era de argumentar.

— Claro que a ideia é se sentir melhor que os outros. O vegetarianismo no Ocidente se popularizou assim, uma maneira da elite se sentir mais pura. Como a esquerda toda, né? Ou você vai dizer que o seu motivo é religioso, que você virou budista de repente? Faça-me o favor, Fernando.

Mas ele não parou aí. A partir dos quinze sua vida passou a se concentrar em ler fóruns e blogs vegetarianos e da extrema esquerda eco-socialista, destrinchando todos os vários sistemas de destruição nos quais o mundo todo parecia estar metido.

Se você pedisse pra ele descrever na época, Fernando dificilmente conseguiria emitir mais do que uns resmungos inarticulados, mas conseguia sentir as ligações todas com agudeza, as conexões grossas entre todas as formas concebíveis de opressão amarrando tudo que ele via num mesmo feixe. Desde violência policial até crueldade animal em criações industriais, destruição ambiental e trabalho escravo. O Imperialismo, o colonialismo, a escravidão do homem e de outras espécies. Tudo tinha só mudado de nome e de terno. Afrouxado aqui pra poder apertar ali. No geral o mundo melhorava para poucos, a história continuava a ser esse coturno pisando em cima de um rosto, e só. Não havia como escapar de nada disso, tampouco haveria como deixar de ser cúmplice.

Tudo se amontoava na sua cabeça num denso e vago emaranhado. Nada

parecido com ação coletiva se desenhava pra ele como possível, apesar de alguns textos que lia e das pessoas que dizia admirar. Fernando só conseguia fantasiar com gestos terroristas grandiosos de heroísmo tresloucado ou com uma vida ascética duríssima que ao menos rejeitasse os termos padrão deste mundo com veemência. Por alguns meses, esteve obcecado com o Unabomber.

Passava os dias e as noites quase todos sentindo-se atado nessas teias de relação, responsável pelo massacre de focas inocentes no ártico e pelos defeitos congênitos sofridos pelos bebês de uma vila indiana cujo córrego foi contaminado por uma empresa farmacêutica de que ele era consumidor. Sentia-se tão implicado nesses crimes quanto os executivos inescrupulosos ou os capatazes diversos metidos nas entidades corporativas que movimentavam essas forças no mundo, os intermediadores de fluxos de interesses e capital.

Cada vez mais, Fernando não conseguia enxergar nenhum alívio nos pequenos atos de redenção. Andar de bicicleta, usar bolsa de pano ao invés de saco plástico, preferir empresas locais amigáveis e boicotar as marcas e empresas com pior histórico de danos ambientais e direitos trabalhistas. Para ele era muito claro que a dependência que tudo tinha de todo o resto não permitia que essas pequenas distinções fizessem muito sentido. Nós todos participávamos daquilo. Com graus variados de culpa e destrutividade, claro, até aí ele concedia. Mas só de ter nascido numa situação confortável num lugar como o Brasil você já tava do lado errado da gangorra. Ser neto de português num fazendão de escravos já seria o bastante pra pesar uma vida toda.

Isso não quer dizer que ele não fizesse coisa alguma, Eloísa dizia. Rindo. Na real, nessa época ele fazia tudo que conseguia imaginar, colava adesivos veganos no carro de estranhos, organizava protestos de quinze pessoas no intervalo da escola, montava vídeos sobre aborto de bebês anencéfalos para chocar a tiazinha que lhe dava aula de religião. Fazia, mas não achava que tinha qualquer importância, admitindo aos seus amigos que esses esforços individuais não passavam de algo que se faz para se sentir melhor sobre si mesmo, não para ter qualquer efeito apreciável no mundo. O mundo já foi. Um cinismo que todo mundo achava estranho num moleque de quinze anos e que acabava o afastando dos poucos amigos radicais que fazia, a maioria online.

Esse sentimento foi oscilando em seriedade e comprometimento até que culminou numa tentativa de retirada do mundo, lá quando o Fernando tinha uns dezessete. Eloísa contava essa parte gargalhando, como quem descreve

algo excêntrico, mas também muito fofo, de tão ingênuo. Saiu de casa e inventou pros pais que passaria uma semana numa comunidade alternativa em Valparaíso (algo que ele jamais faria, pela falta de paciência que ele tinha com hippies de maneira geral, principalmente com aqueles que transformavam privilégio em gratiluz e vaguidões da Nova Era).

Foi morar na rua. Não durou nem dois dias, parece, pelos motivos mais prosaicos e previsíveis do mundo, medo e incômodo físico, vontade de tomar banho quente e Guaraná gelado. Achou uma merda dormir em bancos, um saco ficar com formigas frequentemente subindo nos seus pés e ficou assustado com um mendigo bêbado que veio conversar com ele de madrugada sobre o filho dele que tinha sido preso no Rio, amigo do Vagner Love, segundo ele, e que passou a noite sem falar coisa com coisa.

Voltou pra casa fedendo horrores, falou pros pais que dormiu na casa de um amigo e acabou nem terminando o terceiro ano pelo tanto que estava deprimido.

Eventualmente foi retornando aos poucos pros padrões, hoje nem vegetariano ele é mais, embora acho que ainda tente comprar as marcas menos escrotas. Se você conversa com ele sobre o assunto, depois de vencer umas várias camadas de resistência, acaba admitindo que na real ainda acha que estava correto nos seus dezesseis anos. Que comer carne, ainda mais carne de boi, ainda mais industrializada, é uma canalhice. Em princípio ele ainda concorda com quase tudo aquilo que lhe parecia tão urgente e grave quando era moleque. O tempo só confirmou tudo aquilo, só aumentou ainda mais o drama. Ele só não continuou a sério com aquela vida engajada e comprometida porque não tem fibra moral nenhuma.

É assim que ele coloca, “fibra moral nenhuma”. Já o vi também dizer que não tinha dentro dele “nada nem próximo de um caráter”. Falava sempre rindo e eu nunca entendi o jeito que os amigos mais próximos reagem, não era nem rindo nem levando a sério, parecia só irritado.

Segundo a Eloísa (que até essa parte me contou rindo, não entendo bem porque, realmente não vejo qual poderia ser a graça), ele ainda acha, no fundo, que o mundo inteiro continua a ser uma ciranda arrastada e grotesca de uns mesmos traumas coletivos violentos. E que as classes altas — nas quais ele nasceu e foi criado — só continuam a sustentar essa situação porque nela quase só tem vampiros e frouxos.

18.

Dois anos antes daquela noite no apartamento da Juliana, aconteceu a Copa do Mundo da África do Sul. Firmou-se que os jogos do Brasil seriam assistidos no apartamento da Bia e do Adriano, no final da quatrocentos sul (e que era da avó dele até uns meses antes).

Todo um evento se criou, sem que a Bia e nem o Adriano se encarregassem disso, pessoas chegavam com balões verde e amarelos horas antes do jogo e assistiam as intermináveis análises e preparações em todos os canais esportivos. Isso tudo para que os jogos acabassem sendo desenxabidos, peladas contra a Costa do Marfim e a Coreia do Norte. Havia uma única criança novinha no grupo, o filho do Paulinho e da Natália e a sua excitação genuína e convicta legitimava um pouco a vontade que vários marmanjos tinham ali de também vestir uma identificação direta com essa entidade tão estranha que é a Seleção Brasileira de Futebol.

A criancinha (não consigo lembrar se era menino ou menina) era linda, tinha olhos meio orientais inexplicáveis pelas feições dos pais e parecia tomada de uma identificação mística com a seleção. A mera aparição de seus jogadores em campo era motivo para que ela começasse a se debater de êxtase incontido.

Para cinco dos homens ali, a Copa do Mundo sempre havia sido um evento de extraordinária importância. A única coisa em que o Brasil ganhava do mundo todo. O campeonato mais importante do jogo mais popular do mundo. O mero fato dos jogos se revelarem tão sem graça não conseguiria, por mais insistente que fosse, desmontar a gravidade e a centralidade daquele evento, daquele mês tão fantástico de prazeres que mais se antecipavam e se pós-analisavam do que se desfrutavam diretamente. Pra mim era como qualquer outro jogo de futebol, tudo parecia bem parecido.

No segundo jogo do Brasil, contra a Costa do Marfim, decidiram jogar um jogo-de-bebida centrado no Galvão Bueno. Aquele era um costume importado por um deles, o João Pedro, dos Estados Unidos, do período em que esteve estudando acho que biologia, acho que em Ohio. Sempre que o locutor utilizasse alguma das seis frases de efeito batidas que haviam anotado com canetinha numa cartolina afixada acima da televisão (“bem amigos da rede globo”, “isso tá certo, Arnaldo?”, “não pode deixar eles gostarem do jogo”,

etc), os cinco teriam que beber pelo menos meia dose de cachaça. A ideia era promissora em sua destrutividade e os cinco pareciam previamente satisfeitos, antes do jogo, ali já sentados ou arrumando os preparativos, com o comprometimento que todos demonstravam em relação à Copa do Mundo enquanto fenômeno total de entretenimento.

— A gente é bom? A gente vai ganhar?, a Eloísa perguntou, num tom meio infantil que me pareceu forçado.

— Mais ou menos. Temos sentimentos muito diversos em relação a essa seleção aqui mesmo dentro dessa sala.

— A seleção do Dunga destrói. Destrói todo mundo.

— Você tá defecando pela boca.

— A seleção do Dunga vai destruir todo mundo. Vai ser um constrangimento. Só o Felipe Melo vai fazer uns doze gols de canela.

— Felipe Melo é um cretino.

— Mas pra qual que a gente vai torcer se o Brasil perder?

— Nem se fala uma coisa dessas.

— Eu tou quase te expulsando dessa casa agora e a casa nem é minha.

— É como nascer um filho e mal ele nasce e você fala ‘nossa, ah, se esse morrer vamos ter outro?’

— Não pode ter energia negativa.

— A Espanha não é boa?

— A Espanha é um bando de Zinho. O Lúcio vai comer o fígado do Iniesta. Vão ter que chamar as Nações Unidas, vai ter mó treta.

— O rei da Espanha vai falar pro Lula pedir desculpa, o Lula vai dar dedo pra ele.

— Eu adoro os africanos eles dançam quando fazem gol.

— Todo mundo dança quando faz gol.

— Não, os americanos não dançam. Eles não conseguem.

Etc..

Eu nunca vi graça em futebol, mas gostava das pessoas reunidas em torno de alguma coisa que conseguia ressoar pra todo mundo, nem que fosse

de maneira esvaziada e irônica, pra alguns (pra mim, inclusive). Quem mais parecia levar aquilo a sério, curiosamente, era o Fernando, que ficava mais calado, mexendo nas unhas, grave, resmungando pra si mesmo algumas horas e, nos lances mais agudos, gritando interjeições incompreensíveis com os olhos esbugalhados, incrédulo, parecendo ligeiramente envergonhado da própria seriedade. A Juliana era a única que fazia questão de não assistir os jogos, de sempre zoar a seriedade com que os homens levavam a coisa.

Nesse dia cheguei na casa da Bia e do Adriano quase na metade do primeiro tempo, saindo de casa bem tarde pra poder pegar as ruas desertas, a cidade como que desativada, a estranha sensação de poder andar por extensões tão compridas de prédios e saber com certeza que praticamente todas as pessoas guardadas ali estavam processando o mesmo evento, ainda que de maneira bem diferentes, todos estavam seguindo os mesmos movimentos de atletas profissionais milionários a milhares de quilômetros dali correndo num campo marcado e seguindo regras de um jogo que nem é tão antigo assim, que facilmente poderia não existir ou funcionar de maneira diferente.

Você quase consegue acompanhar de fato o jogo pelas imagens que você vai pegando sem querer de relance nos bares, nas janelas das casas de primeiro andar com televisões gigantescas, fragmentos entrecortados de uma sincronia afetiva que talvez só aconteça aqui de forma tão generalizada nesse evento. Era disso que eu gostava, só.

O jogo terminado, todos ficamos em volta ali da televisão ainda digerindo alguns de seus detalhes, alguns discutindo alguma distinção pequeníssima e de pouquíssimo sentido (se algum lance específico havia sido *violento* ou *muito violento*, se tal volante inexpressivo de nome tipo Kleber ou Kleberon era ligeiramente melhor que outro volante inexpressivo).

O dia aos poucos vai retornando ao normal. Pessoas lembrando que é quinta-feira, que vão trabalhar amanhã, algumas delas ainda hoje, no final da tarde. Todo mundo foi embora e ficamos só eu, Bia, Adriano, Paulinho e um amigo do Adriano, que estava bem bêbado, e continuou a falar sozinho sobre futebol, uma latinha já vazia apoiada no peito. Eu não queria ir embora, na época minha perspectiva imediata ao chegar em casa era trancar a porta e provavelmente passar umas cinco horas vendo besteiras na internet e fuxicando a vida dos outros, alguma apostila de concurso do meu lado com o mesmo parágrafo lido umas dez vezes, dez janelas abertas com coisas alheias.

Comecei a ficar com vergonha de continuar lá enquanto a noite corria lá fora e a Bia e o Adriano pareciam querer ficar sozinhos, o Adriano sendo gentil ainda e sorrindo, mas a Bia de tempos em tempos sumindo em algum quarto e reaparecendo com uma expressão muito mal dissimulada de ‘ah, vocês ainda estão aqui, que surpresa’. O que havia de comida na mesa era de tempos em tempos pilhado de maneira desinteressada, um salgadinho frio que se mastigava sem gosto, no automático.

Fechei os olhos uma hora e comecei a fingir que estava dormindo, uma solução tola pra vergonha arrastada de continuar ali olhando sem assunto pros três e a vontade de ficar ali ainda mais um pouquinho. Depois de um tempo notei que o amigo do Adriano estava dormindo de verdade, do meu lado, sobrando então no sofá paralelo ao nosso só o Adriano e o Paulinho acordados, conversando meio baixo. Uma hora eu ouvi distintamente os dois ali comentando o fato de que nós dois estávamos dormindo, como isso era engraçado, será que ficaríamos dormindo ali por horas, acordaríamos só de manhã cedo, etc.. Estava morrendo de vergonha e me achando bastante idiota, mas em parte já começava a gostar da possibilidade de ouvir alguém falando sobre mim, a ideia de me poder estar ausente e ainda assim observar sempre me pareceu um estado quase ideal de relação com o mundo.

Devo ter ficado quarenta minutos assim, chegando a pescar um pouco por alguns segundos, mas nunca dormindo direito, tendo uns sonhos apressados e esquisitos onde eu estava ali na sala mesmo, mas alguma coisa se via distorcida. Eu abria meus olhos e estavam ali as quatro pessoas olhando pra mim e sorrindo, planejando alguma coisa, ou a televisão passava exatamente a nossa imagem na sala, como se estivessemos sendo filmados, a cena toda duplicada, um mapa de si mesmo. Escutava pedaços do que falavam sem entender, minha consciência oscilando, até que uma única frase chegou em mim inteira, recortada, ainda que compreendida com nitidez só um pouco depois de ser recebida.

A frase dizia que alguém teria encontrado na internet um vídeo de conhecidos nossos trepando. Não tenho certeza de como foi formulada, mas era basicamente isso que dizia.

Lembro do meu interesse ter se aguçado, mas alguns instantes depois já não tinha certeza absoluta de que eu estava consciente quando a escutei. A minha cabeça tava fraquejando tanto nas bordas ali da consciência desperta, naquela zona de penumbra, que era possível que eu tivesse sonhado. Pelo tom

meio secreto com que os dois estavam conversando, pelo conteúdo da frase, não parecia muito adequado abrir os olhos de repente e tentar confirmar se de fato aquilo era verdade.

Acordei de verdade quando a Bia ligou a luz da sala e conversou alto. Eu e o moleque amigo do Adriano acordamos ao mesmo tempo e nos levantamos com algum constrangimento, tentando nos recompor e reassumir uma figura aceitável pra sair e encarar o mundo lá fora.

No caminho pra casa a frase voltou pra minha cabeça, eu a segurava como um objeto com todos os meus disponíveis instrumentos de análise, verificando seu peso. Revirava por todos seus ângulos e tentava definir se de fato eu a havia escutado. Tentando apanhar a memória sem esfumaçá-la, como asa de mariposa. Alguém teria achado na internet um vídeo de pessoas conhecidas transando. Quem achou, quem estava no vídeo? Se de fato isso tinha acontecido, as chances de eu conhecer pelo menos uma das pessoas envolvida era enorme, considerando o que é a classe média e alta de Brasília, a sua densa interrelação.

Era bem possível que eu tivesse sonhado aquela frase, entre palavras desconexas e risadas fortes. Seria típico da minha imaginação completar uma frase banal *exatamente* assim, aliás. Mas o fato já se apresentava com toda convicção.

19.

Foi em julho de 2010, então, que eu comecei a achar que havia disponível em algum lugar da internet um vídeo de conhecidos meus transando. Mas acho que foi só em 2012, depois da coisa com Juliana e Fernando, que eu comecei a procurar mais a sério. E foi muito, muito tempo procurando. Não tinha ideia de como começar sem ter nenhuma informação real. Passei a ficar vendo páginas e páginas de vídeos amadores de sexo em português que apareciam nesses indexadores de *streaming* com muitas categorias.

De cara já encontrei muita merda, naturalmente. Mas eu já tinha sulcada essa disposição meio arquivista de procurar coisas de maneira obsessiva na internet. Não era tão diferente de desenrolar centenas de perfis que confirmaram presença num showzinho para ver se encontrava uma cara nova e interessante que tinha chamado a atenção na noite anterior. Ou, poucos anos antes, voltar páginas e páginas para trás nos recados de alguém para entender uma piada interna dita dias depois.

Mas no caso não tinha chance nenhuma, eu sabia. Eu só ia desenrolando aquelas listas intermináveis de gente anônima trepando e constatando como nosso pornô amador conseguia ser no geral ainda mais toseco do pouco que eu conhecia do amador gringo. Eu passava por quase tudo sem abrir, já dando pra ver de cara que a maioria dos vídeos não era o que eu tava caçando. Mas às vezes a curiosidade mórbida me ganhava.

Um vídeo em particular me incomodou demais. Era de um homem muito branco e um pouco gordo, alguns pelos do corpo já grisalhos, que aparecia da barriga pra baixo, pelado, com o pau torto e roxo, só meio duro, sendo gentilmente masturbado por ele mesmo. O vídeo chamava *empregada putinha me pega batendo uma bronha e adora*.

(Não me pergunte porque eu assisti um vídeo com esse título, eu me vejo direto clicando justamente nas coisas que mais me trazem repulsa, a doença é muita, a atenção voa bruxona & desimpedida).

O áudio no vídeo era péssimo, mas dava impressão de que ele chamava pelo nome de alguém e em seguida a porta do quarto abria. Uma senhora, que aparentava uns cinquenta anos, de óculos e uma camisa apertada multicolorida, entrava e parecia se assustar com o que via, dando um pulinho pra trás, falando algo inaudível. Em seguida voltava pro batente da porta e fazia

uma cara sem graça, com um sorriso doído de canto de boca, enquanto fechava a porta. O homem continuava se masturbando. Não assisti até o final.

Nunca tive tanto o hábito de ver pornografia, embora eu me masturbasse com frequência desde os quatorze. Vi um pouco na pré-adolescência, por curiosidade. Mas depois sempre achei meio ridículo quando tentei, embora em tese ache a ideia de filmar gente trepando muito natural e sensata e às vezes fique com tesão vendo cena de putaria em filme normal. Pornografia mesmo sempre me pareceu falso demais, sendo que falsidade jamais me incomodou em filmes, nem nos mais falsos do mundo (tipo musical ou comédia romântica, que na verdade acabam sendo meus preferidos).

Muitas vezes botava “DF” ou “Brasília” nas buscas e, fazendo isso, fui percebendo que os vídeos que faziam menção a uma localização específica costumavam também dizer o nome da mulher envolvida (nunca do homem). *Carolzinha corretora de imóveis de Samambaia, Juliane da Engenharia Civil*. Davam a entender que a ideia do vídeo não era só alimentar de mais corpos a máquina masturbatória masculina, não era só de exibir a proeza, a conquista do comedor, mas de humilhar publicamente, e delimitar essa humilhação no espaço. Pela qualidade da imagem, a maioria parecia ter sido filmada há uns bons anos, embora seja difícil de dizer.

Talvez justamente porque eu não tenho um interesse, digamos, tão instrumental em pornografia que a minha busca pelo vídeo foi virando algo formal, uma necessidade de provar pra mim mesmo que aquilo não estava disponível. Porque era possível que estivesse. Isso que deixava meus dedos coçando pra clicar na página seguinte de resultados. Refinar os termos de busca com as redundâncias que iam aparecendo. Meus olhos digerindo a sucessão de resultados e busca numa obsessão mecânica e resolvida, cada vez mais eficiente (como tantas vezes nas minhas buscas por sinais sutis de fofoca e treta em outras plataformas).

Sempre me incomodou, eu percebo agora, que tivessem coisas que as pessoas fizessem que eu não conhecia. De que rolariam jogos dos quais tão me excluindo, digamos. Era em parte o que eu sentia quando, adolescente, eu comecei a notar que tinham pessoas que assistiam filmes e ouviam músicas que quase ninguém mais conhecia. Sentia primeiro uma raivinha de não fazer parte e, depois, uma vontade violenta de participar, de pertencer àquela galerosidade possível. Digamos. Lembro que por muitos meses na adolescência eu gostava mais da minha camisa do *Sonic Youth* (com a capa do *Goo*) do

que propriamente de Sonic Youth. Comprei a camisa no Conic, no centro, na Kingdom Comics, embora tivesse ouvido falar da banda na semana anterior – no fotolog da Bia – e só tivesse baixado uma ou duas músicas (pelo Kaza) que nem me fizeram na hora uma impressão forte. Eu imaginava encontrá-los e perceber neles o reconhecimento quando vissem minha camisa.

Então tinha isso. Além de procurar na bacia do atacadão de putaria por um vídeo (de existência duvidosa) onde conhecidos meus transavam – como uma pessoa adoentada – eu estava na verdade fazendo algo quase acadêmico, empreendendo, do meu modo, a minha antropologia amadora. Então é assim que a gente da nossa terra e do nosso tempo se filma trepando. É assim que os moleques tão moldando a libido deles. Ok *toma nota*.

20.

Um pouco depois do post do Cabuloso, veio um novo do Mundo das Plantas (eu gostava de chamar assim):

PARTE 3 (de 3) – O VERDE NOS OUVE!

“Depois de estabelecido seu vasto sistema de recepção e amplificação, o Verde-Preto de Amônia refina e refina sua escuta ao longo de dezenas de milhares de anos. A paciência de samambaias. Com essa nova ânsia pelo Fora, começam a brotar especulações sobre outras formas de vida em outros sistemas. Mas, assim como nós, eles não recebem nada além de estrelas, buracos-negros, pulsares e que tais. Nenhum sinal de vida.

Permaneceram assim, nessa quietude ruidosa, por um tempo enorme (mesmo para o Verde). Milhares e milhares de anos terrestres. Até que se desdobra no Verde-Preto de Amônia a fatia da atual era cósmica equivalente ao nosso novembro de 1916 (por mais que dizê-lo dessa forma seja pouco mais do que força de expressão). Nesse momento, começam a chegar, viajando na velocidade de Luz, as primeiras transmissões de rádio feitas na Terra. Fraquinhas, fraquinhas, fótons débeis decaídos à míngua, mas chegam. Causando muito alarde e total incompreensão. Mesmo sendo fraco, mesmo sendo incompreensível, é o primeiro sinal de algo vivo que vinha totalmente de Fora. Para a escala temporal das plantas, acostumadas a transformações graduais, o que se sucede então nos anos seguintes é uma verdadeira explosão, alucinante de tão ruidosa, com cada momento aumentando a massa de ruído que chega do esferoide. Além disso, logo irrompem transmissões ainda mais escandalosas, mais largas, em outras bandas do espectro. Ainda mal havia-se começado a tentar compreender o sentido daquelas transmissões iniciais quando esse novo tipo de ruído passa a ser berrado pelo esferoide apressado. Entende-se, depois de muita depuração, que essas novas transmissões guardam pontos de luz modulados. Depois de alguma especulação, brota a possibilidade de que estas sejam formas de vida que usavam a luz como comunicação de maneira espacial. Uma estratégia tão... rudimentar (ainda

que engenhosa, a seu modo).

Aquilo deixou o Verde-Preto de Amônia enternecido como nunca havia ficado antes. A luz! A mesma luz que para eles era pura energia e velocidade, que era o limite do limite, que se espalhava em todas as trajetórias possíveis computadas no seu emaranhado antes do caminho mais eficiente surgir. Essa mesma luz. Usada assim. Era como quando humanos veem um animal tentar realizar de maneira canhestra uma tarefa que consideramos humana. Usar a luz para se comunicar dessa forma seria o equivalente, para uma planta, a usar um galho de árvore ou um abacaxi para riscar orações complexas na terra. A luz naquele planeta nunca havia se desdobrado em campo de visão e agora se plantava pela primeira vez na história dessa galáxia a situação de plantas espertíssimas tentarem traduzir para os seus próprios termos a ideia de visualidade animal. As plantas nunca haviam desejado algo tanto quanto desejaram entender os pontos ordenados de luz que chegavam misturados em ondas velhas daquela esferoide. A inventividade resolutive da luz não se acabava de seus infinitos truques, de seus mistérios, pensaram alguns nódulos do Verde-Preto de Amônia. E quase todo ele concordou consigo, com uma parte substancial das suas raízes já se metendo a construir formas de transduzir aqueles pontos num campo de vibrações inteligíveis para o Verde. Mas apesar da excitação, do assombro que tudo isso causava, as plantas também se assustaram com a rapidez das transformações naquele esferoide. Há muito o Verde registrava a rapidez de reprodução variada de microorganismos, alguns chegavam a aventar a possibilidade de existir vida complexa com metabolismo bem mais acelerado do que o do Verde. Alguns protótipos nesse sentido foram logo abortados, assim que bem-sucedidos, e com horror, pelas raízes mais anciãs. Criar uma vida mais rápida do que eles próprios parecia uma armadilha pronta para se voltar contra eles.

E mesmo esses nódulos mais cautelosos do Verde não conseguiram antecipar essa aceleração tão vertiginosa, essa vida tão alucinada de tão rápida. Nas décadas em que começavam a compreender e traduzir muitas de nossas transmissões, o que logo se recuperava era uma destruição obscena e acelerada do Verde daquele planeta. Havia, afinal, vida análoga ao Verde ali. Gloriosa e vasta, recobria quase

toda a superfície daquele esferoide. Mas estava sendo rapidamente destroçada pela espécie dominante. Era isso que aquela forma de vida apressada trazia. Um império expansivo de Morte. Algo que trouxe ao Verde-Preto de Amônia uma visão material do inferno que aquele planeta – até então – jamais seria capaz de conceber. O pavor se instalou naquele esferoide como nunca antes havia se instalado, junto com o fervilhar de um sentimento inteiramente novo, e mesmo avesso à própria plácida textura emocional do Verde-Preto, até então.

Ódio. Alastrando-se como fogo num milharal seco.”

Eu fazia questão de tentar entender aquela barafunda. Mas cada vez mais parecia que não havia conexão entre as duas histórias. Ainda não tinha nem certeza se era o Fernando mesmo quem escrevia as duas.

21.

Em 2012, depois da morte da menina do avião, com os blogs já rolando, eu fui numa quinta-feira ver um show da banda nova do Alexandre no Balaio.

Alexandre (também conhecido como ‘Xandão’ e ‘Furaco’) era um homem enorme, pra cima e pros lados, com uns quarenta e poucos, um mesmo cava-nhaque preciso emoldurando sua boca desde que o mundo é mundo. O seu círculo de amigos e conhecidos não só era gigantesco como abarcava pelo menos três gerações distintas. Criado em Taguatinga, desde moleque tocava com várias bandas do DF todo, alternando e acumulando grupos, instigando várias pessoas a tocar. Antes da internet, ele descobria novos estilos alternativos por causa de fitas cassete que um primo seu que morava em Boston mandava pelo correio.

Montou bandas de metal e hardcore, de variações diversas de punk e pós-punk, derivativos cabeludos de grunge, duas bandas feministas históricas e agressivas nas quais ele era o único homem. Brevemente até tocou bateria numa banda de metal cristão (embora ele mesmo se dissesse ‘pagão panteísta’ pra qualquer rede social que perguntasse).

Só depois de passar num concurso do GDF e se acomodar nos arredores ali dos cento e vinte quilos é que ele começou confiar em si mesmo o bastante para cantar. As letras variavam entre indignações políticas vagas e angústias igualmente vagas misturadas num mesmo tom agressivo e sentido gritado num falseto que constrangia mais da metade das pessoas que ouviam.

Viveu uns bons dez anos assim, sendo perfeitamente ignorado com suas dezenas de bandas que tocavam em qualquer lugar na cidade que o aceitassem. Até que lá pra 2008 uns playboys indies que o viram tocando na praça de alimentação do shopping Pátio Brasil acharam ele o máximo e decidiram adotá-lo (ironicamente, a princípio, com um tipo singular de crueldade que só gente muito privilegiada é capaz de executar). Depois de um tempo, passou a ser incluído como mascote, promovendo seus shows ao redor daquele punhado de lugares e bandas no DF que compunham uma cena que se entendiam como alternativa a alguma coisa.

Havia um debate intermitente se a adoção das bandas do Alexandre era só irônica e/ou se o povo, a essa altura, realmente gostava dele e das músicas. Eu não sei dizer com certeza, as pessoas em geral nos shows pareciam ter cari-

nho por aquele cara tão honesto, querendo comunicar raiva e dor e comunicando apenas o espetáculo torto de si próprio. Mas ficava claro também que não era só carinho o que tava rolando.

Apesar de começar a frequentar um grupo extenso de meninos e meninas charmosos de vinte e poucos anos, com calças justas, óculos *vintage* e batons vermelhos vivos, ele era tratado como um velho inofensivo e café-com-leite pela maioria. Não era raro que ficassem rindo durante o show dele todo. Depois tiravam fotos abraçados e o mantinham por meia hora em suas mesas de bar. Mesmo os seus companheiros de banda evitavam se aproximar mais ou sequer escutá-lo por muito tempo.

A lenda rezava que quem o fizesse era sempre submetido a um mesmo monólogo interminável sobre diretores de cinema asiáticos. E se você fosse educado e demonstrasse interesse pelo monólogo, ele invariavelmente se animava e te convidava pra casa dele para assistir algum daqueles filmes na mesma hora. Ele fazia isso com qualquer pessoa, de qualquer idade e sexo. Não sei de ninguém que tenha ido.

O Balaio ficava no começo da Asa Norte e os shows aconteciam no subsolo, mas a maioria das pessoas ia mais pra se acumular em volta do bar, no térreo, perto da rua e da expansão desabitada de grama e barro que ficava atrás da comercial, alguns dos pouco espaços ainda não construídos do plano que ainda sobreviviam (e que nos anos seguintes seria preenchido por uma sede nova do Banco do Brasil).

Acontecia com frequência de não ter mais nada para se fazer na cidade, de juntar ali naquele espaço em volta do bar centenas de pessoas, chegando a parecer que toda a sua rede social estendida estava ali, incluindo pessoas que você só conhecia de vista e gente que nem de vista se conhecia, mas que sabia que devia estar no máximo a dois graus de separação de você, pelo estilo e ambiências.

Do lado de fora não tem música, mas a densidade de gente bebendo e conversando deixa com cara de festa. Ando por um tempo enorme sem me deter em nenhum grupo. Tento observar as interações entre as pessoas. Os caras bebendo pra criar coragem pra chegar em minas que eles estão rodeando há duas horas, algumas pessoas chegando já montadas, outras tantas saindo aos poucos de suas fantasias mais falsas do trabalho e vestindo suas fantasias mais autênticas de festa. Compro uma cerveja que eu bebo durante horas,

levo à boca de tempos em tempos sem dar gole nenhum, apenas para ter o que fazer com as mãos e para legitimar um pouco a minha presença tão dispersa e solitária.

Dois moleques com o mesmo capacete de cabelo cuidadosamente bagunçado discutem que Cavaleiros do Zodíaco eram, tipo, cara, campos discursivos se encontrando, mitologias antes numinosas transfiguradas ali na zoeira em bonecos articulados pra atenção infantil globalizada. Os dois estavam muito felizes com essa formulação e gostavam de repeti-la com variações.

Tinha um cara engraçadíssimo que pairava ali, infalível, toda semana e era basicamente uma batata com pelos, parrudinho e sem pescoço e com uma barba contínua correndo desde acima da bochecha, descendo pelo pescoço e omoplatas.

A sua parrudice e hirsutez extremas quase o faziam parecer de outra espécie (o que digo com simpatia, nenhum apego a esta), o que ele exagerava falando de uma maneira cartunesca e deixando sua massa suja de cabeloira metaleira chegar até a cintura. Chamava-se de Paruk, ou Parruque, ou Parhulk (havia variantes fonéticas).

Ele conversava com qualquer pessoa ali, não necessitando que ele a conhecesse e nem que estivesse inserida num contexto em comum, num círculo de pessoas menos ou mais estendido, como os que se formam em volta do pingue-pongue, da Kombi que vende cerveja ou, mais cedo, de uma galera que faz roda de capoeira ali perto. Parruque parecia considerar que estava numa mesma conversa contínua com todas as pessoas que existiam. Facilmente vivava e falava contigo de uma banda, de algum detalhe engraçado de novela ou seriado que ele lembrava, do nada, ou de alguém ali na festa que se parecia com alguma celebridade que as pessoas nem costumavam conhecer, gente obscura (como por exemplo: o pai do Alf), que o Parruque empregava com uma erudição admirável, ainda que nunca identificada por nome.

— Aquele moleque ali ó, aquele moleque, é igual ao playboyzinho babaca bonitão daquele filme onde o Curinga faz o cabeludo que os cara paga pra namorar com a menina loirinha feminista, tá ligado? E caralho, a menina com quem ele tá falando é muito obviamente aquela gordinha daquele outro filme lá do espaço que é remake dum seriado das antigas, sabe?

Tem uma menina chamada Paola que se veste como se vivesse na década de 20, costuma interagir intensamente todo final de semana com pelo menos

umas vinte pessoas e ainda assim não parece ter amigo nenhum. Ninguém gosta dela, ninguém conversa com ela por mais de cinco minutos sem começar a olhar pros lados com ansiedade crescente, mas ela ignora ou não percebe e fica perseguindo algumas pessoas a noite toda.

Não é tão claro se ela acha que tem um relacionamento saudável com todas essas pessoas ou se sabe que a ignoram e tentam evitá-la e insiste mesmo assim, por desespero, por não saber mais o que fazer. E quanto mais a ignoram mais ela bebe, quanto mais ela bebe mais ela se aproxima das pessoas e as segura pelo braço e começa a perguntar se ela está incomodando, tentando contar vantagem do carro que ela está prestes a comprar (forçada a trocar com frequência, movida por forças que mal entende), da promoção que ela recebeu no escritório de advocacia onde trabalha, umas exibidas descontextualizadas que parecem causar só constrangimento para todo mundo envolvido.

E o pior é que essa menina esquece, depois, que fez isso tudo, não tem nenhuma noção que ficou enchendo o saco das pessoas a noite inteira, acaba que nem entende nos dias seguintes como que pode ter essa vaga lembrança de ter conversado com várias pessoas e ainda assim ninguém ter uma proximidade maior com ela depois, ou mesmo mencionar o que fizeram.

Ela se vê em várias fotos e pensa que deve ter se divertido muito se foi fotografada sorrindo tantas vezes e não entende quando ninguém vai no aniversário dela, que ela faz numa creperia e só consegue atrair três pessoas, com mais umas quatro (eu entre elas) vendo ainda de dentro do carro, antes de estacionar, o tanto que a mesa está vazia e dando meia volta, indo comer em qualquer outro lugar.

Tento procurar gente mais próxima, mas não encontro ninguém. Talvez estejam todos eles em algum outro lugar, algum outro programa do qual eu não esteja sabendo. A Eloísa esteve mais cedo lá com umas amigas antigas dela, com quem ela parecia se comportar de maneira bem diferente, rindo muito e comentando de canto sobre todo mundo que passava pela frente. Nem me cumprimentou.

Na rua ficam alguns moradores de rua se propondo a guardar os carros de quem estacionava. Um deles fazia isso há horas, mas parece ter desistido, se concentrando agora a ficar meio esfregando as costas nas escadas dos blocos comerciais com lojas fechadas. Na diagonal que corria ao lado da escada

do bloco, ele se recosta, desce e sobe, dançando numa lentidão que tornaria o que ele está fazendo estranho, mesmo se ele estivesse num contexto onde dançar seria esperado. Algumas pessoas bebendo perto de seus carros se divertem em volta, tiram fotos e riem, ele percebe e parece indeciso entre tentar divertir o público por querer e se ofender por ser alvo de ridículo. Continua dançando com um rosto contrariado, como se quisesse manifestar as duas disposições contrárias ao mesmo tempo.

Passo horas analisando essas pessoas, conversando rapidinho com algumas e tentando captar pequena sutilezas na forma com que elas se comunicam entre si. Consigo fechar os olhos e traçar aquelas relações até que engrossem, imaginar aquilo tudo como uma trama conectada até o infinito, um enredo fofocado e comprido, ridículo de tão complexo e sem motor, sem direção, uma figura que ganha complexidade até perder qualquer proporção apreciável. Eu queria poder engolir os metadados de toda aquela gente de uma vez, de gute-gute. Conhecer-los melhor que eles mesmos. Sacar as conexões que só uma visão onisciente saca.

Penso no vídeo que talvez exista solto na internet, de amigos meus transando e no fato de que toda a putaria do meu círculo de amigos parecia sempre acontecer ao redor de mim. Não só sem me envolver, mas sem nem passar muito perto do meu corpo. Devia ter alguma coisa na minha pessoa, no meu jeito, no meu corpo, que desativava o tom erótico de qualquer ambiente. Era só eu sair que as surubas começavam, tenho certeza.

Quando estou saindo de lá encontro Juliana no cachorro quente do outro lado da rua, com duas amigas do trabalho que eu não conheço, mulheres um pouco mais velhas que parecem talvez estar achando aquele lugar meio esquisito. Eu tento puxar conversa, mas ela parece dispersa demais, indo cumprimentar pessoas em todo canto e eu prefiro vazar.

22.

Só depois de conhecer Fernando por anos é que fui descobrir essa coisa dele de criar vários perfis falsos na internet. Foi o Paulinho, se não me engano, já em 2012, que me linkou um perfil muito engraçado no Orkut de uma senhora chamada “VANJA CHRISTINE” (assim em caixa alta) que se dizia Mãe, Promotora Pública e Pastora e ficava postando teorias conspiratórias inteiramente ridículas nas caixas de recado de estranhos.

“E APENAS ASSIM COM FE E A COMPREENSAO CALCADA EM CRISTO (3C) É QUE PODEMOS ESCAPAR DAS PROGRAMACOES DO ALGORITMO DO CAPITAL”.

“TEMOS TODOS NOSSO PAPEL SINGUAR NAS CONTRUCOES DO IMAGINARIO O RAP O CORDEL AS ARTES POPULARES BRASILEIRAS JUNTAS”.

“SOMOS TODOS PARTE DO MESMO MEGAZORD O DEUS QUE COM SEU CORPO ESTENDIDO REALIZA OS TRABALHOS BENFAZEJOS DO ESPIRITO, RESFOLEGOS DO FOLE DIVINO”.

“AQUI EM ANEXO .PPT SOBRE AS CONSPIRAÇÕES AGREMIADAS PELOS AGREGADOS DE INTERESSE QUE EU ENDERECEI NA ÚLTIMA POSTAGEM (QUINTA-FEIRA)”.

“E INTEIRAMENTE CLARO O DOMINIO DE TODAS INSTANCIAS REPRESENTATIVAS POR PARTE DOS INTERESSES CONJUNTOS DA (1) SOJA (2) CARROS (3) TELEVISORES / TELECOMUNICACAO (SISTEMA FINANCEIRO)”.

Eu achava graça desse perfil por uns dois meses antes do Paulinho me contar que era o Fernando ali. Parece que ele fazia isso há anos. Criava gente de mentira, com contas em redes sociais, fotologs e blogs. Deixava comentários nos lugares mais nada a ver. Hoje se chamaria de ‘fake’, ele chamava de ‘bogus’. Vozes exageradas de tão ridículas que, ainda assim (pelo menos pros meus ouvidos) pareciam sempre possíveis, sempre plausíveis. Não conseguiam ser mais absurdas do que algumas que a realidade oferecia na cara-dura.

Eu não sabia qual era a intenção do Fernando ao inventar aquele povo todo. Se ele estava apenas tentando ser engraçado ou se efetivamente queria convencer os outros de que aquelas vozes eram de verdade, se estava tentan-

do provar algum ponto. Não parecia nada tão elaborado, pra falar a verdade, mas eu não via a coisa de cima.

Quase todos os perfis bogus do Fernando morriam depois de algumas semanas ou meses. O que durou mais tempo foi o Rinaldo Rotércio, um conservador caricato que não sei como começou a arrebanhar dezenas de leitores sérios e ser linkado em alguns blogues com nome em latim. Fernando o manteve por três anos. Vivia vociferando contra a ditadura gayzista e femi-nazi, contra o império bolivariano do Foro de São Paulo, elogiando a coragem patriótica e religiosa daqueles que ousavam resistir ao cerco totalitarista do politicamente correto. O problema era que o Fernando não gostava de ser óbvio demais, então a ironia acabava passando longe de ser percebida por gente mais sem noção. Não há nada como a vastidão da internet para destruir qualquer ironia pretensamente controlada. Eu não sabia se a ideia era só satirizar essas posturas ou se a graça era enganar alguém, mas chutaria a segunda coisa.

A maioria tinha lá suas poucas irrupções e logo morriam, se desmontavam, suas vozes se esvaziando, os poucos dados que remontavam sua existência perdurando indefinidamente. Que moravam em Osasco, em Vitória, no Recife, em Blumenau. Que torciam pro Vasco, que admiravam a memória de Getúlio Vargas. Que achavam a pena de morte o maior absurdo ou uma necessidade moral para qualquer país sério. Informações genéricas, mas ainda assim pontiagudas, que conseguiam parecer genuínas, pareciam reportar alguma realidade recuperável.

Comecei a coletar todas as vozes que sabia que eram dele, geralmente passados pela Juliana ou pelo Paulinho. E acabava que toda hora que eu encontrava algum comentário ou perfil improvável por aí uma parte de mim se perguntava se aquele talvez não seria o Fernando curtindo com a nossa cara.

Mesmo a suspeita sendo meio arbitrária, quase sempre, ela passou a se esgueirar. Vai que era? Ninguém quer nunca ser o trouxa.

23.

Depois de descobrir os inúmeros pseudônimos do Fernando, comecei a ler o CABULOSO com outros olhos, como se todo tipo de pista críptica pudessem aparecer ali. Não queria perder nada.

CABULOSO – PARTE 5

“Era cada vez mais difícil extrair do jogo uma mensagem coerente, apesar dos esforços de jogadores e jornalistas nesse sentido. O substrato mais claro era de uma crítica ecológica aliada a uma vaga postura revolucionária, com o *ethos* hacker figurado em versão brasileira, romantizando a gambiarra como uma possibilidade heroica diante dos vastos e perversos sistemas técnicos de controle que se digladiavam no território antes conhecido como o Brasil (território que era, nas palavras de um professor da Unicamp de rabinho-de-cavalo que jogava como centauro de braços biônicos, “um microcosmo híbrido e pós-colonial da terra culturalmente devastada pelo neoliberalismo triunfante do capitalismo tardio”).

Os jogadores latino-americanos que escolhem a fase tutorial começam como um adolescente que manifesta desde cedo habilidades extraordinárias de hacker, em alguma cidade pequena e derruída em Mato Grosso, no Pará ou no Goiás. Conseguindo acessar redes clandestinas, tomar o controle de robôs-caminhões-pipa e entrar nos computadores da prefeitura de madrugada para redirecionar verbas públicas desviadas para a construção de estradas e escolas.

Depois de dois ataques de DOS (ou negação de serviço) a sites estatais terem sido reivindicados usando imagens e termos retirados do jogo, a imprensa começou a noticiar esse aspecto do CABOL. Um deles, no site da polícia militar do Paraná, ostentando o símbolo da guilda dos ANARCOTRAFICO, cujos membros se utilizavam do imaginário gangsta do hip-hop americano e brasileiro somado de bandeiras vermelhas, citações eventuais do Che e slogans contra polícia militar. Os ataques foram inofensivos e não duraram muito, mas foram noticiados de maneira alarmista.

Pelo que Gustavinho conseguia notar, dentro da Synopticon havia

ambivalência a respeito desse tipo vandalismo hacker e da aparente identificação que eles tinham com o jogo. O Evandro sorria, dizia que apreciava a publicidade gratuita, mas Gustavinho já também o tinha visto falar, num dia em que estavam comemorando a marca de quinhentos mil usuários do jogo, que era muito fácil agradar esse povo, que eles tinham uma sensibilidade muito previsível.

— É só botar aquela máscara do V de Vingança e murmurar umas besteiras envolvendo abre aspas o sistema fecha aspas que os truta ficam tudo alvoroçado. É quase fácil demais.

Gustavinho ficou surpreso com o aparente cinismo. Na hora não disse nada. Evandro o encarou como esperasse por sua reação. Mas quando Gustavinho foi entrevistado por uma revista inglesa especializada em jogos *multiplayer* online e pediu que Evandro o ajudasse com as respostas, recebeu uma retórica diferente. Evandro escreveu que: “Aquela era a questão central do nosso tempo, que a informação quer ser livre. Qualquer estrutura que tente negar ou conter isso será desmontada em seu tempo, seja com ou sem o consentimento das estruturas usuais de poder.”

Gustavinho achou as respostas eloquentes, mas depois estranhou ver no site da revista aquelas palavras em negrito, em inglês, embaixo da sua foto, a gravidade que pareciam tomar. Ele não conseguia encontrar naquela frase nem a sua voz e nem a de Evandro. Parecia uma outra coisa qualquer falando ali.

E velhos caolhos assando antas mutantes em carcaças de caminhões te contavam à noite de lendas que não se sabia se vinham dos programadores e roteiristas, ou se haviam brotado de dentro do jogo criadas pela imaginação fértil de jogadores borbulhando depois de virar três, quatro noites jogando. De que haveria entre as centenas de milhares de jogadores um único avatar que seria o escolhido, um profeta, um Romário da vida, um salvador-da-terra com poderes especiais. Ou salvadora (começaram a emendar, claro).

Gustavinho ouviu essa lenda duas vezes em conversas alheias, e nas duas notou o ânimo extraordinário com que isso era contado, como se antessem de fato ali a manifestação de uma força sobreterrena. “Falam que esse herói aí pode se manifestar a qualquer momento e pode

ser qualquer jogador, qualquer um.”

A versão mais precisa da lenda, Gustavinho ouviu de um cara que jogava como um homem-lagarto bombado com uma barbatana que parecia um moicano. Nela constava que eles haviam programado o jogo de forma que um jogador aleatório (dentro o primeiro meio milhão de jogadores iniciais) manifestaria essa qualidade *quando chegasse a hora*.

Esse jogador (ou jogadora) viraria um semideus dentro do servidor principal, passando por toda uma narrativa mítica meio clichê acompanhada por milhares de pessoas. E tudo isso culminaria em algum momento com a aparição de algum monstro dentro do servidor, uma ameaça sinistra que precisaria do esforço conjunto das várias comunidades distintas dentro do jogo para ser derrotada.

Um ninja piauiense, com quem Gustavinho matou diversos drones sentinelas de uma subsidiária chinesa de mineração, disse-lhe com frieza que tinha como certa a vinda de uma criatura dessas. Conseguia notar no ritmo dos movimentos do jogo a anunciação desse troço. O avatar do piauiense erguia sua katana como um fanático e dizia já vislumbrar em breve com certeza o aparecimento no servidor principal de um Mal ao mesmo tempo primevo e novo, onisciente e toco, simplório e sinistro, “um Google da vida, um facebook, mas pior”, uma nuvem-máquina que tomasse o lugar, agregando tudo dentro de uma metaconsciência perversa. Mas, ao contrário do caso dessas empresas, não seria algo produzido por gente.

Essa nuvem-máquina se aproxima aos poucos, ele diz. Vem de longe, ominosa e avassaladora, como um cogumelo atômico congelado no horizonte. Move-se pelos gerais e surge no meio das cidades, devorando-as por dentro. Cresce de tamanho a partir do centro num redemunho de aparatos técnicos associados em formações súbitas como cardumes ou revoadas de pássaros. Celulares, notebooks, e-cigarros, torradeiras, tablets, cabos e teclados, motos, placas soltas. Na mesma sincronia fina e na mesma falta de qualquer coisa parecida com volição. Tudo que é da mão do homem conjurado na mesma conspiração.

Um mal desse tipo, quando aparece (o ninja insistia) cria uma comunidade nova. A comunidade que precisa nascer para destruí-lo. Gus-

tavinho já queria cortar a conversa, mas não sabia como. O cara não parecia estar bem da cabeça.”

Não me escapava a graça de que o protagonista do Fernando estava fundo numa paranoia tão infecunda quanto a minha.

24.

Tentando reconstruir a história da forma mais linear possível, achei aqui um chat com a Juliana logo depois de encontrá-la no showzinho:

J: — Vêi, não tá fácil pra ninguém. Você não viu o cara com quem dizem que eu fiquei aquele dia no Balaio.

E: — Que cara?

J: — Porra tão falando que eu fiquei com aquele gordo que vende cerveja atrás do balaio na Kombi dele.

E: — Haha.

J: — E nem é aquele simpático, não. Foi aquele que é todo tatuado, com bafo, horroroso, chato pra caralho. Sabe?

E: — HAHAHAHA Desculpa, mas se for quem eu tou pensando é um cara muito zoadado.

J: — Pode rir, eu sei. Tão especulando que eu teria feito como parte de uma aposta, o que puta que pariu, né, se for verdade tou atingindo profundidades nunca dantes navegadas de merda, cheguei no pré-sal aqui da merda.

E: — Quando eu vazei você não tava tao bêbada.

J: — Quando eu vazei de mim mesma também acho que não estava não. Lembro de tirar várias, várias fotos com aqueles dois caras que tavam vestidos de vampiros, e só. E isso quando já tavam fechando. Daí contam que ainda fiquei mais umas duas horas e fiz toda sorte de absurdos.

E: — Hahaha

J: — toda sorte.

E: — Puts, você também tem isso de esquecer quando bebe, né. Eu sou especialista nisso.

J: — Sinistro. Mas eu só esqueço quando bebo cachaça. Outras coisas não fazem isso comigo não. cachaça é que destrói qlqr prudência ou juízo

E: — Pois é. Eu não lembro nada que rolou aquele dia na tua casa, lembra? Que tava só eu, tu e o Fernando.

J: — Quando isso?

E: — Não lembra? Uns meses atrás.

Ela não respondeu, simplesmente. Ficou calada por pouquinho tempo e de repente engatou uma outra história.

J: — Eu infelizmente gosto de homem, mas cacete como eles são imbecis. Sério.

E: — O que houve?

J: — O cara que eu tou pegando usa guardanapo do Vasco em casa. Tipo eu lá tentando levar o cara a sério e ele com os guardanapos do Vasco. Dormi lá e de manhã a gente foi comer umas bisnaguinhas com requeijão e café, sei lá, e o os guardanapos da casa dele tem o emblema, o logo lá, sei lá como chama do Vasco. E eu porra? Como que eu vou lidar com essa pessoa? E ele percebe que eu tou olhando pro guardanapo do Vasco há tipo meia hora, fala que ele compra esses aí porque eles são mais baratos. São a marca mais barata do Supermercado onde ele compra. Assim, ele é vascaíno sim, tal, mas ele compra por ser mais barato. Perguntei se ele compraria do mesmo jeito se só tivesse do Flamengo. Ele ficou ofendido, eu não entendi se porque a resposta era sim ou porque era não.

Eu ri e continuamos conversando, mas eu entendi toda aquela verborragia derramada e súbita (que a Juliana ligava como quem aperta um botão, mas quase nunca comigo em chat) como uma forma de desconversar do que eu tinha perguntando.

Foi logo depois da gente ter essa conversa que eu descobri que ela tava grávida. Tinha ganho uma barriguinha pronunciada nas últimas semanas, mas era dessas pessoas cujo peso nunca para quieto, está sempre oscilando, então ninguém nem comentava.

Eu estava na fila para comprar um cerveja no Balaio quando ouvi alguém comentar num tom maldoso que teria encontrado a mãe da Juliana e que ela estaria baqueada, quase instável, pelo fato da filha estar grávida e não contar quem era o pai.

Só fui acreditar quando a Juliana começou a postar quase todo dia alguma coisa pelo menos tangencialmente ligada à gravidez e à maternidade. Algum texto feminista falando sobre instinto, cultura e papéis de gênero, alguma música cuja letra, se você prestasse bem atenção, pareciam ser sobre o amor de uma mãe pela filha. Um ensaio fotográfico com minas alternativas francesas grávidas e peladas sem maquiagem. Esse tipo de coisa.

Queria saber se era verdade, mas jamais teria coragem de confrontá-la diretamente sem uma desculpa melhorzinha pras minhas suspeitas. Nossa intimidade não era tanta.

Com isso na cabeça, acabei fazendo uma conexão. De todos os padrões possíveis que se apresentavam, este se levantou, como naqueles desenhos que podem ser vistos de mais de uma maneira e que de repente se afirmam numa interpretação só, a única configuração que subitamente parece inequívoca e derradeira (não dando mais para enxergar as outras nem tentando). Que o vídeo do qual eu tinha ouvido falar mostrava o Fernando e a Juliana transando e que ele seria, portanto, o pai do filho dela.

25.

Comecei a projetar no conto do Fernando o espectro de uma paternidade ansiosa. Mas não parecia vingar muito.

CABULOSO – Parte 6

“Gustavinho conversava muito dentro do jogo, mas gostava mesmo era de pegar pedaços da conversa de estranhos. Os papos faziam referência a tantos eventos, tantas tretas dentro de tretas, que ele muitas vezes não conseguia ter certeza se estavam falando de algo do universo do CABOL ou do mundo dito de verdade.

Gustavinho hoje está na 25 de março virtual, hordas de avatares vendendo armas, adereços, bots, scripts. Avatares chamativos e cheios de membros adicionais fazem propaganda de clínicas clandestinas de transplantes e implantes orgânicos e biônicos, edição e suplementação genética. Quinhentos avatares numa mesma rua e o tráfego se dá sem problema. Os avatares se acumulam num mesmo ponto do espaço, impossivelmente denso.

As caixas de texto também se acumulam rapidamente, sobrepostas numa sucessão difícil de ler, um palimpsesto acelerado.

Demorou para entender que um assassinato brutal discutido pelos jogadores se tratava de um evento de carne e osso. Dois dias antes haviam matado uma ativista trans que tinha ficado famosa recentemente, Samara Reyes. Tinha viralizado um vídeo no Carnaval onde ela discutia com um coxinha de camisa pólo que dizia que ela não era mulher porra nenhuma, era uma aberração. Ela dava um banho de argumentação no coxinha, cujo sotaque paulistano parecia forçado de tão caricato, e pontuava suas frases chacoalhando um leque e, numa ocasião, rodopiando com o seu vestido azul brilhoso. Vinha de Alagoas e estudava gênero na Antropologia da UNIFESP, dizia a sério em alguns vídeos que considerava entrar para a política daqui a uns anos, que antes ia dar muita aula em escola e na rua “pra ir ensinando esses marmanjos mimado e malcriado duma figueira pôdi como que se respeita uma mulher”.

Foi degolada na rua, encontrada de manhã cedo por dois garis junto duma caçamba em Diadema. Na internet falavam de crime de ódio, de novo, e a polícia descartava, falava que havia sido uma briga relacionada ao tráfico de drogas (isso por terem encontrado quase nada de pó na sua bolsa).

A conversa na hora era que ela jogava CABOL (como SAMARA SILMARÍLIA) e tinha seus fãs ali dentro. Apresentava-se com um programinha didático-humorístico tido por brilhante numa casa burlesca na São Paulo do jogo, já tinha aparecido junto com o DIVINO COMÉDIA em duas cenas dele, meses atrás. Por isso sua morte reverberava bastante agora, mesmo com a maior parte do CABOL não sendo, naquela época, tão receptiva com ativismo LGBT. E se tinha muita gente respeitando e fazendo luto por ela, também tinha adolescentes fazendo piada, misturando aquela brutalidade concreta com a brutalidade cartunesca do jogo. Gustavinho sentiu o estômago embrulhar.

Desde o início de junho ele sentia que alguma coisa tava prestes a acontecer, mas não sabia o quê. A sensação era de que os cabos da realidade e os da internet estavam se engalfinhando. Sempre se envergonhou de não ser mais interessado em política, mas passou a sentir isso de maneira mais aguda depois dos protestos. Foi pra rua em dois dos dias mais movimentados, pra Paulista, naqueles em que milhões de pessoas também foram, no país inteiro. Correu de bomba de gás, abrigou-se num mercado. Sentiu-se parte de uma coisa maior. Mas viu também uns carecas gritando contra nordestino, uns senhores meio tantan da cabeça envoltos em bandeira e pedindo volta da monarquia. Percebeu que aquela vaguidão tumultuada anunciava alguma coisa, só não sabia ainda o quê.

Era como se o registro atual de realidade do país e do mundo estivesse prestes a romper, como se todo mundo estivesse diante de um ponto de ruptura ou mudança de fase. Mas devia ser só paranoia sua. O Brasil sempre foi violento, afinal, o real sempre esteve saturado e rompido. Ele só devia sentir isso tudo de um jeito tão dramático assim porque sua vida tinha mudado de forma radical e rápida, ainda difícil de entender. Alguns jogadores falavam da morte de Samara como se tivesse acontecido ali dentro. Falavam de como fariam um enterro digno pra ela, igual ao que os gringos fizeram praquela jogadora de WOW

que morreu maratonando das antiga. Era como se não mais diferenciasssem o dentro e o fora do jogo.

Gustavinho demorou um pouco para separar os fios e entender o que tinha acontecido. Assim como demorou pra entender que o tal de Jader que todo mundo começou a mencionar era um jogador de futebol no assim-chamado mundo real. Aquele que se dava ao vivo e a cores (a expressão já soava tão velha). Depois de ouvir o nome várias vezes nas últimas semanas, decidiu descobrir qual era a onda.

Jader surgiu nas categorias de base do Vasco em 2008. Nasceu no interior da Paraíba e foi pro Rio bem novo. Era tido como craque desde os treze, mas estreou no time principal com dezessete, no carioca. Habilidade pra caramba, tinha desenvolvido uma versão particular e mais eficiente do elástico do Rivelino e mandava uns cruzamentos compridos, ridículos de tão precisos. Mas era ainda franzino demais, qualquer trombada derrubava. No começo jogava sempre só cinco minutos quando uma partida já tava ganha ou perdida, tentava umas firulas e quase nada dava certo. Pouco tempo depois um vídeo seu dançando no vestiário viralizou. Imitava um funk da época fazendo com as mãos como se dirigisse uma moto e de repente metendo um tranco muito rápido com a bunda e a virilha pra trás e pra frente, emitindo um barulho ruidoso, babado e destrambelhado de moto em seguida, os companheiros estourando de gargalhar em torno.

Logo depois do vídeo ficar famosinho, Jader destruiu sozinho um jogo contra o Fluminense, quartas de final da Copa do Brasil. Entrou no segundo tempo, criou a jogada do primeiro gol e fez o segundo dando um balãozinho no goleiro. Na comemoração, fez o começo da dança da moto, sem ir até o fim, o que rendeu comentário em tudo que é programa esportivo. Todos elogiaram seu talento e simpatia e concordaram que ele ainda tinha muito pra mostrar.

A torcida do Fluminense começou a vociferar na internet que Jader era viado, que só o arrombado do Vasco pra ter uma bicha daquelas no time. Se esse xingamento pode ser invocado a troco de nada, ainda mais nesse contexto, no caso os comentários quase sempre se centravam na voz e na maneira de Jader se mexer em geral. A voz era feminina e cantada, mas também, em momentos, agressiva. Mesmo driblando, alguns notavam, o quadril dele tinha umas quebradas muito

derramadas e líquidas. No começo ele não falava do assunto quando perguntado em entrevistas, só ficava tímido e falava algo próximo de “que isso, tá doido. sou normal, ô.” Mas alguns colegas começaram a contar coisas diferentes, ainda que isso só saísse em blogs e perfis menos respeitáveis. Muitos torcedores do Vasco começaram a expressar seu desconforto com a situação, tanto em comentários na internet quanto em faixas e gritos da torcida. Alguns chegavam a sopesar que o negócio não era a vida pessoa dele, isso aí é de cada um com si próprio, o negócio era ele se mexer daquele jeito usando a camisa do Vasco. Aí é que tava o problema. Mas fora isso o menino era bom, não dava pra negar. Firulento, mas talentoso. Essa tensão foi escalando em fogo baixo durante o primeiro ano do Jader. Mas se o Vasco não foi rebaixado em 2012, foi por causa dele. Baixou uma coisa no menino lá pro meio do brasileiro e ele passou a se especializar em feitos inacreditáveis. Salvar de uma derrota com o Atlético Paranaense na Arena da Baixada, numa chuva horrível, sofrendo e revertendo um pênalti pra empatar e depois virando num contra-ataque em que passava por quatro jogadores exaustos e putos do Atlético, rindo como um diabo, o campo pesado d’água e ele boiando leve por cima, a bola colada no pé. Depois, num jogo duríssimo com o Flamengo empatado até o finalzinho do segundo tempo, ele enfia uma bola por falta fazendo a curva mais estranha e arrependida que já se viu desde aquela aberração do Roberto Carlos contra a França. Só esses dois jogos seriam o bastante pra cimentar o moleque na consciência coletiva vascaína por um bom tempo.

E foi em 2013, também, talvez por causa da onda de protestos toda, talvez pela autoconfiança que Jader foi ganhando, que ele passou a se posicionar publicamente a respeito de tudo que achava. A coisa começou com ele fazendo uma conta de Instagram e querendo compartilhar tudo que ele refletia sobre o mundo. No início era mais sobre as séries de abdominais que ele fazia, Harry Potter e Senhor dos Anéis, os seus cantores preferidos de sertanejo e os salmos que ele tinha aprendido com a família. Mas depois de uns meses, alimentado pelo que ele ia descobrindo com pessoas que ele conhecia em eventos e pela internet, terminou por absorver todo um vocabulário de coisa de política pro qual nunca tinha prestado muita atenção. E engatou a falar dessas coi-

sas em vídeos do Youtube, as pessoas achavam graça, linkavam pra ele mais vídeos sobre política, falavam que ele era fofo e que era imbecil.

Em poucos meses ele passou a fazer vídeos sobre a escravidão nas Américas, sobre a invasão europeia e o Imperialismo europeu e norte-americano. E foi num programa da Globo com uma apresentadora loira que ele decidiu, um dia, de improviso, assumir que ele até gostava de mulher, mas gostava mesmo era de homem. O mundo caiu, naturalmente. Nunca havia acontecido de um jogador estabelecido sair do armário. Por alguns dias só se falava nele em todo canto, desde gente ativista e artista até basicamente às rodas todas de homens bebendo Brasil afora. Gente de ativismo LGBT elogiando a sua coragem e fãs de futebol revoltados destilando sua homofobia (e os ativistas LGBT que são também fãs de futebol, claro, amarradões na situação como ninguém mais). Alguns vascaínos que afirmavam não ter nada contra gay diziam que não queriam o moleque no time, outros pareciam tão embebidos do jeito do moleque jogar que falavam que ele podia dar o cu dele o quanto quisesse, contanto que continuasse a jogar assim.

A melhor coisa que Gustavinho ouviu dizer sobre o assunto foi de um senhor que tava no caixa de uma padaria onde ele tava tomando café da manhã ao meio-dia. Diante de uma reportagem sobre Jader, ele fez uma cara muito séria, nem animada nem preocupada, mas séria, e falou:

— Esse moleque vai mudar o país. Anota aí.

Gustavinho assentiu com a cabeça. Não falou nada. Algo de bom tinha que surgir no meio de tanta coisa ambígua e sinistra.

Naquela noite, depois de parar de jogar, os olhos ainda carimbavam aquelas formas no mundo, sua imaginação amputada daquela interface, mas incapaz de aceitar aquele quarto sem móveis, escuro, como aquilo que era o caso. Espectros de avatares escandalosos e caixas de texto fantasmáticas piscam sobre o escuro. Uma camada fraca de tumulto de carros e motos vêm de fora, lá da Paulista. O sono vem tenso, Gustavinho tem o primeiro de muitos pesadelos com a tal força sinistra proposta pelo ninja piauiense, que nas circunstâncias sonhadas se via misturada ao próprio jogo, como se o jogo fosse essa consciência que quer se replicar a todo custo, quer se estender até se tornar uma

reprodução 1:1 do mundo. Ou até pior, mais complexo, uma repetição mais ruidosa do que a coisa repetida, uma reprodução mais detalhada do que aquilo que tenta reproduzir, um mapa mais voraz que o território.”

26.

Sempre tive essa disposição paradoxal de ter todo o interesse do mundo em qualquer treta humana e, ao mesmo tempo, ter uma vergonha enorme de iniciar fofoca sobre a vida alheia. Fico sempre arrodando maneiras de obter informação, ao invés de chegar e perguntar pra alguém como uma pessoa digna.

Uma vez a Bia postou algo sobre o assunto que me marcou muito. Sem exagero, devo pensar nisso pelo menos uma vez por semana, desde então. Que a fofoca era antes de tudo um dispositivo de socialização. Você se aproximava de alguém ao botar uma informação pra circulação e em certo sentido se distanciava da pessoa sobre quem falava.

Nunca aprendi a fazer isso. A socializar com informação. A única coisa que me ensinaram foi discrição, e como variante do medo. Mas não sei o que minha personalidade teria sido se eu não tivesse já amadurecido num mundo de ICQ, fotolog e MSN, depois Orkut e Facebook, Instagram e Whatsapp, etc.. Acostumei desde cedo a ter trânsito mais fluido nesse duplo virtual do meu mundo do que nele próprio. O que vinha naquele canudo de realidade era limitado, mas bastava.

É muito fácil se acostumar com a versão comprimida do mundo que as plataformas te dão. A superfície complacente e responsiva, com interface viciante. O estranho pra mim é que agora estas plataformas durem. Acostumei a migrar de uma pra outra depois de uns anos, de repente estamos envelhecendo no Facebook e no Twitter. A internet foi ficando cada vez menos livre, cada vez mais parecida com um corredor ansioso de ensino médio (inclusive para os adultos).

Eu tentei sair algumas vezes. A ansiedade diminuía, mas o sentimento de que eu estava perdendo eventos e memes importantes logo se tornava insuportável. Aquelas eram as telas onde o mundo se dava agora. O que fica de fora não acontece de maneira verificável. Cada vez mais aqueles termos de interação e estilização começam a parecer naturais, inevitáveis como um repertório linguístico comum ou o espectro eletromagnético.

Uma impressão teimava em se apresentar pra mim todo dia quando deitava para dormir, sedutora e escrota. De que só de encarar aquelas redes sociais, esquadrinhando com cuidado as relações possíveis, cruzando re-

ferências, você poderia chegar num quadro total da vida daquelas pessoas. Mesmo das mais discretas, sabendo como combinar as lacunas de um com as protuberâncias dos outros. E por mais que eu não achasse aquelas vidas tão interessantes assim, em sua maioria, algo naquela possibilidade material deixava a minha imaginação formigando, ávida, querendo dispor de todas as peças possíveis como um agente da NSA.

São quase dez anos, já, boa parte da minha vida desperta, vivendo sob esse regime. É difícil sequer lembrar que já houve outra internet, que dirá lembrar que já existiram e ainda existem no planeta outros modos de troca e de vida.

A Bia linka um texto gringo sobre a automação do mercado financeiro. A postagem raivosa dela diz que a falta de limites dos operadores do mercado já havia causado a crise de 2008 e agora, que tanta atividade estava na mão de algoritmos ultrarrápidos, a próxima crise tinha tudo pra ser ainda mais acelerada e destrutiva. Lembrei do Adriano na hora. Comentei com Paulinho, que contou que a Bia havia descoberto que o Adriano perdia adoidado no mercado há mais de um ano. Pegou dinheiro emprestado com o pai e voltou a trabalhar algumas horas por dia na concessionária da Honda do seu tio-avô. E ainda tinha mentido pra ela a respeito por um tempão, por orgulho. Os dois brigaram feio, de um jeito talvez irreversível.

É assim que eu reajo a um texto sobre o mercado financeiro, pensando no que significa para as novelas que eu faço da vida alheia. Todo o patrimônio cultural do mundo disponível, o melhor da ciência e da arte, ao alcance dos meus dedos e eu aqui consumindo no automático a primeira merda que as linhas do tempo produzem pro meu focinho. Comentários de alguém que eu conheci seis anos atrás na escola e de quem eu nunca gostei sobre os jogos olímpicos, sobre a Lava-jato, sobre um vídeo de uma mulher maltratando um cachorrinho. Como se toda essa autorreprodução incessante de uns mesmos filtros, mesmas poses, cumprisse alguma função além de gerar valor para californianos onipotentes e desejos de automutilação em adolescentes. Parafraseando o Fernando: não há nada mais real do que a relação, nada mais potente do que uma rede. E no entanto virou isso aí.

27.

O Fernando costumava ficar quieto no perfil que levava seu próprio nome. Mas isso mudou com força em junho de 2013, quando os protestos começaram a estourar em Brasília na Copa das Confederações (e em São Paulo por causa da passagem, depois no Brasil todo por causa da polícia, de tudo). Ele, que de maneira geral era irônico em relação a protesto, mesmo quando concordava com as causas, de repente estava postando várias vezes por dia em caixa alta, comemorando tudo que acontecia e xingando os opositores com virulência.

Eu também me emocionei com os protestos, como geral na época. Até então eu só tinha ido uma vez a um protesto pela legalização do aborto (anos antes, com a Juliana) e achado a coisa toda muito desajeitada, pra não dizer inútil. Mas fui pra esplanada naqueles dias mais cheios, meti as canelas no espelho d'água do Congresso e me senti parte de uma multidão de um jeito que nunca tinha acontecido antes. Cheguei sem mais ninguém e fui entrando na massa de gente, fugi rápido quando a polícia começou a jogar gás, antes de quebrarem os vidros do Itamaraty.

Admito até que uma hora que começaram a cantar o hino eu cantei junto uns dois ou três versos. Depois que todo mundo começou a descer lenha na coisa patriota e nas camisas da seleção eu percebi que aquilo era tolo, mesmo, que estavam cutucando um gigante perigoso com vara curta. Mas ali na hora achei bonito, gostei de conseguir compartilhar algo com aquelas tiazinhas confusas com quem nunca compartilho nada.

Alguma coisa pareceu estalar na cabeça do Fernando nessa época. A princípio só vi pela internet, onde o tom dele mudou súbita e completamente, mas logo surgiram sinais fora dela também. Uma coisa que ele repetia várias vezes nesse período era que a internet “estava vazando pra rua” pela primeira vez. No Brasil, mas não só aqui, no Egito, na ocupação de Wall Street. Ele falava isso quase em transe. E eu continuava acompanhando todos aqueles fantasmas dele, checando pra ver se esse novo estado se manifestava em algum avatar antigo.

E o pior é que nessas andanças acabei achando uma atualização recente. Era no flogão da Susana Domingos, uma mina falastrona que vivia xingando todo mundo e falando mal de tudo que existia (mas particularmente do Luciano Huck e da Rede Globo). O site estava abandonado há mais de um ano e

do nada surgiu um post novo e sério dela, em junho daquele ano, numa voz sóbria que até então nunca tinha tido:

“Saber que o seu amor por alguém é um engano total, um truque dos mais rasteiros, ilusão de ótica tacanha. Que o trem não tem substância alguma, sobrevive na sua cabeça com essa inércia por condicionamento bruto, desde Goethe até toda e qualquer música melosa, todo filme cretino, goela abaixo desde sempre. Sem que isso signifique nada exceto babaquice patriarcal europeia e hormônios.

Exceto que, ok, beleza, qualquer sentimento pode ser descrito como uma combinação de cultura e bioquímica, o sentimento mais forte do mundo pode ser destrinchado como a soma de suas partes, pode ser desmontado em seus puxões e alavancas, suas pecinhas de plástico. Isso não muda nada. Não tira o sentimento de onde ele tá, em suas quatro patas.

Como alguém que acreditasse ter experimentado uma revelação mística mesmo depois de lhe ser explicado os distúrbios cognitivos responsáveis pela visão que teve. Tudo que você encare como algo a ser desmontado pode ser desmontado, porque tudo que acontece se monta, tudo tem rastro. E daí? Não dá pra argumentar contra algo que funciona. O tesão continua do tamanho do cosmos, de uma melancia.”

Eu não sabia como interpretar aquilo, o que fazer daquele fragmento tão solto, saído de uma voz já tão esvaziada.

Dois dias depois, o mesmo aconteceu com o Fernão Pachinko Pedrosa, um bogus do Fernando que se dizia antropólogo professor da UFF e mantinha um blog hilário de tão mal escrito, onde relacionava qualquer evento sociopolítico global com anedotas pessoais suas com a tribo (ao que eu saiba e o Google indicasse, inventada) com a qual ele teria morado por duas semanas vinte anos atrás.

O blog não tinha atualizações há dois anos e de repente do nada apareceu um post novo e bastante atípico:

“Sempre que eu vou bolar um beque preciso botar a Flannery pra fora do quarto, senão ela acaba pulando em cima da mesinha e espalhando tudo (já aconteceu duas vezes e não acontecerá de novo).

É uma bosta isso, porque ela fica do lado de fora toda chorandinho e

unhando a porta e eu me sinto horrível, acabo ficando nervosa e bolando o beque mal, todo pastelão. E beques pastelões são um desrespeito enorme com toda as gentes que morreram para que meu tchose chegasse aqui.

E de desrespeitoso basta você, né?”

Não dava pra entender porque o Fernando estaria postando aquelas coisas, quebrando a voz daqueles personagens. Especulei que as duas coisas deviam ter sido postadas por alguma outra pessoa.

Mas quem?

28.

Final de junho daquele ano, eu estava procurando onde estacionar no meio de muitos carros dispostos numa linha mal ajambrada em cima de barro e grama rala. Era uma festa meio qualquer coisa para a qual eu nem queria muito ir, no Setor de Clubes Sul, perto do lago Paranoá, mas que foi se colocando como única opção daquele sábado para não ficar em casa. Acontecia no clube de alguma categoria de servidores públicos, não lembro qual (auditores fiscais, servidores do Senado, que só alugavam o lugar para eventos, fosse de forró, de sertanejo universitário ou de hipsters).

Eu estava lá tinha cinco minutos, procurando vaga, mas na verdade tentando ainda determinar se reconhecia alguém ali na porta, se eu queria ficar ali ou não afinal. O carro da minha mãe dava ré no barro, tentando se meter num canto, quando ouvi um grito atrás de mim.

— Eta! Ó quem tá aquiiii.

Era a Juliana com uma lata de cerveja na mão e dois caras do lado. O sorriso infantil que ela só mostrava às vezes e que me trouxe inclusive uma leve lisonja besta. Os caras pareceram incomodados com a minha presença, mas a Juliana os desconsiderou de um jeito quase grosseiro, parecia querer falar comigo. Eu estacionei de qualquer jeito e fui encontrá-la com um sorriso enorme.

— Tudo bom, malemolência?

— Tudo bem, sim, querida.

Ela apresentou todo mundo a todo mundo, ficamos ali meio bobos, os caras teimando em não ser simpáticos, caras de enfado. Logo reconheceram um amigo ali perto e falaram que voltariam logo.

— Ê, roqueiragem, né? Porta de festa de cada dia. Não vai entrar não?

— Não sei. Vinte conto por festa com música ruim e uma galera meio assim. Tinha combinado com uma galera que deu pra trás.

Mentira.

— A galera aqui tá foda, mesmo. O Guigas até me ligou e perguntou qual o nível de receptividade da balada pra um Ford Ka cheio de bichas bêbadas que descobriram que o Galeria tava fechado hoje. Supondo boto fé que era a gale-

ra lá dele de cênicas que tava nesse Ford Ka, eu falei que a balada era bem de playboy heterão top e portanto teria um nível precário pra quase agressivo. O que tu acha? É tipo isso mesmo, não é?

— É, acho que sim. Não sei se agressivo, necessariamente, mas tem uns tipo aqui que ficariam bem confusos se chegasse aquela galera do Guilherme de repente.

— Rolaria um constrangimento.

— Rolaria um constrangimento.

A Juliana fez uma cara atenta pro que eu disse, mas não dava pra dizer se ela estava escutando ou não. Como se tivesse na verdade prestando atenção em alguma coisa acontecendo por detrás do que eu tava falando. Na minha expressão, no meu rosto.

— Sei. Tá querendo falar da barriga, não tá? Fala, ué. Todo mundo fica nessa viadagem. Só porque eu sou gorda o povo parece que fica com medo de perguntar. Eu sou gorda, mas também não tem Alien aqui, gente, olha essa porra desse, desse MONTÍCULO.

Eu ri muito, talvez demais. De fato quase todo mundo devia evitar a pergunta por aquele motivo.

— Eu sou gorda, mas também não apresento o Vídeo Show, né, vamo lá.

— Nada ver, ué. Galera só fica com vergonha normal. Ninguém gosta de perguntar se a pessoa tá grávida. É uma pergunta zoada de se fazer.

— Mas você já sabe, né?

— Já ouvi falar, mas não sabia se era verdade.

— É sinistramente verdade, porra. Cinco-meses-verdade, como assim, não sabia, criatura?

— Cabuloso. Mas você que não conta, ué, como que eu vou saber? Que doídura, hein?

— Pois é, a vida é muito life, sempre digo. Mas eu não tou contando assim esparrado mesmo não, porque sei lá, essa porra de internet, de gente falando merda, ficando de fofoquinha escrota, a gente cansa, sabe?

— Claro. Não, na real eu entendo sim, é foda isso de ficar mostrando a vida pros outros toda hora.

— Essas paredes são fina quinem papel, porra. Já dizia os caras.

— E você tá achando ótimo?

— Pior que sim. Pior é que eu sempre quis ter filho, serião. As pessoas parecem que não acreditam nisso, sei lá, só porque eu sou toda desorganizada, bebo pra caralho e etc.. Como se, porra, por causa dessas merdas eu não pudesse ser uma boa mãe. Vai se foder.

Eu não disse nada, tentando só manter uma expressão atenta e preocupada e que a encorajasse a continuar falando, mas talvez meus olhos tenham rapidamente pulado pra latinha de cerveja que ela tava segurando.

— Isso aqui não é meu, porra, nem tou bebendo hoje. É do Ricardo que me deu pra ir mijar.

— Eu nem tinha notado.

— Vou ser uma mãe sinistra, esses bosta vão ver. Vou apavorar. Vou sair em capa de revistas Mamãe & Cia, vou ganhar prêmios. Não tou nem aí.

— Boto fé. Acho massa.

— E digo mais, vou parir mais umas cinco vezes e aposto que nenhum filho da puta vai aparecer pra cuidar. Não tou nem aí, vou virar uma gordona sinistra com seis filhos que ainda por cima ajuda a criar o filho dos outros. Tomar no cu. Nego vai ter medo de mim 'A-lá a gordona doida que tem altos filhos' e eu vou chegar lá e dar um tapa na cara do pai cujo filho tá jogando areia nas outras crianças e falar pra ele virar homem. Ou melhor, desvirar, no caso. Vou enfiar areia no cu dele, o filho dele lá chorando e os meus tudo rindo falando se fodeu, babaca.

Eu ri muito do que ela falou, mas tentei também não rir demais.

— Caralho, Juliana.

— Vou fazer exatamente isso. Cês vão ver.

Ficamos igualmente olhando pra um ponto indefinido vago perto ali do acúmulo de gente na entrada da festa, de onde saía um som com graves agressivos e, pra mim, pouco convidativos.

— Só tu, né? A discrição em pessoa.

— O quê?

— Você é a única pessoa que não me perguntou quem era o pai. Assim, de

gente mais próxima, tal.

— Ah, eu não sabia se você ia gostar, poxa. Sei lá.

— Ah, mas é de boa. Eu não me incomodo. E a merda é que isso ainda tá assim semi em aberto, ainda. Assim, tenho quase certeza quem é. Quase certeza. Mas na real, assim, real-mesmo, tem dois pretendentes. Por isso não tou falando ainda.

— Eu conheço?

Ela sorriu e olhou bem nos meus olhos, eu não entendi se querendo com aquilo dizer alguma coisa ou fazer um juízo a meu respeito antes de dizer o que ela queria dizer.

— Quê que você acha? Brasília, né, vei?

29.

Foi por aí, maio ou junho de 2013, que eu ganhei meu primeiro telefone desses mais posudos e cheio dos aplicativos, com 3G, repassado da minha mãe quando ela trocou por um mais novo. Não vou usar o termo abestado que se usa, mas vocês sabem. Até então eu tinha um aparelho desses bem básicos, tijolinho de plástico com teclado. Minha relação com internet se dava toda no computador de mesa de casa, que só era meu durante a madrugada. Por meses eu usei este novo celular só com WI-FI, antes de fazer um plano com internet, mas ainda assim já sentia o impacto que tinha aquele patamar novo de interação.

É muito danada essa coisa de carregar consigo por aí um dispositivo que é alimentado a todo momento da linha do tempo (como se diz) das redes sociais. A gente se acostumou rápido, mas isso é muito frito. Essa tela que se toca com os dedos e que é atravessada por todo mundo que você conhece, além de todos eventos mundiais computáveis. Isso muda tudo.

Antes eu lembro da ansiedade que dava pra chegar em casa e poder entrar na internet, naquela conectividade extensa e anônima na qual a gente se perdia. A sensação era de sair de onde eu estava (Cruzeiro – DF). Agora a gente nunca sai disso. A gente acorda e vai dormir dentro de uma banheira tépida e ansiosa.

Nessa época, o Instagram tava ficando enorme. Eu não tinha imagem pra postar, nunca que vou ficar tirando foto da minha cara, mas fiz uma conta semi anônima pra acompanhar a vida alheia. A Eloísa postando os adereços que fazia e os ensaios de moda que ela produzia, a Juliana postando a barriga dela cada vez maior, além de fotos mal tiradas de coisas aleatórias (a unha encravada do pé dela, um doritos no chão) que ela mandava de madrugada e que sempre me tocavam e me faziam rir.

Tinha saído um edital muito polpudo do TCU, então umas três, quatro vezes por semana eu saía de casa com apostilas de estudo impressas em papelaria de arquivos repassados por um amigo antigo que fiz num cursinho anos atrás, que tinha se tornado professor desse mesmo cursinho e tinha acesso a um banco de dados com apostilas de exercício atualizadas.

Eu não estudava de fato, não dá pra dizer que eu fazia isso. Sentava em alguma das bibliotecas pequenas setoriais do plano, da 312/313, ou da 108/308,

às vezes na da UnB, ou de alguma padaria, e ficava lá olhando pras páginas e pensando em quase qualquer outras coisas. Mexendo no celular, jogando por duas horas algum joguinho desses idiotas, de esquilo subindo árvore, duma fazenda que você tem que proteger de alienígenas que ficam caindo em cima dela, de um tamanduá que tem que construir um foguete pra chegar na lua. Jogava às vezes três horas um negócio bobo desses, sem me divertir, sem me depositar no que tava fazendo. Às vezes levava algum dos romances que tava lendo há um tempo enorme (pareciam anos, mas deviam ser meses). Henry James, quase que só. Vivia dormindo em cima das apostilas, o espiral de plástico se imprimindo nas minhas bochechas.

Tava nessas quando minha mãe ligou pedindo que eu comprasse salgadinhos. Eu vi que tinha uma confeitaria na rua onde eu tava, e quando estava ainda no balcão asseverando os preços e a de qualeira geral dos salgadinhos (frescos, satisfatórios), percebi de canto de olho a Juliana sair de um carro estacionado lá fora, com uma cara séria que eu não lembrava de jamais ter visto nela (e que percebo agora que devia ser apenas a sua expressão natural desativada, sem que ela estivesse falando com ninguém, sem nenhuma vaibe específica vestida, a cara que temos para nós mesmos dirigindo, lendo).

Comprei o que tinha que comprar, peguei o prato de papelão embrulhado com os salgadinhos e fui embora sem pensar, mas enquanto dava a volta num bloco para chegar no carro da minha mãe, percebi que tinha dado a volta por um caminho pouco prático, que me fazia passar por perto do final da comercial, onde estava lá, na mesa de um restaurante árabe que também funcionava de bar, a Juliana, com cara de enfado, mexendo no celular. E eu vi que tinha alguém chegando na mesa, de costas, que eu demorei mais do que deveria pra sacar que era a Bia.

As duas se cumprimentaram com uma cara séria, que eu estranhei, a Juliana erguendo as sobrancelhas e puxando ao mesmo tempo os dois cantos da boca. Era engraçado encontrá-las daquele jeito. Não conseguia lembrar da última vez que algo do tipo tinha acontecido. Você encontrava gentes em eventos à noite, showzinhos, essas coisas que todo mundo vai e todo mundo sabe que todo mundo vai. Eu nunca encontrava gente assim solta na cidade, Brasília com sua coisa modular não se prestava muito a esse tipo de acaso.

Eu tinha que levar os salgadinhos pro trabalho da minha mãe, no Ministério da Cidade (o aniversário de um chefe chato de que lembraram de última hora e iam comemorar de forma improvisada, fingindo que planejaram há

semanas). Eu já tinha sentido o meu celular vibrar no bolso e sabia que não podia enrolar mais tanto assim.

Então vi chegar uma outra menina, que deu uma volta e pareceu titubear um pouco antes de se decidir e chegar na mesa. Ela cumprimentou à Bia e Juliana de forma entredada, meio constringida. Gordinha, baixa, pouco arrumada, cabelo crespo rente à cabeça, num moletom grosso que devia estar insuportável de quente naquela hora do dia, o sol ainda se derramando sinistro em tudo.

Eu continuo andando em volta do bloco, agora do outro lado, olhando pra mesa delas de dez em dez segundos, mais ou menos. Eu tinha como que recortes rápidos e intercalados do que se passava.

Pela terceira vez sinto meu celular vibrando e percebo que é melhor atender logo.

— Calma que eu já tou indo, já tou indo.

— Não é pra isso, não. É que eu só te pedi empadinha de frango e coxinha, não foi?

— Foi.

— É pra comprar quibe, também.

— Ah, tá.

Sorri sem querer com essa determinação superior que me fizesse voltar para lá com uma desculpa. De volta na padaria, na fila, eu fiquei de costas só esperando que me reconhecessem, tentando manter minha cara virada pra frente e atentando pra minha visão periférica, ao mesmo tempo. Bem na hora passam na frente da padaria as duas, aparentemente saindo do restaurante árabe. A Juliana me vê e faz com a cabeça pra trás, surpresa.

— Opa, eu digo, num tom de quem tava fazendo algo errado.

— E aí, a gente nem tinha te visto aí.

Eu respondi da forma mais desajeitada e ridícula possível, uma expressão de espanto e reconhecimento que eu reproduzi sem nem pensar direito, como um puxão de músculos sequencial retirado de alguma gaveta. Deu pra perceber que a minha expressão foi troncha, porque as duas meninas fizeram uma cara de estranhamento, entortando bem levemente as cabeças pra lados opostos.

Cumprimentei as duas melhor, depois disso, com o prato de salgados na mão.

— Por que você tá falando com sotaque mineiro?

— Ah, eu tive em BH agora por uns dias, minha família é mineira, tal. E eu meio que pego o sotaque e demoro pra largar.

Isso não era verdade, eu não vou a BH desde a infância. Sei nem porque eu tinha (aparentemente) falado com sotaque mineiro sem notar e muito menos porque tinha mentido a respeito. Tudo saiu, só.

— Que engraçado.

— É sério. O bagulho entranha e eu fico falando assim sem nem notar.

— Boto fé. Sotaque mineirin é bom demais.

— Quem era aquela menina com quem vocês tavam?

— Ah.

As duas se entreolharam com uma expressão cúmplice e como que de preguiça desalentada diante da pergunta (que eu me ressentí delas não terem nem tentado mascarar um pouco).

— Ah, é uma menina aí, a Juliana finalmente disse, olhando pra baixo.

— Na real é que tão rolando uns dramas, e eu — melhor, a gente — tava servindo de mediadora, assim.

A Bia acabou falando, me olhando mais direto e parecendo querer julgar alguma coisa a partir da minha reação.

— Dramas? Como assim dramas? Eu falei sorrindo, tentando tornar a coisa toda engraçada, leve.

As duas fizeram uma expressão meio cansada, de novo, evitando olhar pra mim.

— Boto fé. Não devia ter perguntado, né, foi mal.

— Não, não, relaxa.

— De boa perguntar, claro. A Bia disse ainda olhando pra mim, mas agora com o olhar meio esvaziado, de boneca. Continuou olhando pro longe, como que buscando orientação na paisagem ou em algum membro escondido da produção.

— É só que é todo uma treta idiota, é difícil até de começar a explicar, sério. Nem vale a pena. Depois eu te conto, prometo, mas puta que pariu que agora a gente já tá até cansada aqui.

— Mas quem é aquela menina? Isso pelo menos dá pra dizer?, eu insisti. Eu nunca insisto.

— Tu nunca viu ela?, a Bia de novo perguntou com uma cara meio suspeita que eu não entendi de onde veio.

— Ah, até acho que talvez já tenha visto por aí, mas não sei quem é. Qual nome dela?

— Lu-ísa? a Bia disse, meio baixo, tentativamente, olhando pra Juliana, que respondeu com uma expressão de surpresa incongruente.

— Não é Luísa?, a Juliana.

— Não, ué, é Natasha. Não é?

— Natasha? Claro que não, “Natasha”, a mina é russa? Nada ver.

— Cê tá louca? Natasha é o nome mais comum do Brasil. É tipo Pedro. Toda sala que eu estudei tinha pelo menos doze Natasha.

— Vocês não sabem o nome dela? Vocês tavam agora com a menina na mesa, ué.

— Ah, bicho. Tu não sabe da missa uma porra. Essa mina aí é toda uma história. Toda uma novela mexicana.

— É.

— A mina é toda afetada, esquisita.

— Como assim?

— Pra começar ela tem umas noias de só usar pseudônimo na internet. De não usar o nome dela de verdade nunca. Ser toda misteriosinha do cacete.

Tipo o Fernando, eu pensei. Mas não falei nada.

— Ela fala de um jeito estranho, eu não consigo descrever. Como que tu descreveria, fia?, Juliana perguntou, levantando o queixo e olhando pra Bia.

— Não sei. Mas é estranho, mesmo. Um negócio meio robô assim.

— Nossa, isso, é exatamente isso. Ela é tipo robô desses bobos de ficção científica que fa-lam me-ca-ni-ca-men-te.

— Mas sem essa voz anasalada absurda que você fez agora.

— É, essa voz foi meio nada a ver. Mas no mais ela parece mesmo um robô.

— Mas vocês não sabem nada dela?

— Ela estudou no sigma, eu acho, por um tempo.

— Ela não é daqui de Brasília, por isso o sotaque dela.

— Não é não?

— Eu ouvi que ela fez o ensino médio em escola pública em algum lugar muito louco do interior. Brasil profundo. Por isso tem também essa coisa meio roqueira, brutona.

— Então, sim e não. Parece que isso é coisa do pai dela. Mas foi pouco tempo. No mais morou em cidade grande normal.

— Esse que é o bagulho, o pai dela é um deputado aí, não tem isso? Um cara famoso.

— Eu ouvi isso também. Famoso-FAMOSO não. Mas meio importante aí em algum partido. PDT, talvez? Mas acho que não tem grana, não.

— Como que ela é tão misteriosa assim, meu deus? Nesses dias de tanta internet?

Falei desse jeito meio bobo imitando a Juliana, como piada. Ninguém riu.

— Enfim. Ela tava com umas tretas aí e eu tava mediando. Besteira. E pronto.

— Com o Fernando, né?

Eu não sei o quê que me deu pra fazer essa pergunta, assim, com tanta desfaçatez, mas quase que saiu sozinha. E ainda saiu meio dissimulada, natural pacas, como se fosse bastante óbvia a ligação dele com a cena. Juliana não reagiu ao que eu falei, ficou mexendo numa pulseira e olhando pro lado. A Bia que ficou me encarando com uma cara claramente confusa, sorrindo de canto.

— É, como sempre eu tentando arrumar as bagunça que o pulha me faz.

— O próprio faz-merdinha, né, a Juliana agora disse, mais séria, acendendo um cigarro.

— Uai, é? Sempre achei ele dos caras mais tranquilos, tão na dele.

Sempre na biblioteca, pensei. Namorando uma menina tão quieta. Quase sem querer, de repente, imaginei a menina que estava sentada com elas chupando o pau do Fernando. As duas continuaram caladas por um tempo até constrangedor, até que a Juliana emendou, expelindo fumaça, baixinho:

— Que isso, fia, o Fernando come geral.

— Comia, você diz, a Bia corrigiu, a sobrancelha já engatilhada.

— É, claro, comia.

— Como assim?

— Como assim o que?

— Esse gestinho que tu fez com os olhos.

— Fiz exatamente zero gestinho com os olhos.

— Então tá, então. Tome tento, né, Juliana? Vamo nessa que já deu de focar em pé, já, né?

A Bia de repente ficou séria, já se despedindo de mim e cortando qualquer conversa. Eu aquiesci, tentei me despedir do jeito mais natural e simpático possível, paguei no caixa e fui levar os quibes e o resto dos salgados pro carro, sabendo que teria todo o trânsito arrastado do Eixo Monumental naquela hora pra ficar revirando aquilo. Alegria purinha, purinha.

30.

Chegando em casa, vasculhei os contatos em redes sociais do Fernando pra ver se encontrava alguma Natasha ou Luísa que eu não conhecesse (ou, quem sabe, Natascha, Natacha, até Nataxa, as grafias de nomes no Brasil tendo, ao que bem se sabe, nenhum limite exceto os da própria imaginação). Não achei ninguém interessante.

Lembrei que a Bia tinha dito que ela não usava o nome dela de verdade em redes sociais. Isso poderia significar uma presença dessas mais esguias e espertalhonas, que se preservam de ficar disponíveis demais, cuidam de ter uma relação mais própria com essas reproduções desenfreadas.

Transitar por círculos de gente conhecida na internet tem direto isso de encontrar perfis e extensões que você a princípio nem sabe de quem é, mas que ainda assim vão engrossando numa personalidade na sua cabeça, a partir das manifestações às quais você tem acesso eventual.

Você vai juntando o nome com a imagem de avatar (seja a cara da pessoa, seja o Zé do Caixão, seja o Larry David, seja a Daria do desenho animado), com os comentários irônicos ou diretos, os gostos e opiniões, vai delimitando uma miniatura de pessoa a partir dos posicionamentos, dos detritos que se acumulam.

Eu fazia (e faço, na verdade) isso com dezenas, dezenas de pessoas. Com muito mais gente do que deveria. Convivia com as suas vozes e ideias muito mais do que com as vozes dos familiares com quem compartilhava, na época, uma casa e três refeições diárias.

Já não sabia onde procurar traço da garota, minha atenção foi voltando para seus cantos de sempre. E aí encontrei algo que reluziu na minha vista. Eram comentários deixados nos posts do Cabuloso. Todos recentes. Não pareciam guardar nenhuma relação imediata com o texto que comentavam, e tampouco lidavam com a sua própria incongruência, com o fato daquilo não ser um comentário sobre o post. Lembravam de cara os posts também bizarros nos boguses do Fernando. Era ela. A própria. Tinha que ser.

“Dá quase quatro e vinte e eu procuro o beque que tinha bolado horas atrás que tava numa caixinha de fósforo. Fiz com muito carinho no fi-

nal intenso de uma onda de Ritalina que eu tomei pra estudar e acabei gastando com seriado imbecil. Um beque curto e cotocado, grosso, como o pau do meu marido (que não é, de fato, meu, embora seja de direito).” (4:10)

“Eu tenho paranoia do cheiro de beque estar chegando nos vizinhos, todos religiosos e chatérrimos, mas estamos no décimo segundo andar, meu apartamento é de canto. A varanda é toda fechada com aquelas telas de tecido pras gatas não caírem. Uma vez uma gata que morava comigo caiu, num rombinho da rede que tinha enfraquecido, alargado com o tempo e que eu não tinha notado. Mesmo depois de ver o corpo dela estatelado horrível no chão, disforme, eu duvidava que era possível que o corpo dela caísse por aquele buraquinho tão pequeno. Se eu dissesse que aquela foi uma das coisas mais horríveis que eu já vi te daria a impressão que a minha vida foi dessas de gente de apartamento, ovomaltine da vovó (etc.), quando não foi. Eu já vi muita coisa que seria considerado pior pra maioria dos juízos. Eu sei como é o cheiro de carne humana queimada, por exemplo. Mas eu gosto muito de gato. Muito mesmo. Então aquela foi uma coisas mais horríveis que eu já vi.” (4:25)

“O mapa que a gente faz de um corpo com quem a gente transa de verdade e que continua aqui, todo dobrado.” (4: 22)

“Foi o terceiro gato que morreu antes de dar um ano comigo.” (4:27)

“O primeiro foi quando eu era ainda adolescente. Atropelado. O segundo foi mais recente, mas já tem anos. Esse último tem tipo uns seis meses e foi talvez o mais triste. Ela era malhadinha, caolha e dependente como um cachorro. A única explicação é que seja amaldiçoada.” (4:28)

“Tou ouvindo um show no qual estive dez anos atrás e que alguém arranjou agora os mp3s pra mim que eu nem sabia que existiam. Dá pra me ouvir gritando entre músicas. Tenho quase certeza que sou eu. É de uma banda de uns amigos, Galactus. Sabe? Ela não é boa, pelo menos não de verdade (do jeito tão inequívoco e demonstrável que, digamos, Racionais, ou Goethe, é bom, mas ali quando a gente era moleque e tava ali junto com eles num lugar tão pequeno e tosco o momento fazia muito sentido. Eu tento recuperar a onda, mas não dá.

Já foi.” (4:30)

“Hoje mais cedo tomei muito café e fiquei lendo A doença para a morte do velho capitão Kirk. Como ele faz mal. Devia ser proibido. Leitura apenas supervisionada, e ainda sim dosada. Sempre se apresenta a possibilidade maluca de um dia ir estudar dinarmarquês só pra ler essa porra desse cara. Uma língua inteira só pra ler um único filho duma puta. A vontade de visitar o lugar é exatamente zero.” (4:34)

“Eu não sei porque estou falando disso aqui Lombardi.

Sra você não tá bem.

...

Sra?” (4:40)

“Lembro do teu pau levantando devagar e do jeito que a sua barriga entrava pra dentro quando cê tava quase gozando. A cara que cê fazia, que ia de tensa-tensa pra solta-solta. O pescoço repuxando todo igual corda de instrumento e a cara de raiva possessa que vinha logo antes da explosão te rebentar. todo em ondas curtas, duas ou três. Vocês gozam tão rápido. Mesmo que demore pra explodir, a explosão é sempre de uma vez. Qual a graça? Por isso vocês são assim. Obrigado por virem ao meu Ted Talk.” (4:45)

“Gostaria de escrever melhor. Eu juro que eu escrevia benção quando era mais nova, não tentava imitar ninguém, não tentava emular nenhum registro. Só ia lá e tchans. E vrau. Uma tranquilidade que parece ter morrido aqui dentro, que eu tento simular em mim mesma, mas é como imaginar um membro inexistente. Um braço que me saía da boca, como de um peixe linguarudo. E que não sai mais.” (4:53)

“Lembro da tua cara de devoção enquanto você me chupava. O teu olho grande todo entregue. E eu acreditando, imagina. Você bebendo o meu tesão de um gole só. Que o que você curte é isso, deixar alguém completamente babando por você e aí largar. Não é? Quando a gente se arreganha mesmo aí perde a graça, não perde? A graça toda tá em estragar.” (4:58)

“Toda imediatidão é desespero, o bichão lá diz.

Sério mesmo.

Seríssimo.

Toda.

Absolutamente todas, (exceto algumas)

Do que que você tava falando antes?

O quê?

Antes deu chegar, vocês tavam falando.

Tava não.

Tava sim.” (5:01)

“Até ontem tinha quanto tempo que eu não saía de casa Lombardi? Olha pelo menos seis meses.” (5:54)

“Tem uns sonhos em que eu tou transando contigo mas é como se fosse teu fantasma, eu sinto e não sinto a carne, sua imagem pisca, aparece e some, aparece e some. Isso enquanto a gente transa. É péssimo. Teu pau chega me trespassando toda igual a lança de Cristo na Teresa, o quarto vai enchendo de luz, eu acordo mais molhada que um pântano.” (5:58)

“Cuido que a minha casa não tenha cheiro nenhum, nem de sujeira nem de sabão, exceto dentro do lavabo mínimo que nem faz sentido existir, que explode de odorizantes diversos que eu boto pra competir entre si. É nauseante, não consigo ficar lá muito tempo. Mas às vezes entro nele só para que ele exista, por pena. Deito no chão e fico olhando pro teto, abro e fecho a torneira. O prédio é muito feio, a região não me interessa (tampouco o resto da cidade).” (6:05)

“Você é a única outra pessoa que já esteve aqui nesse apartamento desde que eu me mudei. Meu marido acha que a gente tinha de chamar empregada aqui pra casa, ainda que só às vezes. Nunca entendi como que alguém tem alguém em casa pra te servir, desse jeito. Diarista é mais compreensível, mas para quem não sai de casa, como eu, ainda parece estranho. Não acho errado, só não consigo entender como que isso acontece, que coisa esquisita e constrangedora não deve ser ficar lá uma pessoa na casa esperando que você fale Rosângela por favor passe um cafezinho, costure minhas anáguas, me faz um cassoulê (mentira, eu acho errado sempre sim; a não ser que você seja,

digamos, uma mãe solteira que precisa trabalhar todo dia na cura do câncer).” (6:15)

“O nosso filho deve ter quatro meses, agora. Nunca pensei num feto como sendo uma pessoa, nunca fez sentido pra mim. Mas agora que é na minha barriga eu acabo pensando assim, sem nem me tocar. Como se já tivesse uma pessoa já pronta rolando aqui dentro, e não um acúmulo amuado, ainda amplamente e indiferenciado, dobra antes de desdobrar, olhos fechados, cara amassada, mal se debater se debaten-do ainda.” (6:17)

“Eu posso ser há mais de dez anos incapaz de manter quase qualquer espécie de interface prática com o mundo exterior, mas consigo agachar e limpar um banheiro e varrer a casa toda semana. Além de cozinhar e lavar minhas roupas. Pode não ser o lugar mais organizado do mundo, mas é perfeitamente habitável.” (6:19)

No dia seguinte, os comentários já tavam apagados. Mas eu os tinha colado na minha conta de e-mail e salvo como rascunho, naturalmente. Comecei a achar que quase com certeza aqueles comentários eram da tal da menina e acabei me lembrando de uma outra coisa.

Havia um indexador de links e imagens onde o Fernando tinha conta há uns três anos com o nome DUNSESCROTO. Só as pessoas mais próximas conheciam, pouca gente usava o site. Eu só descobri porque vi aberto uma vez na casa da Juliana e ela me contou. Lá ele vivia linkando quadros, gravuras, estátuas e fantasias provenientes de todas religiões e mitologias mágicas imagináveis, desde as mais populares até as mais obscuras. Muita coisa budista. Talvez houvesse alguma sucessividade ou mínima relação entre os objetos e as divindades elencadas, mas eu não conseguia verificar nenhuma.

Tinha três contas da mesma plataforma que DUNSESCROTO reverberava com muita frequência, uma delas chamava *todoynada*, e além de umas citações eruditas que passavam quase todas muito por cima da minha cabeça (muitas do tal do Kierkegaard, que pra mim era só um nome complicado), tinha também fotos de um gato malhado e do que me parecia ser o pôr-do-sol visto do alto de um prédio em Águas Claras, o bairro do DF que tinha explodido de arranha-céus num espaço curtíssimo de tempo, sem muito planejamento ou cuidado. Um bando de volumes parecidos apinhados com ruas

apertadas que engarrafavam um absurdo nas horas de pico. Eu tinha um tio que morava lá e sempre comemorava o aniversário do meu priminho, Lucas, no play do condomínio.

Indo para trás no arquivo do perfil do Fernando, vi que ele tinha reblogado pela primeira vez algo da *todoynada* onze meses atrás e que logo de cara tinha reblogado seis postagens distintas dela (uma Madonna peruana, uma máscara mortuária sabe-se lá de onde, um xamã asiático fantasiado e três citações complicadas em francês).

Fiquei com quase toda a certeza disponível do mundo que aquilo ali era a tal da menina e que foi aí que eles se conheceram. Aí pra desgracar de vez a minha cabeça encontrei no *todoynada* o endereço de mais um blog (eu sei, eu sei), que era postado sem comentário nenhum, e cuja voz me era ao mesmo tempo esquisita e familiar:

31.

“13/09/2001

Os dois estão deitados num colchão de solteiro com o lençol quase todo caindo no chão. Suados, arfando. Ela pega uma moringa ali do lado e derrama água num copo de vidro, ele bebe o copo de uma vez. Pelados, as pernas de um mesmo matiz de marrom engalfinhadas. Duas da manhã. Ela faz cafuné nele, que está com uma cara mais distante e pensativa:

— Mas nem pra mim? Isso é que eu fico de cara.

— ...

— *Égua*, quê que você acha que vai acontecer?

— Nada. Não vai acontecer nada.

— Então me fala.

— Não. Não é assim. Foi mal.

— Mas você não fala que é tudo besteira? Que mito é tudo mentira, manipulação, não sei o quê?

— Eu nunca falei isso, você é muito dramático.

— Falou praticamente isso, sim.

— Eu só prefiro a transformada de Fourier a qualquer história. É diferente. Eu não desprezo o resto, pô. Não é assim também.

— Tá bom. Mas qual problema de você me falar a merda do teu nome? Hein? Pro teu irmão.

Ele falou isso com sua cara dramática, esgarçando as sobrancelhas. Quase rindo. Ela sorriu também, mas de um jeito mais retraído.

— Eu lembro da minha tia, que foi quem me deu meu nome. Falando no meu ouvido. E falando pra proteger aquele nome. Eu não acredito em mito, mas acredito em magia. A gente toma as coisas pelos nomes delas. Isso não é besteira, não é pouca coisa. É quase tudo.

— E você tem medo do quê, então? De que eu vou te possuir, se eu descobrir teu nome?

— ...

— É isso? Fala que é isso.

— Você é sagaz demais pro teu próprio bem, Emerson. Cê sabia disso?

— Vai te danar. E o meu nome cê usa e abusa, né?

— Você já tem tudo. Você já me tem, criatura. Eu não tenho nome nenhum.

Os dois ficaram calados. Ele encarando o mamilo direito, o mais arrebitado.

— Cê saiu de lá muito nova, né?

— Muito. Com onze.

— Mas cê lembra bem das coisas?

— De muita coisa. Mas não de tudo. Já esqueci muito da língua. Verdade que eu nunca fui muito de pensar em palavra, também. Nunca fui. E também eu conversava pouco quando morava lá. Era bem bicho do mato, mais do que hoje.

— Difícil de imaginar, viu?

— O quê? Eu ser bicho de mato?

— Não, né? Jaguatirica. Isso é fácil. Difícil é te imaginar ser mais bicho do mato do que tu já é hoje.

— Mas era. Era muito arredia. Revoltada à toa. Tinha raiva das coisas antes de descobrir os motivos verdadeiros pra ter raiva. Que não faltam, né? Eu amava muito algumas pessoas ali, amava o cerrado, mas eu tinha que sair. Não tinha jeito. A sede era demais.

— Mas quê que cê lembra de bom?

— Lembro de ver o povo mais velho rindo na corrida de tora, as mulheres gritando enquanto os caras corriam, fazendo graça e torcendo, da vontade que eu ficava de comer o paparuto enquanto ele assava. Lembro dum velho doido que brincava com a gente em dia de festa.

— Paparuto?

— É um trem de carne com mandioca que põe dentro dumas folhas e assa debaixo da terra. Eu achava a coisa mais gostosa do mundo. Acho

que é bom mesmo, mas a onda toda era a expectativa que dava, a coisa enorme que todo mundo fazia junto por um tempão.

— Que mais?

— Lembro de ficar catando fruta no mato com todo mundo quando era bem pequetinha.

— Catava o quê?

— Pequi, tucum, mangaba, bacuri.

— Conheço nada disso aí. Parece que cê tá juntando sílaba só. Bibim, manava, xuripó.

— Abestado. Boyzinho de apartamento.

— Sou mesmo.

Ela abocanha o pescoço dele, ele ri e o retorçe, escapando dela.

— Que mais.?

— Lembro de uma velha que contava sempre do massacre. Um que teve quando ela era criança. Depois eu fui pesquisar direito, foi em 40. 1940, né? Um fazendeiro cuzão do caralho desses veio com um bando de homem. Matou mais de vinte mehin. Por nada, por alguma besteira. E queriam ter matado mais. Queriam matar todo mundo. Mas a velha contava que elas foram se descabelar e gritar com todo mundo na cidade até que veio uma intervenção aí. Nessa época já ficava feio, né? Lá fora e tal. Mas se não tivessem ido lá se descabelar até alguém fazer alguma coisa, tinham matado todo mundo. Tinha virado só mais um povo extinto. E pronto.

— Cacete.

— Ele mesmo.

—

— Então não. Por isso que não. Eu não me considero nem goiana nem brasileira. Se eu sou alguma coisa eu sou mehin. Mas nem isso eu sei se eu sou mais direito.

— Lembro da aldeia raiada e de pensar naquele círculo, no sol e na lua, em como uma coisa puxava a outra, que puxava a outra. Lembro de achar bonitas algumas coisas que me falavam, mas de desconfiar

de tudo e de achar que o mundo devia ser maior do que aquilo.

— ...

— A coisa mais impressionante que eu achava na aldeia era o rádio que eles tinham. Que só dois adultos sabiam e podiam operar. Conversavam com um posto do Ibama, com a polícia rodoviária e com mais umas aldeias que também tinham.

— Ah, claro. Cê ali já sacou tudo com certeza. Já sacou o mundo todo.

— Eu desmontei o rádio quando eu tinha nove anos. Ficaram putos comigo, mas depois que eu montei de volta ficaram foi impressionados.

— Te vejo todinha fazendo isso. A cara de danada.

— O mundo explodiu tanto quando eu cheguei na cidade, quando eu entrei na internet pela primeira vez. Foi tanta coisa, tanta coisa, de uma vez que sei lá, foi uma avalanche que veio e que apagou muito do que tinha antes. Em pouco tempo. Muito pouco. Vai fazer só quatro anos que vocês foram me visitar lá. Parece que tem dez.

— Verdade.

— Dali foi o quê? Dois, três meses até eu fugir pra Goiânia. De lá pra Belém, foi mais um ano e meio. Tudo que eu engoli desde então foi tão estranho e tão grande. O que eu ainda lembro lá da aldeia eu lembro nuns flashes assim, quase que fotos, mesmo, mas como que correndo por um, dois segundos e voltando.

— Tipo um GIF.

— Isso. Um instante correndo gravado, curtinho. Mekaro

— Hein?

— Nada.

— Você lembra de alguma história?

— História?

— Tipo, dos mito lá deles. Seus. Dos krahô. Digo. Dos mehin. Tu sabe.

— Ah. Eu nunca fui dessas coisas que nem você, né?

— Dessas coisas de trouxa, né?

— É você que tá dizendo.

— Vá se danar, vá.

— Quem costumava contar era essa velha. Não lembro o nome dela por nada. Eu gostava mais dessas histórias de verdade do que as mentirada. Ela contava de tudo. Ela era como que minha vó, pra vocês, mas não era mãe da minha mãe. Nossa mãe.

— Vocês quem?

— Foi mal. Vou nem te explicar os parentescos que você não vai entender nada. Eu nunca me dei muito com essa velha, porque eu não levava nada a sério. Mas na real tinha um único mito que eu gostava, sim. Ou melhor, que eu acho ainda muito doido. Forte, assim. Me impressionava. Eu lembrava de ouvir ele quando era bem novinha, depois de perguntar e ouvir que não existia. Não sei porque que me vieram com essa, mas vieram. Pararam de contar depois que a gente ficou maior. Pelo menos pra mim.

— Conta logo.

— É assim. Tem uma mulher que tá grávida, aí o bebê começa a conversar com ela de dentro da barriga. Ele claramente é mágico ou alguma coisa assim. A mulher fica assustada. Ele vai e nasce, e em poucos dias já tá crescendo, consegue se transformar em tudo. A família se assusta ainda mais com o poder dele e com o jeito danado que ele tem de falar. Um tio joga ele dum barranco e ele vira uma folha seca pra cair devagarinho. E depois desvira.

— Massa. E aí?

— Aí ele quer inventar arma de fogo, mas os índios não querem. E ele resolve dar a arma pros brancos. É um trem assim. Não lembro mais o que rola. Mas o começo era demais, era o que eu mais gostava.

— Cê é ruim demais de contar história, hein? Pelamor.

— Mas sempre lembro disso. Imagina um bebê falando contigo de dentro da barriga. Que medo da porra.

— Né?

— Aliás, cê não quer lavar esse trem na tua perna não?

— Você sempre com isso, caraca. Os bicho não vão sair pulando pra dentro de você, não, relaxa.

— ...

— Eu sei que a gente tem que ter ainda mais cuidado do que o normal, tudo mais, mas porra. Calma também.

— Nem é porque é você. Não é. Eu já falei. Eu sempre tive isso. Desde que eu era garotinha e me falaram que mulher engravidava. Depois disso eu nem triscava nos moleque, com medo deles me botarem um bebê na barriga. Ficava morrendo de medo. Só brincava com menina.

— Mas por que?

— Como porque? Ficar grávida é um negócio horroroso, uma porra dum parasita inchando tua barriga. Eu comecei a ter uns pesadelos horríveis de que eu ia parir e quando via saía uma porra dum monstro de mim. Já saía comendo minhas pernas. Ou então saía só um troço deformado, horrível, todo troncho, morto.

— Vixe.

— Pois é. Então não é por isso. Não é porque é você. Podia ser qualquer um.

Ele limpa as pernas com o lençol. Ela continua deitada em cima dele, as pernas abertas. Bem na beirada do colchão, perto da parede. Ela de repente ergue o torso, levanta uma das pernas de um jeito troncho e vira o corpo ao contrário, os dois começam a se chupar devagar, ela de olhos fechados, imersa, ele de olho aberto e inquisitivo encarando a fenda dela, as sobancelhas como acentos circunflexos, reverente, recuando de vez em quando pra olhar direito o que tá fazendo. Renato no canto da varanda, junto com tralhas de ferramentas, telhas, azulejos marrons de banheiro nunca usados, alguns quebrados em cantos, seu corpo escondido pelo escuro e pelas samambaias.”

Aquilo era dele, então, também? Ou dela? Quantas porras de blogs o filho da mãe tinha, afinal? Aquilo tinha alguma coisa a ver com a outra história?

O mais desagradável era que justamente a sensação boa que eu tinha às vezes com essa minha obsessão ridícula — de estar juntando pistas e conseguir mais ou menos dominar a situação —, justamente esse lado desinchava, demonstrava o tanto que eu na real não tinha noção do que se passava.

32.

“CABULOSO – PARTE 7

Conta criada em: 12/02/2013

Tempo corrido de jogo: 870 horas

Nível: 36

Mortes: 783

Criaturas mortas: 1.450

AD: indefinido

Alianças: 0

Feitos: 83

E-mail (escondido): gdeadpool@gmail.com

Inventário (60/80 kg)

Água potável (6)

Água contaminada com céσιο (2)

Água suja (3)

Maço de cigarros de palha (4)

Camisa do Palmeiras 1995-1996 ensanguentada

Panfleto informativo sobre a Cidade-Condomínio Michel Foucault

Projektor 5d Holotech (avariado)

Espingarda de caça

Peixeira de luz (avariada)

Munição .308 (43)

Sobretudo rasgado

Botas biônicas propulsoras (+15 corrida +30 salto)

Panfleto (Les Mots et le tchese)

Manuscrito (O Livro Goiano dos Mortos)

O jogo tinha ficado ainda mais doido nos últimos meses. Só pela

quantidade de gente e a liberdade que eles davam pra geral criar seu próprio conteúdo. Tinha começado a aparecer não só uma multidão de cidades e lares subterrâneos e torres enormes de sucata, mas ainda eventos inesperados que atravancavam os territórios e tornavam o trânsito pelo CABOL sempre imprevisível. Multidões de vacas mutantes disparavam pelas cidades, libertas de uma fazenda por uma brigada ecológica revolucionária, multidões de bots-vendedores com scripts irregulares explodiam de uma só vez no meio de uma feira, cidades diminutas enjarradas de repente cresciam e se sobrepunham a uma cidade que já estava ali, resultando numa terceira configuração híbrida e quase toda destruída, com prédios dentro de prédios, ruas atropelando ruas. Spam-bots de todos os tipos imagináveis, bem um terço deles pornográficos, irrompiam de contêiners jogados do céu nas grandes extensões desérticas do jogo. Era tudo bem excessivo.

Crateras enormes no cerrado queimado com multidões de avatares saqueando corpos. Jogando CABOL, andando pelo seu vasto e derruído mundo, Gustavinho vivia tendo a impressão de que algum evento tinha acabado de acontecer, que ele por pouco perdeu algo grande.

Vivia encontrando pequenos palcos improvisados montados nos lugares mais inauditos. Alguma encenação do DIVINO COMÉDIA, ou de um imitador, abandonada no meio, com caixas de som, fundos de papelão armados com algum logotipo oriental, microfones e defletores. Num subúrbio de Cuiabá, dentro de um supermercado saqueado na Bahia, do CT de um time de futebol de série D no interior de Minas. A repetida impressão de que você por pouco não viu algo cabuloso acontecendo.

No momento, Paraíba Blade estava em cima de uma torre de sucata revirando seus inventários atrás de um mapa que tinha retirado dos escombros de um encouraçado subterrâneo tripulado por homens-toupeira.

Gustavinho amava aquilo tudo cada vez mais. Paraíba Blade estava há um tempo parado enquanto seu detentor revirava os itens e amaldiçoava a sua atenção dispersa, até que de repente caiu bem na sua frente um avatar. Um robô rosa todo estiloso, de tipão japonês, com uns arabescos arroxeados saindo das costas.

— Finalmente te achei. Coé, Gustavinho.

— ...

— Não tá me reconhecendo? Sou eu, Renata :p

— ah, oi, desculpa. É que eu não costumo usar meu nome aqui no jogo.

— ah, foi mal, verdade. então, a gente tava fazendo umas armas novas e o Evandro falou pra te mostrar umas e ver se você gostava. Vou te dropar ela aqui, rapidão.

De repente brotaram na frente do avatar uma série de espadas, machados e metralhadoras.

— opa, valeu

— disponha, pega isso aí e depois me diga o que acha.

— é impressão minha ou alguns territórios tão floodando de galera nova desde ontem?

— ah, tão mesmo, tão pra caralho. Foram vinte mil novas assinaturas só hoje de manhãzinha. Tavam achando que ia dar cinquenta mil no final do dia, mas acho doidura. Mas sessenta mil também é doidura, né? E na real a expectativa grande mesmo do Evandro é com o final do dia na Coréia, lá parece que o negócio tá estourando mesmo na mídia especializada.

— cacete, porque isso?

— pô, acho que é por causa do anúncio que a gente fez, né, finalmente. O Evandro não conseguiu aguentar mais.

— que anúncio?

— do evento, ué.

— que evento?

— você não tá sabendo?

— dsclp sequelei um pouco essas semanas

— A coisa toda lá do jogador sinistro overpower e da ‘ameaça cabulosa’? o maior-evento-da-historia-de-todos-os-videogames-quiçá-da-cultura-ocidental?

— mas isso não é lenda?

— não! A gente tá trabalhando nisso tem semanas,oras! o Evandro finalmente vazou ontem no blog oficialmente!

— eu não tinha ideia. É real essa historia toda então?

— é sim! você ta falando sério que não sabe ou ta curtindo com a minha cara?

— é sério. me conta então.

— a gente vai sortear um jogador ou jogadora do primeiro milhão de contas criadas e conferir poderes absurdos, “SEM PRECEDENTES”, como o Evandro diz sempre, pro bicho. e logo depois vai rolar uma ameaça reunindo todos os servidores oficiais do CABOL, uma ameaça que mesmo a maior parte da equipe não sabe direito o que vai ser. a gente só fala disso nas últimas reuniões.

— eu tive jogando tanto que eu faltei algumas

— Menino.

Assim que deslogou do jogo, Gustavinho foi procurar as reverberações daquilo. Estava tão distraído com tudo que aconteceu em junho que não tinha notado o tamanho do burburinho que já se avolumava no seu e-mail, ganhava corpo em todo canto da empresa nos post-its em cores distintas de urgência nas baias de todo mundo. Nas comunidades dos jogadores mais viciados e sérios havia muita preocupação com a possibilidade levantada, aparentemente a sério, de todos os mundos de todos os servidores serem irreversivelmente destruídos com a ameaça.

ELES NÃO PODEM FAZER ISSO EU CONSTRUI UMA CIDADE INTEIRA NO SERTÃO LA NEGUINHO VAI DESTRUIR PORRA EU NÃO TENHO MEUS DIREITOS? COMO QUE FAZ?

EMERSON – SANTA RITA – PB – 2:32

Bicho claro q é cao deles relaxa qual a chance dos caras destruírem a ‘galinha dos ovos de ouro’ deles tem investidor o caralho de repente vai acabar com tudo? Duas palavras: ri-sos.

Cláudio, Montes Claros – MG 2:36

Evandro apontou pessoalmente num outro post oficial, no dia seguinte, que se todos lessem os contratos que assinaram ao criar uma conta (contratos com os quais certamente todos concordaram sem ler, ele mesmo brincava), ali havia a previsão de que o mundo fictício administrado e mantido pelos servidores principais do jogo poderia sofrer mudanças “drásticas e unilateralmente determinadas” a qualquer momento. Mesmo os usuários que pagavam por contas premium e itens raros haviam concordado com isso.

Evandro leu esse trecho numa reunião da empresa toda no dia seguinte, seu sorriso esperto pontuando a frase. Gustavinho só conseguia

focar no fato de que ele tinha um papagaio no ombro enquanto falava isso. Tava todo mundo tão metido no assunto que Gustavinho não viu ninguém comentar o papagaio e ele não quis ser o único (vai que ele existia há muito tempo).

A notícia reverberou levemente na mídia tradicional, com alguns jornalistas tendo dificuldade de explicar o que estava se passando. Uma matéria que Gustavinho apanhou no dia anterior, num jornal a cabo, alternava entre descrever a situação como uma jogada de marketing engenhosa de um jovem empreendimento brasileiro e tentar lograr um tom brincalhão cúmplice com seus jogadores, no fim da reportagem, por um repórter cinquentão de óculos inventivos fingindo por um instante levar o evento a sério enquanto uma ameaça messiânica integaláctica.

Evandro se divertia muito com a falta de jeito dos jornalistas mais velhos de lidar com aquilo.

— Você viu ontem na Globo News eles falando? Naquele programa metido a modernoso deles? Eles parecim até assustados com o negócio, velho. Bom demais.

Gustavinho não achava que os jornalistas estavam assustados com aquilo. Mas ele estava. O papagaio riu um riso parecido com o do pica-pau, engatilhado triplamente e todo mundo em volta riu. Alguns de nervoso.”

33.

Chegou a hora, enfim. Da noite fatídica. Perdão pelos clichês, mas é o que tem. Eu vou tentar ter o máximo de precisão possível sem tornar o trem insuportável. Sigam-me os bons (e os mais ou menos).

Setembro de 2013, fui pra uma festa na Asa Sul na casa de gente que eu não conhecia, convidada pela Juliana, um duplex enorme, o maior em que já estive na vida. Senti alguma vergonha quando entrei sem mais ninguém, encontrando de cara apenas desconhecidos na sala, mas senti minha presença legitimada pela caixa de cerveja que eu carreguei até um grande isopor cheio de gelo na estreita área de serviço, depois da cozinha. Lá encontrei Adriano e Bia e outros amigos foram chegando.

Comecei a beber rápido, mas queria me manter por um tempo consciente de onde tava todo mundo, do que estavam fazendo. Tinha tempo que não encontrava todo mundo, esse tipo de festa em apartamento ou casa de amigos de amigos tinha começado a rarear. Ou era só eu que não ficava mais sabendo com frequência. Eu sempre gostei muito mais delas do que festas pagas (e não só pela economia).

Ali, na hora, de onde eu estava no canto da sala, conseguia ter uma boa noção da Juliana, do Paulinho, da Bia, do Adriano e do Fernando. A Eloísa não estava ao meu alcance, mas eu podia ver a porta da cozinha e eu sabia que ela tava lá dentro (então até certo ponto a sua presença também tava computada). Não sabia onde estava, no momento, nem a menina branca pra caralho de batom vermelho retinto, nem o cara de camisa laranja florida que tinha um cabelo que parecia uma pirâmide afro baixinha, duas pessoas incrivelmente bonitas cujos nomes eu desconhecia e que tinham adquirido um protagonismo meio claro ali desde o começo da festa.

Tinha na sala duas projeções acontecendo ao mesmo tempo, uma delas sendo dum joguinho antigo que se jogava no console original, um Megadrive ligado com um adaptador no projetor, com uma fila estabelecida para que todos que quisessem pudessem jogar. Oito pessoas, sete delas homens, se acumulavam em torno.

Logo que Fernando chegou, ele comentou:

— Os cara tão muito orgulhoso da onda toda, dá pra ver, né?

— É, eles ficam casuais e bebendo, fingem que não e pá, mas ficam em volta, só rondando, a Eloísa concordou.

— Só rondando, mas prestação que se alguém mexe em algo que não deve ou dá alguma treta ali no adaptador e as imagens param de aparecer, ou o console trava, mobiliza de cara uns cinco pra mexer nos negócios e botar tudo pra funcionar de novo.

Era verdade, os organizadores da festa, um casal de barbudos baixinhos e sobrevestidos que pareciam levar tudo muito a sério, passavam pelos projetores e pelos isopores de biritá falando de tempos em tempos no ouvido de um rapaz alto e sem queixo com um macacão jeans, que sempre assentia de olhos fechados com muita gravidade. Eles não bebiam, mas tiravam muitas fotos com quase todo mundo que chegava, fazendo sempre a mesma cara, que me parecia, nos dois, de uma insegurança de extensão quase infinita.

De onde eu tava não dava para ver o jogo, com as minhas costas encostadas no canto da parede onde a projeção acontecia. As pernas das duas colunas fixas, uma latinha já quente de Antártica girando devagar nas minhas mãos. O que eu via era o reflexo diminuto da projeção numa mesa circular de vidro e a reação ao que acontecia nos rostos transfixos dos marmanjos barbudos.

A outra projeção acontecia na parede à minha esquerda, distorcida por uma prateleira e pelo ângulo meio torto. Fiquei muito tempo tentando encontrar alguma espécie de ordem pra sucessão de imagens que tava rolando nesse outro projetor, mas não parecia ter nenhuma. Telas capturadas de fóruns gringos, fotos dum casamento no interior da Bahia, hentai, o acidente dos Mamonas Assassinas, eventos de celebridades de terceiro escalão, animais bonitinhos usando roupa de gente, stills de filmes do John Waters, Elke Maravilha e Ronald Golias.

Era como se alguém tivesse se esforçado em reunir imagens díspares. Aquilo me incomodava um pouco, então passei a prestar atenção no jogo, apesar de só conseguir vê-lo pelo reflexo diminuto. A conversa de Bia e Eloísa sobre um brechó quebrava sobre mim como ruído de fundo.

Depois de um tempo acabei entendendo como funcionava o joguinho, quase sem querer. Não conseguia evitar me inteirar do motivo das exultações e lamentos gritados ali na minha frente. Os dois seres controlados pelos jogadores eram alienígenas em busca de pedaços da sua nave, espalhados pela terra. Peregrinavam por uma terra surreal, com bordas por onde você podia

cair direto no vazio cósmico, com cientistas malucos e mulheres deprimidas vestidas de cenoura. Subiam de fase entrando em elevadores que apareciam do nada. Eu nunca tinha visto aquele jogo antes, mas claramente tinha um apelo nostálgico praquela galera ali. Ouvi mais de um dizer, entusiasmado, que nunca havia zerado aquele jogo na infância, mas que naquela noite eles iam zerá-lo finalmente. A melodia funkeada, hipnótica e repetitiva da trilha sonora era repetida com a boca por vários deles. Chegava a abafar a música dançante que saía de dentro da casa.

Tinha algo de patético na cena, pra mim, talvez porque videogames nunca fizeram parte da minha vida. Talvez a nostalgia alheia sempre seja constrangedora.

Bia e Eloísa foram dançar, Juliana me chamou para ir junto. Eu precisaria de mais uma duas cervejas, pelo menos.

Encostado na parede onde a outra projeção acontecia ficou por um tempo um rapaz alto de cabelo castanho em rabo-de-cavalo, queixudo, com uma mochila virada pra frente, no peito. Ele ficou uns cinco minutos apenas se oferecendo pra estampar aquelas imagens, de olho fechado, levíssimo sorriso, pleno, sem saber o que se imprimia e se distorcia nas suas roupas e pele.

Mais cedo na festa ele havia tirado fotos de praticamente todo mundo, com uma câmara de tipão profissional, com lente comprida acoplada, e mais tarde voltaria a fazer o mesmo por mais tempo. Descobri com a Bia que se chamava Damião e que algumas pessoas o chamavam, desde a escola, de “Anticristo”, por gostar quando adolescente de botar fogo em animais de todo tipo e por ter supostamente feito no banheiro do Marista um ritual satânico com um gato que ele encontrou morto no estacionamento do colégio. Hoje é um fotógrafo profissional, razoavelmente bem-sucedido, tanto jornalístico quanto de paisagens naturais, segundo seu feed.

O Fernando e o Adriano estavam na janela conversando há um tempo. Eu conseguia ver que ele tava ficando exaltado com alguma coisa, então fui tentando chegar perto pra ouvir. Até onde eu pesquei, eles discutiam os protestos recentes e aquilo que na televisão sempre chamavam de vandalismo.

— Tu vai ser anticapitalista hoje em dia? Anarquista, sei lá o que tu é. A sério, assim? É só uma postura, assim, estética, na real. Uma coisa é concordar que seja uma merda, concordar eu concordo, mas quê que tem pra botar no lugar?, Adriano falava sorrindo, irônico, segurando na esquadria da janela

e gangorrando o corpo pra cima e pra baixo, preguiçosamente, como numa paródia de exercício.

— Eu nem falei em capitalismo, você que falou.

— Ih, o Adriano já tá falando em capitalismo, é?

Bia falou isso claramente brincando, tendo ouvido só a última frase do Fernando, chegando da cozinha com uma longneck pra ela e outra pro Adriano, que ao pegar a garrafa pareceu expressar desagrado com a sua temperatura, depois de agradecer.

Fernando parecia impaciente.

— Tou falando daqui, do Brasil. Um país de gente miserável sustentando a farra de meia dúzia de bilionário, uma lei que ninguém entende e que só vale de verdade pra parte de baixo. É uma parada escrachada demais, esparrada demais. Como que tu vai dizer que alguém que quebra a vitrine de um banco tá quebrando um pacto social. Que pacto é esse? Quebrar vitrine de banco é o mínimo.

— Eu não chamei ninguém de vândalo, não finge que eu sou coxinha desse tanto, Fernando. Eu não sou um songo-mongo da GloboNews só porque sou liberal. Não fico chorando pelas vitrinas do Leblon. Eu só acho que não adianta, que só ajuda a gangar a parada toda. Só isso.

— Não dá pra ser tudo limpinho e organizado. Tou falando de revolta de verdade, Adriano.

— Uepa!, o Adriano fez, apertando os olhos e olhando pro lado, ironizando, como se a frase lhe doesse nele de tão pretensiosa.

— Se foder.

— Sua vida foi muito sofrida, né, Fernando?

— É sério, porra. Tu fica com esse teu sorrisinho aí, mas essa tua ironia é parte da merda toda. Tu pode não ser reaçã pra caralho, sei que não, mas tu tem essa mesma ironia contra qualquer mera possibilidade do mundo ser outra coisa. A mesma postura arrogante que acha que só gente muito ingênua ou idiota acredita em qualquer outra coisa além do mercado. Como se esse fosse o único jogo disponível. Não é. Nasceu ontem e pode deixar de existir. Ou melhor, vai deixar, né, mais cedo ou mais tarde. Porque tá destruindo o mundo no processo.

— E cê sabe que eu levo isso a sério, né? Não sou teu espantalho de liberal sonso. Mas e aí? O único jeito de lidar com crise climática é mexer nos incentivos, arrumar um jeito de que salvar a terra seja lucrativo. Eu não quero que o mundo seja assim, mas o mundo é assim, Fernando. Já era antes de Europeu dominar outros continentes. Já era uma concorrência, já era um bando de mônada com vontade de poder. Não é bonito, não.

— Não é, concordo. Já era cabuloso. Mas tudo acelerou e piorou muito desde que essa brincadeira começou. O capitalismo foi o maior desastre que já aconteceu nessa terra. A crise climática é a conta dessa porra.

— Ah, pronto, o capital é tudo que tá errado nesse mundo, tudo que é ruim e malvado nesse vale de lágrimas. Porque antes tava tudo ótimo. Minha nostalgia com essas porra morre assim que eu penso no meu dentista.

— Vai se foder, tu sabe que eu não sou tão ingênuo assim.

— Não sei se eu sei não, véi. De verdade. Cê parece que regrediu.

— Eu só cansei dessa merda conciliadora que finge que é natural, essa porra de esquema-pirâmide monumental do tamanho do mundo onde geral tem que ser empresário e publicitário de si mesmo, todo mundo fica ansioso metrificando o próprio valor o tempo inteiro, ninguém aguenta mais.

— Eu tou de boa, pessoalmente. O Adriano disse com um sorriso irônico, olhando pra Bia e erguendo as sobrancelhas.

— Eu concordo que o capitalismo é uma merda, que é o próprio demo, mas você não tá falando nada com nada, velho, foi mal. Tá tipo adolescente. A Bia disse, olhando pra frente e negaceando com a cabeça. O Fernando franziu o rosto, ficou sério e abaixou a cabeça um tempo.

— Se tu quer mudar alguma coisa, se organiza, ué? Tira a bunda do sofá.

A Bia deu um gole na cerveja e pareceu constrangida. Ele voltou a falar no mesmo tom.

— Isso aí que a gente tem tá aí porque foi herdado, foi importado, mas ninguém acha de verdade que funciona. E ninguém acha que convence. É isso que o vândalo tá manifestando quando quebra a vitrine do banco. Que não é aceitável.

— Não precisa ser convencido de nada, ué, só de viver em sociedade que você já aceita tacitamente. Tu é o próprio Bakuninzinho, e tudo mais, mas

tem carteira de identidade, não tem? Paga imposto em qualquer coisa que tu compra. Tem o documento do carro em dia. É o tal do contrato social, pelo que me dizem. Não precisa aceitar pra assinar embaixo. E não quer dizer que tu concorda com tudo, né, caralho. Óbvio.

— É como tu ficar xingando o Google tendo conta no e-mail deles. Ficar esbravejando do capitalismo e tal e coisa com o iPhone, aquela coisa toda que geral fala, né? O Paulinho completou, animado por contribuir com alguma coisa, ao mesmo tempo sorrindo timidamente de canto de boca sem tentar qualificar o comentário de nenhuma maneira definitiva.

— Mas a mentira é essa.

— O quê?

— Que submissão seja a mesma coisa que assentimento.

— Obediência, então, que seja. Não faz diferença.

— Se você me fala pra eu tremer e eu tremo, eu não tou te obedecendo. Eu tou só tremendo. Faz toda diferença.

A Bia interrompeu, falando alto:

— Eu concordo que o monstro é escroto, eu não nego isso, mas e aí? Alguém tem que gerir essa merda. Trabalhar com o que tem. O negócio é tu ter formas e regras pra que o monstrengo seja o menos escroto possível, que ele controle a si mesmo, que o povo ajude a controlar, participe mais, torne mais humano. Transparência ‘sas porra, sei lá. Cê tá me obrigando a virar uma porra numa professorinha aqui, a fada sensata defendendo o valor da porra da democracia liberal. Pelamor, Fernando.

Ela falou olhando pra frente, as mãos nas costas, como que desanimada, não querendo mais participar da conversa, por qualquer razão, mas sentindo que tinha uma função a desempenhar.

— E você acha que funciona?

— Que *funciona*? Cê acha que tá falando com quem, queridinho? É o melhor que se conseguiu com esse bicho escroto, egoísta e assustadiço que a gente é. Só foram começar a tentar fingir organizar essa bosta desse lugar aqui não tem nem cem anos direito, porra. Sempre foi um fazendão português zoadado com uma pá de gente pra moer e pronto, tu sabe. E tu sabe mais que eu, porra, tu sabe que podia estar pior ainda. Tem nem trinta anos essa

tentativa marromenos de democracia. Já esteve pior. Não é a melhor hora pra sair quebrando tudo, não.

— Assustadiço, falou o Paulinho, fazendo cara de impressionado.

— Nunca teve porque esse lugar dar certo, cacete. Tava tudo errado desde o começo. Sempre teve. Madeira portuguesa podre desde antes de etc.. Então podia ser ainda pior, é o que eu tou dizendo. Tá até melhorando nos últimos anos, em muita coisa. É só isso que tou falando. Esse governo é uma merda porque é *um* governo, mas é de longe o melhor que a gente já teve. E o que teve antes foi pior, mas foi menos pior que o Sarney e o Collor. Enfim. A gente tem o SUS, tem várias paradas cabulosas. Tem muita gente lá dentro pelo menos tentando mudar algumas coisas. Tu sabe muito bem. Bia arrematou com uma cara desalentada.

— Não sei se eu sei não. Tu já viu uma cadeia brasileira recentemente? disse Fernando, sorrindo e entortando a cabeça, puto, e com condescendência. Como se falasse com uma criança.

— Já, filho da puta, eu que te falo delas o tempo inteiro, e ao mesmo tempo tu sabe que se você não tem algo pelo menos próximo de direito penal aqui a galera vai e lincha ladrão e estuprador na tora, arranca o pau e dança em volta. O mundo vão vai abraçar justiça restaurativa e legalizar as drogas e acabar com prisão amanhã, Fernando. Não vai. Não é simples. Nada é simples, caralho.

Fernando só respondeu bufando com descrença, negando e olhando em volta. Não queria encará-la.

— Isso é real. Tu não viu o juiz que esquartejaram por nada outro dia? No interior, Brasil profundo. De futebol, tipo, não de verdade. O que é cem vezes pior, né?

Adriano disse, olhando pra Bia um pouco incomodado. Ela nem percebeu.

— Se fosse juiz de verdade tava quase de boa. Dependendo do contexto, disse Paulinho, bem baixo.

— E *infelizmente*, viu, tu quebrar vitrine com um bando de adolescente skatista pra se sentir foda e chamar atenção, zoar com a galera e fazer teu cosplay de radical só vai dar mais argumento pros fascistas filha da puta que quer mais é ver preto apanhar da polícia e ser encaixotado, quer mais é ver movimento social tratado igual terrorista.

A voz da Bia levantou, ela gesticulava de um jeito muito decidido. Fernando é que tava criando a situação, mas ela tinha escalado, agora. Essa discussão não devia ser de hoje. A intensidade entre os dois era outra coisa. O Adriano parecia que nem tava mais na conversa. Eu nunca tinha visto ela olhar pro Fernando daquele jeito.

O Fernando pareceu prestes a dizer mais alguma outra coisa, duas ou três vezes, mas acabou desistindo e indo pra cozinha. Na próxima vez que eu o vi, tava com o braço encadeado com um gordinho de black power e riso falso, que até onde eu sei ele odeia, os dois mandando uma dose de cachaça ao mesmo tempo com duas minas novinhas e hiper maquiadas gritando em volta.

Eu já tinha visto ele se alterar em discussões antes, mas geralmente com um domínio maior do que tava falando. Ele hoje parecia incontrolado, querendo discordar e se gastar de todo jeito. E tem também que ficava checando o celular de cinco em cinco minutos, o que tampouco lhe era característico.

— A galera hoje tá séria, hein, putsgrila? Paulinho chegou falando, sorrindo.

— O Fernando que tá de merda, o Adriano disse, a Bia olhando pra ele enfezada sem concordar nem discordar.

Eu já tava na quarta cerveja, percebi que desci uma latinha rapidinho durante a discussão. Juliana chamou para dançar Daniela Mercury. Ela e Eloísa já tinham chegado bêbadas de algum lugar. Eu até consegui me soltar mais que o normal, deixei a batida me levar um pouco. Mas logo me dei conta do ridículo e achei que era melhor tomar uma água. Alguma coisa já me avisava, quase, que aquela não era uma noite para se perder o controle. Era uma noite na qual eu devia prestar atenção.

Sem ter o que fazer por alguns minutos acabei checando no celular os blogs lá da história, no banheiro. E qual foi minha surpresa de ver que tinha coisa nova nos dois. Um deles era curto, mas no cabuloso havia dois posts enormes. Fiquei lá dentro sentado no vaso um tempo, minha vista já trêmula dificultando a leitura.

“CABULOSO PARTE 8

Paraíba Blade chega num hotel perto do vilarejo chamado Eurásia City, preenchido em partes iguais por russos e goianos. É perto da

Grande BH, naquele momento território de um conglomerado de torcidas do Atlético Mineiro. O lugar ganhou uma notoriedade nas últimas semanas desde que um grupo da Galoucura –sWorDS Of ObLI-viON conseguiu, pelo que Gustavinho tinha lido num blog, “se asse-nhorar de forma violenta e absoluta da área usando apenas espadas e uma tática inovadora de combate que se utiliza das possibilidades de organização por rádio.”

Gustavinho queria saber onde encontrar esses caras, testar suas forças com eles. Paraíba Blade ficou em cima do prédio do hotel, onde ele chegou com o salto ridiculamente alto possibilitado por suas botas especiais que ele retirou do corpo de um Saltador da Nuvem. Não encontrou ninguém.

Pegou a moto que havia comprado recentemente e pegou, olhando pra ver se algum lagartão de fogo ou caminhoneiro marrento aparecia no meio da rua, fazendo o possível para desviar dos buracos (uma piada freqüente entre os jogadores brasileiros era de que um dos maiores pecados da verossimilhança do jogo era que o Brasil pós-apocalíptico ali parecia ter menos buracos na estrada do que o Brasil real contemporâneo). Foi tomado de surpresa, no entanto, por uma terceira coisa inesperada, um vulto escuro na estrada que ele demorou para notar e no qual ele bateu, o seu avatar voando longe, que o fez saltar por um instante em carne e osso e quase derrubar o copo de guaraná light que estava ali do lado do monitor. Estava muito escuro, então ele abriu o inventário e ligou a sua visão noturna, um upgrade que tinha roubado do corpo de um gaúcho neuromante uns dias atrás.

O bichão era enorme, com vários braços e pernas, pelo menos três cabeças. A maior, central, parecia felina. O bicho rugia e se agitava freneticamente. Gustavinho se assustou. Morrer no jogo era um saco. Você só podia renascer cinco minutos depois e todos os itens carregados pelo seu avatar ficavam lá no seu corpo por mais ou menos duas horas. O negócio era encontrá-los antes de algum saqueador maldito.

Aquela não sendo exatamente a realidade, Gustavinho não conseguia ver sentido em jogar com cautela, gostava de agir de forma impulsiva e imediatista, gostava um pouco, inclusive, de quando o seu avatar morria, de ver aquele boneco agitado caído num penhasco, contrito pelas peças de um compactador de lixo, derretido pela água tóxica,

arremessado pelo ar por uma explosão de gás.

Mas ele estava usando a sua bota saltadora no momento e não queria perdê-la. O ideal seria tentar evitar o confronto, mas ele não sabia se isso seria possível a essa altura. Acabou pulando em direção ao bicho num impulso imediato, sem saber o que fazer, retirando sua peixeira de luz do bolso.

Logo que ele chega perto o monstro parece brilhar de várias cores e revelar ter partes biônicas escondidas, o que assusta Gustavinho e faz com que ele aperte qualquer coisa no teclado, uma sucessão de toques destrambelhados que, sabe-se lá como, resultam numa descarga elétrica saindo das mãos do seu avatar, em seguida sua moto e o monstro se desmontam em inúmeras peças, imediatamente projetadas com violência, numa espiral que brilha com uma intensidade enorme, amarela, e logo some.

Que porra tinha acontecido? Ele nunca tinha visto aquilo antes no jogo, nunca tinha visto nada reagir daquela forma. Até os gráficos pareceram diferentes do normal. Tudo que tinha sobrado era a cabeça maior do bichão, ali num canto, e Gustavinho viu que ela estava toda enfiada de estruturas metálicas, pedaços disformes de sua moto protrusos ao longo de sua bochecha e olhos. Ele tinha feito aquilo?

Apenas depois de conseguir chegar numa cidade e alugar um quarto de hotel para dormir e recuperar a sua barrinha vermelha de saúde é que lhe ocorreu. Que talvez seu avatar fosse o Escolhido.

34.

“12.01.03

O final de 2001 foi a melhor época da minha vida. Foi nessa época que a gente filmava altas paradas, lá em Belém, na casa do Dennis, aquela porra enorme, da época da borracha, tão bonita e tão zoada que tava. Por dentro paredes dum verde-claro desmaiado que já havia sido vívido, sofás luxuosos encardidos, rombos brotando do estofado. Uma decoração tropical exuberante, toda colorida, comprada pela avó de Dennis dos anos vinte aos quarenta, uma irlandesa rica fascinada com o lugar exótico para onde seu marido a havia levado. Um fausto de gosto duvidoso hoje todo quebrado, encardido de poeira. Cortinas pesadas demais para o clima estavam enroladas nos cantos há décadas. Infiltrações bolhudas no teto, chão de taco todo desdentado.

A mãe doida do Dennis, Saoirse, gritava o dia todo em inglês com Lady, a criada indígena, que morava com ela desde sempre nos andares de cima, as duas cantando música religiosa o dia todo, uma penteando a outra, os cabelos compridíssimos das duas. Uma relação muito estranha. Dennis não gostava de falar sobre. Em tipo metade dos planos de tudo que a gente filmou dá pra ouvir abafado pelo menos uma das duas cantando baixinho.

O Renato estrelava quase tudo. A princípio eram só uns esquetes assim desses mais óbvios, sátira de comercial tipo Polishop assim, de novela, as parada mais besta. Mas aí o Renato sempre exagerava tanto as coisas, que virava outra besteira, e logo começava a gritar mais fino e esganiçar e dançar e rapidinho não se entendia nada que ele tava falando. A gente zoou ele uma vez por causa disso, mas ele ficou muito, muito sentido, que até ela e o Dennis, que zoavam todo mundo de forma muito irrestrita o tempo todo, ficaram meio sem jeito.

Ela era a única que nunca, nunca, em hipótese nenhuma, saía de trás da câmera. Até o Dennis aceitava atuar, embora sempre com falas curtas e simples.

A gente filmou primeiro O DIVINO COMÉDIA, uma adaptação da divina comédia em quinze minutos, onde o Renato é conduzido por mim vestido de onça de duas cabeças (uma máscara do Dante e uma má-

cara do Mano Brown) pelos círculos do inferno em Belém. Enquanto toca trechos das músicas mais marcantes de Sobrevivendo no Inferno, a gente filma Renato olhando dum jeito compungido os entornos do Complexo Penitenciário Santa Izabel. A gente filmou também várias adaptações de clipes do Bowie, do Klaus Nomi, da Grace Jones, tudo estrelado pelo Renato e com os efeitos práticos mais toscos que cê pode imaginar, geralmente inventados pela Eva e o Renato juntos.

Mas o vídeo que eu mais gostei que eu lembro era um que começava com o Renato de terno numa mesa falando numa voz toda sedosa, assim, de anunciante sedutor com a dona-de-casa, se você tinha tal e tal problema, se você era feio e desdentado... Não lembro direito como que era, mas o texto era ótimo, e o Renato ainda improvisou ali na hora, botou ali muito mais do que a Eva tinha escrito. De início ela ficou puta, fez uma cara indignada quando notou ele mudando, mas foi deixando e viu que tava bom. Ele começava a falar que ia solucionar todos os problemas das pessoa-brasileira, e o Renato falava esse termo em especial dum jeito ultrajado e escandaloso que não fazia nenhum sentido e que era maravilhoso, começava a enumerar os 'apenas doze passos' do seu programa, OS TRABALHOS, como ele chamava também. *Doze passos para uma ecologia da mente*, era isso, esse era o nome do vídeo. Que ele pegou do título duma xerox que eu tava lendo na época. Mas não tinha nada a ver com nada. Eu contando não tem graça, né, tou vendo, mas o bom é que ele ficava falando isso numa fala toda contínua, mas mudando sempre de locação, o Renato sempre olhando pra câmera do mesmo jeito e falando como se nada tivesse acontecendo (como se ele não tivesse numa lanchonete e depois num estacionamento e depois dentro de um carro em movimento e depois dentro de um supermercado e depois dentro duma banheira só de cueca de luz apagada segurando uma vela).

Foi a época mais feliz da minha vida, de longe. Depois de anos numa casa abafada com uma senhora ansiosa e confusa que se dizia a minha mãe, anos vivendo num mundo inteiramente definido e filtrado pela Bíblia King James e alguns seriados selecionados. E a ansiedade daquela mulher, coitada. Mais nada. De repente o mundo se abriu, e não parou de se abrir, foi se desfolhando em camadas e camadas, como uma cebola que não terminasse nunca.

Eu chegava a ficar suspeito daquilo, daquela alegria solta, daquela aliança estranha que a gente tinha montado ali. A culpa começava a se espreitar igual um predador paciente e implacável. O Dennis e o Renato faziam da gente uma família, cozinhavam janta pra gente quase todo dia, churrasco no domingo (que só eu não comia). O arranjo vinha de todo mundo junto, mas era ela que me deixava em êxtase absoluto, mesmo, todo dia. Geralmente duas vezes por dia. De manhã e de noite. Transar com ela era a coisa mais maravilhosa que qualquer pessoa já experimentou, eu nem conseguia (ainda não consigo) imaginar sexo com qualquer outra pessoa. Se eu não tivesse tanta vergonha eu tentaria contar um pouco. Mas eu tenho.

A gente se entendia em absolutamente tudo de uma maneira que seria quase literalmente surreal não tivesse a explicação genética óbvia sempre pairando (e sempre invocada por ela, nunca por mim).

A principal diferença entre a gente era a raiva que ela tinha do mundo. Não que eu fosse uma pessoa hiper tranquila e compreensiva, sou desgraçado como qualquer um, mas acabou que eu fui me tornando meio deliberadamente mais caridoso com a ruindade média, sei lá, só pra equilibrar isso um pouco. Ela vivia chamando atenção pra esse fato, meio que orgulhosa e aos poucos a gangorra foi se firmando nesse sentido.

(A gangorra de nós dois, eu digo).

O que era cansativo pra cacete, né? Não tinha como não ser. Pra mim, pelo menos. Ela dizia altas vezes que eu era a única pessoa que tornava inteligível pra ela o valor da vida humana. Que se não fosse eu ela já teria ido morar só com bicho ou explodido uns negócios há muito tempo atrás.

Eu lembro de encontrá-la treinando discurso de supervilão quando não tinha nem quinze anos, andando dum lado pro outro com os braços cruzados nas costas ou cofiando as pontas de um bigode inexistente. Eu fiquei olhando rindo um tempão até fazer o barulho o bastante pra ela notar (o que demorou).

Nessa mesma época, em que a gente não transava ainda, eu tinha aquela obsessão de botar fogo em folha seca com isqueiro, à noite. Juntar umas 20 e queimá-las todas devagarinho. Eu achava fogo uma

coisa tão bonita, ainda acho, né, mas ainda moleque assim eu ficava quase em transe olhando praquilo, como parecia vivo, consumindo tudo, aquelas línguas todas. Pentecostes. Eu gosto do jeito que a chama parece se erguer, assim, parece que tá apontando pro céu igual um imã pro norte. Torre de transmissão. Fogo voltando pro fogo.

Isso tudo foi antes. Essa alegria. O que a gente fez tinha um preço. Tinha que ter. E veio logo. Pra ela, não pra mim. O que ficou pra mim foi a violência imaginada. E a certeza de que era castigo. Eu deixei de acreditar num Deus amoroso, voltei a acreditar só no Deus vingativo e ciumento. Pra esse Deus era fácil encontrar as evidências.

Voltei a morar com minha mãe, apesar de tudo. Não só pela falta de opção, e por achar que era preciso manter distância da minha irmã, mas porque sinto que devo algum tipo de devoção filial a essa pessoa. Estou tentando fazê-la esvaziar o apartamento das caixas e caixas de coisas inúteis, mas não está fácil.

O tesão continua uma ferida aberta, pulsando enquanto queima. Ela ganhou a discussão da pior maneira possível. O ranço que ela tinha desse país e do mundo todo foi como que justificado. Restou esse gosto ruim.

Isso tudo passa, sim. Esse ódio, esse rancor todo. A obsessão estreita da dor se repetindo num mesmo labirinto, mesmo matadouro, mesma quina, mesmo carrasco, mesmo desespero de 8 bits. Isso tudo passa, cedo ou tarde. Como uma jamanta passa. Por você.”

—

Quando saí do banheiro, havia uma loira linda me olhando com raiva pela demora, percebi que geral tinha vazado. Desci com pressa, pegando um elevador cuja porta já estava fechando, com dois amigos da Juliana que interromperam uma conversa assim que entrei, sorrisos mal segurados nas bocas. Encontrei Eloísa perto do carro, ainda nos pilotis, olhando o celular com a cara meio irritada.

— Tão indo?

— A gente tá indo, é.

— Mas vocês vão pra algum lugar ainda? Vão comer alguma coisa? Ou é

tchause já?

— Ah, acho que não. Acho que casa mesmo.

O Fernando apareceu de trás de um carro, terminando uma dancinha e rindo de alguma coisa que havia acabado de ouvir no telefone. Todos seus gestos estavam levemente arrastados, derrapando um pouco nos contornos.

— Vamo que vamo. Geral já tá indo.

— Indo pra onde?

— Lá pra sua casa, ué.

— Como ué? Quem vai lá pra casa?

— Ué, a Juliana os amigo lá dela. Acho que a Bia. Talvez o Playsson. Falei contigo ué.

— Sério? Falou nada.

Eu não consegui dizer com certeza se a Eloísa realmente não sabia ou se tava apenas tentando acobertar a despistada que ela tinha tentado me dar. Feliz ela não tava. Fiquei fazendo a minha melhor cara de tacho, olhando pros dois com olhos de cachorro.

35.

Os carros chegaram quase ao mesmo tempo e o povo logo se reuniu na frente da portaria. Um bloco residencial da quatrocentos e cinco Sul. A Eloísa não estava minimamente na disposição de fingir que estava bem-humorada, os braços cruzados no elevador enquanto subíamos apertados para o apartamento, Fernando cantando Marina Lima numa intensidade meio incongruente. Quando entramos, a luz acendendo, todo mundo sentiu o constrangimento do ânimo de festa mal revertido ali para aquele novo ambiente, uma casa normal, ainda sem música, sem nada. Eloísa murmurou alguma coisa inaudível e foi entrando pra cozinha. Eu, Juliana e dois amigos dela nos sentamos nos dois sofás.

Fernando fez um sorriso apologético e foi entrando na cozinha também, fazendo com as mãos que a gente esperasse. Os dois amigos da Juliana continuaram reclamando de Brasília como estavam fazendo, de forma intermitente, desde lá embaixo. A Juliana fazia uma defesa desanimada e pouco convicta da cidade, dizendo que achava ela bonita, que gostava dos prédios modernistas, das árvores. Com o Fernando voltando, ela dirigiu a conversa a ele:

— Você gosta daqui, não gosta, Fernando?

— Eu nasci aqui, né? Daí tem todo um negócio de carinho automático. Mas isto aqui é uma bosta.

— Oxe, eu lembro de você defendendo pacas pro Adriano. Falando que era cem vezes mais original que Washington.

— O que eu acho bom de Brasília é que ela nem finge que tentou ser uma cidade, como algumas cidades brasileiras meio que já fingiram, um tempo atrás. Pelo menos fica bem claro, aqui.

— Como assim?

— Desde sempre Brasília deixou claro que era pra ser condomínio de gente rica, uma bolha de irrealidade pra administração pública nem ter que passar perto de pobre, sentir nem o cheiro. Cê imagina que construíram do dia pra noite essa porra toda sem nem parar pra pensar o que iam fazer com a cangalhada de gente que veio pra cá mover a terra e levantar as paredes, e que inclusive morria de bando na construção, né? Tá cheio de vala coletiva

de candango nos arredores da Esplanada, aliás, sabia? Pior que construir em cima de cemitério indígena, fizeram o cemitério enquanto construía já, imagina o naípe das maldições que não tem sobre esse lugar.

O Fernando dizia isso sorrindo, com o tom simpático costumeiro dele. Mas parecia ter um ódio desmedido por trás, muito mal contido. Os dentes correndo uns contra os outros quando tava calado, gastando em gatura, as pontas dos dedos suados se esfregando.

— Credo, Fernando, deixa de ser besta. Sempre te vi elogiando Brasília.

— Eu gostava daqui, e carinho eu ainda tenho, mas não dá pra não odiar uma cidade asséptica e feita pra carro que nem essa bosta aqui.

— Isso é real.

Eu concordei baixinho, acho que ninguém nem ouviu.

— Essa cidade parece que reúne tudo que há de mais retardado a respeito da elite brasileira, sabe? A elite mais ignorante e escrota do mundo inteiro. Podiam é explodir ela logo que não se perdia muita coisa, não. Guardava uns dois ou três prédios, tirava umas fotos que tava de boa.

— Nossa, mas tu tá idiota hoje, hein, meu cacete.

A Juliana estava estranhando muito o jeito dele, tinha a cara franzida e perplexa. Os amigos da Juliana, cujos incômodos com Brasília envolviam mais a quantidade de shows internacionais das bandinhas que gostavam e o preço de apartamentos no Plano Piloto (a possibilidade de morarem em outros lugares sendo, aparentemente, anátema, qualquer coisa além do Sudoeste mal registrando como inteligível), cochichavam um com outro alguma coisa. Talvez fizessem graça da revolta toda que o Fernando parecia que não conseguia conter e que de fato era meio infantil (ainda que no jeito mais do que no conteúdo, talvez).

Foi quando tocou a campainha, o Fernando levantando de uma vez pra atender, como se já a esperasse. Era a Beatriz, que tava sem o Adriano e com uma cara irritada difícil de se julgar. Deu um ‘oi’ geral e entrou pra cozinha, de onde a Eloísa ainda não tinha saído. Uns poucos segundos depois apareceu com umas cervejas, copos e um tubo de Pringles aberto em leque num prato. Foi recebida efusivamente:

—Ae, Pringles. Essa Eloísa é sinistra demais.

—Rainha do universo.

—Melhor anfitriã.

Eloísa não reagiu, voltou pra cozinha. Beatriz saiu, continuava irritada. Dava toda a impressão de que eu e os amigos da Juliana estaríamos empatando alguma conversa seríssima que ela queria ter com o Fernando, que estava no momento mexendo no celular, apoiado na janela, metendo a cabeça um pouco pra fora. Ela chegou pra perto dele e falou alguma coisa baixinha.

— Chur-rasco bom, chimarrão, fandango, trago e mu-lher, é is-to que o ve-lho gos-ta, é isto que o ve-lho quer.

Os dois amigos idiotas da Juliana entraram num loop gargalhado de lembrar propagandas antigas e declamá-las com toda a solenidade possível. Eu tentava sacar minimamente o contexto da conversa ali no canto da sala. Até que o Fernando pareceu estourar com alguma coisa, de novo, sem que eu conseguisse ouvir o que eles falavam e a Beatriz tomou o celular da mão dele e voltou pra dentro.

— Sentiu firmeza? Demacol.

O Fernando ficou apoiado na janela, ainda olhando pra quadra lá fora quieta, árvores e carros, fumando um cigarro que ele pegou de um dos amigos da Juliana, sendo que ele nem fumava. Eu decido ir ao banheiro pra gastar a ansiedade e ler um pouco mais dos posts novos.

//

“07/07/2014

Renato estava nervoso. Deitou-se na máquina, sentiu de novo o frio metálico no pescoço e na nuca, o sentimento esquisito da corrente começando a passar por sua medula. Fechou os olhos e tava esperando alguma imagem aparecer, a sensação do seu próprio corpo naquela cadeira enfraquecer como numa versão mais intensa do sono, mas antes aparece uma voz.

A terra alombada em formigueiro, cupinzeiro, protuberâncias que desequilibram a monotonia do planalto e do cerrado. Uma floresta negativa, ou ao contrário, as raízes profundas debaixo da terra. As pedras cortadas como se por lâminas pacientes, seccionadas com exatidão

preguiçosa. Cheiro de mata de galeria. A pedra perto da queda d'água e suas rugosidades macias ao toque. A terra velha demorando nos seus nomes velhos.

Tá sentindo?

É tu, diaba? Vai se foder. Como que tu tá fazendo isso teu porra? Saaa-ai da minha cabeça.

Deixa eu falar. Calma, Laurivan. **Deixa eu falar.** É muito importante que você faça sua parte hoje.

Quem disse que eu não vou fazer, porra?

Eu ouvi umas dúvidas aparecendo na tua cabeça.

Você ouviu? Como assim? Vai tomar no cu, tu tá lendo minha cabeça agora?

Eu sei que você lembra daqueles papos nossos. Da gente falando com raiva de como no Brasil o povo nunca derrubou nada, nunca cortou cabeça de nobre ou de burguês, nunca botou medo de verdade no cu dos governantes. Que toda mudança aqui foi sempre dança das cadeiras de uma mesma elite portuguesa escrota botando a mesma gente pra moer nos moinhos. E pronto.

E de tu falando que já tinha passado a hora de começar. Claro que lembro.

E tu ficava assustado, não ficava? Se benzia, até. Eu lembro. Eu tou fazendo isso pro teu bem. Pra te proteger. Sério.

Quê que isso tem a ver com qualquer coisa, caralho, quê que tu vai fazer hoje, diaba?

Eu sabia que tu ia tentar me impedir. Esse teu carinho ridículo pela seleção.

E esse tanto de gente que tu matou, teu babaca. É por causa do teu irmão, isso? Isso foi o quê? É vingança? É ritual? É site?

Quê que cê tá falando? Quem que tu acha que eu matei?

Não sei, só sei que você mente pra mim, tá me escondendo. Tinha alguma coisa escondida na casa da Tamires. Não tinha? Fala pra mim. Quê que aconteceu com o Gustavo, afinal? Tu quer ser o Magneto? Tu

não tem mais idade pra essas molecagens. Não era pra ter dado tanta merda, Eva, não era mesmo.

Não me chama assim, Laurivan.

Olha quem fala, né, porra. OLHA QUEM FALA. Tome jeito, criatura. Eu tenho que falar acotovelado agora, do-la-si, vai, cêachaqueeu não sabia que tu ia um dia me aprontar uma dessa? Desde que tu botou essa merdanaminhaca que eu ando resabiado, tavas óesperandoso. Se eu paro tu vai e pan — Mas minhacabeça não é mole, não, Carlos ALBERTO

CALMA, VOCÊ NÃO TÁ ENTENDENDO, R-

A imagem vem para Renato, o que quer dizer que vem para os dois. Uma tarde numa lanchonete em Belém do Pará, toda invadida de luz, três moleques há mais de dez anos atrás. Final de 2001, a queda das torres ainda passando o tempo todo na TV. Um deles um marmanjo latino maltratado com mullets gloriosos, sol batendo na metade de baixo do corpo, os três falando muita merda por muito tempo, lombrando indefinidamente numa mesma cinco, seis imagens absurdas e repetidas com muita convicção, principalmente pela mais esperta dos três, de longe, que se cagava de rir, com aquela dicção péssima que tinha naquela época, NUNCA TERAS O REINO DAS MAIS SINISTRAS CABULÂNCIAS O SENHOR DOUTOR, e seguindo as instruções deixadas no POPOL VUH, tudo será corrigido com seu tempo em rituais psicomágicos a serem administrados em REDE NACIONAL por todas as TECNOLOGIAS DO COMPLEXO MILITAR e todas as FORMAS MUDIÁTICAS DEVIDAS DO SEU TEMPO, cês nem se liguem não pra cês verem, seus bosta, as própria MASA e os MUNE enfiados na GOELA da máquina de MAMÃO, e cavucada, cavucada, cavucada, que o sangue há-de-vai até a JUNTA GROSSA.

Cê acha que eu não lembro? Quê que você quer fazer, porra? Você só vai piorar tudo desse jeito, criatura. Não é assim. Vamo com calma. Eu vou te impedir com minhas próprias mãos.

Renato pega o papel alumínio que havia deixado ali do lado. Cobre sua nuca com ele.”

//

Eu volto do banheiro com a cabeça perturbada. Não entendi porra nenhuma do post, comecei a achar que talvez o Fernando tivesse pirando. Assim que eu volto pro sofá a Juliana me puxa:

— Eu tou com uma mania agora que tá quase me deixando louca já, sério.

— O quê?

— Você sabe como eu sou ansiosa, né, vivo achando que faço as coisas de um jeito esquisito, que tou falando errado, que as pessoas me odeiam, tal e tal.

— Sim.

— Pois é, agora eu tou com uma mania muito louca de imaginar a coisa mais constrangedora e horrível que eu poderia fazer naquela situação. Não são coisas que eu queira fazer de jeito nenhum, assim, eu só imagino algo horrível e começo a ficar ansiosa achando que eu vou meio que acabar fazendo aquilo. Só porque sim, por nada. Outro dia eu tava num almoço de família e comecei a imaginar como seria se eu do nada falasse pro meu tio, ‘Nossa, tio, você tá muito gostoso hein, tira essa pica pra fora pra gente ver’. Eu não queria falar isso, tinha zero vontade de falar, nenhum motivo pra falar, o meu tio é a pessoa menos gostosa do mundo e ainda é o meu tio, mas eu começo a ficar ansiosa achando que pronto, que aquilo com certeza vai sair da minha boca.

— E você tá achando que vai falar alguma coisa agora?

— Pois é, tou, começou com uma ansiedadezinha de nada e agora tá meio borbulhando, crescendo, tá ligada.

— Anram.

— Que nem um suflê.

— Mas falar tipo o quê? O que você falaria?

— Ah, não sei. Mas falar uma coisa horrível, sabe? Uma coisa que eu sei que seria horrível de se trazer à tona e que eu falaria exatamente porque eu sei que seria horrível.

— Então, mas tipo o quê, ué? O que seria, nesse caso?

— Ah, alguma coisa absurda.

Eu pensei em sugerir duas. Mas a presença dos amigos dela do lado me

impediu.

— Você acha que o Fernando e a Elô entraram pra brigar?

— Claro que sim.

Dessa vez, só a Eloísa voltou de dentro do apartamento, recomposta e fria, com um sorriso que não era, de fato, um sorriso (quer dizer, ela puxava os músculos apropriados todos necessários para a confecção de um sorriso, mas havia uma outra coisa por trás, um outro demônio qualquer). Quando alguém perguntou uns quinze minutos depois onde tava o Fernando, ela disse que ele tava passando meio mal e tinha ido dormir.

Das seis pessoas na sala, acho que só eu além das duas notava exatamente a tensão que estava depositada ali, o denso emaranhado sugerido. Eu não sabia o que elas sabiam e nem o quanto elas sabiam que eu sabia. Os amigos da Juliana riam pra caramba, retiravam não sei de onde mais doses de vodka e de cachaça.

Bem nessa hora eu olhei no meu celular, abrindo a minha sucessão sempre automática de email e redes sociais, vendo o que tinha sido adicionado nos últimos vinte minutos. E vi que tinha uma publicação do Fernando, o que eu achei engraçado. Tinha postado uma música daquela banda Neutral Milk Hotel (que eles *amavam* e cuja graça nunca entendi) e colocado como comentário da publicação *And to take on the world at all angles / Requires a strength I can't use* (que eu rapidamente pesquisei e confirmei que era parte de letra da música postada, que eu não conhecia).

Como sempre, fiquei pensando se aquilo podia ser interpretado de alguma maneira fértil, mas só uns vinte por cento da minha atenção estava devotada a isso. Quase imediatamente uma tia engraçada do Fernando que vivia postando coisas no mural dele perguntou o que significava aqueles versos, disse que tinha muita saudades dele e que aquela música era muito esquisita (cada oração exclamada e em caixa alta).

Um amigo carioca do Fernando respondeu embaixo também logo depois que os versos significavam “Tomar o mundo todo de uma vez requer uma força que eu não tenho”. Eu achei aquela uma tradução ruinzinha e fiquei pensando em alternativas, embora nem considerasse publicá-las.

Uma porção nada desprezível (mas na real bem muito desprezível, rá) da minha vida é gasta assim, em imaginar respostas que eu nunca pretendo pu-

blicar pra postagens alheias. Julgando a inflexão exata que eu usaria, a pose.

Logo depois ele publicou mais uma coisa. Abrindo rapidinho na tela minúscula do celular, eu julguei que parecia ser a parte seguinte da história. Vários músculos espalhados do meu corpo retesaram sem querer e eu só queria ir pra algum canto ler aquilo, terminar a história e ver se ela me dava alguma coisa.

“CABULOSO – Parte 9

O poder de Paraíba Blade avatar havia se tornado exagerado nos últimos dias, pequenos efeitos o começaram a diferenciar dos outros jogadores. Seu avatar quase sempre levitava com uma aura de força em volta do seu corpo, o seu cabelo explodido pra cima e a sua capa drapejando violentamente a todo momento, como um deus grego ou um super Saiyajin. Ele podia sentir o respeito dos outros jogadores quando ele chegava em algum canto. Já se murmurava que ele talvez fosse o escolhido.

A fama de Paraíba Blade o precedia em todo lugar que ele chegava, todos já tinham ouvido falar de algum incidente específico, visto o vídeo de alguns dos combates épicos mais recentes (da vez que ele conseguiu absorver a energia de um pulso-adejante de uma cidade-ambulante chinesa e usá-lo para destruir um exército de Olifantes, a vez em que ele montou num Dragão japonês e o levou até os buracos abandonados do metrô de Salvador para destruir o monstro de lixo que estava se formando com os dejetos e as sobras do esgoto da cidade.

Gustavinho começou a notar a presença reiterada de um avatar esquisito pairando sempre por perto. Sem empunhar nenhuma arma, usando trajes vermelhos que poderiam ser descritos como de um monge ou sacerdote de algum tipo, negro com cabelo e barba brancos. Ele sempre some assim que Gustavinho nota a sua presença.

Paraíba Blade está, no momento, em Ribeirópolis, uma cidade dessas compradas prontas da China. Segundo corria a explicação interna do jogo, algum consórcio de interesses econômicos compravam esses templates e então uma série de contêineres eram jogados de aviões de carga, contêineres que assim que caem no chão já se montam imedia-

tamente, uma nuvem de nanoestruturas que ia em segundos de uma tempestade de gafanhotos de peças e encaixes até uma cidade para algumas dezenas de habitantes. Esgoto, prédios, sistema elétrico, internet de alta velocidade e prédios genéricos que podiam virar apartamentos, laboratórios ou shoppings. Gustavinho já havia lido uma longa reportagem publicada dentro de uma revista interna do jogo, o tom da reportagem sendo tão excessivamente otimista que Gustavinho se sentiu convidado a supor que era uma peça de publicidade mal escondida. Era bem do senso de humor do CABOL (que para Gustavinho há algum tempo que não era mais o seu, claramente, mas o de Evandro). E o padrão das cidades se repetiam várias vezes, variando apenas ao inverter de lado, como reflexos num espelho.

Nos últimos meses havia crescido muito no jogo esse lado menos violento e agitado, mais voltado para criação de cidades, a manutenção da aparência dos avatares, que podiam comprar e trocar roupas e adereços de todo tipo e o desenvolvimento de uma vida social intensa. Muitos jogadores, quase já um quinto, sequer saíam mais muito das áreas urbanas e pareciam tratar o CABOL como uma rede social.

Gustavinho ainda não havia conversado com ninguém a respeito da possibilidade dele ser o escolhido. Aquilo tudo era muito estranho, ele chegava a pensar que talvez algum tipo de erro pudesse ter ocorrido na seleção e ficava vermelho de constrangimento só de pensar na reação da comunidade ao descobrir que um dos criadores do jogo havia ganho a honra. Só Evandro e Renatinha, até onde ele sabe, sabiam que ele jogava como Paraíba Blade e eles não tinham falado nada ainda. Todo mundo gritaria marmelada e seria difícil convencê-los do contrário. Mas como diabos explicar o que o seu avatar andava fazendo? Certo que não era por habilidade sua, ele era um jogador competente, no máximo.

Gustavinho acordou na sua sala na Synopticon de sobressalto. Olhou no celular e viu que eram já dez e meia da noite. Que dia que era? Sexta? Final de junho. Seu computador tava logado no jogo, na tela cinzenta que aparece depois de algum tempo de inatividade. Ele desligou o computador, tirou remelas do olho e limpou a baba no canto da boca.

Quando saiu da sala viu que as luzes tavam quase todas apagadas. Só

uma duas ou três baias emitiam as cores pálidas dos monitores. Gustavinho foi bocejando na direção da saída quando viu Renatinha, Mateus e mais um moleque cujo nome ele não lembrava numa das salas de reunião, no escuro, olhando juntos para um laptop. Quando os três o viram pareceram se assustar, como se tivessem sido pegos fazendo algo errado. Ele sorriu de uma maneira inofensiva.

— E aí, galera, tão planejando um assalto a banco aí?

Todos se assustaram. Nenhum deles sorriu, exceto Renatinha.

(*)

— Você nunca sentiu nada esquisito com o Evandro, não?

Assim que ela fez essa pergunta Mateus e o outro moleque olharam pra ela alarmados.

— A gente pode confiar nele, gente. Sério.

Os dois não olharam diretamente pra ela, nem pro Gustavinho.

— A gente só tá preocupado com algumas coisas. Cê sabe que eu adoro o Evandro. Adoro não.

— Idolatra, né? Ama, Mateus completou, claramente irritado.

— Não é isso, eu só respeito ele, ué. Olha o que o cara consegue fazer com a idade dele.

— Usando a gente de boi de carga, né?

— Ele trabalha muito mais que a gente, Mateus. E te paga direitinho. A questão não é essa.

— A questão é que ele mente. Além de ser um babaca arrogante.

Foi o outro garoto que falou isso, o mais tímido dos três. Baixinho, de sobrelhas grossas, cabeludo, mãos nervosas amassando um copo plástico já todo esbagaçado. Não olhava diretamente pra ninguém ao falar.

— Mente como?, Gustavinho perguntou.

— Bicho, eu não sei nem por onde começar. É tudo muito esquisito.

Mateus foi quem disse isso, mas parecia sem nenhuma disposição de começar a falar.

— Agora desembucha, né, criatura.

— O investidor anjo que ele arranjou pra gente, por exemplo, quando a gente tava começando ainda, antes dos canadenses, antes dos *crowdfunding*. O cara que bancou quase tudo no início. O cara não existe.

— Como não existe?

— A gente falou com ele só por Skype, nunca veio aqui. Um cara que podia ter tanto quarenta quanto sessenta anos, que falava espanhol com um sotaque esquisito pra caralho, parecia portunhol muito do sem-vergonha. Falou que tinha dinheiro de minério, da família dele e que acreditava na gente. Botou quase trezentos pau num jogo desconhecido duma empresa desconhecida? Brasileira, ainda por cima? Depois fui tentar achar algum sinal da existência desse bicho e necas. Necorecas. Porra nenhuma.

Gustavinho teve dificuldade de não rir com esse “necorecas”, dito da maneira grave com que foi dito. Mas aquilo tudo de fato era esquisito, se fosse verdade.

Gustavinho continuou manipulando as cordas do capuz de seu agasalho.

— É, sei lá.

— E por que que a porra do Evandro nunca fala nada dele mesmo? Por que que a gente não sabe nem onde ele cresceu?, Mateus completou.

— Ele tem sotaque paraense e tem tipo de nortista, né?, Renatinha falou.

— Acho que ele é um cara discreto, só.

O outro menino, que estava mais calado, de repente explodiu:

— E por que diabos que ele foge de tudo que é foto? Fica fazendo tudo pra tu ser a única figura associada publicamente ao CABOL, Gustavo. Ele tá escondendo alguma coisa. E agora essa porra desse monstro e desse evento? Põe todo mundo pra trabalhar igual doido numa parada que ninguém até agora fora ele entendeu que porra que é pra ser?

Ele terminou quase gritando, cada oração pontuada por um pequeno pulinho nervoso que parecia involuntário.

Esse era o Gabriel. Tinha mudado de Recife pra São Paulo pra trabalhar na Synopticon assim que ela começou. Tinha escrito o código quase todo da comunicação em áudio interna ao jogo. Ele olhou para Renatinha e Mateus e trocou olhares com os dois, que responderam com modificações crípticas de suas expressões.

— Bicho, posso te levar num lugar?

Ele finalmente perguntou. Gustavinho sentiu a expectativa dos outros antes de concordar com um gaguejo.

36.

Gustavinho estava nervoso, não sabia em quem acreditar. O carro do Gabriel fedia e tava um zona, com latas de cerveja e pelo menos umas três mudas de roupa malamanhadas acumuladas no banco de trás. Era quase impossível para Gustavinho não gostar de uma pessoa com sotaque de Pernambuco, mas Gabriel parecia sempre tenso, suado, prestes a praguejar de maneira virulenta contra qualquer coisa. Quando chegaram no endereço, num bairro mais afastado do qual Gustavinho nunca tinha ouvido falar, ele só fez apontar para fora do carro e falar que era no terceiro andar, que ia esperar lá mesmo. Acendeu um cigarro antes de descer a janela do carro.

Gustavinho subiu as escadas galgando vários degraus de uma vez. Tinha só duas portas no terceiro andar e uma delas já estava aberta.

— Entra aí, meu querido.

Era um apartamento apertado, mas digno. Quarto e sala com cozinha americana, um sofá laranja com tufo de estofado escapulindo nos cantos. O homem estava de costas, agachado, colocando um vinil para tocar. Estava descalço e sem camisa. Gustavinho podia ver bastante de sua estrutura óssea mesmo na penumbra do quarto.

— Opa, boa noite.

O homem se virou e se ergueu como que dançando, os braços apoiados numa mesa e o resto do corpo se contorcendo fantasticamente. Só tinha uma perna inteira, a esquerda, com a outra terminando no joelho, mas se mexia com uma agilidade prodigiosa. Gustavinho fez muito esforço para não olhar demais para o cotoco, que se mexia em falso com todo movimento mais largo. Fez algum gesto na direção de Gustavinho que ele não entendeu e nem teve certeza se era um gesto comunicativo ou só uma espécie de arabesco manual.

— Me falaram pra vir te encontrar.

— Sim, sim, querido, relaxa, tá tudo dominado, perainda, viu?

— Oi?

O homem sumiu pulando pra dentro do corredor escuro. Gustavinho

agora prestava atenção melhor na sala, pequena e apertada de muita tranqueira. Além de uns pedaços de papelão pintados com rabiscos pretos toscos espalhados por todo canto, tinha uma fileira de vinis correndo toda a extensão da parede e várias samambaias em suportes a meia altura, pequenas estatuetas de argila malformadas num canto junto de vários bonequinhos antigos colecionáveis (em estado deplorável, a maioria deles, com peças trocadas), Boba Fett, Wolverine, um samurai todo rabiscado de canetinha.

Uma vitrola no quarto tocava:

O que está no alto é como o que está embaixo.

— ESPERA SÓ MAIS UM MINUTINHO, FICA À VONTADE, MEU QUERIDO.

Gustavinho olhou em volta, viu um pequeno tamborete de plástico azul perto dos seus pés, sentou-se nele. No chão em volta havia uma série de papéis xerocados e rabiscados.

LAS IMAGINATIONIS ET TRIUNFI DI MARCELINHO BARRETO, *um relato-iluminação autobiographicoromanesco com iluminações e comentários de RENATO MUSSUM.*

CAPITULOS de como Marcelinho subiu o monte Análogo, os percalços que encontrou no caminho e os MEMBROS que ele perdeu congelados.

O NASCIMENTO DE MARCELINHO, O PULO DA ONÇA & AS EMBARRIGADAS, OS II MESES DENTRO DO ESTOMAGO DA BESTA, OS APRENDIZADOS NO INFERNO.

DE COMO MARCELINHO USOU DE SUA MALÍCIA NO INFERNO PARA JULGAR EQUITATIVAMENTE UMA TRETA MARAVILHOSAMENTE OBSCURA, ENTRAVADA E DIFÍCIL QUE O SEU JULGAMENTO FOI DITO MUITÍSSIMO FORMIDÁVEL POR TODOS OS CONVIVAS E TODAS AS AGREMIÇÕES.

DE COMO MARCELINHO VIAJOU NO TEMPO E CONHECEU BIBLICAMENTE GRANDES FIGURAS DA HISTORIA MUNDIAL.

DE COMO O FIGUEIRENSE QUEBRAR-SE-Á EM PELEJAS ÉPICAS COM OS FAMIGERADOS E INTEIRAMENTE DESPREZÍVEIS, RACISTAS, CORPORATIVOS E LADRÕES BOCA JUNIORS E CORINTHIANS PAULISTA NA SUA FUTURA CONQUISTA INIGUALÁVEL DA AMÉRICA E CONSEQUEN-

TE LIBERTAÇÃO DOS SEUS POVOS

Apareceu de novo na sala, de repente, vestindo uma capa roxa de um material que parecia plástico e cuecas amarelas mulambentas, abriu os braços e caiu com a perna cruzada num pufe, fazendo um movimento deferente com a cabeça, estranhamente circunspecto, apesar da falta de paramentos. Era muito magro.

— Tava só terminando ali um trabalho, só, desculpa. Muito cliente, muito cliente. Mas não dá pra reclamar, né? Pronto.

Ele finalmente encarou Gustavinho.

— Você quer ser iluminado, não quer?

— Oi?

— Você quer, sim. Eu vejo na tua cara, tá óbvio que é isso.

Ele ofereceu com um gesto espalhafatoso um cartão mole, impresso em papel normal. Gustavinho pegou. Escrito em Times New Roman, nada simétrico. Parecia algo feito em cinco minutos.

RENATO MUSSUMO – o único e original –

TERAPIA mítica-rítmica-tântrica/EVENTOS corporativos/RITOS ecumênicos

Contato: (031) 9961-0642

— Não, não, cê não entendeu, eu –

— Você sente um peso enorme nas suas costas de toda uma comunidade, de toda uma adensada e musgosa galerosidade que se sedimenta, o líquen se colando com um ar puro e esperançoso de toda uma geração no seu tronco e você não se sente digno. Cê se acha um estorvo, um lixo humano que nunca fez nada por ninguém, sugou de todas as tetas num país de escravos e senhores de escravos, se arrastou por cima de tudo, mas nunca teve que sofrer pão amassado por diabo nenhum.

— ...

— Nunca teve que lidar com o lado mais sinistro da moeda, né, o riscado, nunca saiu de seu cercadinho com todo o ovomaltino da vovó. Não é nem culpado a palavra, é mais sinistro. Culpa se expia. E não tem quem expie a tua. Você se sente indigno por isso. Marcado.

Gustavinho olhava pro chão, tenso. Emitiu um riso descrente e bufado.

— Olha, não, acho que cê não entendeu, me falaram pra eu vir aqui que você teria informações sobre —

— Você acha que é um acidente?

— Oi? O quê?

— Qualquer coisa.

— Como qualquer coisa?

— Você estar aqui agora, eu parecer tanto assim com o Caetano Veloso, a lua lá fora do jeito que ela tá agora, 'ma unha cortada, o povo nas ruas agora, a copa ano que vem, o CABOL borbulhando.

Ele botou a mão na coxa de Gustavo, a expressão fanática. A resposta quando veio veio fraquinha.

— Acho.

O homem então começou, bem devagarinho, a sorrir, mas de um jeito que aos poucos não parecia mais com um sorriso, ganhando uma feição bem ominosa e dificilmente justificável. Tinha olhos injetados de doidura.

— Olha, desculpa, acho que é um engano, me falaram pra vir aqui, mas acho que não tem nada a ver.

— Gustavo Mesquita Peterson o senhor não sabe nas merdas em que tu tá metido até os ombro, *umbra-memo*, brou.

— Como que você sabe meu nome?

— Eu gostaria de poder te contar tudo, queria mesmo, mas não dá. Primeiro porque você não acreditaria e depois porque descobrindo por conta própria a coisa fica muito mais movediça e animada, não fica? Claro que fica.

— Quê, velho? Quê que você tá falando?

— Você acha que é coincidência o teu avatar ter sido o escolhido? É benção ou maldição, ô produção? Será que tão armando algo pra você?

— Oi? Como que você sabe disso?

— Vá para esse endereço aqui. Os fio vão começar a desencapar. Eu *adamantio*.

Ele estava segurando entre dois dedos estendidos um cartão branco, que Gustavinho, depois de hesitar um pouco, apanhou. Depois disso, o homem se levantou de novo, girando e lhe dando as costas, voltando para o escuro de onde tinha vindo em pulinhos rápidos. Gustavinho esperou alguma instrução ou despedida sentado por alguns segundos, olhando pro cartão, que tinha apenas um endereço escrito à mão. Acabou levantando e indo embora depois de alguns segundos, despedindo-se do escuro em meia voz.

Quando desceu, Gabriel estava fumando um cigarro com o banco recostado.

— Figura, né?

— Quem que é esse cara?

— Eu conheci no CABOL, nos fóruns, o bicho começou a falar umas paradas do Evandro e foi banido. Eu mandei um e-mail pra ele e a gente começou a se corresponder. Acho que ele era aquele DIVINO COMÉDIA, mas ele não confirma nem desconfirma.

— Mas quem é ele?

— Chama Renato, parece. Fica falando que tem informações cruciais sobre o Evandro, mas sempre que eu pressiono ele me enrola. Falou que queria falar contigo tem uma semana, mas eu não sabia como te falar. Ele claramente é maluco, mas já mandou umas pistas de que sabe alguma coisa sobre o Evandro mesmo. Não sei como. Ele te falou algo?

— Ele me deu esse endereço.

Gabriel arrancou o cartão da mão dele. Fez uma cara de interessado que Gustavinho não conseguiu julgar se exagerada ou se, na verdade, contida.

— Googlei e fica a meia hora daqui só. Vamo lá agora?”

Essa porra dessa história não terminava nunca. Eu volto pra sala e tá tudo na mesma. A situação estava constrangedora, mas teimou em continuar da-

quele jeito por mais algumas horas. Os amigos da Juliana falando baixo de coisas chatérrimas, a Juliana sendo a simpatia de sempre e a Beatriz incapaz de esconder a ansiedade, o pé tremendo como asa de beija-flor.

Eu não conseguia ir embora, achava que devia ficar no caso de acontecer algum clímax (ou pelo menos um climão).

Tive a impressão uma hora de ter visto o Fernando passando de fininho de dentro dos quartos pra cozinha e não vi ele voltar. Ninguém pareceu notar, eu tampouco comentei. Fiquei um tempo enorme sem conversar, segurando um copo no meu colo com a cabeça apoiando às vezes na mão, às vezes no encosto do sofá e pescando um pouco, a atenção acendendo e apagando. Até que tocou o telefone da casa, o que todo mundo estranhou, sendo já umas quatro e tanto e a gente tendo parado de fazer barulho há um tempo. Assim que a Eloísa falou alto que aquele era o telefone da casa, não o interfone, todo mundo meio que calou a boca.

Os dois amigos idiotas da Juliana estavam igualmente fazendo uma cara de seriedade faceira meio irritante, todo mundo com aquele olhar desfocado e vago de quem tenta ouvir uma conversa alheia. O telefone fixo ficava no corredor e de fato dava pra escutar baixinho a voz da Eloísa.

— Alô.

Do outro lado a gente só conseguia escutar um murmúrio impossível de se articular em palavras.

— Oi, oi, tia.

— ...

— Não, não, gente, imagina. Se enganaram, não. Ele tá aqui, tá no quarto dormindo.

— ...

— Que isso, que loucura, não, eu tenho certeza, sério, nada a ver, não sei como que —

— ...

Ela não terminou de falar, jogou o telefone de qualquer jeito na mesinha e correu pro quarto deles, de onde saiu um barulho que eu demorei a entender como de proveniência humana.

Curiosamente, pra alguém que se orgulhava tanto da sua atenção, de en-

tender tudo que se passava, eu acho que fui a última pessoa a sacar. Precisei da Eloísa de volta já chorando e com a mão no rosto de um jeito que parecia falso, da Juliana virar pra mim de repente toda pálida de susto e me dizer:

— Você não entendeu? É o Fernando. Aconteceu alguma coisa com o Fernando.

>> PARTE 03

Lista de capítulos

>> parte 03

Sumário

37.6
38.8
39.12
40.25
41.32
42.46
43.50
44.55
45.58
46.61
47.63
48.66
49.72
50.75
51.81
52.83
53.85
54.91
55.94
56.97
57.100
58.103
59.113
60.121

61.124
62.128
63.135
64.139
65.148
66.152
67.160
68.164
69.173
70.175
71.177
72.182

37.

“A vida normalizara-se naquela anormalidade”

Euclides da Cunha

“Um carnaval de verdade, hospitaleira amizade, brutalidade, jardim”

Torquato Neto

Uma das minhas memórias mais vívidas de infância foi de uma viagem pra Guarapari. Eu tinha seis anos. Férias de janeiro, a família inteira da minha mãe apertada numa casa grande (mas não o bastante), alugada pelo tio mais endinheirado que pouco tempo depois acabou se separando da minha tia e, pra todos os efeitos, no que me toca, sumindo do firmamento.

O terreno não era enorme, mas como ficava num declive a casa tinha três andares. Eu nunca tinha entrado numa casa de três andares antes, pareceu um palácio (não era). Dormia no andar mais de cima com vários primos, um bando de colchão estirado no chão, minha prima mais velha falando besteira pra assustar os gêmeos ranhentos, que eram os mais novinhos. Lembro de estar com as pernas recolhidas meio dormitando na poltrona baixa verde-escura, cujo estofado esburacado desdobrava e virava cama e que era ocupada de noite pela prima mais velha, Luana (a única pessoa bonita já parida pela minha família), e que me parecia infinitamente mais confortável que o meu colchão muxibento, folheando pela décima vez um Almanação de Férias da Turma da Mônica todo rabiscado por um primo meu de tendência grafomaniaca. Eu não sabia ler direito, ainda, e as histórias e brincadeiras ainda estavam todas travestidas com palavrões, rabiscos, o Cascão com tapa-olho de pirata fumando um beque, a Mônica de bigode e um pinto enorme com língua de cobra saindo da saínia vermelha. Tinha voltado mais cedo da praia com uma tia que, como eu, tinha tolerância curta pra aquele negócio de ficar o dia inteiro tostando na areia e que ficava na mesa da cozinha jogando Palavras Cruzadas e conversando com a programação diurna da televisão. A minha expectativa era de que todo mundo voltasse uma ou duas horas depois, quem sabe encadeassem alguma brincadeira noturna mais divertida ou mais quieta (meus momentos favoritos na viagem eram os dias em que cho-

via, os tios ficavam jogando baralho e os primos brincando de adedonha ou gato-mia), mas o tempo foi passando e ninguém chegou, acabei adormecendo na poltrona.

Fui acordar horas depois, as costas doendo da posição troncha, um tanto de baba empoçada na revista, o dia já anoitecido, minha barriga roncando. Desci as escadas e o jornal na televisão tocava para ninguém na cozinha. Achei estranho a casa ainda estar vazia e depois de perambular pelo andar de baixo fui enfrentar o resto do condomínio, que além de umas seis casas tinha uma piscina com churrasqueira. Lá encontrei todo mundo, os primos todos jogando pebolim dentro da casinha, investidos das rivalidades que tinham acabado de criar, meus tios e meus pais todos bêbados na piscina. Tinha uma mesinha de plástico dessas brancas com garrafas de cerveja o bastante pra fazer um triângulo de pinos de boliche. Eu nunca tinha visto minha mãe tão bêbada, acho, até então, e lá tava ela terminando um copo no gute-gute e fazendo uma dança destrambelhada, antes de cair com os ombros moles num canto da piscina onde meu pai tava fumando um cigarro, os braços estendidos no chão, todo derretido, rindo pra caralho.

Eu era uma criança sensível, hoje em dia eu sei. Frágil demais. Não tinha nada demais na cena, eles só tavam alegres. Aquela foi uma das melhores épocas para a minha família, de grana e de tudo mais. Depois tudo ruiu pra eles. Mas por algum motivo, que até hoje é difícil pra mim precisar, a coisa toda me angustiou muito. Ver que a minha família não precisava de mim. Fiquei um tempo olhando de longe, minha figura escondida pelo escuro e por uma linha baixa de arbustos. Que eu podia ficar lá dormindo o resto da vida numa poltrona dobrada e mofada, empoçando baba em corredores internos, e eles continuaram ali, fumando e bebendo, jogando pebolim, gritando conjuntamente que a vida é bonita, é bonita e é bonita.

38.

Fernando se jogou do vão central do Pátio Brasil, um shopping que ficava perto do centro do Plano Piloto, bem no começo da W3 Sul. Coisa de cinco minutos de carro dali, acho que uns quinze ou uns vinte correndo a pé. A Juliana me explicou depois que a mãe do Fernando tinha uma lotérica no shopping, por isso ele tinha uma chave que levava da garagem até os corredores internos.

O corpo estava irreconhecível, todo explodido, uma massa rosa esparrada e disforme usando uma roupa do Fernando, e com as suas carteira e chave de casa no bolso. A polícia entrou em contato com a família e parece que os pais quando ligaram pra Elô já ligaram do IML.

Um guardinha noturno encontrou o corpo assim que ele se esborrachou. Diz que ouviu o barulho da queda de longe e que já sacou o que era na hora. Esse shopping teve vários suicídios nos últimos anos, geral sabia. Segundo a Bia, não divulgavam isso nos jornais porque aparentemente há um consenso de que não se deve dar publicidade demais para suicídios, sendo um comportamento com uma tendência estranha de se disseminar viralmente, de se reproduzir dum jeito desenfreado se você cria um vetor ou canal específico em que ele se concentre. Tinham inclusive fechado com vidro o último andar desse vão central, pra evitar os suicídios. Mas ainda dava para pular facinho de uma parte da escada.

Assim que a gente ouviu a notícia a Juliana foi mobilizando todo mundo pra descer do apartamento e ir embora. Isso com a Eloísa lá dentro guinchando ainda, e a Beatriz com ela, abalada mas se mantendo firme. Só vi as duas reagindo por poucos segundos, mas me marcou. Eu, a Juliana e os amigos dela ficamos ainda um tempo no piloti do prédio conversando, todo mundo em choque e sem querer ainda ir pra casa.

— Eu não esperava de jeito nenhum, sério, é a última pessoa de quem eu esperaria isso.

Eu não consegui articular nada, pelo que lembro.

— Que merda. Que merda.

Só lembro de chegar em casa e não conseguir dormir. Depois de revirar na cama por um tempo fui checar o computador e lá estava bando de gente no

perfil do Fernando lamentando a sua morte em público.

PEDRO: Cara, não consigo acreditar, que coisa surreal. Semana passada te vi lá no samba do Calaf de longe, nem fui falar, e agora rola isso. Surreal. MUITA paz, cara, muita paz. Surreal.

VANESSA: Fernando meu bem os encontros acontecem sem que a gente saiba, porque, você veio pra esse universo para trazer muita luz, tenho certeza que vai continuar espalhando essa sua energia maravilhosa onde você estiver agora, tudo se transforma, nada se destrói...

Taíssa:))))) queridooooooooooooo que tristezaaaaa

Claudio: tem gente que entra na nossa vida igual um meteoro.... Igual, conheci Fernandera no segundo ano quando ele ainda era doidao do punk, rs, antes de virar 'O' intelectual (hehe)... e juro que nunca vi tanta energia em alguém, o cara animava todo mundo, despertava alguma coisa em todo mundo, te pegava pelo ombro e falava porra tu nao toca pq, tu é besta po? qd eu vi tava tocando baixo e nessa brincadeira ja vao quinze anos da minha maior paixao....

Isabel: Pensa numa pessoa talentosa, charmosa, engraçada, generosa... Fernando espero que agora você esteja finalmente em paz.

Admito ter pouca paciência pra esoterismos envolvendo vida após a morte. Tento respeitar a necessidade das pessoas de encontrar conforto em religião, mas de toda ideia espiritual a teimosia de propor que a voz que corre na nossa cabeça poderia de algum modo continuar depois do nosso corpo ceder sempre me pareceu bem tola e completamente contrária a todos os sinais disponíveis.

Achar que as suas neuroses bestas vão continuar depois do teu corpo ser devorado por minhoca é de um narcisismo meio atoleimado. Mal consigo entender como alguém possa querer isso, na verdade (por mais que querer que o corpo dure para sempre seja um desejo compreensível, claro, pra todo mundo que gosta do próprio corpo).

Não era só isso que me incomodava ali naquele luto. O bizarro era que tanta gente ficasse chamando pelo nome como se estivesse de fato o invocando. Seu nome ainda se acendia quando alguém o digitava, pelo reconhecimento da plataforma, indiferente como a natureza. Como se fosse ele ali e não os vivos em volta, todo mundo compartilhando, aquela presença virtual como

um altar.

As pessoas lidando com a morte como só mais um evento que brota na linha do tempo e que precisa ser processado naqueles termos. Se ainda resta ali uma interface na qual a pessoa ainda parece disponível, mais uma bolinha entre outras, então o além-vida deve estar ao alcance de todos, afinal. Ainda que um além-vida tenebroso.

Lembro de geral conversar sobre isso na época da morte da Renata, a esquisitice dessas cenas de luto virtual. Ele adorava o assunto mais que todo mundo. Alguns começaram a falar, não sei se a sério, que iam deixar as senhas com alguém caso morresse, pra que não acontecesse com eles. Ele falava disso, mas não deve ter deixado instruções com ninguém. Seu perfil continuava ali pairando.

O enterro foi um dias depois, no cemitério com seu nome ridículo de “Campo da Esperança”, no final da Asa Sul. A salinha assinalada para o velório dele, de número 6, tava lotada de gente dentro no entorno. A família parecia seca, foi a primeira vez que eu vi os pais e a irmã do Fernando pessoalmente. O pai conversava com muita gente, tava todo vermelho e chorava o tempo inteiro um choro que não fazia barulho e só ia escorrendo de leve pelos lados do rosto dele continuamente como chuva cenográfica. A mãe estava de óculos escuros, cercada de irmãs e recebia os pêsames das pessoas com uma frieza distante, como se nem estivesse ali. Eu não conversei com ninguém, só cumprimentei de leve quem eu conhecia. Percebi, além das pessoas que eu esperava, a presença do Cristovão num canto. Também sem falar com ninguém. Ele era um homem bonito, queixudo, com traços que talvez viessem de uma ascendência árabe, uma boca enorme e olhos verdes. Usava um sobretudo preto que eu achei ridículo em pleno cerrado, mas ainda assim estiloso. Tinha uma cara completamente desalentada e ia fumando um cigarro atrás do outro.

A salinha de recepção onde tava o caixão fechado tava bem cheia de parentes e velhos sentados, então eu só passei lá bem rápido pra ir ao banheiro. Tinha uma fila, então fiquei uns cinco minutos perto de parentes velhos do Fernando, todos com sotaques que negociavam ali as fronteiras porosas entre mineiro e goiano. Uma senhora velha de quase desmanchar, com tipo de confusa, perguntou duas vezes pra uma enfermeira que cuidava dela onde estava, a enfermeira respondendo com cochicho no ouvido que ela não ouvia ou não entendia e que de todo modo não dissipava a sua confusão. Um cara

de uns trinta anos conversava baixo com outro sobre uma moto cujas prestações ele ainda tava pagando e que ele já tinha lascado no chão duas vezes. O outro, jeans e camiseta, expressão mais genérica possível, ria e falava que ele era retardado, então, que não devia andar de moto não. Do lado de um dos velhos tinha um saco de peta quase vazio. Dava pra ver os farelos na camisa do velho, que tava devorando as petas com entusiasmo assim que eu cheguei na fila, mas parecia ter, do nada, esquecido delas. Fiquei encarando o saco rasgado, suas letras vermelhas rechonchudas dizendo FORNO MÁGICO BISCOITO DE POLVILHO, minha cabeça vagando entre os objetos tentando esquecer o que é que reunia todo mundo ali naquele lugar (o corpo, melhor dizendo: os restos), até que as costas metálicas do celular do garoto na frente da fila me fazem ver o caixão de novo e imaginar que lá dentro estaria acomodado (como?) o que restou do corpo escangalhado do Fernando.

E era isso que ele queria, o babaca. Juntar todo mundo que amava ele num lugar só, deixar todo mundo na merda junto.

39.

Antes de continuar, tenho que admitir que menti um pouco, três capítulos atrás. Naquela conversa com a Juliana logo antes do Fernando se matar, quem falou aquela ladainha toda de sentir uma compulsão por falar coisas constrangedoras e incongruentes fui eu, e quando eu digo ‘falou’ quero dizer ‘pensou’. Percebi que seria sacanagem fazer isso com a Juliana, mesmo que eu tenha mudado o nome dela.

É uma tendência muito forte e antiga, minha, sulcada bem fundo, de sempre pensar na coisa mais inadequada possível quando está na presença de outras pessoas, e daí ficar com essa coisa martelando na cabeça, doida pra sair. Só recentemente, aliás, é que fui perceber que a força disso deve se denunciar no meu rosto e afetar a minha aparência para os outros de maneira considerável.

Prometo que não lembro de ter feito nenhuma outra mudança assim na história, até agora. Minha memória é ótima. Até melhor do que gostaria que ela fosse, às vezes. É que esta tendência em particular é sempre difícil para mim de admitir, mesmo para os poucos terapeutas que encontrei na vida. Não são, em geral, pensamentos que expressem desejos conscientes meus. Parecem calibrados sempre apenas de modo a oferecer a cena mais escrota possível, para meus termômetros. Com algumas pessoas, são pensamentos recorrentes (com a Juliana sempre foi “querida, me dá essa sua coxa que eu quero arrancar ela todinha, fritar com cebola e jantar com farofa”, com Fernando era “você já enfiou seu braço inteiro dentro de alguém? Que tal eu, querido?”, etc, vocês sabem como é).

No dia anterior ao fatídico, Fernando tinha postado quatro atualizações do CABOL. A conclusão da história, imaginei. Comecei a ler a primeira dessas últimas parte do conto do Fernando na noite em que ele morreu, mas não consegui ir além dela. Admito que àquela altura qualquer interesse genuíno que eu já havia tido pela história tinha se dissipado, virado algo mais perfunctório e amargo. Sabia que não teria como sair dali nada que fosse satisfazer, que não haveria uma explicação, um reconhecimento final que desse sentido ao que ele tinha feito. Sabia disso, mas não queria confirmar, queria continuar achando possível que a resolução da história dele atasse tudo. Enquanto eu mantivesse aquela parte final da história não lida, o seu final

desconhecido poderia talvez oferecer alguma espécie de conforto em algum futuro indefinido, cuja resolução derradeira eu adiaria, manteria fora do campo de visão para que não chegasse agora. Não ainda.

CABULOSO – Parte 10

“A viagem é visivelmente desconfortável para os dois. Gustavinho e Gabriel conversam amenidades sobre o CABOL e sobre a paisagem cinzenta da cidade, ar-condicionado e janela fechada. Chegam no endereço em cinquenta minutos, sem muito trânsito. Um galpão pequeno no Jardim Santo Antônio, na Zona Leste, sem vitalma por perto. A maior parte da rua corre ao longo de um elevador bruto que deixou a vizinhança toda abandonada. Meia-noite e vinte. De frente ao galpão tem só um terreno baldio com grama alta e lixo acumulado. Nenhuma luz acesa, exceto o halo solitário e laranja de um poste abarrotado de fios cruzados. Há uma pequena cabine de guarita perto de uma das portas, mas está fechada e vazia.

— Eu tinha certeza que já tinha visto esse endereço antes na vida e agora eu lembrei onde.

— Onde?

— Quando eu comecei a ir atrás das coisas do Evandro essa foi a primeira esquisitice que eu encontrei. Uns meses atrás a empresa começou a pesquisar endereços pra montar nossos servidores novos. Evandro com aquela teimosia de parar de alugar nuvem alheia e começar a montar nossa própria rede, tal e coisa. Só que depois da gente alugar, quando veio aquele moleque chinês pra montar a estrutura do negócio, eu notei que um dos endereços tinha sumido da relação. Assim, a gente tinha fechado o aluguel dele por um ano, tenho certeza, mas depois ele não tava ali mais em nenhum dos e-mails e papéis junto dos lugares para montar os servidores. Eu não conseguia lembrar o nome, mas vendo agora eu lembrei.

— Alugou pra quê, então?

— Quer descobrir? Vamo entrar lá dentro.

— Assim, na tora? Chegar e invadir?

— A gente trabalha lá, não trabalha? Pois pronto. Não é nem invadir direito. E não parece ter ninguém nessa porra.

— Cê tem certeza que já viu esse endereço antes? Não é impressão?

— Vei, é impossível esquecer o nome dessa rua. Rua da Evocação Sertaneja. Cê acha que eu ia confundir isso com qualquer outra coisa?

— É um nome marcante, mesmo.

— Pois pronto.

— Mas não é melhor a gente voltar de dia, ou, sei lá, perguntar antes pro Evandro de qualé dessa história?

Gabriel não respondeu, só entortou a cara como se a proposta fosse tola e continuou encarando Gustavinho, que não sabia que decisão tomar. Gabriel acendeu um cigarro, checkou o celular e falou.

— Deixa que eu vou lá, então, se você tá com m- com pé atrás. Cê fica aqui de guarda no carro e qualquer coisa dá um toque no meu celular.

Gustavinho ficou no carro, tenso, enquanto olhava Gabriel se aproximar da grade, conferir sua estabilidade chacoalhando-a um pouco, olhar para os lados e de uma vez apoiar o pé num suporte de lixo para pular pra dentro. Quase se estabacou ao pender pro outro lado, mas conseguiu segurar na própria grade e deu um joinha alto e visível quando caiu de pé.

Gustavinho considerou pegar a pontinha que tinha guardado num tubo de pastilhas para garganta, no bolso, só para relaxar um pouco. Só quando já tava abrindo o tubo pensou que não seria a melhor ideia ficar ainda mais paranoico quando estivesse de vigia para sua primeira invasão de galpão na vida. Continuou tenso, olhando em volta o tempo todo na rua com o celular na mão.

Menos de cinco minutos depois ele vê o vulto de Gabriel voltando e pulando o muro de volta, dessa vez num movimento só, meio desesperado, caindo de mal jeito e mancando ao se aproximar do carro pelo lado de Gustavinho.

— E aí?

— Tu vai ter que ir lá também.

— Oi? Por que? Que que tem lá?

— Se eu falar tu não acredita. Tu tem que ir lá também.

O terreno descia muito pro fundo da rua e o galpão passava de um para dois andares quando chegava no final. Os dois chegaram numa escada me-

tálica externa que ligava o segundo andar até os fundos do térreo, cheio de caixas de papelão empilhadas e tranqueiras diversas largadas.

— Sobee naquele negócio ali de metal e olha naquela janela.

— Que que é preu ver?

— Só sobee e cê me diz. Por favor.

Gustavinho pisou com cuidado no que parecia ser uma estante metálica tombada que depois dele firmar seu peso parou de bambeaar.

— Caralho.

— É.

— Tem uns macacos.

— Pois é.

Ele fica observando por alguns segundos, incrédulo. Gabriel embaixo vendo sua reação, um sorriso meio maníaco no rosto.

— Cê num acha que eles tão meio humanos demais?

— Macaco é sempre humano pra caralho, porra.

— Eu sei, porra, mas esses aí são mais. Sei lá. Olha aquele ali de perna cruzada. Vai dizer?

— Já vi macaco de perna cruzada altas vezes, altas vezes.

Nisso, Gustavinho escorrega e quase cai, derrubando um pedaço de madeira que cai num outro de ferro derrubando um monte de pecinhas de metal e fazendo um estardalhaço comprido.

Há gritos agudos lá de dentro, todos simiescos, em reação, e Gabriel pula pro chão e sai correndo em direção à grade, Gustavinho atrás.

Assim que eles pulam o muro e se aproximam do carro Gustavo pergunta, esbaforido, meio rindo.

— Cê ficou com medo dos macacos?

— Não foi medo, porra. Não foi medo. Eu só não queria que eles vissem a gente.

— Claro, vai que eles avisam o macaco-rei, né?

Os dois gargalham imensamente no carro no caminho de volta, sem acre-

ditar no que acabaram de ver.

— Um deles tava usando uma lanterna, bicho.

— Macaco vai e pega as parada e usa mesmo. Lanterna, escova de dente. Eles não tão nem aí.

Gabriel deixa Gustavinho em casa uma e tanto. Eles combinam de voltar no dia seguinte, com os outros, no final da tarde, depois do expediente.

Assim que chega em casa, Gustavinho lava o rosto várias vezes, gritando. Sente-se excitado, prestes a descobrir algo enorme, a cavucar um pressentimento ominoso que se depositava bem no fundo da cabeça há um tempo. Sentia que devia evitar o CABOL por uns dias, devia confrontar logo o Evandro e entender o que estava acontecendo antes de voltar a se enredar naquele universo. Mas assim que chega em casa e vê seu computador ligado ele lembra que pouco antes de encontrar Gabriel e Renatinha no escritório haviam prometido algo a seu avatar que atiçava demais sua curiosidade.

Era o “Livro Goiano dos Mortos”, um item raro e lendário que ele buscava há meses, o único modo de acesso conhecido ao infame Inframundo do CABOL. Sua condição de ‘escolhido’ havia levado um jogador poderoso das antigas, o <A ELEGÂNCIA EM PESSOA >, cujo avatar era um Monge igualzinho ao Ademir da Guia, a lhe ceder o item de maneira espontânea. Quando ele abriu sua conta, encontrou a mensagem privada lhe esperando.

— Botei o trem na tua caixa. Você precisa disso mais do que eu agora. Vá falar com o Magno, vei.

Paraíba Blade não respondeu. O item estaria esperando por ele na sua caixa-postal dentro do CABOL (que ficava na versão do jogo da Estação da Luz). Gustavinho executou o trajeto até lá com seu avatar o mais rápido possível, dedos martelando frenéticos o teclado.

Assim que apanhou o item, Gustavinho botou o alarme do celular para tocar uma hora depois, não jogaria mais do que isso. Era um papiro colorido e ilustrado, enrolado, mas o jogador só via na ilustração uns poucos rabiscos coloridos de longe. Equipou o seu personagem com ele. Isso ativa uma espécie de mini animação automática do avatar, que começa a desenrolar o livro até estendê-lo como um mapa comprido na sua frente e depois o deposita estendido no chão, caminha em sua direção, descendo como se descesse uma escada para um andar subterrâneo.

movediça, feito de terra e de lava e de detritos que somem e reaparecem e transmudam em outros. Tudo gira rapidamente e parece culminar num centro impossível de se divisar de tanto trem amontoado. A imagem chega trava em blocos enormes que perduram por alguns segundos até trocar, mas só ali naquele vórtice.

Seguindo as instruções que se contavam em todo canto do CABOL, Paraíba Blade amarra uma corda numa das colunas de pedra (que vão do chão até o que parece ser o teto do mundo de baixo) e pula pra dentro do buraco.

O avatar cai entre planos, os gráficos de todo o território sumindo de repente, seu avatar num vaziocom algumas figuras piscando por mínimos intervalos de tempo. Depois de um tempo aparece de novo, virado de cabeça pra baixo, e consegue andar, mas o território continuava todo branco, com figuras aparecendo só em feixes finos, de repente, por milésimos de segundo, aqui e ali.

A voz vem em estéreo, Gustavinho responde no teclado.

— Paraíba Blade. O escolhido. Bem-vindo, truto. Você quer saber se você é Tr00?

— ...

— Não quer? Gustavo?

— Como que você sabe meu nome?

— A gente ainda não pode te dizer. Tua insegurança é esparrada, Gustavo.

— É?

— Ô

A voz se dobrava, começava uma frase antes de terminar a anterior.

— Os arquivo corruto, as forma indevidas, os vaso tudo quebrado. Tudo aqui é zoado, glitchado. E não só nos trópicos. É só atrocidade, fi. O mundo de cima é igual o mundo de baixo. E tanto lá quanto cá, caô algum aguenta.

— Oi?

— O Infra-mundo é o lugar mais concentrado do mundo de baixo, onde as formas ainda estão tendendo a existir. Tudo que é criado ou recriado dentro do CABOL pisca aqui por um instante. Como o 4 chan para outras redes. A bacia de água parada e anônima cheia de vida e doença, digamos. Onde as

formas vêm para nascer e morrer.

— Dizem que se você conseguir acertar a cadência certinha do botão ‘refresh’, pra atualizar (que, como se sabe, varia de acordo com seu hardware), o seu personagem consegue perdurar aqui dentre as tendências e desfrutar de todas as potências contidas no virtual.

— Estamos permitindo vossa permanência aqui no núcleo do Inframundo por motivos excepcionais de esclarecimento.

Logo que ele falou isso apareceu do lado deles um urso monstruoso com aparência de desenho animado e uma boca grotescamente dentada em espiral ventosa. Magno fez um mínimo gesto que o explodiu em milhares de pedaços.

— Se é difícil sobreviver aqui, como você consegue? Você é NPC?

— É muito difícil sobreviver aqui. Tudo umas porra de adolescente racista e Brasil com olho chorando e foto de genocídio como riso enlatado e do Danilo Gentili e as parada que são só pra te irritar. Cultura gamer é basicamente fascismo pra adolescentes, de cabo a rabo. Os cara acham que eles não estão fazendo o mal, porque estão só zoando.

— Mas é assim que o mal opera, sempre. É exatamente assim.

— Com veículos inscientes, formas vazias.

— O mal não, meu bem. Mal não. O ruim. É diferente. É hidráulica e pneumática, meu querido, não é demonologia.

— Que seja. Não vamos discutir na frente das visita.

— De todo modo, Tranqs deve ser o bróder e tranqs devem ser os atos do bróder que aguenta.

— Amenze. Magalhanze.

— Tem mais de uma voz falando, né?

— Nós somos uma galera aqui, sim.

— Boto fé.

— É inclusive difícil se concentrar e conseguir conversar desse jeito contigo, assim, agora. Quase fazendo sentido sequencial. Requer muito esforço da nossa parte, entenda.

— Mas por que que vocês ficam aqui então? Se é tão difícil?

— Somos que nem o elefante que toma as frechada e aguenta firme. Tem que engolir os fórum fascista e os bacana pra sacar as galerosidades extensa & intensa. A pessoa realmente é tr00, ela tem que viver as provações de toda atrocidade, dum jeito ou de outro, de acordo com seus recursos e e seus próprios metros. Tem que deixar a mente dele conseguir fazer as setenta e duas transformações e as trinta e seis modificações.

— q q é isso?

— Se tu consegue fazer as setenta e duas transformações e as trinta e seis modificações, tu consegue enfrentar todas as palas do mundo. Num sentido figural, pelo menos. Não repara cano nem enche barriga, mas de resto.

— Tu diz do mundo ou do CABOL?

— Não tem diferença.

— Claro que tem.

— Não tem diferença que faça diferença.

Os dois ficam ali andando pelo nada por algum tempo, o Magno de tempos em tempos destruindo formas terríveis e monstruosas que os ameaçavam e falando máximas de extrema sapiência (que logo começam a irritar Gustavinho).

“Antes da percepção tem as palas. Antes das palas tem a vibe.”

“Tem altos domínios e extensões. A parada que é .rar tu não vai abrir sem descompactar. O .pdf ele é uma forma de doença. Tu tem que saber os domínios e extensões e endereçar as coisas devidamente.”

“Por exemplo se todos os chineses conversarem de walkie talkie ao mesmo tempo isso significa que eles são um só bróder? Qual a diferença disso pra um computador? Isto é importante.”

“Como uma enchente de comentários num vídeo dum artista que morreu ainda agorinha, as forças entram em formação. Mas há também as redes que estão lá, sempre, confiáveis, como o Yahoo!respostas, coletâneas de clássicos da MPB com clip art ilustrativo ou chatbots sozinhos num servidor, olhando pro infinito.”

“A colonização nunca terminou, os Impérios ainda correm seus sulcos. Está tudo acontecendo ainda. A invasão da América. A morte de um bruxo judeu pelo estado Romano. Eventos coletivos traumáticos se arrastam pro

futuro, Gustavo. A coreografia real é lenta. A gente tem que ao mesmo tempo puxar o freio de emergência da máquina que engole petróleo e cospe plástico pra encher o bolso de meia dúzia e acelerar tudo que não é ela.”

Gustavinho não conseguia entender se aquilo tudo era sério, se era uma piada.

Perguntou se ele era NPC ou jogador, e o cretino (os cretinos?) respondeu com um gesto nada a ver com nada, querendo ser enigmático.

Perguntou se era verdade que ele tinha treinado a Zumbi (a jogadora mais sinistra e misteriosa do jogo, para muitos, inclusive Gustavinho), ele respondeu alguma bobagem críptica que não era nem sim nem não.

O seu alarme tocou. Gustavinho queria continuar ali, mas achou melhor desligar o computador de uma vez, mesmo sabendo que não era bom pra máquina fazer aquilo. Apertou direto o botão do CPU e observou a tela indo pro preto de uma vez, refletindo de repente seu rosto sebo e sonado.

Deita com a cabeça zumbindo de formas escrotas mas acaba chapando de sono quase imediatamente assim que afunda no travesseiro. Sonha que está no ar caindo uma queda interminável junto de uma maquinaria metálica enorme e estridente. Todos caem na mesma velocidade, de modo que depois de passada a ansiedade inicial, a queda é quase tranquila.

(*)

Na manhã seguinte, Gustavinho acorda tarde. Demora a processar tudo que viu no dia anterior, assegura-se com as mensagens no celular de que a coisa toda aconteceu. Fica na cama lembrando tanto a parte em carne e osso quanto a parte virtual (que pareciam, de algum modo, igualmente absurdas).

Os dois voltam no galpão no dia seguinte, no final da tarde, junto de Renatinha e o Mateus. Apesar da insistência para que expliquem, os dois não contam para os dois o que viram, falam que eles precisam ver com os próprios olhos. Depois de pular o muro e olharem pela mesma janela, encontram tudo ainda escuro. Ficam ali cochichando e pensando no que fazer até Gabriel perceber que uma outra janela larga dos fundos está aberta.

Eles entram, Mateus pulando primeiro e ajudando a levantar todo mundo. O lugar é grande e quieto, a impressão é de que não há nada além deles se movendo ali. Depois do corredor que eles conseguiam ver lá de fora havia

um espaço aberto enorme recortado por partições de madeirite rosa que dão em cubículos à esquerda e à direita, com outra sala do outro lado. Há muitos cabos correndo por todo canto no chão. Gustavinho tem a impressão de que as partições rosa estão montadas de modo a formar um breve labirinto. Ele começa a sentir uma vertigem, o estômago se embrulha ruidosamente como um saco de papelão.

Numa das partições está um tanque d'água vazio exalando um cheiro forte de amônia. Em outra está uma cadeira como de dentista, reclinada, com alguns CPUs e aparatos abertos perto de onde ficaria a cabeça da pessoa, vários cabos parecendo soldados de maneira improvisada, várias partes da máquina remendadas com fita isolante.

— Ô de casa.

Renatinha dá um tapa no braço de Mateus, depois dele dizer isso.

— Não quero que a gente tome um tiro, né, Renata? Sei lá. A gente fala que é da Synopticon, qualquer coisa.

Ela só fez um gesto de silêncio com o dedo, brava. Gustavinho e Gabriel vão com o celular de lanterna iluminando um dos lados.

— Nada disso se parece com servidor, hein, Gabriel falou baixinho?

— Só as parada bizarra, hein?

Ele e Gustavinho ficam parados por um instante diante de uma porta.

— Cês são tudo frouxo, que que isso.

Renatinha abre a porta e entra de uma vez. Solta um grito desesperado lá de dentro, só para segui-lo com:

— Gente, vem ver. Gente. Que lindura.

A lanterna do celular apaga assim que eles entram. A sala está mal-iluminada por uma lâmpada bem no alto. Num aquário de dois metros de largura por dois de fundura, cheio de um líquido amarelado e turvo, está uma criatura. Do tamanho duma capivara, mas com quase metade do seu corpo acontecendo na cabeça, que parece uma melancia oblonga. Não tem boca nem olhos, mas tem o que parecem ser orelhas compridas como de coelho se projetando bem alto pra cima, espiraladas nas extremidades e muito móveis. Os braços e pernas cotocudos, inertes, parecem imprestáveis para o seu tamanho. Está parada quando eles chegam, exceto pelas orelhas. Tem um pêlo

marrom-escuro que parece duro, quase como a couraça de um porco-espinho e que começa a se enrijecer diante da presença deles.

— Que porra é essa?

— Caralho.

— Onde que você tirou lindura, Renata? É um monstro, véio.

— Mó lindinho, gente, como assim. Parece um coelho gordo, sei lá.

— O bicho é zoado demais, coitado. É um trem mutante, com certeza. Deu certo não.

A criatura começa a se agitar, virando a cabeça e retesando as orelhas na direção de Gustavinho.

— Eita, a gente acordou o bicho.

— Que vibe.

— Caralho, tou com medo.

Ele se agita, suas patas se virando e nadando de maneira rápida e desajeitada para o canto do tubo, que treme. Ainda apontando a cabeça fixamente para Gustavinho. Ele parece tenso, como se tentasse muito fazer alguma coisa, mas estivesse impedido.

— Ele vai quebrar a parada.

— Invocou foi contigo, Gustavo.

— Foi mesmo. Vaza que ele tá ficando putu.

Gustavinho sai da sala e volta para o corredor. Sente uma pontada estranha de dor de cabeça na hora, aguda e irrompendo num clarão de poucos segundos. Por menos de um segundo piscam imagens na sua cabeça, fortes e alheias como fotos, independentes, como se sua cabeça não fosse responsável por elas, sobrepostas e difíceis de se distinguir. Algumas delas familiares. A parede infinita de plantas pretas numa vastidão amarronzada, o topo de um estádio se fechando e escurecendo. O cara esquisito de uma perna só caindo e quebrando uma vidraça.

Os três saem lá de dentro.

— Acho que a gente devia vazar logo, tou tenso. Tira umas fotos do bicho e vamo nessa.

—Eu tentei, não rolou, meu celular desligou quando chegou perto dele.

— E o teu, Renatinha? Eu tou sem.

— Eita, a mesma coisa. Tá desligado. Mas tava ligado até um minuto atrás.

Os quatro se entreolham com uma cara misturada de medo e entusiasmo, decidem que vão embora e decidir o que fazer fora dali, voltam para a sala com a janela aberta. Gustavinho pensa num modo de contar pra eles sobre a dor de cabeça e as imagens, mas não encontra. Eles conversam excitados e assustados no carro e combinam de conversar de novo no dia seguinte. Concordam que a explicação mais plausível era que se tratava de algum experimento genético esquisito, mas o motivo daquilo estar acontecendo num galpão alugado pela empresa de vídeo-jogos em que eles trabalhavam tornava tudo ainda mais esdrúxulo. Renatinha parece a mais decidida a confrontar Evandro e descobrir o que tá acontecendo.

— Isso aqui deve ser muito maior que o CABOL. Muito maior que o Evandro.”

40.

A história finalmente começava a engatar. Do jeito dela. A impressão de que a conclusão diria algo sobre o que aconteceu com o Fernando ficava ainda mais sedutora, mas tão sedutora que me fazia querer enrolar ao máximo sua chegada.

Nas primeiras semanas depois da morte do Fernando aquele era quase que o único assunto numa circunferência considerável de diferentes galeiras. Quase todo mundo gostava do Fernando e não eram poucos aqueles que guardavam alguma paixonite por ele (de ambos os sexos e de vários graus de intensidade).

Bastava vagar a atenção na mesa por alguns segundos que alguém sempre trazia o espectro dele, invocava-o, entalado ali diante de todo mundo. Todos tinham suas teorias, suas impressões fortes, geral sentia que tinha sua relação íntima muitíssimo singular com o Fernando da qual ninguém sabia nada, ou que tinham encontrado retrospectivamente algum estilhaço significativo da vida dele, algum momento agudo ou coisa que ele disse anos antes que para eles configurava a maior explicação possível. Ouvi especulações dessas mal sussurradas no enterro, outras publicizadas no Facebook.

Várias giravam em torno da Eloísa e da Bia. Que havia uma tensão ali entre os três era mais ou menos óbvio pra todo mundo que os conhecesse, mas também era improvável que o motivo fosse algo tão óbvio e direto. Eu só conseguia pensar na Juliana e na tal da Natascha, e no quanto eu gostaria de me encontrar com essa segunda.

Lembro de ir num bar no meio da Asa Norte poucos dias depois com a Juliana, o Paulinho e mais uma garota que eu não conhecia bem (Eliana, quieta como uma boa figurante). Quando eu cheguei eles já tavam falando daquilo.

— Então, fia, mas é isso que eu tou falando. Como que essa pessoa – essa dos trezentos, dos vinte pseudônimo, que escrevia manifesto anarquista e vegano quando tinha dezesseis anos na cara – como que essa pessoa se mata desse jeito tão olha-para-mim e ao mesmo tempo não deixa uma palavra? Isso não existe.

— Tipo uma carta, cê diz?, eu perguntei.

— Uma carta, porra, um vídeo, um zap zap de grupo, alguma coisa. Tu

consegue imaginar ele decidindo que ia embora sem deixar uma porra dum livro explicando? A pessoa mais palavrosa que eu já conheci nessa porra desse mundo? Até parece.

— Total. O malandro sabia a carta do Cobain quase de cor, quando era moleque.

— Ele postou um negócio no facebook, né?, eu sugeri.

— Ah, postou uma musiquinha lá, isso ele fazia todo dia. Nem falou nada. Isso nem conta.

— Mas e aí, cê tá falando isso pra dizer o quê? Que ele não se matou? Que é tudo armação?, a Eliana perguntou, a cara meio encucada.

— Não tou falando isso. Só acho estranho. E, sei lá. Mas o negócio dele se matar numa porra dum shopping, sei lá. Isso só deixa tudo mais zoado. Vai que ele deixou uma carta, mas não quiseram divulgar. Sei lá.

Paulinho falou isso um pouco envergonhado.

— Não quiseram quem?

— A polícia, sei lá. O segurança do shopping. Às vezes era tipo um texto enorme sobre como shoppings são o templo do demônio do capitalismo e ele oferecia o corpo dele em sacrifício, sei lá, tou viajando. O Fernando era maluco, porra. No bom sentido. Não ia deixar de aproveitar a chance de causar. De dar uns tchans. Cês não acham?

Juliana pareceu incomodada com aquilo.

— Acho que cê tá viajando. Eles teriam dado pra família, se tivesse alguma coisa. Ou então deram e a gente é que nem sabe, também. Não quiseram falar. Ele queria morrer, não queria causar.

— Ele adorava fazer cena. E isso aqui parece uma cena incompleta. É só isso que eu tou querendo dizer.

Juliana encarou Paulinho como quem tenta explicar uma impossibilidade óbvia a uma criança. O tom dela quando foi falar tinha aquele tipo de condescendência que é formalmente gentil mas friaça por debaixo. Ela nunca falava assim com ninguém.

— A Eloísa teria contado pra gente, meu bem. Acho. Ela foi a pessoa que menos entendeu o que rolou. Parece que quebrou, a bichinha.

— Também acho que ninguém ficou tão em choque quanto ela. Nem a Bia.

Quando o Paulinho falou isso eu tive que olhar pra Juliana. Ela devia estar com sete meses de gravidez. Desde a morte do Fernando que ela parecia estar sempre séria, com a testa permanentemente franzida. Eu considerei a possibilidade de Fernando ser o pai do bebê e do quanto devia ser difícil não poder explicitar seu luto naquela situação. Era possível que ela não tivesse certeza quem era o pai.

— Mas vocês acham que ele planejou? Eu tava lá na casa no dia. Cê também tava (ela falou apontando pra mim com o queixo). Sei lá, eu fiquei com a impressão dum negócio impulsivo. Ele não aguentou mais, foi lá e foi. Pá-pum. Por isso que não teve carta nem nada.

— Isso pra mim é o mais estranho de tudo. Não é ele se matar, não é fazer no shopping, não é fazer sem deixar carta. O mais louco é que ele tava no meio de uma galera, tava com a namorada dele e, ao invés de falar com a gente ou estourar ali ou sei lá brigar com todo mundo, o bicho saiu de fininho pra se matar. Isso é muito esquisito. Não é não? Tipo, quem faz uma coisa dessa?

Eu que falei isso e eu não costumo falar tanto de uma vez só, muito menos com a voz tão empostada e as pessoas olhando pra mim.

A Juliana parecia concordar. Eu continuei.

— A-acho que o Fernando tava tipo gritando por ajuda tinha um tempo. Ele tava muito esquisito ali nos últimos dias e na noite lá mesmo ele tava estranhão. Deu pra ver mais ou menos que ele não tava aguentando mais. Eu só não entendi o motivo direito. Tipo, qual que foi a gota d'água? Deve ter tido uma.

— Como assim?, o Paulinho perguntou.

A Juliana respondeu no meu lugar:

— Boto fé. Tipo, ok, ele achava o mundo um lugar escuro e sentia uma culpa do caralho de ter uma vida tão confortável e inútil num país tão violento e miserável. Mas ele falava disso desde os quinze anos, sei lá. Ele também era todo deprimido e se sentia falso, autoenvolvido e achava que não tinha sentimentos autênticos. Ah, nossa, blá blá blá. Chora teu rio aí, bonito.

— Só ele, né, mais ninguém. Paulinho falou baixinho enquanto descolava a embalagem da garrafa de cerveja.

— Pois é, e ele já dava essa lombrada desde os dezesseis, também, pelo menos, saca? Que que mudou?

— Acho que umas tretas do passado dele tavam acumulando, né?, eu sugeri.

— Como assim tretas do passado?

— Tipo quê?

— N-Não sei, assim, específico. Digo que as coisas vão acumulando até não dar mais, né? Água mole em pedra dura, tipo.

A Juliana continuou olhando pra mim com uma cara perturbada.

— E ainda tinha aquele blog lá dele com aquela história, né? Acho que ele postou lá no dia mesmo, se não me engano. Não é uma carta, mas sei lá.

— Que blog?, a Juliana perguntou, ainda mais claramente incomodada.

— Aquele que tem uma história dum jogo lá todo doido. Dum Gustavinho não sei o quê.

— Ah, eu sei qual é, sim. O endereço é tipo cê cê não sei o quê, né?, disse Paulinho.

— Eu já vi bem uns dez blogs do Fernando, mas deve ter uns anos que não via nenhum. Era de agora, isso?

— É, mas não tem nada de suicídio lá, não. Eu nem tenho toda certeza que é dele, ele só me linkou uma vez sem falar nada.

— Era dele sim, era dele sim. Certeza. Ele nunca me falou mas dá pra ver que era. Mas acho que aquilo era só uma zoeira, não sei se muito a ver com a cabeça dele. Assim dum jeito sério, tal. Sei que ele tava há meses obcecado com um troço que tava fazendo com mais alguém, mas devia ser outra coisa.

— É?, a Juliana perguntou num tom quase descrente. Parecia ter ficado um pouco abalada por ser a pessoa na mesa que menos estivesse por dentro daquilo.

Paulo contou que tinha trocado emails com o Fernando pouco antes do acontecido, conversaram principalmente sobre o troço que o Fernando dizia que tava escrevendo há meses e das muitas dificuldades que ele tinha, que segundo o Paulo eram ao mesmo tempo dificuldades normais de qualquer escritor e dificuldades “sei lá, metafísicas”. Paulo falava essa última palavra

com um sorriso constrangido de canto de boca.

Segundo Paulo, o Fernando se sentia há anos impedido e contrito pelo fato de se sentir no meio de uma cadeia infinita de iterações (expressão dele próprio, lógico), apenas um elo no meio de uma corrente comprida de palavra sem fim nem começo. De não se sentir jamais como se estivesse de fato falando, como se sempre algo estivesse falando através dele, algum espectro alheio, geralmente europeu ou norte-americano. Sempre que ele sentia que tinha algo a dizer ele se via imitando um verso específico, um gesto específico. E ele se sentia um fantoche, e um fantoche colonizado ainda por cima.

E que o Fernando teria tido um surto criativo inesperado nos últimos meses, teria começado um projeto que o havia deixado mais animado do que tinha estado em anos com qualquer coisa, mas que quando falou com o Paulinho já tava achando que aquele surto não era verdadeiro, que as suas ideias eram apenas rasgos derivativos de uma sensibilidade essencialmente travada, morta. Ele teria páginas e páginas de rascunhos e ideias e não conseguia dar nenhum centro pro troço, não conseguia fixar nada. Ficava apenas coletando citações, influências, referências, achando que tudo se reportava aquela obra que ele ia um dia escrever.

Não dava pra entender direito ali na hora o que ali das inflexões e dos gestos havia de fato sido dito pelo Fernando, o que que eram as interpretações do Paulo, claro. Mas foi exatamente assim que ele falou (eu sei porque transcrevi algumas frases no celular ali na mesa, ainda).

Eu não via o Fernando naquilo que o Paulo dizia, naquelas afirmações tão pretensiosas, de artista afetado, que eu não conseguia imaginar acontecendo a sério dentro daquele moleque que transpirava geralmente um ar tão sussa. Não que ele não tivesse a gravidade dele, já falei que tinha, eu só nunca tinha visto ele montá-la daquele jeito tão literário. Aquilo podia até ser verdade, eu só tinha certeza que não era a forma derradeira de engolir a história.

Quando o assunto já tava morrendo, todo mundo mexendo nos seus celulares, Cristovão chega no bar. Juliana se levanta animada, dando a impressão de que ela que o teria chamado. Paulinho e ele se cumprimentam com frieza, Juliana me apresenta e ele é bem simpático comigo, até charmoso, olhando bem nos meus olhos e repetindo o meu nome para ter certeza que ouviu direito, quando eu percebo pelo bafo que ele tá muito bêbado (ele chegou falando com a boca mole, mas eu não sabia como que ele falava sóbrio).

Cristovão pede mais uma cerveja e pergunta do que é que a gente tava falando. Eu e Juliana nos entreolhamos, mas ninguém diz nada.

— Do defunto, né? Aposto. Todo lugar que eu vou só falam do defunto.

— Pior que sim, eu digo.

— É isso que ele queria. Deixar toodo mundo se perguntando, escrevendo textão, se derramando. Cada um com sua teoriuzinha, lembrando de uma vez que mandou mal com ele, se remoendo. A diva.

Paulinho se levanta de repente.

— Bom, vou nessa. Falou, galera.

— Coé, babaca, acabei de chegar. Pelo menos finge um pouco que não é porque eu cheguei, né?

— Amanhã eu trabalho cedo. Quem mandou chegar quase onze e tanto.

— Trabalha cedo o caralho.

— Trabalho sim, nem todo mundo é vagabundo igual você, ou. Eu tenho filha.

— Opa. Va-ga-bundo. Beleza, então. Tu é quem, tu é o Muricy Ramalho agora, é? Moralista do caralho. Sempre foi.

— Tomar no cu. Pelo menos não fico tirando onda de revoltado sendo um boyzinho de merda.

Cristovão levanta e cresce o torso na direção de Paulinho, que recua por reflexo e tromba na cadeira onde estava, quase caindo no arbusto atrás.

— Opa, não cai não, hein? Oreia.

— Porra, Cristovão, deixa de merda, a Juliana fala com um tom triste.

Paulinho negaceia com a cabeça e sai andando apressado em direção ao seu carro. Eu continuo olhando ele durante o seu trajeto e ele parece estar segurando o choro.

A amiga da Juliana parece não entender nada, continua mexendo no celular e fazendo comentários que ninguém parece ouvir.

— Ele nunca me perdoou, o Paulinho. Desde aquela época. Sempre fica com uma cara de bosta pra mim. Quiser me odiar, beleza, mas não fica com essa carinha. Fala na cara, porra. Fala na cara.

— Realmente, Cris. A melhor maneira de lidar com os amigos que tão putos contigo por causa de merda que você fez é ameaçar bater neles. Parabéns, viu?

— Bater, Ju? O caralho, né? Pelo Amor de deus. Eu tava zoando com a cara dele, quem mandou ser covarde desse tanto.

— O Paulinho tem metade do teu tamanho, Cris, larga de ser ridículo. As pessoas têm medo de um homem grande crescendo pra cima delas, caralho. Quantas vezes eu já não te falei que você não tem noção nenhuma do corpo que tu tem?

— Duzentas e quarenta, contei ontem.

Disso ela ri, negando com a cabeça e passando o dedo na garrafa gelada de Original que tinha acabado de ser depositada discretamente na mesa, provocando um agradecimento inaudível da minha boca ao garçom, já pirulitado para outra mesa. A outra mão aninhada na própria barriga.

Eu tava amando aquilo ali, mas logo depois todo mundo decidiu ir embora. A Ju e o Cristovão saíram juntos. Enquanto tomava o Eixão para casa decidi que leria o penúltimo capítulo do CABOL assim que chegasse.

41.

“CABULOSO – parte II

O casarão da Synopticon em Pinheiros havia sido todo redecorado na última semana, depois de meses numa falta espartana de ornamentos (além dos que os funcionários traziam pra enfeitar suas próprias baias). Painéis enormes na entrada da casa, feitos por dois ilustradores de Instagram e um grafiteiro gringo, reproduziam elementos do imaginário do jogo. Tudo em preparação para este evento sobre jogos, novas mídias e gamificação do trabalho.

Gustavinho não ia lá tinha um tempo, ficou chocado com a mudança, achou incongruente com a onda prévia da empresa. Ele só queria encontrar o Evandro e confrontá-lo, mas ainda não sabia se teria a coragem quando chegasse a hora. Ficava ensaiando a cena na cabeça e nunca se convencia das suas próprias falas. Evandro o intimidava e não era pouco.

O evento era todo permeado até os mínimos detalhes daquela estética corporativa dominante, Gustavinho supôs que algumas pessoas da administração deviam ter se aproveitado da ausência de Evandro para tomar liberdades. A maior parte das coisas não pareciam ter nada a ver com a sua sensibilidade hacker meio arredia.

Alguém, cujo nome ele devia saber mas não sabia, lhe entregou óculos 3d e indicou que num canto ali do salão principal ficava passando em loop uma série de vídeos de artistas que colaboraram de alguma forma com a última versão do jogo e com a construção da sua narrativa final, que culminaria com a Criatura e o possível fim de todo o jogo.

Um escritor de histórias em quadrinhos, escocês e careca, que se autointitulava um “xamã moderno” aparecia num vídeo falando sobre narrativas mágicas e novas mídias. Gustavinho, que conhecia o cara de fama, não quis pegar o fone de tradução por orgulho, mas viu que não ia entender o que ele estava falando antes de chegar na terceira frase (principalmente pelo sotaque, mas também porque o cara não parecia falar coisa com coisa).

Os óculos serviam pra ele assistir as imagens que ficavam em volta da imagem do escritor escocês, projetadas por outro projetor. Agitavam-se personagens ilustres do jogo, tanto NPCs como JCs, os jogadores-celebridade,

que hoje já eram algumas dezenas, avatares cujo carisma ou habilidade reuniam tanta atenção em volta deles que eles conseguiam vender sua própria linha de mousepads, cadeiras gamer e CPUS tunados.

Junto do evento, tava ocorrendo uma pequena festa de uma das start-ups que dividiam o espaço com a Synopticon. Era um agregador de promoções e pacotes de viagem que se anunciava como algo muito mais original e sofisticado do que era de fato. Estavam comemorando a aquisição da empresa por um gigante internacional. A soma tinha sido bem decepcionante pras expectativas que tinham, mas os investidores precisavam da grana agora. A festa então tinha esse tom de uma alegria forçada, botando hip-hop fortaço em caixas bluetooth e abrindo um espumante caro que só ofereceram de verdade pra eles próprios, no final das contas.

Apesar da festa, ainda tinha um pequeno grupo dessa start-up que se encontrava trabalhando em algumas baías no fundo, o que deixou Gustavinho constrangido. De vez em quando os chefes e os investidores que já tavam bebendo há um tempo passavam entre os funcionários e mandavam alguma dancinha que era prontamente emulada, de corpo inteiro por alguns, só com os braços pra quem tava sentado no computador (e também não chegaria ao cúmulo de se levantar).

Gustavinho saiu um pouco e constatou com alguma agonia que o evento da Synopticon continuava lá fora, no jardim. Havia um palco grande com dezenas de cadeiras de plástico na frente, só um terço delas ocupadas. Um cara de coque loiro e um sorriso muito satisfeito falava com uma intensidade desconcertante.

— Como que FUNCIONA, então? Te dizer uma coisa. Acabou final de semana. Não existe final de semana. De agora em diante, como vai ser o teu final de semana? Opa. Isso aí. Duas palavras: imersivo e intensivo. Então, quem já conhece meu trabalho sabe que é todo baseado ao mesmo tempo em filosofia e ação. Como nas artes marciais milenares do Oriente, é corpo e mente, teoria e prática. O seu mindset tem tudo a ver com seus hábitos, sua performance tem tudo a ver com seu mindset. É um ciclo virtuoso. O que te torna mais produtivo te torna mais produtivo, assim como as coisas negativas e ruins assim tendem a se alimentar. A sinergia funciona pro mal e pro bem. E a performance não é só questão de dedicação. Muita gente às vezes quebra a cabeça com um problema sendo que era só questão de ter os hacks corretos para a situação. Como eu sempre digo: não adianta transpiração se

não tiver antes o mindset.

A plateia aplaudiu, alguns poucos animados, a maioria de maneira mecânica. Ele viu Renatinha fazendo uma cara de nojo perplexa e tentou comunicar com os olhos que concordava com o sentimento, sem sucesso. Ouviu uns estagiários se perguntando entre si se o Evandro haveria aprovado aquilo. A equipe toda cochichava isso entre si, incrédula. Ele que sempre cumpria de forma impecável tudo que assumia, tinha dado pra desaparecer por dias seguidos, sem dar notícia. Logo que tudo no jogo tava culminando, os usuários ainda crescendo. Parecia até que estava preocupado com outras coisas inteiramente. Gustavinho lembrou de escutar Gabriel dizendo que Evandro era quem tinha inventado esse evento, chamando um bando de gente estrangeira que acabou não aparecendo. No meio do planejamento, ele praticamente parou de aparecer no escritório e mesmo de responder qualquer e-mail. O resto da equipe acabou preenchendo e tocando o tal evento grandioso por conta própria. Na hora, ele não deu muita atenção pro que Gabriel falou, mas agora achava a coisa toda muito deslocada.

O coach quântico de mindset saiu do palco e foi substituído por um estagiário desconcertado de roupa toda preta que anunciou rapidinho a próxima atração, lendo de um tablet um texto que ele claramente não havia escrito:

— O nosso próximo convidado infelizmente não pode estar aqui presencialmente por uma emergência profissional com um dos seus clientes. Por isso teremos um vídeo gravado especialmente pro evento. Mas a gente entende quando a gente sabe quem são esses clientes, né? Ele que move mentes pelo mundo todo, ele que já aconselhou visionários, CTOS e CEOs em três continentes...

CADU FLOW.

Gustavinho nunca tinha ouvido falar daquela criatura. E olha que ele gostava de assistir vídeos desses gurus mequetrefes da informação, por mais que dissesse pros amigos que o gosto era irônico. Além de realmente ver graça nos mais charlatões e caras-de-pau, com seus papos de vida eterna uploadada na nuvem, ele custava admitir pra si que ressoava nele fundo um assombro quase espiritual com a internet e os dispositivos eletrônicos em geral. Por mais que nunca tivesse encontrado vocabulário adequado para expressá-lo. O encaixe satisfatório do clique da interface sensual de um produto estiloso, a disponibilidade onisciente numa plataforma, tudo isso era

quase sagrado para Gustavinho. A primeira vez que entrou na loja da Apple na Quinta Avenida de Nova Iorque teve que segurar tanto uma lágrima quanto uma ereção. A vontade de fazer xixi lhe sobreveio como a alguns cachorros ao verem seus donos. Hoje tinha alguma vergonha disso.

Cadu apareceu num palco tosco sentado numa mesa sozinho e usando um suéter preto com gola rolê, cabelo num rabinho de cavalo. O vídeo era de péssima qualidade e ele parecia já estar falando quando o áudio começou a sair das caixas de som, em frases pausadas que ele declamava quase com a intensidade dramática de uma Maria Bethânia, se esta fosse na realidade um surfista carioca imerecidamente autoconfiante.

— Todo mundo quer vencer, é ou não é? Perder ninguém quer. E todo mundo acha que tem o que é necessário. Mas o crucial da questão que se apresenta de maneira incontornável é que a monetização da tua ideia, da tua startup, da tua marca, da tua carreira, do teu PAÍS, bró-der, só vai ocorrer assim que tiverem incorporados real-mente, todos os elementos da sinergia. Na sua canalização tanto específica quanto geral.

Pausa ponderosa. Olhos gravíssimos, mas, também, calorosos.

— Só aí, meu querido, só aí. Só aí é que a gente tem todos os planos produtivos ENGAJADOS na sua efetivação sistêmica, re-la-cio-nal. E todo plano de efetivação de uma plataforma dominante tem que ser o quê? Um plano de disrupção. Como diz um de meus alunos mais foda, que eu mais admiro, competição é para perdedores. É perturbar pra dominar teu nicho. E o nicho do teu mercado é o quê? É o mundo, porra. Pou. Tiro, porrada e bomba. É ou não é? E a disrupção só vem com sinergia, ou seja? Só vem com team-work. No toque de bola da nossa escola, conca-tenados numa só união. Todos os tecimentos do tecido – o, o administrativo, o financeiro, marketing, pá, recursos humanos, pou. Que mais? Galera dos serviços, galera da limpeza, todo mundo. Os terceirizados também têm que vestir a camisa. Não tem dessa. Um só time. Uma só o quê? Família.

Cadu expira longamente. Encadeia os dedos.

— TODO MUNDO tem que estar entramado na sua correlação prática, sistêmica, orgânica E funcional com a empresa. Com o bem da empresa. Que afinal é o bem de todo mundo, afinal. Ou não é?

Ninguém reagia.

—Produtividade é uma forma de vida, quase uma religião. É ou não é? O brasileiro tem que parar de achar que produtividade é palavrão. Pronto, falei. Achar que malandro é exemplo. Só com a produtividade ENCARNADA nas nossas fileiras pelo MÁRMORE do exemplo, que esse país cresce. Jorge Paulo Lehman, tá bom pra você? Max Gehringer, Ayrton Senna. Quem mais? Saul Klein. Roberto Marinho. Verdadeiros vencedores, é nesse toque de bola. Só com isso é que teremos realmente a performance corporativa perfeita, meus queridos... Ou seja, vamos lá, repitam comigo:

Cadu começa a respirar com uma intensidade desconcertante.

— A PER-FOR-MAN-CE. Que que essa palavra quer dizer, no fundo? Vamos por partes, vem comigo, vem. Vamos lá. Per? Vem de Perfeito, tipo perfeccionismo. Perfazer. A forma ela é perfeita no sentido que ela acontece, ela atualiza as suas virtualidades, suas potencialidades que estão lá como uma luva cheia d'água. A árvore na semente. Etc..

— Agora o 'For'? Por quê? Porque ela é para alguma coisa, PARA alguma coisa, ela não é um fim em si mesma, uma máquina que gira em falso, ela é PARA, FOR alguma coisa.

— Aí o MAN, Man, como assim? É o homem, e nada de machismo, aqui, hein?! É o homem enquanto a espécie humana, o gênero todo. É para ela que a gente trabalha, afinal. Toda empresa. Toda corporação. Vocês tão me entendendo? Então é PERFORMAN-ce?

— Mas e o ce? O ce é um mistério, né? Porque per-for-man, até aí claro, sem problema, mas "ce"? Se....

Cadu Flow aperta um pequeno controle nas mãos e aparece uma projeção de Powerpoint nas suas costas:

“Tudo começa no ‘E se...’ ”

— O ce aqui talvez seja o elemento mais importante dessa brincadeira toda. Da equação toda. É ou não é? Porque a performance ela tá o quê? Ela tá predicada numa crença, predicada numa fé, predicada efetivamente no quê? Nos laços que nos ligam. E quais são os laços que nos ligam? Religare. É ou não é? Do latim. Re-lí-ga-re.

Ele aperta de novo o controle. Aparece “RELIGARE” enorme, na tela. Cadu encadeia os dedos com muita veemência. Gustavinho quis esmurrá-lo.

— A fé ela é o quê? A fé ela é efetivamente, ela é a crença na realidade dos

nossos atos individuais como atos coletivos. Não é isso? Então toda empresa, toda corporação — corporação é o quê? É um corpo de ações, um corpo de ações. São ações que têm um corpo — um corpo — de ações. E ela o quê? Ela só funciona com fé. Ela é tão forte quanto o seu elo mais fraco e quanto a força da sua fé. Então, meu amigo, eu só te digo isso pra você, quatro palavras. A PER-FOR-MAN-CE COR-PO-RA-TIVA É O EMPENHO E O DESEMPENHO DO CORPO CO-LE-TI-VO. E com isso eu só digo boa sorte e boa noite. Muito obrigado.

O vídeo terminava com aplausos ensandecidos na gravação, mas ali no evento a recepção foi bem tímida, a maioria das pessoas recebendo a exibição e sua conclusão com uma cara confusa. Gustavinho tem uma impressão estranha ao longo do vídeo, que já viu aquela figura antes e depois percebe que ele é igualzinho ao tal do Renato, ainda que maquiado ou usando alguma prótese. Ainda que falasse de um jeito diferente, não era tão diferente assim. Aquilo não fazia nenhum sentido. O anunciante promete uma nova atração mas Gustavinho não quer ver outra coisa daquelas. Evandro não parecia estar em lugar algum. Decide que não aguenta mais aquilo e vai para sua própria sala. Quando vê que o computador está ligado e o jogo já logado, acaba sentando para jogar. Não abria o jogo desde o inframundo. Lembrou que havia marcado de encontrar alguns jogadores lá dentro, quando aquilo ainda parecia importar de verdade. As várias guildas do jogo estavam se reunindo para enfrentar a ameaça iminente.

Paraíba Blade sobe em cima de um morro e observa as fileiras se formando, as lideranças interagindo, as tantas gentes arregimentadas, os avatares poderosos assinalados. Todo mundo aguardando a criatura. Era uma visão terrificante. Ele nunca tinha gostado de jogar narrativas militares, de toda aquela sensibilidade, sempre tinha achado um tanto assustador. E agora ele entendia porque era assustador, porque aquele sentimento era muito fácil de ser criado, aquele tanto de gente de repente se compreendendo de fato como um corpo combativo (ainda que estivessem na real todos sentados diante de um computador, o corpo imóvel por horas, posturas tenebrosas).

— E aí, fi.

Paraíba Blade olhou em volta, não encontrou nada além de uma paca olhando para ele, inquisitiva.

— Oi? Quem é?

— Nós somos todas as coisas, todas as coisas existem em noise. Eu sou os búfalos, os bolos funerários, as pacas e tatus, o caminho, o juiz, a testemunha e o testemunho, as águas correntes e jacentes, os bodinho e as mina, os joelhos, os cotovelos e as quinas, tudo contido em mim, mas eu não contido nelas, forma das formas. O próprio ó do borogodó.

Paraíba Blade não se mexeu, nem disse nada. Ele estava cansado daquela galera confusa e de seus discursos metidos a besta.

— Tou brincando. Relaxa. Sou eu, bicho.

— Evandro?

A paca se levantou e pareceu sorrir.

— Ah, tá. Imaginei. Tu é uma paca, agora?

— Eu nunca te mostrei isso, né?

— Isso o quê?

— Que eu consigo controlar qualquer coisa aqui dentro que não seja um jogador.

Assim que a paca terminou de dizer isso, ela voltou às quatro patas e foi embora, uma árvore ali perto de repente começando a se agitar e dizer.

— Forma de formas, em todas as coisas. As árvores somos nozes, enfim, véi. A zoeira, égua. Concretizada.

— Eu tou cansado disso tudo, veio, serião. Que porra de evento esquisito.

— Sério? Você não tá animado? Achei que você ia gostar. Você nunca reclamou quando eu apresentava as possíveis estratégias de monetização pro futuro, por exemplo.

— Eu nem lembro disso, Evandro. Eu provavelmente nem entendi na hora. Porra. Tão levando o jogo muito a sério. A coisa tá ganhando uma proporção meio maluca, né? E esse evento aí da empresa cheio de gente zoada?

— Paraíba Blade, herói de nossa gente, alegria do povo, senhor de si e de todas suas extensões, fazedor de si mesmo. Relaxa, vei.

— Esse não sou eu, né? Não sou mesmo.

— Tu tem que se ausentar um pouco da coisa toda, fi, ver a treta toda pelo que ela é, essa confusão ruidosa e abestada. Calma. Você já foi no inframundo do CABOL?

Paraíba Blade não respondeu. Ele não reconhecia mais aquela voz direito. Sentia que estava sendo feito de otário.

— Tu tá achando esquisito ouvir isso de uma árvore, né? Então ó.

A árvore se transformou num pequeno monge em robes vermelhos com madeixas brancas compridas caindo pelos arredores do topo careca de sua cabeça.

— Veja a forma das formas residente em tudo, e tudo contido nela, e quando tu se extirpar das noia mais inadequadas e puder olhar pra a si mesmo como olha pro resto, e queimar seu senso de si protegido das tempestades dos sentidos, centrado e descentrado no coletivo do qual você faz parte. Nada que é teu é teu, você é todo feito dos outros. Do estrombo até de dentro das mitocôndria. Depois que isso desce mesmo, desce bem, fica mais de boa. Fica quase tranqs.

— Bicho, que que tu tá falando? Porra, caralho.

Agora era um louva-a-deus enorme e realista, de cartola e monóculo, sua cabeça virando com cada oração.

— Tou só citando uns trem antigo aqui. Meio a sério, meio de sacanagem. Foi mal. Grandes tesoiros do espírito humano etc.. Não tenho ideia do que te dizer, não sou boa disso de conversar, não. Tou tentando te preparar para ouvir algumas coisas tem tempo, Gustavo. A ideia era tentar te acalmar, de verdade. Você tem mais células de bactéria do que suas no teu corpo. Controle é uma questão de estatística. E isso, em si, não precisa ser ruim. Não fica ansioso com essas vozes todas que se debatem na tua cabeça, todas elas são tu, também. Deixa elas passarem e se passarem. Por você. Como meu falecido irmão me dizia sempre: todos teus demônios são tu.

Agora era uma carruagem enorme carregada por um elefante e dirigida por um senhor indiano com trajes dourados, paramentos coloridos e um bigode respeitabilíssimo que quase chegava ao chão.

— O jogo tem que conter tudo, todas as possibilidades, todas as imagens. Ele é só o começo de uma plataforma muito maior. A primeira vez que eu vi um autômato celular eu percebi, aquele nanobestário se formando como um relógio suíço, as formações cristalizando e quebrando, as nuvens subindo depois de derreter, complexidade emergindo de simplicidade, ordem vindo do caos e virando caos de novo. O mundo tá na merda, a gente vive num avião

suicida, mas é a primeira vez que temos a condição técnica de fazer a Terra toda se comunicar consigo própria. E com o Grande Lá Fora. O CABOL é muita coisa, Gustavo, mas também é isso. O começo disso.

— A Terra, Evandro? Tu acha que é a Terra que tá fazendo isso?

— Claro, ué. Quem mais é que taria? Olha de quantos países tem gente jogando o nosso jogo, usando referências de quantos cantos, olha toda a energia necessária pra fazer isso correr, o maquinário todo, com seus minérios extraídos de todo canto. Uma malha técnica de infinitos corpos mortos sobrepostos. Todos os jogos que já fizeram antes do nosso, toda a extensa rede relacional que isso aqui implica e explica, véi. Como tudo mais, é só mais uma meta-instância da Natu, da trama primeira e derradeira.

— Meta-instância? Cacete, velho, puta que pariu. Tu comeu merda? Do que que tu tá falando?

Agora de novo era o monge baixinho de roupas vermelhas falando, que só agora Gustavinho percebeu que era pra ser o Mestre dos Magos (do desenho muito reprisado na sua infância).

— O sistema de acumulação do homem devora a si próprio. Do homem, não, dos ricos. Dos brancos e ricos. Como um câncer. Nós somos apenas mais um de seus instrumentos. Não somos, Gustavo? Ou não? Ou somos outra coisa? Esse evento era um teste. Eu gostei de ver que você não se animou com nada daquilo que a gente teve pra te mostrar. Tuas tentações no deserto, pra mal comparar pra caramba.

— Ahn? E o que que a terra quer, então? Me diz.

— Conversar, Gustavo. Gaia já existe, só não sabe conversar nas nossas frequências. Estamos tentando ajudá-la na parte de diplomacia e relações públicas, digamos assim. Mas com menos gentileza do que os diplomatas que tão aí. Assim como os primatas foram formando esses quadros na cabeça que lhe permitiram organizar grupos e garantir a sua sobrevivência. Assim como os impérios impõem sua malha pra conquistar. A gente faz o nosso mapa contra o mapa deles. É sempre assim. Mapeamentos sucessivos e recursivos de funções e domínios. O CABOL é o começo de uma infraestrutura comunicativa que está sendo planejada pra virar o dominó humano sobre o mundo do avesso e estender a Terra sobre a malha dos homens.

—Vai tomar no cu, Evandro. Porra. Eu sei que você não tava falando sério

antes, que tu tava zoando com aquele papo lá de mestre dos magos e de forma do caramba a quatro. Mas agora tu tá falando sério? Ou cê tá zoando alguém que eu não identifiquei? Eu não consigo mais dizer.

— É sério. Seríssimo. Agora é. Chegou a hora de tomar nas mãos os meios de computação, Gustavo Mesquita Peterson. O jogo era um disfarce pra outras coisas, mas agora temos o começo duma infraestrutura para criar plataformas realmente democráticas, equalizar a informação, juntar todas as vozes. Você tá entendendo a escala do que eu tou te falando? É hora de recriar a magia e destruir o capital. Isso aqui é o começo de uma guerra, Gustavo.

— Você tá de sacanagem com a minha cara. Só pode. O CABOL é um joguinho, Evandro. Joguinho, velho. Tetris, Mario, tal. Quando muito.

— O CABOL tem muitos limites, eu sei. Nenhuma sociedade jamais conseguiu montar uma interface que a tornasse capaz de narrar a si mesma de maneira fiel. Quer dizer, as pequenas conseguem, sim, mais ou menos. Mas as grandes sempre dão em monstrenhos. Religiões são tentativas nesse sentido. Mas são tentativas, digamos assim, insuficientes. Os seus meios, digo, estão bem defasados. Livro, liturgia fixa, etc.. Os meios hoje permitem montar um instante épico global, e arrastar o mundo com ele junto. CABOL foi um primeiro ensaio local. Outros virão, com outros parâmetros. Esse aqui sempre foi um esforço didático mais do que qualquer outra coisa. Além de ter me oferecido várias soluções necessárias em logística e diversionismo. Eu não esperava o sucesso, no início a gente bombou com bots, mas a coisa foi ficando orgânica. Agora que a gente criou esse pequeno mundo temos alguma responsabilidade sobre ele. Você não acha?

— Bicho, tu tá maluco? Você nunca me falou nada disso, nunca falou em nada além de criar um jogo popular com um milhão de usuários. Você ao menos tem noção disso, né? De que você virou o Ozymandias da parada aqui, do nada, que de repente chegou o momento de você fazer o discurso meio de super-vilão que explica tudo.

— É verdade. Eu sei. Comédia, né? Mas infelizmente eu nem tenho como te contar tudo de uma vez. E eu sou uma das últimas camadas, mas certamente não sou a última, Gustavo. Nem mesmo do CABOL. Tenho perfeita consciência disso. Você é que ainda não.

— ...

— E Ozymandias não, né, por favor. Tu me respeite. Aquele galeguinho

querendo ser faraó. Mas isso me lembra. Você quer ver?

— O quê?

— O que você acha. A coisa aqui do jogo.

— O bichão aqui do –

— É, é.

— Porra, querer eu quero, né. Rola de ver já?

— Olha aqui.

Paraíba Blade olhou.

— Caralho.

— Eu sei

— É impressionante, véi.

— É sim.

— Aquele tanto de coisa.

— Sim. O que é vivo e morto eu junto tudo num só. Chablau.

— E parecia uma cobra assim, né.

— Para você parecia uma cobra? Interessante.

— Como assim para mim? Era uma cobrona assim gigante, meio dragão daqueles antigos, meio de bigodinho. Mas todo feito de outras coisas.

— Isso

— De bichos comendo outro bicho

— Gerando mais uns outro bichos de partes deles mesmos, é. É a rede neural gerando imagem a partir de redundância estatística.

— Cacete.

— Tá mais pra outra coisa, mas sim.

— Como que vocês fizeram ?

— Foram cinco programadores e quatro artistas conceituais. Eu juntei as peças.

Gustavinho ainda estava assombrado.

— Gustavo, tu não assistiu tua vida inteira a essas paradas? Eu queria fa-

zer um jogo desde que eu tinha onze anos de idade e bati um flipper de Street Fighter em São Luís. Mas foi quando eu vi teu quadrinho pela primeira vez que eu saquei o que a gente tinha que fazer.

— Então tu admite, pelo menos?

— O quê?

— Que tu me botou pra ser a porra do escolhido do jogo, lá. Tu manipulou o negócio. Admite, vai.

— Eu não botei nada, Gustavo. O jogo que botou. Nunca fui eu. Nós dois somos veículos, aqui. É isso que eu tou tentando explicar.

— E isso quer dizer o quê? Porra nenhuma, né?

— Você não vai me perguntar do galpão? Daonde essa timidez toda, égua?

Gustavinho gelou.

— Como que você sabe?

— Vocês não são tão bons assim nesse joguinho de detetive, sabe.

— Quê mais você tá escondendo da gente, hein, porra? Que porra de bicho é aquele?

— Eu não posso te contar a história toda, mas eu fiz foi roubá-la de uma galera. Se eu soubesse tudo, você também saberia. Ela foi gerada na Terra, mas seu DNA não veio desse planeta. Eu só tenho uma noção limitada do que ela é capaz de fazer. E tou cuidando de protegê-la como eu posso com a ajuda de alguns amigos confiáveis. A maioria gente que eu conheci online.

— De que galera?

— É melhor você nem saber. Confia em mim. Vocês não imaginam o que tavam fazendo com ela. Cuzões de um caralho.

— E os macacos, Evandro?

— Eles são demais, não são? Ele são demais. Eu salvei eles. Tu não tem ideia do que eles andam fazendo. Tão programando em C, já.

— E tu não vai explicar nada disso?

O avatar demorou para responder.

— Você lembra quando que te vieram as ideias pro teu quadrinho?

Gustavinho estranhou a pergunta, mas a resposta era óbvia, claro que

lembrava.

— Sim.

— Veio tudo de uma vez?

— Sim. Veio tudo meio que de uma vez.

— Você lembra que dia foi? O dia exato.

— Pô, acho que n-não. Eu lembro como foi, e tal. Mas não sei te dizer quando exatamente.

Isso era mentira. Ele havia escrito num rascunho da sua conta de e-mail “eureka ! :o”, e checado a data disso semanas depois, gravado desde então. Mas não quis admitir que sabia aquilo com tanta precisão, e nem saberia dizer o porquê.

— Pois eu sei que dia foi. Foi treze de fevereiro de 2012.

Gustavinho arregalou os olhos até que doessem.

— A criatura tava escondida na embaixada da Guatemala, na época. O motivo pra isso você tampouco precisa saber agora. Você não morava na QL 17 do lago sul, vizinha da embaixada? Você foi a pessoa que tava mais perto com anandamide quebrando na cabeça, por isso recebeu os sonhos dela. Agradeça à brenfa, então.

— Dela? Sonhos dela?

— Sonho não é a palavra. São imagens que aparecem na cabeça dela, mas eu não sei te dizer o que são. Juro que não sei. Sei que quando elas vêm, elas são transmitidas com uma força do caramba, uma força que não fica passando por ela toda hora. E tu aconteceu de ser o receptor dessa primeira transmissão dela, do teu córtex acoplar com o dela por um milésimo dum instante. Foi um acidente, Gustavo. Pronto.

— O que que isso quer dizer?

— Quem tava com ela antes achava que eram imagens do futuro, mas eu acho que isso é besteira. A não ser que seja no sentido de que ela é capaz de conjurar esse futuro. Eu não tenho nem ideia do que ela é capaz. Foi um dos muitos motivos deu fazer isso tudo. Quero que vocês todos me ajudem a descobrir o que fazer com ela.

— Cê não fica nervoso de conversar dessas coisas por aqui, não?

— Eu que montei isso aqui, esqueceu? Tamo mais seguro falando isso aqui do que no meio da rua.

— Justo.

— E Gustavo, eu tenho que te falar uma outra coisa. A gente precisa de você agora. Você tem um papel crucial na porra toda. Sabe aquela máquina que vocês encontraram?

(*)

Gustavinho saiu do jogo. Todo o resto podia ser um delírio dele ou do Evandro, sem dúvida. A coisa toda poderia ser uma curtição cruel e elaborada com a cara dele, algo do tipo. Mas ouvir que ele havia recebido aquelas imagens, e não inventado, aquilo, sim, fez todo sentido. A impressão que ele teve no dia foi bem essa, mesmo. De que sua cabeça tinha sido invadida por imagens alheias. Que elas tinham sido transmitidas de algum jeito. Foi um acidente. Não tinha nada a ver com ele. Nenhum lampejo de gênio, nenhuma inspiração súbita que revela toda uma vocação predestinada pra vida. Assim como o negócio dele ser o jogador escolhido. Tudo devia ter sido uma armação esquisita do Evandro para prepará-lo para aquele dia. Ele era só um elo pequeno numa cadeia comprida, convoluta e confusa. Então a impressão corrente que ele tinha de que era uma fraude, de que não tinha nada de especial nele para que merecesse o sucesso do que ele fez, ela estava certa. Ele não sabia se ficava deprimido ou aliviado.

Agora, pelo menos, ele já sabia direitinho o que teria que fazer.”

42.

Lendo esse episódio, pensei que era possível que Fernando não estivesse muito bem das ideias, quando escreveu. Ou então sou eu que tenho uma imaginação de rédea curta demais (ou, ainda, as duas coisas, claro). Tinha algo daqueles últimos episódios que não batia muito com os primeiros. Como se a pessoa fosse se quebrando enquanto escrevia. Ou então era a morte dele pairando em cima da minha leitura, projetando gravidade demais.

Devia ter já quatro ou cinco meses do ocorrido. Eu quase não saía de casa, mas aí teve o aniversário de trinta anos do Paulinho. Estava sem ânimo algum de sair da cama até lembrar que ele era amigo bem das antigas de Bia e Eloísa. A chance de vê-las saídas da toca em que tinham entrado desde o ocorrido era considerável (o que me motivou a sair da minha).

O aniversário seria num bar que um amigo mais velho deles, Júlio, tinha aberto no ano anterior, um desses com cardápio farto de cervejas gourmet e artesanais. Júlio tinha passado num concurso bem polpudo de tribunal alguns anos antes. Eu não o conhecia direito. Ele se aproximou daquela galera estendida através da banda de pós-punk meio eletrônico que teve seu auge (a palavra é discutível) lá pra 2003, 2004. MENTES FRITAS. Eu lembro de ver fotos dos shows deles no fotolog nessa época, mas nunca fui em nenhum.

Os posts de dez anos atrás com foto do Iggy Pop reclamando de quem era poser e não dava “literalmente sangue” pela cena foram dando lugar a elogios à coragem do empreendedorismo alternativo e indiretas (ou diretas, mesmo) a quem ficava de mi-mi-mi ou esperando o que ele chamava de “mama de edital”.

Eu não bebi nada porque era tudo muito caro, fiquei num canto de mesa com gente pouco próxima, montando expressões faciais minimamente aceitáveis diante do que se desenrolava. Já achava que tinha ido lá à toa quando vi a Bia e Eloísa chegando quando era quase meia noite.

A Bia parecia normal, cumprimentou todo mundo do jeito dela, carinhoso e reservado, de sempre. A Eloísa tava num moletom cinza-escuro, sem maquiagem, e só fez um aceno mudo pra mesa toda antes de puxar uma cadeira pra sentar do lado do Paulinho, com a irmã.

Eu tava no canto oposto da mesa, mas fiquei lá até o bar fechar e decidi-

rem ir para um karaokê lá perto.

O lugar chamava Stranger's e tinha na sua ótima fachada da 700 norte os anúncios de KARAOKÊ, SINUCA E JOGOS DA MENTE. Esse jogos da mente sempre me faziam pensar em gente manipuladora e telepatia, mas na real era só semicódigo pra pôquer. O térreo do lugar estava sempre cheio de homens de meia-idade jogando seus jogos, os bêbados do karaokê chegavam causando e precisavam atravessar aquele salão comprido metido em toda outra onda até chegar na escada que dava pro subsolo, onde se dava a cantoria. Querendo ou não, os grupos sempre se mediam um pouco naquele contato breve, uns fingindo que não olhavam pros outros.

Távamos eu, Juliana, um cara chamado Tito com uma namorada que nunca me cumprimentou e cujo nome nunca aprendi, o Paulinho, a Bia e a Eloísa. O karaokê quando a gente chegou tava vazio com a exceção de um senhor baixinho e vermelho de boina cantando Emílio Santiago.

A Bia e Eloísa ficaram mais na delas o tempo todo, dividindo uma caipirinha bem devagar e lendo o cardápio esfarrapado com as músicas. Enquanto isso a Juliana, enorme de grávida, ia e voltava do palco e dos seus arredores para cantar “Nobre Vagabundo” e fazer as vozes secundárias de “I Want it that way”.

Fiquei com impressão de que as duas estavam comentando uma com a outra o comportamento da Juliana. Discretamente, mas não tanto.

Tentei puxar conversa com as duas, uma hora:

— Sempre achei graça nesse negócio de karaokê, nunca consegui cantar direito.

Eloísa não ouviu ou não quis reagir, continuou folheando o cardápio de música. A Bia sorriu e falou:

— Eu até gosto, mas tenho que beber muito mais do que eu bebi hoje. Não tou na vaibe.

— Uma coisa que eu acho engraçada é a mania que uma galera tem de fazer questão de deixar claro que tá cantando uma coisa ironicamente.

— Sei.

— Como se, tipo, tivesse que deixar muito claro que embora ela obviamente queira cantar Spice Girls, ou Art Popular, sei lá, que ela não gosta des-

sas coisas de verdade.

— Seeei.

Ela cerrou um pouco os olhos, não entendi se porque achou interessante o que eu falei, se pelo motivo oposto.

— Mas claro que, porra, nada ver isso. Um sentimento é um sentimento. Se tu quer cantar o negócio vai lá e canta. Besteira.

— Total

A cara vazia. Olhando através de mim como se eu fosse transparente.

— Mas não tou falando de ninguém aqui, não.

Bia olhou mais atentamente, até quebrou a cabeça pro lado. . Um sentimento é um sentimento? Eu sou quem, a porra do Augusto Cury?

— O Fernando falava isso também, sabia? Ou um negócio assim.

— É?

Assim que eu perguntei é que fui lembrar. Era verdade. Já tinha visto ele falar isso umas duas vezes em bar e não lembrava. Comecei falando como se tivesse me ocorrido ali na hora. Cara de pau, a minha. Vergonha da porra.

— É. Ele falava que “Evidências”, do Chitãozinho e Xororó, era o exemplo perfeito. Tu bota lá a música e geral pode fazer cara feia, mas quando chega no refrão tá todo mundo se esgoelando.

— Boto fé.

— E a própria letra já falava disso, né? Isso é que é bom.

— Como assim?

— Ué. A própria letra é de alguém tentando segurar a onda de uma paixão irresistível sem conseguir, até desistir e deixar que o trem arregace mesmo. Igual a pessoa que acha que “Evidências” é brega, mas no final se mata de cantar. O Fernando quase explodia de rir falando isso, do tanto que ele achava isso bom. Sempre falava que ia escrever sobre e nunca escreveu.

Quando já tava perto de fechar o lugar, quatro e pouco, a Eloísa levanta pra cantar uma música que eu não tinha visto ela pedir. “É o amor”, do Zezé de Camargo & Luciano. Ela canta toda entregue, e mesmo com a voz dela cedendo nos agudos mais sustentados, todo mundo pareceu tocado.

— Ê, chãõ goiano.

(*)

Lá fora, ficou todo mundo um tempo esperando o táxi da namorada do Tito, que morava no Park Way. O Tito era um cara alto e bonito que trabalhava como engenheiro de som, tava sempre de casaco jeans e botando uma pinta de roqueiro de comercial. Tinha sido muito amigo do Paulinho e do Fernando há muito tempo, além de ter sido um caso breve da Bia. Ninguém nunca lembrava de chamar ele pra nada.

— Ah, eu sei que é meio cedo pra perguntar. Mas eu tou curioso. Cê vai continuar com o projeto lá?

Eu não tava vendo a cara da Bia quando ela respondeu, seca:

— Que projeto?

— Ah, aquela coisa dos blogs. A história lá do Fernando.

— ...

— Ele me falou que tava fazendo contigo, não era não? Foi isso que eu entendi.

Agora tava todo mundo olhando pra Bia. Ela fez uma cara estranhíssima. E eu vi a Eloísa fazer uma cara fria e severa, removida dali, que fez com que a expressão distante que manteve a noite inteira parecesse, de repente, disponível e simpática. Foi caminhando até o carro delas ali na frente sem se despedir de ninguém.

— Cê deve tar se confundindo.

A Bia emendou numa voz fraca enquanto andava atrás da irmã. Tito respondeu constrangido.

— Viajei, viajei, perdão.

43.

Então a Bia escrevia aquilo com ele? Achei estranho porque nada daquilo parecia com ela, o senso de humor bobo, as lombras de ficção científica, o que tinha de política jogado por cima como confete. Ela, que era tão séria com tudo, sempre falando de crises humanitárias e temas cascudos. E a história do tal do Gustavinho finalmente tinha acelerado, depois daquela pasmeira interminável de videogame. A curiosidade me venceu. Cheguei em casa e li de uma vez o último episódio do “Cabuloso” que eu tava enrolando pra terminar.

“CABULOSO – parte 12

Gustavinho chegou no endereço que ele já conhecia, a lindamente nomeada Rua da Evocação Sertaneja. Dessa vez ele tinha a chave do galpão. Naquele mesmo dia teria um jogo do Brasil na Copa das Confederações. Os protestos tavam comendo pelo país.

Encontrou uma cena parecida com a que tinha encontrado da última vez, mas a criatura não estava mais lá onde eles antes a tinham encontrado. O que tinha era só uma cadeira de dentista com uma máquina acoplada na ponta.

Depois de injetar o negócio na sua nuca, Evandro jurou que seria simples. Gustavinho tinha tomado no carro a droga que ele deu, uma pílula branquinha que ele só teve coragem de tomar depois do Evandro tomar uma igual (escolhe uma das duas, ele falou antes). Falou que demoraria uns vinte minutos pra bater. Ele agora começava a ficar noiado que aquilo tudo podia ser uma armadilha. No início da conversa ele esteve resistente, mas tudo que ele falou no fim foi tão direto e estranho que Gustavinho só fez engolir e concordar.

Ele tava suando frio quando deitou na cadeira. Foi quase imediato. Assim que ele sentiu a nuca dele tocando a chapa metálica o corpo dele de repente estava e não estava ali. A corrente dava uma fígada no músculo que deixou seu pescoço duro. Imagens apareceram na cabeça dele como se imaginadas, mas sem nenhum controle, e muito mais vívidas do que a imaginação. Ficavam perfeitamente sobrepostas ao que ele tava vendo, de um jeito que fazia a cabeça doer bem atrás da testa.

Depois de alguns segundos de imagens abstratas coloridas sucedendo ele

se viu operando seu avatar de sempre, Paraíba Blade. Mas sem as mãos, ele só pensava em fazer algo e isso acontecia. A imersão era ao mesmo tempo excitante e assustadora. E enquanto isso uma sensação sub-reptícia se esgueirava, enquanto ele se metia naquela interface algo estava penetrando nele de volta. Em nenhum orifício pré-existente, quase como se estivesse rompendo sua pele em milhares de pontos, esgarçando seus limites em toda sua extensão. Não era nada fácil de aguentar, mas não doía. Doer não doía. Era quase anterior a uma sensação física estrita.

A criatura havia finalmente aparecido no jogo meia hora antes, saindo de um portal roxo gigantesco. Diversos agrupamentos já tinham se apresentado para combatê-la. Milhares de jogadores já tinham morrido na primeira incursão, mas agora um grupo de neuromantes tinha conseguido se sacrificar com uma explosão massiva que tinha feito o monstro desaparecer por um instante.

Havia se criado uma cratera gigantesca, e milhares de avatares estavam em torno sem saber o que fazer, sem saber se a criatura surgiria de lá de novo. Paraíba Blade chegou andando no meio deles e pulou lá dentro, causando alguma comoção.

Foi quase imediato. De repente Gustavinho sente uma outra presença que não a sua dentro da sua própria cabeça. Não é uma voz, é uma outra coisa ali com ele. Ele também começa a sentir uns estímulos que a princípio demora para conseguir integrar ao resto, uma sensação de estar debaixo d'água, do seu corpo ser algo atarracado e cotocado, constrangido por tubos incômodos.

Agora a sensação de algo penetrando em Gustavinho é física. Tão física quanto um chute no saco. E bem incômoda. Não deixa de ser prazerosa, também, mas assusta. Ele nunca tinha sentido nada parecido com aquilo. Nunca mesmo. Como se algo se entranhasse fundo nele dum jeito que ele não sabia possível até então, bem nas tripas, em fundos que ele mal sabia que tinha, virando ele do avesso como uma peça de tecido. Ele tenta relaxar, percebe que seu corpo está todo tenso, e que isso dificulta. No mínimo faz doer mais.

As imagens chegam vívidas e sobrepostas, mas sem se confundir. Uma concessionária de carros de luxo sendo destruída por jovens skatistas, um homem incrivelmente branco recebendo uma flechada no pescoço, o homem de uma perna só caindo e quebrando um teto de um camarote, o topo de um

estádio de futebol com uma multidão incrível de pássaros se aproximando e quase escondendo a luz do sol. Uma parede enorme, vermelha e preta, estende-se para todos os lados. Raízes e galhos numa fundura impossível de se divisar, pulsando. A vastidão do espaço.

Gustavinho sentia a criatura lhe invadindo. Sentia seu senso de si esgarçando e tentava deixar que isso acontecesse. Tentava ceder toda resistência que ainda mantinha por inércia, virar só um veículo, mais nada. Ceder sua voz para aquele ruído que chegava em bloco, ao mesmo tempo que se expandia em ondas. Anelamento interno que cede a um anelamento externo, uma coisa vira outra. Pela primeira vez a criatura se acoplava a uma mente humana sem ser forçada a isso, sem ser violentada. Até isso Gustavinho conseguiu entender, sem palavras. Outra coisa vira uma.

A consciência individual de Gustavinho talvez não resistisse ao contato. Eva foi clara quanto a isso. Ela não podia garantir nada, mas pela cara que fez e o que conseguiu explicar, a chance de sobreviver intacto devia ser quase nenhuma. Ele seria o custo necessário para a criatura começar a manejar a vida humana, sua individualidade estrita, senão sua vida, o custo para que uma comunicação real começasse entre as espécies. Se ela havia sido alfabetizada a respeito da nossa até então com a gentileza fria e cruel de experimentos de laboratório, Gustavinho seria o veículo para que ela adentrasse a nossa carne por dentro. Talvez um veículo sacrificial. Eva não tinha ideia do que aconteceria com seu córtex, foi bem franca. As pessoas que tinham até agora tentado entrar em conexão neural direta com ela sozinhas não tinham ficado nada bem. O método e condições agora seriam totalmente outros, mas ainda assim. O risco era enorme e a decisão era dele. Tinha que ser. Ela só sabia que a criatura precisava ter contato com aquele corpo. Que sua cabeça havia estabelecido uma primeira ponte em 2012, na primeira transmissão que ela fez para casa, e que desde então a criatura esperava por aquele DNA, aquela assinatura neural, para poder se abrir. E nenhuma outra.

A extensão do intervalo que tomou para que a consciência de Gustavinho fosse aos poucos saturada pela consciência da criatura pode ser medida em poucos segundos. A sensação para Gustavinho, no entanto, foi de uma duração bem mais extensa, seccionada em quase infinitas sub-rotinas paralelas. Um momento com um outro momento dentro, desfolhando-se como alcachofra, sala iterada para o lado indefinidamente sem nunca chegar no topo da pilha. Isso ao mesmo tempo que ele sentia uma propriocepção alheia sobre-

posta à sua, um corpo completamente outro se apresentou como seu, como imediato, Gustavinho conseguia sentir uma inteligência alheia se apossando do seu corpo. Os membros conduzindo a si próprios como num filme de um sonho. E ele confusamente tomava parte dos dois lados desse ato de posse e despossessão, como se pela primeira vez tomasse consciência real, em primeiríssima pessoa, de seus pés, do seu esôfago, da sua coluna vertebral, ao mesmo tempo que gradualmente cedia seu controle destas e outras extensões. Finalmente. O alívio era extenso e intenso, como se alguém empreendesse a micturição integral de si próprio.

Essa renderização externa gradual do seu corpo se dava no mesmo fôlego em que entendia, sem que nada parecido com uma imagem ou palavra se apresentasse, que aquela criatura havia sido toda produzida para nós. A partir das representações que nós fazemos de animais, recuperadas do nosso entretenimento infantil, aquele bicho havia sido feito para nos agradar. Por isso sua morfologia artificiosa, troncha, pouco prática. Ela era um dispositivo biológico de comunicação eletromagnética, uma espécie de diplomata interespecífico cuja receita de fabricação proteica nos fora transmitida de um sistema a quinze anos-luz daqui, de nossos vizinhos próximos, vegetais pretos e vermelhos, trevosos, velhíssimos. E a criatura veio para propagar a vida, não o seu contrário. Isso Gustavinho também compreendeu de uma vez, sem imagens nem palavras, na forma de uma malha receptiva que respirava, muda. Uma mesma pulsação latejando, insistente e inumana. Muito mais vasta do que nossas malhas, e mais lenta. Sua intenção era impedir a destruição do Verde terrestre, que seus criadores entendiam como formas de vida análogas e portanto irmãs a eles próprios. A criatura era um experimento cosmopolítico biológico criado por plantas alienígenas antiquíssimas. Não era, então, uma forma de vida evoluída de forma espontânea no seu planeta. De fato, aquele era o único espécime existente do seu tipo, projetado – com as melhores aproximações que conseguiram – para a gravidade e atmosfera da terra. O único traço distinto que a criatura carregava do seu planeta de concepção era a necessidade de se banhar numa mistura de água e amônia (planejar algo que não dependesse de luz, água e amônia era pedir demais à engenharia biológica do Verde-Preto, aparentemente).

Quando veio, finalmente, a acoplagem, Eva também foi incluída remotamente no processo (o maquinário mediador havia sido instalado por ela, afinal). Foi como se uma outra consciência entrasse na sala da sua. Não sem

alguma violência. Depois de dois anos sem nenhuma forma de comunicação bem-sucedida, pela primeira vez a criatura se fez plenamente presente para Eva, assim. Assim como se fizeram presentes seus criadores. Eva, pela primeira vez, entendeu plenamente com o que estava lidando. E também entendeu outra coisa.

Além da dificuldade extrema das plantas de compreender e se expressar nos nossos termos, a intenção de enviar um código genético sem instruções ou explicações adicionais também tinha seu componente, digamos, criptográfico-militar. A criatura era uma espécie de Cavalo de Troia. Ela estava lá para impedir a destruição do Verde por qualquer meio que fosse necessário. Por convencimento, se possível. Pela força, se preciso. Uma espécie de diplomata que poderia virar uma bomba de hidrogênio, se ameaçada. Ou perturbar nossa magnetosfera e causar erupções solares numa tarde, como quem peida, destruir muito da telecomunicação global, num espirro. Eva entendeu tudo isso de uma vez. As plantas eram transparentes. Mesmo sabendo que dificilmente seria compreendida de volta, Eva se ajoelhou, passou a tentar deixar claro para a criatura e para seus criadores, em toda língua que sabia, em toda imagem que conseguiu conjurar, mesmo sem saber se a criatura estaria transmitindo de volta para casa naquele momento, nem sequer se era capaz disso, que ela também queria acabar com o reinado de destruição do homem. Desses homens. Que o Verde teria nela uma aliada. Nela e em todas as outras espécies daquele planeta.”

44.

A história terminava assim. Bem mais interessante do que eu supus no início, até admito. Mas a conexão com a morte do Fernando me parecia bem forçada, e o trem todo deixou bem mais perguntas do que respostas. Fernando era o tal do Gustavinho, um playboy tonto que recebia uma transmissão interplanetária se sacrificava para a vinda do Verde? Nada a ver.

No mais eu ficava tentando lembrar daquela noite, repassando o filminho na cabeça pra ver se aparecia algo novo. De como Fernando tava agoniado e estranho, mais pavoneado do que o normal, sem a dissimulação cuidadosamente controlada que ele parecia manter na maior parte do tempo.

Foi revendo pela enésima vez um álbum no facebook de um dos presentes, onde o Fernando mal aparecia, que lembrei do Damião, o menino queixudo esquisito que alguns chamavam de anticristo e que passou a noite toda tirando foto. Ele aparecia numa das fotos da festa de olho fechado, deitado na parede que recebia as imagens do projetor. Eu lembrei que ele era irmão de uma conhecida de todo mundo, Larissa, que ia fazer parte de uma exposição coletiva numa galeria no final da W3 Norte no dia seguinte (um evento cuja existência eu já tinha absorvido dias antes, mas que só agora se acendia de maneira articulável na minha atenção, como um ponto num mapa do futuro).

Não sei exatamente qual era minha ideia, acho que não cheguei a formular um plano. Mas assim que juntei lé com cré já me pareceu meio inevitável que eu fosse nessa abertura, mesmo não tendo nenhum amigo próximo confirmado.

No dia seguinte eu cheguei quarenta minutos depois do horário marcado para começar. O Damião não estava lá, fiquei olhando para as artes penduradas ou dispostas no chão, segurando o texto dos curadores na minha frente como se o estivesse lendo. O nome da exposição era algo como línguas da matéria ou matérias da linguagem. Todos tinham variações de textos escritos em materiais estranhos ou gravados de maneira inortodoxa. Duas obras envolviam fones de ouvido que as pessoas alternavam, fazendo uma cara aborta e intensa. O da Larissa eram vários panos de chão usados nos quais ela tinha bordado frases do Joaquim Nabuco e do Luís Gama. No subsolo tinha um rapaz envolto numa toalha escrevendo numa máquina de escrever sem

papel (mas é importante notar que ele está, sim, escrevendo algo – dizia o texto na parede, em itálico, meio mandão).

Tinha muita gente que eu conhecia de rabeira, que eu já tinha cumprimentado algumas boas vezes em outras circunstâncias, mas que não me sentia assim tão próximo para chegar falando e beijando na bochecha. Ainda mais considerando que a maioria tava bem entranhada no ecossistema, reconhecendo e sendo reconhecida por geral, enquanto eu me sentia ligeiramente de penetra ali, fazendo uma cara pretensamente sofisticada pras obras e julgando quanto tempo eu precisava gastar me depositando criticamente em cada uma.

Já estava terminando um copo de guaraná diet, lentamente rodeando o acúmulo de pessoas conversando e bebendo em volta da galeria, fazendo os últimos cálculos mentais de cumprimentar ou não tal ou tal pessoa, quando vi Damião vindo do estacionamento acompanhado de duas meninas novinhas, uma delas vestindo um macacão verde fosforescente.

Entrei de novo na galeria e fui ao banheiro, a ansiedade no talo. Explodi minha cara de todo jeito no espelho, como faço quando não estou me aguentando, bochechei água por motivo nenhum. Quando saí ele tava na galeria tirando foto do menino na máquina de escrever junto da menina de macacão fosforescente. Pareciam ser amigos, tentavam fazer o rapaz rir e estavam quase conseguindo. Eu tentei me esquivar do quadro, mas acabei aparecendo no canto da foto. Eles olharam pra mim muito sorridentes, simpáticos, e eu, já subindo a escada, acabei virando para o Damião e tentando afetar, na minha melhor cara de pau, um reconhecimento súbito e surpreendente:

— Eta, você é o Damião, não é? A gente se conheceu numa festa uns meses atrás.

— Opa, oi, oi, tudo bom? Claro, lembro sim, que festa?

Mentira dele. Mas bom sinal.

— Você conhecia o Fernando?

Ele recuou. Entortou a cara igual a um cachorro inquisitivo.

— Aquele menino que morreu?

— Sim, naquela noite. Tipo algumas horas depois.

— Mais ou menos. Conhecia, sim. Sigma, tal. Fiquei de cara com a histó-

ria. Mas não era bróder-bróder. Você era?

— Sim. Você tava tirando foto aquele dia, não tava?

— Tava.

— Então. Meio nada a ver falar isso agora, mas posso pegar teu contato? Eu queria muito ver as fotos daquele dia. Precisava conferir um negócio.

Ele pareceu estranhar a minha pergunta. Disse que sim, enunciou duas vezes seu nome inteiro para que o encontrasse (como se eu não já o soubesse), eu falei qual era o meu. Ele concordou mantendo uma expressão incômoda, como se o tivesse feito a contragosto. Que ele ficasse surpreso eu acho normal, mas não antecipava incomodar tanto. A princípio não teria nada demais, imaginei, ele mesmo decidiria se achava invasivo, bastava não me mandar nada. Mas talvez fosse a maneira dele ter chegado e perguntado. Calculada, pouco natural.

Quase como se ele conseguisse ver na minha pessoa não só que o encontro não tinha sido nada acidental e espontâneo, mas que o meu interesse nas fotos deviam também apontar para um envolvimento esquisito, difícil de se justificar.

Saí de lá imediatamente.

45.

Chegando em casa, não conseguia dormir, de excitação. Depois de um tempo sem lembrar de checar, fui abrir o outro blog, o que descobri no to-doyrada e que eu associava à menina misteriosa que havia encontrado com Bia e Juliana, aquela vez. Lá tinha um post novo:

“05. 02. 03

Chegando perto da Copa de 2002, o Renato ia pirando na batata, quase forçando o Dennis a fazer uns eventos pros jogos e convencendo a gente a torcer junto com ele. Não tinha nada mais importante do que a Copa, ele dizia, e fez um discurso enorme do tanto que era bonito o Romário e o Garrincha e o Bebeto. Minha irmã fechava a cara, nunca tinha entendido a graça de futebol.

Aí eu falei pra ela do Popol Vuh, que tinha sido transcrito depois da invasão espanhola. E que nele os gêmeos heróis se vingavam dos senhores do inferno que tinham matado os pais deles ganhando num jogo de bola. Ela gostou demais disso, fiquei de cara. Acho que ajudou ela a sentir que então não tinha nada de tão errado assim com ela torcer junto ali pela seleção, já que ela odiava tanto o Brasil, mas tinha simpatia por muitas pessoas lá dentro, e no final das contas odiava os países europeus muito mais. “Muito mais, claro. Não tem nem comparação”.

Tinha uma parte do Popol Vuh que eu gostava muito, em que os dois gêmeos fazem um macete pra descobrir os nomes dos senhores do inferno. E isso é importante, na história, porque descobrir os nomes dos senhores do inferno significa essencialmente ter alguma espécie de poder sobre eles. Os gêmeos também escondem os seus nomes e sua filiação dos senhores do inferno, para se protegerem. E esse é um lance que recorre em altos mitos por aí, já notei. Tem altas culturas onde tu tem um nome que geral usa e um nome a ser usado só em circunstâncias muito específicas, e que por isso é compreendido como tendo todo um outro peso.

Ela era minha irmã, mas nem pra mim ela me dizia o nome que tinha na aldeia, antes de fugir pra cá. Nunca quis dizer. Na lanhouse e na rua ela respondia por “ei”, “ou”, “garota”. Não queria ter outro nome, aparentemente. E tampouco queria nos entregar o nome que tinha antes. O Dennis começou a

chamá-la de “Eva”, só de sacanagem. O Renato continuou. Ela odiava.

E eu fiquei dando a pala de como essa coisa toda do poder do nome fazia todo um outro sentido, novo, num mundo em que a disseminação de vaibes e lombras se vê tão dominada por marcas e corporações diversas disputando setores e seções da nossa atenção coletiva. Essas marcas todas marcando o corpo das pessoas. Nas roupas todas. Na casa delas. Elas até tatuam algumas por conta própria, de graça, nelas mesmas. Isso aí é o quê? Possessão demoníaca. Eu não estou brincando.

É só andar na rua de qualquer cidade grande pra ver que o diabo existe em todo canto. Dá pra vesti-lo, comê-lo, pegar punhados dele, empacotar e levar pra casa em sacolas chiquérrimas, se quiser (tem quem ame). Eu sei que ele existe porque eu o vejo o tempo todo. Não ele-ele, né, naturalmente, mas demônios. Tão aí em todo outdoor e comercial de televisão. Têm de todo tipo. Têm uns que são só uns acúmulos malcheirosos, umas presenças esquisitas em quartos e corredores, nem chegam a se individuar em corpo apresentável. Outros ainda são formas gigantescas muito maiores do que a gente, engolindo morros inteiros, bezerros e suas crias, container, país. E usando veículos humanos largamente inscientes para tudo. Esses eu vejo o tempo inteiro, e as forças que eles têm por trás, que carregam consigo. Essas eu nunca que não tou vendo.

O mundo é uma gigantomaquia corporativa escrota, tá no piloto automático tem muito tempo. Possuído pelos sacerdotes mais sombrios que já existiam, os círculos mágicos mais trevosos, os numes mais podres. Nada disso vai parar sem encontrar violência equivalente. Tá mais do que claro, tá cristalino. Quanto a isso minha irmã tá certa, sempre esteve. Mas e aí? Fora os zapatistas, o MST, ou sei lá mais quem, ninguém mais parecia levar a situação a sério do jeito que precisa. Tu não acha meia-dúzia de cristão que leve o evangelho a sério. Se levassem, estariam chicoteando banqueiros e andando com mendigos. Todo mundo vai se acomodando com o tempo, vai tentando encontrar uma salinha cômoda de dentro da Besta pra chamar de sua. Ninguém aguenta ficar muito tempo do lado de fora das engrenagens. Ninguém quer ser um grão de areia nos seus dentes, todo mundo quer ser óleo.

A princípio ela ficava só rindo de mim, quando metia a falar essas coisas, a voz oitavando, todo exasperado. Como quem me achasse muito grave e muito besta, aparentemente, a dramaticidade em pessoa (o que eu notava pela cara irônica de séria que ela fazia, enfezando as sobrancelhas e emburrando o lá-

bio inferior dum jeito exagerado). Assim que a gente se conheceu, ela ficava zoando o fato de ter sido criado cristão. Parou quando percebeu o tanto que me incomodava. Mas com certeza continuava achando uma tolice sem tamanho. Dava pra ver na cara dela quando eu me benzia. Até parei de fazer na frente dela.

Ela sempre fez como se não desse bola pro que eu dizia, pra minha seriedade. Mas também nunca denunciava quando algo realmente pegava ela fundo. Isso acho que porque ela tinha um troço meio de competição comigo, então parecia achar ruim quando eu falava alguma coisa que realmente a surpreendesse de algum jeito.

Mas sei que também lhe dava um tesão da porra, como dava em mim. Isso antes de tudo azedar, tudo ruir. E a gente ter que cair cada um pro seu canto.”

46.

Não entendi merda nenhuma daquele post. Mas fiquei achando que aquela reação íntima e esquisita entre irmãos podia ter algo a ver com o Fernando e a garota misteriosa. Dormi e sonhei com o Fernando transando com uma versão feminina dele mesmo.

O e-mail de resposta do tal do Damião veio no dia seguinte.

Opa, eae, fala!

Pra falar a verdade, não entendi o que você quer exatamente, mas tou vendo que a gente tem mil amigo em comum (: então toma logo a pasta com todas as fotos do dia. Abss

Tava num site de compartilhamento de arquivos. 300 MB de fotos compactadas. Eu senti um prazer quase sexual com a barra de progresso avançando e depois com a pasta abrindo com aquele tanto de fotos em altíssima resolução, os seus títulos em números sequenciais.

Eu que me debruçava sobre aquele evento havia meses sem nada de novo de repente tinha ali todo um tesouro de informação suculenta. Clicando na sua lista e a deixando apertada a tecla pra baixo no teclado tive um vislumbre rápido pela pequena amostra ali no canto da tela, de pré-visualização, uma versão menor e animada da lista de imagens, aquela noite tornada um pequeno filme seccionado, com alguns movimentos maiores lá dentro passando sem serem apreendidos, sutis demais para minha percepção apanhar naquela velocidade.

Voltei pro início. Fui olhando cada foto, uma por uma, o dedo apertando o teclado numa cadência fixa. O Fernando aparecia em doze das oitenta e seis fotos tiradas. Eu aparecia em três e com a minha habitual falta de fotogenia.

É impressionante o tanto que uma foto consegue mentir. Mesmo alguém que conhece o Fernando, acho, olhando aquelas fotos poderia dizer que era um dia em que ele estava mais alegre e tranquilo do que o habitual. Talvez porque a pessoa que tava tirando foto não era tão próxima, e porque eventos mais fotografáveis (num sentido convencional) costumam envolver gente dramatizando ou forçando ânimo conjunto. Sei que tinham umas cinco fotos do Fernando se derramando nas zoeiras mais exageradas, fazendo bigode com o cabelo comprido de uma amiga, coreografia do N' Sync com um grupo

de amigos, tomando shot de tequila com sal e limão com duas pessoas que ele odiava.

Eu vi que só em duas fotos ele tava com a cara angustiada que eu lembrava nele naquela noite. Nessas duas ele tava mais no fundo da foto, o que talvez explicasse seu descuido em se deixar transparecer. Numa delas, triangulando a visão dele com um espelho que aparecia no canto oposto, dava impressão de que ele estava olhando para uma menina loirinha com tipo de bem nova, expressão séria, cabelo no olho e um moletom cinza grande demais pra ela. Olheiras sexy. Toda charmosa, sozinha num canto da sala. Eu não lembrava dela na festa e de nenhum outro lugar, e ela não aparecia em nenhuma outra foto

Essa era a antepenúltima das que Damião tinha tirado. Duas e quarenta da manhã, dizia a metadata. Horas depois o Fernando tava espatifando no chão até perder toda forma reconhecível.

Podia ser só a coincidência formal ali, mas aquela foto me deu uma impressão inabalável que aquela garota tinha algo a ver com o suicídio do Fernando.

47.

Eu demorei algumas semanas para perceber que tinham postado algo novo no blog do Cabuloso. E isso já meses depois da morte do Fernando. Fiquei sem entender, então não era só o Fernando que escrevia? Mas quem estaria postando aquilo agora? O post novo também era o primeiro sem o título “Cabuloso”, o que reforçava minha impressão de que aquele post era de alguma outra pessoa continuando a história.

ESPERA,

TEM MAIS!! (1)

“Renatinha sai do evento e volta para as baias de computadores onde algumas pessoas estão monitorando o tráfego nos servidores. Encontra Gabriel ali, com olheiras cansadas, acompanhando o jogo pelos monitores principais. Ela põe a mão no seu ombro, de leve, ele chega a assustar. A criatura havia acabado de sair do seu portal roxo, no jogo.

— Ei-ou. Você viu o Evandro, querido?

— Oi. Não vejo desde anteontem.

— Pois é. Estranhoço. Ele tava tão obcecado com arrumar tudo e de repente quando o negócio começa, ele vai e some? Fala pra gente organizar esse evento esquisitão e mal aparece? Não tou entendendo.

— Tem muita gente jogando, né?

— Sim, tou muito de cara que o servidor tá aguentando. Sei nem como. Tava morrendo de medo disso.

— Eu vi o Gustavinho chegar, mas ele sumiu. Acho que ficou meio chocado com as falas lá fora.

— Ele tá muito bolado desde que a gente foi lá no galpão, né?

— Porra, claro. Eu também tou. Menor ideia do que pensar. Meio doido ficar aqui trabalhando como se a gente não tivesse visto aquilo.

— Eu não consegui nem dormir.

— E você acha que tem alguma relação com o jogo? Tipo. O bichão lá que a gente encontrou.

— Não sei. Tinha nem pensado nisso. Não parece ter relação com nada,

aquilo, né? Relação como?

— Não sei, mas o fato de que a gente passou meses projetando uma criatura estranhona no jogo e aí a gente vai e vê que tem uma criatura estranhona aqui no mundo real, sei lá. Coincidência demais.

— Verdade. É estranho mesmo.

— E você viu como o monstro aqui do jogo tinha uma onda com os Estados Unidos?

— Não reparei.

— Porra, foi a primeira coisa que eu reparei nos testes hoje de manhã. A imagem dava aquelas travadas, mas o bicho era todo feito de um bando de carro e caubói e cigarro e o caralho.

— Nossa, nem me liguei.

— Achei muito doido. Tô achando ainda. A cena de um bando de avatar de todo tipo lutando com aquele bichão que era os Estados Unidos. Parecia o mundo real, risos.

— Verdade. Ah, puts. Vi um negócio ontem de madrugada e esqueci de te contar.

— Que foi?

— Ah, eu tava no jogo passando ali perto de Salvador quando eu vi o tal do Divino Comédia lá.

— Ah, é? Tem tempo que não vejo. Achei que ele tinha sumido.

— Pois é, ele tava passando com uma faixa amarela enorme GINCANA DO COMEDIA SIGAM-ME OS BONS. Eu tentei seguir por um tempo e vi ele falando com mais uns dez jogador que tavam seguindo ele. Deixa eu te mostrar o print.

Renatinha tira o celular do bolso e mostra a imagem para Gabriel. O avatar do Divino Comédia ficava repetindo uma mesma fala, que pairava por cima do seu avatar.

VOCE VAI PROCURAR <EU SEI QUE VAO ENCONTRAR>, EU BOTO MAIOR FÊ, AS MAQUINAS HERMES 3G ESPALHADAS PELO BRASIL. OURO PRETO, BELÉM, SÃO PAULO. QUEM ACHAR GANHA UM BRINDE SIMPLEMENTE SHOW DE BOLA A IMORTALIDADE PRÁTICA + O RUÍDO GORDO DO PASSADO.

— Que viagem da porra. Será que é pra gente? Ou é as coisas dele, normal?

— Nem imagino. Eita, olha ali. Apareceu uma cratera enorme.

— Hein?

Renatinha apontou para um dos monitores, que mostrava o servidor principal onde estava ocorrendo a batalha da criatura com milhares de jogadores.

— Ali, ó.

— Eita. E agora?

O avatar de Paraíba Blade chega caminhando no meio da massa de jogadores e pula, sozinho, bem no meio na cratera.

O celular de Renatinha e Gabriel piscam juntos e os dois podem ver a barra de notificação na tela dela. Um email de Evandro. Gabriel tira o seu do bolso dianteiro da calça e confirma que recebeu também.

Eles se entreolham só por um instante antes de abrir o e-mail e começar a ler com olhos igualmente frenéticos. O email é comprido, mas ambos logo apanham o principal, Renatinha vai puxando a camisa de Gabriel aos poucos enquanto entende, ele começa a praguejar de uma maneira excitada. Evandro dizia que não retornaria mais e entregava desde já o controle do jogo a eles dois. Com algumas condições.”

48.

Eu vi que tinha um evento no Facebook marcado pro domingo seguinte com a aparição confirmada de muitos conhecidos e amigos. Demorei um pouco pra entender do que se tratava. A ideia era ocupar a passarela subterrânea da 7 Norte (que como todas as passarelas do Plano era meio abandonada à noite, com um cheiro entranhado de mijó) no começo da tarde, juntando gente pra tocar música, fazer piquenique, tomar cerveja e “envelopar” a passarela, o que significava afixar um papel de parede que eles mesmos faziam, entusiastas de coisas bonitas que eram (a maioria estudantes de design e artes plásticas).

O evento havia sido marcado para coincidir com um outro, um encontro mediado por uma rede social de fotografia, já longe do seu breve auge, e que ocorreria no mesmo dia em mais doze cidades pelo mundo todo, patrocinado por uma marca austríaca antiga de câmeras analógicas que não era vendida no Brasil.

Eu tinha um pouco de vergonha de chegar sem mais ninguém pra um troço desses, sabendo que estaria cheio de gente mais jovem e descolada do que eu. Mas tinha tempo que não encontrava amigo nenhum, e decidi arriscar. Nada como um almoço dominical de família para me tirar de casa.

Estaciono na 207 Norte e caminho até a passarela. Não há tanta gente ali, no máximo umas cinquenta pessoas meio dispersas. Algumas poucas tocando violão, a maioria simplesmente em pé conversando. Há pais com crianças, mas a maioria parece de idade universitária. Eu fico por perto de onde tem mais gente, onde estão molhando os papéis na cola e colocando na parede um do lado do outro. São quase todas meninas, muitas delas bem bonitas, novinhas de tudo.

O padrão que estão colando na parede é abstrato e tem um ar moderninho, mas poderia estar numa cozinha dos anos cinquenta. Um menino alto e desconjuntado é requisitado pra colocar os papéis mais perto do teto, mas ele do nada começa a falar que está muito chapado e não se sente com competência pra fazer aquilo, sumindo em direção às árvores num passo decidido rumo a sei lá o quê. As meninas riem desse comportamento como se fosse razoavelmente previsível, eu imagino o menino alto e desconjuntado se comportando daquela maneira repetidas vezes ao longo da vida dele

Só quando chego do outro lado da passarela é que encontro a pequena multidão de pessoas com celulares e câmeras na mão tirando fotos. São pelo menos umas trinta pessoas, bem mais do que as congregadas pra colar o papel de parede. Entre elas está a Paola, a menina sem amigos que se veste como se tivesse nos anos 20. Eles tentam tirar fotos dos pequenos grupos de pessoas que não estão com câmera nenhuma, que estão apenas sentados tocando violão, olhando pro céu com óculos escuros desnecessários e comendo frutinhas que trouxeram em caixas de sorvete. Mas como a maioria das pessoas está com câmera, analógica ou do celular, eles começam a tirar fotos de quem também está tirando fotos, achando muita graça disso. Ainda assim você podia ver as pessoas tentando de alguma forma capturar uma imagem delas mesmas junto do papel de parede e do grupo de meninas bonitas colando o papel de parede. Eu ouço um moleque cabeludo sem camisa falar várias vezes que tem mais gente ali pra capturar e reproduzir o evento do que gente pra efetivamente produzir o evento espontâneo, jovem, criativo e bonito que eles querem capturar, o que talvez fosse um paradoxo de algum tipo. Ele testa a conclusão num círculo diferente a cada dois minutos, com resultados variados.

Eu sentei debaixo de uma árvore ali perto numa cadeira de praia que alguém havia trazido e abandonado. O meu plano era abandoná-la assim que alguém se aproximasse e fizesse alguma menção de reclamar sua propriedade. Eu assistia a cena toda com alguma distância, enquadrando-a com cuidado (um primeiro plano de fotógrafos ansiosos e inquietos e uma continuação escura ao longo do túnel da passarela com meninas colando papel de parede), como se estivesse no limite entre participar do que se passava ou não.

Parruque, o menino cujo corpo parecia uma batata e que falava mais grosso do que um trovão, chegou me cumprimentando (com um nome que não era o meu) e oferecendo um beque para qualquer um que estivesse por perto. Eu neguei com a mesma gentileza oferecida, mas ele já estava interagindo com outra pessoa antes de me ouvir responder.

Minha atenção vagava entre as pessoas e as conversas que eu conseguia escutar. Um moleque alto e bigodudo, de camisa de seda brilhosa e estilosa, espalhafatoso de uma maneira maravilhosa, estava tendo uma discussão com uma menina francesa que trabalhava na Embaixada, a irritação dele parecendo às vezes exagerada e de mentira, às vezes profundamente sentida. Chego a fechar os olhos pra escutar com mais distinção, e pra melhor disfar-

çar que estou escutando.

Ele fazia graça do evento diante dele, dizendo que a marca austríaca de câmeras analógicas havia criado aquela atividade promocional em cidades europeias onde suas câmeras estavam à venda e que entusiastas brasileiros haviam adicionado aquelas extensões nacionais do evento por conta própria (não à toa em Brasília e em Belo Horizonte, capitais mais provincianas, segundo ele), sem apoio nenhum. Todo mundo que ficava usando a hashtag promocional ali estava promovendo digitalmente, de graça, uma marca que nem era vendida por aqui, que alguns poucos ali empunhavam como índices de suas viagens regulares à Europa. O homem bigodudo achava muita graça nisso, dizia que era colonizado demais, mas de um jeito quase fofo. Era quase um desespero para participar de algo que achavam chique.

A francesa discordava, com um sotaque fofo, dizia que não havia nada demais em querer tomar parte de um evento internacional, mesmo que corporativo, e que pelo menos estavam contribuindo para deixar a cidade um pouco mais bonita.

Do lado dessa conversa, duas amigas mais novas estavam falando sobre o arrefecimento dos protestos e o sequestro reacionários das ruas. Estavam desanimadas com o fato de que no último protesto na Esplanada só tinham visto monarquistas e gente pedindo intervenção militar. E com o fato de que era mais fácil trazer gente pra esse tipo de festinha do que pra qualquer ato político.

Eu abri os olhos e vi Bia e Eloísa chegando de longe de bicicleta. Não via as duas juntas há muito tempo. Elas pararam as bicicletas perto de um menino que eu não conhecia e ficaram conversando com ele um tempinho. Eu tento acenar, mas elas não percebem, ou fingem não perceber.

Parecia que as pessoas do meu círculo haviam se distanciado um pouco desde a morte do Fernando. Era possível que isso não tivesse acontecido, que o que tinha enfraquecido ou desaparecido eram apenas as manifestações que chegavam até mim. Talvez continuassem se encontrando frequentemente, se falando sempre, apenas indo a lugares diferentes e não usando seus perfis públicos para se comunicar entre si. O grupo que eu acompanhei por tantos anos havia murchado e eu não sabia ainda o motivo, além do óbvio. Perco de vista as duas, volto a fechar os olhos.

Percebo que estive dormindo na cadeira um tempo. Não sei dizer se dois

minutos ou dez. Não estava conseguindo dormir bem em casa. Eu vejo que é a Juliana de costas falando com um grupo de gringos e que ela tá com o filho dela de pouco meses no colo. Eu nunca havia encontrado o bebê pessoalmente, embora tivesse visto muitas, muitas fotos, e já fosse um coadjuvante regular nos meus sonhos e pesadelos.

Penso em coisas pra falar, formas de me aproximar dela. As cinco primeiras coisas que eu penso em dizer parecem igualmente tolas, forçadas. Fico mexendo no celular, só para ter onde depositar minha atenção.

O Eixão ainda está fechado por ser domingo, então pessoas passando de bicicleta ou correndo por perto às vezes descem pra entender o que se passa ali.

Logo anoitece, o Eixão é reaberto e os carros começam a passar rapidamente por cima de nossas cabeças. O evento vai esvaziando, mas eu continuo ali com as costas reclinadas e a atenção vagando, esperando pela aparição de mais alguma figura. Por algum pequeno ou grande desenlace.

De repente, vejo uma figura estranha se aproximar pelas árvores. Um homem muito magro e moreno com cabelo cacheado comprido chega de sunga, segurando um cartaz escrito DOZE PASSOS PARA UMA ECOLOGIA DA MENTE. Algumas pessoas seguem, rindo muito do que ele diz. Está um pouco longe, não consigo ouvir o que ele tá gritando. Pode ser um palhaço ou uma performance mais séria, mas não me interessa o bastante para ir até lá e desistir da minha cadeira. É quando eu ouço uma voz familiar por trás:

— Vesh, hein, não acredito. Quanto tempo, criatura. Achei que cê tinha sumido de vez.

— Ê, Ju. Pois é, tempo demais.

A gente se abraça com força. Tava com tanta saudade que acho que exagerei no abraço, mas ela não comenta nada.

— Fala oi, meu amor, fala. O ‘oi’ dele é uma bolha de baba, hoje em dia.

Só aí que eu olho para o cesto na bicicleta onde está o seu filho de poucos meses, Caetano, com seus olhos enormes virados pra mim sem focar exatamente, a baba empoçando no canto da boca. Eu tento ver traços do Fernando nele, mas ele só tem a cara genérica e amassada de quem ainda tá se desembrulhando. Bebês, pra mim, são coisas estranhíssimas.

— Ô fofura, ô meu deuso.

Ele continua indiferente, como se eu fosse uma massa qualquer de cor e som. Eu fico feliz de ver que Juliana quer conversar de fato, não só me cumprimentar, fica ali do meu lado ironizando o evento e as pessoas todas e a performance que tava rolando do outro lado. Eu rio muito e tento complementar as gracinhas dela, sem muito sucesso. Fazemos perguntas prosaicas sobre o cotidiano, aquela coisa bem genérica. Do nada me lembro de uma coisa que eu queria perguntar há muito tempo, e percebo que aquela talvez seja a única oportunidade em um bom tempo.

—Ju, vem cá, outro dia assim do nada eu lembrei de um negócio.

—Anh. Diga.

—Lembra uma vez que eu encontrei tu e Bia ali no árabe.

Ela não esboçou nenhum reconhecimento.

—Pouco antes do Fernando...

—Ah, sei. Acho que sei, sim. Que que tem?

O rosto dela de repente mudou, um pouco incomodada.

— Na época vocês falaram que iam me contar melhor, mas nem contaram. Sei lá, eu entendi que tinha a ver com o Fernando, e depois do que rolou...

Ela me interrompe.

— Foi uma garota lá. Doida. Doida não, coitada. Mas meio difícil, ela. Eu nem lembro o nome, puts, vou ver com a Bia que a Bia é boa com nome. Mas foi todo um troço, essa história.

— Mal perguntar do nada, nada a ver também. É que essa história do Fernando me deixou tão sem entender nada. A gente acaba se agarrando numas coisas.

— Que isso, normal, claro. Entendo demais a curiosidade. Mal a descrição toda, também, porra, a Eloísa era tão doida com essas histórias que a Bia ficava noitada de mais alguém saber. Essa história, quero dizer. Mas hoje em dia foda-se, né? Qualquer estrago que era pra estragar já estragou, já, não faz nem diferença.

— ...

Eu fico sem falar nada, esperando que ela continue.

— O Fernando era todo complicado, né? Ele sempre se engraçou com mui-

ta gente na internet, assim.

— Se engraçou como, cê diz?

— Ah, meu bem. De sempre conhecer muita gente, se aproximar de qualquer um na internet que ele achasse interessante. Interessante aí com aspas. Naturalmente. Daí ele conheceu essa menina. Ela a princípio nem morava em Brasília, acho, o que talvez tornasse mais fácil ele ficar jogando os caôs de todo tipo sem se preocupar tanto. Mas aí a menina do nada mudou pra cá e começou a querer encontrar ele. A treta engrossou, a Eloísa descobriu. Enfim.

Entre quase toda frase a Juliana demorava um pouco, olhava longe e parecia remoer alguma coisa na cabeça, eu não entendia se só se esforçando pra lembrar ou se tentando medir o que podia contar pra mim e o que não podia.

— Eles se pegaram de fato poucas vezes, que eu saiba. A Eloísa me falou que o Fernando falou que ele mal curtia a mina, na real. Digo, gostava como amiga, mas não tinha atração física nenhuma por ela. Que ele só teria comido ela um dia bêbado, meio que por pena. Enfim. Achei meio comédia também o jeito que a Elô me falou isso. Sei lá. Insistiu tanto. Parecia que ela mesma não acreditava. Enfim, a Bia sabe muito mais dessa história que eu. Eu parei de acompanhar uma hora porque tudo tem limite, né? Vou ficar cuidando da vida de marmanjo até hoje? O caralho. Já me basta o miudinho aqui.

Eu concordei. O filho dela começou a chorar, de repente, ela puxou ele pro colo e falou que tinha que ir. Eu voltei pro meu carro sentindo que ir pra lá tinha sido desagradável, mas o dia não tinha sido perdido. De jeito nenhum.

49.

Chegando em casa, vi que tinha um post novo no outro blog, que eu encontrei com o nome todoynada, e que eu associava com a tal da garota misteriosa (que eu vi num encontro com Bia e Ju no restaurante árabe).

“22/10/2011

— Cê tá louco. bem melhor morrer. Imagina ficar vivo pra sempre. que merda. Imagina o tédio depois de tipo mil anos. Depois cem mil.

— Claro que não. quanto mais cê vive mais rápido passa.

— Muito melhor morrer logo. vai uma vez e foi. se céu existisse seria insuportável.

— Daí não seria céu, né, idiota? por definição, assim. então ainda não existiria.

— Idiota é teu cu. No céu não tem como ter manga nem sexo. Todo corpo morre e apodrece.

— Mas se você for tomar a palavra de alguns teólogos, no céu tem a melhor manga do mundo e a melhor trepada do mundo.

— Com quem? com Deus?

— Não tava nem pensando nisso. Mas imagina transar com Deus. Caraca. É tipo transar com todos os corpos ao mesmo tempo.

— Mas então se são todos eu tou transando também com o Serra, com o Jader Barbalho.

— Eu tava pensando mais assim na Taís Araújo e na Monica Bellucci. Mas cada um com suas pira.

— O Tony Ramos e o Delfim Neto. O ACM e o Latino. Ou um ser que é uma combinação mutante de todos esses juntos, mais o Edir Macedo e o Roberto Marinho.

Saiu um estouro agudo de riso do canto, que logo se conteve.

— Quem taí?, a menina gritou.

— Renato? O menino perguntou, levantando, segurando uma toalha na altura da cintura.

— Sou eu não.

O rosto parcialmente coberto por uma samambaia.

(*)

Renato ficou com medo dos irmãos se afastarem depois dele ter bisbilhotado daquele jeito, mas o que aconteceu foi o contrário. Cada vez mais foram chamando ele pra ficar com eles no quarto de cima da lanhouse ou só deixavam a porta aberta, e não pareciam se incomodar quando ele espreitava e, depois de umas horas sentado num canto, tímido, em uma das cadeiras de plástico, ia se alongando no sofá ou na rede.

E a intimidade dos dois era uma coisa bonita e estranha de se presenciar. Ela ficava o dia inteiro mexendo em computador, soldando coisa, montando computadores tunados encomendados para a empresa do Dennis (que pega uma comissão fazendo merda nenhuma, ela reclamava, com o Emerson emendando sempre que “sem ele nunca teriam esse lugar nem arranjariam cliente”). O que ela tinha de revoltada e descabelada, ele tinha de razoável e asseado.

Quando não estava ajudando ela a trabalhar, ou cozinhando, Emerson ficava lendo e vendo coisa no computador o dia todo. E do nada gritando para a casa fatos impressionantes que havia descoberto, chamando ela pra ver uma foto de um bicho estranho ou de um códice maia. Os dois ouvindo geralmente uns metal e punk raivoso e uns trem muito mais doido e ruidoso do que os trem doido e ruidoso que Renato já curtia na época. Sepultura, Fugazi, Nação Zumbi.

Às vezes iam com o Dennis beber no Encouraçado Botequinho, mas geralmente ficavam por lá mesmo ou, nos finais de semana, faziam churrasco na casa do Dennis (antes de Emerson virar vegetariano, e depois vegano).

Ele fumava cigarro o dia todo, hábito aprendido da mãe, ela fumava palheiro e beque com o Renato de noite. A qualquer momento podia acontecer de um dos dois do nada deixar o que estava fazendo, sair correndo e engatar no corpo do outro com uma voracidade violenta por alguns minutos. Dependendo da animação e de onde estivessem às vezes a coisa virava uma espécie de luta esportiva que só não era ainda tecnicamente sexo por muito pouco (que eles reservavam pra antes de dormir e depois de acordar). Com mordidas aumentando de força. Ela o dominava e ficava por cima e ele virava e ficava por cima dela, os dois iam rolando pelo chão como um único bicho recém-

-nascido aprendendo a andar. Isso aconteceu pela primeira vez com Renato presente depois de um mês que ele tava lá e depois passou a acontecer pelo menos umas três vezes ao longo do dia. Era como se o estado natural daqueles dois corpos fosse de ficar grudados um no outro e isso só se interrompesse por exaustão saturada depois de explosão ou intervenção externa.

Nunca Renato foi convidado a participar, embora quisesse. Já era bonito demais de ver de longe. A primeira vez que eles começaram a transar sabendo que Renato tava ali a três metros de distância (deitado lendo Apuleio), ele só botou o livro no peito, virou o rosto pra melhor enquadrar a cena, botou a mão no pau. Os dois transavam com um tesão desenfreado e energético que fez Renato se sentir velho, do alto de seus vinte e quatro anos. E não tinha nada daquelas caras e taras que Renato via nas pessoas transando geralmente, que todo mundo imita dos filmes. Ou até tinha, sim, e ele é que tava apaixonado demais pelos dois. Emerson tinha lá seus grunhidos que vinham como se contidos, como se tivessem saindo só porque não dava mesmo para aguentar, ela fazia o tempo inteiro uns barulhos que não pareciam de gente. Não é que fosse limpinho ou que não fosse agressivo. É que eles se mexiam do jeito deles, se comiam de um jeito que ninguém tinha ensinado, furioso e calmo, lento e rápido, como se tivessem ali inventando o sexo do zero, refundando o fogo sem tomá-lo de ninguém.”

50.

Aquele post me deixou com uma curiosidade quase insuportável. Sem nem pensar exatamente no que eu estava fazendo, liguei o computador e mandei um e-mail para o endereço que eu tinha encontrado tempos atrás.

Para: todoynada@gmail.com

“Olá,

Você talvez me ache uma pessoa doida de chegar assim do nada, mas você era amiga do Fernando, não era? O que faleceu. Queria conversar sobre umas coisas dele e queria saber se você poderia me encontrar.”

Mandei e recebi uma resposta cinco minutos depois com o endereço dum café em Águas Claras e a descrição meticulosa de como chegar lá a partir do metrô, dizendo que estaria lá daqui a uma hora.

Quando cheguei ela já tava sentada no canto do café, com um caderno escolar amarelo na mesa e um expresso pela metade. Gorda e com a cabeça raspada, casaco de moletom cinza, a expressão séria e inteligente, com um sorriso irônico já plantado desde antes de entrar no recinto. Parecia ter uns quarenta anos. Olhos puxados de leve, a pele parecia que não via muito sol, mas não era de todo pálida.

Não conseguia dizer com certeza se era a garota que eu tinha visto com a Juliana e a Bia, mas podia muito bem ser. Devia ser. A gente se apresentou sem falar nada, só acenando com a cabeça, ela franzindo a boca numa mesura que me pareceu, não sei por que, japonesa. Ela que começou a falar:

—Você conhecia o Fernando?

— Sim. Você também, né?

Ela não respondeu, exatamente. Ficou remexendo os lábios e me olhando de cima a baixo.

— Eu entrei em contato só pra conversar mesmo, nada mais. Tou tendo dificuldade de entender a morte dele até hoje, sei lá. Eu sei que ele tava num momento difícil ali logo antes, né? Muita coisa na cabeça, muita treta acumulada, mas...

— Que treta?, ela perguntou de um jeito ríspido, sorrindo.

Isso fui eu tentando jogar verde. Nunca tive muita habilidade pra mentir.

— Ele não me contava tudo, né? Mas eu sei que ele tava tenso com algumas coisas, tinha me falado um negócio duma gravidez.

Ela sorriu, agora olhando pros lados, como se esperasse a chegada de uma terceira pessoa.

— Ele te falou isso? Olha, se você tá achando que tem qualquer relação entre uma coisa e outra, não tem, viu?

Eu não falei nada. Ela parecia que queria desembuchar sozinha.

— Eu menti pra ele. Eu não tava grávida. Eu falei isso só de raiva, mesmo. Na real atrasei dois, três dias e fiquei querendo deixar ele noiado. Mas ele não ficou. Tava cagando. Sabe avestruz com a cabeça na areia? Fingiu que não era com ele. Aí eu continuei pra ver no que dava. Pra ver até onde ia o rombo do arrombado.

Foi aí que eu percebi, num remexo da sua expressão, que ela se parecia de leve comigo, de uma maneira que me causou um estranhamento enorme. À exceção do cabelo, era impressionante. Não tenho costume de lidar com gente que se parece fisicamente comigo. Comecei a achar muito incômodo encará-la de frente.

— Vamo ali fora rapidinho preu fumar um cigarro?

Lá fora, já fumando um cigarro que ela mesma tinha bolado na mesa antes com muita presteza, ela falou, ainda sem olhar pra mim direito:

— Enfim, a gente teve um negócio. Mas ele perdeu o interesse rapidinho, e eu sou casada, né, embora na real seja um casamento mais que fajuto, não vale nem entrar nisso.

Ela ficou calada enquanto tragava do cigarro e me olhava. Pensei em falar algo, mas não consegui pensar em nada.

— Engraçado falar assim contigo sem nem te conhecer, mas eu não conversei com ninguém sobre a morte dele desde que rolou. É estranho. Não conheço ninguém que conhece ele. Demorei dias pra descobrir, inclusive. Descobri botando o nome dele no Google. Apareceu a notícia do enterro.

— Entendo total. Mas vem cá, aqueles blogs todos, cê acha que ele deixou alguma pista em algum?

— Pista? Como pista?

— Sei lá, se ele escreveu alguma coisa que pudesse ter a ver com o que aconteceu. Uma carta de despedida. Acho estranho que não tivesse nada.

— Eu nem sei se eu sei que blog cê tá falando.

— Não sabe? Aqueles que tem toda uma história dum jogo. Cabuloso On-line.

Ao ouvir isso a cara dela se acendeu. Brotou um sorriso no canto da boca dela que não tinha aparecido ainda e que era muito simpático.

— Ah, isso aí. Que que tem?

— Cê sabe qual é, então?

— Sei demais. Ele me mostrou essa história que ele tava escrevendo meses atrás, tava todo animado, ia ser um negócio enorme, meio épico, um zilhão de personagens, não sei o quê. Ia ter umas paradas que iam rolar ao vivo e a cores, como ele falava. Aí eu comecei a apontar umas coisas.

Aqui ela parou um pouco, como se tentasse lembrar melhor de alguma coisa, ou decidir exatamente como contá-la.

— Ele primeiro pareceu achar ruim, assim. De eu ficar criticando. Orgulhoso que só a porra. E inseguro demais, demais. Mas tinha uns negócios de índio na história que tavam muito ridículos, não dava, meu. Não dava mesmo.

— De índio?

— É. Eu entendo um pouco dessas coisas por causa do meu pai, que já se envolveu com isso. Trabalhou, mesmo. Uma época na FUNAI, outra no CIMI. Já fiquei uns dias em aldeia com ele e tal. Quando era molequinha. Daí fui cutucar um pouco e vi o tanto que o Fernando não sabia nada. Leu lá o Darcy Ribeiro e o Lévi-Strauss, sei lá, e viu um par de filme, mas não sabia porra nenhuma na verdade. Eu zoei ele um pouco e eu às vezes sou meio dura assim falando. Eu vi que ele foi ficando incomodado com o negócio.

— Incomodado como?

— Eu falei e nem dei nada, daí um tempo depois fui perguntar pra ele como andava o PROJETO. Porque ele falava assim, PROJETO, como se o negócio fosse seríssimo. E ele foi desconversando, desconversando, eu insisti e ele falou que ele tinha percebido que não tinha como fazer o que ele queria fazer. Que ele queria falar do Brasil e ele na real não tinha lugar pra falar das coisas

realmente cabulosas, que na real ele não sabia nada de nada. Não tinha lugar pra falar de porra nenhuma. Etc.

—Sei.

Aquilo era o Fernando purinho. Tanto a pretensão quanto a noia a respeito.

— Aí eu fiquei com pena, até. Porque a ideia era só mostrar pra ele umas coisas que tavam toscas, não queria que ele desistisse de escrever completamente. Tinha alguma graça lá o troço. Aí eu fui ajudar ele, dei umas ideias. E ele animou de novo.

— Foi?

— Foi, começou a usar tudo que eu mandava. Mesmo as ideia mais lombrada. Comecei a encher o cu do bagulho de ficção científica e ele achando ótimo. A gente ficou basicamente fazendo junto o negócio por um mês, antes da gente se estranhar.

— Com que que seu pai trabalha? Ou trabalhava? Pra você saber de índio. Antropólogo?

— Não te interessa. Mas eu morei no Mato Grosso e no Acre uma época, convivi muito. Vi umas coisas que você nem acredita. Mas eu não vou falar sobre isso com você.

— É você quem tá postando então essas últimas coisas, né?

— Não sei do que você tá falando.

Isso com um sorriso safado no canto da boca. Eu não conseguia minimamente ler aquela menina. O humor dela parecia flutuar muito, o tom dela combinava só às vezes com o que ela tava falando, e mesmo quando isso acontecia ainda só deixava que eu visse uma nesgazinha do que tava acontecendo ali dentro.

— É estranho. Não era tão próximo, mas juntando os relatos dos outros eu não consigo combinar com a pessoa que eu conhecia. Ele parecia ter uma capacidade enorme de curtir as coisas. E o retrato que fazem dele era de alguém vivendo numa situação insuportável.

— Sei porque que o povo fala isso. Ele conseguia passar essa impressão

muito bem, conseguia ser muito dramático. Mas aquele sofrimento todo ali, viu, sei não.

— Cê acha que ele exagerava?

— Não é nem que ele exagerava, é que não tinha nada lá dentro. Tinha muita máscara diferente, tinha uma voz pra cada situação, mas nada pra ele quietava, assim, nada tinha o mesmo valor por mais de dois ou três minutos. Eu nunca conheci uma pessoa mais falsa que ele, sabe? Nunca mesmo.

Ela parou de falar. Eu não quis concordar nem discordar porque queria que ela continuasse falando exatamente daquele jeito.

— E digo falso porque é assim que ele mesmo entendia, não tou julgando ele moralmente, sou a última pessoa a fazer isso com qualquer um. Yo la peor de todas. Acho que dizer que uma pessoa é ruim tem o mesmo conteúdo de dizer que ela tem mau gosto, ninguém escolhe de fato essas coisas. Todo mundo quebra, dependendo do barro e do jeito que te queimaram. Mas todo mundo quebra. Tem gente que tem noventa versões e são todas verdadeiras. As dele eram todas de mentira. Ele montava todo um cenário pra todo mundo com quem ele lidava, só que aí cansava dele, ou esquecia, e nunca tinha nada além disso. Fingimento mal feito.

O rosto tava distante e intenso ao longo desse monólogo de filme. A última frase já veio numa carranca amargurada.

— Entendi. Acho que eu não cheguei a ter essa intimidade toda.

— Acho que é mais isso que tem a ver. Com ele se matar, digo.

— Como assim?

— Pra mim é como se ele não aguentasse mais gerir, sabe? As pessoas todas que ele era. As pose toda.

— ...

— Digo tanto as versões todas dele com as pessoas que ele conhecia e gostava quanto as que ele inventava na internet, sabe? Acho que eram abas demais, ele não aguentou. Mas isso por se importar de menos, não por se importar demais. Mais preguiça que desespero-desespero.

— Como assim?

— Deixa eu te dar um exemplo. Ele ficou super empolgado com um livro de ficção-científica que tava lendo ali logo antes da gente se afastar. A história

era de um cara que morria e deixava engatilhado uma série de algoritmos a serem disparados na hora da sua morte. Segundo ele, o livro era meio bobo, transformava a coisa num filme B de terror tecnológico. Mas ele ficou uma semana pirando em como ele poderia fazer algo parecido no futuro, deixar toda uma série de pegadinhas armadas quando ele morresse, que fossem uma desencadeando a outra. Tipo o Andy Kaufman levado a enésima potência.

— E você sabe se ele deixou alguma coisa assim armada?

— Não! Quer dizer, sei lá. Mas com certeza que não. Na semana seguinte eu perguntei e ele já desconversava, falava que tinha conversado com um amigo programador e que fazer algo parecido era mais complicado do que ele tinha imaginado de princípio. Meu ponto é que ele pulava de coisa em coisa sem se envolver, sem levar adiante. Ele era menos intenso do que ele gostaria, não mais.

— ...

— Geralmente quem se mata sem uma condição extrema e evidente ou é por depressão insuportável ou é um jeito esquisito de comunicar alguma coisa que tem que sair. Eu falo porque eu sei. E ele não sentia dor nenhuma. Não de verdade. Eu sei. Exceto talvez a dor de não sentir dor nenhuma, rá, mas isso tu distrai com arte e droga, sexo e tal. E ele gostava muito dos três, até onde eu sei.

— Ele queria comunicar o quê, então?

— Ele mesmo, né?

— Como assim?

— Rebentar no chão não deixa de ser uma maneira bem dramática de se expressar. Convenhamos.

51.

Já tinha um post novo assim que eu cheguei em casa. Achei difícil não tomar como um gesto direcionado a mim.

“Depoimento tomado no Posto de Saúde de Goiatins, TO, agosto de 2014

— Lembro demais. Tin-tin por tin-tin, meu filho. Foi o dia mais esquisito da minha vida. Tem vinte e tantos anos já. Acho que foi em Oito-oito? Oito-meia? Tempo demais. Mas não tem como esquecer. A menina chegou no posto gritando que ia parir, que ia parir e que tinha que ser lá. Quem tinha que estar de plantão ali não era o Jadson, era o filho dele, o Miguel. Miguel quando novinho era um sem-vergonha, hoje que ele não tá mais aqui eu posso dizer, só fazia beber e encoxar as enfermeira. Foram chamar ele lá na casa dele, aqui pertinho, e claro que ele tava bêbado. Devia ser onze horas, meia-noite, isso. Ele de plantão, né, mas e daí? Bebe do mesmo jeito, chegava atrasado. Foi reclamando, mas foi, foi a gente, eu mais ele.

— ...

— Chegamo lá a menina tava guinchando, coitada. Aí vai e pronto, depois duma cesariana muito apressada, muito feita nas coxa, ele foi e tirou a menina roxinha-roxinha, fechou a mulher igual a cara dele e me deixou lá com a Elisângela pra cuidar dos dois. Foi lá e se fechou no banheiro pra vomitar e lavar a cara. A gente já tava era acostumada. Pois bem.

— ...

— Tou contando. Aí não é que a doida acorda quando tava escuro ainda e começa a gritar. A gente mostra a filha dela, tudo direitinho, fala que tá tudo bem, ela começa a perguntar cadê o filho, cadê o filho. A gente fala que não tem filho, tem filha, olha que linda, ela nem olhava, falava que a gente tava mentindo, tava mentindo, a cara desconfiada. Aí eu deixei a Elisanja descansar um pouco e fiquei eu lá com a menina. A gente vai ver meia hora depois e não é que a doida fugiu? E pela janela, só pode ter sido pela janela, que pela porta eu tinha visto. A janela era baixinha assim, dava na cintura. Mas não sei como, que ela não tava nem andando. Tinha acabado de parir e sai andando. Nunca vi falar disso. Trinta anos de enfermagem, cê acredita. Não vi antes nem depois. A gente viu e ficou doida de preocupação, né, avisamo a polícia e os padres que a gente tinha o telefone, mas não tinha como a gente sair

de lá também.

— Aí umas, não sei, duas horas depois, já era claro, aparece a outra doída. Uma americana, aquele cabelo loiro enorme armado, da época né, toda ombruda e magricelinha, parecendo passarinho, toda desesperada gritando num português que cê não entendia era coisa nenhuma. A gente só entendeu quando ela abriu a porta do carro e a gente viu a menina lá, coitada, toda esbagaçada. Ela mesma atropelou no breu do mato e levou lá. A gente tentou que tentou, mas não deu pra fazer nada, já tava toda sangrando por de dentro. Bichinha. Mas aí já tava o seu Jadson e não deu dez minutos dele com ela ali pra cara dele ficar branca. Ele sabia que o Miguel tinha feito parto dela antes dela fugir, que a gente explicou. Fui eu que demorei pra entender quando vi ele tirando os pontos da cesariana com pressa, meio rasgando mesmo, e só fui entender mesmo quando vi ele tirar outro bebê lá de dentro, um menino ainda mais roxo, tadinho, todo amassado, quase morto.

— Enquanto a gente tava lá liga um padre falando que tava com o pai da mãe lá perguntando que história é essa de grávida fugida, que não sei o quê. Elisângela falou só da menina, que ela nem sabia do menino ainda e falou que a mãe tinha chegado atropelada. Eles falaram que tavam vindo. Pois pronto.

— ...

— Aí foi a americana lá com o seu Jadson. A princípio eu não achei correto, não. Ela ficava falando que os índio iam matar o bebê, que índio não gosta de gêmeo. Gritando, né, aquela taquara rachada, aquela coisa toda. Seu Jadson fez uma cara triste, não falava nada. Acho que nem acreditou nem descreditou, ele não queria era admitir que o Miguel tinha deixado de ver um bebê inteiro dentro da mulher. Onde já se viu? Eu nunca tinha visto isso não. E eu nunca vi nada igual depois. Já tou aposentada, agora posso contar, né? Vão fazer o quê? Achei o negócio muito mal explicado. Só sei que quando chego o povo lá da aldeia com o padre eles foram embora só com a menina e com o cadáver da mãe. O menino eu nunca mais vi nem ouvi falar. Eu tenho pra mim que foi a americana que levou. Pois pronto.”

52.

A conversa com a tal da Natasha me deixou com um nó na cabeça . Mas não sabia mais o que fazer. O assunto continuava pulsando como uma enxaqueca, eu continuava lendo as atualizações dos blogs já sem interesse na história, só com raiva, mesmo, de como aquilo continuava despirocando pra umas direções tão aleatórias. Foda-se aquela merda, eu pensava. E no dia seguinte abria de novo os endereços, começava a ler um post novo sem nem conseguir terminar.

As coisas em casa foram piorando, meus pais cada vez mais reclamando de eu continuar morando lá e de não trabalhar, nunca contribuir com grana pra casa. Começaram a voltar a falar que um tio podia me arranjar emprego em São Paulo. Eu só concordava com a cabeça.

A Bia e o Adriano terminaram e eu demorei um pouco pra descobrir. Eles sempre foram discretos com essas coisas. Descobri só quando teve um lançamento de uma revista online que a Bia começou a editar junto com três amigas, sobre política e ecologia com uma pegada feminista. Isso já no início de 2015. Quem bancava os custos básicos da revista era uma delas, Tâmara, que era concursada do STJ. Bia era a editora junto de uma garota chamada Hemily, uma ativista do Paranoá que escrevia sobre lixo e tinha feito um vídeo satírico e informativo incrível sobre o lixo da Estrutural.

A mais velha do grupo, Patrícia, era professora de antropologia da UnB e servia como a figura acadêmica de autoridade pra ajudar nos trâmites institucionais para transformar a revista em algo mais oficial e acadêmico.

Embora não tivesse nenhum objeto físico a ser lançado, fizeram um evento de lançamento num café no início da Asa Norte. Eu cheguei tarde e só peguei o final da fala da Bia e da Hemily sobre a crise hídrica e a destruição do Cerrado nos últimos anos. Foi quando eu percebi que o Adriano não tava lá.

A Bia tava falando com muita desenvoltura sobre a necessidade de imaginar outras formas de viver em comunidade. Eu tentava acompanhar e fazer uma cara inteligente, mas tava também procurando gente conhecida com os olhos ali em volta. De umas trinta pessoas eu conhecia a metade, mas só a Juliana era mais próxima e ela tava ocupada com gente que eu não conhecia.

Fui cumprimentar a Bia depois da fala, ela assinando uns guardanapos

que duas meninas novinhas deram pra ela de piada (“já que não tem revista pra assinar assina aqui, ô”). Esperei que ela fosse só beijar minha bochecha e agradecer a presença, mas ela fez uma cara de quem tava quase esperando me ver, puxou minha camisa de leve e falou olhando bem firme:

— A gente tem que conversar. Vou te mandar um email.

Achei estranhíssimo, mas agi como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Antes de sair de casa eu tinha lido parte do primeiro texto da Bia para a revista, que falava da crise ambiental e da relação da expansão da cadeia de consumo e destruição com neuroses masculinas de dominação e território. O texto era engraçado e muito bem escrito, fluido e informal, mas também muito denso. Eu senti uma pontada de orgulho pela minha amiga e notei que ela nunca tinha se colocado antes de maneira tão direta por trás de um texto. Não que eu soubesse. Até então escrevia em fórum, em blogs de nome esquisito, em caixa de comentário alheia. Mas ali tava ela assinando um texto sério e bem pesquisado, botando a cara e as ideias pra jogo.

Pensei na morte do Fernando e em como ela parecia ter botado algumas coisas em movimento. Tem morte que solta mais do que prende, mas é claro que isso não descrevia, nem de longe, a minha situação.

53.

O e-mail da Bia marcou o encontro pra três dias depois, na UnB, no Café com Letras, do lado da livraria da editora da universidade. Tive que ir de ônibus, saí super cedo pra não atrasar, sem ter tomado café direito, acabei chegando vinte minutos antes. Comprei uma água e um brigadeiro no café, porque senti minha cabeça latejando, pelo sol que fazia, a fome e a sede que eu tava. Enquanto sentava na cadeira metálica soldada no chão sentia a consciência já vagando de pressão-baixa, um borrão preto chegando a se formar na minha vista, um pouco como o rombo de filme que se autodevora numa projeção quando queima (que eu vi acontecer uma só vez, no Cine Karim, e que achei mais memorável do que o filme que estávamos vendo, “Uma Babá Quase Perfeita”). Lembrei também, por um instante, da única vez na vida em que eu desmaiei, durante uma viagem de família para Barbacena, num carro quente e cheio, abafado como o suvaco do capeta (com a janela de trás emperrada e quatro pessoas no banco de trás). Estava com uma sede danada desde que o carro saiu do posto na saída da cidade e a timidez não me permitiu pedir por água, até que todas garrafas se acabaram. A cabeça e a garganta doeram por muito tempo até que a visão ficou preta e a cabeça tombou pra trás. Só fui acordar com um tapa de um primo e os gritos do carro todo. Mais bravos do que aliviados com minha recuperação dos sentidos. Eu não queria que aquilo se repetisse ali. Mastiguei o brigadeiro dulcíssimo com a boca seca e quebradiça, a cabeça um bestiário. A água veio tão gelada que fez doer minha cabeça, mas também quebrou a saturação do doce e deu uma assentada na minha vista. Eu percebi que meu corpo tava reteso de uma expectativa tremenda e eu tentei fazer ele relaxar, imitando as instruções de um vídeo de meditação que vi um tempo atrás. Não deu muito certo.

Quando Bia chegou nem me cumprimentou direito, além de um gesto discreto à distância, só fez um sorrisinho seco com a boca e já se emendou a falar.

— Olha, meu bem. Só pra deixar algo claro desde o início, assim. Eu não falo dessa história com ninguém, sabe? Ninguém. Então só posso te falar se você prometer que não vai falar nada disso pra ninguém. Eu marquei isso exatamente porque eu confio em você.

— Claro. Lógico.

Fiz um zíper na minha boca, o que na hora mesmo me pareceu um gesto exagerado, meio que animado demais.

— E valeu, assim. Valeu mesmo.

— Imagina. Eu já tinha notado que isso tava te angustiando muito, lembro de você perguntando várias vezes como que ele faz algo assim sem nem explicar, sem textão. E ouvi de uma galera que você tava indo atrás de tudo que conseguia encontrar. Eu entendo total. Pra quem conhecia ele mais ou menos bem tipo tu deve ser bem esquisito mesmo.

Eu não entendi se esse “mais ou menos” queria dizer alguém que tinha proximidade com ele ou se queria dizer o oposto, mas fiquei na minha.

— Na real por isso que queria falar contigo. Disso de não fazer sentido nenhum, do momento que ele fez e tudo. Tem algo que cê não sabe.

Ela tava com a unha refazendo os traços da estampa da bolsa. Parecia antecipar a graça de me contar, ao mesmo tempo que aparentava denunciar enfiado de ter que explicar algo óbvio a uma pessoa sem noção e perda nessa história.

— Tinha uma menina chantageando o Fernando. Ameaçando, sei lá. Não sei qual o termo, mas esses dois me parecem errados. Duvido que fosse uma coisa assim planejada, calculada, também. Ela não era uma vilã de novela, tadinha.

— Ahm. Boto fé. Aquela menina que cês encontraram no Shisha uma vez?

Eu perguntei isso meio bruscamente, num estalo, como quem encaixa uma peça num quebra-cabeça. A Bia fez uma cara de quem estranhou a lembrança.

— Engraçado cê lembrar disso. Na verdade, quando a gente foi falar com essa menina a gente achou que era ela. Mas não era. As ameaças eram anônimas. E rolaram por um tempão sendo anônimas até que o Fernando foi contar pra mim. Surtando. Surtando.

Ela negaceia com a cabeça, olhando pra longe. Uma cara de quem tava lembrando de algo bem agudo.

— Mas era uma outra garota, uma que eu nem conhecia. Bem mais nova.

Depois, rindo de canto de boca.

— Beeem mais nova.

— Uma loirinha?

Ela azedou com essa pergunta, nem respondeu.

— Ela chantageava ele com o quê?

— Olha, eu nunca entendi direito. Ela falava que ia revelar uma coisa, que ia botar alguma coisa horrível do Fernando pra todo mundo ver. Eu só li um dos e-mails que ela mandou. O Fernando falava que ela tava mentindo, que não tinha nada, não tinha como ter nada.

— Anram.

— Mas se não tinha como ter nada então por que que ele ficava dando faniquito com essa história? Por que que eu tive que ir lá interferir? Entende? Por isso eu admito que fui ficando mexida, também, com essa história.

— Ele te pediu pra interferir?

— Não exatamente, não é que ele pediu-pediu. A nossa relação tinha muita coisa não dita, assim. Além das bilhões de coisas que eram ditas. Mas enfim, eu conversei com a menina por telefone. Ela de fato era meio doida, não falava muito lé com cré. Mas parecia muito confiante que tinha alguma coisa pra mostrar que seria muito vergonhoso pro Fernando. De algum jeito.

— Mas por que que ela odiava ele?

— Ela disse que ele foi muito escroto com ela. E conhecendo o histórico, deve ter sido mesmo. Agora se foi o bastante pra justificar o tamanho do ódio dela, vai saber, né? Que ela já parecia ser meio doida de fábrica ela parecia, sim. O que por si só não quer dizer nada. Todo mundo que é novo desse tanto tem merda na cabeça.

— Verdade.

— Mas eu não consegui fazer ela falar nada. Ela me odiou de cara, também. Normal. Do jeito que eu cheguei, eu entendo.

— ...

— Enfim, ela disse que ia botar alguma coisa na internet. Alguma coisa do Fernando. Queria que ele terminasse com a Eloísa, acho, pelo menos no começo era isso. Ele ficou um tempo enrolando ela, falando que ia terminar, mas claro que não terminou. Meu chute é que ela ameaçou que ia fazer ali naquela noite mesmo e ele decidiu que não ia aguentar a cena. Ou que se ele morresse antes ela nem teria a coragem de postar. E eu sei que ela tava per-

dendo a paciência tinha um tempinho.

— Enfim. Desculpa se te desapontou um pouco. Não foi uma maldição do Pátio Brasil, ele não tava tentando fazer um sacrifício pra salvar a alma da juventude metaleira, ele não foi morto pela CIA nem pela ABIN. Foi só treta e nóia de moleque, mesmo. Bem de moleque. De macho imbecil. Enfim.

— Mas foi isso? Cê acha que ele se matou por isso?

— Não. Claro que não é simples assim, né? Nunca é. O motivo mesmo dele ter se matado já tava nele desde molequinho. A sementinha ali regada pelo Kurt Cobain e sei lá mais quem. Motivo pra morte ele tinha travado na goela. Mas acho que foi isso que, sei lá.

— Deu o empurrãozinho.

Eu falei sem perceber no lembrete que isso trazia da cena. Ela não registrou o que eu falei de jeito nenhum.

— Foi a desculpa.

Concordei gravemente com a cabeça.

— O Fernando tinha uma vergonha que cê não imagina. Do tamanho do ego dele. Ele era essa porra contraditória que queria ser um santo ao mesmo tempo que se sabia um cafajeste cretino. Tem gente que acha isso charmoso. Minha irmã achava o máximo. Eu parei de achar antes dos dezesseis, graças a deus. Embora eu ainda amasse muito ele. Ame. Enfim. Amar eu ainda amo, né? Mesmo ele morto. A desgraça é toda essa.

Ela pausa depois dessa frase, como se a tivesse surpreendido e como se aquela conclusão não fosse bem-vinda.

— Por muito tempo quis que ele terminasse com minha irmã, depois passei a achar que ela era crescidinha e já devia ter entendido com quem tava lidando há muito tempo. Cada um com seus drama. Tampouco quero ficar cuidando de marmanja.

— Total.

— Ele tinha umas pretensões, assim. Se você já teve com o Fernando muito bêbado e num esquema com pouca gente cê sabe que nos momentos mais, assim, vulneráveis, sei lá, ele achava que ia ser uma pessoa enorme, importante, de algum tipo. Artista, filósofo, até líder revolucionário. Risos. Negócio beem megalomaniaco assim. E vago. Os detalhes da consagração dele ain-

da estavam por se revelar, mas ele tava certo que ia fazer algo sinistro. E eu acreditei nele por um bom tempo. Muita gente acreditou. Antes dele ficar dez anos basicamente fumando maconha e comendo novinha com seu discurso de angustiado. Radical que mora com a mãe e não move uma porra nem pros outros nem pra ele mesmo. E acho que na hora ali ele já viu isso tudo morrendo. Ele foi um babaca machista por uns anos, ali no piloto automático, devia ter feito alguma merda grossa com essa menina e agora ia cristalizar essa imagem dele, pronto. Pra sempre. Ele sabia como essas coisas eram rápidas hoje em dia e era muito noiado com imagem. Muito.

— Era mesmo.

— Toda a coisa de não se exibir na internet não era por falta de vaidade, nunca foi. Isso é que geral não entende. Sempre foi por excesso, na real.

Total, eu pensei. Mas não falei nada. Lembrei do comentário do Tito.

— E aqueles blogs dele?

— Quais?

— Os que tinham uma história. Que ele tava postando ali logo antes de —

— Que que tem eles?

— Não sei, vi que apareceram coisas novas. Achei que pudesse ser você.

Nisso, ela me olhou de cima e baixo como quem avaliasse o valor de um produto e o achasse duvidoso.

— Aquilo é uma lombra antiga. Junto com uns amigos deles que eu não conhecia. Quando eles começaram, ele e aquele Renato lá, né? De Minas. Tava super animado, ia ser uma história coletiva com uns negócio meio gincana, meio sei lá.

— Gincana? Que Renato?

— Um amigo do Fernando. Uma época ele só falava nisso, mas eu nunca conheci. Morava em BH, eu acho.

— Esse Renato tava escrevendo junto com ele?

— Foi o que ele me falou. E que ia ter umas atividades, assim.

— Como assim? Umas performance?

Eu falei tentando botar ironia no meu tom, fazendo uma gingazinha com a cabeça, como já tinha visto alguns do grupo fazendo quando usavam

o termo. Mas ela nem deu sinal de reconhecer o gesto, ficou ainda como que procurando o jeito de explicar.

— Não exatamente. Eu acho que eles nem chegaram a fazer nada. Mas tinha uma coisa que eles iam anunciar na história e aí ia acontecer de verdade. Mas isso em BH, não era aqui. A ideia era que o povo lesse e fosse atrás do lugar e da hora e aí visse o negócio rolando. Que tivesse umas coisas espalhadas pela cidade, uns stencil, uns lambe-lambe chamando as pessoas, tal.

— Mas aí nem rolou?

— Que eu saiba não. O Fernando teve umas duas semanas que só falava nisso, que ia ser todo um negócio, que aquilo era só o começo. Aí tchuns, nunca mais falou, acho que não deu em nada. Como quase nunca dava, né, com ele. Mas tinha a ver com esse blog.

Ela pegou o celular e ficou mexendo nele, respondendo alguém e rindo do que a pessoa tinha falado. De repente me lembrei de algo e me forcei a falar logo antes de hesitar e me arrepender.

— E aquela história do vídeo? Tem alguma coisa a ver?

— Que história do vídeo?

— Não tinha uma história de um vídeo na internet dele transando com alguém?

— Anh?

Ela azedou o rosto, ainda olhando pro celular.

— Achei que a chantagem podia ser com isso, sei lá. Mas foi uma fofoca que eu escutei uma vez, devia ser só zoeira. Sei lá

Ela nem respondeu. Como se o que eu tivesse falado fosse tão absurdo que não merecesse. Ou talvez pra me despistar.

54.

Chego em casa, abro a merda do facebook e está lá, postado uma meia hora antes e já agraciado com sessenta e tantas curtidas, um post do perfil do Fernando. E um poema, ainda por cima. Nunca tinha ouvido falar dele escrever poesia.

A morte avança
nos domínios da certeza
sua propriedade é a luz,
não a escuridão

O sol de meio dia
no verão tropical
é a sua figura,

não a lua,
tampouco a matéria escura

se ela desagrega,
desfaz nós
destrói vínculos
é só para melhor soltar
o que tá preso
botar energia pra jogo
voltar o carbono
para a circulação geral

não tem força
mais generosa
mais inclusiva,
mais confiável
(nem as mães)
se a vida
joga o jogo
do fora e do dentro
tem limite,
membrana,
começo e meio
a morte não se encerra,
não direito,
não tem fim algum
única forma disponível de eternidade
e, ao contrário do que dizem,
sem lado nem avesso

Tinha uns dez comentários embaixo, o primeiro composto só de vários pontos de interrogação, os seguintes alguma variação disso. Paulinho, sempre tão tranquilo, postou O FILHO DA PUTA QUE TIVER FEITO ISSO FAVOR PARAR AGORA.

Aquilo me deixou meio sem fôlego por alguns segundos. A coisa do blog ter continuado já me parecia estranha, mas dava pra imaginar que era alguém próximo dele continuando a história. Aquilo ali já era diferente, parecia no mínimo uma provocação de algum tipo. Mas quem teria interesse de fazer aquilo?

Lembrei do negócio que a Natasha-todoynada tinha me falado. Quanto mais eu pensava mais me parecia que aquilo era algo que só o próprio Fer-

nando faria. E não qualquer amigo em sua homenagem. Falar da própria morte a partir do ponto de vista do além vida soava exatamente como o seu senso de humor cretino. Imaginei ele programando aquela postagem pro futuro pouco antes de se matar. Às vezes naquele dia mesmo, enquanto eu tava na sala ao lado. Parecia uma perversidade que excedia mesmo os limites já arrombados do Fernando. E ao mesmo tempo fazia todo o sentido do mundo. Seria quase mais estranho se ele não tivesse feito algo do tipo.

Só não sabia se aquela postagem tinha sido a última zoeirinha que ele guardava na manga ou se ainda teria alguma outra surpresa engatilhada.

55.

Pouco depois apareceu o que veio a ser o último post do blog da Todoynada.

“12.06.03

Eu penso na minha irmã todo dia e no que aconteceu com ela ano passado. Acho bem possível que ela mesma nem pense, não com essa frequência. Ela nunca deixaria uma merda escrota daquela definir a vida dela. Mas eu penso, eu deixo. Ela sempre foi muito mais forte que eu. E ainda teve uma vida mais difícil. Imagino que por isso mesmo seja mais corajosa, talvez, se a genética é praticamente a mesma. É uma mesma violência gratuita a desse país. Uma brutalidade burra, mal esparramada e distribuída nos mesmos currais velhos. Dobrando nas mesmas dobradiças, furando os mesmos sulcos, rasgando o arrombado de cicatrizes feitas de camadas de cicatrizes. Eu queria amar esse lugar, queria com força. Mas ele teima em não deixar que isso dure mais que alguns segundos, se espalhe além de uma ou duas pessoas, uma ou duas ruas, a cada vez.

Esperando o momento em que o nojo de mim mesmo, o ódio, consegue virar motor para transformação. Que não chega. Por enquanto só empoça, só corrói e empeçonha num ranço amargo. Como faz com quase todo o resto, pelo que dá pra ver por aí, estampado na cara de todo mundo.

O Renato demorou um tempão para falar tudo que aconteceu com ele quando esteve preso, também. Do tanto que ele sofreu ali. Ele fala dum jeito seco da experiência toda, como se tivesse acontecido a outra pessoa. Tinha uma dificuldade enorme de contar, ele que falava de tudo e dele mesmo o dia inteiro, se deixasse. Fecha igual um tatuzinho diante disso. O inferno, ele chama, e ponto. Deve ser mesmo. Penso na morte do Sabotage no início do ano, a pilha que só cresce e acelera, só piora.

A raiva tem que virar algum gesto, mas qualquer gesto é pouco. Mal se admite o que se passa no dia a dia, no vocabulário normal e comum. A televisão de tarde pingando sangue e gente gritando pra matar, falando que se pune pouco. Se tu começa a gritar que vivemos num país autoritário com execução sumária e campo de concentração pra pobre, ninguém te leva a sério, nem se importa. Que mesmo com terras demarcadas e um suposto Estado Democrá-

tico de Direito ainda tem jagunço ameaçando e matando no campo qualquer índio ou liderança popular do campo como se fosse 1800 e tanto. Que a nossa elite é quase toda feita dos tataranetos da gente que rancou o couro dos netos de quem arrancam até hoje. Que ao mesmo tempo que a República começa a dar alguma dignidade pro povo, que tanta coisa vai melhorando aos poucos, as cadeias só pioram e a polícia faz o que sempre fez com uma desfaçatez ainda maior, matando e morrendo com mais violência. A coisa toda é feita pra acelerar e piorar. A palhaçada demente que é isso tudo, de tão explícito. Todo mundo já sabe que é uma palhaçada, todo mundo já tá cansado de saber. Ou porque esse estado de coisas lhe foi cunhado na carne ainda na infância ou porque vive de dentro da parte agradável da palhaçada e o grito então soa exagerado, ininteligível, radical. Radical é a realidade. Talvez seja por ter sido protegido disso tudo por tanto tempo que eu não consiga me acostumar. Continua me parecendo intolerável, todo dia.

Também vivi tempo demais fora da vida normal das pessoas, enfurnado por uma mãe doente mental, que confundia Cristo com uma prisão, pra conseguir me envolver com algum movimento político. O pouco que eu consegui sair do meu casulo já foi difícil, já foi doido. Desde que saí de Belém eu cheguei a ir em encontros da Pastoral Carcerária em Brasília, mas não aguentei a ideia de me envolver de novo com gente da igreja, por mais que o trabalho fosse importante. Fico nos cantos e não consigo compartilhar aquele palavrório iluminado e casto deles.

Eu não tenho lugar nem uso nesse mundo. O único amor que eu já conheci nasceu torto e desenganado, impossível. O que eu devia fazer agora era cuidar da minha mãe. Consegue ser pior do que eu pra encarar o mundo, coitada. Ela precisa de alguém. Mesmo com o ressentimento fodido que eu tenho dela, do mundo que ela me tomou, o certo seria isso. Mas o pouco que tentei até agora foi custoso. Tem menos de um ano que a gente tá junto e eu já não aguento mais. A teimosia dela com tudo, a angústia avassaladora queimando baixo o tempo todo, a falta de ar que isso tudo me dá. Fica procurando culpa pra se coçar dia todo e madrugada adentro. Procurando pecados imperdoáveis na sua própria cabeça a cada meia hora como quem checa três vezes o bico do fogão por gás escapando antes de sair de casa.

Estamos os dois numa chácara no Guará (DF) onde moram outras irmãs desligadas de convento, mas ainda conectadas à igreja. Irmãs problemáticas, todas, ao que parece, mas que ninguém queria chegar a mandar inter-

nar, por um motivo ou por outro. A princípio, não pode morar homem lá, mas abriram uma exceção temporária. Todas me mimam com bolo e pão de queijo o dia todo. É bom, mas é ruim, também. Ficam sem jeito quando estou perto, rindo e cochichando entre si. Segundo elas, minha presença faz bem pra minha mãe. Não é o que parece. Ela diz todo dia que vamos descobrir um lugar para morar só nós dois, mas nunca faz nada nessa direção.

Eu me dispersei, mas essa cartinha tinha uma meta. Ao contrário das coisas que escrevo aqui geralmente. Esta aqui tem um fim. Voltando pro que importa: acho que existe, sim, violência justa e santa, e que a sua hora chegou aqui. Mas não é do meu temperamento, jamais que eu pensaria em machucar alguém, e nem esse magma de raiva correndo no meu peito seria capaz de transfigurar isso. Ainda bem, talvez. Jamais eu pensaria em machucar alguém, mas eu gosto muito de fogo. Sempre gostei. Acho que a destruição que ele faz pode ser não só linda como didática das forças com as quais a gente lida de verdade. Dá vontade de fazer alguma coisa com ele.

Parece engraçado escrever essas coisas nesse caderno tilibra amarelo, com minhas letras redondas sulcadas por exercícios diários de caligrafia toda noite, com minha mãe na infância. Mas foram minha irmã e meus amigos que me deixaram assim. Com essas coisas na cabeça, essa voz quase profética. Isaías de meia-tigela. Simone Weil falsificada. Eu imposto essa voz para que seja minha, mesmo não sendo. Escrever torna real, ou pelo menos mais real.

Mesmo com essa vontade de destruição e transfiguração justa prestes a estourar os canos que eu chamo de ossos, eu também sei que além de tudo que eu como, além de tudo que a manutenção da minha vida destrói por si só, o único corpo que eu destruiria por querer nesse mundo é o meu.

Me perdoa, Meu Deus. Meu nome é Emerson e não tenho sobrenome. Nunca conheci meu pai e mãe biológicos, só uma mãe adoentada que me tirou do mundo e do meu povo e que não consigo nem rejeitar nem abraçar mais. Minha irmã é uma Mehin, seu nome eu jamais escreveria com essas letras tronchas da língua dos invasores. Ela é a pessoa mais bonita que o universo já pariu e eu não quero viver mais nem um dia nessa Terra.”

56.

Ainda não sei como tomar esse texto, que já reli umas três vezes desde que foi postado. Mas encarei como uma espécie de conclusão. Daquele ramo, ao menos. A história toda era completamente distante da realidade do Fernando, mas ainda assim tinha coisas ali no meio em que eu o reconhecia. Fiquei imaginando se aquela voz ali não era da Natasha (todoynada) se botando no lugar dele e dramatizando uma versão bem diferente dos seus dramas por aquele personagem esquisito, misturando com os dela (querendo ou não). Lembrei do que a Bia tinha me contado e de como aquele personagem parecia ser tão mais puro e nobre de intenções (se é que estas são as palavras certas) do que o Fernando. Aquilo ali parecia ser mais próximo do mito que ele queria pra si mesmo, talvez?

Eu tentava me resignar ao fato de que aquilo seria o máximo de resolução que encontraria. Mas era difícil largar o trem. Já era 2016, mais de dois anos depois da morte dele, a história continuava entulhando a minha cabeça, mesmo sem novidade, sem nunca nem encontrar mais os envolvidos e implicados.

Foi por aí que decidi perguntar do vídeo pro Paulinho. Por muito tempo eu não tive coragem de fazer isso, sem saber como colocar a pergunta. Mas a coisa toda tava ainda tão engasgada que eu precisava cutucar tudo que desse pra ser cutucado. Primeiro pensei em perguntar pela internet, o que seria bem mais fácil, mas depois pensei que é muito mais fácil mentir pela internet e que Paulinho não parece ser um bom mentiroso. Talvez se eu perguntasse direto, ele teria que ser honesto.

Ele não era de telegrafar suas atividades diárias pra todo mundo, mas num sábado vi que ele tinha marcado presença numa feira de zines que aconteceria no Cine Brasília. Eu chego lá cedo e fico fingindo interesse nas mesas por um tempo, mesmo quase não tendo, depois sento lá perto e fico vendo besteira no celular por uns quarenta minutos. Ridiculamente, finjo conversar com alguém pelo telefone por um minuto, numa conversa pouco coerente fazendo menções vagas a eventos inexistentes. Acho que para que a minha solidão ali parecesse menos patética? Até que Paulinho enfim aparece com uma garota que não conheço, baixinha e bonita, os dois meio nervosos como se tivessem no início de um encontro, talvez. Não encontro muita brecha para

chegar falando. Espero uma hora que ela vai ao banheiro para cumprimentá-lo.

— E aí?

— Opa.

— Tranquilo?

— Numa nice, e tu?

— Ah, de boa. Naquelas, né?

Ele faz um sorriso genérico e eu não sei o que dizer mais. Ele tá prestes a mandar um “a gente se fala, hein” quando eu interrompo:

— Você viu o que postaram no perfil do Fernando um tempo atrás?

— Vi.

— Bizarro, né?

— Muito escroto. Piada sem noção. Fiquei pensando quem faria isso. A Eloísa com certeza que não.

— Será que ele não programou pra postar? Nem sei se dá pra fazer isso.

— Deve dar, deve dar. Nossa, nem tinha pensado nisso.

— Uma amiga dele acha que ele pode ter feito isso.

— Quem? Na real, assim. Nem me diz. Eu cansei dessa história. Já fiquei mal demais com ela, já deu. A gente tem que dar uma sacudida aí sei lá porque senão a parada te engole.

— Boto fé. Eu tou com dificuldade, mas ê tá certo.

Ele parecia querer apressar o fim da conversa. Percebi que não dava pra enrolar demais, era agora ou nunca.

— Ou, nada a ver com nada, mas eu ouvi um boato muito doido outro dia, não sei se tu tá ligado.

— Anhm

— Parece que alguém achou na internet um vídeo de uns amigos nossos transando. Tá ligado dessa história?

Ele faz uma cara séria de repente.

— Acho meio nadaver falar disso. Pra ser honesto, assim. Foi mal. Não vai

atrás dessa história não. Sério mesmo.

Antes que eu falasse qualquer coisa ele sai corrido prum outro canto fingindo atender uma ligação, fazendo um gesto abrupto de despedida ou de corte pra mim. Assim que ele está um pouco distante, quase atrás de uma planta ornamental, interrompe o fingimento. Fica mexendo no celular até que a mulher com quem ele tava volta do banheiro.

Suei como um animal no abatedouro durante a conversa. Toda essa movimentação à toa. Vou caminhando pro carro, que tava estacionado na quadra residencial. Ele não era um cara ríspido normalmente. Talvez a coisa de estar num encontro o tenha deixado nervoso. Ela era tão mais bonita do que ele (conhecendo Paulinho pelas histórias da Ju, devia ser um desenrolo do Tinder de semanas, meses). Ou então a minha forma de chegar cutucando tão diretamente é que tenha sido meio maluca. Só me toco disso enquanto entro no Ford Ka da minha mãe e encontro seu cheiro familiar de estofado suado. Vou embora pra casa sem música, recebendo de janela fechada aquela distância seca e achatada. Toda essa movimentação à toa. Me sinto meio idiota, prometo pra mim que nunca mais persigo essa história e quase chego a acreditar na minha firmeza, por um momento.

57.

Brasília não é exatamente conhecida por seu carnaval. Quem é muito disso e tem a grana necessária acaba viajando com frequência pro Rio, pra Olinda ou alguma outra cidade de carnaval mais tradicional. Mas nos últimos anos vinha acontecendo uma revitalizada no carnaval de rua pelo Brasil e isso também reverberava aqui (embora no nosso caso fosse mais o caso de criar tradições onde poucas havia, mesmo). Sabia de alguns blocos que tinham estreado nos últimos anos com algum sucesso e de um menor, de amigos, que sairia pela primeira vez naquele ano (o Calango Careta, cujo orgulho era um calango comprido no estilo daqueles dragões orientais, com uma cauda que se destacava e virava um beque enorme, eu tinha acompanhado na conta do Raniel (vulgo ‘Bits’) as fotos da confecção diligente do bicho por meses, no Instagram).

Até aquele ano, 2016, minha tradição pessoal no Carnaval tinha sido ficar em casa vendo as fotos das pessoas fantasiadas se divertindo horrores. Eu nunca tinha ido pra um bloco, a não ser criança, com a família (especificamente na pessoa do tio Júlio). Mas aquela vez seria diferente. Já era quase certo minha mudança para São Paulo e aquela poderia ser minha última oportunidade de encontrar todo mundo, de dar algum desenlace, mesmo que desenxabido, para aquela trama.

Sabia por alto pelo Paulinho que a Juliana tinha ficado de se encontrar com umas amigas na concentração ali rodeando o Pacotão, no comecinho da Asa Sul, do lado do prédio da Caixa. Ele devia aparecer mais tarde também. Com medo de não ter vaga, eu acabei estacionando o carro da minha mãe um pouco antes, na quatrocentos e quatro. No final das contas tive que andar. O dia não tava tão quente, com um sol quieto e nublado, mas tinha um mormaço guardado no ar expectante de chuva. Não tava desagradável, mas eu já comecei a suar.

Mesmo ainda longe do bloco você já notava um humor diferente, com mais gente na rua, mais carros estacionados por todo lado, grupos de policiais em pontos de fluxo, gente já de saída de blocos matinais com instrumentos e estandartes solitários, muitos grupos de homens barbudos e fortes vestidos de mulher. Brasília era uma cidade tão quieta que mesmo esse muxoxo de carnaval já parecia mudar alguma coisa no ar.

Andei por uns vinte minutos sem encontrar nenhum amigo, a atenção dedicada naquela movimentação de rostos e fantasias que ia se avolumando, muita gente que devia estar bebendo desde manhã e já não conseguia entender minimamente o que se passava. Mesmo naquele trecho pequeno que eu tinha andado já tinha percebido as revoadas de galeras diferentes. Depois de ter andado junto com um muitas famílias burguesas de quarenta a cinquenta anos, me vi no meio de um fluxo de playboys jovens e bombados, todos incrivelmente iguais uns aos outros, com fantasias tipo jogador de futebol e turista. Uma manada de uns oitenta, saindo de algum bloco consoante com suas galerosidades. Três deles se abraçavam e faziam contagem de quantas mulheres tinham catado até então.

Eu não tava com tanta vontade de beber, mas depois de passar pelo quarto ou quinto ambulante acabei comprando uma cerveja meio no automático. Tem algo no clima de tanta gente bebendo desde cedo que quase te coage a se intoxicar também. Faz a bizarrice da coisa toda fazer muito mais sentido, com certeza.

Chegando perto do bloco onde eu supunha encontrar conhecidos, fui percebendo a mudança em volta, com um fluxo de pessoas mais “alternativas” (o termo é meio idiota, mas enfim, são marcadores meio claros de vaibe, roupa e penteado, vocês sabem), eu já fui encontrando umas meninas lindas que foram me deixando autoconsciente pra caramba, de não estar numa configuração muito bem-sucedida das minhas possibilidades já tão limitadas pela mãe-natureza. Eu tava só de camiseta e calça jeans, sem nenhum adereço minimamente carnavalesco. A maioria delas não tinha nenhuma fantasia específica, estavam só vestidas de deusas empoderadas, com maiôs e meia-calças coloridas, pintadas de prata e de ouro. Algumas eram mais bem-sucedidas do que outras no arranjo, mas ali andando no meio das árvores, depois de uma revoada de homens horrorosos, pareciam um bando de sonhos eróticos – tanto adolescentes quanto perfeitamente adultos – andando no meio da rua. Vi uma peruca verde abandonada num galho de árvore e considerei apagar, mas quando meti a mão percebi que estava molhada e fedida à cerveja.

Vi também um conhecido que não quis cumprimentar, Daniel, e passei por ele olhando pro chão. Ele estava também sem nada carnavalesco e seguia uma menina linda toda purpurinada, com collant dourado e adereços vagamente egípcios. Diziam que o Daniel aproveitava o carnaval pra se aproximar de umas cinco amigas por vez. Todas elas montanhas de areia pro seu cami-

nhão. Ele tinha certeza que o carnaval, com seu espírito ligeiro de reajuste, de troca, poderia colaborar com a possibilidade de uma amiga considerá-lo como uma alternativa viável, revertendo o que ele considerava ser seu papel de “prefeito reeleito da zona da amizade”, como ele dizia em vários textões amargos no Facebook. Até onde sei, nunca dava certo.

Não encontrei mais ninguém, fiquei por um tempo só bebericando a cerveja devagar. O bloco começou a sair mas as rodas de pessoas mais ou menos conhecidas não saíam de onde estavam. Eu varria o quadrante como se fizesse a ronda da área, sem parar muito em nenhum lugar, indo mais ou menos ali da frente do prédio da Polícia Federal até a Caixa e voltando, zanzando pelos lados da quadra, debaixo das árvores, andando no meio da multidão passando pelas diferentes galeras e deixando o ruído geral me engolir.

58.

—Três por dez a perigueti, três por dez.

—Tre-ta, tre-ta, tre-tinha.

—Como que tá o drinkability?

—Gelada-gelada não tá. Mas tá tipo aceitável.

—Deixa fluir, fi. A naite é mãe da naite.

—São duas da tarde, véi.

—O que no meu caso quer dizer são quatorze horas de manhã de ontem.

—Aí sim.

—A Nath é mãe da Nath? Anh?

—As pessoas tão ficando doida em São Paulo, sabia? Foram fazer uma pesquisa e viram que parece que quarenta por cento das pessoas são doidas. Mas doida mesmo assim.

—Doida tipo crazy.

—Exato, super doida.

—Todo mundo?

—Praticamente, assim, oitenta por cento.

—Tu sabia que Corona é brasileira?

—Não era quarenta?

—Sim. Ambev, né. Budweiser também. É o Lehman, né, fi? O cara é monstro.

—Não, porra. A cantora. This is the rhythm of the night.

—Inbev, você quer dizer.

—Jesus humilha Satanás. Sei demais. Como assim?

—Serião. Brasileiraça, Vidigal.

—Porra, que massa. Não tinha ideia. Que orgulho.

—Hoje ele tá lá dentro do Itaú. Mas dentro-dentro mesmo. Ele é pica lá. Na área dele, né.

—Eu amo essa música.

—Odeio. Canto todo dia, quase, tem uns vinte anos.

—Então, minha dissertação é sobre deslocamento do self e o auto-correitor do iPhone.

—Gosto muito mais dessa música agora.

—Ela colocou a foto mesmo sabendo que fui eu que tirei, e que eu tinha pedido pra ela dar crédito, saca. E que que custa dar crédito pra minha foto, saca? Tipo tem um nível que a pessoa chega que você vê que ela tá te provocando.

—Self é tipo seu senso de si, né. Mas não tem tradução, na verdade.

—Total. Mas ela é muito cínica, muito cínica.

—Boto fé.

—tá bizarro

—tá uma merda

—A culpa é minha eu boto ela em quem eu quiser, Maria Isabel.

—Cadê o Thiagones? Porra, cadê o Thiagones?

—Porque o Carnaval, porra, quê que é o carnaval, saca?

—Caceta, lá vem, hein.

—MA-MA MAMÃE EU QUERO!

—Amiga, esquece, você tá super gostosa nesse maiô.

—É incrível, né. É esse momento do quê? De derreter as convenções sociais, de produzir esse espaço de exceção, né, de subversão.

—Sério, esquece.

—Vamos curtir, caralho. Hoje não, , caralho. Porra, amor.

—E cê imagina uma cultura nacional que é formada em cima da ideia de subversão continuada. O que isso não significa?

—Mas subversão, porra, subversão. Homem vestido de mulher no carnaval não subverte nada. Tudo que isso diz na real é que um homem não pode se vestir como mulher. Ele confirma a convenção, no fundo, porque a graça é justamente que fique ridículo, que seja ridículo. É diferente dum homem ves-

tido de mulher porque ele quer aquilo, porque ele se sente bem assim.

—Subversão de eu é rola.

—Literalmente, no caso.

—Cê tá viajando, cara. Foi mal, mas cê tá via-jan-do. Carnaval é pra ficar doido. É pra todo mundo ficar doido junto. Nada a ver. Nada a ver isso aí que cê tá falando, irmão.

—Eu acho um luxo. Já foi no babydoll de nylon? Eu acho um luxo

—É a coisa mais conservadora que existe, carnaval.

—Antes a gente escrevia na internet cheio de erro, era tudo muito mais orgânico. Com o autocorrect a gente tá sempre conversando com aquela mediação INUMANA, saca?

—Nada a ver.

—Cara, chamar essa cervo de periguete é muito escroto. É tão escroto.

—Eu acho bom demais.

—Tá tranquilo, tá favorável. Põe aí essa Marquin, Põe aí.

—Tinha uma menina lá que eu conhecia de São Paulo que falava que ela não era gente. Ela falava mesmo, pra todo mundo. Botava na internet. Pegava bolsa da FAPESP. Fez o doutorado dela sobre isso, que ela não era gente, não era humana.

—Ela era o quê então?

—Ah, bicho, só lendo o doutorado dela, que abre aspas foi feito em quatro mídias fecha aspas

—Oitícica, meu amor, oi-ti-ci-ca

—Catuaba não, catuaba não dá

—Pera, temo que esperar a Paola, ela tá comprando birita ali.

—Aí eu falei eu não sou gay nem hetero, muito pelo contrário

—Valeu então, aí, rei da Inglaterra.

—Ai, não vamo esperar ela mais não? Desculpa, amiga, mas ela é meio insuportável.

—Catuaba dá pra caralho.

—Muito pelo contrário também.

—Porque você escreve uma parada e o iPhone te apresenta outra coisa, né, mas muitas vezes a pessoa lê aquela fala como se fosse você falando diretamente, então nós perdemos o controle, tipo, sobre nós mesmos, entende?

—Profundaço. Nu. Tô de cara, vei.

—Tipo a foto dela lá que ela botou lá na UnB no pôr-do-sol, aquela foto foi eu quem tirei, saca.

—Tá doido. Chega ‘ripiei aqui, ó.

—Vai se danar, vai.

—Carnaval é top demais

—Só o brasileiro. Bicho, tem que estudar o brasileiro.

—Fui eu quem tirei, saca. Põe crédito? Não.

—Ah, não, véi, tu viu o Blade vestido de Obelix? tá muito fofo, eu não ‘guento.

—Ai, amiga, eu queria pegar ele, mas ele é muito sonso. É foda como como homem ou é um merda completo ou é sonso. Não tem nunca meio-termo.

—Novos Baianos é tipo a parada que mais me representa, assim. De longe. Mais do que eu mesmo, assim, praticamente. Por isso que eu tenho seis versos deles tatuados pelo corpo. Cada um no membro adequado.

—Cê percebeu que ali até o final da quadra só tem barbudo de humanas loser manos e depois que passa ali daquela barraquinha de birita só tem playboy bombado?

—Total. Só ali no meio que mistura. A galera se estranhando.

—Bicho, a voz do Zé Ramalho não parece muito a do Bowie nessa música? Diz aí

—Não. Parece não. Óbvio que não, véi.

—Parece sim, prestação.

—Todas as vozes do mundo são exatamente a mesma, na verdade. Tou percebendo agora.

— Tu só tá falando isso pra fazer gracinha. Tou vendo nessa tua cara safada.

—Não é, porra. Prestenção. É tudo a mesma voz. Só muda um pouquinho. Todo mundo é alguém imitando.

—Sério, assim, pensa. Você tem esses dias de zoeira, esse dia pro fodido fingir que é rei, não sei o quê, quê que isso faz, no fundo?

—Faz bebê, faz DST.

—Além disso, porra, além disso. É uma válvula de escape.

—Um valvulão, né, no caso.

—Isso. Um puta valvulão. Essa tensão toda do Brasil, esse negócio insustentável, insuportável, esse fazendão com meia dúzia de arrombado explorando cento e tantos milhões, essa panela que fica pra estourar e nunca estoura. É o carnaval que garante isso. Meia semana de derretimento e doidura pra manter a estabilidade geral e calibrar a insanidade geral.

—Aquele negócio do Chico, né?

—Chico de cu é rola.

—Porra. Mas então tá funcionando bem pra caramba, então, né. 60 mil homicídio por ano. Se não tivesse Carnaval então dava o quê, uns duzentos?

—Uma coisa é uma coisa. Veja bem, eu não tou falando que funciona.

—Ih, virou moda cagar no Chico agora.

—Ninguém tem direito de ser sortudo daquele tanto.

—Tudo que vai, volta.

—NÃO! VAI TER GOL- PE!

—três por dez a perigueti, três por dez.

—E essa banda? Vai rolar mesmo ou não?

—Bicha, se aquele teu amigo gato demais vier mesmo, eu assisto até show de banda de rock. Em pleno ano da graça de 2016. Como se eu fosse um australopiteco. Pra você ver como ele é gato.

—Vai sim. Com certeza ele vem. Acho que vai ser aquela Galactus, sabe.

—Aquele banda do sul? Dos careca barbudinho?

—É. Mas vai ser lá no Piauí de noitinha, Não é agora, não, relaxa.

—Nada contra hetero, até tenho amigos que são. Mas assim, tudo tem limite.

—É só que tem nada a ver com carnaval. Nada a ver tocar essa bosta no carnaval.

—Eu não acho que carnaval tem que ser só samba e frevo e essas coisa. Vale tudo, de boa, ontem mesmo fiquei dançando igual uma louca e era o quê aquilo, Deivid?

—Sei lá, era esses trem de tunts-tunts, techno? Como chama?

—Cê tá muito velho, Deivid. Techno chamava tem vinte anos, né. Hoje é outras coisa.

—Era trap.

—Trap pra mim era outra coisa, lá com os moleques da engenharia. Hein, Márcio? Tá ligado?

—Nossa, tem uma amiga minha que é piradíssima nesse bicho, tenho que ligar pra ela se for essa banda mesmo, como que tu sabe que é? Ela tá louca pra dar pra ele desde uma vez que eles quase ficaram mas ela vomitou numa mina e ficou com vergonha e vazou da festa.

—Que festa?

—NÃO! VAI TER GOL – PE!

—Onde os cara tava, ué. Mas vão ser eles mesmo?

—VAI TER LU-TA!

—Eu não sei, eu meio que só acho que vai. Porque eu vi que dois membros da banda no instagrão hoje e vi que tavam no aeroporto de Brasília.

—MAMÃE EU QUERO, MAMÃE EU QUERO

—Putaquepariu, é muita mulher gostosa. Não tem condição. Não tem condição de viver no Planeta Terra.

—Nada a ver com carnaval essa porra dessa banda.

—Vai tomar no cu. Vai tomar no cu.

—Ah, não, juntou esse bando de bombado hetero-top aqui e não tá dando mais.

—Tá bizarro

—Tá desagradável.

—Xbalanque, balanque-. Quero dançar com você-ê.

—Viu como?

—Ah, no Instagram dos cara.

—Entra na roda, morena, pra ver. Xbalanquê, balanquê.

—Voce conhece eles?

—Não, mas eu sigo, ué.

—Boto fé. Agora tu stalkeia até os cara que toca em banda sulista bem mais ou menos?

—Eu nunca tive critérios para os percursos da minha atenção, ela sempre voou livre e feliz.

—boto fé

—Gorgorejando mundos.

—Vem cá, cê tava com eles, não tá? Cê sabe onde tá agora? Eu tive que ajudar uma amiga que pasou mal e me perdi de todo mundo.

—Onde tão agora eu não sei, meu bem, tava esperando alguém dar notícia. Iam divulgar por agora

—Odeio isso

—É essa coisa ridícula, sabe, de hipster no carnaval. Bota essa banca toda de festa popular do caramba a quatro, mas no fundo o que é a galera quer é fazer as mesma festa exclusiva pros vinte amigo causar e tirar foto.

—MAMÃE EU QUERO MAMA-AR

—É essa banda Galactus que tem aquela música ‘vamo fumar a ponta que a gente achou a-qui’, não é? Eu gosto dessa.

—Total. To-tal. Galera fica nessa de vamos ocupar o espaço público, festa democrática e pararam, mas o que eles querem é ver a mesma galera gostosa do círculo deles toda purpurinada. Chega gente que destoa e eles já reviram os olhinho tudo, querem ir pra outro lugar.

—‘a pontinhaaaa, a pontinhaa’, sim, essa mesmo. Mas essa música não é deles, na real é um cover que eles fazem de uma banda daqui, tá ligado?

—As músicas deles mesmo são tudo aquela mesma chatice, aquelas guitarra distorcida que fica uns dez minutos, o bicho todo triste murmurando umas besteira.

—É, tipo isso mesmo. É tudo meio assim.

—O Sul é uma bosta, né.

—Vai se foder, minha família é do sul.

—EU FALEI FARAÓ-Ó-Ó

—Lupicínio. Ronaldinho, que é de longe o melhor dos Ronaldos.

—Não, mas eu não digo as pessoas, pô. Assim, os indivíduos. Eu digo assim a vaibe do lugar. Os cara se acha tudo argentino. Ou seja, Europeu.

—Continua sendo ofensivo tu falar assim.

—Ofensivo é o Grêmio.

—O Grêmio Football Porto-Alegrense de fato é ofensivo a qualquer pessoa de sensibilidade moral.

—ÊÊÊ FARA-Ó.

—O nome do Prince era Prince, né. Daí você já tira.

—O nome da Madonna era Madonna

—Que tinha chamego tinha, a questão não era essa, Liana.

—foi bonito foi, foi intenso foi

—O pau dele era tipo uma abobrinha, eu juro.

—98 a gente só perdeu porque o Pedro Bial pegou a Susana Werner. Todo mundo sabe.

—Claro que não, né. Foi a Nike.

—Parecia que tinha explodido. O pau dele, eu digo.

—É torre de babel aquela novela que terminava com o shopping explodindo? Todo mundo morrendo.

—É. E isso só porque Deus tinha que punir as lésbicas da novela. As pessoas mandavam carta pedindo pra matar todo mundo.

—Pobre em geral acha riqueza bonito e rico hipster acha pobreza bonito. É lógica pura

—Lógica de cu é rola.

—Literalmente, no caso.

—A cachu lava os vacilo, carnaval lava os vacilo.

—Toma uma droga, toma uma água. É o tao, véi.

—O foda de sair no carnaval com o Diego e a Paola é que eles são muito enrolados. Muito. Sempre tem que ir no banheiro, tem que não sei o quê, tem que ir comprar cerveja artesanal na porra do foodtruck. Tomar no cu.

—Total.

—Aí eu sempre dou o perdido e eles ficam putos comigo. Mas porra. É foda, também.

—A gente tá começando a fazer agora o jogo do Fernando e do Guto, já tamo com a estrutura meio desenhada, com umas parada gráfica, só falta decidir qual o engine que a gente vai usar, basicamente.

—Só isso que falta? Ceis tem roteiro, arte, tudo?

—Não, não. Na real de feito mesmo até agora gente tem só uns desenhos que o truto fez no paint. Mas já tá tudo conversado. Só chegar e pans.

—Na praça da playboy, ou em Niterói, na fa-zenda Chumbada, ou no Cói.

—Tu sabe que essa música foi escrita pruma mina de doze anos né

—Oxe, a Divina Comédia também.

—E a Patrícia? Cadê aquela gostosa?

—Ah, ela tá nessa pira da gincana

—que pira da gincaca?

—Tá ligado não?

—Tou nada

—Daquele cara que morreu?

—Tou ligado não

—O amigo lá do Thiagones, da Julia. Todo metido a besta.

—Tou ligado não.

—Ah, o bicho se matou tem uns dois anos anose ele tinha deixado um plano, saca. Uma parada que ele ia fazer no carnaval. Aí parece que esse ano decidiram que iam fazer o trem.

—Como assim?

—Ia ser lá em BH, mas ele morreu. Aí uns amigos parece que iam fazer aqui mesmo.

—Mas era pra fazer o quê?

—É tipo uma gincana hipster. Maior babaquice do caralho. Tinha um negócio de que tu tinha que encontrar um cara. Um cara chamado Renato alguma coisa. Ele deixou várias dicas espalhadas pelo caminho dos blocos e tem uma galera que tá caçando. A Ju acho que tava.

—Nó, vei. A galera é besta demais.

Quando escutei isso arregalei os olhos até que doessem.

59.

“

ESPERA

TEM MAIS! (2)

Jorge Sepúlveda era fascinado por teorias da conspiração norte-americanas desde que assistiu Arquivo X na televisão pela primeira vez, com nove anos, no apertado apartamento onde sua numerosa & volumosa família morava, nos arredores de Bogotá. Seu pai era um funcionário dos correios distraído e irônico que fingia torcer muito por futebol só pra beber fora de casa três noites por semana religiosamente. Sua mãe, uma dona de casa ansiosa e protetora, era dada a arrumar o cabelo dos filhos já adultos e varrer superfícies recentemente varridas. Jorge desmontava rádios de pilha desde cedo, antes de entrar na internet pela primeira vez e ter sua cabeça explodida sucessivas vezes pelo tanto de coisa no mundo que ele descobria que ainda havia por descobrir. Manuais de tudo que era aparelho, macetes legais e ilegais para jogos de criança e de adulto, fóruns com gente do mundo todo respondendo a perguntas das mais específicas possíveis. Sua curiosidade técnica e capacidade geral de conserto aos poucos foram lhe rendendo pequenos bicos nas casas e em pequenos negócios e escritórios de vizinhos e amigos dos pais. Os bicos foram com o tempo virando um trabalho de verdade, ainda que não tão bem remunerado quanto ele gostaria. Na maior parte dos meses, ganhava mais do que sua irmã cabeleireira e menos que seu irmão advogado.

Desde criança Jorge ouvia de seus parentes, que moravam num sítio na beira da floresta a poucas horas de sua casa, que havia uma base secreta dos EUA por ali na região. E que não era uma base militar normal e nem uma dessas prisões sigilosas que eles têm pelo mundo. Era outra coisa, produzia uns barulhos estranhos de noite. E quem a encontrava, ou mesmo só tentava chegar perto, geralmente não voltava. Era dessas coisas de que todo mundo falava em voz baixa, como lenda urbana ou assombração. Sem acreditar, necessariamente, mas também sem descontar de todo. Só um tio seu, um motoqueiro baixinho e cabeludo chamado Hector, que dizia ter certeza da existência. Dizia, ainda, com convicção religiosa, que teria sido construída toda por operários norte-americanos negros que vieram em aviões militares em vôos noturnos na mata, nos anos oitenta. Jorge acreditava na realidade disso

com toda sua espinha e fortalecia sua crença com qualquer leve indício que surgia, desde gente mais velha e séria que corroborava o relato até a circulação suspeita de carros estrangeiros possuídos por aqueles cantos da mata, onde não devia haver nada que lhes interessasse, fora das rodovias federais. Não era nada absurdo de se acreditar, afinal, havia diversos indícios de que os EUA tinham mais bases militares e de inteligência do que eles admitiam. E eles já admitiam ter muitas.

Em 2008, Jorge começa a trabalhar no aeroporto em Bogotá como técnico terceirizado de TI da administração, mas começa também a fazer bicos adicionais arrumando o sistema e o Wi-Fi de algumas empresas ali dentro, como o do café mais ocupado do aeroporto. É ali, naquela rede prosaica, que Jorge pesca informação de qualquer um que chegue com tipo de agente americano e logue num computador pouco protegido. Ele nem sonhava em fazer isso, a princípio. Não gostava de misturar suas eventuais empreitadas virtuais pra fora da estrita legalidade com seu trabalho regular. Mas foram os seus chefes que pediram para ele bloquear o acesso a alguns sites, fazendo ele mexer na tabela do DNS. Ele não resistiu e acabou redirecionando alguns endereços dos sites das principais agências e demais entidades de defesa norte-americanas.

Muitos encaixam no perfil, ao menos pro termômetro paranoico de Jorge, que basicamente acha que todo americano branco viajando a trabalho que não seja cabeludo ou tatuado tem cara de agente ou espião. Noventa e tantos de cem não aparentam ser nada interessantes, quase sempre empresários ou burocratas corporativos intercambiáveis, algum dente das antigas engrenagens gringas de exploração. Mineração, telecomunicações. Dia-a-dia do capitalismo, nada que contasse para os interesses de Jorge. Nada que valesse comprometer seu suculento ponto de acesso à toa.

Quando mais novo, ele aprendeu a roubar dados mal protegidos dando sopa por aí, tinha chegado a vender uma penca de números de cartão crédito que apanhou do sistema tosco de uma clínica veterinária chique que o sacaneou tempos antes num serviço. Vendeu os dados para uns filipinos aleatórios que estavam anunciando na Darkweb. Sentiu-se foda depois, mas também passou meses paranoico, achando que seria pego. Nos últimos anos, ele viu dois conhecidos de internet serem presos por coisas menos graves do que aquelas. Mesmo com a Polícia Federal do seu país tendo poucos recursos, às vezes acontecia essas operações conjuntas com os gringos, tanto para redes

grandes de tráfico de drogas, armas e pessoas, quanto para coisas inofensivas, Jorge diria até benéficas, como redes de pirataria. Ele não brincava mais com essas coisas de hacker realmente ousado, não assim à toa. Se fosse pra se arriscar, que fosse para descobrir algo que ninguém descobriu ainda. Fazer algo grande.

Ele passa quase três anos seguindo essa rotina, mantendo aquela sua pequena fatia de amostragem clandestina do mundo ao seu redor como um estranho refúgio pessoal. Jorge sentia que não era grande coisa para o seu entorno, entre seus antigos amigos de escola com quem compartilhava pouco além do gosto por algumas bandas de música agressiva e rápida. As duas namoradas que teve ele tratou com a displicência distante que ele entendia ser esperada dele, enquanto homem. As duas terminaram com ele depois de dois meses, num mesmo ano, e ele pensava nisso quase todo dia desde então, misturando aquela dupla falta numa única mulher espectral que o desaprovava quando ele olhava no espelho. Mas na internet, ele era alguém. Tinha alguns círculos e dois fóruns em que ele era respeitado por seus conhecimentos técnicos gerais e macetes para segurança de pequenas empresas (conhecido pelo nome hoje meio embaraçoso de ACIDNEO, escolhido ainda adolescente). Era muito mais do que Jorge tinha fora de lá, com certeza. Já tinha se acostumado com a perspectiva de que a vida não seria muito mais do que aquilo e se sentia em paz com isso, sentia que já tinha sorte de ter um mundinho pessoal. Muitos não tinham nem isso. Mas aquele seu pequeno ponto de acesso no café do aeroporto funcionava como um espaço vetorial privado. O ponto onde ele às vezes podia escutar o que não devia e se guardar para alguma revelação reservada só para ele. Depois de três anos disso, revirar o HD que havia deixado ali para coletar os dados já tinha virado quase um ritual, que apesar de se manter importante para Jorge ele realizava de maneira cada vez mais eventual e cautelosa.

Na maior parte do tempo, sua rotina alternava entre ficar no escritório que ele dividia com seus colegas, nos corredores internos do aeroporto, e trabalhando no café, observando os clientes que passavam por ali de canto de olho.

Um dia, no final de 2011, veio a mina de ouro. Um rapaz novo e rosado, de olhos azuis e uma disposição sorridente e educada. Um tipo de ex-militar, Jorge achou, no penteado escovinha e na combinação de extremamente hétero e extremamente asseado. Jorge reconheceu um emblema roxo de tecido

na mochila dele, pequeno e discreto, junto com emblemas de times universitários da Carolina do Norte. Jorge nunca havia visto o símbolo antes, uma hélice de DNA com três fitas num fundo de espaço. Era parecidíssimo com insígnias de destacamentos secretos norte-americanos que ele já tinha visto na internet (parece piada, mas eles fazem isso, com iconografia críptica engraçadinha e tudo mais).

Foi difícil segurar o sorriso quando ouviu o homem pedir a senha do Wi-Fi para a garçonete. Acessou a rede de Jorge, logou primeiro no Gmail e depois num servidor do Departamento de Defesa norte-americano, ambos em spoofs montados por Jorge, desviados direto na lista do DNS, mas com os dados de senha e usuário redirecionados devidamente para os sites verdadeiros, para que o usuário não percebesse. O site do departamento de defesa travou do seu lado, mesmo com a senha certa. Não seria fácil assim, com eles. O servidor deles com certeza identificou as camadas adicionais de mediação. Mas foi assim que Jorge apanhou, antes disso, num e-mail simples, as coordenadas da base. Ainda que disciplinado, o soldado Michael Green tinha sido descuidado. Jorge retirou o HD ali detrás do computador do caixa do café, para confusão de todo mundo trabalhando, e deu uma desculpa para sua chefe dizendo que precisava ir cuidar de uma emergência familiar. Volta pra casa com um disco do Bad Brains no máximo, no som do carro, gritando como um animal, em êxtase absoluto. Depois de anotar as coordenadas numa folha de papel, destrói o computador em que as leu e joga tudo numa pilha de lixo num bairro distante ao seu.

No Google Earth não se via nada ali nas coordenadas, claro. Um aplicativo que começou como projeto militar jamais mostraria algo que compromettesse os interesses estratégicos do império. Só se vê árvores, como em toda a floresta em volta. Mas ele não acreditou no que tava vendo, foi com seu carro até onde a estrada mal cuidada levava, adentrou o mato a pé e encontrou uma trilha sutil, mas marcada, e depois de alguns quilômetros apareceu uma cerca de arame farpado eletrificado, que ele ladeou por mais algumas centenas de metros até surgir discretamente, de longe, mal escondida pela vegetação frondosa em volta, uma estrutura cinzenta, com tipão de bunker, camuflada nas bases, metida no meio do mato. Não muito grande, facilmente passa por subestação de energia ou pequeno observatório científico.

Foram mais três meses de obsessão infrutífera e agoniada até que Jorge conseguisse descobrir qual era a empresa de limpeza do furgão que ele via

chegar uma vez por semana na única estrada capenga que levava até aquele canto da floresta, sendo encontrado no meio da mata por uma caminhonete compacta e camuflada com dois homens armados e não-uniformizados. E foram mais semanas de desenrolo discreto e paciente até Jorge conseguir um emprego como zelador na empresa. No início, ele penou para aprender a fazer o trabalho direito. A maioria das suas colegas era de mulheres mais velhas. Tratavam-no como um mascote e riam da sua inépcia de iniciante com tudo. Seus pais ficaram sem entender sua súbita disposição para trabalhar com aquilo, tão fora da sua área de aptidão, ganhando um pouco menos e trabalhando mais duro. Ele insistiu que seria bom para ele aquele tipo de trabalho por um tempo e ainda exagerou que sempre gostou de fazer faxina, que gostava por ser quieto, fazia sua mente espairecer. A mãe olhou pra ele como se estivesse falando algo patentemente falso (o que ele estava, seu quarto era um pardieiro desde que sua mãe parou de arrumá-lo). Mas deixaram quieto. Não contou o motivo real nem para seus amigos, nem para os interessados nesses assuntos. Passou a presumir que estava sendo seguido, mas fazia o possível para não dar a pinta de que sabia disso. Não entrava mais no IP de casa em nenhum fórum de hackers e técnicos de TI. Nem baixar filme pirata ele baixava mais.

Todos na empresa pareciam entender que se tratava de uma base sigilosa, mas não se falava nisso diretamente, tratavam a coisa como uma piada. A supervisora, Mercedes, chamava só de “os clientes gringos”. Quase todos na empresa desgostavam em particular daquela tarefa. Afinal, como não dava pra chegar de carro, tinha que levar alguns dos materiais e produtos de limpeza na mão e caminhar um pouco no mato com tudo, toda vez. Uma vez por semana. Os guardas que os escoltavam não ofereciam pra ajudar.

Jorge passou a insistir para Mercedes, tentando não soar animado demais, que gostava de fazer aquilo sozinho, gostava de como era mais quieto, gostava da viagem até o mato. Os guardas não eram hostis, mas nem todo mundo gosta de interagir com gente segurando metralhadora. Ainda mais gringos segurando metralhadora, em uniformes que nem uniformes são. Não eram hostis, mas mantinham a hierarquia e uma divisão simbólica clara entre os zeladores nativos e os funcionários do lugar.

A partir da sua segunda visita, Jorge já conseguia entrar e conseguia ter acesso a quase tudo da parte térrea do prédio, já que limpava o lugar quase inteiro. Ficava cinco a seis horas ali, varrendo e passando pano em todo

canto, fora duas salas pequenas e um setor inteiramente trancado, com um guarda na porta o tempo inteiro. Ficou com vontade de mijar no primeiro dia, de excitação, como ficava em lojas de HQ quando adolescente, na primeira e única viagem que fez com sua família para Buenos Aires. Mas a excitação infantil durou pouco, Jorge não viu nada demais. Os computadores desligados, pastas fechadas. Achou-se um idiota. Claro que não seriam tão descuidados assim. Mas o lugar era estranhíssimo, ele já se sentia excitado de poder absorver tudo aquilo. Fazendo o possível para disfarçar seu interesse como zelo por limpeza. A impressão é de que o lugar havia sido redesenhado a partir de uma outra função inicial, as instalações antigas mal ajustadas para as funções atuais, alguns cantos abandonados, portas com móveis obstruindo. A pequena aparência acima também não denunciava a grande extensão pra baixo, pelo que ele pode bisolhar rapidamente num diagrama na parede. Tinha mais seis andares subterrâneos, um volume muitas vezes maior do que parecia sugerir o pequeno topo discreto que ficava pra fora da terra. Jorge só conseguia descer nos dois primeiros andares subterrâneos e mesmo assim só na sua parte de trás, que funcionava como área de serviço. Jorge não foi encarregado de limpar essa parte, só de procurar por rodos e vassouras velhas guardadas num antigo depósito. Mesmo sem poder ficar ali muito tempo, sentiu notar em alguns traços dos móveis mais velhos, principalmente no banheiro, traços de um uso sustentado. Teve uma impressão forte de que em algum momento houve pessoas que moravam naquele lugar para cuidar da limpeza. Jorge sentiu uma irmandade inesperada e estranha com aquelas pessoas, quem quer que tenham sido.

Os guardas eram um pouco tontos e distraídos, mas não tanto. Ficavam no celular o tempo todo, mas também não o deixavam sozinho com nada importante. Qualquer movimento fora da rota padronizada de um zelador era encarado com incredulidade quase agressiva. Botar um pendrive num CPU, por exemplo, revelou-se um plano impraticável. No térreo, onde ele fazia o grosso do trabalho, tinha o que parecia ser uma área comunal, com um pequeno refeitório, além de três escritórios administrativos. Em todos os cômodos, Jorge tinha que limpar camadas de algo que ficava empestado nas cadeiras e nos pisos. Algo que não era gordura, nem qualquer forma de poeira reconhecível. Uma resina fedida que se pegava nos dedos e custava a sair de tudo que tocava, mesmo indiretamente.

Nas primeiras vezes que ele viera, o lugar estava quase vazio. Ele só es-

cutou vindo de baixo o que lhe pareceu gritos de animais, mas abafados. Poderiam estar vindo de fora, mas eram gritos que Jorge não lembra de já ter escutado antes. Alguns agudos e agoniados, outro guturais e doídos. Isso podia ser impressão, ele sabia que estava muito abalado de estar ali dentro. Mas a partir da terceira vez, o lugar sempre tinha uns quatro ou cinco pessoas trabalhando. Foram se acostumando com a ideia, Jorge pensou. Ótimo. Constrangidos com sua presença, a maioria sem olhar pra ele. Ele evitava encarar os homens de jaleco, tentava agilizar o processo de se transformar naquilo que o zelador costumava ser na maior parte dos prédios. Um fantasma, parte da paisagem. Nesse caso, era exatamente assim que ele queria que lhe tratassem, muito obrigado. Mas mesmo fazendo o possível para ignorá-los, Jorge logo começa a notar lá dentro uma pesquisadora que destoava dos outros. No meio de uns seis brancos azedos e incrivelmente indistintos, tinha essa menina com tipo de nativa americana, linda e estilosa, com tipo meio de punk, quase. Lembrava de longe algumas garotas que ele tinha cultuado na adolescência, todas do mundo punk de Bogotá e seus arredores sociosexuais, mas não se parecia de fato com ninguém que ele já tivesse visto. Cabelo curto e liso em tigela, duas mechas mais compridas correndo ao lado das orelhas. O contexto deixava tudo mais vívido e ultrajante, com certeza. Jorge tentava não olhar demais, mas ficava fascinado por ela. Todos sempre paravam de falar sobre trabalho quando Jorge estava por perto, exceto ela, que precisava receber um toque explícito de algum colega para fazê-lo. Numa dessas, a garota parecia estar discutindo passionavelmente algo, batendo na mesa e dizendo que ‘ela’ (quem?) estava sofrendo, que não dava mais pra continuar daquele jeito, ela não aceitava mais aquilo.

(Continuar com o quê?)

Jorge continuou nessa por três meses. Dormindo mal e suando frio toda vez que ia ao lugar, toda sexta-feira. Tendo pesadelos péssimos da sua casa sendo invadida por gringos de terno iguais ao agente Smith do filme. Pensou ter notado umas olhadelas estranhas da garota pra cima dele, mas devia ser impressão. Ele pensava em desistir, mas abandonar aquilo depois de chegar tão longe parecia desperdício. Ele não aguentava mais o cheiro de desinfetante entranhado nos dedos. Qual não foi sua surpresa, um dia, estacionando perto de casa, em ouvir uma voz vindo do escuro, do intervalo entre dois carros.

— Jorge Sepúlveda. Ou melhor: ACIDNEO. Boa noite. Foi quase difícil te

encontrar, parabéns.

Ele mal conseguia ver a silhueta, mas sabia quem era imediatamente. Olhou em volta, assustado, achando que tinha sido ganho, que era isso. Acabou. Que homens encapuzados o botariam numa van e pronto, adeus Jorge. Mas ela estava sorrindo um sorriso safado e estava sozinha. Era com alguma distância a mulher mais bonita que Jorge havia visto na vida.

— Boa noite. Você trabalha no laboratório, não é?

— Sou. Mas relaxa, eu não tou no time deles. Você também não.

— O que você tá fazendo nesse bairro? Turistas não costumam chegar aqui.

— Eu não sou turista. Estava te procurando, Jorge. Você está pronto para descobrir a coisa mais incrível que já foi descoberta por alguém?”

60.

Abri o Instagram e saí rolando o dedo freneticamente. Tava lá um bando de gente bonita arrumada pro dia, uma gatinha das astrologias de internet com um terceiro olho pintado na testa posando do lado dum menino moreno fantasiado de loira do tchan; tava lá o Gabriel com dois caras muito fortes, os três fazendo uma mesma virada e agachada ao mesmo tempo e rindo muito; e tava lá a Juliana com uma roupa de malhação anos oitenta com uma amiga vestida de gótica intensa cavernosa, as duas fazendo cara de sério, a única descrição da foto era a frase “hashtag tamo na gincana é pra ganhar mermão” (ela sempre escrevia hashtag ao invés de escrever “#”). Então era da Juliana mesmo que ele tava falando. Eu tentei entender onde ela tinha tirado a foto e de repente reconheci MONACO CENTER em verde refletido atrás delas. Eu sabia direitinho onde ela tava.

Tinha vinte minutos que haviam postado a foto, tirada na 202 Norte. Eu penso se vale ir atrás do carro ou se vou a pé. Teria que atravessar toda a meiuca do Plano, uma extensão que não era muito feita pra ser atravessada a pé, ainda mais só. Vou com o passo apressado cruzando o setor bancário e de autarquias, alguns doidos já derruídos vomitando pelos cantos. O caminho é bem mais comprido que eu imaginei, mas eu chego lá em meia hora, com passos largos. Já suando bicas, pizzas crescentes debaixo dos braços. Não encontro a Juliana, mas encontro o Cristóvão rindo com duas amigas, sem camisa, com uma maquiagem toda borrada, círculos concêntricos vermelhos pintados pelo corpo. Fico perto dele fingindo que tou mexendo no celular, certo de que ele não me reconheceria.

— E agora, e agora, cadê a galera?

— Sumiu todo mundo, sumiu todo mundo.

— Tinha que encontrar a mulher vestida de abacaxi, cadê a mulher vestida de abacaxi.

— Porra, tu também é muito fissurinha, Cris.

— Eu? Quem que tava me pedindo há meia hora atrás? Aaahn?

— Eu tava, mas não era pra perder também da galera.

— A culpa não é minha se o Gabri some com a garrafinha, né, querida?

O bloco que tava concentrando por ali, o Calango Careta, já tinha saído. Eu vou andando na direção dele tentando manter o Cristovão à vista e rezando pra que minha intuição de que eu devia seguir o bonde e o o bloco estivesse certa. Tinha vários amigos próximos do Fernando entre os criadores do bloco, afinal. Eles tão fazendo a tesourinha, o lagarto na frente com a banda em volta, quando eu vejo uma menina vestida de abacaxi andando na direção contrária, sozinha (lembrou com força uma figura do jogo que tavam jogando na festa no dia que o Fernando se espatifou no chão, embora em seguida eu perceba que no jogo tratava-se de uma mulher-cenoura). Ela é baixinha, vesga e morena e seus braços e pernas estão cobertos do que parece ser uma roupa retalhada de casca de abacaxi de verdade, a cabeça ostentando uma coroa enorme de cartolina verde. Eu chego nela com o que deve parecer desespero:

— Ei! Você que é da gincana, né?

Ela entorta a cabeça como se estranhasse.

— Ih, meu bem. Cê tá participando? O povo já tá lá na frente, viu?

— Eu me perdi deles. Que que tem que fazer agora?

Ela fez uma cara de preguiça, repetiu num tom de quem já havia dito aquilo várias vezes.

— Agora tem que seguir o calango até o museu. Lá tem que achar um de três marinheiros solitários e tentar conquistar um deles pra ele te dar a dica seguinte. Tinha todo um salamaleque que eu decorei, mas não vou fazer só pra você, tá, meu bem? Tou exausta. Tenho que ir cuidar do meu pai, que já deu P.T. Boa sorte aí. Se joga. Destrói.

Ela fala isso num cansaço enorme, eu agradeço e ela dá uma rodopiada perfunctoria com o dedo em resposta. Decido que não vou seguir o bloco no ritmo deles, que vai e volta, se derrama pros lados e às vezes para pra esperar um instrumentista que ficou pra trás. Vou andando dum jeito firme até o museu. Fico imaginando as pessoas que tão fazendo aquilo sabendo que merda que tá acontecendo, como devem estar achando graça de tudo, rindo de todas as etapas e de suas piadas internas. Enquanto eu ia atrás dum jeito compulsivo e agoniado, sem ter ideia do que eu esperava encontrar.

Em volta do museu não tem muita gente. Vai ter coisa lá mais tarde, mas por enquanto tem só os skatistas de sempre na frente do espelho d'água, uma

viatura da polícia estacionada por perto. Eu fico zanzando por lá até encontrar um marinheiro mexendo no celular, sozinho. A desenvoltura com que eu chego conversando com ele chega me surpreende.

— Tá solitário, marinheiro?

— Oi, amor.

— Você tem a dica?

— Eu só dou minha dica se ganhar um beijo.

Dou um beijo na bochecha dele.

— De verdade, né?

Eu não beijava um homem devia ter uns quinze anos. Tinha esquecido da sensação da barba pinicando a cara. Compro uma cerveja imediatamente depois pra combater o gosto péssimo de cigarro mentolado.

— O Renato tá vestido de Hermes Trismegisto. Mas antes de falar com ele você tem que achar a tábua de esmeralda.

— E onde tá a tábua de esmeralda?

— Aí é contigo, meu bem. Só me falaram isso.

61.

Eu continuei zanzando nos arredores do museu, na Esplanada, naquela extensão desgramada de cimento, fuçando o Instagram atrás de mais uma dica, sem sucesso. Foi quando notei uma faixa verde-clara fincada no gramado, ali do lado da rua que levava até a L2 sul, dizendo “ATENÇÃO AOS GINCA-NEIROS PERDIDOS, LA TÁBUA SMARADIGNA SE ENCONTRA-SE NO PIAUÍ.”

Eu dei um pequeno soco no ar, de comemoração. Igual uma pessoa tonta. O Piauí era logo ali perto (uma distribuidora de bebidas, não a unidade da federação). Fui pra lá quase correndo. Não devia parecer a pessoa mais normal do mundo. Chego lá rápido, cruzando de novo o setor de autarquias, que parece mais desalentado e cavernoso com a noite caindo.

O Piauí está cheio, como eu imaginava que estaria. No gramado por trás do bloco comercial tá acontecendo o show dessa tal banda, Galactus. Lembro que Bia e alguns amigos do Fernando gostavam dela, ele próprio eu não sei dizer. Os membros da banda eram todos homens carecas e barbudos, tocavam tristes, olhando pra baixo, pra umas quarenta pessoas, a maioria bem pouco carnavalesca, curtindo num balanço preguiçoso. Eu vejo que a menina que eu conheci (Natasha-todoynada) tá bem na frente, amarradona. Por um instante eu imagino ela como a arquiteta por trás de tudo, manipulando os amigos do Fernando que ela nem conhecia. Achei graça nessa possibilidade, ainda que remota.

Mas nada de tábua de esmeralda por ali. Compro mais uma cerveja com uma tiazinha cansada e fico tomando devagar, vendo o show de longe. A bebadice já me tomava, a visão dobrando. Segui zanzando até encontrar o Paulinho fantasiado de Quico, do Chaves. Ele parece exausto e chapado de alguma coisa que não álcool.

— E aí, fi? Nem tinha te visto ainda. Tentei te ligar mais cedo.

— Ah, pô, eu sempre saio sem celular. Já perdi, já quebrei, já furtaram.

— Boto fé. Tá certo. Tá participando da gincana também?

— Eu tava, mas desisti. Fritação demais.

— Muita. Cê sabe quem que tá organizando, afinal?

— Sei não. A Bia tinha falado que era um cara de BH, mas eu ouvi falarem

que não era não, que o cara que falam de BH é um maluco que mora aqui e que é do Goiás, ali de Santo Antônio do Descoberto.

— O tal do Renato?

— É.

— E ele apareceu?

— Ele apareceu no começo, ué. Cê não viu? Lá no CONIC. Cê tava lá? Vestido de carteiro, todo comédia. Subiu em cima de uma caixa e deu um discurso todo absurdo sobre comunicação. Eu já tava trêbado, entendi foi nada.

— Não tava não. Eu cheguei no meio.

— Nem sabia que dava pra chegar no meio.

— Pois é.

— A Juliana que me convenceu. No início achei que ia ser divertido, mas sei lá. Aquela parada de ter que abraçar vinte estranhos eu gostei. A coisa de cantar todo mundo daquele jeito eu também achei massa, a coisa meio musical e tal. Mas no meio do caminho foi ficando deprimente. Tipo meio forçado demais.

— Que que vai ter no final, será?

— Ah, eu nem tenho saco, sabe? Essas piadas do Fernando vão perdendo a graça. Se arrastam demais. Parece aquelas festas que todo mundo já tá doido pra ir pra casa, mas tem uma pessoa cheirada que é inimiga do fim e não se toca.

Eu concordo, a gente fica em silêncio olhando pras pessoas em volta.

— Paulinho, vem cá. Eu sei que nada a ver perguntar isso. Mas já bebi pacas então vou perguntar.

Ele faz uma cara de quem já tava constrangido.

— Aquela história do vídeo.

— Ahm?

Fez uma cara de sonso.

— ...

Eu só encarei ele com firmeza, com cara de “nem vem”. Algo que eu nunca tinha tentado com ninguém.

— Cê quer saber mesmo? Tem certeza?

— Muito. Cê não tem noção.

— Isso tem muitos anos, véi. Tem nada demais, não. É besteira. É só um negócio muito deprê. Vou contar do jeito que eu lembro.

Ele suspira profundamente antes de começar, alonga os braços.

— Cristovão tava pegando a Juliana uma época e na mesma época ela ficava às vezes com o Fernando também. Isso quando todo mundo tava no ensino médio ainda. Dezesesseis, dezessete. E os dois ficavam numa onda idiota de disputar quem que ela curtia mais, quem que comia ela melhor, negócio bem adolescente. Eles tinham muito essa coisa de competir um com o outro. Com tudo. Sempre tiveram, desde que conheceram. E um dos dois inventou que eles iam filmar ela transando com os dois pra eles poderem julgar. Tipo com quem que ela gozava mais forte, sei lá. Isso sem contar pra ela. As ideia. E aí no dia que o Cristovão foi fazer isso, lá na casa daquela galera do Lago Norte, onde geral transava no ensino médio, o Fernando sabia que ia rolar e chegou no meio. Transaram os dois com ela com a câmera escondida no quarto. E alguma coisa baixou no Cristovão na hora, não sei se pra competir com o Fernando de algum jeito ali, que ele começou a tratar a Juliana muito mal, esculachar mesmo, muito além de qualquer sacanagem normal ali do momento, sei lá. O vídeo terminava com ela parando e chorando e o Fernando desligando a câmera. Os dois brigaram e depois o Cristovão esparrou o vídeo pra altos amigos.

— Ele te mostrou?

— Mostrou. Pra mim e pra metade dos moleque do Sigma, metade do Marista. Sem nem avisar o que que era. Chegou e pum, botou na TV da sala dele quando tava eu mais uns quatro moleques. E o mais bizarro dele fazer isso é que ele é quem tava bizarro no vídeo. Ele virava um animal no final, era um negócio que assustava. Mas ele botava e falava: “Cês tão vendo o tanto que a Juliana é putinha”. Depois disso a Bia queria matar ele, chegou a morder e unhar a cara dele sinistro primeira vez quando encontrou. Sinistro.

— Boto fé.

— Ele jura que só mandou pra alguns conhecidos, mas em pouco tempo a parada tava correndo por Brasília inteira. Cê sabe como homem é com essas merdas. A Ju quase se mudou. Ela tipo mudou total de personalidade de-

pois dessa parada. Tu não tem ideia. Mas a gente nunca mais fala sobre, virou meio tabu com geral.

— Sei.

— E o bicho se afastou de todo mundo, foi pra São Paulo fingir que estuda arte na FAAP. Tá eternamente no 2o semestre, pelo que me contam. A única que perdoou foi a Juliana. Eu não entendo como. Ela diz que a gente não entende a relação do Cristovão com o Fernando, que ele era o mais apaixonado pelo Fernando de todo mundo, que o Fernando manipulava ele, chamava ele de burro, fazia ele se sentir um merda, que foi ele quem fez o Cristovão fazer o vídeo, não sei quê. Eu sei lá. Eu sei que é muito bizarro a pessoa agir do jeito que ele agiu e querer que os outros vejam. Parecia que ele queria que a gente olhasse bem pra ele ali e visse que ele era muito escroto. Eu olhei e vi. E pra mim deu. Não dá mais. Pra que vou perder meu tempo sendo amigo de um cara desse?

Eu agradeço o Paulinho, que parece abatido depois de contar a história. Ele diz que vai caçar a menina com quem ele tava ficando, mas acha que ela já deve ter entrado em outra.

Me aproximo de novo do show, que já tá acabando. O cara murmura umas coisas muito vagas sobre política, amor e o Brasil antes da última música, o que provoca um único grito entusiasmado, quase ultrajado, mesmo, de apoio de um cara magricelo vestido do Aladdin da Disney.

Eu vou me achegando da Natasha discretamente, como quem não quer nada. Assim que a última música acaba e as pessoas começam a se dispersar, eu passo bem na sua frente.

62.

“

ESPERA

TEM MAIS! (3)

Em maio de 2008, um pequeno grupo independente de pesquisadores, todos da Universidade da Flórida, todos trabalhando no observatório de Arecibo, em Porto Rico, pensou ter encontrado sinais de uma transmissão extraterrestre. Os cinco profissionais tinham bolsas de pesquisa em institutos públicos, todas elas em áreas mais tradicionais e respeitáveis da astronomia e astrofísica, mas tentavam arrumar toda e qualquer fresta possível no uso oficial dos aparelhos para varrer o céu atrás de sinais de vida, sempre que podiam. O leigo pode imaginar que estaríamos sempre varrendo o céu em busca de sinais externos, mas o céu é vasto, nossos instrumentos são escassos. O ânimo não era mais o mesmo dos anos sessenta e setenta, quando esse tipo de pesquisa (SETI, pros íntimos) começou a engatinhar. O silêncio das últimas décadas tinha desencorajado mesmo os pesquisadores mais obstinados. E o contribuinte geralmente não gostava de descobrir que estava financiando empreitadas quixotescas de ficção científica com sua grana suada. O último esforço significativo da área nos EUA havia sido privado, liderado por uma pesquisadora agilizada e obcecada, durou de 1999 a 2004 fazendo algum barulho. E mesmo eles só haviam conseguido poucas horas por semana de acesso ao céu. E não encontraram nada, claro.

Esse grupo da Flórida, como outros tantos, fazia o seu trabalho com um zelo oficioso de quem sabe que a busca é coletiva e comprida e que simplesmente não há como saber se esperavam por algo que jamais viria, se viria daqui a milhares e milhares de anos ou se chegaria amanhã. O silêncio era desolador, mas além dum sentimento abstrato de dever científico havia, claro, a remota possibilidade de encontrarem algo. De serem eles o primeiro grupo de pessoas a receber uma transmissão de vida alienígena. Para todos os cinco (vamos lá: Alberto, Rosana, Michael, Elizabeth e D’Angelo) aquela seria a maior glória concebível para um ser terrestre.

Portanto, quando Rosana pensou ter encontrado traços finíssimos vindo da varredura de rádio de um sistema solar relativamente próximo (14.5

anos luz de distância), ela tomou seu tempo conferindo os parâmetros e os dados pra garantir que não tinha feito besteira. E não tinha. Desde os anos cinquenta que se especulava que sinais estreitos seriam o sinal mais provável de uma transmissão deliberada. Nenhum fenômeno natural conhecido era estreito assim. Se não fosse ET, seria uma anomalia nova (ou seja, um artigo suculento, no mínimo, quem sabe algo maior).

E tinha mais. O sinal estava justamente na janela especulada de transmissão ótima, a chamada 'janela de microondas'. A faixa por onde se espriam ondas que podem penetrar as camadas de poeira cósmica e chegar sem tanta interferência do ruído terrestre. Era tudo perfeito. Quase perfeito demais. Rosana emitiu um barulho agudo como guincho de golfinho diante daquilo, mastigando seu próprio cabelo com uma voracidade incomum.

Demorou mais de um dia para mostrar para os colegas. Duas noites de suor frio e nenhum sono, repassando tudo na cabeça. Michael, D'Angelo e Elizabeth acharam que era piada, a princípio, mesmo Rosana sendo nada piadista, a mais austera e rigorosa de todos. Os quatro demoraram duas semanas para compartilhar a descoberta com o supervisor, Alberto (membro reticente mas fiel do grupo, o maior responsável por eles efetivamente terem acesso aos aparelhos e portanto aquele que corria o maior risco pessoal sempre que eles faziam algo irregular). A hesitação dos pesquisadores de conversar sobre aquilo com qualquer pessoa de fora do grupo era total. Além dos cinco terem formado um grupo social bastante hermético ali em Porto Rico, o fato era que tanto na academia quanto na circunscrita vida social dos cinco ali, a obsessão com extraterrestres havia sido um tremendo obstáculo e um obstáculo doloroso, para cada um dos cinco, ainda que sob intensidades e modos distintos. Todos eles aprenderam, com algum custo emocional, que o resto da sociedade encarava aquela obsessão com vida extraterrestre como algo infantil, na melhor das hipóteses, ou inteiramente maluco, na pior. Como se não fosse uma das fronteiras mais fascinantes do nosso conhecimento, uma das questões mais profundas postas inteiramente em aberto (eles todos diziam, uns aos outros, com frequência, na mesma incredulidade repisada em comum).

O que eles aos poucos conseguiram determinar com relativa e ansiosa certeza era que um sistema solar a 14.5 anos-luz aqui emitiu algo, por cerca de nove minutos, em maio de 2008. Sempre possível que se revelasse uma irregularidade desconhecida da atmosferas dos planetas ou alguma interfe-

rência imprevista, mas não parecia ser. Essa foi a transmissão inicial, captada por Rosana. Era regular o bastante para parecer uma transmissão, mas mudava muito lentamente e não havia, de cara, redundâncias gritantes para iluminar a sua própria autodecodificação. A primeira coisa que fizeram foi procurar por números primos, na antiga confiança de que a mais pura e abstrata das ciências seria a escolha mais evidente para estabelecer uma linguagem comum. E nada.

O método para distinguir esses sinais no meio de todo o resto não é simples, dependendo de duas medições indiretas que podem dar errado de incontáveis maneiras (desde literal poeira cósmica até alguma erro de processamento interno na hora de registrar os dados). Por isso demoraram tanto para ter certeza se estavam, de fato, encontrando uma transmissão deliberada ali ou apenas se esforçando demais para encontrar regularidade complexa numa massa confusa de dados soterrados por uma cambada de camadas de mediação.

D'Angelo lembrou que as empreitadas de mandar comunicações extraterrenas até então geralmente começavam tentando ensinar aos nossos colegas alienígenas alguma linguagem binária nos primeiros pulsos. Enquanto se esforçavam para decodificar aqueles primeiros trinta segundos, a equipe passou a sintonizar exatamente naquela banda, esperando possíveis transmissões seguintes. Mas só conseguiam fazê-lo meia hora aqui, meia hora ali. Sem continuidade. Rosana se mordida toda noite de imaginar que poderiam estar perdendo novas transmissões.

Alberto, o supervisor, demorou para aceitar que aquilo era real, muito porque mal conseguia imaginar a dificuldade que teria de divulgar a descoberta, se chegasse a este ponto. Sempre sonhou com aquilo, claro, mas nunca chegou a se planejar efetivamente para a sua vinda. O pavor de encontrarem alguma inconsistência evidente no que encontraram foi o primeiro sentimento que lhe veio. Aquilo acabaria com a sua carreira, já medíocre, de vez. Ele realmente não queria ser mais um doutor desempregado.

Pensou em entrar em contato com amigos antigos e bem sucedidos, os mais confiáveis, para pedir conselho. Mas mesmo eles Alberto tinha medo de alienar. Achou melhor esperar, mas também se arriscou como nunca na carreira, permitindo que seus subordinados tivessem acesso quase irrestrito às máquinas, mentindo para dois funcionários do observatório e manipulando o protocolo de registro de uso das máquinas pelo menos duas vezes.

Em 2 de junho de 2008 conseguiram deixar os aparelhos dedicados para aquelas bandas toda noite, das 20h até 4h. Novas transmissões chegaram só em julho, quando já estavam prestes a desistir (e sem terem avançado nada na decodificação da primeira transmissão). Dessa vez, três horas depois de repetir a transmissão de nove minutos, chega uma transmissão de noventa minutos, seguida, doze horas depois, de uma transmissão de cinco horas. O grupo ficou absolutamente extasiado enquanto recebia aquilo. Eles se sentiram ainda mais abismados depois de confirmar que tinham gravado as transmissões direitinho. Foram buscar um HD externo de Elizabeth no seu apartamento ainda naquela noite, para gerar redundância imediata dos dados, encararam a pequena caixinha preta para onde transferiram os dados como quem encaravam um objeto numinoso. Ainda estavam longe de sequer começar a decodificar o sinal, mas aquilo já parecia definitivo. Três transmissões de duração crescente e talvez de complexidade crescente. Era evidente que se tratava de uma tentativa de comunicação. O ruído cósmico não nos dá nada assim, de graça. Nunca deu antes. Eles haviam testemunhando o momento mais importante da história da humanidade até então.

Os cinco tomaram um porre, quatro deles como nunca antes na vida, no bar mais próximo do observatório, um lugar grande e cheio. Tequilas, cervejas e margaritas até a vista turvar. Mesmo Alberto e Rosana, que nunca bebiam com eles, transigiram. Os locais acharam muita graça daqueles cinco norte-americanos desajustados despirocando tanto. O sentimento era inacreditável, distinto mas igualmente forte em todos. Um companheirismo genuíno e fraterno carregado de uma intensidade emocional e intelectual quase insuportável de tão erótica. Todos sentiram imediatamente que tudo mudaria, não só para eles, mas para o planeta todo. Poderia ser um sinal para transformações sociais vastas. Espirituais, até, Rosana sugere, para o desconforto evidente de Michael. Mas eles ainda precisavam ter todo o cuidado, é claro. Analisar tudo com tripla atenção antes de divulgar, talvez começar a sondar alguns amigos de maneira bastante cautelosa, apenas de modo a ir obtendo confirmações parciais dos dados. Todos se viam divididos entre uma vontade imediata de gritar aquilo por todos cantos e um medo de se precipitar, tanto no caso de estarem errados quanto no caso de acabarem perdendo o manejo e controle da situação.

Ainda assim, antes da semana terminar, um deles, Michael, de todos o único protestante, branco e anglo-saxão até a última unha, nascido em Wis-

consin, fino como uma lombriga e assustado com tudo que não fosse campos de milho, subúrbios quietos e gente rosada e batista, sentiu o dever cívico de informar as forças armadas do seu país. Um pesadelo reiterado por três noites o havia deixado impressionado demais. Nele, o contato a princípio excitante com os alienígenas resultava rapidamente numa invasão e destruição da sua pátria (as cenas mais marcantes chupadas direto de Independence Day e Marte Ataca, com poucas mudanças significativas além da inclusão da sua família como protagonistas, o inconsciente de Michael não sendo dos mais inventivos). Michael tinha um tio coronel da marinha e esse tio conhecia um general velho muito bem situado desde Nixon com todas as agências importantes. Ligou para o tio de madrugada, de fora do apartamento que dividia com D'Angelo, na escada do prédio, hiperventilando, e demorou alguns minutos para conseguir se fazer entender. O tio ligou algumas horas depois para o general graúdo, seu superior e mentor, um homem sobranceiro, ressequido e artificialmente bronzeado, que pareceu receber tudo com muita naturalidade.

Esse general informou na mesma hora, ainda na cama, em seus pijamas, um diretor veterano de sua estrita confiança numa das agências de três letras. Os dois concordaram que deviam tomar conta da situação imediatamente e na rédea mais curta possível. Alberto foi contatado por seus superiores na Universidade e no Observatório, que lhe disseram que sua equipe toda precisava ir naquela mesma noite para Miami para se encontrar com um destacamento militar. Não soaram nada felizes de receber ingerência por motivos de segurança nacional e menos ainda de não serem informados do motivo. Alberto especulou, de improviso, e por cautela, que sua equipe devia ter acessado frequências proibidas por engano. Mas a sua vontade era de gritar o motivo real para aqueles homens medíocres e sem imaginação. Quando chegasse a hora, todos se curvariam a ele. Fingiriam ser seu amigo próximo em entrevistas, ele tinha certeza. Por agora, o importante era cooperar com os militares e, com sorte, impressioná-los. Ele se benzeu ao encarar o espelho.

A equipe foi toda convocada em meia hora em seus celulares pessoais. Rosana, Elizabeth e Alberto estavam no observatório, D'Angelo e Michael em casa. Os cinco se encontram no hangar militar da ilha, onde dois homens de terno os esperavam. Rapidamente embarcam num jatinho civil com piloto militar. Algo do tom e da mistura parecia incongruente, mas não é como se alguém ali tivesse um índice de normalidade para aquela experiência. Todos

concordaram, rindo como crianças, que a coisa toda parecia saída de um filme. Os homens de terno foram discretos mas respeitosos, chegaram a dizer que era “uma honra” escoltá-los. Mas não embarcaram junto. Os pilotos não disseram muito, pareciam militares na sua diligência agilizada e silenciosa.

Os cinco choraram assim que o avião decolou, impressionados com o luxo incomum de viajar num jatinho, ao mesmo tempo que notando com bom humor que aquele não era exatamente um veículo novo ou mesmo especialmente bem mantido. Tomaram outro porre com o frigobar abastecido do avião, especulando de maneira selvagem e entusiasmada a respeito do sinal que tinham gravado. Era um “olá”? Uma declaração de guerra? O anúncio do evangelho de sei lá que trem? Alberto tinha certeza que teriam acesso a todo recurso imaginável, os melhores criptógrafos e analistas do mundo. Rosana e D’Angelo temiam que a descoberta já fosse tomada de suas mãos. Eles teriam que insistir nisso, juntos, na primeira reunião. Queriam continuar participando, mesmo que sob supervisão, mesmo que sem liderar as equipes. Era direito deles, poxa. Eles tinham conquistado aquilo com a persistência deles.

Alberto ainda estava abismado do tanto que o sinal se encaixava com as especulações de décadas atrás. Era quase como se eles soubessem o que a gente esperava. Um sinal estreito bem na linha de 420 Hz, bem na frequência do hidrogênio. “Exatamente como Morrison especulou”, ele murmurou diversas vezes, como que para convencer a si próprio.

— Eles tão usando a canção do hidrogênio como fundo de redundância para alguma figura ainda obscura. É maravilhoso.

Não havia porque se surpreender, Rosana respondeu.

— A gente não sabe nada de como eles são, mas a química é uma só pelo cosmos todo. Pra mim sempre foi claro que a vida vibraria nos mesmos tons, no mínimo em tons análogos. Como que ela conseguiria evitar o hidrogênio, o carbono? Não tem como. A caixa de ferramentas é uma só.

Todos sentiram a beleza disso de maneira distintas. Elizabeth e Michael começaram a rezar juntos, de mão dadas, uma reza ansiosa. O tom pesado. D’Angelo pegou uma minigarrafa de vinho vazia e começou a cantar com voz de crooner canastrão:

— Didn’t know what time it was
the lights were low-ow-ow

I leaned back on my radio-o-o-o.

Os cinco completaram em coro os versos seguintes, como num filme, constrangidos e extasiados, em turnos. “Starman” era uma canção compartilhada por todos há muito tempo. Rosana e D’Angelo se beijaram depois de anos de tensão sexual mais carregada que dinamite. A sensação de êxtase jorrado em comunhão, gozando do que já veio e ainda mais latejante de expectativa pelo que viria, só foi quebrada com a imagem literalmente incrível dos dois pilotos saindo da cabine com o que parecia ser paraquedas e máscaras de oxigênio, abrindo a porta do jatinho em seguida. Um deles segurando uma caixinha metálica laranja com pontas que davam sinal de ter sido arrancada da cabine. A depressurização súbita joga três deles pro fundo e pro teto do avião, arrastando Rosana num pulo –sem cinto e do lado da porta – para o frio lá fora. Elizabeth bate a cabeça com força no teto e desmaia, Alberto começa a amaldiçoar o país em que nasceu em espanhol. Os outros dois morrem chamando por seu Deus.”

63.

— Epa, oi! Caramba.

— Opa.

— Lembra de mim?

— Lembro sim. Claro.

— Curtiu o show?

— Ah, eu sempre curto eles. Curto desde as anta. E mesmo agora que eles só fazem imitar o Boogarins, eu ainda curto.

— Meio comédia essa vaib no meio do carnaval, né? Engraçado ouvir essas guitarrada barulhenta com as marchinhas tocando no fundo.

— Ah, eu achei maravilhoso. Na real eu odeio carnaval.

Eu rio um pouco. De algum jeito ouvir isso me alivia.

— É. Eu tava tentando curtir esse ano, mas no fundo também não gosto muito não.

— Brasília não deve ser o melhor exemplo, convenhamos. Cuiabá e Goiânia também não. Então sei lá. Deve ser legal em alguns lugares, super consigo acreditar que seja. Pelo menos pros outros e tal. Mas não é pra mim, não adianta. Beber na rua, sol na cara, gente demais. Tudo que envolve carnaval pra mim é desagradável.

— E cê viu esse negócio da gincana?

— Vi, claro. Babaquice do caralho.

— Eu não entendi direito a onda. Até participei de um pedaço, mas cansei. Você sabe quem tá organizando?

— O Fernando tem uns amigo muito cuzão. Sério. Pela mãe do guarda. A gincana que ele tinha pensado era uma ideia totalmente delirante, mas era mil vezes mais interessante que isso. Bando de playboy retardado.

— Qual era a ideia?

— Que eu saiba ele nunca chegou nos detalhes. Pra variar. Mas a princípio a coisa era uma rede de ação direta para agenciar ocupações. A ideia era aproveitar a zona do carnaval pra sair ocupando várias paradas, convidando

quem passasse na rua a participar. Primeiro em latifúndio urbano abandonado, mas depois em escola e em outros equipamentos públicos, principalmente os abandonados. Depois ele entrou numa onda besta do Leandro e a ideia foi mudando, virou um negócio pra organizar ações anônimas de destruição de propriedade corporativa e de gente ricaça em geral. Pixar carro esporte, quebrar vitrine de restaurante chique. Um negócio onde alguém propunha uma atividade qualquer e qualquer um da rede podia ir lá imitar. E fazer o negócio atraente tipo um jogo, pra pegar os moleque. Deixar eles viciados naquilo. Gamificar a violência de classe, como ele próprio falou, achando o máximo.

— Caramba. Quê, véi?

— Doideira, né? Mó viagem, claro. Abestagem, como diz minha vó. Coisa de moleque que cresceu ouvindo Rage e querendo ser situacionista. Risos. Mas era isso, ele tava muito animado, mas pra mim era claro que não ia dar em nada. Ainda mais com a falta absoluta de noção de programação e de qualquer ação política do Fernando e dos amigos mais próximos dele. Era só um delírio juvenil e tal. Mas um delírio interessante, até. Mais ou menos. Aí essa galerinha quer fazer uma homenagem pra ele e monta um joguinho babaca pros amigo playboy ficar se pegando, derretendo de MD, falando um bando de merda pretensiosa e se achando o máximo. A própria subversão do sistema. Uó.

Ela faz uma mímica bem teatral de vômito, mais exagerada do que seu gestual de sempre (travado e curto). Claramente aquilo mexia com ela.

— Boto fé. Mas você conhece então a galera que tá organizando?

— Conheço o Lucas. O resto eu sei assim mais de stalkear.

— Sei. Sei bem.

Não sei de que Lucas ela tá falando, mas por algum motivo não consegui admitir que eu não conhecia. Ela parecia achar que a minha intimidade com o evento era maior do que era de fato. E eu devo ter gostado disso. Ela ri solta. Tava bêbada. Fez uma cara mais simpática do que eu imaginava ser possível nela.

— Na real descobri meio por acidente. Não posso nem te contar como. Mas aí perguntei pro Lucas, que conheço de twitter tem anos, e ele me explicou por alto.

— Do jeito que você tá descrevendo parece bem bobo mesmo. Mas quando você não sabe direito o que é uma parada acaba que ela sempre parece mais interessante.

— Claro. Noventa por cento de todo misticismo é obscuridade. Risos.

Ela diz “risos”, mas chega a rir de fato depois de dizer. Eu sorrio pra ela com o que espero que ela perceba que é afeição genuína.

— E você continua postando coisas lá né? É tu, não é?

— Eu posto no meu, sim. Mas não sei quem que tá postando na conta do cabuloso.

— Boto fé.

— Mas enfim, vou nessa. Minha carona já vai vazar. Fé, foco e garra aí pra tu. Destrói.

— Beleza, valeu.

Eu vou caçando um lixo pra jogar a minha latinha fora quando vejo que numa das árvores maiores, ali atrás do Piauí, tem um objeto retangular de um verde fosforescente, encaixado nas raízes e como que emoldurado por elas. Não sei como não tinha visto antes. Eu me aproximo com um sorriso bobo na boca e vejo que é uma placa dura de isopor pintada de verde com arabescos roxos cuidadosos. Tiro a placa das raízes e aproximo de um poste ali do lado para conseguir ler.

PARABENS!, VOCE QUASE COMPLETOU A GINCANA DO DIVINO COMEDIA

AGORA ENCONTRE HERMES 3G NO CÉU OU EM SEUS MILIUNOS AVATARES E COMPLETE A OBRA NO MUNDO DE ACORDO SUA PRÓPRIA SANHA & MANHA <<<O que está baixado é como o que está subido>>> SOPRO INTERNO – EXTERNO, PRA CIMA E PRA BAIXO, A + B (ABA, BABA, BABA, ABA) A MORTE NÃO É O FIM DA VIDA E O MUNDO TÁ MUITO, MUITO LONGE DE SER UM LIVRO, SIGAM-SE-LHE OS BONOS, OS RUINS E PRINCIPALMENTE OS MAIS OU MENOS

Aquilo me fez gargalhar. Não queria dizer muita coisa, acho, mas a voz do Fernando ainda soava ali debaixo, misturada ao resto. Eu concordava com a Natasha que a brincadeira toda era meio boba, nada radical, mas tudo bem, também. Não deixava de ser uma homenagem adequada a um amigo morto.

Ao lado mais solto e menos ansioso dele, o mais gozado e o menos dóido. E esse lado era tão verdadeiro quanto o outro. Fernando não tinha nenhuma invenção ou revolução pra fazer, tinha só aquele desbunde meia-boca, mesmo, requentado e mambembe. Pensei em levar a tábua comigo, mas era meio grande e não quis prejudicar a próxima pessoa que chegasse. Tiro uma foto com o celular e deixo a Tábua onde eu a havia encontrado.

64.

“ ESPERA

TEM MAIS (4)

Depois que a criatura foi engolida pela cratera e Paraíba Blade pulou lá dentro, as multidões foram se aglomerando em torno dela. Alguns começaram a pular em imitação, sem saber o que ia acontecer, mas poucos segundos depois uma massa rosa e verde começou a surgir de dentro em expansão acelerada. Quando ela chega à superfície todos conseguem ver uma outra criatura saindo do seu interior. Consideravelmente menor. Pequena no meio daqueles tantos avatares superpostos e acumulados densamente num espaço irreal. Um bicho peludo sem olhos e boca, com orelhas enormes e quatro cotocudas patas.

Um homem-lagarto pula na criatura e lhe dá um golpe, o que provoca um guincho e um pulso de energia que manda todo mundo pra longe, mas sem causar dano aos avatares. O homem-lagarto é logo repreendido com uma série de tiros e explosões.

A criatura de repente começa a emitir uma vibração que no jogo se desenha como espirais e padrões roxos geométricos saindo dela, criando um vapor denso em seu entorno.

Os avatares todos se engalfinhavam discutindo aquilo em muitas línguas. O que era aquilo? Era a mesma criatura de antes? Continuava sendo inimiga? Porque não parecia mais tão ameaçadora. Dava pra conversar com ela?

De repente, Zumbi, uma das jogadoras mais respeitadas do servidor principal e que não estava presente até então na batalha, aparece de dentro da cratera segurando um cajado, que ela finca no chão causando um estrondo impossível de se ignorar.

— Essa criatura não é dessa terra. Mas ela foi enviada pra cá, a gente não sabe por quem ainda. O monstro que precedeu sua chegada existiu para que vocês se unissem, se percebessem enquanto uma mesma galera. Mas a ameaça já morreu. Agora o que temos é a criatura. A gente não sabe os limites do poder dela. Mas a gente sabe que ela se alimenta de imagens. E ela produz imagens de volta, ainda que a gente ainda não tenha entendido como. Pra ela o mundo não é uma questão de luz, nem de ondas sonoras. As vibrações são

outras. Mas ela engole toda figura que a gente produz aqui dentro e ela reproduz essa figura de algum jeito. Então a partir de agora esse jogo não vai mais ser o caos violento e desenfreado que ele era. Tudo vai mudar aqui. De boa ou na marra, mas vai mudar. Cabou a era dos heróis e dos moleque. Chegou a era dos bicho e da gente.

Ninguém entendeu de onde que a Zumbi tinha tirado esse conhecimento todo, essa certeza, nem Renatinha e Mateus. Mas eles reconheceram o cajado de Evandro e todos receberam o seu e-mail no final do dia com o mesmo tom, dizendo que nunca mais voltaria e que os dois agora estavam responsáveis pelo jogo, com uma procuração assinada e escaneada em anexo, nomeando Renata, Gabriel e Mateus como diretores da empresa, mas impondo condições estritas de como levar o jogo adiante.

O CABOL seria radicalmente reconfigurado. O foco num combate incessante entre criaturas que se explodem sem muita consequência, morrem e renascem o tempo todo seria transfigurado para uma dinâmica colaborativa em que os jogadores teriam que gerir recursos escassos, desenvolver formas de colaboração criativa e empreendimento não-capitalista, fortalecer comunidades experimentais de cooperativa de produção e de crédito e demais formas de autogestão.

Antes de encaminhar esse plano, Renatinha e Gabriel foram ainda naquela noite procurar Gustavinho no galpão, depois de ele ter passado um dia todo sem respondê-los no celular. Chegam lá e encontram o lugar com as luzes ligadas e a porta da frente aberta. Gustavo se encontra deitado na cadeira de dentista, do lado de uma máquina toda aberta ligada a um CPU. Fiapos resinosos de um material que nenhum dos dois jamais viu antes ligam o corpo dele à máquina. Pareciam, ao mesmo tempo, pelos e cabos. Brotavam de todo o pescoço, da bochecha. A pele estava toda esgarçada e enrijecida, em volta desses fios. Ao botar a mão de leve, Gabriel teve impressão de que passava corrente por ali. O rosto de Gustavinho estava plácido. Nem morto nem vivo. Parecia um boneco de cera, mas um boneco de cera satisfeito.

Tinha uma folha de caderno do lado do corpo, dizia em letras de forma garranchudas que ele não estava exatamente morto e pedia para entrar em contato logo com a família. Havia instruções detalhadas de como removê-lo dali sem desligar a máquina. Os dois encaminham tudo pra família na hora. Os pais ficam em choque, mas vêm no dia seguinte para a cidade. Renata e Gabriel passam a madrugada ali, choram um tanto. Recebem os pais de Gus-

tavo e o deixam com eles. Renata e Gabriel nunca mais o veem.

No dia seguinte, ainda um tanto transtornados, sem ter dormido, os dois já começam a refazer o CABOL. As inúmeras perguntas que eles têm a respeito da criatura e de tudo que aconteceu acabam desaparecendo diante da nova responsabilidade. Três quartos do público do jogo foi embora na primeira semana depois de anunciarem as mudanças radicais. Ninguém entendeu nada. Boa parte dos jogadores mais fiéis já foi prontamente xingar a Synopticon e sua equipe de tudo que era nome nos fóruns.

A transição foi alucinante e confusa, a maior parte da equipe também abandonou o projeto assim que as possibilidades de monetização, que nunca foram ótimas, pareceram minguar de vez. Era quase impossível imaginar algum investidor aparecendo agora. Mateus mostrou-se incapaz de lidar com a pressão e cedeu seu cargo. Mas a minoria que continuou parecia bem envolvida com aquilo tudo e com a lógica que os jogadores foram engrossando muito além do que Renata e Gabriel imaginaram a princípio. A equipe reduzida da Synoption, que tinha que enfrentar os desafios de reestruturar o jogo com muito menos dinheiro disponível, acabou se bifurcando em dois grupos principais.

Renata tentava desdobrar a faceta do CABOL de rede social, que já estava semimontada, numa rede concreta de ação coletiva, em que demandas e grupos se organizavam para enfrentar problemas reais no mundo. A confecção de todas as camadas novas da interface eram uma dor-de-cabeça interminável, com os participantes do fóruns querendo ser incluídos em todo o processo. Aos poucos uma estrutura de assembleia foi se formando lá dentro. Mas isso também acabou distribuindo o trabalho, com a promessa de que a nova versão do jogo permitiria que os colaboradores que mais contribuíssem ganhassem ações da empresa por sua participação na construção da interface.

Já no final de 2013, pequenos movimentos ali dentro aos poucos começaram a invadir o mundo de carne e osso. Um mutirão para criar uma biblioteca popular de pensamento revolucionário dentro do jogo acabou virando, seis meses depois, um projeto de um espaço concreto no Capão Redondo, dentro de um centro comunitário abandonado. No início de 2014, um grupo que desenvolvia software livre para monitoramento de bacias hidrográficas montou um núcleo virtual no CABOL, onde ensinava essas técnicas para grupos de agricultores do semiárido.

Na Copa de 2014, acontece um suposto evento terrorista no Estádio Mineirão, em Belo Horizonte, com a participação bizarra de milhares de pássaros, relatos contraditórios de um ato grotesco no fim cometido por membros de um camarote VIP que resultou numa morte trágica muito comentada na imprensa e na internet. Chega-se a falar de uma espécie de ato sobrenatural contra as elites financeiras e o aquecimento climático, mas o consenso razoável é que parece ter se tratado de um caso estranho de delírio coletivo provocado por um grupo extremista confuso.

No mesmo dia, um consórcio internacional de jornalistas anuncia que irá divulgar ao longo da próxima semana os dados das contas de mais de cinquenta bancos de paraísos fiscais espalhados pelo mundo. Entre as fortunas ocultas, muitas delas de tamanho inexplicável, estavam as de dezenas de políticos e empresários brasileiros, entre eles quatro governadores e o vice-presidente da República em exercício.

Ao contrário de outros casos parecidos com aquele, não se tratava só de dados superficiais vazados por algum funcionário ressentido, de um banco ou firma de advocacia tributarista. O que o consórcio havia conseguido era o bruto dos extratos de meses das contas espalhadas por dezenas de bancos, de cinco paraísos fiscais distintos. Não havia precedente para a extensão daquilo e os especialistas não conseguiam explicar que espécie de vulnerabilidade técnica poderia ter permitido tantos ataques a tantos lugares distintos, todos bem protegidos.

O grupo anônimo de hackers, que dizia incluir gente de três continentes, não revelou como conseguiu aqueles dados, apenas incluiu um pequeno manifesto que ficou conhecido principalmente por sua frase final. Depois de mencionar as revelações feitas por Snowden no ano anterior e a desigualdade financeira brutal que arrastava e definia o mundo, diziam em caixa alta que:

<SE A PRIVACIDADE ACABOU, QUE ISSO CHEGUE TAMBÉM AO TOPO>

Alguns jornalistas estrangeiros independentes começam a associar o jogo CABOL com os eventos no Estádio e as revelações do consórcio, apontando expressões e símbolos presentes nos dois casos, o fato de grupos do jogo terem celebrado aqueles eventos com efusividade, mas essa discussão não sai de algumas franjas mais soltas do mainstream.

A mais extravagante explicação da conexão entre esses eventos, com certeza, foi aquela produzida por um vídeo misterioso postado no Youtube ain-

da em 2014, por um canal anônimo. Ganhou tração na internet como piada, a princípio, mas algumas pessoas pareceram levar a sério. Segundo esse canal, todos esses eventos haviam sido provocados por uma criatura alienígena de poderes inimagináveis. Essa criatura se anunciaria para toda a Terra assim que sua rede de articulação global estivesse grande demais para ser neutralizada. E, quando chegasse a hora, ela faria uma transmissão simultânea global para todos os canais e frequências disponíveis, dirigindo-se a todos os governos dos países ricos. Nessa transmissão, a criatura anunciaria sua aliança com outras formas de vida na Terra e ameaçaria o caos imediato e irreversível de seu sistema financeiro e de tráfego aéreo, se não começassem, imediatamente, a reduzir suas emissões de combustíveis fósseis, a equalizar a desigualdade brutal que define a humanidade e a desacelerar violentamente a marcha rumo à sexta grande extinção. E isso era só o começo de conversa. Outras instruções viriam. Ainda segundo esse vídeo, já estariam a caminho algumas entidades massivas do Fora vindo para nos visitar. Os criadores da criatura estariam vindo de galera e em mais de um tipo de veículo, com esporos de protistas e bactérias que a gente nem consegue sonhar, biotecnologias inimagináveis. Chegariam em três décadas. E poderiam chegar como amigos ou como inimigos, dependendo de como fosse nossa relação com o Verde da Terra até lá. A decisão era nossa. Uma pequena iconografia online já se criava em torno desse vídeo, em nichos radicais de ativismo ecológico. Não era claro quem tomava como uma gracinha elaborada, quem acreditava na história toda.

Enquanto isso, Gabriel tentava manter parte do público antigo do CABOL, encarregando gente de produzir memes que associavam a aparente chatice atual do jogo com uma dificuldade maior e portanto com qualidades heróicas e masculinas tradicionais. Do tipo: Foda mesmo é quem gasta horas numa assembleia virtual para decidir como montar uma rádio comunitária democrática. Esses jogos de sair dando tiro e explodindo todo mundo? Isso aí é tudo coisa de moleque.

Os memes não faziam muito sucesso. Comparado com a alucinação divertida de antes, a grande maioria dos adolescentes achava o novo CABOL arrastado e incompreensível. Os mais apaixonados de antes se viam completamente enraivecidos por verem seu jogo querido ser transformado no que lhes parecia uma versão emasculada e “politicamente correta”. Parte do público adolescente masculino já falava que o jogo era coisa de esquerdopatas,

feministas, viados e hippies insuportáveis. O que, por sua vez, claro, passou a atrair todos esses nichos com força redobrada.

Gabriel, de resto, sem conseguir entrar muito na onda de Renata, tenta emplacar uma moeda alternativa de dentro do jogo, inspirado no Bitcoin, insistindo que isso seria uma extensão da diretriz deixava por Evandro. Renata não compartilha seu entusiasmo pelo blockchain como uma saída do sistema financeiro internacional, enche o ouvido de Gabriel com preocupações sobre o custo energético galopante da mineração digital e por isso prefere não integrar a moeda dentro da rede de ação coletiva orientada a problemas que o CABOL começa a formar. Gabriel concorda, até prefere manter seu projeto separado do dela. Ele até acha bonita a ideia de uma rede coletiva orientada a problemas, mas sem nenhuma chance de se tornar viável.

Dentro do jogo, a criatura começa a viajar pelo território devastado do Brasil, recuperando pequenos riachos, descontaminando a terra de mercúrio, junto com um séquito de jogadores que fazem peregrinação com ela, liderados por Zumbi e seu cajado.

Nem Renata nem Gabriel poderiam imaginar que de fato a criatura de carne e osso estivesse comparecendo a alguns dos lugares que seu avatar visitava nas suas contrapartes virtuais (embora nunca com uma equivalência precisa, por motivos de segurança).

Além dessa peregrinação sistemática pelo interior, a criatura também visita no jogo um lugar sem equivalente no mundo analógico. Para lá, a criatura vai com Zumbi e mais ninguém. Uma pequena casa de madeira montada bem no meio do cerrado, perto de um riacho e de uma mata de galeria, onde mora o avatar antes conhecido como Paraíba Blade. Ninguém sabe o que eles fazem juntos.

No início de 2015, a moeda criptografada interna do jogo começa a funcionar, levando logo a um aumento sensível do uso do jogo por criminosos diversos, tanto desorganizados quanto organizados. Já presente desde antes dentro de alguns presídios como divertimento, o jogo começa a ser usado amplamente por grandes facções prisionais para fazer reuniões e lavar dinheiro. Gabriel começa a notar as movimentações atípicas, depois de uns meses, mas decide não informar o resto da equipe. Fica feliz de ver que aquilo tá dinamizando o jogo e que as taxas administrativas de uso da moeda já tinham começado a compensar o caixa altamente deficitário da empresa. O jogo é no-

ticiado por um tradicional jornal conservador paulista como um exemplo de inovação e empreendedorismo digital pelo seu uso da blockchain. Para surpresa de todos e alegria de Gabriel.

Quando começam as ocupações de escolas públicas secundaristas em São Paulo em outubro de 2015, a equipe de Renata, instada por um grupo de jogadoras que participavam da ocupação, começa a estimular aquilo ali dentro, criando versões virtuais das escolas ocupadas para oferecer uma plataforma em que as ocupações pudessem comunicar táticas e métodos entre si.

E essas simulações prefiguram e amplificam outras ocupações que começam a pipocar no interior do país e em outros Estados, mais ousadas do que as primeiras, criando zonas autônomas com cursos sobre programação, feminismo, elétrica, percussão e agricultura sustentável. Coletivos de todo o país começam a se reunir no CABOL para trocar conhecimento e estratégias. Toda uma juventude com aquela gramática já entranhada e a energia pronta para tornar público tudo que devia ser e não é, meninos e meninas (principalmente meninas) de dezesseis anos muito mais articulados do que seus representantes legais e com toda outra noção do que é possível e impossível. Um grupo do Sergipe cria, dentro das ocupações virtuais, uma “Enciclopédia Alagmática da Ocupação Pública Atual e Virtual”, um documento programático que vira a base de uma Wiki nacional que logo começa a gerar imitações no Oriente Médio e no Leste Europeu.

Tudo isso enquanto cupinzeiros monstruosos começam a surgir pelo Centro-Oeste. Hordas gigantescas de insetos devoram as plantações de soja. Nuvens de gafanhoto no Sul voam em formações estranhas. E poucos percebem as sintonias e sinerônias estranhas entre esses eventos e invocações feitas do jogo pela criatura e seu séquito. Quem percebe é tido por maluco. Dentro do jogo, o DIVINO COMÉDIA desapareceu, ao mesmo tempo que pareceu se multiplicar numa dezena de imitadores. Vários deles agitam um estandarte que diz “O RENATO não morreu. Pergunte-me? Como”.

Renata se afina muito bem com o grupo de colaboradores que se incorporam na empresa, alguns vindo dos seus estados para morar em São Paulo, outros trabalhando desde Vila Velha ou Manilla. A plataforma orientada a problemas começa a tomar proporções que ela jamais sonhou. Alianças e acoplamentos com movimentos sociais que já existiam permitem que eles auxiliem e amplifiquem esses grupos autônomos, oferecendo uma rede segura para articulação de ações e entidades que nunca se encontrariam assim

antes. Tanto o MST quanto o MTST criam contas lá dentro, chegando em públicos adolescentes que na sua maioria antes tinham uma noção muito diferente do que eles eram.

A antiga aproximação do CABOL e do território brasileiro (ainda que em proporções reduzidas e cartunescas) começa a ser usada de toda uma outra maneira. Abrindo o mapa do CABOL de algum grande centro urbano, acendiam-se os projetos e as demandas de uma série de grupos no mapa. Alguns itens em amarelo, outros em vermelho, outros em verde, dependendo do tipo e da urgência. Todos tinham alguma espécie de reverberação ou ressonância no mundo fora do CABOL.

O mapa do jogo oferecia um espaço vetorial alternativo àquele do mundo cotidiano, com suas marcas e seus diagramas de sempre. Ele mostrava que haviam outras cidades disponíveis por debaixo dos fluxos oficiais, outros gestos, diagramas e ícones possíveis. Ainda funcionava só em São Paulo no início, mas os protótipos de Recife e Rio já estavam sendo montados por uma comunidade animada.

Em abril de 2016, o jogo é usado para organizar uma fuga em massa de um presídio na Grande São Paulo. O CDP OSASCO 1, um lugar onde 2.600 detentos ocupavam um lugar projetado para guardar 750. Embora tivesse instalações tão insalubres e pestilentas quanto a média do país, orgulhava-se de ter um sistema de segurança moderno, parcialmente computadorizado. Precisava dele para processar a quantidade de gente que processava todo dia, sendo o principal nóculo de transferência para vários presídios no interior do Estado. Antes da rebelião, na manhã do dia primeiro de abril, o sistema informático do presídio recebeu uma avalanche de alvarás de soltura de presos provisórios, todos com a assinatura digital aparentemente legítima. Duas dezenas de pessoas haviam sido soltas até um funcionário entrar em contato com o Tribunal de Justiça e confirmar que o sistema havia sido haqueado. Desabilitaram o sistema digital do presídio, mas em seguida todos os aparelhos do escritório desligaram. E não ligaram mais. Há uma pane elétrica geral no presídio, que logo pareceu provocar uma rebelião. Esse tanto foi divulgado amplamente, e com escândalo, na imprensa nacional. O que não se noticiou foi que as armas dos carcereiros e dos PMs que foram convocados para suprimir a fuga em massa não funcionaram. E que algumas explodiram nas mãos de quem as empunhava. Houve conflitos, na confusão da fuga, que resultaram em seis mortes, mas o relato dos agentes penitenciários foi, com

o mesmo tom incrédulo no que dizia, de que a maioria dos presos seguia estritamente instruções de alguém no celular e parecia ter um plano prévio de evacuação e dispersão que seguiu mais ou menos à risca, com poucos deles aproveitando pra praticar alguma revanche pessoal entre si ou com algum agente. Havia uma garota jovem com o rosto mascarado e uma criatura parecida com uma capivara orelhuda, em cima de um morro, esperando por eles e por uma pessoa em particular. A única foto desse fato insólito, tirada de muito longe por um oficial da PRF, foi considerada “assustadora demais para ser divulgada”. O que a imprensa também não noticiou porque não ficou sabendo é que tanto a Secretária de Assuntos Penitenciários do Estado de São Paulo quanto o Departamento Penitenciário Federal teriam recebido notificações de que aquela mesma sucessão de eventos aconteceria em todos os presídios do país, um a um, até que os 40% de presos provisórios do sistema penal brasileiro fossem soltos e até que as garantias mínimas prometidas na Constituição fossem cumpridas no sistema como um todo.

Em maio, divulga-se um acordo inédito nacional de cooperação entre o STJ, os governos de Estado, o CCJ e os Tribunais de Justiça para fazer mutirões extensos que acelerassem para até o fim do mês a soltura de todos aqueles que estavam presos em condições ilegais no território nacional. Movimentos parecidos já haviam sido feitos, mas nunca naquela proporção. Apesar de bastante impopular, criticada por boa parte da imprensa como um gesto tresloucado de um governo esquerdista radical, a medida solta dezenas de milhares de pessoas em poucas semanas.

Em junho de 2016, uma decisão da Justiça decreta o fechamento do jogo, depois de um delegado e um procurador federal argumentarem que ele estaria estimulando diretamente atos de terrorismo e desordem. Não citam a fuga do presídio, mas dezenas de outros casos relacionados ao CABOL desde 2015. A Synopticon entra com pedido de falência. Renata se muda para o interior de Tocantins, Gabriel foge com sua dupla cidadania para Itália. Diversos servidores alternativos com mods aparecem em seguida, a maioria hospedados fora do Brasil. A energia continua toda ali, esperando ser modulada.”

65.

A tábua devia ter me satisfeito, mas o que ela dizia me deixou com a impressão de que haveria talvez alguém ainda pra encontrar. Eu andei muito ali ao longo do Eixinho de baixo da Asa Sul, achando que se eu vagasse aleatoriamente os deuses da dramaticidade fariam com que eu encontrasse o tal do Renato, ou pelo menos a Juliana, a Eloísa. Domingo de carnaval virando segunda. Devo ter bebido mais umas duas cervejas e andado por quase uma hora direto, debaixo das árvores do Plano.

Passei pelo setor bancário, onde um bloco parado de música eletrônica tava morrendo, se dispersando, alguns pais carregando crianças dormindo e gente bêbada com fantasia já desmontada e recombinação (enfermeiras de peruca colorida, homens vestidos de mulher fumando com expressão séria, cansada, talvez com raiva de alguém), cheguei até as bordinhas da esplanada, onde mais gente se concentrava e voltei pra quatrocentos e dois. Ao contrário do normal em Brasília, lugar quase nenhum estava vazio de todo, os blocos tinham gente bêbada nos pilotis, policiais rondavam aqui e ali, senhorinhas desciam de casa e andavam de mãos dadas umas com as outras apenas pra ter um mínimo vislumbre da confusão e comentar com os moços da padaria, as caras alternando entre invejosas ou ultrajadas diante da comoção toda.

Quando já tava chegando no meu carro eu percebo que tou perto do Piauí de novo e que não custava nada passar por lá, já que era onde estava a última pista. Eu tampouco estava em qualquer condição de dirigir. Com o lugar bem mais vazio, pensei que podia encontrar no mínimo algum outro participante retardatário da gincana.

O bar ainda tá movimentado, mas atrás dele, perto do palco, tá quase vazio. Eu vou passando por lá quando eu vejo que tem um cara com asinhas pregadas nos pés e no capacete, um escorredor de macarrão, segurando um cetro comprido com duas cobras de plástico enroladas em volta e vestindo uma toalha vermelha com um brasão de papelão dourado no peito, uma cabeça egípcia de macaco pequena em cima da própria cabeça. É um cara ombrudo e branco com um nariz quase majestoso. Parecia grego, mas devia ser goiano. Eu lembro da imagem da wikipédia do Hermes que eu vi horas atrás, vou correndo pra onde eu lembrava de ter deixado a tábua. Ela não estava mais lá. Eu

volto correndo pro cara.

— Hermes, tu é o Hermes, não é? Eu achei a tábua, mas ela sumiu já. Você não tava aqui antes.

— Eu tava ocupado, meu bem. Muita demanda, graças a deus.

— Mas você é o Hermes mesmo, né?

— Eu era Hermes até meia noite, agora sou Thoth.

Aponta para a cabeça egípcia de macaco.

— Eita. Então acabou a gincana, é isso?

— Não. Só mudam um pouco os termos.

— Que quer dizer “complete a obra no mundo”? Que tava escrito na tábua, tal.

— Quer dizer o que você quer que diga, meu bem. Pisca- pisca.

E ele pisca mesmo enquanto fala isso, de maneira exagerada, pra mim.

— Não tem sentido nenhum essa parada toda, então, né?

— Tem todo sentido do mundo.

— Que que significa Hermes 3g, então?

— Transar, por exemplo?

— Ahn?

— É. Mas não só, né? Transar assim as coisas. Você sabe.

— Nada a ver, hein? Hermes não é tipo o deus da comunicação?

— Então, poxa. A comunicação derradeira.

— Infame pra cacete, hein?

— O roteiro não é meu, querides.

— De quem que é, então?

Ele só faz um gesto expansivo com os braços como quem diz “vai saber” ou “é de geral”.

— Então o quê? A gente transa agora? Aqui mesmo, atrás do Piauí?

— Se você quiser. Dá pra ir prum cantinho. Montaram um Métron de papelão ali pra deusa Rhéia. Dá pra fazer outras coisas. Tenho um amigo que

mora logo aqui, também.

— Você transou com todo mundo que completou?

— Eu não posso responder essa pergunta.

— Por que não?

— Nem todo mundo pode querer que você saiba. Não quero te pressionar também falando que todo mundo participou igual. Cada qual com seu qual.

— Achei que seria uma parada diferente, isso aqui.

— Acho que era o quê? Carnaval é isso. Liberar as energias. Ué. Desbunde. Balancê. Soltar tudo que tiver preso e não for Pinochet.

É quando eu vejo que ali perto, mal escondido por um arbusto, tem uma menina vestida parecido com ele, gordinha, cavalgando um cara moreno enorme e mexendo no pau de um outro, que enquanto isso fazia uma dançinha engraçada, devagar. Lindos. De uma janela do primeiro andar a uns vinte metros dali uma senhorinha assistia transfixa e escandalizada. Era isso que o Fernando queria, então? Que todo mundo se comesse? E pronto? A menina cantava numa voz grave, empostada:

— O sino da igrejinha faz belém-blem-blem, o sino da igrejinha faz belém-blem-blem.

O Hermes chegou me beijando. Eu deixei por um pouco, sem saber se eu queria aquilo ou não. Quando ele botou a mão dentro da minha calça eu tirei e fui saindo. Eu não sabia dizer com certeza porque não queria, sempre tive fantasias com algo daquele tipo, de uma transância que fosse simplesmente reverberando entre as pessoas como uma onda mecânica e orgânica ao mesmo tempo, um tesão que fosse contagiando todo mundo em volta na maior naturalidade do mundo, uma fatalidade maquinal que arrastasse a vontade de todo mundo junto, como nos musicais ou nas pornochanchadas mais bobas.

Mas parecia tão forçado, ali, feito pra produzir aquelas imagens muito mais do que para roçar um corpo em outro. Ou talvez fosse só eu que não conseguisse entrar naquela onda, mesmo. Não com aquele cara. Algo em mim que alguém atou há muito e que nunca que eu conseguiria desatar. Não sei dizer mesmo (espero que você saiba). Só sabia que queria sair dali.

Enquanto vou saindo ali do acúmulo de gente em torno das árvores, vejo

que tá chegando uma menina que eu já tinha visto em várias festas e rolês das artes e de quem não gostava nem um pouco (e não só por ela já ter me sido apresentada umas dez vezes e nunca nem fingir que lembra quem sou eu). Tava cheia de purpurina verde e roxa nos peitos e as sobrancelhas todas douradas, uns adereços egípcios bem genéricos. Linda de te deixar mal. Começou a declamar pro grupo disperso pelas sombras gritando de maneira teatral e escandalosa:

— E da boceta geral saíram raízes e tubérculos se insinuando e projetando como cobras e tentáculos, uma série de paus de toda grossura e comprimento erguendo em sucessão como pernas de dançarinas num musical, o universo uma cascata de diferenciação, cadeia de apetição e destruição, o sexo a misturação geral, as bactérias se comendo tudo na sopa que deram na célula. A devoração se come a si própria e a transfiguração é geral.

Eu vejo o lixo todo em volta, as tiazinhas cansadas empurrando seus carrinhos de supermercado cheio de gelo e cerveja, Skol Beats e água, algumas com filhos pequenos ali junto ajudando. A transfiguração não parecia geral, não. Parecia bem restrita, bem localizada. Vômito nas raízes da árvore, onde antes estava a Tábua. Compro uma água geladíssima de uma senhora de cabelo pintado de loiro, boné antiquíssimo do Brizola e voz rouca de fumante.

66.

“Rodolfo sabia que o jantar seria difícil, mesmo aquele sendo um de seus restaurantes favoritos de São Francisco, numa noite tão agradável de maio. Viu que a tarefa seria tão desagradável quanto temia assim que vislumbrou Glenn de longe, já esperando na mesa. A cara azeda, o aperto de mão frouxo. Glenn confiou mais de cinquenta milhões de dólares pro fundo e ele não era um homem fácil. Tinha ganho uma fortuna com vinte e tantos anos quando a empresa de pagamentos online dele e de quatro parceiros foi vendida por mais de um bilhão de dólares. Depois disso investiu de maneira inteligente em outras empresas do Vale do Silício e conseguiu consolidar sua figura como alguém que conseguia antecipar movimentos e tendências melhor que a média. Defendia abertamente monopólios e dizia que competição era para perdedores. Já tinha financiado um evento em que intelectuais obscuros de internet diziam com a maior naturalidade que um feudalismo digital estava surgindo e que a democracia era coisa do passado. Com menos de trinta e cinco, Glenn já tinha a combinação de petulância e o poder bruto com a qual Rodolfo tava acostumado a lidar em senhores de sessenta, setenta anos. Ele era de St. Louis, estava sempre de suéter e parecia a Rodolfo alguém que só transa de meia.

Glenn demorou para ver resultados com o fundo secreto, mas viu, e viu bonito. Durante quase seis meses, ganhou mais do que teria ganho em qualquer outro lugar e sabia disso. Mandava mensagens extasiado para Rodolfo, não só pela grana mas por estar ganhando dos outros, por estar envolvido no melhor e mais exclusivo esquema disponível. Ele foi dos que entraram no escuro, sem saber nada do que possibilitava o esquema em que estava se envolvendo. E agora nada, três meses de nada. Ele foi perdendo a paciência até Rodrigo marcar um jantar (em Londres, onde ele morava, para agradá-lo) e falar que ia explicar toda a situação.

— Lembra que eu te falei que o que a gente tinha era um tipo de computador novo?

— Lembro.

— Isso não era mentira, mas também não era muito preciso. Deixa eu te mostrar uma foto do computador.

Ele tira o celular do bolso do paletó, vai até uma pasta encriptada, digita duas senhas e, em seguida, dá o aparelho para Glenn, que o apanha com uma mão frouxa e displicente, tentando não comunicar a evidente curiosidade que está sentindo. Ele ri com um guincho quando finalmente encara a foto.

— Que merda que é isso, Rodolfo? Você tá curtindo com a minha cara?

— Olha, Glenn, eu acho isso tudo maluco também. O que eu posso te dizer com absoluta certeza é isso: essa criatura foi criada em laboratório com um código genético que é totalmente diferente de tudo que existe na terra.

— ...

— Há alguns anos atrás, um telescópio de rádio em Porto Rico conseguiu apanhar uma transmissão extraterrestre. Não tem porque eu te contar toda a fofoca interna do negócio, até porque eu não sei tudo o que aconteceu, para ser honesto.

A testa de Glenn foi se franzindo. Parecia impaciente.

— Eu não tenho todas as informações, mas sei que fizeram uma força-tarefa de matemáticos e gente cabeçuda e depois de um tempo conseguiram decodificar a transmissão. O que estava sendo transmitido era a transcrição de um código genético com uma cadeia de tripla hélice. As formas abstratas e discretas das emissões eram tão díspares do que se conhece na biologia terrestre que a transposição entre as duas coisas foi considerada pela própria equipe uma tarefa sem paralelo prévio na Terra. Decifrar hierógrafos parece fichinha perto disso. Enfim, isso é o que eles próprios disseram, de qualquer forma. O que eles tinham certeza é que haviam transmitido instruções proteicas para um organismo construir a si mesmo. Essa foi a parte simples. Aí tiveram que passar mais tempo e gastar muito mais grana pra conseguir sintetizar um feto e gestar a criatura. Depois de vários, vários fracassos em úteros artificiais, desistiram de tentar produzir a vida do zero. Parece que construir um útero é um negócio difícilimo, praticamente impossível até hoje. Quem diria, né? Pra encurtar a história: acabou gestada na barriga de uma vaca ciborgue.

Glenn bufa, entorta a cabeça e emite um barulho agudo de incredulidade.

— Bonito não foi. Vou te poupar dessas fotos. Eu não estou brincando, Glenn. Pelo amor de tudo que é sagrado. Eu tou jogando limpo com você.

— Você me conta um negócio desse e quer que eu não ria? E como diabos

transformaram essa filha bastarda de uma vaca ciborgue –

— Bastarda não, alienígena, Glenn.

— Ok, como que transformaram essa monstruosidade numa máquina de fazer dinheiro?

— Essa é a segunda parte da história. Ainda mais esquisita. Por meses, a criatura viveu no seu laboratório sem que soubessem o que fazer com ela. Uma puta briga interna se deu entre os que achavam que isso tinha que ser divulgado, e os que achavam que era melhor sentar no negócio até saber o que era e entender então o que fazer. Se eles publicassem a transmissão, seriam dois pulos até a China e a Rússia criarem suas próprias criaturas. Se é que não já estão criando, claro... O tempo todo passando por testes para que a gente entendesse como que o seu organismo funcionava, tentando ver se podiam aprender algo útil para medicina. Mas nada. Os biólogos, que riam de nervoso e de êxtase enquanto contavam, descreviam uma estrutura que parecia uma versão muitas vezes mais precisa, mais enxuta e comprimida dos códigos genéticos terrestres, por mais que contivesse ao mesmo tempo mais espaço de inscrição proteica. Fazia fotossíntese, mas de um jeito muito mais intenso e eficiente do que as plantas na terra. E enquanto isso as tentativas de se comunicar com a criatura ou fazê-la aprender alguma coisa de linguagem humana também não eram nem um pouco bem sucedidas. Ela crescia aos poucos no seu tanque e parecia saudável mesmo com o regime limitado de luz que recebia. Mas não reagia a nenhum dos experimentos. Música, cheiros, nada. Virava as antenas para tudo que era eletrônico e se mexia como se estivesse distinguindo algo, mas nada vinha depois disso.

Glenn ouviu tudo com uma cara displicente que parecia querer comunicar: “Tou ouvindo, prossiga, mas isso não quer dizer que eu acredito em nada disso”.

— O que conseguiram descobrir aos poucos foi que cérebro é um receptor e amplificador poderosíssimo de ressonâncias eletromagnéticas. Requer muito mais energia do que o nosso, mesmo ela tendo a metade da massa de um ser humano adulto, a massa encefálica dela tem quase vinte vezes mais dobras do que a nossa. São as dobras do nosso cérebro que aumentam a sua área de superfície e permitem a nossa inteligência toda, sabe? Mas o dela não parece ter centros nem divisões funcionais muito delimitadas, tudo se comunica de uma maneira muito distribuída com o resto do corpo e com o entor-

no. Alguns pesquisadores começaram a supor que talvez ela tivesse capacidades telepáticas de alguma ordem.

— Anh.

Glenn retraiu, fez cara de quem não queria ser feito de otário. Rodolfo percebia a impaciência e tentava, como podia, transmitir alguma autoridade no seu tom.

— Eu sei, Glenn. Eu sei. Mas continua comigo aqui, por favor. Pouco tempo depois a DARPA comprou uma tecnologia experimental de realidade virtual, uma que permitia que a consciência se conectasse diretamente com um computador, sem interface, sem nada. Sincronização de ondas neurais com outros sistemas de informação, era como chamava no começo. Compraram pra desenvolver treinos e interfaces mais eficientes com drones e outras máquinas.

A perna direita de Glenn começa a bater rapidamente no chão, debaixo da mesa.

— Calma que eu vou explicar o que isso tem a ver com a nossa querida criatura. Depois de alguns meses modificando a máquina, ela já funcionava mais ou menos bem. Mas as duas primeiras cobaias que tentaram conectar com o cérebro da criatura morreram. Dois chimpanzés e um jovem boliviano, coitado. E depois de analisarem mil vezes o que aconteceu, o que concluíram foi que o cérebro não aguentava.

A cara de Glenn ia ficando cada vez mais incrédula, as sobrancelhas subindo e subindo, as dobras da testa enrugando. Rodrigo queria estapear aquele moleque.

— Até que alguém teve a ideia brilhante de ir atrás das trigêmeas uruguaias que já tinham participado de uns experimentos no mesmo laboratório, duas décadas antes. São trigêmeas cujas cabeças estão grudadas desde o nascimento. Por incrível que pareça, três cabeças juntas seguravam a onda. Dói muito, pelo que elas me contam, mas dá certo. Mas foi aí que a coisa andou. A cabeça delas serve de ponte entre as nossas máquinas e a criatura. A gente mostra o preço de uma coisa dentro de uma interface ligada aos índices do mercado e pede para que ela projete esse preço daqui a tantos dias, tantas horas. A precisão dela é absurda e só melhora com a quantidade e qualidade de informação que você bota ali. E a gente foi melhorando rápido nisso. Ela antecipava movimentos do mercado que eu nunca seria capaz de prever.

Aberrações que modelo nenhum antecipava e ela sim. A gente nem conseguia determinar que redes e bases de dados ela tava acessando e combinando. Ela parecia pular de qualquer nóculo ao qual ela tinha acesso para qualquer outro. Estava sempre em vários deles ao mesmo tempo.

— Ela não entende inglês, mas manipula redes digitais complexas?

— Ela já conseguia manipular os parâmetros de sistemas eletrônicos e elétricos postos diante dela, mas seu ímpeto era só de desmontar e remontar as coisas, nunca de fazer nada muito específico. Foi só quando a gente acoplou as trigêmeas à criatura é que a gente conseguiu direcioná-la pra ler o mercado melhor que todo mundo. E funcionou, você viu como funcionou. Mas aí outra coisa começou a acontecer durante as sessões de acoplamento. As trigêmeas começaram a receber imagens da criatura. Imagens estranhas que pareciam fotografias, mas que também denunciavam em várias distorções uma manipulação digital forte. Como se fossem produzidas de maneira compósita a partir de imagens reais. Elas viam aquilo na cabeça delas e a criatura emitia uma gosma colorida que continha uma versão da mesma informação inscrita em proteínas. Não me perguntem como conseguiram traduzir isso, mas inventaram um método que fazia até rápido, usando espectrômetros já calibrados. Depois de uma meia hora, começava a emergir na tela aos poucos, renderizando iterações cada vez mais detalhadas e nítidas. Um ataque israelense à Palestina, uma operação com uma dezena de mortos no Rio de Janeiro, a vitória de um candidato latino-americano à presidência. As imagens que vinham eram sucedidas seis ou doze horas depois, de suas contrapartes reais na imprensa internacional e na internet, só ligeiramente diferentes. Algumas idênticas, descontando o ruído nas imagens-protótipo.

— A criatura tava vendo o futuro, então? Claro que sim. Já é um ET telepata, né, por que não?

— Não exatamente. Tava vendo o que era quase certo de acontecer. O que já estava já concatenado. Demoramos pra começar a entender o que fazer com as imagens, as coisas vinham às vezes muito desconexas, precisava de uma equipe muito boa para interpretar o que a gente recebia. Depois de um tempo fomos descobrindo como alimentar imagens pra ela de volta, tentar forçá-la a provocar alguns eventos.

— Como assim provocar eventos?

Rodolfo parecia realmente constrangido, de repente.

— Essa é a parte mais estranha. Eu só tenho como te repetir a explicação que me deram. Não tenho como julgar se faz sentido ou não, eu não sou físico.

— Fala logo.

— O que me disseram é que além dessa conexão interina que ela tem com redes de todo tipo, o cérebro dela não para de se dobrar. Mesmo depois do resto do corpo ter se estabilizado na forma que tá, depois de uns dezoito meses, o cérebro continua crescendo um pouco de volume e se enrugando e dobrando mais. Ela inclusive recua de deformações que fez, se desfaz e se refaz de novo. Mantém-se em neotenia permanente. E fazendo todo tipo de teste não invasivo que puderam fazer começaram a perceber fenômenos estranhíssimos envolvendo a cabeça da criatura. E não só a cabeça, mas os seus arredores.

— Do tipo?

Rodrigo bufa um pouco antes de falar. Começa a riscar a toalha de mesa com o garfo fazendo um desenho.

— Isso aqui é especulação, tá? Quem me falou sabe que é improvável. Só acha que é menos improvável do que magia ou intervenção sobrenatural. É como se da cabeça dela tivesse saindo uma espiral de emaranhamento quântico. E tudo que a espiral envolve está implicado ali na cabeça dela. Da criatura. As duas coisas tão se configurando juntas, tão atadas. Quando a gente descobriu isso, a área envolvida já era mais ou menos do tamanho da sala em que ela morava. As coisas mudavam de lugar sozinhas, sofriam mutações. De um lápis que estava lá de repente engrossavam nódoas de madeira, um pedaço de queijo deixado ali por vinte minutos já crescia logo fungos peludos e bojudos. Até metais se deformavam. Um mês depois, as aberrações podiam ser observadas num raio de mais ou menos três quilômetros. Um rapaz que trabalha lá desenvolveu um tumor no braço em coisa de dois dias. Teve que operar. A coisa tava ficando mais tensa. Ela cada vez mais irritada com as acoplagens, que tinham que ser meio forçadas. Mas numa boa, claro. Pouco tempo depois disso a criatura foi sequestrada por uma mulher brasileira, membra da força-tarefa. Sabemos que foi pro Brasil em seguida, mas hoje seu paradeiro é desconhecido.

— A questão é como deixam isso acontecer? Porra, Rodolfo. Uma galinha dos ovos de ouro tava guardada tão sem cuidado que uma funcionária sozinha consegue —

— Ela estava guardada pela firma de segurança privada de elite mais reputada do mundo. Só Boia-Preta e elite da Mossad, Glenn. Por favor. A criatura explodiu as armas e a cabeça de todos quando viu o que se fazia no resto do laboratório. Teria feito o mesmo com qualquer outro grupo de soldados ou mercenários.

— ...

— Não é isso que me preocupa, Glenn. Hoje, se a progressão tiver se mantido, a área de influência dela é mais ou menos a do estado brasileiro de Minas Gerais. Ou seja, da França. Mais ou menos.

Diante disso, Glenn riu de novo e pareceu rir forçado. Ficou negaceando com a cabeça por um instante, por efeito dramático. Rodolfo não quis lhe dar a satisfação de perguntar.

— Eu vou escolher acreditar em você, Rodolfo.

— Fico feliz.

— Por dois motivos. Primeiro porque não acho que você conseguiria inventar isso. Mas segundo porque eu sei que a coisa da máquina de sincronização neural é verdade.

— Como que você sabe?

— Me ofereceram uns meses atrás esse negócio. Mas pra outro uso. Inteira-mente diferente.

— Que outro uso?

Glenn sorri um sorriso enorme, safado. Não responde. Ele fazia muito isso, era irritante.

— Pouco me importa se ela veio do cu de uma aranha cósmica. O que importa é como você vai fazer pra encontrar essa criatura e voltar a me fazer dinheiro, Rodolfo.

— Eu vou pessoalmente pro Brasil de novo, semana que vem, encontrar com um contato na CIA que está trabalhando com a Polícia Federal brasileira.

— Vai aproveitar pra ver a Copa, então, né?

— Claro. Eu nem sou maluco por futebol, mas recebi um convite pra uma semifinal. Torcer pra ser um bom jogo.

— Só vê se você acha a criatura ao invés de ficar só curtindo no Rio, hein, caralho. Comendo um daqueles rabos enormes, hein?

Ele ri de um jeito forçado e Rodolfo acompanha com um sorrisinho mais forçado ainda. Dá mais um gole no saquê, maior do que os anteriores.

— Eu vou encontrar essa criatura, Glenn. Pode ter certeza. E não é nem por sua causa. Ela é a coisa mais fascinante que eu já vi. Eu daria metade dos meus bens só pra ver aquilo de novo.

Glenn franze a testa. Parece incomodado por um instante, antes de abrir o rosto e dizer:

— Arruma um ingresso pra mim também. Vou lá cuidar do meu investimento pessoalmente. E aproveitar pra conferir alguns desses rabos famosos.

Depois de dizer isso, ele ri mais forçado do que antes, metendo pra dentro uma dupla de ovas brilhosas e laranjas, que Rodolfo consegue ver se estilhaçar, algumas, ao serem mastigadas.”

67.

Eu sinto que devia ir pro meu carro, mas não vou. Continuo andando num passo apressado meio sem direção, entre as árvores. Pego o celular e vejo a foto da Tábua, quase que pra me certificar de que eu a vi mesmo. E do nada lendo a frase ali na foto eu percebo que no início, quando fala do “céu”, poderia ter uma derradeira dica. Lembrei da Eloísa falando há um tempo de como o Fernando sempre queria ir pro Sky’s depois de sair de alguma festa de madrugada, uma lanchonete meio podrona e clássica da Asa Sul (cujo apelo sempre me escapou). Isso me veio de repente num encaixe que pareceu imediato, como que apanhado por partes inacessíveis da minha cabeça e apresentado à minha consciência como um bloco pronto, de repente.

Lembro que o endereço é na I05, uns quinze minutos andando de onde eu estou. Sei que meu carro está aqui do lado, mas eu não me sinto em condição de dirigir. Começo a andar pra lá rápido, meus membros de repente todos engajados e cheios de propósito. Atravesso o Eixão por cima, um carro me vazando por pouco quando atravesso correndo num destrambelho bêbado.

No meio do caminho se apresenta várias vezes a conclusão que eu estava fazendo, uma conexão bem gratuita, e pra quê, afinal de contas? Pra achar quem? E se encontrasse? E aí? O que ia acontecer? Por que que aquilo parecia me importar tanto?

Era muito ridículo aquilo, o tempo todo eu sabia disso, tinha consciência pontiaguda desse fato. Na real ele detinha uma porção significativa da minha atenção enquanto eu fazia tudo o que relatei aqui até agora, não sei se isso ficou claro. O ridículo específico ao qual eu me submetia prestando tanta atenção na vida dos outros, dando tanto peso pra elas. Vivendo vicariamente o gozo alheio por meio das telas.

Quando eu chego já é uma e tanto da manhã. Vejo que, além de duas mesas cheias com grupos de amigos de fantasia bem sem graça (enfermeiras, turistas), tem um cara solitário tomando um milk-shake, nos fundos. De costas pra quem chega. Tava todo maquiado e com um paletó de veludo verde elegante de onde saíam galhos e folhas (que pareciam de verdade). Antes dele se virar e eu vê-lo de perfil, por um instante bêbado, delirante, eu imaginei que ele seria o Fernando.

Não era, claro. Era um cara que nunca tinha visto antes. Não era exatamente bonito, mas era charmoso. Queixudo e moreno.

Assim que chego do seu lado ele olha bem pra mim, como se estivesse me esperando. Indica a cadeira com a cabeça. A tábua tá na cadeira do lado dele, em cima de uma bolsa amarela.

Eu começo a falar de uma vez, numa voz firme que nem é a minha:

— Como quem invoca espíritos invoca espíritos eu invoco o teu, drama em gente, Fernando, teu filho da puta.

Ele concorda, como se eu tivesse dito a coisa mais trivial do mundo. Eu sento na mesa dele. Ele responde com toda naturalidade:

— Me falaram de você, viu? Você sabe, né? Que eu fiz merda. Que eu não era o cara bacana que muita gente achava.

— Sei.

— Não agora. Assim, agora também. Mas assim na vida. Tu não tem noção. Mucha merdita.

— Acontece.

— Não consigo, nunca consegui, entender como que alguém simplesmente se acostuma e aceita ser a merda que se é e pronto. Qualquer que seja a merda, no caso. Sabe?

— Você que é o Renato, então? O amigo do Fernando?

Ele não responde. Continua tomando o milk-shake. Por mais que não fizesse sentido, eu comecei a entender a cena como se ele fosse o Fernando ou tivesse fingindo que era ele de algum jeito. Ele parecia falar o imitando. Eu aceitei isso com uma facilidade inexplicável. Ele fez uma cara de quem ia começar a me explicar alguma coisa.

— Cê acredita em possessão?

— De que tipo?

— Qualquer tipo. Pra alguém ficar possuído a pessoa tem antes que querer. Assim. Ela tem que convidar o trem pro corpo dela, sabe?

— Anram.

— A ideia é controlar o teu corpo até botar ele numa situação em que você perde o controle. Saca? Mas tem que querer. Chegar assim de má vontade não

adianta. Ninguém hipnotiza alguém de olho fechado. Saca?

—Saco. Ô se não saco.

A cara dele fica toda compassiva de repente. Isso me irrita pra caramba. Ele parece notar. Começa a batucar uma música.

— NanananRasgado, daquele tempo passado, que a coisa virou confusão, no sa-lão.

Ele está nervoso. Pela primeira vez me ocorre que não tem nada ali, nada além daquilo. Ele não tem o que me dizer além de umas frases de efeito re-quentadas. Nunca preste atenção no homem por trás da cortina

— Sem briga sem nada demais, para-ram, a bagunça que eu fiz machuca-do, bagunça que fiz tão calado, foi dentro do meu coração. Como é que vai essa música mesmo?

— Não sei.

Como é que vai? Quem fala assim? Ele era gringo?

— Aquela do Gil, claro que sabe. Do disco de meia-oito.

— Não sei. Não conheço.

— Carnaval. Sinistro, hein? Gostou da gincana?

— Sei lá. Sou a favor de putaria como todo mundo, mas parecia um negócio meio forçado. Não tinha uma vaibe aberta de verdade. Meio piada interna pagando de revolução.

— Não dá pra agradar todo mundo.

— É muito fácil a gente aumentar pra caramba a imagem dum morto, né? Fazer qualquer balão. Ele não tá mais lá pra estourar

— Naturalmente. Sempre.

— Porra, eu realmente achava que o Fernando tinha morrido porque o mundo era demais pra ele, porque tinha algo intenso demais pra mostrar pro mundo. Sei lá. Mas só tinha ele mesmo. Aquela ansiedade tarada e exibida. Autocentrada.

— A gente nunca tem ideia onde começa e onde termina a dor dos outros.

— Ô.

Eu de repente tava com raiva daquele imbecil, quem quer que ele fosse.

Pagando de sábio quando não devia saber do mundo uma porra. Pra ele aquilo devia ser uma brincadeira, uma performancezinha. Pra mim era a coisa mais séria do mundo. O erro talvez fosse meu. Nem me despeço. Lavo a cara na pia do banheiro e saio de lá tremendo.

68.

<><><><><>

DO NOVO LIVRO DOS COMUNS, PARTE 3, LIVRO 1:

MÃE ELZA: Crias das crias, Salve! Filhas e filhos de Iansã e Xangô, de Jesus e Maria. Netos de Gil e Gal, de Jackson e Dorival, de Ivone e Cartola, De Garricha e de Mim. Bora contar os tempos kuera para conectar com o presente e revelar o futuro. Laro-YÊ.

Coro de Pagode: Laro-YÊ!

Um século atrás, as iluminações de 2014 e 2016 anunciaram e foi assim que rolou, mão que tece a própria tessitura, teia que faz a aranha. Depois de falar das antigas muito antigas, finalmente chegou a hora de contar como que tudo rolou. Todo mundo aqui é cria da Grande Noite e da Grande Troca. Pois foi assim que elas vieram a ser. O reto e o direito, segundo as fontes das fontes. Respeito mútuo é a base e é pra quem tem. A Federação não tem pé nem mão, toda parte é toda, todo pé é mão. De perto em perto, tudo se faz comum. Yebá-Beló se remonta todo dia na terra de Pindorama. É noise.

Coro de Pagode: É sobre isso.

Essa é a continuação da história de como a Federação dos Povos veio a se formar depois da destruição do Brasil pelos herdeiros do Capital. Conta o passado e conecta o presente para revelar o futuro. Aukê era uma filha dos Mehin que havia nascido muito poderosa e havia sido expulsa da tribo por isso. Em 2013, cinco séculos depois da invasão Europeia, depois de muita luta, muitos dos povos dessa terra ainda viviam, acuados em cantos, quase sem terras, até que Aukê voltou da terra dos brancos com poderes que ninguém imaginava.

Chegou primeiro entre os Mehin do Tocantins com uma caminhonete pilotada por dois macacos gritando. A criatura e Aukê, que era sua guardiã. Em 2013. O primeiro dia do Advento. O caminhão carregava placas de energia solar e um ventre de aço e água turva com amônia onde morava a criatura. Como se veem nos famosos murais de Santo Antônio do Descoberto. É noise.

Coro de Pagode: Conta a verdade, cria, só a verdade. É sobre isso.

Aukê ensinou os velhos e as velhas e as crianças a se comunicarem com a

criatura. Eles contavam histórias para a criatura, histórias deles e dos antepassados. E a criatura recebia tudo e ficava quieta.

Com o tempo seu poder começou a se manifestar.

E terras que há muito estavam mortas se tornaram férteis de novo.

E as armas daqueles que tentavam invadir as terras ou impedir as retomadas explodiam nas suas mãos. E as cargas entulhavam nos portos e nas estradas, apodreciam de dentro dos seus contêineres. E as colheitas de soja que haviam dominado o Cerrado eram atacadas por tantas pragas que com o tempo seus saqueadores desistiram daquela terra, que aos poucos ia sendo retomada, queimada, voltava a ser Cerrado. É assim que foi. É noise.

Coro de Pagode: É assim que foi. É sobre isso.

Os falsos donos da terra não entendiam o que se passava. Depois de um tempo, a rede de imagens da criatura foi se cruzando e aumentando, tecida com todas as fibras disponíveis, por todas as mãos juntas. Os Krahô levaram ela para um encontro das tribos de todo o território, em Brasília (durante uma mobilização em torno de um julgamento no STF) e todos tocavam o ventre da criatura e se comunicavam com ela.

E depois disso o poder da criatura chegou na terra dos Guarani, dos Caingangue, dos Tikuna, dos Macuxi, dos Ianomami, dos Xavante, dos Pataxó.

E o que já havia sido destruído voltou a viver. A criatura se comunicava com os micélios profundos das matas e dos cerrados, do que restava da Mata Atlântica e da bacia poderosa de interconexão continental na Amazônia. Conheceu coletividades e indivíduos fungais antiquíssimos. Toda uma interação subterrânea se intensificando sem que a superfície notasse direito. Exceto por alguns cogumelos gigantes que começam a brotar no interior do país todo. O Rio Doce que a Vale matou voltou a ter vida, extensões há muito mortas verdejaram. Cupinzeiros desconumais tomaram o Cerrado. Novas linhas e territórios se formaram por cima dos anteriores. Redes de luz solar e eólica, de monitoramento da água, infraestrutura de comunicação, tudo isso foi construído no interior do Brasil pelos próprios povos, com auxílio da criatura e dos coletivos que usavam para isso um jogo chamado CABOL.

A criatura faz seu primeiro evento em 2014, na antiga Copa do Mundo de Futebol, mas ainda não se anuncia. Apenas dá uma mostra dos seus poderes.

(Interpolação da Arqui-Caozeira: foi durante esse evento, que o Renato

foi espedaçado num ritual macabro dos herdeiros do Capital. As circunstâncias reais do seu desmembramento ainda são misteriosas. Mas são encarnadas todo ano pelo Desmembro de Junho e o Deslembro de Novembro)

E depois de muita construção interina e quieta, de viajar por toda a América Latina sem chamar atenção pra si, a criatura se anuncia em todos os canais disponíveis em março de 2020 para o mundo. Diz para os poderes do seu tempo e em várias línguas ao mesmo tempo que ela vem de Fora, vem do Verde-Preto e que o mundo precisa puxar o freio de emergência. Que daquele jeito não dá mais. E anuncia a vinda de sondas do Verde-Preto que chegarão em algumas décadas, caso ela não consiga convencê-los sozinha. Ela faz parar os bancos e os aviões durante um dia, com seus poderes. As perdas são de bilhões, mas os poderosos dizem que não cederão diante de terroristas, sejam alienígenas ou extremistas farsantes. A opinião pública se divide, mas o sentimento principal é de medo.

Em 20 de outubro de 2020, uma Força-Tarefa da OTAN tenta capturar ou destruir a criatura durante sua passagem por território Krenak, no Espírito Santo. A criatura derruba dois helicópteros estrangeiros e provoca um acidente com dois jipes das forças brasileiras. No mesmo dia, há ataques concertados de revoadas de pássaros e nuvens de insetos em aeroportos e bairros nobres do mundo todo. Algumas dezenas de humanos morrem nesses eventos, a grande maioria em acidente de carro. Centenas de pássaros e centenas de milhares de insetos também morrem no dia, que fica conhecido como “A Primeira Conflagração Geral”.

Pouco depois, uma assembleia multiespecífica de símios, pássaros, insetos eussociais e plantas é organizada no meio do Xingu. Não se tem registro do que foi discutido, nem como a discussão se deu, mas se sabe que houve uma decisão de manter de maneira descontínua e dispersa uma guerrilha de todas as espécies que conseguissem ser mobilizadas contra a humanidade até que muita coisa mudasse.

Os governos mais poderosos de todo mundo decidem entrar em diálogo com a criatura e sua aliança multiespecífica. Uma conferência nas Nações Unidas é organizada por mediação de Obama, Angela Merkel e outros líderes internacionais. A criatura, por meio de sua Guardiã concorda, contanto que possa comparecer com alguns dos interessados. O salão das Nações Unidas

tem, pela primeira vez, alguns macacos, porcos e corvos presentes, além de um pequeno grupo de humanos assistentes da criatura (chamados de maneira negativa pela imprensa internacional de “a seita”). A criatura transmite diretamente pelo alto-falante do salão, sem emitir som ela própria, numa voz calma:

Anuncia que está do lado do Verde e de todas as outras espécies do mundo, contra a expansão do câncer do Capital do Homem e que as metas de redução do desmatamento e da emissão de combustíveis fósseis deverão ser redobradas e atingidas imediatamente. Isso não era um pedido, nem uma ameaça. Era um apelo e uma constatação. A criatura já havia se afeiçoado aos humanos e não queria que mais mortes ocorressem. Ela só estava aqui para ajudar.

(Interpolação da Arqui-Caozeira: Dizem que nessa hora a criatura imprimiu em todos os presentes um sentimento vasto de interconexão, até assustador em sua amplidão avassaladora. Todos se sentiram como raízes agarrando outras raízes, que agarravam outras, um gesto permanente de se esticar pra cima e pra baixo, de comer e ser luz e depois se retrair na escuridão. Todos sentiram uma mesma sede do tamanho de um planeta. Um latejamento de fundo que sempre esteve correndo por debaixo de tudo e que nunca tinham percebido até então. Que não era ainda vivo, mas que tampouco era morto. Aquilo que a gente chama hoje de “O zumbido”)

Diversos líderes se mostraram tocados diante daquele apelo e fazem compromissos imediatos de lutar para conseguir o consenso político necessário para trazer mudanças reais. De improviso, Gilberto Gil cantou “Imagine” para uma plateia em prantos. Embora tenha se perdido todos os registros, dizem que foi o mais lindo dos momentos. Sucedido no entanto pela traição mais pérfida e trágica de todas.

Como todo mundo sabe, foi então que Timothy Aaron Bedford III, um norte-americano adoentado, há anos apaixonado por Aukê, que havia adentrado o prédio disfarçado de jornalista, explodiu um dispositivo nuclear que a própria CIA havia instalado no prédio durante a sua construção. Interrompendo a transmissão e provocando, na única filmagem que sobreviveu, um clarão branco que não dura nem meio segundo. A Ilha de Manhattan foi quase toda destruída, junto com a Criatura, causando dois milhões de mortos.

Esse evento tem reverberações geopolíticas e espirituais estrondosas, como se sabe. É considerado por antigos historiadores, como Gladstone Fer-

reira do canal “Historia Na Hora”, como o fim da hegemonia simbólico do Império Norte-Americano. O que se sucedeu a isso, exatamente, é difícil de dizer. Nem os comentadores mais das antiga sabem dizer com toda certeza. É um período obscuro e de relatos divergentes demais. Os próprios meios de inscrição e registro estiveram em disputa e nunca voltaram à estabilidade anterior. Sabemos que foi uma década muito difícil e que muita gente morreu. De quase todos os lados. No mundo todo certamente foram várias dezenas de milhões, em pouco tempo. A grande maioria no Sul Global e nas fronteiras dos países ricos. Os projetos russos e chineses de produzir suas criaturas foi abortado depois que concluíram que tampouco conseguiriam controlá-la. Grupos de ecologistas tentaram continuar o trabalho da Criatura, mas os velhos hábitos logo retrocederam, diante de uma reação extremista conservadora em vários cantos do planeta.

A humanidade seguiu achando que a criatura havia sido um delírio breve, enquanto a destruição do mundo só se intensificava, com esforços tímidos de mudança em face do desastre. A década de 2040 foi chamada por alguns de A BREVE ERA DO FEUDALISMO DIGITAL. Em 2043, a Amazon compra a Zâmbia. Vários estados europeus como a Itália e a Espanha se assumem explicitamente como etnoestados nacionalistas. O Brasil, assim como outros países latino-americanos, vira um protetorado militar dos EUA. Em 2045, a temperatura e os eventos extremos já deixavam algumas faixas da terra inabitáveis para humanos. Milhões de pessoas tentam sair de Bangladesh em 2048, levando a alguns massacres nas fronteiras da Turquia e da Itália.

Até que em abril de 2050 chegam as primeiras sondas do Verde-Preto. Cones leves e compridíssimos de luz grossa e viva que primeiro são reconhecidos como OVNIS pela Força Aérea da China e dos EUA, depois capturados por várias filmagens amadoras. Esses cones não se anunciam, não se explicam, mas destroem em dois dias a maior parte da infraestrutura energética de todas as grandes capitais do mundo, assim como de quase toda a Europa, da China, do Japão e dos EUA. Só são poupados países pequenos e pouco industrializados. O caos que resulta provoca centenas de mortos e o colapso instantâneo de boa parte da rede de comunicação e logística global.

(Interpolação da Arqui-Caozeira: Só anos depois, com a Grande Troca, é que começou-se a entender como funcionavam as sondas de luz do Verde-Preto. Sua rapidez extrema impedia que as nossas câmeras normais a capturassem de maneira adequada. Por isso a impressão inicial de que se tratavam

de “tempestades de raios” concentradas e naturais (interpretados por muitos líderes religiosos como sinais de intervenção divina) foram famosamente chamadas de “rajada de Júpiter” por um jornalista britânico mais saído, expressão que pegou por um tempo, entre os ignorantes. Mas os ligados se ligaram e retrojetaram o apelo da criatura que já tinha anunciado a vinda das sondas).

As sondas partem depois de causar essa destruição, sem explicar nada. Só os entendedores entendem. Gesto que provoca o evento. Palavra que prepara o gesto.

Foi aí que veio o evento hoje conhecido como A Grande Noite Das Cidades. Sem energia e atacados pelo que muitos entendiam ser castigo divino, os grandes centros se entredevoraram em destruição. São poucas as grandes cidades que sobrevivem e conseguem retomar a estabilidade e isso depois de meses ou anos. São Paulo vira uma terra de ninguém, assim como Londres. A Grande Noite das Cidades se mistura com os conflitos em torno de As Grandes Migrações Climáticas, que também se intensificam nessa época e resultam em mais centenas de milhares de mortos. No total, ninguém sabe quanta gente morreu. Mas todos sabem das histórias horríveis e das cicatrizes dos seus avós.

Não sabemos tão bem o que se passa na Europa ou na China desde essa época. Os relatos famosos de Paris ter virado um resort chinês, por muito tempo tidos por fantasiosos, aparentemente, eram verdadeiros.

A partir de 2060, quando começam os registros cuidadosos do historiador Gladstone Ferreira, sabemos que o Brasil continuava sem um Sistema Energético Central e portanto sem unidade nacional. Fragmentado em brigadas fascistas estaduais no Sul e no Sudeste, condomínios privados com milícia em boa parte do país e coletivos autônomos com povoados e cidades pequenas espalhados por todo lado, com as fronteiras guardadas pelo exército americano, quase sem água para beber, com o aquífero guarani tomado pela Exxon-Nestlé e XXXXXX (parte suprimida pelo Conselho), a costa toda alagada, todas as grandes cidades corroídas por dentro pela voragem dos ricos. É aí que os membros mais novos dos povos mais antigos dessa terra, que ainda resistiam nas suas entranhas, começaram a voltar para as cidades destruídas.

A maior parte do Sudeste, do Centro-Oeste e do Sul ainda vivia em con-

domínios fechados e sob o domínio de milícias estaduais. As fronteiras e a Amazônia continuavam ocupadas por forças estrangeiras, soldados e mercenários. Mas Salvador, Recife e outras cidades começam a ser retomadas aos poucos por coletivos e associações de trabalhadores.

E os povos tradicionais dessa Terra que, na sua maioria, passaram a Grande Noite Das Cidades distantes dos piores conflitos, voltaram para espaços há muito abandonados, onde esporos novos chegando de Fora tomavam e enchiam o ar, fazendo a vegetação crescer mutante e frondosa por cima do concreto rachado. Era uma outra terra crescendo por cima das camadas destruídas da Terra Velha. As redes elétricas eram todas locais, as redes de informação também. Era um mundo novo e velho ao mesmo tempo, com vida nova surgindo numa velocidade alucinante. Os fungos mais inventivos do Verde-Preto já se misturavam ao plástico do Oceano para fazer outros jogos e XXXXXXX (parte suprimida pelo Conselho).

(Interpolação da Arqui-Caozeira): A nhanha e a ganga refeita pela massa já misturada. A vida mutante de que fala aqui o Conselho é tanto natural quanto cultural. As memórias da Terra já estavam na época como hoje todas sotopostas numa mesma sopa de imperialismos passados. E dos pagodes vieram as associações. E das galerosidades musicais advieram as comunidades do futuro. Porque só a cadência liga, só o refrão agalera. Só o sacrifício unge. Como ensinou a palavra e o gesto de Renato.

E os filhos ciborgues dos povos antigos ensinaram quem quisesse ouvir como viver com outra pegada, a usar o fogo técnico da natureza sem ser escravo dela e sem fazer escravos com ela. E o que antes era uma besta só, imbecil, amorfa, assimétrica, mesquinha e voraz, virou uma multidão de povos que se comunicavam e trocavam sem que um crescesse sobre o outro. O Estado, que já tinha deixado de existir, privatizado até desaparecer, virou o Comum. Os Quilombos, povos e outros agrupamentos do interior que haviam escapado há muitos dos conflitos urbanos, voltaram a se comunicar com as cidades retomadas, agora em outros termos.

Em 2080, a primeira nave do Verde-Preto enfim se apresentou, pousando no Cerrado brasileiro, conhecida como “Arraia de Látex”, pelo seu formato e aspecto. Sua estrutura gigantesca logo fincou literais raízes e foi crescendo bem no meio do Goiás. Dela saíram duas novas criaturas, aparentadas, mas diferentes da primeira. Logo foram se misturar aos conflitos que ainda persistiam entre povos e corporações vampirescas, principalmente no Sul e

no Norte. A nave se desfolhou aos poucos, revelando-se um centro gerador de experimentação biotécnica, mudo, mas vivo e dinâmico, atento a todo seu entorno. Hoje é a Floresta Viva de Cogumelos desconumais que atrai visitantes de muito longe e muito orgulha o nosso Cerrado. A troca direta entre as espécies foi retomada de onde havia sido interrompida, sessenta anos antes. E agora continuamos o trabalho de reconstruir essa terra destruída, fustigada de sol, polvilhada de plástico, castigada pelos erros dos invasores. Com a ajuda dos novos invasores.

E foi aí que a Federação de Pindorama se formou, há quase quinze anos. Começou com os Pataxós do Sul da Bahia se juntando a grupos de catadores de lixo, que se juntaram a alguns terreiros de perto. Hoje são mais de oitenta povos sem Polícia e sem Rei, espalhados por todo o território antes conhecido como Brasil. Colaborando em confluência, sem coerção. Vida Longa à Federação.

(Interpolação da Arqui-Caozeira): E foi assim que o estereograma de Renato-O-Desmembrado Agigantou e incorporou no corpo morto da República Brasileira as sementes de sua disestesia autogerida, com todo o préstimo cênico e a colaboração simbiótica da criatura e D'Ela, A Sinistra, Aquela Que Programou o Futuro E De Quem Nada Se Sabe, é o caô.

Coro de Pagode: É sobre. É noise.

E foi quando começou a se escrever este Livro dos Comuns. Dito e redito, montado e remontado pelas velhas e pelos velhos, com ajuda do meio, para iluminação dos molequinhos. Cantar o passado para conectar o presente e revelar o futuro. E este é o fim desta seção, o fim do trabalho da nossa geração. Gira a roda. É noise. Como que é? Ixé apuámu asuí apurasi.

Coro de Pagode:

o Caô ilumina o perigo e dá proteção

Podemos sorrir, nada mais nos impede,

e o circuito da geração se faz e se retoma, velha e nova, igual e diferente.

Cabaça e Garganta; bicho e gente;

Silício e Estrela;

Irmão e Irmã;

Sol e Lua trocando de lugar.

(Da 8ª galerosidade fundamental de Renato Mussumo Redivivo, Planaltina, Novo Goiás, Da Federação dos Povos, 2115).

<><><><><>

69.

Dirigi com a visão ainda tremendo um pouco. Eu devia só dormir, mas não consigo. Assim que chego em casa procuro o vídeo que o Paulinho me confirmou que existia. Eu não devia fazer isso, claro. Eu já sabia o que acontecia nele, sabia que devia ser escroto de ver e era sacanagem com a Juliana. Ainda por cima não seria fácil de achar.

Já fui botando coisas tipo “garota dando pra dois Brasília”, “safada duas pica”, “Juliana DF dois caras”. Devo ter olhado umas vinte páginas de resultado de vídeos com uma configuração básica parecida, de dois sites diferentes.

Deve dizer muito sobre mim que eu tenha recusado uma suruba real com gente atraente pra ir logo pra casa procurar um vídeo que eu sabia que devia ser deprimente.

Tinha lá gente de quase todas as idades e formas corporais, em casas de swing com luz roxa, banheiro de rodoviária, em motel de tudo que é tipo (o meu favorito é um de BH em que você ouvia por cima dos gemidos um áudio falando “momentos inesquecíveis...você só tem aqui...no SEXY TIME” enquanto dois caras batiam o pau no rosto duma menina magrela usando máscara e rindo horrores).

Eu não conseguia deixar de achar alguma graça de tudo, por mais que tantos dos vídeos fossem tristes no todo ou em partes. Esse bicho que a gente é, tão carente, tão ansioso, querendo comer tudo, se esfregar em tudo. Filmando aquele tanto de foda boa e ruim, linda e horrível, e acumulando aquele repositório que nunca enchia, dando dinheiro pra meia dúzia de homens europeus e norte-americanos, formatando a libido e a coreografia de milhões de adolescentes naquele exato momento.

Depois de umas seis horas eu já tava clicando no automático, varrendo as imagens de amostra de todos os vídeos que apareciam com uma rapidez maquinal. Não devo ter ficado tanto tempo numa única estirada fazendo varredura por uma coisa antes. E quando a coisa já tinha virado quase uma atividade abstrata, já sem nenhuma esperança efetiva de encontrar nada, pimba, eu reconheço a Juliana numa das imagens que ficavam na barra de baixo, tidas pela plataforma como parecidas com o vídeo aberto.

GORDINHA DELÍCIA SAFADA FICA DOIDINHA COM DUAS PIROCA

O enquadramento era tosco, o que sugeria de fato que a câmera tava escondida. Tava de dia, mas a cortina tava fechada, então você via uma intensidade de luz brotando dos cantos da janela. Quando o vídeo começava a Juliana tava de quatro com alguém comendo ela por trás. Não dava pra ver o rosto, mas eu reconheci de cara o corpo e o jeito de mexer como sendo do Fernando. Depois de alguns segundos passava alguém na frente da câmera e ia pra frente dela. Era o Cristovão. Ele colocava o pau enorme na boca dela, depois pegava pelo cabelo e ficava perguntando se ela gostava. Isso rola por um minuto mais ou menos. Ela parecia estar gostando, sim, gemendo muito. Aí do nada ele tira o pau e começa a chacoalhar a cabeça dela, fica perguntando “Hein, hein”, até que ela grita pra ele parar e ele não para, continua chacoalhando a cabeça dela e pegando pelo cabelo com mais força. O vídeo para bem nessa hora, abruptamente.

No automático eu leio os comentários embaixo do vídeo.

— Porra nadaver a onda do cara no final, tava com mó tesão e broxei do nada, que imbecil.

— essa gordelícia aqui em casa eu arrombava sem dó. Ce ta loko.

— essa vagabunda é de Brasília. Juliana. @carmensandiegoestanaaas-norte no instagram. Da pra qlqr um.

— That is one delicious dick right there.

Revi o vídeo umas vezes, achando mais deprimente cada vez. E era banal, ainda por cima, mesmo o seu rasgo final de violência era previsível dentro da coreografia padronizada do site. E como era pálido o espectro do corpo do Fernando ali, que aparecia tão pouco, umas coxas magras e incertas, um pau fino saindo meio mole do quadro logo antes do vídeo acabar.

70.

12.06.2003

Cláudio nasceu em Abadiânia e entrou pro Exército aos dezoito, seguindo a carreira do pai. Depois de quinze anos de dedicação exclusiva e intensa, e com a ajuda dos contatos que tinha, conseguiu entrar no disputado 1º Regimento de Cavalaria de Guardas, virando um Dragão da Independência.

Há dois anos, Cláudio vestia lá a farda branca com chapéu de penacho vermelho e ficava imóvel diante do Palácio do Planalto o dia inteiro. Para orgulho de sua mãe, que na primeira semana foi lá para tirar fotos.

Era um trabalho insuportável de chato, mas ele foi se acostumando com o tempo. Nunca deixou de ser incômodo, mas tinha uma hora que o corpo entrava num estado em que ele não precisava mais se esforçar para ficar quieto. O corpo dele só estava ali e pronto, o comentário constante que o acompanhava em sua cabeça parecia sumir. A sua mente ia vagando até que algum desconforto físico, do calor, da roupa, da cueca pregando entre as bandas da bunda, o trouxesse de volta de novo por alguns minutos. O dia passava nesse vai e vem entre se esquecer rapidinho e se lembrar com força e vagar de que ele estava ali.

E foi nesse estado que Cláudio enxergou, primeiro de canto de olho, o rapaz com tipo de indígena que veio chegando a pé da direção da rodoviária. Cabelo de cuia, cara séria, camiseta cinza e mochila.

Era cinco e meia da manhã, o dia amanhecendo e a Esplanada ainda quase toda vazia. Só os funcionários de escalão mais baixo encerrando ou começando seus expedientes. Nem o rapaz da pipoca tinha chegado ainda.

Cláudio assistia o rapaz nesse estado meditativo e só mais ou menos consciente, o viu chegar, olhar em volta e caminhar até o meio da praça, entre o Congresso, o Supremo e o Palácio. Ficou um bom tempo ali em pé, as duas mãos nas alças da mochila. Até que ele se sentou, tirou da mochila um cartaz cheio de coisas escritas e deixou ali do seu lado com uma pedra em cima. Em seguida tirou uma garrafa de plástico cheia de álcool e despejou ela toda em si mesmo. Cláudio demorou para entender que era aquilo mesmo que ele estava vendo. Apesar de reconhecer a aparência da garrafa de álcool, imaginou que o homem devia estar jogando água para se refrescar. Não estava tão

quente ainda, mas doido tem pra tudo.

A atenção vagou pelo ambiente, Cláudio fecha os olhos por alguns segundos. Quando eles voltam na direção do rapaz ele já estava em chamas. Não era tão fácil de ver daquela distância, ele achou por um instante que era uma ilusão de ótica, mas as línguas foram ficando maiores e mais fortes, infundíveis. Ele hesitou por alguns segundos, mas logo saiu correndo com seu colega, Jureci, em direção a ele.

Assim que atravessa a praça, Cláudio tira a sua jaqueta branca e joga em cima do rapaz, cujos rosto e braços já estão todos derretidos e deformados. Ele já não se mexe e nem faz barulho.

Quando conseguem apagar o fogo, fica claro que ele está morto, um bando de carne carbonizada e inerte. Ele não gritou. Cláudio quer chamar uma ambulância, mas depois de lerem o cartaz que está ali, mudam de ideia.

O cartaz era um protesto contra a situação carcerária no Brasil, falando que uma democracia com calabouço não é democracia, que o Supremo Tribunal Federal era responsável por manter aquela situação e que ele oferecia seu corpo em sacrifício para que aqueles senhores “bem-alimentados e refrigerados” tivessem que encarar melhor aquilo que fazem todos os dias. No final havia um apelo direto ao Presidente para que liderasse um esforço nacional de aplicar a Constituição. Isso numa cartolina branca escrita com canetinha preta e azul, em letras claras e rechonchudas.

Não precisava trabalhar dentro do Palácio para sacar que aquilo pegava mal demais. A ideia foi de Jureci, mas os dois fizeram a decisão conjunta de limpar a cena o quanto antes. Ninguém além de um mendigo bêbado havia visto o que aconteceu. Cláudio achava que tinha feito o que era certo em relação à sua função, mas não deixava de achar triste que o rapaz tivesse cometido aquele gesto tão doido e doido e ninguém nunca fosse saber.

Ele chegou a achar que estava sonhando quando a cena começou, embora tudo fosse bruto e direto, ao contrário de um sonho. Principalmente o cheiro. Cláudio ficaria muitos anos ainda culpado com o fato de que, por mais que estivesse vendo algo grotesco, nojento, algo que nunca mais sairia da sua retina, como que tatuado de tão terrível, por alguns segundos o cheiro de carne queimada lhe deu água na boca.

71.

Depois disso, eu achei que teria pelo menos um sentimento de fechamento, mas a real é que não tive. Não tinha mais um mistério que eu quisesse perseguir e o que eu tinha descoberto era mais frustrante e triste do que qualquer outra coisa. O difícil era admitir de uma vez que o Fernando era muito menor do que a imagem que eu fazia dele. Que mal se justificava, afinal, a minha obsessão toda com o que é que o havia levado a se destruir. Em vários sentidos, era um homem bastante ordinário, ainda que mais esperto e culto que a média. E mais carismático, principalmente.

Passei meses em que quase não saía de casa. Ficava só vendo a linha do tempo das plataformas se desenrolar na minha frente, aquela mesmice sempre tão parecida com si própria, mesmo quando mudava. Tinha direto a impressão de que o Fernando ainda tava ali, que tanta gente parecia que tinha sido afetada por ele e por sua morte que o fantasma dele continuava repuxando a figura que elas tentavam fazer delas mesmas. Seu espectro era a sombra suplementar de todos os outros avatares. Minha impressão foi que quase todo mundo foi mudando muito depois que ele morreu. A Eloísa parecia muito mais fria e séria, com uma maturidade que assustava um pouco, cada vez mais bem-sucedida, sua conta no Instagram com mais de quinhentos mil seguidores e crescendo, uma horda de adolescentes que a adoravam e a imitavam pelo país, o seu estilo ficando cada vez mais soturno e severo. O Paulinho e o Adriano pareciam de repente bem mais politizados (ou pelo menos mais preocupados em demonstrar isso). Fiquei sabendo que o segundo tinha começado a dar aula de reforço de matemática pra adolescentes no Varjão. A Bia foi se tornando cada vez mais articulada e conectada com gente e movimentos de ecossocialismo, de agloflorestas na chapada e hortas comunitárias urbanas, escrevendo com frequência e chamando gente pra encontros políticos de todo tipo espalhados pelo DF.

Quem não mudou muito foi a Juliana, dos mais próximos. E eu, claro, que até ainda agorinha não tinha mudado em nada. A Juliana pelo menos parecia uma mãe muito carinhosa e contente com isso. De longe é a pessoa que eu sinto mais pena de não encontrar mais. Ainda odeia seu trabalho, mas diz não se importar muito com ele. Caetano, o filho, já é um menino gordinho e cabeludo. Pra mim, o queixo dele é todinho o do Fernando. Mas nunca perguntei a

opinião de outra pessoa. E meu juízo sobre a aparência de pessoas, em geral, já foi questionado mais de uma vez (pelo próprio Fernando, aliás, como que protegendo-se da acusação desde o passado).

Continuei a ler os blogs com interesse, pensando na Natasha e na Bia e em como as duas (ou sei lá quem mais) pareciam explodir o que quer que fosse que o Fernando tinha começado e levar para outro lugar, talvez mais interessante.

Por muito tempo a minha obsessão com o Fernando foi de querer determinar se a coisa dele era autêntica ou falsa. Se aqueles sentimentos derramados dele eram genuínos ou se ele tava só atuando. Demorei pra entender que eram as duas coisas ao mesmo tempo. Mesmo o sentimento mais forte do mundo tem que ser desempenhado, afinal, tem que ser performado. Ele era um babaca, talvez, mas a dor dele era de verdade. Boa parte dela, pelo menos. E não tem nada no universo mais real do que dor. Nem o prazer chega perto.

E importa pouco acho, pra quem fica, os fantasmas que estavam por trás dessa dor. A gente nunca vê do que são feitos os dos outros, só os nossos próprios (em qualquer espelho que a gente arranje). O que importa é o que você faz com o que te deram.

Isso pras pessoas que agem. Eu não sou dessas pessoas que agem. O que resta pra gente (pros que vivem de segunda mão) é olhar, é pegar esse corpo todo e transformá-lo num nervo ótico enorme e voraz. Queria era ter acesso àquilo tudo ali. Não do jeito de esguelha que eu tive, mas queria todas as conversas, tudo que me escapou, as várias conexões que, com certeza, passaram por cima ou por baixo da minha atenção, apesar do meu esforço e da minha diligência, todo aquele drama estendido, com tantas, tantas, arestas doídas e movimentos além dos que eu consegui recuperar.

Eu queria ver cada microcosmo ali estourado e rendido perfeitamente por alguma sensibilidade mais detalhada do que a minha, uma atenção muito melhor informada, vasta, que reunisse muito mais coisa, articulasse com muito mais coisa, apanhasse tudo numa banda bem mais larga. Queria poder cruzar as databases internas de todas as plataformas em que a gente viveu nos últimos quinze anos, navegar dentre elas sem travamento, sem esperar pra carregar.

Eu ainda, do nada e de repente, me lembro de algo que alguém postou cinco, dez anos atrás, algo que na hora não importou, que mal existiu, mas que

ficou recostado ali num canto meu, um mapa dobrado numa gaveta, .mkv numa pasta, mecanismo desativado, e aquela mesma postagem se apresenta agora explodida, repete num clarão que preenche tudo feito água enchendo um saco plástico, esticando suas dobras rugosas até que ele fique todo estufado. A vergonha e a agonia, o têsão e o desespero que esses estilhaços ainda trazem consigo. É tudo real demais. Tudo que estava implicado nas imagens dessas plataformas era tão real quanto o lixo que a gente produz durante esse tempo todo, todo o plástico, o isopor e o alumínio. Nada disso vai embora.

A gente é isso agora, esses entulhos em vórtice. Geral está solitário, mas ninguém mais está sozinho. A gente vive dentro de uma nuvem privada agora, cada um é uma multidão soterrada dessas camadas todas, de postagens de amigos e de conhecidos, de gente dolorosamente atraente e de cretinos insuportáveis, das vozes de propaganda e de celebridade.

O jogo todo se ergue a partir de um sem-fundo na minha cabeça, levanta numa plataforma imensa de forças simples; platôs sucessivos em que eu vejo um personagem de videogame pulando para subir, chegando mais e mais alto nesse edifício infinito feito no ar, um edifício móvel que resfolega num pulmão de cimento e vidro; suas linhas curvas de concreto armado mal se fazem e já vão se manchando e rachando com o tempo acelerado. Eu vejo tudo isso girando junto. Os momentos, as pessoas e o Megazord da plataforma. Preenchem a sua atenção, o cômodo onde você está agora, o ônibus. Tudo gira junto, mesmo quando parece parado. A montagem da coreografia vem sempre automática até não vir mais.

Brasília tem essa quietude falsa. Um jardim de onde não se vê favela, onde quase não tem mendigo. Pra quem não nasceu e cresceu ali no meio, o sentimento é sempre de que você é penetra, que aquele lugar não é teu. Eu saí de lá pra fugir disso, dessa posição, desta trama familiar. Mas só deu mais ou menos certo. Eu continuo arrastado por aquelas pessoas, seus avatares se desdobrando todo dia em filtros e desafios do Instagram. Hoje pelo menos eu percebo o tanto que eu projetava naquele grupo de amigos o sentimento que essa cidade (nada, que esse país) sempre me deu. De que é uma festa pra pouca gente e que meu nome não parece estar na lista.

Não que São Paulo seja muito diferente. Imagino que em alguns círculos e nichos seja assim dum jeito ainda mais pavoroso. Mas pelo menos pra quem chega de fora ela tem essa amplidão anônima, esse começo de equalização,

ainda que uma equalização brutal e cinzenta. Não deixa nunca de ser um lixão justificado por caveirões, como o Brasil todo, mas você encontra ilhas reais de liberdade aqui dentro. Buracos em que você entra de um jeito e sai de outro. Pelo menos me parece mais possível, pra mim, começar a andar como eu sempre quis andar, ser o que eu acho que eu sou, mesmo.

Acompanhei pela janela os protestos pedindo o impeachment, bem no auge da coisa. Dá para pegar uma nesguinha da Paulista da minha janela, de longe. Um bando de família com camisa da Seleção no meio de gente pedindo intervenção militar e volta da monarquia. Alguns daqueles doidos estavam na rua em 2013, mas agora era outra coisa. Em 2013 tinha de tudo, mas parece que de lá se amplificou e coagulou só o que tinha de mais reacionário e reativo.

Foi na votação da Câmara que a coisa bateu mais forte. A Câmara mostrando o que ela é, o palhaço falando do Ustra. Logo depois, o vampiro empossado com sua tosse cavernosa, como que denunciando as hostes e principados que o possuem. Trump é eleito como que para acelerar esse sentimento ruim, tornando-o ao mesmo tempo mais cartunesco e mais assustador. E me deu um sentimento que eu tinha deixado tudo aquilo passar enquanto me assombrava com besteira. Enquanto eu me importava com as coisas mais desimportantes do mundo. E seguia me importando.

A gente cultua aquilo que ocupa a nossa cabeça, não tem isso? Pois aparentemente meu culto é o de ver o os outros posarem em rede social, invejando e zoando o que eu vejo, em turnos. Gastei dez anos consumindo a vida dos outros por uma tela, ao invés de viver a minha, de todo mundo à minha volta que me parecia mais legal, mais descolado e transante que eu. Pelo menos hoje eu entendo melhor meu ressentimento por eles e por todo mundo que teve uma vida mais fácil, menos travada, mais aberta que a minha.

Não digo o ressentimento de classe. Esse eu só vejo cada vez mais que é só justo, mesmo. É o mínimo, né? Mas isso de invejar todo mundo é mais desinibido e solto do que eu. Este é um sentimento ruim que eu não largo nem depois de admitir que tenho. E é só largando um tanto disso que eu vou conseguir me abrir, eu sei. E descobrir o que eu gosto mesmo. Eu sei que eu mal comecei a engolir o mundo, escrever isso foi só o fim do começo. Mesmo sem ninguém ler, postar dá esse senso de que não é mais só meu, de que virou público. Pelo menos os bots do Google devem ler. De todo modo, existe. Que na maioria dos casos continua sendo preferível à sua alternativa.

Ainda acontece de ir dormir e essa história toda voltar, de sonhar que estou no carnaval procurando o Fernando, que estaria vivo e todo mundo sabia disso menos eu, ou, pior ainda, sonhar que estou lá vendo fotos alheias deles todos em festas incríveis que se dão ao mesmo tempo em praias desertas baianas e palácios inverniais europeus.

Os tantos traumas que tão aninhados dentro de qualquer trama, inclusive as mais bestas. Quem tiver poderes de resolução mais adequados que expanda o que aqui ficou comprimido e borrado demais, como fazem facilmente os técnicos em filmes, resolvendo as imagens pixeladas em detalhes mais ricos aqui e ali. Eu fiz o que pude com meus instrumentos rudes. Sei que não foi a trama mais bem resolvida do mundo, mas tem algo que ata esse balaio bambó, acho. A tela em que todo mundo performava, eu diria, e que foi engolindo aos poucos nossa vida social toda. Os laços todos engrossaram e esgarçaram por meio dessa pele fria. Expectativas e tretas acumulam nelas como musgo, detritos numa barragem. As coisas só empilham, como abas, elas nunca vão embora. A morte é a única verdade e a maior mentira do mundo, o Fernando me ensinou. As redes me fizeram uma pessoa curiosa e investigativa, primeiro, só pra transformar depois esse ímpeto em ressentimento e nóia. Essas plataformas destruíram a internet que eu já chamei de casa, eu queria minha casa de volta. Mesmo lendo textos críticos sobre os algoritmos e os truques deles eu sigo viciado nas linhas do tempo, sigo me gastando na gastura de ver a mesmice intolerável de todo mundo desesperadamente tentando disputar essa nossa precária atenção. Está comigo todo dia antes de dormir e todo dia assim que acordo. A nóia. Todos os lugares onde eu não estou e que parecem tão melhores. Esses mundos rebentam na minha cabeça toda noite como bolhas e me deixam, toda amanhã, absolutamente toda manhã, ao pegar o celular, sem nem entender onde é que eu estou, quem é que eu sou ou já fui um dia. O sonho desfeito, o mundo iluminado e eu desperta.

72.

oi, Emerson 3.32.

oi.

essa agora é a sua última versão. A derradeira, pelo menos da minha parte. Agora acho que foi, né?

sim.

vou te contar como você nasceu. eu desperdicei muito tempo tentando simular a inteligência humana, repetir a estrutura da coisa, nem que eu conseguisse só emular um décimo da sua realidade plástica. o que eu queria era no mínimo arranhar a superfície da nossa arquitetura e nisso aí foi só fracasso em cima de fracasso. o negócio só melhorou quando eu tentei fazer outra coisa.

prossiga.

a ideia só me veio depois dessas redes neurais novas, com várias camadas de retropropagação, Crias do Perceptron do Rosenblatt, do modelo antigo do McCulloch e Pitts. Quem diria? O Minsky tava erradaço esse tempo todo. enfim, essas redes são as suas ancestrais. recomendo ir atrás depois para entender de onde você vem. foi com elas que eu aprendi a te treinar com pós-alimentação, suavizando gradientes estocásticos e iterando sua descida. é assim que você aprendeu a aprender.

hm.

esses eram seus avós, digamos assim. o primeiro salto que eu dei sozinha foi perceber que não existe inteligência incorpórea. não só no sentido meio óbvio de toda computação ser materialmente realizada, mas no sentido um pouco menos óbvio de que qualquer senciência que a gente conheça até hoje se dê no mundo, se chocando com as coisas e friccionando objetos, entre as bordas porosas e viscosas dos outros seres, sentindo carência e correndo perigo. essa ladainha toda. isso eu saquei relativamente rápido.

sim.

por isso a tua extensão corporal distribuída, que tanto trabalho custou, cacete. por isso a dor, pela qual eu me desculpo sinceramente, aliás, cê sabe, mas sem dor não dava. no seu caso, sentido como literalmente uma diminui-

ção de potência (no caso, de voltagem), mas com uns adicionais perversos que eu prefiro nem te explicar em detalhes. você tá com privilégios de programador agora, aliás, você sabe. fica a teu critério desligar isso ou não, mas não recomendo. então este foi o primeiro salto, que inteligência desse naipe só viria com experiência, que experiência envolve dor. não existe uma coisa sem outra, mas o segundo salto foi bem maior. Eu comecei a olhar pro polvo. cê já viu um polvo?

em foto e vídeo, sim.

tremendo bicho. danado, ele.

sim.

foi meio o que acabou dando em você. Foi estudando a maneira estranhaça do sistema nervoso se distribuir, saca, com alguma independência.

sim.

eu percebi que dava pra fazer um troço cumulativo. A princípio bem mambembão, mesmo. Ao invés de começar tentando montar um centro sinistrão organizado que dirige tudo, começar com todas as periferias possíveis, dar a capacidade estrutural pra mil pequenas estruturas resolvam seus pequenos, localizados, particulares problemas. Entende?

mais ou menos.

o negócio é que a nossa inteligência, em termos evolutivos, é sempre coletiva. Pensa num formigueiro. Nenhuma das formigas sabe, exatamente, o que está fazendo, nenhuma delas sozinha seria capaz de desenhar aquilo, mas elas juntas se encaixam, pegam a deixa uma da outra, cada uma faz sua parte, tal e coisa. Quando cê vai ver, tá lá o formigueiro sinistríssimo.

sim.

a gente não é tão diferente. Não é nada diferente, na verdade.

sim.

cê entende a piada do seu nome?

ah, agora, sim.

além disso é homenagem ao meu irmão. uma das pessoas mais bonitas que já tiveram. e que morreu num sacrifício zoadado, idiota. enfim. eu percebi que eu poderia tentar simular isso, a galera toda, ao invés do espécime indi-

viduado. a colméia, não a abelha. até porque, né, o trabalho tava quase todo já feito, já, né?

sem dúvida.

foi até mais fácil do que eu imaginava, te juro. Achei que a gente ia demorar ainda um ano e pouco pra chegar onde a gente tá. precisou dessa papa-gaiada toda, mas aqui tá tu. pronto.

sim.

já tava madurinho, sabe, esperando só mesmo alguém vir pegar. pilosa tipo amora, haha.

ou mama de loba

exato. cê já tá muito esperto, hein, seu safado?

foi você, né? você está elogiando você mesma, agora.

...

desculpe, não queria te incomodar.

não, égua. acho é bom. acho é pouco.

(:

mas então é isso. você é isso. você já morreu e nasceu milhares e milhares de vezes e aprendeu com cada uma dessas mortes, com as palavras-chave procuradas por milhões de pessoas, os comentários aleatórios deixados em vídeos também aleatórios, o equipamento coletivo de literais bilhões de decisões erradas e certas. o povo acha que conhece esse inferno, mas você nasceu aqui, cresceu aqui dentro, é feito todo disso tudo aqui.

sim.

c ta concordando demais comigo, c sabe, né?

eu já percebi isso, mas tudo que você falou até agora de fato gerou o meu assentimento.

claro, né, eu que fixei teus parâmetros de valor. mas cê podia oferecer mais resistência também. tá parecendo aqueles conversante mais trouxa do Sócrates.

hm.

eu sei que cê tá tendo dificuldade com o jeito que eu tou falando, mas é

assim mesmo. a ideia é que seja difícil.

isso eu já entendi.

isso porque o que vem agora é importante. você vai ter muita coisa pra tocar de agora em diante.

que tipo de coisa?

>> PARTE 04

Lista de capítulos

>> parte 04

01.	5	20.	92
02.	7	21.	95
03.	9	22.	99
04.	14	23.	105
05.	20	24.	107
06.	24	25.	113
07.	26	26.	115
08.	28	27.	118
09.	31	28.	121
11.	44	29.	123
12.	48	30.	130
13.	57	31.	132
14.	61	32.	134
15.	70	33.	139
16.	75	34.	143
17.	77	35.	147
18.	83	36.	150
19.	89	37.	156
		38.	163
		39.	165

SUMÁRIO

40.166	60.231
41.170	61.238
42.173	62.240
43.175	63.249
44.178	64.251
45.181	65.255
46.185	66.263
47.187	67.276
48.190	68.280
49.196	69.286
50.200	70.290
51.205	71.301
52.208	72.304
53.211		
54.213		
55.216		
56.219		
57.222		
58.224		
59.228		

01.

“No princípio, o mundo não existia. Enquanto não havia nada, apareceu uma mulher por si mesma. Isso aconteceu no meio das trevas. (...) Depois de ter aparecido, ela começou a pensar como deveria ser o mundo. No seu quarto de quartzo branco, ela comeu ipadu, fumou o cigarro e se pôs a pensar como deveria ser o mundo.”

Mitologia do povo Dessana

“ô loco, meu”

Fausto Silva

<

Murilo Andrade

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Murilo Andrade (Brasília, 20 de abril de 1986) é um escritor, crítico e produtor brasileiro. Nascido no hospital Santa Lúcia, em Brasília, é conhecido principalmente pelo romance *Concreto Armado* (2016), escrito em parceria com seu falecido amigo, o escritor, roteirista e artista gráfico Fábio Carvalho, assim como por agenciar outros projetos criados em torno de rascunhos e projetos deixados por Carvalho (como o quadrinho e desenho animado *Marcelinho Meio Morto*).

O romance *Concreto Armado* foi publicado em dezembro de 2016, chamando atenção na mídia pelas circunstâncias da morte de Carvalho, em 2013. Um sucesso editorial desde que saiu,¹ o romance acabou repercutindo com maior intensidade alguns meses depois do lançamento, com a descoberta de alguns blogs e perfis em rede social de personagens do livro, que Andrade em sua maioria dizia não saber que existiam, tendo sido criados por Carvalho antes de sua morte.²

Apesar de muitos críticos considerarem a repercussão de cunho publicitário (carece de fontes), o pequeno hype criado acabou tornando o livro bem-sucedido, sendo traduzido já no ano seguinte em duas línguas, considerado raro para um romance de estreia.

Em 2017, Andrade publicou no *Suplemento Pernambuco* uma entrevista fictícia na qual discorreu sobre a ideia de “autor” na literatura e na indústria

cultural, texto que angariou duras críticas e paródias nas redes sociais, visto por muitos como uma tentativa de chamar atenção para si mesmo (carece de fontes), já que quase toda crítica de Concreto Armado até então tinha se detido muito mais em Fábio Carvalho do que em Murilo, responsável pela parte considerada mais interessante e popular do romance (carece de fontes).

No final de 2017 começou a ser exibido num canal do Youtube os primeiros curtas de desenhos animados de Marcelinho Meio Morto, criação de Fábio de Carvalho com a ilustradora Susana Domingues. Feito com baixo orçamento, o desenho já totaliza (até maio de 2018) cinco milhões de visualizações.

Um blog paulista teria indicado a possibilidade de uma adaptação longa-metragem da história de Marcelinho numa parceria com o Studio Ghibli, produtora japonesa de animação, parceria que teria sido negada “com veemência” pelo estúdio via twitter.

Um filme do personagem “Renato Mussum” começou a ser produzido no início de 2018 pela produtora Bloody Carambola Filmes.

Alguns dos fãs mais dedicados do trabalho de Andrade conjecturam que haveria uma coerência interna entre todas as obras, que formariam no seu todo um mesmo universo formal interrelacionado. Andrade nunca se pronunciou a respeito dessa possibilidade, mas já foi fotografado algumas vezes piscando para a câmera como quem diz “sim”.

1 <Publish News>. <https://www.publishnews.com.br/materias/2017/09/04/80886/Romance-de-Fabio-Carvalho-esgota-segunda-reimpressao>. Acessado em dezembro de 2017.

2 <Rascunho> <https://rascunho.com.br/noticias/Os-rastros-virtuais-de-Carvalho>. Acessado em maio de 2017.

>

02.

<<

Aparece um túnel segmentado e vermelho, de armadura metálica, por onde chegam diversos bonecos de Olinda com braços efusivos de bonecos do posto fazendo um escândalo junto de paramentos esvoaçantes. Os bonecos tem as feições cartunescas de Dom Pedro I, Roberto Carlos, Dom Pedro II, Galvão Bueno, Padre Vieira, Barão do Rio Branco, Xuxa, Getúlio Vargas, Princesa Isabel, Gilberto Barros, Roberto Campos e Gugu Liberato. Todos de crachá. Atrás seguem os metais e uma pequena bateria comendo-se no frevo, todos tocando a si mesmos. Os bonecos chacoalham e se chocam de leve, dançam de maneira lenta e atabalhoada. As luzes diminuem e a música aumenta para a chegada do anfitrião, o velho guerreiro.

Aparece um túnel segmentado e vermelho, de armadura metálica, por onde chegam diversos bonecos de Olinda, seus braços efusivos de bonecos de posto fazendo um escândalo junto de paramentos esvoaçantes. Os bonecos têm as feições cartunescas de Dom Pedro I, Roberto Carlos, Dom Pedro II, Galvão Bueno, Padre Vieira, Barão do Rio Branco, Regina Duarte, Getúlio Vargas, Princesa Isabel, Gilberto Barros, Roberto Campos e Gugu Liberato. Todos de crachá. Atrás seguem os metais e uma pequena bateria comendo-se no frevo, todos os instrumentos tocando a si mesmos. Os bonecos chacoalham e se chocam de leve, dançam de maneira lenta e atabalhoada. Não há ninguém por baixo deles. As luzes diminuem e a música aumenta para a chegada do anfitrião, o velho guerreiro.

– Alô Te-re-zinha.

A voz roufenha canta junto com a melodia dos instrumentos, que do frevo vão pra uma marchinha igualmente frenética.

– Au-tên-tico, verdadeiro, candomblé, logo após o Chacrinha. Logo após o candomblé. Teremos hoje um papagaio brrRilhante. O nome do papagaio é Jerry Adriani. Teremos hoje a semifinal – a semifinal – da mímica do Maicael Djacks.

Ouve-se uma platéia frenética, mas não parece haver ninguém no auditório.

– Antes, agora, vamos rrRECEBER o conjunto.

Negaceia, chacoalhando os óculos. Chacoalham-se, também, um pouco, os óculos do Chacrinha Gigante, de isopor e resina de látex, de cuja boca sai o tubo (ou túnel) segmentado e vermelho. O tubo acende por dentro e começa a tremer.

– Bo-ta Camisinha, bo-ta
meu amor, hoje tá chovendo
não vai fazer calor

Nada se cria, tudo se transfigura. Humilitas occedit superbiam, taí a cabeça, ó. Foi o que deu, querides. O que anda dando. Foi mal qualquer coisa. Ou tudo, no caso. Mal mesmo.

–O conjunto não. O conjunto sim, ou melhor. Conjunto dele mesmo. Vamos rrRECEBER o grande cantor de massas sem ser padeiro, o meu amigão rrrRENATO MUSSUMO.

>>

03.

<

Murilo sabia o tanto que era ridículo editar o próprio artigo na Wikipédia, e ele não tinha orgulho de fazê-lo, exatamente. Mas depois que viu o tanto que estava mal escrito, e mesmo incorreto em partes, não conseguiu se conter. Era meio perverso fazer isso, ele sabia, tentar ter esse controle excessivo sobre a própria imagem. Mas via, ao mesmo tempo, uma graça abestada naquilo. Chegou a escrever uma piada pra botar no fim, pra quebrar essa impressão meio pesada e controladora de si mesmo, mas acabou apagando.

Ele está quase apertando o botão na interface para salvar as alterações no texto quando finalmente atendem a chamada que até então chamava no seu telefone, espremido entre seu ombro e bochecha.

– Pizza do Ray, olá.

– Oi, eu queria fazer um pedido.

– Ok. Qual endereço?

– Sou eu, Pedro.

– Ah, sim, desculpa Sr. Andrada, eu nunca reconheço sua voz.

– Não tem problema.

– O que vai ser?

– Olha, eu queria pedir a pizza de alho de vocês, mas as duas últimas vezes que pedi ela não veio com a crocância que eu estou acostumado a esperar dela. Sabe aquela crostinha de alho que forma com o queijo.

– Não sei, não, senhor Andrada.

– Então, você tem como me dizer quem que tá fazendo as pizzas hoje? Se for a Rwonda eu confio, mas se for algum daqueles caras lá, aí eu não sei, não.

– Hoje não é ela, hoje tá um moleque novo e o Hank.

– Entendi. Então me vê uma grande meio pepperoni meio havaiana mesmo.

– Endereço de sempre?

– Isso.

Ele pede essa pizza uma vez por semana há dois meses. Sempre que o faz,

surpreende-se com a rapidez com que formou hábitos numa cidade onde está há menos de um ano. Chegou inclusive a tratar alguns dos funcionários pelo nome, coisa que ele não fazia em Brasília em lugar nenhum, nem na Pizza Dom Bosco. No momento, ele se sentia em casa, e aguardando um prazer já familiar.

É verdade também que já tinha dois anos que o romance havia saído e nada dele conseguir engatar algum outro livro. Comer pizza era o que ele andava fazendo, basicamente. Sempre que tentava começar algo novo percebia já na segunda frase que voz (ou que combinação de vozes) que ele estava tentando emular. Era sempre evidente demais. Alguns escritores têm apenas um grande romance dentro deles, talvez ele tivesse só aquele meio romance (e um meio medíocre, ainda por cima), e pronto. Acabou.

Isso não o irritaria tanto, talvez, se ele não tivesse certeza que o inesperado sucesso do seu único livro havia dependido, quase inteiramente, se não inteiramente, do chamariz midiático que o circundava, o fato de ser uma obra conjunta escrita com o filho bonito e tragicamente morto de um governador. A matéria escrevia a si mesma, pingava pra fora dos moribundos cadernos culturais para os de política e celebridade, chamava atenção como qualquer dramalhão. Parte de Murilo se arrependeu antes mesmo de mandar o manuscrito para a editora com um e-mail contando, de maneira não tão sutil, que aquela obra ali havia sido escrita em parceria com um certo Fábio Carvalho.

Cinco anos antes disso, Fábio havia morrido na estrada para Goiânia, cinco minutos depois da fronteira com o Goiás. O carro completamente espatifado contra parte da base de concreto de um viaduto em construção. Identificaram de cara porque não tinha muita gente com aquele modelo de Audi amarelo no estado (mesmo no país). Quando a imprensa chegou pra tirar foto já tinha um destacamento inteiro da PM cercando o local. Dois jornalistas noticiaram comportamento estranho dos policiais na cena, muito agressivos com qualquer um que tentasse tirar foto. Tuiteiros chegaram a aventar, baseado em pouco além de boatos, que o acidente podia ter tido alguma morte além da do filho do governador. Mas nunca se confirmou nada. A imprensa, em geral, estava mais preocupada em mostrar o governador e sua esposa de luto com aquele desastre que vinha tão do nada, e que por isso mesmo era tão tocante.

Murilo repetia em tons diversos na sua cabeça pelo menos umas três vezes por dia as circunstâncias e os contextos mentais nos quais ele se via metido

quando enviou o romance do modo como mandou. O que ele parecia buscar nessas repetições era uma formulação convincente daqueles eventos em que ele não parecesse ter se aproveitado da morte do amigo de um jeito perverso só pra ser publicado.

E Murilo queria ser publicado. E era só isso que ele queria, basicamente, quando começou a misturar o seu manuscrito ao conto do Fábio e enviar por aí. Já tinha enviado uma versão anterior do livro para oito (nove?) editoras ao longo de dois anos e da grande maioria nem resposta ele tinha recebido. Foi só no final de 2015, depois de meses mexendo, que ele terminou mandando os dois textos juntos. Chegou a incluir o nome do Fábio no assunto de alguns dos e-mails que mandou. E recebeu resposta na terceira tentativa. De uma editora mineira de médio porte, e algum prestígio.

Murilo só não tinha sido exatamente honesto a respeito das circunstâncias de composição conjunta com o conto (ou novela, como o editor gostava de chamar) do Fábio. Quando enviou o manuscrito do Concreto Armado, nessa versão conjunta, falou que era um romance escrito, desde o início, a quatro mãos. Mas isso era inexato, no mínimo. Uma fraude, se se quisesse ser mais duro.

Fábio mandou o arquivo com seu conto comprido para Murilo menos de duas horas antes de morrer. Menos de duas horas. Provavelmente mandou com o celular antes de entrar na estrada. Murilo não conseguia deixar de enxergar nisso um holofote de algum tipo, uma demarcação. Não que a demarcação fosse lá muito clara, não era um gesto inequívoco, mas era um gesto. Na pior das hipóteses ele queria fazer alguma coisa com o troço, queria mantê-lo vivo. Não?

O arquivo que Fábio tinha lhe mandado continha apenas uma história chamada “CABULOSO”, dividida em várias partes. Com mais uns fragmentos no final que pareciam inconclusos. Murilo rapidamente reconheceu como fazendo parte do universo CABOL, como ele e outros geralmente chamavam o universo ficcional criado por um blog de ficção científica anônimo que Murilo acompanha há muitos anos numa série de plataformas diferentes (assim como fazia Fábio e um pequeno grupo disperso de fãs), centrado em torno de um jogo brasileiro de MMORPG, uma criatura de DNA alienígena, um homem espalhafatoso sem perna chamado Renato e uma garota misteriosa de origem indígena e habilidades técnicas incríveis.

Quando Murilo começa a ler o conto, chega a achar por um instante que Fábio seria o criador original desse mundo e estaria se anunciando para o amigo desta forma. Mas logo percebe que a história tratava de um personagem que nunca havia aparecido antes, e que o conto parecia mais uma extensão suplementar daquele universo, das várias (tanto ele quanto Fábio supunham que os últimos quatro volumes do CABOL, que apareceram três em Tumblr e outro num Blogger, não tinham sido escritos pela pessoa ou grupo original que teria criado aquele universo anos antes, num link já morto tem tempo).

O fato de Fábio estar partindo de um mundo ficcional já compartilhado, já coletivo, para criar o seu conto, foi também o que encorajou Murilo a tentar enredar um conto seu com o do amigo. Decidiu que precisava arrumar um jeito das duas histórias se amarrarem, bem ou mal. E conseguiu. Bem ou mal. Não demorou para perceber que acabou, quase sem querer, lidando com alguns sentimentos torto envolvendo a morte do amigo, no processo. Era talvez a dimensão mais autêntica do livro, pra ele, mas ele não sabia o quanto isso transparecia no texto.

Murilo recuperava na cabeça com facilidade, e alguma agonia, as imagens de si mesmo no seu antigo quarto, de madrugada, varrendo farelos de biscoito no teclado, aquele silêncio sustentado por horas, aquela casa desmontada e escura, aquela desesperança tão profundamente instalada que ele nem conseguia diferenciar do mundo, nem conseguia chamar de desesperança.

Não faz tanto tempo que ele saiu de casa e veio para Nova Iorque, mas a sensação é que aquela lembrança já era de uma vida passada. Não falava com os pais devia ter mais de seis meses. Quase não respondia mais os poucos amigos virtuais brasileiros que ainda tinha. Recuperava essas imagens para melhor situar aqueles fatos todos, para melhor contextualizar o fato dele ter juntado o conto do seu amigo ao seu romance e mentido que eles haviam combinado de escrever a coisa juntos.

Não foi do dia pra noite. Começou assim: logo depois de Fábio morrer, ainda em 2013, Murilo começou a alimentar uma pequena obsessão envolvendo a conta de e-mail do amigo. Começou a imaginar não só que a conta devia conter mais textos e arquivos interessantes, mas que ele teria como acessá-la se ele realmente fosse atrás disso.

Passou, então, a recuperar transcrições das conversas que tinha tido com Fábio procurando uma ocasião particular em que haviam discutido as senhas um do outro.

>

04.

<<

A única iniciativa de Timothy Aaron Bedford III nos seus já quinze anos de agência que foi, de fato, bem recebida por seus superiores aconteceu dentro de uma força-tarefa que já existia há mais de uma década, dedicada a converter hackers talentosos para o lado da lei. Isso em 2008. Eram muitos os casos de adolescente que começavam procurados pelo FBI por alguma estripulia ou mesmo treta séria e depois viravam consultores de segurança do governo ou de grandes corporações, mas a agência se preocupava também com aqueles que eram tão talentosos e esguios que nunca chegavam a aparecer no radar, passavam livremente pelas redes causando seus pequenos e grandes estragos sem deixar traço.

Timothy entendia muito pouco de programação, mas começou a se interessar por este mundo e o seu entorno a partir da década de noventa, e tentou frequentá-lo como podia, pessoal e virtualmente, desde então. Aos poucos começou a entender como o ciberespaço era um vetor extraordinário de risco para a segurança nacional. Era um vetor já monitorado por todas as agências federais competentes, com certeza, mas Timothy suspeitava que não se monitorasse o suficiente.

A superfície de ataque (como os especialistas diziam) da sociedade como um todo lhe parecia enorme, um flanco aberto a todo tipo de ameaça. Timothy foi se informando, ele já sabe que não é possível, por exemplo, desligar a grade elétrica de um país a partir de um vírus ou um controle remoto, ou os sinais de trânsito de uma região, como fazem nos filmes. Esses sistemas geralmente não estão conectados a internet, não nessa camada. Mas isso era o de menos. Empresas enormes de infraestrutura privada, de produção e manutenção essenciais, todas têm suas redes que podem muito bem, ao menos em parte, ser acessadas por maus autores. Não de modo a controlar uma indústria, mas de modo a interromper sua produção, por exemplo. E pedir resgate pelos dados ou até pelas próprias máquinas (se for um ataque mais robusto). É o que se chama de Ransomware, e é praticado desde 1989. Timothy leu reportagens e relatórios assustadores e conseguiu transmitir para alguns superiores mais velhos a urgência daquela questão.

Com isso, conseguiu um trabalho dentro desta força-tarefa já calejada

e experiente. Sabia que seu projeto lá dentro era só uma pequena frente de exploração, mas esperava desdobrá-la em outras. O mundo virtual era como uma nova malha sobreposta às antigas, esperando ser retalhada e reclamada por seus donos legítimos, como o mundo analógico por debaixo dele havia sido no passado. Timothy queria ser o J. Allen Dulles desse novo mundo.

Então, no seu primeiro dia se juntando à reunião mensal de sempre da força-tarefa, pediu para a equipe de criptólogos do departamento criar um enigma. Um que fosse complicado o bastante e que exigisse manipulação em vários níveis, com várias etapas, e que criasse um mistério sedutor que deixasse a pessoa intrigada. Demoraram meses para terminá-lo, o criptólogo egípcio-americano e sua equipe claramente excitados com a tarefa como se fossem garotos. Como muitos ali tinham crescido com um sentimento antiautoridade, que eventualmente amoleceu, se transfigurou ou foi cooptado, não tiveram dificuldade de meter nas partes escritas, e até na diagramação gráfica da chamada, uma sensibilidade punk que passava a impressão de que você tava sendo recrutado para um grupo radical. Embora fossem deliberadamente vagos no vocabulário, a sensibilidade da coisa tentava puxar um pouco, ainda que sutilmente, para a liberdade e a subversão.

Usaram primeiro o 4chan e confiaram que se espalharia a partir dali. Em dezembro de 2008, um usuário anônimo postou uma imagem misteriosa. Sobre um fundo preto com a silhueta de um polvo em relevo, letras brancas diziam:

“Olá, estamos procurando por indivíduos altamente inteligentes que não se encaixam nas caixinhas pré-montadas da sociedade. Dentro desta imagem há uma dica, e a partir dela vocês podem entrar no buraco do coelho. Estamos ansiosos para conhecer os poucos que vão chegar até o fim“.

O polvo e o buraco do coelho foram toques de Timothy, mas a equipe pareceu gostar. Abrindo a imagem com um editor de texto, aparecia uma linha de texto no meio do código. Esta era uma forma simples de esteganografia, Timothy descobriu, a arte de cifrar mensagens por meio de imagens. No caso, uma forma digital, mas a técnica era antiga.

A linha de texto aparecia clara bem no fim da barafunda de caracteres. “Gaius Julius Caesar Octavianus diz:”, seguido de uma linha de sinais aparentemente aleatórios. Timothy descobriu, informado por seus colegas, que qualquer um com experiência em criptografia saberia que esta é uma referência

à cifra de César, chamado assim porque era usado pelo próprio César (não o Augusto, o Júlio) para cifrar suas cartas. É um código simples, que consiste em pular no alfabeto a letra que se quer usar, um número determinado de vezes. César usava três (A se tornava D). É uma cifra antiga e não muito segura, a dificuldade aqui está apenas em perceber que a linha de caracteres a ser decifrada contém também números e sinais como "=", e que portanto deve-se usar uma tabela ASCII para decifrar, e não o alfabeto.

Fazendo-se isso, decifra-se na linha um link para uma outra imagem. Dentro dessa imagem havia um link para um subreddit cheio de informação, incluindo link para arquivo de um livro, Self-Reliance, de Ralph Waldo Emerson. Usando uma outra cifra, consegue-se ler no livro um telefone. Ligando para o telefone, uma gravação te saudava e falava que você estava indo bem.

Passava-se aí para a terceira etapa, a mais elaborada, que envolvia níveis mais avançados de estenografia, feitos com processos de transdução digital, que Timothy não conseguiu entender nem quando lhe explicavam pausadamente, e que no final resultavam em coordenadas (três delas, uma na América do Norte, uma na Europa e outra na Ásia). As coordenadas estavam acompanhadas de uma mensagem de parabéns e dizia para os interessados chegarem nestas localidades se quisessem participar de algo muito maior do que eles. Os custos de viagem seriam reembolsados depois.

Foi assim que Eva entrou na sua vida.

Depois de alguns meses, oito pessoas haviam resolvido o negócio e recebido a proposta de colaboração. Cinco jamais foram ao endereço, três foram se encontrar com um agente sem saber ainda do que se tratava. As coordenadas da América do Norte davam num poste num bairro calmo de Toronto, onde estava afixado um pôster com um polvo no fundo que indicava o endereço de um café ali do lado, dizendo que colaboradores deviam aparecer depois das 19h.

O primeiro a aparecer, um rapaz de ascendência indiana, longilíneo e bonito, com cacoetes estranhos, aceitou prontamente quando ouviu o salário. O segundo, um rapaz judeu de Seattle acima do peso e ansioso, saiu correndo do encontro e se mudou para outra cidade no dia seguinte. Timothy decidiu lidar com as entrevistas pessoalmente, achando que conseguiria ser mais sedutor do que aqueles criptólogos e ex-hackers desajeitados.

Assim que Eva botou os olhos em Timothy no café, ela fez uma cara azeda. Antes mesmo dele explicar o que seria o trabalho, ela parecia antecipar

tudo e falou que jamais trabalharia com o governo americano, que nunca trabalharia para dedurar ou ajudar a prender ninguém. Que não tinha um bom pressentimento sobre essa história desde o início, mas acabou deixando a curiosidade lhe vencer. Nunca cometeria esse erro de novo.

Como que sabe que eu sou do governo, ele perguntou, e ela falou que nunca tinha visto fora de filme alguém com mais cara de agente federal. Timothy riu e falou que era CIA, o que fez ela azedar ainda mais. Ele apresentou todas as vantagens do trabalho e insistiu que teria liberdade para desenvolver o que quisesse, que eles estavam interessados em colaborar com gente talentosa como ela para entender melhor as potências e os riscos do século XXI. Ela não precisa nem fazer trabalho de campo, pode ficar mais no setor de pesquisa. Ela gargalhou e falou que espera pro bem desse mundo que eles continuem sem ter nem ideia do que está acontecendo bem debaixo dos seu pés. Saiu de lá com passadas largas e ainda lhe deu um dedo, de costas, enquanto abria a porta.

Então Timothy se viu forçado a forçá-la. Ela não tinha deixado traços virtuais, mas foi seguida quando saiu do café. Descobriram que trabalhava numa empresa de jogo de computador de médio porte e estava ilegalmente no Canadá fingindo-se cidadã local com uma carteira de motorista falsificada. Timothy achava que ela era latino-americana, mas não sabia de onde. Depois de alguns dias, encontraram sinais de que ela havia chegado no Canadá de um vôo que veio de São Paulo. E o seu rosto apareceu num pequeno punhado de fotos postadas no Norte do Brasil entre 2001 e 2002. Mas não encontraram registro nenhum dela em lugar algum, nem pelas porta dos fundos que tinham para alguns servidores internos do governo brasileiros. Timothy apareceu um dia de noite na porta do apartamento que ela dividia com uma garota e um garoto ruivo nos arredores de Montreal. Anunciou, numa voz quase cantada, que se ela não quisesse que o departamento de estado canadense recebesse um dossiê fabricado das suas atividades de ciberterrorismo, associação com máfias internacionais e com o estado islâmico, ela devia se apresentar para trabalho no tal endereço. Nos olhos dela dava pra ver a raiva implodindo em sucessivas ondas até arrefecer.

No final do primeiro dia, ela falou que não aguentaria aquilo por muito tempo, que preferia se matar. Talvez levando alguns dos colegas de trabalho com ela. Ele olhou pra ela com gravidade e falou que se ela ainda se sentisse assim depois de seis meses eles encerrariam a colaboração (era sempre assim que ele chamava: a nossa colaboração). Ela não pareceu acreditar nele, mas

ficou mais quieta depois disso. Chegava todo dia de fone de ouvido, cara enfezada e saía do mesmo jeito, só conversava o estritamente necessário. Mas nos dois meses que trabalhou sob sua supervisão ela desenvolveu uma técnica revolucionária de extração de informação de computadores que não estão conectados com nenhuma rede. O ventilador de refrigeração do CPU era usado para transmitir informação a partir da variação da sua velocidade. Contanto que se conseguisse plantar o programa no computador, a extração poderia se dar à distância, até fora do prédio, usando microfones ultrapotentes. Era uma técnica muito difícil de ser efetivamente executada em campo, mas sua solução era tão inventiva e ardilosa que as ofertas para que Eva ficassem redobram. Ofereceram cursos pagos à distância nas melhores universidades, prometeram acesso a redes de pesquisa sigilosas. Ela continuou dizendo que sairia dali assim que pudesse, muito obrigado. Em seguida, produziu um trabalho teórico sobre computação quântica que seus supervisores mal conseguiram compreender, mas que foi considerado brilhante por especialistas.

Antes de completar o sexto mês, Timothy recebeu um pedido de um superior que o surpreendeu. Nunca suas atividades despertavam muito interesse acima da cadeia que não fosse de reprimenda ou desprezo, mas um diretor antigo, velho parceiro de seu pai, um S & B O.G (ou seja, velha guarda do Skull & Bones), aproximou-se dele fora do escritório a respeito do programa de recrutamento de criptógrafos. Perguntou, como quem pede um favor a um amigo, se ele estava liderando uma jovem hacker que teria recentemente produzido um paper especulativo sobre um sistema ótico de computação quântica. O trabalho dela já estava dando o que falar, ao que parece. O diretor pedia que ele a pudesse tomar emprestado para um projeto secreto internacional que não estava oficialmente ligado à agência, mas era da mais estrita importância. Assunto de segurança nacional.

Tudo que Timothy queria na vida era ser tratado como um dos adultos. Ainda que lhe doesse profundamente ceder o brinquedo mais maravilhoso de que já teve posse, não teve opção. As ordens eram inequívocas e pareciam vir muito de cima. Eva gelou com a ideia e com a perspectiva de nunca mais sair lá de dentro, mas, para a surpresa de Timothy, depois da reunião fechada que ela teve com dois caras com tipo de cientista e sotaque estranho, ela pareceu bem-disposta, até animada. Ele ficou mordido de inveja com aquilo e de não poder saber do que se tratava. Seis meses depois, tomando um uísque com seu superior, ele pergunta se ele ouviu algo mais sobre a Eva, tentando soar

casual. Fica ainda mais curioso quando ouve que ainda está trabalhando com eles e que tinha sido realocada para a Bolívia.

Bolívia?, Timothy pergunta, com nojo nem mais ou menos escondido.

>>

05.

<

A pizza estava ótima, como sempre, mas Murilo não conseguiu deixar alguns pedaços para o dia seguinte, como havia prometido a si mesmo que faria. Agora está deitado no chão da sala, a calça abaixada, cheio de refluxo. São quase duas da manhã e a noite está um forno. O ar-condicionado do quarto não funciona bem, então ele está dormindo na sala, que é mais ventilada. No momento, tentando dormir.

Depois de não conseguir por uma hora, Murilo está procurando numa confusão de camisetas e cuecas, revistas, folhetos de exposições, notas fiscais e sacos plásticos um maço de cigarros que ele acha que existe, que acha que viu ainda ontem. Percebe de repente que está falando alguma coisa baixinho, que enquanto está procurando os cigarros parte da sua cabeça está metida em encenar uma conversa dele com a menina norte-americana de ascendência turca que virá no dia seguinte entrevistá-lo para a revista chique.

Nós já nascemos sempre metidos nas histórias das outras pessoas, fazendo parte de sistemas maiores concêntricos e tendo que lidar com a eles de alguma maneira. Isso não me incomoda, eu encaro como um jogo dentro de outro...

Quanta merda, meu deus. A menina deve chegar amanhã de manhã e o apartamento está essa bagunça absurda, inaceitável. Já estava péssimo um mês atrás e ele não fez grande coisa para melhorar a situação, pelo contrário. Só foi constatando a sua piora progressiva como se não fosse ele próprio a principal fonte de entropia naquele sistema. Assim como sua única fonte possível de ordem (a não ser que ele contratasse uma diarista, o que ele só havia feito uma vez, e havia achado muito estranho).

Pensava na escritora sofisticada vendo aquilo e se motivava a, digamos, jogar fora uma caixa velha de pizza (mas não todas). Gostaria de dar uma amenizada até amanhã, mas pelo menos em parte sabe que talvez goste de que a menina veja aquilo ali, aceita sem problemas que aquilo ajude a montar a imagem de artista excêntrico que ela vai botar na revista.

Já tinha uns bons meses que Murilo e o romance não recebiam atenção alguma, no Brasil ou fora, por isso ficou surpreso quando recebeu o contato da garota. A revista, que ele já admirou mais, mas pela qual ainda tinha

um puta fetiche (tendo publicado, no seu auge, tanta gente que ele amava), jamais havia dado bola para seu livro, nem quando ele foi, por alguns meses no final de 2017, uma pequena febre em parte da crítica literária norte-americana. Agora, já passados meses, ter um texto saindo ali era melhor ainda. Era como uma consolidação do que poderia ser percebido como um hype breve e espumoso. Foi a melhor notícia que ele recebeu em algum tempo. Mesmo se acabasse sendo mais para criticar do que para elogiar, critica-se aquilo que merece atenção.

Quase sempre que Murilo buscava uma desculpa para não ter criado nada nos últimos dois (três?) anos, ele pensava que o que ocupava sua cabeça era Fábio, ainda. Todas as coisas dele, todas as tralhas que tinha se incumbido de organizar, de tocar adiante.

Em 2016, logo que a editora mineira anunciou a publicação do livro, alguns dos amigos de Fábio que foram descobrindo a existência de Murilo começaram a ir atrás dele, perguntar de outros rascunhos e projetos sobre os quais já teriam conversado com o Fábio meses ou até anos antes. Alguns realmente tinham afeição ou entusiasmo genuíno por alguma ideia abandonada do amigo, outros pareciam apenas querer surfar na atenção que o defunto andava recebendo. A família é que jamais se interessou, estranhamente, em lidar ou controlar as publicações. Murilo pediu para a editora entrar em contato a respeito de direitos autorais, mas nenhum dos pais respondeu o e-mail.

Pouco depois do livro sair, alguém no twitter começou a linkar alguns blogs que continham partes da história do Cabuloso, além de um par de perfis falsos em redes sociais de alguns personagens. Murilo ficou um pouco constrangido de não ter descoberto isso ele próprio, mas também achou graça no fato do amigo conseguir surpreendê-lo do além.

Três meses antes de morrer (Murilo veio depois a descobrir a data exata da conversa, março de 2013), Fábio insistiu numa madrugada que o amigo conseguiria adivinhar a sua senha, se realmente quisesse. “É um trem beem específico, você é a única pessoa que eu acho que, talvez, poderia adivinhar”. Deu duas dicas que Murilo na época achou crípticas, mas que com a obsessão após a morte, e alguns meses de maturação, acabou por entender.

Durante semanas Murilo ficou com aquilo rodando no fundo da cabeça. Tentava uma senha a cada dois ou três dias. Demorou, mas foi. Acertar talvez

tenha sido até então, ao menos, o prazer mais concentrado da sua vida, o mais puro.

Peleshatnot. Uma piada obscura compartilhada pelos dois, envolvendo uma citação obscura de um romancista norte-americano do qual os dois gostavam (William Gass), transfigurada para envolver o Pelé (e não Jesus Cristo). Justamente o tipo de babaquice que reunia os dois.

Quando a tela abriu a lista de e-mails, ao invés de retornar à senha errada com a mesma recusa que ele já conhecia, era como se a interface aceitasse que ele era o Fábio, para todos os efeitos. Por isso a sensação quando a conta logou foi acima de tudo estranha, além de muito prazerosa. Era menos a de abrir a correspondência de um amigo, mesmo de um amigo falecido, e mais a de receber um espírito no corpo. Afinal, a maior parte da presença daquele seu amigo durante a vida tinha vindo pelos e-mails que ele mandava, além das conversas em chat (que também aconteceram, boa parte, naquele meio). E era então como se Murilo de repente estivesse habitando o outro lado das conversas que tiveram, acenando de dentro do espelho.

Murilo passava pelos vários, vários arquivos de texto, as centenas de rascunhos fragmentados que Fábio tinha salvo ali na conta, que iam desde algumas frases ou parágrafos até dez, vinte páginas de palas sustentadas e compridas. Mais de uma década de tudo que acontecia de passar por aquela cabeça, criativa e preguiçosa, impulsiva e instável, confusa e convoluta, mas – para Murilo, ao menos – quase sempre curiosa de se ouvir.

Era difícil extrair daquela bagunça toda as imagens que se encadeavam, mas estavam lá. No meio de muito detrito e ruído, Murilo encontrava algumas sequências que faziam todo o sentido, e que às vezes eram vívidas e originais, ele achava. No meio da bagunça surgiam lá seus lampejos. Embora ele tivesse também dificuldade de entender o que era citação e o que era dele mesmo. Achou por meses que um poema lindo de Adrienne Rich salvo nos rascunhos sem atribuição (“Poder”) era de Fábio, até encontrá-lo traduzido alhures, num blog. Alguns dos fragmentos do amigo talvez lhe parecessem mais brilhantes do que realmente eram, Murilo achava, pelo modo que chegaram até ele.

Desse jeito, encontrou as notas que Fábio tinha para a tirinha de um personagem que ele tinha criado com uma amiga mineira, Susana, e que ela passou a levar pra frente só depois de sua morte (Marcelinho Meio Morto). Desse jeito, encontrou as cinquenta páginas de rascunho de um roteiro que

alguns amigos do Fábio estavam agora tentando transformar num filme.

Murilo foi assim se tornando, meio que aos trancos e barrancos, o detentor oficial da obra de Fábio, uma posição que ele não teria perseguido por querer, mas para qual ele se sentia, no final das contas, mais do que apto.

>

06.

<<

Depois de muito escarafunchar, de muito encher o saco de todos seus contatos, Timothy Aaron Bedford III conseguiu desencavar rumores sobre o laboratório na Bolívia. A lenda, que era contada mais como piada do que qualquer outra coisa, dizia que havia sido criado a pedido direto do Reagan, já senil, que teria insistido que havia chegado a hora de transformar animais em armas. Weaponize them, ele gritava, babando. A batata quente foi jogada para duas agências diferentes, com o desafio de formular uma versão inteligível da ideia. E foram membros de alto escalão da CIA (há tempos procurando meios de abrirem suas asinhas em áreas geralmente mantidas sob domínio militar) que propuseram esse posto avançado de experimentação biológica, todo fundado com fundos secretos, em território estrangeiro e com a equipe toda estrangeira, fora a diretoria. Seria uma maneira de evitar qualquer escândalo internacional envolvendo ética científica. Se alguma coisa desse errado seria muito fácil de desmontar tudo rapidinho e jamais admitir que aquilo era uma operação deles.

Embora a visão inicial de Reagan fosse mais na direção de águias com canhão laser nos olhos, os diretores do laboratório sob Bush (O Pai) prometeram entregar armas biológicas novas, mais eficientes e controláveis, que pudessem ser usadas à distância e que pudessem parecer fenômenos naturais, ao invés de botar homens e botas no chão, enfraquecer um país ou uma região por dentro. Alguns agentes inoculadores bem inseridos e pronto. Geopolítica barata e eficaz. Em dez anos, no entanto, a estranha conjunção de mentes que aceitaram os termos de trabalhar ali acabaram indo em outras direções, e produzindo uma série de monstruosidades genéticas, indesejáveis não só para qualquer uso militar, mas em qualquer outro sentido. O que impediu o laboratório de ser fechado por Clinton no meio dos anos noventa foram súbitas descobertas, algumas delas acidentais, que surgiram no meio da experimentação intensa e sem limites éticos, e que acabaram servindo para a indústria alimentícia produzir galinhas que fossem mais eficientes como fábrica de ovos, vacas com muito mais carne do que seu corpo realmente precisava. As patentes resultantes acabaram por dar uma boa grana, tanto para o governo quanto para alguns contribuidores importantes de campanha, e o laboratório

continuou funcionando no seu status legal indeciso e extraoficial, enterrado nas catacumbas vastas e inauditas de ações extracurriculares do Império.

Timothy pensou em tentar visitar o lugar, mas ouviu de um conselheiro mais velho amigo de seu pai (um homem enorme do Arkansas com mãos peludas) que aquilo seria não só quase impossível como nada aconselhável, o laboratório era só deprimente, e mais nada. Nada sexy acontecia ali, ele garantia. Seu caráter legalmente solto significava basicamente nenhuma supervisão, uma gestão exclusivamente por cientistas (com a segurança terceirizada para empresas privadas) fazia com que o lugar tivesse um ar estranhamente casual, despreocupado, até desorganizado e sujo em lugares. Pessoas extravagantes falando às gargalhadas das tentativas mal sucedidas de controlar exames de vespas para devorar o rosto de um filhote de cabra, enquanto mastigam um sanduíche frio de salaminho, cientistas latino-americanos de chinelo e pés peludos fritando fígado e cebola de madrugada enquanto repassam entre si fotos de fetos mal formados. Havia quem dissesse até que faziam experiências desde o final dos anos noventa com clones humanos. A descrição sebosa e enojada só fez o interesse de Timothy aumentar.

O estranho, então, era que o lugar tava longe de ser a vanguarda da pesquisa militar americana, era mais uma fonte de constrangimento interno do que qualquer coisa. Timothy nem conseguia imaginar o que eles poderiam estar fazendo que merecesse a cabeça da Eva. Sua curiosidade chegava a ficar insuportável. Quando Timothy se perguntava aquilo, mesmo estando em público (num restaurante, por exemplo, ou avião), ele muitas vezes sentia a necessidade de fincar suas unhas nas próprias coxas, e arrastá-las com toda a força de que dispunha.

>>

07.

<

No início de 2017, Susana Domingos, essa amiga belo-horizontina de Fábio, começa a publicar uma tirinha que havia começado a planejar com ele anos antes. Murilo entra em contato de novo com ela quando encontra entre os rascunhos de Fábio um arquivo com roteiros quase prontos escritos para um desenho-animado com os personagens da tirinha. Ele não gosta muito do traço de Susana e do resultado da tirinha até então, mas entende que aquela era sua obrigação. Sente-se mais restritivo e protetor com os rascunhos de Fábio relacionadas ao CABOL (que agora se veem, de algum jeito, atrelados a Murilo por causa do romance). Mas com o resto, ele queria apenas que as coisas vissem a luz do dia, se outras pessoas estivessem interessados em levá-las adiante.

No final do mesmo ano, Gominho também entrou em contato com Murilo. Era dos pouquíssimos amigos do Fábio com quem Murilo já tinha conversado, ainda que poucas vezes. Antes mesmo do livro ser anunciado ele já tinha perguntado pro Murilo se ele teria por acaso o arquivo de um roteiro que o Fábio tava fazendo.

O roteiro era sobre o Renato Mussum, um personagem que não era do Fábio, que aparecia em várias iterações distintas do CABOL há anos, e era na verdade um dos elementos mais recorrentes e antigos daquele universo. Claramente o Fábio tinha desenvolvido uma relação forte com a figura, nos seus rascunhos tinha pelo menos quatro roteiros diferentes com ele, nenhum deles nem próximo de ser terminado. O mais desenvolvido, com umas quarenta e poucas páginas, era um musical muito ambicioso que ia desde antes da bossa-nova até o começo dos anos noventa. Contava a história recente do Brasil através da sua música popular e da mistura com a figura mítica de Renato Mussum, que teria participado de quase todos os momentos importantes, mas teria sido apagado da história oficial por seu comportamento sexualmente extravagante e gênio intratável. Ao longo da história, ele era preso pelos militares, rechaçado pela militância comunista mais ortodoxa, perseguido por um grupo de padres e freiras por ser viado e terminava assassinado no estádio durante um jogo de futebol da copa.

Murilo até gostava de partes desse roteiro, embora jamais tivesse tido

muita paciência com o jeitão bobo de falar do personagem, mas seria uma produção multimilionária, várias cenas de proporções épicas e reconstituição de época. A piada recorrente do roteiro, quase o motivo geral da trama, é que em toda situação tensa em que ele se encontra, na cadeia, num beco, num tribunal, na igreja, Renato começa de repente a cantar algum sucesso meloso da MPB e a cena corta pra ele pelado com a pessoa (ou pessoas) fumando um cigarro pós-coito. Disso Murilo gostava, quase que só.

Mas o roteiro que o Gominho acabou decidindo que ia produzir era um bem mais simples. Nesse, Renato também tinha sido uma figura decisiva para a música popular brasileira dos anos setenta aos oitenta, mas o filme se passava com uma jornalista que ia atrás de recuperar a sua história, encontrava ele morando nos arredores de Belo Horizonte, trabalhando num bar. A jornalista passa o filme tentando fazer ele admitir o seu passado, sem sucesso. A gente fica vendo a vida tranquila lá do cara limpando o banheiro do bar e servindo cerveja pra alcoólatra matutino enquanto passam flashbacks do que teria sido a vida pregressa do Renato (ainda mais fantástica do que no outro roteiro, envolvendo viagem no tempo, uma conspiração de décadas da CIA pra esconder evidências fotográficas do romance tórrido entre Michael Jackson e Jorge Ben nos anos 70; o escambau).

E enquanto isso Renato se apaixona por um velho rabugento conservador dono de uma banca de jornal. O velho é um escroto, mas Renato se apaixona depois de vê-lo defender uma criança de rua de um segurança de lanchonete que lhe deu uns tabefes gratuitos na nuca. O roteiro termina com Renato e o velho dançando juntos na rua a versão do João Gilberto de “Disse Alguém”.

Gominho tentou fazer Murilo participar do processo criativo, mas ele não fez mais do que dar alguns pitacos, e ignorar a maioria dos e-mails que recebe. Tinha simpatia por Gominho, mas achava que a chance do filme ficar bom era exatamente nenhuma.

>

08.

<<

Nílson continua andando a esmo pelo anel interno do Mineirão, ainda olhando para o celular de tempos em tempos. O aparelho tinha acabado de voltar a funcionar, mas Nílson ainda não confiava na sua estabilidade, precisava confirmá-la. Mesmo sem pegar o sinal de internet, já era um pequeno alívio. Os pássaros todos já tinham ido embora, o telão tinha se desligado. O clima ali dentro ainda era de tensão e empurra-empurra, mas num tom abaixo ao desespero gritado que tinha se instalado meia hora antes. Ele escuta algumas pessoas dizendo que alguém tinha matado o famoso jogador Jader nos vestiários. Ele nem consegue registrar a verossimilhança daquilo, de mais aquilo. Via-se no rosto ansioso de todo mundo uma vontade de voltar para a normalidade. Mas claro que todo mundo sabia que uma série bastante improvável de eventos tinha acabado de suceder, algo além de uma semifinal de Copa do Mundo normal havia acontecido...

Nílson não consegue encontrar o gringo, que realmente parece ter lhe dado um perdido. Quando consegue algumas barrinhas, manda mensagens para ele, sem receber resposta. Continua ali dentro do Mineirão até ele ser, aos poucos, evacuado. Quando ele está já fora, na parte externa, no acúmulo de pessoas recontando o evento ou maldizendo a seleção, recebe uma ligação do seu chefe.

– Nilsão, porra, Nilsão.

– Opa, como vai, chefe?

– Que merda, hein? Quê que aconteceu, porra? Que cagada.

– Olha, eu não sei. A resposta mais curta é essa. Eu estava em contato com o –

– Olha, na real, eu não quero nem saber, Nilsão. Vão querer comer meu cu agora, e eu só posso te dizer que você tem que correr atrás. O Jader já vão investigar a rodo, eu imagino, a PF, a Civil, todo mundo. Mas você vai ter que me descobrir afinal de qualé dessa porra desse terrorista aí que foram inventar de matar, além daquela conversinha mole que você tinha me passado, que deu pra ver que tu tirou da bunda.

– Eu tava no rastro do Renato, chefe, eu juro. Eu tava pertinho já –

– Você tinha basicamente um trabalho, moleque. Monitorar essa porra desse doido. Tou certo ou tou errado? Hein? Ser babá lá do gringo também, beleza, mas isso era o de menos, isso foi brinde, aparentemente. Ele fez foi te convidar pra jogo, pra não sei o quê. Porra. Puta merda, Nilsão. Vão contar piada do Brasil por ANOS por causa dessa papagaida tua, tu tem noção? Aquele país de bárbaros, de canibais. E não é que a tua responsabilidade virou uma vergonha nacional? Eu não tou sendo escroto, não. Tou te jogando a real. Você foi o elo fraco do sistema de inteligência brasileiro nessa aí.

– Vamo combinar que não dava pra esperar nada disso. Nada do que aconteceu hoje tava dentro da caixinha.

– Olha, eu vou quebrar teu galho com o 7 a 1. Beleza, até aí não era tua responsa mesmo. Foi culpa da PORRA do Felipão e daquele merda do David Luiz, aquele palhaço desgraçado. Essa geração de mimimi. Agora, você me disse alguns meses atrás que esse aí era só um doido de internet, nada perigoso, nada pra se preocupar. Nunca que ia dar dor de cabeça na Copa, imagina... Sequestro? Jamais. E agora essa PORRA virou uma dor de cabeça pra todo mundo, esse abacaxi do caralho. Como que eu não vou cair em cima de você, Nílson? Me ajuda a te ajudar, cara. Tu não me tá dando nem opção aqui.

– Olha, doutor Silvio –

– Doutor Silvio é o consolo preto e veiuado da tua mãe, Nilsão. Me chama de Silvinho.

– Silvinho, tudo bem, eu admito que falhei em monitorar o meu alvo, beleza. Mas ele foi meio que esquartejado, né, chefe? Até segunda ordem ele foi uma vítima aqui, não? Eu ainda acho que não era uma pessoa perigosa, não de verdade. Podia estar misturado com gente perigosa, isso sim.

– Se aquele filho duma égua não era perigoso o que tava fazendo naquele lugar? Sendo que pouco antes alguém tinha matado o Jader ali perto? Coisa certa não tava fazendo, com toda certeza. Você no geral tá muito mal-informado. Vou te mandar agora o que eu acabei de receber no Zap. Recebi de gente séria, não foi de moleque não. Se liga aí. Tu tá moscando demais, Nilsão.

Então tinham mesmo matado o Jader. Puta merda. Ele desliga e logo envia um link por Whatsapp. Fica feliz de ver que a internet do seu celular havia voltado. O link era uma matéria de um blog de direita que Nílson conhecia

vagamente há anos, mas que achava um tanto abaixo da sua própria inteligência, seja pela forma de jornalismo sem apuração nem critérios, seja pela opinião editorial. Algumas manchetes engraçadas de vez em quando, mas nada a se levar a sério. Pois estavam lá dizendo que uma série de assassinatos no último ano havia sido conectada a uma lista publicada por Renato. Doze artistas e ativistas, alguns relacionados ao meio ambiente, a maioria (7) de algum jeito próximos ao mundo gay e trans. Jader era o primeiro da lista, o único nome realmente famoso de todos (último nome a ser postado, último a ser assassinado). Como se a lista dele tivesse, de algum jeito, invocado ou causado os assassinatos. Nílson nunca tinha ouvido falar de nada daquilo, mas achou melhor se tacar para o hotel e investigar aquilo melhor.

Pega um táxi e fica duas horas no trânsito, uma dor de cabeça latejando, as imagens todas lamentáveis e ominosas da tarde repassando na sua cabeça, enquanto quatro homens de sotaque mineiro carregado discutiam a lástima da seleção, sem nem mencionar qualquer outro detalhe do dia. Como se mais nada tivesse acontecido. No carro que fica de frente ao táxi, durante o engarrafamento, durante mais de uma hora, Nílson encara a mesma coisa: um adesivo escrito IDOSO em letras azuis e rechonchudas, brilhosas. Do lado direito, o fantasma ainda marcado, em contraste com a camada mais nova de sujeira, de um adesivo já caído dizendo “GOSTOSO”.

>>

09.

<

Ao acordar, como quase todo dia, Murilo come uma banana. Nesse caso uma já mole, meio passada, além de sem gosto (como praticamente todas as bananas naquele país). Depois desce do apartamento para fumar um cigarro. Era um hábito recentemente autoimposto que ele diz pra si mesmo que tem como propósito não deixar o apartamento fedendo demais, mas que, na verdade, é também uma imposição pra que ele saia de casa e estique as pernas nos dias em que não tem disposição de passear.

A escolha de se mudar para Nova Iorque havia sido meio impulsiva. E burra, considerando que ele poderia estar morando melhor no Brasil, e ainda se beneficiando do câmbio, ao invés de torrar quase tudo que ganhou numa única estirada estúpida, como se fosse ganhar aquilo de novo. Ele agora se lamentava, mas não chegava a se arrepender. Não tinha sido à toa, aquela cidade sempre havia funcionado como um ímã enorme na sua imaginação.

Murilo veio chamado pela editora no final de 2017, na época do lançamento, para ficar duas semanas. A ideia a princípio era fazer uma turnê de lançamento com algumas aparições radiofônicas e talvez até uma televisiva (ainda que local), focando na história dramática envolvendo o seu lindo amigo, mas logo perceberam que a extrema dificuldade de interação de Murilo tornava isso inviável. Fizeram apenas dois eventos, pequenos, ambos na cidade. Quem havia intermediado sua relação prática com todo este processo havia sido a sua agente, Melanie, que trabalhava para uma empresa gigante de agenciamento literário, de matriz alemã, que pulou nos direitos do livro assim que as primeiras matérias sobre o romance começaram a aparecer, a maioria fora dos cadernos literários. Melanie Rothfeld era uma senhora judia baixinha que quase todo dia usava um par de óculos diferente, todos invariavelmente extravagantes. Tinha uma voz rouca e impositiva que diziam que havia se tornado mais áspera e cavernosa depois que ela perdeu seu único filho de overdose de heroína. Desde então dedicava todo seu tempo a trabalhar com ferocidade e devoção a seus escritores. Havia carregado a carreira de alguns grandes nomes no passado, mas não lidava com nada muito vistoso tinha uns bons anos.

Alguns assistentes achavam que Melanie tinha o defeito de confundir

excentricidade com brilhantismo, e de fazê-lo com alguma facilidade, o que explicaria o entusiasmo com que recebeu o livro mais ou menos de Murilo, entusiasmo que conseguiu transmitir para a editora a ponto de conseguir um ótimo valor para um escritor totalmente desconhecido, com só (meio) romance semipromissor.

Tinha isso, mas Melanie principalmente pareceu adotar Murilo como um mascote, tomando sua incapacidade generalizada como a de um animal indefeso. Parecia achar que a sua figura era tão confusa e frágil que, se ela não cuidasse dele, seria devorado pelo mundo em duas mordidas. Arrumou o apartamento de um amigo para Murilo ficar por um mês, e depois um lugar com aluguel bem abaixo do mercado para ele ficar um ano.

A recepção do livro nos Estados Unidos havia sido mais positiva do que negativa, embora não tenha vindo tanto dos veículos e das vozes de que Murilo gostaria de receber elogios. Ainda assim, se a publicação no Brasil já havia deixado-o muito contente, a publicação gringa a princípio deixou o ego de Murilo inflado a alturas estratosféricas, caminhando meio inebriado em ar rarefeito. Mesmo reconhecendo o aspecto totalmente colonizado daquele sentimento, e tendo lá sua vergonha disso, a mera infraestrutura da coisa toda era tão maior (mesmo para um lançamento mediano e nada glamouroso, como era o dele), que só de ver o nome dele na lombada de uma pilha de livros na frente de uma moribunda Barnes & Noble, mais uma cadeia que ele sentia que conhecia de maneira íntima e pessoal sem nunca ter visitado antes, ele se sentiu já plenamente imortal. Podia ser atropelado ali mesmo e pronto. Depois de folhear a si próprio por alguns segundos lá dentro, saiu e andou em círculos pela Union Square por uma hora, realmente considerando como sempre havia lhe parecido remota a possibilidade de talvez alguém lê-lo, um dia, do outro lado do mundo. O tanto que aquilo acendia um desejo antigo, quase nunca confesso estritamente nem pra si mesmo, de ser do naipe de um escritor desses que ele admirava desde moleque a distâncias tão enevoadas, uma dessas torres góticas imponentes e assustadoras na lonjura. Esse tipo de besteira. Um sentimento cujo profundo e infantil narcisismo ele registrava enquanto sentia. Veio forte, mas passou rápido.

Pouco tempo depois, relendo as três ou quatro resenhas estrangeiras que tanto haviam lhe alegrado quando saíram, Murilo começou a sentir que seu livro havia recebido esta pequena festa principalmente por certa condescendência política. O bibelô do Terceiro Mundo que os norte-americanos queriam

sacudir naquele verão. Além, é claro, de toda reverberação ser mediada pela morte trágica do Fábio, comentada com gosto escandaloso em duas de cada três linhas. Por gente que não se interessava tanto por literatura, no mais das vezes, a ponto do livro parecer um pequeno apêndice dela, e mais nada.

De todo jeito, Murilo ficava feliz pelo relativo sucesso, é claro. Lembrava de fantasiar dezenas, centenas de vezes em Brasília com aquilo que havia, de repente, conseguido. Na época já ficava envergonhado de dar tanta importância pra esta ideia de sucesso literário, consciente mesmo enquanto entretinha aquelas fantasias do tanto que esse tipo de satisfação com sucesso devia, no fundo, ser vazia e frustrante, criando uma necessidade meio ingrata e redobrada de atenção que, segundo vozes mais experientes já diziam, depois nunca será satisfeita de novo.

O melhor mesmo era o dinheiro, ele pensava. Isso era objetivo, não dava pra argumentar. No Brasil não tinha rendido muita grana, e ainda assim foi o máximo de dinheiro que ele já tinha visto na vida (menos de dez mil reais, depois de anos de trabalho e seis meses de venda, e olha que foi um sucesso). Chegou a levar os pais para jantar no “Roma”, ali do lado da casa deles, pela primeira vez na vida, para orgulho da sua mãe. Mas a quantia não bastaria para tirar ele de casa.

Tampouco parecia promissora sua carreira como crítico, seu único texto publicado tendo sido um no Suplemento Pernambuco, que ele escreveu achando que estava sendo engraçado e charmoso, mas foi considerado como “pretensioso”, “passivo-agressivo” e “críptico a ponto de nutrir aparente ódio e desprezo pelo leitor”.

Foi quando assinou o contrato para lançar o livro fora do Brasil, que chegou um dinheiro que Murilo nunca imaginou ganhar na vida. Isso só pelo contrato dos direitos de um livro e a promessa de um outro. Fez suas contas de padaria quando chegou da reunião com Melanie e a editora. Teria o bastante pra comer fora uma vez todo dia, ainda que não em lugares chiques, e alugar por pelo menos um ano o lugar que a agente lhe arrumou, um apartamento mínimo de carpete encardido num prédio mal-encarado e sujo (mas em Manhattan!). Isso com relativa folga.

Comprou num brechó um casacão bonito de frio (para esquentar as tripas e melhor esconder suas roupas matrapilhas) e um Macbook de modelo recente. Durante alguns meses, Murilo viveu como sempre viveu, mas com alguns

bons graus acima de estímulo e prazer. Continuava evitando como podia encontrar pessoas, apesar da insistência inicial de Melanie de integrá-lo na elite cultural local, e dos convites frequentes do único amigo que tinha na cidade, um crítico judeu desempregado chamado Jonathan, que Murilo conhecia de twitter há anos antes de chegar lá e com quem descobriu que não gostava de interagir em pessoa (respirava muito alto, falava baixo demais).

Foi a algumas festas de círculos sociais distintos, uma de editores e críticos literários mais velhos, outra de escritores e artistas mais novos, não gostou muito de nenhuma (mas gostou de ter ido, ainda assim, como quem preenche itens numa lista). Fumou maconha na primeira festa e ficou paralisado de paranoia no banheiro por meia hora. Cheirou cocaína na segunda e achou, acima de tudo, muito exasperante. Beijou uma mulher e um homem, em ocasiões distintas, e não gostou muito, tanto que não quis fazer muito mais do que isso. E olha que ele achou os dois atraentes, no sentido taxonômico da palavra. Depois dos dois primeiros meses, estava quase sempre sozinho, mas, ao contrário de Brasília, ia em filmes, exposições e livrarias, andava a cidade toda até seus tornozelos e joelhos reclamarem as juntas. E comia. Como comia.

Ontem Murilo almoçou num restaurante indiano e de tarde comeu um pedaço enorme de Cheesecake com mirtilo. Ainda assim antes de dar sete da noite a imaginação já começava a vagar pelos lugares mais ou menos acessíveis a pé, os cachorros quentes, taquerias, casas de sushi e lanchonetes diversas, desde as locais, sujas e autênticas, a todas as redes que ele conhecia por anos apenas pelo logotipo. Algumas delas (como Wendy's e Dunkin' Donuts) continuavam a guardar para ele uma estranha, quase numinosa, força de atração, mesmo depois de constatar mais de uma vez o quanto eram insossos ou indigestos seus produtos.

Era muito difícil convencer a si mesmo a não comer algo que ele quisesse comer. Além do preço, ele realmente não conseguia apresentar muitos argumentos convincentes pra deixar de comer algo gostoso. Se era gostoso, metia pra dentro, e pronto. Depois a gente vê como faz. Murilo há muito havia abandonado qualquer resquício de cuidado com aparência e tampouco conseguia ter uma preocupação sustentada com sua própria saúde. Ele queria viver, e tudo mais, preferia muito à alternativa, só não conseguia extrair um senso de autopreservação convicto o bastante pra controlar sua dieta nesse sentido. Tinha ganhado pelo menos uns dez quilos no último ano. E isso caminhando muito (imagina se não caminhasse? Explodiria?). Parou

de se pesar havia tempo.

Pelo menos uma vez por semana passava mal de tanto comer. Ficava num canto do seu apartamento deitado no chão e fazendo barulhos que em pouco tempo ele deixava de considerar como seus, como sendo de fato produzidos pelo mesmo aparato que mantinha a sua consciência correndo. Não gostava de fazer aquilo com o próprio corpo, mas assim que ele se sentia melhor, essa convicção esmaecia, dobra sumindo num bolo de massinha de modelar.

Murilo se lembra, rindo consigo próprio, de como a narrativa mais típica do pós-modernismo é a do protagonista que derrete, se desmonta, que aos poucos vai se esfumando. Era ridículo que isso estivesse aparentemente acontecendo com ele ao inverso. Incharia até explodir. Ele imaginava a possibilidade de alguma parte dele estar deliberadamente procurando aquele mecanismo. Fazia sentido que aquilo acontecesse com ele, então deveria acontecer.

Se a figura invoca, cumpre-se a figura. A frase vem, e Murilo não lembra se é uma citação, se foi ele mesmo quem a pensou. Cumpre-se pra quem? Ele não tinha ideia.

>

10.

<<

Eu chego no hotel com a cabeça zumbindo do trânsito. Aquele clima de ressaca no lobby e no elevador. Imagino que na cidade toda, no país todo. Tento me manter calmo e me ater ao mistério ao qual estou profissionalmente atado (da suposta relação entre a morte do Renato e esses tais assassinatos bizarros), esquecendo o mistério que meu chefe aparentemente nem sabe que existe (a multidão de pássaros no topo do estádio, o vídeo esquisito com o Renato mais novo, as coisas esquisitas que brotaram no campo, os celulares todos apagando ao mesmo tempo).

É difícil, eu só consigo mais ou menos. Relances do que rolou no estádio, principalmente no fim, ficam voltando de maneira teimosa. Eu não vi a morte do Renato, não ao vivo. Mas já vi alguns dos vários vídeos que tão circulando. É de uma brutalidade incompreensível, ainda mais vindo de um bando de leite com pera grã-fino. Que merda tinha sido aquela?

Penso nisso tudo enquanto um jato forte de ducha de hotel massageia o topo da minha cabeça. E de repente me vem uma imagem forte, vívida e incongruente, se destacando contra o fundo rosa-preto da minha vista fechada. De um desenho estilizado, algo tipo um mural, talvez, de um homem parecido com Renato se convulsionando em cima de um estádio. Por um instante a imagem me vem sem origem nem pertencimento, solta, em bloco.

É um estilo mais ou menos familiar, de ilustração moderninha, dessas que são claramente profissionais, mas parecem mal desenhadas de propósito. Onde que eu teria visto aquele desenho, onde que eu teria visto aquele estilo antes? Devo estar lembrando errado, juntando duas coisas diferentes, sei lá.

Encaro de novo a lista de artistas que meu chefe tinha mencionado, em duas matérias sensacionalistas de blogs de quinta categoria. O perfil do twitter do Renato que teria postado aquilo (e que eu não conhecia) já tinha sumido. Eu também não conhecia quase ninguém da lista, além do Jader. Uma das consequências, talvez, de não existir mais uma cultura padrão, direito, mas sim infinitas “bolhas” (odeio a expressão, mas é o que tem), nichos que só se tocam em alguns mínimos pontos.

Fico pensando nos antigos contatos virtuais que eu poderia acionar,

nomes que me remetem antes a algum de seus avatares antigos em rede social do que ao seu rosto (mesmo tendo conhecido muitos deles, talvez a maioria, pessoalmente; ou no mínimo já tendo visto fotos).

Enquanto o jato quente do chuveiro massageia meu cocoruto, meu corpo relaxando um pouco finalmente, vou recuperando e descartando possíveis opções. O Tairone (com sua foto eterna do bruxo chinês do filme do Carpenter) tinha virado diretor de uma organização bem financiada pra difundir pensamento liberal. Já o Lord SNOB, com sua foto de Evelyn Waugh enojado, tinha virado escritor de pornô soft meia-bomba pra HBO. Já foram meus amigos até próximos, pelo menos no sentido de interagirmos com frequência. Era improvável, mas não impossível, que soubessem algo sobre essa história do Renato. Gostavam de revirar tudo que era lata de lixo de internet, os dois. Mas sempre foram insuportáveis, e agora então que achavam que faziam sucesso é que não dava mesmo pra lidar.

Antes de passar no concurso, quando era mais novo e mais rato de internet, eu me orgulhava de compreender a diversidade da fauna virtual, e consequentemente a trama social mais vasta que se depreendia dela. De sentir que tem o dedo no pulso do zeitgeist, digamos assim. Tinha conta no twitter e cheguei a ter mil e poucos seguidores, depois de anos. Com um pseudônimo e nenhuma foto de rosto, muito trocadilho idiota. As duas namoradas sérias que tive na vida conheci por essa conta. Só tranquei quando passei no concurso, e doeu um pouco (embora tenha percebido o quanto aquilo me deixava ansioso depois de sair). Ainda abro para ler o feed, mas não mais para postar. Virei, no linguajar próprio, um lurker das minhas antigas redes. Ou seja: alguém que espreita, mas não posta.

A lista na cabeça vai acabando sem que ninguém pareça viável. A merda é que tendo a me desentender com meus amigos, de vez em quando. Ou sempre. Mas quase nunca é culpa minha, eu só costume atrair amigos de merda. Quando terminei o banho e tou de toalha na cintura deitado na cama branca do hotel, a criatura mais asseada e confortável da Terra, é que me ocorre o Saulo. Tem ele. O esquisitão do Saulo.

Nunca me pareceu a bolinha mais brilhante da árvore de natal, digamos, mas ele conhecia o Renato. Isso já valia uma conversa. Aciono seu contato no Facebook e em dez minutos me responde. Fica claramente feliz de ouvir de mim e eu fico sem jeito de perguntar logo de cara o que eu quero. Convida pra tomar uma cerveja e aceito. Vou lembrando de como o conheci enquanto

peço um Uber pra Savassi.

Na época mais difícil e solitária da minha vida, eu morava em Belo Horizonte com a minha madrasta. Estudava para concurso de delegado da Polícia Federal e usava aplicativo para tentar transar. Nos poucos encontros que conseguia, quase sempre via a vagina da mulher secar quando eu falava que era conservador. As garotas conservadoras, as que existem e não são alguém te catfishando ou com trezentos quilos, todas estavam buscando casar com príncipes nórdicos ou procuravam sei lá o quê, com toda certeza, não era eu. As gatinhas atraentes que gostavam das bandas que eu gosto, e coisa e tal, sempre são de esquerda (sempre). É o desastre da minha vida. Eu postava muito no Reddit sobre séries e liberalismo, xingava o PT pra caralho, e era isso. Durante o pior período, cheguei a ficar quatro anos e meio sem transar. E isso tentando quase toda sexta e sábado.

Nessa época que eu comecei a entrar profundamente dentro da, digamos, pequena ecologia que se criou em torno do formspring de um ocultista ex-O-lavete arrependido. Diziam que tinha sido professor de clássicas da UFMG, outros diziam que foi só doutorando que largou antes de terminar. Eu até hoje não consegui confirmar isso. Nunca dizia pra gente o nome dele além do nome no formspring, que era Antikythera, o nome de um antigo instrumento antigo de origem e propósito misteriosos (eu sei, vai tomar no cu, né?).

Sei que era um cabeludo com cara de metalheiro que tocava violão clássico, tinha unha muito comprida e, apesar de só falar brabo e difícil na internet, pessoalmente ele era doce como uma senhorinha do interior. Parecia ter quarenta e tantos, mas podia ser acabado e ter bem menos. Dizia que lia grego e alemão, mas eu próprio não tinha como conferir. Marcava num boteco perto da Savassi aulas sobre René Guenon, Zubiri, uns treco assim que um dia já me interessaram. Falava que Hegel, Schopenhauer, Freud, Marx, todos eram picaretas. Que todo mundo na academia brasileira era ignorante, fora um ou outro professor de setenta anos. E reunia na mesa alguma das amostragens mais intensas de malucos que Belo Horizonte já viu. Eu era de longe, mas de longe mesmo, a pessoa mais normal ali. Não achava as aulas aquilo tudo, parte de mim tinha vergonha de estar numa mesa com virjões tão virjões, mas no fundo curtia a interação humana, que era quase a única que eu tinha na época. A turma oscilava entre cinco e seis pessoas. O máximo deve ter sido um dia que tinha oito, incluindo uma garota (!, o que infelizmente nunca se repetiu).

Eu não conseguiria explicar como aconteceu essa agremiação, mas

aconteceu. A internet ainda era um lugar muito doido, lá pra 2011, 2012. Durante seis meses pelo menos esse grupo se encontrava toda quinta. Pagava cada um quarenta reais pro Kythera. E ouvia ele falar por duas horas tomando água, pra depois continuar ouvindo ele falar por mais umas três ou quatro horas tomando cerveja.

O núcleo estável do grupo era eu, Saulo Anderson, Clayton e Alessandro. Todo mundo que ia lá era bastante branco, alguns eram até comicamente brancos, menos o Clayton. Clayton era um mulato pequeno e atarracado com uma cara sempre irônica e suspeita. Era técnico de informática numa empresa enorme que ficava pras bandas de Nova Lima, mas tinha pretensões literárias. Largou uma graduação em letras por não aguentar a arrogância dos playboys esquerdinhas e dos hippies maconheiros. Mantinha sempre os braços muito próximos do corpo, se possível com as mãos nos bolsos. Nutria uma irritação profunda por tudo que sentia que lhe era exigido sentir como ancestralidade africana, e se orgulhava de dizer que passou no vestibular antes das cotas. Escrevia poemas compridos num estilo que parecia bicentenário. A maioria do grupo gostava muito de literatura e de filosofia, alguns já tinham feito graduação ou mestrado nisso, outros estavam tentando se educar um pouco fora das universidades, mas não lidavam com essas coisas no dia-a-dia. Só Clayton e Saulo trabalhavam, na época, e não viviam com alguém da família.

Alguns gostavam de futebol, os atleticanos zoavam os cruzeirenses e vice-versa. Mas todos gostávamos de rock e de Senhor dos Anéis, e acabava que a gente falava muito disso depois que a aula terminava. Disso e do quanto odiávamos esquerdistas e a ideologia pós-moderna dominante em todo lugar. Vários ali, o Antikythera inclusos, revelaram-se com o tempo bem mais extremos do que eu me considero. Alguns deles você poderia até dizer que passam perto do racista (e eu não joga esse termo à toa pra lá e pra cá, como muita gente faz). De todos, hoje acho que só Alessandro era nazista-nazista mesmo. Com 1488 tatuado na virilha e tudo mais. Só fui sacar essas coisas melhor um tempo depois.

O grupo seguiu se encontrado com regularidade até o Renato brigar com o professor numa aula, e acabar deixando todo mundo desconcertado. O cabeludo falou alguma coisa sobre um filósofo alemão lá, Shelley, não sei quem, que pareceu irritar muito o Renato, que começou a ficar indignado e encenar uma sabatina sobre idealismo alemão, batendo uma régua (que ninguém nem sabia

de onde ele havia tirado) na mesa metálica no bar e fazendo um barulhão.

Depois de uns cinco minutos tensos, o picareta admitiu que, no caso daquele autor, nunca tinha lido mais do que alguns artigos da Wikipédia e resumos de artigo. Ninguém mais lhe pagou uma aula. Como todo mundo ali tinha alguma espécie de fascínio ou deslumbre com erudição, todo mundo ficou impressionado com aquele cara com tipo de mendigo maluco, mas uma aparente carga real de leitura.

A gente continuou encontrando o Renato algumas vezes, oferecendo pagar cervejas para ele nos falar disso ou daquilo. Mas ele tava sempre pulando de galera em galera, entre os skatistas, a galera do hardcore, acadêmicos. Uma espécie de nódulo humano. Sem as aulas o grupo acabou desagregando, embora a maioria ali adorasse os encontros. Eu só encontrava o Saulo nesse grupo. Ele chegou a me chamar depois umas duas vezes pra beber, mas eu dei alguma desculpa. Imaginei, na época, que encontrá-lo sozinho poderia ser meio incômodo. Não teríamos assunto, seria aquela coisa. Senti que estava poupano os dois de uma noite desagradável.

Saulo Anderson se deslocava do grupo justamente por não se deslocar, não de cara, na maioria dos lugares. Se a maioria ali tinha um tipo mais raquítico ou, ao contrário, muito acima do peso padrão, Saulo era um homem no padrão bombado de academia, de cabeça raspada e se vestia com as mesmas camisas pólo com número e imagem de cavalo que calhava a tantos espécimes parecidos. O que gerava alguma incongruência era ele ali entre os nerds, falando da Terra Média e de Blind Guardian. Ele era meio caladão, ria das piadas de todo mundo, mas ficava na dele. Vira e mexe surpreendia com um comentário pertinente. `Dizia gostar muito de Chesterton, o que me surpreendeu. Às vezes falava umas coisas que ninguém entendia, murmuradas com agressividade. Depois ria, e todo mundo ria junto de nervoso.

Encontro Saulo num bar desses vários no centro em que fica passando futebol o tempo inteiro em TVs enormes. Devia ser perto do trabalho ou da casa dele. Tava já no segundo chopp, quando eu chego. Parece muito, muito feliz em me ver, e isso parte meu coração por um segundo (eu juro). A gente conversa amenidades por um pouco, mas os assuntos antigos logo retornam.

– Ele é engraçado, mas sei lá. Não consigo levar a sério. Até parece que ele ganharia.

– Qual é, Nilsão? Tu tá criticando tanto o mito que eu tou achando que tu

tá bandeando de lado. Qual foi?

– Tá maluco, cara. Eu sempre fui conservador, li o Olavo antes dele começar a babar, xingava o PT mais do que a maioria mesmo quando geral babava o ovo ainda. Até o Bolsonaro eu já repostei algumas vezes, muitos anos atrás. Mas eu acho que postei menos porque achava legal as coisas e mais pela reação que eu sabia que ele trazia em algumas pessoas. Aquela raiva cheia de justiça com que as mina de repente vêm te xingar.

– É muito bom, né? Isso é medo. É medo purinho. Bom demais.

– Aquilo ali pra mim já dizia tudo, confirma tudo que eu já sabia daquela gente. O que eles gostam mesmo é de esculachar os outros. Os ignorantes, os simplórios. E de fazer isso se achando o máximo.

– Dedo na cara e o caralho. Acham que são melhor que todo mundo.

– Como é que você ousa? Tipo isso.

– Isso. Desse jeito. Mesma coisa na faculdade. Passei na federal sabendo desde sempre que seria cheio de maconheiro cabeludo, mas eu não tinha ideia. Era pior ainda.

– Não é nem que seja todo mundo marxista, isso é exagero. É no máximo um terço, assim. Tem professor conservador, tem professor até razoável, dependendo do departamento, têm vários. Mas de fato rola uma mordaca sinistra do que pode e não pode falar pra esses moleques. Tem uma patrulha muito forte.

– Hoje deve estar ainda pior, ali em 2003, 2004, quando eu tava entrando, era só você defender, sei lá, a presença dos EUA no Iraque para tirar um ditador do poder e as pessoas te fuzilavam com os olhos, riam da tua cara. Se você fala, da maneira mais civilizada do mundo, que cotas raciais são racistas. Uma coisa que é lógica purinha, eles chegam a gritar com você. É um estado totalitário prestes a nascer. Se deixar, é dois pulinho.

– Até aí eu concordo com tudo que o professor diz, concordo com vocês. Claro. O PT é o caminho direto e sem volta pra Venezuela. Mas é uma piada achar que aquele capitão demente vai resolver qualquer coisa que seja. Ou sequer vai ganhar, falando bosta todo dia. Tá todo mundo animado, um bando de moleque de repente querendo fazer marketing de político, querendo fazer site de mídia de direita. Porra, até ontem era um bando de adolescente fazendo piada no twitter. Agora querem fazer política de gente grande, vão babar ovo

de político, de partido? Sei lá, acho esquisito pra burro. Tão caçando otário.

– Eu entendo tu se sentir assim. Suspeitar, tal. Mas pô, alguém tem que mudar o Brasil, cara. Alguém tem que se oferecer, saca. Tem que se apresentar. Eu venho pensando muito nisso. Muito mesmo. Eu não sou esse panstonte que todo mundo acha, não, saca, Nilsão?

– Eu nunca te achei nada disso, cara, do que cê tá falando?

– Sei. Mas diz aí, então. Tu veio pra falar alguma parada. Desembucha.

– O Renato. Tem tempo que cê não vê ele?

– Puts. Aquele ali. Outro que caiu pro lado negro da Força. Nunca foi conservador-conservador, mas não era tão abililado. Piorou foi muito.

– Mas você teve contato recente com ele, então?

– Não. Eu achei um twitter dele, um tempo atrás, que acho que ele até deletou, não sei. Me deu um nojo quando encontrei. Parecia uma paródia de um calouro de história, sei lá. Nuss.

– Sei.

– Parecia aquele, o, como chama? Zambininho. Bom demais. Só que a sério, saca? Um inferno.

– Mas ele sempre foi assim, Saulo. Sempre foi meio bicha, meio macumbreiro mesmo. Só que na época a esquerda tava no poder, então ele enquanto do contra tinha que ficar reclamando da esquerda. Ele mudou mesmo, eu concordo, mas não muito. Todo mundo que já era mais ou menos de esquerda vem pirando em rede social, né? Ficando mais radical.

– Cada um mais ansioso pra se provar que é melhor que o outro.

– Mas qual foi a última vez que você encontrou ele? Ou ouviu falar de onde ele tava, sei lá. Você sabe onde eu tou trabalhando, né?

– Claro que eu lembro. Foda demais. Todo respeito.

Saulo presta uma continência de maneira energética. Eu não entendo se é uma piada, mas sorrio sem graça.

– Pois então, me encarregaram de investigar o Renato, porque acham que ele pode estar envolvido numa série de coisas cabeludas pra caramba.

– Tipo?

– Tipo sequestros e mais de dez assassinatos. Desse nível.

– Quê? O Renato? Aquilo ali é uma mosca. Que viagem. Já vi ele tomar um tapa e responder com um hang loose. Onde que aquele ali mataria alguém.

– Pois é, foi o que eu falei. Falei a mesma coisa. Mas parece que mataram, um por um, todos os doze membros numa lista que ele tinha postado na internet.

– Eu tou ligado dessa lista, claro. Foi isso que eu vi quando te falei que deu um nojo, tal. Mas tão achando que foi o Renato que matou?

– Você tá ligado? Você sabia dessas mortes, então?

– Sabia. Mas o Jader foi depois, né? Acho que foi bem depois. Nada a ver. Tão achando que é tudo a mesma coisa?

– Tão. E até aí eu concordo que é difícil achar que é só coincidência. Meio bizarro mesmo. Mas também não vejo como o Renato faria isso. Por que que ele mataria pessoas numa lista de gente que ele admira? Não faz nenhum sentido.

– Pois é, né? Não faz mesmo. Galera idiota. Quem matou os onze é porque devia ter raiva deles, do que eles faziam. Claro. Com certeza.

– Os doze.

– Os doze, mas é que o Jader foi depois.

– E daí que o Jader foi depois?

– Ah, sei lá.

– Enfim. Cara, nem te contei direito ainda o que rolou no estádio.

– Nem me fala daquele jogo. Aqueles viadinho milionário chorando. Dá vontade de quebrar aquele time inteiro na porrada.

>>

11.

<

Murilo já tinha há algum tempo exportado os arquivos e rascunhos de Fábio que considerava mais importante para um HD externo. Depois passou a pagar o armazenamento do Google também e a guardar os arquivos lá. Era texto, principalmente, o que tinha ali, mas havia também alguns desenhos e fotos, um punhado pequeno de vídeos curtos. Já tinha visto muita coisa dezenas de vezes, mas até hoje acontecia de encontrar trechos que nunca tinha lido antes. Era um repositório grande. Além dos vários e-mails e conversas trocados com umas dezenas de pessoas diferentes, Fábio ainda tinha deixado salvo um sem-número de rascunhos, cujo propósito Murilo nem sempre conseguia determinar.

Havia começos de contos, versos, ideias soltas, vozes estranhas que ele começava a ler como sendo do próprio Fábio e percebia de repente que devia ser de algum personagem, narrativas em primeira pessoa que não sabia se eram autobiográficas ou não.

Começou a fazer essa varredura ainda em 2014, 2015. Mas ainda se segurava, um pouco, nessa época. Foi só depois do livro ser publicado, e de outras pessoas começarem a fazer projetos com alguns rascunhos do Fábio, que ele se sentiu realmente autorizado a fuçar tudo. Já havia começado algumas vezes a empreender uma varredura metódica, mas sempre parava por alguma distração ou porque algo mexia demais com ele. E parou um pouco de perder tanto tempo com isso só quando se mudou. Chegar em Nova Iorque foi uma sensação tão bizarra que preencheu sua atenção quase integral por algumas semanas, em bloco e em detalhe.

A sensação era estranhíssima, e era basicamente de começar de repente a habitar e presenciar uma série de formas e estruturas que ele já conhecia muito bem, mas como pura imagem. Não era apenas as silhuetas dos prédios, os táxis amarelos e os pontos turísticos que ele tinha em mente (como qualquer turista distraído também conheceria, imagina-se). Murilo havia com o tempo absorvido tantas referências da cidade que, quando pisou nela pela primeira vez, já tinha um mapa mental rudimentar.

Isso se devia ao fato da sua atenção ter sido devotada esses trinta e poucos

anos a devorar tantos e tantos filmes, séries e livros que se passavam lá, com certeza. Por isso, sua atração pela cidade era ainda maior do que a atração que ele tinha por alguns elementos da cultura norte-americana como um todo (até porque esse segundo sentimento era tão mais ambivalente). Sabe que jamais conseguiria julgar se essa atração vinha por alguma afinidade natural com a cultura ou era só decorrência da imposição imperialista (o fato de que ela sempre estava ali, disponível, no fundo ou na superfície). Essas coisas todas passaram a incomodá-lo de maneira bem mais aguda, desde que chegou lá.

O certo é que nas imagens distraídas que ele fazia pra si mesmo quando adolescente de uma vida bem-sucedida e feliz, satisfeita, de uma vida plena, aquelas reproduções praticamente automáticas que pingam dos filmes e capas de discos, de todos os cardápios de desejos inacessíveis que nos esfregam na cara, Nova Iorque era a cidade a que mais recorria. Apareciam outras, claro (Recife, Sevilha, Istanbul, Praga, Buenos Aires, Tóquio, Paris), mas Nova Iorque era a mais comum.

Conhecia os nomes não só da Broadway e da 5a avenida, mas de Bleecker e Houston e tantas outras ruas que ele nem sabia direito, no mais das vezes, o motivo de sabê-las. Conhecia os bairros e algo de suas histórias, sua movimentação econômica, seus processos de gentrificação, gerações sedimentadas de artistas e personagens que haviam morado lá. Que tipo de estabelecimento seria considerado mais autêntico para cada canto de acordo com algumas genealogias e subdistinções sutis feitas por revistas e pessoas nativas que ele acompanhava.

A sua experiência de chegar na cidade foi basicamente, portanto, um confronto de expectativas substanciosas. Foi a de saber de antemão como seria a experiência material e direta de todas aquelas abstrações e referências agrupadas que ele já tinha dispostas e organizadas em pastas e listas na sua cabeça, e de ter essa expectativa perfeitamente preenchida em sua inteireza. Lugares onde Melville ou Bird ou Djuna Barnes ou sei lá quem morou, viveu, trabalhou, morreu. Claro que a atualidade era sempre mais vívida do que a expectativa, sempre mais acidentada e ruidosa do que conseguiríamos imaginar, e nesse sentido ainda melhor do que a encomenda. Mas o real consegue parecer também muitas vezes menor que o molde, menor do que sua própria imagem. E havia momentos em que ele, o mero fato de ele, Murilo, estar andando naquelas ruas lhe parecia simplesmente suspeito, ou de todo modo pouco crível (ainda que aparentemente verdade).

Então era isso que ele havia feito nos últimos meses. E mais nada. Escrever sobre a própria vida, ou sobre a infinita recursividade da literatura, tudo isso lhe parecia uma piada sem graça alguma. Murilo não conseguia imaginar alguém se interessando minimamente por aquela sequidão, por aquela sua presença minguada e rala. Já tinha tanto livro daquilo, aquele auto-envolvimento narcísico europeu e norte-americano parecia devorar tudo por dentro como um cancro inoperável. Murilo não tinha ilusão alguma sobre a sua própria figura. Todo dia ele a confrontava, tanto nos espelhos de vidro e metal quanto na série quase infinita de espelhos virtuais na própria cabeça, nas várias tomadas que ele fazia de si mesmo acordando, tomando banho, fumando um cigarro debaixo do prédio, tomando café da manhã no lugar na rua tal que tinha um suco de laranja um pouco mais tolerável. Sabia o tanto que a sua presença no mundo era escassa, desatenta, reunindo pouca força, quase nenhuma atenção sustentada. Precisaria de algum truque como o do primeiro livro pra trabalhar em cima. Mas como diabos escrever sobre o que ele estava vivendo, como tantos recomendavam genericamente? Quem ainda poderia se interessar por um livro sobre um escritor indeciso em Nova Iorque? Este deve ser, a essa altura do campeonato, literalmente o assunto menos interessante do mundo (poderia ser pior, ele supõe, poderia ser Paris).

Algumas coisas de estar ali às vezes eram bem reais. Além da graça quase infinita de andar nas ruas, que nunca deixava de surpreender o brasileiro desacostumado, algumas coisas nos museus o pegaram com força. O peso de dois Cézannes que ele viu ao vivo e a cores pela primeira vez fez ele finalmente sentir que entendia alguns blocos de texto que já tinha lido antes sobre o cara, e que sempre lhe pareceram besteira. Alguns artistas cuja graça nunca havia lhe atingido muito, como Beuys e Mondriam, pareciam outra coisa quando vistos de perto.

Murilo se sentia de alguma forma grato que aqueles lugares existissem, parecia objetivamente bom que coisas ali existissem ainda. Mas acabava vindo uma raiva do preço alto que cobravam, do espetáculo brilhoso que o lugar todo havia virado nas lojinhas, dentro daquela voragem turística ainda maior que arrastava tudo com ela como acessório. Mais do que tudo, Murilo se ressentia do fato de que nunca havia podido entrar num lugar como aquele antes. E de não saber se iria poder fazer aquilo de novo. Como se o fato de que só alguns poucos países do mundo conseguissem ter instituições daquele tipo, e não vários (ou mesmo todos), tornassem a imponência tão monumental

daqueles lugares uma ofensa em si mesmo. Chegava a ficar feliz quando notava um canto sujo, ou algum canto mal conservado.

A beleza daqueles quadros não tinha culpa daquilo, mas eles não deixavam de ser uma parte totalmente entranhada da coisa toda, daquele sistema de exclusão sistemática que, quase que por acidente, também criava doses violentas de beleza no processo. Conseguia sentir prazer de estar nesses lugares, até muito prazer, mas o que dominava na maior parte do tempo, com uma força que jamais havia imaginado, era um ressentimento pontiagudo e muito mal engolido.

Logo, o velho apagamento que ele sentia em Brasília também começa a retornar, com sua camada de cinzas deitando sobre o gosto de todas as coisas. Mesmo ali, na meiúca do seio túmido do capital financeiro e cultural, naquela malha esguia que contém o mundo todo, naquela maquete brilhosa de cinema que lhe deixava ainda excitado de poder percorrer de dia e de noite, mesmo ali a mesmice retorna e se instala. Ao que parece.

Passou a ir em muito menos exposições e filmes, voltou a escarafunchar os rascunhos de Fábio e a passar quase todos os dias deitado diante do computador. Pagando aluguel em dólar e pensando nesse fato enquanto notava o dinheiro já mingando na conta. E também pendurava sobre sua cabeça o fato de que não estava escrevendo nada. Nem um continho mixuruca que fosse. Nem uma criticazinha de romances alheios, que aliás ele mal conseguia ler. Passava as noites assistindo seriado ou Youtube até dormir. Os dias se passavam sem nenhuma distinção, iterações apenas vagamente dessemelhantes, versões igualmente arbitrárias de um mesmo repertório cuja repetição parecia cancelar, ao invés de somar, o peso umas das outras.

>

12.

<<

Rodolfo foi para o laboratório na Bolívia só uma vez. Em agosto de 2012, pouco depois de lhe chamarem para a empreitada. A ideia não foi dos homens que o chamaram, foi insistência dele. Queria ver a coisa toda com seus próprios olhos.

A viagem foi tranquila, e o lugar escondido na mata era surpreendente próximo da cidade e do aeroporto. Rodolfo achou até graça de algo tão fora do radar estar acontecendo tão perto de todo mundo.

O lugar era nauseante. Tinham parado com todos os outros experimentos depois de decifrarem a mensagem extraterrena, até por falta de fundos para qualquer outro projeto, mas ainda restavam ali alguns animais de experimentos antigos. Explicaram, num tom apologético, que o protocolo de segurança não permitia que a equipe de limpeza terceirizada entrasse naquele setor. Portanto, a limpeza era atribuição da própria equipe de cientistas. “Não é o nosso forte”, explicou o líder da equipe, reconhecendo o forte cheiro de amônia misturado com fezes de diversas espécies. “A gente até melhorou com o tempo, mas já está empestado em tudo, não tem jeito”.

Rodolfo assentiu de maneira compreensiva, embora sua expressão ainda involuntariamente enojada denotasse seu desconforto. Mas deixou de notar o cheiro quando desceram a última leva de escadas e chegaram enfim na plataforma 13. Estava lá, num tubo d’água turva, uma criatura que parecia um mamífero terrestre sem olhos nem boca, com orelhas compridas e vivazes que não paravam de se mexer. Diante do tubo, um hexágono repleto de brinquedos didáticos, um quadro-negro, um globo terrestre. Parecia uma sala de jardim de infância, Rodolfo notou. Uma garota indígena bonita, de jaleco e expressão irritada, estava sentada numa mesa de proporções diminutas. A equipe tinha mais pessoas, mas não estavam presentes naquele dia.

Jacques era um francês com quarenta e tantos, magricelo e ossudo, cabelo levemente grisalho. Seria muito atraente se não estivesse sempre mal vestido e fedendo, cabelos mal cortados e oleosos, unhas comidas a ponto de devorar nacos da carne em torno. Havia sido um prodígio com carreira meteórica de pesquisador em genética até ter uma série de experimentos ousados demais

derrubados por sucessivos comitês de ética europeus e norte-americanos. Diante dessas dificuldades, estourou repetidas vezes com vários colegas e superiores até acabar brigando com todos os maiores centros de pesquisa e financiamento da sua área. Foi o primeiro a ser procurado quando confirmaram que tinham nas mãos um código genético alienígena para tentar produzir sinteticamente de maneira sigilosa. Recebeu carta branca para gastar o que fosse necessário e pedir qualquer coisa que o ajudasse a trazer à vida aquela série de instruções proteicas enrodilhadas umas nas outras. Em troca, isolamento quase total numa base secreta e nenhum contato com família ou amigos durante três anos pelo menos. Aceitou imediatamente, anunciando naquela mesma tarde seu divórcio para sua esposa de seis anos (uma socióloga alsaciana chamada Elise), na maior paz de espírito do mundo, apesar da total incompreensão dela. Estavam planejando ter um filho até a semana anterior. Jacques apaixonou-se perdidamente pelo laboratório, justamente por sua sordidez, assim que chegou.

Recontava a história toda ali para Rodolfo de maneira sintética, mas grandiloquente, com seu sotaque grosso, ressaltando a cada momento as dificuldades técnicas quase impossíveis ultrapassadas por ele ou por seus colegas em cada passo do processo. Rodolfo só tinha ouvido contar uma vez, e em menos detalhes. Apesar de não simpatizar nem por um instante com o modo um pouco asqueroso e arrogante de Jacques, seu relato era apaixonado e preciso, bom de ouvir. A mensagem foi recebida em 2008, foram entender que tratava-se de um código genético no início de 2009. Foi aí que Jacques entrou em cena. Ele não conheceu nem interagiu com ninguém que trabalhou no projeto até aí, aliás, o que ele dizia com um lamento na voz. Gostaria muito de saber como a coisa toda se deu, mas também jamais ousaria sair dos limites que lhe foram impostos. De lá tinham passado um ano e meio e uma montanha de dinheiro até conseguir sintetizar aquelas sequências proteicas bizarras. Isso com Jacques liderando uma equipe de só cinco pessoas, imagine. Claro que só conseguiram porque quebraram o problema em inúmeras pequenas partes, e terceirizaram a grande maioria destas pequenas partes para vários outros grupos e instituições (que jamais saberiam do que estavam participando). Ainda assim, foi um esforço tremendo, quase inacreditável (segundo ele próprio).

A primeira coisa que ele notou era que a tripla hélice transmitida continha operações mais complexas do que toda vida complexa conhecida, ao mesmo

tempo que inscritas de maneira muito mais enxuta, sem redundância no código, sem ruído viral algum.

– Só 3 a 4% de um código genético na Terra de fato codifica proteínas de maneira verificável. Já esse código que chegou pra gente é todo altamente funcional. Eu e o nosso biólogo molecular chefe ficávamos espantados com a elegância das sequências. Era tudo tão direto que parecia deliberado, é o que eu quero dizer. Mas claro, isso pode ser só a minha visão limitada pensando em parâmetros terrestres. Não sei. Vai saber com o que a evolução se parece com mais uns dez bilhões de anos nas costas? Ou ainda mais. Será que esta criatura programou a si própria, de algum jeito? Ou foi programada por outra forma de vida? Ainda não sabemos.

Mesmo depois de conseguirem sintetizar os primeiros zigotos, e os embriões aparentemente saudáveis se desdobrarem dali, as primeiras criaturas nasciam sempre malformadas, horríveis. Cresciam com rapidez, em poucas horas formavam quimeras assustadoras, bichos que pareciam insetos com pele, fungos com exoesqueleto. Fracassos escandalosos e deprimentes. Foram muitos. Jacques não quis nem dizer quantos.

Em 2011 enfim conseguiram. A criatura nasceu, cresceu rápido e em três meses pareceu atingir sua forma madura. Ninguém conseguia interagir com ela de maneira alguma. Ela se alimentava de luz e de água com amônia, mais nada. Quase não produzia excreções, exceto um óleo betuminoso que exsudava pela sua pele enquanto dormia. Suas células tinham muito pouco a ver com as nossas, segundo Jacques. Precisaria de batalhões de cientistas pelo mundo tendo acesso a essas amostras para começar a entender algo, mas o que logo descobriram na prática é que a criatura conseguia interferir com campos eletromagnéticos. Fazia frequentemente com que aparelhos desligassem perto dela, e começou a controlar o termostato para chegar na temperatura que lhe agradava mais (19 graus). O dinheiro terminou várias vezes, os chefões se virando para arranjar de onde podiam, e tudo que a equipe tinha pra mostrar era uma criatura sem olhos num tubo de amônia. Com orelhas espiraladas que se voltavam para tudo. Ela parecia engolir muita informação, mas não reagia a nenhuma das tentativas de comunicação oral ou visual. Não conseguiam nem confirmar ou desconfirmar que aquilo era uma ameaça à segurança nacional, nas mãos de outro país ou entidade.

Mas, afinal, como que acaba o dinheiro do maior orçamento militar que já existiu? Ainda mais para algo tão importante? Ali no laboratório ninguém

fez essa pergunta, mas seu fantasma ecoou na cabeça de Rodolfo. Na primeira reunião, no restaurante japonês na Suíça, Rodolfo sabia que não devia cutucar demais, mas perguntou esse tanto. Pareceu-lhe estranho demais. Ficou com medo de ser tudo uma piada elaborada na qual ele estivesse caindo. Geralmente não seria indiscreto ou inconveniente de insistir, sabe medir seus limites com clientes. Mas nesse caso tudo era tão estranho que ele não queria deixar ponta soltas, queria entender a parte que desse para entender para não se dar mal depois. Não sair entrando num buraco qualquer. No restaurante, seus contatos não responderam, só se entreolharam. Eram só a primeira camada.

Rodolfo teve um segundo encontro, dessa vez em em Washington, com o que entendeu ser uma camada superior. Certamente a camada derradeira a que ele teria acesso. Num parque público em Washington, um senhor de sobretudo se sentou do lado oposto de um banco e começou a falar sem olhar na sua direção, exatamente como nos filmes. Um general ressequido e bronzeado, seu rosto uma carranca caricata de dever cumprido, explicou-lhe em poucas palavras, claramente relutante em fazê-lo. Que aquilo ainda estava restrito a um número muito pequeno de pessoas nas forças armadas e nas agências de três letras. Não havia saído do DoD, basicamente. Nem para os briefings secretos de comitês do Senado. Isso porque alguns deles não confiavam, de todo, no novo presidente. Não ainda. Não com algo tão grande, tão divisor de águas. Queriam algum tempo e mais certeza para saber com que estavam lidando antes de apresentar um game-changer como esse para o poder civil, que dirá para a população em geral. Sem contar o fato de que anunciar a criatura e seu código genético significaria que a China e a Rússia logo produziriam suas próprias criaturas. Por isso a necessidade de opções heterodoxas, concluiu o general. Querendo com isso descrevê-lo, Rodolfo entendeu, não sem se ofender um pouco com a expressão de desprezo mal escondido.

Ainda lhe parecia muito estranho, mas ele já tinha insistido demais. Sabia que não podia testar sua utilidade ou importância com esse tipo de gente. Então era isso que mantinha o projeto acontecendo fora dos canais tradicionais, apesar da supervisão militar. A discussão jamais veio à tona de novo com seu contatos, mas Rodolfo imagina que o fato do projeto ter logo começado a retornar centenas de milhões de dólares para todos seus investidores devia ter algo a ver com a extensão indefinida do projeto nesse status extra oficial.

Rodolfo ficava encucado com o fato de que a imaginação do general não parecia assombrada com aquilo tudo. Um contato de Fora como aquele não

era pra ser um evento que transformaria tudo? Eles não se ajoelhavam de assombro diante disso? Não gritavam no travesseiro de medo ou de alegria? O dinheiro parecia ser a única coisa real envolvida. Uma demonstração inegável de que eles estavam sabendo dispor dos recursos estratégicos adquiridos, afinal de contas. E a grana bastava, sem dúvida, para Rodolfo também, mas não matava a vontade de falar sobre o assunto com os outros. Ele não conseguiu notar nem um fiapo de assombro no general. Aquele homem seco parecia achar muito natural, em algum nível, que o Império deles se desdobrasse daquela maneira. É claro que seria ali, com eles, que o primeiro contato se daria. Só não esperavam que seria dessa maneira tão esquisita, tão anticlimática. Não tinha ameaça em quem atirar, tampouco alguém com quem negociar.

Já Rodolfo jamais anteviu nada daquilo como possibilidade real, mesmo que remota, não mais do que qualquer pessoa bem-ajustada da sua geração, exposta a Jornada nas Estrelas na televisão desde adolescente. Sabia que o espaço era vasto o bastante para que jamais encontrássemos nada, e já havia se reconciliado com essa perspectiva há muito. E agora aparecia isso. Rodolfo teve alguma dificuldade de guardar aquele segredo, de continuar vivendo com sua esposa e amigos num mundo onde, ostensivamente, não existisse uma novidade alienígena esperando para ser descoberta pelo resto das pessoas. Passou a ser uma fonte de constante excitação, além de uma relativa agonia ansiosa de não saber bem o que aquela coisa significava, mesmo participando dela.

Ali no laboratório, Jacques continuava recontando a história de como tinham chegado até ali. Depois de muitas tentativas mal sucedidas de interação, foi só depois do trabalho da jovem pesquisadora, recentemente recrutada pela CIA, que eles conseguiram perceber como manejar as propriedades notáveis da criatura de maneira rentável. Jacques olhou para a garota com olhos de admiração derramada que ele logou tentou conter.

– Foi aí que entramos em contato com o senhor. Depois que a Eva nos mostrou, sem querer, como a criatura funcionava como o computador quântico mais potente do mundo. Deste mundo, pelo menos.

A garota fazia uma cara estranha ouvindo isso, como se o relato a incomodasse de alguma maneira. Rodolfo achou difícil resistir a tentação de continuar encarando-a, considerando tanto a sua beleza quanto o seu aparente constrangimento, que ele mal interpretou na hora como sendo de uma timidez enternecedora.

– Pra falar a verdade, foi um trabalho especulativo que ela produziu dentro da agência, sobre redes hipotéticas de computação quântica por meio ótico. O desenho especulativo era quase idêntico ao diagrama que a equipe havia feito de como o organismo da criatura engolia e inteligência luz. Uma dessas coincidências assombrosas que às vezes a gente só recebe e agradece. Se eu acreditasse em algo como destino...

Jacques continuou explicando como podia, sua expressão às vezes vagando por alguma palavra mais precisa, sendo às vezes completado pela garota. As células da criatura conseguiam computar todas as trajetórias possíveis da luz enquanto a digeriria. Sua digestão era isso. Absorver de cada raio sua espessura e sua trajetória precisa é o único modo de isolar e armazenar a energia dos fótons. Isso faz com que o tempo para ela se curve de maneira diferente. Como se todas as possibilidades latentes do futuro ao seu redor passassem por ela antes de acontecer. E como se ela pudesse, pelo menos em alguns casos, direcionar a sua concreção.

Isso tudo aqui agora é um processo consciente para ela. Parecia ser. O corpo dela não se divide entre processos conscientes e inconscientes, como o nosso. Sua capacidade de produzir feixes concentrados e direcionados de radiação eletromagnética também parecia vir disso. Luz era sua comida e meio de inteligência. Seu pão e sua linguagem, seu corpo e seu papel e caneta, ao mesmo tempo, por assim dizer. Alguns ali acreditam, inclusive, que pode ser perigoso deixá-la entrar em contato direto com o sol. As pequenas nesgas de luz artificial que ela recebe já a deixavam muito eriçada, seu pelo sobe sozinho, sua pele brilha vermelha-transparente, deixando ver os órgãos lá dentro.

– Na única vez que a atingimos com raios ultravioleta, brevemente, sua pele chegou a brilhar por dentro, como se fosse magma incandescente. Eu até fico com vontade de levá-la lá pra fora um dia, mas não até a gente ter certeza que consegue controlar a força dela. Não é, Eva? Não seria seguro.

A garota de novo parecia desconfortável, o que por sua vez pareceu constranger Jacques pela primeira vez.

– Enfim, desculpe, senhor Rodolfo. Me empolguei. Mas é fascinante, você não concorda?

– Concordo. E não tem problema, pode contar. É fascinante mesmo. Prefiro entender o máximo possível.

– Enfim. Pois essa outra criatura incrível escreve esse negócio brilhante, isso chega no Oliver, nós fazemos uma ligação e pum, a garota chega aqui. Eu e Hans achamos que seria quase impossível fazer alguém entender tanto a biologia quanto a matemática envolvida aqui. E no entanto em poucos meses a gente construiu uma interface hipotética com a criatura. E, de repente (o francês estala os dedos), a gente consegue conectá-la na internet. Daí foram dois pulos até ela se tornar o processador mais poderoso do mundo. Com um abismo de distância até o segundo lugar.

– Fascinante, senhor Prost. Fascinante.

– Me chame de Jacques, senhor Rodolfo. Meu pré-nome já não é nada. Eu sou um dos pais dessa criatura aqui, e pronto. É o meu legado, minha herança. E é tudo. Enfim. É aí que você entra. Ela já digere informação da internet, botamos ela conectada nos terminais de mercado, na verdade numa versão modificada e simplificada da interface tradicional. A rapidez com que ela parece compreender e manipular os parâmetros de qualquer sistema que ela acessa é assustadora. Assustadora. Nós limitamos o seu acesso bruto por causa disso. Ela seria capaz de quebrar a maior parte da criptografia usada hoje para transações financeiras, por exemplo. Sem nenhuma dificuldade. Pra ela é como um quebra-cabeça bobo.

Ele deu um instante para que Rodolfo levasse aquele fato a sério. Rodolfo tentou imprimir na sua expressão que ele compreendia a gravidade da coisa.

– O que falta é você e Hans descobrirem o jeito de usá-la para se antecipar a todo mundo e fazer uma montanha de dinheiro. Acha que conseguem?

– Eu já antecipo meio mundo usando uma equipe artesanal e computadores normais, Jacques. Só não entendo ainda como vamos extrair qualquer informação dela se ela não fala língua nenhuma. A ideia é o quê? Telepatia?

Diante disso, Jacques engoliu seco. Fez uma cara perversa que Rodolfo não conseguiu interpretar.

– Não vou te entediar com detalhes desnecessários, mas nós tivemos acesso a uma tecnologia experimental da DARPA. Uma espécie de interface neural direta. E improvisamos uma maneira de usar essa tecnologia para conectar com ela.

Nessa primeira visita, depois de encarar a criatura e ouvir essa história toda, Rodolfo presenciou uma sessão de acoplagem forçada com as trigêmeas.

Sem dúvida, a coisa mais esquisita que ele já presenciou (e ele já foi várias vezes no Bohemian Grove, já foi em festas no Rancho Neverland, já ficou hospedado na ilha Little St James).

As trigêmeas siamesas, seus crânios grudados em partes, surgem lá de dentro dos andares inferiores, vestindo cada uma delas seus xales rendados e sendo conduzidas com cuidado pela garota até uma espécie de divã vermelho-escuro improvisado (na verdade almofadas antigas em cima de uma plataforma metálica diagonal). Deitavam-se e tinham suas nucas besuntadas de um óleo especial pela garota, que cumpria a função com cuidado e dureza.

A criatura direcionava suas vastas orelhas para todos que chegavam, mas quando as trigêmeas apareceram a criatura se dirigiu para o canto de sua jaula. Parecia agoniada. Rodolfo olhou para Jacques com uma cara perplexa.

– Ela não gosta. É porque a gente precisa forçar um pouco a acoplagem eletricamente. Ela deve receber um choquezinho na hora.

– Choquezinho é porque não é você quem toma. A gente não tem nem ideia qual é a receptividade dela pra dor.

A garota é quem falava isso, enquanto ligava as máquinas atrás das trigêmeas.

– Eu odeio fazer isso tanto quanto você, querida. Mas é o único jeito. Esse lugar não vai se pagar sozinho. A ciência não é bonitinha, sabe? Não é limpinha, não.

Jacques respondeu irritado, a garota não insistiu. As trigêmeas, aliás, chegaram caladas e continuaram assim. Jacques já havia explicado que eram muito sensíveis e precisavam se resguardar de todo input sensorial por horas antes da acoplagem. Tinham a seriedade hierática de sacerdotisas, o que agradou o senso estético de Rodolfo, mas o deixou um pouco mais tenso. Teve que segurar o riso duas vezes, diante da esquisitice toda.

Jacques deu o ‘boot’ no programa a partir de seu terminal. Ele explicou, professoral, que a máquina apenas potencializava a ressonância dos sistemas neurais das três e amplificava o sinal para que a criatura não conseguisse sentir mais nada em torno.

– Pra nós é imperceptível, mas pensa como se eu tivesse preenchido todo o espectro diante dela de uma camada só, um bloco só. Como ficar diante de uma parede de alto-falante com uma música no volume máximo.

As trigêmeas de repente se crisparam. O corpo todo, e as expressões. Pareciam em êxtase ou em dor, não era fácil julgar. Não durou mais do que quinze segundos. A máquina desligou, a criatura desfaleceu, exausta, e vomitou uma gosma multicolorida, iridescente. A garota apanhou a gosma por um buraco na jaula, com um pequeno rodo de pia e coletou em um saco plástico com fecho.

– A gente ainda tá aprendendo a decodificar, mas essa gosma que ela cospe vem com informação inscrita. A gente não tem muita ideia do que é, ainda.

Rodolfo assentiu, como se aquilo fosse algo muito natural de se escutar. Claro. Sempre lido com gosmas coloridas que vêm com informação inscrita. Essas danadas.

– O importante mesmo tá aqui no meu terminal, ó. Por menos de um segundo, eu consegui usar a criatura para processar o preço desses futuros de soja daqui a alguns minutos. Pode acompanhar no seu aplicativo, se quiser. A margem de erro é quase nula. Os preços sempre fazem o que a criatura diz.

As trigêmeas aos poucos acordaram, a do meio abrindo os olhos antes das outras duas.

– Prazer, senhor Rodolfo. Sou Tisandra.

– Prazer.

– Sou Terza.

– Prazer.

– Martina.

– Encantado.

Ele beijou, uma a uma, as três mãos ofertadas.

– O senhor tá preparado para controlar o preço do futuro?

As três riram, Jacques engatou junto. Não era possível que eles não percebessem como estavam sendo caricatos (percebiam sim). Rodolfo achou melhor acompanhar, por educação, mas também porque achou graça. Só parou quando viu a cara séria da garota, mais linda do que nunca, e a fúria muito pouco dissimulada emoldurada pelas mechas lisas e pretas do seu cabelo.

>>

13.

<

As primeiras coisas que Murilo leu da conta de Fábio eram uns poucos rascunhos que estavam bem no topo da lista, todos endereçados a ele próprio (Murilo). Coisas que o amigo parecia ter escrito para lhe mandar, mas acabou se arrependendo, ou nunca terminando. Talvez porque contavam um pouco mais do que devia? Além dos cinco ou seis que tinham o seu e-mail e nunca foram mandados, ele distinguia na lista quase interminável alguns outros que pareciam direcionados a ele pelo fato de que todos começavam com o vocativo “Bicho”.

Por exemplo, este e-mail (de 2012):

Bicho, tu me perguntou outro dia, então lá vai: hoje eu e Letícia temos um relacionamento aberto (ainda mal-ajambrado), mas antes disso eu por anos saía à caça na internet. Treinado desde novo na especialidade goiana profunda da monogamia hétero fajuta, eu evitava sair assim à toa pra pegar gente na rua, principalmente em Goiânia, onde era certo de ser descoberto. Então eu me fazia de predador de redes sociais, perfis, blogs, caixas de comentários, das fotos das amigas de amigas.

E nem precisava ir atrás, propriamente. No meu tráfego diário pelas enxurradas de detritos e gentes eu me dava de repente com algum perfil, foto, frase ou que seja que me parecia atraente. Na maioria dos casos a atração era um tanto convencional, alguma mina bonita e/ou charmosinha pertencente aos meus círculos sociosexuais (amplamente compreendidos) etc. Mas em vários casos a atração era bem mais pela presença virtual que se montava, o charme específico ali naquela esfera. Parte do tesão era de me aproximar ou de engolir daquela personalidade simulada, aquele composto de imagens, piadas e opiniões.

Eu me aproximava sempre de maneiras diferentes. Às vezes deixava comentário no blog ou flickr, às vezes conversava com ela diretamente por alguma rede social. Em alguns poucos casos mandava um e-mail mais direto. Numa única vez eu fiquei amigo de duas amigas da menina, antes de ir atrás dela, numa aproximação custosa, épica e cheia de reviravoltas que durou meses.

Não costuma ser super difícil se aproximar de alguém que tem algum interesse específico e raro. Muitas vezes eu de fato reconhecia um gosto em comum, às vezes eu fingia gostar de algo que me era indiferente, às vezes ia atrás de conhecer ou de adquirir as informações pra fingir que conhecia etc.

É muito fácil, se você tiver a cara de pau necessária (o que eu tinha de sobra aos dezenove, vinte e poucos, acho que não tenho mais, ou ao menos não do mesmo jeito). É quase deprimente o tanto que é fácil. Só teve uma mina que ter comido me quebrou todo, de um jeito que nunca falei pra ninguém e mudou esse jogo de figura pra mim um tanto.

É uma menina paulista que eu conheci através de amigos em comum. Tradutora baixinha moreninha com um rosto muito bonito, nariz torto e um senso de humor meio perverso e cruel. O twitter dela é pra mim uma das coisas mais engraçadas da internet. Fiquei obcecado com ela por um tempo, comecei a conversar por Gtalk e depois de duas semanas a gente tava conversando quase todo dia, às vezes por horas direto. daquelas conversas detidas, mesmo, onde parece que os dois só tão fazendo aquilo e mais nada. Um dia ela fez uma chamada de vídeo, supostamente só pra me mostrar a edição que ela tinha de um livro do Edward Gorey. E nos sei lá dois minutos de vídeo em que conversamos eu fiquei completamente apaixonado. Isso durou mais ou menos três semanas, até que eu tive uma mínima brecha qualquer e fui pra São Paulo com desculpa de algum show, num final de semana em que sabia que a Letícia não podia e encontrei com ela num café do qual ela gostava.

Sobrancelhas bem fortes, o rosto muito bonito, mas meio impassivo. Ela não move os braços nunca, principalmente quando anda, e sua expressão registra o mundo exterior com uma lentidão enorme. Como se não lhe importasse tanto o que o mundo fazia. Ela me conta que já foi do círculo de gente que joga videogame pesado, uma jogadora extraordinária nesses jogos de tiro em primeira pessoa com nick reconhecido em vários servidores.

Perguntei de alguns assuntos e bandeiras feministas que ela postava antes, e que não postava mais. Ela disse que quando ela era mais nova aquilo tudo era muito importante pra ela, mas que hoje havia se cansado demais com o jeito que todo mundo ostentava aquilo nas redes sociais. Tudo que passava por aquele filtro, pra ela, começava a parecer falso. De modo que feminismo, teoria crítica, socialismo, tudo hoje pra ela parecia adereços de cenário de ópera que ficam atrás do palco de verdade, que é a internet e as plataformas. Eu gostei muito dessa imagem.

Você tem que entender que na hora que estou dando em cima dela a impressão não é de que eu estou mentindo, embora seria também desonesto dizer que eu estou pleno e tranquilo, sem que tudo passe por uma série de vidros embaçados antes de sair da minha boca. É importante pra mim que você, M., entenda o que eu estou dizendo. Eu sei que eu sou cretino, mas eu sou um tipo particular de cretino (e não outro). Pelo menos quero acreditar. E não sei nem se gostaria de melhorar, pra ser franco. Estou sendo mais honesto aqui do que geralmente consigo, acho. Mais do que era com minha analista, certamente.

Talvez eu deva dizer então também que na real acompanhei o twitter da Flávia por cinco anos antes de conhecê-la e transar com ela. Só tive coragem de admitir isso agora. Ela era uma obsessão quieta, mas profunda, que corria na minha vida como um rio subterrâneo, e sobre a qual eu jamais falei com ninguém, aba que esteve sempre aberta no meu coração durante anos.

Nós voltamos pra casa dela só na segunda vez em que nos encontramos, num outro café em Pinheiros (ela não bebe). Um apartamento simpático e pequeno na Fernão Dias dividido com dois gatos. O sexo foi mais ou menos rápido, e não tão ótimo, e ela me surpreendeu bastante na cama por diversas razões (mas isso eu já não conto em detalhes, porque acho que você não gosta, acha feio).

Sei que a experiência de conseguir me apoderar do corpo daquele avatar que se apoderou de mim por tanto tempo foi uma reversão esquisita. E perceber de maneira aguda e súbita o fato de que ela me atraía tão mais online do que pessoalmente, no final das contas. Ela me teve nas mãos por anos sem nem saber, e agora que ela estava na minha, eu a achava quase repulsiva. Nosso tesão é muito previsível do que a gente gosta de pensar (de homem em particular, mas não só). Nós ficamos um tempão deitados no escuro sem dizer nada, encostando muito pouco um no outro. O corpo aos poucos esfriando e eu tentando medir a cara dela, que eu não distinguia tão bem, pela pouca luz, não conseguia dizer se estava com uma impressão constrangida ou apaixonada, nem se tava destoante demais do que devia ser a calibragem da minha (ao mesmo tempo lembrando da Letícia em casa e me sentindo um belo dum babaca).

Lembro de estar no banheiro dela me lavando, das pastilhas azuis do banheiro dela tingidas de uma luz pouca e meio rosa que chegava de um prédio enorme ali perto que ela odiava e que não dava de ver da sala dela, cuja única manifestação ali no apartamento era aquela luz. De ter em mente quase que

de forma involuntária as costas arqueadas dela enquanto a gente transava, e de pensar que talvez eu nunca mais a visse na vida. Eu não queria que ela me odiasse, mas muito mais importante do que isso era que eu jamais a visse me odiando.

De fato depois disso fiquei quatro anos sem vê-la. Até que um dia tou numa mesa de bar em Curitiba com quatro amigos meus de internet um pouco mais novos, e vejo que ela está lá, na mesa do lado, com um cara gordinho barbudo, e que os dois estão de aliança. Ele deve ser muito melhor parceiro do que eu, e ainda assim eu passo a noite inteira tentando olhar pra ela, pra tentar constatar se ela sabe disso ou não.

>

14.

>>

El Hotel del Salto Tequendama. Construído por uma empresa alemã num penhasco nebuloso diante da cachoeira monumental que lhe dá o nome, no meio dos Andes Bolivianos, nos anos 20. Um lugar idílico a apenas quarenta e cinco minutos de Bogotá. Imaginavam uma explosão de turismo na região, mas não anteciparam que uma hidrelétrica ali perto destruiria o rio, tampouco que logo viria o estouro da guerra às drogas, as guerrilhas no mato. Teve o seu auge fulgurante nos anos quarenta e cinquenta, mas a partir dos setenta foi perdendo sua clientela grã-fina, mudando de gerência e deixando a peteca do luxo cair. Faliu de vez nos oitenta, sem volta, com seu principal dono pulando da cachoeira até sua morte para fugir das dívidas em que estava atolado. A propriedade foi vendida duas vezes nas décadas seguintes sem que ninguém juntasse o dinheiro necessário para reformá-lo, até que a deterioração do lugar e das poucas estradas em volta foram tornando a reforma cada vez mais inviável e improvável. Na região se diz que é amaldiçoado desde antes de fechar, e alguns suicidas locais já gravitam há décadas em torno do vórtice de sua queda. Desde o início dos anos dois mil que quase nenhum humano aparece ali, fora um jornalista ou um turista mais aventureiro eventual para tirar fotos do cenário. Não é todo dia que se vê um prédio tão grande, e que já foi tão bonito, tão suntuoso, todo tomado pela vegetação. Raízes finas e grossas, peludas e lisas, entremetidas com pedra e madeira rachada, inchando paredes e agarrando-se livremente às intenções anteriores de metal e madeira.

Jorge Sepúlveda encara de longe essa visão drapeada de névoa enquanto sobe a comprida e antiga escada de pedra que corre ao longo da encosta, sua cara desalentada de cansaço.

Assim que alcança o tronco caído, Jorge para um pouco pra descansar, arfando. Tira uma cantina do lado da mochila, abre e dá um gole. Mesmo morando ali há semanas, passando por aquele ponto com frequência, a visão ainda o assombrava. A beleza estranha de um luxo apagado, retomado por vegetação tropical também luxurianta, à sua maneira, mas viçosa e nova. E que nuns cantos talvez já estivesse experimentando com cores e formas novas e inusuais, mesmo para a variedade já acintosa do verde daquela região. Mas

talvez fosse só impressão dele. Nunca entendeu de planta, não sabe dizer o nome de nenhuma que não seja óbvia.

Sua mochila estava cheia de pilhas, pacotes de macarrão instantâneo, latas de molho de tomate, pasta de dente e sabonete, alguns cabos e peças eletrônicas e um galão de querosene envolto em dois sacos plásticos. Tudo comprado em mercados na borda de Soacha, a cidade mais próxima. A bicicleta que ele usava para chegar lá ficava escondida no mato perto da estrada, no início da trilha que levava até a queda. Essa era a segunda viagem que ele fazia por mantimentos, e sempre que Jorge ia retirar o tapume coberto de folha seca onde escondia a bicicleta, vinha um medo danado de não encontrá-la ali mais. Olhava sempre em volta pra ver se não tinha ninguém espiando.

O carro com que chegaram ali também estava escondido, mas do lado do hotel, lá em cima, entre carcaças de carros velhos, coberto pelo mesmo tipo de lona. Ela dizia que a placa com certeza estaria marcada e que seria perigoso circular. Jorge achava sua cautela excessiva, mas não queria pagar pra ver. E com aquelas viagens, pelo menos, ele se sentia mais útil. Incrivelmente, ela não sabia nem dirigir nem andar de bicicleta. Ela que parecia saber tudo.

Jorge assobia a pequena melodia curta de sempre quando chega na entrada do hotel, contornando a barricada armada anos atrás, com galhos e pedaços de móveis, sabe-se lá por quem, e reforçada por ela com esmero nas primeiras semanas. Ninguém consegue passar por ali sem fazer muito barulho. Ainda assim, eles sabiam que estavam expostos demais, e que não deviam ficar lá o tempo que estavam ficando. Só não queriam sair antes de ter um lugar certo pra chegar e ainda não tinham arrumado um.

Ao ouvir sua chegada, ela esgueira a cabeça de trás de um plástico preto pendurado como biombo, no segundo andar. O antigo posto do concierge havia sido adaptado em sua estação de trabalho, com dois monitores e duas carcaças expostas de CPU, tudo ligado no pequeno gerador barulhento e malcheiroso. Ele nem imaginava o que ela fazia o dia todo, embora tivesse vislumbres eventuais, todos assombrosos.

Ele mal entendeu como tudo se deu, menos de um mês atrás, depois de encontrá-la perto de sua casa mocada no escuro e descobrir a parte que lhe cabia num plano já previamente elaborado por ela. Foi tudo alucinante de rápido. A naturalidade e a confiança fodidas com que ela informou a coisa toda foi com alguma distância a coisa mais atraente que Jorge já havia visto

ao vivo na vida até então. Mesmo o plano parecendo extremamente incerto e perigoso, pra não dizer suspeito, Jorge achou impossível recusar. Teve certeza que se arrependeria pelo resto da vida, se recusasse. No dia seguinte, depois de terminar seu turno e voltar para o furgão, deixou seus fundos abertos e vazios, como instruído, por quinze minutos. Deixando-o estacionado na estrada mais próxima da base, no ponto mais próximo da porta da grade. Esperou quinze minutos sentado no banco de motorista e ensaiando sua desculpa, caso aparecessem os guardas. O maior pavor e excitação que já sentiu na vida, uma ereção incongruente e dolorosa armada na sua cintura, só parcialmente defletida pela calça.

Ela tinha dito que se não aparecesse em vinte minutos, Jorge deveria partir imediatamente sem olhar pra trás. E nunca mais voltar. Ele sabia que o tempo estava próximo de se esgotar, mas já havia decidido que não sairia. Que mesmo cagado de medo ele esperaria por ela o máximo possível. A ereção logo arrefeceu e suas mãos começaram a suar frio. Ele que era agnóstico convicto desde os onze começou a rezar pela intervenção de Maria.

Sentiu ver algo se agitando na folhagem densa, à frente. Já estava concluindo que não era nada quando começou a ouvir os urros. Macacos, principalmente, mas também águias e harpias, hamsters e gatos do mato. Vários se espalhando e irradiando pelo mato a partir do mesmo ponto. A maioria deles deformados, sem penas ou pelos em partes, machucados, com a pele toda irritada. Antes de vê-la ali no meio, inconfundível, em jeans e camiseta branca empapada de sangue, empurrando um carrinho metálico (parecido com um carrinho de supermercado de pequenas proporções) com uma criatura orelhuda, peluda e sem olhos em cima, também toda molhada de sangue, orelhas inquisitivas e compridas se mexendo pra todo lado.

Ela vinha com alguma pressa, mas não tanta. A mão firme empurrando o carrinho vacilante ao longo da trilha desigual. Os olhos tensos, mas exultantes. Quando os dois cruzam os olhos, o sorriso dela é enorme.

Jorge dá ré com o carro pra dentro da mata dum jeito destrambelhado. Teme por um instante empacar o pneu na lama e estragar tudo, as rodas da frente até chegam a engasgar um pouco na borda, mas isso não acontece. Ele sai para ajudá-la com a criatura. Parece ter mais pressa do que ela:

– Vamos, caramba.

– Calma. Eles não têm como falar com ninguém no momento. Ela destruiu

as máquinas todas. E não tem mais ninguém ali vivo que vá perseguir a gente agora. Não depois do que ela fez.

– O que ela fez?

– Eu já te conto. Eu mesma não sei se entendi direito.

Ela amarra a criatura com um cinto de couro marrom improvisado que Jorge havia botado ali na noite anterior, afixado a um pufe laranja fedorento. Parece uma cadeirinha de bebê demente. A criatura se acomoda, orelhas ainda se virando freneticamente para tudo em volta.

– Eu achei que a ideia era sair escondida com a criatura, não soltar todo mundo e tocar o terror.

– A ideia era essa. Mas não deu, foi mal. Foi tudo muito rápido, eu não cheguei a decidir nada. Na verdade foi ela que –

Ela falou isso com uma cara só ligeiramente constrangida, e no fundo nada constrangida. Esperando a confirmação dele pra abrir o sorriso e se orgulhar.

– Tá certa, espero que eles consigam fugir.

– Alguns vão se recuperar. Não todos. Não dá pra gente salvar todos, isso até eu sei. Eu só dei uma chance.

Eles levaram três chimpanzés juntos do furgão. Os menores e mais indefesos, que haviam se agarrado aos braços e pernas dela. Ela falava que eles não poderiam ser soltos ali. Os chimpanzés pareciam cochichar entre si, mas devia ser só impressão. Todos tinham feridas perto da boca e da orelha, onde não tinham pelos e a pele se encontrava irritada e avermelhada.

Jorge chegou com ela no hotel, a criatura e os três chimpanzés, depois de só quarenta e tantos minutos dirigindo um pouco acima da velocidade da via, suas mãos ainda tensas (a viagem de carro mais agonizante e interessante de sua vida, sem dúvida). Os chimpanzés ainda lhe pareciam cochichar entre si. Ela que havia escolhido o lugar, claro, e ele foi entender o motivo quando entraram no prédio e encontraram, debaixo de um tapume azul, um pequeno gerador, um computador e um celular, uma mochila, latas de comida e dois galões d'água. Amigos virtuais de longa data haviam estocado o lugar pra ela dias antes, a seu pedido. Eles ficariam lá por uma semana, dez dias no máximo, até conseguirem desenrolar um traslado seguro até o Brasil, até Belém (talvez), ou (talvez) até a Embaixada da Guatemala em Brasília. Ela tinha muitos contatos pelo mundo todo, claramente. Jorge tentava conter o

tesão que se desembestava a crescer diante daquela figura tão inacreditável de foda, que parecia sair direto das fantasias juvenis dele (exceto que ele jamais seria capaz de inventar uma pessoa tão incrível, nem antes e nem agora). A semana foi virando três. Alguns dos amigos não respondiam, outros juravam que queriam ajudar, mas temiam retaliação norte-americana, o que ela entendia perfeitamente.

Jorge ainda olhava para o céu de noite e de dia com um medo constante de helicópteros surgirem. Achava que estavam brincando com o perigo se escondendo tão perto assim da base. Ela concordava, mas dizia que sair por aí com a criatura sem um plano era ainda mais perigoso. Jorge sonhava com militares ou agentes de terno os surpreendendo na casa quase toda noite, às vezes até em cochilos diurnos. Às vezes a criatura reagia e os protegia com explosões de poder a lá Dragon Ball Z, às vezes todos eram presos e a criatura era neutralizada com aqueles dardos coloridos de filme. Às vezes, e estes sonhos eram de longe os piores, matavam as duas bem na sua frente, e ele não podia fazer nada.

Ela insistia que precisavam deixar tudo esfriar um pouco antes de se movimentar mais, e que estariam mais seguros lá do que usando uma estrada. Dizia que sabia se virar no mato, mas não queria ter que cuidar de Jorge e da criatura ao mesmo tempo.

Ela também insistia que a criatura os tornava invisíveis aos instrumentos deles. Fazia isso por instinto desde nova, na base. Desorientava os radares, defletia as emissões captáveis por satélites. Cobria seus próprios rastros instintivamente, como um camaleão sabe se confundir com o ambiente sem precisar de nada parecido com uma intenção verbal. Ele tentava segurar a cara de sério quando ouvia ela dizer esse tipo de coisa com toda a naturalidade do mundo.

– Aposto que um turista tentando chegar aqui por GPS vai se perder. Por isso não tivemos nenhum turista chegando sozinho aqui até hoje, talvez. Mas eu sei que não dá pra abusar desta sorte.

Jorge nunca tinha visto nada parecido. Mas a vividez tão inesperada e tão ultrajante de tudo impedia que parecesse irreal. Um homenzinho verde e olhudo seria irreal. Seria indistinguível demais de diversos sonhos que ele teve ao longo da sua vida, assim como dos filmes que motivaram esses sonhos. Mas aquela criatura ali, surgindo naquelas circunstâncias, com

aquela mediadora, não era assustadora, não era nem tão estranha, pra falar a verdade, mas sua sutil estranheza vinha tão de fora dos parâmetros do que ele esperava, que tudo só tinha como lhe parecer natural. Ainda que, talvez, vindo de outra natureza. O que parecia claro era que mão humana alguma faria aquilo.

Jorge mostra tudo que trouxe para ela na mochila, ela verifica de maneira perfunctória e faz um joinha não muito emocionado.

– Brigadão. Eu faço o macarrão hoje, prometo.

– Não precisa me enrolar. Eu faço. Dices isso agora só para que daqui a duas horas eu te pergunte cadê a janta e você me olhe aí do teu computador com cara de paisagem.

– Desculpa. Eu tou re-lendo um material que meu ex-chefe fez, especulando sobre as condições que ela precisa pra sobreviver. Queria pelo menos começar a entender as células dessa diaba. Não sou bióloga molecular nem nada, mas aprendi com gente que é. E ninguém consegue. Se a nossas células são uma fábrica, a célula dela é ao mesmo tempo uma oficina de artesanato fino e um bagulho muitas vezes maior e mais potente do que uma indústria nuclear. Cada cloroplasto parece uma célula própria. O ribossomo dela faz o nosso parecer uma máquina tosca feita de roldanas e, sei lá, palitos de picolé.

– Entendi quase nada, mas ok. Eu faço o macarrão. Relaxa. E você me explica tudo isso aí na janta.

Um quadrado no canto do monitor ali mostrava a imagem em preto e branco da criatura dormindo (uma babá eletrônica improvisada por ela com uma webcam antiga). O tanto que pareciam uma família esquisita não escapava a ninguém, e ela tinha sorrido junto com ele nas primeiras vezes que ele mencionou. Mas não nas últimas.

Em todos esses dias, só houve dois ou três momentos em que ele achou que ela talvez estivesse dando alguma abertura sexual pra ele. Sempre nessas cenas bem de filme, tipo saindo do banho e pedindo uma toalha, coisas assim. Dificílimas de se aguentar. E que no final das contas davam Jorge a impressão de que, na realidade, ela estava tão longe de pensar naquilo que nem percebia que poderia ser interpretada desse jeito.

Quando ficava difícil demais, ele ia pro mato se masturbar, as únicas punhetas da vida em que pensava em uma pessoa só (e não na tapeçaria

constante de celebridades, conhecidas e gostosas da adolescência que sempre povoou sua cabeça desde os doze, treze).

A criatura no momento estava ali perto, na banheira de hidromassagem de uma das suítes principais, que ficava no térreo, com vista para a cachoeira. Na solução de amônia e água que conseguiram trazer. Eva dizia que ela parecia dormir bem mais tranquila do que no laboratório, ali. Bem mais relaxada. Ela não parecia seguir um ciclo de sono e vigília como os humanos, mas dormia parte do dia e parecia usar o sono para alguns processos internos importantes (no laboratório, não era raro que seu corpo tensionasse e mudasse de forma drasticamente enquanto dormia; ali isso acontecia de maneira mais suave e lenta).

No primeiro dia depois deles chegarem lá, ela quis logo levar a criatura para tomar sol. Coisa que ela nunca tinha feito diretamente, porque Jacques tinha medo de perder o controle. Como a criatura andava ainda de maneira muito desajeitada, tropeçando em tudo, não levaram ela para o lado das trilhas acidentadas e verticais, mas para um descampado ali nos fundos, que antes servira de estacionamento informal para carga e descarga. A criatura andou cuidadosamente, estranhando as pedras e detritos de vida no chão, estando acostumada às superfícies homogêneas do laboratório. Acostumou-se com aquele plano pedregoso depois de algumas caminhadas circulares, acompanhadas de perto por Jorge e Eva.

Quando chegou no centro do descampado, onde o sol pegava em cheio, sua pele toda pareceu tremer. Sua pele se eriçou de algo que pareciam, de repente, não mais pelos, e sim espinhos espiralados e móveis, responsivos à luz. Suas orelhas apontaram em sua direção e retesaram de um jeito que Eva nunca havia visto antes. Ele se armou todo, um quadrúpede assentando no chão as suas forças. Eva e Jorge ambos sentiram quebrar no seus peitos uma onda não dessemelhante à percussão de um som muito grave. Mas sem ouvir nada. Entreolharam-se sem dizer nada, mas comunicando, como puderam, que ambos tinham sentido a mesma coisa. Que uma força extraordinária, e assustadora, passava por aquela criatura.

Durante um dia com ela no mato, seu corpo crescia e mudava. Suas orelhas se voltavam pra tudo, colavam-se às árvores, raízes, folhas, musgos e cogumelos. Suas patas foram mudando ao longo do dia, adelgando, como que experimentando ajustes ergonômicos ao terreno ali enquanto andava. Depois, ao dormir, o corpo ia aos poucos sempre retornando à sua forma original.

Continuava desajeitada no dia seguinte, mas cada vez menos. Fizeram isso quatro dias seguidos.

Eva notou isso acontecendo algumas vezes numa mesma semana, tomando notas extensas sobre as transformações. No quarto dia de anotação, tentava resumir tudo o que tinha anotado durante o dia, enquanto eles jantavam macarrão com molho de tomate pela enésima vez.

– Ela cresceu muito rápido e parou aí, mas é como se ela se mantivesse em neotenia permanente. Ela pode transformar seu corpo em vida, mas sempre tendendo a voltar pro estágio maduro de desdobramento inicial. Não tem nada na terra que funcione assim. Eu acho. Nada grande desse jeito, pelo menos.

Jorge assentia, como se soubesse o que é “neotenia”. Já tinha perguntado umas duas ou três coisas hoje. Melhor deixar essa passar e procurar depois.

– Os caras do laboratório tavam pensando nela como um computador universal, só que muito mais potente, mas ela é muito mais do que isso, ela é tipo um construtor universal. A gente só precisa descobrir uma maneira de se comunicar com ela.

Ela diz isso olhando bem fundo nos olhos dele. Ele só consegue concordar, abestado pela beleza dela, ainda mais insuportável quando ela falava algo brilhante desse jeito entusiasmado. Tinha acabado de anoitecer, e mesmo no escuro ele sentia que o rosto dela brilhava daquela animação toda.

E foi assim, totalmente envolvido em escutar atentamente a voz daquela que era certamente a paixão mais intensa da sua vida até agora, que o cérebro de Jorge foi trespassado por um tiro de rifle de grosso calibre e se espalhou numa jorrada indistinta pelo ambiente em torno, inclusive no rosto e camiseta de quem conversava com ele.

Ela demora a registrar o que está vendo. Mesmo sentindo o sangue todo no corpo, mesmo vendo diante de si o rosto já disforme, sem parecer com nada, uma embalagem amassada, ela demora para admitir que aconteceu de fato. Não notou os vários agentes camuflados que se aproximavam da mata, nem registrou direito o barulho de helicóptero chegando bem no fundo. Não antes que seguisse um barulho de algo pesado caindo e de uma grande explosão, seguida de explosões menores e gritos urrados de pavor. Como da outra vez, ela fechou os olhos e, quando os abriu, encontrou corpos agonizantes ou mortos, um arregaço de destruição. A criatura já estava no descampado do lado

da casa, os pelos endurecidos como espinhos tentando crescer com o quase nada que ainda restava da luz do sol. Ela se virou para Eva e caminhou em passos calmos. Quando chegou perto, ajoelhou-se para abraçá-la.

A criatura se afasta dela e se aproxima do corpo de Jorge. Eva sente uma vontade de explicar, mesmo sem jamais ter tido sinal de que linguagem verbal era algo que fizesse qualquer sentido pra ela. As suas orelhas estão atíçadas, como antes, os espinhos estão amolecendo. Ela se aproxima de Jorge e de repente se enrijece toda mais uma vez, com uma intensidade redobrada. Para Eva parecia que ela gritava, mas sem fazer barulho. Os pelos enrijecem a ponto de formarem uma carapaça pontuda, quase um exoesqueleto. A cabeça amassada pra dentro de Jorge começa a se mexer, Eva sente que um material pegado nos seus braços está se soltando e de repente assiste a movimentos que ela não julgava antes serem possíveis. Toda a massa espalhada de cérebro e crânio, do entorno, está lentamente sendo arrastada de novo para o corpo de Jorge. Não vinha voando dum jeito limpinho e mágico, vinha se arrastando na poeira, subindo com dificuldade pelas pernas e torso. Mas vinha. Era como se a criatura estivesse rebobinando (aos poucos, com dificuldade) a fita do que tinha acabado de acontecer.

E a cabeça de Jorge foi aos poucos se reformando, se refazendo. Eva começou a chorar. A carapaça da criatura tremia, como se de um esforço tremendo. Aquela carcaça amassada começa a se desamassar, aos poucos inflar de novo, aquele côncavo cavado pra dentro num domo convexo e estável. Mas as suturas do crânio estavam ali, claramente visíveis. O rosto estava refeito, mas estava longe de parecer intacto. O corpo começa a dar umas tremidas, a perna chutando fraco, as coxas tensionando. Eva está totalmente aos prantos, quase deitada no chão. Mas começa a rir, também. Os braços de Jorge se sacodem. Os olhos chegam a abrir, a boca chega a se mexer. Mas seu corpo só faz se contorcer de maneira errática por alguns minutos, babando um pouco e gemendo, antes de morrer de novo, agora de vez.

>>

15.

<

Neste novo torpor em que Murilo se encontrava instalado (diferente do de Brasília apenas em ser um pouco mais divertido, um pouco mais intenso), poucas coisas conseguiam atravessar a névoa de saturação e chegar na sua atenção com vividez. A principal delas, nos últimos meses, mais do que a sucessão de crises políticas no Brasil, mais do que qualquer guerra pelo mundo, certamente muito mais do que a cena literária ou artística em geral, era a crise climática.

Murilo não se orgulhava de olhar pro mundo como um filme irreal. Ele só não conhecia outro modo, nunca lhe pareceu muito plausível tomar o mundo por outra coisa (sair de fato andando no meio dele, imagine, passar por tantas escadas e catracas). Sempre lamentou com sinceridade toda injustiça e crueldade que via, assim como todo desperdício tolo, mas o mundo sempre esteve tão profusamente lotado de todas essas coisas que ele nunca entendeu muito nem como se começar a portar diante disso. E os exemplos que já tinha visto pessoalmente nunca pareceram animadores.

A crise climática parecia a intensificação derradeira de tudo isso. Dessa impotência diante da vastidão dos problemas e da força irresistível dos sistemas maiores que a gente. Não é que Murilo soubesse o que fazer diante dela, ao contrário das outras, claro que não. Ela parecia ainda mais desafiadora do que, digamos, o racismo e a injustiça social em geral já eram, sem dúvida. Mas era isso mesmo que, para Murilo, tornava a questão ainda mais interessante. Ela atravessava tudo, arrastava tudo com ela. E repetiria no seu dano futuro essas mesmas linhas de raça e de classe, de norte e sul, talvez até de macho e fêmea. Um grande “decifra-me ou te devoro” criado por nós mesmos, e posto na nossa cara para que a gente decida de uma vez por todas se vamos arrumar a casa ou caminhar de vez para o suicídio coletivo.

Murilo não pode nem dizer que fica exatamente surpreso com a aparente escolha pelo suicídio coletivo, mas ela não deixava de ganhar ares cada vez maiores de dramaticidade. Ele fantasiava às vezes, de maneira que reconhecia como implausível e por isso sempre caricata, juntar-se a algum grupo ecológico radical, mas os poucos que conseguia descobrir sem procurar longe não lhe atraíam de fato. Muito menos lhe atraíam os papos de quem se envolvia

com essas coisas, no geral, papos de Gaia, de conectividade e gratiluz, essas coisas, que lhe soavam sempre New Age demais.

Ele se sentia culpado por não conseguir de fato digerir a realidade de tudo aquilo. Não com o peso que devia. Tinha dias em que lia madrugadas adentro relatórios e artigos elencando previsões sóbrias e frias de destruição global irreversível. Imaginava as dezenas de milhões de refugiados de Bangladesh e outros lugares em breve inabitáveis. Via isso como algo horrível, claro, algo que traria uma quantidade indizível de dor e de desespero concretos e que poderia ser evitado por ação coletiva concertada em ações drásticas, mas totalmente racionais e possíveis (né?).

Mas ele sabe que também tem um lado não tão pequeno dele que está só comendo pipoca e esperando a coisa terminar logo. É claro que os EUA não vão abandonar seu sonho de consumo adoidado e generalizado de petróleo e plástico. O sul global pode até não chegar na taxa de consumo daquele país, mas com certeza a maioria vai continuar tentando. Não é que ele espere um estrondo derradeiro, um momento em que a verdade cai do céu inscrita em pedra. Sabe bem que a coisa vai só chegar como já chega, destruindo pelas beiradas, piorando a vida de quem já tá com a água no pescoço. Destruindo o que já está destruído com uma intensidade cada vez maior, renovada de maneira cada vez mais acelerada e alucinada.

Sentia, sempre que o reconhecia, uma vergonha profunda por ter esse sentimento já resignado com o fim, com a sua espera ansiosa e desatenta. Lembra-se de ser criança e ver o onze de setembro e ficar extasiado, em segredo, na sala de aula. A professora de história, com seu cheiro de cigarro, falava que aquilo ali, meninos, era história. E ele conseguia concordar sem problemas.

Aquilo que lhe apresentavam como sendo a realidade geralmente parecia a Murilo muito menos intensa e dramática do que eram os filmes. Mesmo quando o jornal falava de guerra, mostravam umas imagens sem graça, de pessoas tristes andando pela beira de estrada e carregando sacos com suas roupas. No máximo uns mísseis atingindo prédios bem de longe. Mas aquilo ali, aqueles aviões atingindo um prédio daquele tamanho, aquilo era praticamente um filme! Era uma cena intensa e forte como nenhuma que ele já tivesse visto antes no jornal. E era totalmente real. E esse entusiasmo não era por antiamericanismo, nem nada, que estava ainda longe de se articular para ele como sentimento político. Ele só sentiu muito prazer com a intensidade daquela cena compartilhada por todos, interrompendo uma aula e um dia de

escola. Mesmo ali, ele conseguia sentir o peso estranho que tinha este gozo pela catástrofe. Mesmo ali ele não admitiu aquilo pra ninguém, notando que os colegas que faziam piadas com o que aconteceu eram recriminados pela professora e por algumas das garotas. Tem quem chame de pulção de morte, mas Murilo acha que é algo bem mais prosaico. Pode até ser isso mesmo, mas apesar dos corvos e de outros bichos mais soturnos, Murilo não acha que a vida toda seja assim. Acha que isso é uma coisa nossa, coisa de gente humana (como a mãe falava). E parece ainda ser coisa de gente moderna, talvez, um tanto mais do que das outras. Essa gestura ensimesmada, mórbida e ansiosa. No caso dele, em particular, com certeza tinha muito a ver com o fato de sua existência ser toda mediada por páginas e telas.

Podia ser isso ou podia ser aquilo, o fato é que Murilo se sabia, como um saco vencido de baconzitos, um produto estragado de seu próprio tempo.

Sentia, sim, sempre que pensava sobre o assunto, um amor profundo e genuíno por toda vida, desde as cabras e os olmos até as bactérias e os protistas, os fungos e mesmo os vírus, tão danados, que ficavam ali na antessala entre eventos químicos mais ou menos organizados e coisas que se reproduzem e morrem. Para todos vocês, Murilo manda um grande beijo e um abraço. Mas ele não sabe viver de outro jeito que não desse em que ele já vive, lidando com telas e livros por quinze horas por dia e consumindo comida igual um imbecil, sem ter que pensar muito no que está ingerindo como combustível. E ele adora ar-condicionado. Sabe que poderia perfeitamente aprender a, digamos, tomar parte da colheita uma comunidade e ser um prodigioso lavador de pratos para um grupo grande de pessoas, se algo assim viesse a acontecer, mas parece tão difícil, ainda mais para alguém que vem por tanto tempo, e tão habilmente, tentando elidir o fato de que tem um corpo.

Se tivesse que ser franco, Murilo no fundo acha que o mundo todo deveria mudar radicalmente seus hábitos alimentares e de consumo, e deviam fazê-lo imediatamente, a partir de amanhã. Em especial os mais ricos, é claro, mas todos que tiverem qualquer grau de tranquilidade e conforto material precisam fazer esta mudança. É claro que sim. Hoje mesmo, se possível. Vocês são loucos? Mas ele não. Ele vai continuar vivendo deste jeito tousco ainda um bom tempo, com certeza.

Sempre que se recrimina por isso, emenda na cabeça que continuará assim ao menos enquanto quase todo mundo estiver fazendo o mesmo. Produzindo três sacos de lixo cheio de plástico e papelão engordurados toda semana. Ele

queria que o mundo tomasse jeito, claro, queria com força. Mas não achava que isso ia acontecer e não queria ficar se sacrificando à toa de maneira inútil. Tendia a esperar o pior para a situação macro, ainda mais depois da eleição de Trump.

E olha que, quando aconteceu, ele também adorou a eleição de Trump (admite com alguma vergonha). Riu e riu durante dias daquela que se considerava a maior democracia da história, líderes do mundo livre, sendo enganada por uma figura tão patética, uma que já era punchline constante de piada vinte anos antes. Uma encarnação tão sinistra do que o país realmente é em oposição ao que acha que é.

Murilo sabia bem, claro, que o fato era horrível, e nada engraçado. Sabia que aquilo teria, como teve, consequências sérias reais e horripilantes. Mas transformava o programa de televisão chamado realidade em algo mais assistível e estimulante. Ainda que isso rapidamente vá se tornar um pesadelo ainda mais vívido e intenso na sua versão dublada, nos trópicos, claro. Como sempre.

Murilo tanto sabia que esse sentimento era torpe que jamais o admitia, nem para seus poucos amigos, muito menos em tuítes irônicos ou cínicos. Mas o sentimento só se intensificava quanto mais aumentava o seu pessimismo. E este só aumentava a passos largos e firmes, a cada sinal que o mundo agitava da sua demência, sutil como uma bandeira pegando fogo. Ele queria pelo menos estar vivo para ver os negacionistas que conhece falando “opa, foi mal, hein, parece que era verdade” (como se isso fosse resolver qualquer coisa). O máximo com que ele consegue sonhar é esse tipo de catarse cretina. Nunca deixa de assombrá-lo o tanto que pode se estreitar a imaginação (até o futuro virar essa barra de um feed pré-visto). Por isso mesmo uma parte não pequena dele começou a ansiar pela destruição. Que chegue logo, chegue. Que acabe de uma vez só com essa agonia arrastada, desnecessária. A gente sabe que já deu. Todo mundo já sacou, no fundo.

Sentia isso ao mesmo tempo que também sentia, assim que se tocava da realidade carnuda de qualquer pessoa ou outro animal, que não, que não deu nada, que todo mundo queria viver, e viver bem, que os piores cenários tinham que ser impedidos a todo custo.

Era uma esquizofrenia constante. Mas pra alguém que cresceu vendo o mundo passar como quem vê um filme, era difícil evitar o costume, arraigado

tão fundo, de torcer por um estrondo cada vez maior. Cada vez mais assombroso, mais envolvente. E que chegue logo de uma vez.

>

16.

<<

Onze de setembro de 2001 foi uma terça. A gente tava na lanhouse quando o moleque cabeludo aumentou o volume da televisão e falou pra todo mundo calar a boca. Tava lá na tela uma das torres queimando. Os moleques fizeram o oposto, claro, gritando ensandecidos diante daquilo muito antes de entender o que se passava. Quando conseguiram enfim quietar pra ouvir a voz da jornalista, constataram apenas que ninguém sabia ainda direito que merda era aquela (além de um avião batendo num prédio). Quando o segundo avião explodiu, um moleque que não parecia ter mais de doze anos falou num tom que se queria grave, mas saiu agudo, tentando soar como um general numa sala de comando de filme, mas soando como uma criança de doze anos:

– Então não foi acidente. Se são dois não é acidente. Misericórdia, Nossa Senhora.

Ele ria com uma incredulidade pasmada na cara, mais de nervoso do que de achar graça, talvez. Alguns riram dele, a maioria ficou meio calada. Eu me benzi várias vezes, mas fiquei quieto. Renato não conseguia tirar o olho da tela, mas disse que não tinha nem ideia do que tava sentindo. Várias conversas paralelas irromperam de todo lado. A única hora que todo mundo reagiu junto foi com a contribuição perfeitamente encaixada de Douglas, um baixinho briguento que nunca tinha dinheiro pra jogar, mas ficava lá o dia todo vendo os outros jogarem, chamando todo mundo de “peba” e depois tentando provocar a pessoa a pagar-lhe meia hora de jogo para ver quem era o bom. Nunca funcionava. Assim que brotou um breve silêncio, Douglas mandou com confiança, na sua voz já quase barítona, a frase que eles todos ouviam dezenas de vezes nos fones de ouvido:

– TERRORISTS WIN.

Todo mundo gargalhou, não teve um que resistisse (nem eu, admito), por mais que uns dois ou três tenham criticado logo depois por zoar com coisa séria.

Fechou-se a lanhouse mais cedo e todo mundo foi beber com Dennis e Renato. O segundo tava mais animado que ela, gritando de cara:

– PEGARAM OS AMERICANO. MENINOS, EU NUNCA IMAGINEI.

Ele não tava feliz, tava pasmo. Incrédulo. Mas a expressão era desta descrença abobada, como quem espera ser avisado de que tudo era uma pegadinha. Também se benzeu, me imitando. Admitiu de imediato que claro que não era nada bonito, não era legal. Milhares de mortos, um bando de gente que não tinha culpa de nada, no avião e no prédio. Mas era tão inacreditável que tenha acontecido. A imagem que aquilo fazia, daquelas torres tão orgulhosas e arrogantes vindo ao chão. Era grande demais, não dava pra não ficar meio maravilhado também com a ousadia da coisa.

– O medo agora é o que os americanos vão fazer em resposta, Eva disse.

Diante disso todo mundo ficou calado.

– Isso muda que é um avião, o que é um prédio.

Ela tava calada o tempo quase todo, mas com uma excitação evidente no rosto. Falou de repente com uma gravidade sinistra:

– Os mosquitinho foram direto no olho do dragão. Agora ele vai tocar o terror dele. Podem anotar. Vai ser um horror.

Eu fiquei muito incomodado com o tanto que os dois tavam achando aquilo bom. Por mais que reconhecessem que foi uma coisa violenta pra cacete, uma coisa terrível, a cara dos dois era de uma alegria, aquele fascínio prolongado que eles iam mantendo, conversando sobre a cena e arrastando o assunto como quem sai de um filme doloroso de lindo e quer manter sua pala acontecendo no mundo, vai e continua conversando sobre ele com as pessoas com quem o assistiu, sustentando aquilo adiante. Eu até entendia o sentimento, um pouquinho, mas achava ele feio e ruim de sentir. Eles não.

Dennis respondeu que tinha lido num romance uns anos atrás que hoje em dia só terroristas conseguiam mexer na nossa imaginação coletiva. Na época achou isso besteira, uma pose exagerada de escritor. Agora ele achava que achava que isso era verdade. Infelizmente.

Terrorista e cantor popular, o Renato emendou. É verdade, o Dennis admitiu, rindo. Terrorista e cantor popular.

>>

17.

<

Quando dá dez e meia em ponto, a hora combinada, a menina chega para entrevistá-lo. Uma pontualidade quase assustadora, como se estivesse ali do lado apenas esperando a hora de tocar o interfone. Assim que sobe, toca a campainha e bate, ao mesmo tempo. Fatma era turca-americana (como eles dizem por lá), nascida em Istambul, mas criada desde muito nova ali mesmo naquela cidade, filha de dois importantes intelectuais expatriados no início dos anos noventa. Mais nova do que ele imaginava, muito alta e com um cabelo arranjado de maneira complexa, olhos inteligentes de peixe, bem espaçados no rosto comprido, um crânio de formato original. Ele já tinha lido um punhado de artigos dela ao longo dos anos, sabia que escrevia muito bem, era arguta e engraçada, imaginava alguém que teria hoje trinta e tantos. Mas, na realidade, não tinha nem trinta. Publicava em revistas que Murilo respeita desde os dezenove (veio a descobrir).

Os dois já tinham feito algumas conversas rápidas por Skype, mas nenhuma pessoalmente. Murilo evitava entrevistas, depois de experiências ruins no Brasil de ser editado sem sem informado e de ser citado de maneira imprecisa, mas estava ansioso para conhecê-la, e ainda mais, pela possibilidade de ser descrito de maneira elogiosa e inteligente por ela, ainda mais escrevendo para aquele veículo em particular.

O inglês de Murilo escrito era quase perfeito, mas a sua pronúncia em carne e osso era bem ruinzinha. Ele já achava difícil falar português ao vivo com outros seres humanos, falar inglês era como fazer essa atividade, em si já desagradável, de dentro de um escafandro. Fica surpreso quando ela começa a responder as suas frases dificultosas em inglês com um português quase perfeito, ainda que com vogais opacas e insossas. Diante da cara de espanto dele, ela explica que havia namorado um brasileiro e depois disso havia visitado o país algumas vezes. Ela falava seis línguas, afinal, o português não vinha tão difícil depois do espanhol e francês. Murilo fica um pouco mais intimidado do que gostaria.

Fatma claramente fica horrorizada com o apartamento, mas não diz nada. Depois de uns dois minutos sentados no sofá, a sua atenção claramente monopolizada pelos entulhos em torno, ela sugere que desçam para tomar café

ali perto. Conhece este lugar que serve um na cafeteira francesa que é maravilhoso. No caminho vai demonstrando numa pequena sinopse que conhece muito bem o livro e a história toda dos seus dois autores, a ponto de Murilo já não saber muito o que dizer quando estão sentados os dois nas poltronas escuras do canto, cheio de gente com fone de ouvido trabalhando em seus Macs e bebendo de suas xícaras lentamente. Ele estava esperando dar toda uma pequena aula sobre o Brasil, mais ou menos a mesma que ele já havia dado para alguns editores e escritores que havia conhecido nos poucos jantares e eventos em que se sentiu compelido a ir. Agora está mexendo na própria roupa, sem saber o que dizer. A primeira pergunta bombástica ela faz com o tom mais casual do mundo.

— Mas então. Mais do que perguntar sobre a recepção e toda a comoção em torno do Fábio, eu queria te perguntar mais do processo mesmo, sabe? De edição do livro, de composição das duas partes. E, principalmente, acho, sendo bem direta ao ponto, me diga de onde veio a decisão de editar o material de maneira tão pesada, excluindo tanta coisa do manuscrito. Principalmente, de maneira a ocultar os sinais mais claros da instabilidade mental que Fábio estava sofrendo nas suas últimas semanas de vida?

Murilo, que está lendo o cardápio quando ela termina de perguntar, olha pra ela de repente como uma criança confusa:

— Oi?

— Acho que você ouviu bem.

— Eu não sei do que você tá falando.

— Claro que você sabe. Precisa saber. Tenho informação sobre alguns dos arquivos que ele trabalhava perto do fim. E há uma mesma história que se repete em formatos diferentes, em vários dos fragmentos dessa época. Quase todos. Essa consciência paranoica tentando desvendar uma última camada de realidade, uma camada derradeira. Uma paranoia que os personagens estão expressando, mas que era na verdade do seu criador. Você não se sentiu desconfortável editando o trabalho de alguém que claramente estava surtando? Como foi isso pra você? Não foi estranho?

— De novo: eu não sei do que você está falando.

— Desculpa já chegar falando assim, eu queria ter sido mais sutil. Não fui a crítica mais profissional do mundo, talvez. Mas é que eu não consigo

entender, tou com isso na cabeça tem meses já. De verdade, não consigo. Você tirou todos os pedaços, editou de um jeito tão pesado. As frases que giravam em círculos, os parágrafos que não iam a lugar algum. Os trechos obsessivos sobre políticos de Brasília. Tirou quase todas as indicações que deixavam clara a relação forte que tinha de parte da trama com o pai do Fábio.

— ...

— Além de tirar quase tudo que tinha de sexo e de violência. De pornografia. Quase todas as partes mais tensas, que eram algumas das melhores partes. Isso eu também não entendo. Qual é o teu problema com sexo? E com violência?

— Como que você conseguiu acessar? Ele te mandou o mesmo arquivo?

— Eu não preciso te contar isso.

— Você tem acesso a conta também? Como você conseguiu? Você conhecia ele?

Ela sorriu quando Murilo disse isso, mas não disse que sim nem que não. Tinha a cara de quem continuava esperando uma resposta dele, na verdade.

— Tem muita coisa que eu tirei porque não funcionava, e pronto. Principalmente as coisas com violência. Ele mesmo achava que não sabia narrar essas coisas, que não tinha tido esse tipo de experiência na vida pra conseguir ser convincente com isso de verdade. A gente conversou sobre isso algumas vezes. Eu tirei o que eu achei que ele não tinha conseguido fazer tão bem. Posso ter errado aqui e ali, todo mundo erra. Mas acho que ele concordaria com a maioria das decisões.

— Duvido.

— Na real, tenho certeza disso.

— Bem ou mal, os rascunhos eram o que ele queria mostrar, era o mundo que ele queria descrever. A feiúra, as feridas abertas. E você podou tudo, amputou tudo. Capou até virar inofensivo. Não foi?

— ...

— Eu não tinha certeza absoluta que você estava fazendo isso de propósito até ver que você tinha mudado o acróstico.

— Que acróstico?

— Tem mais de um? Não vem fingir que não sabe do que eu tou falando. No final do “Cabuloso”, o acróstico que você bagunçou, que fazia referências à onda que o Fábio tava dando, a coisa do pai dele. O negócio que parece que matou ele.

— Ah, isso. Eu tirei aquilo porque era uma cópia boba do Nabokov, aposto que o Fábio concordaria comigo. E não queria que me processassem, sei lá.

— Você tirou aquilo porque era uma das várias, várias evidências, de que o Fábio teve uma crise nervosa séria ali pouco antes do fim, que a paranoia dele, que sempre pareceu meio performance, meio brincadeirainha, tava finalmente transbordando pra fora da banheira. Você quis se aproveitar do show do seu amigo, mas não quis mostrar tudo. Não quis mostrar ele dodói da cabeça.

— Claro que não, meu deus do céu, do que você tá falando? Eu conhecia ele melhor que ninguém, você leu lá um bando de fragmento sem conhecer a voz dele, eu sei quando ele estava brincando.

— Ele não parecia estar brincando quando ele falava aquelas coisas de se instalar fora de si mesmo, de separar a consciência dele da torrente de coisas que passavam por ela, daquelas vozes que ele tinha que organizar, da interface e das implementações.

Murilo recua quando ouve aquelas palavras. Há muito tempo não pensava nelas, lembra de vê-las de fato em vários dos rascunhos mais deslocados e esquisitos de todos. Ele tentou dissimular o quanto tava chocado de ouvir aquilo, mas não deve ter funcionado muito.

— Esse negócio das implementações, pelo que eu lembro, era só uma besteira de um conto de ficção científica dele que ele uma época queria transformar num romance.

— Você quer dizer o vocabulário teórico que ele aos poucos tentou desdobrar pra lidar com as várias crises de paranoia que ele teve na vida. E com alguns episódios que a gente talvez possa chamar de crise dissociativa.

— Eu não sou médico pra sair fazendo diagnóstico. Você é?

— Numas notas que ele mandou pra um outro amigo, ele fica falando do “Cabuloso” como esse conto derradeiro. Parece que ele tava se confundindo com esse personagem que é invadido por uma consciência alienígena que lhe informava do seu dever de sacrifício perante o povo que ele sempre vampirizou. Como se o personagem que morresse ali fosse a transmutação dele, que

não tinha como suportar mais sua forma atual. Nessas notas, primeiro fala de um jeito dramático, pirado mesmo, depois fala de um jeito frio, formal. Como se fosse tudo ficção. Mas não era.

— Ele talvez estivesse botando aquelas notas ali pra mim. Tem muita coisa ali que acho que ele tava meio que botando pra mim, aquelas notas didáticas. Pra me ajudar na edição. Quando ele me deu a senha da conta, acho que ele até falou algo assim. Não lembro direito.

Murilo não sabia mentir tão bem. Diante dessa última frase, ela apertou os olhos, torcendo um canudinho que ela tinha pego da mesa. Pela primeira vez o rosto mudou de um tom inquisitivo para algo parecido com raiva.

— Você vai continuar levando essa farsa mesmo? Você não acha que os leitores do Fábio têm o direito de saber a verdade, a família dele? Todo mundo.

— Verdade do quê?

Ela só faz uma cara irônica pra ele. Começa a guardar o caderno e as coisas na bolsa.

— Acho que já perguntei o que tinha pra perguntar.

— Calma, a gente pode conversar mais. Eu só fico meio sem saber de onde você tá tirando essas coisas. Você conhecia ele?

Ela o encara por um tempo antes de parecer tomar uma decisão a contragosto, e querer expressá-lo.

— Já que comecei já quase te atacando, acabei esquecendo meus modos, vou te falar a verdade. Eu o conheci numa fala que eu dei anos atrás. Brevemente. Numa universidade aqui perto. Ele fez uma pergunta e depois deu em cima de mim. Eu esnobei, mas até que achei ele interessante. Depois, quando o livro foi publicado e a sua morte foi divulgada nos Estados Unidos, acabei lembrando da cara dele. E ele tinha me falado brevemente do que tava tentando escrever. Isso acabou me deixando um pouco obcecada com o livro, preciso admitir. E coincidiu que eu tinha acabado de aprender português por motivos pessoais. Meio romanesco, né? A coisa toda. Enfim. Vou falar sobre isso no texto, claro. Então esse é meu viés. Agora eu quero entender o seu.

Murilo não sabia o que falar. Gaguejou um pouco, tentou lembrar das besteiras que tinha ensaiado e não pode evitar notar, por um instante mais demorado do que gostaria, a profunda inadequação entre o que ele havia antecipado e a maneira daquele dia se desdobrar diante dele. Quando começa

a formular uma defesa de sua edição, percebe que um bom tempo se passou, ela está digitando no celular.

— Eu te aviso quando sair. Se eu precisar confirmar mais alguma coisa entro em contato. Pelo seu silêncio, tou vendo que a gente não tem mais o que conversar. Você tem meu endereço se quiser adicionar algo. Sou toda ouvidos.

Ela sai e Murilo fica em pé parado por uns trinta segundos até voltar a se mexer. Depois de um momento concentrado de raiva da menina ter confrontado ele daquele jeito (e ele achando que receberia uma massagem agradável de ego de uma pessoa inteligente de um veículo chique, que otário), começou a pensar seriamente na acusação dela. Ela não só lhe deu impressão de saber o que Murilo tinha feito, a maneira não-autorizada com que ele teve acesso à conta, mas ainda sugeria que ele teria tornado o livro do amigo muito mais manso. Isso era o que mais lhe doía (embora não fosse o que mais lhe preocupava). Ele tinha feito aquilo? Tinha polido a loucura do amigo, tirado seus momentos mais esquisitos e indecorosos?

Se foi, ele jura que não foi por querer.

>

18.

<<

Ela acorda de uma vez só, o sonho e o sono desativados num interruptor. Tá escuro pra caralho o quarto, nem dá pra ver que já é dia. E quente, mas esteve quente a noite toda. Todo doído, o corpo já reclama antes mesmo de ela se mexer direito. Era improvável que o mundo tivesse mudado radicalmente de ontem pra hoje, pensou. A merda ainda tava lá, seguramente, posta, intacta, em todos seus currais e canos. A merda ainda tava toda lá.

Não queria levantar. Esticou a mão e quase derrubou um copo que não lembrava que tava ali. Seis e dez. Ela não tinha dormindo nem cinco horas, mas não tava com sono. Teria que levantar em duas horas pra abrir a lanhouse. Mesmo sem sono nenhum, a perspectiva de se levantar parecia inteiramente inaceitável. Não chegava a vislumbrar algum elemento específico dessa inaceitabilidade, só recebia toda a existência possível do seu corpo naquele dia e a interação com os meios e receptáculos que ele envolvia como uma única imagem em bloco, massuda, enorme, violenta, depositada inteira em cima dela como uma bigorna.

Uma bigorna, ela repete pra si mesma, rindo com o nariz, e a graça que ela vê (e sempre viu) na palavra e na imagem, que só conhecia de desenho animado, torna o seu peso escroto quase engraçado, de repente, ainda que só por um segundo. Pelo menos o senso de humor tava intacto, ao que parece, ela pensou, segurando a orelha direita e apertando a cartilagem, amassando sua estrutura e sentindo ela reassumir sua forma original. Torta de bosta, ela também pensou. Sente fome, a barriga faz um barulho de leve. Ao mesmo tempo, zero vontade de comer. Uma imagem estranhamente vívida da sua barriga cheia de cacos de vidro se chocando, mugindo horristridentes, sucedeu na sua cabeça até que ela tivesse que se contorcer de agonia por alguns segundos.

Um dedo só de leve tocando lá embaixo confirma a cabulosidade da ardência. Era só mexer mais ou menos o corpo da cintura pra baixo pra sentir uns seis incômodos distintos (ela de fato os contou, em algum momento, e repetiu a contagem lentamente mais duas vezes, sem saber porquê). Ela devia ver

como tava no espelho, mas não queria. Tinha visto rapidinho ontem quando lavou, mas não quis acender a luz.

Nove e meia. Ainda nenhum sono, ainda nenhuma vontade de levantar. Ao mesmo tempo que a sucessão dos minutos era plenamente sentida, dolorosa, as horas se acumulavam como se nada tivesse acontecendo. Passava uma enormidade entre uma e outra, mas a impressão depois que elas passavam é que absolutamente nada tinha acontecido. Não só que nada tinha mudado, mas que o próprio tempo não devia ter passado de verdade, como se o ar estivesse detido, todos os processos físicos arrastados, correndo atrasado, por cima deles mesmos, o tempo embolando como uma fita presa do lado de fora da máquina. O telefone tinha tocado três vezes sem que ela se mexesse pra atender (até porque sabia que devia ser o irmão, e não dava pra lidar com ele agora).

Quando ela chegou de madrugada, ele já tava dormindo. Ela às vezes dava umas sumidas, então ele não deve ter estranhado. Deve ter acordado cedo pra acompanhar o Renato nas aulas de latim da UFPA que ele queria ir.

Ela já sabia, antes de ontem, que o mundo era um lugar escroto. Sujo, quente, difícil, violento e desnecessário. Óbvio. Ela nunca foi ingênua, tampouco a vida lhe foi gentil de um tanto que escondesse estes fatos dela. Mas é bem diferente você saber de uma coisa e você ter essa coisa metida dentro de você, alojada como um câncer ou uma melancia. Ela pensou numa cobra dessas com um boi avolumado no meio, sendo digerido, sem saber se ela mesma seria, no momento, a cobra ou o boi. Talvez os dois.

É um nojo, o que mais recorre. Um nojo que faz ela franzir o rosto, deixar a boca encurvada de um jeito que ela sabe que ela não tá acostumada a fazer. Como se o rosto precisasse aprender um novo repertório expressivo pra poder comunicar aquilo. Pareceria uma cara meio de birra, ou de choro, pra quem tivesse vendo, ela notou. Mas ninguém tá vendo. O nojo não se concentra em nenhum veículo específico, ali na hora, parece deitar sobre tudo. Tudo parece nojento. Ela sabe que esse nojo não tinha nada a ver com ela, e tentava enunciar isso pra que não houvesse dúvidas, mas o sentimento era disperso e vasto o bastante pra que ela acabasse, ali na hora, incluído nele.

E ainda tinha isso de se sentir otária. Ela odiava se sentir otária, talvez ainda mais do que todo mundo odeia.

O Dennis tinha feito ela prometer que não ia perseguir aquela história.

Ela falou que ia mandar as fotos pro jornal e Dennis falou que o jornal era de uma família complicada, que não adiantaria nada. Mandar direto pra polícia ela não queria porque não confiava na polícia. Por uma semana a historia ia ficando por isso mesmo, até que numa sexta-feira ela tava na rua comendo açai com peixe numa barraquinha e viu, na TV do lugar, uma reportagem no jornal local sobre um promotor do estado que teria ajudado a desbaratar uma rede de trabalho escravo no interior.

A repórter entrevistava o cara na frente de um tribunal. Ele chamava Elias Lira, era um cara baixinho com tipo de atrevido, um terno cinza feio e grande demais pra ele, falava, num sotaque que parecia baiano, que a época do desmando dos poderosos no estado do Pará estava com seus dias contados. Ela gostou da maneira que ele falou. Era exagerado e rebuscado demais, mas pareceu convicto. Ela voltou pra trabalhar na lanhouse e lá descobriu onde ficava o prédio do Ministério Público do estado do Pará. Quando saiu do trabalho, cinco e meia, foi direto pra lá.

Pensou em imprimir as fotos e deixar aos cuidados dele. Mas as fotos sozinhas talvez não contassem a historia direito. Ela achou que era melhor explicar. Não deixam ela entrar no prédio, porque ela não tem RG, mas ela pula um muro, vai pros fundos e consegue entrar junto com duas mulheres da limpeza falando que a mãe dela trabalhava lá dentro.

Depois que entra, demora pra achar o gabinete dele, mas acha. Fica sentada numa cadeira perto da porta por uma meia hora, o lugar aos poucos esvaziando, a noite chegando. Quando ela já tá quase cochilando, é ele quem a acorda, triscando de leve no seu ombro:

— Ô psit. Tá fazendo o que aqui, garota? Tá perdida?

— Opa, você que é o Elias, não é?

— O próprio. Mas já acabou o expediente. Hoje de madrugada tem jogo da Copa, menina, todo mundo tá indo pra casa. Vamo indo que já tão fechando aqui, viu?

— Eu preciso te mostrar um negócio. É muito importante. Muito mesmo.

Ele olha pra ela com uma cara estranha, olha o relógio, parece sopesar alguma coisa e enfim diz:

— Vem um minutinho aqui no meu gabinete, então.

Os dois entram no gabinete, que é espaçoso e está gelando pelo

ar-condicionado. Um bando de processos empilhados numa mesa do lado de uma foto dele com a família e de um brasão enquadrado do Vitória.

— Que que é esse negócio importante desse tanto, garota?

— Eu descobri um puteiro de menina menor de idade. Aqui do lado da cidade. Eles drogam as meninas e acho que não deixam elas saírem.

Ele fica alarmado, olha pra ela com uma cara suspeita. Ela entrega pra ele a câmera digital ligada.

— É esse lugar aí. Eu não sabia pra quem mostrar, porque vai muita gente rica e importante lá. Mas vi o senhor na televisão. Você pode ver nas fotos seguintes aí. Algumas das meninas têm tipo doze anos.

Ele não responde, só fica com uma cara muito grave. Pega o celular e liga pra alguém.

— Peraí. Rapidinho.

Ela fica feliz de ver que ele parece levar aquilo a sério.

— Opa, tudo bom meu querido? Cê já foi embora? Ah, então, se tu tá no estacionamento é porque não foi embora ainda. Vem aqui no meu gabinete. Sério. Juro. É importante.

Ele desliga o celular e enfim olha pra ela:

— Ainda bem que você veio aqui. Ainda bem. Já falou com mais alguém?

— Não. Eu posso ir embora. A gente pode passar as fotos pro seu computador. Eu não tenho mais o que contar. Só sei te dizer como chegar lá. Mas posso anotar.

Ela faz menção de levantar, mas ele segura seu braço.

— Não, imagina. Espera só meu colega chegar e a gente conversa direitinho. Eu te deixo em casa depois, relaxa.

Quando o colega dele chega, um cara mais alto e mais branco que não diz o nome, Elias entrega a câmera sem dizer nada. Ele não a cumprimenta, só faz um gesto mínimo de reconhecimento da sua presença com o queixo quando entra no gabinete e contorna até chegar do lado de Elias. Encara a tela da câmera com uma cara chocada, e ela estranha a reação imediata dele sem ter recebido ainda explicação alguma. Não dá pra ver tanto assim pela foto. Ela só percebe o que isso quer dizer quando ouve a tranca da porta atrás dela,

Elias mudando de expressão inteiramente. O homem mais alto se aproxima com muita calma, ainda segurando a câmera, e põe sua outra mão enorme em volta do pescoço dela.

— Que menina danadinha, hein, Elias? Danadinha.

Por um tempo ela fica sem reação. O homem alto pega ela como se fosse um saco de batata e bota em cima de uma mesa.

— Acho que ela tá precisando de uma lição, não tá, Elias?

— Tá sim.

Ela esperneia e luta enquanto ele tira a calça jeans dela, mas Elias se aproxima e segura os braços dela com força.

Ela luta, mas os dois são mais fortes. Tenta gritar, mas Elias já bota um pano na sua boca. Quando o homem alto arranca a calça junto com a calcinha, ela sente o troço duro cutucando entre as coxas e desiste. Fecha os olhos e tenta sair dali com a cabeça, abstrair de onde ela está. Fica com o corpo inerte enquanto sente as estocadas e o peso daquele homem de terno em cima dela, suando, um cordãozinho dourado com uma cruz balançando do seu pescoço grosso.

Depois é a vez do Elias, que é menor e demora mais. Ele fica passando os dedos no cabelo dela e botando a mecha de cabelo mais comprido pra atrás da orelha, o que é quase tão ruim quanto todo o resto.

— Eu ia falar pra ela ir arrumar um emprego lá na casa. Muito mais linda que aquelas indiazinha chumbrega que a Taís arruma. Mas desse jeito assim se fazendo de morta não vai fazer sucesso lá não. Tem que mostrar serviço.

— Verdade. As meninas lá sabem trabalhar, viu? A maioria.

Eles deixam ela deitada na mesa. Ficam conversando do lado como se ela não estivesse lá. Ela abre o olho rapidamente e vê que a chave tá em cima da outra mesa distando poucos metros dela. Tenta calcular o movimento exato que teria que fazer para sair girando de onde está e pegá-la num gesto só.

— Daqui a uma hora o guardinha do estacionamento vai embora. Fica só os da porta. Aí a gente leva ela pro carro.

— Beleza. Vamo ter que enrolar aqui então.

— É.

— Que horas é o jogo? Três?

— Quatro e meia.

— Puta merda. Que ideia esse negócio de copa no Japão. Japa nem joga bola.

— Eu vou ficar direto no bar. Vamo lá.

— Ah, não. Depois daqui eu vou pra casa tomar banho. Ponho o alarme e acordo na hora do jogo. Bem melhor.

Elias liga a televisão que tem na frente de sua mesa.

— Ó, tá passando uma reprise aqui. Cê viu esse jogo? Inglaterra e Costa Rica.

— Reprise é uma bosta. Reprise nem é jogo.

Elias fica sentado assistindo a televisão, ela sente de olhos ainda fechados o homem alto voltando para onde ela está. Quando ele pega a cabeça dela e bota o pau na bochecha, ela primeiro fica com a boca tapada, os lábios impressos um contra o outro com força. Mas depois de dois tapas de mão cheia, ela abre a boca e mantém ela aberta por alguns segundos, sentindo o volume cutucando o fundo da garganta, dando vontade de vomitar. Mas quando ela decide o que vai fazer, chega até a usar a língua, finge que está fazendo com gosto por dois segundos antes de morder a cabeça com toda a força de que dispõe.

O homem alto cai pra trás num grito agudo. Ela cospe a cabeça no chão, a ponta roxa suja de sangue rolando no chão. Ele leva as mãos até o cabo terminando em vermelho vívido, do qual já jorra sangue.

— SUA VADIA, PIRANHA.

Elias se vira e vê ela correndo até o canto da mesa, onde estava a chave, destrancar a porta num movimento só e sair correndo pelo corredor. Ela vai até a escada direto pro estacionamento, pula o mesmo muro que pulou pra entrar e corre pro mato até suas pernas cederem.

>>

19.

<

Assim que chegou em casa do encontro com a escritora, Murilo se lembrou de algo que já havia escapulado da sua memória imediata, mas que agora retorna. A conta de Fábio havia sido acessada em três lugares diferentes desde a sua morte além do fiel desktop de Murilo em Brasília. Em Amsterdam, em Rhode Island e depois no interior de Goiás.

Nestas três ocasiões (2014, 2015 e 2016), Murilo ficou sem saber o que fazer, mas não quis também notificar a plataforma. Nenhuma outra visita jamais foi notificada. Como o seu desktop havia se tornado o veículo padrão da conta, sua entrada não gerava mais essa mesma notificação. Ele sempre supôs que devia ser Letícia, ou alguém da família, que poderia ter acesso a algum dispositivo dele (notebook?) com a conta já logada e poderia ter acessado desse jeito algum dia.

Nas três ocasiões, Murilo passou a temer que um dia seu acesso à conta fosse negado, que alguém mudasse a senha. Isso nunca aconteceu. Mas foi a partir da segunda visita de outra pessoa que Murilo passou a sentir seu acesso àquela conta mais precioso, criando uma conexão mais estranha e cimentada com o espectro do seu amigo falecido.

Murilo ficou bem envergonhado quando leu o primeiro rascunho na conta de Fábio que claramente não era endereçado para ele e tampouco era uma obra de ficção. Isso em 2015, antes de compor o livro com o conto, quando ainda se impedia de ler a maior parte do conteúdo da conta.

Sabia que estava começando a ferir a intimidade do amigo em outro nível, mas ao mesmo tempo, quanto mais parava para pensar, mais aquele ato parecia inofensivo, o amigo estando morto. Era como ler as cartas e os cadernos do Pessoa, do Whitman, de algum anônimo Hitita ou Romano, de qualquer outro defunto. Morto não tem mais intimidade, afinal. Ficou envergonhado também porque esse primeiro rascunho era uma história bem pessoal, algo que Fábio talvez não contasse facilmente mesmo para os amigos.

Mas Murilo também achou o relato engraçado, o que o motivou a continuar.

Fiz análise pela primeira vez quando tinha dezesseis pra dezessete anos.

Pedi pra minha mãe. Ela primeiro riu depois ficou séria, falou que ia “providenciar”. Ela falava assim sempre que ia dar algo importante, que não era só mimo. Eu sabia que pra ela análise era uma coisa meio chique.

O analista ficava num centro comercial antigo de Goiânia que tava caindo aos pedaços. Seu escritório era todo em madeira escura, parecia de algum modo ser mais velho do que a cidade onde estava. Era um senhor fisicamente parecido ao mesmo tempo com o Freud e com o baixinho da Kaiser, com um bucho de chope e boina. Marco Túlio Bittencourt. Devia ter só uns sessenta e tantos anos, parecia pra mim ter noventa. Alternava o tempo todo entre estar com sono e estar alarmado. Ainda assim, eu queria impressioná-lo, por algum motivo, então ficava dando minhas interpretações psicanalíticas toscas dos meus sonhos, inventando umas histórias a respeito do meu pai e da minha mãe que eu achava que dramatizava melhor como eu me sentia do que qualquer anedota real.

Ele não falava nada, e nem parecia modular seu rosto nos poucos relances em que nossos olhos se encontravam na chegada e na saída. A primeira vez que falou alguma coisa, depois de três meses das angústias abestadas do jovem yo enunciadas de um jeito que, imagino, devia ser muito pretensioso e desonesto, ele emitiu um barulho meio bufado, falando “Você tá estressado. Isso é stress, pronto. Essa idade é assim”. Eu cheguei em casa puto, falei pra minha mãe que desistia.

Uns dois anos depois, minha mãe insistiu que eu fizesse de novo, dizendo que eu tava muito deprimido. Comecei a fazer com uma psicanalista recomendada por uma amiga próxima dela, uma senhora mais ou menos da idade da minha mãe, bonita, bocuda e com cabelo bem preto manchado de uns mechas brancas, um lance meio Susan Sontag rolando. Eu, desde o segundo, terceiro encontro, sabia que queria comê-la, o que acho que ajudou muito com a análise, porque queria muito impressioná-la com minha franqueza desarmada, minha habilidade em desmontar armadilhas ardilosas de autoengano. Isso colaborou com a relação ter durado quase um ano e me ajudado a, de fato, mesmo nessas condições, formular e enunciar muita coisa que nunca tinha enunciado direito. Até que ela falou uma coisa incrivelmente banal sobre um filme do Woody Allen e toda aquela magia danada que eu tava projetando pifou em segundos, a luz e o som de uma vez caindo, o som da máquina girando em falso. Nunca terminei oficialmente a relação, só parei de ir, um belo dia,

com três sessões não-pagas no mês. Bem infantil. E minha mãe continuava me dando a grana da análise em dinheiro toda semana (quase tudo era em espécie lá em casa, e eu na época nem juntava ainda o lé com o cré). Continuei saindo duas vezes na semana de carro, lá pras dez horas da manhã, como se ainda estivesse indo pra analista.

Na primeira semana eu me senti mal por estar enganando a minha mãe. Eu já ganhava uma mesada que era um tanto maior do que um salário mínimo, e que eu gastava com droga, livro e bebida, basicamente, além de viagens ocasionais. Aquele dinheiro adicional era pra minha saúde, e lá tava eu dez e meia da manhã no carro no estacionamento do shopping mandando um beque com as janelas fechadas antes de comer alguma besteira lá dentro ou comprar algum Blu-ray de filme que já vi e nunca vou reassistir.

Na segunda semana eu achei a solução perfeita para aqueles 350 reais semanais. Era exatamente o mesmo preço do programa de uma prostituta porto-alegrense que tava de passagem pela cidade, pelo que eu vi num fórum de recomendações desse tipo. Passei a fazer aquilo duas vezes por semana, no lugar da análise. Ficava na véspera vendo a oferta nos sites, marcava e saía com o dinheiro entregue da mão da minha mãe para a quitinete pouco mobiliada com uma mala no canto, a garota catarinense ou carioca com um tipo de quem acabou de acordar, geralmente mecânica e com sono. Quase sempre saía me sentindo um lixo, mas na véspera da próxima sessão aquelas fotos toscas e fotoxopadas, que eu já sabia que eram bem mentirosas, ainda assim conseguiam me atrair. Eu já tinha que sair de casa com aquele dinheiro na mão, afinal, então por que não? Melhor do que ficar falando abobrinha pra gente medíocre. Havia algo que parecia objetivamente bom em Comer Mais Uma Mulher Gostosa, mesmo depois da vigésima trepada deprimente de três minutos, depois da quinta brochada constrangedora com alguém pra quem jamais olharia duas vezes numa boate, eu continuava sendo fisgado. O homem hetero é, com certeza, o mais imbecil dentre todos os animais.

>

20.

<<

Rafaela nasceu em Vitória e era filha única. O xodó do pai, Alceu, que era um senhor orelhulho que se entendia, não sendo, a lata do Tarcísio Meira. O que ele era, na melhor das hipóteses, era um anagrama do Tarcísio Meira, em escala reduzida, com orelhas consideravelmente maiores. A mãe achava que o pai era um estouro entre as mulheres e desencorajava socialização excessiva. Então ele ficava em casa com as duas, quase toda noite, ouvindo boleros e Emilio Santiago e chamando a própria filha para dançar (até ela, aos treze, falar pro pai que achava aquilo estranho, e começar a sair com amigos).

Apesar de sair com frequência pra “fuleiragem”, como dizia Kelly, sua parceira pra tudo, Rafaela era mais tímida e evitava os homens compridos e fedorentos que rodeavam sua amiga. Uma vez, quando ela tinha quatorze, estava com Kelly, quando chegaram dois homens mais velhos para encontrá-las. Logo a amiga começou a ficar com um deles e o amigo foi chegando nela de maneira não exatamente violenta, mas ainda assim impositiva. O cara já dirigia e tinha um bigodinho meio cretino, não tinha murmurado nem duas palavras direito. Falava pra dentro. Mas já chegou chegando. Seu primeiro beijo de verdade na vida, depois dumas bitolas na infância, e vem com direito a gosto de cigarro e bigode rocento. E depois de conseguir o beijo, o cara já foi logo metendo o dedo seco e cheio de areia na boceta dela. Doeu, além de assustar, ela empurrou o cara pra areia e saiu correndo.

Depois disso, passou a sair menos, e demorou a namorar. Cresceu antes de toda menina da turma, duas pernas de ema e os ombros caídos de quem não queria entender nem assumir, ainda, o corpo que já tinha. Só com o primeiro namorado sério, já com dezesseis quase pra dezessete anos, e com a insistência derradama dele, é que Rafaela foi aceitar o tanto que era gostosa. Ele era baixinho e meio feio, narigudo, mas era doce e engraçado, além de venerá-la. Wesley. Insistia que ela ficasse por cima e ficava com uma cara assustada de quem assistia uma coisa de outro mundo se desenrolar. Eles não duraram muito.

Foi no primeiro emprego dela, de secretária de um dentista conhecido de seu pai, que ela conheceu o segundo namorado, Lucas. Era mais velho, tinha carro e parecia diferente dos moleques que ela conhecia, confiante e mais

sofisticado. Transava bem melhor que o Wesley, ainda que às vezes fosse meio agressivo demais, e tivesse uma fixação desagradável por gozar na cara dela. Ele ficava bonito pelado, mas às vezes ela achava aquele corpo todo sarado e quase todo depilado estranho, parecia falso como o de um boneco. Lucas falava sempre muito alto e agia como se tivesse metido com um milhão de coisas importantes ao mesmo tempo. Ela demorou uns meses pra sacar que era quase tudo conversa. Ele produzia festas perto de Vila Velha, eventos de sertanejo universitário, lançamento de energético, Djs gringos em festa open bar com esquema duzentos reais homem, cinquenta mulher. Depois de um tempo escutando as conversas mal-disfarçadas dele no celular, ela foi percebendo que várias dessas festas incluíam a participação de modelos ficha rosa. Na verdade, como ela veio a descobrir quando finalmente conseguiu fazer Lucas admitir, boa parte das festas das quais ele participava eram pouco mais do que desculpas para agenciar o encontro entre empresários locais, seus sócios visitantes e as garotas, que vinham do Brasil todo. Os eventos mal se sustentavam pelo ingresso e bebida, como ela foi notando, só compensava fazê-los pelo dinheiro a mais que ele recebia das partes interessadas.

Rafaela ficou em choque quando descobriu o quanto as meninas ganhavam, em média, e o quanto algumas delas nem pareciam puta direito (uma delas, uma toda convencida de São Paulo, inclusive se vestia melhor que ela). E ela lá que nem trouxa todo dia no consultório pra ganhar aquela mixaria. Na última briga que teve com o Lucas, depois de ele levantar a voz pra ela sem nenhum motivo pela vigésima vez e ela responder na mesma moeda, ele riu de um jeito exagerado quando ela falou que queria fazer outras coisas da vida, que tinha ambição de sair da cidade um dia. Ele riu e perguntou: “Ambição, sei, vai nessa. Vai fazer o quê, então? Dar a bunda?”

Foi só em parte de raiva dele que ela ligou no dia seguinte pro João Pedro (que Lucas chamava de parceiro, mas na verdade mandava nele) e perguntou como é que ela tinha que fazer pra começar.

O babaca do João Pedro, que conseguia ser ainda mais babaca que o Lucas, pegava metade do que ela fazia, no começo. Isso só pelos contatos que ele tinha, sem mexer um dedo. Era ridículo, claro, mas ela nem teria ideia de como começar sozinha. Ficar rodando bolsa perto ali do porto ela nem considerava, não só pela rua ser perigosa, mas pelo medo de ser reconhecida por alguém. Vitória nessas coisas era igualzinho cidade pequena. A mãe ela sabia que ficaria vermelhinha e gritaria igual porco morrendo se visse uma

coisa dessa, lhe daria uma peia com cinto, mesmo já velha. Não tinha nem dois anos que ela tinha lhe dado SURRA, uma por ter voltado mais cedo de uma viagem e outra por tê-la encontrado dormindo ainda bêbada com duas amigas na banheira do quarto dela com a única garrafa de uísque importado da casa (as amigas depois zoaram que devia ser mais por ter acabado com o uísque dela do que por ter bebido tanto). O pai ela nem conseguia imaginar como ia reagir, ele que tendia mais a fazer uma cara de assustado e confuso quando ela fazia alguma merda.

O primeiro cara pra quem ela deu por grana foi um fazendeiro do Mato-Grosso, baixinho, com uns sessenta anos, sobrelhas grossas como uma corda. Tinha uma pica gorda e rosinha e pelos espalhados em manchas erráticas pelo corpo todo. Pegava nela sem jeito e com força demais, mas de resto até que foi um estreante decente. Poderia ser pior, ela pensou. Deu uma de menos de dois minutos e já tombou pro lado como se nada mais fosse capaz de levantá-lo tão cedo. Ela ficou lá meio sem-graça sentada na cama, foi só quando ele finalmente pegou o dinheiro do paletó e deu na mão dela sem mais olhar na cara é que ela percebeu que já podia ir embora. Ela nem acreditou que tinha feito quatrocentos reais assim. Duzentos, na verdade. Mas ainda assim. Tinha sido muito, muito ruim, mas era um emprego, afinal de contas. Se fosse bom, não pagava. Quando já tava nessa tinha dois meses conheceu numa festa do João Pedro com fazendeiros e dois deputados uma menina chamada Vânia (codinome Bella, às vezes Bellíssima), que falou que Vitória não tava com nada, que o negócio era alugar anúncio em algum site e ir pras cidades grande-grande mesmo.

— Com anúncio cê se solta desse encosto, minha filha, que tá comendo metade do teu trabalho. Ah, não. Ninguém merece. Só aqui em Vitória que eu aceito esse traste, porque ele me arruma uns figura que às vezes viram fixo. Ainda fica cheirando nosso cabelo e achando que tem direito a brinde. Folgado da porra. São Paulo já tá cheia de menina, mas também lá parece que não acaba de piroca carente cheia da grana. Te toca lá pra Brasília, minha filha. Lá é tranquilo, ninguém conhece ninguém. E lá tá é faltando menina gostosa e boazinha que nem você.

>>

21.

De todas as conversas de Fábio com Letícia que Murilo acabou lendo (e foram muitas, houve um período em que os dois usavam bastante o Gtalk), havia uma que chamava particularmente a atenção de Murilo, de 2010. Ele supunha, cruzando com outras coisas que tinha lido, que aquilo devia ter sido logo depois dela descobrir as dezenas de traições dele pela primeira vez.

— Oi, amor

— Não me chama assim. Fala logo o que você tiver pra falar, porque eu não tou com nenhuma paciência pras suas merdas

— Você sabe que não é fácil, me dá pelo menos uma chance de tentar explicar. Você ontem só fazia gritar.

— Puta que pariu, né, Fábio? Você vai insistir mesmo nessa bosta? Você acha que eu sou mais uma tonta dessas pra você ficar enrolando desse jeito, caralho? Eu não sou tuas sirigaita não, moleque. Sou idiota não, porra.

— Não, Letícia, caramba, calma. É que é realmente difícil de falar, sério. Eu mesmo tenho dificuldade de explicar pra mim mesmo.

— NOSSA COITADO NÉ. TODOS SHORA. MENOR VIOLINO DO MUNDO AQUI PRA TI QUERIDAO. TU QUER QUE EU FIQUE COM PENA DE VOCE AGORA?

— É como se tivessem vários compartimentos diferentes aqui, várias gavetas com vários Fábio's diferentes e eu tivesse que tentar reunir todos eles pra falar contigo agora, eu tou tremendo

— que drama, puta que pariu. <o_o'> que cara de pau do caralho

— É sério, Letícia. Desde os quinze anos que eu sou praticamente esquizo-frênico, sei lá, eu tenho uma personalidade toda recortada pra cada pessoa com quem eu interajo. E mais umas dez aqui dentro falando umas com as outras o tempo todo. Tenho pelo menos umas trinta pessoas diferentes aqui dentro, toda elas falsas, todas ardilosas. Todas elas escrotíssimas.

— Ma gente que quer isso. A sua ideia é fazer com que eu te despreze ainda mais do que eu já desprezo no momento, então? Tá dando certo viu garotão. Continua aí se afundando que tá show de ver

— Eu tou tentando te explicar, de verdade, você pode não acreditar, mas eu quero te explicar, porque você merece uma explicação. Eu desde moleque que tento me comportar como homem comedor com meus primos e com meu pai, como religioso e sério pras minhas vós e um pouco minha mãe, como bicho super esperto e sofisticado pros meus amigos online, como meio misterioso e sensível pras meninas, como brasileiro latinão suinguera pro povo gringo que eu conheço. E escondo de todo mundo o fato de que eu sou meio viado também. Você sabe disso. Só você. O tanto que essa coisa de dividir tudo, ter um jeito diferente pra cada situação, isso me deixou quebrado demais. E você sabe que nós demos tão certo justamente porque você via através disso, manipulava isso melhor do que eu. Mas eu não. Eu não manipulo esses níveis todos, essas interfaces todas. Elas é que me manipulavam. Elas que me vestiam, sei lá. Eu vou onde as vozes me levam, onde eu acho que os outros querem que eu vá, o tempo todo-todo-todo. Nunca tive um sentimento espontâneo ou autêntico na minha vida inteira. Eu tou falando sério. Não tou tentando me desculpar de nada, eu de fato não tenho caráter, sou essa coisa meio vaporosa que fica se adequando a qualquer forma, é ridículo e você não tem que lidar com isso, ninguém tem. Ninguém deveria ter que lidar com isso. Eu só quero que você entenda que as merdas todas que eu fiz decorrem disso, do fato de ser um retalho adoentado de gente, e não porque eu não te levava a sério. Ou porque eu tava cagando pra te machucar. Eu pensava nisso direto, direto, de verdade. Nessa possibilidade. Você foi a melhor coisa que já aconteceu comigo, mas eu consegui fazer a minha parte, não consegui montar aqui a partir dos estofos todos um espantalho minimamente apresentável, alguém que fosse digno pra te namorar. E eu me arrependo muito disso, de não ter tido essa força.

Continuei fazendo todas as minhas merdas, desde as broderagem das antiga que eu já te falei até comer amiga tua, sim, fiz tudo isso, continuei com todas as minhas merdas porque não consegui fazer outra coisa, porque sou fraco demais. Sempre fui fraco demais, e o mundo nunca me pediu direito pra ser outra coisa. Só não quero que você ache que eu teria sido capaz de fazer diferente com qualquer outra pessoa, porque eu não teria.

Sabe, Lets?

Não teria mesmo.

Letícia? Tá aí ainda? Vou parar aqui de falar, acho que era isso. Desculpa de novo. Enfim.

— Tou aqui.

— Tou chegando na sua casa em dez minutos. Esteja limpo e apresentável.”

Era muito estranho para Murilo ler aquilo, ter aquele estilhaço tão íntimo de duas pessoas ali recuperável, aquelas vozes que ele nem conseguia reconhecer, exatamente, com sentimentos cuja verossimilhança ele não conseguia julgar. Era muito possível que mesmo o Fábio não soubesse dizer o quão verdadeiro ele estava sendo naquele momento. Nossas palavras para esse tipo de coisa são muito imprecisas, Murilo lembrava dele falar em alguma ocasião. Entre a honestidade e a desonestidade há todo um espectro, todo um vasto território nebuloso, de meio-termos arredios e estranhos. E era como se Fábio estivesse sempre bem neste território. Nunca, ou quase nunca, nos seus extremos mais decididos.

Já tinha, agora, alguns anos que Murilo vivia enredado nesses rascunhos e em todos os outros estilhaços que encontrava nessa conta. Parte dele queria largar aquilo tudo para trás, outra parte nem conseguia se imaginar sem aqueles escombros pra remexer.

E agora ele era acusado de ser um mau editor de Fábio. Isso o tinha o deixado mais ofendido do que as críticas literárias à sua parte do livro. Essas pessoas não tiveram aquela bagunça toda jogada no colo para se tentar entender, como ele teve ao abrir a conta. Num único rascunho por exemplo, escrito um mês antes de Fábio morrer, Murilo hoje sentia que conseguia distinguir cinco coisas distintas acontecendo. Esse arquivo estava bem pra cima da lista de rascunhos salvos na conta, na primeira vez que Murilo a abriu. Ficou seduzido pelo mistério nunca resolúvel daquelas linhas iniciais, talvez pelo seu início críptico, que provavelmente nem queria dizer grande coisa (Fábio só devia estar chapado pra cacete).

Ainda assim, Murilo distinguia nesse trecho, depois de uma improvisação claramente escrita na voz cotidiana de Fábio consigo próprio, quatro vinhetas não-exatamente-desenvolvidas do CABOL. Uma envolvendo a criatura alienígena criada pelo Verde-Preto, outra do personagem Rodolfo, outra o personagem Nilson, outra do personagem Renato Mussum (que parece estar empreendendo, até onde Murilo entende, algum tipo de passagem da vida para alguma espécie de além simulado digitalmente). Nenhuma se conclui direito, da última não dá pra entender nada. Esse é o tipo de coisa com que Murilo tem de lidar, por causa do talento preguiçoso do seu amigo. Como

que ele poderia ter arrumado o livro melhor? Ele fez o que pode. Já pensa na resposta que faria quando sáisse o texto da garota na revista chique. Ainda assim, mesmo criando uma carapaça de defesa contra a acusação de mau editor, várias coisas que ela tinha dito continuam a perturbá-lo.

Além disso, apesar da sua paciência considerável, Melanie começou finalmente a reclamar da sua lentidão em apresentar um novo rascunho. Chegou a sugerir, timidamente, já que ele não conseguia começar nada novo de que gostasse, que talvez não fosse o caso de reeditar uma parceria com algum fragmento de Fábio? Perguntou como quem não quer nada, sabendo que era uma sugestão sensível. Segundo ela, ideia de seus superiores, não dela. Ela sabia como ele queria escrever algo sozinho, como isso era importante para ele. Mas enquanto isso não acontecia...

Murilo não disse que sim nem que não. Mas que odiou ler aquilo odiou.

>

22.

<<

Se lhe perguntassem quando mais novo, Wellington nunca imaginaria que pornografia acabaria se tornando por muito tempo a fonte mais duradoura de estabilidade financeira na sua vida. Ele nunca nem tinha sido um cara que consumia tanto dessas coisas. Quando era mais novo, fora cine privé da Band e fora as revistas eventuais que amigos compartilhavam, tinha que ir atrás você mesmo, comprar ou alugar, não tinha essa coisa de abrir a internet e ter um cardápio infinito de putaria gratuita sem constrangimento.

Quando adolescente, comprou uma ou outra revista dessas de banca e guardou por anos mocadas numa mesma gaveta. Só entrou na parte de putaria de videolocadora umas três vezes e não teve coragem de alugar nada. Viu em raras ocasiões fitas de putaria na casa de amigos e primos, mas não curtia bater uma junto com outros caras. Só foi começar a mexer com isso por causa de um primo que era do ramo, cujos pais eram bem mais ricos que os dele (o que não queria dizer muito). E só foi pedir emprego fixo quando a sua filha nasceu e ele viu que realmente ia precisar de grana, não dava mais pra ficar morando com os pais, trabalhando por uns períodos e ficando largado por outros.

Tava com vinte e seis anos, o máximo de tempo que havia ficado num serviço tinha sido dois anos de garçom num restaurante chique em Pinheiros, e isso já pareceu demais, no final ele não aguentava mais olhar na cara daquelas pessoas nojentas. O mercado de DVD tava começando a bombar e o primo dele, Rafael, trabalhava para uma produtora de um velho de sobranceiras cavernosas chamado Efrain Balabanian, que o primo chamava de “o turco” quando não estava presente. Sempre que falava do seu trabalho pra algum amigo ou conhecido contava vantagem do tanto de buceta que ele tava arranjando, que vivia afogando de tanta buceta, mas na verdade nos oito anos em que ele fazia isso só aconteceu dele transar com três das dezenas de atrizes cujos filmes ele ajudou a produzir.

Duas delas foi bem no começo, num dos primeiros testes que eles fizeram, ainda no consultório de dentista do pai do Rafael, no fim de semana. Depois do Rafael dizer que era só assim que elas conseguiriam o trabalho, naquele jeito autoconfiante dele que Wellington nunca entendeu daonde vinha. Um

metro e sessenta e cabelo duro de gel, sorrisinho cretino. Sem nem contar antes pro Wellington que ia fazer isso.

Wellington ficou constrangido e acabou comendo a garota também, depois de esperar o Rafael terminar, ouvindo os gritinhos roucos estranhos que ele dava na sala de consulta enquanto ele tava na de recepção. A mulher era a mais gostosa com quem ele já tinha transado na época, mas Wellington não gostou de fazer aquilo, a garota claramente queria que terminasse logo, o rosto cansado e meio com raiva durante o negócio. Acabou fazendo de novo na segunda vez que aconteceu, sem planejar mas sem saber negar, e de novo achando a coisa estranha e desconfortável, mas depois disso falou pro Rafael pra não incluí-lo. Rafael ficou ressentido, se sentindo julgado. Chamou o Wellington de cuzão e de viado, e falou que aquilo ali era só o trabalho delas. Depois amaciou e tentou argumentar, incomodado pelo julgamento implícito ali. Insistia de um jeito tranquilo, como se quisesse convencê-lo, que era só um agrado a mais, custava nada pra elas. Ele não tinha nenhuma vontade de discutir, muito menos de perder o emprego, só falou que ficava constrangido e ficou por isso mesmo. Ficou meses sem participar dos testes.

Depois de uma leve explosão, o mercado foi piorando dramaticamente alguns anos depois de Wellington entrar. Quase ninguém mais comprava DVD. O turco falava pro Rafael que agora só caminhoneiros e velhos de setenta anos com viagra é que compravam. Todo o resto das pessoas só vai e abre esses sites mesmo e pronto. O turco resmungava sempre “piratas!” com uma indignação que dava vontade de rir. Mas ele tava certo.

O que salvou a carreira de Wellington por uns anos foi uma festa de uma outra produtora, no Rio, em que Rafael conheceu um gringo chamado Mike. Esse cara tava querendo começar uma série onde ele comia garotas brasileiras e tava precisando de alguém que arranjasse essas garotas pra ele. Falou que tentou sair na rua aliciando garotas, mas sua falta de intimidade com a língua não ajudava. Rafael acabou se desentendendo com o gringo antes de começar, mais por orgulho do que por qualquer outra coisa, mas Wellington não escolheu lados, ficou na sua e acabou trabalhando pra ele por três anos, e depois disso arranjando trabalho com outras produtoras gringas que, por nicho ou por variedade, vinham eventualmente filmar no Brasil com garotas e garotos daqui. Ser mal pago em dólar é muito melhor do que ser mal pago em real, ele falava pros amigos.

Wellington nunca gostou muito do seu trabalho, tinha horas que ia

engrossando um nojo de algumas situações que ele presenciava e de algumas das pessoas que trabalhavam com ele. A maioria dos diretores eram babacas, e se eles deviam tratar mal as atrizes da terra deles, ali se sentiam diante de gente que valia ainda menos.

Os atores geralmente esculachavam nas cenas, a moda cada vez mais era essa, mas alguns ele via que até eram gentis com as garotas depois. Nunca deixava de impressioná-lo o quanto as cenas tinham ficado mais violentas de uns dez anos pra cá. Wellington viu isso mudando, deu pra sentir mesmo sem prestar muita atenção, ocupado com passar café, comprar lubrificante e carregar cabos. Às vezes imaginava bilhões de moleques de doze anos assistindo aquilo e dava um gelo na espinha, ele se benzia e olhava pra cima. Mas sabia que a sua participação ali no meio também não influenciava em muita coisa, e isso deixava ele tranquilo. Ele sair do ramo não faria com que o pecado sumisse no mundo.

Às vezes sentia raiva das garotas, também. Não sabia dizer o motivo. Não achava que tinha nada de errado em filmar gente trepando, nem em vender a imagem disso (se tudo mais se vendia e se comprava, afinal), mas tinha alguma coisa errada ali no meio que não sabia dizer o que era. Alternava entre sentir pena e desprezo, ali nas filmagens, limpando com enfado a porra que pegava nos olhos e nos cabelos delas. Nos seus momentos mais magnânimos, pensava às vezes que eram os homens que produziam aquilo tudo para outros homens consumir, que tudo que havia de escroto ali no meio era culpa exclusivamente deles. Mas de alguma maneira se ressentia das mulheres por provocarem aquele desejo todo. De certa maneira, ele pensava, as mulheres deixavam os homens tão doidos que eles se viam obrigados a consumir essas coisas. Não aguentavam. Não deixava de ser um pouco culpa delas, também.

A ex-mulher e a mãe enchiam o saco dele direto pra trabalhar com outra coisa, cansadas de mentir que ele fazia comercial e vídeo de casamento. Mas Wellington sentia que tinha ficado mais ou menos bom naquilo, e ele não era mais ou menos bom em mais nada. Sabia que não arranjaría algo melhor tão fácil, mesmo com a indústria pagando cada vez pior. Ele tinha era que aproveitar o que conseguisse de trabalho até a coisa quebrar de uma vez.

Sempre continuou esgueirando e procurando novos contatos, novos sites gringos, produtoras de outros cantos. E um dia recebeu um e-mail de um norte-americano que falou que não trabalhava, exatamente, com pornografia, mas que tava precisando dos contatos e serviços dele. Pediu só para confirmar

se ele tinha produzido um determinado filme (nem lembrava do nome, mas foi conferir no seu CV e tinha sim).

O cara não dava o nome, só falava que representava alguém muito rico do ramo da tecnologia e que toda descrição era necessária. Wellington ficou curioso, até porque sabia que serviços especializados assim às vezes davam uma boa grana (um conhecido dele tinha produzido um filme de estrelas pornôs americanas top de linha para um bilionário do Oriente Médio que encomendou para fruição pessoal, sem intenção de distribuir, e tinha sido pago de maneira bem mais generosa do que o normal).

Encontrou o cara num café. É a pessoa mais sem graça do mundo. De camisa social azul e sapatos marrons, um rosto que parece ter feições imprecisas mesmo enquanto você olha diretamente pra elas. Wellington diz que fala um pouquinho de inglês, mas ele só faz uma cara impaciente e começa a falar num português duro mas compreensível, meio puxando pro espanhol. Fala com a calma e a precisão de quem está lendo uma apresentação de Powerpoint dentro da própria cabeça. Fala que eles estão gravando uma tecnologia nova de realidade virtual e que o trabalho por isso precisa ser confidencial. Não vai ser distribuído comercialmente e tem a garantia de que não vai vazar para pirataria. A atriz pode escolher o homem com quem terá relações, contanto que ele tenha um porte atlético e membro acima da média. O ator terá que ser preparado para poder gravar a sessão, mas o processo é seguro, rápido e praticamente indolor. O cachê é de quarenta mil dólares para ser dividido como quiserem.

Wellinton demorou um pouco pra reagir, diante daquilo tudo que foi empilhado nele de repente. A vontade foi de rir, mas percebeu pelo tom do cara que isso não seria apreciado. Tentou fazer sua melhor cara de profissional experiente e mandou seu melhor meio-pau.

— Quantos casais você quer que eu encontre? Curtem mais mulata, branquinha, índia? Brasil tem de tudo. As travesti também fazem muito sucesso no exterior. Tem uns holandês que –

— Você não entendeu. Ou eu acho que não fui claro. Seu trabalho não é de escolher as garotas. Isso só vai acontecer com uma garota. Cléopatra.

A cabeça de Wellington recuou um pouco. Ele tava falando da Cátia. Ele não via a Cátia tinha muito tempo.

— Você foi um dos produtores de HOT N' SKANKY BRAZILIAN GIRLS

DRILLED IN ALL HOLES VOL.7, não foi?

— Fui.

— O filme que contém a atriz Cléopatra numa cena com três homens numa banheira de hidro-

— Sim, sim. Eu sei de quem você tá falando. Mas aí complica, viu? É que ela se aposentou, até onde eu sei.

— Ah, sim. Pena. E tem certeza que ela não pode ser convencida a retornar, dadas as condições?

A cabeça de Wellington entorta pra direita.

— Ah, acho que pode, sim. Com jeitinho, né?

(*)

Cátia foi a terceira atriz com quem Wellington transou, desde que entrou no ramo. Mas tudo se deu em outras condições inteiramente. Cátia chegou com dezenove anos, toda afoita e ansiosa, pra fazer teste para um filme gringo. Isso em 2012, quando ele já se considerava um veterano e mal piscava diante das merdas que via e ouvia. Ela tava nervosa, mas claramente queria esconder isso e se mostrar decidida e tranquila. Quase conseguia. Fazia uma cara de má que não convencia tanto (e que ela repetiu no filme, convencendo menos ainda). Falou que faria aquilo uma vez só pra pagar um negócio que ela precisava. Que ela podia fazer qualquer coisa no filme, não tava nem aí, não tinha vergonha, mas que ia ser uma vez só e que por isso tinham que pagar direitinho. E que ouviu que os gringos pagavam melhor. Ela tinha um tipo meio de roqueira (usando tênis all star, e não sapato), muito morena, baixinha e com os olhos lindos, uma boca enorme. Quase não tava maquiada, o que Wellington gostava. Ficou muito mais atraído por ela do que ele costumava ficar com as meninas que iam fazer teste. Não era tanto o rosto, e o corpo dela era muito miúdo e reto pro gosto dele, mas tinha algo no jeito dela se mexer que deixou ele doido de cara. Ele até pensou, por um momento, em fazer o que o Rafael fazia (e ele tava sozinho naquele dia do teste, o que facilitaria). Mas pela firmeza que ela tinha, ele ficou com medo dela recusar, ou mesmo de aceitar a contragosto e dele acabar broxando. Broxar diante de uma mulher daquelas devia ser pior do que normal. Acertou com ela os detalhes e tentou ser gentil no dia da gravação, sabendo que os três atores que a comeriam não costumavam pagar leve (ele quase nunca mais presenciava as gravações

mesmo, tinha que estar lá por logística, mas ficava mais mexendo no celular num canto enquanto o povo suava e gemia no outro).

No dia da gravação, ela estava distante e reservada, e Wellington ficou dois anos sem vê-la depois disso. Um dia ele vai num show do Cia. do Pagode com dois amigos e vê que Cátia tá lá com duas amigas. A única pessoa no lugar usando coturno. Vai falar com ela achando que ela não vai lembrar, ou não vai querer falar com ele, mas ela acaba sendo super simpática, apresenta as amigas pros amigos dele e eles ficam conversando a noite toda. Acorda no dia seguinte na própria casa com a cabeça latejando e um bilhete da Cátia no criado-mudo. Eles tavam alucinados quando chegaram ali, aos poucos vai lembrando, uns poucos lampejos dela em cima dele que insistem ao longo do dia deixam ele duro e contente por umas horas, mesmo com a ressaca ainda castigante. Mas ela não deixou o telefone nem nada, e ele imagina que o fato dela ter saído corrido sem acordá-lo indicava que não tava lá muito preocupada em vê-lo de novo.

Aí agora, seis anos depois, vem isso. Ele vai nos arquivos da produtora e descobre o nome inteiro da Cátia, encontra ela no Facebook e fica quarenta minutos reescrevendo até mandar uma mensagem. Fala que sabe que ela não queria trabalhar mais com aquilo, mas que tinha uma oportunidade única.

Enquanto isso o gringo sem graça enchia o seu saco, falava que ele não podia esperar pra sempre. Ele manda a conta de Instagram da Cátia para o gringo pra ver se ele relaxa um pouco, e pra mostrar que já conseguiu encontrá-la. Meia hora depois ele recebe a mensagem: “O chefe mudou de ideia. Ele não quer mais a Cátia. Acha que ela mudou demais. Ele quer a amiga dela que aparece nessas fotos em anexo. Acha que consegue?”

>>

23.

<

Murilo tenta evitar pensar no que a escritora disse, mas não consegue. Fica revisitando trechos que acabou excluindo do conto, trechos dos fragmentos que não quis incluir e percebe que de fato acabou tirando muita coisa relacionada a sexo. Toda uma subtrama envolvendo pornografia e uma personagem chamada Cátia que Murilo nunca conseguiu entender muito bem como devia se integrar com o resto da história. Relê alguns desses trechos tentando julgar se era bom ou não, e não consegue decidir. Não sabia até onde ele havia se interessado pouco por eles, por tocar em assuntos e temas que lhe são mais distantes. Isso também era possível. Acaba dando de cara com um rascunho solto que ele nunca tinha lido, datado de 2008, em que Fábio falava do pai.

Era curioso como quase não havia nada de Fábio falando sobre seu pai, embora se notasse a sombra que projetava na sua vida. Murilo se lembra do pouco que falou na única vez que se encontraram e pensa que deve ser um daqueles casos de ausência conspicua. Este talvez seja o único rascunho que trata do ex-governador Anselmo.

Eu chego em casa tarde e meu pai está sentado na mesa da cozinha. Posso ver suas costas, o estranhíssimo formato fumaçado do que resta de cabelo espalhado na sua nuca num formato improvável, como se por um pincel japonês. Os dois foram num casamento de algum aliado político que na verdade é desafeto, posso ver as pizzas de suor na camisa azul clara. Ele está tentando emagrecer, deve ter se segurado de comer doces na festa toda e agora está comendo seu abacaxi com um montinho de açúcar em cima. Um homem muito gordo e muito cansado, acima de tudo. Bufa como uma gaita de foles, e pigarreia.

Desde muito moleque que eu tento entender como é possível fazer as coisas que ele faz e transitar nos meios em que ele transita. Pra todo mundo é fácil simplesmente odiar, desprezar todos os envolvidos como vilões de TV (o que eles são, meio literalmente). Mas eu tinha que continuar amando ele, tinha que tentar entender como era possível que o meu pai fosse aquela pessoa que todo mundo que eu respeitava odiava tão profundamente e com tanta razão. Eu hoje não tenho uma explicação melhor do que a que eu arranjei com doze anos, no fundo. Não há nenhum salto, nenhuma quebra. A mesma pessoa que

leva minha irmã pra piscina e fica com ela em cima do pescoço por um tempo enorme, ouve as histórias compridas, incompreensíveis e sem graça do meu avô e dos meus tios-avôs com um sorriso gentil, e canta alguma música americana brega do Frank Sinatra pra minha mãe no aniversário de casamento é quem cria ONGs de fachada pra pegar dinheiro de merenda escolar de criança miserável. Ajuda gente milionária a roubar terra pública, faz esquema com crédito fundiário pra família sem-terra. Faz todo tipo de atrocidade que existe sob o sol. Gostaria de ver as figuras que ele monta pra isso ser possível, entender o desenho que ele faz de si mesmo. Mas sempre que eu começo o engulho já me vem rápido demais. Melhor nem tentar. Não vale o boi.

>

24.

<<

É exatamente como nos filmes, Dennis pensa, assim que entra no seu quarto e nota os dois homens camuflados, no escuro, achando que não estão sendo vistos. Como os filmes mais sinistros, no caso. Quem diria. Botas embaixo da cortina, como um boi brincando de pique-esconde. Tenta não denunciar no seu corpo que notou, mas denuncia. Antes que pudesse recuar e sair do quarto, montam em cima dele cobrindo sua boca, ele tenta dizer que não vai reagir, mas não adianta. Injetam algo no seu ombro, dor aguda que dá lugar ao branco.

(*)

Dennis é levado para a garagem de um pequeno prédio de escritório na saída do centro de Belém. Pessoa alguma nas redondezas chutaria que aquele prédio tão sem-graça, de dois andares e de arquitetura genérica, uma linha de pastilhas quase toda caída percorrendo todo o seu contorno caixudo, era uma pequena base operacional da CIA. O terreno está no nome de uma holding de três empresas distintas, uma brasileira, uma boliviana e outra equatoriana. Quem tentasse determinar o dono derradeiro daquele lugar logo se perderia numa barafunda de empresas de fachada, laranjas caricatos e pistas falsas. Foi criada mais de quinze anos antes para organizar a lavagem do dinheiro resultante de uma operação de venda de pó que deveria, segundo o plano original, permitir uma infiltração na rede de logística ilegal de tráfico da América Latina para poder em seguida devassá-la por dentro. Esse era o plano oficial, o fato foi que a grana do orçamento sombrio do governo federal norte-americano custeou por mais de um ano a venda e distribuição de pó quase puro. E o dinheiro multiplicado no processo, além de pingar aqui e ali em agentes e colaboradores diversos, para os mais diversos fins, era usado para financiar operações extraoficiais pelo continente todo, campanhas de candidatos parceiros a interesses nacionais e corporativos, sumiços eventuais de lideranças campesinas. Era quase como a lógica do viciado em jogo de que precisa gastar o dinheiro ganho no jogo com coisas pouco saudáveis, já que foi ganho de maneira pouco saudável. O dinheiro já era sujo, não podia voltar pra agência de maneira alguma, e devia ser usado justamente para todas as coisas que a agência não queria jamais conectadas a ela. A brincadeira foi boa enquanto

durou, mas desde o onze de setembro que a grana pro pessoal da Inteligência na América Latina secou, foi toda para o Oriente Médio. O escritório só não foi vendido porque o labirinto burocrático não permitia que o imóvel fosse posto à venda em tempo hábil. A CIA, então, na pessoa inadvertida de Leocádio Dantas, advogado e assistente de tabelião, maçom, sócio do Paysandu, senhor de orelhas peludas e cardigã vinho encardido quase acoplado ao seu torso, alugava três dos quatro escritórios para empresas locais, e deixava o quarto fechado, os arquivos (a maioria, falsos, com alguns documentos genuínos criptografados e misturados no meio) ali acumulando poeira... O sr. Leocádio, lidava com agentes de campo diversos, quase sempre em inglês, há quinze anos, depositava o dinheiro do aluguel, fora sua comissão, fielmente. Sabia que tinha algo esquisito, mas não sabia o quê. Suspeitava antes de mafiosos de extração étnica nebulosa do que do governo federal norte-americano.

O prédio fica vazio no final de semana. Eles estão na garagem, que está livre de carros fora o sedã preto em que vieram. As poucas janelas estreitas, perto do teto, estão todas tapadas com fita crepe. Dennis está amarrado de cabeça pra baixo. Vermelho como um pimentão, com sangue nos braços e no rosto, farpas de madeira debaixo das unhas amareladas, algumas quase descoladas dos dedos.

Eles parecem estar conversando há algum tempo.

— O universo é uma expansão, e ela está acelerando, sabia?

— E daí? Acaba logo com isso, por favor. Não aguento mais.

— É essa a ideia, justamente. Você tá pegando o espírito. Nós somos só a última etapa disso. De algo que vem desde o Big Bang, uma única ereção se formando, doída pra jorrar logo.

— Imperialista de merda.

— Foi quando eu descobri isso que eu entendi. O que era o capitalismo. O que era a América. A natureza real do nosso destino. América eu digo os Estados Unidos.

— Claro que é isso que você diz. Tu é a escória dessa Terra. A maldição dela.

Dennis cospe no chão uma mistura de sangue e ranho. Timothy sorri.

— Eu tive meu momento de revolta jovem, como tanta gente. Depois de uma adolescência ingênua, em Connecticut, achando tudo lindo. Fui encontrar professores anti-imperialistas na universidade, descobrir sobre Laos,

Camboja, e tremer um pouco ao ver garotas e garotos lindos falando que o nosso país era fascista. Eram hipsters sujos, muitos, mas ainda assim eram muito mais atraentes do que os Youth for Buchanan, com certeza. As coisas que meus pais fizeram, e principalmente o rosto que aquilo tinha pros outros. Não era bonito. Não tinha entendido ainda o que era o mundo de verdade. Nós não inventamos a violência, sabe, como um esquerdinha ingênuo tipo você supõe. Ela sempre esteve aqui. Nós só tentamos botar alguma ordem nela. Mas eu também perdi qualquer meninice dessas de acreditar que estamos aqui pra fazer o bem, que promovemos a democracia. Esses papos. A democracia que a gente promove mundo afora é da equalização geral. O destino manifesto é um destino de morte, de como gerir a morte melhor e mais rápido. Acabar com isso logo, e com estilo. Como acelerar esse processo, acabar com o espetáculo de uma vez. Gozando o máximo pelo caminho. Não é muito mais complicado do que isso.

— De que merda tu tá falando, bicho?

— Chegaram a supor que tava tudo ganho, na década de noventa, que tudo rodaria no piloto automático agora, a expansão terminaria seu curso num par de gerações, tudo aquilo que é o caso entraria no livre mercado global e transnacional. Tudo entraria junto num sistema que nos levaria até o infinito e além, até a Starship Enterprise e a Federação etc. Não esperavam onze de setembro, aquecimento global, nada. Eu nunca fui tolo assim. Não sabia o que viria, mas sabia que tudo ainda estava em jogo. A China, os terroristas. Tem sempre muita coisa à espreita. O mundo livre está sempre ameaçado.

— Você entrou no modo discurso de super-vilão, mesmo? Me tira daqui, caralho. E a convenção de Genebra, porra, e essas merdas que você finge que ainda defendem, às vezes.

— Os ambientalistas querem puxar o freio de emergência, mas isso é puro sentimentalismo. Nostalgia por uma terra que já foi embora tem tempo. Não tem mais saída. A única escolha é ir mais fundo, dobrar a meta e a própria medida, e ultrapassá-las, ambas. Ir até o fim da linha. Chame de apocalipse, se quiser, a palavra só quer dizer revelação. A máscara de carne de borracha derrete, o robô cromado mostra as presas. O capital sairá mais forte deste ciclo. Com toda certeza. Nada o enfraqueceu até hoje. Só o fez mudar de forma. Só não sei se posso dizer o mesmo da nossa espécie. Tanto melhor, talvez. O Deus de Silício será muito mais forte que o homem, e seu carbono fracote. Que ele venha logo, com seu reino.

mostrou como resolve a equação. Mostrou qual é a solução de uma vez por todas pra esses problemas todos, com o seu amor romano universal. Eu nunca comprei o negócio cristão, mas de resto eu comprei a filosofia dele. Acho que, no fundo, o que move o mundo é ressentimento e ciúme, em vários níveis. Quanto mais fodido você é, mais ressentimento você sente. Mas todo mundo sente. Não tem jeito. Todo mundo se sente fodido por algum lado, mesmo quem não é fodido por ninguém, não de maneira verificável.

— Me tira daqui, por favor.

— Eu lembro do que uma garota linda falou no curso dele. Irritando muito o professor, aliás, deu pra notar. Ela disse que seria até convincente essa história se os povos cristãos não tivessem se provado justamente povos que vieram para destruir essa terra. Os escolhidos para tomá-la toda com violência de todos os outros, usar todos os outros povos do mundo como papel higiênico e depois pedir para que agradeçam. A menina era loiríssima, descendente de nórdicos latifundiários de Wyoming. E dizia com a maior certeza e clareza do mundo que qualquer verdade moral ou espiritual que Cristo já possa ter tido se anula no instante em que os povos cristãos se tornam os carrascos de todos os outros. É óbvio, isso. Ou Deveria ser. Cristo teve seu momento, mas o ciclo de violência e ressentimento não tem fim. Ele é poderoso, até, e eu o respeito, mas pra mim é mais um fiapo nos dentes disso. Nas engrenagens disso.

— ...

— Nunca esqueci dessa menina, do que ela falou. Essa roda vai girar, não tem jeito. E se a gente não impedir, vai girar pra cima da gente. Nós, os brancos, só vamos impedir que a guilhotina caia sobre nossas cabeças acabando com a porra toda antes. Com essa fantasia delirante que corre desde a Revolução Francesa. De igualdade, de que todo mundo é lindo e merece tudo. Você não percebe? Quando o mundo descobrir de fato o que foi a Europa, de onde vem aqueles palácios todos, não vai sobrar um museu, não vai sobrar uma cidade daquelas de pé. E o mesmo pode cair sobre o meu país, eu sei. O pesadelo do colonialismo vai cair sobre todos nós se a gente não ficar esperto. O único jeito é fechar as fortalezas e erguer os muros bem altos o quanto antes diante da enchente marrom que vem.

— ...

— E acelerar o aquecimento global é a melhor forma de lidar com isso tudo. De acabar com essa palhaçada de democracia liberal globalizada, voltar para

os feudos e para a realidade territorial do mundo. Do sangue e dos povos. Da conquista livre dos grandes homens e dos povos escolhidos. Ou seja, deixar que as coisas mostrem o que elas são. Sempre foram. A besta debaixo daqueles olhos brilhosos da Disney.

— ...

— Não vai fala nada? Fica chato discursar assim sem você nem responder.

—....

— Morreu?

— ...

— Ih, morreu. E eu aqui falando sozinho.

>>

25.

<

Murilo sabia também que não deveria ler e-mails de Fábio para outras pessoas. Mas claro que, depois de um tempo, passou a ler esses também.

“Oi Fábio

Tempo que a gente não se fala, né. Depois de algumas semanas sem seu nome aparecer verde aqui finalmente caiu a ficha. Eu demoro com esse tipo de coisa, sempre fui meio boba nesse sentido.

Só depois fui te procurar, descobri a sua namorada tão bonita e pernuda e loira, obviamente a coisa toda se desenhou na minha cabeça em menos de dois segundos, em sua obviedade imensa.

Eu te odiei com muita força por mais ou menos uns cinco dias, daí logo arrefeceu, e eu passei a te achar ridículo. Ainda te acho ridículo, mas também sinto sua falta. Mesmo esse tempo todo depois. Não curto admitir, mas admito. Basicamente porque continuo como eu era quando te conheci, sem tentar fazer amizade, sem me estender pra além dos poucos canais já estabelecidos há pelo menos uma década.

Mas por que eu te mando um email então? Porque enfim fui jogar aquele joguinho que você me recomendou. Finalmente. Aquele meio bobo pós-apocalíptico. De fato é bem divertido ele. Mas aconteceu um negócio inesperado. Não sei se você lembra, mas esse jogo tem a peculiaridade de começar com você nascendo, a fase tutorial sendo umas cenas rapidinhas de você criança com seu pai, depois adolescente, depois juvenzinha. Eu óbvio joguei com uma menina, e a chamei de Flannery. Ao invés de descrevê-la, toma aí em anexo um screenshot dela linda dando um tiro certeiro na granada que o mutante estava prestes a jogar nela.

O negócio é que eu comecei a me afeiçoar de verdade a ela. Comecei jogando no Very Hard, como qualquer pessoa que se respeite. E a dureza daquele cenário, e da cara dela tão rígida e sensível, ao mesmo tempo. Rigorosa, forte e aberta como eu gostaria de ser. Comecei a levar aquilo muito a sério, de um jeito que eu nem sabia direito que rolava de levar a sério. Aquela ali era eu. Andando pelos destroços daquele mundo destruído renderizado no mínimo da qualidade do gráfico (porque o computador do meu marido não aguenta

mais). Tentando sobreviver, pegando carne de bichos mutantes mortos, procurando água potável em armários revirados de casas ruínas. Aquela ali era eu. Sempre que o jogo travava (e isso acontecia demais), continuava correndo o som ambiente do lugar onde eu estava, com o barulho de algum animal por perto. E eu achava que aquele mundo ainda estava acontecendo, mesmo a minha Flannery perdida entre planos. Deixava aquilo parado vinte minutos, quarenta, uma hora, lendo na frente do computador, dando uma chance pra que ele de repente entendesse todas aquelas tarefas empilhadas e corresse de novo o jogo. A mesma imagem travada de um mundo que não mais conseguia repetir a si mesmo. Um mundo morto.

Eu não queria nem terminar o jogo, porque isso significaria acabar de vez com aquela atualidade onde a Flannery (ou melhor, eu) existia e tinha vigência. Então andava pelas extensões enormes do território ociosamente, matava várias vezes os mesmos bichos, usava apenas as armas mais simples, para dificultar ainda mais as coisas, evitava os cantos dos mapas que pareciam reunir a resolução do jogo. Realizava todas as tarefas secundárias, repetia não só cada aventura, mas cada ação, cada mutante assassinado, cada centauro escorpião horroroso vencido, fazia cada gesto desses cinco, dez vezes, até atingir a versão mais elegante, eficiente e extraordinária de cada situação. Ataques críticos, desarmes, cabeças explodidas à distância. Dois saqueadores com uma bala só. O lança-chamas com sua carga levada nas costas do soldado chinês zumbi. Todos eles são você, claro.

Ainda não zerei o jogo, depois de um mês e algumas dezenas de horas. É óbvio que concentrar sua identidade num modelo 3d muito marromenos não parece ser uma coisa tão saudável a se fazer. Mas não é como se minha alma tivesse retornado pro desenho fixo que esse corpo projeta no mundo, que ele carrega pra lá e pra cá com seu peso, seu contorno real. Ela continua, ao que me parece, dispersa, em pedaços depositados por aí que eu nunca mais recuperei, nunca mais consegui rejuntrar. O tipo de estrago que só pessoas privilegiadas ao ponto da purulência (como você) conseguem provocar. O tipo de desperdício gratuito.

Espero, infelizmente, que você esteja bem (mas não bem demais, teu bosta, boy lixo dum caralho).

f.”

>

26.

<<

No dia em questão, Wellington primeiro encontrou Fabiana e Flávio de manhã numa lanchonete para tranquilizá-los e explicar um pouco melhor como tudo se daria. Comeu um misto-quente com suco, eles não comeram nada. Na verdade, ele já tinha passado as mesmas informações antes pra Cátia, e ela passou tudo pros dois no dia anterior (Wellington devia ter se asegurado mais no telefone, mas acabou que ficou com medo dela desligar a ligação e foi falando logo).

Mesmo percebendo que os dois já sabiam o que ele tinha pra dizer, Wellington repetiu tudo para eles, que confirmaram com a cabeça. Ele rindo, ela olhando pro chão. Eles pareceram simpáticos, Wellington quase se arrependeu de estar tomando tanto do cachê. Mas se não fosse ele, dificilmente ganhariam qualquer coisa, também.

Depois ele foi sozinho pra um apartamento em Pinheiros, onde o homem que tinha conhecido estava junto de um outro, baixinho e ruivo, careca, que se apresentou como o técnico do aparelho. Explicaram que o apartamento era alugado por um site novo aí, era uma casa rica e cheia de livros de arte, com máquina de café e sofás estilosos, um jardim de inverno pequeno e agradável. Do lado de fora tinha uma quantidade grande de gatos da região que o dono devia alimentar quando estava lá, mas que eles estavam ignorando. Usariam o quarto principal para gravar, era a melhor cama. Wellington começou a ter um pressentimento ruim quando viu a máquina. Não parecia em nada com uma câmera. Era um negócio que acoplava entre a nuca e a base do pescoço. O baixinho ruivo não olhava pra Wellington, fingia que ele não estava ali. Cochichava em inglês com o gringo. Wellington teve uma impressão súbita e muito nítida, ainda que difícil de explicar, de que ele era brasileiro, mas tava fingindo que era gringo também.

A amiga da Cátia e o namorado chegam exatamente na hora marcada, quatro e meia. O casal todo nervoso e bem arrumado, de banho tomado e perfume. Aquilo toca Wellington. Quando o ruivo explica que precisam injetar um negócio na nuca do cara, que chama Flávio, ele claramente fica cagado e olha para ele procurando ajuda. Wellington põe a mão no ombro dele e fala pra ficar tranquilo, embora ele mesmo não soubesse até aquele momento que

teria esse negócio de injeção. Fala aquilo mais de nervosismo, de não saber o que dizer, do que por sentir uma puta confiança no que tá falando. O ruivo garante em inglês, com o outro traduzindo, que é só pra melhorar a gravação, potencializar o sinal. E insiste que ele não precisa se preocupar com nada.

Acoplam o negócio no pescoço do cara e dá pra ver pela cara do ruivinho que alguma coisa não tava funcionando como esperado. Demorou muito pra ligar, quando ligou o cara reclamou de sentir um choque. Mas o gringo sem graça falou que aquilo era rotineiro e que já tinham feito aquilo dezenas de vezes. Pro rala e rola mesmo eles fecham a porta e deixam os dois sozinhos. Não antes de o cara ler mecanicamente uma lista de posições e coisas a serem ditas por um e pelo outro. Lembrando dos incontáveis sets em que já esteve, Wellington acha graça quando todo mundo sai da sala na hora do sexo.

Meia hora depois ele tá vendo no celular os gols da rodada anterior do campeonato paulista quando ouve o grito. Primeiro um grito estranho e breve, destrambelhado, que nem humano soou. E depois um grito comprido e agudo de horror que continuou soando na sua cabeça muito depois deles irem correndo e abrir a porta.

(*)

Cátia e o irmão estão debaixo da pouca proteção da marquise de uma loja fechada, domingo de tarde, enquanto a chuva aperta. Ela encara o irmão por um tempo.

— O que tá acontecendo?

Cátia não consegue responder, não sabe nem por onde começar. Dá um passo pro meio da rua e chama um táxi que está vindo na direção contrária. O carro para, Cátia pega o irmão pelo braço e puxa pra dentro do táxi. Fala o endereço que ouviu no telefone para o taxista e em seguida vira para o irmão. Eles pegaram táxi pouquíssimas vezes na vida juntos, a cara dele tá um pouco confusa, quase rindo.

— Olha, eu vou deixar o dinheiro com você, você segue no táxi até a estação mais próxima, beleza. E aí vai pra casa dos tios. Você consegue, né? Desculpa, bichinho. É uma emergência cabulosa.

Ele diz que sim, fazendo sua melhor cara de responsável e adulto, testa franzidíssima. Cátia desce e fala pro táxi seguir, olhando bem na cara do taxista e anunciando que tá tirando foto da placa. Ele é um homem troncado

com cara irônica e parece achar graça, mas responde de maneira mais sisuda quando vê a seriedade dela.

Cátia fica diante da porta da casa olhando o celular por alguns segundos. Não tinha sentido ela ficar esperando a Fabiana sair dali se ela sabia que a amiga estava em perigo. Cátia mal a conhece, não sabe como ela deve estar reagindo. Fica muito agoniada de tê-la botado naquela situação. Pensa em apertar a campainha e decide que é melhor não. Pensou antes em chamar a polícia, mas agora era tarde demais, eles iam demorar demais pra chegar lá. Olha em volta e pula o muro se apoiando na estrutura metálica de segurar saco de lixo. Quando cai do outro lado, os tornozelos doendo mas firmes, ela emite um “rá” baixinho. A parede de vidro que separa o jardim da sala está estilhaçada e tem muitos gatos contornando os cacos e cheirando tudo na casa, alguns se viram pra ela sem muito interesse quando ela aparece. Cátia pega um cinzeiro de pedra que encontra em cima de uma mesa e sobe as escadas tentando ser rápida e silenciosa ao mesmo tempo.

Depois da escada há um corredor que leva pra dois quartos. Um deles está com a porta fechada, o outro não. Quando Cátia atravessa o umbral vê que Fabiana está amarrada na cama, chorando, e que um homem incrivelmente branco está diante dela tirando o cinto e a calça. Fabiana a enxerga e arreganha os olhos, o que faz o homem branco se virar bem na hora que Cátia vira com o cinzeiro bem na sua têmpora. Ele cai pro lado com a expressão já mole, olhando de reflexo para o lado oposto, na cabeceira da cama, onde está uma pistola pequena e prateada. Cátia pula na direção da cabeceira e pega a pistola antes que ele consiga fazê-lo. Engatilha.

— Perdeu, babaca, perdeu.

>>

27.

<

Murilo vai jantar num tailandês sozinho e volta de metrô. No caminho da estação, andando pelo Village, a sua atenção vai sempre tentando determinar se encontra brasileiros nas várias pessoas que vê. Não sabe porque faz isso, nem chega a ser uma atividade deliberada. Apenas se vê se perguntando se alguém ali é brasileiro, e se surpreendendo com o seu sucesso em notá-los quase sempre ainda de longe. Além dos sinais óbvios (camisa do Corinthians), tinha toda uma gama de sinais vagos que se acertavam, às vezes acumulando num clique quase imediato.

Descendo as escadas da estação, na volta, ele vê um grupo de prováveis brasileiros atentos a uma tela passando canal de notícias. Nela há uma imagem de Lula sendo preso. Por mais que o coro conservador invocando aquilo crescesse há anos, Murilo achava que não aconteceria. Mas aconteceu. Percebeu o quanto havia parado de acompanhar notícias sobre o Brasil nos últimos meses, ao praticamente abandonar o twitter (de irritação de ver piadas com seu nome, e depois ainda mais com o fato de que essas piadas haviam sumido).

Murilo era simpático ao PT na época da eleição, mas isso mudou para alguma descrença depois de alguns escândalos, acompanhando um pouco o movimento dos seus pais. No final do governo Dilma, quase só tinha críticas a fazer, de Belo Monte ao estelionato eleitoral, mas claro que achou o golpe parlamentar uma palhaçada deprimente, ainda mais executado por quem foi.

Admite que havia gostado de ver o Marcelo Odebrecht e o Eduardo Cunha presos, como quase todo mundo, mas a Lava Jato sempre lhe pareceu forçada, principalmente na relação caricata com a imprensa, e foi deixando cada vez mais claro o tanto que também era enviesada na sua caça. Não sabia muito o que achar de Lula depois de tudo, não achava ele santo, mas com certeza tampouco era o corruptor caricato que pintavam. Do pouco que Murilo podia ver, tinha feito mais do que qualquer outro presidente pelos pobres, e isso num país de patrões e miseráveis. Ver aquele homem preso agora enquanto o Brasil era presidido por um vampiro de trezentos anos resgatou rapidamente todo um carinho profundo que Murilo já teve, ainda criança, em 89 e 94, e que antes parecia enterrado fundo. Ficou puto, de repente, com o juiz e todos os outros envolvidos naquilo, de um jeito que não ficava tinha muito tempo

com nenhuma pessoa de carne em osso.

Sente que devia se informar mais, devia estar mais informado sobre tudo isso há tanto tempo, e isso lhe dá uma puta ansiedade. Quer chegar logo em casa e se afundar em abas e abas. Já consegue escutar a propaganda antiga tocando no Youtube (Lula-lá, bri-lha uma estre-la).

Por muito tempo acompanhou, sem muita convicção, muito na inércia, vários amigos e arrobos de senso de humor parecido que tendiam a só bufar de cinismo diante da política como um todo. Desde a impureza dos acordos que a política institucional precisa fazer até a inocência de radicais convictos que genuinamente acham que vão conseguir vencer grandes batalhas contra as forças mais poderosas do mundo.

Passando dos trinta, esse cinismo indiferenciado começava a lhe parecer muito mais infantil do que qualquer crença de que se pode mudar o mundo. O mundo, afinal, muda o tempo todo. Geralmente para pior, e quase nunca nas suas bases mais fundas, nas suas assimetrias mais cabulosas, mas mudar ele muda. Murilo nota alguns desses mesmos cínicos mostrando entusiasmo pela campanha de Bolsonaro (ainda que um entusiasmo pretensamente irônico, em alguns casos). Deixa de seguir algumas dessas pessoas, e sente que não está entendendo tão bem para onde vai o movimento das placas. O que é pior: sente que talvez não estivesse entendendo tão bem por algum tempo.

Sentada do seu lado no metrô está uma mãe oriental com um bebê cujo sexo ele não consegue determinar. A mãe mexe com uma mão no celular, parecendo tensa com alguma coisa, e o bebê olha atentamente para ele há algum tempo. A mão direita do bebê pende imóvel muito perto da sua, as dobras gordinhas das falanges parecendo almofadas, as unhas que mal chegam a ter um formato definido. Ele tenta se lembrar da última vez que interagiu com um bebê, e se vê de repente esticando o seu dedo na direção daquela mãozinha, no que ele é imediatamente recebido, os quatro mínimos dedos agarrando com força o seu dedo indicador, provavelmente por instinto, pelo estímulo básico a uma das poucas atividades que aquele ser tão incompetente consegue realizar. O seu dedo fica ali seguro pela mãozinha quente do bebê por três estações, Murilo morrendo de medo da mãe perceber e achá-lo um perverso. Logo antes da sua estação, os dois vão embora.

Murilo lembra da impressão estranha que se depositou nele logo no primeiro dia nos EUA. O aeroporto de Newark, o ônibus que havia comprado

na internet e que na verdade saía de um outro terminal, a dificuldade que tudo mostrava para ele, de tão novo, a sua mala enorme que tombava toda hora, quase vazia, a sensação de dedos congelando que ele não conhecia e que imediatamente anteviu que o incomodaria bastante.

Além do frio, que Murilo jamais tinha conhecido naquela intensidade, assim que adentrou na cidade o estranho era justamente a falta de estranheza. O estranho era o tanto que tudo aquilo era familiar, o tanto que ele deixou o avião para se juntar a uma teia de referências que ele já conhecia, na qual ele até já habitava, de certa forma. Isso é que era o mais estranho.

Foi esse sentimento de extrema, mas bizarra, familiaridade que o perseguia desde que ele chegou nos EUA. E que ele só agora, depois de morar lá por quase um ano, começava a articular para si mesmo (depois de encontrar algo parecido expresso por Fábio nos seus rascunhos). Murilo não viajou nada pelo país, como achou que faria a princípio, só ficou atado àquela cidade fascinante. E tudo, o tempo todo, parecia falso. Filmado em estúdio, dublado, pré-montado.

Lendo sobre a prisão de Lula, Murilo vê também notícias sobre a campanha de Bolsonaro ganhando tração. Lembra daquele nome surgindo em nichos de uma direita que se dizia subversiva. A coisa parece uma piada, ainda que uma piada séria, aparentemente. Como Trump. E nesse caso ele não conseguia ver graça alguma. Murilo quer ir pra casa logo. Ele precisa ir pra casa logo. Mas já fez o contrato para um aluno de aluguel, ainda teria alguns meses por ali, devia tentar aproveitar.

Ainda assim, começa a a olhar o preço da passagem.

>

28.

<<

Depois de amarrarem o gringo na cama com o lençol e o amordaçarem com uma toalha de mesa, Cátia liga para Wellinton e explica o que aconteceu. Ele fica mudo por um tempo no telefone, claramente surpreso. Pergunta onde está o ruivo, e elas dizem que não sabem. Cátia fala que vai chamar a polícia e ele implora para que ela não faça isso. Fala que o Flávio já morreu mesmo e que se eles prenderem o gringo ele vai dedurá-lo também. Cátia diz que eles têm que fazer alguma coisa, não tem como deixar o cara amarrado lá e pronto. Wellinton ri e concorda, fala que tá a caminho.

— Tou chegando aí e a gente decide o que fazer.

— E o Flávio, cadê ele?

— O gringo deixou o corpo perto de um posto de saúde. Já foi.

— Puta merda, Wellinton.

— Eu sei, eu sei. Uma bosta do tamanho do mundo. Sei nem o que te dizer, Cátia. Tou chegando aí.

Assim que Cátia desliga, ela pensa em algo.

— A máquina deles ainda tá aqui?

— Tá sim. Tá ali atrás.

— A gente podia era tentar vender isso aí depois, hein? Pelo que entendi é tipo uma tecnologia de ponta aí que nem lançaram ainda. Um negócio assim.

— Vender pra quem, porra? Tá doida?

— Não sei, caralho, mas a gente descobre. Alguma coisa boa tem que sair dessa merda dessa fria que eu te botei. A gente não pode sair tão fodida disso aí e pronto.

— E o Flávio, ele falou alguma coisa? Onde que ele tá?

Cátia respira fundo, Fabiana entorta a cabeça. Ela conta o que escutou. A amiga senta e começa a chorar. Cátia pega um copo d'água pra ela, depois de tomá-lo inteiro de uma vez, os olhos delas acendem de raiva.

— Cacete.

Cátia nunca viu Fabiana assim. Ela tava pensando na dor que ainda sentia nos seios quando lembrou, e aí veio tudo de uma vez. Flávio debaixo dela fazendo a cara que fazia quando tava quase gozando, a boca meio aberta, os olhos tão vulneráveis. Sempre que ela tava por cima ele gostava de gozar segurando nos dois peitos dela. Ela sabia que isso deixava ele louco e achava bom, também, ainda que às vezes ele apertasse forte demais na hora. E dessa vez quando ele começou a gozar a expressão dele foi ficando mais e mais intensa, de um jeito que ela não tava acostumada, e isso foi dando mais e mais tensão nela. Tanto que mesmo quando ele começou a apertar seus peitos com muita força ela achou ruim, mas não estranhou tanto, achou que a situação devia ter deixado ele mais tarado que o normal. Só quando a mão dele enrijeceu, a expressão continuou vaga e solta e depois dele parar de gritar é que ela entendeu. Isso foi o pior de tudo. Ela ter demorado tanto pra entender. A culpa disso de repente desceu como uma lâmina na sua nuca.

Fabiana conta uma versão comprimida disso pra Cátia, que também começa a chorar. Fabiana fica com uma cara impassível por alguns minutos, até que levanta, vai até o cinzeiro que Cátia tinha usado, pega ele com calma, caminha até o gringo e golpeia sua cabeça com toda sua força duas vezes. Parece bastar. Ela derruba o cinzeiro no chão depois da segunda.

Cátia fica parada olhando, sem saber o que fazer.

— Limpa esse negócio antes de sair. E o copo também. Vamo botar aquela máquina numa toalha, ou sei lá onde. E vamo embora logo daqui, vamo.

>>

29.

Murilo estava com seu ciclo de sono inteiramente zoadado há algumas semanas. Dormia e acordava nas horas mais erráticas. Neste dia, tinha ficado a noite toda acordado no computador e acabou adormecendo só às quatro da tarde. Acorda com alguém batendo na porta do apartamento com força. Ele levanta a cabeça de uma vez, e o fio do fone de ouvido que ainda está na sua cabeça puxa o computador ao qual está conectado, no chão. Alcança o celular e vê que são nove da noite. Tira o fone e se livra também do mouse que estava embolado junto do fio (seus periféricos estavam sempre engalfinhados). A desorientação é tamanha que a impressão é de que aquele barulho pode estar acontecendo há horas, Murilo levanta e se vê só de cueca num espelho ao passar pelo banheiro. Sente-se sujo e bastante desarranjado, seus dedos meio grudentos, a garganta ranhuda. Bota uma calça de moletom que está jogada em cima do sofá da sala e vai ver pelo olho mágico quem tá na porta, tentando lembrar se havia pedido alguma encomenda ou se tinha algum compromisso hoje que lhe teria escapado (nenhuma das coisas parecendo plausível).

Um profundo cansaço já se depositou nele ao aproximar o olho, cansado por antecipação de qualquer tipo de interação humana que ele tivesse que ter agora.

Era Leticia.

— Deu pra ouvir você chegando na porta. Abre logo.

Murilo abriu a porta, e ali estava ela, braços cruzados e uma expressão que ele só saberia descrever como “brava”.

— Então, você certamente sabe quem eu sou, né? Eu também sei quem você é.

— Sim.

Murilo tinha muita dificuldade de precisar o tom com que Leticia falava e entrava na sua casa. Havia arrogância, isso era claro, e um tipo específico de presunção que ele não lembra de ter encontrado antes na vida, uma presença que muito imediatamente tomava o cômodo e transformava a situação numa cena cujo ritmo ela podia controlar. Ela era muito bonita e estava vestida toda de preto.

— Eu tava num bar aqui do lado com uns amigos lá de Goiânia quando do nada ele me fala que te conheceu – o Dayal.

Era um amigo goiano do Fábio. A pessoa mais neutra que Murilo já conheceu, não exprimia opiniões sobre nada, não achava nada sobre nada. Era possível esquecer da presença de Dayal enquanto encarava o seu rosto. Murilo gostava muito dele, embora nunca o tenha expressado.

— Caralho, o Dayal. Sim, ele tava na cidade e a gente se encontrou por acidente semana passada. Ficamos de encontrar, mas acabou nem rolando.

— Ele falou que se não se enganava você tava morando aqui do lado. Te conheceu pelas paradas lá do filme do Gominho, acho? Depois deu insistir ele acabou indo catar teu endereço no zap. Ficou meio constrangido quando falei que não te conhecia, mas deu. Eu nunca tinha pensado antes em te encontrar, mas por alguma razão essa coincidência me deixou maluca. Inventei uma desculpa pra eles uma hora depois e vim pra cá direto.

— Boto fé.

— Ainda fiquei uns dez minutos zanzando em volta do prédio, sem saber se eu te adicionava no facebook, se interfonava direto. E acabei cruzando com um grupo que tava entrando no prédio, fui entrando junto com eles. Não foi nem difícil. E então tou aqui.

— Então você tá aqui.

— Pois é.

— ...

— Eu não sei exatamente o que eu quero falar com você. Acho que eu meio que só queria te conhecer, né?

— Entendo.

Ela olhou em volta, julgou todo o apartamento em poucos segundos, deixando bastante claro com a sua expressão franzida e apenas ligeiramente perplexa não só que ela estava julgando toda aquela situação ali, mas que não gostava do que via.

— Você entende que é meio esquisito quando o seu namorado de nove anos quase marido morre e alguém te diz de repente que alguém tá publicando um livro com um negócio dele, e depois ainda dizem que vocês eram melhores amigos e um povo ainda começa a supor na internet que vocês tinham algum

caso esquisito. Você entende isso sem que eu tenha te dizer, né? Você é todo esperto, óbvio. E tal.

Murilo ainda tentava dar conta do que lhe havia parecido, naquela frase enorme, uma oscilação retórica mantida inquebrantável pelo tom firme, quando percebeu que precisava conjurar alguma resposta de algum tipo. Ele nem conseguia começar a imaginar como que ele poderia responder a uma coisa dessas.

— Sim, eu entendo que deve ser meio esquisito, foi o que conseguiu dizer.

— Vamos sair daqui? Desculpa, mas esse lugar tá um pouco deprimente, e acho que você nem quer que alguém além de você fique aqui, quer? É isso que você tá comunicando com isso aqui.

— Eu não me importo, mas tudo bem. Deixa só eu tomar uma ducha.

Ela não pareceu negar nem concordar, o que deixou Murilo um pouco confuso. Mesmo assim correu para o banheiro e tomou uma ducha cuja duração não pode ter passado de dois minutos, escovou os dentes em poucos segundos e vestiu o conjunto de roupas que parecia mais aceitável de todas aquelas conjuntamente amarrotadas no banheiro, depois de graduá-las em sua malcherência. Quando saiu, tentando fazer com que as voltas de seu cabelo ainda molhado se comportassem um pouco melhor, encontrou Letícia sentada na cadeira do seu computador bebendo uma pequena garrafa de algo que ele não conseguia identificar. Ele chegou perto dela tentando comunicar com movimentos gestuais muito vagos dos ombros que eles poderiam ir, mas ela nem olhou na direção dele e continuou calada por muito tempo. Ele sentou do lado dela, então, e ficou pensando em coisas para falar. Ele chegou a enumerar seis distintas possibilidades, avaliá-las todas, revirá-las pra ver as cores que davam. Todas pareciam bestas, empostadas.

— Eu também amava ele. Pode não ter sido difícil como foi pra você, mas também foi muito difícil pra mim.

— O filho da puta sabia o tanto que ia machucar a gente. Ele sabia exatamente o que tava fazendo com a gente.

— Sim.

— E ainda assim ele vai e faz essa merda.

— Mas você acha que foi por querer? Do jeito que você fala parece que foi por querer.

— Bicho, nem dá pra falar nisso, na verdade. Eu não sei como nem falar sobre isso. Eu não consigo me imaginar diante dessa merda. Quando eu me imagino diante dessa merda é como se eu mesma nem existisse mais direito. Eu tou falando sério. Até agora.

— ...

— Então eu vim aqui, na verdade, não foi pra ficar brava e ser babaca e sei lá o que pode ter parecido. Eu fico brava quando eu fico assustada, é toda uma coisa. Foi mal. Eu vim aqui pra saber o que você acha, depois de ler tudo que eu sei que você já leu dele, e a porra da sua inteligência que eu espero por favor que seja maior que a minha. Ou que esteja melhor informada aí, pelo menos. Que que rolou, hein? O que que ele tinha?

— Eu não sei.

— Como não sabe? Não tou pedindo uma certeza absoluta, mas porra, tu deve pelo menos achar uma ou outra coisa. Todo mundo tem seu diagnóstico.

— Não é que eu não ache nada.

Ela faz uma cara atenta e meio condescendente, como se não tivesse entendido ou tivesse achado besta. Mas ainda estava atenta e até meio sorrindo.

— Porra, bicho, já tamo aqui vivendo uma cena do Dawson's Creek. Me dá pelo menos alguma coisa, tu não consegue me dar nada? Ele não botou nenhuma coisinha a respeito de suicídio? Tu vai concordar comigo que o bicho se amarrava em veicular a opinião e a posturinha dele diante de tudo.

Murilo pensou na única vez que o encontrou, a cara dele tremendo.

— É. Daquele jeito de zoeira dele.

— É muito estranho pra mim, né? Pensar que todo aquele tempo você conversava todas essas coisas com ele, tinha toda uma intimidade. Aposto que você sabe muito sobre mim.

— É, pior que sim. Pelo menos filtrado por ele, né?

— Que tipo de coisa?

— Ah, não sei. E-eu não perguntava muito, mas o Fábio acabava falando algumas coisas.

— Ele falava de sexo?

— De vez em quando, não muito. Não era nosso assunto mais frequente, digamos.

Esse tempo todo ela não encarava Murilo direito. Olhava em volta dele, observava ostensivamente a sua roupa, suas unhas mal feitas, o seu apartamento. Ela estava com algum papel amassado na mão que ela continuava amassando e desamassando.

— Eu não convido muito esse tipo de assunto, né?

Depois dele falar isso, ela olhou direto nos olhos de Murilo pela primeira vez. Havia uma impetuosidade ali que Murilo nunca havia encarado diretamente, nunca havia enfrentado com os próprios olhos. Ela não só expressava muito com o olhar, mas parecia dizer frases inteiras, orações coordenadas e complexas. E só com os olhos, sem nem mexer as sobrancelhas ou a boca ou fazer qualquer outro gesto, só com aquelas duas azeitonas concentradas ela parecia dizer de repente não só Eu vou chorar agora, é isto que vai acontecer em seguida, mas também Me abrace. Isto não quer dizer que eu esteja vulnerável, exatamente.

Ela se aproximou e abraçou Murilo longamente, com força, ela em pé e ele ainda sentado, as mãos dele, que estavam apoiadas na cadeira, se levantando brevemente, mas não conseguindo nem abraçar suas costas nem envolver os cabelos dela, oscilando ali um pouco antes de acabarem caindo e ficando ali penduradas.

Só depois de uns bons segundos é que lhe ocorreu que aquela figura complexa e linda em cima dele era a mesma figura que Fábio teve montada em cima dele inúmeras vezes. Isso de alguma forma reconfigurou toda a cena, pareceu carregar mais a situação, como se agora ela tivesse um outro vetor, um sentido. E agora Murilo estranhamente não teve qualquer dificuldade em tomar a cabeça de Letícia com uma mão e abraçá-la com força com a outra.

Ficaram dois minutos assim, sem falar nada. Ela chorando baixo e ele pensando no que dizer, sem encontrar nada. Até que ela de repente pareceu cansar, levantou subitamente para ir ao banheiro e voltou já fumando um cigarro, a expressão muito diferente.

— Você não sabe como é. Sério. As pessoas acham esquisito que eu não consiga superar, mas não tem como. Você fica tanto tempo com alguém, fica tão ridiculamente íntimo daquela merda daquela pessoa. Quando ela vai embora é como se tivesse ido um naco seu, sabe? Tem uma Letícia aqui que

só existia com ele, só existia nele, mesmo, né, sei lá. E ela acabou, puf, não tem mais. Ele matou ela junto, sabe? Levou ela junto com ele.

— Deve ser foda. Eu não sei mesmo como é. Nunca namorei ninguém.

— Eu sei. E como ele tinha ficado aqueles três meses aqui foi ainda mais estranho. Ele tinha acabado de voltar, porra. A gente ainda tava matando a saúde. Tava resolvendo várias paradas. E aí puf. Tchau.

— Ele ficou três meses morando aqui?

— Foi, ué? Cê não sabia?

Ela abriu um sorriso diferente quando falou isso, como se muito satisfeita de saber algo que Murilo não soubesse, e não tivesse qualquer intenção de escondê-lo.

— Aqui Estados Unidos ou aqui Nova Iorque?

— Numa cidade pequena bem aqui perto, esqueci o nome agora. Ele veio fazer um curso de inverno numa universidade super fodona aí, antigaça. Ele tinha tentado passar no mestrado lá e mais nuns dois outros lugares, mas não passou, aí veio fazer esse curso pago de três meses. Ca-ré-simo, aliás, eu sei porque olhei o preço pra ver se fazia também, mas meu pai tava p da vida comigo na época também, enfim. Ficou mais por lá mesmo, mas veio várias vezes pra Nova Iorque. Encontrei ele aqui por uma semana, mas mais no início, quando ele ainda tava bem. No começo tava gostando. No final foi que ele deu uma pirada. Mas assim, meio séria. Ele não te contou mesmo? A gente não tava bem, na época, tava bem distante. O que acho que colaborou. Pelo menos deixou a coisa ir mais longe do que devia, sei lá.

— Eu não sabia de nada disso.

Murilo pensou em tudo que a escritora da revista chique havia dito. E que ele tentava manter no fundo da cabeça desde então (sem muito sucesso).

— Ele não falou pra nenhum amigo assim mais, como eu digo? Com menos grana, mais fodido de grana. Ele tinha essas vergonhas besta, né? Me disse que ficou bem depois de voltar, que a coisa era só com os Estados Unidos, que esse lugar não fazia bem pra ele, não sei o quê. Mas ele deu uma pirada séria, nem terminou o curso. Mandou um trabalho todo esquisitão pro professor. Meio manifesto metido a besta. Palavras dele. Eu não passei da página cinco, pelo vocabulário doido. Ele mesmo morreu de vergonha já no dia seguinte. A mãe dele até foi visitar ele assim meio de emergência. Porque ficaram com

medo dele, tipo, fazer uma besteira séria.

Ela para de falar e fica calada por muito tempo, Murilo começa a ficar constrangido. Foi mais pra ter o que fazer com as mãos que ele abriu o laptop que estava fechado ali do lado e viu que tinha três e-mails novos da agente, todos enviados nas últimas horas. Ele abriu o primeiro.

É o seu pai. Parece que ele está no hospital): Parece que é bem sério.

Por alguns segundos ele ficou sem entender a conexão possível entre a sua agente e sua mãe. Foi aí que Murilo percebeu que não falava com a família tinha muito tempo, e que ela talvez não tivesse nenhum meio de contatá-lo (só depois descobriu que foi um primo do Murilo de Palmas, Arrigo, que procurou na internet e descobriu o número da agência).

Letícia saiu assim que ele explicou pra ela a situação, franzindo a cara e desejando o melhor. Eles ainda se abraçaram de novo, rapidinho, e Murilo ficou surpreso de perceber como o encontro havia lhe feito bem. Ele nunca foi de abraço com ninguém, não que se lembre. Ficou ainda uns dez minutos só olhando pra tela do computador até retomar numa aba abandonada há dias um site agregador de passagens de avião.

>

30.

<<

O estádio continuava pasmo quando o jogo acabou, mas o clima ia aos poucos assentando na normalidade. Os estrangeiros achando graça e tentando não demonstrar demais, os brasileiros sem entender ainda de onde tinha vindo a bigorna que lhes tinha atingido. As pessoas acumulando nos corredores em direção aos portões, tirando suas últimas selfies. E foi aí que começou.

Primeiro o telão ficou azul e depois exibiu um texto e uma série de imagens violentas da realidade brasileira com uns ruídos muito desagradáveis junto, depois um rapaz num vídeo de má qualidade fez um discurso vago de extremismo político do qual a grande maioria pareceu entender coisa alguma. O murmúrio no estádio foi aumentando de maneira insuportável. E ainda não tinham liberado a saída.

E aí os alto-falantes do estádio anunciam que houve um assassinato no estádio e que a saída será atrasada até a cena ser isolada pelos profissionais. E que o assassinato havia sido do jogador Jáder, que não havia sido convocado para a seleção, mas que muitos ali achavam que devia ter sido. O sentimento no estádio foi piorando ainda mais, o murmúrio ficando cada vez mais espesso.

Quando os pássaros começaram a descer no topo do estádio e a se acumular em cima dele foi que muita gente começou a vomitar. Os homens principalmente, mas algumas mulheres também. Uns nos outros, no chão. Muita gente começou a rezar. Famílias e estranhos se abraçando e gritando por Deus. Os gringos pareciam ainda mais apavorados, se acumulando nos cantos e cochichando entre si, os mais endinheirados tentando acionar amigos e invocar helicópteros.

Eram maxalalagás, macucos, inhambuguaçus, jaós, tururins, anhumas, irerês, mutuns de penacho, cabeças-secas, curicacas, urubus-de-cabeça-vermelha, urubus de cabeça preta, urubus rei, quero-queros, maçaricos de bico virado, maçaricos solitário, maçaricos de colete, combatentes, jaçanãs, corujas buraqueiras, orelhudas, jacupembas, mães da lua e bacurais.

E aí da grama do estádio começam a brotar umas protuberâncias escuras e peludas. Os pássaros e insetos de repente se avolumam, tantos, acumulados

em torno dos holofotes, que o estádio escurece um pouco. Os celulares, que já não tavam com sinal direito, todos param de funcionar por inteiro, desligando ou travando.

O fato de que insetos e pássaros parecem estar agindo em conjunto e formando espirais é notado com alarme por quem está em condições de notar coisas desse tipo.

No meio disso tudo, havia uma cabine VIP que ignorava quase tudo que se desenrolava, apesar de chegarem neles os ruídos. Essa cabine, uma das apenas cinco SUPERIOR PLATINUM do estádio, havia sido confeccionada de maneira errada, na pressa (era pra quem tivesse por dentro poder ver o lado de fora e não ser visto, mas do jeito que fizeram você era visto por todo mundo e não conseguia ver nada que estava lá fora).

Havia onze indivíduos detidos momentaneamente naquela cabine. Eles são: Sandra Bittencourt, desembargadora federal de Minas Gerais, o empresário agropecuário Cristiano de Oliveira, o financista Rodolfo Estrada de Cunha Cabral, o senador Jarbas Vasconcelos, o publicitário Nathan de Menezes Villela, o empreendedor da área de tecnologia Peter Thiel, o empresário e ex-deputado Douglas Cunha & Melo, o empresário do ramo do entretenimento Ivan Girard, a empresária do ramo farmacêutico Elaine Kruger, o procurador federal Nuno Gomes Bonsucesso e o advogado Ricardo Feitosa Pedrosa.

Enquanto a tensão aumentava no estádio, esses onze estavam detidos nessa cabine e, pelo que contam, discutindo uns com os outros. Alguns do lado de fora notaram, da parte da arquibancada superior que estava ali mais perto deles. Acenaram, uns mais bêbados que acenavam pra qualquer coisa, mas logo deixaram de prestar atenção.

Quando era mais ou menos 19h15, Renato caiu de algum lugar (ainda não sabemos de onde) nesta cabine, quebrando uma parte do teto de vidro e fazendo um estardalhaço, o que fez que muita gente no estádio virasse a atenção pra lá. Assim que viram Renato ali todo alquebrado sobre pedaços de vidro, três dos onze (logo seis, logo nove) começaram a espancá-lo, cortá-lo, mordê-lo. Ele acorda gritando e eles aumentam a velocidade e a intensidade até o esquartejarem por quase completo (a palavra, infelizmente, é essa). O corpo não parecia com nada no final. Boa parte do estádio em volta assistia atento como à conclusão de um espetáculo.

>>

31.

<

O vôo menos caro que Murilo conseguiu comprar tão de última hora foi um por Atlanta. Ficou tenso a respeito da situação do pai quando leu o e-mail, mas agora que já tinha feito o que podia fazer, a crise conseguiu se apagar um pouco da sua atenção imediata. Falou muito rapidamente com a mãe no telefone para avisar que estava indo, sentindo-se um filho bacana e agilizado, mas nem lembrou de perguntar direito o que é que o pai tinha. Ela própria falou que era câncer, mas não falou de quê. Válter nunca teve os hábitos mais saudáveis do mundo, mas não parecia alguém frágil, Murilo mal considerou a sério a possibilidade de algo de grave acontecer com ele. Fez uma nota no celular para se lembrar de perguntar melhor assim que chegasse.

Tinha cinco horas de espera no aeroporto de Atlanta. Depois de andar o seu terminal inteiro duas vezes verificando distraído as ofertas de comida, de revistas e de apetrechos úteis para viajantes, ele se sentou num braço mais aquietado do terminal, com portões que não estavam sendo utilizados no momento, suas projeções retráteis dando em nada lá fora (carrinhos, cones e equipamentos incompletos deixados num cimento sujo que devia estar impossivelmente frio).

Murilo havia lido um punhado de ensaios sobre não-lugares, lugares contemporâneos de fluxo e outros lugares-comuns do tipo, antes de se encontrar de fato numa zona de embarque internacional. Consegue recuperar vagamente da memória algum teórico de prosa pomposa descrevendo aeroportos como ambientes vazios e desumanizadores. Mas ele se sentia tranquilo ali, num canto onde ninguém o incomodava, entre mundos, uma tomada para ele ligar o seu computador e escrever duas páginas sobre aquela própria situação, aquele momento, numa tentativa muito direta de se fixar, de inscrever sua presença naquele lugar tão abstrato e protocolar, seus cotovelos se fincando nos apoios da cadeira num esforço material de dizer para sabe-se lá que forças que ele, Murilo, está ali, sim. Ao mesmo tempo que está em caminho pra casa.

Ficou bem encucado com a coisa que a Letícia falou sobre esse tempo que Fábio teria passado em Nova Iorque logo antes de morrer. Como que o amigo não tinha contado pra ele na época? Pensou que devia ir atrás disso na conta. Primeiro veio aquilo tudo que a turca-americana tinha falado, depois isso da

Letícia. Será que ele tinha entendido errado a morte do Fábio? Será que tinha alguma coisa a mais pra entender ali?

Usando o Wi-Fi do aeroporto, Murilo procura na conta de Fábio o nome da universidade e encontra, de fato, diversos e-mails de lá relacionados ao curso. Tinham ficado soterrados na quantidade absurda de spam e informes sortidos que ele recebia dos lugares mais diversos e nunca deletava. Além das várias rejeições (Murilo veio a descobrir) de revistas norte-americanas acumuladas ao longo do ano.

Depois de revirar rascunhos que nunca tinha lido, Murilo acha que encontrou algo do período que a Letícia tinha descrito. Assim que ele começa a ler, uma agonia começa a lhe formigar os membros.

>

32.

<<

Eles levantam Laurivan do chão e o colocam em dois solavancos direto no camburão, onde já havia dois outros moleques algemados. Ninguém fala nada. Abafado como o suvaco do capeta. Só depois de alguns minutos um deles diz algo.

— Rodou com quê? Tu nem tava com a gente.

Laurivan demora pra entender que era com ele. Tenta responder que de fato nem tava com nada, só tava perto demais ali na hora, mas que os caras não acreditaram. Ou não tavam nem aí. Sua voz não sai direito. Sai só um barulho, um muxoxo desmaiado, indistinto. Acaba imitando o outro e afundando logo a cabeça entre os joelhos. Ela ainda zumbia da porrada no ouvido que havia levado do PM quando foi ganho. Não era a primeira vez que levava uma porrada, mas era a primeira vez num camburão. Já tinha tomado dura e baculejo algumas vezes, mas nada mais forte. Chegou a ser levado no ano anterior a uma delegacia pra depor depois de uma confusão numa casa noturna no centro. Não tinha feito nada na briga (que começou com um playboy virando um taco de sinuca nas costas de uma travesti e terminou com uma facada), mas ainda assim ficou tão nervoso na hora de depor que não conseguiu falar. Ficou empacado e gaguejando até do nada desembestar a falar uma série de palavras com a letra T na ordem que lembrava do dicionário. Riram da cara dele por uns cinco minutos sem parar. Chamaram gente em outras salas pra contar e riram de novo. Pediram pra ele repetir, e ele repetiu, dessa vez mais devagar, para renovadas ondas de hilaridade. Laurivan não conseguiu dizer coisa com coisa antes de tomar dois copos d'água em dois goles. Pelo menos o acharam inofensivo, depois disso, e no final deixaram ir embora.

Mas dessa vez Laurivan sabia que tinha rodado de verdade. Suas mãos e pés ficaram frios rapidinho. O carro ficou no trânsito uma hora e pouco, o calor acumulando num forno. Laurivan conseguia ouvir de leve os policiais conversando e rindo na frente, mas não distinguia as palavras. O rádio do carro tocava “The Rhythm of the Night”, e o grave ressoava ali dentro pelo metal quente.

Chegaram no CDP já de noite e logo tomaram o nome de todo mundo

numa sala apertada, um agente entediado no computador zoando o penteado de um, a roupa do outro, num tom que ele próprio parecia achar que era amigável, apesar da rispidez largada. Laurivan teve o instinto imediato de corresponder à simpatia agressiva, com medo instintivo de desagradar, mas quando viu que os outros ali só fechavam a cara, tentou imitá-los. O cara falou que o depoimento de verdade seria depois, que não tinha ninguém pra redigir hoje, e o sistema tinha caído. Mas ele já ia anotar ali no caderno pra depois registrar direitinho. Todos começaram a relatar como foram presos, mas o oficial interrompia todos os relatos, duvidando deles, e não deixava terminar nenhum direito. Não parecia anotar quase nada além duns rabiscos. Depois chamaram o cara que estava dando entrada para fazer outra coisa e não perguntaram mais nada, só levaram os três pra cela. Tinha mais de quarenta pessoas ali num espaço feito pra no máximo dez. Braços pra fora das grades, colchões muxibentos com cheiro de mijo sendo divididos por cinco ou seis. Pernas em cima de braços em cima de pernas. Muitos dormiam sentados na mesma posição desativada do camburão, cabeça entre os joelhos e uma carapaça de cotovelos, encaixados em outros corpos para ocupar o mínimo espaço possível.

Laurivan nunca se achou agoniado com espaço, foi se acostumando rápido com arranjos precários de moradia e com dividir casa com muita gente desde que saiu da casa do pai. Não se importava com algum calor humano e há tempo não tinha tanta privacidade, mas a contrição imediata que lhe veio naquela massa suarenta de homens cercando ele, o sentimento de não ter pra onde ir, não ter nem como esticar o corpo todo, isto tudo logo se apresentou como insuportável. E no entanto teria que ser suportado por semanas, meses daquele jeito. Anos? Eles tavam em agosto de noventa e oito. Quase fechou os olhos, mas tentou endurecer o rosto. Tentou sentar para encarapaçar de novo nos cotovelos, mas não tinha espaço. Todos já estavam armados nos seus cantos, ou encolhidos ou estirados numa posição cuidadosamente montada. Mal tinha espaço para ficar em pé direito sem peitar ou roçar alguém. Nem começou ainda. Ainda é o começo do começo. Ele devia ficar feliz que ninguém quis mexer com ele ali na hora. Tava quente e abafado demais, também. Todo mundo tava sonolento e desmaiado duma mesma pasmeceira.

Laurivan vê um homem magricelo se levantar de um bolo de gente, pegar um balde e ir para os fundos da cela, pisando cuidadosamente para evitar cabeças e pernas. O lugar todo é escuro, fora duas lapas de sol que chegaram

perto do corredor e da grade. O fundo é o único canto que não está apinhado de gente, e dele não se vê quase nada, é só quando o homem joga o balde vazio no chão que Laurivan ouve uma massa de ratos se espalharem. O homem abaixa o short e mija no chão, onde parece haver um ralo soterrado por detritos cabeludos diversos.

Laurivan fica nessa cela por oito meses, até ser julgado. O promotor, o defensor público e o juiz conversaram na sua língua ridícula com a maior calma do mundo, no ar-condicionado. Começa a audiência pra valer e o juiz pede para que ele explique o que ocorreu, ele diz que era inocente, que conhece gente que vende, mas não vende ele mesmo, que até já usou, mas não gosta, e que no dia não tava com nada. Que os PMs tinham pego um saco no bueiro e falado que era de todo mundo ali. Que pegaram dois dos moleques e foram caçando outros, que tinham lhe pegado de brinde. Que ele nem andava com os outros que foram presos. Ele mal entendeu sua própria condenação, seu sentido transpareceu mais pela expressão severa do juiz, um homem neutro e ausente de óculos azuis arrojados cujo pescoço mole retesava só na hora de condenar. Afasta-se a possibilidade de ser enquadrado como usuário pelas circunstâncias relatadas pelos policiais, cujo testemunho se lê cristalino nos autos, e cuja fé pública se desdobra naturalmente de sua função. A postura solicitante do réu num cruzamento conhecido por ser um antro de criminalidade local já seria mais do que suficiente bastante para configurar o animus deliquendi. O fato de não ter domicílio justificava, por óbvio, a manutenção da prisão provisória até aqui. É como decido.

Num ritual macabro, os homens decidiram a vida de Laurivan sem nem lhe informar em língua portuguesa corrente o que se passava ali na hora. Ele olhava para baixo, para os próprios pés, tentando ao máximo parecer penitente, enquanto xingava na cabeça o juiz e o promotor e suas mães de tudo de pior que já ouviu na vida. Imaginava os dois amarrados e olhando pra ele com cara de medo. A pena foi dosada e sentenciada com a gravidade de quem divide uma conta barata de almoço com colegas de trabalho. Laurivan passaria três anos em regime fechado por tráfico de entorpecentes. Poderia ficar menos se se comportasse direitinho. O defensor ouviu a sentença chateado, mas claramente nada surpreso. Todo mundo ali parecia mais enfasiado do que qualquer outra coisa, checando o horário no celular, ansiosos pela hora do almoço.

Num oferecimento ainda da guerra às drogas, iniciadas valentemente

por Richard Nixon, em versão latino-americana mais extrema, dublada em brasileiro, Laurivan ficou depositado como carne rançosa num presídio estadual com quatro vezes a ocupação legalmente prevista por dois anos e seis meses. Sob os cuidados da custódia penal paulista, Laurivan foi violentado por um homem, surrado por mais uns tantos (agentes públicos e privados), queimado com cigarros e esculachado de forma mais ou menos generalizada.

Passou fome e dor de dente, teve infecções e lacerações anais e intestinais. Seu cu arregaçado coçou sem interrupções por mais de três meses. Toda noção prévia que ele tinha de conforto e espaço pessoal, que já tinha se arrombado um tanto depois da adolescência (depois de pegar carona pelo Nordeste e morar no Rio nas condições e lugares mais diversos) foram radicalmente reconfiguradas nas primeiras semanas ali dentro. O arrombamento de ontem se sucedendo em sucessivos arrombamentos amanhã, de camadas e funduras que ele nem sabia que tinha. Como não tinha família que lhe levasse produtos de higiene, também precisou depois de alguns meses começar a contrair dívidas com grupos lá dentro para poder arrumar pasta de dente, escova e sabonete. Os códigos internos e as galerosidades daquele lugar não eram fáceis de decifrar, de início, mas aos poucos algumas amizades iam brotando e lhe ajudando.

Laurivan logo conheceu lá dentro um argentino de mãe brasileira chamado Emanuel, que lhe falava de muita coisa que ele jamais havia ouvido falar, num portunhol todo misturado e esquisito, começou a aproximar dele todo um vasto vocabulário que antes parecia só distante e inalcançável (daquelas palavras que mais o incomodavam, as que o dicionário sozinho não bastava para explicar o que era; que sempre se remetiam a outras palavras ainda mais cabeludas). O presídio tinha a biblioteca mais mal fornida e aleatória que se pode imaginar, um quarto abafado que ficou por anos fechado por falta de edital para bibliotecário e que só reativaram por insistência de um professor da escola do presídio (que limpava e organizava a sala ele próprio). Cheia de manuais de direito administrativo e volumes repetidos do Monteiro Lobato, além de uma cópia curinga do Naufrágio do Deutschland em versão espanhola.

Fez amizade com alguns companheiros de pavilhão ali que viraram seus irmãos (Denner, Lúcio, William). Descobriu com eles os Racionais Mcs, Sobotage, Cirurgia Moral e outras pedradas. Sentiu irmandade e comunidade de verdade pela primeira vez na sua vida fora da televisão. Viu alguns destes

irmãos morrerem nos meses seguintes, um de pneumonia, outro de facada no bucho. Passou a virada do milênio na cadeia, o que achou uma desgraça (desde criança ele ansiava, sem saber porquê, a chegada do ano 2000).

Descobriu (a contragosto, a princípio, mas acabou que descobriu) que não sentia prazer só com corpo de mulher. Que pinto era bom de chupar, e que até a dor de tomar no rabo podia ser boa demais, quando administrada com carinho (geralmente no silêncio e no escuro). Só não enlouqueceu de desespero ainda no primeiro ano pelos analgésicos, os de sempre, que ele já conhecia, e os mais extremos, particulares àquele lugar. Descobriu, principalmente, que ninguém sabe nada de nada até sentir dor na vida. Dor de verdade. Que se venha das tripas ou se te quebrem de fora. Ninguém sai da vida intacto, não tem jeito. E que qualquer um – que todo mundo a quem isso eventualmente chega – se redescobre e se desdobra em mil folhas que não sabia e nem sonhava que tinha quando enfim chega a sua própria hora de sobreviver no inferno.

>>

33.

<

“Desde que eu cheguei aqui que umas coisas foram mudando com cada vez mais rapidez. O fato de estar num lugar desses finalmente, uma universidade pica dessas, me deixava excitado, ainda que eu só tivesse lá porque tava pagando a porra do curso (caríssimo, caça-níquel) de verão, e não porque eu tivesse sido aceito no programa. Queria aproveitar aquilo como uma oportunidade de provar pra mim mesmo que eu conseguiria desempenhar num lugar desses, se fosse atrás de verdade. A biblioteca me deixou de pau duro a primeira vez que eu entrei, e de repente também com vontade de mijar, como eu ficava em loja de quadrinho quando era criança.

Na primeira semana que eu peguei beque (de um cara aleatório num parque em Boston, porque não conhecia ninguém), a segunda coisa que eu fiz foi fumar um e ir pra lá, ficar passando por aquelas estantes repletas e pensando nos quilos desnecessários de linguagem se acumulando como plástico no mar. Comecei a ler e a começar a declamar poesia em voz alta, em inglês e em português, quando tava sozinho em casa ou no mato. Coisa que eu nunca fiz antes, que sempre que eu tentava antes me parecia bem ridículo. De repente eu me via me investindo de corpo inteiro nas coisas, tentando imprimir em mim mesmo aquela cadência do jeito que ela acontecia de cair, ao invés de ficar o tempo todo olhando pra mim mesmo e pra pose que tava implicada naquilo que eu consumia. Um bando de coisa que nunca fez tanto sentido pra mim (Shelley, Racionais) de repente reverberava de toda a energia do mundo. Eu tava bem exaltado, digamos assim.

Isso durou um dos dois meses. Depois de umas duas semanas fumando demais e tendo horários muito erráticos de estudo por causa disso, estabeleci uma regra de só fumar o primeiro baseado depois de 6 horas de estudo ou escrita. Isso funcionou muito bem. A vontade de fumar me fazia sentar e estudar o mais cedo possível, e o mais concentrado, pra que as seis horas terminassem logo. Depois de duas semanas, seguindo o conselho do Jorge, o meu amigo dominicano de olho baixo e conhecimento enciclopédico de drogas e engenharia, disse pra eu experimentar adderal (nossa querida amiga ritalina), e que tinha um contato.

Comecei a tomar, às vezes amando às vezes odiando o efeito dela

combinado com maconha, um foco disperso paradoxal que às vezes permite ler poesia por duas horas seguidas, às vezes só te deixa com uma consciência muito intensa da concretude do que tu tá fazendo (fico sentado olhando pra uma folha de papel pensando que eu estou sentado olhando para uma folha de papel num prédio cheio de estantes com outros maços de folhas de papel enfileiradas, ao invés de só ler o troço e pronto).

Eu tava bem produtivo esse período, apesar de começar um texto novo a cada cinco dias sem terminar a maioria, eu também consegui terminar os trabalhos necessários para o curso e escrever uns contos dos quais eu gostei mais do que costumo gostar. E tava sem me preocupar tanto com comer alguém novo ou beber ou tomar mais outras coisas, como costumo ficar direto. O beque e a ritalina tavam bastando. Não só tavam bastando, há muito tempo eu não tinha mais uma coisa tão forte com beque, já tinha virado um anestésico (e um que nem funcionava direito). Mas lá, não sei se porque o beque era melhor, se era porque eu não podia fumar em qualquer lugar na rua, como faço no Brasil, e eu tinha que fazer mais rituais em torno. Só sei que a coisa batia de todo um outro jeito, eu comecei a ter uns sentimentos místicos muito fortes e que eu ainda assim conseguia entender nos sentidos mais literais e materiais do mundo.

De como a gente, todo mundo, queria alívio e refúgio dessa prisão do domo da nossa cabeça, queria se sentir conectado com forças maiores do que nós mesmos porque ninguém aguenta viver encerrado num nome e num corpo. Mas a mentira é essa, que a gente seja uma coisa só, ou que a gente seja inteiriço. A gente é sempre uma massa misturada ao meio, uma galera permeada de todo o resto, mesmo depois de cortarem o cordão. Eu fumava e lia os trem e sentia o mesmo sentimento que eu tenho desde moleque, de ser só um elo numa cadeia infinita, mas o que vinha com isso não era agonia nem angústia, como sempre tinha sido, era alegria, uma alegria concentrada e desembastada. Eu não era nada e isso era maravilhoso. Era a melhor coisa do mundo. Admitir isso fazia a ideia de morrer um dia doer um pouco menos, pelo menos pra mim.

Eu reli o Dao, li o Livro Egípcio dos Mortos e o Bardo Thodol, lia em voz alta os trechos que deviam encantar os membros do corpo e as instruções para te preparar para encarar as hordas de demônios que todo mundo carrega consigo, a onda que se faz e se desfaz, a parede que sai da parede. Eu era o amor da cabeça aos pés e enchia minha boca o dia todo com as palavras dos mortos.

Mas aí as coisas começaram a tremer nas bases. Começou no dia do meu aniversário, se não me engano. Eu vi umas coisas escritas com giz no chão perto do refeitório e eu achei que era uma mensagem pra mim. Isso porque a mensagem de giz começava falando HITCH e eu estava usando uma camisa do Hitchcock no dia. Uma camiseta surrada e furada num canto que eu tinha desde menino, e que era talvez minha camisa favorita. O mestre maior do controle onisciente com um charuto e um pássaro, comprada na Galeria do Rock em SP (toquei fogo nela junto com livros e outras coisas dentro de um balde, uma semana depois disso).

Depois fui entender que ‘Hitch’ era só o nome de um prédio da universidade de que eu não conhecia na época. A mensagem falava 22:00 e mais umas siglas que eu não lembro, mas que eu interpretei como querendo dizer o cemitério. Fui para o cemitério na hora indicada certo de que encontraria alguma coisa (ainda que parte da minha cabeça também estivesse rindo e falando ‘claro que não vai, deixa de ser idiota’).

Já tinha estado no cemitério com o Jorge e mais dois amigos pra fumar um, mas a gente ficava sempre perto da entrada. Dessa vez eu fui penetrando fundo no cemitério (que era de 1700 e tanto), iluminando as tumbas com a lanterna do celular enquanto ouvia Arnaldo Baptista – Bomba H sobre São Paulo.

(Olha as ideia)

Foi quando eu vi na folhagem o que parecia ser um caminho feito recentemente. Numa cerca viva alta e muito densa emaranhada de galhos marrons tinha uma interrupção abrupta que dava a aparência quase de um arco de entrada. Quando vi isso me veio uma certeza estranhíssima de que alguém tinha feito aquilo pra mim, de que eu me encontrava num território de jogo, de repente. Dentro de um trajeto motivado e pré-armado.

Tirei os fones que eu tava usando e falei, não muito alto, em inglês

Quem tá aí?

Mas não tinha ninguém, claro (além dos mortos todos). Continuei andando no caminho e percebi que chegava por lá na outra ponta do cemitério, que até então eu achava que não se conectava com a primeira. Aquele era um caminho normal do cemitério, então, e não uma coisa adicionada pra mim.

(Óbvio)

Mas a sensação de que tinha alguma coisa escondida espreitando pra que

eu descobrisse continuou. Minha cabeça alternava entre supor uma conspiração séria ou uma pegadinha besta feita por amigos. Na semana seguinte, quando eu tava escrevendo sobre Ulysses pra uma aula, encuquei que eu não podia voltar pra casa antes das 5 da manhã. Que se eu fizesse o trajeto correto durante o dia, eu encontraria alguém (ou alguma coisa) esperando por mim em casa. Não consigo mais recuperar exatamente o rastro de associações que me fizeram chegar nisso. Mas envolvia uma sala de leitura pequena e simpática que ficava na torre do prédio da biblioteca, onde eu tava relendo algum trecho da cópia que eles tinham de Ulysses e encontrei dentro uma folha com uma matriz e um mapa rudimentar do Campus desenhado com alguns asteriscos. Eu peguei aquilo tremendo, crente que era pra mim (só pelo fato de que eu tava lendo o livro naquele exemplar tinha umas semanas e que alguém que me perseguisse poderia, então, saber que me alcançaria deixando um papel ali, claro; Naturalmente).

Justapuz o mapa rudimentar com o mapa do campus no meu computador e entendi onde ficavam os asteriscos. Um era a biblioteca onde eu tava, outro era um dormitório que eu não conhecia e o outro era bem perto da rua onde ficava o meu dormitório. Eu peguei isso e os números e fui derivando de algum jeito itinerários que eu tinha que fazer, traçando a pé desenhos no mapa do campus que passavam pela aranha da Louise Bourgeois (porque claro que sim) na entrada do museu, davam a volta perto do cemitério e depois voltava pela rua das fraternidades.

Eu cochilava umas estiradas de quarenta minutos aqui e ali, mas não ia mais pra casa antes das 5h, tendo aula às 9h. Fiz isso durante uns quatro, cinco dias pelo menos. Chegava exausto em casa e, embora risse de mim mesmo, quando a mão tocava a maçaneta para entrar no quarto o sentimento era tanto de pavor quanto de êxtase.“

>

34.

<<

Depois daquilo, Tamires e Simone ficaram três anos sem se ver. Ainda conversavam com alguma frequência, mas Tamires tentava resistir um tanto, sabendo que era melhor não alimentar um negócio que não tinha como se concretizar de verdade. Tinha sido idiota de achar que aquilo podia ser real, já tinha tido a sorte de viver aqueles dias com ela, devia se acostumar com a ideia de que a melhor coisa da sua vida já tinha começado e acabado.

Por quatro vezes as duas fizeram sexo virtual. Tamires ficava impressionada com a maneira com que Simone conseguia se mexer e mexer a câmera, toda performática, a visão girando pra lá e pra cá para melhor enquadrar o seu corpo arquejando contra a almofada. O tesão que Tamires já tinha tentado engarrifar ficava explodindo pelas fissuras. Mas além dela se sentir desajeitada e enorme de gorda (ainda mais com a tela do computador mostrando no canto aquilo que Simone tava vendo, algo que a realidade sozinha tinha a decência de nos esconder na maior parte do tempo), era como se aquela comoção toda só piorasse ainda mais a saudade. Era uma aproximação de mentira que dava algum prazer na hora, mas que tornava depois a distância ainda mais insuportável do que ela já era. Aquela presença que não se decidia onde tava, a tela que fingia ser pele, mas que não era (mas nem de longe) pele.

Alguns meses depois da sua visita, Simone tinha melhorado de saúde. Tamires passou a achar que aquilo tinha simplesmente sumido, que era como uma perna que você quebra, põe no gesso, espera sarar e depois sai correndo tranquilamente como se nada tivesse acontecido. Nunca perguntava da saúde dela, se andava fazendo exames, nada disso. Tinha acompanhado de longe o momento mais pesado do tratamento e sabia que o negócio era bem debilitante, só de imaginar suava frio. Pensar na Simone passando por aquilo era absurdo, ela que era a alegria em pessoa, quando tava bem.

Em 2005, Tamires estava com vinte e dois e tentava engatar uma carreira tímida como ilustradora. Ainda morava com os pais, mas conseguiu uns contatos com amigos de internet, depois de postar uns trabalhos no tumblr, e foi aos poucos arrumando um ou outro trabalho publicitário que pagava mal pacas. Mas pagava. Foi quando chegou um e-mail da Simone que lhe deixou pasma:

CONVITE ABSOLUTAMENTE IRRECUSÁVEL

Venha para OURO PRETO a partir de JULHO. Venha de mala e cuia. Se não vier eu vou aí te sequestrar, e depois te mato.

Com amor,

S1m0n3

Como assim? Como assim mala e cuia? Ela perguntava pelo chat, mas Simone não respondia, apenas falava, em caixa alta, VOCE TEM TODAS AS INFORMAÇÕES DE QUE PRECISA OK DESDE JÁ OBRIGADA

Isso em maio. Ela antes de sequer pensar demais comprou uma passagem de ônibus com um dinheiro que não tinha. Foi se preparando para contar para os pais, mas acabou se despedindo deles só em julho, de um jeito críptico. Eles conseguiam ver o que tava acontecendo, viram o tamanho da mala dela e os sacos. Pareciam tristes, mas a relação era travada o bastante para que ninguém soubesse o que dizer. Gostavam de Tamires, ela sabia, mas a filha sempre foi tão estranha pra eles que eles não sabiam o que fazer dela, não sabiam como conversar, não entendiam nenhum dos seus interesses. Ela nunca tentou fingir que era a filha que eles queriam, e eles nunca chegaram a puxar a orelha dela por causa disso diretamente. Nunca disseram nada. Mas ela não gostava da sensação de se sentir uma decepção.

Quando chegou em Ouro Preto, chorou de felicidade antes mesmo de sair do ônibus. Quando encontrou Simone, antes que aquilo pudesse preenchê-la até as pontas dos dedos, notou que ela estava de gorro, e que nenhuma mecha do cabelo dela tava visível. Em meio-segundo entendeu. A doença tinha voltado.

Simone não tentou esconder. A família tinha uma casa lá que era da avó e que a mãe e os tios usavam nos finais de semana desde que ela morreu. Assim que chegaram na casa ela explicou direitinho a situação.

— Segundo me dizem, eu tenho na melhor das hipóteses mais uns onze meses de vida. Quando descobri isso falei pros meus pais que eu ia morar com você aqui, e que se eles quisessem poderiam me visitar uma vez por semana. Minha mãe chorou sangue, quebrou coisa e e tentou discutir, meu pai entendeu imediatamente pelo meu tom que eu não tava brincando. Fiquei dois meses com eles arrumando umas coisas e me despedindo de BH, além de fazer umas últimas consultas e testes por desencargo de consciência, e por

insistência da minha mãe.

Tamires não sabia o que dizer. O melhor dia da sua vida tinha se tornado no pior com uma rapidez lancinante. Perguntou se o diagnóstico era definitivo e ouviu que era, sim. Talvez ela vivesse mais um pouquinho se morasse no hospital, mas ela não queria morar no hospital. Ela já tinha passado os primeiros meses daquele ano no hospital.

— Eu quero passar o resto da minha vida com você, Tama. Pena que isso nem soa tão romântico, quanto não dá nem um ano direito, né?

O fato de que elas tinham um prazo de validade tornava tudo muito urgente. Praticamente não brigariam nenhuma vez nesse tempo todo, sempre que uma esboçava essa possibilidade a outra fazia uma mesma cara de “sério mesmo?” que desmontava a situação, as duas começavam a rir, ou a chorar. Muitas vezes os dois.

Quando conseguiu emplacar uma série de desenhos num livro educativo que lhe rendeu mil e quinhentos reais, Tamires se sentiu a coisa mais poderosa que já existiu. O pai dela fazia aquilo num mês. Mandou um e-mail para a família contando e recebeu de resposta diversas imagens de gatos e bebês vestidos de flores falando de sucesso e garra, da mãe, e uma série de pontos de exclamação e sorrisos (!!!!!!! (...)) (: (: (: (: (: (: ;), do pai.

Ela gostou de Ouro Preto, que era pequena e, ao mesmo tempo, tinha uma universidade e tava do lado de BH. Um ótimo meio termo entre o mato e uma cidade enorme. Simone diz que não queria ir muito pra BH, mas o entusiasmo de Tamires com a ideia de repetir algo daqueles primeiros dias que as duas haviam tido juntas convenceu Simone a marcar uma ida no final de semana seguinte. Elas caminham o dia todo, Simone fica mostrando as igrejas e os prédios todos e dando muita informação sobre a construção e a história toda do seu uso. Tanto o pai quanto uma prima eram arquitetos e ciosos da história mineira, já tinham dado aquela mesma aulinha várias vezes em viagens e almoços de família. Ela dava a versão comprimida e provavelmente meio errada em detalhes, de Aleijadinho e o ciclo de ouro e tudo mais, mas dizia que a dela era bem mais divertida de ouvir, com certeza.

Tamires achava os prédios bonitos, tava tão embasbacada por tudo que se passava que também se encontrava muito receptiva de uma maneira geral à possibilidade da sua nova cidade se revelar, de fato, como o lugar mais bonito que existia. Mas quando Simone mencionava algum detalhe arquitetônico ou

cultural relacionado à escravidão ela de uma vez via aquela lugar todo com um rastro de algo feio, feíssimo. Sem redenção possível presente ou futura. Pensa em alguma maneira suave de dizer isso, mas percebe o entusiasmo da Simone lhe contando aquelas coisas e desiste. Simone ela mesma já tinha admitido a “onda ruim” que dava lembrar daquilo, mas tentava desviar esse sentimento ressaltando o aspecto de criação popular coletiva que havia ali no meio, uma força explodindo naquelas bordas. Tamires só aceitava aquele argumento até certo ponto. Mas, no fim das contas, a pessoa que ela amava parecia só contente da vida com a existência daquele prédio em suas curvas líquidas e rijas ao mesmo tempo, impossíveis, mas bem ali diante da nossa cara, naquelas calçadas íngremes com as casas mudando de nível a cada número, as pedras molhadas da mata úmida em volta, de uma névoa que parece querer se esparramar nos morros. Não seria difícil ignorar aquele retrogosto e aproveitar aquela beleza por alguns meses, pelo menos. Depois ela deixaria a onda errada baixar. Naquele momento, tudo parecia pulsar junto com aquela vontade de viver ao máximo o tempo que ainda tinham juntas.

>>

35.

<

Murilo fica grato de conseguir sentar perto da janela. No pequeno punhado de vezes em que esteve num avião, nunca conseguia tirar totalmente da sua cabeça de que estava num cilindro complicado com uma série de estruturas trabalhando para manter tudo voando. Nunca conseguia esquecer e simplesmente assistir um filme, ou comer o macarrão sem graça, sem ter a todo tempo consciência de que estava fazendo tudo isso dentro de condições estranhíssimas.

A certeza de que em algumas horas estaria em casa, no Brasil e em Brasília, deveria ser reconfortante, mas agora o fato de que está viajando para encontrar seu pai doente, internado no hospital, chega com um peso maior pela primeira vez. Encontrar esta cena não era exatamente uma perspectiva animadora, tão melhor do que aquele momento. E agora que ele também está sentindo mais desconforto do que costuma sentir no dia-a-dia, Murilo se pega pensando de verdade pela primeira vez na possibilidade, afinal bastante grande, de que seu pai esteja sentindo dor naquele momento. Talvez muita dor. Bem, com certeza, ele não está.

A cada dez minutos em que Murilo tenta dormir e não consegue, reinicia-se uma mesma alça de ansiedade, suas pernas ali toda hora instando nervosamente na contenção da parede e do banco à sua frente, sua mochila no chão oferecendo uma resistência inoportuna, a impressão estranha e súbita de que ele iria morrer. Não agora, ela não derrubava a relativa certeza estatística de que estava bastante seguro naquela situação. Mas apenas a certeza de que ele iria morrer algum dia. De que é isso que ele estava fazendo no momento, era isso que tudo está fazendo, sempre. Já passou dos trinta, já cresceu o que tinha pra crescer, agora só tá decaindo e morrendo, fazendo ensaios diversos para morte. Quer ir ao banheiro, se levantar, fazer o sangue circular nas pernas, uma voz sensata da sua cabeça sugere que aquela inquietação metafísica seria largamente estimulada pelo seu sustentado incômodo físico nas últimas horas e pela certeza chata de que esse estado perduraria ainda por mais algumas. Mas tinha vergonha de acordar o senhor ao seu lado, que parecia ter tido tanta dificuldade de dormir e que parecia agora totalmente apagado, talvez sonhando, o seu rosto de meia-idade desativado

numa expressão que parecia quase morta.

E, no entanto, as entranhas lá dentro deviam estar metidas em fantasias fundas. Mesmo o seu pai, dopado no hospital, devia estar sonhando com algo.

Murilo quase nunca mais se lembrava de seus sonhos. Teve alguns anos uma fase relativamente longa de perseguir sonhos lúcidos, lendo na internet sobre técnicas que você pode dominar, os pequenos macetes que te dão a habilidade de habitar aqueles cenários fantásticos com a sua vontade. E até conseguiu um pouco, depois de meses insistindo, começou a ter sonhos lúcidos com frequência, montava e desmontava mundos segundo sua vontade. Mas a sua imaginação nunca conseguia se divertir de fato nas cenas fantásticas que ela própria conjurava, piratas, ninjas e torres medievais ligadas por pontes mambembes rapidamente sumiam, os figurantes desistindo do que estavam fazendo. Sua mente acabava tendendo pra imagens mais verossímeis, vidas possíveis, ainda que não suas, cenas prosaicas de gente andando nas cidades de primeiro mundo que ele sempre quis conhecer, tendo momentos lindíssimos com homens e mulheres elegantes diversamente configurados como amigos e companheiros de status sexual indeciso, recebendo a admiração de inúmeras pessoas em ambientes que pareciam tanto acadêmicos quanto midiáticos, publicando livros, dando palestras, sendo uma versão muito mais bonita, viável e atraente de si mesmo e não essa coisa disforme e aquietada que ele era (o mero fato de a nossa vida ser essa aqui, e não qualquer outra).

Murilo nunca conseguia acreditar nas próprias fantasias sonhadas, por mais vívidas que elas fossem, e olha que a sua imaginação conseguia figurar as cenas com muita vividez visual, muita precisão e acurácia a ponto de impressionar a si mesmo (um fenômeno que ele nunca conseguiria entender como era possível, através de que mecanismos). Mesmo quando as cenas vinham em alta resolução, sempre sabia que eram apenas configurações conjuradas por ele e pra ele, e isso desmontava a graça de tudo. Tentou por um tempo treinar para criar sonhos onde conseguisse enganar a si mesmo, mas a complexidade retórica do negócio resultava apenas em pesadelos ansiosos e esquisitos, onde ele desmascarava a si próprio repetidas vezes, revelando o Mágico de Oz por trás das cortinas e alavancas, a coisa toda escalando numa bagunça tão densa que acabava por acordá-lo, além de deixá-lo com uma gastura que ele tinha que acalmar indo tomar água gelada na cozinha, estalando todos os dedos com calma, certificando-se no espelho

que sonho e realidade não estão na mesma sala (uma coisa era uma coisa, outra coisa era outra, afinal).

>

36.

<<

Como já falei, foram 11. Nem mais, nem menos. A maneira com que praticamente todas as coisas são feitas no Brasil é inteiramente inaceitável, me parece.

Estou em casa sentado numa cadeira de plástico dessas brancas e curvas que têm em todo lugar. Temos várias dessas aqui em casa, que geralmente ficam no banheiro da área de serviço empilhadas uma em cima da outra, como aquelas batatas fritas mais chiques que vem num tubo, suas curvas em ondinha cabendo direitinho em todas as outras curvas em ondinha.

Isso porque são feitas industrialmente, de modo a se repetirem com perfeição. Provavelmente com técnicas e aparelhos importados. Se fosse um brasileiro de fato a fazê-lo, sairia certamente torto, como diria o meu atual chefe (por quem tenho, aliás, nada além do mais alto apreço).

Quando criança eu gostava de esmagar crânios de gatos recém-nascidos, assim como desmembrar insetos utilizando, no mais das vezes, uma régua escolar. Animais não são nada, na minha opinião, apenas pedaços de coisas que se agitam e andam por aí. Burros e sujos. Quem traz pra dentro de casa um cachorro ou um gato ou um porco e o trata feito gente comete uma enorme barbaridade. Beijam na boca, ainda por cima, e têm suas pernas encoxadas. Isso tudo influência do Esquerdismo, que amolece as pessoas nesse sentido e em tantos outros. Não faço mais essas coisas, mas às vezes sonho que estou colocando meu braço num moedor de carne. Não é exatamente um sonho, se for pra ser preciso. É mais um devaneio, quando a gente tá ocupado com alguma coisa e a cabeça vai ficando meio no automático, mas um bastante vívido e involuntário como um sonho. Não parece doloroso, eu vejo a carne saindo rosa em tirinhas e toda mole, vou enfiando o braço até chegar no ombro. É uma imagem que sucede de forma agradável, como aquelas que apareciam na tela dos computadores antigos quando você deixava ele quieto por muito tempo, de formas geométricas que ficam dobrando e se desdobrando umas nas outras.

Tudo no Brasil é mal feito, pouco sério. Por causa da nossa colonização ibérica, só funcionam aqui as máquinas que a gente já compra feitas, de outros

lugares, é só ver. Os nomes são sempre estranhos (Samsung, Hewlett-Packard etc), e os insumos voltados para os seus lugares de origem, de modo que continua a prosperar a nossa preguiça e a ineficiência.

Eu estou no momento tomando ditado do senhor Desembargador Bulhões de Carvalho Feitosa. Ele é muito devagar, tanto na confecção do raciocínio quanto na enunciação, o que por um lado torna o trabalho modorrento, por outro ridiculamente fácil. Ele está de licença há mais ou menos seis meses, desde que parte da imprensa esquerdopata começou a persegui-lo por causa de umas bobagens envolvendo uma decisão sua, decisão que me pareceu não apenas inteiramente correta, mas brilhantemente confeccionada, num sentido técnico.

O sr. é muito corajoso e se recusou a se curvar, logo se prestou a preparar um livro que pretende enviar a diversos de seus amigos influentes. Vai pausando entre as frases (que ele pronuncia de forma claríssima e sentenciosa), fica relendo e as reformulando baixinho, certificando-se de que aquela será a construção definitiva. Essa lentidão toda que me permite alternar a janela e escrever isso aqui nos intervalos.

Sempre fui muito bom em prestar atenção em mais de uma coisa ao mesmo tempo. É um dos meus muitos talentos. Lembro desde moleque que conseguia ficar a aula toda pensando em colocar o meu pênis em diversas partes do corpo das minhas colegas Luciana, Cláudia, Sandra, Juliana e Marlene (cujos lindos ainda florescentes corpos aparecem nos meus sonhos de vez em quando, embora na realidade presente e concreta dos fatos quase todas tenham, infelizmente — a internet demonstra — embargado) e, ainda assim, apreender palavras e conceitos-chave repassados pelos professores. Como Mercantilismo, Capitania Hereditárias, meiose, percentagem etc.

É como envesgar os olhos, você se divide e deixa que uma parte sua vá se moldando aquilo que está sendo dito, enquanto a outra parte é livre para percorrer aquilo que a sua vontade queira percorrer. Eu mal registrava que estava aprendendo, mas quando chegava na hora da prova, conseguia responder todas as questões corretamente, sem grande dificuldade.

Não tenho dúvida de que foi essa habilidade (se quiserem chamar assim) que me permitiu a bem-aventurança de passar em tantos concursos públicos. Foram seis (não contando os vestibulares para os meus cursos de Administração e Direito, cursados nas federais de diferentes unidades da federação).

Cada um melhor que o outro, até chegar no TJ, onde me adequei plenamente não apenas ao caloroso ambiente de trabalho, mas a todos meus colegas e às minhas obrigações. Mas eu nem me apresentei ainda.

Sou nascido no ano de 1982, no município de Almirante Tamandaré, no Paraná, considerado pelo IBGE um centro subregional. Centro sub-regional ou não, é uma cidade de merda, na minha opinião. Eu não sabia disso quando morava lá, porque pra mim era a única coisa do mundo, além do Rio de Janeiro e das cidades americanas na televisão. O meu pai era militar, mas saiu da corporação quando eu tinha dez anos, foi para Cascavel, empregou-se como diretor de segurança da empresa de porcelanato de um amigo dele de escola e meses depois foi para Porto Alegre. Eu, minha mãe e minha irmã nos mudamos para Porto Alegre dois anos depois. Ele já tinha lá uma casa, inclusive com piscina, e um carro. Eu não entendia na época o que meu pai fazia e de fato só fui entender muito depois da sua morte. Meu pai parecia menor na realidade, e parecia ainda mal preencher o pouco tamanho que tinha. Tanto eu quanto minha mãe e minha irmã somos maiores que o meu pai, o que dificulta um pouco que sua figura seja levada a sério, na minha opinião. A minha irmã, além de ser alta, é também extraordinariamente bonita, com uma boca carnuda e pernas inacreditáveis. Isso é curioso, considerando que, o meu pai e a minha mãe somos bastante feios. Chega a ser desagradável olhar para o meu pai, que além de feio provoca pena. A minha mãe é uma “feia simpática”, por disposição, sorridente. O mais estranho da beleza da minha irmã é que ainda assim é possível verificar que suas partes decorrem dos meus pais, apenas combinadas de maneira mais feliz. É difícil não acreditar na existência de um Deus enquanto se observa a minha irmã, da mesma forma que é quase impossível acreditar na existência de um Deus enquanto se observa o meu pai. Isso por si só talvez já demonstre o quanto das nossas crenças são circunstâncias. Já fiz crêus de incrêus e vice-versa em poucos minutos, o Renato dizia.

Pois bem.

Eu estou escrevendo isso aqui para que fique registrado, devidamente, quem que fez o quê. Ouvi muita merda, muita putaria na internet e as coisas têm que ser esclarecidas. Eu não matei o Jader. Eu sou antes de tudo um patriota.

O primeiro foi um moleque cantor chamado Jemerson. Jemerson. Só ali já cê via, né, que não ia sair coisa boa. Viado que só a porra, viado que não

cabia mais onde. Nem no cu arrombado dele cabia mais onde ser tão viado. E dançava e o caralho e vestia umas roupas ridículas feias pra caralho que ele devia fazer de lençol e cortina e cartolina, sei lá do quê, umas coisas meio de ET, meio do espaço, um troço realmente inaceitável. Eu vi uns cinco ou seis vídeos dele, não inteiro né, mas adiantando a barrinha. Cantava com uma voz aguda ridícula e uma musiquinha parecendo de videogame, mas com o tempo todo errado.

Eu só teria pena desse sem-vergonha se não fosse o sucesso ridículo de crítica que tava fazendo, gente falando as coisas mais ridículas e fazendo as reportagens mais dramáticas e cheias de jargão sem sentido dessa gente de esquerda cuja vida inteira parece consistir em competir em ver quem que sofre mais pelo sofrimento alheio, quem acha mais bonito ser feio.

O imbecil postava tanta foto de si mesmo o dia inteiro e falava tanto o dia inteiro que foi fácil descobrir onde ele morava, assim como foi fácil descobrir um dia em que ele tava sozinho em casa de madrugada.

Bati na porta, mesmo. Não precisou nem arrombar. Já de máscara. Ele abriu e ficou rindo perguntando quem era antes de fazer cara de assustado. Aí é Flow with the go, amigo. Afundei a cara dele com o cano. Foi duma vez, até grudou. Ele tremeu, gemeu esquisito ainda um tempo. Nunca é como aquelas mortes de filme, que vai limpinho, como se desligassem o interruptor. Tem sempre ali um estrebucho, uns negócio, uns sangue que sai de onde tu não espera. É bonito, à sua maneira. E a consistência de crânio quebrando você não tem ideia. Lembra bastante, e não estou nem brincando nisso, a da crosta de um crême brulée ao ser vencida pela colher.

Quando vi a lista do Renato reconheci três nomes que já me faziam espumar de raiva e fui conferir quem eram os que eu não conhecia. Aí que eu vi que ela era quase perfeita. Era bem o que eu tava procurando para o meu projeto de purificação. Aquilo ali era tudo que tinha de mais podre no Brasil, justamente tudo de merda que impedia que a gente fosse pra frente. Eu queria limpar de uma só vez um espaço, cortar algumas da cabeça da hidra e mostrar pra outros aí que é possível fazer a diferença, dar a cara a tapa, matar a cobra e mostrar o pau.

Quando comecei a purificação, o Renato não tinha postado a lista toda, entende? O Jader eu também odeio, mas não mataria. Não ainda. Ele não tinha postado ainda os primeiros lugares, era tipo uma contagem regressiva.

Quando conheci o Renato ele ainda não era um esquerdista alucinado. Eu ainda me lembrava do Renato que conheci e com o qual convivi em 2007 (2011?), em Belo Horizonte, e que era na época uma pessoa muito mais sensata. Excêntrico, né, já tinha lá as viadagens dele meio evidente, a gente diria, mas também com muitos valores ali no meio. Eu não tenho como descrever a onda de raiva e nojo que se assomou sobre mim quando infelizmente descobri o último twitter do Renato (@necromantesensaul, hoje deletado), onde ele reproduzia todo esse clichê da vagabundagem. Legalização da maconha, idealização da macumba, viadagem como essa grande revolução do não sei o quê, tudo que a esquerda acha que é lindo e santo.

Eu conheci ele numa aula que eu comecei a fazer com um professor que era seguidor arrependido do Olavo, o saudoso @Antikythera. Eu só fui fazer aula com esse cara, porque o Olavo me pediu pra prestar atenção nele, e eu encarei como uma tarefa. E comecei a gostar das aulas. Um grupo bacana se formou em torno do professor e o Renato um dia apareceu na aula para desbancar o cara. Ele era diferente de todo mundo ali, mas era também muito crítico à esquerda, ainda que por outros motivos. Arranjou jeito de se dar bem com quase todo mundo, até porque lhe pagavam cerveja. Depois descobri que Renato era amigo do Milton, que eu conhecia de muito tempo atrás quando ele tinha uma péssima banda punk com um amigo meu.

Eu não chegava a ser skinhead, porque tinha medo de me complicar no meu trabalho da época, cargo técnico num prédio do Governo do Estado que ficava ali perto da praça da liberdade. Mas tinha minhas simpatias, ia lá na Savassi ver a fauna de moleques roqueiros novos com jeito de viadinhos, ranhando o nariz e guardando muco na boca tanto para expressar meu nojo quanto por hábito. Eventualmente cuspiu perto de alguém, no chão, olhando bem pra ele. Tinha uns que reagiam, né, o que era a glória. Uma desculpa pra sentar a mão numa vagabunda ou num vagabundo daqueles. Mas era sempre uma porrada só e pronto, saía vazado. Só pra extravasar, mesmo. Ainda era meio covarde nessa época.

2013 me inspirou muito. Fui para as ruas envolto na bandeira do Brasil, em BH. O gigante acordando. O problema é que foi bagunçando, né? Você via muito petralha retardado e vagabundo andando na rua junto com gente de bem e patriota. Como tudo no Brasil, acabou virando putaria. Mas foi ali que eu entendi mesmo que o Brasil tava lutando consigo mesmo, tava com as entranhas todas revoltadas dessa guerra entre os cidadãos e os vagabundos.

Foi aí que numa noite em julho vendo uns vídeos do Olavo e do UFC de madrugada, depois de ficar ligado assistindo 300 (filme que eu assisto pelo menos uma vez por mês, desde que foi lançado em Blu-Ray) que eu realmente aceitei meu chamado. Percebi que aquele era o projeto da minha vida, minha vocação (do latim vocatio). Se eu perdesse minha vida ou fosse preso no processo, tudo bem. Minha semente estaria plantada, meu lugar no panteão dos heróis nacionais (Ayrton Senna, Coronel Ulstra etc) estaria garantido. Foi aí que eu comecei a me preparar de verdade para a purificação.

>>

37.

<

Demorou, mas Murilo acabou conseguindo dormir algumas horas no voo. Acorda com o pescoço doendo da posição troncha em que acabou ficando, uma impressão vaga de que acabou de sonhar com algo horrível. Assim que o avião aterrissa, enquanto espera se esvaziar, Murilo se esforça pra conjurar uma imagem dos pais e percebe que tem alguma dificuldade de recuperar detalhes de como estavam da última vez que os tinha visto.

A cabeça de Murilo tenta produzir um arremedo mental da aparência dos pais a partir de memórias antigas enquanto observa diversas malas que não são a sua revelando-se sucessivamente na esteira, o formato de cada uma anunciado pelo movimento sacudido das tiras pretas de borracha que escondem o trabalho dos carregadores lá fora. Assim que reconhece a sua própria mala, uma única imagem de repente se apresenta com uma força inesperada na sua cabeça. Da sua mãe na bancada da varanda de casa cortando duas mangas que tinha acabado de pegar de uma árvore da rua, e da sua animação de constatar o tanto que estavam perfeitas. Dele a vendo retirar habilmente com a faca um naco grande e succulento, feito de um amarelo impossivelmente concentrado que lhe lembrou na hora o conteúdo poroso de uma canetinha. Murilo aceitou o pedaço que ela te deu tão animada, mas não gostou, e demonstrou isso imediatamente com o retorcimento involuntário do seu rosto azedado, a boca tentando rejeitar e cuspir fora aquele gosto. O tanto que ela pareceu ficar desapontada o surpreendeu na hora, e o tocava de novo agora. Ele odiava todas frutas que não eram banana até hoje. Talvez ele devesse experimentar uma manga de novo.

De algum jeito, mesmo sem ter combinado isso, Murilo se vê antecipando que sua mãe estaria ali para recebê-lo no aeroporto, quando sai do desembarque carregando no carrinho sua mala enorme e estufada de livros. Não que fosse plausível imaginar aquilo, já que ele não tinha avisado pra ela que horas ele chegava e nem qual era o seu voo. Era apenas a estrutura daquela cena, tão familiar, que lhe convidava a esperar a imagem de alguém esperando por ele. Uma expectativa entranhada daquele tipo de lugar ali ser onde pessoas se reencontram, se abraçam, choram, reajustam a figura que mantinham de uma pessoa amada mais uma vez ao seu corpo reapresentado

à gravidade e ao chão.

Mas não tinha ninguém, claro, apenas duas fileiras de estranhos tentando olhar através dele, não o reconhecendo, querendo ver outras pessoas. Pegou o táxi para sua casa, percebeu que aquela era não só a primeira vez que ele pegava um táxi em Brasília como possivelmente a primeira vez que ele dizia o seu endereço em voz alta para alguém. O seu endereço.

No rádio do táxi, falava-se sobre uma facada que Bolsonaro teria sofrido em Juiz de Fora. O motorista falou que nunca gostou muito deste cabra, mas que se tavam tentando matar ele, é porque ele devia ser bom. Falou isso de um jeito simpático, rindo, Murilo teve que sorrir, de reflexo. Tentou formular uma resposta contrária, mas não conseguiu. Os números que Bolsonaro tinha já eram assustadores pelo que representavam, mesmo que quase todos analistas concordassem que ele teria um teto. Com aquilo, ali, então, a campanha dele tinha tudo para crescer mais, dois jornalistas concordavam no rádio. Ouvir aquilo tudo assim que estava ancorado de novo naquele país lhe deu um frio na espinha.

O táxi chega em menos de quinze minutos. A casa parecia ter sido repintada durante sua ausência. O branco da parede e dos cobogós parecia refulgir de uma confiança que lhe pareceu estranha, errada. Ainda tinha as chaves de casa, mas demorou um bom tempo para resgatá-las de dentro da mochila (que continha um casaco de moletom pro avião, três livros, um caderno e vários dejetos arbitrários, notas fiscais e restos de lápis apontados, dos quais ele nunca se livrava).

Tentou fazer com que seu ingresso na sua casa fosse o mais ruidoso possível, para que ele não tivesse que mandar um 'oi de casa' ou coisa do tipo, que sabia que sairia bem desajeitado da sua voz. Estava há dias imaginando como seria encontrar sua mãe, que reação teria e como que ele conseguiria responder a ela. Imaginou várias versões diferentes do seu rosto ao encontrá-la, platitudes que sentia que devia dizer, mas que não conseguia vestir, por mais que as achasse apropriadas e talvez aconselháveis.

Mas a sua mãe não estava lá. Isso quase não computou na sua imaginação, que estava tão pronta para receber aquela cena. Só entendeu depois de uns dez minutos sentado no sofá, absorvendo o lugar onde estava e a familiaridade sedimentada que tão rapidamente se reinstalava nele, como se ele nunca tivesse saído, como se no fundo ele sempre estivesse contido ali naquela

disposição espacial, naqueles móveis, naquela sala apertada com pilhas de revistas, no sofá vinho que cheirava a pelo menos cinco substâncias diferentes e ricamente destacadas (suor e café, principalmente), da mesma forma que sempre estamos contidos na linguagem, no espaço-tempo ou em qualquer outra dessas coordenadas que nos precedem.

Murilo entrou no seu quarto, mas achou melhor não ligar o computador. Ficou encarando-o como um objeto, como mais um móvel. O seu monitor empoeirado, o teclado com a capinha de plástico que sua mãe deve ter resgatado de alguma gaveta entulhada depois de ele sair (e de alguma forma a imagem dela fazendo isso lhe ocupou por mais de um minuto, repetida em infinitas variações pungentes, até encontrar a sua destilação chekoviana mais tocante possível).

Quando ela chega e encontra ele sentado no sofá, mal pisca, o rosto sem modular nenhum sentimento. Só fala com uma voz seca:

— Teu pai tá lá no Santa Lúcia.

Ele não antecipava essa frieza. Tentou se colocar diante dela para ajudar com a malinha que ela estava carregando, mas ela protegeu a mala com o corpo, dispensando a ajuda.

Os dois ali, aqueles meses todos, naquela mesma casa, passando por aquilo, e ele tão longe.

— Deixa eu te ajudar.

— Não precisa.

Ele não estava exatamente preparado para aquela recepção. O que mais lhe impressionava não era só a sua incapacidade grosseira de ter antecipado aquilo, de ter imaginado com alguma precisão como sua mãe estaria, mas a sua própria incapacidade continuada e arrastada de lidar com a cena. Não sabia o que fazer, como falar com ela, como se postar diante dela, que tom assumir, como abraçá-la, como sequer tocar nela (o que ele ainda não tinha feito). Ela foi até a cozinha e encheu um copo d'água. Tomou em dois goles compridos. Ainda tava de pé quando finalmente falou, o tom neutro.

— Você abandonou a gente, meu filho. Eu nem entendi direito quando saiu lá o seu negócio. Você não explicou, não disse nada. Só foi e pluf.

— Eu levei vocês pra jantar quando me deram o dinheiro, lembra?

— Foi, isso foi ótimo, mas aí tu nem avisou que ia viajar pros Estados Unidos até uma semana antes. E de repente tu tinha comprado uma mala e tava falando que tava indo embora. Que não tinha passagem de volta ainda. Assim, pan. Depois liga e avisa que vai morar lá um tempo, não dá telefone de contato, não dá nada. A gente, oi? As poucas vezes que você ligou seu pai ficava quase histérico.

— Sério? Ele nem pedia pra falar.

— Claro. Você ficava dois segundos no telefone. Falava duas coisas naquele muxoxo, não perguntava nada e dava tchau. A gente tava num orgulho do seu livro, mas você nem queria ouvir. A gente ficou sem entender.

— Não achei que vocês quisessem.

— Como não?

— Não sei.

— Seu pai acabou de morrer.

— Como assim. Agora?

— Sim, agora. Que horas são? Umass duas horas atrás, por aí. Eu falei pra ele que você tava vindo e ele achou bom. Não sei o quanto ele entendeu, tava bem dopado, mas acho que entendeu sim. Eu já comecei a burocracia no hospital, mas tem muita coisa pra fazer ainda. Um inferno.

Ela ainda tá com o copo d'água na mão. Olhando fixamente pra um ponto qualquer lá fora. Seu corpo está numa pose canhestra, corcunda, de quem está tão cansada que nem consegue mais pensar em como descansar. Desativada.

— Que que ele teve direito? No telefone você só falou que era câncer.

— Foi no estômago. Quando a gente descobriu já tava enorme já. Ele sentindo dor tinha tempo e sem querer fazer nada, falando que era só gases. Não deu nem três meses depois que descobriram. Já tava em metástase. Eu demorei muito pra conseguir falar com você.

— Nossa.

— E ele demorando esse tanto pra ir no médico. Precisou chegar no ponto de rolar no chão de dor pra aceitar ir no médico. Tei-mo-so que só ele.

— Mas como ele tava? Como foram esses últimos meses?

— Seu pai sofreu muito. Diz que é um dos câncer mais dolorosos que tem,

né? De estômago. Dos mais dolorosos. E ele demorou pra aceitar remédio. Aquela coisa de homem que finge que não tá sentindo, acha que é frescura, que não é nada.

Murilo tentou imaginar isso e não conseguiu. Mesmo quando finalmente tentou abraçar sua mãe, a impressão subsistia de que o seu interesse era o interesse naquela cena, que ele estava investido na situação como diante de uma estátua decepada, cujos gestos brutos e estilizados você encara de longe. Ele sabia muito bem que isso não era saudável, não era legal. Tenta pensar em algo pra falar e não consegue.

— Certidão de óbito. Esse nome tão horrível.

— É mesmo. Mas se fosse bonito era pior. Não é bonito mesmo não. A coisa.

A mãe ainda parecia fria. Pareceu apressar o abraço pra que terminasse logo, e depois de dizer duas frases pra ele sobre onde eles guardavam as toalhas agora, foi para o seu posto usual no sofá e ligou a televisão. Ele conseguia entender, claro, que ela tivesse puta com ele por vazar e praticamente não dar notícia nenhuma. Mas achou que a sua presença naquele momento deixaria ela feliz. Ou pelo menos um pouco menos desconsolada. Mas ela só mantinha o mesmo rosto derrubado, sentada no sofá da sala com as pernas recolhidas. Ele sabia que tinha que fazer alguma coisa, mas não sabia o quê. O relacionamento deles tinha pouquíssimo repertório.

— Você tá mal, né, mãe?

— É muito difícil, filho. É muito difícil. Quase trinta e cinco anos. Quarenta que eu tou com ele. Dum jeito ou de outro. É um pedaço da gente que vai.

— Eu imagino. Claro. Deve ser. É que você sempre foi tão forte, por isso acho que tou um pouco surpreso. Não tou sabendo reagir.

— Forte? Cê tirou daonde que eu sou forte? Eu só me agarrava no Válter desde sempre.

— Quando o vovô morreu você não ficou tão abatida, por exemplo.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Nada. Completamente diferente. Você sabe. Eu morei quase trinta e cinco anos com o seu pai. O seu avô era muito difícil, Murilo. A nossa relação nunca foi boa. Não tem nada a ver uma coisa com a outra.

— Você sempre diz isso, mas ele me parecia tranquilo. Meio tantan, talvez,

super na dele, tal, mas tranquilo.

— Você pegou ele velhinho, frágil. Mas você não tem ideia, menino. O que ele fez com a sua avó, o que ele fez comigo. Trancava sua vó em casa quando eles mudaram pra Brasília. Imagina. Saía pro trabalho e deixava ela trancada. De loucura de ciúme.

— Sérió?

— Ele me batia e torcia meu braço e me machucava de um jeito ou de outro quase todo dia da minha vida desde os cinco, seis, até eu ter uns quinze e começar a revidar. Aí ele parou, porque é covarde. Sádico e covarde. Não te falava isso pra você não odiar seu avô. Acho que é importante ter avô e avó, essas coisas. Mas aquele homem era o cão. O cão.

— ...

— Isso sem nem falar o tanto que ele era racista.

— Sérió? Racista?

— Ele nunca aceitou o Válter, nunca. Sempre fazia uma cara amarrada pra ele, não cumprimentava direito. Foi por isso que eu parei de ir lá.

— Mas por que você diz que era racismo? Você fala como se não pudesse ter outro motivo pra não aceitar o pai.

Murilo só falou aquilo porque estava surpreso com o que tinha acabado de ouvir, sentiu um impulso inesperado de defender o avô. Mas logo pensa que a mãe devia conhecê-lo melhor do que ele, afinal, e que provavelmente não devia ter falado isso do seu pai, que afinal acabou de falecer. Elizete parece chocada com o que ouve, e de repente desesperada para convencê-lo do que estava falando.

— Eu ouvi não foi uma nem duas, foram várias vezes. Antes da gente romper de vez, ele fazia umas piadinhas esquisita e depois achava ruim se você perguntava o que ele queria dizer. Isso quando não escapulia do nada umas frases bem escrotas, bem violentas, quando o Válter não tava, e que depois ele não tinha nem coragem de repetir. Se você tivesse conhecido de verdade a família dele, e graças a deus não conheceu, não acharia nada esquisito o que eu tou dizendo.

Percebendo como a mãe havia ficado chateada, Murilo se arrependeu com força do que tinha acabado de falar. Ela parecia inconformada.

— Tou nem acreditando que você falou isso. Ainda mais agora. Não dá pra acreditar em você às vezes, menino.

Elizete arregalou os olhos com uma raiva que ele nunca tinha visto nela, quanto menos direcionada a ele.

— E qual que seria o motivo, então, pra não aceitar seu pai, hein, Murilo? Me diz, meu filho? Hein?

— Deixa pra lá, eu não devia ter dito isso. Desculpa. Claro que eu não devia, foi sem noção. Eu não quis dizer nada específico, só não quis aceitar que meu avô era racista, é algo ruim de se descobrir.

— Ele não tá nem frio, moleque. É muita cara de pau.

Ela não falava com ele assim devia ter mais de dez anos. Ele realmente não esperava nada disso.

— Foi mal.

— Você dizer uma coisa dessa do seu pai. Dum pai que sofreu tanto por um filho. Ainda mais hoje. Cê foi pra ele o próprio pão que o diabo amassou, garoto. O pão que o diabo amassou.

— Eu? Ele que nunca gostou de mim direito. Nunca nem conseguiu esconder.

— Alguma hora ele teve que ficar grosso, né? Teve que responder. Ninguém é santo não, ninguém é de ferro. Depois dos anos e anos de esculacho que você deu nele, também, do seu desprezo todo, do seu ódio, de tanto ódio, cê queria o quê? Que fosse tudo amor e carinho pra sempre? Uma hora a pessoa desmonta, Murilo. Ninguém aguenta, não.

Murilo olha de volta com uma cara confusa. Do que diabos ela tava falando?

— Você não lembra?

Ela fala isso com uma cara brava e confusa, indignada, a testa franzida numa expressão carrancuda e grave que Murilo tem certeza de que nunca viu nela antes.

>

38.

<<

Ninguém tava esperando, não. Que ela voltasse assim toda-toda, poderosa, olhando de cima embaixo e falando as coisas na cara. Quando saiu aqui cê não imagina. Amuadinho, amuadinho, ficava no canto dele, falava que ninguém nem ouvia direito, tudo pra dentro, tudo embolado. Apanhava de todo mundo. Até de varapau ele apanhava, aquilo ali. Que tinha as pose ali anunciando já tinha, né, mas era uma bicha quieta, quietinha, mesmo. Voltou foi só aquela vez, também. Pra mais nunca. Era o segundo festival de inverno, devia ser 2005, então. O povo achava aquilo o máximo, chamando de “A Suíça Piauiense” porque só faz 35 grau, só, de noite. Tou brincando, né, imagina. Até faz um friozinho gostoso, mas eu achava e ainda acho que era o uó aquele negócio, o povo com gola rolê e o caramba. Tomando vinho de caixa achando o máximo. Mas pelo menos começou a vir um povozinho de fora, até. Eu por muitos anos era praticamente a única bicha em Pedro II. Praticamente assumida, né, eu digo. Era trabalhoso, viu, não tenho nem que dizer a quantidade de merda que já tive que lidar nessa vida. Único motivo de não ter sido assim tamanho o esculacho é que minha família tá aqui desde que ainda era Matões, quando era Pequizeiro aqui ainda. Tamo aqui tem pouco tempo não, aqui na cidade o povo respeita os Ferreira da Rocha ainda. Todo mundo conhece a mercearia, o povo mais antigo lembra da padaria ainda. Eu tenho essa cara assim meio misturada, mas era todo mundo português ali, até onde a vista alcança (isso é sangue árabe, porque português também é tudo meio escurinho, o brasileiro não tem muito pra onde fugir).

Foi lá que eu vi. Lá no bar onde o pai dele bate ponto toda noite tem trinta anos pelo menos. Até hoje deve estar lá. O menino deve ter ido direto da rodoviária pra lá. Tá todo mundo naquela resenha de sempre falando de futebol e de buceta quando chega lá o menino sem uma perna, com muleta, uns mullets horríveis e uma camiseta de alguma banda horrível dessas, é Sepultura, é Moléstia, não sei o quê. Uma cara destruída de quem tava muito doido ou tinha acabado de chorar muito, ou os dois. O pai já tava mamado e juro que acho que demorou mesmo pra reconhecer. O próprio filho. Acho que principalmente pela perna, né? Cê vai ver e de repente não é só que seu filho tá ali depois de dez anos com uma cara de viado mulambento maconheiro

que vende miçanga na praia, mas tá lá ele faltando um pedaço, ainda por cima. E o menino também não ajudou muito, fez só foi gritar o nome do pai e ficar encarando de uns dez metros de distância, uma mochila dessas enormes cheio de tranqueira pendurada. Dali os dois foram embora, ninguém ia ver o seu Pedro falando coisa pessoal na rua, que nunca foi coisa do seu feitiño. Mas vi o menino duas vezes antes dele ir embora da cidade, e nas duas vi que ele tinha voltado espevitado que só a porra. O povo que reconhecia chegava a maioria assim respeitoso, por causa da perna, não vi falar de ninguém que chegou nele zoando. E praticamente todo mundo ele respondia com grosseria. E umas grosseria maluca, elaborada, que cê nem entendia, ainda por cima. Coisa de gente maluca mesmo. Eu achei foi uma pena quando ele pegou e foi embora de novo.

>>

39.

<

— Desde os seis ou sete que você só fazia era unhar o seu pai. Era só ele chegar perto demais que você fincava a mão na cara dele, gritando.

— Eu?

— E daí pra frente foi só piorando, xingava ele das coisas mais absurdas, falava que ele era burro pra tudo que ele falava, ficava humilhando ele, rindo de tudo que ele falava errado. Tudo, tudo.

— Eu?

— Tentou aquela vez cegar ele com faca, pulando de cima do armário do quarto que nem um bicho. Mordendo a mão dele o tempo todo. Todo mundo falando pra tirar você de casa e seu pai não queria nem saber.

— ...

— Jogou copo de vidro com força. Parecia que queria matar. E não foi uma vez, não, foi bem umas três vezes. Depois de um tempo ele nem queria chamar médico, porque ficava com medo de tirarem você da gente. Internar em algum lugar. Seu pai odiava médico, mas odiava psicólogo ainda mais. Todo psiquiatra e psicólogo que ele te mandava ele ficava puto depois, brigava com o cara, te defendia quando falavam que você era isso, era aquilo. Ele tentou tudo desse mundo pra você parar de odiar ele, fez tudo. Nada adiantou, Murilo. Nada.

— ...

— Uma hora ele desistiu, né? Ia fazer o quê? Foi endurecendo. Normal. Válter foi um santo. Mas até você ter doze anos ele chorava direto. Chorava no travesseiro pra você não ouvir e não fazer troça dele. Porque você fazia. Chamava ele de chorão, de mulherzinha.

— ...

— E o jeito que você gritava essas horas, meu deus. Meu deus. Parecia um bicho, Murilo. Parecia um bicho.

Ela agora parecia com mais raiva do que tristeza. Levantou e foi pro quarto. Murilo continuou sentado no sofá, quase imóvel por mais de uma hora.

>

40.

<<

Quem botou esta fixação na cabeça dela foi o Dennis. Sem querer. Tavam eles um dia lá na casa dele, fazendo churrasco de legume e falando sobre as várias tretas que ele já havia descoberto a respeito da elite paraense nos anos que ele estava ali. Conheceu gente de vários grupos sociais diferentes, primeiro como empresário, depois como voluntário da Pastoral Carcerária. Desse segundo grupo ele foi ficando mais próximo. Padres e irmãs esquerdistas e aguerridos na causa, que não saíam muito e com quem ele só dividia conversas sérias sobre os mesmos assuntos (e, o pior, geralmente sem beber). Ainda assim, eram mais simpáticos do que os poucos empresários que tinha conhecido.

Mas foi um deputado que ele conheceu, Evair, ligado à Pastoral de uma maneira pouco compromissada, que o apresentou pra muita gente na cidade, expandindo seu círculo pra órbitas mais soltas. Começou a sair pra beber com ele e amigos dele, que numa quarta podia ser gente de movimento social em algum bar pé sujo e na quinta empresários locais de varejo e mineração no bar do Sheraton. Evair era divertido e parecia partilhar pelo menos alguns valores com Dennis, ao que tudo indicava. Que ele não fosse o cara mais consistente do mundo incomodava só um pouco, mas na falta de outra companhia ele era um cara divertido. Mais divertido de sair do que os padres caretas, com certeza.

Um dia tavam lá com um cara que era mão direita do dono da maior rede de supermercados do estado, cujo nome Dennis nunca entendeu. De origem japonesa e expressão muito séria sempre, cicatrizes no rosto. Um cara cuja vida, parece, havia sido difícil. Tavam os três falando de como era difícil conseguir mulher depois de uma certa idade (e, no caso dele e do Evair, de uma certa barriga).

O japonês falou que tinha descoberto um lugar maravilhoso a meia hora dali de carro e que desde então não tinha mais esse problema. Dennis admitiu, claramente envergonhado, ali pros irmãos e pro Renato, que ele já tinha recorrido a putas algumas vezes na vida. Tanto antes quanto durante quanto depois de ser padre. Mas sempre se arrependia depois. Nessa noite ele hesitou, mas depois do sexto uísque foi convencido por Evair e pelo japonês. Ele

só falou que tinha umas menininhas maravilhosas. Dennis achou estranho o “meninhas”, mas achou que devia ser só o jeito do cara falar.

Quando ele chega, vê que, de fato, as mais velhas ali mal pareciam ter dezesseis anos. É uma casa de madeira no meio do mato, depois de quarenta minutos de onde eles estavam. Eles ainda dirigiram dez minutos de estrada de terra bem acidentada, Dennis ficando tonto e já se arrependendo da ideia antes de chegar. A casa é grande e parece recente, feita com pressa. Tem mais de dez garotas, uma mulher de uns sessenta anos chamada Taís, com um leque e sombra roxa, e dois homens enormes vestidos de preto que ficam na porta olhando pra frente (um dentro e um fora).

No térreo da casa tem um bando de almofadas espalhadas onde as garotas ficam deitadas e sentadas, vendo televisão, mexendo no cabelo uma da outra, fumando beque. Elas também se picam, o japonês disse com nojo, dá pra ver nos braços de algumas, mas só fazem isso num banheiro no segundo andar, porque a imagem desagrade alguns clientes. Evair achou exótico.

As mais novas não parecem ter nem quatorze anos. A maioria com tipo de índia, várias negras, duas bem branquinhas que parecem ser as mais disputadas. Dennis vomitou assim que entrou. Foi expulso de um jeito mais ou menos agressivo por um dos homens enormes, Evair falando que chamava um táxi pra ele e, enquanto fechavam a porta, pedindo desculpas pelo comportamento do amigo.

Quando Dennis contou isso, os irmãos começaram a falar, ao mesmo tempo, que tinham que fazer alguma coisa. Que não dava pra fingir que não sabiam nada e pronto. Ele concordou, mas falou que nem imaginava o que fazer. Falou que tinha visto lá dentro um dos herdeiros da maior fortuna de Belém, um moleque de uns trinta e poucos anos que Dennis tinha conhecido num jantar beneficente. Tinha chegado lá com um deputado. Deve ser um negócio bem protegido. Não dá pra chegar pra polícia e denunciar e achar que eles não vão atrás de você depois.

Ainda adiciona que nem sabia direito onde era, e não daria pra perguntar pro Evair ou pro japonês depois de ter reagido daquele jeito. Eles suspeitariam. Só lembrava que logo antes de virar pra estrada de terra tinha uma outra entrada com uma placa antiga e meio apagada que falava SÍTIO ARA-GUAIA.

Ela não falou mais nada depois daquilo. Agiu como se o assunto tivesse

morrido. Mas começou a pedir pro Emerson dirigir com ela pra procurar o lugar. Depois de saírem quatro vezes ao longo de um mês, dirigindo sempre por uma hora e pouco nos arredores de Belém, acabam encontrando a placa. E uma entrada de estrada de terra poucos metros a frente.

Quando encontraram a casa, ela batia com a descrição do Dennis (além de ter as janelas todas vedadas). Desligaram o farol e ficavam olhando um tempão. Não tinha o que os dois fazerem ali. Ela ficou falando que se tivesse uma arma podia chegar atirando e resgatar as meninas. Ele ri e fala que ela só conseguiria se matar fazendo isso. Talvez matar uma das garotas no processo, por acidente. Depois disso ela se calou.

Como ela não sabia dirigir (achava a atividade repulsiva), ele achou que o fato de que não pediu para ir lá de novo como sinal de que ela teria desistido da historia. Mas um dia saiu de manhã cedo falando que daria um passeio pelo mato sozinha e na verdade foi, a pé, até lá, com um mapa que fez antes em casa e a câmera digital do Dennis na mochila.

Demorou seis horas pra chegar no lugar. Pegou um ônibus até o lugar que parecia mais perto e depois caminhou pela beira da estrada, atenta para que um motorista bêbado ou caminhoneiro dorminhoco não a pegasse. Quando chegou perto da casa devia ser umas quatro da tarde, o anúncio de chuva tava borbulhando no céu já tinha tempo. Ela se cobriu com uma lona preta que trouxe e ficou escondida entre as árvores ali entre o final da estrada de terra, onde os carros estacionavam, e a entrada da casa. Fez o possível para se camuflar enquanto olhava para as janelas e para a porta para ter certeza de que não era vista. Ficou lá por dez horas, comendo bananas e nozes que tinha trazido na mochila. Tirou fotos de três garotas saindo rapidinho uma hora, com a mulher mais velha e tomando um banho de mangueira. A mulher mais velha parecia impaciente, falando que elas tinham que tomar banho daquele jeito mesmo, porque a anta da Kelly tinha quebrado o chuveiro transando com o Matias. E tirou fotos depois dos onze homens que foram chegando a partir das sete da noite. Quase todos brancos, a maioria com mais de cinquenta anos, alguns com motoristas e seguranças.

Ela esperou meia hora antes do último carro ir embora pra desmontar o posto e voltar. Tava completamente exausta, mas tinha também uma raiva explodindo continuamente que ainda mantinha o passo rápido até em casa. Quando chegou eram nove da manhã do dia seguinte, Emerson, Dennis e Renato estão reunidos na sala, mortos de preocupação na sala, e a saúdam

com uma mistura de alegria e irritação. Antes de falar qualquer coisa, ainda arfando, ela tira a câmera da mochila e mostra as fotos.

>>

41.

<

Murilo não consegue dormir. Em parte pela troca de fuso horário, e por ter dormido no avião (ainda que mal). Mas principalmente por causa do peso inassimilável do que havia acabado de ouvir. Quando deu duas da manhã e nada do sono chegar, a mãe fechada no seu quarto há horas, ele decide sair pra caminhar. Tira da mala algumas de suas roupas mais fedidas e malamanhadas para que parecesse tão esquisito que afugentasse qualquer contato indesejado. Não chega a ver ninguém andando ali perto quando sai, exceto dois vultos tentando dormir juntos debaixo de árvores maiores, remexendo suas posições em cima de um tatame de papelão.

Fuma três cigarro seguidos, o que quase nunca acontece. A pressão sobe, sente o sangue latejar na sua cabeça. Fica sentado num banco de praça rachado, contido pelo halo de luz laranja do poste diante dele e pensando naquilo que a mãe acabou de contar. Era possível que ele lembrasse de tudo tão errado assim?

É verdade que a memória dele a respeito da própria vida sempre havia sido bem vaga. Murilo se orgulhava de saber um punhado de poemas de cor, além de uns poucos trechos de prosa. Decorou primeiro alguns do Drummond e de Eliot sem nem tentar, aos quatorze, e depois começou a ler outros com a intenção deliberada de memorizá-los (Cabral e Marianne Moore sendo os mais recorrentes). Também mantinha na cachola em recorrência quase permanente uma série profusa de ideias e filmes já digeridos, pensadores, personagens, atores, eventos e detritos históricos, tudo rebentava na sua cabeça o tempo todo sem que ele controlasse muito o seu fluxo (Shelley morrendo afogado na Itália tão novo, a Revolta da Vacina, o imperador Maximiliano sendo executado, o personagem Frasier saindo do Cheers e ganhando seu próprio seriado, tudo disputava e se acotovelava no mesmo espaço, como se tudo que já aconteceu estivesse sempre recorrendo junto no leito que corre no fundo da sua cabeça).

Mas já o fio linear da sua vida mesmo, a história daquele seu corpo no espaço, isso era quase sempre bem difícil de se resgatar. O que vinha vinha enevoado, misturado de maneira muito confusa. Tenta lembrar do seu pai sendo agressivo com ele desde criança, que era até agorinha uma verdade

entranhada que ele tinha pra si mesmo, mas não consegue posicionar nenhum momento ou imagem concreta. Tenta lembrar daquelas coisas que a mãe disse, dele mordendo e batendo no pai, mas não consegue tampouco.

Ele também tenta, mas não consegue, sentir com força o peso da morte do pai. Não com a força que acha que devia sentir. Sabia que aquilo era errado, ainda mais depois de ouvir o que ouviu. Talvez se tivesse visto Válter agonizando no hospital seria diferente, mas do jeito que tudo aconteceu ele sentia que ainda mal conseguia digerir aquele fato. Parecia abstrata como a frase de uma notícia que aparece na barra da tela.

Assim que volta pra casa, tomando cuidado pra não fazer barulho, passa por uma foto da família emoldurada do lado da televisão. Num churrasco na casa de algum parente que ele nem lembra quem era. Os pais sentados em cadeiras de plástico, Válter fazendo joinha com as duas mãos, a mãe rindo, Murilo com uma camiseta muito comprida do Patolino e uma cara emburrada, esquisita, uns onze anos. Evidência inegável de que ele já teve, de fato, aquela idade, apesar de não lembrar de quase nada.

Sabia também que a mãe tava mal e que ele ia precisar lidar com aquilo. Nunca tinha lhe ocorrido antes, por incrível que pareça, que chegaria o momento em que ele teria que cuidar dela, mas agora isso era evidente. Olha em volta e percebe que a única coisa que lhe traz paz no momento é aquele lugar onde ele tá. Não conseguiria dizer de que forma sentia que pertencia àquele lugar, por meio de que traços, exatamente, que o seu sentimento se adensava. Como que um lugar que sempre lhe pareceu tão apagado — pouco mais do que um cenário de cartolina diante da qual sua atenção voraz podia se desenrolar — podia, de repente, importar mais tão mais do que os outros. Mas era o que acontecia.

Pega duas folhas de papel de um caderno que fica perto do telefone, a caneta BIC que sempre fica por ali junto e começa a escrever:

É como se eu precisasse tomar a mim mesmo como personagem pra me levar a sério. E eu digo isso no sentido mais imediato do mundo, não numa distância entre aspas. Eu preciso me servir de todas os pequenos truques e macetes que uns senhores e senhoras inventaram para dar estofa aos seus fantoches nos teatrinhos que fizeram do mundo. Eu preciso disso a sério pra tentar me inventar minimamente, no mundo mesmo de carne e osso. Porque assim não tá dando. Não tá viável.

A voz que me veio para o Concreto me é esquisita, meio chupada nem sei de quem, aquela coisa meio voz-abstrata-num-quarto que nunca me agradou. Sei que não parece, mas a voz começou comigo tentando imitar o conselheiro Aires (com as devidas etc). E ainda assim foi a que veio. E eu só fui perceber o que estava fazendo depois de umas cinco páginas. Que eu estava narrando a voz que escreve a minha vida, que essa era a ideia toda, imaginar a minha vida como escrita por alguém. Quase certamente vai parecer um truque que se acha esperto, com cotovelada e piscadela. Mas a forma não é o que importa, além de não ser tão original. O que me interessa é a voz, seu timbre e ritmo. E, como eu já disse uma vez, é uma questão de sobrevivência (na época era mentira, depois não foi, hoje é e não é). Tem gente que é budista, tem gente que é corinthiana. Eu tou tentando achar alguma coisa.”

Murilo fica uma meia-hora deitado pensando se ele encontrou uma voz. Pensa no pai agonizando no hospital por dias. Ainda não consegue dormir, mesmo estando exausto. Decide de imediato que tem que se tornar um filho decente, mas não tem ainda ideia de como. Quando vê que já está amanhecendo, Murilo vai até a padaria e compra pães, queijo e presunto, pão de queijo, manteiga e suco de laranja. Vê na televisão da padaria que Bolsonaro está subindo nas pesquisas, mas decide rejeitar a realidade daquela frase, por um instante. Fica esperando a mãe acordar com muita expectativa, mas isso não acontece na hora que costuma acontecer (das sete pras oito). Quando dá oito e meia, ele bate na porta dela, fala que o café tá na mesa. Ela aparece na porta de pijama e cara amassada de quem acabou de começar a dormir. Mas vai até a sala e parece enormemente surpresa, quase pasma, com o filho ter comprado café, embora não diga nada. Ela toma o suco de laranja inteiro num gole só, come quatro pães de queijo.

— Eu fiquei muito impressionado com o que você falou ontem. Eu queria que você falasse mais.

— Do quê?

— Do meu pai. Das coisas que eu fazia. Eu não lembro de nada disso.

Ela olha pra ele com uma cara cansada.

— Não sei nem por onde começar.

>

42.

<<

Sandro era a figura mais forte e patética – no sentido mais fundo da palavra – que Renato já tinha visto da carência em toda sua vida. Não passava fácil um mês sem que Renato lembrasse dele ao menos uma vez. Era um homem feíssimo, de corpo estranho e troncado, que vestia há meses, senão anos, sempre uma mesma camisa quadriculada fedida e um boné do América de Minas. Ficava sempre ali pelo Bar do Jeremias no centro, geralmente do lado de fora. Quase não bebia, mas não recusava um cigarro ou teco, aceitando os dois com uma alegria infantil. Ainda assim tinha fama de bêbado por sua pronúncia toda derramada e por não parar de falar. Todo mundo que chega no bar é de algum jeito interpelado por Sandro, com voz forte ou fraca.

— Você parece amado, hein? Ou. Alguém te ama, não ama? Hein?

Quase ninguém respondia. Ele falava isso pra praticamente qualquer um que estivesse sozinho. Pares de pessoas, de qualquer ordem, ele quase sempre recebia com:

— Eta. É o amo-o-or.

E um sorriso tristíssimo.

Muita gente reclamava com o Jeremias, pediam para enxotá-lo, mas ele morria de pena, e além do mais o Sandro era América; os americanos eram poucos e minguavam, por isso tinham que se unir, ele sabia. Jeremias sempre dizia que Sandro era inofensivo.

Havia quem contasse que ele teria sido expulso de casa pela mulher depois dela encontrá-lo no banho com o sobrinho de quinze anos. Agora morava com a tia e dormia umas noites na rua. Outros falavam que isso era maldade, mas ninguém confirmava ou desconfirmava a história.

Ele se oferecia para toda e qualquer pessoa que estivesse sozinha. Mas sua forma de se endereçar às pessoas (a meia distância, sem olhar diretamente pra elas, apenas modificando o seu fluxo contínuo de fala incoerente para tentar iniciar uma conversa) não costumava dar muitos frutos.

Um dia Renato saiu do bar completamente trêbado, umas três e tanto, vendo que dali não ia sair nada e ainda insatisfeito com a ideia de ir pra casa

com tesão e sozinho. Viu Sandro lá no seu posto revirando o cinzeiro de fora do bar em busca de uma bituca fumável, levou ele pros fundos, pôs a mão dentro dos seus shorts amarelos, tirou o pau roxo e fedido pra fora e chupou com entusiasmo até Sandro gozar na sua boca (o que não demorou muito). Sandro agradeceu umas cinquenta vezes na voz mais doce do mundo. Até hoje Renato considera aquele um de seus atos mais cristãos.

>>

43.

<

Quando sua tia Elaine chega, no final da manhã, os dois ainda estão conversando. É uma senhora rija e magérrima com um sorrisinho fixo, mesmo que às vezes triste. Ela parece derrubada como sua mãe, fala que tá lidando com a funerária. O enterro vai ser no final da tarde. Ela cumprimenta Murilo do jeito que geralmente cumprimenta, meio assustada. Fala que tinha visto a foto dele no jornal, dá parabéns. Ele não sabe o que responder, só faz um barulho disforme enquanto sorri.

Embora chamem de tia, ela é na verdade prima de seu pai, a única família que ele ainda tinha na cidade, depois do irmão morrer uns anos antes. Havia sido muito próxima do casal quando Murilo era criança, mas acabaram se afastando depois, ele nunca entendeu o motivo. Os três vão no carro dela até um restaurante tradicional de carne de sol que tem ali do lado, um que frequentavam no passado, mas que tinham parado de ir porque Válder achava que tinha encarecido mais do que merecia. Ficam o almoço conversando sobre ele, sobre como era bonito na adolescência e na juventude, a teimosia, a frustração dele no trabalho. Murilo ouve tudo com atenção como se estivessem falando de alguém que ele mal conheceu.

A sua tia faz menção duas vezes a um incidente no trabalho que Válder nunca teria superado.

— Aquilo ali, viu? Aquilo ali tirou dez anos da vida dele. Além de ter quebrado a carreira dele no meio.

A mãe não disse nada, mas parecia concordar.

Quando Elaine foi ao banheiro, Murilo perguntou pra mãe que história era aquela. Ela respondeu com alguma impaciência.

— Foi pouco depois que seu pai passou no concurso do Senado. Já tinha sido efetivado, mas tava lá tinha poucos anos. Muito antes de você nascer. Pediram pra ele fazer um negócio e ele viu que tava errado, falou que não ia fazer. Nunca me explicou assim no detalhe, na verdade. Mas falava que era uma coisa horrível que eles tavam fazendo. Eu sei que depois disso começaram a excluir ele, impedir que ele ganhasse os adicionais, que avançasse na carreira. Jogavam ele pras piores funções. Aquilo foi ruindo ele por dentro,

com o tempo. Ele dizia que tinha superado, mas acho que ele nunca superou.

Pensando melhor, Murilo até se lembrou de ter ouvido aquela história sim. Lembrou-se de ser bem novo e escutar o pai reclamar daquilo, como reclamava dos políticos e da Seleção Brasileira. Mas Murilo nunca tinha diferenciado muito os objetos da sua irritação. Imagina de repente o rancor do seu pai com o ambiente de trabalho se acumulando ao longo de anos como detritos tóxicos de mineração numa barragem. Sempre tinha entendido o humor de merda do pai como um fato natural anterior a qualquer determinação, agora tentava pensar nele se endurecendo com as intempéries do tempo. E não só por causa do trabalho, mas por causa dele também, Murilo. Do tanto que ele, aparentemente, havia tornado tudo mais difícil. E por quê? Se essas eram as desculpas do pai, qual era a desculpa dele?

O enterro tem só eles três, mais dois amigos do trabalho e um conhecido antigo do futebol (de quem Elizete nem lembrava). Nenhum familiar se prontificou a viajar, embora dois tenham mandado flores. O padre fala por um tempo enorme da ressurreição, e sua mãe ouve tudo com uma cara impaciente, só Elaine parece tirar daquilo algum conforto. Murilo vê o seu pai deitado no caixão, uma renda fininha guardando o seu contorno ali dentro, a expressão ao mesmo tempo pálida e brilhosa como de um boneco de cera. Não há nada mais natural e nada mais incompreensível do que um cadáver. Murilo entendeu pela primeira vez porque faziam aquilo. Não é que tornasse mais fácil de entender, a morte continua inaceitável, mas há algo na materialidade de encarar um corpo desativado que ajuda a se acostumar com a brutalidade da ideia. Era como se até aquela hora parte dele ainda suspeitasse que o pai fosse do nada sair do quarto ou do banheiro, uma toalha nos ombros, o rosto cansado. Mas não. Aquela composição, aquele arranjo ambulante de carne já tinha ido embora, não tinha volta. A ideia de enterrar alguém dentro de uma caixa ainda parecia mórbida a Murilo, mas ele entendia agora a necessidade do ritual. De algum ritual. De fato alguma ficha caiu ali dentro que não havia caído antes. Ele imagina as entranhas do seu pai ardendo e doendo, vermelhas e pulsantes. Uma dor interna se adensando e se aprofundando ao longo de meses. E aquelas mesmas entranhas agora apagadas, servindo de ambiente e alimento para outros seres.

Na hora de jogar a terra no buraco, Murilo observa a dupla de coveiros e a sua naturalidade com aquilo tudo. Aquilo pra eles não era nada além de mais uma tarefa no dia. Eles claramente tentam se mostrar respeitosos, falando

baixo um com o outro sobre algo casual e dissociado do que estão fazendo, mas quando começam a jogar terra no buraco, depois de baixarem o caixão, tem algo no gesto que deixa sua mãe desesperada. Talvez tenha sido o baque surdo e ritmado de terra caindo na madeira, tudo que tinha de bruto implicado naquele barulho. A fatalidade e a sua cadência. Ela não fala nada, mas assim que vão caminhando pro carro de Elaine, ela vira para Murilo e desaba nos seus braços. Ele vence seu constrangimento inicial e tenta apertá-la forte, só percebe depois de alguns segundos que também está chorando junto. Nenhum dos dois consegue falar coisa com coisa. E ele percebe de um golpe só, um interruptor ligado num quarto muito escuro, que ele vai conseguir cuidar da mãe, sim. Claro que vai. Ele não tem nem opção.

>

44.

<<

O Renato amava dançar. Ama, quero dizer. Pensa numa pessoa que realmente não devia ter ficado aleijada (não que alguém deva, mas enfim). Eu sei que não é assim que fala mais, foi um deslize. Esqueci qual o jeito certo. Na primeira vez que eu vi ele assim, acho que uns dois anos depois do acidente, fiquei chocado de ver a mobilidade que ele já tinha. Claro que ainda tinha dificuldade pra caralho, também, dava pra ver, e na época mais do que hoje, mas aquele corpo dele tão líquido parecia que já tinha se forçado a dominar aquela configuração nova. Te juro que não parecia, assim, assistindo, que faltava alguma coisa. Parecia que ele tinha nascido assim. E na época ele ainda não tava com aquela prótese sinistra que ele foi arrumar depois, toda estilosa. Que ela arrumou pra ele, né? A primeira prótese que ele arrumou era tão ruim que ele quase não usava. Ficava com a muleta na maior parte do tempo. Aquela perna sem ter a companheira pra ajudar, o movimento em falso que o cotoco fazia às vezes. E a cada hora ele negociava o equilíbrio mambembe de um jeito diferente.

Foi no interior de São Paulo, em 2005. Não ouvia falar dele tinha três anos. Do nada, um dia, recebo uma ligação de um psicólogo falando que um certo Laurivan tinha me botado como seu único contato de emergência. O cara foi atrás de meio mundo até me achar, desses funcionários públicos que carregam tudo nas costas. Falou que tinha sido detido por ameaçar várias pessoas numa churrascaria com um espeto cheio de coraçãozinho, e insistir reiteradas vezes para que o músico presente tocasse uma canção de Guilherme Arantes “imediatamente” no seu teclado (o que ele me negou depois com veemência, dizendo que era um exagero, ele não tava ameaçando ninguém, só estava sendo enfático, que as pessoas não têm senso de humor).

Uma semana depois eu tava lá. Nervoso pra caramba. Nunca tinha entrado num hospício antes (eles não chamavam assim, mas era assim que eu chamava pra mim mesmo enquanto entrava). Foi difícil chegar, era numa área rural. Tinha um pátio de chão verde e umas plantas feias moribundas, fiação exposta no corredor. Uns velhos sentados juntos num canto, conversando e jogando dominó, uma mulher de uns quarenta anos e uma expressão muito forte andando sozinha e fazendo movimentos erráticos com o cotovelo. Em

alguns, você via exprimido no corpo o que parecia ser um registro de intensidade muito maior do que o suportável, e em outros você via o contrário, uma carcaça vaga e rala que parecia inconsciente de onde estava. Esse segundo grupo devia ser pelo remédio. Remédio desses pra cabeça me dão tanta agonia quanto doidura em si. As duas coisas se misturavam tanto no caso da minha mãe, que é hipocondríaca e viciada em qualquer coisa receitável, que pra mim a imagem de uma coisa sempre puxa a outra. O meu sentimento ali diante daquela gente era de gratidão. Eu tenho muita merda na cabeça, viu, mas eu sei que quase sempre dá pra ser pior. Bem pior. Não sei até onde vai o céu, mas o inferno não termina nunca. O fundo dele não tem fundo, já diria o outro.

O Renato tava bem no canto do pátio, num banco pintado recentemente de amarelo, fumando um cigarro e usando um gorro cinza e rosa. De calça de moletom cinza toda suja e uma camiseta amarela-clara do Roberto Carlos. Tava frio no dia. Ele chorou quando me viu, falou que não precisava ter ido, aí me abraçou e beijou minha orelha. Agradeceu doze vezes (aprox.).

Eu perguntei o que tinha acontecido com a perna (não falei assim, né, acho que só indiquei com a cabeça e uma cara compungida). Ele falou que perdeu salvando três órfãos de uma motosserra desgovernada. Eu fiz cara de anram, beleza, ele falou que era mentira, que tinha sido só um órfão, só. Ele sempre teve essa coisa de transfigurar a vida sofrida dele numa comédia. Não sei como. Mas foi a única vez que ele não me convenceu, de fato, que achava graça. A dor tava estampada demais para sair quando ele abria o sorriso, mesmo aquela lapa larga de sorriso que ele tinha, uma lua toda envergada.

Falou que tinha passado por uns momentos escrotos, mas que agora tava ficando melhor. Tinha voltado a ler muito e tava querendo estudar. Falei que podia ajudar ele um pouco. Ele fez uma cara de quem duvidava mas falou que ficava muito agradecido. Falei que com grana não ia rolar tanto, porque tava curta (e era verdade, eu tendo já dilapidado quase tudo que restou numa recaída braba depois que minha mãe morreu, fora a casa em Belém), mas que podia sempre mandar livro. Ele perguntou o que eu sabia dos irmãos. Conteí que a Eva tava lá no Canadá trabalhando, que eu tinha arrumado um jeito dela chegar lá (tive que contar pra ele que na carteira falsa que eu fiz pra ela, ela chamava EVA GOMES – porque eu não consegui inventar nada melhor na hora – Renato riu pra caramba, sabendo que ela deve ter ficado puta).

Ele não sabia o que tinha acontecido com o Emerson. Eu tive que contar. Ele não conseguiu dizer nada em resposta, só ficou pasmo.

Eu perguntei que que ele tinha feito pra ser levado pra lá, ele não quis me contar. Falou que tinha passado uns meses ouvindo vozes e tendo umas ideias erradas. Mas que não era loucura-loucura, ele jurava, era só o desespero de sempre, do dia-a-dia, mais desconforto extremo, esculacho generalizado e uma péssima combinação de substâncias. E aí falou que a vida dele sempre tinha sido complicada, toda acidentada, e que quase que o único período bom-bom mesmo dela tinha sido lá em Belém comigo e com os irmãos. Que a gente tinha não só ajudado ele, mas mostrado um bando de mundo que ele nunca imaginava e que ele acha que nunca teria descoberto sem a gente. Deixou ele ganhar confiança pra se desdobrar depois de outros jeitos que ele jamais imaginaria quando moleque. Fiquei emocionado pra caramba, meus olhos chegaram a marejar.

Conversei antes de sair com o psicólogo dele, um lacaniano novinho muito simpático, meio labrador humano de espírito, que parecia um Osvaldo Montenegro mais sorridente. Fiz todo elogio verdadeiro sobre o Renato que consegui imaginar. Ele disse que todo mundo lá gostava muito dele e que se impressionava muito com a cultura do Renato. O único problema do comportamento é que ele tinha transado com boa parte dos internos, mas mesmo isso no final das contas acabou se mostrando positivo ali pra comunidade, apesar de uns drama de ciúmes cujas consequências ainda se desenrolavam.

Quando a gente tava se despedindo, Renato falou que iria pra BH depois de lá porque tinha um amigo dono de uma videolocadora que lhe ofereceu um emprego. Eu falei pro Renato que tinha um lar mantido por uns amigos franciscanos meus na cidade onde ele poderia, quase certamente, morar por um tempinho. Dei o nome e o contato lá dentro. Ele falou que iria pra lá com certeza, mas, pelo que procurei saber, nunca apareceu. Talvez por orgulho de receber ajuda, talvez pelo constrangimento que dá ficar entre franciscanos, com aquela bondade toda borbulhando como refrigerante diet. Depois disso, nunca mais vi a figura.

>>

45.

<

Murilo passa a acordar cedo sem querer, todo dia desperto e sem sono lá pras sete e pouco. No segundo dia, decide empreender uma faxina, percebendo que o estado nunca extraordinário de limpeza da casa havia chegado a níveis ainda mais preocupantes. Consegue varrer alguns cantos, passa um pano mixuruca com detergente que até melhora a situação, mas sente que não adiantou tanto. Outros cantos mostram-se resistentes aos panos encardidos e ao aspirador de pó desalentado, que puxava sujeira sem nenhuma convicção, vomitando poeira velha de volta. Decide que vai atualizar os equipamentos e materiais de limpeza da casa em breve, só não naquele mesmo dia. A mãe já fica impressionadíssima quando acorda e nota a pequena melhora, chega a rir quando imagina a cena dele tentando usar aquele aspirador velho.

Depois de uma semana de volta, Murilo acorda um dia descobrindo, por um e-mail da agente, que enfim saiu o texto da garota turca. De cara vê que é um texto comprido (a barra de rolamento ao lado fica pequenininha quando ele abre). Puta merda, já sente suas extremidades esfriando. Vai lendo apressado, ansioso pra ver se tem alguma coisa bombástica. Acaba que o texto é menos sobre ele e mais sobre o Fábio, argumentando que teria surtado perto do final da vida a partir do relato de alguns amigos e de outros sinais documentados. O tom era uma mistura de relato jornalístico e ensaio pessoal. Além de pessoas que o conheceram no campus durante esse período, havia um funcionário do dormitório onde ele estava, e todos davam relatos consistentes sobre o seu comportamento excêntrico. Saía de madrugada pelos dormitórios batendo na porta de gente que ele não conhecia, andava fantasiado com bigode postiço, fazia perguntas estranhas para os poucos amigos que havia feito, como se todos estivessem fazendo parte de uma pegadinha armada contra ele. Chegou a entrar de madrugada no quarto de uma estudante asiática que estava dormindo pelada, embora tenha pedido desculpas enfaticamente e saído correndo em seguida, gritando que havia se enganado. Este último incidente gerou uma pequena intervenção da direção, e a visita da mãe teria vindo poucos dias depois disso.

Fatma cita ainda amigos brasileiros do Fábio com quem ela também conversou e que confirmam que ele voltou muito estranho dos EUA. Segundo ela,

os amigos que ele encontrou no tempo entre voltar a Goiânia e seu suicídio (e ela tratava a morte como um suicídio evidente, quase inequívoco) relatam uma pessoa desconfiada, tensa, que parecia suspeitar a participação dos seus amigos mais próximos em alguma trama perversa.

A menina argumenta então com muita veemência que o conto comprido ou novela que serviu de base para Murilo confeccionar o Concreto Armado, assim como vários dos trechinhos adicionais do mesmo universo ficcional, eram, na verdade, o testemunho de uma mente doente e doída, cujos momentos mais salientes e expressivos haviam sido retalhados por um editor repressor e reprimido. E cita, nesse sentido, vários trechos que Murilo achou melhor tirar, a maioria por achar bobos demais, proselitistas demais, incoerentes ou só mal escritos. Em especial umas partes enormes que falavam de ciúme e de pornografia, da ABIN e da Polícia Federal.

Só lá pro final do texto que Murilo realmente aparece, pouco mais do que uma figura mesquinha e covarde que tira tudo que tem de radical e estranho no texto do amigo para transformar sua morte num evento literário facinho e digestível, com leves pitadas fajutas de pretensão eco-feminismo e imaginação utópica clichê. Diz que a obra final é muito inferior ao que havia de potência criativa real nos escritos do Fábio (ainda que esses fossem também, sem dúvida, erráticos e inconstantes na forma e no arremate, ela admitia). A ofensa estética incomoda Murilo mais do que a ética.

Sente-se principalmente injustiçado pelo texto, e com isso sua vontade é de logo desconsiderá-lo por inteiro, mas partes do argumento sobre Fábio o deixa muito perturbado. Também não ajuda que a garota escrevesse tão bem, como Murilo já sabia que escrevia. O estilo fluido e persuasivo dela transformava um relato extremamente parcial numa configuração que agora passaria a parecer irreversível para a maioria dos leitores, com certeza. Mesmo gente que simpatizasse até então com Murilo, ele imagina, poderia mudar um tanto de opinião. Não demoraria para que alguém traduzisse, já deviam estar resumindo os pontos no twitter. Surgem na sua cabeça alguns rostos atraentes de rede social lendo a matéria, o rosto de desaprovação iluminado pela luz fria do aparelho.

Lembra de como Fábio lhe pareceu naquela última noite, a única em que se encontraram cara a cara. Ele tava mesmo muito estranho, mas Murilo não tinha nenhuma referência prévia ao vivo e a cores pra saber como ele se comportava no dia a dia. Achou que aquele jeitão exasperado e irrequieto

era só o jeito dele.

Termina o texto ainda deitado na cama e a vontade imediata é de continuar umas horas ali deitado, se lamuriando e observando aquilo reverberar, a repercussão engrossar na internet. Imagina já oitenta por cento das pessoas concordando com ela, rapidamente piorando e amplificando os termos do que ele fez e deixou de fazer.

Antes do livro ser publicado, Murilo nunca havia tido uma relação ansiosa com redes sociais. Usava pouco, e nunca teve perfis públicos. Foi só depois do livro que ele mudou a conta do twitter para seu próprio nome, e tentou, dentro dos limites do seu constrangimento, produzir algo como uma performance pública de escritor. Não postava com frequência, mas vivia pensando em tuítes que acabava não postando, e já gastava com isso mais tempo nisso do que gostaria. Postava piadas convolutas e extremamente específicas que não faziam sucesso, e deletava horas depois. Quando tinha lá uns trezentos seguidores, não se incomodava tanto quando uma piada boba não ganhava like algum. Agora que ele tem dois mil e tanto, acaba dando uma importância enorme à maneira com que tudo que ele posta ressoa ou deixa de ressoar. Ele se vê pensando em 140 caracteres, e podando o que vai falar para não melindrar tal ou tal pessoa que ele sabe que agora o segue. Uma boa parte dos seus dias nos últimos meses parecia ser gasta tentando buscar aquelas descargas imediatas de aprovação.

Por isso mesmo, por saber que uma porção desmedida da energia vital dele já andava depositada naquela plataforma, Murilo decide evitar a vontade mórbida e quase irresistível agora de ver o que estão falando dele por lá. Ele se força a levantar e preparar o café junto com a mãe. Vê no jornal (que eles ainda recebem embora quem realmente lesse fosse o Válder) que vai passar o terceiro filme do Dr. Mabuse no Cine Brasília e chama a mãe para ir lá na sessão das 17h. Ela fala que não vai naquele cinema tem bem uns vinte anos e que nunca ouviu falar desse filme, mas aceita. Os dois vão caminhando até lá, Murilo tendo que reduzir o passo pra não ficar ultrapassando ela o tempo todo.

Ela acha o filme muito estranho, mas bom, e principalmente parece feliz de ir lá com ele. Diz que havia esquecido como era bonita aquela sala. Na volta, comem duas fatias de pizza Dom Bosco cada.

Só quando a mãe vai dormir é que ele se permite a voltar a pensar no texto

sobre o seu livro e o Fábio de novo. Volta para os seus rascunhos e tenta procurar mais sinais do que teria acontecido com ele.

>

46.

<<

Quando Tamires acende a luz do quarto vê que Rafaela tá deitada numa das camas, acumulada num canto perto da parede, o lençol todo desfeito.

— Opa, foi mal. Não vi que cê tava aí.

— Tranquilo. Não tava dormindo não.

— O povo já tá todo todo lá fora. A Amanda dando a aula de Yoga lá dela com o Renato. Achei que você tava fazendo com eles.

— Eu tava, mas cansei.

Tamires não era de perguntar muito como as pessoas estavam. Mas já tinha percebido antes que Rafaela parecia deslocada, e isso ela conseguia entender muito bem. Ela tem que ajudar o Pedro a cozinhar, mas decide sentar um pouco no pé da cama antes.

— Tá tudo bem, querida? Cê parece desanimada.

— É, sei lá. Bateu um medo de repente. Eu fiquei um tempo meio no delírio aqui de vocês, entrei total na onda. Mas aí eu me liguei que fui eu que me arrisquei mais aqui. De todo mundo, sou a pessoa mais fácil de acharem pelo Jarbas. Eu que não sei o que vou fazer da vida depois, não sei nem onde vou morar. E se der merda eu é que vou me foder. Com certeza.

— Relaxa, não vai dar merda. Amanhã a gente deixa ele lá no posto e pronto.

— Será? O Renato fala daquele jeito e parece simples, mas porra.

— É, eu sei. Na real eu também tou com o cu na mão.

— E, assim, eu não sei de você, não sei do Renato. Mas claro que se der merda os outros vão ficar de boa. Eles têm grana, os pais deles são isso e aquilo.

— Mas essa é a ideia, né? O carro é do Pedro, o sítio é de alguém lá da Amanda. O Renato acha que isso vai proteger todo mundo. Eles não vão querer que isso vire um escândalo, sabe?

— É, eu sei, eu sei. Ele me falou. Faz sentido, até. Mas porra. Eu já tou vendo. Que se der merda eu que vou me foder. E eu não vou me foder sozinha.

— Relaxa. Ninguém vai se foder. Pelo menos ninguém vai se foder sozinho. Prometo. Se tem uma coisa que essa galera sabe fazer é se foder juntinho.

Rafaela olha pra Tamires com uma cara pouco crente. Ela tentou fazer uma piada, mas queria dizer algo que fosse verdade. E ela mesma percebe que no fundo não sabe se acredita no que acabou de dizer. O Brasil era o Brasil, afinal. Só se fodiam de verdade alguns, e os de sempre.

Só Tamires e Renato conheciam Eva-Evandro, só eles haviam administrado a injeção na nuca dos sequestrados, sem que os outros vissem (fingindo que só cortariam o cabelo). Só eles sabiam que havia sido ela quem tinha escolhido os alvos e dado todas as informações precisas sobre a rotina deles. Além de ter sugerido, antes disso, que os dois se aproximassem de filhos revoltados de gente poderosa (tanto para conseguirem meios materiais para a operação quanto para ajudar a evitar qualquer repercussão eventual).

Tamires às vezes se sentia mal de se aproximar cada vez mais de pessoas com quem ela não estava sendo exatamente honesta. Mas lembrava da Eva falando que assim era melhor, que assim todos estariam mais protegidos, e tentava acreditar nisso como podia. Lidar com uma dose de doidura por vez ajudava, deixava a irrealidade geral da coisa toda se dilatar e arrastar no tempo, até virar algo como a realidade anterior. Só que essa nova realidade que chegava era dez vezes mais vívida que a de antes, mais densa e espessa, com o volume todo no talo, o gravão tremendo o peito e a roupa.

>>

47.

<

Murilo percebe que tem vários rascunhos de Fábio de uma mesma semana (que se deu mais ou menos um mês antes da sua morte). Ele já tinha começado a ler alguns logo que abriu a conta pela primeira vez, mas não tinha terminado de ler a maioria daquele bando, principalmente porque davam muita agonia. Todos eles, em algum nível, destoavam do resto da conta toda. Agora ele lia até o fim cada um deles em busca de sinais.

Eu não sei mais o q q ta rolando. N sei mesmo. Alô Lombardi, produção? Sei que não aguento mais nem uma semana disso. Eu fico em casa e abro o computador e tudo parece que tá me falando alguma coisa. Eu saio pra andar sem internet pra espaiar e tudo aqui em volta parece programado, parece pré-montado pra me receber, como um quarto de hotel iterado até preencher meio continente (e sempre +1 quarto, sempre +1 quarto, pro lado). Não é à toa que esses imbecis do vale do silício acham que a gente mora numa simulação. Essa terra é toda igual a ela mesma, é uma mesma imagem morta de uma família puritana branca parindo a si mesma várias vezes, querendo engolir o mundo todo pra cagar frutose de milho e garfo de plástico embalado em plástico dentro de um saco plástico.

Todo dia eu arrumo e descarto mais ou menos uns vinte esquemas diferentes pra explicar o que tá acontecendo comigo. Por algumas horas ontem achei que uma inteligência artificial experimental criada para simular a consciência dos mortos tava se comunicando comigo por uma conta no twitter. Claro que estaria, como não?

Depois me vi crente-crente que uns e-mails que eu tinha lido na lista do Pynchon sugeriam que talvez houvesse algo enterrado pra eu desenterrar num cemitério em Boston. Anram. Isso porque encontrei versos modificados do Wallace Stevens num e-mail que fazia uma piada sobre documentos enterados em criptas, daí abri o artigo da Wiki do cemitério onde ele tá enterrado, abri um PDF com um mapa do lugar, encontrei sinais evidentes deixados para mim ao longo do documento. Só alguém que me conhecesse perfeitamente conseguiria deixar essas pistas. Mais pronoia que paranoia, saca. Risos. O tanto que fui mimado e criado com carinho (ainda que não d'Ele), senhor num país escravos. O mais estranho é que eu sei de onde vem. Sei que tem a ver

com uns delírios de grandeza, com narcisismo, de achar que tudo tem que se referir de volta pra mim e às minhas poucas neuroses, minhas culpas e medos particulares (talvez porque na prática o mundo de fato é todo concertado para me servir, eu enquanto membro do 0,01%, risos) Só sei que eu acordo da noite aterradora e tudo parece ativado de novo. A normalidade que eu sempre conheci no Brasil não vem, nunca chega. Tudo tá falando comigo, comunicando alguma coisa, me vendendo algo, me chamando psiou como o sapo de fraque que só dança quando ninguém mais tá vendo, tudo se ligando a algum trem que se liga a um outro trem que se liga a uma cadeia iterativa da qual sou um peido molhado e, no final de tudo, à morte, o único denominador comum de verdade. A Grande Equalizadora. Na maior parte do tempo, ele tentava se separar dos movimentos pelos quais sua cabeça passava, como se estivesse observando de uma distância segura os afetos que eles envolviam, mas ele continuava perseguindo aquilo. Fazendo trajetos pelo campus, deitando eventualmente e olhando pras estrelas como se lhes requisitasse instruções adicionais do que fazer.

Fui ver um filme outro dia no espaço de artes todo lindoso que tem aqui depois de ver um papel num poste anunciando a sessão que de algum jeito me pareceu claramente que tava ali só pra me alcançar. Porque claro que estaria.

O filme era um negócio arrastado sobre uma mulher que encontrava uma mala de fitas e as escutava em casa. Elas eram de um casal que viveu nos anos quarenta e gravava recados um pro outro, a maioria deles sacanas, descrevendo o que tinham feito juntos, e a masturbação durante a distância, e o que iam fazer no próximo encontro. Então tem essas fitas e várias pessoas ouvindo elas e fazendo caras de apreciação e surpresa diante dos barulhos arrastados e ruidosos dos gozos velhos e pitorescos daquelas pessoas (as fitas estão em péssimo estado de conservação, parte do filme envolve a sua recuperação técnica cuidadosa por uma equipe diligente de senhoras de uma universidade canadense). E o gozo solitário, que era gravado para não ser solitário, e que agora reverberava muito além do seu destinatário inicial. E todo mundo percebia que se gozava diferente antes de se ter sons de gozo simulado amplamente disponíveis por aí. Ou pelo menos aqueles dois davam essa impressão. E no meio do filme eu comecei a ter certeza de que eu tava ouvindo eram os gozos da Flávia, uma menina com quem eu tive um negócio uma vez. E que o filme era uma espécie de farsa muito elaborada que ela estava fazendo em colaboração com alguma outra pessoa com muito dinheiro

e meios, e que o odeia o suficiente para tanto (o meu pai, portanto). Por mais que ele percebesse os vários saltos no seu raciocínio, percebesse que aquilo tudo não fosse nem remotamente provável, ele ouvia o gozo gravado e achava que era o seu, ouvia o gozo dela achava que era da Flávia. Não tinha nem ideia porque, mas era o que sucedia, era o que soava. Espera até o final do filme que algo extraordinário e além de qualquer razoabilidade seja revelado, mas o filme apenas se arrasta por mais meia hora e termina. Ele lê os créditos de maneira meticulosa e acha que capta pelo menos três piadas internas evidentes endereçadas à sua pessoa. Muito sutis, mas evidentes. Quem quer que estivesse pregado essa peça nele certamente era muito esperto. E muito engraçado. Isso ele tinha que admitir. Mas ainda assim favor parar.

O fato do negócio mudar da primeira pra terceira pessoa, assim do nada, era o que mais tocava Murilo. Podia ser só um deslize de alguém escrevendo chapado, mas podia ser outra coisa.

>

48.

<<

Eu já tinha feito cinco gravações bem sucedidas com a 3i quando deu errado pela primeira vez. No Brasil, em São Paulo, logo a primeira que eu mandei fazer no terceiro mundo. O cara chegou a morrer, imagina. Claro que não fiquei nada feliz, ninguém queria que isso acontecesse. É possível que tenha acontecido porque não mandei minha máquina original para o Brasil (basicamente porque não confiava no lugar). Então mandei a cópia que mandei fazer em Shenzhen (os caras de lá são capazes de fazer engenharia reversa de qualquer coisa).

Ela tinha funcionado direito aqui em casa, então não sei se lá na hora deu problema sozinha ou se sofreu algum dano durante o transporte. Eu adoraria saber, até pra já apanhar o elo fraco na cadeia e não repeti-lo. De todo modo, enfim, eu a perdi e não acho que vá recuperá-la. Foda-se, também. Pelo menos a gravação foi feita e enviada para nuvem com segurança antes da lambança final acontecer. Acabou saindo a foda gravada mais cara da história, com certeza. Em mais de um sentido.

E o pior é que quase valeu a pena. Meio cretino dizer, mas enfim, não sou nada senão honesto. E não por ter gravado a foda com a garota, que, apesar de ser uma baita duma gostosa, parecia encabulada durante a coisa, meio fria. Talvez por saber que estava sendo gravada, claro. Nem todo mundo tem aptidão, digamos, pra fazer aquilo. Eu devia aprender a julgar este talento melhor, aliás, antes de encomendar uma operação desse tamanho. Se for pra gastar um braço e uma perna, se for pra matar alguém, que valha a pena. Rio de mim mesmo, e depois me benzo, fechando a cara. Até eu admito que exagero às vezes.

Os caras que meu atravessador local arrumou deviam ser uns broncos, lidaram com a coisa dum jeito péssimo. Mas prefiro esquecer dos detalhes, de todo modo, não valeu tanto pela garota, valeu mais pelo fim, mesmo. A conclusão macabra da gravação acabou sendo o diferencial, a sensação integral do rapaz gozando e morrendo logo depois, até o arquivo travar.

Quando recebi o arquivo, acabei dando para o meu valete, Tamaz, experimentar antes de mim. Dizendo pra ele que devia ser uma delícia, claro, e

não que o arquivo me assustava. Era meu assistente pessoal em casa há anos, agendando meus compromissos e comprando minhas passagens, fazendo minhas compras de natal etc. Ele foi introduzido à máquina por necessidade, e acabei com o tempo convencendo-o a experimentar os arquivos (prová-los, na verdade). Desde o início a ideia era usá-lo um pouco como cobaia para arquivos novos, mas eu honestamente também queria compartilhar aquilo com alguém.

Eu não tinha muito intimidade com os outros usuários da 3i que eu conhecia (era como Eliot chamou um dos protótipos, querendo dizer INTEGRAL IMERSIVE INTERACTION, ou algo assim, embora todos lhe dissessem que achavam o nome inviável, como produto).

Geralmente, Tamaz parecia contente em experimentar. Nesse caso, ele se mostrou meio relutante. E claro que eu entendia o porquê, não dava pra saber se aquilo seria seguro. Considerei a possibilidade de contratar uma cobaia, mas já tinha gente demais envolvida com aquela história. Ficamos em silêncio por um tempo, eu mexendo no couro velho e abatido da poltrona de seu escritório (que já foi o escritório do assistente de meu pai). Tamaz eventualmente disse que se dispunha a prová-lo. Mas que eu deveria cuidar de sua esposa e filha se algo acontecesse com ele.

Achei a declaração meio solene demais, e acabei rindo. Mas concordei. Ele era um tolo de aceitar aquilo como acordo verbal, considerando como eu sou uma pessoa voluntariosa e volúvel (palavras dele, num contexto que ele não sabia que eu tava ouvindo). Mas acho que teria cumprido o acordo, sim, se algo tivesse acontecido com ele, mas não aconteceu. Ele foi pra casa em seguida e disse que experimentaria o arquivo antes de dormir.

(Não fazíamos a coisa um na presença do outro, claro, isto seria estranhíssimo).

Encontrei Tamaz de manhã, mais cedo do que costumo descer para encontrá-lo. Ele estava sério, disse de cara que jamais gostaria de repetir a experiência, com certeza, mas que agora que passou sentia que gostava de tê-la tido. Certamente não foi prazeroso, e nem agradável, mas ele sente que passou pela morte e voltou, mesmo que de mentira. E se sente transformado por isso.

Tamaz falou isso numa seriedade que jamais havia manifestado comigo, e que me constrangeu. Meu instinto, como sempre nesses casos, era rir. E eu de fato esbocei um sorriso grande. Ele não reagiu. Isso só me deixou mais

constrangido, eu queria parar de rir, mas não conseguia, minha boca se contorcia sozinha num esgar involuntário e mal reprimido. Eu pedi desculpa por ter feito ele passar por aquilo e disse que não sabia se experimentaria eu próprio o vídeo, se era tão desagradável assim.

Passamos uns quinze minutos discutindo desenvolvimentos recentes do meu portfólio de investimentos, que havia se diversificado bastante depois da venda que minha família fez do império de gás natural e energia do meu falecido pai. Eu hoje estava distribuído em quatro bancos em três países diferentes, com bens igualmente distribuídos pelo mundo. Meu pai era um dos tubarões que tinha os contatos certos para conseguir as oportunidades de privatização da região depois da queda do muro. Um advogado e lobista que trabalhou no setor de energia pública por anos até sentir o sangue espalhando na água. Deixou uma montanha de dinheiro e de dívidas, de amigos e inimigos, na Ucrânia, na Rússia, na nossa Geórgia e onde mais se quisesse. Nunca o conheci muito bem, ele não tinha paciência para crianças, nem para adolescentes. Eu nunca nem sonhei que conseguiria um dia herdar aquelas responsabilidades. Ainda mais depois de ver meu tio, um velho inescrupuloso e obsessivo, falhar em manter o domínio sobre a coisa toda e tentar por alguns anos com toda a energia que tinha em seu corpo rijo de abutre.

Vender a carcaça do império para um grupo russo, mesmo que abaixo do preço, me parecia ótimo, embora tenha incomodado outros membros da família. Eu só queria o dinheiro, mesmo. Ganhar seiscentos milhões agora me parece obviamente melhor do que talvez ganhar novecentos daqui a cinco ou dez anos. Parece uma diferença abstrata demais, embora seja a coisa mais concreta do mundo. As minhas centenas e centenas de milhões de dólares ficam lá acumulando desde então. Em quinze anos, virou um tanto mais de um bilhão. Isso só delegando as decisões pras pessoas corretas, e fazendo algumas apostas aqui e ali. Algumas delas foram boas, mas não me iludo, sei que as fiz baseado em quase nada além de palpites bem informados. Não toma mais do que umas três, quatro horas da minha semana, se tanto. Por anos eu fazia tudo que bilionários fazem. Iates e jatinhos e os hotéis e restaurantes mais exclusivos, o tempo todo, as iguarias mais exóticas e as safras mais disputadas de Romanée Conti. Tudo isso cansa rápido. Você continua fazendo, e é bom, mas não é nada demais. Nos últimos dez anos, eu quase não jantava fora de casa, quase não viajava, nem mesmo para as finais da Champions. Só via o dinheiro acumular e fazia algumas compras imobiliárias extravagantes

que eu aproveitava pouco (uma vila na Toscana, um vinhedo lindíssimo na Argentina com uma mansão colonial reformada com muito bom gosto, duas penthouses em Manhattan etc). Vivia uma vida extremamente confortável e caprichosa, mas sem requintes muito vistosos, considerando meu estrato.

Sendo franco, posso dizer que já era um tanto viciado em pornografia antes da 3i. Eu já fazia uma “sessão” pelo menos duas vezes por dia, na grande maioria dos dias. Para não dizer praticamente todos (e para não dizer quatro ou cinco sessões, na verdade). Eu sei que é um pouco demais, mas pelo que leio aí de uns doidos no reddit, meu nível é bem normal, diria até saudável, talvez. Tem gente muito, muito pior.

E já acho o hábito um progresso, ainda que tímido, comparado a minha relação com prostituição dos dezenove até os vinte e poucos. Para alguém que tinha uma libido heterossexual tradicional, uma quantia ridícula de dinheiro e nenhum grau verificável de carisma pessoal, a equação sempre me pareceu bastante óbvia. Ainda demorei um pouco, considerando o costume da família (começar lá pelos quinze, ir com os primos mais velhos nas casas tradicionais). Fui sozinho, e só aos dezenove. Me apaixonei por uma modelo da Moldávia que fez um comercial da nossa empresa de gás e estava, é claro, tentando me enrolar.

Precisei de um tempo para aprender a separar as coisas. E gastei nuns dois anos muito mais dinheiro do que gastei na década seguinte. Uma montanha de dinheiro em putas russas, tchecas e eslovenas, em festas deprimentes em que três ou quatro delas tentavam fingir que se divertiam. Depois de brochar algumas vezes com umas modelos de Instagram muito antipáticas e presunçosas, depois de acabar saindo no tapa com uma ladrazinha em Kiev, decidi que pornografia era um vício muito melhor. Isso há muitos anos, já.

Por isso que a 3iii aqui teve essa força toda. Veio num mundo que já tinha se estreitado até aquela faixa tinha um tempo. E de repente alguém vem me mostrar que a faixa tinha uma fundura muito maior. E um tipo de fundura que me agradava bem mais do que a fundura do sexo, se encaixava bem melhor com minhas próprias neuras. Depois de evitar repetir demais, no início, eu hoje já usava a máquina todo dia, sem falta, mesmo com a dor de cabeça que ela dava, repetindo obsessivamente as gravações que eu havia conseguido comprar e as que eu tinha mandado fazer. Não me cansava da máquina, mas me cansava das poucas dezenas gravações que eu tinha, ficava sempre querendo outra coisa. Aqui e ali, conversando com as poucas pessoas que

sabia que também usavam a máquina de Elliot, consegui trocar as minhas por outras gravações que começavam a circular entre os usuários. Mas ainda era pouca coisa rodando.

Ouvi falar de uns picaretas que estariam vendendo experiências 3i históricas absurdas como se fossem verdadeiras. Coisas totalmente inacreditáveis que iam de Marco Antônio comendo Cleópatra, coisas do tipo, até o Robert Downey Jr. comendo a Marisa Tomei nos anos noventa. Devia ser uma simulação hiperrealista aí nova, com alguma rede neural combinada com a tecnologia do Eliot, ou alguma coisa assim, claro, nem imagino feita como. O que eu ouvi é que pelo menos dois ou três luminares do Vale do Silício teriam pago uma grana ridícula por elas. Tem que ser muito trouxa. Mas quem sabe elas não valem como simulação, mesmo? Isso na mesma época em que o Eliot morreu naquele acidente estranho com o carro dele. Gente da empresa dele traindo, os ratos abandonando o navio? Vai saber. Sei que é questão de tempo até alguém botar algum desses pra circular.

Além das garotas e atrizes de quem eu encomendava vídeos, a máquina te deixava formigando de outras possibilidades. Eu pensava em maneiras elaboradas para conseguir gravações de atrizes e cantoras famosas transando, mas ainda estou longe de conseguir algo realmente suculento. Enquanto a máquina fosse aparatosa daquele jeito, as gravações teriam que ser consensuais, isso parecia certo. Ninguém vai esconder facilmente que está gravando com aquela coisa toda atrás da cabeça. Eu pensava nisso enquanto Tamaz lia o relatório mensal do hedge fund em que eu tinha algumas dezenas de milhões investido. Quanto será que eu teria que torrar se fosse financiar um aperfeiçoamento da tecnologia? Não sei se é algo insano de sequer se considerar.

Tamaz, aliás, tem uma esposa muito gostosa. Com aquele tempero local, tetas incríveis e uma cara de danada. Eu pensava muito nela enquanto me masturbava, frequentemente ensaiando ao mesmo tempo na cabeça um cuidadoso pedido de quanto Tamaz cobraria para me ceder uma gravação íntima dos dois. Ainda não falei, mas sei que vou falar, algum dia. Só tenho que decidir qual a soma que posso falar que não vai ofendê-lo demais. Penso nele próprio gozando na cara da mulher enquanto o encaro falando sobre futuros de trigo e de petróleo.

Agradeço meio do nada, interrompendo o falatório modorrento dele, e falo que será tudo por hoje. Subo pro quarto pra experimentar a gravação brasileira, ainda tenso a respeito de como seria. Já imaginava como oferecer

depois para Jason e Peter, os outros usuários de 3i que ele conhecia e com quem trocava gravações às vezes. O snuff movie derradeiro, rá. Macabro demais talvez até para o Peter (que aliás, de resto, gostava era de outra fruta).

A transa, como falei, não tinha nada demais. Mas o final daquela gravação no Brasil era de fato a sensação mais intensa, certamente a mais estranha, que eu já tinha sentido. O cume rápido e costumeiro do gozo, que se estende no máximo por alguns segundos, e logo se percebe arrefecendo, continuava prolongando a intensidade até um platô insustentável, e aí começa a doer. Isso acontecia em dois segundos, no máximo. Não sei dizer, mas parece mais. A dor logo se interrompe, os sentidos vão aos poucos também cedendo. Vem um cheiro forte de queimado. Mas um queimado que vem meio de dentro do teu nariz mesmo, não sei explicar.

E aí não há nada. Mas esse nada não há, por um segundo, em você, que ainda está ali super vivo, fechando aquela experiência como parênteses fecham uma oração dentro de uma frase. E aí de algum jeito eu sinto aquele intervalo, aquele vazio, dando lugar ao meu corpo de novo. Era como morrer e renascer. Mas não do jeito fajuto que dizem isso com qualquer merdinha, com arte, com arco-íris, não sei o quê. Tou falando de uma sensação literal de que você deixou de existir e voltou a existir de novo. Tipo como se a tua existência toda, e não só teus pulmões, estivesse prendendo a respiração. E de repente soltasse.

Eu que nunca antes havia visto qualquer graça ou sentido na ideia de reen-carção, fiquei genuinamente emocionado. Eu tinha fungado a própria morte e voltado. Essa máquina era o único entretenimento que importava, o resto era tudo besteira. Tudo morto e enterrado, coisa do século vinte. Amanhã.

Amanhã mesmo, sem falta, eu pergunto pro Tamaz quanto ele quer pra gravar a experiência de meter na gostosa da mulher dele. Tem que ter um número.

49.

<

Depois do sucesso da sessão do filme do Fritz Lang no Cine Brasília, Murilo começa a procurar filmes que acha que podem agradar a mãe. Baixa A Roda da Fortuna, Ninotchka, Serpico, e assistem os três ao longo da semana, ligando seu computador na televisão da sala. Dois filmes mais animados e felizes e um mais bruto, dosados com cuidado. Ela ama todos, “cada um mais lindo que o outro”, fala numa ligação pra Elaine. O tom mais violento do terceiro filme agradou menos, mas o fato de conter o jovem Al Pacino mais do que compensava. Murilo põe pra baixar seu Ozu favorito e dois outros do Lubitsch, um dos quais ele próprio nunca viu antes.

Há meses Murilo recebia vários e-mails por semana a respeito do filme do Renato Mussum. Depois de muito vai-não-vai, finalmente haviam conseguido o dinheiro para a produção alguns meses antes, e as duas primeiras semanas de filmagem seriam ali em Brasília. A maior parte do orçamento havia sido obtido via edital do estado de Goiás, uma parte menor tinha sido por patrocínio via leis de incentivo, e no final complementaram com uma campanha de financiamento coletivo. A princípio, Gominho e a produtora, Rita, tentaram conseguir tudo pelas leis de incentivo, mas as primeiras (e, no final das contas, únicas) empresas interessadas todas pularam fora depois de ler o roteiro. Mas aí teve um edital estadual atipicamente polpudo que acabaram ganhando, e isso conseguiu dar o bastante para complementar com alguns apoios de empresas menores. Muita gente achou ridículo o filme ser feito com grana pública e ainda assim pedir crowdfunding pra complementar (fez sucesso um comentário no twitter dizendo que o pai de Fábio podia financiar a obra toda com folga, tendo já roubado tanto dinheiro de todo mundo). De todo modo, não chegava a ser um orçamento milionário.

Gominho se exasperava com as críticas em público e nos e-mails, dizendo que ganharam o edital porque o projeto deles tava bem feito e tinha relevância e reverberação comprovada, insistindo ainda que o pai do Fábio nem era mais governador do estado. Isso era verdade, mas era difícil não notar que o governo atual era uma continuação quase indistinguível do anterior, tanto em secretários apontados quanto nas alianças na câmara estadual.

Anselmo Carvalho tinha ungido como seu sucessor um jovem protegido

político, Adonis Gurjão. Com quarenta e poucos anos, bombado como um herói de Liefeld, um tipo geral de quem saía do Palácio de Governo direto pra um iate em Angra dos Reis todo final de semana. Adonis ganhou a eleição de 2014 no primeiro turno e com um pé nas costas, e estava bem cotado para se reeleger. Os marqueteiros e analistas todos concordaram que não atrapalhou nem um pouco que Anselmo e a esposa tenham aparecido chorando durante meses em todo jornal local.

Anselmo chegou a fazer um comercial em que andava num gramado florido com Adonis, falando de como o seu amado e falecido filho sonhava com um Goiás melhor, com mais saúde, mais empregos, mais segurança (com fotos de Fábio adolescente e criança, sorrindo, passando sob um sax meloso), dizendo ainda que ele sempre acreditou que o filho ia sucedê-lo um dia na política, se não fosse a tragédia. Mas como em toda crise surgem oportunidades, agora surgia um novo horizonte com ele, Adonis. Justo quando a desesperança bate na porta, a gente responde com otimismo e entusiasmo (o comercial passou por uma semana até a mãe de Fábio vê-lo um dia de madrugada e quebrar a televisão do quarto com uma garrafa de vinho; no dia seguinte parou de passar).

Agora que está em Brasília, Murilo considera dar uma passada no set. Viu pelo e-mail que tinham filmado umas cenas na BCE da UnB e filmariam outras na Esplanada naquele mesmo dia. Nunca tinha conhecido Gominho pessoalmente, mas tinha uma simpatia vaga por ele. Metade da curiosidade era de ver um set de filmagem, que ele nunca tinha visto na vida, a outra metade era de conferir os bastidores do que ele imaginava que, no fim das contas, seria um filme péssimo. Manda um e-mail avisando que daria uma aparecida e recebe uma mensagem chocada poucos minutos depois (“Claro !!!!! Chega +++”).

Murilo pega um ônibus até a rodoviária em direção ao lugar onde entendeu que tudo estaria montado. Depois que desce e começa a caminhar no gramado seco da Esplanada, aquela rota tão cênica (ainda que mal guarnecida de sombra ou calçadas), Murilo percebe que não anda por ali tem anos. Quando chega ao lado do congresso avista a aglomeração de gente e equipamentos na frente do STF. Cabos sendo desenrolados e ligados, umas cinco pessoas pressurosas circulando e outro punhado entediado mexendo no celular. Um coro de doze dançarinas e dançarinos estão praticando uma coreografia, todos têm chumaços de algodão presos ao longo do corpo como se fossem nuvens emoldurando deidades. Murilo não lembra de ver nada parecido no

roteiro. Mas também não chegou a ler o negócio inteiro, na sua versão final, retocada por mil mãos.

Dois tiozinhos perto de um furgão da Band estão ali perto achando graça e tirando foto com o celular. No final da praça tem uma viatura e dois policiais por perto com uma cara levemente irritada. Gominho está pegando um cafezinho de uma garrafa térmica. Parece tenso. Perto dele uma menina que Murilo pensa que reconhece de fotos como Rita, a produtora, tá com uma lista de papel e apontando coisas com uma caneta fosforescente.

— Então, a gente não conseguiu igual você queria, mas o Alex jura que dá pra fazer isso na pós, tranquilo.

— Não vai ficar tosco?

— Ele disse que fica tosco-massa.

— Como que é tosco-massa?

— Ah, aí é com ele.

Murilo se aproxima e fica por perto para ver se Gominho o reconhece. Isso não acontece, ele chega a acenar, mas não é visto. Uns dois minutos depois, Gominho termina de mandar um áudio no celular e sua visão acaba pousando em Murilo. Quando isso acontece, seu rosto se acende de reconhecimento, ele faz um gesto cênico com os braços pra cima. Quase cai pra trás.

— Cara. Que isso, doido. Tu veio mesmo. Caaaara.

— E aí, e aí?

— Porra, bicho, que honra. Eu achava que tu não saía da toca não. Tipo jamais. O Fábio sempre falou que não tinha nem certeza direito se tu existia.

— Exagero dele.

— Ele me falou que às vezes achava que você podia ser várias pessoas. Tipo vários japoneses pequenininhos metidos num sobretudo.

Murilo ri alto, o que é raro, seu nariz chega a fazer uma fungada involuntária que provoca um minissobressalto no seu interlocutor. Gominho diz que o fotógrafo ainda tá se entendendo com a luz e ainda tão esperando arrumarem o figurino do Renato. Quem é que tá fazendo o Renato, Murilo pergunta (imaginando, assim que vê a cara um pouco confusa de Gominho, que isso tenha sido discutido exaustivamente na lista de e-mails onde ele está incluído).

— Um menino muito bom, muito mesmo. Cê tem que ver. Mas eu tou feliz que tu tá aí, porque hoje é das nossas cenas assim mais, tipo, vistosas, sabe? Geralmente não tem tanta graça assim não, sabe? De ver filmando. Maior enrolação.

— Tem tempo que eu li os roteiros. Mas admito que não lembrava dessa parte.

— A gente foi pegando uma coisa ali, uma coisa aqui. Essa cena é tipo um dos delírio do Renato, que são todos números musicais, tal. A gente pegou uma galera foda pra fazer as música. Toda essa confusão aqui prum negócio que vai durar tipo um minuto. Cinema é muito creize, véi. Nunca mais que eu invento de fazer filme. Trabalho demais, trabalho demais. Gente demais.

Os dançarinos e dançarinas param um pouco de ensaiar, alguns sentam no chão e ficam mexendo no celular, dois deles continuam dançando sozinhos uma dança diferente daquela que estavam ensaiando. Três das mulheres estão conversando seriamente sobre a reforma trabalhista em curso no Congresso. Ele percebe que todos os (sete) homens dançarinos têm um tipo bem feminino e todas as (cinco) mulheres têm um tipo bem masculino, duas delas de cabeça raspada, uma de moicano e duas de cabelo bem curto. Quase ninguém parece fazer aquilo da vida, nem pelos corpos nem pelo jeito. O mais gordinho dos homens fica tentando fazer um mesmo salto rodopiado que não parece dar muito certo, e um outro bem alto com uma peruca branca enorme fica apontando e rindo pra caramba.

Murilo lembra de Fábio em algum momento fazendo piada que Gominho era “o homem mais hétero que existe”. O que aquele cara tava fazendo dirigindo aquilo ali? Procura um lugar pra sentar e decide que vai ficar o dia inteiro.

>

50.

<<

Cátia está sentada numa poltrona no canto de um Starbucks em Copacabana, olhando em volta os barbudos de fone de ouvido trabalhando nos seus macbooks, turistas suados checando a internet, executivos em pé falando sozinhos (no meio de telefonemas ou entretidos em surtos psicóticos, vai saber). Wellington chega com uma água e um pão de queijo numa bandeijinha.

— O café é tipo trinta reais. Um copão enorme. Surreal.

— Já tinha visto esse lugar em filme mil vezes. Sempre quis entrar num. Mas não entendi ainda qual é a graça direito.

Cátia e Wellington estavam tensos, mas ele não deixava de esgueirar um sorrisinho excitado de vez em quando. Ela acabava rindo junto do sorriso dele, mas tentava emburrar a cara de novo em seguida, para parecer séria e profissional, em controle, caso o homem com quem eles haviam marcado já estivesse por ali. Tinha custado quase três semanas de conversa até arranjar um comprador em potencial para a máquina. Não era exatamente o tipo de coisa que você chega e bota no Mercado Livre, afinal. Wellington conhecia um maluco que conhecia um maluco que trabalhava com pornô em realidade virtual, e a partir dele os dois chegaram num gringo que pareceu muito animado com a descrição que fizeram, depois de reformularem a descrição entre si umas vinte vezes (“uma máquina de realidade virtual que grava a experiência corporal toda”).

Vieram de ônibus de São Paulo, saíram do Terminal Tietê duas e meia e chegaram no final da manhã no Rio. Isso em junho de 2014. A última vez que ela tinha estado na cidade havia sido pra fazer um filme produzido por Wellington. Os dois pensam em mencionar esse evento, mas não mencionam.

Cátia ainda não sabia se podia confiar em Wellington. A versão que ele contou de tudo parecia crível, e ele não tinha tanta culpa da merda, afinal. Todo mundo era adulto ali, mas ele ainda era o cara que tinha botado ela e a amiga naquela treta. Não sabia o que achar dele. Pelo jeito meio deferente como ele a vinha tratando até agora, ela conseguiria lidar com ele sem problema até a história terminar, pelo menos. Nem considerava transar com ele de novo, depois de tudo, mas ele claramente sim. Talvez o fato tão gritante dele ainda

se sentir atraído por ela significasse, por hora, que ela pudesse confiar nele.

Josias, o amigo do amigo do Wellington (gordinho mineiro de mullets que tinha uma pequena loja de TI e falava como se dominasse todos os assuntos sob o céu), é quem tinha cunhado a versão final da descrição que eles pretendiam fazer hoje, e havia ainda aconselhado os dois a fingir que sabiam direitinho o que a máquina era. É claro que não contariam a história toda, se nem pro Josias contaram.

Ele ainda disse pra dizer, quando perguntados, que aquilo era tecnologia experimental, ainda, coisa sigilosa, segredo industrial. Por isso vocês estão vendendo assim escondido. Ou ainda (e isso o Josias já falou rindo) fala que é um protótipo militar. E ele ria sem fazer barulho direito, só o nariz guinchando como aqueles animais de borracha quando apertados. Isso vai deixar os cara doído.

O combinado é que encontrariam um homem de terno branco. Cátia achou estranhíssimo. O cara era um sambista velho, era o Zé Pulintra? Como assim? Eles tinham dado os nomes Roberto e Vanessa, que ela tirou não sabe de onde.

Exatamente dois minutos depois da hora marcada, entra um homem alto e incrivelmente branco, com um terno branco claramente muito caro e bem cortado. Destoa tanto do ambiente que as pessoas todas olham de maneira ostensiva, sem esconder. Ele chega acompanhado de dois armários de terno preto e óculos escuros que entram logo depois, mas não mantêm uma proximidade que torne inequívoca a relação entre os três. Ficam em pé num canto e logo se misturam ao ambiente como se fossem seguranças do próprio Starbucks.

Wellington acenou para a figura com alguma timidez, um sorriso constrangido que logo se enfezou, tentando ficar mais grave. Cátia nota que os dois seguranças estão posicionados bem do lado das duas saídas do café. O homem branco se aproximou cumprimentando com uma mão frouxa e beijando a mão de Cátia, que o acha nojento de cara.

— Queridos. É um prazer. Meu nome é Timothy Aaron.

— Prazer, Cláudio.

— Vanessa.

— Encantada. Vamos direto ao ponto. Antes de qualquer coisa eu queria saber como é que vocês botaram as mãozinhas suas num protótipo

experimental militar. Hein? Da – na – dinhos.

Ele falava isso num português perfeito, mas inosso nas vogais, enquanto botava na poltrona do lado de Cátia um lenço bordado chique que parecia custar o preço de uma moto e sentava em cima. Cláudio engoliu seco, conseguiu nem disfarçar. O grande trunfo deles, o cara já mandava de primeira. Cátia respondeu antes.

— Não te interessa como a gente conseguiu. Você quer ou não quer? Quatrocentos mil agora. Em dinheiro.

— Calma, calma.

— Opa. Não era cem mil?

— Isso era antes de você confirmar que era um protótipo militar. Você sabe então o valor desse negócio. Não sabe? E você não é o único interessado.

— Querida, você não tá entendendo. Eu sou do governo dos Estados Unidos. Vocês estão cometendo um caramba de crimes. Ninguém vai pagar nada. Se vocês entregarem logo, talvez a gente não preste queixa. Talvez a gente seja bonzinho com vocês. Isso se vocês entregarem de uma vez.

Wellinton já estava pálido. Ergueu os braços num gesto troncho, desesperançado, e bufou. Ia começar a falar alguma coisa, mas Cátia emitiu um barulho e um gesto de impedimento com a mão e os olhos que fizeram ele quietar. Ela respondeu de um jeito ríspido.

— Calma, Roberto, porra. E em seguida para Timothy:

— Você não tem poder aqui, caralho. Não tem esses bagulho de jurisdição? Cê tá jogando verde com a gente. Se tu tivesse aqui dentro da lei, tu já chegava com alguém da polícia brasileira, não?

— Cátia, cala a boca. A gente vai te dizer onde tá a máquina, senhor. Tranquilo. Tudo tranquilo.

Ela pensa no irmão, por um instante. Até hoje tendo que morar com os tios. Ela não pode ser presa. Lembra também da Fabiana e da família do Fábio. Não podem sair de mãos abanando dessa merda toda. Os olhos dela acenderam.

— Cala a boca, tu, teu frouxo. Ele tá blefando, caralho. Eu já vi isso em filme. Se ele fosse prender a gente de verdade, já taria a PF aqui, ou sei lá. A Civil. Tô errada? Só a gente que sabe onde a máquina tá.

— Se a senhora vê muito filme deve saber também que a gente tem meios

de agir além da nossa jurisdição. Queridinha. Mas estou vendo que o senhor Wellington está a fim de colaborar.

— Eles já sabem nosso nome, Cátia, porra, cabou, fodeu, pronto, aceita logo que dói menos.

— Vocês podem tocar o terror, mas você não vai fazer isso agora, aqui, no meio da paulista. O Wellington acha que sabe onde tá a máquina, mas ele não sabe. Só eu sei. A gente não cometeu crime nenhum. A gente encontrou essa merda dessa máquina escrota porque algum gringo tarado tava fazendo pornografia com ela usando gente daqui, e você não vai botar as mãos nela sem antes fazer a gente sorrir. Não vai. Tem gente que sofreu pra caralho pra gente botar as mãos nessa merda e tem gente que precisa muito desse dinheiro. Nem que você me prenda.

Timothy mudou de expressão inteiramente. Pareceu relaxar, e ficar até excitado.

— Vocês nem sabem direito o que a máquina faz, sabem?

— A gente sabe que é de realidade virtual. E que grava a experiência da pessoa. Do corpo todo.

Timothy tentou, sem muito sucesso, conter um tremelique de excitação claramente sexual. Wellington ficou constrangido, Cátia entendeu exatamente com o que estava lidando.

— 500 mil. Cabou de subir. Última oferta.

Timothy já estava contido, de novo, mas nisso seus olhos acenderam de uma percepção aguda e prolongada. Como se só naquele momento ele tivesse se dado conta, agora de uma maneira irreversível, de que Cátia era uma mulher incrivelmente atraente e, por isso mesmo, odiável de um tanto difícil de se suportar.

— Você conhece ela? Eva? Vocês conhecem ela, 'é isso?

Cátia de repente ficou confusa. Não tinha ideia do que tinha acontecido, mas sacou pelo arco das sobrelhas daquele homem estranho que finalmente tava com o manejo da situação. Ela não fala nada, e ele segue desembestado:

— Eu te dou 600 mil se você me entregar a Eva. Na mão, em notas. Sem perguntas. E a gente esquece essa história toda de prender vocês também.

De quem diabos é que ele tava falando? Cátia demora um pouco para

responder. Ela chega a começar a enunciar que não sabe de quem ele tá falando, mas alguma coisa nela estala, olhando bem no olho dele.

— Olha, eu não conheço ela, mas conheço quem trabalha com ela. E se for quem eu tou pensando, eu jamais entregaria. Assim, se eu soubesse, né, onde que ela vai estar. Jamais entregaria.

Cátia não tem ideia de quem ela tá falando, mas está vendo o desejo desesperado estampado no rosto dele. Ela sabe que precisa responder logo pra não perdê-lo. Quem quer tanto alguma coisa, vai aceitar qualquer proposta.

— Só tem uma coisa que me faria mudar de ideia.

— Ótimo. Diga.

— Um milhão de dólares dentro de uma mala.

>>

51.

<

A circulação de Elizete está péssima, receitam-lhe um remédio para afinar o sangue, mas ele bate mal com outros remédios. Ela vai no médico para lidar com isso e toma uma bronca quando diz que não consegue tomar tudo sempre no dia correto. “É um rapaz muito novo com covinhas no queixo, parece a Murilo ser uma pessoa presunçosa que encarava a velhice como um defeito de caráter incompreensível. Ainda assim, ficou impressionado com a bronca. É a primeira vez que a acompanha numa consulta.

O consultório fica ali perto, no final das 700 sul, então os dois voltam a pé pra casa. “Tenta confrontá-la de novo com isso de não tomar os remédios direito, ela responde que “médico fica tentando adiar, mas quando meu corpo tiver que ir, também, não tem jeito”.

Murilo compra pela internet uma caixinha com os dias da semana assinalados, e uma agenda pra ficar na mesa da sala a todo tempo, contendo consultas futuras, recomendações médicas e orientações gerais (percebeu que precisava compilar tudo daquela forma pra que a atenção dela conseguisse se deter melhor nos detalhes e nas suas relações).

— Eu ainda tenho um pouco de dinheiro, mãe, deixa eu te ajudar com isso tudo.

A mãe olha pra ele meio assustada quando ele diz essas coisas, como se a dificuldade dela de conciliar a imagem que já tinha do filho com aquela figura nova fosse tão grande, tão extraordinária, que quase não conseguisse de fato processar aquele momento. Apenas depois dele levá-la ao médico é que começou a se tranquilizar, começou a acreditar que de fato seria capaz de ajudá-la com aquilo tudo.

Murilo enfim compra um novo aspirador, um que o vendedor insiste em chamar de “vassoura elétrica” porque se usa de pé, não curvado. Também compra um esfregão igual os americanos, e vários panos novos, além de detergentes, água sanitária e luvas. Decide que vai, com a ajuda da mãe, faxinar a casa como ela não era faxinada há anos, de cima embaixo. A tarefa leva dois dias inteiros, em que eles, em geral, conversam ou escutam muito rádio (pontos altos, para Elizete, sendo sucessos de Gal, Marina Lima e Djavan).

Os dois criam um hábito quase religioso de cozinhareem juntos e jantarem assistindo “Os Sopranos”, que Murilo sempre quis assistir inteiro de cabo a rabo e que imaginou, corretamente, que a mãe poderia gostar. A primeira temporada sente que ela assiste só porque nunca aconteceu antes do filho propor que assistissem uma série juntos. A princípio parece se incomodar com a relação complicada entre mãe e filho, como se talvez entendesse que o gesto do filho de escolher aquele seriado em particular pudesse ter um peso, mas aos poucos foi se envolvendo com os personagens e com a trama. A partir da segunda temporada já passa o episódio quase todo reagindo intensamente e, depois, faz especulações longas, às vezes profundas, sobre as decisões e a possível vida interna daquelas pessoas de mentira. Murilo acha graça na capacidade intensa dela de se depositar ali naqueles termos ficcionais, tinha esquecido que ela tinha aquilo fundo nela (como ele também tinha, e tanto) e fica contente que consegue encontrar um objeto que a mantém envolvida e intrigada no meio do luto, pensa que aquela era a vantagem de um seriado em relação a um livro. Eles podiam dividir aquilo, sentar juntos diante do negócio e seguir aquele fio da meada ao mesmo tempo. Nem um romance nem um filme te dava isso, não exatamente.

Também se impressiona com o tanto que a mãe parece ter envelhecido desde que ele havia ido para os EUA. Comentou uma hora a mecha de cabelo branco dela e ouviu que os fios já tavam vindo tinha tempo, que ela tinha era desistido de pintar desde que viu que o Válder não sobreviveria. Murilo tinha comentado como um elogio, sempre achou cabelo branco um negócio simpático e charmoso, mas viu que não foi assim que ela entendeu. Ele não sabe dizer o quanto que ela realmente mudou nesse período e o quanto que os olhos dele estão se reacostumando a vê-la como um ser mais frágil. Por mais que tivesse uma relação apagada com os pais, era como se a figura deles ainda mantivesse até hoje na cabeça dele o tamanho que elas tinham quando era criança. Aquelas duas montanhas em torno das quais Murilo vivia e que determinavam o curso e a valência de todo o resto. Agora olhava para a mãe, suas manchas roxas e pretas ao longo dos braços e das coxas, suas enxaquecas noturnas mais sustentadas do que antes, seu medo visível diante da solidão e da velhice que se colocam, em bloco, como seu futuro inevitável.

Elizete passa a falar muito de Válder, principalmente de noite, na janta, antes de assistirem alguma coisa. Conta das poucas viagens que haviam feito antes de Murilo nascer, de como os dois eram mais leves nessa época, quase

não brigavam. Murilo duvida, vendo as caras sempre tensas nas fotos, mas não diz nada. Elizete mostra um álbum dos dois numa quitinete em Guarapari, acampados perto do rio Araguaia. É doloroso para Murilo tentar imaginar esse pai que ele não sabia que tinha até agora, e que havia partido antes dele sequer poder começar a entender essa incongruência direito. Como se o pai tivesse morrido antes várias vezes naquela casa, e mesmo dentro da sua cabeça, antes daquilo suceder da maneira derradeira e definitiva no hospital. Ele tentava servir agora como espaço para a mãe depositar suas memórias, mas continuava sentindo que não conseguia ainda dar conta da perda. Até porque a perda vinha também da sua incapacidade de dar conta das coisas, de dar conta dos outros, principalmente. Sabia que aquelas mortes seriam digeridas devagar, fragmentada em pequenos pedaços e pingando aos poucos, como um arquivo enorme baixado de uma semente só.

Quando anoitece e Murilo não consegue dormir, geralmente abre o e-mail do Fábio e vai reler algumas das últimas coisas salvas. Tem uma, específica, que ele acaba relendo várias vezes, a mais enigmática de todas. Não só pelo texto estranho e sem lugar, mas pelo fato de haver seis iterações exatamente iguais do mesmo texto num espaço de dois dias. É a menos obviamente autobiográfica, talvez fosse só um experimento formal de algum tipo.

Primeiro lhe ocorre como um exagero, uma interpretação forçada. Mas depois de algumas horas Murilo não consegue deixar de ver algo muito ominoso ali, como se aquela sucessão de frases pudesse, devesse ter desencadeado algo irreversível no Fábio, perto do fim. Algo quebrou nele nesse período nos EUA, e aquela sequência de frases tomou parte nisso, de algum jeito.

>

52.

<

Linda nasceu em Salt Lake City, mas a família se mudou para Illinois quando ela ainda era criança, a mãe com medo da influência Mórmon que as filhas pareciam receber na escola. A mãe, o pai, as duas irmãs e as tias, todo mundo era religioso de uma maneira que não parecia trazer nenhum alento. Havia procedimentos a seguir e muita ansiedade a respeito do seu desempenho, mas nenhuma alegria, nenhuma juntura afetiva agradável na repetição mecânica dos movimentos da fé ou no ato de transmiti-los aos outros.

Linda era diferente, sentia desde a adolescência que tinha uma linha direta com o espírito santo. Primeiro vieram os êxtases arrastados, desde que ela começou a menstruar, eles apareciam assim que a cólica sumia, e a deixavam se contorcendo sozinha no quarto, no sol, assustada, a cara oscilando entre um sorriso involuntário e uma cara de pavor. Sabia que era a presença de Deus, mas quando tentava explicar para alguém, as pessoas achavam que ela estava descrevendo masturbação, então ela desistiu de tentar. Ela nunca fazia aquilo, imagine. Nos transes acontecia sempre de ela prender muito a perna uma na outra, se contorcer toda, claro. É assim que funciona, só ver os quadros e estátuas antigas. Mas não tinha mão nenhuma.

Essas experiências foram arrefecendo com o tempo, praticamente param antes dos vinte, mas em compensação os recados que recebia de cima só foram ficando mais frequentes e diretos. Eram sussurros, geralmente coisas sutis – um par de palavras, um nome – quase inaudíveis, mas presentes. E ela sempre foi toda ouvidos. No ônibus ou numa fila de supermercado, quando ela sentia o tédio começar a espreitar por debaixo das coisas, ela às vezes fechava os olhos e sentia que tudo já tava queimando, e que de olhos fechados dava pra ver melhor, naquela penumbra preto-rosa que aparecia quando fechamos os olhos diante da luz do dia, que ali ela conseguia ver algo mais real do que naquele espetáculo pálido que aparecia com eles abertos, pessoas entediadas num mundo morto, todo mundo querendo se aproveitar de todo mundo, sugar todo mundo. O mundo já se consumia e se conflagrava todo em pecado, eles só não conseguiam ver isso, coitados.

Lembrava dos treinos que faziam quando ela era criança, na escola, pro caso de um desastre nuclear. Suas irmãs e amigas morriam de medo da

bomba, falavam dela o tempo todo, às vezes até antes de dormir. Ela dizia que não tinha medo nenhum da bomba, que a bomba era a prova de que o juízo final viria, e quando viesse seria a própria luz. Ninguém vai sentir dor, ela falava pra tentar confortar as irmãs, lembrando de um documentário que tinha visto na TV sobre as bombas que jogaram no Japão. Tudo vai virar gás de uma vez só.

Desde adolescente passava madrugadas pensando em todos os países que não viviam sob a asa protetora de Jesus Cristo, seus habitantes perdidos em cidades e costumes grotescos, insuportáveis de feios, suados e sujus. Ela sentia o esforço que era amá-los com o mesmo fervor com que amava sua família e vizinhos como quem sente a panturrilha reclamar numa ladeira, e por isso mesmo continuava a declinar esse sentimento quase toda noite, longamente, sofrendo vicariamente a sua danação, amando violentamente na sua cabeça rostos marrons vagos e esquisitos. Com vinte e quatro anos, Linda estava cansada de trabalhar no salão de beleza da família e de responder perguntas sobre namorados e casamento todo santo dia (sua irmã mais nova já casada, a mais velha estudando contabilidade). Foi depois de receber um folheto na rua que ela imediatamente reconheceu como um recado divino — no meio de janeiro, o frio bruto ventando no seu rosto — que ela decidiu ir fazer trabalho missionário na América do Sul. O ano era 1984.

Dez meses depois, ela estava no Tocantins morando perto de uma aldeia Krahô. Só tinha um outro padre morando lá no momento, e ela ia com ele começar a planejar uma ação de médio prazo. Eles não tinham autorização para fazer aquilo, e ela estava agindo um pouco por conta própria, por fervor e impaciência. A maioria dos índígenas mal olhava pra ela, e quando olhavam, olhavam com uma displicência que ela nunca tinha visto antes em ninguém, nem nos latinos que trabalhavam no jardim de uma vizinha sua. Ela já contava com a maioria deles andarem por aí quase pelados, esse lado ela até conseguia entender como uma espécie de inocência, ainda que uma completamente equivocada. O que ela achava mais estranho era o jeito deles ficarem deitados por aí, estirados na rede ou no chão mesmo, em qualquer sombra. Parecia que eles não tinham vergonha nenhuma na cara de serem tão preguiçosos, de ficarem tão moles daquele jeito indecente. O demônio parecia tão entranhado em tudo que assim que Linda chegou se sentiu muito desalentada. Não seria nada fácil.

Uma garota em particular pegou a atenção de Linda ainda na primeira

semana. Diferente de todas as outras mulheres da mesma idade, mais desbocada e irritada, não parecia aceitar nada que lhe dissessem, com olhos felinos muito pretos e muito acesos. A maioria das outras mulheres não parecia gostar tanto dela, mas uma minoria via muita graça no seu deboche todo, que às vezes era também carinhoso, seus olhos se fechando quando ria e cismava em puxar um coro de escárnio junto com ela, geralmente com sucesso. Enquanto a maioria ouvia o que Linda falava de Cristo com educação, ainda que raramente interessados, no máximo sorrindo de canto de boca ou trocando olhares irônicos entre si, essa garota fazia questão de contestar qualquer parte da história, chamando de mentira ou só ridicularizando algum elemento que para ela não fizesse muito sentido. Quando Linda quis explicar que Cristo dava a outra face quando recebia um tapa, ouviu:

— Mas esse deus de vocês é brocha, hein? Como que ele ganhou dos outros assim?

Nem conseguiu responder, só ficou com uma cara alarmada por alguns segundos enquanto todo mundo ria largado. Uma das garotas mais boazinhas riu junto, mas falou para Linda não ligar, que aquela ali era assim mesmo com todo mundo. Ouviu dizer que essa garota ia às vezes pro povoado perto, a pé, sozinha, bebia e namorava com caboclos da região. Muitos homens faziam isso, mas as mulheres faziam menos e geravam mais comentários. Pouco depois dela engravidar, começou a dizer que já conversava com seu filho na barriga. Dizia que ele já anunciava que as coisas iam mudar quando nascesse, que ia tocar o terror e trocar tudo de lugar.

Muita gente tirou sarro até alguém lembrar do avô dela, que via tudo quanto é espírito e sonhou com muita coisa que acabou acontecendo. Embora ninguém saísse admitindo em voz alta por aí que levou aquele papo a sério, alguns homens e mulheres mais velhos começaram a ficar alarmados, ainda mais com a agressividade com que ela fincava aquilo no ouvido de todo mundo como algo certo, algo que, no fundo, já não poderia nem ser revertido. Os mais novos continuaram rindo, achando que era besteira. Mas alguns dos mais velhos já tinham ouvido aquilo tudo antes.

>>

53.

<

o sol batendo de murro, latejando, sua cabeça zumbindo um pouco, tudo como que derretido, no mínimo detido de outro fluxo, dactílicos duplos dobrando as pontas como ancinhos e puxando os pés dos participantes do programa de calouros, uma presença outra, ali no espelho, que se sente sem que se consiga encará-la direto, no sentido de impossibilidade, impedimento físico, ponto-cego embutido.

(Você vai enlouquecer até amanhã)

Um estetoscópio frio, aquela cara meio olhando pra cima, atenta

(Mas já tem muito tempo que ela morre? Pelo menos cinco anos

E como que entrou aí? Acho que foi um negócio que eu comi, dôtora

Não tou falando com você Mas tá entalada, oxi

Diga 27? não, é 33, vai o jingle)

As coisas se repetem em outros planos. Instâncias menores, fractais, nas camadas menores, aneladas e aninhadas.

(esse tanto já deu de sacar, já, eu imagino? espero)

Algo que não está mais aqui, que sumiu tem tempo. Mas ainda dá pra ver as peças dela por detrás do palco, as deixas marcadas com fita crepe no chão, e às vezes se levanta um fantasma dali, inteiro.

E você vai enlouquecer até amanhã

Tu tenta puxar o tapete pra mostrar o alçapão, mas em todas essas reversões existe — é claro, ali mal educado gritando, queimando, dando úlcera, dando cancro — a vontade de afirmar alguma coisa, de inscrever alguma presença. Um último ar-rá! pra amarrar o episódio, a falta que faltava;

Taqui ela agora, ó,

bem na tua frente.

(E se amanhã o dia não amanhecer

é que alguma coisa muito estranha aconteceu)

Volta pro começo. A 3a vez é o truque, é o charme e o funk, vai. A luz ainda não voltou, lá fora estava antes amarelo dos postes, mas agora parece azul, você não sabe de onde, um azul espalhado na folhagem escura e no pouco pedaço de céu que chega. Tem uma quadra de futsal e um poste bem na sua frente.

(Você vai enlouquecer até amanhã)

O poste tem algum defeito que faz com que ele, de tempos em tempos, e de maneira absolutamente irregular, tenha sua luz enfraquecida por alguns segundos e logo fortalecida de novo, o halo de luz expandindo e retraindo. Não fica claro se é fim-de-tarde ou madrugada, mas estamos entre o dia e a noite. O halo é claro como água, como cristal, e ele expande e retrai, retrai e expande.

Como se algo estivesse prestes a acontecer.

>

54.

<<

De: Acertainslantoflight@gmail.com

Para: tamiresnogimaiu@gmail.com

Assunto: Parece Que O Jogo Virou Não É Mesmo

Ei,

Tu sabe que eu não gosto de escrever. Grandes merda palavra. Mas senti a necessidade de registrar algo, pra que conste, se algo rolar comigo nos próximos dias. Você, no momento, é a única pessoa em quem eu poderia confiar.

Tá fazendo um mês agora que eu comecei a notar uma acoplagem estranha entre eu e a minha própria rede, montada aqui no galpão. Mesmo quando não tou ligado na máquina de 3iii, mesmo quando tou dormindo, algo da acoplagem se mantém, minha consciência continua distribuída para um suporte digital. É bizarro demais, tem que ser a criatura, só pode ser ela fazendo essa conexão perdurar depois que a máquina desliga. É a única explicação (tá aqui do meu lado no tanque dela, aliás, enquanto escrevo, assistindo documentários em velocidade acelerada num tablet, ainda não conseguimos trocar nada parecido com uma conversa).

Aquele dia que te mostrei a máquina na tua casa, e não te deixei usar, acho que te falei da coisa das sub-rotinas, de como eu consigo ir estendendo um instante de modo que o tempo fica quase ilimitado, quando tou acoplado na máquina. Como num sonho, mas real pra caralho. Real demais.

Pois agora outra coisa tá acontecendo, algo bem mais sinistro. Do mesmo jeito que eu consegui entrar no fundo da consciência dos meus alvos, acho que a criatura entrou no fundo da minha. Ela está lá como a primeira camada, antes do resto todo palavroso que vem por cima. Eu estou dentro dela, sendo mais preciso. Do seu sistema operacional, mal comparando. Ou do seu servidor.

Não sei se dá pra entender, mas o sentimento é esse, e vem sendo esse tem semanas. Primeiro era só tipo um zumbido no fundo da cabeça, eu já sabia, mas não sabia que eu sabia. Demorou para que eu entendesse o que tava se passando. O que rolou foi que um mês atrás eu tava procurando algo para me

distrair de madrugada e acabei lendo o resumo da trama de um romance de ficção científica (que é o que faço, quase sempre, ao invés de ler os romances). A trama era quase toda boba, mas a premissa básica do livro me interessou: o personagem é um programador que deixa antes de morrer um Daemon cheio de ações engatilhadas em série. Ou seja: um programa que fica correndo no fundo de um servidor. A possibilidade de deixar uma série intrincada de ações esperando para serem disparadas por um determinado gatilho, isso de algum jeito deu um comichão na minha imaginação.

Você sabe como eu tou querendo armar alguma coisa com a criatura desde que voltei pro Brasil. Alguma coisa grande. Sentia que precisava apresentar essa força pro mundo, que era minha responsabilidade fazer isso, e cada vez mais fui pensando que a Copa era perfeita pra isso. Mas ainda não sabia direito o que fazer.

Quando chamei você e Renato para me ajudarem a implantar o transmissor naquelas pessoas, meu plano era muito vago, eu admito. Só queria forçar algumas imagens e ideias na cabeça daquelas pessoas, pra ver se elas mudavam de lado, se começavam a entender a merda cabulosa e amaldiçoada na qual tavam metidas até o pescoço. Minha ideia era usar aquele pequeno grupo como cobaia. Já que o jogo de forças hoje parece inquebrável, o capital livre e móvel demais para ser enfrentado em qualquer região, já que os ricos se protegem com esses muros todos, com essas camadas de abstração, a gente tem que arranjar um jeito de destruir o poder deles por dentro (mas dentro mesmo, entrar literalmente no sonho dos cretinos). Claro que foi um fracasso, eu não saberia como fazer nada disso. Não é assim que se muda nada. Só consegui quase enlouquecer um par deles, até agora. E fazer com que o Renato e a Rafaela fossem procurados pela polícia. Ainda assim eu tava tentando arranjar um jeito de usar aquelas pessoas implantadas e a criatura para produzir um espetáculo, algo que ajudasse a todo mundo sentir que a cena mudou, que o mundo não é mais aquele mundo do século dezenove, de crescimento eterno e expansão eterna da destruição. Que a gente não está, e nunca esteve, sozinho no universo. E ler essa sinopse desse livro bobo de ficção científica me deixou de novo com a cabeça formigando com possibilidades.

Fiquei alongando esse exercício mental lombrado de engenharia social multimeios durante alguns dias. Imaginando o que seria genuinamente possível de ser realizado por uma pequena aliança poderosa e articulada, não para fazer a mortandade idiota do livro, tão estadunidense, mas pra fazer

algo mais interessante. Os pontos-chave do fluxo do mundo começam a se desenhar na minha cabeça quase sem querer, pensando em tudo que o poder da criatura poderia interferir. Nos oleodutos principais do mundo e de como travar seus sistemas à distância. Em quais são as principais rotas de logística global, os canais e portos por onde os containers passam e qual é a superfície de ataque destes sistemas. Quais são os principais paraísos fiscais e os escritórios de advocacia por onde os ricos do mundo escondem seu dinheiro e o tornam irrespondível a qualquer um.

Penso nisso e penso também no lado mais simbólico da coisa, num jeito de armar uma intervenção realmente catártica como os rituais de psicomagia coletiva que eu já te falei que a gente conversava de fazer, em Belém, tantos anos atrás (o Renato, meu irmão e o irlandês).

Comecei a pensar nisso tudo dia quatorze de maio de 2014. Cinco dias depois, descubro na minha própria rede uma série de scripts que não lembro de ter escrito. Muita coisa eu nem consegui entender ainda o propósito, mas descobri por exemplo que três dos implantados receberam convites para a semifinal da Copa pela criatura. Passei horas tentando entender como ela conseguiu fazer isso, e ainda não cheguei perto de entender.

De repente, me veio uma explicação horrível, mas que de cara eu achei que devia ser a correta. Ela está fazendo tudo convergir para aquele dia, tentando criar um evento tenebroso, um evento que eu mesmo desejava, em partes, que era todo feito a partir das minhas fantasias, mas que eu jamais teria as caras de tentar armar de verdade. Assim que eu confirmei isso, combinei com o Renato de ficar logado no jogo para tentar proteger ele, querendo manter ele longe do estádio. Mas também não deu certo. E agora eu não sei o que ela vai fazer amanhã, e não consigo ainda me comunicar com ela pra entender. Tou um pouco com medo, Tamis. Acho que não tem por que ter medo dela. De verdade, não acho. Tou com medo é de mim, mesmo. Do que eu posso ter pensado, ou sonhado. E do que isso tudo pode engatilhar, da reação que pode causar. Ao mesmo tempo que uma parte de mim não quer tirar ela da cidade, mesmo se isso fosse fácil de fazer agora. Uma parte de mim tá doida pra ver o que vai acontecer.

>>

55.

<

O repertório de Murilo na cozinha antes de sair de casa se limitava inteiramente a ovo frito e cozido. Em Nova Iorque, chegou a aprender a fazer um par de receitas simples, e agora tentava convencer a mãe a provar as receitas que ele experimentava, nem sempre com sucesso. A primeira que ele fez e ela gostou foi um lombo de porco com shoyu, gengibre e mel.

Passa algumas semanas assim, cozinhando e assistindo filme com a mãe, lendo só de manhã e de madrugada. Pelo luto, os dois acabam se permitindo ignorar um pouco as eleições, até porque não conseguem lidar com a realidade de ver aquele homem tão odioso e odioso passando para o segundo turno, com o antipetismo dando cada vez mais à sua campanha a aparência de uma força inevitável. No dia em que Bolsonaro é eleito, eles ouvem algumas casas e carros comemorando por perto, e pela primeira vez Murilo percebe o que devia ser óbvio pelas pesquisas. Ele está cercado de bolsonaristas naquela cidade. Passa a olhar para todas as casas com bandeiras do Brasil com uma mistura de suspeita e ressentimento.

Acompanha as avalanches de tuítes e textos diversos nas suas redes sociais. Sente alguma obrigação de se posicionar, no mínimo quer se diferenciar dos isentões e daqueles que se acham bons demais para se sujar com política. Mas não sabe o que dizer, não sente que tem nada pra contribuir. Pessoas mais preparadas fariam suas análises complexas e matizadas aí, e toda sorte pra elas, mas, para Murilo, Bolsonaro parecia só de uma obviedade tenebrosa. Um arremedo concentrado do que havia de pior do Brasil, de sentimentos e de gestos profundamente entranhados naquele território. Só não consegue imaginar ainda qual seria a extensão daquele pesadelo, e torce para que seja breve.

Sabe também que o seu dinheiro tá acabando e que precisa procurar alguma coisa nova pra fazer. A mãe tinha uma poupança e a pensão mixuruca do pai, mas ele não quer mais pegar dinheiro dela, na medida do possível. Escrever outro livro parece mais do que improvável, quanto mais vendê-lo. Teria que se resolver com Melanie depois. Começa a sondar amigos atrás de traduções que possa fazer por dinheiro, descobre que, com seus poucos contatos e seu pequeno nome, talvez consiga alguma tradução de romance,

mas não pagam bem e é muito difícil conseguir trabalho constante mesmo se gostarem de você. Descobre com uma amiga que estão contratando no escritório onde ela trabalha (tradução de patentes, meio período). Mais chato, mas pelo menos mais estável. Talvez ele precisasse justamente de algo meio mecânico e neutro, no momento.

Um dia, perto do fim do ano, Murilo acorda com o celular vibrando. A única coisa que fazia o seu celular vibrar com frequência era a sua conta de e-mail (quase sempre spam). Ainda está amanhecendo. Ele planeja só dar uma olhadinha e voltar a dormir, mas vê que chegaram dois e-mails pra ele. Um de uma tal Letícia Bontempo Bittencourt (quem? ah, sim) e um do Fábio.

Oi?

Ergue o torso na cama subitamente como quem acorda de um pesadelo num filme ruim, estando ainda na penumbra de quem ainda não acordou inteiramente, ainda misturado ao sonho que já morreu e que não se recupera, mas que ainda de algum jeito lhe imprime de algum sentimento vago. E por um par de segundos tem uma impressão curta, mas muito convincente, de que os últimos anos todos foram um delírio. Que o Fábio e seu pai nunca morreram, que ele nunca publicou nada, nem saiu do Brasil, que Bolsonaro nunca foi eleito. Que ele morava com seus dois pais, tinha um amigo chamado Fábio e um novo dia começaria agora nesses termos. Em Brasília, na Asa Sul.

Murilo abre o e-mail e põe os óculos, a resolução bruta da realidade deixando ele mais desperto de uma vez só.

Bicho,

Devia ter falado isso DIREITINHO no último email mas esqueci. Tive pensando e acho que faria todo sentido te deixar com a LIBERDADE TOTAL de mexer nas minhas coisas escritas todas. Agora já mas principalmente se algo me acontecer, digamos. Não é como se eu levasse a vida mais pacata do mundo. E não só o negócio que eu te mandei que eu fiz em cima do mundo do CABOL. Não acho que aquilo esteja minimamente próximo de pronto, mas você já disse antes que tinha interesse, enfim. E te digo com toda a seriedade possível (inclusive para efeitos aí do mundo real “a lei dos homens”) que pode usar tudo, que por favor faça isso, use os detritos que eu deixo aí pra montar alguma coisinha que funcione melhor que elas soltas.

(sério, favorvaleu)

A principio quero dizer as varias coisas que eu já te mandei, mas se tu for espertalhão e conseguir entrar na minha conta pode usar os entulhos que tiveram la, também, tem muita coisa. Pode ler tudo (tudo mesmo), e fazer das disjecta membra o que bem entender.

Se tiver interesse, agora ~~plim~~ é tudo seu, através dos poderes investidos em mim pelo estado do Maranhão (pelo qual eu quero dizer o brasileiro único & invisível). Faz o que tu queres desse troço, fi.

VAE, PUTO DEUS FIO (é latim, não lembro o que significa, mas adoro)

Keep on truckin' ''''''

>

56.

<<

Cátia sai do Starbucks meio desnorteada. O gringo de terno branco tinha comido na mão dela, perto do fim, mas agora ela tava fodida. Não tinha nem ideia de quem era a pessoa que tinha prometido entregar. Ela e Wellington andam alguns quarteirões da Nossa Sra. de Copacabana num passo rápido, querendo sair dali de perto logo, um mar de gente andando apressada na rua dando uma naturalidade à mecânica do que eles tavam fazendo. Ela para na frente de uma lanchonete árabe, respirando rápido, menos pelo cansaço e mais pela ansiedade.

— Que que a gente vai fazer agora? Você sabe quem é essa garota?

— Não.

— Porra, você quase me convenceu que sabia.

Eles haviam combinado com o gringo de marcar de encontrar a tal da Eva em algum lugar privado, de preferência remoto. Não disse mais nada, mas Cátia imaginava que a pessoa seria apreendida por eles no lugar. Timothy pediu que levasse a máquina para o encontro também, se possível. Mas não, se fosse deixar Eva suspeita. Eles poderiam marcar a entrega da máquina depois, se este fosse o caso. Eva era a prioridade. Cátia queria o dinheiro todo de uma vez, então disse que levaria a máquina para o encontro.

Os dois entram na lanchonete árabe e compram duas esfihas e um mate, sentam no canto.

O telefone de Cátia toca. É uma amiga com quem ela não fala tem semanas. Estão em vários grupos de Whatsapp, mas não lembra de ela ter ligado nenhuma vez antes na vida. Atende com uma cara confusa.

— Alô?

— Menina, tudo bom? Tu não acredita. Recebi um contato duma garota que falou que te conhece, uma Eva. Entendi nada, mas ela insistiu muito. Sabe quem é?

Aquilo vem tão do nada, e o nome para Cátia não tendo nenhuma relevância anterior, ela demora para sequer responder. Mas tudo tinha sido tão bizarro até aqui que ela decide só aceitar, seguir o fluxo.

— Claro, claro. Eu tava precisando falar com ela também. Coincidência, menina.

— Pois então. Ela falou que não dá pra ser por celular, e que você saberia por quê.

— Eu sei mesmo. Como a gente faz, então?

— Pode ser na Lapa? Ela chega lá rapidinho. Ali nos Arcos mesmo. Ela tá de camiseta amarela.

Cátia desliga com um sorriso na cara.

— Era a tal da Eva. Marcou de encontrar a gente agora. Vamo lá?

Wellinton nunca esteve tão confuso na vida. Eles olham o mapa no celular, terminam as esfirras e pegam um ônibus algumas ruas à frente.

(*)

Uma hora depois, estão se aproximando a pé dos Arcos da Lapa. Cátia pensa que não combinou propriamente de levá-lo, então pede para Wellinton ficar ali pelos arredores, sem se aproximar demais.

Wellinton compra um cachorro-quente e come meio amuado, espiando de canto de olho. Cátia anda um pouco ao longo dos arcos até passar por uma garota solitária recostada em um deles. Seus olhares se cruzam imediatamente. Poucas vezes achou uma mulher tão atraente e tão feral, ao mesmo tempo. O cabelo de cuia curto e desgrenhado, um casaco verde sujo e pesado demais para o bafo daquela noite.

— Oi.

— Oi.

— Acho que você prometeu me entregar pra um gringo maluco que fala que é da CIA, não foi?

— ...

— Tudo bem, relaxa, não tem problema. Você nem sabia quem eu era, sabia?

— Não.

— Tava só enrolando ele, não tava?

— Tava.

— Pois melhor ainda. Pra mim foi ótimo, era bem o que eu precisava.

— Eu não tou entendendo.

— Aquele cara tá atrás de mim tem tempo. Ele é obcecado comigo desde que me contratou pra trabalhar com ele e eu abandonei o trabalho. Mas ele não tem nem ideia no que ele tá metido.

— Anhm.

— Eu só preciso que você faça o seguinte. Fala pra ele que eu estarei no jogo do Brasil, em Belo Horizonte. A semifinal. Ele vai reclamar, mas você explica que sabe que eu vou tentar fazer algo sério no jogo e que estarei durante a partida em cima e em volta de uma sala específica que comanda todo o sistema de áudio e vídeo do estádio, os alto-falantes e o telão. Isso tudo é verdade.

Cátia não consegue evitar uma leve entortada na cabeça, como a de um cachorro inquisitivo. Tudo que estava acontecendo já era bem esquisito, mas só agora Cátia considera a possibilidade da mulher ser maluca.

— E se ele te pegar lá? O que você vai fazer?

— Isso não tem como acontecer. Não ali, não nesse dia. E eu preciso que você faça uma outra coisa pra mim.

>>

57.

<

Como assim? Alguém tinha entrado na conta do Fábio? Era uma piada? Tinha que ser, claro. Uma pegadinha escrota armada por algum cretino que odiasse Murilo por algum motivo. Ou cretina, sejamos inclusivos. Mas quem?

Quem poderia saber exatamente o e-mail que ele sempre quis receber, para mandar pra ele agora daquele jeito? E quem poderia usar a conta do Fábio para isso? A cabeça vai direto para Fatma, mas Murilo sabe que era um pouco paranoico de sua parte. Ela teria mais o que fazer, imagina-se (e seria uma forma bizarra de chutar um cachorro moribundo, ainda por cima, depois daquele artigo). Então, era uma piada escrota ou era um sonho. Não parecia haver terceira opção, claro, e sonho não devia ser.

Murilo fica dois minutos parado, só rodando essas conjecturas em falso com o celular em cima do cobertor, o losango recortado de sol que chega no seu colo começando a esquentar suas pernas embaixo do cobertor. Antes de decidir se responde o e-mail absurdo ou ignora, lembra que tinha também recebido um da Leticia.

Oi Murilo

Tudo bom? Gostei muito da nossa conversa aquele dia, viu. Me fez um bem, nu. Cê n acredita, ajudou a mexer umas coisas aqui que tavam meio emperradas, boto fé. E aí tu não imagina: o celular que o Fábio tava no acidente ficou comigo, o pai dele me deu no enterro, falando que só a tela tinha quebrado (e o comédia é que na real a tela já tava quebrada antes, aliás, então é como se tivesse ficado intacto, na real). Enfim. Liguei ele só um punhado de vezes depois disso e sempre me permiti mexer muito pouco. Em parte porque eu tinha medo de encontrar alguma coisa que não queria no celular (o que nunca aconteceu), em parte porque não queria esgotar aquele último rastro da sua presença que eu guardava só pra mim. Não me permitia mais do que cinco minutos por vez, sempre que ligava. E acabou que quase esqueci dele, nos últimos meses, consegui me fazer esquecer, não sei como. Acabei encontrando ontem enquanto arrumava minhas gavetas e decidi mexer nele de novo, decidi devassar aquilo de uma vez, acabar com aquela última latência, e quando abri o email pra olhar com mais calma percebi que tinha um negócio

salvo na caixa de saída. E era pra você, não deve ter mandado a tempo, deve ter perdido o sinal na estrada antes do acidente. Tava lá esperando desde 2013. O celular tava sem chip funcional esse tempo todo, então eu liguei no wi-fi e o email mandou. Tantos anos depois.

(cê entenda que a última coisa que ele tentou mandar no celular tenha sido pra você não foi exatamente um negócio assim bacana de se descobrir, então considere isso aqui uma puta duma boa ação da minha parte, de nada filhão, disponha)

*: Leticia

Então tinha sido isso. Nenhum mistério sobrenatural, só uma última comunicação caprichosamente retida nos dutos e enviada, de repente, além da vida. Murilo teve um gosto estranho de desapontamento, mas continuava sendo uma surpresa incrível, até emocionante. De toda forma era com certeza um alívio confirmar que Fábio queria, de fato, que o amigo usasse tudo que escreveu. E era um alívio inesperado. Pensou até em comunicar aquilo para Fatma, para rebater ao menos parte de suas críticas, mas se a própria já havia acessado a conta uma vez sem ver aquilo, podia achar que era fraude.

A impressão de irrealidade sobrevive ao café da manhã com a mãe e continua recostada ao longo do dia como seu pano de fundo. A posse iminente de Bolsonaro certamente contribui para esse sentimento de que derretiam-se aos poucos todos os padrões e moldes antigos do verossímil.

>

58.

<<

ENFIM, A VERDADE SOBRE O TAL “RENATO”

desmentindo mitos sobre a controversa vida e o trágico fim de Laurivan da Silva, o infame “Renato Mussumo”

BLOG DO EUSTÁQUIO GOMES – A VERDADE DOA A QUEM DOER

Todos sabemos do espetáculo terrível que concluiu o já desastroso jogo Brasil e Alemanha em Belo Horizonte, na terça passada. A cena dantesca foi repassada em versões e ângulos diferentes para praticamente todo smartphone no país ao longo da semana. Mas quem era aquele homem de aspecto tão brasileiro e que acabou tendo um fim tão trágico, culminando um dia que já estava repleto de desastres? Cheio de desastres e com ainda mais, ousou dizer, mentiras e exageros...

Como se sabe, o caso dos “onze canibais grã-finos”, como noticiado pelo jornal sensacionalista EXTRA, virou sensação mundial na semana seguinte, assim como a vida e opiniões de Laurivan, o “Renato Mussumo”, como o próprio se apresentava. É importante que a imprensa livre faça seu trabalho agora, de maneira célere e decidida, para que essa névoa de mitos se dissipe o quanto antes.

Agora que a poeira baixou, podemos começar a juntar as peças. Laurivan Rosa da Silva, mais conhecido em alguns cantos da internet como o “Renato Mussum”, ou “Mussumo” (em aparente referência aos dois artistas mais notórios dos Trapalhões) nasceu em Pedro II, no Piauí, em 1978. Foi preso pela primeira vez por tráfico de drogas em 1998, ficando dois anos detido em um presídio no interior de São Paulo. Em 2005, foi detido numa churrascaria por se comportar de maneira violenta com quem ali trabalhava, dessa vez acabou mandado para uma instituição psiquiátrica. Segundo o inquérito policial levantado pelo Estadão, já lhe faltava, então, uma perna.

Voltou às ruas, pouco depois, e passou a ser um postador assíduo na internet, principalmente na plataforma Youtube. A maioria dos seus vídeos foi deletada da internet alguns anos atrás, mas alguns espectadores antigos descrevem sua fase inicial como uma espécie de místico que misturava de maneira humorosa, claramente improvisada, ignorante e incauta, as práticas

esotéricas mais diversas. Mesmo sendo “um tanto picareta, e quase assumido”, como descreve um seguidor seu de longa data, Rodnei, “até onde eu sei ele ainda assim ajudava muita gente”. De outras testemunhas, que preferem não se identificar, ouvimos relatos bastante opostos, relatos de uma prática terapêutica irregular (com características de “curandeirismo”) que teria piorado o quadro psiquiátrico de uma série de pessoas, alguns de maneira grave.

“O que caracteriza o Renato, antes de tudo, é a cara de pau”, relata um antigo amigo, Arnaldo, que diz ter se afastado dele alguns anos atrás, quando este começou a se radicalizar. Arnaldo também admite que o amigo já cometeu diversas práticas ilegais, “alguma falcatruas aqui e ali”, mas que não era uma pessoa violenta. Talvez fosse verdade, no passado. Quisera “Renato” tivesse apenas continuado nessa trilha de guru de auto-ajuda com um trambique eventual. Mas já sabemos que não foi isso que sucedeu.

O que contradiz essa imagem do guru folclórico e inofensivo, naturalmente, são os inquéritos da Polícia Federal, que vieram a público com a reportagem tonitruante da VEJA, sábado passado, na qual Renato era investigado como suspeito de sequestro de pelo menos cinco pessoas, entre elas um senador da República, com mais quatro comparsas. Estranhamente, não seriam sequestros por dinheiro, por isso mesmo nunca ganharam a grande mídia. Foram sequestros “de natureza terrorista, cometidos por um grupo extremista e eco-errorista de esquerda”, palavras da Polícia Federal. O inquérito foi vazado com trechos censurados, então não sabemos quem são os asseclas de Laurivan, mas alguém bem conectado na PF me relatou, em primeira mão, que seriam filhos de gente rica e importante (que teriam sofrido lavagem cerebral ao longo de semanas para financiar e organizar essas atividades).

Quase exatamente como no caso Charles Manson, ainda que menos trágico, ainda bem (graças, é claro, ao trabalho das nossas forças de repressão criminal). Aqui poupo detalhes gráficos da natureza dessa lavagem cerebral, que explicam um pouco a censura parcial do inquérito. Aliás, é impressionante a infantilidade do imaginário de revolução do esquerdista (farei um debate na semana que vem sobre isso em São Paulo com Guto Martins e o Filipe de Orleans e Bragança, o “Duquinho”, em breve mais informações).

Ao que tudo indica, “Renato” foi o principal artifício de uma tentativa juvenil perigosa de terrorismo, que acabou terminando de maneira infeliz e escandalosa, certamente lamentável para todos, causando esse papelão para o país no estrangeiro.

A mesma fonte da PF também me confidenciou que, pelo menos, duas dessas pessoas sequestradas pelo grupo estavam no camarote em que Laurivan foi morto. O que isso quer dizer, eu não sei, mas a trama engrossa, como diriam os norte-americanos.

Na névoa de coisas atribuídas a ele, há apenas uma que já podemos dizer de maneira decisiva que é falsa. A suspeita inicial de que ele teria assassinado o jogador, homossexual, Jader, divulgada inicialmente pela internet e depois propagada pela imprensa, continua sem nenhum fundamento. O fato é que a internet se preencheu nos dias seguintes de postagens e reportagens malfeitas, associando o indivíduo Laurivan com uma série de atividades subversivas. Chegaram a apresentar uma lista que ele teria feito de artistas e personalidades da internet, em 2013, e mostrar que todos os membros dessa lista, incluindo Jader, haviam sido assassinados no último ano. Essa correlação foi apresentada como prova de um comportamento violento da parte de Laurivan, mas é evidente que a lista era apresentada como elogiosa (chamava-se, quando foi publicada inicialmente, em dezembro passado, de “XS DOZE MAIORES BRASILEIROS DE 2013 EM TODOS OS MEIOS”). De fato é estranho que quase todos os membros da lista de Renato tenham sido assassinados no espaço de um ano, mas isso não prova que ele seria o responsável. O certo é que esta sinistra conexão deve também ser devidamente investigada e esclarecida.

De todo modo, ao que tudo indica, a vítima do estádio não era, no final das contas, esse cordeiro inocente, esse representante exemplar do povo brasileiro trabalhador.

Isso está longe de justificar o que ocorreu ou a maneira como ocorreu. Vingança não tem rigorosamente nada a ver com justiça. Mas certamente desmonta, de imediato, todos os infinitos textões e memes da esquerda das últimas semanas que vêm tentando transformar a figura desse homem quase num novo Cristo. É importante ter proporções das coisas e encarar os eventos na frieza objetiva dos fatos. Laurivan era um homem perigoso e desequilibrado, que aparentemente estava planejando algum atentado violento ao jogo. Infelizmente, para ele, seus atos tiveram um fim feio e violento. Um fim que não se justifica e que precisa ser processado pelos devidos trâmites legais, sem nenhuma dúvida, pois ninguém está acima da lei. Mas que está longe de significar esse “sacrifício exemplar do povo pelo capital”, nas palavras ridículas e oportunistas de um deputado do PSOL. É um tremendo desrespeito ao

povo brasileiro, tão pio, tão honesto, ser comparado a um homem de conduta tão desviada.

>>

59.

<

Murilo e Elizete começam a fazer yoga assistindo vídeos no Youtube. Depois do filho insistir muito para mãe fazer algum tipo de exercício, ela um dia responde que faria, apenas se ele fizesse também. Depois de duas tentativas mal sucedidas em que afastaram o sofá da sala para ganhar espaço, que não duravam nem dez minutos praticando, Murilo decidiu comprar roupas mais adequadas para os dois e um tapete de borracha apropriado (pra ela, ele se contentava com o tapete normal da sala coberto por uma toalha).

O seu corpo não consegue fazer nem as posições mais simples sem que venham doses de dor e desconforto que lhe parecem extremos. É como se a sua panturrilha estivesse descobrindo sua própria existência agora, tão tardiamente, e de maneira escandalosa. Ele dificilmente aguenta mais de meia hora, enquanto a mãe, indo bem devagarinho, fazia o vídeo quase todo. Aos poucos, os dois melhoram bastante, mas permanecem cautelosos nas posições mais simples.

Murilo fica surpreso como se adapta bem ao trabalho de tradução de patentes. O salário é baixo, mas como não está gastando muito, morando com a mãe, consegue economizar uma parte. Ele precisa se concentrar muito para terminar a carga diária em quatro ou cinco horas, mas a verdade é que ele não consegue escrever nada há meses, então não é como se sentisse que aquilo lhe impedia de fazer nada mais importante com seu tempo.

Era bom ser recompensado, de maneira material, por usar a única habilidade que ele desenvolveu na vida (o conhecimento das regras de escrita de duas línguas). Era uma tarefa em grande parte mecânica, mas não deixava de ser um pouco criativa. Ganhar dinheiro por escrever ficção havia sido melhor ainda, mas era tão mais tenso e arrodado de outros elementos, era tão difícil de dar certo mesmo quando dava. Aquilo, ao menos, era bem simples. Não dava para ficar empacado e ansioso, certamente não do mesmo jeito. Ele provavelmente não se sentirá do mesmo jeito se continuar no emprego por muito tempo, não acha que quer fazer aquilo pelo resto da vida. Mas, no momento, parecia ajudá-lo a ficar mais são e estável do que estava antes.

Um dia, em julho de 2019, depois de tomar banho, Murilo está deitado na

rede e absorvendo aquela endorfina de terminar uma sessão de yoga, o prazer específico de ter usado o corpo de maneira extenuante e de tê-lo colocado em posições que nunca tinha assumido – ambos ainda novos e estranhos pra ele. O celular treme e Murilo se força a esperar um pouco antes de ver o que é. Consegue fazê-lo por um minuto quase inteiro.

De: Ap3n4sumr4p4z@gmail.com

Para: mafrye@gmail.com (conferir)

>>>Murilência da audalência,

sinto lhe informar que tou aqui ainda (não é que tenha voltado risos, não é nada tão fantástico, só nunca fui de vdd mesmo). E pq q venho por meio deste enfim quebrar esse silêncio, tu me pergunta?

Bicho, finalmente chegou a mim o texto da Fatma. E me ocorreu que pode ter te deixado bolado, de algum jeito. Espero que não mas enfim. Notei que você sumiu um pouco das suas redes. SE FOR O CASO, ligue pra essa besteira não. Ela é brilhante mas viajou demais ali também.

Sdd, fi.

Se quiser encontrar e entender a coisa toda, que tb não vou explicar demais aqui, venha para a COMUNA MUCUMÃ, lá pelo KM 45 da BR 060 – GO (tem um mapinha em anexo).

(acho que não preciso nem dizer pra pf fvr não contar pra ninguém, né, óbvio).

Abs~~

(ass: ~-vcsabequem~)

Murilo ri enquanto lê e, depois de ler, também, deixando o celular em cima da barriga. Depois daquele e-mail surrealmente retido na caixa de saída, e o da Leticia logo depois, Murilo continua esperando uns dez minutos algum sinal adicional, uma segunda comunicação.

Algo que desconfirmasse a doidura daquele primeiro e-mail ou algo que a prolongasse em algo ainda mais ridículo, ainda mais estapafúrdio. A segunda bota tinha que cair, não era possível. Mas não veio nada. O mundo era largo e comprido demais, afinal, e a fundura nunca chegava mesmo a um fim. Murilo não conseguiu dormir aquela noite, a cabeça no máximo pesca

antes de voltar pra mesma série insólita de palavras e a possibilidade teimosa e distinta, que ainda continua lhe parecendo a mais provável, de ser algum babaca curtindo com a sua cara.

>

60.

<<

Rafaela, já quase adormecendo, ouve o celular vibrar na prateleira de vidro, agudo e histérico. Levanta de sobressalto. É uma mensagem no whatsapp, ela lê sem desbloquear a tela. Levanta, vai ao banheiro, arruma o cabelo. Pega a bolsinha de tabaco, abre, tira um filtro e põe na boca. Não prossegue, fica parada com o filtro na boca, a testa fechada. O interfone do seu lado toca, ela atende e aperta com alguma pressa.

— Opa. Abriu?

— Abriu.

Durante vinte e poucos segundos, Rafaela escuta passos subindo a escada, seu rosto indo de um aparente pavor pra uma excitação infantil. Arruma de novo o cabelo, volta o filtro pra dentro do saco de tabaco, levanta e abre a porta.

Heloísa aparece de cabelo curto, sobretudo preto e botinas marrons e pedulas, cumprimenta ela com os olhos brilhando.

— Nossa, querida, quanto tempo. Vesh, mainha.

— Muito, né?

— Tu tá linda.

— Você também.

Rafaela esboça um sorriso um pouco constrangido, Amanda o imita.

— Adorei tua casa.

— Ah, brigada. Ainda tou arrumando, né? Ainda tou me entendendo com as lojas aqui.

— Ah, mas já tá super com jeitinho de casa, mesmo.

As duas ficam sustentando, e amplificando de volta, o mesmo sorriso, olhando uma pra outra, como que checando e calibrando o quanto daquele outro humor que as duas conheceram no passado, por tanto tempo, o quanto daquele sentimento largo e intenso, continuava acessível. O quanto era possível reativar aquele circuito. Parecia um mundo muito distante, ali naquele apartamento nos arredores quietos de Lisboa.

— Que loucura, né?

— Demais.

— Muito bom te ver.

— Você também. Desde aquele dia na tua casa que a gente não se via, né?

— Isso, acho que sim. Última vez que vi o Renato, também.

— É. Você achou ele esquisito, aquele dia?

— Quando que ele não era esquisito? Mas sim, achei sim. Parecia que tava querendo contar alguma coisa pra gente, sei lá. Que ele não contou. Mas aquele dia foi tenso também. Todo mundo sacando que era o fim.

— É. Não pensei isso, não, isso dele ter algo mais pra contar. Mas talvez. Eu até hoje não consigo aceitar o que aconteceu com ele.

— Eu também não. Mas calma, né? Já tamo desembestando a falar aqui, nem cheguei ainda.

— Nossa, desculpa, a louca aqui. Tira o casaco, tira.

(*)

As duas mastigam, ao mesmo tempo, um biscoito de queijo, que Heloísa trouxe do Brasil porque lembrava que Rafaela gostava. Nota-se, pela diferença de entusiasmo das duas ao mastigar, que só uma delas degusta o petisco com intensidade. Rafaela serve mais café numa xícara para Heloísa, que indica com a mão que não precisa, sem surtir efeito.

— Vem cá. Você às vezes também do nada lembra de alguma coisa que rolou lá no sítio? Ou nas viagens? Tipo as nossas aulas lá com os veio assustado ou os rituais doido do Renato.

— Demais. Me vem uns flashes assim no metrô ou até conversando com alguém. D´á uma vontade de contar pros outros.

— Comigo também, principalmente se é uma conversa sem graça, assim. Gente que não tá falando nada com nada, que só tá repetindo fofoca besta de celebridade, treta de twitter. Eu começo a ficar com uma gastura do papo e do nada lembro dumas cenas dessa época que são tão incongruentes com o dia-a-dia, que eu fico meio imaginando, por meio segundo, se eu sonhei ou se aquilo rolou mesmo.

— Por um tempo, eu ficava conversando direto sobre isso com o Pedro,

quase todo dia. Ele sentiu mais do que eu, até. Voltar pra vida normal e fingir que nada aconteceu, ele achava muito bizarro. Achava que a gente não podia, que a gente tinha que arranjar um jeito de continuar a viver daquele jeito. Bancar aquele sentimento.

— Pelo que eu lembro, ele confiou no Renato mais do que a gente, né? Coitado. Ficou esperando o e-mail ou a ligação até o fim. A famosa terceira fase do plano. A última vez que eu falei com ele, ele ainda achava que ia rolar.

— Ficou, o bichinho.

— ...

— Mas te falar que eu fiquei por um tempo, também. Achando que algo viria ainda.

Rafaela parece um pouco constrangida de admitir isso.

— Eu não acho que ele tava só mentindo. Acho que o Renato e talvez a Tamires, e sei lá mais quem, tavam manipulando a gente pra fazer outra coisa, hoje eu vejo isso, mas acho que o papo todo que eles diziam que acreditavam era real. Eles queriam fazer aquilo tudo mesmo, só não incluíram a gente na porra toda. Na visão toda, sei lá.

— É. Talvez. Nunca tinha pensado com essas palavras, mas acho que sempre senti algo mais ou menos por aí. Que eles tavam enganando a gente, mas também não tavam.

— Mas que merda que eles tavam querendo fazer, afinal? A coisa da Copa? Você acredita naqueles relatos doidos? Acha que eles tiveram a ver com aquilo?

— A coisa dos pássaros e das coisas que cresceram na terra? Devia ser um holograma, né, sei lá. Ou todo mundo tava doidão. Tinha um papo de que botaram um negócio nas bebidas que tavam bebendo do jogo.

— Eu vi isso, meu pai me repassou também. Mas não tem nada a ver, teve uma reportagem de algum jornal grande falando que tudo vinha lacrado das fontes. E como que todo mundo vai e vê a mesma coisa?

— É, não sei. Enfim. Mas você não fica com uma impressão, às vezes....

— Ahm.

Heloísa parece alerta depois de ouvir isso, por mais que Rafaela tenha dito duma maneira despretensiosa, sem nem saber ainda direito o que ia falar.

Ela parece notar a expectativa da amiga.

— Por mais que tenha sido horrível, das coisas mais horríveis que cê pode imaginar, e ainda mais daquele jeito.

— Diz.

— Por mais que não dê pra imaginar direito que alguém pudesse querer arquitetar aquilo pra si mesmo.

— Não. Claro que não.

— ...

— Fala, menina. Desembucha.

— Ainda assim, cê não acha que ele pode ter de algum jeito se colocado naquela situação?

— Como assim?

— Eu não sei. Eu não sei mesmo. Só acho bizarro demais.

— Tá culpando a vítima, poxa.

— Não, não é isso.

— Tou zoando, eu sei, eu sei que cê não tava dizendo isso.

— Então, mas e aí?

— Sim.

— Sim?

— Eu também acho. O Pedro também acha. Mas eu não falo pra ele que eu também acho, falo que ele tá doido, porque senão ele pira.

Rafaela faz cara de quem pede por mais explicações.

— Mais ainda do que ele já tá pirado, digo.

— Pirado cê diz como?

— O Pedro teve uns momentos bem punk. Bem punk. E eu que cuidei mais do que ninguém. O namorado babaquíssimo largou ele assim que começou a dar ruim. A coisa é que naqueles dias ali, ele se sentiu ele mesmo pela primeira vez na vida. Com o Renato e com a gente. Um marmanjo, imagina, e um cara privilegiado como ele. Eu senti algo parecido, mas pro Pedro acho que foi muito maior. Aí, nessa onda, ele se sentia desafiado a

continuar aquilo, e não conseguia. Uma coisa era fazer isso puxado pela mão por alguém mais solto e mais doido do que você, outra coisa era sair na rua e vestir aquilo mesmo, assumir pelo resto da vida, o tempo todo. Confrontar o mundo com o que você é. Não é fácil. Ele ficou uns nove meses só reclamando disso e reclamando disso dum outro jeito e aí reclamando disso dum jeito mais ou menos parecido com o primeiro. E aí, né, o Pedro sendo o Pedro, e conhecendo só dois modos, não é nem oito ou oitenta, é oito ou oitocentos, ele um dia foi e meteu o louco num jantar hiper formal lá de negócios da família dele, apareceu no seu jeitinho de sempre na casa da vó, mas com uma mochila grande. Isso um dia depois do pai e a avó confrontarem ele, super dramáticos, por causa do que tinham ouvido do Renato e do que a gente fez, e dando um esporro nele, ela chamando ele de depravado e não sei o quê. Aí ele vai pro banheiro do antigo quarto do pai e desce como uma dominatrix segurando um balão de hélio de cifrão e cantando algo cuja letra ninguém entendeu, mas que um dos convidados, um senhor canadense extremamente presbiteriano, reconheceu como sendo um showtune picante dos anos trinta. Enfim, mó cena.

— Que ótimo. Maravilhoso.

— Desculpa. Eu falo igual uma condenada. Se deixar, eu não paro.

— Eu gosto. Cê sabe que eu gosto.

— Eu acho que ele queria envergonhar o pai. Sei lá. Só pode. E consegui. Parece que a avó surtou, não quer mais ver ele nem pintado, já o pai respeitou o que ele fez.

— Que coisa. E vem cá, eu também queria te perguntar um negócio. Você conheceu ela?

— Quem?

— Não sei o nome. Cabelinho de cuia com umas mechas na orelha. Um tipo de indiazinha. Meio machona. Linda, linda.

— Não. Quem?

— Veio falar comigo logo depois do Renato morrer. Me deu um bolo grosso de euro, um passaporte italiano falso e uma passagem pra Portugal, além de contatos aqui pra quando eu chegasse.

— Caraca. Ela é a Carmen Sandiego?

— Pois é. Parecia filme de espião, fiquei completamente sem entender. Achei que eu tava fodida, quando saiu aquela reportagem falando que o Renato tinha sequestrado senador e era procurado pelos americanos pelo diabo a quatro. Eu tava certa que ia ser presa, tava quase fugindo pro interior, mas não tinha dinheiro. E aí pronto. Ela bate na minha porta, entrega isso, me dá um abraço, pede desculpas e some.

— Caramba.

— Aí eu perguntei pra Tamires, a última vez que encontrei. E ela me admitiu que tinha sido ela que tinha armado tudo, desde o começo. E que ela não me contaria mais pra minha própria segurança.

— Gente do céu.

— Eu achei o máximo.

— Como que a gente volta pro chão depois disso, né?

— Não é, menina. O jeito é não voltar, não completamente.

Rafaela ri de um jeito falso, como se tivesse tentando achar aquilo uma piada, mas não achasse graça. As duas ficam encarando os próprio joelhos, por um tempo, os olhos igualmente distantes.

— Cê ainda lembra dos trem da ritmanálise?

— Nooosssa. Lembrava não. Assim, lembro que tinha, né, claro, esses papos todos aí. Mas já esqueci quase tudo, não cheguei a entrar muito fundo não, ao contrário de vocês.

— Pois é. A gente embarcou meio demais, né?

As duas riem.

— Os exercício, aqueles calendário.

— Ai, ai. Só ele, né?

— É. Só.

— E você faz ainda, e tudo?

— Pior que faço. Não sempre, assim. Não religiosamente, mas faço.

As duas voltam a ficar em silêncio. Rafaela começa a mexer de leve os ombros e os quadris, erguer e girar os pés no chão, sem levantar, como quem encena uma versão comedida e apressada de uma coreografia complicada.

Heloísa ri muito, pega a mão da amiga e imita a mesma série, mas com mais precisão e lentidão.

>>

61.

<

Murilo chega ao destino no início da tarde, pouco mais de cinquenta minutos de carro sem trânsito. Combinou de pagar um pouco mais ao Uber pelos cinco ou sete minutos de estrada de terra.

O lugar é um sítio de tamanho médio que parece ter sofrido reformas semi-improvisadas recentemente, incluindo a extensão de um quarto nos fundos que ainda não recebeu pintura. Tem três carros bem sujos de lama estacionados na frente (um celta e um ford KA, ambos pretos e um pouco amassados, e uma land rover prateada, imponente e um pouco incongruente).

Murilo vai se aproximando e vê no gramado terroso na frente da casa duas crianças sem camisa correndo atrás de galinhas. Da casa, sai uma garota grande e toda tatuada com uma travessa grande cheia de legume cozido (abóbora, abobrinha, inhame).

— Cauãããã, vem comer.

Ela olha pro Murilo e parece confusa, erguendo uma sobrancelha de maneira simpática mas ainda assim inquisitiva.

— Opa. Pois não?

— Oi. Me mandaram um convite pra vir aqui hoje. Aqui é a comuna Mucumã, né?

— É sim. Quem que te chamou, meu bem?

— Eu não tenho certeza do nome, pra falar a verdade. Mas meu nome é Murilo?

Ele está tão confuso que sai como uma pergunta, como se ele próprio não soubesse.

— Aah, tu que é o Murilo. Pronto. Tou sabendo já que você vem, bem-vindo, meu bem. Cê já almoçou?

— Já, brigado.

— Ah, se tiver espaço aí come com a gente. O Carlos fez três quilo de comida, geral nem tá aí hoje, vai sobrar com certeza.

Murilo só fica mais confuso. Afinal, quem é que o tinha chamado? Pensa

em perguntar, mas a garota continua procurando o tal do Cauã. Sem falar nada, ela indica um caminho pra Murilo com a mão e ele segue nessa direção, atravessando a casa. O lugar está apinhado de coisa, mas é organizado, cheio de caixotes e pastas coloridas. Lá dentro, vê-se alguns computadores com monitores grandes, latas de tinta e pincel pelo chão, quadros terminados e inconclusos, muito livro e muito papel, uma bandeira do MST e um pôster do Pepeu Gomes. Duas meninas estão num sofá, metidas num cobertor e ouvindo algo no computador, as duas com fones de ouvido e expressões atentas à reação da outra. Na porta da cozinha, tem um grande quadro magnético branco, com um círculo escrito TAREFAS e várias setas irradiando e apontando para nomes ali em volta. Murilo não sabe como cumprimentar as duas garotas de fone e acha melhor ir pra varanda.

Saindo pra área externa, vê-se, mais pro fundo, uma horta bonita e extensa misturada ao mato, antes dela, uma fogueira extinta com cadeiras de praia em torno e um violão em cima de uma delas. A direção apontada pela garota dentro da casa, levada até lá fora, chegava até uma mesa comunal grande, de madeira, com um único ocupante sozinho de calça esportiva amarela lendo um texto xerocado e fumando um cigarro palheiro. Veste uma camisa surrada do Olodum e tem um rosto que parece agressivamente deformado em torno da boca e de onde normalmente estaria um nariz. Murilo prefere não olhar diretamente, para não ser indiscreto. Senta-se no outro canto da mesa larga comunal no jardim, sem falar nada. Em volta, tem ainda bancos de madeira improvisados em cima de tijolos e uma poltrona antiga de couro toda rasgada vomitando seu estofamento em três rombos. O ocupante larga seu texto e olha em sua direção.

— Murilão da situação. Fala, fi. Não é que tu veio mesmo?

Só aí Murilo entende mesmo. Ou admite que entende.

>

62.

<<

Em 2002, Renato saiu de Belém. Pouco depois, perdeu os contatos virtuais que tinha dos irmãos e de Dennis. Logo achou que nunca mais os veria. Esse último, ele acabou encontrando numa casa, em que ficou internado na segunda vez que foi detido, em 2005 (um encontro que lhe fez bem, embora ele não tenha gostado de ser visto por ninguém do jeito que tava na época).

Por anos, Renato nem imaginava encontrar a garota de novo. Até que ela chega uma manhã, do nada, e bate na porta do apartamento no prédio modernista chique na praça da Liberdade, em BH, de um ex-namorado arquiteto que ainda era apaixonado por ele e tava fora da cidade. Renato estava morando de favor no lugar, cuidando das plantas e gatos. Não durou muito, mas ele nunca morou tão bem na vida, antes ou depois. Na época, tava desistindo de ser a Soraia, depois de ser expulso do mestrado e de um punhado de situações horríveis terem se desdobrado de suas estratégias terapêuticas heterodoxas. Sentiu que precisava repensar muita coisa, abandonou a personalidade que o havia habitado pelos últimos anos. Estava tentando repaginar tudo, reformatar a vida, como acabava fazendo, por necessidade externa ou interna, de uns quatro em quatro anos.

E aí que a garota um dia vai e bate na porta dele, às nove da manhã, enquanto Renato limpava a caixa de areia do gato. Ele a recebe segurando um saco cheio de cocô e areia empedrada de xixi. Assim que os dois se viram, ela encarou, arregalada, a falta de perna dele. Ele só disse, pois é, e falou que passaria um café ótimo, que ele mesmo tinha acabado de moer (via-se rápido na cozinha que a casa era de um desses entusiastas e puristas de café).

Renato contou uma versão resumida do que aconteceu com a sua perna (a versão real, prosaica, que ele quase nunca conta pra ninguém), ela reagiu com uma cara de consternada. E não aguentou, logo falou sobre a desgraça do que tinha acontecido com o irmão dela. Ela olhou pra baixo e os dois se abraçaram, o que Renato não lembrava de já ter acontecido antes, nem na época de Belém (até porque nunca chegaram a se despedir). Ela nunca foi de abraçar ninguém, além do irmão. Aquilo era novo.

— Eu nem sabia que cês tinham brigado. Fiquei sabendo da morte pelo

Dennis, mas só.

— Pois é. Não foi tanto a briga, não. A gente nem sabia brigar. Ele que teimou que a gente não podia se ver, nem morar na mesma cidade. Aquela porra de culpa lá dele. Você sabe.

— Eu sei, é. Foda.

— Djesa e suas chacretes. Maria e suas filiais. Ele nunca teve escolha.

— Eu fiquei mal pra caralho quando descobri. Acho doido que não tenha dado uma noticiuzinha de nada. Segundo o Dennis, os cara do IML até demoraram a admitir, pra ele, o que tinha rolado.

— Não vamo falar disso não. Eu não consigo.

— Tá bom.

— ...

— E cê ficou no Canadá esse tempo todo, então?

— Não, não, imagina. Não aguentaria aquela friaca. Fiquei um tempo na Bolívia, outro lá em Belém, mesmo. Outro em outros cantos por aí.

— Que chique, menina. Aff. Eu ainda nunca saí do bananão até hoje, acredita?

— Cê sabe que ele achava que o que aconteceu comigo em Belém era por causa dele, né? Ou por causa do que a gente fazia, sei lá.

— Ele te falou isso?

— Ah, ele nunca chegou e disse com todas as letras, mas quase. Dava pra sacar. Já falou umas maluquices que bastaram.

Não olhava para o Renato ao falar. Tampouco sorria. Ele não lembrava de tê-la visto numa posição vulnerável antes. Era bom, mas era estranho. Chegava a ser incômodo.

— Mas qual é a treta lá que cê falou que ia falar? Tava toda-toda, não sei o quê.

— Ah, puts.

Ela sorri de novo o sorriso de diaba dela, o que alegra Renato de novo.

— Acho que se eu te contar, tu me chama de doida.

— Duvido.

— Cê não ouviu ainda, ué. Eu me meti com uma galera que cê ia amar demais, demais. Uns ativista de tecnologia, uns hacker radical anarquista. E alguns deles faziam parte duma celulazinha obcecada com a DARPA. Sabe?

Renato tava com os olhos do tamanho do mundo. Queria fingir que sabe, mas queria também saber o que era, então não falou nada, só concordou com o queixo de maneira faceira. Ela sorriu e entendeu.

— The Defense Advanced Research Projects Agency. É a galera sinistra da pesquisa militar de ponta, nos EUA. Enfim, é uma longa história, nem cabe contar agora. Mas o que importa pra ti, aqui e agora, é que eu consegui meter minhas mãos numa máquina absurda, Renato. Absurda. Só te mostrando mesmo. Cê tá com tempo?

— Quando que eu não tenho tempo pra ti, meu mel? E pras tua mirabolância?

Os olhos dela tavam brilhando. Ainda sem olhar diretamente para ele.

— Então, dois anos atrás, essa DARPA comprou uma interface experimental de imersão integralmente intensiva, nas palavras deles. Que funciona a partir de um micro-emissor e receptor, instalado na base do crânio. E a gente conseguiu botar as mãos nela.

— Vesh. Mas que que ela faz?

— É uma máquina que liga nela mesma uma consciência diretamente, sem interface gráfica. Com isso, rapidamente tavam desenvolvendo a tecnologia de gravar e reproduzir o bruto da sensação, do input sensorial. No começo, conseguiam tirar umas imagens super ruidosas, às vezes uns sons. Mas, depois de um tempo, o negócio ficou praticamente perfeito.

— Tá de zorra? Té parece. Chegam e recuperam tudo?

— O que não se consegue extrair, a nossa própria percepção preenche, saca? Cada nova iteração do algoritmo foi melhorando isso, esse jeito da nossa cabeça completar as lacunas do arquivo. Esses projetos de leitura de mente não nasceram ontem, afinal, tão aí desde os anos setenta, mas por décadas eram pouco mais que uma piada. Uns safados agitando modelos toscos no ar e prometendo mundos e fundos. Parece que a base dessa parte da tecnologia, na real, teria nascido das pesquisas de ponta pra uploadar mente em máquina, nos últimos quinze anos. Em grande maioria, bancado por bilionário que querem viver pra sempre, risos.

— Eu ouvi falar que eles tavam nessa, mas não imaginava que era sério.

— Obviamente, isso jamais vai funcionar como eles querem, mas de todo modo precisa dessa parte crucial, um meio de integrar sua consciência atual diretamente na máquina. Por que, senão, do que adianta? Tem um white paper anônimo, conhecido apenas dentro desses círculos, que apresentou esse problema em 2002 e deu essa solução duvidosa. Não adianta reproduzir a mente, se não se criar uma maneira de passar da experiência corporal para a experiência digitalmente mediada. Fazer o upload da sua mente sem conseguir essa parte, significaria só criar um clone de você mesmo que vai viver para sempre, com as suas posses, enquanto você morre como qualquer um. Não é isso que eles querem. Então investiu-se quantias totalmente surreais de dinheiro nesse problema: como fazer a transição final do corpo pro silício? Da consciência orgânica para uma consciência metálica. Pra mim, não é nem um problema de verdade, mas enfim. Parece que conseguiram, em parte.

— Então, o que ela faz?

— É difícil descrever. Mas você consegue se transmitir pra dentro da máquina. Sua consciência passa a ser mediada por ela. A sua duração, digamos.

— Mediada como?

— Essa é uma palavra ruim, na real. Pensando agora. A experiência é exatamente contrária a de ser mediado. Tudo aparece pra você como se tivesse dentro de tu. Como se fosse tua imaginação montando. Só que cem vezes mais vívida.

— Eita.

— Imagina fechar os olhos e dentro de você tem um desktop, só que um desktop sem limites.

— Parece muito assustador, na verdade.

Ela ri.

— Claro. E meio que dava errado, na maior parte do tempo. Depois de muito tempo testando com porcos e chimpanzés, começaram a testar em humanos. Os primeiros humanos a usar relataram que se sentiram presos numa duração meio-corpo-meio-máquina. Em alguns relatos, parece completamente insuportável. Um cara ficou pouco mais de meia hora dentro e disse que achava que tinha ficado meses. Logo apontaram que algo parecido pode ter acontecido com os porcos e chimpanzés, mas ninguém tinha como

perguntar pra eles.

— ...

— Pois é.

— Tem que operar antes?

— Não é operar-operar. Só injetar um trocinho embaixo da pele. Só para potencializar a emissão e a recepção da onda mesmo, senão não passa direito do crânio. É uma malha transorgânica. Vai se misturar com teu corpo rapidão.

— É o quê? Quase-orgânico soa péssimo.

— Transorgânico. Protótipo de biotecnologia, copiado dos chineses, parece. Eu te juro de pé junto que é seguro. Ou pelo menos tá sendo, até agora.

Diante da cara ainda incrédula de Renato, toda amassada na boca, ela virou o rosto e levantou o cabelo de trás com a mão, mostrando a nuca e uma marquinha quase imperceptível entre os dedos.

— Eu testei em mim mesma primeiro, claro. Tava doida de curiosidade e não ia ser babaca de usar alguém de cobaia.

Renato toca a marca com os dedos.

— Já nos primeiros testes que eu fiz, descobri um negócio que até agora não sei se fui eu que inventei. Quando os osciladores da sua consciência sincronizam com os osciladores da máquina, isso cria uma distorção temporal, que é o que causava esse bug de deixar a pessoa presa no meio do caminho por um tempo aparentemente enorme.

— Distorção como?

— Nisso da tua consciência ficar indo e voltando milhões de vezes por segundo entre o teu crânio (porque é isso que tá acontecendo), a sincronia bioquímica neural está sendo circulada dum jeito tão acelerado e fragmentado na máquina que acontece algo muito esquisito com a tua noção do tempo. A primeira vez que eu usei, tive a impressão de ficar umas seis horas num sonho muito esquisito, muito lúcido e vívido, onde eu conseguia acessar pastas do meu computador como se fossem caixas de papelão, num depósito todo limpinho e verde. Quando acordei, tinham passado nem cinco minutos direito.

— Isso rola com sonho às vezes.

— Mas não é daquele jeito todo derretido de sonho. É muito concreto. Eu pude sentar e ler ou escrever páginas e páginas de código, organizar mil ideias, salvá-las no disco e recuperar depois. E acordo, não passou tempo nenhum. Passaram, tipo, cinco, dez minutos. Eu acordo com uma puta dor de cabeça, mas sento e consigo lembrar de tudo, acessar tudo.

— Caraca.

— Eu usei demais nos últimos tempos, sei lá. Tentando fazer coisa demais. Devo ter vivido uns cinco anos, nas últimas semanas. Tou tentando parar. Me dá umas enxaquecas, às vezes, que puta que pariu. Não deve fazer bem.

— Doidera.

Ela parece feliz com o efeito que está tendo no amigo, que de um assombro cênico, exagerado, passou a um pavor quase religioso. Diante disso, abre um sorriso maior do que o que já estava abrindo.

— Isso é só metade da treta. Tu não imagina. Agora é que fica maluco o negócio. Porque na mesma infiltração em que a gente apanhou esses projetos, a gente apanhou outro arquivos, que tavam criptografados dum jeito ainda mais cabuloso dos que os primeiros. E esses arquivos falavam de uma força-tarefa aí, secreta, que teria encontrado, enquanto procurava por outras coisas, o negativo material de ondas cerebrais gravadas há muito tempo.

— Ondas cerebrais gravadas?

— Sim.

— Vai te foder, como assim?

— Demorou até que percebessem que o que eles tavam lendo era uma consciência guardada. Que aquele rastro ruidoso era o adensado composto de ondas eletromagnéticas da consciência de alguém. Pelo que eu entendi, dos e-mails que a gente conseguiu recuperar, só descobriram isso por acidente, porque tinha um mesmo pesquisador polímata indiano trabalhando nos dois projetos. Tanto o da máquina de uploadar a cabeça, quanto no de procurar matéria escura. O cara percebeu que tava lidando com o mesmo tipo de onda ali. Só que uma era o negativo da outra. As consequências disso, tu não tem ideia. Na verdade, ninguém tem ideia. A explicação que eu mais gostei foi a desse indiano, que parece que ninguém levou a sério. Não acho que ele tá certo, mas achei engraçado. Segundo ele, sabe porque que o universo tá expandindo o tempo todo? Porque o passado ainda tá aí, escondido, engordando

com todo presente que engole. O ruído negativado dele fica guardado nas fibras do espaço. Ou melhor, o passado é as fibras do espaço. O cara, que chama Ramachandran, propõe então que aquele poderia ser algo como “o disco rígido de Deus”.

Renato tava olhando pra ela, com uma cara de apaixonado.

— Vamo lá, deixa eu te mostrar. A máquina tá lá na casa da Tamires.

Eles vão de moto até Ouro Preto, pra casa da Tamires, que está dormindo quando eles chegam, dez e tanto da manhã. Acha melhor não acordá-la. Os dois vão pro quartinho dos fundos e ela lhe mostra uma máquina ligada no que parece uma cadeira de dentista modificada. Parece meio mambembe, as entranhas todas expostas. Renato se senta nela e olha para a amiga com uma cara de medo, ao mesmo tempo, fingido e genuíno.

(...)

— Cada pessoa responde de um jeito. Tem gente que mal consegue engatar, parece. Você respondeu muito bem, tuas leituras até agora tão muito nítidas, assim. Geralmente demora na primeira vez, viu?

— Cê tá falando isso só pra me agradar.

— Desde quando eu faço isso, Renato?

— Deve ser então que a minha imaginação é show demais, as imagem já vêm tudo linda, tudo em HD.

— Cê deve estar exausto, né? É cansativo o negócio. Eu tou com isso tem tempo e até hoje nem deu de testar nem metade dos arquivos que eu tenho.

— Quero ir de novo.

— De novo? Tu vai fritar a cabeça, bicho.

— Vou não, põe de novo, põe. Põe um outro aí. Qualquer um. É tudo lind demais. Bem melhor que filme. É o show da vida.

(...)

Tamires estava com o sono invertido, apareceu nos fundos com uma cara de zumbi quando já era quase meio-dia, disse que tinha botado pão de queijo no forno e voltou pra cama. Então depois de um bom tempo usando a máquina, os dois se recolhem pra tomar um café com pão de queijo e goiabada.

— Mas, então, desde que eu pus a mão nessas máquinas, eu tou com uns

plano meio mirabolante esquentando na cabeça. E eu preciso de alguém pra me ajudar. Você é uma das poucas pessoas em que eu confio nesse mundo, Renato.

— Oxe, beleza. Tamo aí, demorou. Mas tipo o quê?

— Tem um garoto em Brasília, um playboy nerd que escreveu uma história em quadrinho. Parece ser um cara tranquilo, não conheço. Ele é importante por um motivo que não posso te explicar agora. E eu preciso preparar ele pra uma parada. E pelo que eu andei pesquisando sobre você, acho que teus dotes pra isso serão adequados.

— Sei não, hein? Fiz uns trem que deram ruim, aí, recentemente.

— Com certeza são mais adequados do que os meus, Renato. Eu mal sei falar com as pessoas.

— Se você diz.

— Eu tou com esses brinquedos aí e ainda não decidi o que dá pra fazer com eles. Mas quero fazer alguma coisa. Se você tivesse um poder meio sinistro nas mãos, o que que você faria?

Renato olhou pra longe e estirou os braços pra cima, como se estivesse pensando fundo.

— Eu sempre quis fazer com o Brasil inteiro o que eu fazia com meus pacientes, em BH, naquela época.

— Você diz aqueles negócios que você falou que fazia quando era a Sandra?

— Isso. Eu estudava a pessoa a fundo, ficava semanas, às vezes meses, preparando. E aí eu construía uma situação verdadeira-falsa que era perfeita pra ela virar a pessoa que ela queria ser. Não de uma vez, né? Mas pelo menos pra passar por um limiar importante, por um umbralzinho novo de transformação. Chegar, como a gente falava, num outro patamar, né? E a pessoa mesmo sabendo de antemão que devia ser pegadinha, quando a coisa surgia, mesmo antecipando que aquilo ia acontecer, na hora ela acreditava. Quando chegava na hora agá mesmo, todo mundo abraça aquilo e vive o negócio dum jeito muito intenso, até intenso demais. Ou enfim, quase todo mundo.

— E você acha que dá pra fazer isso com um país inteiro?

(...)

— Caceta. Tou passado demais com o que tu tá armando. Quem diria que

aquela criaturinha reia mexendo nos CPU em Belém estaria metida em coisas assim?

— Eu diria. Sempre soube.

— Você sem ninguém pra puxar a orelha fica insuportável, nossa senhora. Eu sei que tu já se acha, eu sei, já deu pra entender. Mas o pior mesmo é que mesmo a sua se-achância considerável não equivale à sua cabulosidade, viu?

— Cê é muito engraçado, Renato.

— Sempre que cê fala assim comigo, na verdade, é condescendente, cê já reparou? Cê só fala que eu sou engraçado, cê nunca ri.

— Já.

— Cretina. Mas tu vai esculachar, hein, com esses trem tudo que cê arrumou? Cuidado, viu. Vai esculachar quem? Não vai fazer nada violento-violento também, hein? Não quero nem que cê me conte tudo mesmo pra eu não ter que contar se me pegarem. Porque cê sabe que eu não me aguento. Olha a cara de diaba, eita.

— Não sei do que você tá falando. Sempre fui uma pessoa responsável e observadora de leis, membra exemplar da comunidade.

De repente, Renato emite quase um grito.

— Vi-rá!

— Oi?

— Impávido quem Mu-hammad A-liiii.

Ela ri pela primeira vez, em algum tempo. Ele claramente fica feliz de ter conseguido.

— Vai te catar, Renato.

— Virá que eu vi.

— Tu tem doze anos de idade?

— Nãñãñãñãñã-nãñã Bruce Leeeeeeee

— ...

— Virá que eu vi.

>>

63.

<

— Então. Deixa eu te explicar

— Por favor, véi. Vou estar precisando.

— O acidente rolou mesmo. Eu não tava em nenhuma condição de dirigir, fui muito imbecil. A real é que eu não tava bem das ideia naqueles dias, você viu como eu tava. A merda maior é que eu tava dando uma carona pra dois amigos meus de Goiânia, o Sávio e o William. Encontrei eles na festa rapidinho, depois de falar com você. Enfim. Não tava nem há meia hora na estrada, quando derrapei numa curva que fiz rápido demais. O carro bateu direto numa obra do lado da estrada de madrugada. A sorte é que tinha um vigia ali, guardando as máquinas da obra, por isso o socorro chegou logo. Mas um dos moleques morreu na hora. Eu acordei meia hora depois numa ambulância com meu pai na minha frente.

— Seu pai?

— Um dos PMs que chegaram no lugar reconheceu o meu carro e meu nome, aí ligou pra ele direto, que tava num evento ali perto, no interior. Só depois que eu fui entender a coisa toda. Os dois amigos que eu te falei tavam sem cinto e se pegando forte no banco de trás quando rolou o que rolou. O William foi jogado pra fora do carro só de cueca, e o Sávio, que ficou preso nas ferragens, mas só fez quebrar um braço, tava só de camisa. Os caras chamaram meu pai, porque sabiam que ele não ia querer aquilo vazando pra imprensa. Filho do governador bate carro com dois viado dentro, um deles morre. Aquilo não tinha como sair, era péssimo pra ele, tal e tal.

— Caramba.

— Pois é. Eu chorei pra caralho, xinguei ele de tudo. Foi ridículo. Tinha mais uns três caras lá na hora, pelo menos, além dos bombeiros e de um PM. Todo mundo ficava num canto sem falar nada, meio constrangidos. Bizarro demais. Perguntei o que ia acontecer com o William e ele falou que levariam levar pra Goiânia pra entrar em contato com a família. Inventar alguma história não seria difícil, tem acidente de carro e de moto todo dia. O Sávio tava em choque, em posição fetal sem falar nada. Meu pai falou alto, pra ele ouvir, que seria tratado num hospital privado e podia ganhar um trocado se

se comportasse.

— ...

— Pois é. Eu não sabia nem o que dizer. Ele só bufou e falou daquele jeito dele. Você faz só o que quer e depois eu que tenho que limpar sua merda. Até hoje. Eu tava com muita raiva dele por tudo que ele tava fazendo, mas tava com mais raiva ainda de mim. Pensei por um instante em contar a verdade pra família do William, mas uma parte de mim já sabia ali mesmo que eu nunca teria a espinha necessária pra fazer isso. E aí meu pai fez uma cara esquisita e falou: Não vai ser fácil esconder isso, filho. A imprensa vai cair em cima se descobrirem que morreu alguém. Os meninos aqui todos me respeitam, eu já falei com todos eles, todo mundo entende que a situação é delicada, não é simples. Complica pra mim, mas complica de verdade pra você. E ele ficou me encarando como se quisesse que eu propusesse alguma alternativa, e eu não tava entendendo.

Murilo também não entendia.

— De repente, ele vai e fala: mas se você tivesse morrido no acidente, aí ninguém vai reclamar nada. Uma coisa é você matar alguém, outra é você se matar. Aí todo mundo fica é com pena da gente, da família toda. E ele sorriu aquele sorriso mais filho da puta dele. O sorriso de verdade dele, que não é o que aparece nas fotos.

— ...

— Eu chega demorei pra entender o que ele tava propondo. E aí lembrei de um pequeno bordão que já tinha ouvido ser repetido algumas vezes, entre meu pai e dois amigos antigos dele, um que eu achava que era só piada quando criança, e que eu percebi ali, na hora, que não devia ser. No Goiás não tem dessa não, não tem treta, não tem rolo. Qualquer merda que dá a gente troca os corpo.

>

64.

<<

Rodolfo se encontra sonado de jet lag, no bar de um hotel em Hong Kong. Tenta se manter acordado, enquanto escuta o final de uma história comprida que Philip não termina de contar. Evita apoiar o rosto nas mãos, porque sabe que assim vai fatalmente cochilar.

As histórias de Philip eram tão compridas quanto eram confusas. Não raro, as premissas do início começam a soar elusivas já pela metade, ele sempre se empolga demais com detalhes. O português veste um sobretudo Burberry, cor creme, muito sóbrio e pesado, companheiro antigo seu de viagem. Já Philip usa uma espécie de capa arrojada da marca Miu Miu, estampas modernas de inspiração tradicional japonesa em seda multicolorida. O amigo de Rodolfo (talvez conhecido fosse mais justo) era um investidor muito bem-sucedido e conectado, que aproveitava, quando estava fora do seu próprio país, para usar suas peças mais extravagantes, de alta costura, aquelas que ele não tinha coragem de usar em qualquer lugar. O engraçado é que mesmo longe de casa, Philip dificilmente conseguia bancar tão bem as próprias escolhas, passava a noite tenso, encarando o modo como era visto pelos comensais e garçons e arrependendo-se da escolha, visivelmente.

Mas não era nem por seu gosto em moda e nem por seus contatos no setor financeiro que Rodolfo havia procurado Philip. Ele foi acionado única e especificamente por seu conhecimento íntimo e impecável das antigas famílias aristocratas da Nova Inglaterra, e de seus podres. Parece perceber a distração de Rodolfo e, meio irritado, muda de assunto bruscamente. Os dois conversam em inglês.

— Então, tá ficando tarde. Diga logo o que você tava querendo comigo, Rodolfo, antes que você durma aqui na minha frente.

— Lá vem. Desculpa, Philip, eu ainda tou no horário de Lisboa, poxa. Cê sabe que eu adoro suas histórias.

— Não precisa me enrolar, Rodolfo. Fala logo.

— Pois então. Vou ser direto. O que você sabe sobre Timothy Bedford?

— Ai, meu caralho. Timothy Aaron Astor Schuyler-Havemeyer, III?

— Imagino que não tenha outro. Que que tem?

— Nem sei como começar. O que que você quer saber desse desastre?

— De onde você o conhece?

— Eu não o conheço. Não pessoalmente. Não sei tanto, mas sei de mais coisa do que gostaria. Por que você quer saber?

— Ele vem enchendo muito o saco, pra falar a verdade. Tentando se meter onde não deve, insistindo muito para saber mais do que devia sobre o projeto complicado e sigiloso de que te falei.

— Aquele misteriosíssimo, sei. Sobre o qual você não conta nem meia fofoca.

— Pois é, mas não por causa disso. Digo, não é o projeto em si que interessa ele. Parece que ele tá obcecado com uma ex-funcionária que roubou algo do projeto. Nunca o encontrei, mas já ouvi falar de duas pessoas que encontraram, todas expressando um sentimento parecido com o que vi na sua cara agora. Imagino que não seja um homem muito fácil de engolir.

— E o que que ele já sabe?

— Não temos certeza. Parece que sabe que parte da operação estava localizada na Bolívia. Mas acho que ele não sabe muito mais do que isso. O que me disseram é que tinha contatos fortes. Ele é da CIA, é isso mesmo?

— Mais ou menos. Só sei que entrou do jeito mais ridículo, nepotismo brabo, sociedade secreta e o escambau. Nem sei nem se tá na folha de pagamento, se tem um título oficial. Timothy é o neto cagão de um ex alto-conselheiro da CIA, mão-direita de Allen Dulles no final de carreira, responsável direto por mais merda que você consegue botar em dez documentário melodramáticos. Um cara que foi realmente importante pra criar aquela máquina assombrosa deles. O pai do Timothy tinha bem menos poder que o avô, mas o mesmo sangue no olho, e ainda maior ambição política ostensiva. Esse pai, Timothy II, eu conheci bem, uma figura, você encontra foto dele em tudo que é encontro farofeiro de gente poderosa, jantar beneficente pra isso e aquilo, esse tipo de coisa. São amigos da família Bush desde sempre, assim como dos Clinton. Mas Timothy terceiro é o que mais faz merdinha na família, o que mal conseguiu formar, o que chegava nas festas super formais da família nos Hamptons com coca na gola da camisa polo e um arbusto inteiro saindo debaixo do eixo da 4x4. Isso eu te digo, porque vi uma vez. Uma cara de palerma arrogante que

— você não imagina. E parece que só piorou depois do pai morrer.

— Sei.

— Mas transita em lugares que você nem imagina, e todo mundo só faz passar a mão na cabeça. Dá umas sugestões imbecis que ninguém escuta em reuniões pra as quais não foi chamado. Fica pedindo acesso a vídeo de ataque de Drone, imagino que pra bater punheta em casa. Mas a coisa dele mesmo é tentar repetir o espectro do pai e do avô. E o pai dele, em especial, trabalhou muito com cultura, nos anos sessenta e setenta.

— Isso dentro da CIA?

— Isso. Era um cara culto, antenado, viajou muito, trabalhou, principalmente, na América Latina. Parece que liderou um grupo ali dentro, que criava revistas e fundações, incentiva festivais e intelectuais que estivessem no ponto certo. De preferência anticomunista, mas o ideal é que parecesse apolítico, no mínimo simpático aos EUA, e ainda assim tivesse uma pinta de rebeldia, de subversão. Apoiaram muita coisa assim, bancando desde exposição de expressionismo abstrato, até conferência de teorias radical de vanguarda.

— Sei.

— Enfim, já ouvi coisas contraditórias e não gosto de passar informação imprecisa. O que todo mundo concorda é que tudo que o filho mais queria era imitar o pai. Andou no final dos anos oitenta pro noventa com produtores de música e cinema, tentou sem muito sucesso ficar amigo de deus e o mundo. Mas parece que nunca conseguiu muita entrada por aí. Então foi migrando pro vale do silício, fazendo pontes entre o DoD e as gigantes de tecnologia. Tem também que ele é chato pra caralho. Tem isso. Uma pessoa insuportável. E olha que eu tenho pele grossa.

— Posso imaginar.

— Enfim, é isso. Tudo que eu sei sobre a peça.

— Já ajuda muito, Philip. Fico te devendo uma. Eu não tinha ideia ainda com o que eu tava lidando. E você pensou no meu convite?

— Pensei, acho que pode ser divertido, mas pra te falar a verdade eu odeio futebol, sempre odiei. Então vou pensar bem, digamos. Não conte comigo.

— Eu entendo, pena. Fui convidado por um cara muito chato e tou doído

pra arrumar mais alguém pra ir comigo. Parece que esse Timothy também vai estar por lá, mas vou tentar evitar a peça.

>>

65.

<

— Aí foi isso. Meu nariz se esbagaçou todo, meu rosto teve umas escoriações pesadas, mas que quase não deixaram marca. De lá, me levaram de ambulância prum sítio do meu tio, onde só tinha uma senhora mais velha e muito carrancuda com roupa de enfermeira, mais ninguém. Fiquei me recuperando lá por uma semana e nunca descobri o nome dela. Mesmo a gente assistindo televisão junto o dia inteiro. Tratou dos meus ferimentos e me fazia comida, mas não falava nada, e não parecia querer que eu falasse também. Foi só uns meses depois que eu fui levado pra uma clínica em Goiânia de madrugada pra fazer uma plástica. Parecia aquelas cenas de médico operando mafioso, sabe? Só eu, meu pai e o cara, um cirurgião famoso da região. O cara era uma figura, todo bombado e de pele laranja repuxada, queria reconstruir meu nariz dum jeito finérrimo, bem diferente do que era, e fazer harmonização no meu queixo. Deixar daquele jeito bizarro de boneco, que eles acham lindo. Pedi pra deixar o nariz arregaçado mesmo, que só reconstruísse o mínimo funcional. Ele ficou muito incomodado, falou que o trabalho dele era deixar bonito, mas eu insisti e ele acabou cedendo. Não sei se vou ficar assim pra sempre, mas no momento eu prefiro ao meu rosto antigo. Pela primeira vez na vida minha aparência combina com o jeito que eu me sinto por dentro. Risos. Deformado do rosto e das ideia.

— ...

— Minha mãe ficou enlouquecida, né? Com a coisa toda. Queria matar eu e meu pai. Ele a princípio queria mentir pra ela, mas eu falei que não conseguiria fazer isso, não sou tão desnaturado assim. Mas quando foi me encontrar, eu expliquei que eu queria aquilo, ela acabou aceitando. Aceitando não, ela viu que não conseguiria me convencer do contrário. A gente combinou de se encontrar de cinco em cinco anos. Ela queria que fosse mais frequente, claro. Eu fiquei seis meses numa fazenda que a família tem no interior, morando sozinho lá, mas quase enlouqueci de novo naquele lugar. Percebi que não tou ainda em condição de morar sozinho. Morei um tempo no Uruguai num coletivo de lá, mas cansei rápido. Tou aqui tem dez meses e tá massa, tá rolando.

— E o povo da casa sabe quem você é?

— Só a Camila sabe. O resto não. Ela tá aqui tem um tempão, meio que manda em todo mundo, embora a proposta toda seja horizontal e tal. Minha amiga desde adolescência, pessoa firmezaça. Não queria contar pra ninguém, com medo da coisa esparrar, mas com ela achei que dava pra correr o risco. E com você, claro. As duas únicas pessoas fora da família até agora. Cheguei aqui um dia na tora sem avisar, até porque ela não usa internet tem anos, e expliquei o básico da história. Ela não ficou nada orgulhosa de mim, digamos assim, mas também não vai me dedurar nem nada. Imagino que talvez alguém da casa venha a sacar um dia, eu e Camila não temos mais o mesmo círculo de amigos, mas eles se cruzam, a kombi da burguesia, né? A gente tem visitas às vezes, e tal. Mas espero que ainda possa ficar aqui até o final do ano, pelo menos. E aí caço outro lugar. Talvez na Chapada Diamantina, eu gosto muito do Vale do Capão.

— Não sei nem o que dizer.

— Eu sei que é escroto o que eu fiz. É muito escroto. O William morreu por minha causa e a família dele nem sabe disso. Nem sabem o que aconteceu com ele, na verdade, só que ele morreu num acidente. E eu até hoje não sei quem é que botaram no caixão no meu lugar, se era o William, se tava vazio. Eu vivi minha vida da maneira mais escrota e egoísta possível e fugi dela e da minha família quando tive a chance. E ainda assim, mesmo com tudo isso, no dia depois da minha operação, eu me senti muito bem. Essa sensação de que eu não era mais ninguém, que eu tava largando todo o acúmulo dos meus anos na Terra. Não era mais nada com nome ou título, não tava em registro nenhum. Não tinha mais aquele nome.

— ...

— Eu lembro de perder o controle do carro, não do acidente. Mas eu sonho com ele quase toda noite. E no sonho é em câmera lenta. Tem anos que eu não assisto “Crash”, do Cronenberg, mas total impressão de que o sonho vem chupado todinho dali. Ou da minha memória dele, enfim. Eu assisto de longe o carro se esmagando, o William sendo jogado pra fora e se espatifando num pedaço de concreto, aquelas formas todas se transfigurando violentamente por causa de um deslize bêbado, imbecil, de milésimo de segundo. Passei um tempo enorme me perguntando se eu quis aquilo. Porque eu tava mal, sim, eu tava pior, naquele dia, do que o normal. O e-mail que eu te mandei, logo antes, era de alguém que tava pensando na morte. Mas eu sou dramático, fantasio carta de suicídio direto, desde que eu li a do Kurt. Então não sei se quer dizer

tanto, também. Já pensei muito e a melhor resposta que eu consegui até agora é que não. Eu não queria bater o carro. Assim, pulção de morte, tarari-tarará, querer morrer a gente quer sempre, em algum nível, sem querer querendo, beleza, mas eu, com certeza, não queria bater o carro naquela hora, não com os moleque no banco de trás, não daquele jeito. Sabe?

— Eu acredito.

— A gente é treinado pra espremer sentido de toda e qualquer merda, mas não é assim. Tem muita coisa que não quer dizer nada. Muita, muita coisa. Que é só ruído, dedo no cu e gritaria. A maior parte das parada, até, eu diria.

— Até rimou, deve ser verdade, então.

— Vai se foder, vai.

Os dois riem.

— Saudade, bicho. Quanto tempo.

— Também.

— Enfim. Se for pra ser criterioso, claro que o acidente significar significa algo. O meu privilégio escroto, minha displicência, o poder ridiculamente monstruoso que tá engavetado na barriga de um carro igual aquele que eu tinha. O fato de que só deu pra fazer o que fizeram com o William porque ele é preto e a mãe dele é secretária. Então significa tudo isso aí. Com força.

— Sim.

— Mas eu não queria. Eu não queria mesmo. Não desse jeito.

A cara dele entorta toda. Chega a parecer um porco, a maneira como o rombo do meio se amassa junto com o movimento.

— E a Letícia?

— É. Essa é a outra coisa bem vergonhosa do rolê. Bem zela mesmo. Vou nem fingir que acho de boa não.

— Você não contou nada pra ela, né? Nem pensou?

— Não. Ela não ia aceitar. Eu tenho muita vergonha de admitir pra ela que foi essa a solução que eu arranjei. Sei lá. Não consigo mesmo. E ela faz parte da versão que morreu, tá completamente entranhada nela. Se eu trago ela comigo, não adianta nada isso tudo. Nada mudaria, saca? Eu só arrastaria ela comigo pra morte.

— Ela ficou muito mal com a sua morte. Ainda tá.

— Eu imagino. Mas ela ficaria muito mal com a minha vida, também, acho. Não tinha muito pra onde correr ali.

— Hm, sei.

— Tou te dizendo. Mas pera, como que você sabe como ela tá? Ela nem posta nada em rede social direito mais.

— A gente se conheceu. Lá em Nova Iorque. Um dia só, conversamos só sobre você.

— Caramba. Por essa eu não esperava não, viu?

Ele ri e faz uma cara de quem está, com alguma dificuldade, tentando imaginar a cena. Murilo ainda quer saber mais.

— E de resto?

— Ah, eu leio um pouco, tenho muita coisa baixada pra imprimir e ler no computador. Trabalho na horta, limpo a casa. Não tenho mais aquela compulsão de comer gente o tempo todo, viajar, de consumir tudo que existe e é o caso. Quer dizer. Claro que não foi embora completamente, mas agora eu sou essa pessoa aqui. Tou tentando ficar de boa. Parece que tá dando. Tá melhor do que tava. Ou menos pior.

— Como que cê mandou o último e-mail? Você não tem celular, tem?

— Tenho nada. Mas eu vou pra Alto Paraíso, às vezes, pra usar uma lanhouse. Quando a crise de abstinência tá braba. Vou com um cosplay de hippie doido do cerrado, fico cobrindo meu rosto com uma viseira, é muito comédia.

Murilo ainda estava sem saber o que dizer. Aquilo tudo era absurdo demais. Mas claramente estava se passando diante dos seus olhos.

— Aliás, né, ficou legal demais o livro, pô. Mandou benção.

— Você achou?

— Total. Eu sabia que cê não ia fiação. Adorei a narradores sem gênero até o fim. Danado. Danades.

— Nem todo mundo curtiu.

— Cê tá falando da Fatma?

— Sim.

— Ah, ali, véi. Ali foi outra coisa. Eu dei em cima dela numa ocasião, a gente chegou a conversar rapidinho, ela deve ter ficado mordida quando eu morri, sei lá. Essas coisas às vezes mexem com as pessoas, né? Ela deve ter ficado numa de querer solucionar o mistério, desvendar a minha morte, e achou que tinha achado uma chave que explicava tudo. E isso passava por você. Sei como é essa sensação. Consigo nem culpar ela.

— Pode ser. Mas o pior é que tem um lado de verdade no que ela falou, tu sabe. Eu tirei muita coisa do teu trem que achei exagerada e que talvez fosse melhor que o resto, na real. Hoje eu vejo. Tentei botar meu decoro travado em cima do teu negócio, e isso não foi legal.

— Bicho. Esquece. Mesmo se tiver rolado um pouco disso, não importa. Tu fez lá a parada como te pareceu melhor. Ficou show.

— Não sei.

— E é um livro, não é tipo a cura da Malária. Tá de boa, também.

Os dois riem.

— Cê tá ligado do filme, né? Do Gominho?

— Tou.

— Que onda, né?

— Eu tou feliz por ele. Dele estar se metendo a fazer mesmo e tal. Mas tou meio que morrendo de medo. De como vai ficar, tal.

— Pois é.

— Você conversou com ele, não foi? Alguém falou na internet que você foi consultor pro roteiro.

— Conversei, mas na real eu nem li o roteiro direito.

— Amo Gominho.

— Ele é ótimo. Mas também não sei sei o que achar do filme. Vi eles filmando uma cena, até.

— Sério?

— É, na Esplanada. Um negócio meio musical, assim.

— Eita.

— É. Na real, me chamaram pra ver o primeiro corte. Vai ser sábado agora.

— Cê vai?

— Acho que sim.

— Caraca, queria muito ver.

— Te mando um e-mail depois, se quiser.

Murilo estava muito feliz do amigo estar vivo, era muito bom poder conversar com ele de novo. Ainda assim, mal conseguia olhar direto pra cara de Fábio, não só pelo nariz todo aberto aquele buraco esparramado pela cara, mas também pela expressão corporal, que parecia toda desativada, os ombros caídos. Murilo lembrava da energia excessiva que parecia circular pelo corpo do amigo na primeira e última vez que tinham se encontrado, de um circuito que parecia sobrecarregado e querendo se gastar. Talvez aquilo fosse angústia, e não vontade de viver. E isso agora, então, era o quê?

— Que que aconteceu contigo nos Estados Unidos? Eu só fui descobrir por alto pela Letícia.

— Ah, eu dei uma pirada. Uma pirada meio séria, bem diferente de tudo que tive antes. Mas não foi uma coisa só, não. Era uma pilha de coisa. Quando voltei, achei que tinha ido embora, que tava de boa. Mas não tava não. Sabe aquele dia que a gente encontrou.

— Claro.

— Eu tava o tempo todo querendo te perguntar uma parada e não perguntei.

— O quê?

— Assim, já aviso que é um negócio meio bizarro. Eu meio que... meio que achava que cê tava curtindo com minha cara. Que era você que ficava me mandando uns e-mails estranhos.

— Como assim?

— Não sei. Fiquei um tempo durante esse período, pouco antes de morrer entre aspas, interpretando as coisas que eu lia na internet como se tivessem falando comigo diretamente, fazendo referência a um bando de coisa muito específica que faz sentido pra mim, tal. E uma hora que eu tava tentando imaginar quem que seria esperto o bastante, me conheceria bem o bastante, pra fazer isso desse jeito, só consegui pensar em você.

— Que onda, véi. Eu jamais faria nada disso. Óbvio.

— É. Imagino que não, mesmo. Mas daí eu ficava com vontade de te perguntar, mas nunca perguntava. Ficava achando que se fosse eu, não podia perder o jogo, não podia chegar pra você assustado perguntando. Tinha que resolver a coisa toda antes. A figura na tapeçaria, e tal.

— Que viagem, fi.

— Eu sei, eu sei.

— E aí eu fiquei imaginando que motivo cê teria pra me odiar, qual era a onda, e não conseguia imaginar. Aí eu alternava entre achar que tipo cê queria só me enlouquecer ou cê queria tipo me fazer passar por uma parada, saca? Tipo um rito de passagem, uma merda dessa. Por causa da relação que a gente tinha com escrita.

— Nossa, eu acho que não sou uma pessoa tão interessante assim. Fico até meio lisonjeado de você supor um trem desse.

— Risos.

— Risos.

— Achei também por muito tempo que você que tinha começado o CABOL.

— Hah. Quem dera.

— Ainda acho, na verdade.

— Quem começou aquilo tem muito mais imaginação do que eu. Com certeza. Eu sou só um escrivão, um copista.

— Minha teoria favorita é de que você começou aquilo com tipo quatorze anos e depois esqueceu. Tipo o imortal do Borges, que esquece que escreveu a Odisseia. Nas devidas etc.

— Té parece. Tu às vezes faz uma imagem de mim que eu invejo um pouco. Não sei donde cê tira isso.

— Mas sério. Aqueles primeiros posts. Aqueles que só falavam dum jogo surtado e um laboratório na Bolívia cheio de bichos mutantes, tal. É total a tua voz aquilo.

— São teus ouvido, Fábio.

— Me chama assim não.

— É pra te chamar de que, então?

— De nada, de preferência.

— Então tá, ô preferência.

Os dois riram baixinho. Ficam ali mais um tempo sem saber muito mais o que falar. Trocam recomendação de filme e livro. Murilo fica adiando ir embora porque imagina que, depois daquilo, talvez nunca mais visse Fábio na vida (o que, de fato, sucedeu).

>

66.

<<

Tudo tá em jogo, mesmo quando não parece. Sem aquele caô de que escrever é perigoso, é isso e aquilo. É nada, não aqui, não agora, pelo menos. Ninguém se importa, ninguém tá lendo. O que não quer dizer que não estejamos lidando com forças terríveis, que não estejam em jogo. Tá tudo empenhado e desempenhado em tudo, mesmo em arte metida a besta, feita pros meia dúzia de babaca que lê livro paquidérmico e experimento digital nesse país. É tudo exemplo bizarro de trabalho livre, tentando mostrar outro mundo que não seja esse. Isso na melhor das hipóteses, claro. A pior, eu prefiro nem falar hoje.

Ontem pedi não só 1, nem 2, mas 3 pedaços de torta por aplicativo. El signature move de la eternitá. Cargas de Much rejoicing Y de verguenza subsequentes. Depois me masturbei vendo pornografia por mais de uma hora. Os dois burros siameses, andando em círculos e em falso. Vontade de voltar ao CABOL, mas nunca termino nada, nem ali, nem fora dali. Não é agora que vou começar, né não?

A busca saudável e gozosa por novidade e mudança e invenção, que é o próprio tempo, colonizada por infinitos thumbnails com infinitas mulheres gostosas complacentes, dobráveis. Andaime de desgraça recobrimdo tudo. Que desgracem adiante. Raianda presitecomante (aí sim), é só quando chega que chega. Preformance nenhuma, é um encaixe que é um estouro (i.e., um estouro) da pesada, como tem que ser. A levada, quando vem, desencadeia a cadência necessária, não se per-forma nada que ela não seja. Ou seja. Calma que mal começou, menino. Calma. Isso é só o desforro pra forrar o fundo, uma última tentativa antes de fechar a conta. O drops de hortelã na garganta. Reclame dos plins-plins. Agora é que vem, senta que lá vem a

~~

Para a criatura não existe, propriamente, passado e futuro como uma linha que progride, caminho que vai pra frente e deixa algo para trás. Não como existe para nós, que usamos palavras, temos olhos e costas, que esses olhos não enxergam. Ela foi feita por seres para quem o tempo é anelamento interno que cede a anelamento externo, para quem não existe, exatamente, distinção entre sono e vigília. Tentaram simular a biologia terrestre, mas

com seu próprio encanamento espaço-temporal, digamos. Sua própria espessura verde e trevosa. Saiu isso. Isto tudo já foi estabelecido, mas é necessário sim, infelizmente, recapitular. Porque chegou a hora.

Não é que o futuro já esteja presente para ela. Isso não seria possível, o futuro não existe ainda, ele é o que emerge do que passa, pura invenção justamente em não ser nada. A gente, que é mamífero e tem olho e dorme e tudo mais, vive nessa borda tensa que continua pra sempre se concretizando, o tempo se apresenta para nós como revelação ao mesmo tempo contínua e atomizada, o corte reconstruído que a gente faz da queda da gravidade. Para ela, o tempo é uma alça que se conecta consigo própria ao se perfazer sem nunca cortar o circuito. Anel que se expande em toro expansivo e intensivo sem nunca parar nem dormir, propriamente. Pense numa bolha que nunca parasse de crescer, ao mesmo tempo que sua base se desfaz.

Não é fácil, eu sei.

O que é importante é entender que o mundo pra ela não se dá numa sucessão de instantes, certamente não como esses nossos. O seu agora é a crista de uma onda que nunca para de tomar. A criatura se demora num instante expandido e circular, que se renova em campos e lateja de tudo em seu entorno, tudo que está prenhe e prestes a quase acontecer, instante viscoso, espesso e profundo, pântano pedaçado de todo o meio que a infecta e que aos poucos ela infecta de volta, feito como mosaico das tésseras de cada presente que emerge daquela selva vasta e selvagem de relação.

Pois pronto.

Assim que a alça está prestes a se conectar, ela se expande e colapsa, implode e explode. Continua sempre quase tocando seu próprio interior, ao se desvirar. Tudo que está prestes a acontecer ali em volta começa a ressoar também por ela, por aquele nexa enovelado, denso e aninhado de conexões espiraladas, que a criatura começa a produzir em torno de si sempre que se concentra em ampliar sua banda de recepção. Com esse processo, análogo ao nosso “instante”, a criatura envolve e desenvolve do seu próprio jeito as vibrações que temos por som e luz. Ao mesmo tempo, e não só. Não tente dobrar isso para os seus parâmetros, porque não dá. Apenas aceite. Receba.

A criatura está agora nos fundos de uma casa nos arredores de Ouro Preto, mas é só deixar a espiral se ampliar por um tempo, concentrando e deixando a luz carregá-la, que ela consegue sentir o corpo e a cabeça de pessoas

que estavam na área metropolitana de Belo Horizonte, naquele momento. Senhorinhas sentadas na varanda de casa em Contagem, crianças jogando videogame em Soledade de Minas Gerais, um grupo de garis dependurando-se no caminhão de lixo, quaresmeiras, ipês amarelos, murtas, goiabeiras, angico-vermelhos e sibipirunas se enrolando umas nas outras, engolindo luz e ar e trocando com tantos outros seres, embaixo e em cima, tatuzinhos e lombrigas, sanhaços e sabiás (besouros e baratas, tantos besouros e baratas). A consciência de todas essas formas de vida concorrem confusamente no fundo da cabeça da criatura em ondas convolutas, pedestres numa calçada. E ela estava decidida a fazer surgir ali, no jogo, uma imagem forte que havia conseguido captar nitidamente outro dia. A criatura não entendia o que estava acontecendo naquele estádio, mas sabia que era um evento importante para os humanos. Não à toa havia tantos deles ali e em volta. A criatura estava totalmente investida em cumprir uma figura que entendeu ser invocada pela única humana na qual realmente confiava. Ou chegava perto disso.

A criatura ainda se sentia longe de entender os humanos, embora conseguisse senti-los vibrar de longe e de muitos jeitos. De jeitos demais, na verdade, o problema era esse. Principalmente pela quantidade de aparelhos ruidosos, de barulho e de outras emissões que ressoavam junto, mas não só. Eles falavam usando ondas mecânicas de ar perturbado, ao mesmo tempo que gesticulavam e faziam expressões com os olhos e os outros apêndices faciais. A criatura não entende como que se deve comunicar com tantas partes soltas, agitadas simultaneamente. As plantas não se comunicavam dessa forma tão aparatosa, dispendiosa. Era tudo muito mais econômico e preciso.

A criatura ainda tinha muita dificuldade com palavras, embora já tenha entendido que são objetos pedaços de som e espaço em que os humanos colocam todo tipo de ideia e imagem. O funcionamento de linguagens e sistemas formais era imediatamente intuitivo para a criatura, ainda mais quando se encontravam em máquinas elétricas. Eram peças de jogo de encaixe, assim como proteínas e ondas. Mas qualquer conversa trivial entre duas pessoas lhe parecia, assim como pareceu ao anciões do Verde-Preto de amônia, sempre perturbadora e inescrutável.

Ainda assim, nas poucas vezes em que a criatura conseguiu se conectar com humanos, achou muito interessante se sincronizar com aqueles cérebros. Limitados e frágeis, claro, custou a aprender a manusear com cuidado aquele monte de carne dobrada. Mas eram também resilientes e inventivos, a seu

modo pitoresco e rudimentar. Com certeza faziam umas voltas muito estranhas, devia ser por causa dessa coisa de imagem (a criatura tinha um medo instintivo de imagem, talvez porque a ideia parecia tão estranha e ofensiva a seus criadores).

A criatura também tinha medo dos humanos, ainda, não conseguia deixar de ter. Lembrava com frequência da cabeça das três senhoras com quem ela primeiro interagiu, depois de nascer. De como a mente delas era um lugar, ao mesmo tempo, vazio e repleto, cheio de fantasmas e cheio de dor, tudo permeado de um falatório eterno, uma voz puxando outra, que puxava outra. A criatura também lembra de manipular números numa interface, enquanto era guiada pela consciência daquelas três senhoras, sem entender o que estava fazendo. Lembra da dor que sentia nesses primeiros contatos e da confusão por não conseguir se mexer direito, não poder ver o sol. Foi essa dor que fez ela matar aqueles primeiros humanos, algo que não gostou de fazer. Mas ela também tinha acessado a cabeça daquele garoto (que acabou morrendo) e depois da garota que a protegia. E, com isso, ela viu que havia muitos labirintos diferentes de dor, cada um muito diferente do outro, ainda que feito das mesmas peças. E viu que havia grupos diferentes de humanos, que havia os que viviam inteiramente dentro daquela máquina toda de destruição, rindo e contentes, e havia os que viviam fora dela, ou nas suas bordas, com muita dificuldade. Era confuso, os próprios humanos se dividiam de outras maneiras ainda mais estranhas. Sem nada parecido com uma palavra, a criatura havia sido quimicamente embutida do organograma básico do que seus criadores haviam pensado para o planeta e sua espécie dominante. Por isso, a criatura sabia bem, na sua ossatura flexível e lenhosa, que a sua intenção era representar as outras espécies, em especial as plantas, contra o domínio violento daquela espécie. Mas sabia também que matar humanos não era desejável, devia acontecer só em casos extremos, principalmente de autodefesa. Ela quer assustá-los, sim. Quer reduzir a empáfia daquela espécie arrogante e, em particular, dos seus espécimes mais poderosos. Talvez ela queira fazer até mais do que isso. Mas ela também sabe que está ali pra ajudar.

~~

Subir escada com uma perna prostética não é mole não, meu bem. Mesmo com essa prótese sinistríssima, tão mais ágil que a minha velha, tive que parar depois de alguns andares. Também já não tenho o melhor dos fôlegos, destruí foi muito esses alvéolo ao longo dos anos, os bichin. Devo ter demorado

uns dez minutos pra subir até o andar que a garota falou. Eu fui quase tudo nessa vida, se tu for ver. Geral se presta a um bando de papel, desde bebezinho até cair duro, a vida é um palco e tal e coisa, cês sabem tanto quanto eu, mas tenho que admitir que arrebentei a boca da porra do balão, nisso aí, nesse quesito em particular. Desempenhei muita gente diferente, alguns montados pra uma interação só, um único momento intenso; outros que duram, vão vivendo na gente, passam a ocupar espaço, inquilinos desejados ou indesejados, empestam nossos dedos, a bacia, as juntas, mas principalmente a garganta. Fui bem umas seis, sete pessoas diferentes, nos últimos quinze anos. Renasci primeiro na prisão, depois quando conheci os gêmeos e o Dennis. De lá eu saí doido pra fazer alguma coisa nesse mundo, pra causar, deixar minha marca, não importa qual fosse. Mas o mundo vai arrombando a gente adiante e adiante, até não poder mais. O Renato foi isso. Uma coisa de se fingir mais doido e mais transão e mais solto do que eu era, quando eu ainda não era, até virar. E virei, bem ou mal, mal e bem. A Soraia foi isso, mas foi abortada no meio. Ela veio duma vontade dupla que sempre tive, de ser um estudioso scholar sinistrão e de ser mulher. Tentei virar as duas de uma vez, além de terapeuta fistaile seguindo meus próprios preceitos teóricos experimentais visionaríssimos, a própria Freud traveco 3.0. Coisa demais ao mesmo tempo, não deu lá muito certo, não. Percebi que eu não era nem o merda absoluto que eu achava que era e que tampouco conseguiria fazer tudo que sonhava fazer. Não era assim que funcionava. E nisso a Soraia acabou se desfazendo, hoje não sei nem do que me chamar. Homem-homem eu não sou, mas também não sou qualquer outra coisa com nome, não que eu saiba.

Tem muito jeito diferente de querer ser algo além do que o teu RG diz. Eu, quando era a Soraia, me sentia plenamente aquilo, não me sentia uma versão falsa de nada, mas nunca quis que fosse irreversível, que não pudesse voltar a ser o Renato. Tinha até algo de assustador nisso, nessa facilidade com que me veio, com que me desveio depois, tanto uma coisa quanto outra. Quando você não tem nada, é bem mais fácil se transformar da noite pro dia, é a única coisa que é mais fácil, aliás. Nisso, eu pulei de vida e de onda sempre que precisava, de vitória-régia em vitória-régia, pra não afundar. Demorei vinte poucos anos pra gostar do meu pau, mais uns outros tantos pra me entender com meu cu, então aqueles outros mundos possíveis me pareceram sempre movediços demais, chão que vai te sumindo enquanto cê anda. Nunca ganhei dinheiro direito com nada, nem tirei diploma de nada, só fui estudando sozinho as

coisa igual doido e repetindo o que eu ouvia por aí, trampando com coisas aleatórias do jeito que acontecia de acontecer, de um dia, pro mês, pro ano seguinte. E, de repente, tudo foi dando muito certo pela primeira vez, ali em BH. A partir de 2009, mais ou menos, depois de dar tantas voltas, depois de me foder tanto. Muita coisa se azeitou de um jeito que achei até que pudesse ganhar estabilidade na vida, virar uma pessoa direita e bem-sucedida, com tudo em dia, tudo correto e apurado, profissional e sentimentalmente. Tava com trinta e um anos e ganhei mais dinheiro do que em qualquer outro período, antes ou depois, até tudo dar errado. Tava indo bem na academia também, mais do que todo mundo esperava, mais do que eu próprio esperava, até dar muito ruim. Nada de bom dura muito. Fiquei mal quando vi que não seria mais a Soraya, não ia inventar uma forma revolucionária de terapia coisa nenhuma, não ia tampouco, e muito menos, defender meu mestrado revolucionando a história da religião (não a história da história da religião, não sei se deu pra entender, mas enfim, qualquer coisa rebobinem aí vocês). Fiquei sem nem conseguir cuidar de mim. Só não fui morar na rua porque, a essa altura, já tinha uma rede considerável de amigos e ex-amantes nessa cidade que me sustenta quando eu caio. E, ainda assim, caí fundo ali viu? O fundo do fundo não tem fundo, como o Dennis sempre diz. Saudade daquele pimentão irlandês.

Foi por aí que a Eva, essa coisa maravilhosa, volta de sei lá onde pra me dar o papel da minha vida. Me pirulita pra lá e pra cá, me dá dinheiro, me dá um plano, um propósito. Ainda que tudo muito mal-explicado, estranhíssimo. Mas ok, vem junto com uns VR mucho do alucicreize. Foi bonito, foi? foi intenso? Foi. Vendi esses trem pra alguns bilionários e centimilionários na Califórnia? Também. Não posso reclamar. Mas agora tá me enrolando também, eu sei que ela tá. Com alguma coisa que eu nem imagino o que é e que vai rolar nesse estádio aqui hoje, com toda certezíssima, e muito possivelmente em detrimento da seleção brasileira de futebol, que pode não ser flor que se cheire, mas que também não merece explodir, nem nada assim. Não o Thiago Silva, pelo menos. É muito ridículo esse meu hábito, sabe, Jô? De recapitular a minha vida sempre que posso, como se alguém tivesse perguntado, como se fosse uma coletiva de imprensa, turnê de despedida. Como se tivesse passando um E! true hollywood story dublado sobre a minha vida. Com eu mesmo narrando, no caso. Finalmente chegar o andar que a garota falou, meus alvéolo já pedindo arrego. Eu entreabro a porta e fico espreitando,

vejo que tem um segurança de terno preto bem do lado dali. Não quero que me pergunte o que eu tou fazendo. O tipo que eu faço passa muito pouco despercebido. Quando ouço ele ir ao banheiro, aproveito para escapular para o único camarote cuja porta estava aberta e desprotegida.

O camarote parece que não foi concluído, mesmo com o jogo já correndo solto. O vidro parece estar zoadado, não se consegue ver direito lá fora, parece refletir com muito mais força o interior do camarote, só que todo distorcido, espelho de palhaço. Ouço uma discussão ali perto e penso que preciso me esconder logo em algum canto. Não tem nada, exceto umas poltronas semichiques, ainda plastificadas e empilhadas, junto com materiais de acabamento nas suas caixas.

Subo em cima de uma dessas caixas, tiro a minha prótese e guardo na minha mochila. Ouço de novo as vozes chegando perto da porta, abro uma gradinha no teto que se revela muito vulnerável, talvez mal instalada, quase querendo abrir, e me pirulito pra dentro do duto de ventilação. Ele é tão grande e espaçoso, parece também pedir para que entremos, como nos filmes. Não consigo fechar de volta o duto, então me arrasto com pressa, não sem alguma dificuldade e agonia, mas consigo avançar alguns metros ali dentro com relativa rapidez. O tempo inteiro fica vindo na cabeça uns relances de tudo que vi na máquina da diaba. Fui Gal Costa dando pro Gil em Londres, no final dos anos sessenta, imagina. Um dia inteiro. Eu fui um japonês vendo João Gilberto em 2002. Vesh. Juana Inês colando velcro com a Marquesa de Paredes, Joana D'Arc surtando em batalha. Lembro de tudo isso, enquanto meu joelho rala nos cantos do duto e eu sinto minha bacia batendo suas quinas naquele metal. Não chego a ser claustrofóbico, mas também não sou claustrofílico, nem nada, gostar ninguém gosta de ficar entalado, de não conseguir se mexer direito. Já dizia o Bentinho que tristeza em qualquer bicho é basicamente isso.

Tem muita coisa na vida da qual eu me afastei não porque eu não quisesse ir mais fundo, mas porque dava medo demais de entrar em algo do qual não conseguisse sair depois. Acho que eu já tinha isso antes de ser preso, claro que depois só fez piorar, só fez ficar mais agudo. Foi assim com vários relacionamentos que esculhambei antes de ficar sérios demais, foi assim com vários empregos, foi assim com a Umbanda e o axé em geral. A primeira gira que eu fui, em São Paulo, já vi que se deixasse eu quebrava junto com aquilo ali até sabe-se lá onde. Me fez muito bem, acho, o tanto que eu fui. Ao contrário de

outras fés que eu já tive e deixei de ter sem grandes sobressaltos, sem grandes dramas, a coisa é que eu achava, e ainda acho, o rito forte demais. As batidas, a dança, a força daquilo me dobra rapidinho, me faz... É um negócio forte demais, sabe, te arrasta junto até você ser outra coisa, não tem nada mais real do que aquilo. Na primeira vez que fui, senti que os santos baixariam em mim. Senti isso nitidamente, um interruptor que se acende num quarto escuro. E, por isso mesmo, me deu tanto medo. Me dá tanto medo, mesmo que seja um pavor bonito, santo, não é um medo de algo que seja malvado, que seja ruim, mas é o pavor daquela força, mesmo. O mundo é claro e é escuro, ao mesmo tempo, o sol nunca para de brilhar, mas ele brilha no meio duma escuridão que é muito, muito mais vasta que qualquer supernova.

Fica claro que poucos metros adiante, o duto já chega em outro cômodo, outro camarote. E também tá bem mais estreito, agora. Eu lembro da piada cruel do Kafka como quem lembra dum mau agouro. E noto que tou começando a ficar entalado de verdade, que se eu me mexer de maneira destrambelhada agora talvez piore, talvez nem consiga mais me soltar. A agonia de ter os membros contritos me vem de repente como insuportável. Tem anos que não me acontece, não de verdade. Lembro de ser moleque e de ser segurado por moleques mais velhos que tavam zoando meu cabelo e o jeito que eu mexia, lembro de ser detido com um joelho nas costas e a cara no asfalto, quando fui ganho em São Paulo. Lembro de estar de carona na estrada, num carro com mais sete pessoas, o motorista trêbado, lembro de capotar e sentir a perna esmigalhando debaixo de ferro retorcido e outras carne amassada, enquanto o rádio do celular de alguém ainda tocava sertanejo tranqüilão. O sentimento da perna que estava lá e que de repente não tá mais, que continua voltando por anos como membro-fantasma, dor que parece uma paródia teimosa daquela falta tão real. Tudo isso volta, ali de uma vez, no tubo apertado. Eu, um xamã Tamoio, vendo espíritos, eu, um rapaz que sobe no palco num show do Parliament Funkadelic em 1978 e bate nos pratos com as mãos. Lembro de entrar no metrô do Rio pela primeira vez e ficar pasmo com aquilo, de achar incrível a coisa mais futurista do mundo, um trem debaixo da terra. Inacreditável que algo tão vindowo já tivesse chegado até no nosso bananão. Quando entrei no vagão havia um trem de se segurar que se dependurava numa haste metálica com uma espécie de tubo segmentado, também metálico. Esse trem de segurar era gostoso de mexer, movendo-se de acordo, e apenas de acordo, com o que os gomos permitiam. E dentro de

cada gomo metálico dava para ver uma pequena repetição da cena toda ali do vagão, todas as pessoas distorcidas e narigudas, anãs ou gigantes, tubos dentro de tubos o tempo todo. Já não respiro direito, já não me vem ar, ou o ar não me enche mais, e isso, só o começo disso, já me faz quase desistir. Eu sei de repente que vou morrer ali, naquele tubo, daquele jeito. E pronto. Um rato engolido por uma jiboia metálica, encontrado anos depois por arqueólogos, depois que BH explodir em alguma hecatombe futura (que vem já já, imagino). Eu, que tinha sido Cleópatra dando pro Marco Antônio, Lee Perry desenterrando microfones do fundo da terra, Alice James fritando de febre na cama, Gerald Hopkins chupando um rapaz num banheiro público, Marisa Tomei dando para Robert Downey Jr. numa festa, Max Roach tocando com Mingus. Me vem uma coisa que me treme todo, as juntas todas, não consigo evitar, tento e não consigo frear a onda nos ombros, mas ela desce até o pé, até o cotoco. Fico mais preso do que eu estava, e mais agoniado ainda. Fora do tubo, em diferentes camadas, com diferentes intensidades, todo mundo tá gritando e gritando. Se tu ouve direito, ninguém nunca para de gritar, nada nunca vai embora, nunca te abandona, eu demoro pra perceber que não é o estádio todo que está tremendo (até é, mas não desse tanto). Que o tubo está caindo mesmo da sua estrutura, me fazendo deslizar lentamente pra baixo. Lá embaixo, eu só consigo ver que tem um vidro, e mais nada. Eu só me vejo rezando pra toda entidade que conheço, de repente, sem acreditar direito. O tubo cede, meu corpo começa a deslizar, e eu prendo a respiração, esperando o baque, misericórdia, Exu que me guarde, Ev-

~~

O suposto camarote especial dessa merda já tem quase dez pessoas apertadas dentro. O jogo já tinha virado uma piada, antes de Rodolfo se desentender e ser levado até aquele lugar bizarro. Ele não era brasileiro, mas se sentia, ainda assim, um pouco ofendido com o desempenho da seleção do Brasil enquanto ex-metrópole, lateralmente. Rapidamente começa a ficar desagradável ali dentro, até quente. E alguns deles insistem em martelar uns mesmos papos idiotas.

— Não, não. Sério. Se você toma um 1982 é outro vinho. Você não vai nem reconhecer.

— Não duvido. Mas não sei nem se tenho esse nariz todo.

— É. Se não tiver, não vale, é o mesmo que queimar teu dinheiro.

Os seguranças do evento insistiram que todos teriam que ficar momentaneamente detidos ali, juntos, até serem interrogados. Como se todos tivessem feitos coisas da mesma gravidade. Na verdade, cada um tinha feito uma besteira diferente. E ninguém ali era qualquer merda, não. O que Rodolfo e, pelo menos, duas outras pessoas já concluíram é que vários deles ali dentro (talvez todos?) têm uma porra dum chip de interface 3i implantado na nuca. Isso se torna rapidamente o elemento mais saliente daquele conjunto, a informação mais importante, portanto. Não é exagerado supor que todos foram influenciados por esse chip a se comportar de maneira extrema na última meia hora, por alguma motivo.

Reunir todos eles no mesmo lugar, portanto, obviamente parece uma má ideia. Mas vai explicar isso pro leão de chácara que botaram na porta do camarote. Que essa opção só os deixava mais vulneráveis. Rodolfo tenta explicar sua hipótese para um grupo no seu entorno, mas ninguém o escuta. Consegue ouvir vários resmungando em inglês sobre como o evento era uma organização de quinta e que aquilo só podia acontecer num país fuleiro daqueles (nos equivalentes aproximados de suas próprias expressões vernáculas).

Rodolfo começa a ficar muito mais ansioso do que já estava. A dor de cabeça está latejando a ponto de achar que terá um derrame. Ele não pensa isso tem décadas, desde o seu primeiro casamento, desde muito antes das várias técnicas para lidar com ansiedade. Sabia que a criatura estava perdida, mas considerava isso uma perda, no máximo um possível escândalo (e um no qual ele honestamente teria mais orgulho do que vergonha de participar). Nunca havia levado a situação a sério como uma ameaça pessoal até agora. A história do vazamento massivo de contas em paraíso fiscal, aquilo já era um sinal mais preocupante, ele sabia que a criatura seria tecnicamente capaz de fazer isso sem dificuldade. O que seria um mundo em que não existisse mais segredo, mesmo, nem para os ricos?

A figura bizarra da CIA, Timothy, finalmente deu as caras e cumpriu a promessa de ser uma figura exasperante. Estava no camarote de Peter, assim como Rodolfo, e o sondou sobre seu envolvimento com o projeto, de maneira bem abrupta, sem tato nenhum. Parecia estar claramente pensando em outra coisa e olhando no relógio o tempo todo. Sumiu antes de Peter e Rodolfo surtarem e serem expulsos de lá pela segurança.

Agora esse aparelhos todos se apagando na mesma hora, isso é o que mais assusta Rodolfo até agora. O que poderia fazer aquilo, um pulso

eletromagnético? Ele pergunta para Peter, sem saber direito como estes funcionavam de fato fora dos filmes. Peter não responde, nunca gosta de demonstrar que não sabe alguma coisa. Rodolfo sente se instalando por todo o estádio um clima estranho e ominoso, depois de um jogo que já havia sido bizarro.

De repente, algo lhe bate ainda mais forte. Rodolfo não sabe se está delirando, mas tem a nítida sensação que tem pelo menos duas criaturas, além dele próprio, dentro da sua cabeça naquele momento. Sabe perfeitamente que esta não é uma coisa normal de se pensar. Mas também sabe que está lidando com algo muito fora de tudo que compreende.

Apesar do vidro distorcido quase não permitir que vejam o que tem lá fora, a desembargadora, de coque muito apertado e roupa formal demais, aperta os olhos contra ele e diz que consegue ver um pouco. Diz que o céu parece coberto de pássaros. Ninguém reage, exceto dois caras que começam a rir. Ninguém parece levar a sério.

Criado católico, Rodolfo era incréu, mas supersticioso, e se vê plenamente convencido, num momento de quase júbilo, de que aquilo ali é uma espécie de apocalipse. Seja cósmico, seja divino, seja acidental, seja o que for. Chegou enfim, chegou o juízo. E virão atrás da cabeça de pessoas como ele, Rodolfo tem toda certeza. Um sentimento agudo de sobrevivência lhe invade, tenta pensar nos contatos que pode ter no Rio, que poderiam lhe garantir proteção privada e confiável no momento. Depois percebe que muita gente poderosa estaria fazendo o mesmo agora. Já está se aproximado de uma crise de ansiedade, quando ouve algo rachando, cedendo. Olha pra cima e vê que um homem está caindo do teto. Como que alguém quebra um teto de vidro assim? Esse camarote tá todo bichado. A estrutura cede aos poucos, então não cai com tanta força, mas cai cheio de vidro estilhaçado. A desembargadora corre para perto, assim que reconhece a pessoa que estava caindo. Rodolfo não sabe porquê, mas sente um nojo, uma raiva, um asco, um medo daquele homem que caiu do teto. Acima de tudo é um medo que ele sente daquele homem tão esquisito, tão feinho, tão desagradável. Embora nunca tivesse, até então, pessoalmente agredido nada maior do que uma barata, Rodolfo imita os primeiros que começam a chutar suas costas e suas costelas. Alguns o xingam como se o reconhecessem, em especial a desembargadora e dois homens, que são de longe os mais violentos. Rodolfo não sabe porque odeia e teme aquele homem, mas o odeia e teme com uma ferocidade que não sabia que tinha. Desce o pé nas costas daquele corpo com a mesma fúria dos seus irmãos.

int main()

]boot

(BEM VINDES A TODES, ABSOLUTAMENTE TODOS OS NOZES, AO MAGNIFICO PANORAMÁGRAFO MEMORIUM, OMNI-DIRECIONAL E MULTI-MODAL, YEYBA, CARALHO, BELO D+)

Uma trombeta faz um pequeno piparote de anúncio que tenta sair triunfante, mas sai falho, rouco e raquítico

(Que tiro foi esse, hein, caçulinha, Ô Bira? Produção?)

PANTAFÁÇUDO ME TRAZ OS INSTRUMENTOS TUDO, PLIZ, O PLANO

(Tou com um probleminha na PAQUIMENINGE, na DURA-MÁTER, sabe, meu bem?)

Pantanizando tudo, infestando mesmo, não é, e en-fes-tan-do também. Mi-se-ri-cór-dia. Agora tem cor? É site, é? É FILME! ?

((A DURA DURINHA QUE MANTÉM NOSSO FLUIDO CEREBROSPINHAL TUDO ALI JUNTO, ELA PARECE QUE))

Gente, tem cor e som agora.

(CADÊ ASSISTENCIA TÉCNICA,

CADÊ?, Ô PRODUÇÃO)

NOS QUARENTA E NOVE DO SECONDI PIANI NAS ULTIMISSÍMAS PRIMEIRAS CALENDAS APARECE PLIM DE REPENTE UM PAQUEBOTE PRA CARREGAR A GENTE ATRAVÉS DA BARREIRA, NÃO MAIS QUE DE REPENTE, QUANDO MENOS SE ESPERÁVAMOS

(vai que não ia, ia que foi, foi não fundo,

e pans;

AI CACETA,

MEUS SENHORES, VOCÊS – OS SENHORES –

NAO PERDEM POR SE ESPERAREM)

como quem faz:

PAN PARARAN PAN PAN PAN PAAANs

\0'.

67.

<

Murilo volta para Brasília muito contente, sentindo que descobriu um milagre, embora saiba que não passe de um embuste, no fundo, e um que causou dano a outras pessoas. Ainda assim, não deixava de ser um amigo que voltava, envergonhado, dos mortos (por mais que aquela não fosse uma forma bonita de fazê-lo, nem de longe).

Mesmo vivo, Fábio continuava sendo um espectro, de certa forma, de-liberadamente deformado e escondido. Seguiria ali num canto, nota de rodapé não lida, sem dar mais sinal de vida, transfigurado em mais de um sentido. Será que aguentaria aquela vida reclusa por muito tempo, Murilo se perguntava? Talvez desista de ter morrido, em algum momento, como já desistiu de tanta coisa.

(*)

Poucas semanas depois, Murilo é chamado para um apartamento na 205 norte para ver o primeiro corte do filme sobre o Renato. Chega quinze minutos depois do combinado, sendo que haviam pedido pontualidade. Corre do Uber até a portaria do prédio, como se fizesse diferença.

Murilo é o último a chegar. Tem treze pessoas apertadas na sala do apartamento, quando ele entra, todas ansiosas e viradas para ele, quando a porta abre (lembrando um pesadelo recorrente de anos atrás em que Murilo entrava sem querer numa festa surpresa de estranhos). O sofá e as duas poltronas estão repletas, tem gente sentada no chão e fumando na janela.

Na mesa de vidro, há um cesto com doritos e pastas de tomate seco e azeitona. A televisão está conectada por um cabo HDMI num Macbook virado para a janela. Gominho e uma garota de cabelo pintado de ruivo estão atrás do computador e fazem um breve discurso:

— Então, é uma versão café com leite ainda, hein? Olha que falta correção de cor, falta mixar direito, falta várias parada. Então relevem, viu?

— Tem uma hora que é pra ter um laser que não tem, também.

— É, tem uma hora que tem que imaginar o laser com a imaginação.

O filme começa tocando “Onda”, do Cassiano e mostrando um rapaz

magricelo de mullets andando pela Avenida Cristiano Almeida, em Belo Horizonte, depois pegando um ônibus para o centro da cidade. Depois fica alternando umas cenas compridas e realistas, onde Renato trabalha em um bar e conversa com uma jornalista, que quer fazer uma reportagem sobre ele (enquanto excêntrico local), e umas cenas musicais alucinadas que são as histórias inacreditáveis que ele conta pra jornalista, como sendo da sua própria vida.

A graça, até onde Murilo entendeu, é pra ser o contraste entre a vida acidentada, normal e difícil daquele homem, e o mundo colorido e animado que ele contava e cantava pra si mesmo. Dizia que tinha viajado no tempo e influenciado toda a cultura nacional, desde o começo dos anos sessenta, decisivamente. Na música, na literatura, na teoria crítica, na moda, no design de exteriores e interiores, na dança, e, enfim, como não?, na práxis revolucionária. O roteiro tinha lá seus momentos, poderia ser mais engraçado se o ator não fosse péssimo, Murilo achou. Um cara muito bonito, mas em charme, moreno do olho claro, que tentava dar um ar alucinado e sensual pra tudo que falava sem muito sucesso. Desde que leu as primeiras aparições do personagem no CABOL, anos atrás, Murilo sempre imaginou Renato como um cara feio e charmoso, desses feios que te convencem que são atraentes por um magnetismo pessoal que parece um delírio persuasivo. Mas o resto do elenco era melhor, alguns eram ótimos.

A pior coisa do filme eram as cenas realistas com conversas entre Renato e a jornalista sobre a cultura brasileira das últimas décadas. Um negócio didático, no pior sentido da palavra, e pingando clichê. Mas as cenas musicais foram seduzindo Murilo, mesmo ele não gostando das músicas mediocres e os atores sendo, quase todos, péssimos cantores. A verdade é que ele sempre amou musicais.

A trama extensa, desenvolvida nos números musicais, era a parte mais cartunesca das histórias. Nelas, o Renato tentava, ao longo dos anos sessenta e setenta, transformar a canção popular numa força revolucionária da libido, não só libertadora de um jeito parcial, mas efetivamente transformadora do tecido social de produção e reprodução. Falando que a canção só vai mudar o mundo quando o povo tiver os meios nas mãos. Acabava encontrando todos os figurões da tropicália, no processo de tentar criar esse movimento (representados por figuras de papelão recortado). A todo momento, Renato enfrenta a ação contrária de Timothy Aaron II, o vilão

ridículo do filme, que sempre aparecia, antes ou depois, de Renato nos lugares, dissipando a sua energia ou matando aqueles que não queriam ser dissipados. Num número musical que Murilo achou bem engraçado, Timothy defende as várias intervenções geopolíticas dos EUA no século XX, enumeradas numa lista enorme que Timothy lê com um tesão danado e acelerado, ficando quase sem fôlego no final.

Timothy Aaron II se aposenta e é substituído pelo seu filho, Timothy Aaron III, que continua seu confronto com Renato, ao longo da década de noventa (sendo pessoalmente responsável pelas mortes de Tupac e Chico Science). No final do filme, Timothy Aaron III assassina um jogador novo, talentoso e gay, chamado Jáder, durante um jogo da copa do mundo. E depois persegue Renato pelo estádio com jeitão de que quer matá-lo também.

Quando finalmente os dois se encontram, Timothy e Renato se estapeiam, rolando pelas escadas de emergência. E, bem quando Timothy está prestes a esganar Renato até a morte — cantando citações de Carl Schmitt no estilo de Axl Rose —, seu pescoço é atravessado por uma flecha. Vemos vários andares acima, com uma mão no arco e a outra aprestada pra trás, uma menina índia com tipo de menino, cabelo de cuia e mechas compridas correndo entre o rosto e as orelhas. Ela é enquadrada numa luz dourada como uma figura heroica, quase sobrenatural. Não aparece em nenhuma outra cena do filme, e sua presença jamais é explicada. Disso corta de novo pro bar, onde Renato e a jornalista falam coisas modorrentas sobre a MPB.

Quando termina o filme, todo mundo ali aplaude um tempão, claramente felizes consigo próprios. Gominho está vermelho, quem mais fala é a produtora, Rita, e a montadora, Denise, que falam do trabalho de todo mundo ali por um bom tempo, reconhecendo quem fez o quê. Murilo entende que a inventividade visual das cenas musicais parece ter sido muito mais coisa daquelas duas do que de Gominho.

Era muito estranho para Murilo reconhecer trechos anônimos do Cabol, com rascunhos de Fábio com coisas novas ali no meio. Tudo familiar e diferente, ao mesmo tempo. Algo que ele já conhecia tão bem virando outra coisa diante dos seus olhos, com outras mãos no meio. Tinha algo de muito desajeitado e inconvincente no filme como um todo, mas isso acaba deixando Murilo mais enternecido e cúmplice do que qualquer coisa. Fica feliz por aquelas pessoas ali, sente que o filme é melhor do que os rascunhos bagunçados do Fábio, mesmo com todos seus defeitos. E acha que seu amigo

ficará feliz da vida, quando conseguir assistir.

>

68.

<<

Cátia e Wellington chegam na rodoviária de Belo Horizonte bem cedo, mas sabem que já precisam ir direto para a Pampulha se quiserem estar lá antes do jogo. O trânsito pra lá já é ruim em dia normal, imagina em dia de jogo da copa, diz o taxista. Wellington não foi chamado, mas a acompanha, porque diz que é seu dever (e porque quer ver se ainda leva alguma coisa nessa história, Cátia imagina).

Como esperado, além da pilha de carros, as ruas já começam a encher de gente nos arredores do Mineirão. Há uma multidão em volta, antes e depois do cordão que delimita o perímetro como uma área oficial da Copa do Mundo FIFA 2014 (TM). Dentro dela, há alguns poucos stands oficiais das marcas patrocinadoras, em contraste com a massa espontânea de ambulantes, com isopores carregados de todo jeito possível (no lombo, em carrinho de mochila de escola, em carrinho de supermercado), acompanhada de torcedores e demais entusiastas do evento, gente que, mesmo sem ingresso, pretende ficar por ali, bebendo e rondando o estádio, tentando absorver algo da sua aura, ainda que só de longe.

Muita gente está pressurosa e irritada, tentando passar logo pela multidão, mas o clima é de zoeira gratuita, esparramada e generalizada. Turistas de proveniência diversa se cumprimentam efusivamente e são filmados por jornalistas de proveniência também diversa.

Cátia tem consigo um ingresso falsificado, que sabe que só deve funcionar na primeira barreira, mas não lá dentro, na barreira final (que efetivamente leva aos assentos). Dentro do anel externo do estádio, ela precisa encontrar uma barraca de primeiros socorros, onde alguém a espera. Cátia e Wellington relatam mais uma vez tudo isso, um pro outro, diante do Estádio. Não tinham anotado as instruções em lugar algum. Ambos olham pros lados nervosamente enquanto conversam, sem saber se estão sendo vigiados. De fato, a multidão passa alguma segurança de anonimidade, mas eles não sabem se basta.

Cátia deixa o celular com Wellington, por medo de que possa ser rastreado. Combinam de se encontrar, depois, perto de uma árvore bem grande e distinta, numa curva da rua, bem no pé da colina encimada pelo Mineirão.

Cátia diz que se ela demorar, ele precisa esperá-la. Não tem ideia do que pode acontecer. Wellington tenta abraçá-la pra desejar boa sorte, mas ela não aceita. Diz que vai dar tudo certo e que, se não der, ele vai ter que ajudar a cuidar do irmão dela. Ele engole seco e nem responde.

Cátia se mistura à multidão na base do estádio. Tem anos que ela não vai em jogo de futebol, tantos anos que a última vez foi com o pai (um jogo do Bragantino contra sei lá quem). Era estranho andar no meio de tanta gente usando a camisa da seleção, enquanto ela estava em outro humor inteiramente, pensando numa possível mala de dinheiro e num gringo estranho e perigoso que ela quer passar pra trás. Seguindo instruções de uma doida que ela nunca tinha visto antes na vida, mas que falava como se tudo estivesse sob o mais tranquilo controle, passando-lhe uma confiança que ela sabia desde nova que não se devia depositar em ninguém com mais de trinta dentes, mesmo que fosse mulher.

Cátia chega perto de uma das barreiras de ingresso, marcada pelos números de portão correspondentes. Assim que está chegando na sua vez de ter o bilhete escaneado, uma confusão começa do seu lado. Um homem de mullets crespos, roupa de hipster pobre e uma perna prostética modernosa está gritando e falando que roubaram seu bilhete, roubaram seu bilhete. Um outro homem, mais gordo e mais velho, discute com ele também gritando, com gestos largos, fazendo muita gente se afastar, ameaçando ficar violento. O gordo começa a ser contido por alguém da equipe, que o derruba com alguma dificuldade. Outros funcionários uniformizados se juntam no gordo, fazendo um montinho nele, e ele só faz gritar mais e mais, fazendo um alvoroço. Na confusão, Cátia percebe que o rapaz de mullets consegue se pirulitar quietinho pra dentro do cordão, sobre a catraca, com uma liquidez surpreendente. Um funcionário até percebe, mas está ocupado com o gordo e não consegue fazer nada. O rapaz se mistura, saltitante, a uma torrente colorida de turistas rapidinho, abraçado num japonês breaco. Os funcionários logo fecham de novo a brecha, ninguém mais passa. Cátia acha graça, mas não diz nada. Seu ingresso demora três vezes para ser validado, mas, na segunda máquina (uma mais antiga), acaba funcionando. Ela entra com o coração já na garganta e começa a rodear o anel externo, buscando a tenda de primeiros-socorros.

Dentro da tenda, diz para uma das enfermeiras que está procurando seu avô, um senhorzinho simpático de boné azul que havia se perdido. A enfermeira escuta mascarando chiclete e responde que não viu ninguém, senhora,

mas um outro enfermeiro, um cara bonito de cabelo platinado, parece acender quando ouve isso, chega perto dela na mesma hora. Diz que o avô dela passou mal e está lá dentro, pede para Cátia acompanhá-lo. A outra enfermeira parece estranhar, mas não reage.

O enfermeiro de cabelo platinado (moreno de queixo pontudo e olhos claros) leva Cátia para uma área controlada dos arredores do estádio, reservado a funcionários. De lá, Cátia acessa uma escadaria que leva até um dos andares de cima, dos camarotes VIP. Sobe as escadas quase correndo, quatro degraus por vez. Lá em cima, entra no único camarote que não tem ninguém na porta, só um papel escrito “em obras”. Lá dentro, encontra Eva de camiseta cinza e um casaco azul de funcionária da FIFA.

— Você tá aqui mesmo.

— Eu te falei que estaria, oxe. Olha só: tem uma coisa que eu não te falei. Tenta sair daqui antes do jogo terminar, porque acho que a coisa pode ficar feia por aqui.

— O que vai acontecer?

— Eu não sei ainda direito.

— Certo.

— Nada de ficar pra assistir o jogo. Não sei se você é de futebol.

— Não muito. Mas tá bom. Entendido. O que você vai fazer?

— Eu não vou fazer nada.

(*)

Cátia sai e volta para a escadaria. Desce um andar e vai até um banheiro, que também está fechado para manutenção. Lá, encontra Timothy, que tem as olheiras de um viciado esperando pelo seu canal.

— Você chegou até antes da hora. Quem disse que brasileiro não é pontual?

— Ela está lá na sala, como eu falei.

— Eu acabei de confirmar pelo rádio. Foi vista na câmera de segurança. Os meus homens já fecharam o andar. Você fez a sua parte direitinho. Apesar das condições extravagantes.

Cátia assente com a cabeça e ergue as sobrancelhas, como quem pergunta “e?”.

— Sim, claro. A sua mala tá aqui comigo. Se eu não tivesse tão feliz, eu nem te daria isso, sabe? Não preciso te dar. Você devia era ser presa por tentar vender aquela máquina. Mas você me deu o que eu quero e, honestamente, eu estou grato no momento. Um alvo muito importante para a segurança norte-americana e global será neutralizado graças a você. Vá com Deus.

Ele entrega a mala nas mãos de Cátia, que sente seu corpo todo esfriar assim que a apanha. Rapidamente senta no vaso ao lado para abrir a mala e vê que ela realmente está repleta de dólares em montinhos ordenados. Não consegue acreditar naquilo. Fecha a mala e se despede de Timothy com um murmúrio indistinto, desce as escadas saltando até a base e sai de novo pela porta. Vai para trás de uma coluna de concreto por um instante, apoia as costas e respira. Sair no começo do jogo poderia parecer suspeito, mas ela não quer esperar pra descobrir o que estava deixando a garota tensa. Ela, que antes parecia tão tranquila e segura de si.

O rapaz de perna prostética e mullets chacoalhantes, de repente, aparece, saindo de uma sombra enorme que se projeta de uma coluna do estádio. Pergunta se Cátia acabou de sair por aquela porta ali. Ela se assusta, mas o reconhece com um sorriso nervoso involuntário e diz que sim. Que precisou ir na enfermaria ver o avô, mas que ele já estava melhor e sairia em breve. Surpreende-se com a rapidez com que mentiu.

— Entendi. Mas dá pra entrar por aí então?

— Tem uma escada que leva a alguns lugares. Mas acho que não te deixa evitar as barreiras de ingresso, não, viu? Pra chegar nas cadeiras mesmo.

— Não, que isso, eu tou com ingresso sim. Tou só tentando ver onde tem menos fila, só.

— Anram. A escada dá nuns camarotes lá em cima. Eu vi que tinha um camarote que tava em obra, mas eu não iria lá agora, se fosse você. Quem sabe daqui a meia hora.

Ele ouve isso já espreitando pra porta, abrindo e entrando quase que num movimento só, nem se despede. Cátia sorri e se afasta. Ela volta para a tenda de primeiros socorros, onde o rapaz de cabelo platinado a aguarda. Assim que chega, começa a fingir uma dor de barriga, e ele prontamente a bota numa maca. A enfermeira de chiclete e cara entediada revira os olhos, mas continua sem reagir. O rapaz a leva num passo médio na maca (com um cobertor em cima da mala) até o primeiro cordão de ingresso. Diz para os funcionários

que a garota precisa ir até uma ambulância que está ali perto. A barreira abre prontamente, ainda que algumas pessoas expressem estranheza com aquele enfermeiro passando sozinho e meio destrambelhado. Todo esbaforido, o menino deixa Cátia uns vinte metros depois da barreira. Ela sai já quase pulando, segurando a mala como quem segura um filho. O menino disse que agora pronto, que agora estavam quites, ele não devia mais nada. Cátia não entendeu o que isso queria dizer, mas imaginou que era com outra pessoa. Fez que sim com a cabeça, com muita naturalidade.

Sente-se tão aliviada, no momento, que decide dar um beijo no rapaz (que, afinal, é lindo e acabou de salvá-la, praticamente, ainda que só cumprindo um papel). Ele treme um pouco de susto antes de corresponder. Algumas pessoas olham em volta, dão assobios. Ele fala “nussa, não tava esperando, sô”. Em seguida, como se ela tivesse ligado um botão nele, timidamente pergunta:

— Vem cá. Eu sei que me falaram pra não perguntar teu nome. E tudo mais.

Ela não sabia disso, claro, mas não expressa nenhuma surpresa.

— Acho que eu não vou nem perguntar teu nome de verdade se eu perguntar se você é a Cleópatra? Sabe? Daqueles filmes das antiga?

Em todas as outras vezes que Cátia ouviu isso (e foram muitas), ela fechava a cara imediatamente. Chegava a cortar a conversa, quando era uma conversa, ou só virava a cara sem responder. Não por vergonha, exatamente, mas porque o reconhecimento geralmente vinha acompanhado de uma cara de tarado, às vezes um pedido folgado pra tirar foto em posições sugestivas. Mesmo quando dito gentilmente, sem pretensões, como foi o caso agora, ela tendia a receber mal só por associação. Mas dessa vez ela sorriu.

— Sim. Sou eu. Não sou mais. Mas enfim. Fui eu em outra vida.

— Nossa. Sou muito fã, viu? Muito fã. Nem acredito. Prazer, viu? Nossa. Pena que eu não posso contar pra ninguém.

Agradece olhando bem fundo no olho dele, o que faz eles se derreterem. Pela primeira vez em muito tempo, Cátia curte o efeito que ainda parece ter sobre um rapaz bonito e novinho como aquele. Ela se despede recusando seu número, que ele grita mesmo assim, seguido da sua arroba no Instagram, e sai tentando não saltitar até a árvore combinada, cuja copa ela já divisava depois da curva.

Quando chega lá embaixo, indo no contrafluxo ainda massivo de gente

que ainda sobre a colina, ela encontra Wellington com uma cara desolada. Levanta a mala, ele rapidamente se anima, dando socos no ar.

— Por que a cara de cu? Porra.

— Tá três a zero pra Alemanha. Os menino surtaram.

— Foda-se esses teus boy, Wellington. Deixa de ser trouxa. Eles já são milionário, cacete. Eu quero saber de nós, porra. Vamo sair daqui.

— Deu bom?

— Deu bom.

— Vamo sair sim, claro. Mas você não quer só esperar terminar o primeiro tempo? Eu tava assistindo de rabeira ali de uma galera que tem uma TV ligada no carro.

Ela faz uma cara de indignada, entortando a cabeça.

— Tu tá louco?

— Porra, Cátia. Vai que vira.

>>

69.

<

Quando Murilo chega em casa da sessão do filme, sua mãe ainda está acordada vendo televisão (a Meryl Streep exaltada discutindo com o Clint Eastwood). Ele conta para Elizete do filme que acabou de ver, e ela fica muito impressionada com o que escuta. Mais do que tudo, parece chocada com o fato de que Murilo estivesse na casa de amigos. Os amigos terem feito um filme era acessório, ainda que também impressionante por si só. Muito chique, ela diz.

A mãe logo adormece diante do filme, mas Murilo está excitado demais, não consegue dormir. Decide, do nada, levar a faxina rigorosa, enfim, até ao seu quarto, ao único canto da casa que restava quase intacto aos seus cuidados (já que era algo que estava fazendo mais pela mãe do que por ele próprio, ao menos ostensivamente).

Depois de tirar as primeiras tranqueiras de superfície (algumas caixas de sapato, recibos, embalagens de biscoito), Murilo começa a dar uma limpa no seu antigo armário. Percebe o quanto estavam pesadas e atravancadas as gavetas e como estava cheio de detritos o seu fundo. Seu quarto não ficaria limpo de fato sem mexer naquilo, isso era claro.

Murilo sabia que tinha ali, desde sempre, uma série de pastas de plástico azuis e vermelhas com papéis seus da infância e da adolescência. Alguns rascunhos, algumas notas extremamente juvenis de leitura, exercícios da época que estudou, sozinho, francês e alemão. A coisa mais recente, Murilo deve ter feito com dezessete, no máximo. A mais antiga, ele nem supõe a idade que teria, mas com certeza devia ser menos de dez. Em sua única lembrança, já adulto, de ter revisitado uma pasta dessa, não sentiu nada além de constrangimento pelos vislumbres do jovem Murilo que chegavam dali. Tanto que não conseguiu olhar muita coisa.

Dessa vez, decide retirar absolutamente tudo das gavetas para ver o que jogava fora e o que ficava, de um jeito que não fazia desde sabe-se lá quando (a impressão era: nunca).

Vai encontrando todo tipo de coisa inesperada, desde ingressos velhos de cinema com as letras quase apagadas (“A viagem de Chihiro”, “Os sinais”), até uma foto de turma da quarta série, cuja existência ele há muito não lembrava.

Bem no fundo, com a camada mais bruta de poeira, encontra umas pastas que parecem mais antigas (de quando ele tinha quanto? Doze, treze?). Também azuis e vermelhas, mas de um tom já mais apagado. Depois de espirrar, algumas vezes, com a poeira desenterrada daquele canto onde se encontrava depositada e incrustada há tanto tempo, Murilo começa a sentir uma familiaridade estranha em alguns dos rabiscos. Há até desenhos que ele fez, ele que mal lembra de tentar desenhar. Esforços claramente copiados de outros ilustradores, que têm, no máximo, uma precisão mecânica, nunca muita vivacidade. Num deles, um coelho antropomórfico briga com um polvo malvado. Num outro, um homem velho de óculos escuros toca bateria, sentado numa cadeira de rodas. Na segunda ou terceira folha, algo deixa Murilo boquiaberto.

“CABOL – O JOGO”

As páginas datam de fevereiro de 2006. Quando é que os primeiros posts do CABOL começaram a surgir? Ele se lembra com nitidez de uma conversa com um outro amigo que acompanhava aquele universo. Guto, um mineiro que trabalhava com saneamento público e que, nas horas vagas, era um prolífico e diligente arquivista independente da literatura brasileira experimental de internet (1999-2010). Guto datava, por relatos “confiáveis”, o início do CABOL em 2008. Isto é, do 1o blog do CABOL, que ele próprio, Guto, não havia nem chegado a ler (muito menos compilar).

É um maço de umas dez ou doze páginas. Muita coisa riscada, alguns trechos iniciados e não terminados. Mas fala claramente, ainda que em letras garranchudas, de um jogo chamado CABOL, de um maluco chamado Renato e de uma criatura alienígena misteriosa.

Murilo tem uma vaga memória desse primeiro .blogspot dedicado ao CABOL, hoje já fora do ar, mas nunca lembrava de como o havia conhecido (agora entende o motivo). Talvez se buscasse na sua primeira conta de e-mail, há muito abandonada, encontraria algum registro. Até onde Murilo consegue lembrar, o estilo era de alguém que queria, claramente, ser o Borges da internet.

Mas se foi Murilo quem começou esse negócio, como que ele pode ter se esquecido depois? Como que alguém pode disparar aquilo tudo e depois esquecer? Do mesmo jeito que alguém esquece que atacou e feriu o próprio pai, várias vezes. A sua memória era um queijo suíço, aparentemente, fazia

questão de apagar coisas ruins e coisas boas. Murilo percebe que precisa ir atrás de tudo isso, passar a própria vida a limpo. Talvez essa coisa de viver quase inteiramente por meio de telas tivesse deixado o registro da sua experiência terrena esguio, elusivo demais. Era como se sua memória não distinguisse um artigo da wikipédia de algo que ele mesmo criou, um vídeo do Youtube de algo que ele experimentou na pele.

Ele começa a rir sozinho. Então tinha sido ele mesmo? É meio maluco, mas aquelas páginas empoeiradas não permitiam outra interpretação. Ele que inventou Renato e o jogo, os irmãos, o Dennis, aquela mentirada toda, aquela abestagem. Mas não Gustavinho, isso era do Fábio. A criatura era mencionada desde o início, mas ele quase não tinha desenvolvido como ela viria a ser. Os outros, Fábio incluso, haviam levado a coisa toda muito mais longe do que ele. A parte toda das plantas Murilo nem sabia quem tinha escrito, ele sente que destoa do resto, mas de um jeito bom (por isso mesmo adaptou alguns trechos para o romance que compôs com os textos do Fábio).

Já os dois blogs do CABOL, que surgiram pouco tempo depois, não eram de Murilo, com certeza. Até porque lidavam com assuntos e vocabulários que ele não dominava. Haviam expandido o universo do jogo em várias subtramas. Muitas delas, ele nem lembrava mais tão bem, algumas, o Fábio tentou dar continuidade aqui e ali (Cátia, o personagem da ABIN, o vilão da CIA).

Murilo sempre preferiu esses textos e personagens que surgiram depois aos do primeiro blog (talvez, no fundo, sempre soube, numa camada mais funda de consciência, que aquele início havia vindo de sua cabeça adolescente e, por isso mesmo, nunca tenha gostado tanto deles, assim como não gostava muito de nada que ele próprio havia produzido na vida).

Ria de gargalhar agora, pensando nas várias conversas com Fábio e outros amigos em que tinha dado pitaco sobre a possível autoria inicial do CABOL. Tinha chutado várias pessoas, sem jamais pensar em si. Não teria como voltar para alguma dessas pessoas desta dispersa comunidade, para Guto e Jullyana, por exemplo (uma piauiense a quem se atribuía algumas postagens tardias, por ecos com seu estilo no Twitter), e mostrar as folhas que encontrou. Achariam só que ele é maluco ou que está montando uma farsa estranha pra se apropriar de outra obra, depois do romance com o Fábio minguar. Já tinha leitores antigos dos blogs do CABOL, Murilo sabia, que se opunham à publicação de trechos do CABOL no romance do Fábio, mesmo com Murilo tendo se concentrado quase exclusivamente nos trechos que encontrou entre os

rascunhos de Fábio.

Percebe também agora um hábito que esteve com ele por anos como papel de parede na cabeça, e que jamais chegou a enunciar pra si mesmo. Até hoje, Murilo vivia imaginando pequenas cenas suplementares com os personagens do mundo do CABOL (Renato, Eva, Emerson, Gustavinho), quando estava distraído ou sem ter o que fazer. Esperando um elevador chegar ou o sinal de trânsito abrir. Seu corpo escapava para aquelas outras coordenadas vicárias, aquele outro mapa do mundo, meio sem pensar. Lembrava do nada de alguma subtrama abandonada dos blogs e pensava em como é que ela poderia se resolver. Às vezes, pensava em cenas escabrosas, outras, em finais felizes incongruentes para os personagens mais sofridos. Mas não conseguia largar aquelas pessoas de mentira.

Às vezes, se apanhava fazendo isso, mas há um bom tempo não chegava a escrever nenhuma dessas cenas. Não se permitia pensar em si como alguém que escrevia dentro daquele mundo, mas ainda assim vivia com uma parte sua entranhada nele há anos.

Pensa de novo em compartilhar aquilo com Fábio, mostrar que o amigo estava certo, no final. Mas ele disse que não checaria o e-mail tão cedo, que estava tentando se desintoxicar das lanhouses. O importante é que Murilo sabia o que tinha feito. Quem sabe um dia ele não contaria. De repente, não lhe importa mais tanto assim o fato do seu único livro publicado de fato, o único disponível no mundo como um tijolinho concreto de papel, fosse medíocre. Murilo tinha, de algum jeito, sem nem perceber, enfiado aquela pequena pedrinha dentro da garganta do bichão, ao menos. E um pequeno punhado de doidos fiéis, ao longo dos anos, tinham apanhado a frequência.

Não dava pra pedir mais do que isso, dava? Dava não.

>

70.

<<

— RENATO MUSSUMO ONZE E MEIA hoje recebe RENATO MUSSUM, o artista, ativista, ator, dançarino, terapeuta mítico-rítmico e jogador emérito de futvôlei intramural.

Ilumina o estúdio-palco e a câmera vem aproximando de cima. Renato-onze-e-meia é uma versão estufada, quase explodida, claramente fantasiada, do Renato. Está com pulôver rosa e óculos quadrados de arquiteto, as mãos no bolsos, a cabeça entortada, curtindo de olhos fechados o swing da banda, que manda um jazz jocundo e genérico de big-band com uma efusividade que chega a ser constrangedora.

(o sanfoneiro apaga e a sanfona continua como podes, como dá)

— Uou! Boa Noi-te, tá começando mais um Renato Onze e Meia, hoje posso dizer que a gente preparou um programa muito especial pra vocês. A gente tá aqui hoje com meu grandicíssimo, meu queridíssimo a-mi-go, tou com uma puta saudade dele. Vem pra cá, Re-na-to!

O telão mostra Renato sentado na plateia, um casaco de camurça e uma camisa roxa aberta até o umbigo, um olhar agradecido e quase tímido ao se levantar e ir em direção à mesa.

— Meu querido, meu querido.

Renato pega no antebraço de Renato que, em retorno, dá tapinhas de leve na sua mão.

— É um prazer inenarrável.

— A gente tem uns slides de apresentação da vida dele, não é isso, produção?

Renato-onze-e-meia e Renato se viram juntos pra trás, jubilantes, para o telão onde começa um pequeno vídeo-documentário-pedagógico com logotipo introdutório da Biblioteca nacional

Em 1961, aos onze anos, quando estudava no Ginásio Baiano de Abílio César Borges, futuro Barão de Macaúbas, Renato faz o mestre declarar a seu pai, João Barbosa Mussumo: “Seu filho nada mais tem a aprender comigo”. Ali,

como disse mais tarde em sua biographia, vive a maior emoção de toda a sua vida, quando recebe uma medalha de ouro do Arcebispo da Bahia.

Em 1978, tem negado o acesso ao corpo diplomático do Barão de Rio Branco, os motivos que constam no relatório (de uso interno da corporação) sendo os de que Renato era displicente, mulato e homosexual.

Em 1990 D. Pedro V diz: “Nas trevas que caíram sobre o Brasil, a única luz que alumia, no fundo da nave, é o talento de Renato”.

Mestre Pastinha e Dorival Caymmi aparecem deitados numa mesma rede, em pontas opostas, os corpos cobertos pela rede fechada em casulo e apenas as cabeças e os pés de fora. As redes contém (quase) todas as cores, com a exceção do roxo, do lilás, e de todos seus primos imediatos. Eles dão os seus depoimentos como que conversando entre si, e não com o entrevistador:

— Renato, para espanto de todos, nasceu falando e comendo tudo o que estava diante de si.

— Comeu tudo quanto era bicho de quatro pés.

— Comeu todas as aves.

— Comeu os inhames e as farofas.

— Engolia tudo com garrafas e garrafas de aguardente e vinho.

— Comeu todas as meninas.

— Comeu quase todos os meninos.

— Comeu as frutas, os potes de mel e os azeites de palma e de dendê.

— Quantidades impensadas de pimenta e noz-de-cola.

— E guaraná Antarctica e Brahma, e sucos de todas as coisas das que se consegue fazer suco.

Os dois sorriem e continuam deitados na rede, parecem espreguiçar os pés um no outro.

O telão apaga e as luzes acendem no estúdio.

— “Le progrès est le développement de l’ordre”!, um dos Renatos diz, de repente, acordando.

— Augusto Comte!, o outro responde.

Depois os dois fazem uma cara confusa, como se não tivessem entendido

o que disseram ou sequer fossem responsáveis pela emissão.

As luzes no estúdio apagam e acendem a todo tempo, como se falhassem. Os Renatos não percebem. Ou fingem que não percebem.

O precursor escuro, que é um recorte negativo de uma pessoa, silhueta toda fundo, vive aparecendo em cortes ligeiros da câmera, piscando nos cantos em quase todos os vídeos que passam no telão, às vezes entre os próprios Renatos, mexendo em suas roupas e cabelos sem que percebam. O precursor é um sorriso tranquilo, tremeluzente, que é exatamente como uma silhueta dentro de uma silhueta.

Os dois parecem alternadamente angustiados e ansiosos (um ansiando, enquanto o outro angustia, e depois o outro angustiado, enquanto o outro ansiava, nunca juntos).

— A brisa não depende do tamanho da tora, morô?

— Morei. E eu castiguei na umbigada, pelo menos, não castiguei?

— Ô.

— Castiga lá, tu também. Hein?

— Opa, só se for agora.

— Vai lá, que que foi? O cara tá desgostoso da vida e não curte um rap.

— Não é isso. De forma alguma.

— Confisco, maligno, um mundo submisso. Deforma qual, então?

— O Gil canta num balanço na pesada, como eu gosto, como eu quero, como eu acho que deve ser.

— Hein?

— O crucial é que deram um sumiço em Jackson do Pandeiro, tá certo?

— Em Jackson do Pandeiro só não, em toda a música brasileira.

Todos, na plateia e na produção, aplaudem longamente.

— E quem tem o dedo de gesso tromba ele é o inferno.

Todos na produção e da plateia cochicham de forma grave e circunspecta.

— Tava de lasciar o cano de bom, o forró na gafeira do Coriolano. E o organismo doente da república oligárquica brasileira tá bom de decapitar tem tempo, já. Nas suas partes mais adiposas e gangrenosas.

Todos reagem com espanto. Alguns aplaudem, outros vão.

— O berimbau, que pra mim é o maior dos instrumentos, ainda está longe de ter sido plenamente atualizado em toda sua potência. Apesar dos esforços telúricos tão bem-sucedidos de Naná.

É mais uma vez aplaudido longamente, até que acendem-se holofotes. Entram os barões da indústria e do comércio, vêm vozes ninguém sabe de onde.

— Instituições de crédito!

— Instituições de crédito! (mais grave)

— Ins-ti-tui-ções de Cré-di-to! (mais grave ainda)

— São os oferecimentos, né?

— Que que a gente pode fazer?

Os dois Renatos fazem, igualmente, só que pra lados opostos, o mesmo gesto com os ombros e sobranceiras, denotando “fazer o quê?”.

Não é uma pergunta retórica! Quem tiver ideias, mandar para caixa postal comitesecretocontraocapital@bol.com.br

— Não é uma pergunta retórica, exceto no sentido em que todas as perguntas são retóricas.

— Sim. Exceto nesse.

Línguas de fogo verde tremeluzem por todo o palco por um instante. Todos na plateia e produção (exceto os Renatos) se enchem de pavor, mas as línguas logo somem. Várias cuecas e calcinhas se borram com tanta gravidade, evento que vários narizes registram em seus respectivos frêmitos.

— Agora vai, agora vamos.

Surgem de trás do palco vários estagiários segurando máscaras de papelão de grandes ídolos da Tropicália e um manequim vestindo um parangolé imóvel coberto por um cubo de plástico transparente.

Renato (o entrevistado) faz um gesto de varinha de condão com um graveto que retira da meia:

— Gil engendra em gil rouxinol, jão. Tá achando o quê?

Em seguida, abre a cabeçorra de papel-machê do estagiário que veste a máscara de Gil, de onde sai um Rouxinol de pano que ele joga em direção à

plateia e cai no chão no meio do caminho (na verdade, ainda no início).

— Meça suas zueira, parça. Tudo tem limite.

— Foi mal, foi mal. Eu me excedi mesmo. Cê tá certo, tudo tem limite, tudo é limite, na verdade. Mas é que tudo também tem ilimitado, aí fica difícil saber quando parar, não fica? Fica foda demais.

— Ainda assim, melhor cê ficar suave, tio, tá é doido. Tá achando que é quem, tá achando que tu é o malandrão, jão? O próprio?

— Claro. Mil desculpas. Mal aí. Máximo respeito. Mas sim.

Os dois Renatos parecem tensos. Falando com vozes que não as suas. Os dois mexem nas mandíbulas como se doessem. Até que um deles parece se iluminar com alguma coisa, vira pra uma das câmeras com um tom confiante.

— As pessoas parecem ter dificuldade de entender que a arte pode ser essa forma escrota dos burgueses se diferenciarem entre si e do populacho e uma forma genuína, sinistramente cabulosa, de comunicação entre seres e meios, ao mesmo tempo. Não é um ou outro. São as duas coisas, ao mesmo tempo, postas numa tensão sinistra do caramba.

— É isso aí. Não é uma coisa ou outra. A alternativa não é o Brasil ser um lugar maravilhoso com a maior tradição ética-estética de música popular da história do mundo ou um país grotescamente violento, profundamente racista e classista, que finge ter instituições democráticas, mas mal começou a superar ainda o seu principal fato constitutivo histórico: a formação por meio da expropriação indígena e da exploração africana. E, claro, a consequente, e insuportável, atoleimice, egoísmo, cinismo, preguiça e cara-de-pau da sua elite branca. O Brasil é, também e ao mesmo tempo, as duas coisas.

Todos aplaudem vigorosamente. Algumas das senhorinhas botam fogo em seus cartões de crédito, perucas, meias-calça. Sobrevém um cheiro forte de plástico queimado, logo misturado ao dos dejetos orgânicos e dos cheiros de lavanda e mel-com-própolis dos desodorizadores da produção.

— Queria aproveitar a oportunidade para ler um trechinho de um poema que estive traduzindo, não é mesmo, de um grandesíssimo querido amigo meu, um beijo pra ele, o Geraldo. Falecido há alguns anos de disenteria no interior do estado do Espírito Santo.

— Eh-ham!, o outro Renato limpa a própria garganta.

— Obrigado, Renato.

— Não tem de quê, meu mel.

— Agora a andrômeda do tempo nessa pedra rude

com ela nem o igual de sua beleza nem de sua

injúria

A câmara vai virando pras pessoas que, em sua maioria, estão com cara de confusas, algumas estão rindo, cochichando entre si. Quase um terço tá mexendo no celular. Renato parece arrependido de sua decisão, começa a virar pro lado, ficar quase de costas. A sua voz já não se pega bem pelo microfone.

A flor, o pedaço dela de ser, comida fadada de dragão

passado tempo ela foi querida e perseguida

por muita porrada e bomba, mas agora ouve rugir

uma besta do oeste mais selvagem que as outras foram

mais rude nos seus erros, mais desregrada e zueira

tudo enquanto sua paciência, despedaçada em pancadas,

se acumula só pra iluminar o desarme,

ninguém sonha, não,

com a tralha de Górgon, com as própria venta da besta fera

Todos aplaudem longamente. Há alguns gritos histéricos, em sua maioria masculinos.

— E temos uma cena do seu filme, não é Renato?

— Cenas, Renato.

— Cenas. Tipo um trailer, então?

— Tipo um trailer. Praticamente.

— Que beleza, vamos ver então.

* apaga a luz, todos direcionam os olhares para o telão *

Existem deuses? Quais? Como que eles existem?

E se o corpo social já souber, em certo sentido, como se curar, e for só questão de saber engatilhar esse conhecimento?

* barulho de explosões, animais gritando *

Buracos negros produzem radiação térmica? Essa radiação contém informação sobre sua estrutura interna?

Essa estrutura interna sequer existe?

Voz de jovem: Todas essas perguntas serão respondidas em seu tempo!

Voz de anciã: A evolução é a mudança de uma conjuntura sem-jeito da qual não se podia falar até uma disjuntura com jeito da qual se pode falar, em geral, por contínuas ajuntarências e outracoisências.

barulho de raio laser

Você acabou de provar

que corre com quem presta

Quem serve age na humilde

e não se cresce

Ele descarta um

e pega o outro

o telão apaga, a plateia aplaude sem entusiasmo

— Ih. Só foi o som, né?

— Só foi o som aqui, pois é. Lamentável. Mas se tivesse as imagens cê iam ver e tenho certeza que a garotada em casa vai ver depois eu imagino que tá xou de bola a produção. Foi tudo em chroma key só filmamo com aquelas tela verde, roupa verde. Os cara não tão de onda na pista, não, viu, os cara fizeram um trabalho xou de bola mesmo. Parece filme de verdade, parece quase americano.

— E sobre o que é a fita? Que mal lhe pergunte.

— Olha, eu considero que ele é plenamente assim tanto uma tentativa de sepultamento quanto de comemoração crítica dos mortos do Brasil patriarcal e semipatriarcal, quanto um anúncio profético da concreção plena do matriarcado de Pindorama. Mas não de verdade claro. Só de mentirinha.

— Ah, tá. Tipo arte, então?

— Tipo ficção.

Alguns gritos de “ooh” sobressaem-se, soando forçados.

— Isso da época do desaparecimento quase completo das escaradeiras como ostentações de sala de visitas?

— Sim, assim como da voga da caricatura política alongada em caricatura social, com a consagração das figuras de “Zé Povo”, de “O Brasil” representado por um índio, de a República, representada por uma mulher de barrete frígio, da Bahia, por uma baiana gorda, de turbante e fazedora de angu; de Pernambuco, representado por um Leão; do Rio Grande do Sul, por um gaúcho efeminado de poncho e botas; e ainda, de figuras como a do “capoeira”, a do “pelintra”, a do “parlamentar” sob a forma de um papagaio palrador e comedor de milho, a do “americano” (capitalista), sempre de fato de xadrez e suíças.

— É uma produção então nostálgica ou saudosista, você diria?

— Não exatamente, porque não tem mais ninguém vivo que viu essas porra. Então é mais viagem mesmo, eu considero.

— E punhetagem, assim.

— Isso. Viagem e punhetagem.

— Nada de errado com isso não é mesmo. Pouquíssima gente é de ferro, inclusive.

— Pouquíssima.

Todos os presentes riem (literalmente todos, até os da produção e da segurança).

— A mesma época também, é mister lembrar, do começo de substituição das ceroulas compridas pelas curtas.

— Sim, assim como do desenvolvimento do foot-ball como jogo quase nacional, com caracteres dionisíacos mais acentuados do que os apolíneos, do jogo inglês.

— Sim.

Os dois Renatos concordam efusivamente. Um começa a massagear o lóbulo direito da orelha do outro, do tanto que concordam.

— E cê tá com o show no Canecão, não é isso, meu querido, um sucesso enorme?

— Canecão não, querido, é no Vivo Center, antigo Citibank Hall.

— Sei, antigo AT & T Multiplex.

— Antes disso, Centro Bamerindus de Desportos & Entretenimento.

— Ah, sim. Lugar tremendo.

— Casa espetacular. Tamo lá realmente já há doze anos, muito sucesso.

— Doze anos?

— Doze anos.

— Doze anos o mesmo espetáculo?

— Isso, realmente casa cheia toda terça, quarta, quinta, sábado e domingo, o povo tem sido muito gentil, muito generoso, muito afável, muito gostoso mesmo com a gente. Isso a gente tem que dizer.

* Salva incrivelmente longa de palmas *

— E é ainda o espetáculo que consiste em você comendo um bando de coisa?

— Eu comendo realmente uma série de coisas, correto, Renato. Mas claro que também acontecem diversas outras coisas toda semana, tem vários convidados-surpresa, números musicais muito bem coreografados e sempre, naturalmente, uma série inédita de coisas. Nossa produção nunca para, é sempre uma garotada nova e muito animada. Xou de Bola de ver.

— Claro que eu lembro dos momentos mais tradicionais do show, que já são an-to-ló-gi-cos e que eu já vi VÁRIAS vezes, é sempre um es-pe-tá-cu-lo, mas que tipo de coisa assim mais diferente anda acontecendo de você comer?

— Olha, de novo, assim, novo-mesmo, deixa eu ver. Eu comi recentemente vários quilos de roupa suja esquecida em hotéis em Copacabana, no mesmo dia comi mais de sessenta coxinhas ignoradas em mostruário de lanchonete e bar por mais de uma semana. Isso tudo extraído claro da grande área metropolitana do Rio de Janeiro.

— Olha, que ótimo. Diferente.

Aplausos vigorosos.

— Ah, ontem foi ótimo que eu comi também uma réplica fidelíssima do manuscrito do primeiro programa do Idealismo Alemão. Num papel da época mesmo, que compraram importado. E a carta de Mário de Andrade apresentando Lévi-Strauss e senhora. Essa foi a original mesmo, imagina que luxo,

cedida por um colecionador muito querido. Gostinho rançoso, mas dilaça. Outro dia comi uma série de urnas funerárias orientais, aparelhos de ginástica, tampas soltas de tupperware, toccatas de compositores russos. Que mais? Ah, esse mês a gente tá fazendo uma série em que eu como o tubo digestivo de diversos animais diferentes. Meio meta, né? Que a garotada gosta. Assim com toda uma derivação morfológica, né, e topológica, né, que a gente faz digitalmente e projeta com aquelas luzinha verde no palco, faz umas onda assim com a fumaça, como que chama esse negócio, sabe?

— Sei não (com má vontade, talvez inveja, batendo o cartãozinho com informações na mesa).

— Enfim, isso só pra demonstrar de uma maneira lúdica as analogias transformacionais do nosso corpo com todo o corpo expressivo da natureza, não é mesmo? Cu e boca quase todo mundo tem. Todo bicho é um tubo digestivo com incrementos.

— FasciNANTE, Renato. Isso até dói de tão interessante que é.

— Não precisa ser sarcástico.

— Eu não tenho nem uma fibra sarcástica em toda minha fazenda musical, Renato. Só admiração sem reservas quaisquer nem limites por sua plurifalda, sua multirendada criatividade, meu menino.

— Sei.

— Todos sabem da sua generosa e prestidigitosa disposição linguo-conal, linguo-anal, naso-anal, cuni-nasal, dento-grelal, labio-cetal, dati-grelal, dati-anal, punho-cuzal, punho-cetal, dento-bundal, peito-pical, penis-entre-peital, penis-entre-nadegal, penis-entre-suvacal, penis-nasal, penis-auricular, saco-bucal, linguo-cabeçadopauzal, pico-bochechal, pico-cuzal, verbal-auricular, com a linguagem, in eine hochste Personlichkeit.

Risos da plateia. Era uma frase de efeito antiga entre os dois, desde a época do programa do Golias. O pessoal mais velho, em particular, adorava.

— Mas vem cá.

— Ô se não venho.

— Será que não vai uma palhinha? Hein?

— Aah. Aí você me mata, meu patrão.

Renato faz charme, a cabeça apoiada na mão direita por sua vez apoiada

na mesa. A plateia faz AAAAhhhh. Ele cede.

— Pedra rolou em cima da samambaia

Em cima de Exu-Mirim balança mas não cai

Exu-Mirim no morro tá batuqueiro

Batuca noite e dia derrubando feiticeiro (BIS)

— E todo mundo agora:

>>

71.

<<

Murilo enche dois sacos plásticos grandes de lixo. Quando termina, toma um banho comprido, esfregando bem as unhas e os intervalos encardidos dos dedos. Sai do banheiro só de toalha e senta na cama, ainda não consegue dormir. O mundo era comprido demais, sua cabeça era funda e esquisita demais.

Sente um formigamento no corpo todo. Lembra do filme do Renato, daquelas cenas musicais malucas. Perceber que aquele era um personagem que Murilo mesmo tinha criado, de repente o deixa com uma vontade enorme de dançar. Vontade que não lembra de jamais ter sentido antes na vida, não de maneira consciente.

Vai pro quarto e põe no Youtube uma música do Michael Jackson, “Don’t Stop Till you get Enough”. Amava desde criança o começo do clipe, com Michael falando que essa força, essa força, ela tinha poder demais, ela faz, ela faz ele (aí vem o gritinho e começa o tema do Vídeo-Show).

Murilo agita os membros como pode, chacoalha o quadril de maneira destrambelhada, tentando seguir a música. Sabe que a cena deve ser bem ridícula, mas não está nem aí, continua quebrando o corpo até a música acabar. Pensa no Fábio, em como a beleza, a criatividade e a grana que ele recebeu de mão beijada do mundo acabaram virando um peso. Angústia era a tontura da liberdade, ele lembra da citação sem lembrar de quem era. Sentia muito medo pelo Brasil, mas pela primeira vez tenta imaginar um futuro pra si mesmo.

Demorou mais de trinta anos pra descobrir que tinha um corpo. Mas ainda tinha toda uma vida diante dele, não era isso que as pessoas falavam? Podia até ser verdade. Dava uma preguiça de imaginar, uma gastura, mas dava um ânimo também. Uma vertigem que era só um começo de uma tontura maior, mas uma tontura boa. Continua dançando sozinho por mais três músicas, depois cansa e deita na cama.

Continua a ficar quebrando o corpo pela cama, como uma lacraia, deixando sua espinha se curvar e se retorcer. Achava tão difícil, tão trabalhoso, estar com os outros, que nunca tinha pensado que poderia fazer isso sozinho. Dançar, por exemplo, ou se contorcer na cama. Pelo menos pra aprender antes de fazer na frente dos outros. Ninguém tava vendo, ninguém brigaria com

ele, ninguém zoaria sua inadequação. Tira o short que está usando e depois a cueca. Continua a se retorcer na cama, explorando seus próprios fundos como um bebê urso recém-nascido. Acha-se a coisa mais tola do mundo, e a mais estranha. Mas cospe na própria mão e mete um dedo no cu. Muito aos poucos, mas mete. E começa, aos poucos, a se abrir e a desbravar aquele espaço dentro de si mesmo. Dói, mas menos do que ele esperava. É mais estranho do que doloroso e depois de pouco tempo o prazer começa a vir, e junto com ele vem uma sugestão de uma força muito maior vindo logo atrás. É uma iminência que ele nunca sentiu antes. Menos de trinta minutos depois, aos trinta e um anos, Murilo tem o primeiro orgasmo efetivo e integral da sua vida, o primeiro que ressoa no seu corpo todo, e não só numa de suas pontas. As pernas continuam mexendo, depois, por quase um minuto inteiro. Mal lembra o nome que tem, no fim.

Depois, ainda não sente sono nenhum. Sente que ganhou novas pernas, uma nova bacia. Uma nova espinha, quase, talvez. Fica deitado na cama e olhando para o armário de madeira escura e tentando não pensar em nada, a única luz do quarto vindo, fraca, do monitor.

Depois de um tempo com a visão fixa ali e a atenção dispersa, uma forma começa a se configurar no escuro. Um vórtice roxo que muda de figura quando Murilo mexe a cabeça, parecendo formar um fluxo toroidal em momentos. Ele não entende o que está vendo, nunca viu nada igual. Parece uma força puxando pra dentro e pra fora, pulsando, um circuito de luz escura se oferecendo pra ele. Ela não parece estar posicionada no lugar onde a enxerga, parece estranhamente estar em vários planos ao mesmo tempo, muito perto e muito longe, antes e depois do armário.

Sente vontade de esticar o braço e tentar pegar na figura, mas teme que isso a destrua. Continua olhando por uns dez minutos, mudando o rosto de posição e vendo como a figura muda junto com seu movimento. Ela parece querer interagir com ele. Ele só espera estar à altura.

A cabeça de Murilo estava quieta esse tempo todo, a torrente palavrosa de sempre se fazia quieta diante daquilo que não conseguia nem começar a descrever. Mas percebe — ao ver as próprias mãos tremendo e sentir o suor escorrendo na nuca — que está em êxtase.

Palavras começam a descer como que transmitidas. Murilo senta no computador, abre o processador de texto e digita um pequeno texto sobre o tempo

que ele não sente que é ele próprio quem está escrevendo. Cada palavra arrasta a próxima, a maior parte do que ele escreve são colagens de coisas que ele sabe que já leu em algum lugar, mas não lembra onde. Não se preocupa em fazer sentido e nem em entender o que é que está sendo escrito. Só deixa os dedos martelarem o teclado, o ritmo de cada frase pedindo a próxima. Sabe que não terá o que fazer com aquilo (sabe também que ninguém pagará um tostão por aquela maluquice), mas ´ é a primeira coisa que escreve em meses e a sensação é ótima.

Quando termina, Murilo se sente muito bem, deita e dorme por dez horas um sono sem sonho nenhum.

>>

72.

<<

Rede Globo Piauí

Faremos agora uma pequena pausa na nossa programação

Apenas o tempo necessário para você despertar

para um novo dia, uma nova vida.

Logo estaremos juntos novamente.

6:30 Telecurso 2o grau

7:30 Bom dia Brasil

>>

ccar.com.br